BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA

centelha EM RESTOLHO seco



UMA CONTRIBUIÇÃO PARA
A HISTÓRIA DOS PRIMÓRDIOS
DO TRABALHO BATISTA
NO BRASIL

BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA

centelha EM RESTOLHO seco



UMA CONTRIBUIÇÃO PARA
A HISTÓRIA DOS PRIMÓRDIOS
DO TRABALHO BATISTA
NO BRASIL

Copyright © 2005 Edições Vida Nova

2ª edição: 2005

Publicado com a devida autorização e com todos os direitos reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Caixa Postal 21266

São Paulo-SP - 04602-970

www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Robinson Malkomes

REVISÃO

Marcelo G. A. Oliveira

Marisa K. A. de S. Lopes

Nelson Ajuricaba A. Oliveira

Mary Luci A. A. Oliveira

Noemi L. Lopes S. Ferreira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Roger Luiz Malkomes

DIAGRAMAÇÃO

Atis Design

CAPA

Júlio Carvalho

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B897c

Oliveira, Betty Antunes de

Centelha em restolho seco : uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil / Betty Antunes de Oliveira. -- São Paulo : Vida Nova, 2005.

recurso digital

ISBN 85-275-0324-7 (recurso eletrônico)

1. Batistas - Brasil - História I. Título.

05-0059 CDD: 286.181

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Batistas : História 286.181

2. Brasil : Igreja Batista : História 286.181

O título do livro foi inspirado numa frase do missionário Thomas Jefferson Bowen:

“Meus fracos esforços entre os milhões da África parecem como gota d’água na areia do deserto. Possa o Senhor convertê-los como uma centelha em restolho seco” (*).

(*) “My feeble labours among the millions of Africa appear like a drop of water on the sand of the desert. May the Lord make them like a spark among dry stubble”.

[In Positive Microfilm Print Pub. N. 2040. The Bowen Papers, 1846-1860, p. 103. Fragmentos do Diário de T. J. Bowen. Documentos compilados, copiados e arranjados pelo Rev. Cecil Roberson e sua esposa, 1953-1960]

CENTELHA - 1 partícula ígnea ou iluminada que salta de um corpo em brasa; fagulha, faísca; 2 Derivação: por metáfora. - inspiração ou intuição súbita; lampejo; Sin. chispa, cintilação, choina, fagulha, faísca, faúla, faúlha, fona, lampejo, ponto luzente

QUE O EVANGELHO SE ALASTRE TÃO EXTENSA E RAPIDAMENTE COMO O FOGO NA GRAMA SECA.

RESTOLHO - 1 palha que fica no campo após a colheita; 2 parte do caule das gramíneas que fica enraizada após a ceifa; 3 erva que nasce de novo depois de ceifada.

O SEMEADOR ALEGRA-SE COM O ESPETÁCULO DE VER BROTAR VIDA NOVA DO QUE LHE PARECIA MORTO!

DEDICATÓRIA

DEDICO este livro ao Pai Celeste, com a minha gratidão por sua presença e direção pelo tempo de cerca de 40 anos durante a elaboração e conclusão deste trabalho. Em momentos e circunstâncias sem conta pude sentir a sua mão conduzindo-me pelos caminhos por onde deveria andar e sentindo, a cada manhã, a sua graça, conforme escreveu o salmista no Salmo 143.8. Sem as suas providências, não teria sido possível concluir este desafio!

DEDICO, também, este trabalho aos meus queridos pais — Ricardo e Eugenia Pitrowsky (in memoriam); ao meu esposo, Pr. Alberico Antunes de Oliveira (in memoriam); aos meus filhos, Nancy, Betty, Nelson, Junia, Glaucia e Lincoln. Que a nossa descendência seja abençoada, conforme Deuteronômio 7.9.

> Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos
>
> Deuteronômio 7.9

CONTEÚDO

Para pular o Conteúdo, clique aqui.

Prefácio

Abreviaturas

Arranjo deste Trabalho

Introdução

Parte A - Antecedentes. emigrados dos Estados Unidos da América em Santa Bárbara, S. Paulo. sua contribuição para a comunidade e os seus reflexos.

Emigração Dos Estados Unidos Da América Para O Brasil.

Diário Oficial Do Império — DOI

Santa Bárbara — S. Paulo

A Chegada E Localização Em Santa Bárbara, Dos emigrados Dos Estados Unidos Da América.

Núcleos — Grupos

A Comunidade

Meios De Comunicação

Registros De Nascimentos, Casamentos E Óbitos De Acatólicos. Cemitério. Museu. Capela. Sociedade Fraternidade Descendência Americana.

Vida Escolar Em Santa Bárbara Entre Os Emigrados Dos Estados Unidos Da América

Costura

Cozinha

Cuidados Médicos

Vida Religiosa Dos Emigrados Dos Estados Unidos Da América Em Santa Bárbara — E A “Meeting House”.

Capela — Casa De Reuniões - Cr. Meeting House - Mh

Servindo Como Obreiros

Obreiros Visitantes Em Santa Bárbara

Loja Maçônica “George Washington”

Observações para o quadro seguinte:

Na Política, Na Vida Militar, Na Administração.

Nomes De Ruas E Bairros, Acidentes Geográficos.

Casamentos De Acatólicos

Agentes Para Emigração Nos Estados Unidos Da América

Eugenia Conta Um Pouco De Sua Vida

Parte B - Biografias

Pastores — Os Batedores Do Rei

Thomas Jefferson Bowen — Heróico Pioneiro

Richard Ratcliff

Elias Hoton Quillin

Robert Porter Thomas

Antonio Teixeira de Albuquerque

William Buck Bagby

Robert Brodnax

William Henry Capps

Joseph Jackson Cherry

David R. Coulter

Charles Davis Daniel

David Davis

Pleasant M. Fenley

Green Ferguson

Lovie Fielder

John Henry Freligh

Daisy Harris

Alexander Travis Hawthorn

Robert Meriwether

Bertha Mills

John Perkins

Edward Allen Puthuff

Samuel Milton Pyles

John Quillin

S. Y. M. Russel

Henry Strong

Edwin Herbert Soper

Zachary Clay Taylor

Elisabeth Williams

Fotografias

Parte C - Os Batistas - Comentário - Considerações Finais

Precedentes

A Primeira Igreja Batista, Sua Organização E O Estabelecimento Da Missão

A Segunda Igreja Batista, Sua Organização E A Da Primeira Igreja Batista Na Bahia

Prosseguimento Do Trabalho Batista Em Santa Bárbara

Pastores

Pastores Missionários

Nomes Dos Possíveis Membros Das Duas Igrejas Em Santa Bárbara, Sp

Considerações Finais

Parte D - Comentário Disposto Cronologicamente

Designações Dadas Às Duas Igrejas Batistas Em Santa Bárbara, SP

Bibliografia

Abreviaturas

Roteiro cronológico

Tais são os desígnios de Deus!

Cemitério Dos Protestantes São Paulo — SP

Colégio Progresso Brasileiro São Paulo — SP

Fazenda Machadinho E Sítio Machado — divisão de terras

A União Batista Paulistana e e Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara, S. Paulo

Parte E - Fotografias fac-símiles bibliografia

Roteiro para as fotografias

Roteiro para os fac-símiles

Notas e referências para designações dadas às duas igrejas em Santa Bárbara, S. Paulo

Bibliografia e fontes de consulta

Notas bibliográficas

PREFÁCIO

“Para que tudo narreis à geração seguinte”

Impossível ler o texto de Salmos 48 sem constatar que o salmista se vê revestido e pleno de felicidade, diante da beleza e da glória da Cidade de Deus. Basta esta afirmação do versículo 2: “De bela e alta situação, alegria de toda a terra, é o monte Sião aos lados do Norte, Cidade do grande Rei”.

Pois não é que, ao concluir a narrativa, o salmista faz uma convocação para que todos conheçam Sião, mas coloca tal convocação sob a ótica de um legado histórico? Observe com atenção o texto dos versículos 12-14:

“Dai voltas a Sião, ide ao redor dela; contai as suas torres. Notai bem os seus antemuros; percorrei os seus palácios, para que tudo narreis à geração seguinte. Porque este Deus é o nosso Deus para todo o sempre; Ele será nosso guia até à morte”.

“Para que tudo narreis à geração seguinte”. Numa única frase, a síntese do propósito da historiadora, a professora Betty Antunes de Oliveira, ao oferecer-nos esta edição revisada do seu já celebrado Centelha em Restolho Seco.

No decorrer da década de 60, a autora sentiu-se motivada a pesquisar a história de sua família. As freqüentes referências que seus pais, Pastor Ricardo e dona Eugênia Pitrowsky, faziam nos cultos domésticos a seu bisavô, Pastor Roberto Porter Thomas, desenvolveram nela um interesse especial pela vida e ministério dele. Afinal, ele batizara o primeiro brasileiro em território nacional.

Ao longo de dezoito anos, a autora recolheu material de pesquisa, reunindo um considerável acervo de informações sobre a trajetória de seus antepassados. À

medida que pesquisava, contudo, saltou-lhe aos olhos o fato de que seu intenso labor excedia os limites de seu núcleo familiar e se estendia à epopeia vivida por seus ancestrais entre os imigrantes alemães, poloneses e norte-americanos, que chegaram à nossa pátria no século 19.

Como resultado dessa ampla pesquisa feita a partir da história de sua família, a autora dedicou-se a sete anos de árduo labor intelectual e espiritual, entre 1978 e 1985, e então publicou a primeira edição de Centelha em Restolho Seco, agora revisado. Sua reflexão histórica realça de modo singular a importância da organização da primeira igreja batista em solo pátrio, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, estado de São Paulo, em 10 de setembro de 1871, para a história dos batistas no Brasil.

Esta obra, que nós leitores temos em mãos representa muito mais do que o interesse de uma pessoa pela história de sua família; mais do que a publicação de informações garimpadas ao longo dos anos; mais do que a expressão de um trabalho intelectual e espiritual sério, profundo e abrangente. Na verdade, esta obra é uma narrativa da atuação da forte mão de Deus na história do seu povo.

Tenho o privilégio de ser o pastor da professora Betty Antunes de Oliveira. Enquanto estou escrevendo este prefácio, posso contemplá-la em seu lugar, no santuário da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Sempre ali, ao lado da família. Participação ativa, alegre e discreta nos cultos dominicais e demais atividades. Em nenhum momento chama a atenção para si. Nem para o que faz. Nem para o que sabe.

O que dizer, então, diante deste texto de fôlego que temos em mãos, bem como do impacto intelectual e espiritual que certamente causará em cada um dos leitores? Honestamente, chega a ser simplório, para não dizer constrangedor, dizer tão somente: "Parabéns e muito obrigado, professora Betty Antunes de Oliveira!".

Na realidade, exaltamos agradecidos o Senhor da história pelo fato de que a autora, numa expressão genuína de amor para com todos nós e com as futuras gerações, simplesmente decidiu não medir esforços para obedecer ao mandado do Salmo 102.18: "Escreva isto para a geração futura, para que um povo que está por vir louve ao Senhor".

“Para que tudo narreis à geração seguinte”.

A Deus, toda a honra e toda a glória. Para todo o sempre. Amém!

Pastor Fausto Aguiar de Vasconcelos

Pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Presidente da Convenção Batista Brasileira

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2004.

ABREVIATURAS

A	autógrafo
ABD	Arthur Beriah Deter
AGS	Ashbel Green Simonton
ALB	Anne Luther Bagby
ATA	Antonio Teixeira de Albuquerque
ATH	Alexander Travis Hawthorn
ARC	Asa Routh Crabtree
BA	Bahia (Estado)
BAO	Betty Antunes de Oliveira
BR	Brasil
CBB	Convenção Batista Brasileira
CDD	Charles Davis Daniel
50MB	Cinqüenta Anos de Metodismo no Brasil (livro)
CO	County (condado)
d	documento
DOI	Diário Oficial do Império
EAP	Edward Allen Puthuff
EFP	Emma Fox Puthuff
ED	Escola Dominical
CR	Casa das Reuniões
EHQ	Elias Hoton Quillin
EHSB	ver HSBd'O-EH
EUA	Estados Unidos da América
EHS	Edwin Herbert Soper
ES	Espírito Santo (Estado)
FMB	Foreign Mission Board = Junta de Missões Estrangeiras, Junta de R
FMB-SBC	Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention
FME	Francis Marion Edwards

FMJ	Foreign Mission Journal
GC	Guerra Civil, o mesmo que GS
GS	Guerra de Secessão
GOB	Grande Oriente do Brasil
HAT	Henry Allen Tupper
HIPB	História da Igreja Presbiteriana no Brasil (livro)
HMB	História Metodistas no Brasil
HSBd'O-EH	História de Santa Bárbara d'Oeste – Edição Histórica (livro)
HUaR	House Upon a Rock (livro)
IBED	Igreja Batista do Engenho de Dentro
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGBA	Instituto Histórico e Geográfico da Bahia
JB	Jornal Batista, O
JBT	James B. Taylor
JJT	James Jackson Taylor
JLD	James Leonel Downing
JUERP	Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Bi
KCT	Katherine C. Taylor
LA	Louisiana (Estado)
MG	Minas Gerais (Estado)
MPRJ	Movimento de passageiros norte-americanos no orto do Rio de Jane
NA	Norte-americanos
NAITR	North American Immigration to Brazil, Tombstone Record (livro)
NC	North Carolina (Estado)
NOrL	New Orleans
NY	New York
PIB	Primeira Igreja Batista
PIB/BA	Prim. Igr. Bat. Bahia
PIB/RJ	Prim. Igr. Bat. Rio de Janeiro
PIB/SB	Prim. Igr. Bat. Santa Bárbara
PIB/SP	Prim. Igr. Bat. São Paulo (capital)
Pr.	Pastor
r	retrato
RJ	Rio de Janeiro (Estado)
RPT	Robert Porter Thomas
RR	Richard Ratcliff

rt	retrato de túmulo e lápide Santa Bárbara
SB	Santa Bárbara
SBC	Southern Baptist Convention —Convenção Batista do Sul
SBCA	Anais da Convenção Batista do Sul
SBSP	Santa Bárbara — S. Paulo
SC	South Carolina (Estado)
SD	Soldado Descansa (livro)
SHF	S. H. Ford
SP	S. Paulo (Estado)
TJB	Thomas Jefferson Bowen
TN	Tennessee (Estado)
TX	Texas
Tw	Township (distrito municipal)
v	ver
VA	Virgínia (Estado)
WBB	William Buck Bagby
ZCT	Zachary Clay Taylor

ARRANJO DESTE

TRABALHO

Na forma como este trabalho está disposto, esperamos que o leitor e o pesquisador possam orientar-se melhor na compreensão do seu conteúdo observando as indicações que relacionamos a seguir:

Há cinco partes: A, B, C, D e E. Podem ser consideradas como anexos as Partes D e E além dos apêndices e dos anexos da inclusão do texto integral do livro sobre Antonio Teixeira de Albuquerque.. Todas se conjugam harmonicamente, pelo que o leitor terá a necessidade de conhecê-las, no seu todo. Ao início de cada uma das partes, há informações mais específicas do seu conteúdo.

A repetição de datas, referências e outros dados visam a tornar inequívocas as informações. Na citação das referências, fugimos, às vezes, das normas geralmente usadas. Assim fizemos por causa da natureza deste trabalho.

Na transcrição de alguns textos antigos, foi mantida a ortografia da época. Atente-se, outrossim, para a terminologia, aqui aparecendo com o significado também da época. A palavra “nativo” refere-se a qualquer um natural da terra. A palavra “Elder” significa ancião, pastor. A expressão “carta demissória”, usada no texto, tem o mesmo sentido que “carta de transferência”.

Além do seu emprego comum, neste livro o ponto de interrogação é usado nos seguintes casos: a) na impossibilidade de se concluir a informação: solto — ?; b) para nomes ou datas desconhecidos: entre parênteses — (?); c) no caso de dúvida: depois de um nome ou data — João?, 234?

Qualquer dado entre colchetes — [ ] — indica uma inserção da autora do livro, no texto em destaque, produção de outro autor.

A tradução dos originais em inglês para a nossa língua é da responsabilidade da autora, que teve permissão para publicá-los.

A página, a data, o índice e o conteúdo serão os naturais auxiliares para conduzir o leitor ao assunto desejado, tal como esperamos.

INTRODUÇÃO

“Seja bendito o nome do Senhor, desde agora para sempre” (Salmos 113.2; RC).

“... nele, digo, em quem também fomos feitos herança, [...] segundo o conselho da sua vontade, com o fim de sermos para louvor da sua glória...” (Efésios 1.11-12; RC).

A chamada de Deus e a vida dos pioneiros batistas em Santa Bárbara, S. Paulo, moveram-nos o coração para que esta obra viesse à luz. Este livro é, pois, a nossa oferenda de amor e gratidão a Deus, o cumprimento de uma tarefa que ele nos confiou. Durante os anos de labor, o Senhor manteve-se presente conosco. É certo que os frutos abundantes e bênçãos advirão deste trabalho que honrará o seu nome.

A lista dos que nos ajudaram é bem extensa. Há os que deram o seu apoio pelas orações, palavras de estímulo, sugestões ou respondendo às nossas cartas sempre cheias de consultas; alguns amenizaram a dureza do caminho, hospedando-nos, e outros foram pessoalmente conosco para o campo de trabalho, na busca de informações. Outros tantos se esforçaram auxiliando-nos nas pesquisas, em lugares que não tínhamos condição de atingir. Eventualmente, fomos agraciados com uma ajuda financeira e muito carinhosa dos filhos e de um ou outro amigo.

Os nomes de todos estão em nosso arquivo e também guardados no meu

coração. É mister que destaquemos os nomes das seguintes pessoas: A. Antunes de Oliveira, (†—12.07.1988), que, como esposo, acompanhou e apoiou a nossa caminhada longa; minha família, pelas oportunas, valiosas e necessárias contribuições. Os dedicados irmãos do arquivo, biblioteca e outros setores, da Junta de Richmond, em Virginia, Estados Unidos da América. Por vários anos, eles nos assistiram com paciência, de modo farto e carinhoso, durante as pesquisas que ali fizemos pessoalmente. Ainda, por nos atenderem quanto aos pedidos de documentos e informações, e, por fim, a plena permissão para incluir neste livro os vários documentos, dos quais alguns inéditos, pertencentes ao arquivo daquela Junta.

Outras entidades, igrejas, universidades, bibliotecas, arquivos estaduais e federais dos Estados Unidos da América e do Brasil também prestaram valiosa colaboração, com o fornecimento de dados e facultando acesso aos seus arquivos. Essa ajuda, difícil de nominar pela sua extensão foi de valia inestimável.

A todos o nosso profundo agradecimento. Que Deus, na sua sabedoria, recompense a cada um com as bênçãos perenes.

Este livro não tem a pretensão de méritos literários. Antes, tem o objetivo de contribuir para a reconstituição de parte dos primórdios da história dos batistas no Brasil, com o primeiro grupo de batistas aqui formado, em Santa Bárbara, hoje, Santa Bárbara d’Oeste, S. Paulo.

Aqui está o fruto de muitos anos de trabalho. De início, recolhíamos dados de nossas raízes genealógicas. As surpresas, porém, abriram novas e fascinantes pistas, nunca antes imaginadas. Na linha materna, surgiu a pessoa do bisavô — Robert Porter Thomas. Sua história indicou um novo rumo: o do início do trabalho batista no Brasil. Obedeci.

Um forte obstáculo surgiu — o financeiro, uma vez que a tarefa se tornou bastante onerosa. Os documentos procederam das mais variadas fontes. A operação de busca e pesquisa apontou inúmeras viagens dentro do Brasil e aos Estados Unidos da América. Na última, foram-se três meses. O correio também sempre foi um grande auxílio, aliviando as despesas.

A pesquisa bibliográfica foi extensa. Colhemos inúmeras inscrições das pedras tumulares. Houve entrevistas e viagens a lugares nunca pensados. Em cada um deles sempre havia algum novo indicativo.

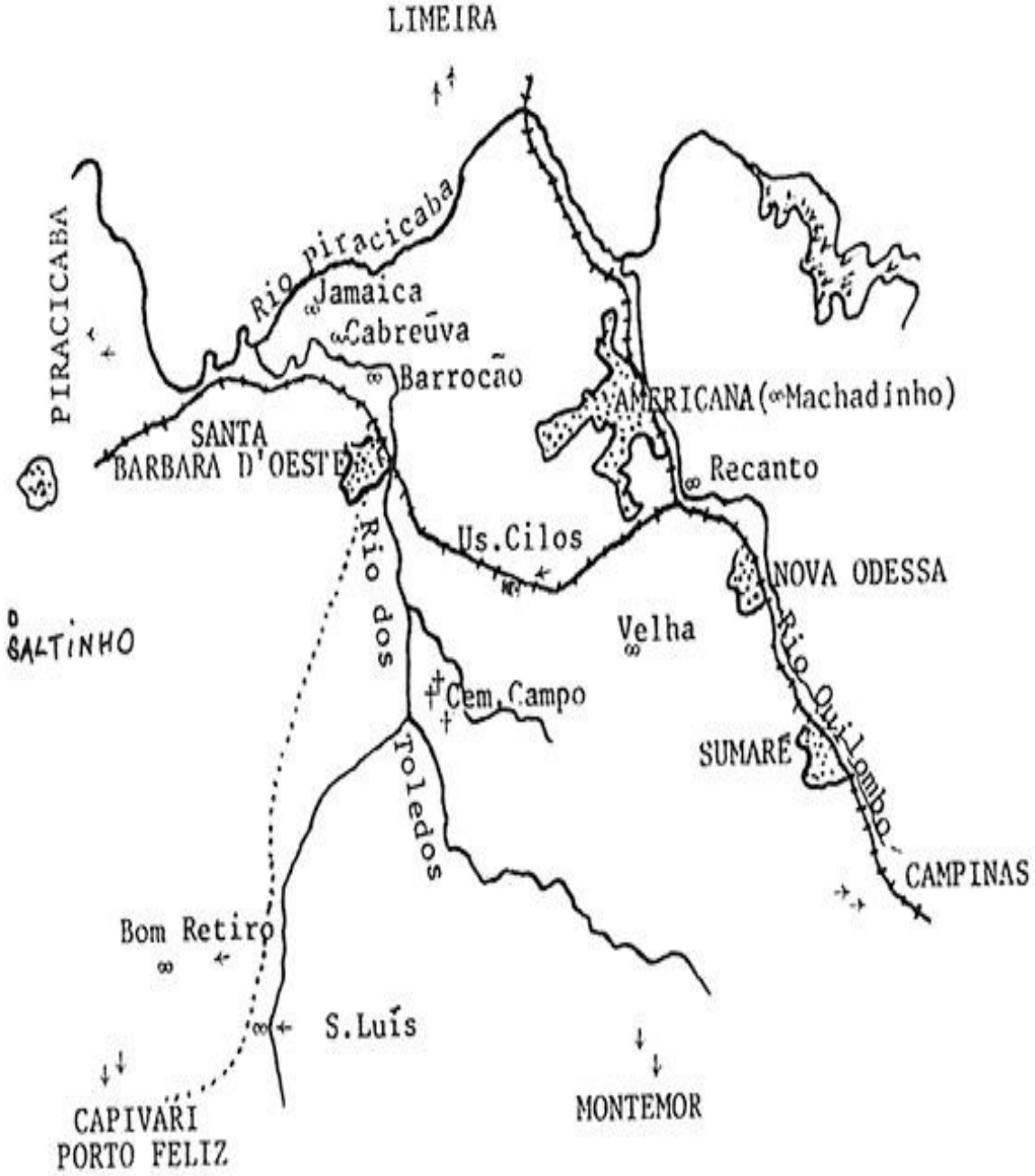
O trabalho que ora apresentamos é complexo: envolve o nosso ponto de vista quanto ao tempo que marca o início da obra dos batistas no Brasil; períodos longos de tempo, presos por liames, às vezes, quase imperceptíveis. Inclui famílias de várias procedências dos Estados Unidos da América, sofridas e machucadas por uma guerra civil. Abrange dois países com os seus naturais problemas políticos e sociais, e a dificuldade de encontrar os elementos sobre o assunto, ordená-los, cotejá-los e conferi-los. Foi-nos cansativa a tarefa de traduzir a maior parte dos documentos originais, em inglês, para a nossa língua.

É assombroso ver os frutos de tudo que se realizou e se efetivou pela misericórdia do Pai, na vida dos seus filhos, elos entre o passado e o futuro, mordomos da graça divina, quando eles têm como único moto a HONRA E GLÓRIA DE DEUS!

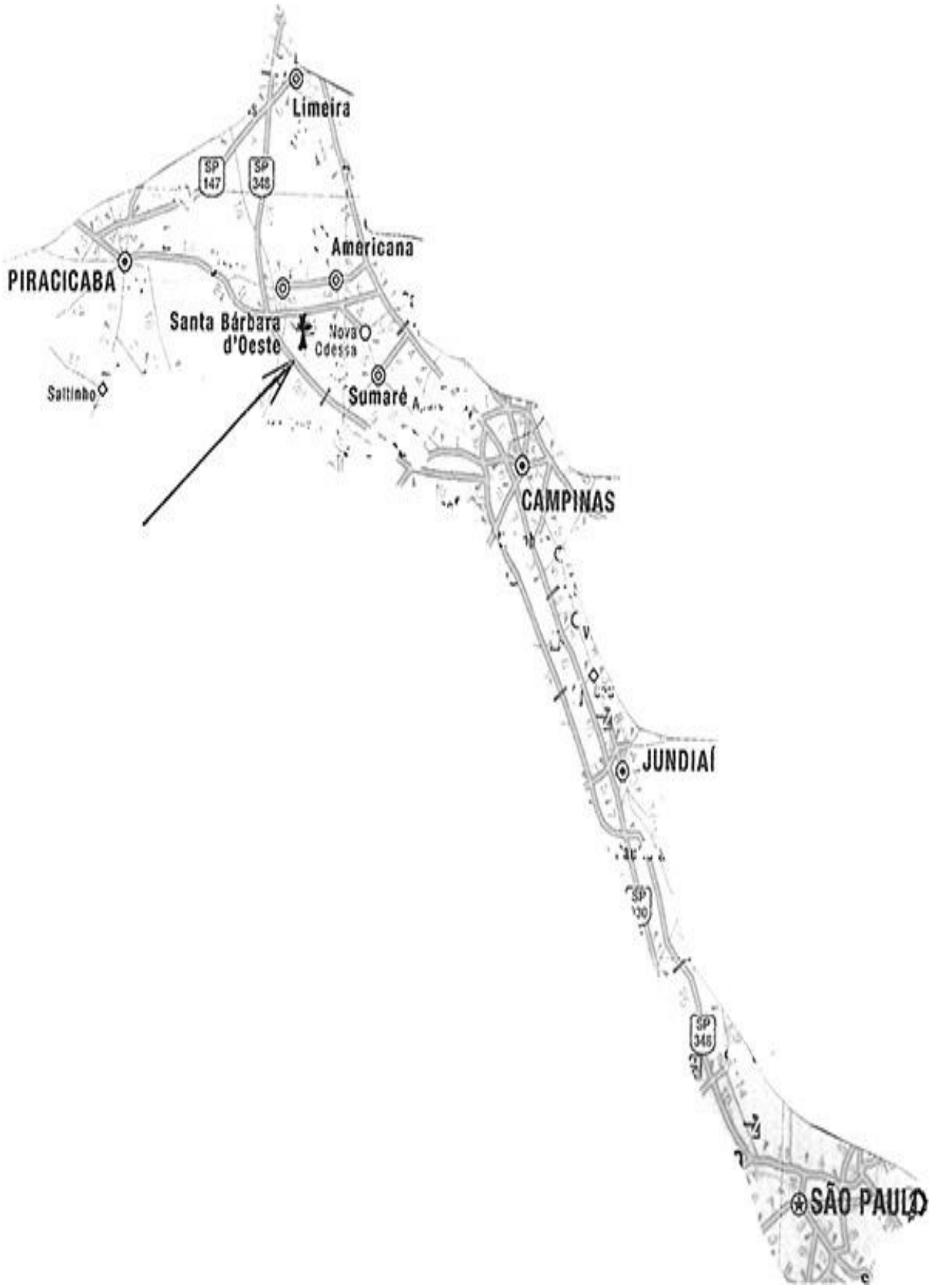
Mapa da região de Santa Barbara d´Oeste período aproximado - 1865 - 1872.

Pequeno mapa indicando a parte do Estado de S. Paulo na qual estabeleceram-se parte das famílias que vieram dos Estados Unidos da América para o Brasil no período aproximado entre 1865 a 1872.

Além das cidades indicadas no mapa, pode-se incluir Botucatu, Funil, Itapetininga, Jundiaí, Laranjal Paulista, Rio Claro, São Paulo, Tatuí e provavelmente algumas outras.


Legenda:
Cemitério
Cidade
Fazenda
Ferrovia
Lago
Rio
Rodovia
Usina
LIMEIRA
PIRACICABA
Rio Piracicaba
Jamaica
Cabreúva
Barrocão
SANTA BARBARA D'OESTE
AMERICANA (Machadinho)
Recanto
Us. Cilos
NOVA ODESSA
Rio dos
Velha
Cem. Campo
Rio Quilombo
SUMARÉ
CAMPINAS
Toledos
Bom Retiro
S. Luís
CAPIVARI
PORTO FELIZ
MONTEMOR

Mapa da região de Santa Barbara d´Oeste atual.

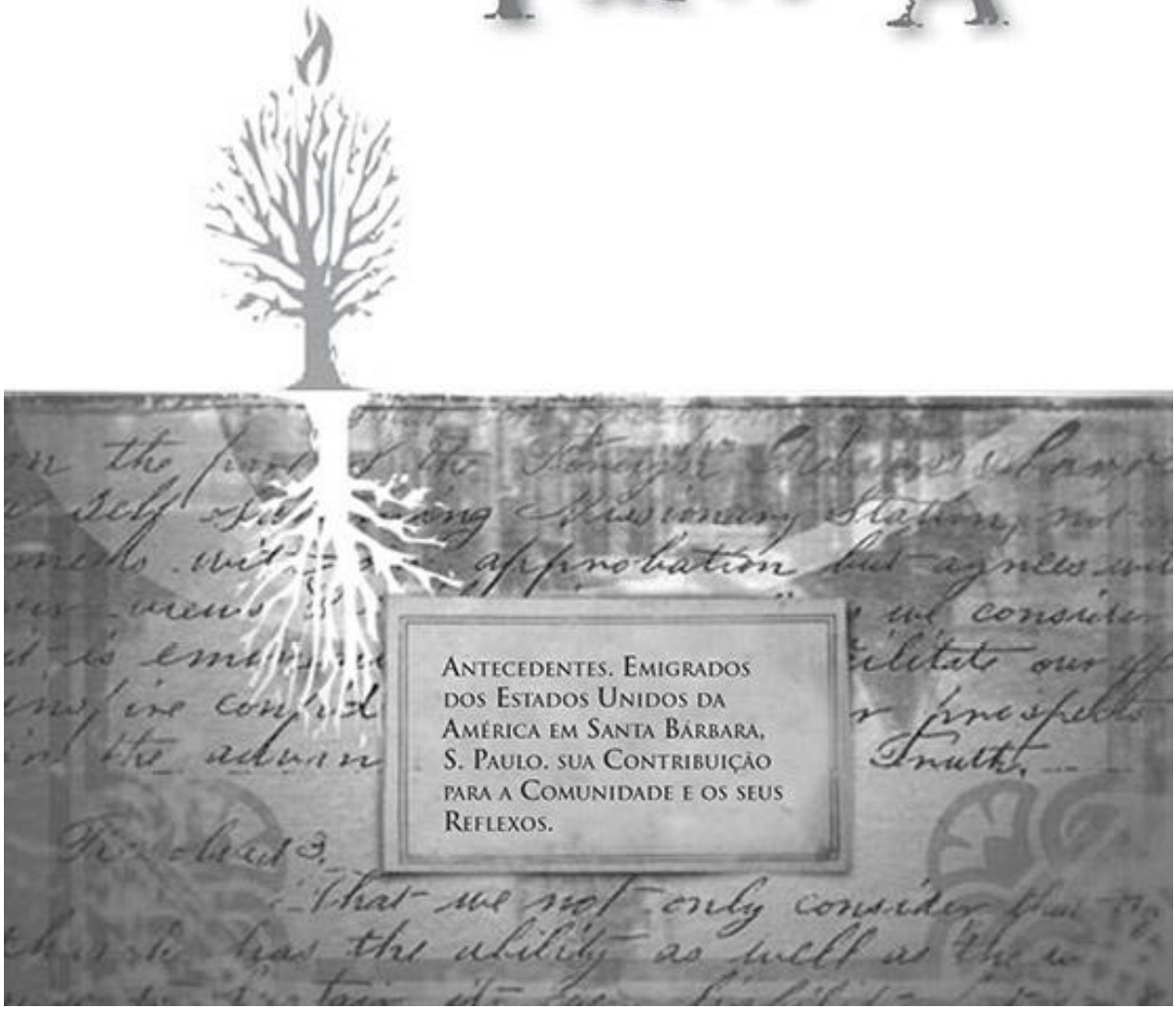

Limeira
SP 147
SP 348
Americana
PIRACICABA
Santa Bárbara d'Oeste
Nova Odessa
Sumaré
Saltinho
CAMPINAS
JUNDIAÍ
SP 348
SÃO PAULO

Capela [“Meeting House”] ou Casa das Reuniões.

Área do Cemitério do Campo Santa Bárbara d’Oeste, SP (Santa Bárbara)

Guia 4 Rodas Rodoviário 2004 pág. 24 (S. Paulo) Ed. Abril

Parte A



Antecedentes. Emigrados dos Estados Unidos da América em Santa Bárbara, S. Paulo. sua Contribuição para a Comunidade e os seus Reflexos.

Esta parte “A” resume fatos ocorridos nos Estados Unidos da América e no Brasil, em parte do século XIX, culminando com a vinda de emigrados daquele para este país.

A vinda desses emigrados pode abranger os anos de 1865 a 1871/2, conquanto alguns poucos aqui tenham chegado depois de 1872.

Após quase um vaguear de Norte a Sul do Brasil, uma parte dos emigrados acabou por estabelecer-se em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo, hoje, Santa Bárbara d’Oeste.

Essa parte “A” oferece uma idéia da região e de que modo os emigrados ali se fixaram, enfocando, em sumário, a vida desse grupo.

Para a compreensão desta parte do livro, não se dispensará o conhecimento das outras partes, que se conjugam de forma consoante.

“Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!” (Jó 19.23,24; RC).

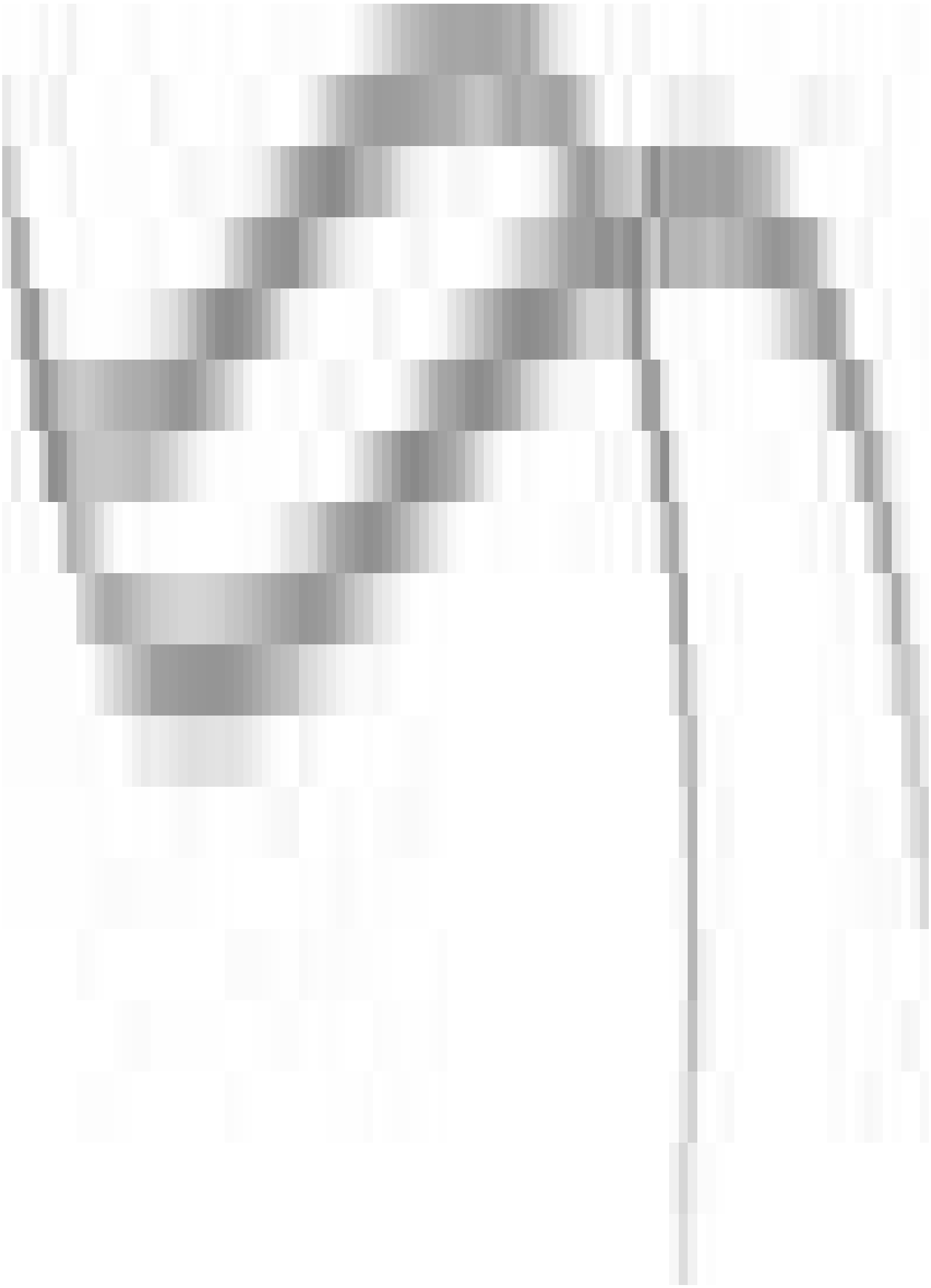
Emigração Dos Estados Unidos Da América Para O Brasil.

A emigração de cidadãos dos Estados Unidos da América para o Brasil ocorreu durante os primeiros anos após o final da Guerra de Secessão naquele país, a partir do segundo trimestre de 1865.[1] Essa emigração, espontânea, tem sido considerada irrelevante e sem maiores conseqüências para os dois países, diante do número reduzido de emigrados.

Ela tem sido analisada mais sobre termos numéricos, sem levar em conta os qualitativos e a proporcionalidade em relação aos emigrados europeus. Parece-nos que os preconceitos e os problemas políticos, menos que os religiosos, têm-se constituído como repressores dessa análise, a qual, sem dúvida, penetra em área perigosa, delicada e suscetível de interpretações parciais, ambíguas e de enganos. Há meandros difíceis de serem penetrados, inclusive pelo fato de que ainda há documentos oficiais, e outros, considerados confidenciais. Há melindres que permanecem até hoje!

Para uma conclusão franca de todo esse contexto é preciso que se tenha dele um conhecimento de profundidade, e também vocação. A autora deste livro não se sente chamada para essa dificílima tarefa. Por outro lado, o alvo deste trabalho é outro. Por tudo, não entramos nas razões que motivaram aquela emigração. Sobre estas tecemos apenas algumas considerações.

Enquanto não se pode chegar a melhor juízo, tomamos como ponto de partida desta história o fato de que um grupo de cidadãos dos EUA veio e parte dele ficou no Brasil. Parte dessa parte fixou-se em Santa Bárbara, SP. Nessa parte estava o grupo batista que merece ênfase especial neste livro.



A Guerra de Secessão teve o seu início a 12.04.1861, e terminou a 09.04.1865. A secessão já fora tentada em 1812 e 1832. Conforme declara H. U. Faulkner, ela foi um conflito básico de interesses econômicos entre o Norte, que se desenvolvera na indústria, e o Sul, que era primordialmente agrícola, tendo esse conflito se tornado tão agudo no início da década de 1860, que a guerra poderia ter ocorrido sem os agravantes da escravatura.[2]

Há registro de tentativa da emigração NA para o Brasil, anterior à GC. Já de muito a Amazônia aguçava as atenções do mundo. Na década de 1850, coube ao Ten. Mathew Fontaine Maury agitar na imprensa e nas convenções dos EUA o interesse pela Amazônia, dando a idéia de que os americanos poderiam colonizar o Norte do Brasil, transplantando para aquele vale, parte da população negra dos EUA.[3]

Tudo envolvia, também a abertura do rio Amazonas à navegação estrangeira. E assuntos dessa importância, somados a outros já existentes e em formação, tornavam mais tênue a situação no Brasil, fazendo surgir conseqüente reflexo entre os dois países. Qualquer atitude mal pensada geraria problemas mais sérios. Diante de impasses e pressões, D. Pedro II tomou alguns caminhos na intenção de dissipá-los.

Um deles foi o de assinar, a 07.12.1886, o Decreto que franqueava o rio Amazonas à navegação estrangeira, após uma viagem científica feita naquele ano à Amazônia, pelo Prof. Louis J. R. Agassiz.[4]

Ao governo imperial interessava trazer emigrados europeus, de preferência, de origem latina. Mas, diante das circunstâncias criadas, outro caminho foi encontrado para diminuir a tensão: a tomada de providências para que também viessem emigrados dos EUA.

Percebe-se, pelos documentos da época, referentes ao assunto, a movimentação atabalhoada lá e aqui. A improvisação tornou-se comum, trazendo embaraços sem conta. No Rio de Janeiro, por exemplo, houve necessidade de se alugarem casas ou mansões a fim de serem adaptadas, às pressas, transformando-as em hospedarias para os emigrados que iriam chegar. [5]

Os engenheiros destinados ao trabalho de demarcação de terras, e os

responsáveis pela construção de “casas do governo” destinadas aos emigrados, às vezes tinham apenas iniciado o trabalho quando estes chegavam.

Quando o grupo de F. McMullan aportou, em maio de 1867, em Iguape, sul de SP, não encontrou a embarcação que devia levá-lo rio acima, com todo o grupo, até Juquiá. Remediando a situação, foram reunidas muitas canoas para levar os recém-chegados numa boa mistura com as bagagens, até o destino. Nesse grupo, encontrava-se Eunice, a esposa do Pr. Richard Ratcliff. Ela estava grávida e perto de dar à luz. Pouco tinham subido o rio, tiveram que descer e ficar no barranco. Recolheram-se numa choupana e ali nasceu a pequenina Eunice Maud! Alguns do grupo, como o Juiz Dyer, o Pr. Quillin, Smith e suas famílias decidiram espalhar-se pela área entre Iguape e a boca do rio Una do Prelado, no rumo de Peruíbe. Quem desejasse ir para Santa Bárbara teria que contornar o “muro” do planalto, via Santos, S. Paulo, Jundiaí e Campinas.

Piorou a saúde do líder, o jovem Frank McMullan. Ele estava morando, então, com o tio Dyer. Encontramos no Arquivo Nacional um bilhete de Frank para Octaviano da Rocha, dizendo que, por estar muito doente, não poderia estar na reunião marcada para o dia 8 de julho [1867]. No dia 15 de setembro seguinte, seu tio levou-o para Iguape, na esperança de conseguir encontrar algum médico. Mas Frank veio a falecer no dia 29 seguinte, e foi sepultado no quintal da casa de uma família de alemães. Frank era evangélico, e não teve sua sepultura no cemitério da cidade, embora já vigorassem os decretos de D. Pedro II.

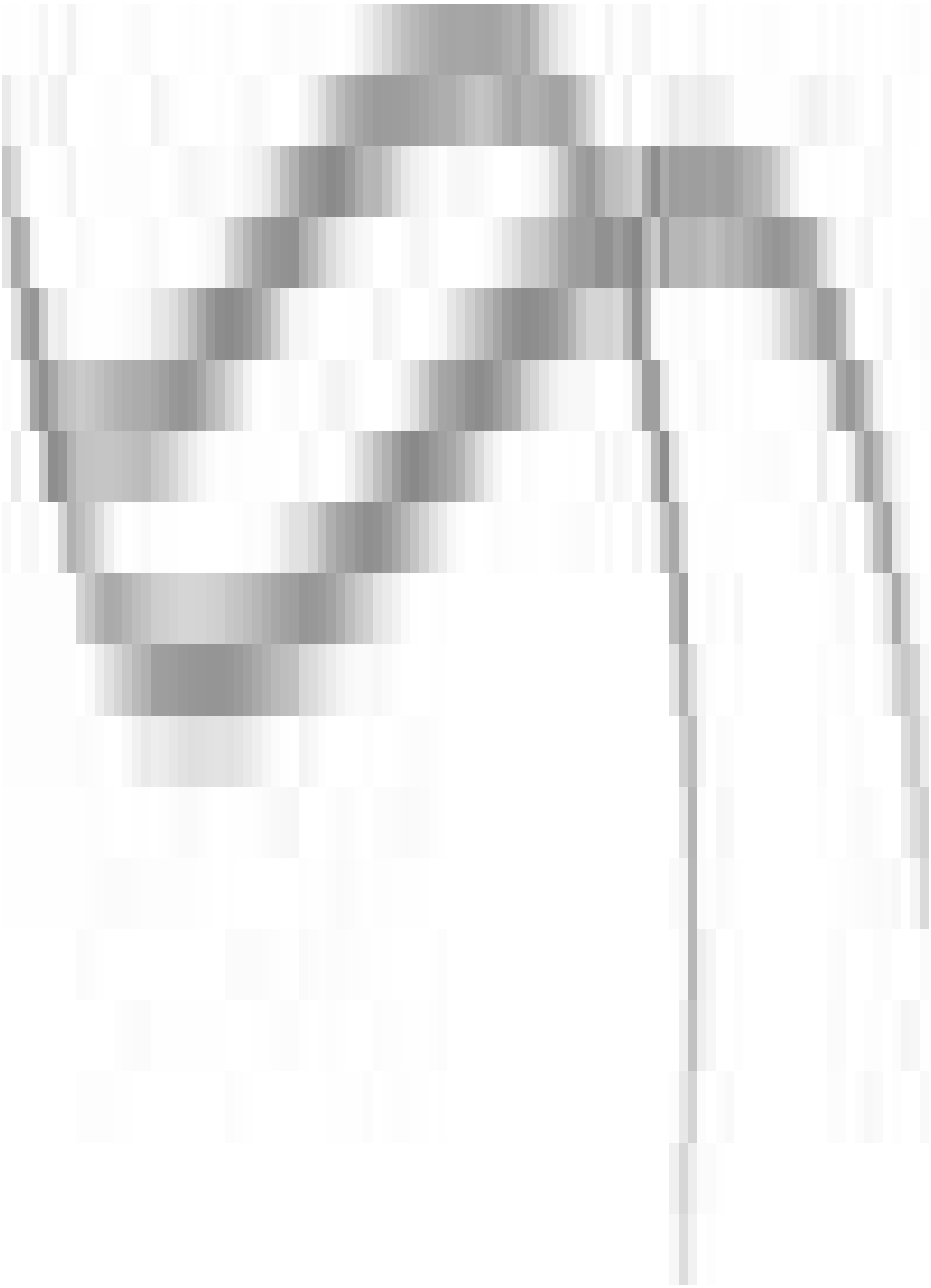
Outro grupo de mais de 250 pessoas, também chegado em Iguape, não encontrou alimento. A população local teve que providenciá-la. Houve tentativa de desmentir o ocorrido. Mas possuímos cópia de um manuscrito que registra o agradecimento ao povo pelo espírito de solidariedade e de destaque dos que lideraram o movimento para ajudar os emigrados recém-chegados.

Talvez poucos dos que vieram estavam a par de tudo que acontecia ao redor. Porém, teriam que cair na realidade. Inúmeros voltaram, por conta própria ou com a ajuda dos governos dos dois países, ou ainda com o auxílio de alguns comandantes de navios. Os que ficaram agruparam-se em Santa Bárbara, SP. Isto requereu tempo!

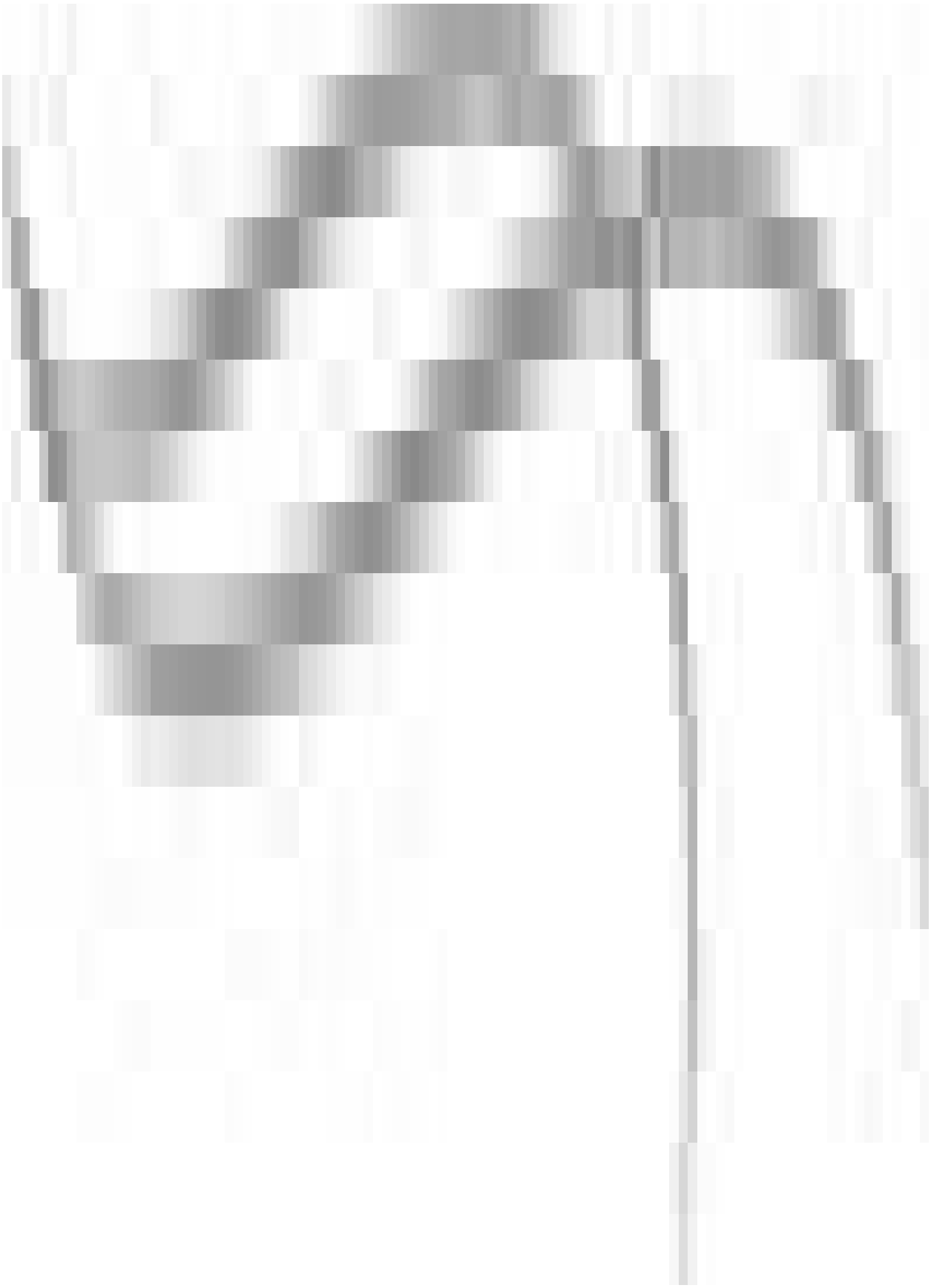
O grupo que foi para Santarém, Pará, tem sua própria história, escrita por D. Norma de Azevedo Guilhon, sob o título “Confederados em Santarém”, livro publicado em 1979, em Belém, Pará, pelo Conselho Estadual de Cultura.

Também, David Afton Riker, descendente do grupo, publicou, em 1983, pela Imprensa Oficial do Amazonas, o seu livro “O último confederado na Amazônia”.

A diminuição e cessação da onda emigratória dos EUA para o BRASIL sugere uma normalização gradual dos problemas que a motivaram.



Entre os muitos que já vinham planejando sair dos EUA para um lugar onde pudessem respirar paz e justiça, existiam os bons e os maus, os sinceros e os aproveitadores, os de boas idéias ou os que não as possuíam, os de origens nativas, culturas, educação e credos religiosos diferentes. Pela diversidade desses elementos, escolhemos usar a expressão “emigrados dos EUA”, ou simplesmente “emigrados”, no lugar de imigração norte-americana.



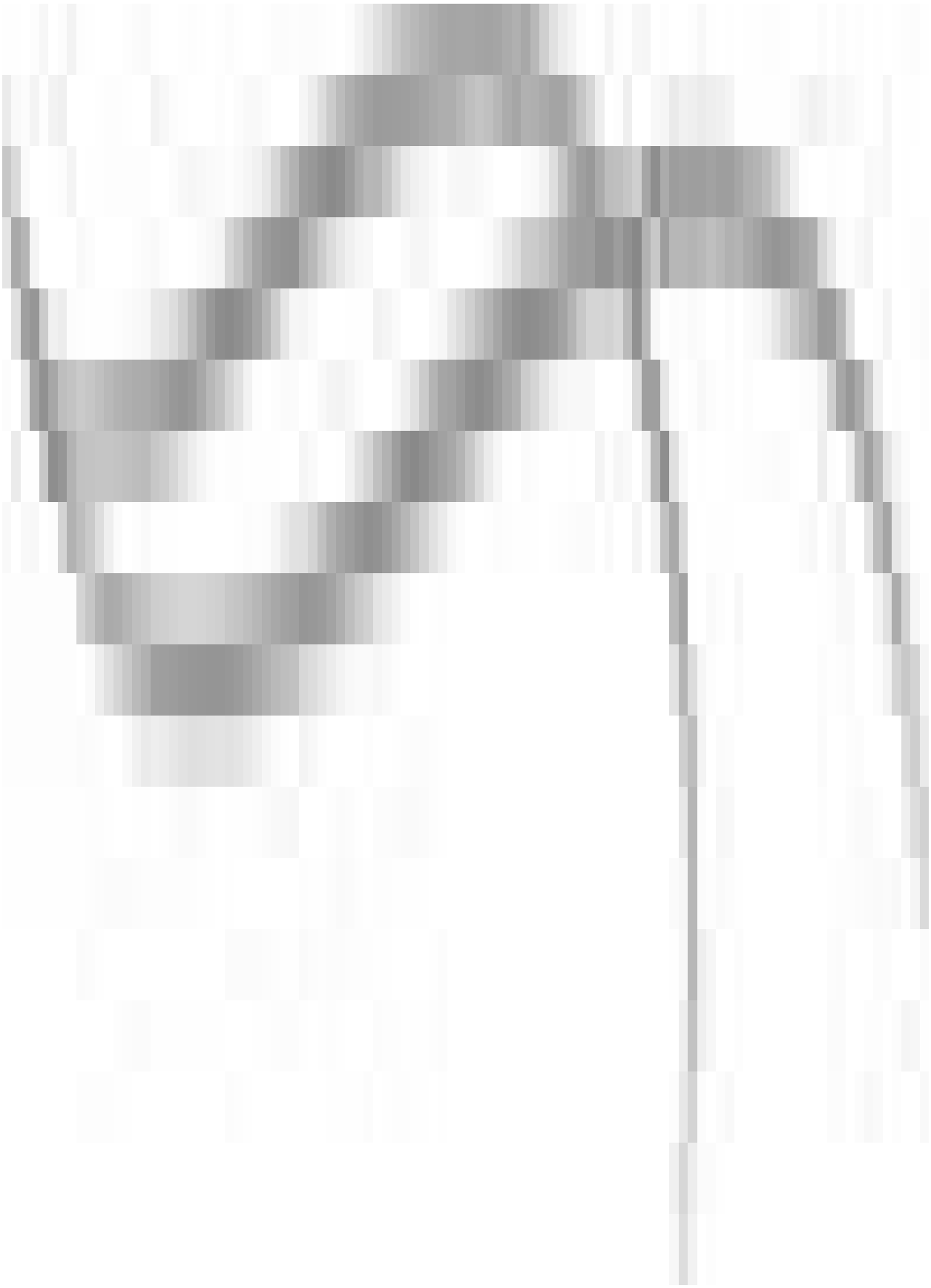
O governo do Brasil providenciou agências e agentes para atender aos que desejavam emigrar. No fim desta parte “A” (ver pág. 88), existe uma lista de nomes de agentes. Cada qual cuidava do seu próprio grupo. Havia contato com o governo do Império do Brasil, diretamente ou por meio dos escritórios brasileiros em NY ou NOrl. No Rio de Janeiro, o Ministério do Império e o da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (e Colonização), pela sua 3ª Diretoria, mais a Sociedade Internacional de Imigração, eram os responsáveis mais diretos por esse atendimento. Os casos específicos podiam receber a atenção pessoal do Imperador.

O governo fornecia-lhes cartas de recomendação e apresentação e auxiliava-os com passagens, ainda que à ré ou à proa, se marítimas. Havia intérpretes, cedidos pelo governo, e engenheiros à disposição para a demarcação de terras, conforme a escolha feita. O Diário Oficial do Império (DOI) registra boa parte das ordens dadas e trocadas entre os órgãos oficiais, agentes e os particulares.

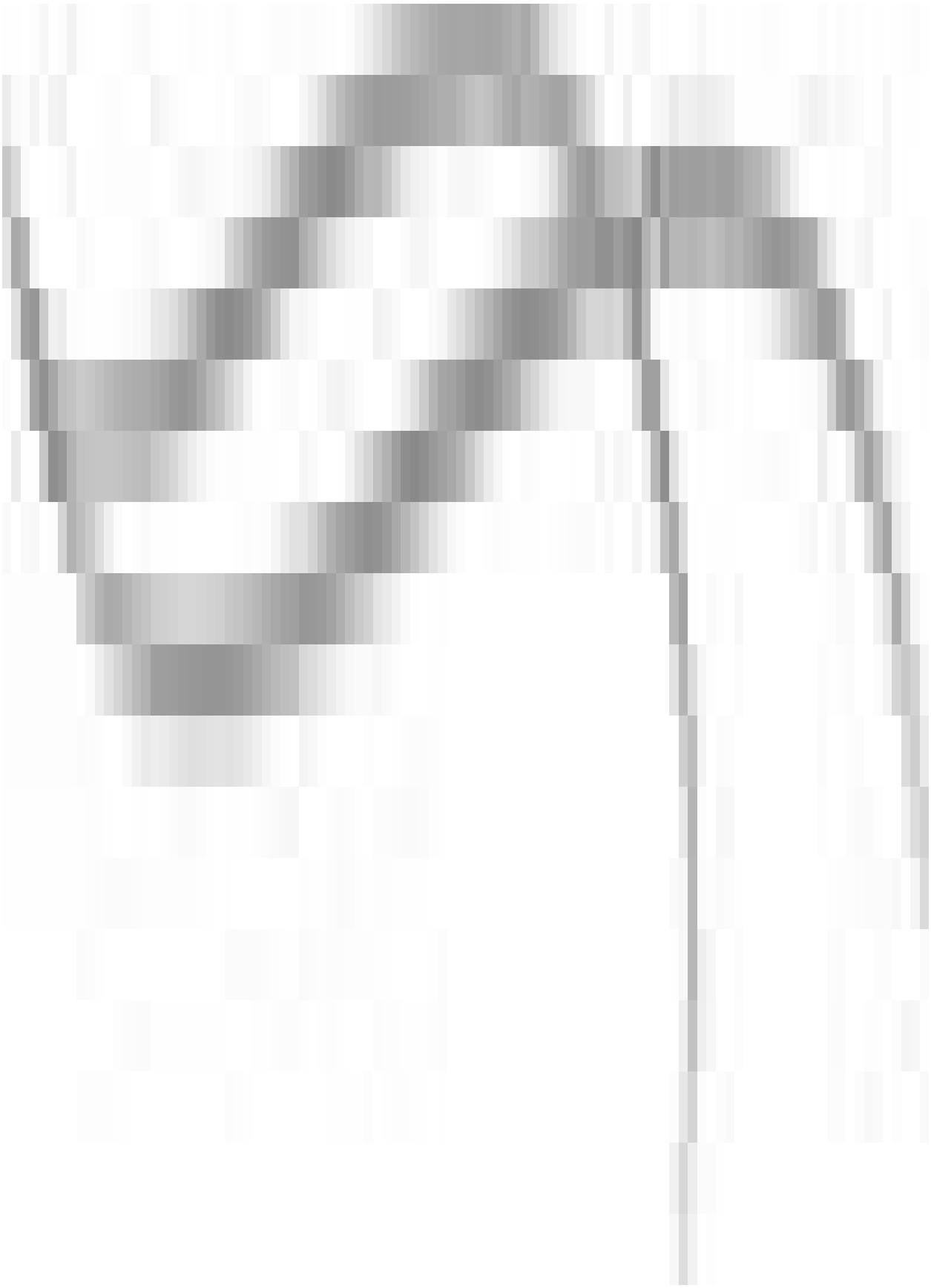
Agentes de imigração e outros cidadãos norte-americanos naturalizaram-se brasileiros. De um dos que permaneceram no Brasil, descende a Dra. Gracie Ellen Northfleet, Ministra do Supremo Tribunal Federal do Brasil, que tomou posse em 14 de dezembro de 2000, tornando-se a primeira mulher a integrar a Suprema Corte do Brasil, desde a sua criação.

Cada agente escolhia o lugar que melhor lhe parecesse para a localização das famílias reunidas por ele e que desejavam mudar-se para o Brasil. Nem sempre essas famílias permaneciam nos lugares escolhidos pelos agentes. Isto deu motivo a certa movimentação de um para outro lado, até que aquelas famílias estivessem satisfeitas.

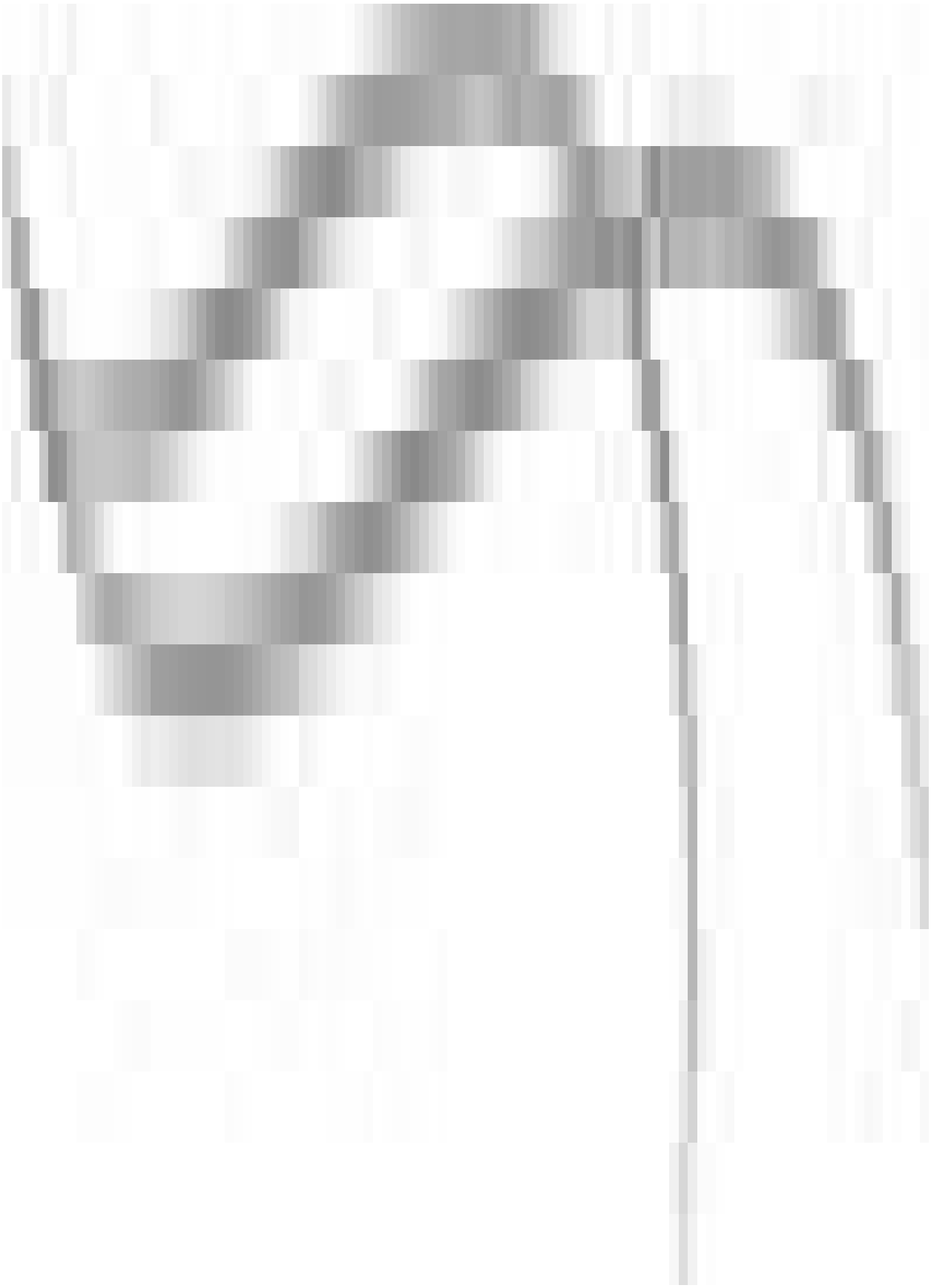
Dos emigrados, nem todos eram escravagistas. A generalização, o desconhecimento de certos aspectos da Guerra de Secessão com todas as suas implicações anteriores e posteriores, têm produzido distorções nessa parte da história em ambos os países.



Agentes e pequenos grupos dos EUA começaram a chegar ao Brasil a partir do segundo semestre de 1865, conforme se pode observar pelas listas de passageiros desembarcados no Rio de Janeiro. Os anos de 1867 e 1868 atingiram um movimento bem maior, quando vieram grupos de até 277 e 330 emigrados. Tais grupos foram chegando durante os anos seguintes e, já em 1871, haviam escasseado bastante. Aos poucos cessou aquela onda emigratória. O número total de emigrados, contando as mulheres e crianças, ainda é desconhecido. Alguns estimam entre 5 e 8 mil. Consta que dois emigrados trouxeram dois escravos — cada emigrado, um escravo — que tinham sido libertados nos EUA. Algumas famílias se reuniram por si mesmas, e vieram para o Brasil por conta própria.



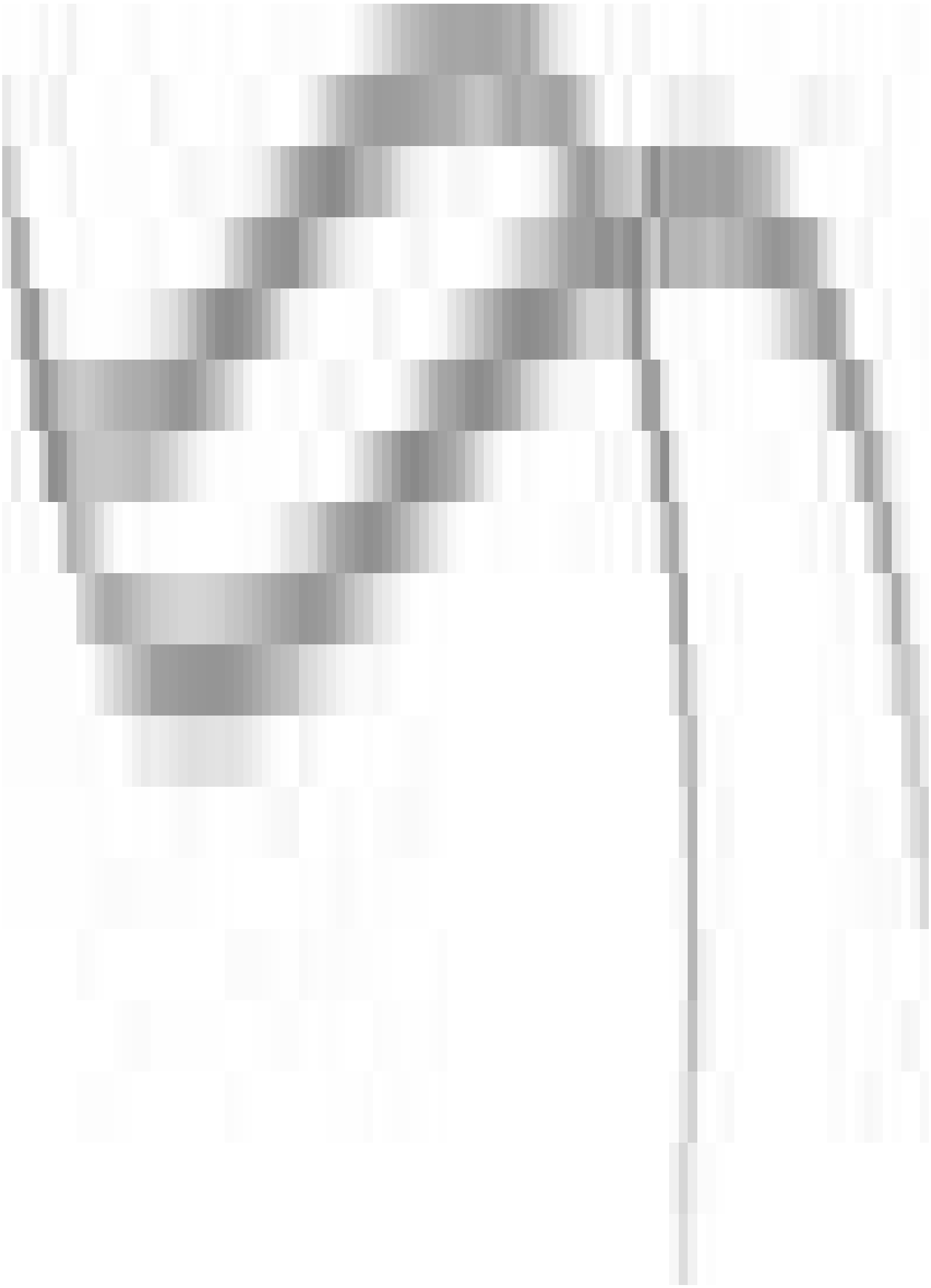
Os portos de embarque, nos EUA, eram os de Galveston, Mobile, New Orleans, Charleston, Newport News, New York, Boston, Baltimore e outros menores. Os portos de desembarque, no Brasil, podiam ser os de Belém, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Iguape, Cananéa, Paranaguá e outros, como Rio Grande.



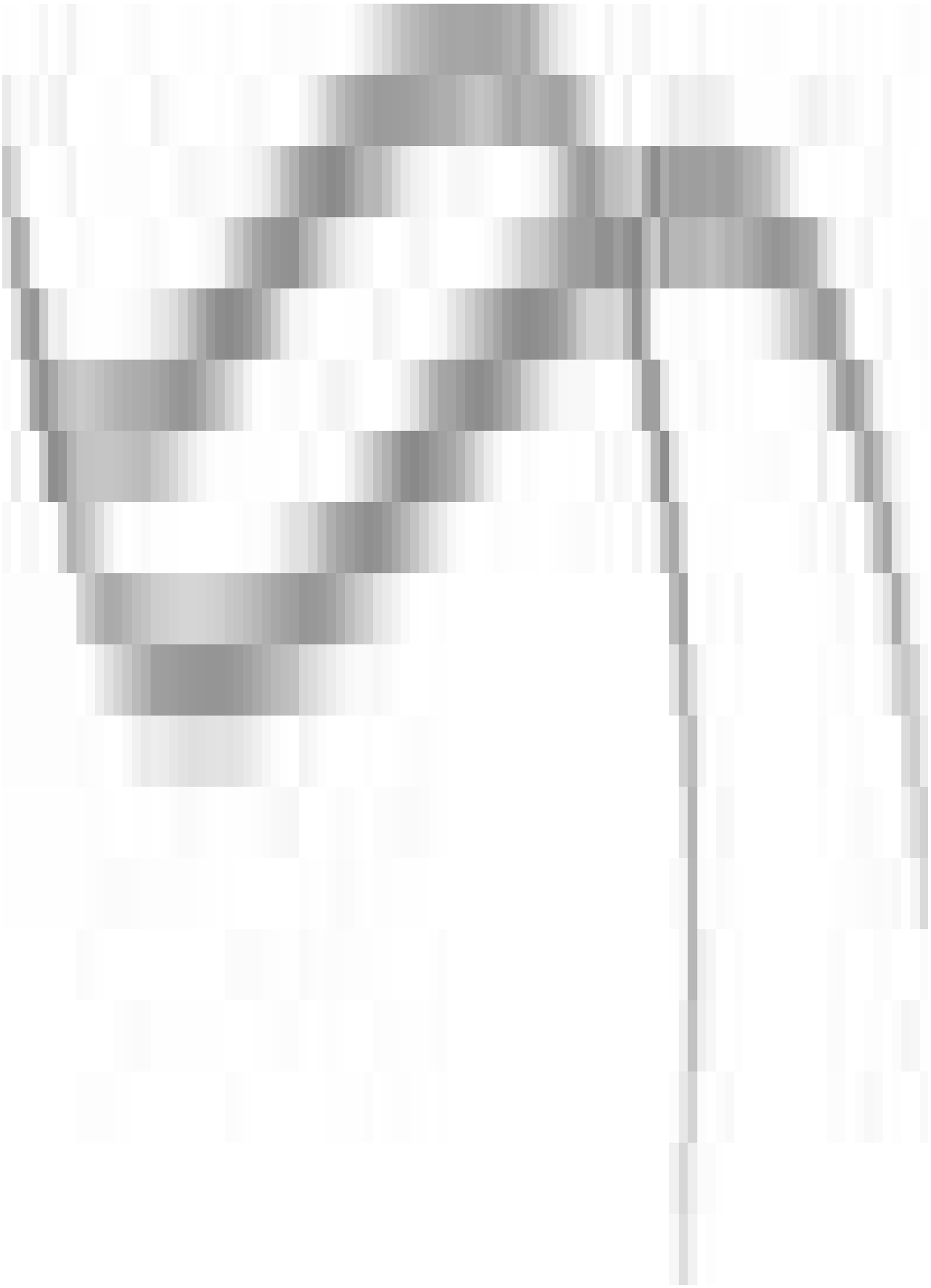
Entre esses emigrados, eram encontrados batistas, metodistas, presbiterianos, episcopais, católicos e pessoas de outros credos. Entre eles havia os procedentes dos Estados Confederados, Sul dos EUA, mas, havia, também, em pequena minoria, os do Norte. No grupo havia médicos, dentistas, militares, fazendeiros, simples agricultores, operários, trabalhadores, professores, ministros do evangelho, um jardineiro surdo-mudo, e aventureiros. Nem todos eram norte-americanos, ainda que tidos como tais.

Havia ricos e pobres; desiludidos, frustrados e os que haviam perdido os seus haveres e propriedades pelo fogo ou pela rapina; escravagistas e os que fugiram com receio de maus tratos ou prisão pelos do Norte.

E, entre todos os que aqui chegaram, alguns tinham um ideal a cumprir, numa tarefa especial a realizar, como salvos em Cristo Jesus, como testemunhas da verdade.

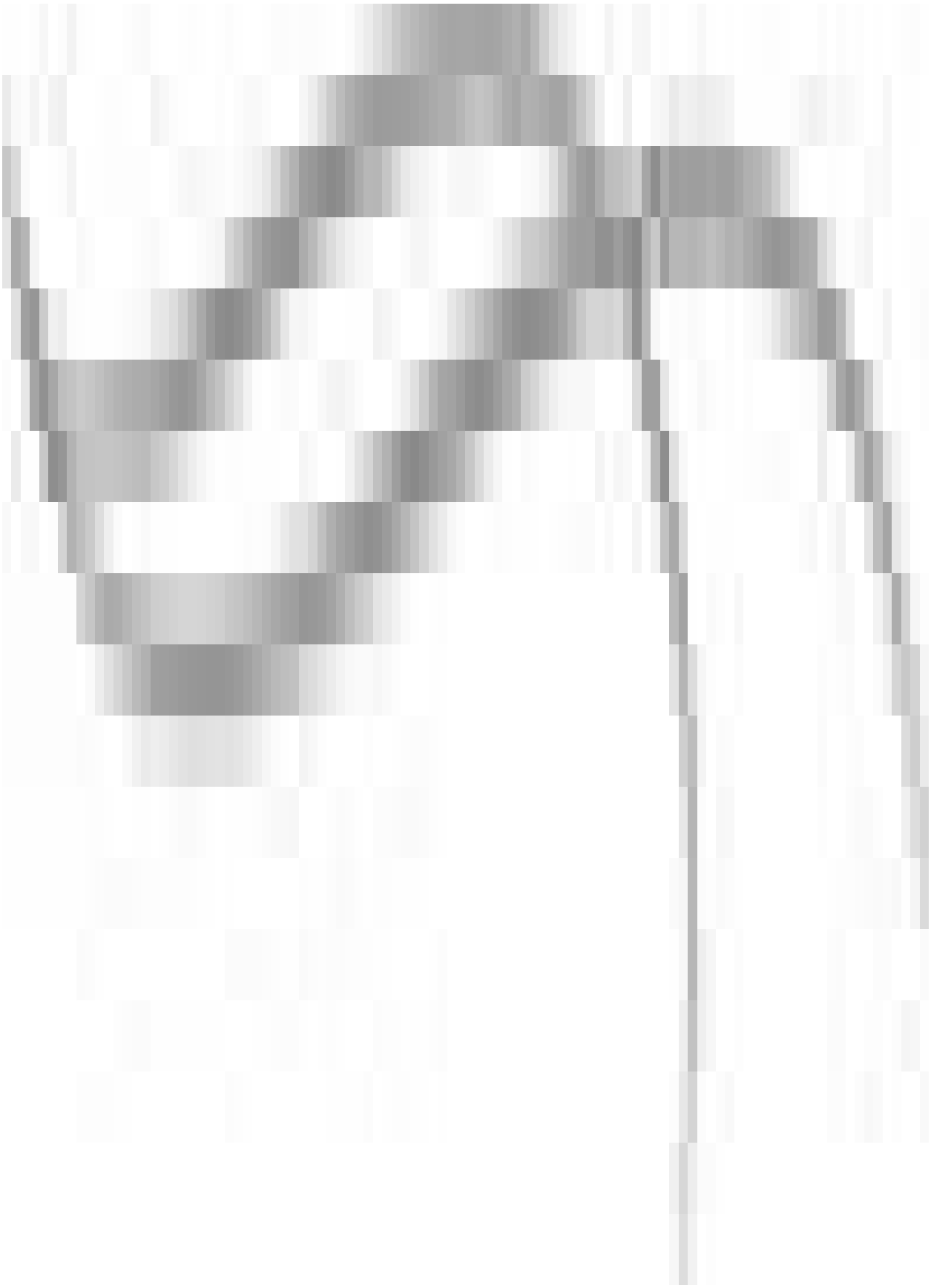


Por certo que todos trouxeram um coração triste deixando atrás de si a terra que lhes vira nascer, as suas igrejas, e muitos dos seus parentes que não quiseram ou não puderam vir. Não foram poucos os apelos destes para que os que haviam vindo retornassem para a terra nativa. Uns foram. Outros ficaram para sempre.



Diário Oficial Do Império — Doi

Escolhemos “amostras” extraídas do DOI, em datas diversas, dos anos de 1886 e 1887, que focalizam alguns itens tratados pelo Ministério da Agricultura, Comércio o Obras Públicas, especialmente a sua 3ª Diretoria. Com certa periodicidade, esse órgão enviava para o DOI, a fim de serem publicados, os extratos dos documentos que por ela transitavam, sob o título “Expediente”. Tenha-se em mente que há nomes em que esses aparecem quase irreconhecíveis, pelo fato de serem de difícil compreensão para os que os copiavam dos documentos originais. Ao pesquisador cabe reconhecê-los ou identificá-los.



Agentes de imigração — tratamento uniforme para todos

27.11.1866 — DOI 14.01.1867, p. 1:

— “Ao agente de colonização, autorizando-o a declarar ao Dr. W. C. JONES, membro de uma família importante dos Estados Unidos, que o governo lhe garante iguais favores outorgados a seus compatriotas, a fim de se estabelecerem, como desejam, no vale do Amazonas”.

21.03.1867 — DOI 09.04.1867, p. 2:

— “À agência de colonização, para fazer constar a G. B. BOUCHERVILLE, que o governo tornará extensiva aos canadianos as mesmas vantagens concedidas a McMULLAN, BOWEN e CAMPBELL, conforme a escolha das terras, sua localidade e outras circunstâncias, cumprindo que o referido G. B. BOUCHERVILLE se apresente competentemente habilitado para garantir o bom êxito da empresa que projeta”.

Cais de desembarque

Em 1867, o Rio de Janeiro ainda não possuía cais de desembarque para navios de maior calado. Assim, os passageiros, bagagem ou carga seriam desembarcados para uma barcaça ou embarcações menores que os trariam até a

terra firme. Há referências ao “cais da Imperatriz”, ao da “praia Formosa”. O desembarque estava condicionado a que hospedaria os emigrados seriam encaminhados.

A rua da Imperatriz era a que hoje tem o nome de Camerino. Ela começava na beira da água (hoje tudo aterrado, onde está a av. Venezuela e outras vias) e ia terminar adiante da rua S. Pedro, passando ao lado do Colégio D. Pedro II. A rua S. Pedro foi incorporada pela av. Presidente Vargas, restando dela apenas o lado de numeração par. Parece-nos que a hospedaria da Imperatriz ficava do lado oposto ao Colégio D. Pedro II.

26.12.1866 — DOI 22.01.1867, p. 2:

— “Ao Ministro da Marinha, para que ponha à disposição do agente oficial de colonização uma embarcação destinada ao embarque de 100 colonos americanos, a qual deverá estar com o pequeno vapor que há de rebocá-la próximo ao cais da Imperatriz, no dia 28 do corrente a 1 hora da tarde”.

07.01.1867 — DOI 16.02.1867, p. 2:

— “Ao Ministério da Marinha, solicitando a expedição das necessárias ordens a fim de ser posta à disposição do agente de colonização, todas as vezes que for preciso, a barcaça ou vapor do arsenal da marinha, para o embarque e desembarque dos emigrantes”.

14.01.1867 — DOI 18.02.1867, p. 2:

— “Ao Ministério da Marinha, solicitando as convenientes ordens para serem

postos à disposição do agente de colonização um pequeno vapor, duas barcaças e um escaler da capitania do porto, a fim de logo que se tenha aviso de estar à barra o paquete americano possam com prontidão ser desembarcados os colonos norte-americanos".

Hospedarias de imigrantes — Rio de Janeiro — RJ

No ano de 1866, e depois no de 1867, havia, pelo menos, três hospedarias para acolhimento de um maior número de emigrados norte-americanos. Eram prédios próprios alugados pelo governo a particulares. Citamos: a da praia Formosa, a da Imperatriz e a da Saúde. Da hospedaria da Imperatriz nada resta. A da praia Formosa ficava a pouca distância da água e perto da saída do que hoje conhecemos como Canal do Mangue. Naquele tempo, era o Alagado. À da Imperatriz, já fizemos referência no item "cais de desembarque". A da Saúde, era um verdadeiro palácio. Foi chamada até de "Castel Garden de New York", conforme lemos no DOI, de 02.05.1867, p. 4. Ficava no bairro da Saúde, chique naquele tempo, no alto de uma pequena elevação, junto à bicentenária capela de N. S. da Saúde, pequenina, tombada pelo Patrimônio Nacional. O palacete pertencia, então, ao avô da jovem que seria mais tarde a esposa do Sr. Herbert Moses, da Associação Brasileira de Imprensa — ABI.

No seu diário, a jovem Jennie R. Keyes descreve com detalhes a dita hospedaria, e conta como chegaram: o desembarque; o caminho calçado com grandes pedras brancas, que ligava o lugar de desembarque ao dito palacete. Com o tempo, as hospedarias da praia Formosa e a da Imperatriz foram desativadas, ficando só a da Saúde.

07.01.1867 — DOI 16.02.1867, p.2:

— "Ao Ministério da Fazenda, para dar as convenientes ordens a fim de ser

indenizada a Sociedade Internacional da Imigração da quantia de 1:577$410, visto haver o governo tomado a si a direção e custeio da hospedaria estabelecida à Rua da Imperatriz. Comunicou-se à diretoria da Sociedade Internacional de Imigração".

— "Ao Chefe da Polícia, para mandar pôr à disposição do agente de colonização, sem dependerem de aviso a qualquer outra autoridade, as praças que tiver de requisitar das estações, policial do cais da Imperatriz, e de outra mais próxima à praia Formosa, a fim de poder providenciar qualquer ocorrência que sobrevenha nas hospedarias de imigrantes estabelecidas pelo governo. Comunicou-se ao agente de colonização".

23.04.1867 — DOI 20.06.1867:

— "Ao Ministério da Fazenda, rogando a expedição de ordem para ser indenizado o agente oficial interino de colonização da quantia de 145$200 que despenderá com a mudança dos objetos das duas hospedarias para a nova estabelecida no morro da Saúde".

Listas de passageiros

Não encontramos no Arquivo Nacional as listas de passageiros procedentes dos EUA, desembarcados no Rio de Janeiro, de 1865 a 1890, ou saindo para outros portos. Fizemos, então, um levantamento pelas listas de nomes de passageiros, de primeira classe, e o número dos que vieram em grupos, na segunda classe, publicadas em alguns jornais diários da cidade. Foi uma tarefa penosa, mas publicamos o livro, em 1981, com cerca de 500 páginas, sob o título "Movimento de passageiros norte-americanos no porto do Rio de Janeiro" —

1865-1890. Assim, havia elementos para situar uns e outros, no tempo e no espaço e confirmar dados de outras fontes.

Não achamos, também, o arquivo da Sociedade Internacional de Imigração que deveria ter cópia dessas listas, feitas à mão. Os exemplos que damos a seguir, extraídos do Diário Oficial do Império — DOI —, indicam com clareza que elas existiam.

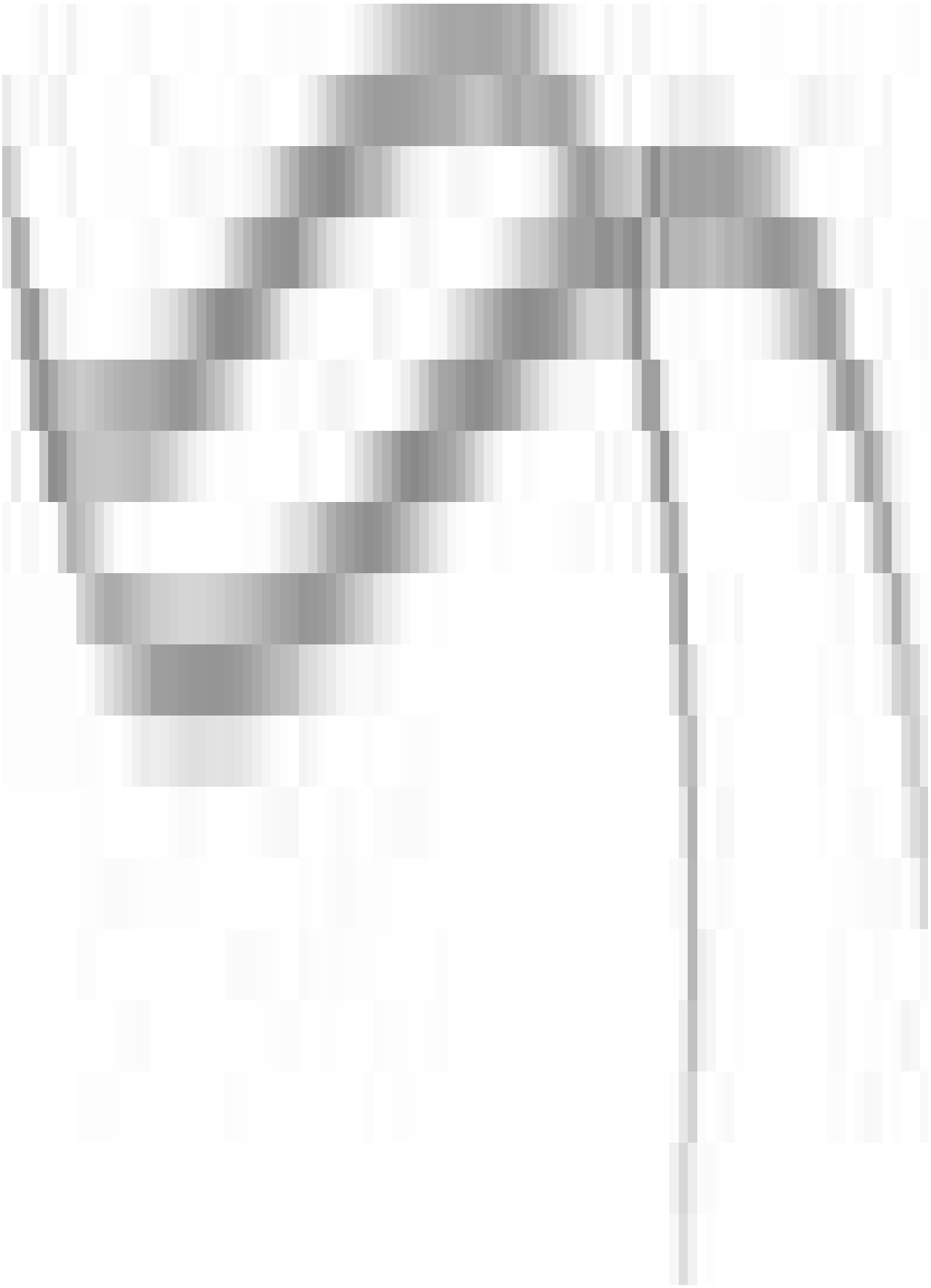
19.03.1867 — DOI 09.04.1867, p. 2:

— “Ao presidente da Província de Sta. Catarina, enviando a relação nominal dos imigrantes americanos que acompanham o Dr. BARZILLAR COTTLE, diretor interino da colônia Príncipe D. Pedro”. — DOI 12.05.1867, p. 2:— “No 39 — Ofício. ‘Por conta do Min. Agricultura queira V.Sia. dar passagem para a Província do Espírito Santo, no vapor Juparanã aos imigrantes americanos constantes das relações juntas, sendo JOHN R. BUFORD, WILLIAM F. DAVIS, SALOMON P. THOMPSON, A. J. DOZIER, ROLLING REIDE, J. D. PORTER*, passageiros de 1a classe e os demais, de 2a”.

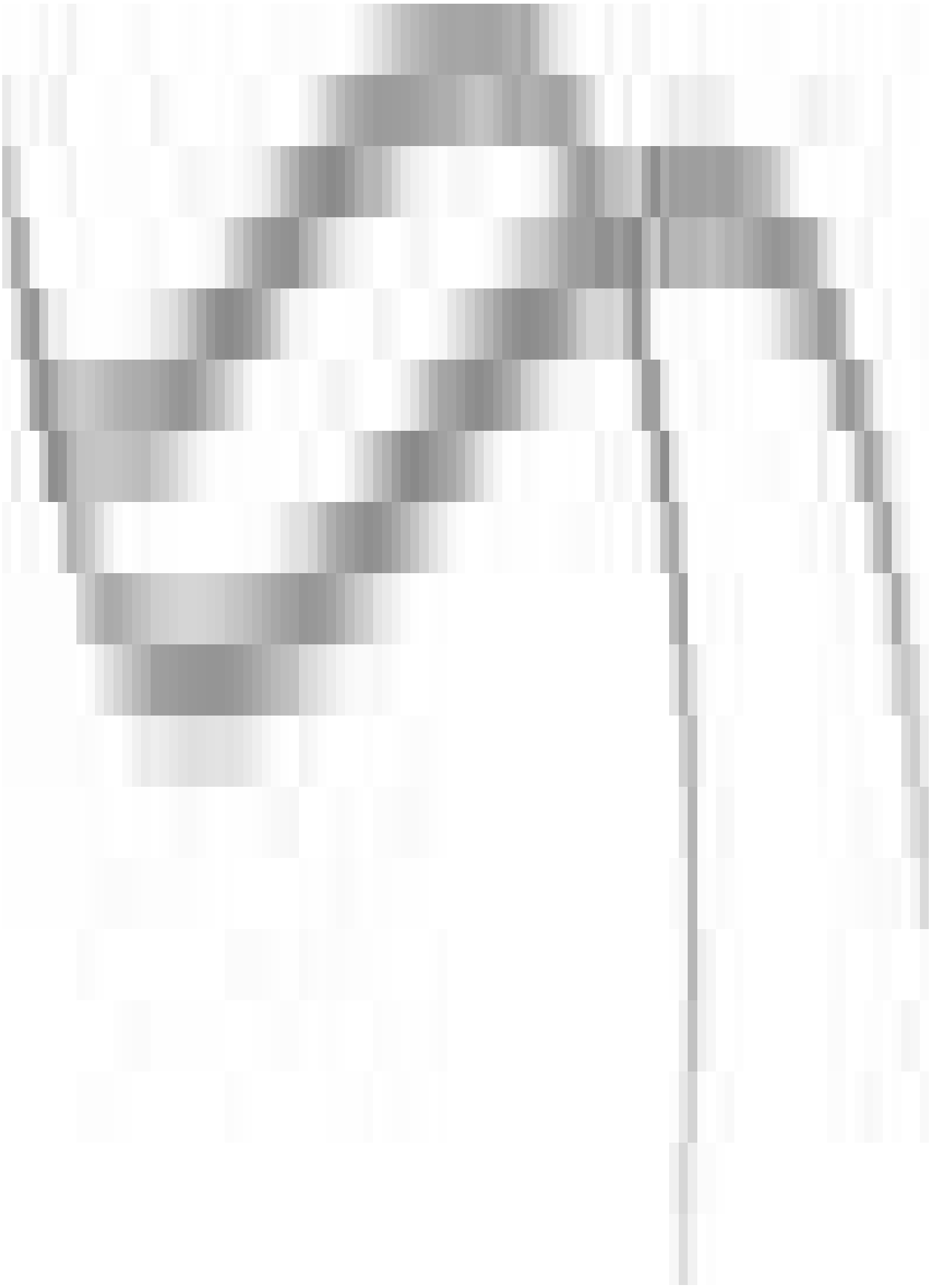
* [este foi James Denford Porter que, em 1868, veio a falecer no Rio de Janeiro, sendo sepultado em algum lugar do terreno onde foi construída, anos depois, a Fábrica de Tecidos Bangu.]

25.07.1867 — DOI 25.11.1867, p. 2:

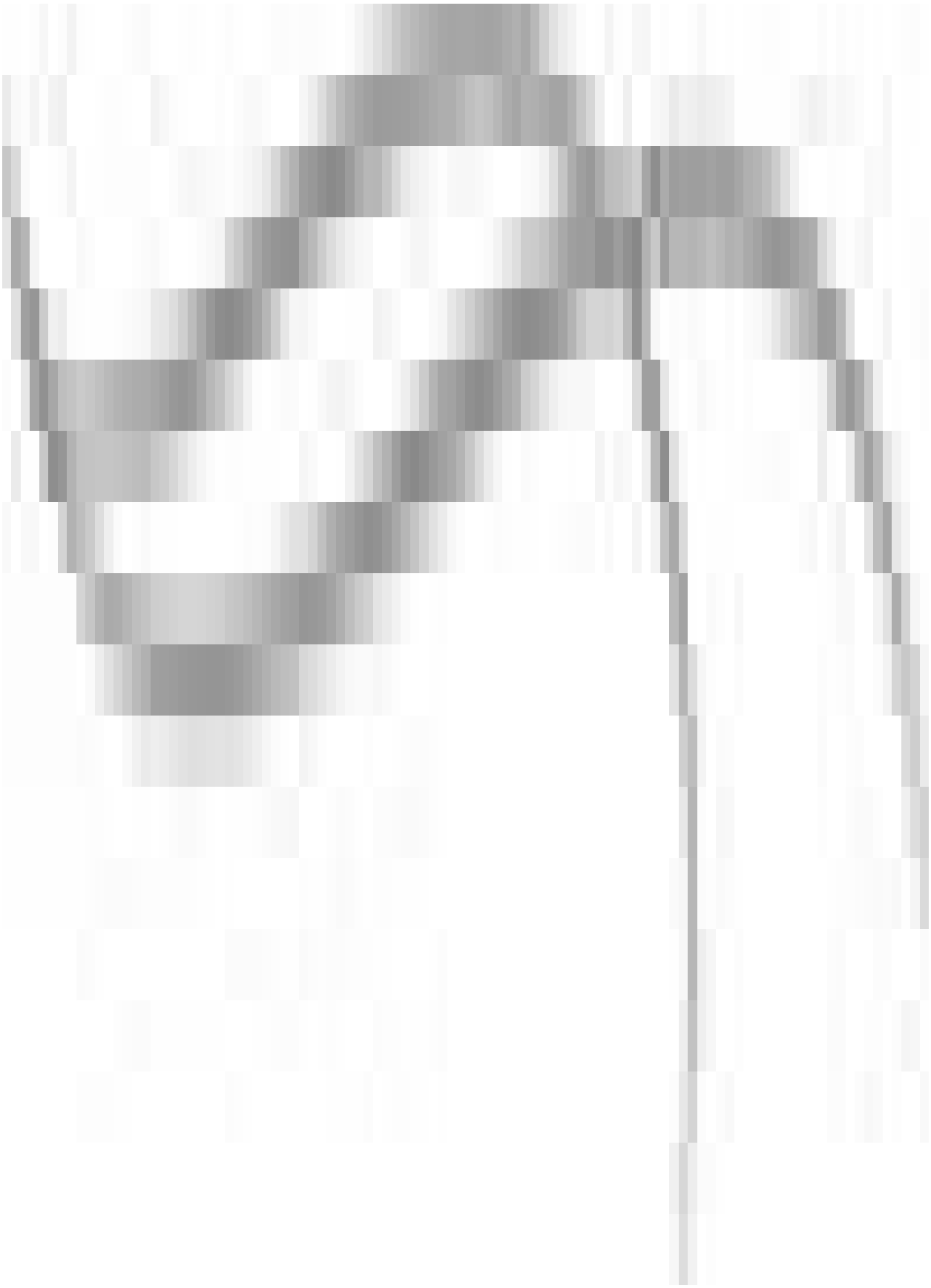
— “Ao gerente da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor, para que dê passagem à ré e comedorias até a Província do Pará aos imigrantes americanos constantes da relação que se remete”.



No DOI de 05.01.1866, p. 2, há um longo expediente respondendo ao General William Wallace Wood na solicitação, em 13 itens, para obter concessões especiais. A resposta foi-lhe enviada com explicações claras. Os de nos 8 e 9, dizem-nos que: “A esse respeito, o governo não altera o que está disposto” e “Já está estipulado nos favores que o governo concede à emigração em geral.” O General Wood tencionava trazer muitos compatriotas seus para estabelecerem uma colônia. Mas não chegou a realizar esse seu intento, regressando então ao seu país.



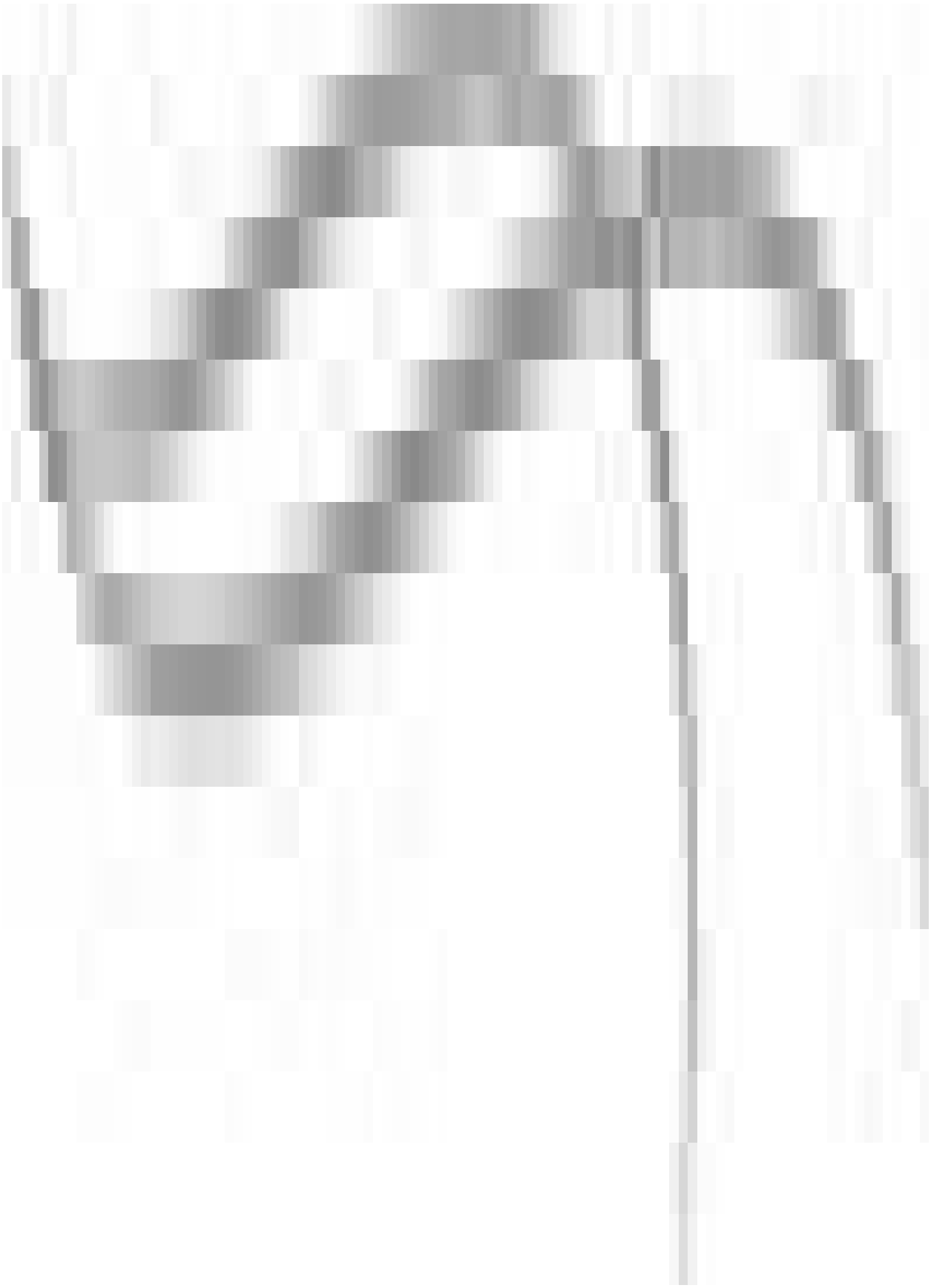
Mas, os exemplos que acabamos de dar ilustram um pouco de como o governo recebia os emigrados dos EUA. Os da Europa ficavam em outros lugares, e há livros, no Arquivo Nacional, com os seus nomes, na forma como iam chegando.



As improvisações e certo desamparo oficial em ambos os países, criaram sofrimentos desnecessários aos emigrados. Estes e os agentes, em maior ou menor grupo, chegavam e se moviam para um e outro lugar, tentando o pouso. Alguns foram para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e vários lugares do Estado de S. Paulo; outros, para a Bahia, Espírito Santo, Pernambuco e Pará. Parte deles regressou aos EUA.

Os agentes F. McMullan, B. S. Dunn, L. W. Hastings e C. G. Gunter foram talvez os que conseguiram levar seu grupo de cerca de 100 ou 200 pessoas, ou mais que isso, até o local escolhido. Mas as mortes prematuras de McMullan e Hastings e o retorno de Dunn desarticularam os seus grupos, deixando-os desarvorados. Gunter ficou no Espírito Santo, mas os seus liderados não suportaram o isolamento e as condições locais de vida.

Aos poucos, aqueles que haviam decidido ficar ou os que não tiveram condições de retornar, foram se reunindo em Santa Bárbara, São Paulo. Algumas famílias permaneceram em Santarém, Pará.



Santa Bárbara — S. Paulo

[6]

Santa Bárbara dos Toledos, ou simplesmente Santa Bárbara, é a que hoje conhecemos por Santa Bárbara d'Oeste, no Estado de S. Paulo.

O seu território, denominado Região dos Toledos, toda sertão e pertencendo à Quarta Comarca de Porto Feliz, era coberto de matas onde abundavam as melhores madeiras de lei. Uma estrada de tropas atravessava-o ligando Piracicaba a Campinas. Limitava-se, ao sul, com a Vila de Capivari; ao norte, com a Vila de Limeira; e a oeste, com a Vila Nova da Constituição (Piracicaba).

Suas terras eram próprias para a agricultura, especialmente para a cultura do algodão, cana-de-açúcar e cereais. Possuíam diversos mananciais, além de serem regadas pelo rio Piracicaba e seus afluentes, ribeirão dos Toledos e o ribeirão do Quilombo.

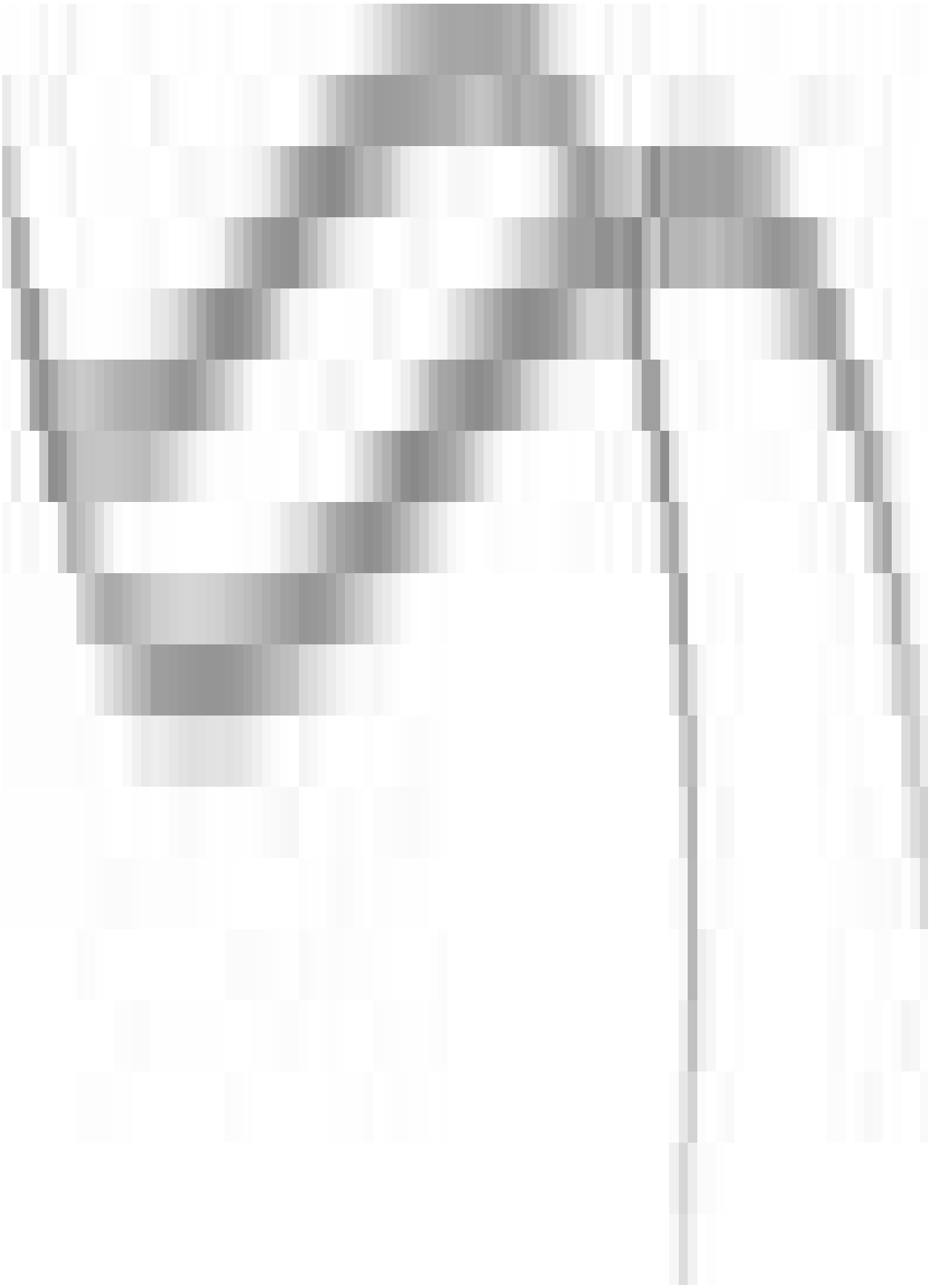
"...O livro de registros das Capelas, CM23, existente na Cúria Metropolitana, diz: 'Santa Bárbara dos Toledos, povoação fundada por Dona Margarida da Graça Martins, para nela ser ereta uma capela sob a evocação de Santa Bárbara. Ano de 1818'. Como vemos pelo registro eclesiástico e nos recenseamentos da Comarca de Porto Feliz, a data oficial da fundação de Santa Bárbara d'Oeste é 4 de dezembro de 1818."

O povoado de Santa Bárbara dos Toledos era uma Capela Curada, sujeita, administrativamente, ao município de Vila Nova da Constituição (Piracicaba), quando, pela Lei nº 9, de 18.02.1842, foi elevada à categoria de Freguesia. Pela Lei nº 1, de 23.01.1844, ela foi incorporada ao município da Vila de S. Carlos de Campinas (Campinas). Pela Lei nº. 12, de 02.03.1846, foi desanexada de Campinas e novamente reunida ao município de Vila Nova da Constituição

(Piracicaba). Assim, dependendo do período, as pesquisas precisaram ser efetuadas em cada um desses lugares, além de outros.

A região de SB dos Toledos tornou-se município, desmembrado do de Piracicaba, pela Lei Provincial nº 2, de 15.06.1869. Na mesma ocasião, a sede da Freguesia foi elevada à categoria de Vila. A 15.09.1869, a primeira Câmara, composta de sete vereadores, surgiu pela eleição de 120 barbarenses. O primeiro presidente eleito nessa Câmara foi Antonio Theodoro de Oliveira Souza. (Ver Notas sobre Recenseamento na pág. 99)

A 19.12.1906, SB recebeu os foros de Cidade, pela Lei Estadual nº 1038. Pelo Decreto-Lei Estadual nºº 14.334, de 30.11.1944, passou a denominar-se Santa Bárbara d'Oeste. Os nascidos em Santa Bárbara são chamados barbarenses.



Na segunda metade do século XIX, a sesmaria de Domingos da Costa Machado, na mesma região dos Toledos, estendia-se até Campinas. Dentro desta sesmaria, estava a Fazenda Machadinho, junto ao Ribeirão do Quilombo. Parte da sesmaria foi vendida a Ignácio Corrêa Pacheco e Antonio Bueno Rangel. Os filhos deste último, Basílio e José Antonio Bueno Rangel, herdaram as terras de seu pai. (Ver pág. 640)

No início da década de 1870, a Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais iniciou a extensão de suas linhas férreas:

"Tendo em vista o progresso da região, favorecida pela instalação das fazendas dos norte-americanos, donos de técnicas de cultivo mais avançadas, decidiu-se criar uma estação que pudesse servir a estas fazendas, facilitando o escoamento da produção agrícola. Em virtude disto, a Estação de Santa Bárbara foi constituída a cerca de uns dez quilômetros desta cidade".

A sua inauguração deu-se a 27.08.1875, com a presença do Imperador D. Pedro II e outras personalidades. No mesmo dia houve a inauguração da Estação de Rebouças (hoje Sumaré), quando da passagem do trem com a comitiva que fazia a viagem inaugural. A linha férrea passava pelo Recanto (hoje Nova Odessa) e terminava na Estação de Santa Bárbara (hoje Americana). A Estação do Recanto só seria aberta ao tráfego em 1916. Em julho de 1984, verificamos que ela estava desativada há um bom tempo.

Naquela época, já existiam moradores nessa área onde a Estação de Santa Bárbara foi instalada. Com o tempo, o núcleo foi tomando a forma de vila e acabou por ser chamada de Vila dos Americanos, ainda que o seu nome oficial fosse Estação de Santa Bárbara.

A 01.01.1900, passou a ser Vila Americana, quando também o nome da Estação passou a ser Estação da Vila Americana.

Terminou um problema antigo de limites, que havia entre Piracicaba e Campinas, com a criação, pelo Executivo Estadual 916, de 30.07.1938, do

Distrito de Paz de Vila Americana, definindo-a na área de Campinas.

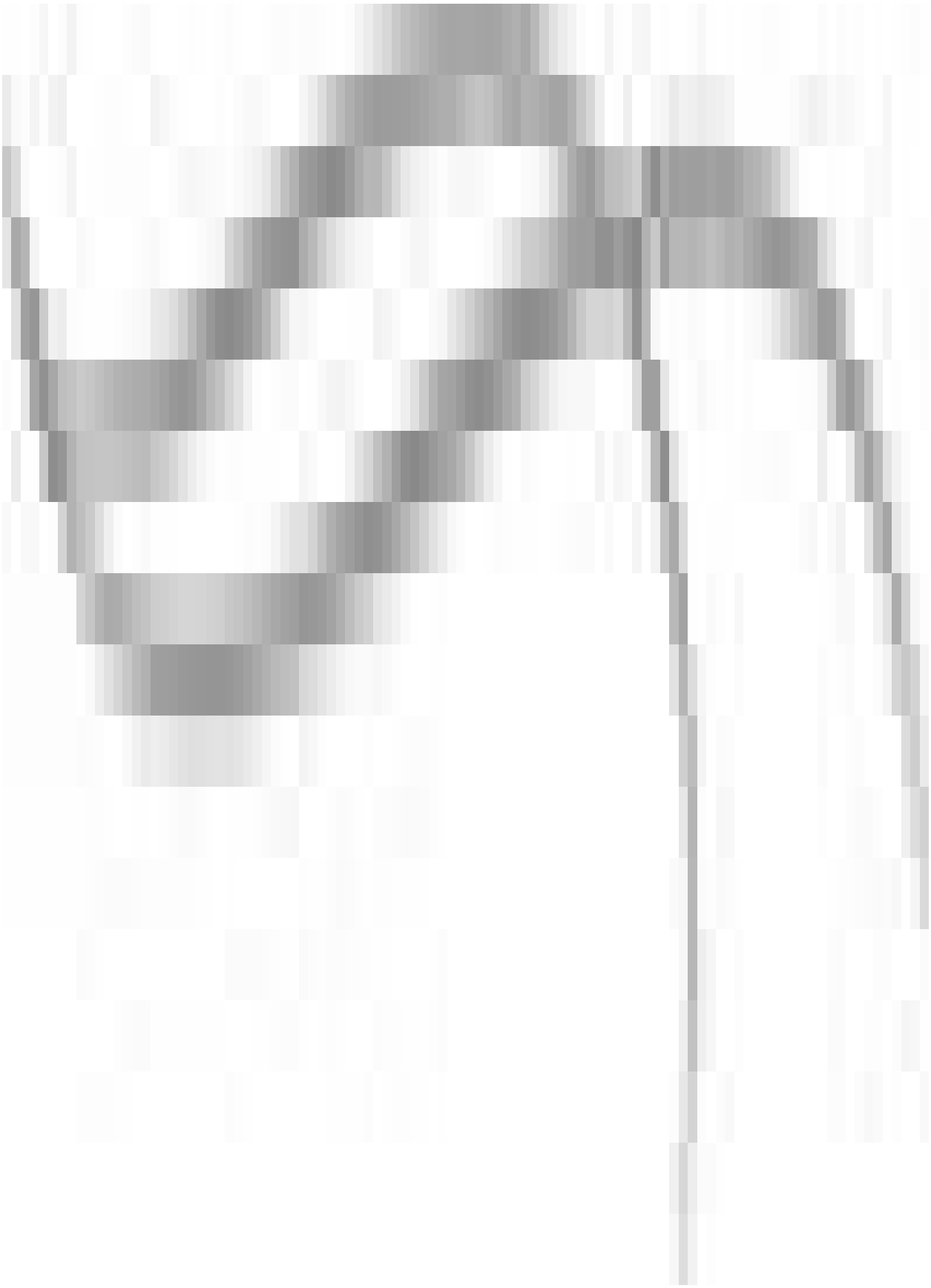
A 12.11.1924, a Lei Estadual nº 1983, criou o município de Vila Americana, sendo ele instalado a 15.01.1925. Somente pelo Decreto-lei Estadual nº 9.775, de 03.11.1938, o nome Americana foi oficializado.

Para alguns, Americana teria sido fundada pelos emigrados dos EUA. Mas não existem provas de que ela tenha surgido devido a um esforço prático desses colonos. Também de que tenham criado ou possibilitado o seu aparecimento, embora tenham contribuído de modo muito especial para que a vila se desenvolvesse. Nela havia italianos, portugueses e alemães.

Quando aqueles emigrados chegaram ali, já existia a Fazenda Machadinho, inserida na grande área de uma sesmaria. Entre os poucos proprietários estava Ignácio Corrêa Pacheco.

No caso da fundação de Americana poder-se-ia avocar os esforços do mencionado I. C. Pacheco que, seguido por Basílio e seu irmão José Antonio Bueno Rangel, propiciaram a venda de partes de suas propriedades, tanto a emigrados dos EUA como a brasileiros e a outros.

William Hutchinson Norris e seu filho Robert chegaram ao Rio de Janeiro em 27.12.1865. Escolhida a terra, Norris retornou aos EUA para buscar os seus e outras famílias. O grupo chegou ao Rio de Janeiro em 19.04.1867, estabelecendo-se, então, nessa região, a da Fazenda Machadinho.



A Chegada E Localização Em Santa Bárbara, Dos emigrados Dos Estados Unidos Da América.

O primeiro período de estada dos emigrados dos EUA no Brasil foi de mudanças quase constantes. As famílias tentavam encontrar o lugar que satisfizesse melhor as suas preferências. Apenas algumas poucas famílias logo se fixaram. Esta conclusão procede do exame da correspondência diplomática, da particular e pelos documentos da época, de compra e venda, hipotecas, arrendamentos e outros, os quais tivemos a oportunidade de consultar nos cartórios de Santa Bárbara, Piracicaba, Capivari, Botucatu, Limeira e Campinas. Consultamos, também, os arquivos municipais dessas cidades, o Arquivo Estadual de S. Paulo e o Arquivo Nacional.

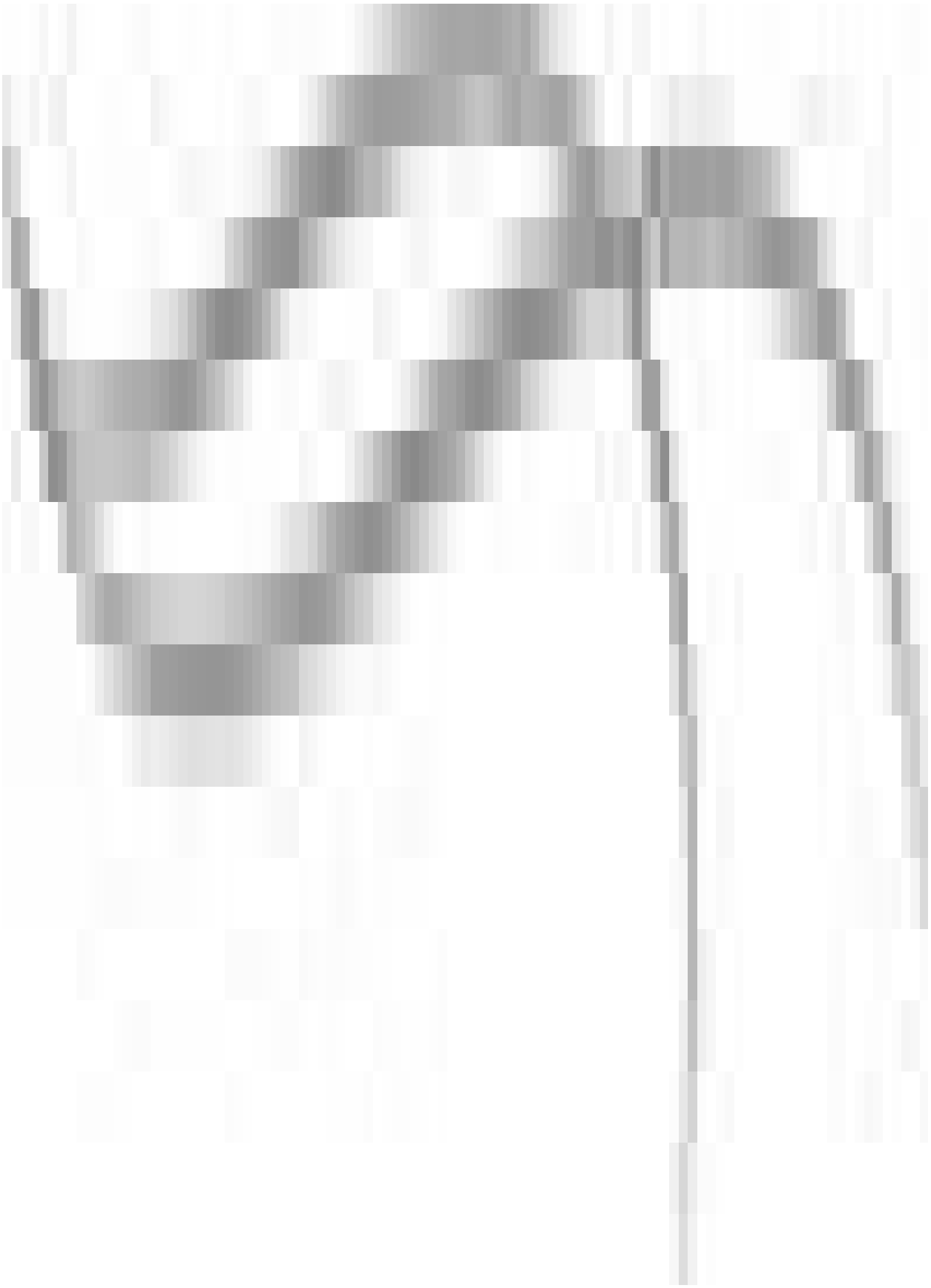
Além desse material, as listas de passageiros, no porto do Rio de Janeiro, conforme levantamento que fizemos, dos anos de 1865 a 1890, confirmam esse vai-e-vem dentro do período de 1865 a 1872/3.[7]

Entre os vários exemplos com referência ao que citamos acima, temos o de Robert Meriwether, que chegou ao Rio de Janeiro, procedente da cidade de Edgefield, SC, a 16.11.1865. Além de ser um agente de imigração, ele próprio estava interessado em fixar-se no Brasil. Depois de muito viajar, desde o litoral paulista ao interior, adentrando cerca de 250 quilômetros, com o intuito de conhecer bem cada lugar, buscou a sua família e escolheu Santa Bárbara para fixar-se. Do meado de 1875 em diante, ele mudou-se para Botucatu, levando sua família e mais a de Joseph Jackson Cherry. Robert viveu até completar os seus 93 anos de idade, quando faleceu. Ali está sepultado.

Outro exemplo foi o do pastor Junius Eastham Newman, metodista, que chegou ao Rio a 24.08.1867, indo morar em Niterói?, RJ. “J. E. Newman” está entre os membros da expedição que seguiu nos primeiros dias de setembro de 1867 para a Bahia, com o agente Alexander Travis Hawthorn. (Ver Biografia de A. T. Hawthorn, na Parte B, pág 330)

A 25.12.1867, Newman achava-se no Rio. Foi aos EUA e, a 31.05.1868,

desembarcava com a sua família no Rio. Em abril de 1869, estavam todos em Saltinho, SP. Sua esposa, Mary Newman, faleceu em 16.12.1876, e foi sepultada no cemitério do Campo. Já viúvo, morou no Retiro. Em 06.07.1879, em Piracicaba, casou-se, em segundas núpcias, com Lydia Eugênia Daniel Barr. A 12.09.1881, já haviam voltado para o Retiro. Em 09.09.1889, retornaram em caráter definitivo para os EUA. Newman faleceu a 12.05.1895, em Mason Co., West Virginia.[8]

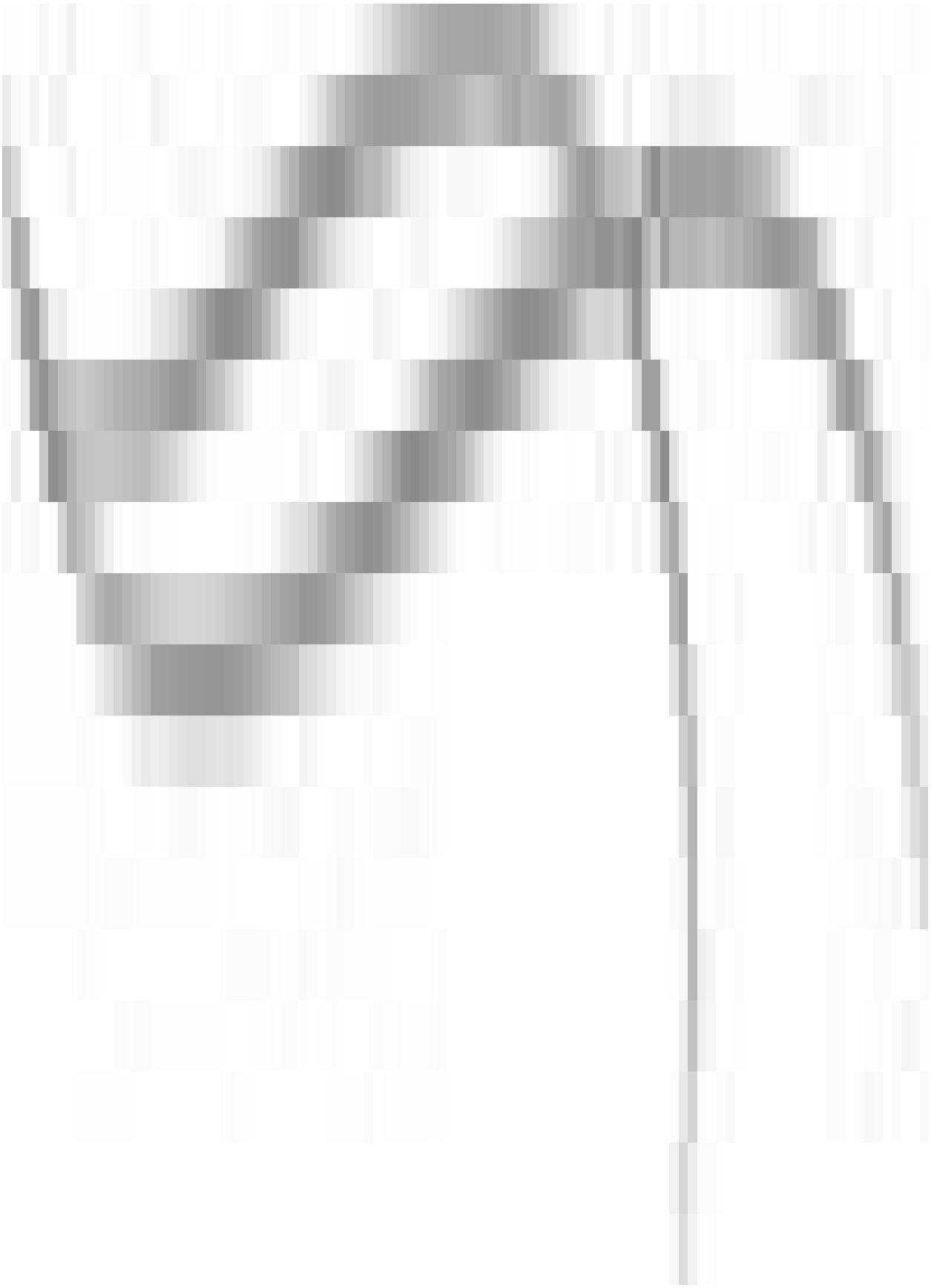


A partir dos dias iniciais de 1866, começaram a chegar os emigrados na região de Santa Bárbara. As famílias foram se fixando na terra, pela aquisição ou arrendamento de propriedades destinadas à lavoura. Espalharam-se em várias direções, numa área que teria um raio, em média, de cerca de 25 a 30 quilômetros, em linha reta, tomando-se a Vila de SB como centro. No caso das famílias Meriwether e Cherry, essa distância alcançou 93 quilômetros, quando se mudaram para Botucatu.

Outros foram chegando até 1872 e 1873, mais ou menos, quando o fluxo dessas vindas foi diminuindo até cessar. Das famílias que ficaram em SB, a descendência espalhada por todo esse país e alhures é a garantia de sua luta e do seu trabalho pioneiro.

Damos a seguir a lista das cidades localizadas em torno de SB e a distância aproximada, em linha reta, em quilômetros, de cada uma delas a SB, para que se tenha uma idéia melhor da localização dessas famílias:

Americana — 8; Botucatu — 93; Campinas — 39; Capivari — 25; Jundiaí — 67; Limeira — 20; Monte-Mor — 22; Nova Odessa — 16; Piracicaba — 30; Porto Feliz — 47; Rio Claro — 39; Saltinho — 44; Sorocaba — 75; Sumaré — (Antiga Rebouças) — 30; Tatuí — 75.[9]



Núcleos — Grupos

Dos emigrados chegados em SB que adquiriram ou arrendaram sítios agrícolas, alguns ficaram mais afastados ou isolados e outros formaram núcleos (ou grupos) espontaneamente. Com uma numeração e critério arbitrários, apenas para esclarecer, reunimos esses núcleos em 5:[10]

Vila de Santa Bárbara, com o ribeirão dos Toledos, adjacências e no caminho para Piracicaba.

Na área de adjacências da Fazenda Machadinho, à margem do ribeirão do Quilombo (hoje área da estação ferroviária de Americana).

a No caminho para Campinas.

b No caminho para a Vila de Limeira, antes e depois do rio Piracicaba.

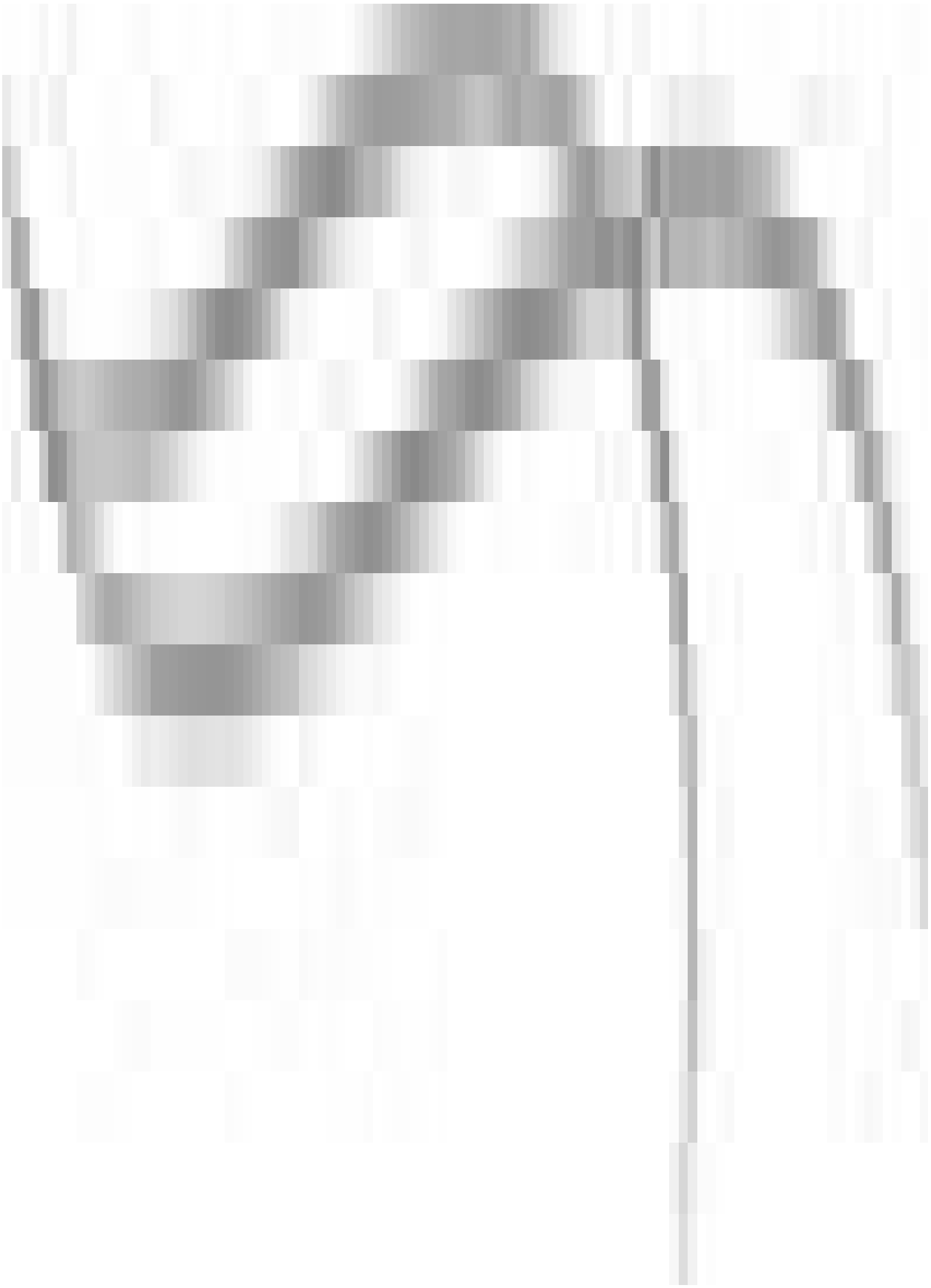
c No caminho para Rebouças (hoje Sumaré) indo pelo Recanto (hoje área de Nova Odessa), ambos à margem da via férrea, inaugurada em agosto de 1875, com final na Station, a Estação de Santa Bárbara (hoje Americana) e, mais tarde, prolongada até Piracicaba.

De Santa Bárbara, na direção da Vila de Limeira, até o Funil, no rio Piracicaba, atravessando o ribeirão dos Toledos estavam as Fazendas Jamaica, Cabreúva e a do Barrocão, esta mais perto da Vila de SB. No Barrocão, na parte mais alta, de onde se avista bem a cidade de SB, e onde ficava a casa de Mary M. Ellis, foi onde ficou hospedado o casal Bagby, em 1881. Em julho de 1984, passamos por esses lugares “saboreando” as informações daquele passado!

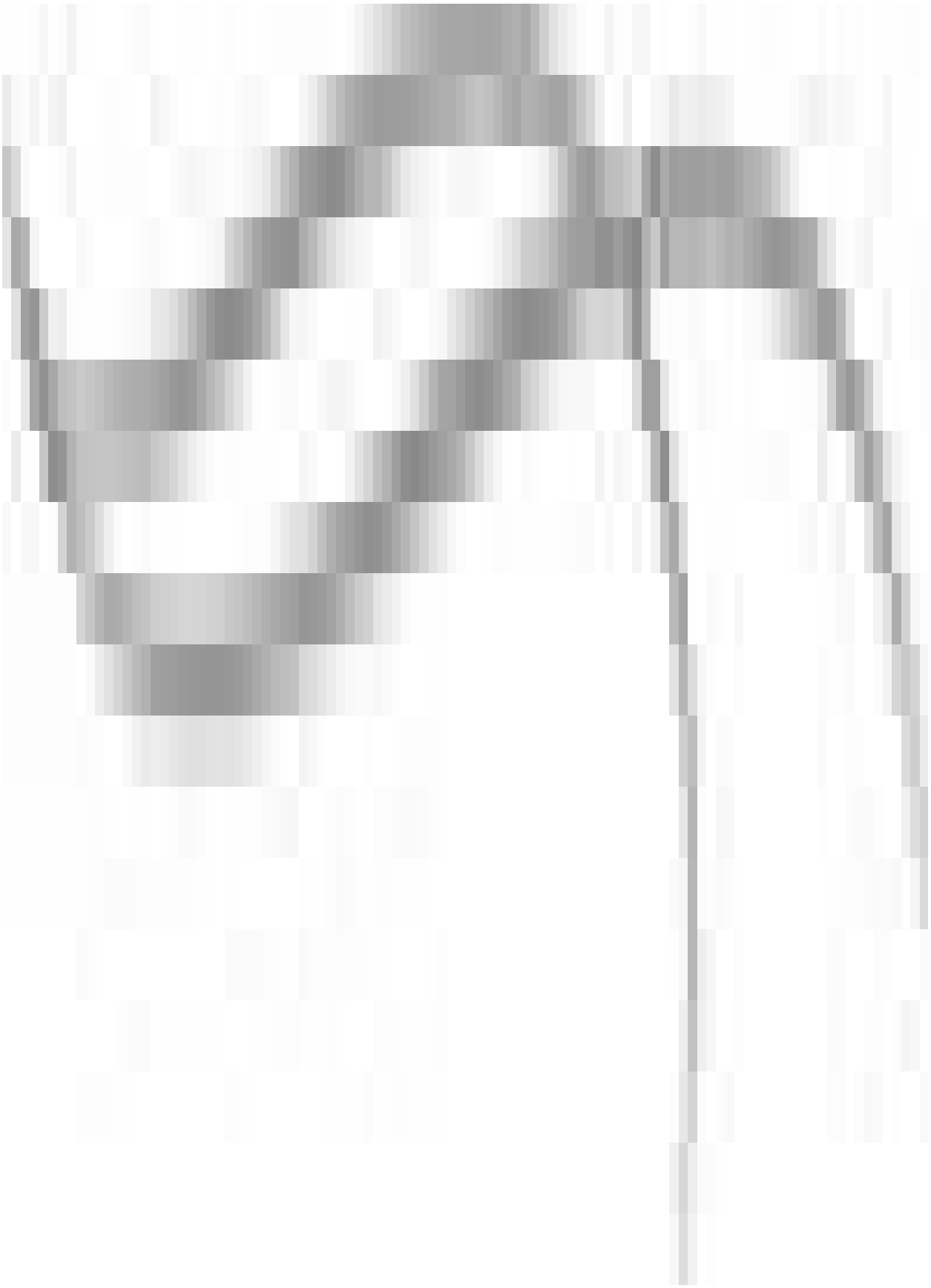
De Santa Bárbara, na direção da Vila de Capivari, quase numa linha paralela ao riacho Toledinho, braço do Ribeirão dos Toledos. Nesse rumo estava o bairro do Retiro e a Fazenda S. Luís. Passamos pelos canaviais. Paramos na ponte sobre o Toledinho. Por ali estiveram aqueles referidos no Doc. de 17.06.1870! —Saindo

de Santa Bárbara para Capivari, temos Saltinho, à direita. Ali, em 20.08.1871, na casa do pastor J. E. Newman, foi organizada a Igreja Metodista em Santa Bárbara.

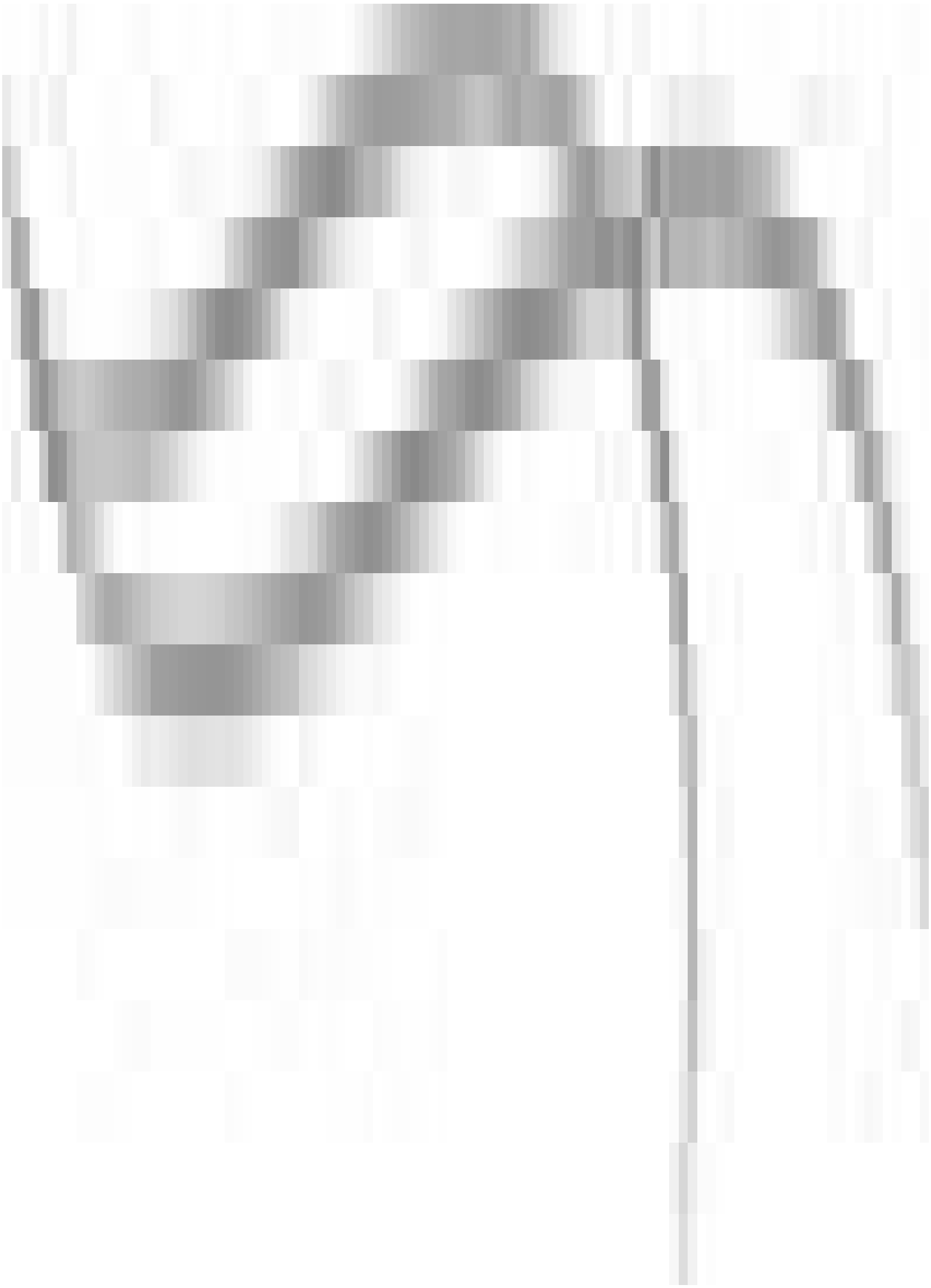
De Santa Bárbara, no rumo da Vila Monte-Mor, do outro lado do Toledinho. Aí é o chamado bairro do Campo, onde permanecem a capela e o cemitério do Campo. De alguns pontos da estrada que vai para Capivari, avistamos, bem ao longe, a chaminé da Usina de Cillos, ponto referencial para o Campo.



“Os americanos que moravam perto da estação pouco contato tiveram com os que habitavam no Retiro. Só se encontravam em ocasiões muito especiais, como um enterro no Campo, ou coisa parecida. Mantinham amizade, mas não tinham tempo de se visitarem muito freqüentemente. Essa situação durou tantos anos que as crianças de um bairro mal conheciam as do outro. O Retiro tinha sua própria escola e professora, como também as crianças do Recanto, que iam à escola de Moore’s Chapel.” (SD 295).



Em toda essa área também moravam brasileiros, alemães, franceses, portugueses, italianos e outros. A maior quantidade de brasileiros estava nos núcleos 1 e 2. Sobre os russos e letos na região, o historiador Oswaldo Ronis informa que os russos chegaram a Nova Odessa em 1905, e os letos, no ano de 1906.[11]



A Comunidade

A comunidade dos emigrados dos EUA, em SBSP, era formada, na quase totalidade, de sulistas provindos dos Estados Confederados. Chegaram em diferentes datas, diretamente dos EUA ou como remanescentes de grupos emigrados que haviam tentado estabelecer-se em outros lugares do Brasil.

Vieram confiantes no futuro, sem qualquer plano prévio para o seu estabelecimento neste país. A rigor, nem mesmo depois de estabelecidos contaram com a orientação de um guia, a não ser a ajuda que recebiam dos seus compatriotas, dotados de dom de liderança; e isto quando se tornava óbvio.

Era um grupo heterogêneo em terra estranha. Quase em estado de mudança permanente, enfrentavam momentos de nostalgia e os problemas oriundos de uma situação singular. Os mais velhos queriam manter os costumes da terra mãe, induzindo os filhos e netos a segui-los. Mas isso não seria possível que ocorresse por completo.

A língua inglesa era falada e mantida na comunidade. Os jovens e as crianças, incluindo as já nascidas em SB, aprenderam também o português. O relacionamento com os brasileiros favoreceu esse aprendizado. As mudanças de costumes, da língua, do clima e forma de vida tornaram-se um processo demorado e doloroso. Mas, não havia outro caminho.

A agricultura passou a ser a atividade principal. Mesmo os que não eram agricultores foram levados a amanhar a terra pela necessidade de subsistência. Criavam animais para a obtenção de carne e leite. Faziam a manteiga, o queijo, o pão e parte dos tecidos para as roupas. Também fabricavam os seus móveis e utensílios.

Na palavra de Judith MacKnight Jones, autora de “Soldado Descansa”, o Major Robert Meriwether foi o principal professor e introdutor do arado, ensinando aos brasileiros como usá-lo e as suas vantagens. Foi tão grande o sucesso que começaram a aparecer os fabricantes de arados.

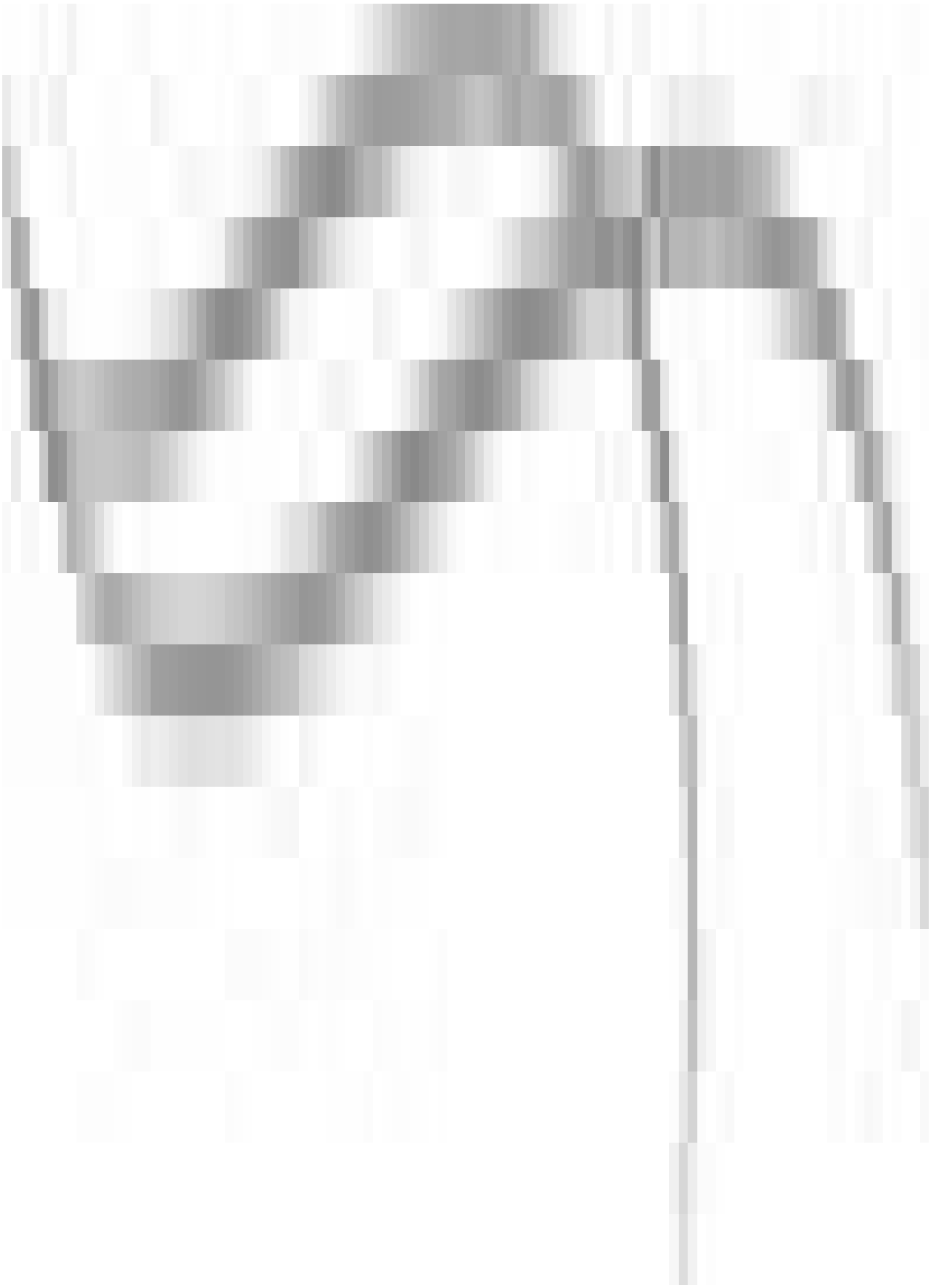
Meriwether era batista. E tendo dentro de si a força espiritual de um salvo em Cristo, não se isolou, mas, passou a sua influência para além das paredes de um templo. Meriwether talvez nem tenha percebido o bem que fez aos brasileiros com aquela sua ação.

“Os americanos ficaram famosos em seu tempo pela habilidade com que lidavam com burros e pela perfeição do serviço com os arados. A novidade do arado espalhou-se nas redondezas onde moravam, e para os lugares mais distantes. O interesse era tão grande que foram convidados a fazer uma demonstração pública em São Paulo, no Parque D. Pedro II, e convocados lavradores de todos os recantos para aquela tão importante demonstração. (...) Abe Thomas tomou parte nessa demonstração e ganhou o primeiro prêmio. (...) Tal linguajar, os caboclos que trabalharam para os americanos, aprenderam. Foram além e aprenderam também as palavras de irritação, usadas quando os burros teimavam em não obedecer.” (SD 321, 322)

No trabalho agrícola sentiam as durezas das secas, do excesso das chuvas, dos altos e baixos financeiros com a maior ou menor produção. Sofriam com certas medidas do governo que lhes prejudicava de modo irreparável, como foi o caso do confisco da produção de melancias, na década de 1890. O motivo apresentado foi que seriam elas as causadoras da febre amarela! Possuímos cópia do documento dos 35 agricultores NA solicitando ao governo a indenização dos prejuízos. O processo foi engavetado.

“Imigração Americana — Os imigrantes do Sul dos EUA apenas chegados há um ano já principiam a exportar para esta praça produtos de sua lavoura, demonstrando assim a eficácia dos meios e a assiduidade que empregam no seu trabalho. O vapor ‘Paulista’, entrando ontem de Santos, trouxe 63 fardos de algodão, sendo das fazendas dos srs. R. F. Campbell e J. J. Bentley — 21 fardos, de M. J. Daniel e Co. — 20 fardos e de J. A. Cole e James N. Anderson — 22 fardos”[12]

A notícia acima é um exemplo, entre muitos, focalizando a operosidade dessa gente.



Para a aquisição de suas propriedades tiveram que comprá-las ou arrendá-las de brasileiros. Abandonaram a possibilidade de obtê-las do próprio governo do Império, por compra parcelada, uma vez que as terras oferecidas eram inadequadas para o tipo de atividade agrícola usado por eles. Além do mais, encontravam-se em região isolada e de difícil acesso. A escolha feita pelos agentes que trouxeram esses emigrados, não atendia aos desejos e necessidades dos colonos.

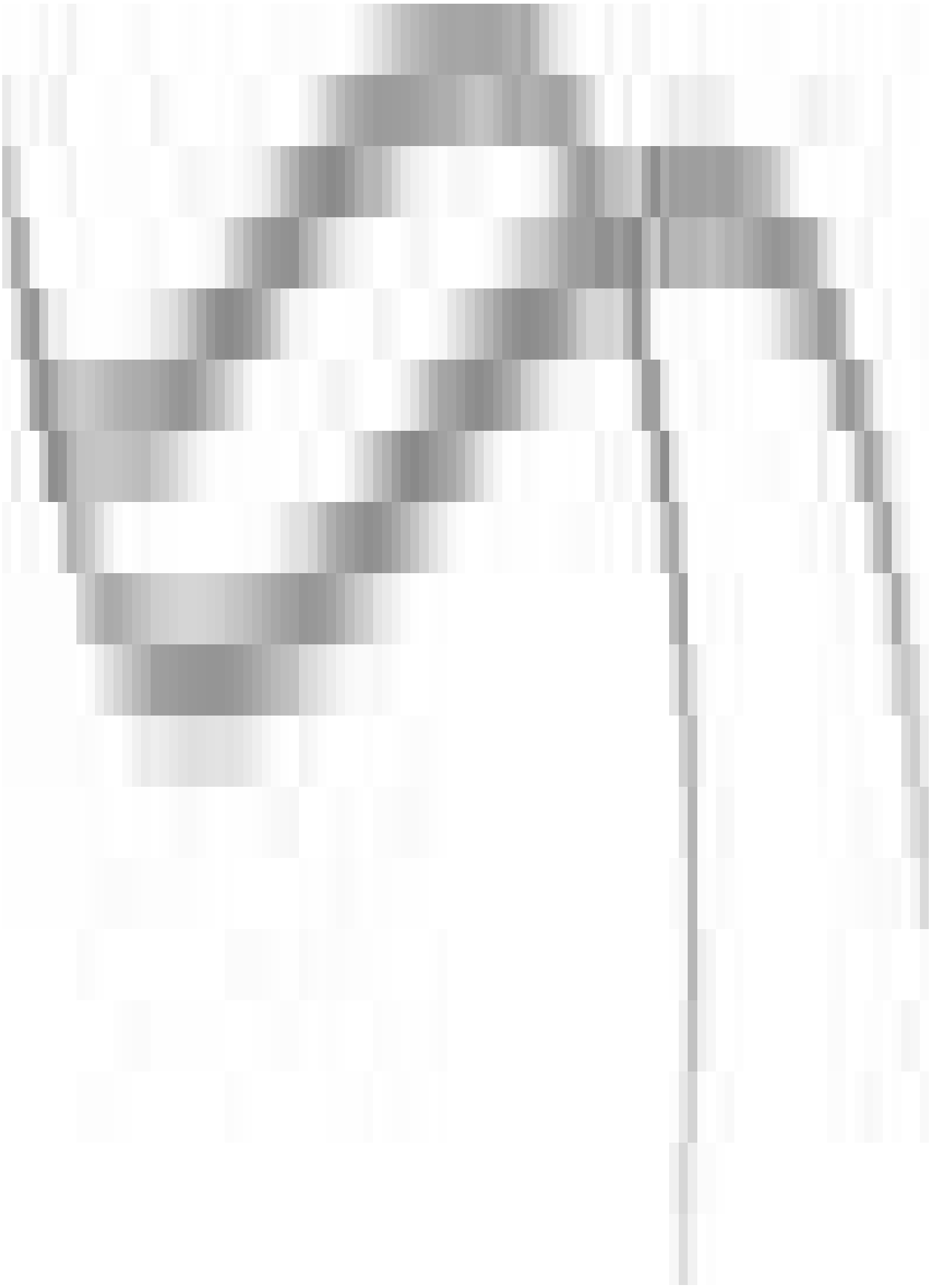
Vejamos um exemplo que extraímos do Memorial da Medição e Demarcação das terras requeridas por Frank McMullan, às margens dos rios S. Lourenço e Itimirim, na Província de S.Paulo, feita pelo engenheiro Ernesto Diniz Street. Esse Memorial encontra-se no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Lata 1146-A, Doc. 78, em "Terras e Colonização". É longo e cheio de detalhes, mas, aqui temos um pequeno trecho:

"... Este território é de tal maneira montanhoso que depois da medição de 14 Secções fui obrigado parar a medição, por não poderem os agrimensores vencer os paredões, que formam as suas imensas montanhas, que vêm descer a prumo nas margens do rio Açungui, que o corta em toda a extensão da parte medida."

Espalhando-se a informação de que a área de SB era ideal para o que desejavam, aos poucos foram-se chegando, a começar de janeiro do ano de 1866. A partir de 27.10.1866, até o final de 1880, há quase uma centena de registros de Escrituras de Compra e Venda, além de outros registros como procurações, testamentos, hipotecas, etc. Referimo-nos ao Cartório de Notas de Santa Bárbara, SP. [13]

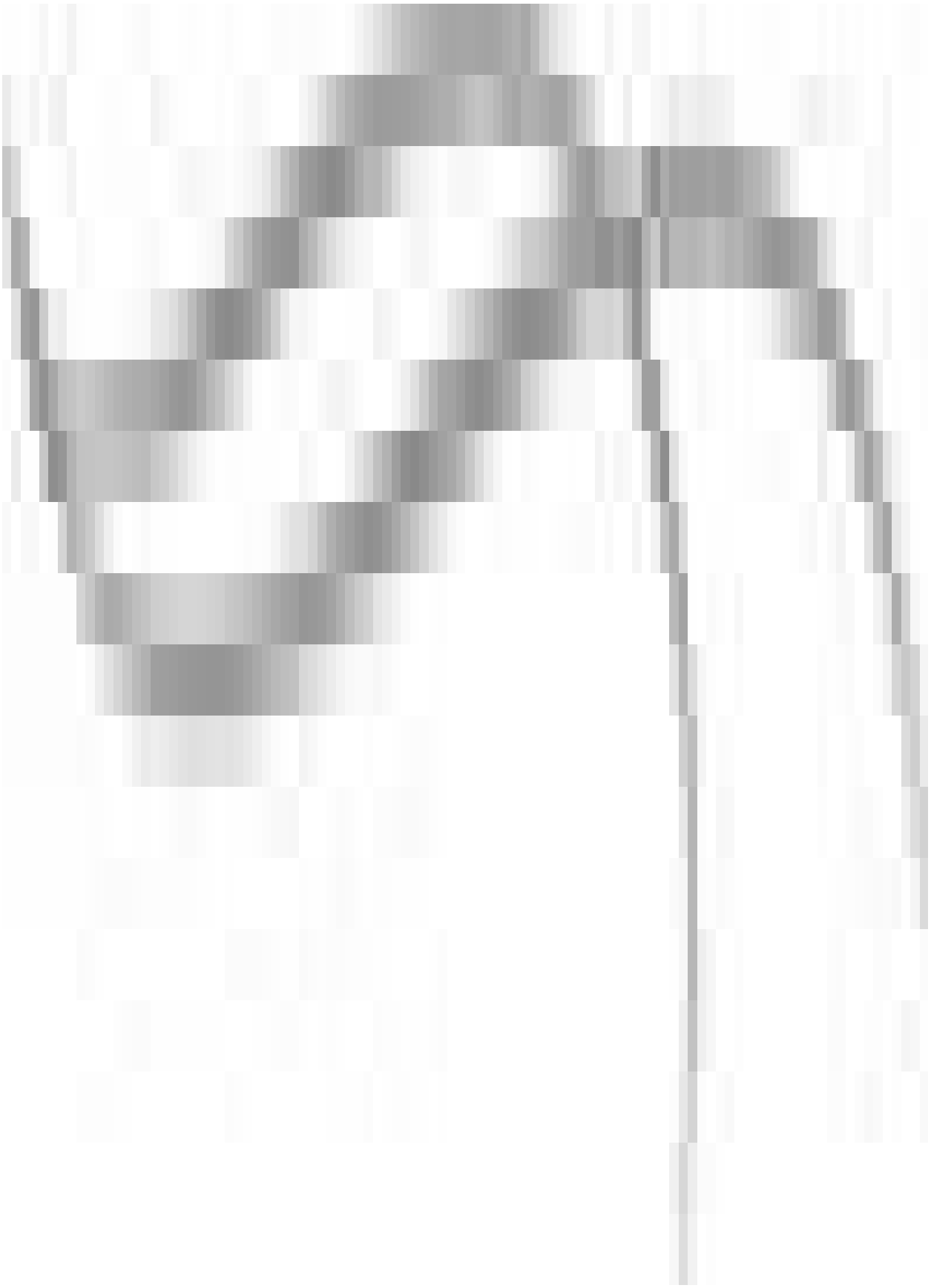
Em Campinas, há registros de outras escrituras e documentos. Todavia, não conseguimos localizar o livro que nos daria a informação referente à primeira Escritura de Compra e Venda, no início de 1866.

Desse modo, há uma farta comprovação do movimento de entrada, saída e fixação do elemento emigrado à terra que o recebeu.



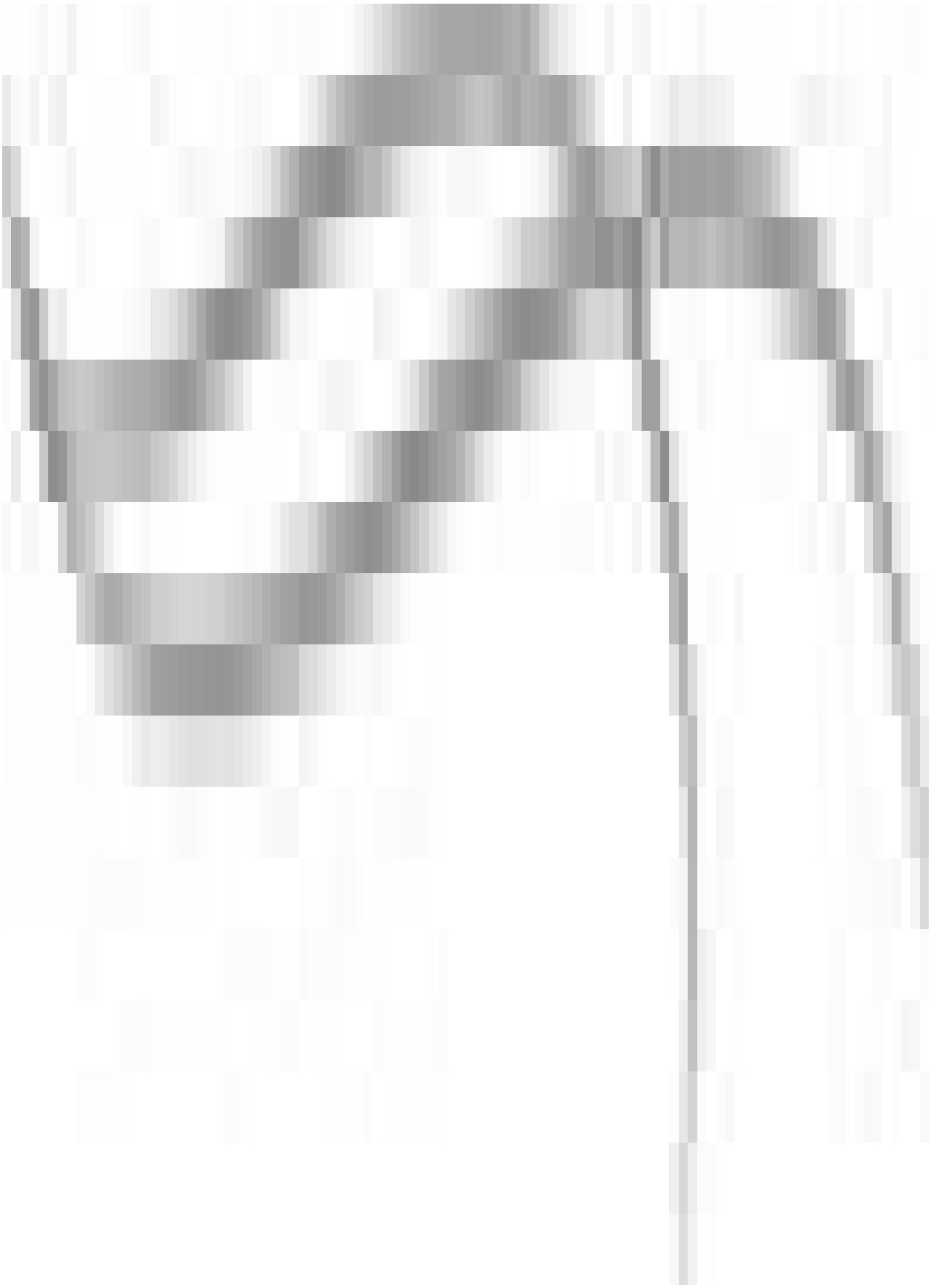
A vinda de parte desses emigrados dos EUA deu-se com as passagens emitidas pelo governo do Império, cujo valor deveria ser a ele reembolsado, em parcelas, dentro de um determinado tempo. O agente que os trazia era o responsável por tudo.

Outra parte veio por conta própria. Em geral, os nomes desses aparecem nas listas de passageiros, porque quase sempre viajaram de primeira classe. Enquanto que com referência aos nomes dos que vinham em grupo, o registro dava apenas o número deles. Há sinais evidentes de que havia listas com os seus nomes, de acordo como iam chegando, e deviam ser apresentadas ao setor do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas — 3ª Diretoria. Elas, porém, não foram localizadas. Diga-se de passagem que é um pouco estranho a constância do desaparecimento, em arquivos oficiais, de certos documentos relacionados com os emigrados dos EUA.



Não há dúvida de que as adversidades foram muitas em meio às circunstâncias tão estranhas. Porém, a têmpera desses emigrados é digna de registro. Sarah Bellona Smith [Sra. T. E. Ferguson] registrou que “... eles eram bravos, nobres e sinceros heróis e não cabeçudos como alcunhados por certo escritor”.

Não fora a fé e a esperança, a comunidade teria se desintegrado logo ao formar-se. Com as flutuações inevitáveis, o ideal de construir algo novo para si e seus descendentes, como também para os que os cercavam ali na terra adotada, levou a comunidade a se manter no seu posto até que pareceu ter cumprido a sua missão. Por fim, os seus componentes misturaram-se com os brasileiros. Aportuguesaram os seus nomes e houve casamentos com outros que não eram da comunidade. E nada os impediu para que plantassem, firmes, a semente da fé.



Meios De Comunicação

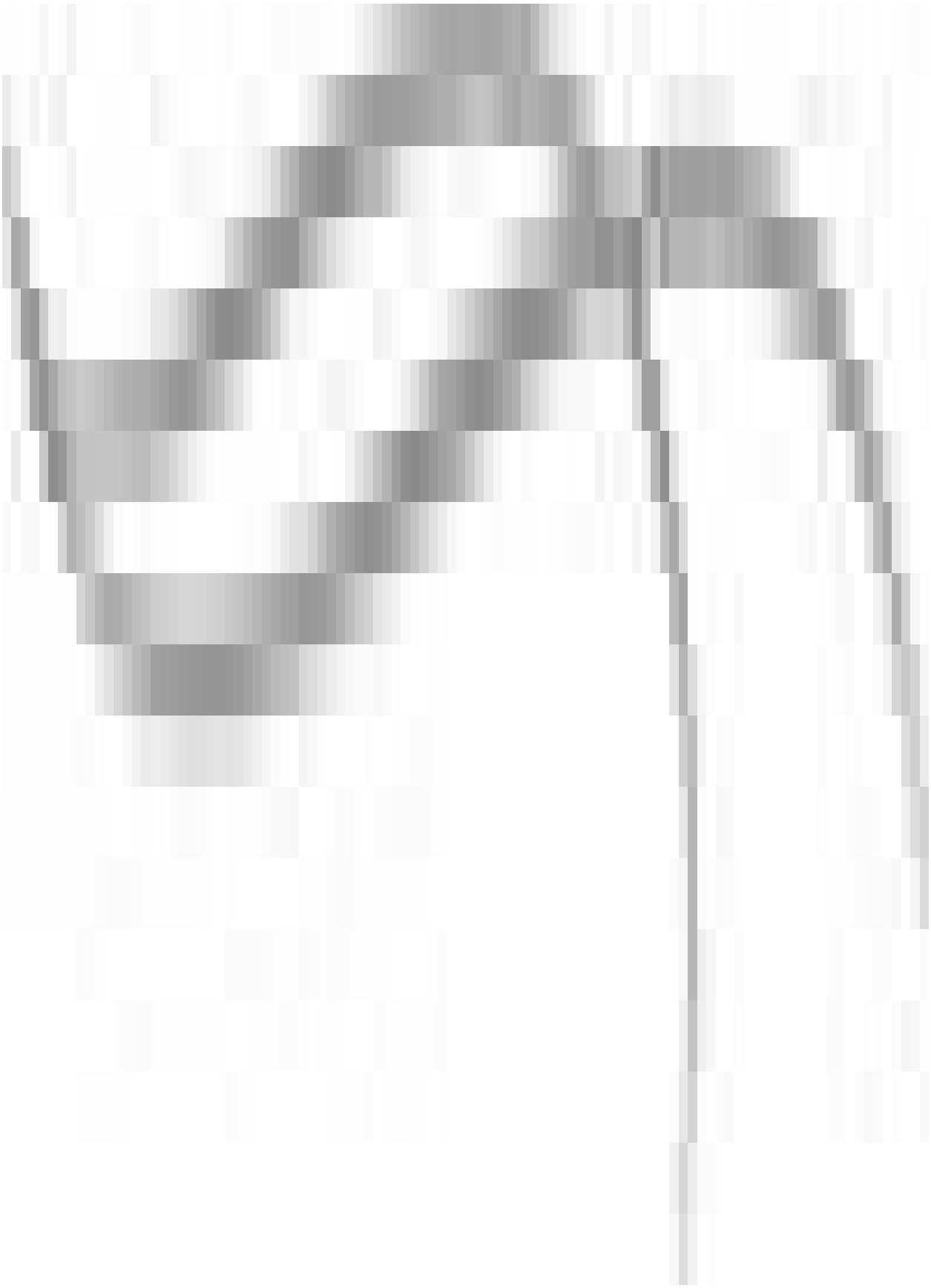
As estradas e caminhos na região foram sempre difíceis, e geralmente mal conservados. Num dos livros da Câmara Municipal de Capivari, de 1874-1884, encontramos quatro registros de reclamações anotadas no período de março a setembro de 1880, quanto ao abandono em que estava a estrada que ligava Capivari e Santa Bárbara. A Câmara Municipal nomeou uma Comissão para tentar dirimir o problema criado por valos abertos próximo à estrada, atoleiros e árvores de grande porte derrubadas sobre ela, impedindo a "... passagem até mesmo de pessoa a pé". Aliás, foram-se as árvores! Hoje há quase só canaviais! E ao tempo de nossa passagem por ali, com o esposo, em 1977, essa estrada continuava de chão batido!

E depois, em julho de 1984, verificamos que ainda não era fácil a comunicação entre Santa Bárbara e Capivari. Por último, disseram-nos que a presença de tratores indicava a preparação da estrada para o esperado asfaltamento!

Tantos anos são passados, desde quando os missionários W. B. Bagby e Z. C. Taylor foram levados através daquela mesma estrada, por William F. Thomas, até Capivari, onde Antonio Teixeira de Albuquerque estava residindo. Isto deve ter ocorrido entre fevereiro e abril de 1882.

De táxi, há alguns anos, fizemos o percurso por ela, até o lugar da Fazenda S. Luís, num espaço de 20 minutos, tendo como ponto de partida, o final da estrada pavimentada na saída da cidade de SB. Isto vale dizer que aquele percurso, feito no lombo de cavalo ou num carro de tração animal, era demorado e difícil. (Ver pág. 679 - Parte E, imagens E60, E61, E62)

A locomoção, naqueles tempos, era feita a pé ou no lombo de cavalos; e, mais tarde, em carroças e em troles, ambos de tração animal.

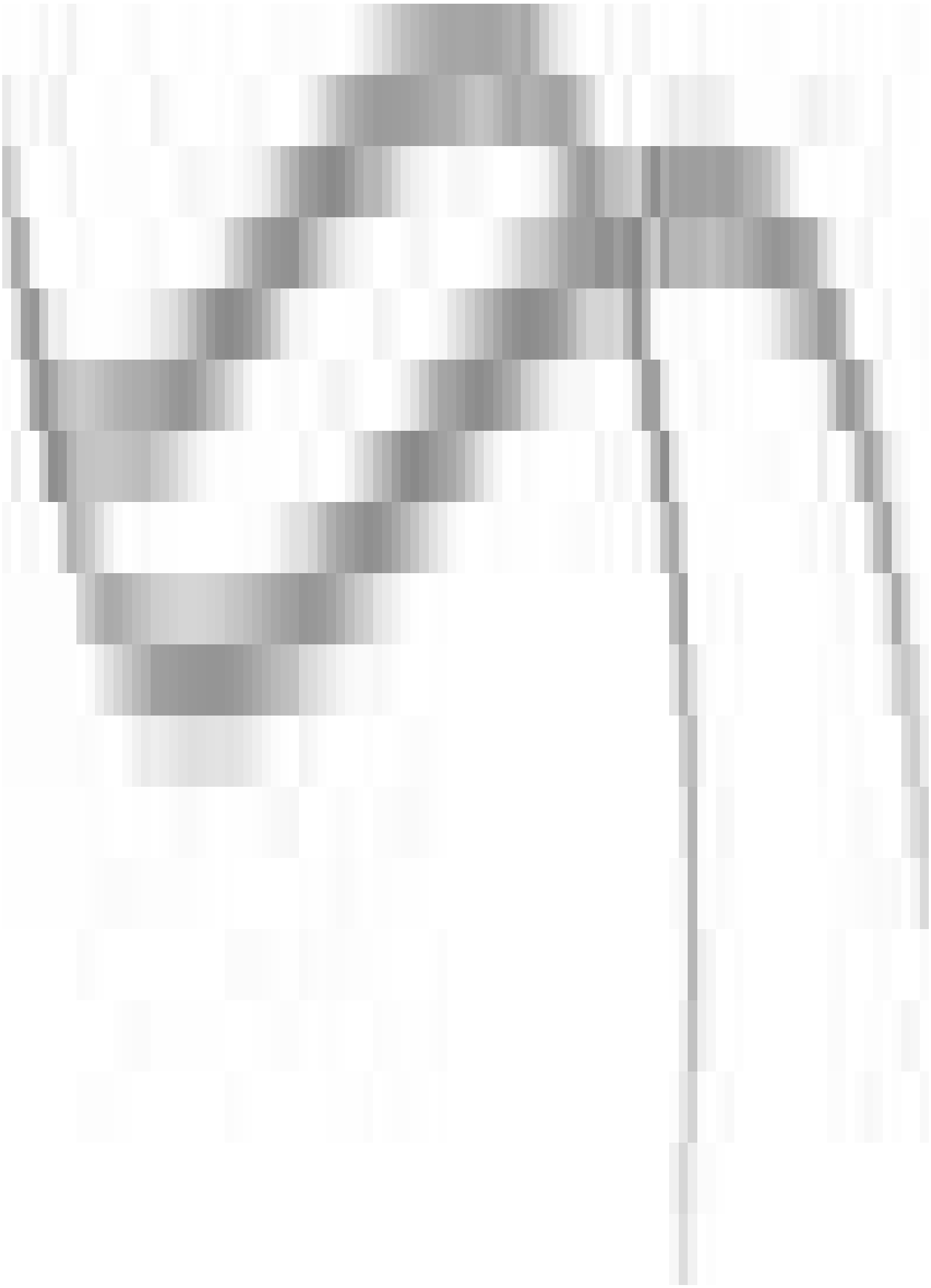


“... Na última semana, o Rev. Le Conte e eu fizemos breve visita à colônia americana perto de SB. Fomos tomar parte, com o irmão Baird, na celebração da Ceia. Não há senão um punhado de presbiterianos entre a população americana, contudo há geral atenção à prédica. Está para chegar a estação seca, quando as estradas hão de ficar em melhores condições.”

A notícia acima foi dada por Dr. Eduardo Lane, em HIPB-I, p. 114.

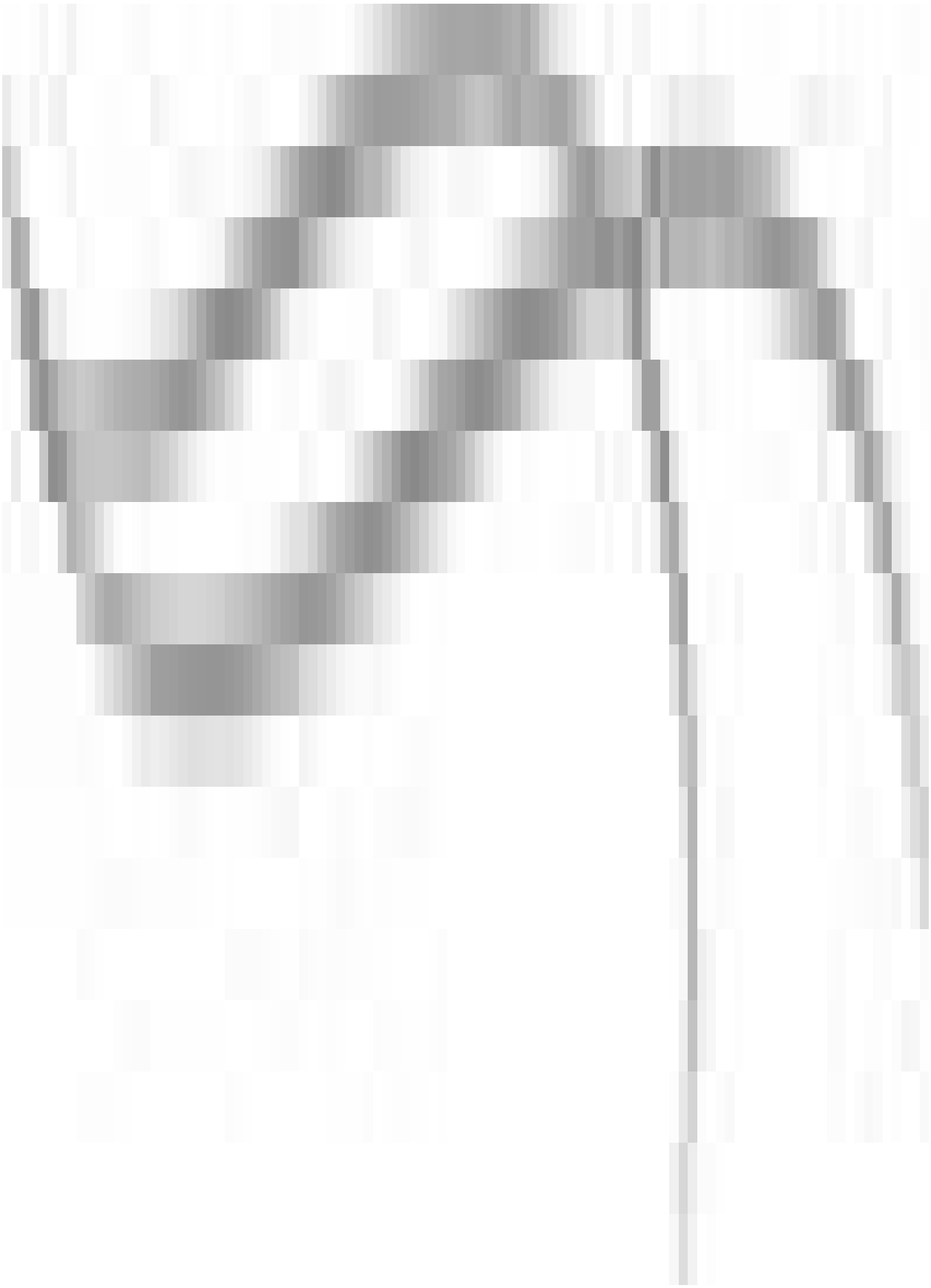
“... Os moradores do Retiro tinham um caminho primitivo que os levava, em linha mais ou menos reta, até o bairro do Campo. Tinham que atravessar um braço do ribeirão dos Toledos, chamado Toledinho. Havia um lugar em que as águas espraiavam na areia e davam passagem mais fácil.” (SD 227)

“... Há muito era sonho dos americanos ter uma igreja perto da estação, onde, com mais comodidade, os pastores visitantes pudessem servi-los. O Campo era longe da estação e com a temporada das chuvas os caminhos ficavam tão ruins que era quase temeridade fazer a viagem”. (SD 307/8).

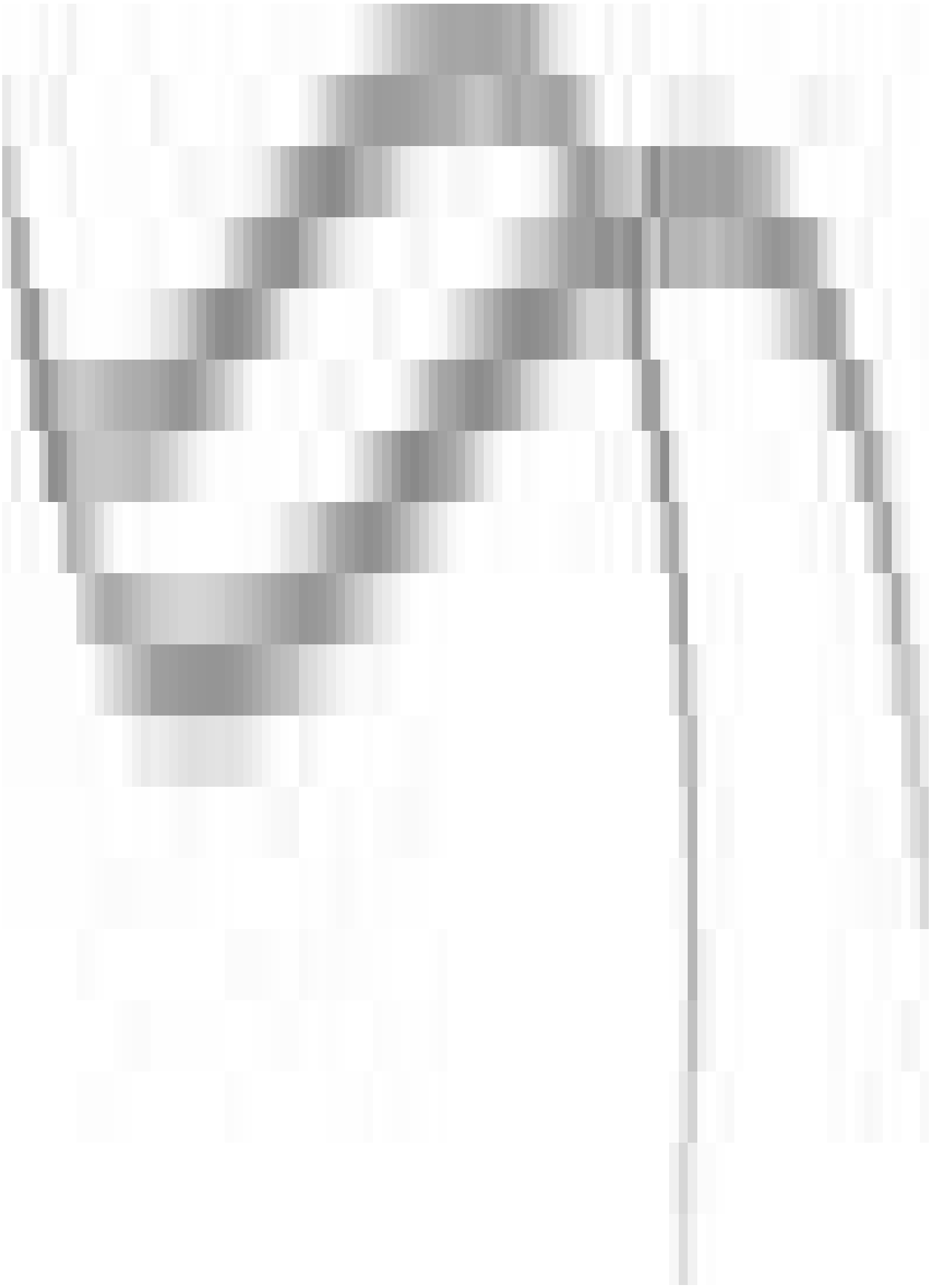


Em agosto de 1875, a estrada de ferro foi inaugurada, ligando Santos até a Estação de SB, passando por São Paulo, Jundiaí, Campinas, Rebouças (hoje Sumaré), Recanto (hoje área de Nova Odessa). A pequenina casa que serviu de estação para o Recanto, ainda existia bom número de anos depois. Essa linha férrea estendeu-se até Piracicaba, passando junto à Usina de Cillos, em meio aos canaviais.

No caminho de Americana para o Campo, a chaminé dessa Usina serviu de referência. Atravessava-se a cancela sobre os trilhos e então o resto da viagem corria por conta da prática de quem conhecesse as “ruas” dos canaviais!



A estrada de ferro foi de muita utilidade para a colônia, ao tempo quando os produtos agrícolas eram dali enviados para São Paulo e Santos. Também, o trem era o portador das malas postais, além do próprio transporte de passageiros. De Campinas até Santa Bárbara, o trem gastava uma hora na viagem, tal como encontramos registrado em diversos documentos.



Registros De Nascimentos, Casamentos E Óbitos De Acatólicos. Cemitério. Museu. Capela. Sociedade Fraternidade Descendência Americana.

Até o advento da República não havia amparo legal para o registro de nascimentos, casamentos e óbitos em qualquer cartório no Brasil, para os acatólicos. Alguns foram feitos pela inteira responsabilidade e ordem especial do juiz de paz local. Há menção de que alguns registros de nascimentos foram feitos no Consulado em Santos; mas, ao tempo, não localizamos qualquer desses registros no Brasil e nos Estados Unidos, nos respectivos arquivos. SD 272, par. 4.

A religião oficial do Império era a católica romana. Desse modo, só os católicos romanos tinham os seus direitos oficiais assegurados. A situação tinha, porém, que ser mudada. Surgiu o Decreto do Império, nº 1 144, de 11.09.1861, regulamentado pelo de nº 3 069, de 17.04.1863. O primeiro reza no seu cabeçalho:

"Faz extensivo os efeitos civis dos casamentos, celebrados na forma das Leis do Império, aos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado, e determina que sejam regulados o registro e provas destes casamentos e dos nascimentos e óbitos das ditas pessoas, bem com as condições necessárias para que os pastores de religiões toleradas possam praticar atos que produzam efeitos civis."

A regulamentação contida no segundo é extensa. Apenas mencionamos aqui o seguinte: para os casamentos, o Ministro de religião teria que fazer o seu registro na Secretaria do Império, obedecendo a diversos requisitos. Após a cerimônia do casamento, o pastor ou rabino expedia uma certidão do ato realizado e esta era registrada em Livro Especial na Câmara Municipal. Assim, o casamento estava

legalmente feito.

Os registros de nascimento e óbito eram feitos em livros especiais pelo juiz de paz local e ficavam sob a sua guarda. Desde que encerrados, deviam ser juntados ao de casamentos, na Câmara Municipal.

Em nossas cansativas andanças, por muitos lugares, não encontramos nem um desses livros de registro de nascimento e óbito. Devem ter sido recolhidos, por uma portaria especial, interna, da Secretaria do Império e depositados em lugar de difícil acesso! Em algumas das Câmaras encontramos bem conservados, os livros de registro de casamentos acatólicos. Do de Santa Bárbara possuímos cópia dos assentamentos de todos os casamentos que foram nele registrados. Assim, também, os da capital São Paulo.

Apesar desses decretos, os sepultamentos de acatólicos, nos cemitérios municipais, continuaram proibidos pela Igreja Romana, por ela considerá-los de sua propriedade. Assim, quando ocorreu o primeiro falecimento de um dos emigrados dos EUA, o problema surgiu. Onde seria o sepultamento?

Entre os de SB houve o caso de Beatrice Elisabeth Oliver, que foi inumada em sepultura feita na sua propriedade, no lugar chamado Campo. Isto ocorreu a 13.07.1868. Pouco depois, as filhas ocuparam seus lugares ao lado da mãe. Outros sepultamentos se sucederam ali. E, assim, aquela área ficou sendo o Cemitério do Campo, que, até hoje, é conhecido como o Cemitério dos Americanos.[14] Posteriormente, foram trasladados para esse cemitério os restos mortais dos emigrados americanos que tinham sido inumados em outros lugares.

Encontramos, casualmente, num jornal de Salvador, de 1867, no arquivo do IHGBa, uma notícia procedente de Sorocaba, SP, relatando que um NA fora sepultado no cemitério municipal, com a ordem do pároco. No dia seguinte, este foi avisado de que o morto era um protestante. O pároco ordenou a exumação, e conseqüente inumação do morto, do lado de fora do cemitério!

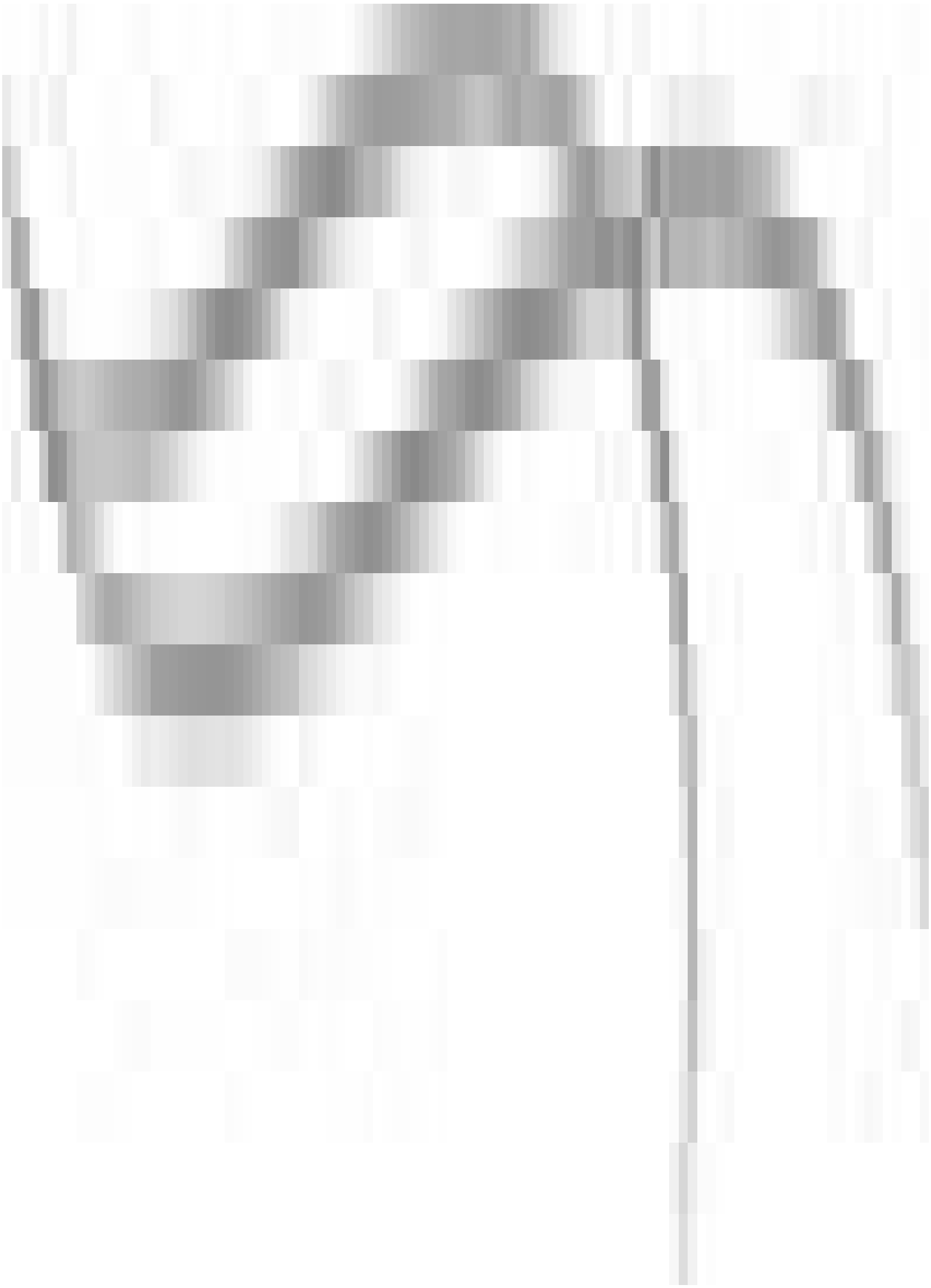
Quando o agente Frank McMullan faleceu, em 27.09.1867, em Iguape, um morador de nacionalidade alemã permitiu que o sepultamento de McMullan fosse feito no quintal de sua propriedade.

Em Maceió, no Arquivo do Estado de Alagoas, encontramos material referente ao assunto. De um caso, tomamos as seguintes anotações para a ficha: “Clero. 1867-1870, maço 8, est. 10 — Ofício de 25.10.1870, do Vigário Capitular da

Diocese de Pernambuco, sobre a exumação do cadáver de um protestante no cemitério de Penedo, bem assim a ‘reconciliação do mesmo cemitério’. O protestante fora ali ‘inadvertidamente sepultado’ ”.

De “Clero, 1876-1881, Lata M-10, E-10”, tiramos cópia de um Ofício, de Maceió, 07.04.1877, do Coadjutor P. José Vieira Marques, ao vice-presidente da Província de Alagoas. Menciona um Manoel Sarmento, falecido no dia anterior. Transcrevemos um pequeno trecho:

“... Obstinado nos princípios religiosos do protestantismo, que durante a vida ostentava seguir, recusando até na morte voltar ao seio da Igreja Catholica, de que havia apostatado, na qualidade de parocho neguei-lhe a sepultura (...) fazendo ver aos interessados que devião sepultar se o cadáver na área do Cemitério destinada para os acatholicos, como tem sido observado (...) Confio que se dignará V. Excia. tomar em consideração a repressão de semelhante arbitrariedade, afim de que não abra ella a porta a novos escandalos e abusos.”

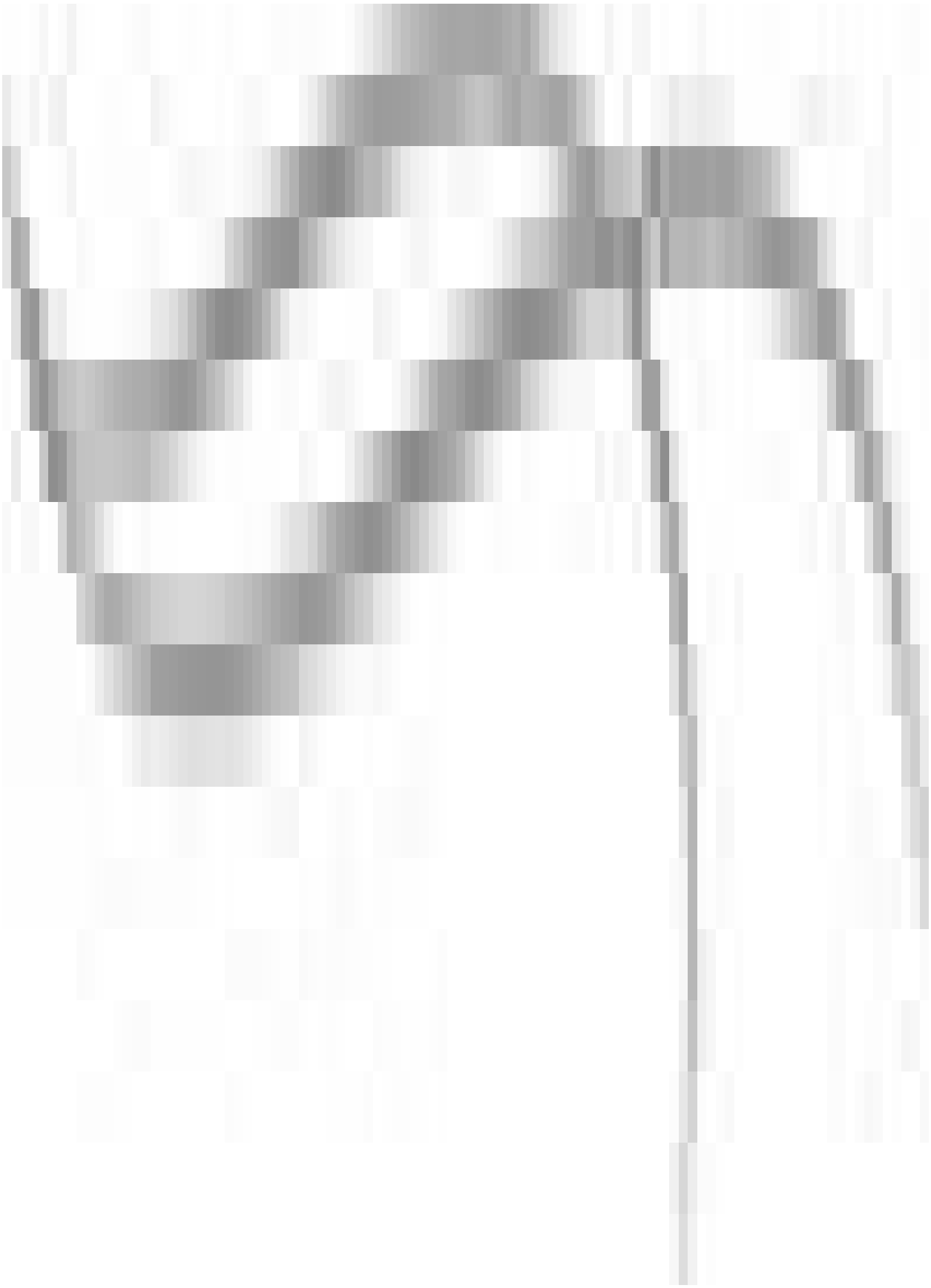


O Cemitério do Campo, em Santa Bárbara, está em meio a canaviais e outras plantações. Os caminhões que carregam cana cortada derrubam os sinais indicadores do caminho rumo ao cemitério. Já também não existem mais aquelas árvores que serviam como pontos referenciais. Há um bom número de “ruas” de chão batido. Faz tempo quando o caminho era marcado a começar pela chaminé da Usina de Cillos. Embora não seja muito fácil, mas, chega-se lá!

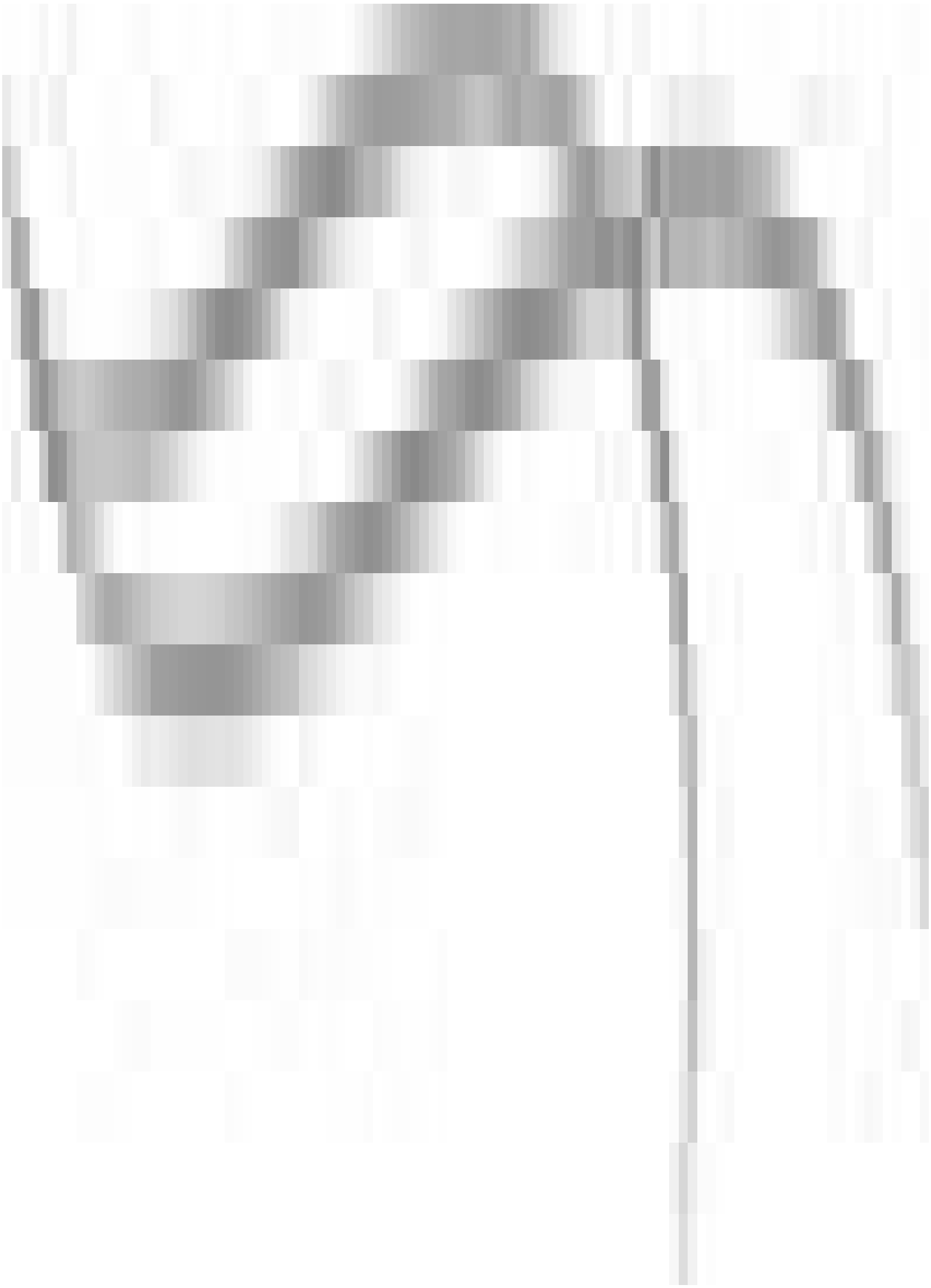
Com a divisão administrativa, criando o município de Americana, o cemitério ficou no de SB. Ele fica a uma distância de cerca de 12 quilômetros eqüidistante de Americana e de SB. O fato de encontrar-se afastado das cidades cria embaraços para a sua manutenção e conservação. Ali está a Capela, a casa do zelador, o monumento comemorativo da vinda daqueles emigrados, inaugurado a 16.10.1966 e um galpão para reuniões. O Museu foi transferido para a cidade de Santa Bárbara d´Oeste. (Ver págs. 667-674 - Parte E - imagens E29-E49)

O terreno sofre, de tempo em tempo, acomodações de suas camadas, produzindo rachaduras no próprio chão, nos túmulos, na capela etc, O monumento ainda resiste. Estando isolado, o cemitério já tem sofrido na mão dos vândalos. Maltratam os túmulos, roubam as placas, vasos de flores e mais o que lhes apetece!

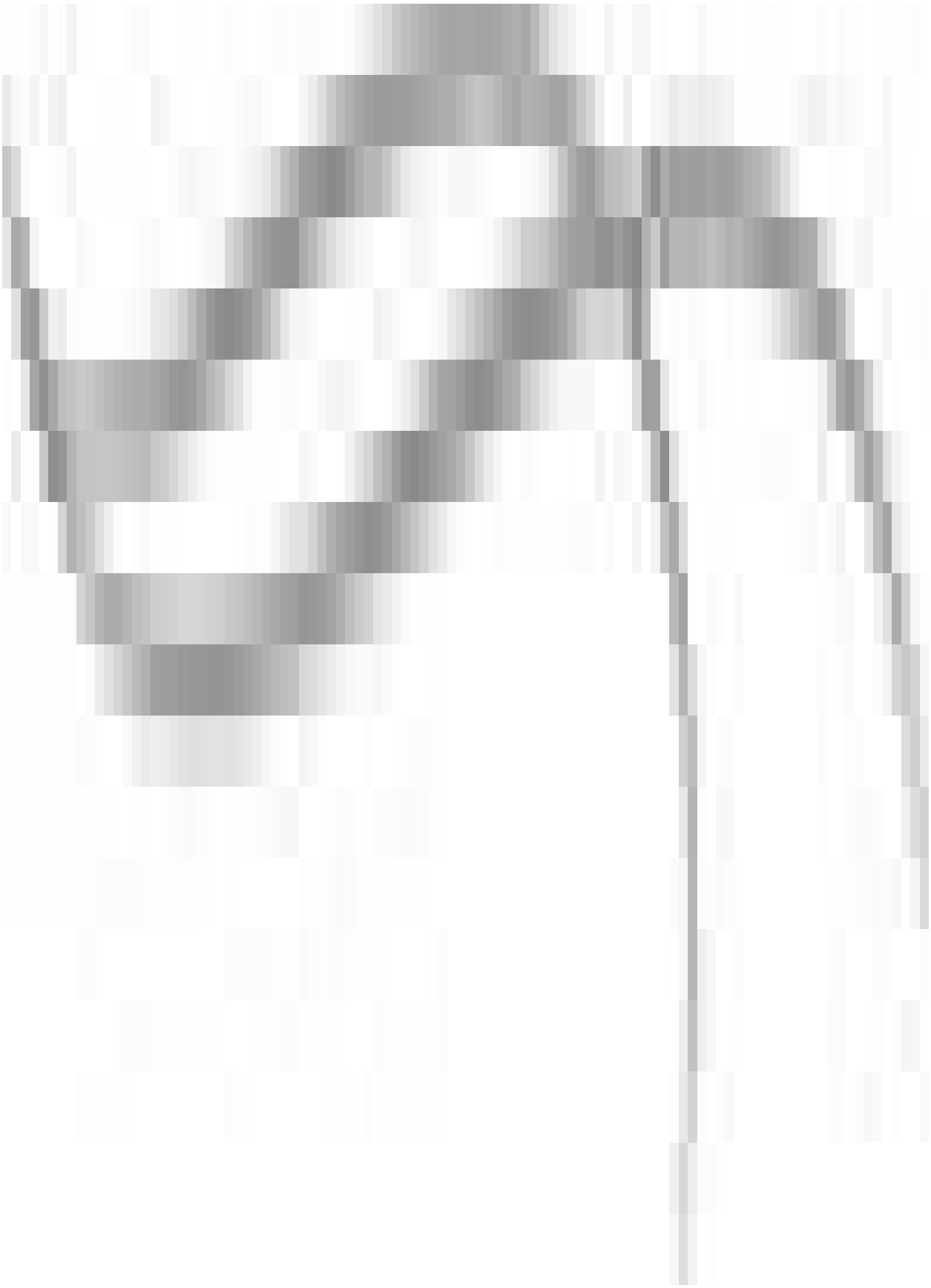
Não se sabe onde ficou o livro nº 1 de Registro de Inumações do Cemitério do Campo! Há túmulos sem identificação e o longo tempo destruiu os derradeiros sinais de vários sepultamentos. Em 1978, publicamos, em livro, o levantamento e retratos dos túmulos existentes e os marcos dos que ainda possuíam, ao tempo, algum sinal de identificação; também a transcrição de suas lápides.



Os descendentes daqueles colonos de SB têm ali, se o desejarem, o lugar para a guarda de seus restos mortais, no pedaço de chão reservado para cada família.

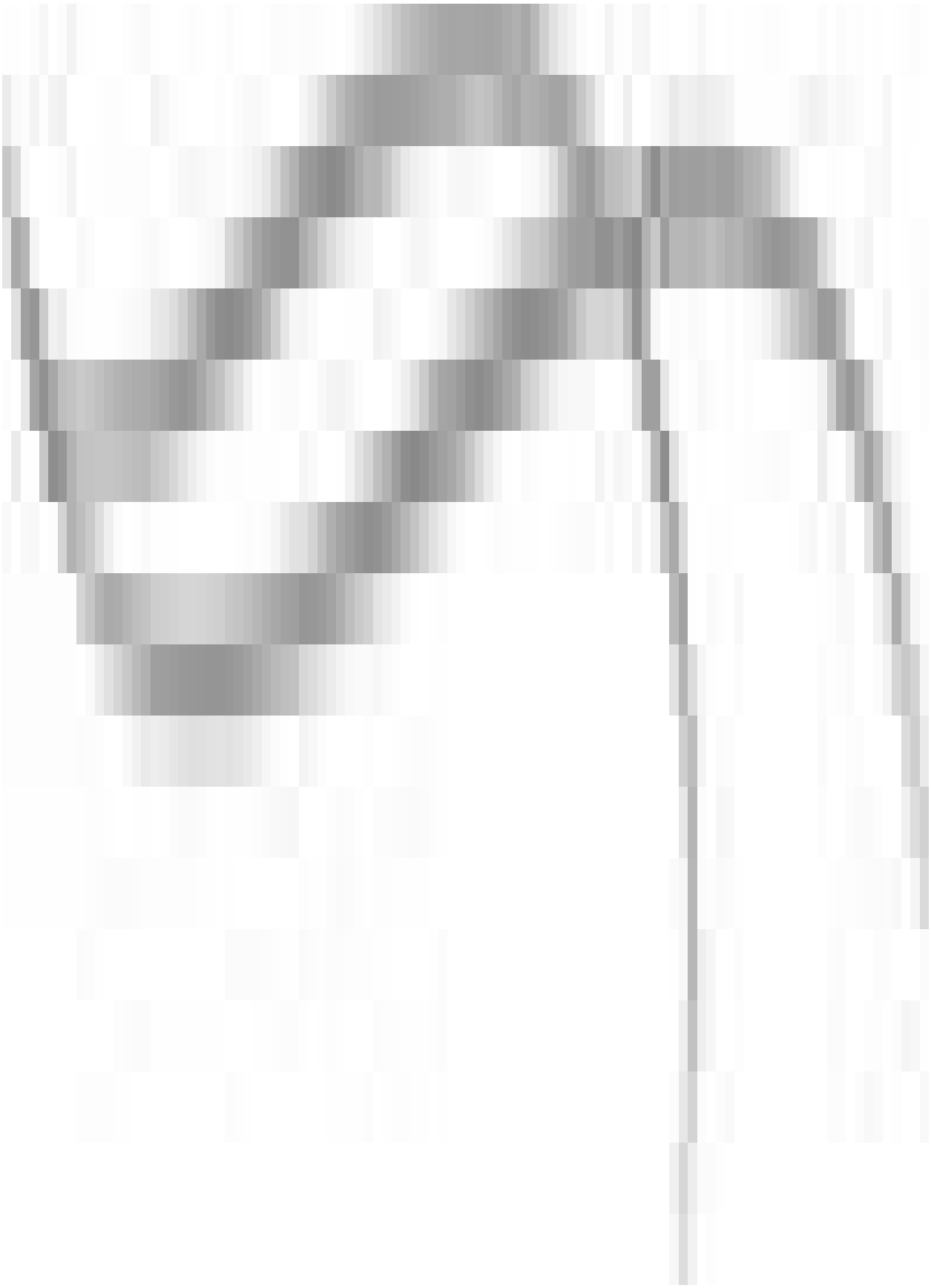


A 16.08.1906, Thomas Alonso Keese, um dos filhos de pioneiros, então Intendente Municipal da Vila de Santa Bárbara, promulgou a Lei Municipal nº 57, tendo em mira legalizar a situação do cemitério. Em maio de 1918, o Rev. Alva Hardie, presbiteriano, iniciou um movimento a favor da reforma do prédio da capela, e procurou interessar a comunidade na vantagem de legalizar a posse do terreno do cemitério.[15]

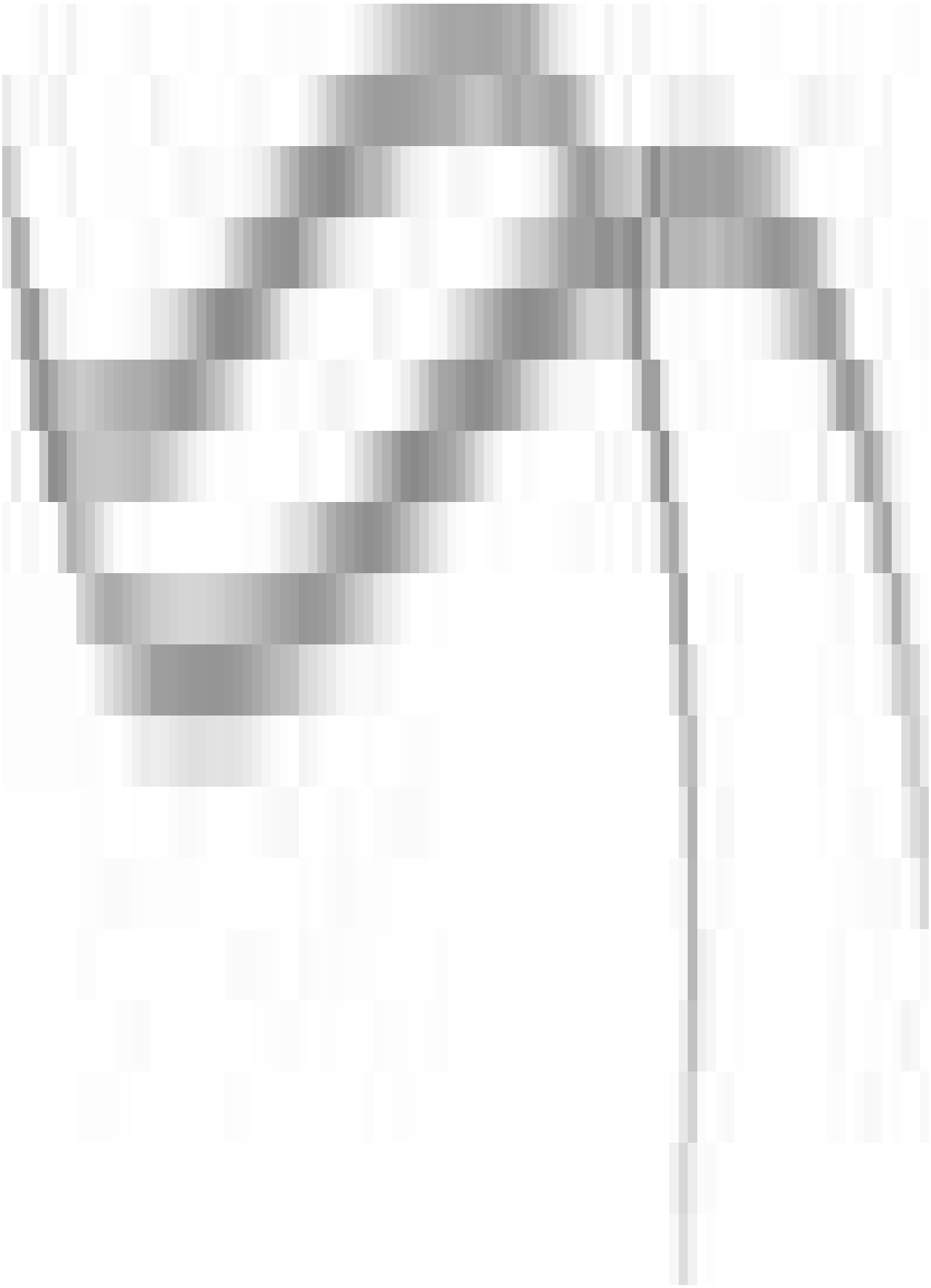


O galpão ali existente não é antigo. Ele serve para as reuniões dos descendentes que organizaram, por iniciativa de Charles McFadden, a Sociedade Fraternidade Descendência Americana, a 26.12.1954.[16] Trimestralmente, os descendentes dos pioneiros reúnem-se para um culto, tendo depois o “basket-dinner”, que é um momento de confraternização. Os túmulos são visitados e ornamentados.

O material do museu esteve, durante muito tempo, sob os cuidados do casal Dr. James Jones e D. Judith MKnight Jones, em Americana. E os objetos mais pesados foram transferidos para o museu.



Cabe aqui uma palavra sobre o manancial de água que ficava a certa distância da capela, à direita de quem entra. Ele serviu aos batistas, para a pequena represa, de modo que tivessem o que chamavam de “baptizing-pool”, um batistério ao ar livre. Agora a fonte está “afogada”. A área tem sido usada para agricultura. (Ver Parte E - pág. 675 - imagens E50-E52)



Vida Escolar Em Santa Bárbara Entre Os Emigrados Dos Estados Unidos Da América

A Guerra de Secessão nos EUA interrompeu o curso de inúmeros estudantes e a alfabetização de muitas crianças. Assim, as famílias emigradas e chegadas em SB ansiavam pelo dia quando os seus filhos pudessem voltar aos estudos. Enquanto não se estabelecia uma escola, os pais ou os irmãos mais velhos serviam de professores dos menores, dando-lhes as aulas em suas próprias casas.

Mais tarde, para as diversas reuniões e escolinhas, foram usadas as Casas de Reuniões (“School Houses”, “Meeting Houses”, nos EUA) sempre providenciadas pelos próprios colonos.

O entusiasmo e a boa vontade destes, associados à necessidade, resultaram beneficamente de modo que desta ou daquela forma a sua população escolar pôde receber instrução, em primeiro grau, ainda que sem os mesmos padrões de ensino e recursos usados na sua terra de origem.

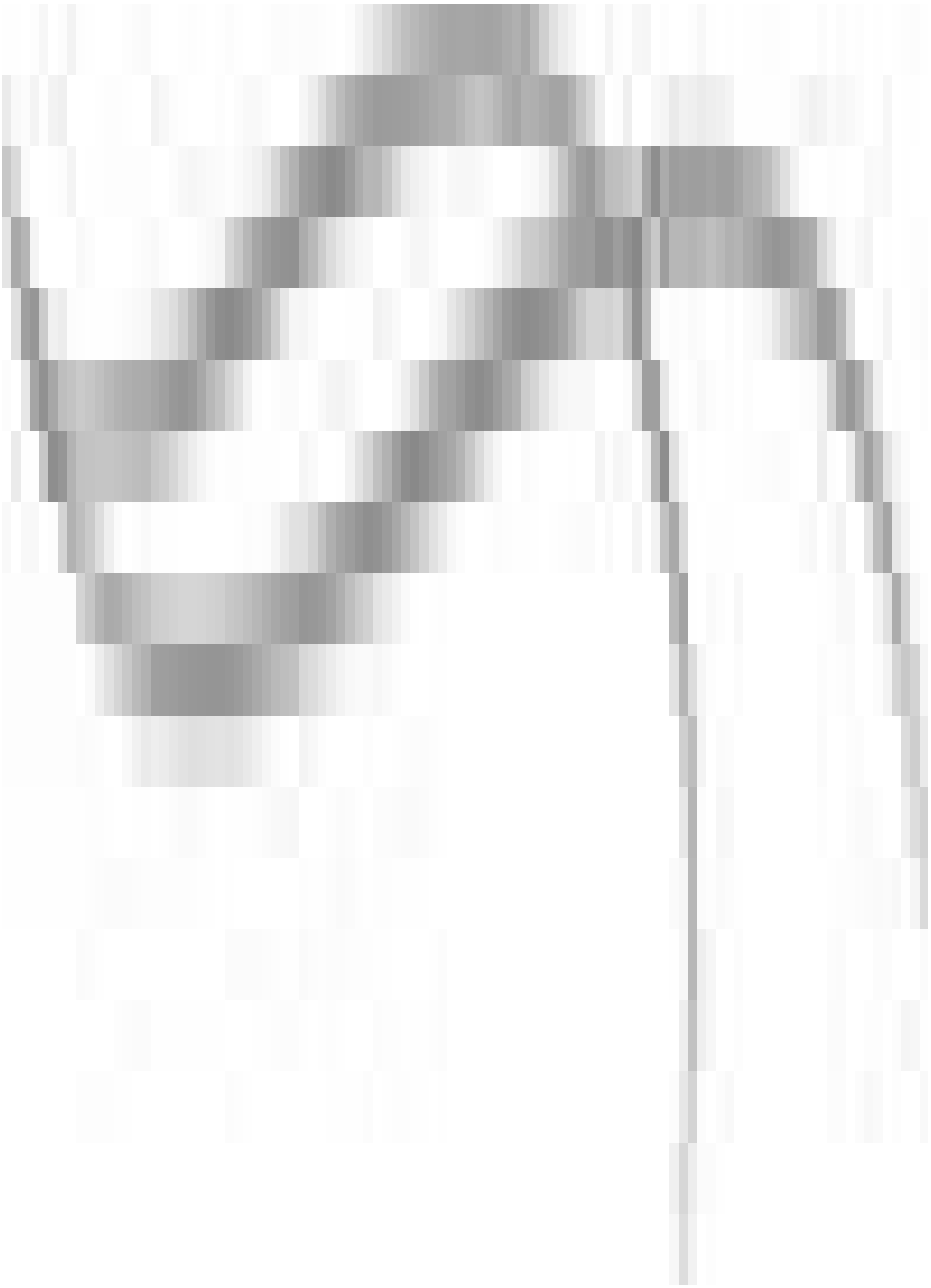
O ensino ministrado era em inglês e de acordo com a metodologia e livros NA, estes trazidos por eles. A Sra. Carolyn Smith Ward nos diz:

“... Uma regra era forçada no lar, e provavelmente na escola também. Às crianças não lhes era permitido falar português, a menos que brasileiros estivessem presentes, nem lhes era permitido misturar inglês e português. Algumas palavras e expressões nesta língua são tão expressivas que se tornavam uma tentação quando na conversação em inglês. Os pais eram inflexíveis. Os filhos cresceram falando inglês corretamente e o mesmo era verdade para o português. Por esta razão, foram bilíngües desde a tenra idade.”[17]

A mistura das duas línguas se fazia, apesar da proibição. E isto ocorreu pelos

anos afora. Kate Souza e Eugenia Pitrowsky, filhas de W. F. Thomas, ainda que passado tanto tempo, usavam, às vezes, aquela língua proibida, ou seja, a mistura de inglês e português.

As filhas de ambas, numa idade em que se ri de tudo e de todos, divertiam-se com o embaraço das duas mães ao descobrirem que eram observadas, numa conversa cujo assunto não era para as crianças ouvirem! Essas duas irmãs conservaram, até os seus últimos dias, algum sotaque. E Eugenia, pouco antes de falecer, em abril de 1974, no Rio de Janeiro, disse as suas últimas palavras em inglês: “Jesus Christ, Jesus Christ!”. E fazia 69 anos que ela se havia retirado da colônia em SB.



Existiu escolinha em cada um dos núcleos 2, 4 e 5, pois esses eram os mais populosos. Às vezes, houve interrupção, pela falta de professores. No meado da década de 1880, os colonos mandaram buscar, no Alabama, duas professoras. Uma delas, Lovie Fielder, retornou ao fim do seu contrato de três anos. A outra, Anne Lou Vincent, casou-se com um jovem da colônia, em SB, e nela permaneceu. (SD 284/5)

A geração mais prejudicada nesse contexto foi a dos jovens que acompanharam os seus pais na vinda para o Brasil. Esses moços tiveram de enfrentar a realidade dura de ajudá-los trabalhando a terra para a subsistência de suas famílias. Perderam a oportunidade de continuar os seus estudos, com exceção de alguns poucos que tiveram chance de ir, mais tarde, aos EUA, retornando para servir neste país, ou daqueles que buscaram outros centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Lavras, Juiz de Fora.

O grande desejo dos colonos era ter, em SB, uma escola que pudesse dar aos seus filhos um ensino contínuo até que estivessem realmente preparados para a vida. Houve diversas tentativas, mas não vingaram.

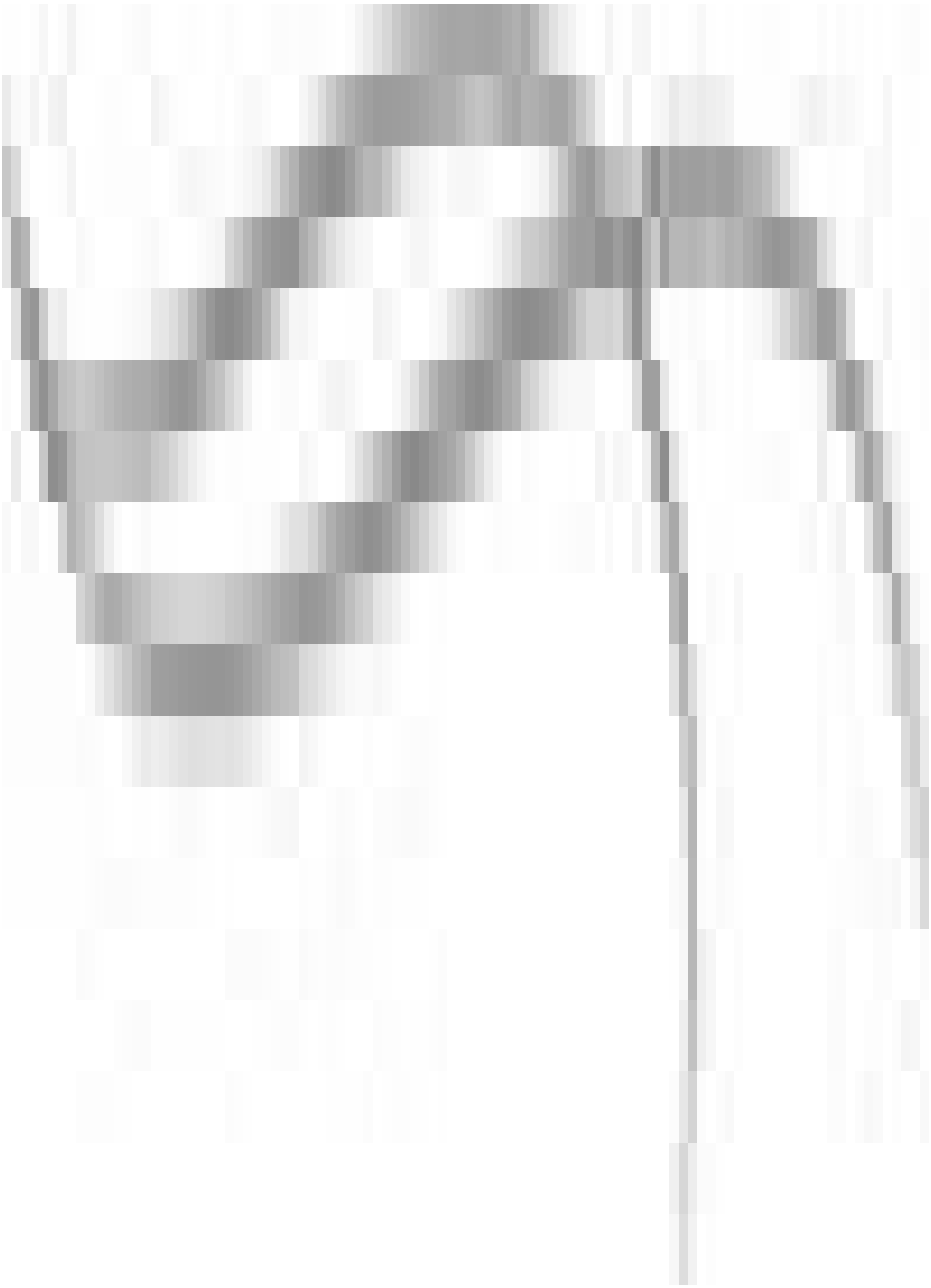
Entretanto, algumas escolas foram surgindo mais adiante. Assim, aqueles que podiam passaram a estudar em Campinas, no Colégio Internacional, dirigido pelos Revs. George Nash Morton e Eduardo Lane. Em Juiz de Fora havia o Instituto Grambery, metodista. O primeiro aluno a matricular-se ali foi Alfredo Green Ferguson, neto de Green Ferguson. (50 Met., 367). Em Piracicaba surgiu primeiro a Escola Newman, na qual o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque lecionou por pouco tempo. Depois surgiu o Instituto Piracicabano, hoje Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP. O Colégio Progresso, em Campinas, iniciado por D. Mary Ellis McIntyre, foi transferido, mais tarde, para a cidade de São Paulo, situando-se na Alameda dos Bambus, nº 5. O colégio foi vendido por D. Mary McIntyre para D. Anna L. Babgy, sendo hoje o Colégio Batista Brasileiro, situado em Perdizes.[18]

Podemos mencionar ainda a Escola Americana, na cidade de São Paulo, iniciada pela esposa do Rev. George Whitehill Chamberlain, presbiteriano. Mais tarde, essa escola passou para outras mãos e se tornou a hoje conhecida Universidade Mackenzie. E, mencionando o Instituto Gammon, em Lavras, MG, terminamos esta lista das entidades educacionais que sentiram a presença mais próxima dos

colonos de SB.

Podemos acrescentar a esta lista os dois grandes estabelecimentos de ensino agrícola: Instituto Agrícola de Campinas e o Instituto Agrícola Antonio de Queiroz, em Piracicaba. Atualmente, ambos são de nível universitário. No início, houve a influência de elementos dos de SB. Assim, também, surgiram as escolas em Botucatu, Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, e em vários outros lugares do Sul deste país imenso.

Sobre a tentativa de fazer funcionar uma escola industrial, na área da Estação de SB (ver parte “D” — 26.03.1888 a 31.01.1889). Essa escola seria de responsabilidade dos batistas.



Daquelas gerações de alunos surgiram diversos professores, que além de atuarem no ensino secular serviram mais diretamente no campo missionário. Em outro lugar deste livro seus nomes podem ser apreciados sob o tópico — Servindo como obreiros. (Pág. 67)

A seguir, registramos os nomes que conseguimos recolher, dos que foram professores, na colônia e além dela. Estão arrumados pelo sobrenome.[19]

Anna Miller BOOKWALKER

Mary CLARK

....COPPS (ou G. C. COBB?)

Mary Grady EMERSON

Mamie FENLEY

Lovie FIELDER

Kate HALL

Mary HALL

Sarah HALL

Kate HARDEMAN

O. Ben HOGAN

Cicero JONES

Marion KING

Lilian McINTYRE

Mary Ellis McINTYRE

Mamie MINCHIN

Berta MILLS*

Annie Ayres NEWMAN

Mary Philips NEWMAN

Martha Steagall NORRIS “Pattie”

Daisy PYLES

Elias Hoton QUILLIN

Sarah Elvira QUILLIN

Joel Lafayette SANDERS

Hortência SMITH*

Leonora SMITH

Mary SMITH

Anne Hope THOMAS*

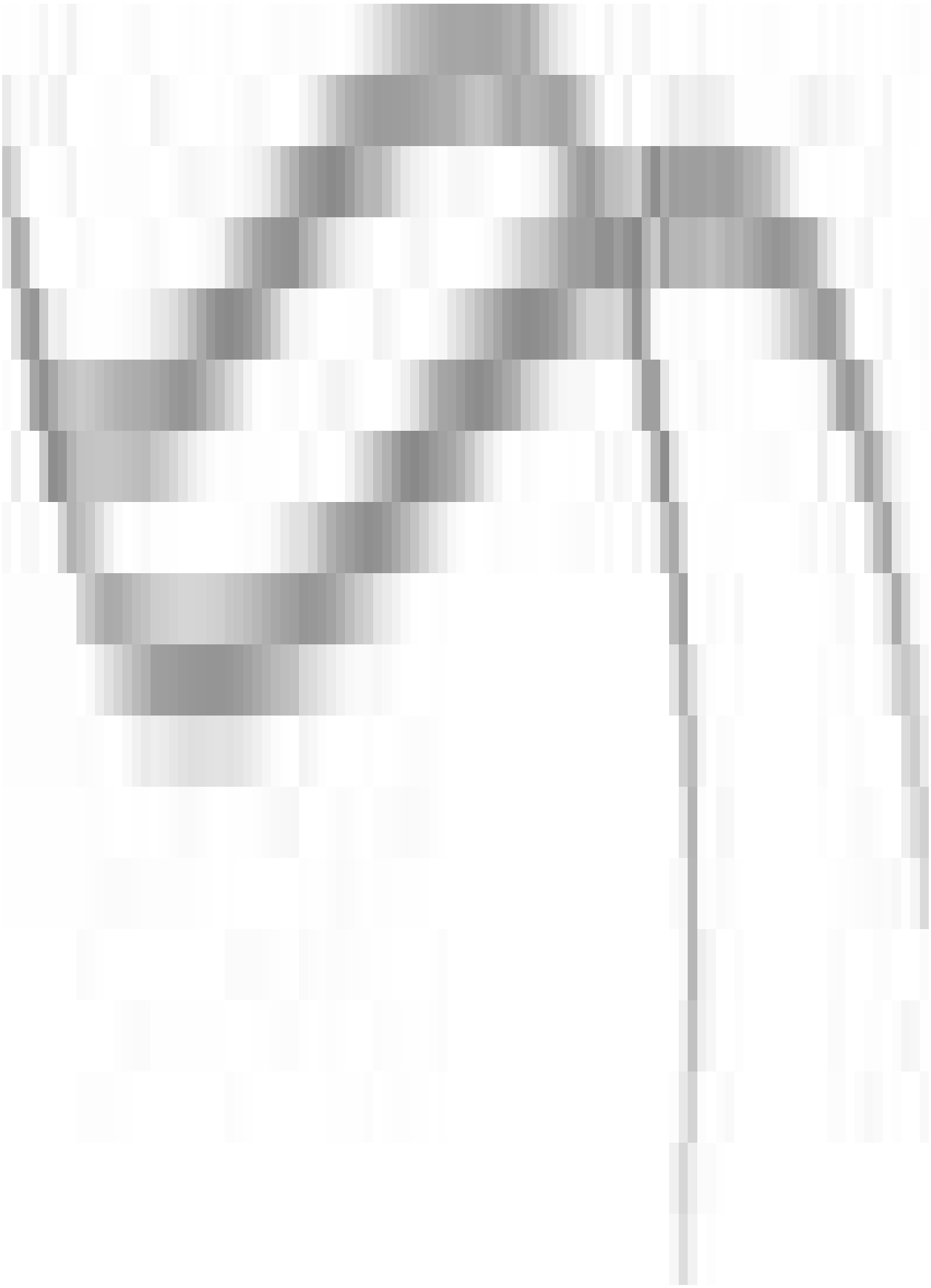
Kate THOMAS*

Helen Aline THOMAS*

Anne Lou VICENT

Lockie WEISSINGER

Com certeza, os nomes com asterisco são de pessoas que nasceram no Brasil.

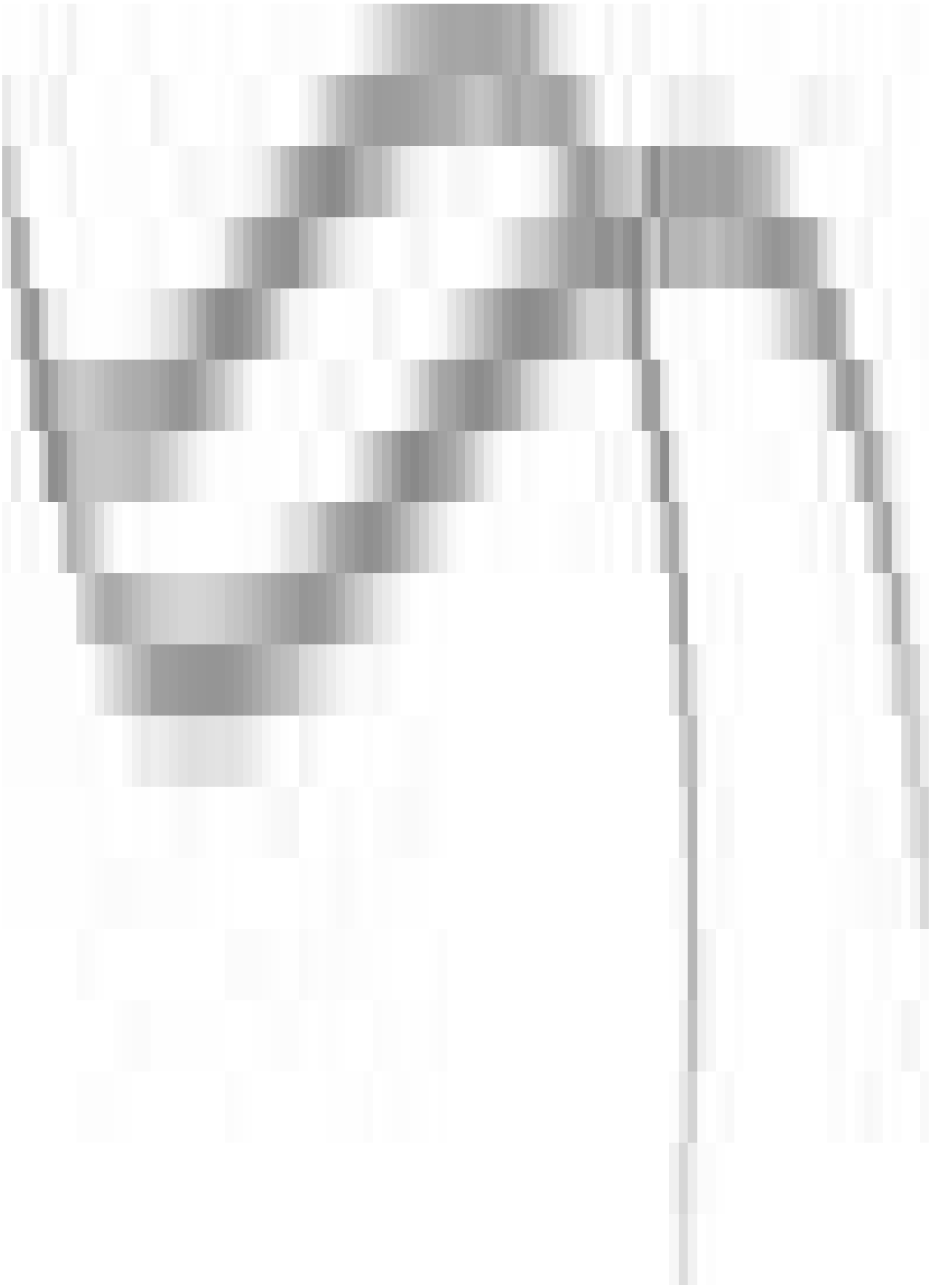


As festas escolares eram sempre um prazer. Pais, filhos e professores tinham os seus bons momentos e alegrias. A educação desdobrava-se; assim, podemos discorrer um pouco sobre a música.

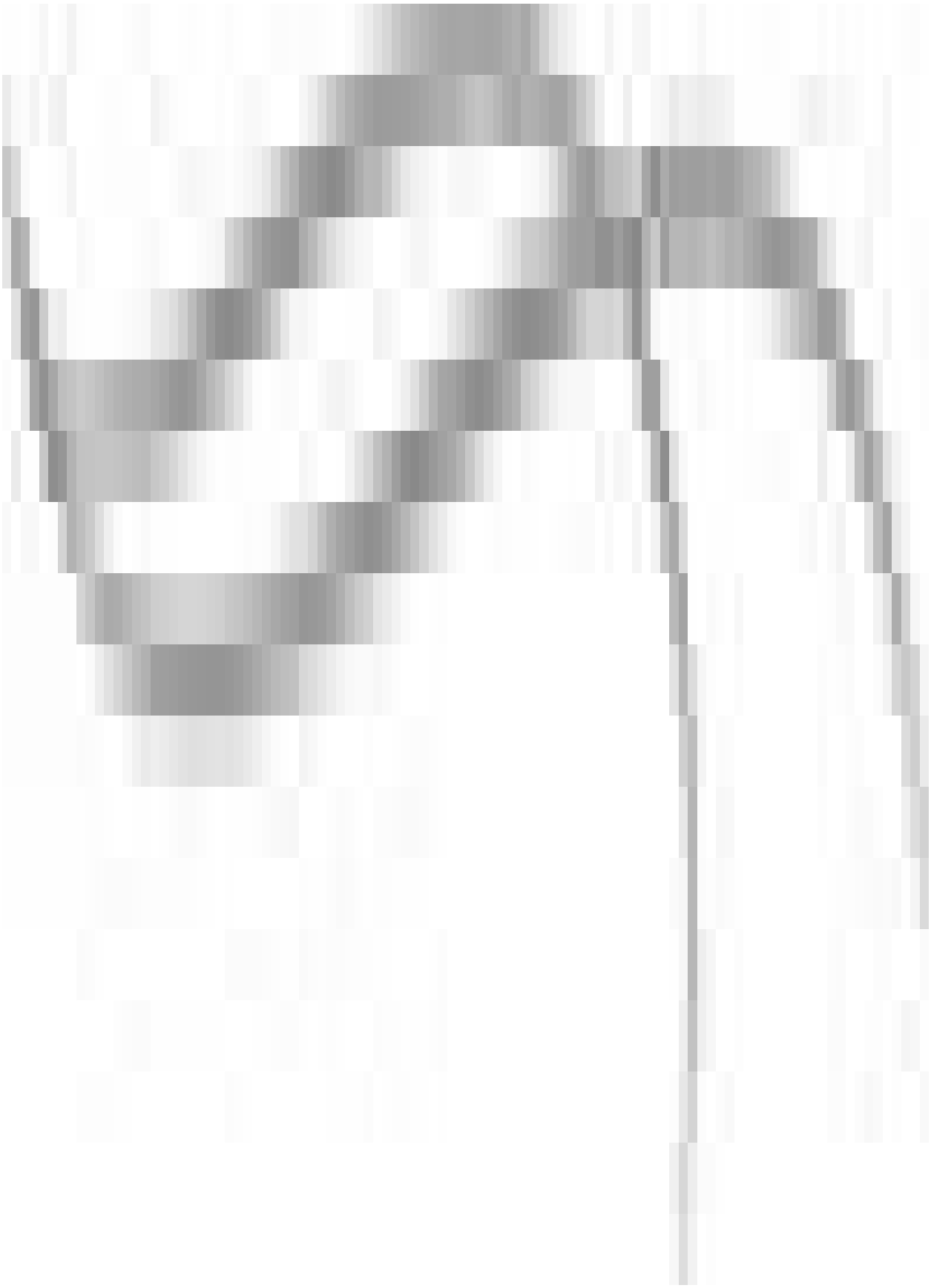
Apesar da escassez de informações sobre a vida artística e musical dos emigrados em SB, sabemos que a arte era cultivada. Na música, dedicavam-se ao canto, ao piano e um pouco ao violino.

Sobre o canto congregacional, temos algum comentário na parte “C”, ligada mais diretamente aos batistas.

Não temos documentos que afirmem qualquer coisa sobre a existência de algum coro na comunidade. Mas é evidente que esse existia pela natural formação musical dos seus membros. O fato de pedirem a remessa de hinários com música é prova de que havia os que conheciam música! (Ver parte “D”, 27.03.1882 e 30.08.1882; 31.03.1886 e 31.07.1886).



De início, a presença de escravos nas diversas casas, levou a que estes também aprendessem a cantar hinos em inglês. Esses escravos foram adquiridos no Brasil. Alguns dos descendentes escravos que ainda permaneceram com os seus patrões, por muitos anos em SB, continuaram na mesma linha dos pais. D. Maria Araújo foi uma delas. Na visita que lhe fizemos, em Monte-Mor, foi-nos possível entrevistá-la. Gravamos a sua voz cantando, em inglês, o hino “Em Jesus amigo temos” (nº 155 do Cantor Cristão). Ela faleceu em 14.08.1982, com 91 anos de idade!

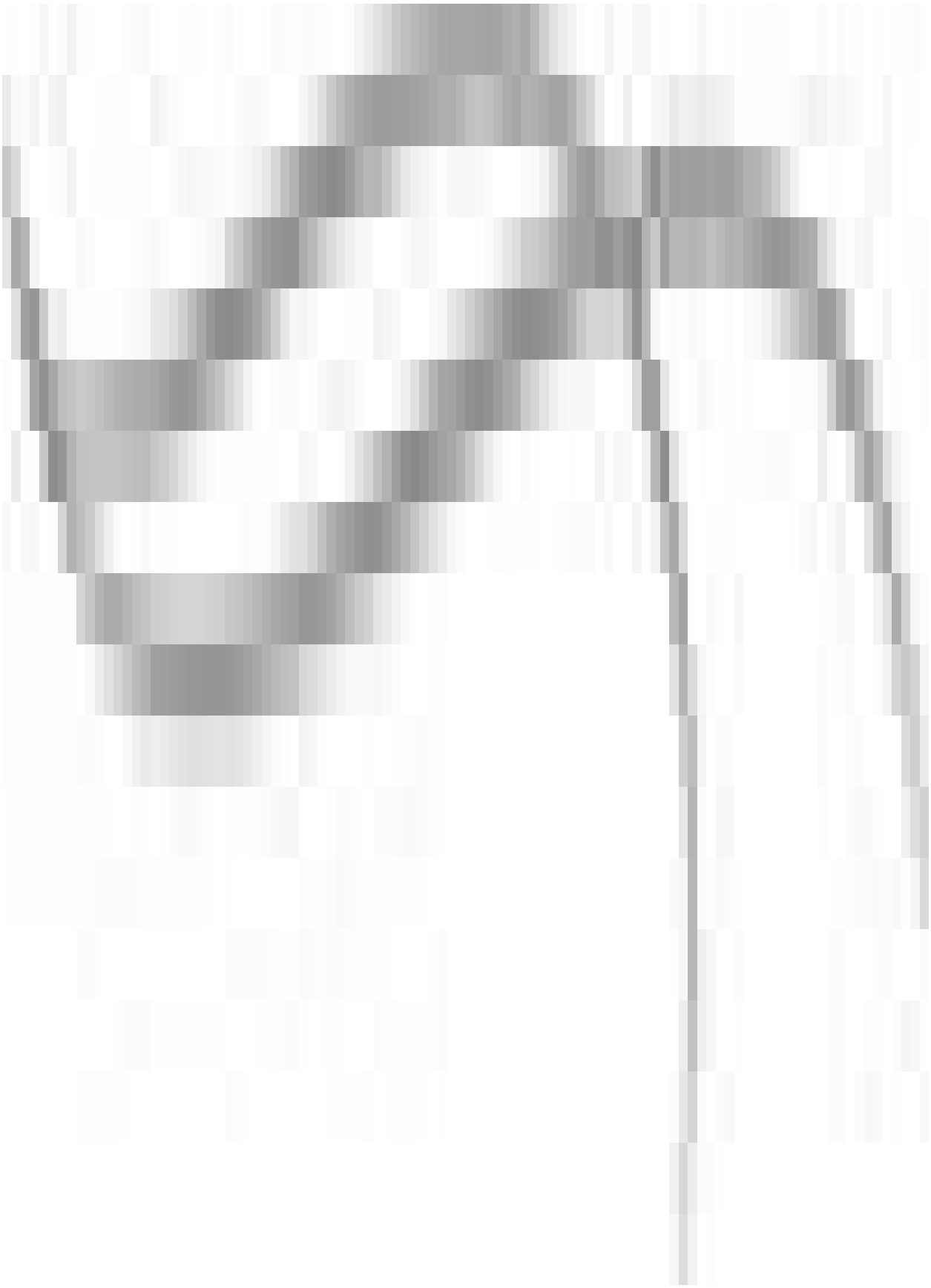


As canções de amor, as de ninar, os hinos patrióticos, a música popular e a folclórica faziam parte da educação musical e vida dos emigrados dos EUA em SB. (Ver na Parte E - pág 711, um trecho da canção de ninar “Baby”)

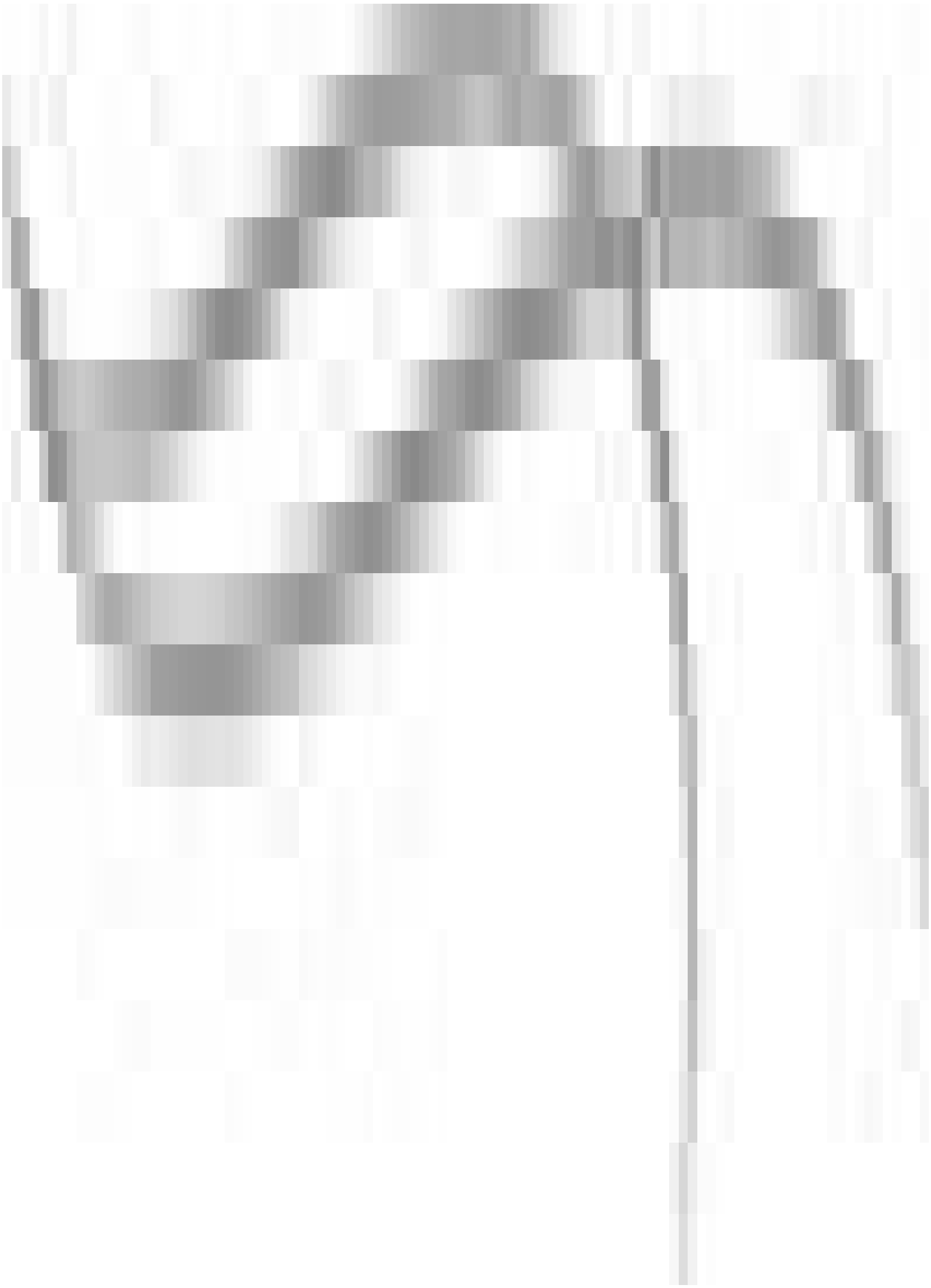
A música instrumental era também cultivada. Há referência de um violino e pelo menos 3 pianos. Em 1886, D. Grace Soper, musicista, esposa do missionário E. H. Soper, numa visita em SB, levou o seu harmônio portátil que trouxera da Inglaterra. Conforme um registro feito em uma entrevista com um descendente de NA, o dito instrumento era chamado pelos brasileiros de “o bicho”.

Há referência a um piano-mesa, descrito no livro SD 349. Devia ser uma peça de muito valor. É lamentável que se tenha perdido este instrumento que agora bem poderia estar como uma peça rara no Museu do Campo.

A Sra. Martha S. Norris era uma excelente musicista e professora de piano, interessada vivamente na educação musical dos membros da colônia.



O ensino de piano fez-se, também por correspondência, acompanhado da parte teórica, conforme fragmentos de métodos que guardamos, doados por Charlotte, filha de Sarah Emily Ferguson. Um deles era da “American School of Music”, de Chicago. Sem capa e folha de rosto, não sabemos de que ano é a referida publicação, nem o seu editor; mas calculamos ser do início da década de 1890.



Quanto aos hinários usados pela comunidade, podemos mencionar os nomes dos que chegaram até nós, pelas referências nas cartas e relatórios ou pelos próprios exemplares guardados até hoje, por alguns descendentes. É provável que além dos nomes apresentados a seguir, ainda existam outros.

Gospel Hymns

Mencionados nos docs. de 27.03.1882 e 26.08.1882.

The Companion

Exemplar bem conservado, em mãos de Grazia C. Bondancia, bisneta de Emily Thomas, a quem pertencia o dito exemplar. Só letra. (Ver página 676).

Sacred Songs & Solos

Doamos o exemplar ao Centro de História Viva dos Batistas do Brasil. Letra e Música. Tem a dedicatória de Dr. Bagby para Anne H. Thomas.

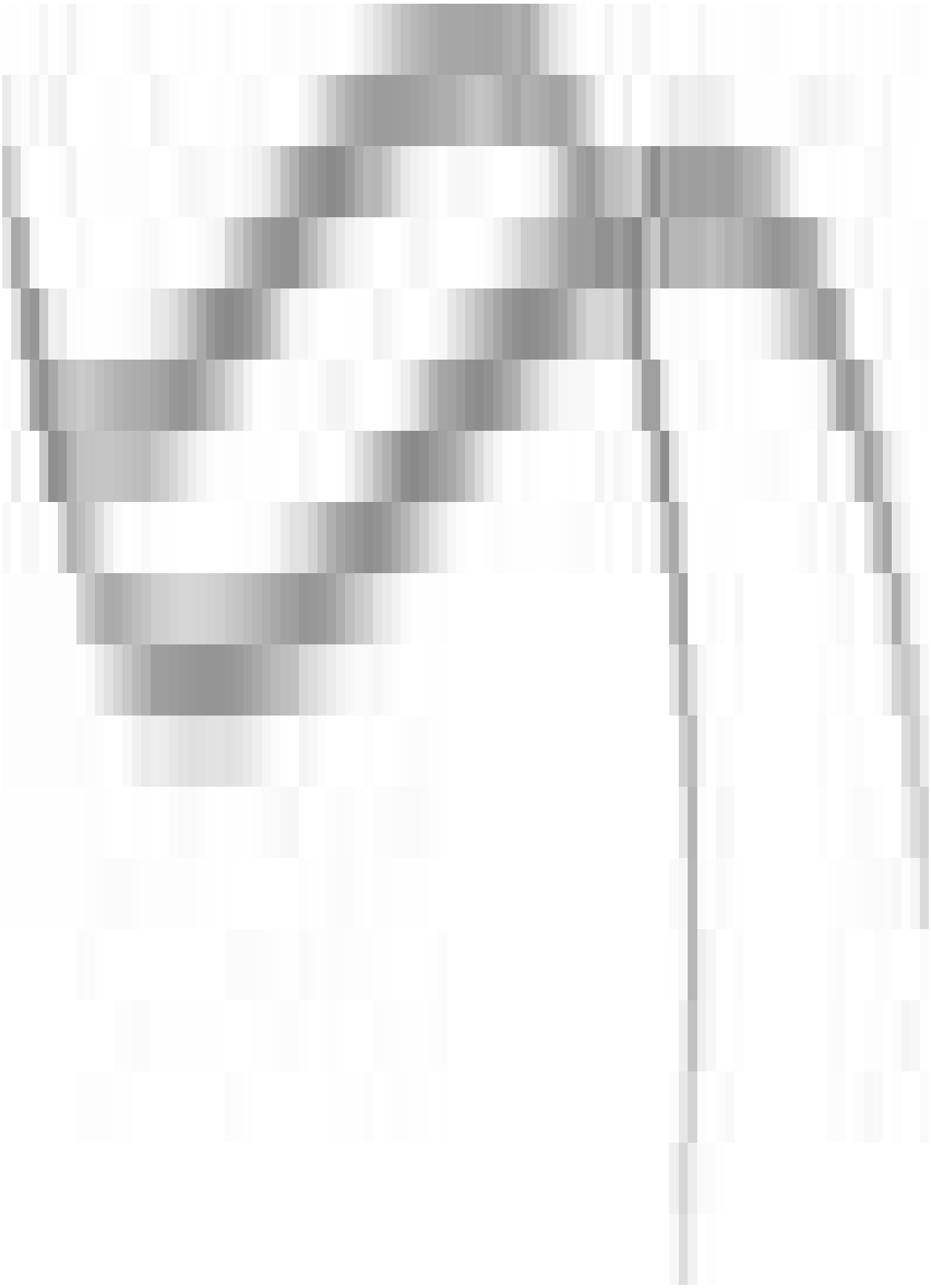
Alexander’s Revival Hymns

Em nosso arquivo — só fragmentos — hinos 34 a 162. Só letra.

Sacred Harp

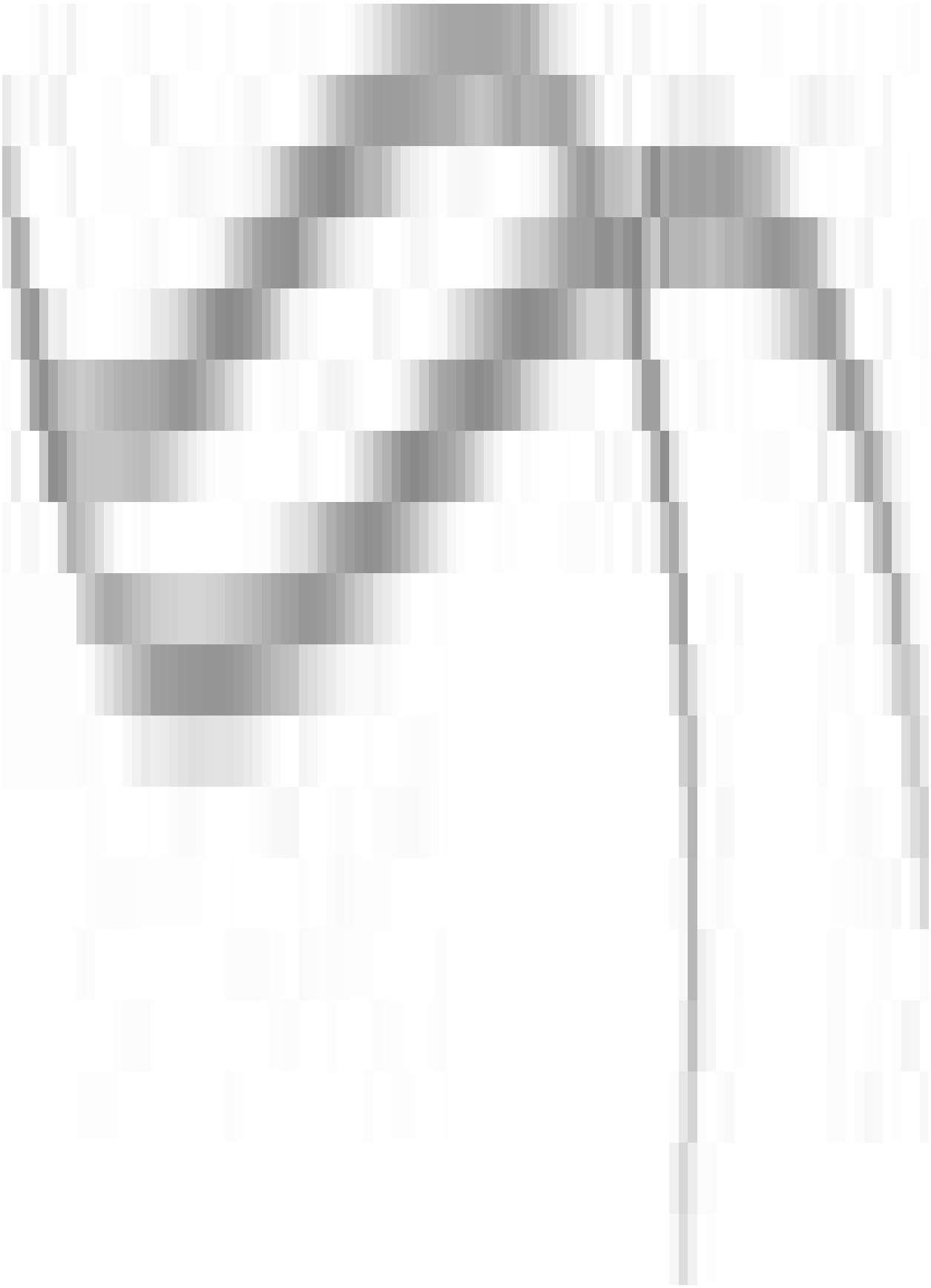
Em nosso arquivo — sem capa, faltando várias páginas, começando na p. 7 até 350. Inicia o livro, a parte teórica, sob o título “Rudiments of Music”. Vem depois a parte I: “Consisting of Pieces used in singing schools and societies”; parte II: “Consisting of Odes and Anthems”; e, por fim, uma parte preparada por uma comissão de oito pessoas nomeadas pela “The Southern Musical Convention”, com o título “Appendix to the Sacred Harp: contaning a variety of standard and favourite tunes not comprised in the body of the work”. Está datada — “Hamilton, Jan. 12, 1850”. — Letra e música.

É interessante que a música impressa é para três e quatro vozes, em pautas separadas e o tipo dos valores musicais obedece às formas quadradas, triangulares e redondas. A chapa de impressão é a mesma de um antigo exemplar editado nos EUA, em 1798, por William Little e William Smith.



Costura

Quilt é a palavra que designa um acolchoado. Para as senhoras e jovens, em SB, seria mais do que um simples acolchoado, pois era um trabalho elaborado com retalhos de fazendas em confecção artística. Usavam-se retalhos de fazendas formando desenhos bem traçados e combinados, ligados por costura à mão. Um acolchoado podia ser feito com a participação de diversas pessoas. Ainda hoje há descendentes daqueles que sabiam trabalhar tão bem com a agulha, que fazem esses trabalhos para exposição e venda. (Ver pág. 677, imagem E56)



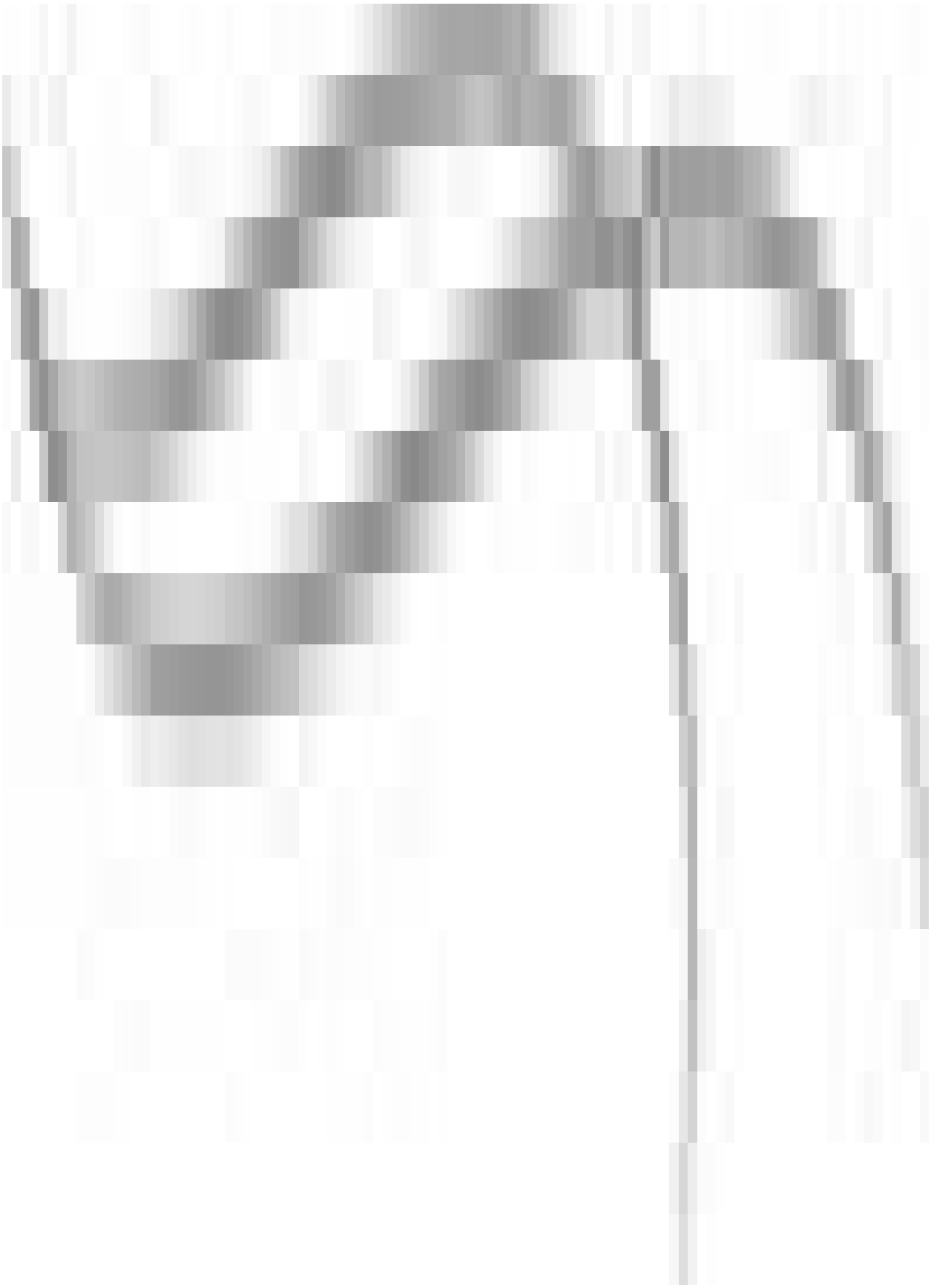
Cozinha

Não podíamos deixar de mencionar o lugar destacado que a cozinha merecia na alimentação bem preparada e sadia entre os emigrados. Registrando esta faceta da vida cotidiana daquele grupo de emigrados dos EUA, em SB, deixamos de presente para os nossos leitores, a receita que segue. É bom lembrar que esta era muitíssimo usada, pois o bolo era apreciado. A receita é uma colaboração de D. Mary Keese de Miranda, descendente de Thomas Lafayette Keese e Frances Hubbard Keese.

Bolo de Melado

1 xícara de chá de manteiga, 1 xícara de chá de açúcar mascavo, 3 ovos, 1 xícara de chá de melado, 2 e meia xícaras de chá rasas de farinha de trigo, medidas depois de peneirada, 1 colher de chá de bicarbonato, meia colher de chá de canela, meia colher de chá de noz-moscada, meia colher de chá de cravo em pó, meia colher de chá de gengibre, ¾ de colher de chá de sal, 1 xícara de chá de leite.

Assar o bolo com o forno não muito quente. Bom proveito!

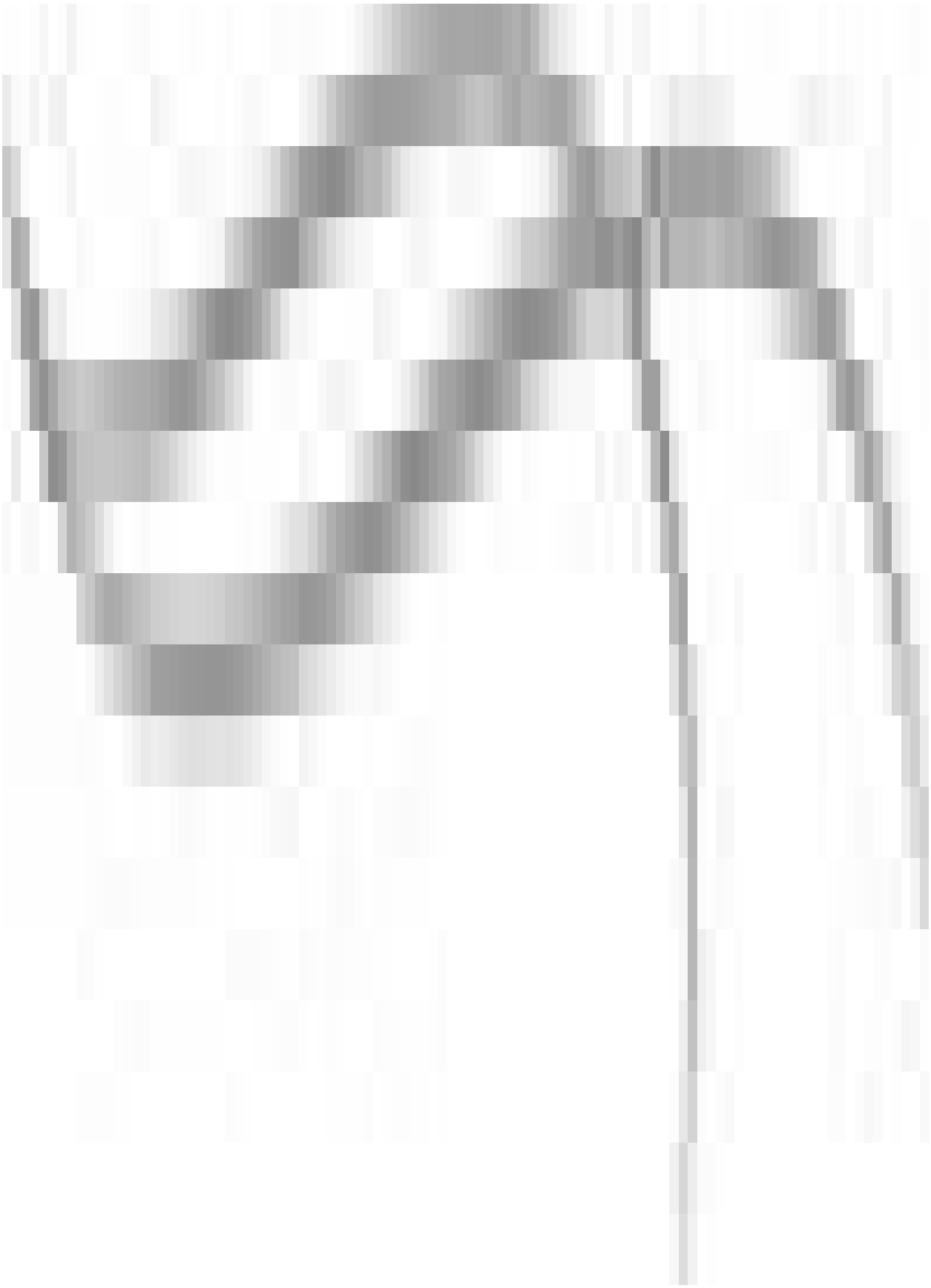


Cuidados Médicos

Entre os emigrados dos EUA havia alguns médicos. Porém, em SB e imediações ficaram os doutores: George Dekalb Coulter, John Hancock Crisp, Robert Norris, e, bem mais tarde, chegou Cícero Jones. O primeiro faleceu em 1881. O segundo, depois de 24.12.1886, data do Codicílio ao seu Testamento, feito a 21.03.1881, em SB. O terceiro faleceu em 1913 e o último, em 1924.

As Sras. Wingeter (ou Weingarther) e Délia Steagall foram parteiras quando os médicos não podiam atender às senhoras na ocasião do nascimento de seus nenéns. Não sabemos se havia outras além destas.

Esse pequeno grupo deu muito de si, inda mais se considerarmos as precárias condições sob as quais prestaram os seus serviços. Este é um registro que fazemos, lembrando a sua dedicação.



Vida Religiosa Dos Emigrados Dos Estados Unidos Da América Em Santa Bárbara — E A “Meeting House”.

É bom recordar que antes da chegada desses emigrados dos EUA em SB, o Brasil tinha recebido alguma semente da mensagem evangélica. Na década de 1810, os anglicanos episcopais estavam no Rio de Janeiro. Em 1813, Dr. Luther Rice, retornando da Índia para os EUA, esteve durante dois meses em Salvador, BA, auscultando as possibilidades de estabelecer no Brasil um trabalho missionário dos batistas. Nas décadas de 1820 e 1830 vieram os luteranos e metodistas. Estes enviaram o Rev. Fountain Elliot Pitts para conhecer a terra, com vistas ao estabelecimento da Missão Metodista. [20]

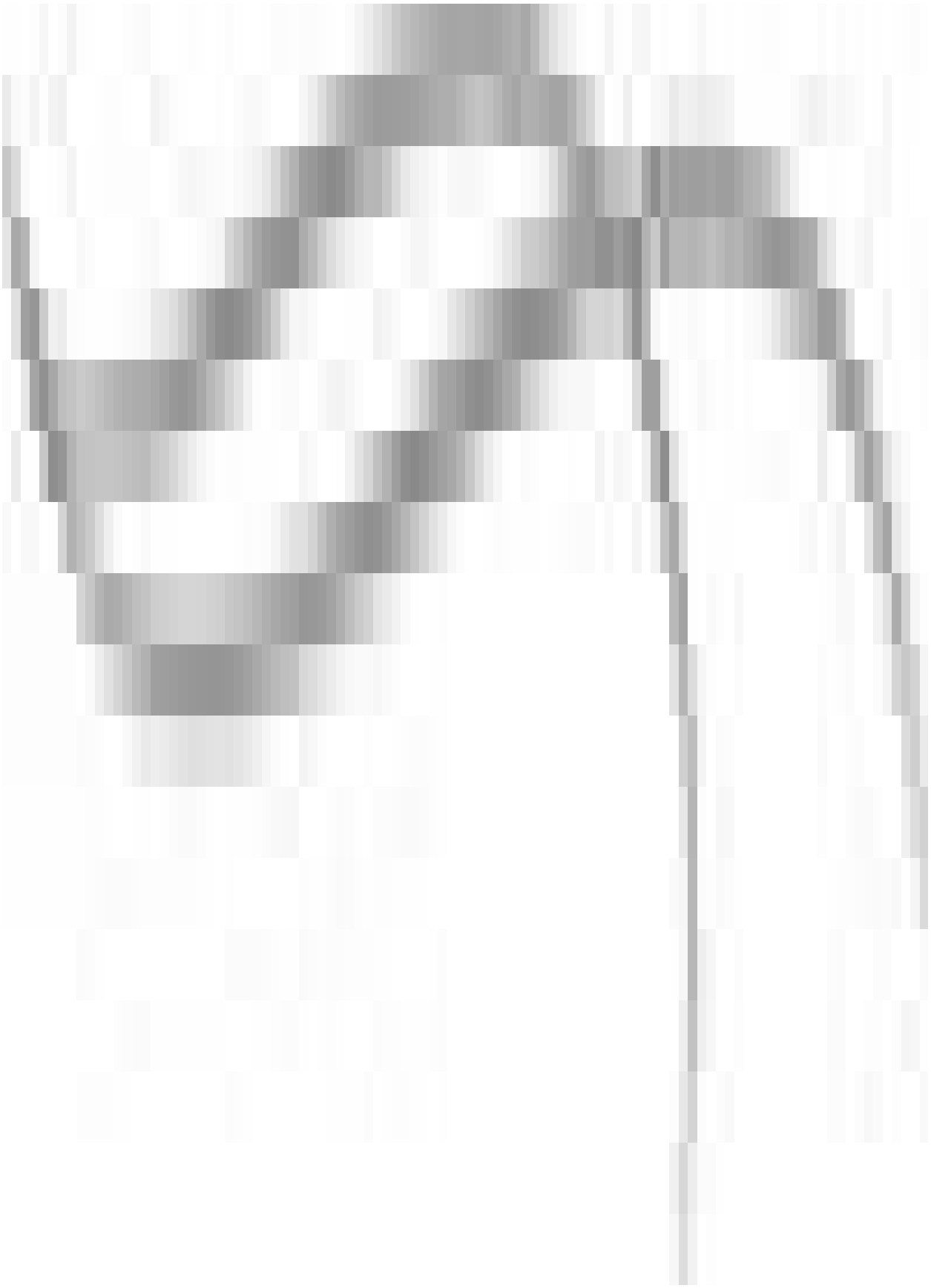
Veio depois o Rev. Justin Spaulding e, a seguir, o Rev. Daniel Parish Kidder, como agente da Sociedade Bíblica Americana, que viajou pelo Brasil espalhando a Escritura. Ele escreveu um livro, já traduzido para o português, com o título “Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil”. Estes eram metodistas.

Chegou o Rev. James Cooley Fletcher, que também viajou pelo Brasil e, juntando as suas notas de viagens com as do Rev. D. P. Kidder, acima mencionado, publicou o livro “Brazil and the Brazilians”, em 1858, tão lido nos EUA e aqui, já também traduzido para o português. A esse tempo, ele era o capelão da American Seamen’s Friend Society. A 12.08.1859, chegou o Rev. Ashbel Green Simonton e, em 1860, o seu colega, Rev. Alexander Latimer Blackford, agente da Sociedade Bíblica Americana. A 20.05.1860, o primeiro missionário batista chegou ao Rio de Janeiro, enviado pela FMB-SBC — Thomas Jefferson Bowen.

Ainda podemos registrar a presença das Sociedades Bíblicas Americana e Britânica com o magnífico trabalho da semeadura da Palavra, cujos resultados são incalculáveis! Semear!!!

A 11.07.1858, foi organizada, no Rio de Janeiro, a Igreja Evangélica Fluminense, hoje Igreja Evangélica Congregacional, pelo Dr. Robert Reid Kalley e sua esposa, Sarah Poulton Kalley. Estes nomes são familiares a todos nós, pela

freqüência com que aparecem nos vários hinos do nosso Cantor Cristão, Hinário para o Culto Cristão e em Salmos e Hinos.

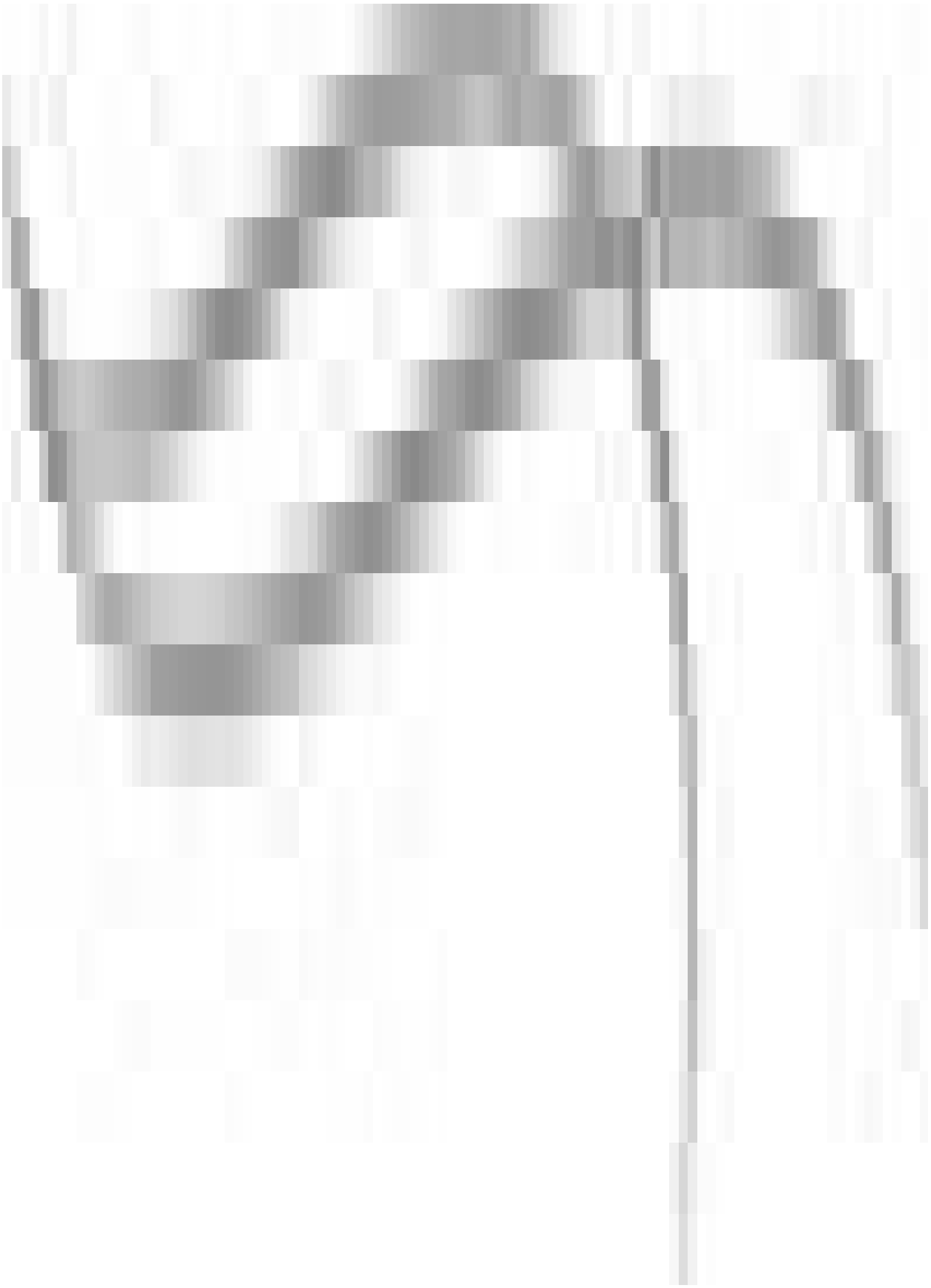


Quando os emigrados aqui chegaram, já havia algum trabalho evangélico iniciado. Mas tudo era difícil. O catolicismo romano era a religião oficial no Império. Este, porém, não seria obstáculo para que aqueles cultuassem a Deus nem para impedir que dessem o seu testemunho, embora... nem sempre!

No início da estada desse grupo em SB, as famílias realizavam apenas os seus cultos domésticos. Algumas delas nunca se descuraram dessa tarefa importante. Aos poucos, passaram a se reunir agrupadas, na casa de quem tivesse uma sala maior. Por fim, chegaria o tempo de cada núcleo ter o seu próprio salão para os cultos, ou mesmo realizá-los numa simples sala.

As distâncias entre cada núcleo, a dificuldade de transporte, a falta de estradas e caminhos conservados, levaram a que cada grupo realizasse a sua Escola Dominical e o seu culto. Assim, aos domingos, em toda aquela área poderiam ser efetuados, pelo menos, cinco pequenos cultos ou ED.

As reuniões de caráter especial ou geral tinham a presença de todos no local combinado, quase sempre no Campo, núcleo 5. (Ver pág. 41)

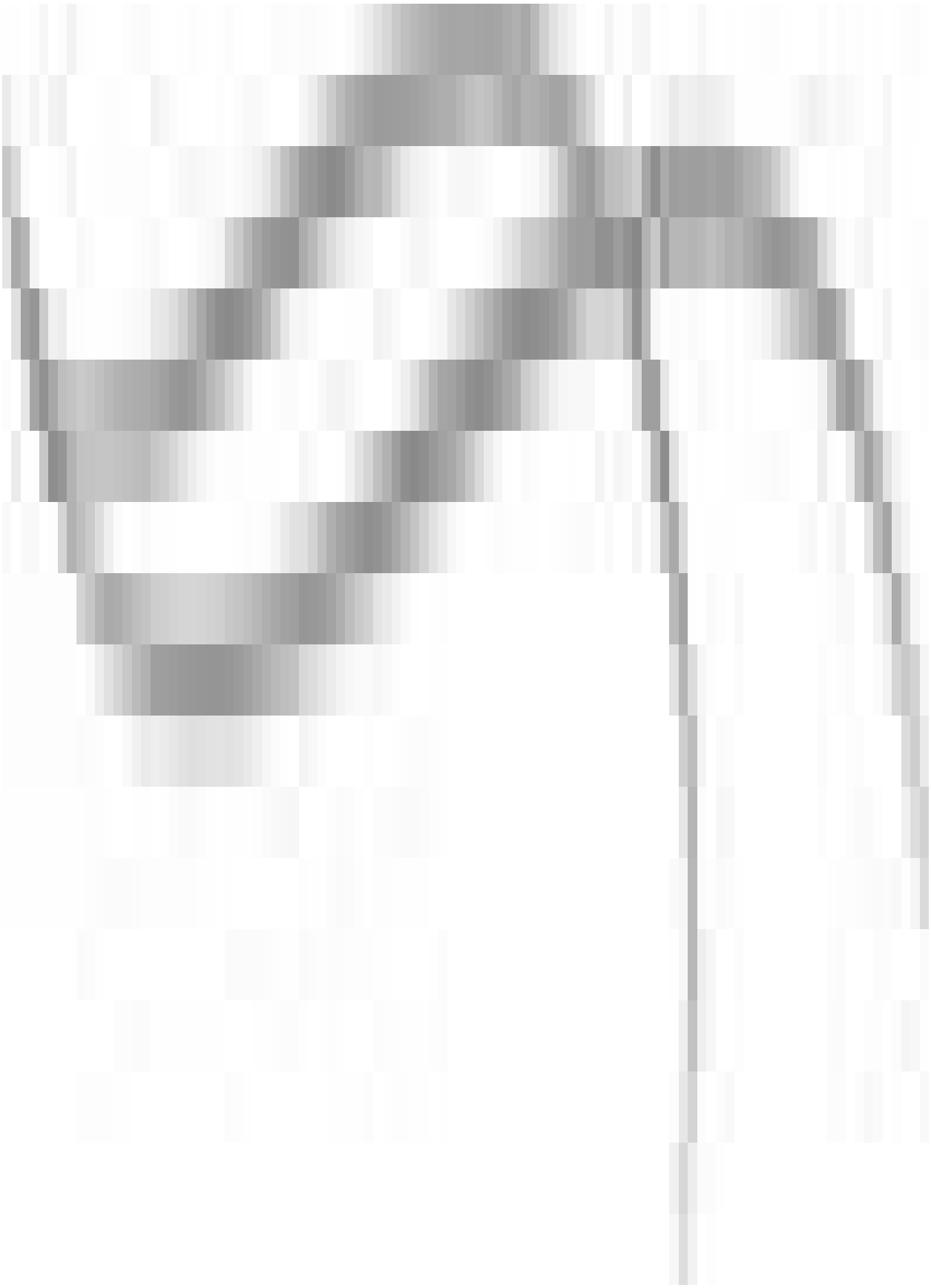


Capela — Casa De Reuniões - Cr. Meeting House - Mh

Uma boa medida tomada nos EUA, pelos membros de uma comunidade que se formava, era ter a sua “Meeting-House” — a casa das reuniões. Assim todos contribuíam para a compra de um terreno e construção de uma casa ou prédio adequado e destinado às reuniões, festas, escola, cultos etc. Para o bom andamento de tudo sempre havia um plano pré-estabelecido e aprovado por todos.

Deste modo, os vários grupos elaboravam um esquema de uso da MH, evitando, assim, o conflito de interesses. Todos faziam a reunião em conjunto quando havia um motivo comum, tal como um evento nacional.

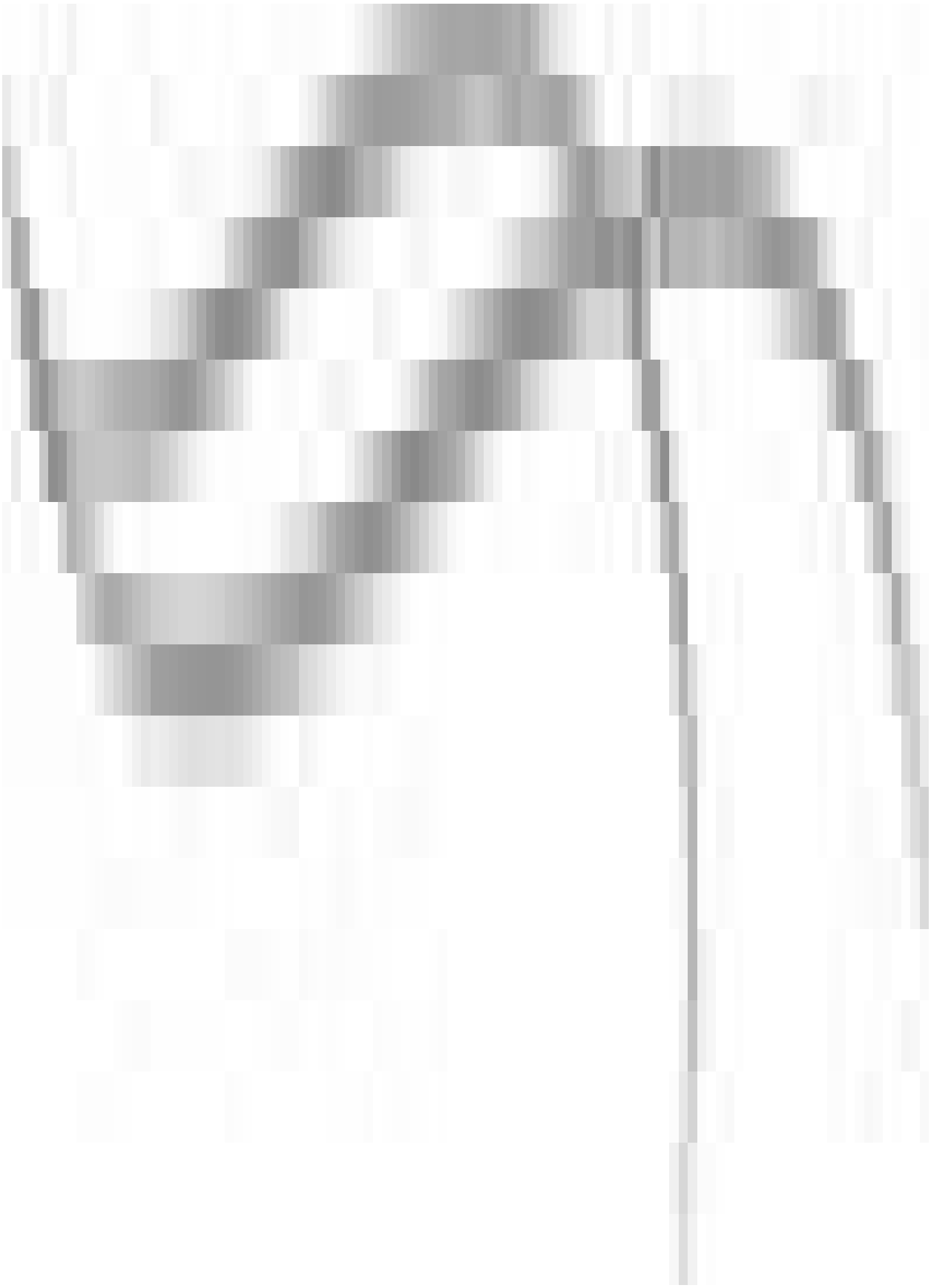
A casa era usada até o tempo quando, pelo gradual desenvolvimento, cada grupo tivesse condições de prover a sua própria sede para a execução dos seus objetivos.



Os emigrados em SB tiveram na “Meeting House” o modelo para o seu uso, ainda que aqui este fosse menos amplo do que nos EUA.

No núcleo 5, talvez por ser o lugar mais usado por todos, pela existência do cemitério e por estar no lugar conhecido por Campo, a MH foi chamada de “Capela do Campo”. Alguns apontamentos indicam que a primeira capela foi construída de madeira, no ano de 1878. Se assim foi, conclui-se que, no início, os três grupos tinham seus cultos nos mesmos lugares onde as suas igrejas foram organizadas, ou seja, nas casas de McFadden — presbiterianos, Newman — metodistas e Meriwether — batistas. Mas em 1878, este último já residia em Botucatu, SP, e dois outros imigrantes estavam ocupando a propriedade, embora aguardando solução de limites. Nisto foram assistidos pelo então advogado em Piracicaba, Dr. Prudente José de Morais e Barros. (O primeiro presidente civil do Brasil, eleito em 01.03.1894 e empossado em 15.11.1894.).

Adiante, em “Eugênia conta um pouco de sua vida”, leia-se o parágrafo 12 do seu relato. Na parte “D”, Anna L. Bookwalter, na carta de 24.07.1942, dirigida ao missionário Paul Clay Porter, diz como foi preservada a Bíblia de Púlpito da Igreja Batista em Santa Bárbara, e onde o grupo batista se reunia. Na mesma parte “D”, 26.06.1870, um dado fornece uma rápida informação indicando onde os presbiterianos se reuniam.



O núcleo 2, situado na área da estação, no rumo do Recanto, encontra base nas referências de Pattie Norris:

“Um ministro, o Rev. Richard Ratcliff, se estabeleceu entre nós. Todos os domingos fazia culto na casa do Sr. John Cole, do Mississippi, e todos nós, os moços, íamos a pé, ouvi-lo pregar. Robert Norris era sempre o meu companheiro nessas caminhadas e naturalmente nos amamos e ficamos noivos. Casamo-nos no dia 12.08.1869, tendo o Rev. Ratcliff oficiado a cerimônia, depois de ter obtido licença especial das autoridades”. (SD 202)

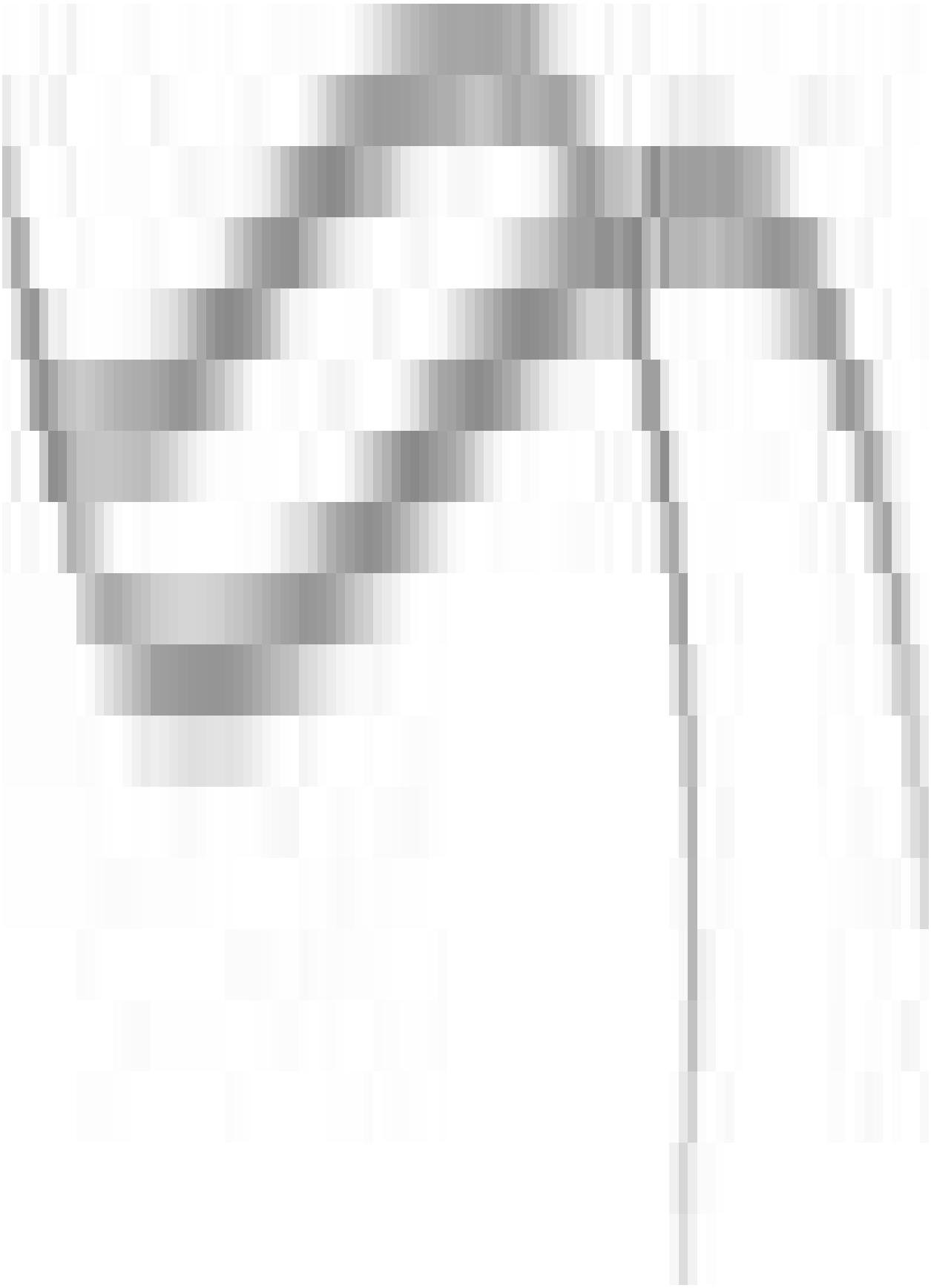
Há referência a uma construção feita de tábuas que os vizinhos do Coronel Norris tinham erigido na propriedade dos Moore, bem pertinho do Sr. Cole, à qual deram o nome de “Moore’s Chapel”. (SD 251)

Essa construção serviu para uma escola e para os cultos. A do Campo seria utilizada para as reuniões especiais. Em junho de 1879, houve uma reunião trimestral da Igreja Metodista, na qual marcou-se a realização da reunião seguinte, na “Moore’s Chapel”. Por algum motivo, ela teve lugar na casa de Alfred Iverson Smith, diácono metodista, que morava numa casa no núcleo 5. (Resumo de SD 251)

Quando o missionário E. A. Puthuff deixou o trabalho em SB, em abril de 1889, a propriedade que adquirira, no núcleo 2, para a construção de uma escola industrial, foi passada para o Sr. Charles M. Hall (ver parte “D”, 26.03.1888 e 31.01.1889). O Sr. C. M. Hall aumentou e terminou a construção já iniciada por Puthuff, a fim de ser a residência de sua família. Ao lado construiu uma casa pequena, de madeira, para abrigar a escolinha que serviu por vários anos, até que pudesse ser levantado outro prédio.

“Antes de o novo templo ser construído, os trabalhos religiosos eram realizados de tempo em tempo na grande sala de jantar da casa dos Hall. A sala era grande bastante para acomodar de 30 a 40 pessoas. Quando um ministro ou missionário aparecia, ele era convidado para pregar, e assim também todos os americanos

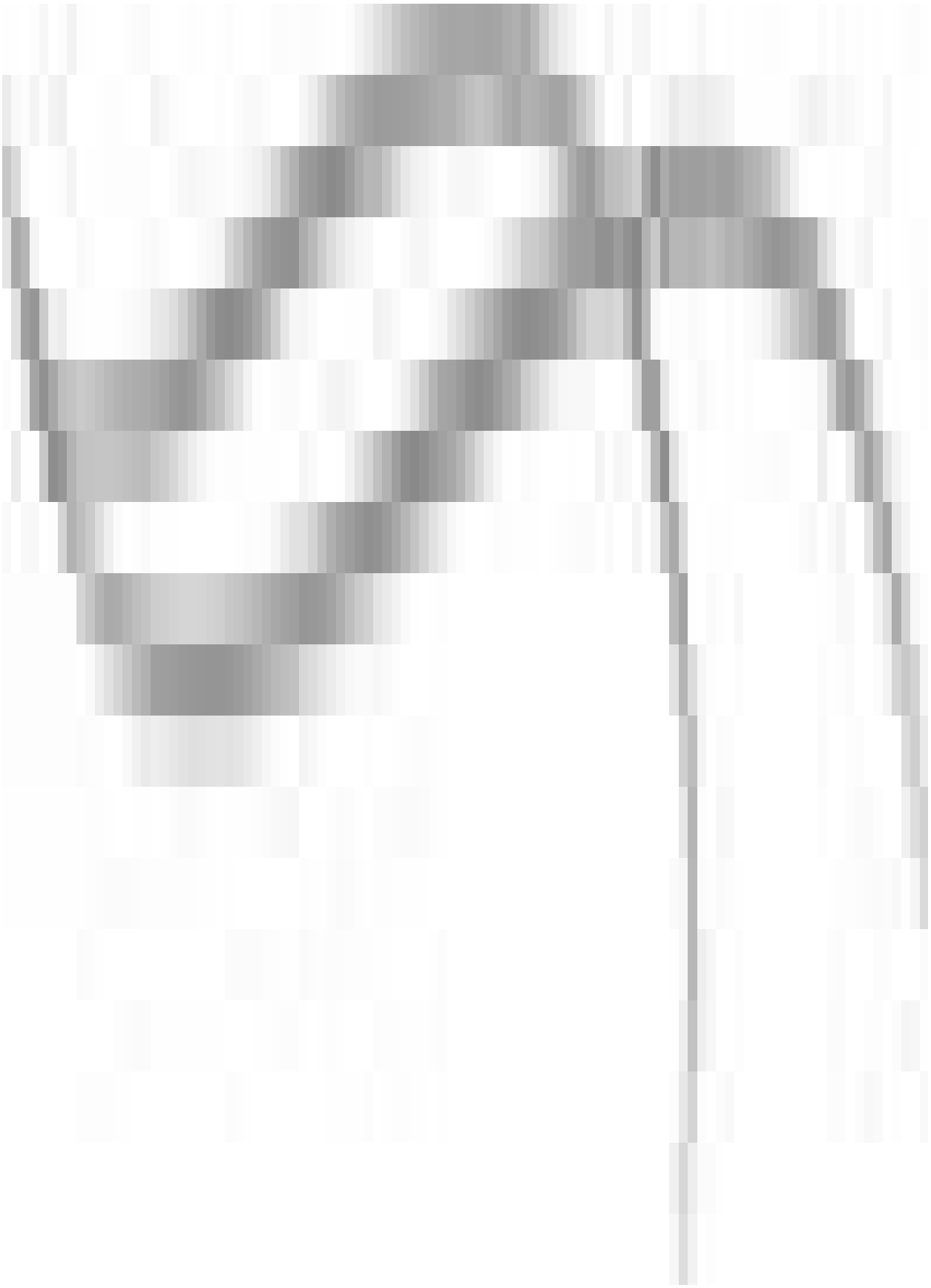
daquela área eram convidados. Kate e Sadie fizeram a sua profissão de fé numa dessas reuniões quando um renomado ministro brasileiro, o Rev. Álvaro Reis, estava pregando. (...) Finalmente, o dia feliz chegou quando, no ano de 1900, a capela ficou pronta e foi dedicada, e ela se tornou um lugar apropriado e de fácil acesso para os americanos e brasileiros da Vila Americana. A capela foi usada por muitos anos pelos ministros presbiterianos, metodistas, batistas e luteranos, quando eles vinham dirigir os serviços religiosos para o povo de língua inglesa e alemã. (...) A pequena capela tornou-se a sede da Igreja Presbiteriana de Vila Americana. (...) Em 1978, já com um novo templo, a igreja tem cerca de 500 membros, entre os quais já alguns descendentes dos imigrantes norte-americanos.” [21]



O núcleo 4, situado na área da Fazenda S. Luís, Retiro, foi lugar onde se organizou a Igreja Presbiteriana em Santa Bárbara, o que se deu a 26 (ou 17?).06.1870, por ocasião da Conferência dos Ministros Evangélicos (Ver parte “D”, 17.06.1870).

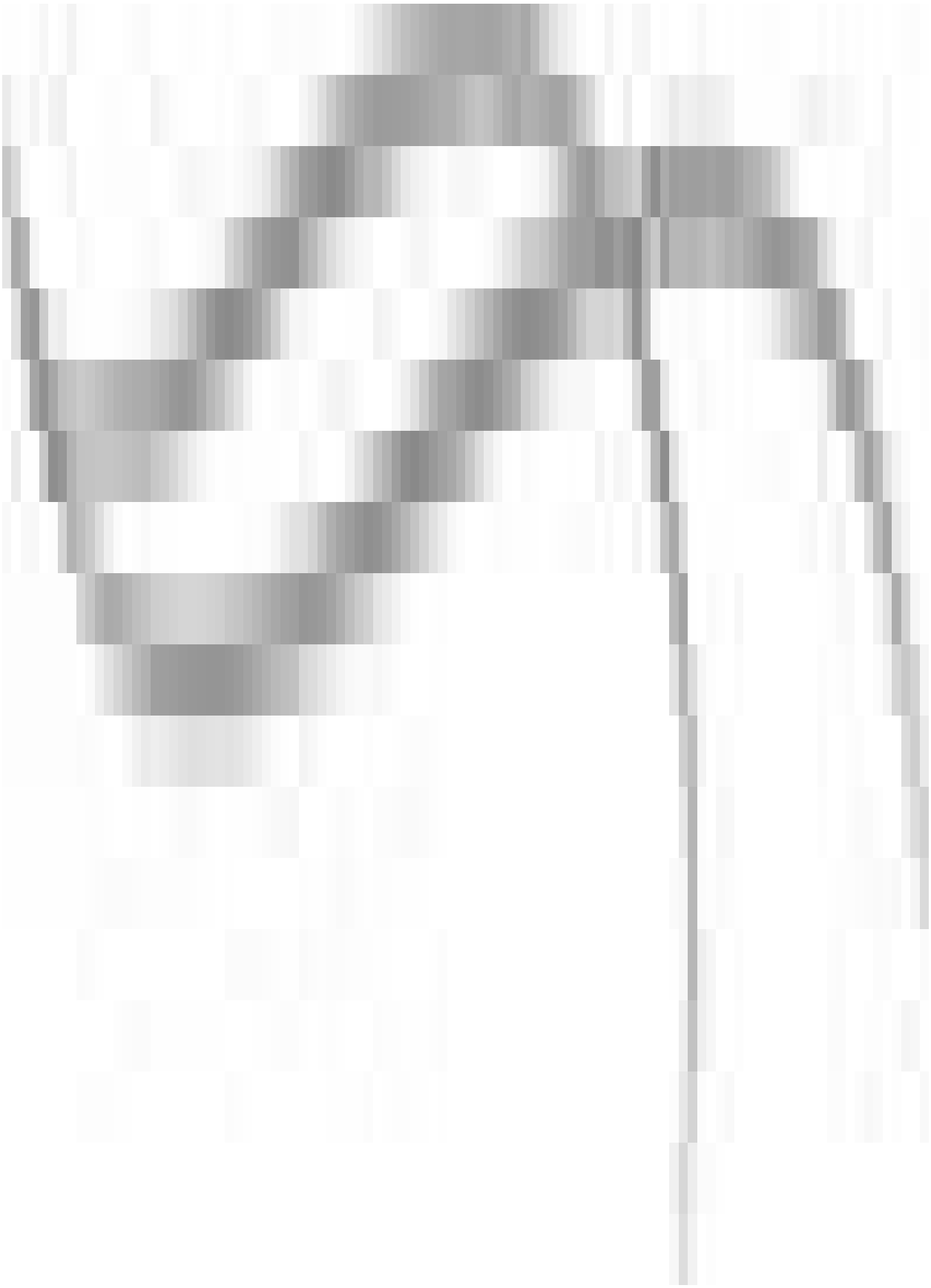
Pela informação abaixo, concluímos que ali, entre 1870 e 1885, houve uma Casa de Reuniões, que com o tempo foi substituída. Ela era usada, como as outras, pelos diversos grupos religiosos da comunidade.

Em 1885, a Conferência Trimestral do Circuito Metodista reuniu-se na Capela do Campo, núcleo 5. Ali foi constituída uma comissão para tratar da construção de um novo templo no Retiro, núcleo 4. Parece que a comissão não conseguiu erguer esse templo. Mas foi construída uma casa que por algum tempo serviu para a escola e os cultos, até que um incêndio a destruiu. (Resumo de 50 MB., 40).



O núcleo 5 estava situado no Campo. Só no ano de 1878 foi erguida a capela, junto ao cemitério, que já existia, iniciado em 13.07.1868, com a morte de Beatrice Oliver.

Nessa área, um dos mananciais era usado para formar um batistério, quando havia candidatos ao batismo da igreja batista. Dele batemos um retrato, em 1979. Esse manancial foi “afogado” posteriormente, para expansão da área agrícola. (Ver pág. 675)



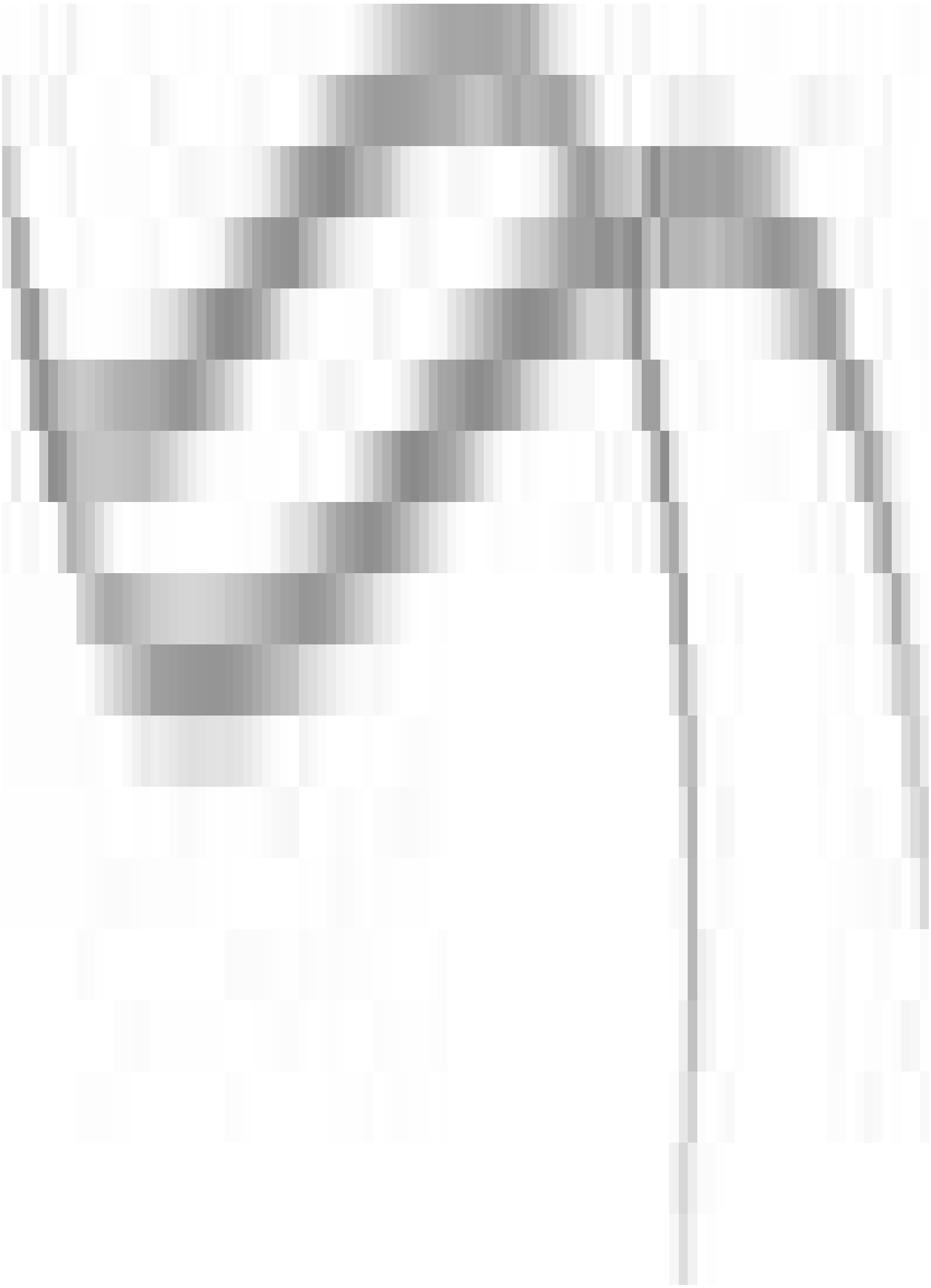
Quando havia uma reunião geral, cada família levava o seu mantimento para aquele dia. Era o “basket-dinner”. Após o culto, todos participavam do momento de confraternização. Cada um abria a sua cesta de alimentos, e estes eram repartidos. Todos comiam; mesmo os poucos que, por acaso, não tivessem levado a sua cesta de alimentos. A ocasião era propícia para conversas, notícias, risos e alegrias com a presença daqueles que há tempos não se viam. Havia, também, queixas e mexericos!

O “basket-dinner” é ainda hoje observado pelos descendentes daqueles emigrados americanos, quando se reúnem quatro vezes ao ano. Todos juntos, fazem o seu culto e depois a parte social; visitam-se os túmulos, limpam-se as lápides, renovam-se as plantas e flores. Assim os pioneiros são lembrados. É uma tradição sadia que perpetua os laços familiares. Uma boa parte dos epitáfios nas lápides dos túmulos são mensagens de esperança.

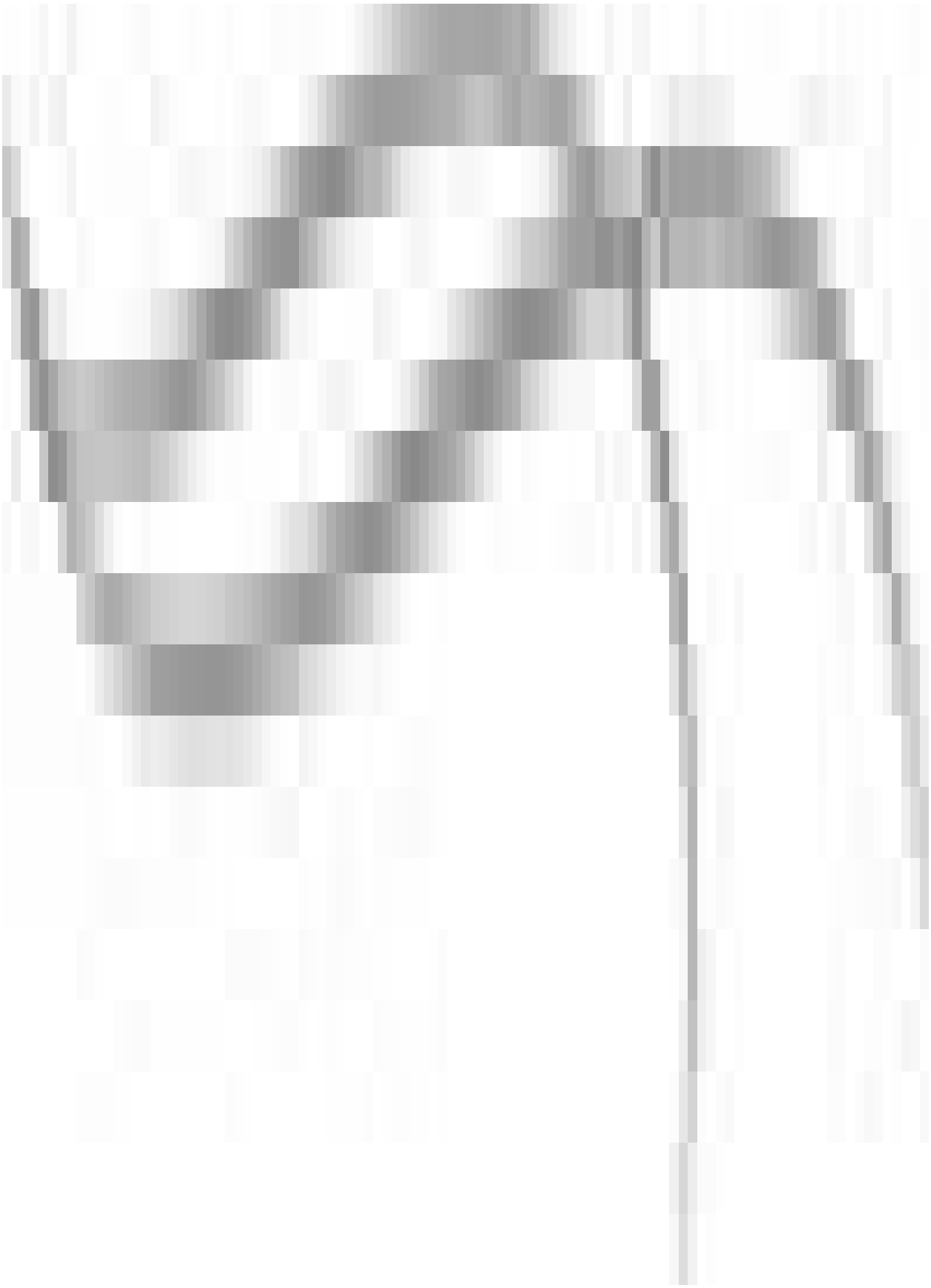
Mas a capela do Campo envelheceu. Então, construíram a capela de tijolos, coberta com telhas de cerâmica. Para a sua inauguração, vieram pastores de fora: John Rockwell Smith e seu filho, James Porter Smith, presbiterianos; Arthur Beriah Deter e William Buck Bagby, batistas; e outros. (Resumo de SD 353 e 356). (Ver pág. 680)

A dedicação dessa nova capela de cultos foi em 24.06.1904. Teve na pessoa de Martha Norris — “Pattie” — talvez a mais entusiasta para levantá-la. Lelicia Smith Thomas escreveu para sua irmã Eugênia sobre o acontecimento, algo de grande alegria para todos. Houve dois sermões, sendo um pela manhã e outro à noite.

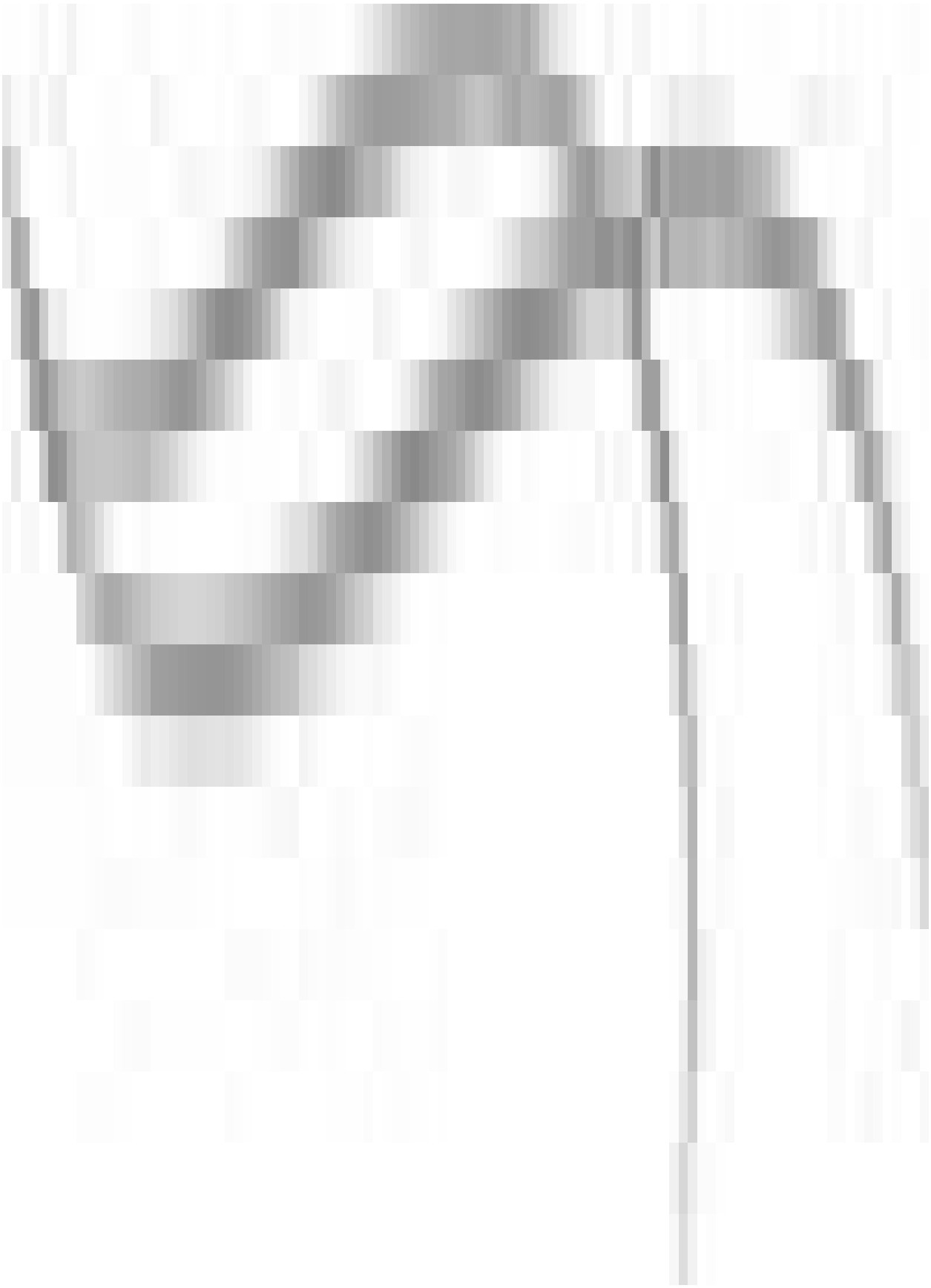
A 26.09.1903, fora assinada uma escritura particular de contrato de empreitada. O total foi de 2:594$000, fora o material, frete etc. Nas listas desse material podemos observar: telhas, tijolos, cadeados com quatro chaves para as portas, prendedores de janelas, pregos, portas para armário de livros, tinta verde, cimento, madeira, cal, bancos, lâmpadas, e também cortinas! (Cópia em nosso arquivo). Continuava o sistema “Meeting House”. Os assuntos de cada grupo denominacional continuaram a ser tratados em caráter particular.



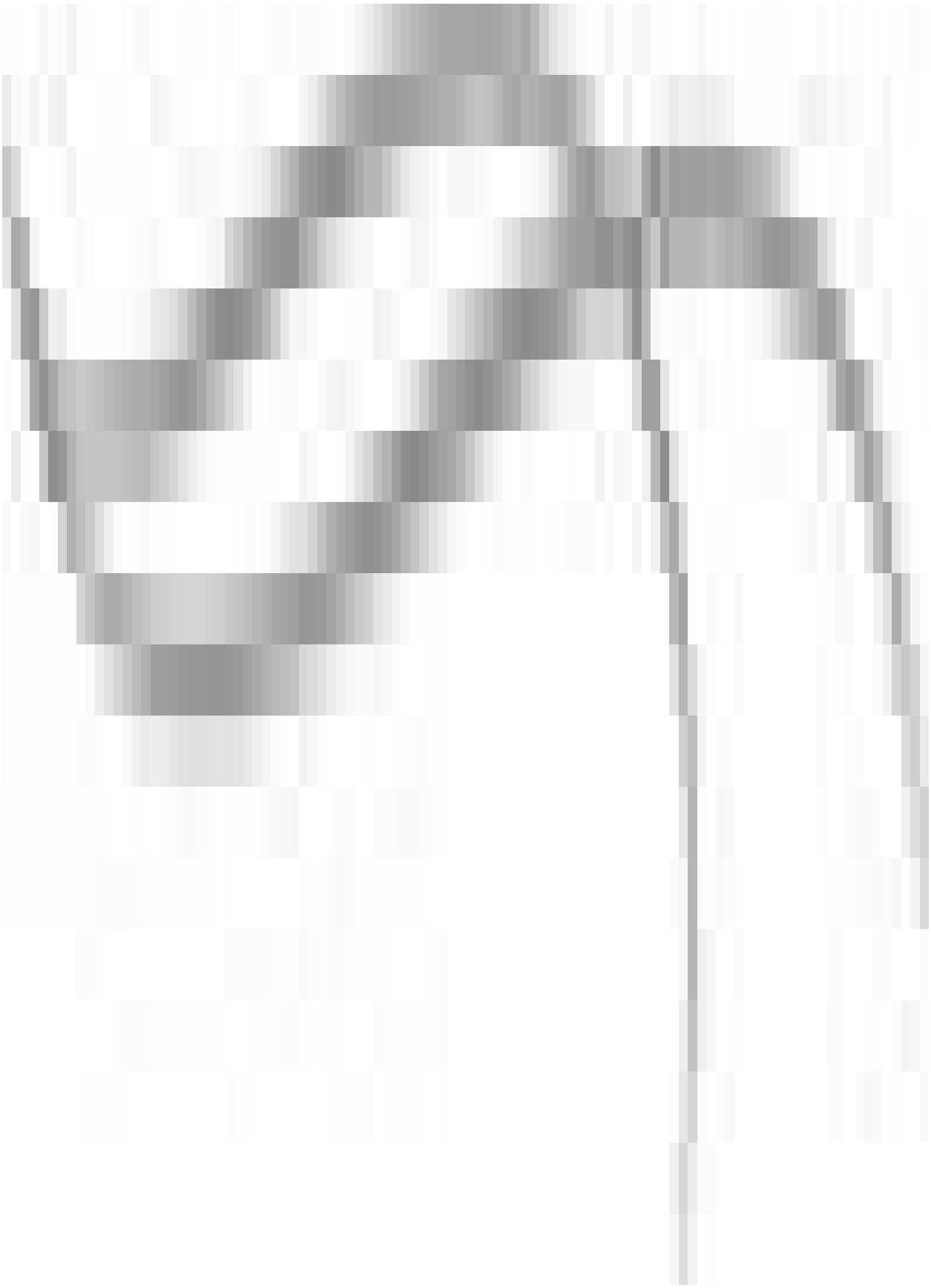
Na parte “C”, incluímos uma informação sobre a casa de culto preparada para o trabalho batista, na Vila de Santa Bárbara, pelo missionário E. H. Soper. [22]



O dia 20.06.1880, foi muito especial para os batistas. Nesse dia, a colônia reuniu-se na Vila de Santa Bárbara, no salão da Loja Maçônica. Brasileiros também estavam presentes. Personagem principal: o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque. (Ver parte “D”, 20.06.1880 e págs 662-664).



Na Vila de Santa Bárbara, por duas vezes, o teatro foi usado para reuniões religiosas (Ver parte “D”, 06.08.1891 e 10.10.1892). O primeiro desses documentos nos dá conta de “algumas reuniões ao ar livre”.



Na realização de cultos em comum não havia um caráter ecumênico, tal como às vezes se comenta. Pela existência de denominadores comuns, havia uma co-participação nos trabalhos dos três grupos. (Ver parte “D”, 17.06.1870 e 24.07.1942).

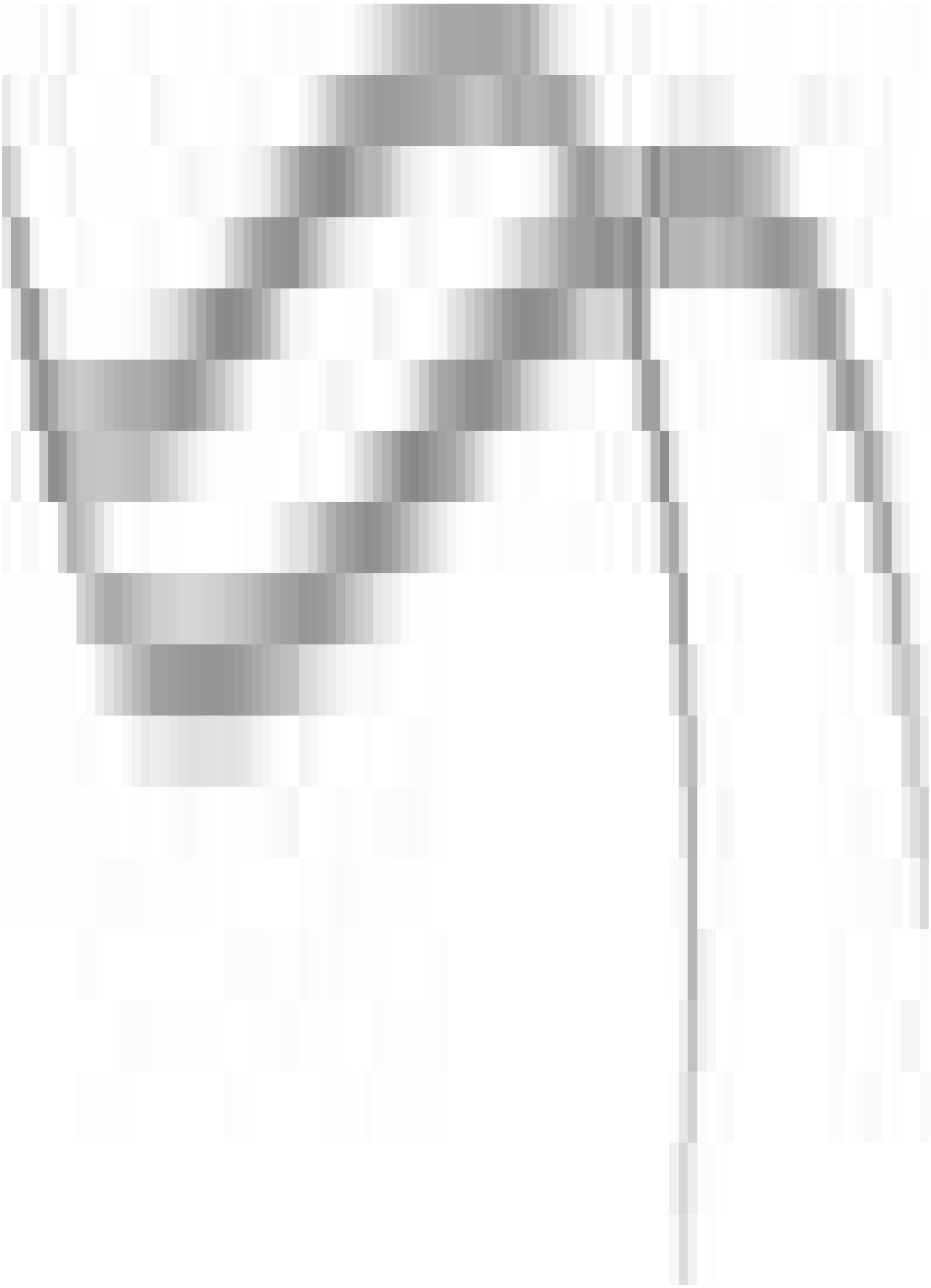
A organização independente de cada uma das igrejas — presbiteriana, metodista e batista —, e a existência das mesmas, por anos, são a prova inequívoca de que cada grupo guardava as suas características denominacionais e suas reuniões eram em separado, quando o caso assim o exigia.

É difícil avaliar os benefícios oriundos do amparo mútuo. De início, os batistas estavam sob os cuidados do Pr. Richard Ratcliff; os metodistas, do Pr. Junius Eastham Newman; e os presbiterianos, dos pastores James R. [ou E.] Baird e William Curtis Emerson. Sobre eles recaía a responsabilidade direta dos seus rebanhos, emigrados como todos os outros da colônia. Havia ainda outros pastores batistas na colônia: Samuel M. Pyles e Robert P. Thomas. Elias H. Quillin, que esteve antes na área do rio Una do Prelado, foi para Santa Bárbara, quando R. Ratcliff retirou-se do Brasil, a 12.05.1878.

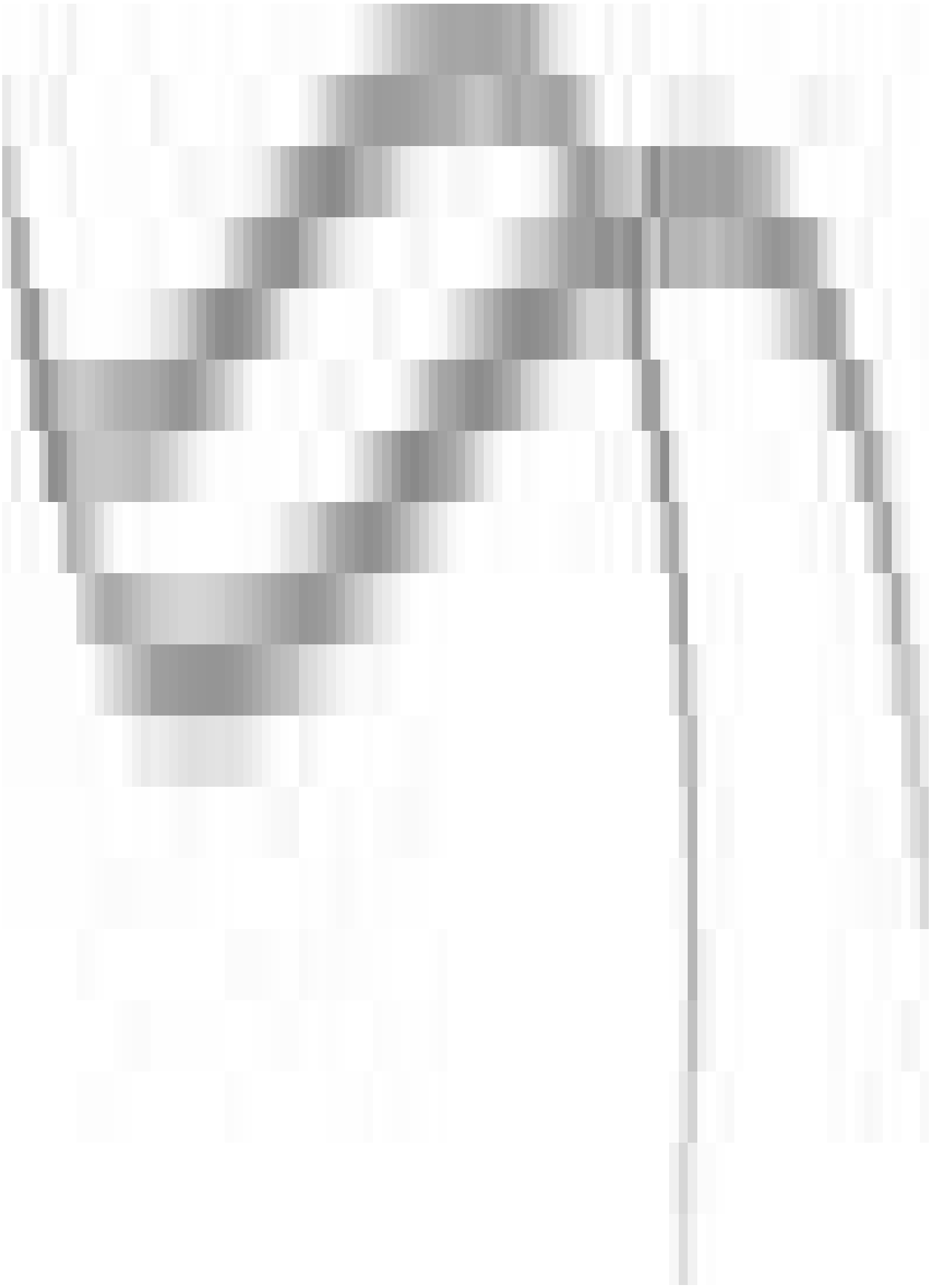
As naturais querelas seriam dirimidas da melhor forma possível, a favor da harmonia geral. Pastores e ovelhas deviam e precisavam manter-se unidos, mesmo enfrentando as diferenças de todos os matizes. Houve tempo quando os três rebanhos ficaram sem pastores.

Essa convivência ou co-participação teria redundado em algumas saídas de ovelhas de um para outro redil. Outras, talvez, teriam sofrido uma certa fragilidade doutrinária, ou mesmo afastamento.

Excetuando-se o pastor Quillin, por motivos de saúde, todos os outros tiveram que trabalhar na lavoura. De modo geral, os filhos e netos desses colonos pioneiros permaneceram na sua linha doutrinária. Hoje, porém, os descendentes são encontrados em quase todos os grupos religiosos. Alguns não pertencem a qualquer deles.



Os batistas, metodistas e presbiterianos sempre solicitaram das suas respectivas Juntas de Missões Estrangeiras, nos EUA, a vinda de obreiros que pudessem dedicar ao trabalho o seu tempo integral, tendo em vista os americanos da colônia e também os nativos. Cada grupo era pequeno demais para sustentar integralmente o seu pastor.



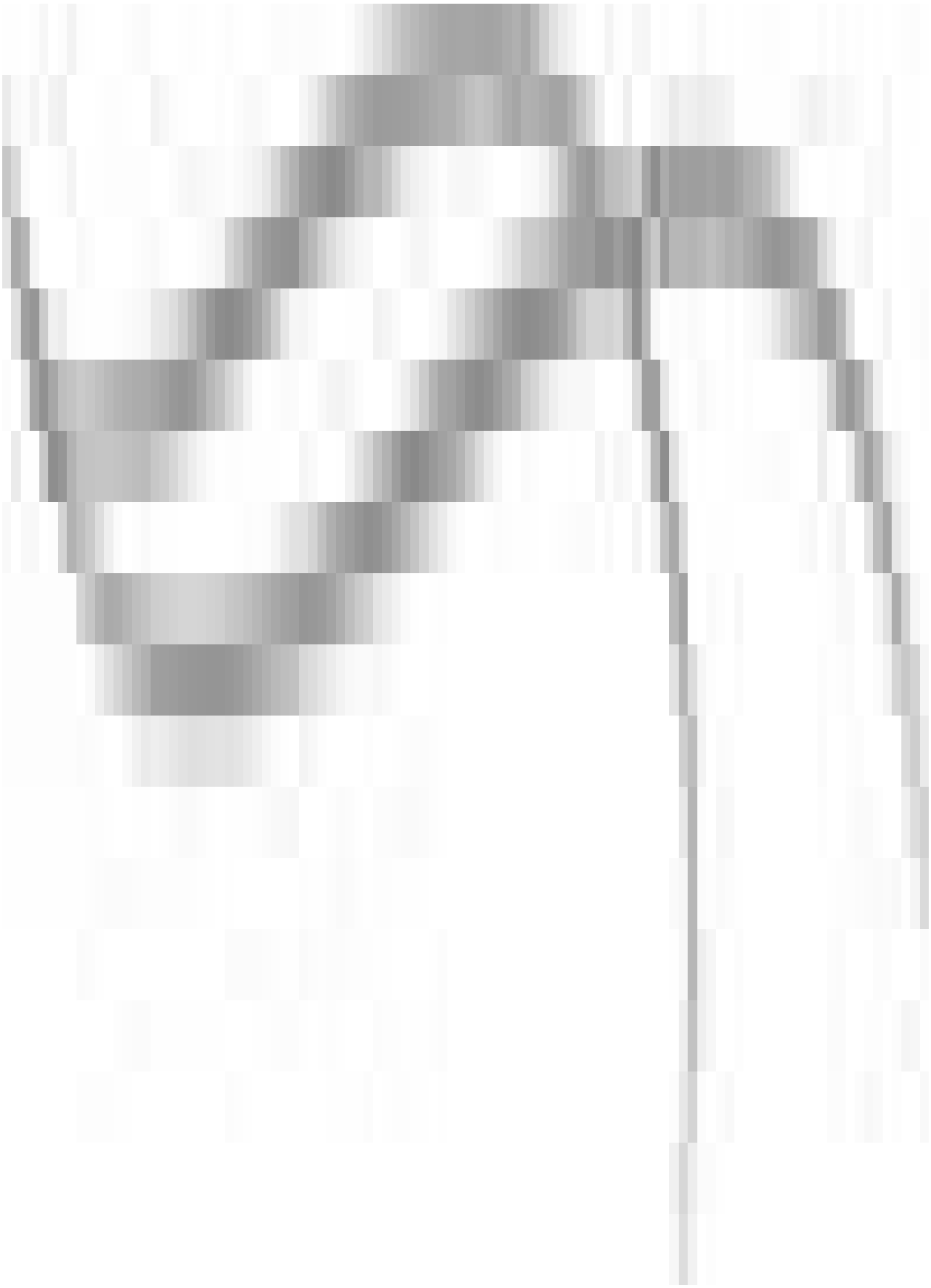
Houve sugestão para que estes fossem ajudados pelas Missões, na falta de obreiros que pudessem vir especificamente para o trabalho. Mas lá, a idéia não era simpática. Argumentava-se que não seria responsabilidade de uma Junta de Missões Estrangeiras sustentar obreiros dos EUA trabalhando para os colonos do mesmo país. A rigor, para eles, este não era um trabalho missionário. (Ver Nota na pág. 99)

Até certo ponto, esse argumento seria aceitável, tendo-se em vista um lado da questão. Do outro, porém, estaria aquele de que, no início do trabalho, não havia outra alternativa. Os rebanhos precisavam de direção, alimento e forças. Só assim poderiam atingir os nativos.

No caso dos batistas, o Pr. Ratcliff, antes de vir para o Brasil, escreveu à FMB para que o ajudasse. Em 1870, J. H. Freligh reforçou o pedido. Houve apenas silêncio. Em 1879, o Pr. Quillin foi nomeado missionário, mas sem a ajuda financeira da FMB.

Com os pastores presbiterianos, W. C. Emerson e J. R. Baird, ocorreu mais ou menos o mesmo, por parte de seus irmãos nos EUA.

A Sra. Blanche Clark Weaver escreveu que era espantoso verificar como, apesar de todos os óbices e incompreensões, o estabelecimento permanente no trabalho missionário no Brasil podia ser atribuído às atividades desses grupos de colonos. E isto se tornava mais evidente quando comparado com as primeiras tentativas de se estabelecer o trabalho neste país. A contribuição dada pelos emigrados dos EUA para a vida religiosa e educacional do Brasil é muito maior do que poderia ser esperado de um número tão limitado de crentes. O estabelecimento das igrejas, naquele início, serviu como centro de arremesso, com sucesso, das missões no Brasil. [23]

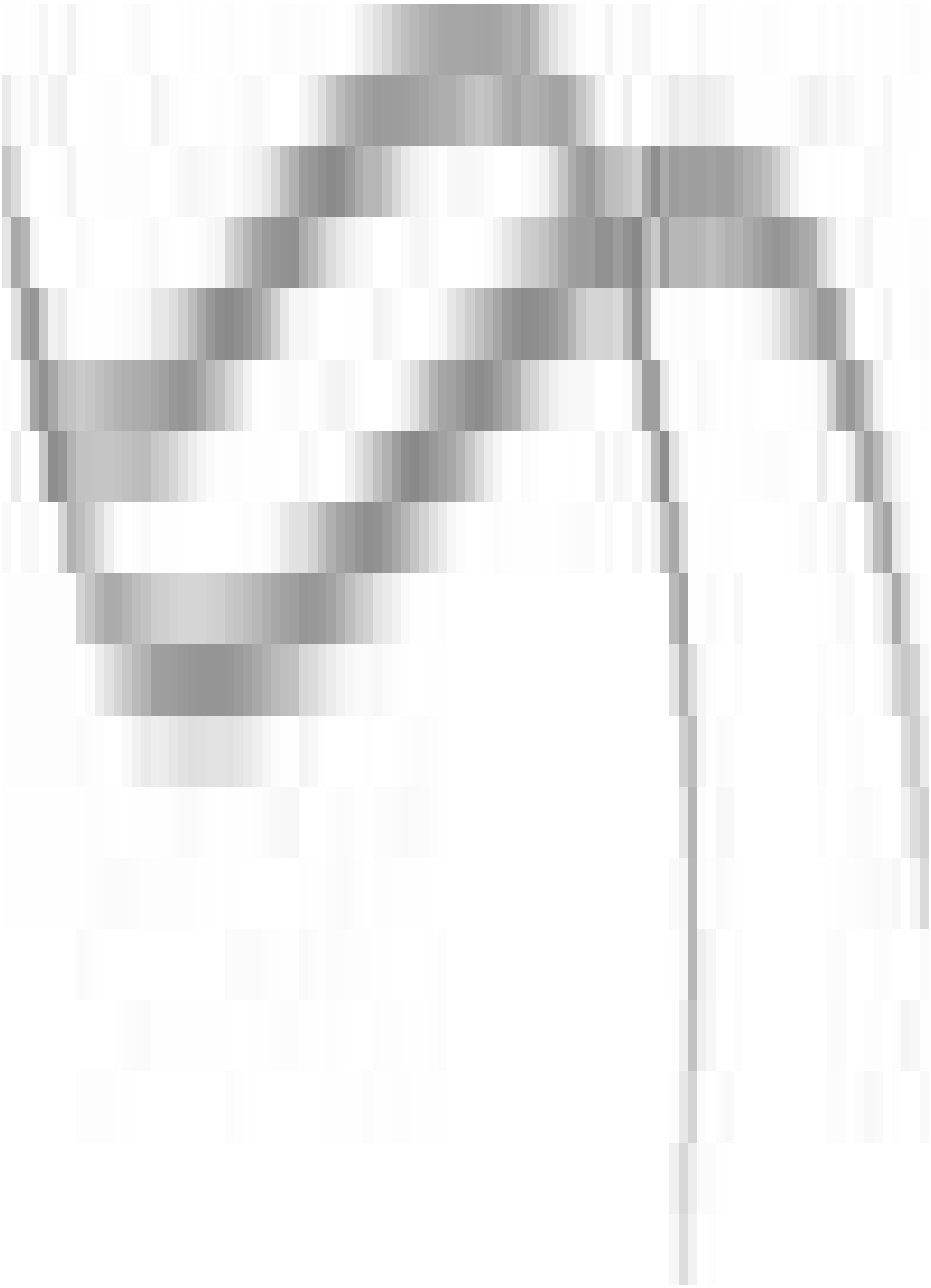


Releva observar que, desse centro, uma plêiade de jovens dedicou-se ao trabalho da Causa. (Ver pág. 67 - Servindo como Obreiros, lista com alguns desses nomes)

Não sabemos se existiu ou existe uma comunidade com as características e condições daquela de Santa Bárbara, que tenha dado tantos obreiros diretamente para o trabalho da Causa. É espantoso!

Há de ser surpresa quando conhecermos quanto serviço foi prestado pelos descendentes daqueles pioneiros e que, ainda hoje, outros prestam, naquela e nas outras áreas de serviço, através de suas vidas devotadas pela sua formação cristã. Deus chama os homens para o ministério, mas, chama também para a realização de muitas outras tarefas! Um dos mais lindos exemplos é o de Pérola Ellis Byington. — (Ver Parte B - Biografia de Henry Strong - pág. 351).

Seremos mesquinhos e teremos viseiras, se não reconhecermos que a comunidade funcionou como ponto de arremesso de suas centelhas, lutou para ser o sal, o fermento e a luz, mesmo tendo contra si tantos empecilhos.

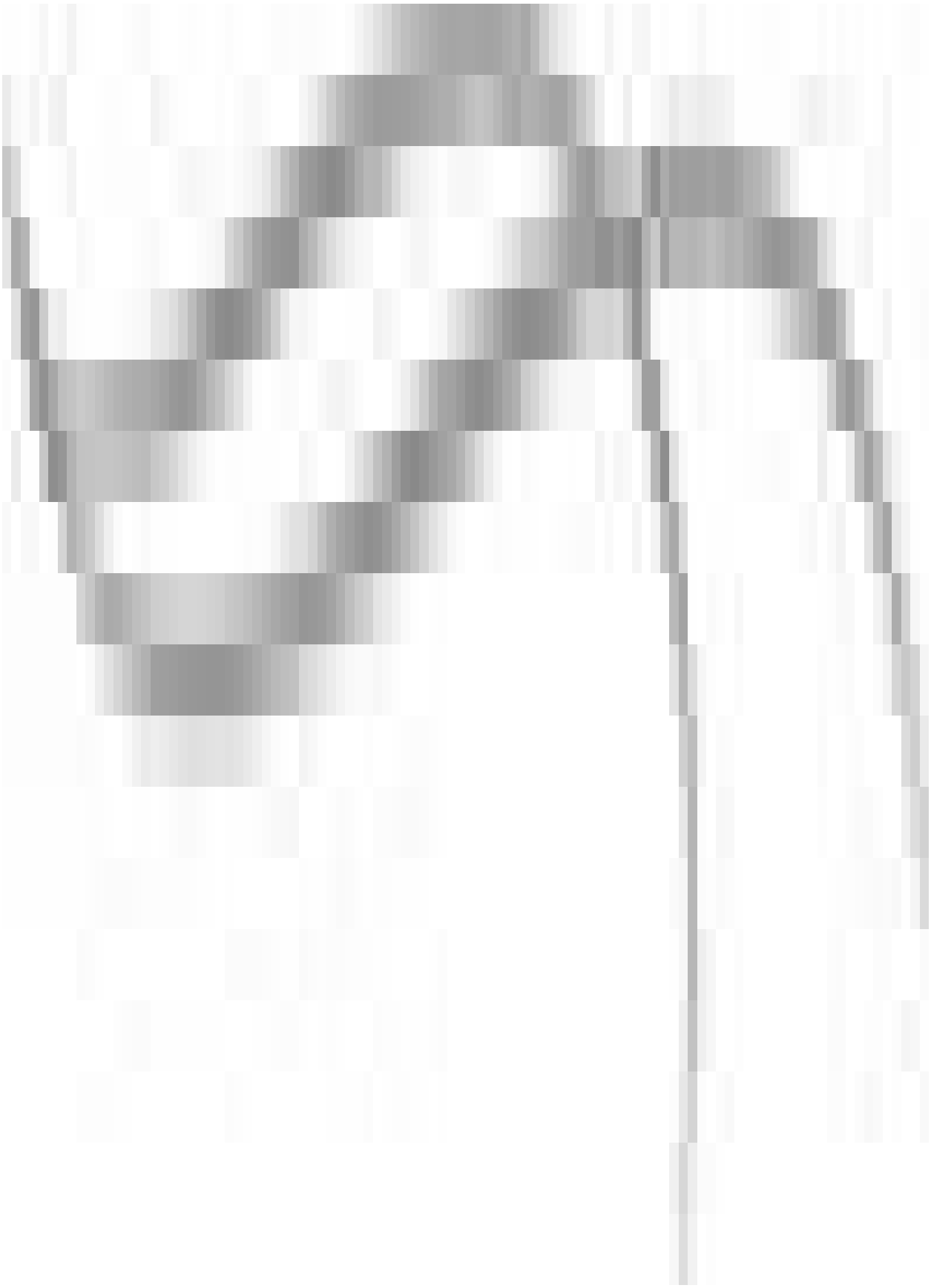


As igrejas da colônia tiveram a sua vida administrativa limitada a um tempo, em média de 38 anos. Os pioneiros, aos poucos, foram passando para a eternidade. Seus filhos tentaram manter aquelas igrejas até quando lhes foi possível. Os já nascidos em SB precisaram de escolas; certas famílias, sofrendo reveses, buscaram fora dali novos recursos de vida; alguns sentiram a chamada divina para o serviço do Rei, e, ali, aos poucos, as igrejas não se podiam mais reunir.

Para meditar, considere-se: Quando algo ou alguém desaparece, vale dizer que nunca existiram? Que nada fizeram ou deixaram?

“... e as suas obras os sigam” (Ap 14.13).

E os desígnios de Deus? — (Is 55.8-12).



Servindo Como Obreiros

Os nomes com algumas informações, a seguir, chegaram a 40. Temos certeza que vários nomes podem ser acrescidos, não só nos grupos metodista, presbiteriano e batista, como em outros. São nomes dos que prestaram e prestam serviço como obreiros na Causa, mais diretamente, na parte do ministério. Gostaríamos de ter uma lista incluindo o magistério, as profissões liberais e as que se têm enriquecido com a presença de descendentes dos pioneiros de Santa Bárbara.

Mary Lucille BANKSTON — filha de Sarah Rebecca e Francis M. Bankston, casou-se com o Rev. Reynald [ou Reynold] Price Baird, filho do Rev. James Robinson Baird. Missionários no Ceará. Missão Presbiteriana. (Ver Parte B - Biografia de Henry Strong - pág. 351).

Catherine BOOKWALTER — "Kate" — filha de Anna Miller e Leroy King Bookwalter, casou-se com o Rev. John H. Wheelock. Professores missionários, Missão Presbiteriana, por 39 anos, no Instituto Gammon, Lavras, MG. Só ela era da colônia.

Walter CULLEN — trineto de Robert e Cynthia Cullen. Pastor batista em trabalho independente.

Carrie DAFFIN — filha de Roberta Hall, da Colônia, e Rev. Robert Daffin, pais missionários. Casou-se com o Rev. Milton Lafayette Daugherty. Missão Presbiteriana. Missionários em Jaboticabal, Barretos, SP, e em Uberlândia, MG; total de 34 anos de serviço missionário no Brasil.

Charles Davis DANIEL — missionário batista, da FMB-SBC. Serviu na Bahia, Alagoas e Minas Gerais. Casou-se nos EUA com Lena Kirk.

(Ver Parte B - Biografia de Charles Davis Daniel - pág. 316)

Helen DUMAS — filha de John e Helen King Dumas. Casou-se com o Rev. Elpídio Silveira.

James McFadden GASTON Junior — filho de Dr. James McFadden Gaston e Susan G. Brumby. Pai e filho eram médicos. O pai era diácono presbiteriano.

Kezian Brevard GASTON — “Izzie” — filha do casal acima e irmã de James Jr. Casou-se com o missionário presbiteriano, Rev. John Benjamim Kolb. Missionários na Bahia, em Sergipe e em Santa Catarina.

Nannie Thornwell GASTON — filha do mesmo casal Gaston, casou-se com o Rev. Alexander Latimer Blackford. Para ele, segundas núpcias. Missionários por muitos anos no Brasil, da Missão Presbiteriana.

Mary Elisabeth GRADY — filha de Jane B. e Sr. Grady, uma das fundadoras da Igreja Presbiteriana de SB. Casou-se com o Rev. William C. Emerson, da colônia. Para este, foi a sua segunda esposa.

Maria Isabel GRADY — filha de Curtis Durham e Sarah Calcot Rush Grady. Casou-se com o Rev. Américo C. de Menezes, presbiteriano.

Alma DAUGHERTY — bisneta de Charles Hall e Elisabeth M. Hall, estes da colônia. Casou-se com o Dr. Alan Gordon, médico missionário da Missão Presbiteriana. Trabalharam em Dourados, MG.

Katherine Eugenia HALL — “Kate” — filha de Charles e Elisabeth M. Hall. Casou-se com o Rev. Alva Hardie, da Missão Presbiteriana. Serviram em Campinas, Descalvado, SP; Patrocínio, Uberlândia e Araxá, MG.

Katherine Ives HALL — filha de George Ives Hall. Casou-se com o Rev. William Calvin Porter, do grupo dos emigrados dos EUA. Morou bom tempo em Campinas. Este foi cunhado do Rev. John Rockwell Smith. William e Katherine, presbiterianos, trabalharam no Ceará, Natal, Recife, Paraíba. Totalizaram 50 anos de trabalho missionário no Brasil. Foi na escola por eles organizada no Norte, onde estudou o menino, que mais tarde seria o vice-presidente e presidente do Brasil — o Sr. João Fernandes Campos CAFÉ FILHO.

Lucy Magill HALL — filha de Charles e Elisabeth M. Hall. Casou-se com o Rev. Charles Read Morton, da Missão Presbiteriana. Em segundas núpcias, com o Rev. Robert Daffin. Campo de trabalho: MG.

Margaret Bookwalter HALL — filha do casal citado acima. Casou-se com o Rev. Philip Sheedir Landes, da Missão Presbiteriana. Trabalharam em Mato

Grosso e S. Paulo.

Roberta Theresa HALL — também filha do casal citado acima. Casou-se com o Rev. Robert D. Daffin, da Missão Presbiteriana. Serviram em Itu, Itapetininga, Campinas, Barretos, SP; S. Sebastião do Paraíso, MG.

Sarah Miller HALL, — "Saddie" — filha do mesmo casal. Casou-se com o Rev. James Porter Smith, filho do Rev. John Rockwell Smith. Sadie e a irmã Kate converteram-se com a pregação do Rev. Álvaro Reis. Sadie e James Smith serviram como missionários da Missão Presbiteriana em Campinas, SP, no Seminário dessa Missão.

Pauline LANDES, — "Polly" — filha de Margaret Hall e do Rev. P. S. Landes. Casou-se com George Chalmers Browne e foram trabalhar na China. Serviram depois no Brasil e, em 1978, estavam em Moçambique, na África, como missionários da Missão Presbiteriana.

Bertha MILLS — nascida em Santa Bárbara, SP. Filha de William e Dora T. Mills. Casou-se com o Rev. Robert Edward Pettigrew e serviram como missionários batistas da FMB da SBC, no Brasil. (Ver Parte B - Biografia de Bertha Mills - pág. 340).

Donnie MOORE — filha de Joseph H. Moore. Casou-se com o Rev. John L. Bruce. Serviram no Brasil, por 12 anos, como missionários metodistas.

Anne Ayres NEWMAN — filha de Junius Eastham Newman e Mary A. Newman. Casou-se com o Rev. John James Ransom, missionário metodista servindo no Rio de Janeiro. Ainda solteira, Anne serviu como professora em Piracicaba. Como esposa de missionário, seu tempo de atividade foi curto, pois que faleceu logo depois de ter nascido o primeiro neném, no Rio de Janeiro.

Ella Virginia PORTER — filha de James D. Porter e Susan M. F. Porter. Casou-se com o Rev. Edmund A. Tilly. Serviram no Brasil, como missionários metodistas.

Susan Caroline PORTER, — "Carrie" — filha do casal acima. Casou-se com o Rev. John Rockwell Smith. Missionários presbiterianos, no Brasil.

William Calvin PORTER — filho do mesmo casal. (Ver Katherine Ives Hall, nesta mesma lista).

Daisy PYLES — filha de Adoniram J. Pyles e Josephina Pyles. Casou-se com o Rev. James Lillibourn Kennedy. Serviram no Brasil, como missionários metodistas, por muitos anos.

Evelyn ROWE — filha de Frank e Eula Kennerly Rowe, bisneta de Pleasant M. e Sarah A. Fenley. Casou-se com o Rev. ?. Thompson, missionário presbiteriano. Como havia três missionários com o mesmo sobrenome, trabalhando mais ou menos na mesma época, não tivemos dados suficientes para saber qual deles foi o esposo de Evelyn.

Charles Emerson SMITH — filho do Rev. James Porter Smith e Sarah Hall Smith. Serviu como pastor de uma igreja presbiteriana, nos EUA.

Carolyn Miller SMITH — filha do mesmo casal. Casou-se com o Rev. William Bethea Ward, pastor presbiteriano, nos EUA.

Eugênia SMITH — filha de Eugene B. Smith e Sue B. Smith. Casou-se com o Rev. George L. Becker. Serviram muitos anos no Brasil, como missionários metodistas.

Hortência SMITH — irmã de Eugênia Smith. Casou-se com o Rev. Oswaldo Guimarães [ou Manoel Guimarães]. Foi professora no Colégio Piracicabano e no Colégio Progresso, quando D. Anna L. Bagby iniciou-o, em São Paulo. O casal trabalhou em Recife, como evangelista, com as igrejas batistas. Também, em Vitória, ES. (ver pág 681 - Imagem E65)

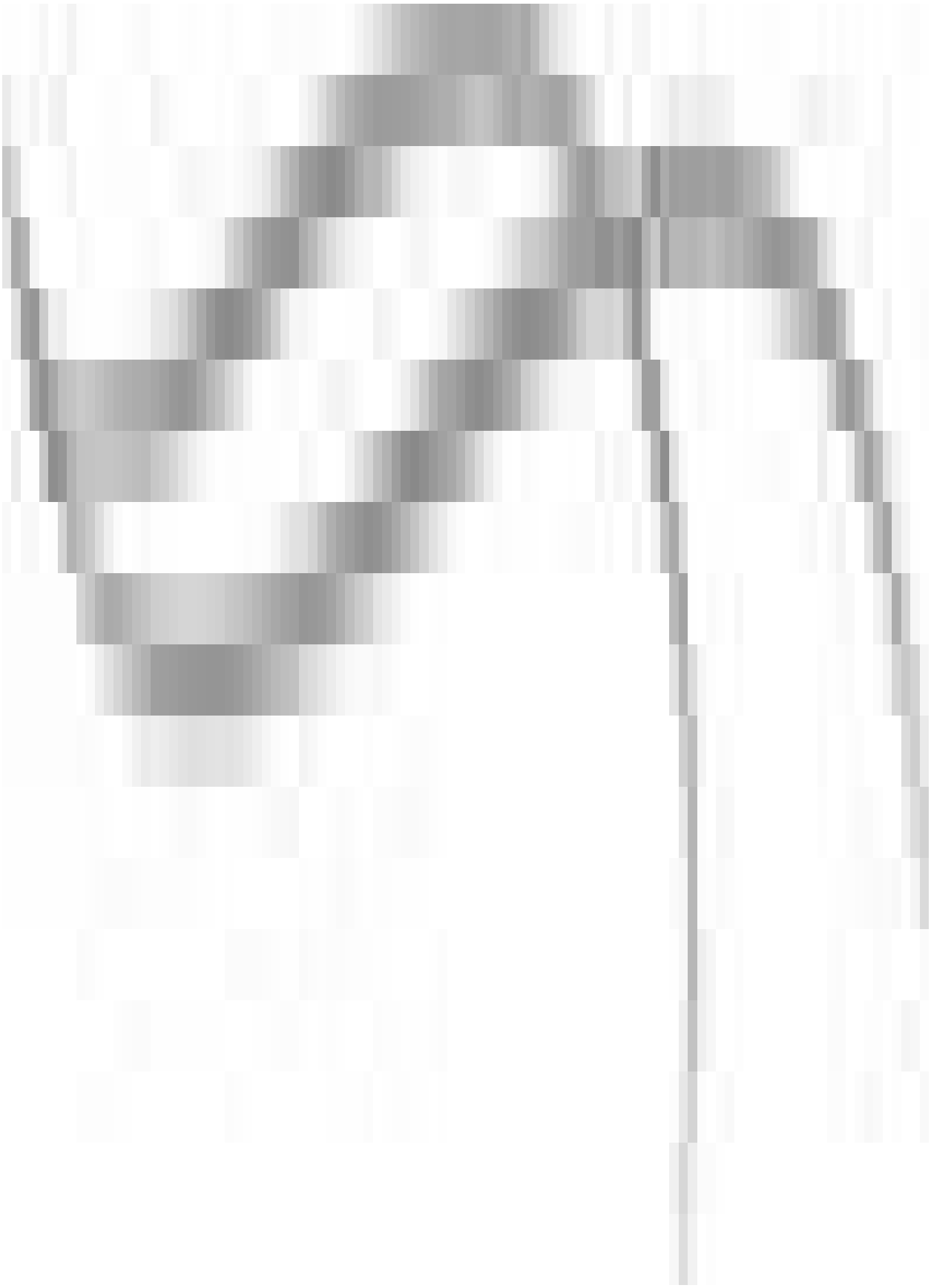
Leonora SMITH — filha de Thomas D. e Elisabeth C. Smith. Fundadores da Igreja Metodista em SB. Leonora tornou-se professora missionária. Casou-se com Robert Underwood Meriwether, batista. Ela trabalhou em Ribeirão Preto e em Piracicaba. Aí, ela foi uma das fundadoras da Igreja Metodista. Foi missionária no Brasil durante 20 anos. Em 1932, ela estava em Ecletic, Alabama, com a idade de 70 anos.

Anne Hope THOMAS — nascida em Santa Bárbara, SP, filha de William F.Thomas e Fanny E. Ferguson. Casou-se com John Bruton Parker. Ainda solteira, tornou-se missionária da FMB-SBC. Casou-se nos EUA, trouxe o esposo, e ambos foram missionários batistas no Brasil. Anne nasceu em Santa Bárbara. Tornou-se a primeira missionária nascida no Brasil. (Ver Parte B - Biografia de R. P. Thomas na pág. 168 e na Parte E, Imagem E27 na pág 666).

Eugenia THOMAS — filha de William F. Thomas e Fanny Elisa Ferguson. Casou-se com Ricardo Pitrowsky, sendo ele pastor por muitos anos no Rio de Janeiro, da Igreja Batista do Engenho de Dentro, hoje, Segunda Igreja Batista do Rio de Janeiro.

Charlotte VAUGHAN — filha de Charles Vaughan e Elisabeth Bookwalter Vaughan. Trabalhou na União Feminina Missionária Batista do Brasil, órgão filiado à CBB.

Zita Paulina Fenley BOTELHO — trabalhou com a União Feminina Missionária Batista do Brasil. Bisneta de Pleasant M. e Sarah A. Fenley.



Obreiros Visitantes Em Santa Bárbara

Os nomes abaixo foram encontrados nos livros de história do trabalho presbiteriano, batista e metodista no Brasil, em cartas e relatórios. Nem sempre, junto ao nome do obreiro, aparece o nome da esposa.

Presbiterianos

Reynald Price BAIRD, Alexander Latimer BLACKFORD, George Whitehill CHAMBERLAIN, Robert Dale DAFFIN, Samuel Thea GAMMOM, Alva HARDIE, John Benjamin KOLB, George Newell LANDES, Edward LANE, William Le CONTE, Hugh Ware McKEE, Robert Frederick? LENNINGTON, Charles Read MORTON, William Calvin PORTER, Álvaro REIS, Francis Joseph Christopher SCHNEIDER, James Porter SMITH, John Rockwell SMITH, Emanuel VANORDEN, (William Lucas?) BEDINGER.

Metodistas

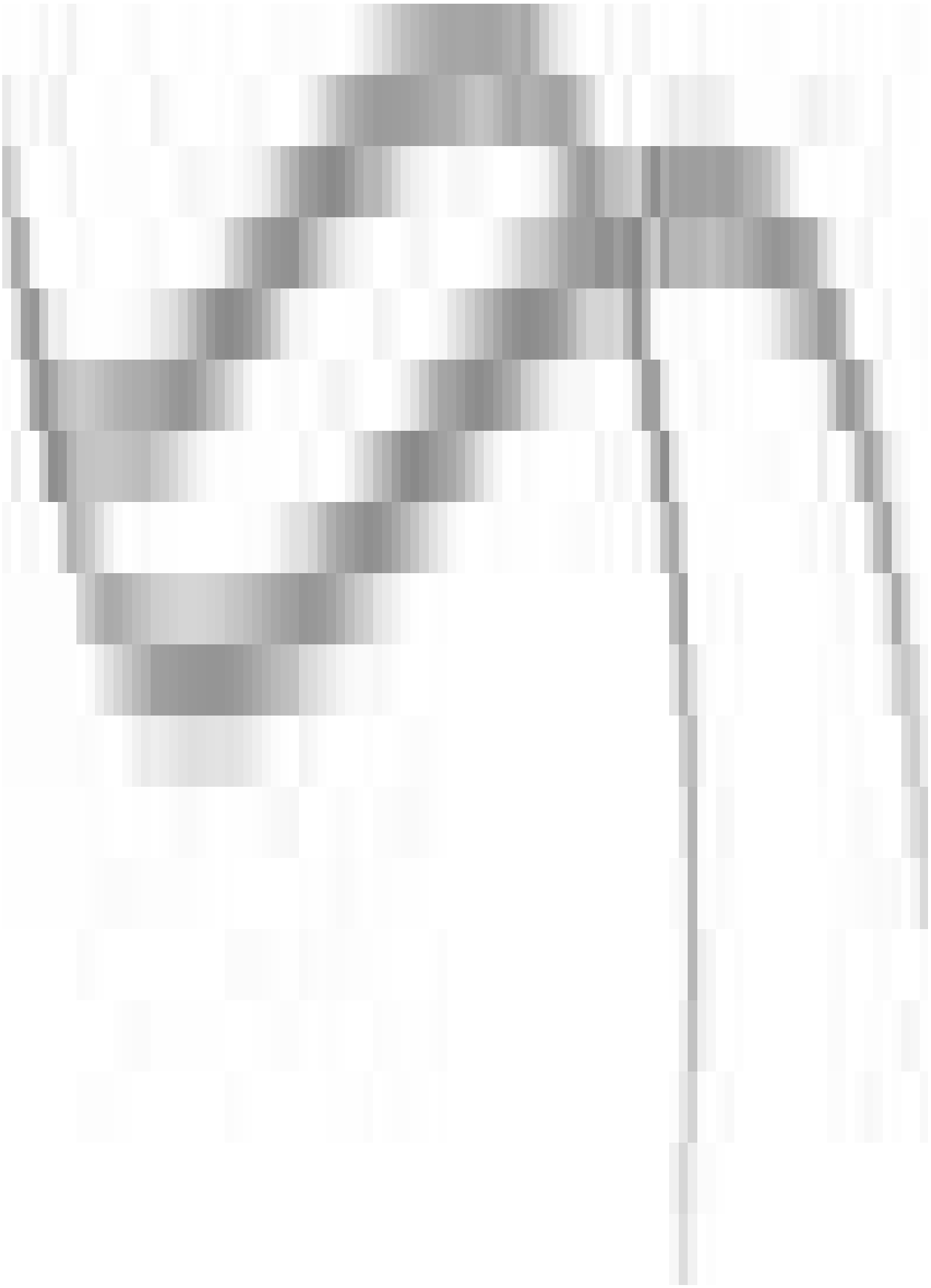
George L. BECKER, Michael DICKIE, Herman GERTNER, John Cauper GRAMBERY, James HAMILTON, James Lillibourne KENNEDY, John McPherson LANDES, John James RANSON, John W. TARBOUX, Edmundo A. TILLY, Hugh Clarence TUCKER, Martha WATTS, James W. WOOLING, John L. BRUCE, W. B. LEE. (Herman Gertner é o mesmo Guilherme Herman Gärtner).

Batistas

William Buck BAGBY, Charles Davis DANIEL, Arthur Beriah DETER, James Leonel DOWNING, Salomão Louis GINSBURG, Emma MORTON, José

NIGRO, Edward Allen PUTHUFF, Edwin Herbert SOPER, James Jackson TAYLOR, Zachary Clay TAYLOR.

As visitas acima se deram no período de 1870 a 1910.



Loja Maçônica “George Washington”

Entre os emigrados dos EUA que se estabeleceram em SB, havia diversos maçons. Em 1874, animados e esperançosos, fundaram a Loja Maçônica “George Washington”,[24] sob a liderança de William Hutchinson Norris, que foi eleito o Venerável.[25]

“No Grande Oriente Unido obteve deste, em 12.11.1874, autorização especial para trabalhar em língua inglesa e, em 07.08.1877, para ‘adotar integralmente o rito YORK’. (...) Em 19.11.1874, foi-lhe dada a ‘Carta Constitutiva’. (...) A Loja foi incorporada pelo Grande Oriente do Brasil em 18.01.1883, e a última nominata recebida foi de 1889. Pode ser que a Loja ainda tenha trabalhado ‘a descoberto’ até 1903, como afirmam em Santa Bárbara; mas isto ainda não pôde ser provado. (...) Foi pelo Gr.: Cap.: do Rito York do GOB considerada a Loja nº 1, mesmo INATIVA. (...) Consta que a Loja Campos Salles II, em Santa Bárbara d’Oeste, tem em seu templo as duas colunas “J” e “B” que eram da Loja ‘Washington’, Cadastro 309 do GOB, que adormeceu antes de 1900.” [26]

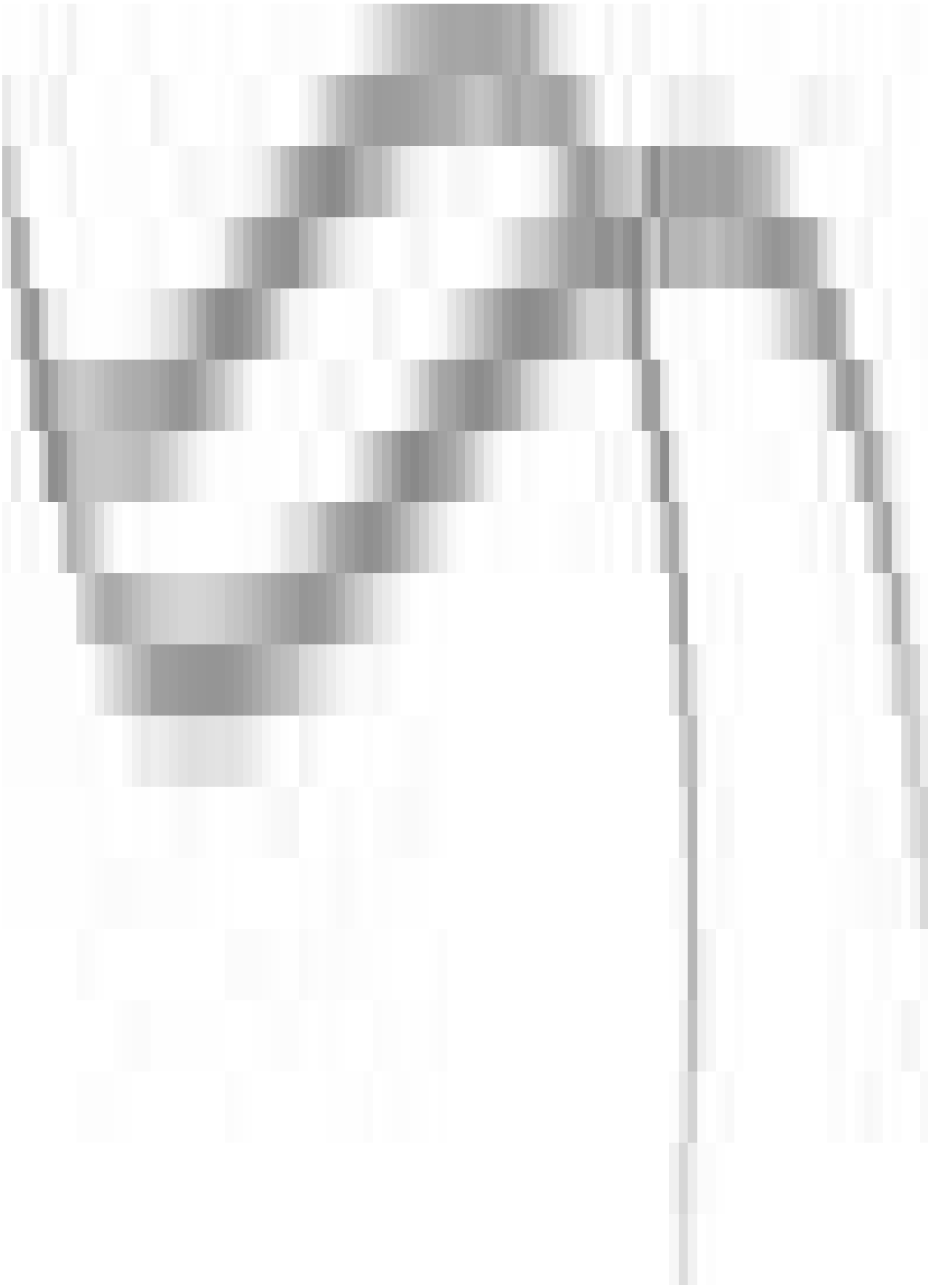
Não sabemos se o arquivo da loja foi localizado.

O livro “The History of Craft Masonry in Brazil” publica um retrato de onze dos seus membros, com a data de 1880. Poderíamos conjecturar que tenha sido tirado no dia da reunião que os batistas realizaram no salão da Loja para a recepção, como membro da Igreja Batista da Estação, e logo a consagração ao ministério, de Antonio Teixeira de Albuquerque, ocorrida a 20.06.1880. (Ver parte D - 20.06.1880 ne Parte E - Imagens nas págs. 662 e 663).

Consoante documentos que encontramos no Cartório de Notas de SB, os maçons possuíam mais de uma propriedade na vila. Duas delas estavam na rua General Osório, que passa atrás da Igreja Matriz Romana. Uma delas, na esquina da rua 15 de Novembro, antiga Retiro, deve ter sido onde se deu aquela importante

reunião tendo A. T. Albuquerque como figura principal. Essa esquina fica a um quarteirão da parte posterior da matriz, conforme retrato que tiramos a 19.07.1984.

Fazer realizar uma reunião, como foi aquela da consagração de Teixeira, sendo ele um ex-padre, num prédio da área da Matriz Romana, faz-nos pensar no grau de ousadia do qual estavam todos possuídos e os batistas cheios de coragem naquela tomada de posição. (Ver pág. 664)



No dia 19.07.1984, visitamos a Loja Maçônica Campos Salles II, acompanhada do seu presidente, o Sr. Aladino Antonio Battaglia. Dessa visita resultou a permissão para fotografarmos as colunas “J” e “B”, mencionadas anteriormente. Todo o trabalho do entalhe dessas colunas de madeira foi feito à mão, naquele tempo, por um dos componentes da Loja, o Sr. Henry Farrar Steagal. (SD 287) (Ver pág. 662)

É bem provável que elas sejam as únicas testemunhas materiais daquela reunião! Sentimos emoção ao fotografá-las. Pela palavra do Sr. A. A. Battaglia, era o primeiro retrato daquelas colunas! (Sobre as letras “J” e “B”, ler 1Reis 7.21).

A lista de nomes dada a seguir reconstitui parte do quadro de membros daquela entidade. Dos relacionados, salvo engano, oito eram batistas. A lista foi elaborada com elementos colhidos de inúmeras fontes, e por certo que não está completa. Os sinais maçônicos que estão gravados nas lápides dos túmulos de alguns deles, devem representar o grau de cada um na ordem maçônica. [27]

Observações para o quadro seguinte:

* George William Gooda era inglês. (Ver págs. 83 e Biografia de Elisabeth Williams na pág 365 - Parte B)

* A data do falecimento de J. E. Newman aparece, também, como sendo 06.03.1895, quando, então, estava nos EUA.

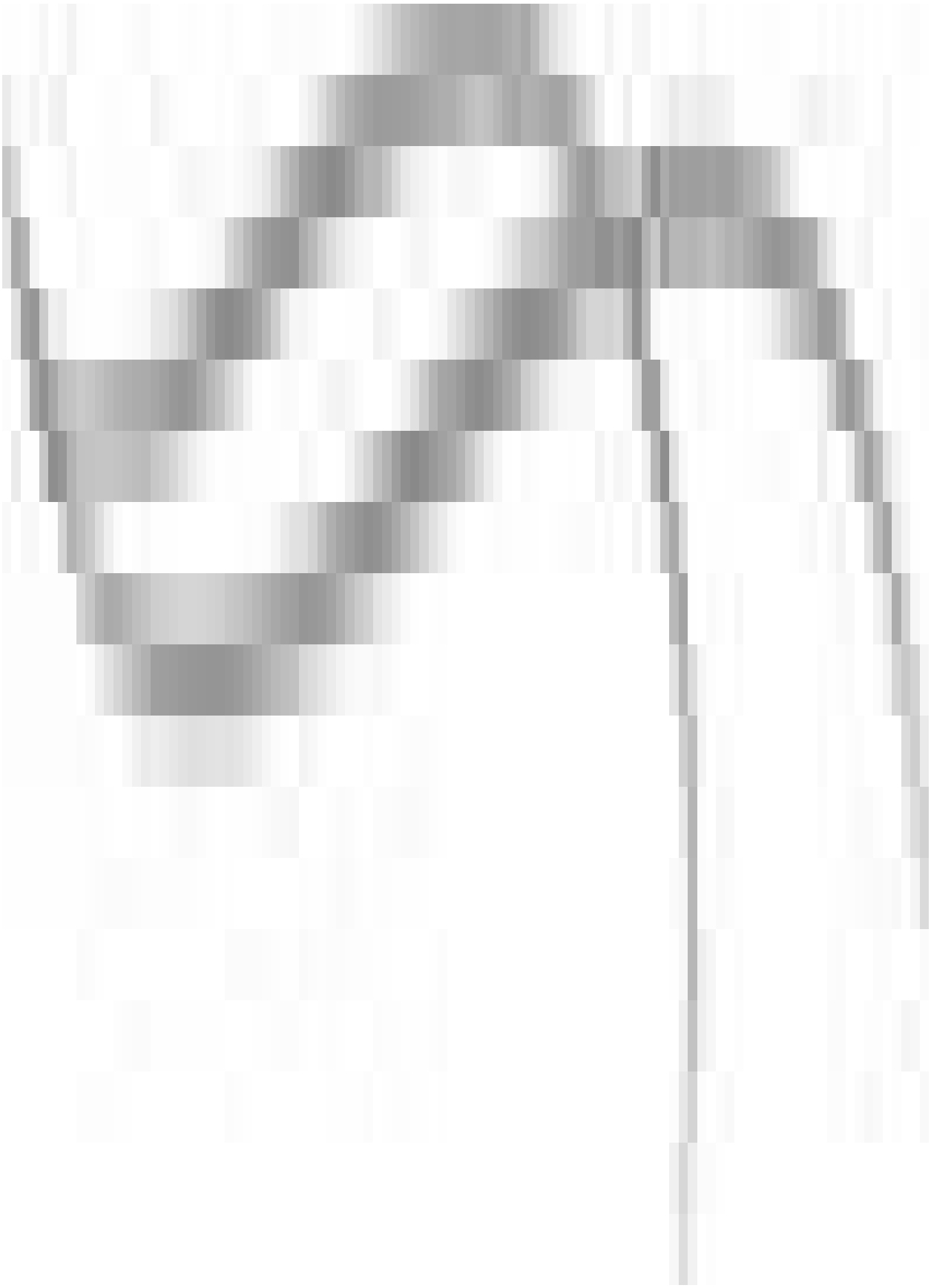
* A letra “B” na última coluna indica Batista.

* O sinal “x”, na coluna após o sobrenome, representa o símbolo que figura na lápide do túmulo de cada nome. Assim, “xx” representa o desenho do esquadro e do compasso; “xxx” representa o mesmo desenho, tendo no centro a letra “G”; “xxxx” tem o mesmo significado do símbolo anterior, tendo, porém, o “G” no interior de uma estrela de 5 pontas.

* O sinal “+” indica o sepultamento no Cemitério do Campo, em SB.

* Consta que John Absalon Cole retornou aos EUA.

Nomes e Sobrenomes		Data de nasc. e falecimento		Idade ao falecer	
Edwin Gehazi	BRITT			+	
William Ricardo	BROWN	xxx	11.08.1825-03.03.1879	54+	
John Absalon	COLE				
George DeKalb	COULTER	xx	25.12.1839-01.04.1881	42+	
Robert William	DANIEL		ca.1854-.....1935	81	
John	DOMM		1834-06.08.1900	66	
Charles Columbus	FENLEY	xx	10.06.1859-29.05.1935	76+	B
P. P. A.	FENLEY	xx	04.08.1847-27.08.1890	43+	B
Pleasant M.	FENLEY	xx	ca.1815-03.12.1885	70+	B
George William	GOODA				B
Bony Hammond	GREEN		.1859-		B
Cícero	JONES	xx	29.09.1869-19.02.1924	55+	
William Patton	McFADDEN		-02.03.1899	+	
Edward M.	MINCHIN	xxx	27.02.1871-26.05.1953	82+	
Joseph Long	MINCHIN	xxx	ca.1843-18.06.1927	84+	B
Joseph H.	MOORE	xxx	21.06.1826-15.03.1878	52+	
Junius Eastham*	NEWMAN		16.10.1819-12.02.1895		
Henry Clay	NORRIS	xx	ca.1841-20.10.1912	71+	
Robert	NORRIS	xx	07.03.1837-14.05.1913	76+	
William Hutchinson	NORRIS	xxxx	17.09.1800-13.07.1893	93+	
John	PERKINS	xx	20.11.1806-03.04.1881	75+	B
Patrick Henry	SCURLOCK		13.02.1853-01.10.1917	64+	
Massena Arlington	SMITH		.12.1853- .1916	63	
Henry Farrar	STEAGALL		ca.1829- .1888	60+	
John Edward	STEAGALL		29.02.1852-04.12.1923	71+	
William Thomas	TERRELL	xxx	24.02.1856-06.12.1923	67+	
Robert Porter	THOMAS		02.08.1825-05.05.1897	72+	B
Robert R.	WEISSINGER	xxx	26.08.1844-16.03.1922	78+	
Jacob P.	WINGERTHER				



Na Política, Na Vida Militar, Na Administração.

Relacionamos os nomes de alguns dos elementos do grupo de emigrados em SB, que participaram da vida política, militar e administrativa do município; assim, também, em outros lugares. O número aqui apresentado é reduzido sugerindo um desenvolvimento posterior.

O Dr. Prudente de Morais Barros [Prudente José de Morais e Barros] era advogado e político em Piracicaba. Há registro de que, entre o fim de 1875 e o início de 1876, "... o Rev. Newman recebeu uma carta do proeminente advogado Dr. Prudente de Morais Barros, de Piracicaba, convidando-o a estabelecer ali uma escola. Prometia usar a sua influência pessoal no sentido de vê-la bem sucedida." (HMB p. 62)

Com a data de 11.03.1881, há no Cartório de Notas de SB o registro de uma procuração outorgada, por alguns dos emigrados, a fim de que, como advogado, pudesse resolver um problema de divisão amigável de terras.

Com a organização do Partido Republicano, a 30.07.1893, o Dr. Prudente de Morais Barros foi lançado como candidato à presidência da República, sendo eleito, em março de 1894, o primeiro Presidente Civil do Brasil. O Partido Republicano regional foi organizado em SB. A ele pertenceram alguns dos emigrados, conforme segue:

+ Oliver Ferguson — vereador.

+ Charles M. Hall — secretário do Clube da Lavoura; depois, vice-presidente.

+ John Edward MacKnight — prefeito temporário.

+ Wilber Fisk MacKnight — vereador; segundo secretário do Clube da Lavoura; tenente.

+ Guilherme W. Keese — vereador, segundo secretário do Clube da Lavoura.

+ Thomas Alonso KEESE — prefeito.

+ Daniel MERIWETHER — tenente do 4º Regimento de Cavalaria, 1º Esquadrão, em Botucatu.

+ William Henry MERIWETHER — delegado de Polícia; Membro da Comissão de Alistamento Eleitoral; Major do 17º Batalhão de Reserva do Estado Maior.

+ Robert Underwood MERIWETHER — serviços de manutenção de estradas em Botucatu.

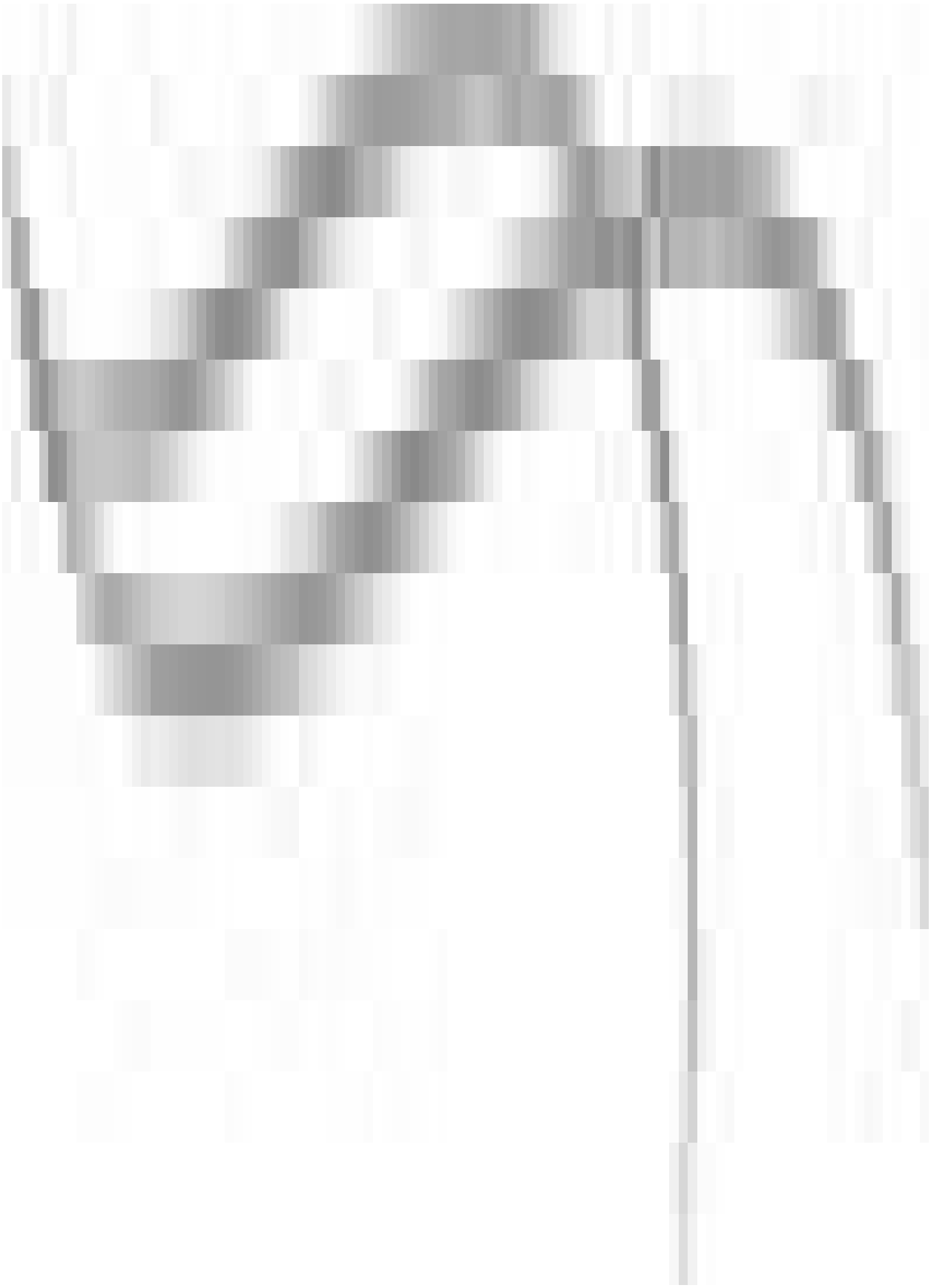
+ Robert NORRIS — Delegado de Polícia.

+ Ezequiel B. PYLES — vereador. Atas da Câmara Municipal, SB

+ João PYLES — tesoureiro do Clube da Lavoura.

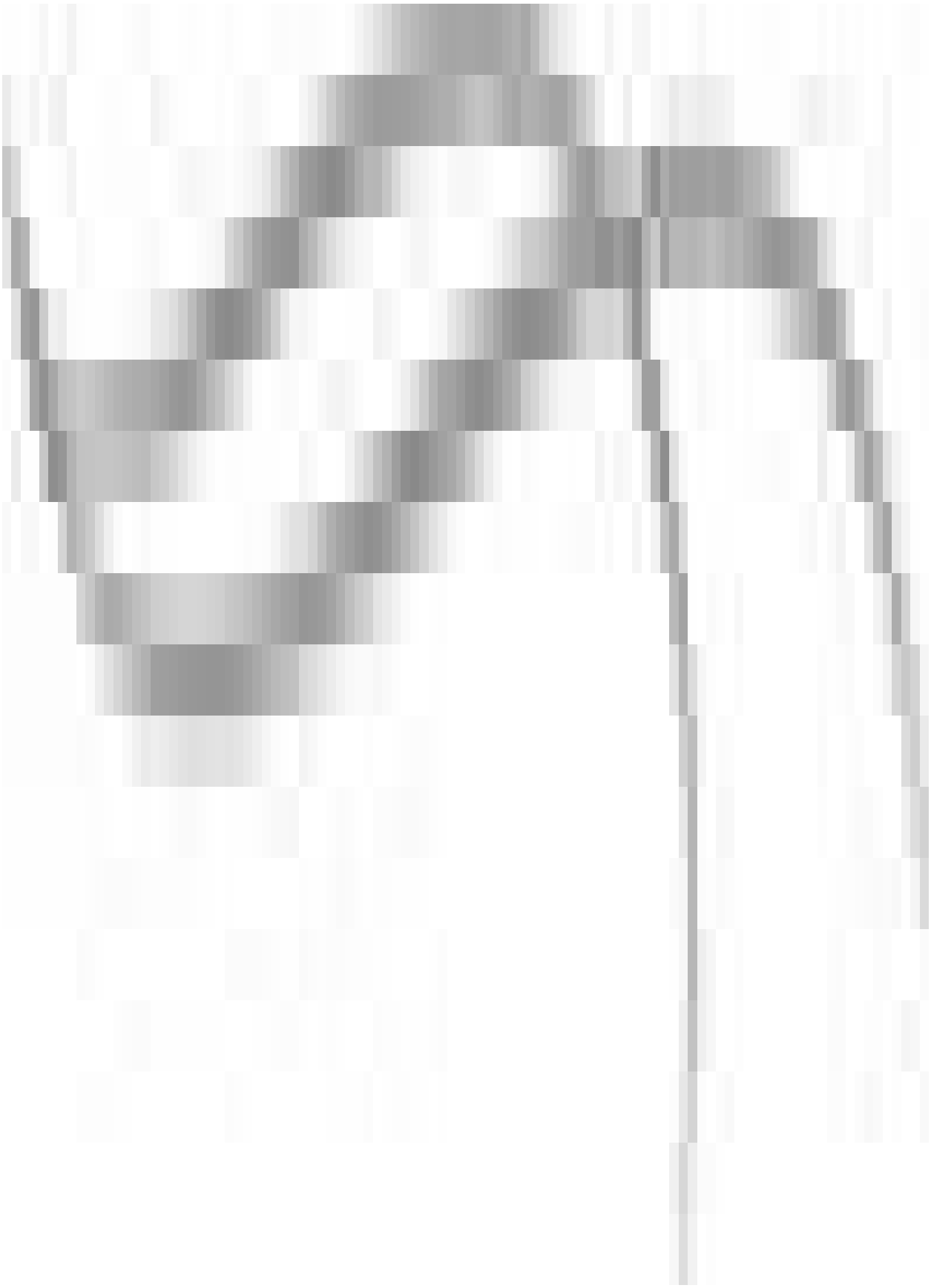
+ Roberto PYLES — vereador.

+ João E. STEAGALL — vereador; membro da Guarda Nacional.



As informações referentes aos três irmãos MERIWETHER foram recolhidas na cidade de Botucatu, quando lá passamos alguns dias para pesquisa, consultando os arquivos do Cartório de Notas, Câmara Municipal, além de livros com a história local, almanaques e lápides do cemitério da cidade.

No Arquivo Municipal de SB, encontramos livros de alistamento eleitoral. Em um deles, contamos 34 eleitores pertencentes ao grupo de emigrados em SB. Este é um número bastante representativo, demonstrando a interação política e social com a vida brasileira.



Nomes De Ruas E Bairros, Acidentes Geográficos.

O município de SBSP possui um bom número de ruas, bairros e acidentes geográficos, com o nome de alguns dos emigrados dos EUA que viveram em SB. (Ver pág. 670, Imagem E35)

Ruas e Bairros:

Leroy BOOKWALTER,João Ridley BUFORD, Pérola BYINGTON,

Alexandre CRISP, Ricardo CRISP, CULLEN, DODSON, Lee FERGUSON, Vila JONES, Alonso KEESE, J. Eduardo MacKNIGHT, Ezequiel Belton PYLES, Luiz PYLES, Carlos STEAGALL.

Acidentes geográficos:

Lagoa Roberto Mac FADDEN, Córrego PYLES.

Este se encontra em Americana, pela divisão administrativa.

Casamentos De Acatólicos

De acordo com os Decretos Imperiais:

nº 1 144, de 11.09.1861

nº 3 069, de 17.04.1863

No quadro adiante está um extrato dos registros de casamentos de acatólicos realizados em Santa Bárbara, SP, de março de 1873 a novembro de 1888, consoante Decretos Imperiais acima citados. Esses registros acham-se reunidos no Livro de Registro que se encontra no Arquivo Municipal de Santa Bárbara, sob o nº 47, possuindo 50 folhas numeradas e rubricadas por Antonio Theodoro de Oliveira Souza, a 21.03.1873, então presidente da Câmara Municipal. Dessas 50 folhas apenas 16 foram utilizadas.

Convenção da Tabela

Número seqüencial

Página do Livro de Registro de Casamento

Data do Casamento

Oficiante

Noivos

Idade dos Noivos

Filiação

Testemunhas

Nacionalidade dos Noivos

1	2	3	4	5	6	7	8	9
01	1	04.03.1873	G. N. M.	George Ives Hall Sarah C. McFadden	35 27	Hervey Ives Hall Jane C. Hall William P. McFadden Amélia ..?.. McFadden	William H. Meriwether Alfred Preston Smith	4 4
02	1v2	01.06.1873	G. N. M.	Turner E. Fergusson Sarah Bellona Smith	23 17	Green Ferguson Minerva Ferguson Alfred I. Smith Sarah Jane Smith	William H. Meriwether Amos J. Cullen	4 4
03	2v	15.07.1873	E. L.	Charles M. Hall Mary E. Miller	26 18	Hervey Hall Jane C. Hall James W. Miller Sarah Miller	Farnham A. Provost William L. P. McFadden	4 4
04	3	21.02.1874	R. R.	David G. Henrique Maria G. Loose	32 39	J. G. C. Fredeler? Ana M. Catharina Stephano E. Loose Anna C. Loose	João Fred. Rehder Ernestino Loose	1 1
05	3v4	04.07.1874	R. R.	George Folster Elise Schmidt	19 16	Hans J. Folster Margaret Folster Henricke Schmidt Maria Loose Schmidt	João Fred. Rehder Ernest Loose	1 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9
06	4, 4v5	15.07.1874	E. L.	William L. McFadden Julia Brice Hall	22 19	William P. McFadden Amélia Hardy McFadden Hervey Hall Jane C. Hall	Richard C. Crisp Farnham A. Provost	4 4
07	5, 5v	17.06.1875	W. C. E.	Wilber F. McKnight Carolina Perkins	27 17	Calvin McKnight Izabel McKnight João Perkins Margaret Perkins	Thomas Smith, João Harrison, Robert McFadden James Anderson, Joel Boyles	4 4
08	5v6	19.03.1876	R. R.	Massena A. Smith Elizabeth B. Bowen	22 23	Alfred I. Smith Sarah Jane Smith William Bowen Elisabeth Bowen	William Thomas Turner Ferguson	4 4
09	6, 6v7	08.06.1876	R. R.	Benjamin H. Norris Julia F. Mattheus	30 17	William H. Norris Mary (Black) Norris George G. Matheus Jane K. Matheus	John A. Cole Benjamin C Yancey	4 4
10	7, 7v	17.09.1876	R. R.	Guilherme Miller Ernestine Emke	22 23	Cristian Miller Elisabeth Miller George G. Emke Anna P. Miller?	Ivã Fred. Rehder Pedro H. Iversen	1 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9
11	7v8	28.10.1876	R. R.	Candito S. Prado Maria Gezus	26 12	José do Lev...? Jetrude Maria Pedro P de Godoi Maria Rita	Francisco Dias da Silva João Dias Silva	2 2
12	8, 8v1	04.04.1875 (Registro feito a 16.12.1876)	J. R. B.	Amos J. Cullen Alice A. Weissinger	-?- -?-	Roberto R. Cullen Cynthia Cullen João W. Weissinger Mary E. Weissinger	Alfred I. Smith W. R. Daniel	4 4
13	8v9	18.12.1876	R. R.	Justino N. Ferreira Cândida B. Camargo	23 14	Marcelino N. Ferreira Rita Zifirina Ferreira José Fco. Camargo Gabriella R. Rosário	João Silva Machado Francisco G. Paula	2 2
14	9, 9v	18.01.1877	R. R.	Walter E. Tanner Anna Quirina Coelho	23 21	Matheus L. Tanner Mary? H? Tanner Joaquim Quirino Coelho Antonia A. da Silva	Thiago Celestino Coelho Irving L. Miller	4 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9
15	9v10	17.02.1877	R. R.	John A. Carlton Elizabeth B, Fenley	30 27	Richard Carlton Cynthia E. Carlton Pleasant M. Fenley Sarah A. Fenley	John A. Cole William Norris	4 4
16	1010v	17.03.1877	R. R.	José I. Lima Maria Fca. Dores	22 20	Jacinto da I. Lima Maria do Carmo José Fco.Fagundes Marcia Maria de Jesus	Cesar Antunes João Antonio d'Lima	2 2
17	10 v 11	24.03.1877	R. R.	Manoel A. Maia Cecília M. A. Jesus	19 15	José Joaq. Maia Custódia d'Fernandes José Fco. Fagundes Marcia Maria de Jesus	José Araujo Lima João A. d'Lima	5 2
18	1111v	19.03.1877	R. R.	João A. de Lima Bastiana M. de Jesus	27 16	Joaquim de Lima Custódia M. de Jesus José Fco. Fagundes Marcia Maria de Jesus	Manoel A. Maia José Araujo Lima	2 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9
19	11v 12	09.04.1877	R. R.	Frederico Lenbeinstein Barbara Dechen	26 22	Ruthreas? Lenbeinstein Isabella Lenbeinstein João Dechen Dorothea Dechen	João Dechen Joaquim Antonio Cara?	1 1
20	1212v	11.06.1877	R. R.	Robert H. Miller Hellen Schotz	23 20	Irving L. Miller Sapphira Miller Ehrenfreid Schotz Maria Schotz	Wm. P. Rolston Jerônimo de C. Freira	4 1
21	13	11.10.1877 (Registro feito a 27.10.1877)	R. R.	William F. Thomas Fanny Eliza Ferguson	22 17	Robert P. Thomas Emily Thomas Green Ferguson Minerva C. Ferguson	William T. Terrell William R. Daniel	4 4
22	13 v	18.11.1877	R. R.	William R. Daniel Margaret E. Thomas	21 16	William J. Daniel Angeline Daniel Robert P. Thomas Emily Thomas	Edwin G. Britt William L. McFadden	4 4
23	14	20.12.1877	J. R. B.	John C. Baird Mary A. Thacher	-?- -?-	James R. Baird Eliza C. Baird Andrew M. Thacher -?-	Orville Whitaker James W. Miller	4 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
24	14 v	16.01.1878	R. R.	William T. Terrell Angelette R. Green	21 22	William A. Terrell Mary Terrell Joseph ..?.. Green Mary Carolina Green	William F. Thomas Reynald P. Baird	4 4
25	15	22.05.1878 (Registro feito a 10.07.1878)	G. N. M.	Robert D. McIntyre Mallie E. Ellis	-?- -?-	Daniel C. McIntyre Margaret McIntyre Warren M. Ellis Mary M. Ellis	Orville Whitaker João Domm	4 4
26	15v	18.06.1887	R. P. T.	Thomas H. Rice Florina M. Franco	53 20	Jose Rice -?- João Soares Almeida -?-	George W. C. Drane João Bentley	1 2
27	16	17.11.1887	E. L.	Robert S. Steagall Annie Demaret	26 26	Henrique F. Steagall Delia Steagall Martin F. Demaret Pámela Z. Demaret	Ezequiel B. Pyles Adoniram J. Pyles	4 4
28	16v	19.11.1888	E. A. P.	G. W. Gooda S. A. Russel	19 -?-	-?- Elisa Gooda Yancy Russell -?-	C. D. Daniel A. C. Thomas	3 2

Nomes completos dos pastores oficiantes:

George Nash Morton,

Eduardo Lane,

Richard Ratcliff,

William Curtis Emerson,

James Reynald Baird,

Robert Porter Thomas,

Edward Allen Puthuff.

Os números na coluna “Nacionalidade dos noivos” significam:

1 — alemã; 2 — brasileira; 3 — inglesa; 4 — norte-americana; 5 — portuguesa.

Dos 28 casamentos registrados, 17 foram realizados pelo Rev. Richard Ratcliff,

batista.

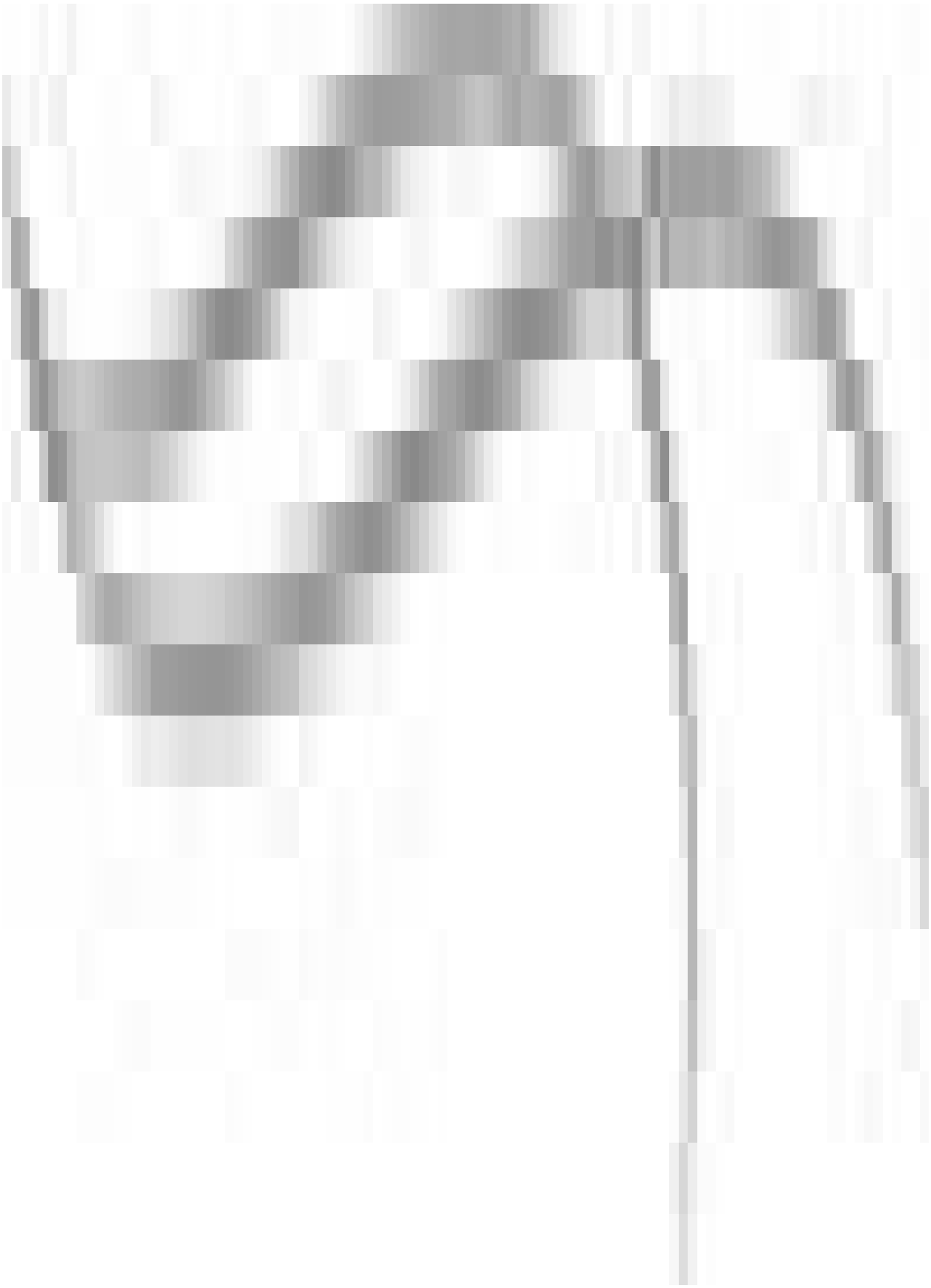
Pela Carta de Naturalização de 27.06.1867, William Curtis Emerson foi naturalizado brasileiro.

O sinal “?”, encontrado nas páginas anteriores que se referem aos assentamentos dos diversos casamentos registrados, indica ausência na informação, no original.

Além dos quadros que acabamos de apresentar, anotamos outros casamentos de acatólicos, com informações resumidas que reproduzimos adiante.[28]

O livro “Soldado Descansa”, de Judith MacKnight Jones faz referência aos seguintes casamentos:

p.	Data	Noivos
202	12.08.1869	Robert Norris e Martha Steagall — “Pattie” —, tendo como ofi
203	26?08.1869	Andrew Jackson Peacock e Lockie Trigg, tendo como oficiante
226		Benjamin Drane [Maria Corrêa ou Cunha]
252	1879 ?	Adoniram Judson Pyles e Josephine McKnight
253		Leroy K. Boowalter e Anna Lucina Miller
265	??.06.1882?	Thomas Henry Steagall e Rosa Adele Daniel
281		D. Coulter e Therese Miller [?]
356		C. R. Morton e Lucy Hall
364	??.06.1906	David McKnight e Ethel Kennerly
384		Charlie Vaughan e Elisabeth Bookwalter



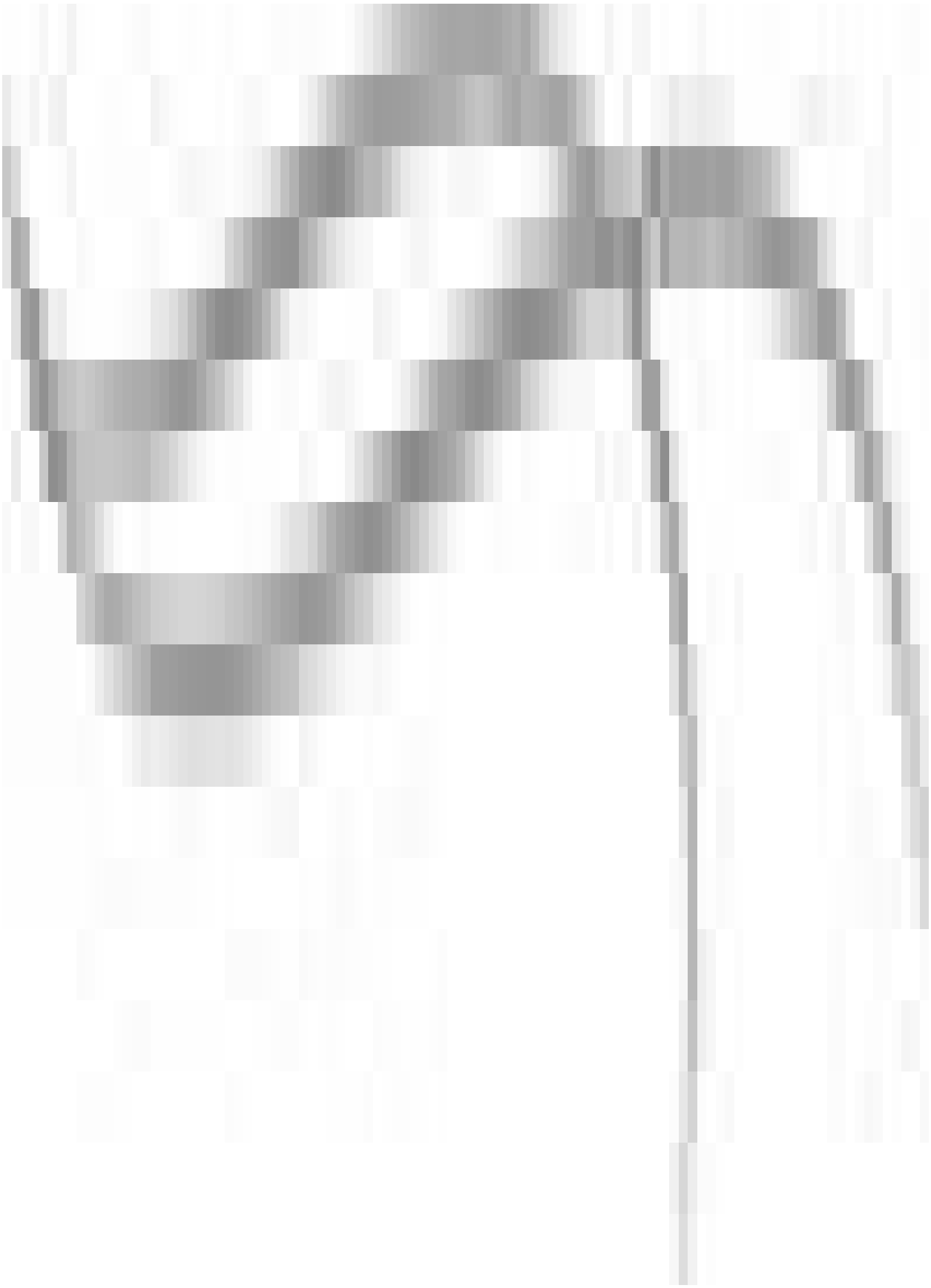
O Livro de Registro de Casamentos encontrados do Arquivo Municipal de Capivari, SP, conforme Decretos do Império, já citados, possui apenas o registro de dois casamentos:

1 e 2 18.09.1884

John Hunter Miller e Clara A. Demaret, tendo como oficiante o Rev. Eduardo Lane.

2v e 3 29.09.1884

John P. L. Daguerre e Hermine M. Crisp, tendo como oficiante o Rev. Junius E. Newman.



O Livro de Registro de Casamentos encontrado no Arquivo Municipal de Campinas, SP, exibe 212 registros de casamentos acatólicos. Destes, 129 foram oficiados por pastores alemães, rabinos etc. Dos 83 restantes, 40 foram oficiados pelo Rev. Eduardo Lane; 36, pelo Rev. George Nash Morton; 6, pelo Rev. J. W. Dabney; e 1, pelo Rev. John James Ransom.

É interessante notar que esses 83 casamentos incluíam 16 nacionalidades: brasileiros, norte-americanos, alemães, dinamarqueses, holandeses, franceses, ingleses, italianos, portugueses, suecos, prussianos e outros, incluindo um casal de chineses. Os registros abrangem os anos de 1870 a 1888.

Por faltar-nos tempo, anotamos apenas o que se segue, de NA:

02.05.1870 João Norris e Sallie (?)

02.05.1870 John White e Elisa (?)

08.11.1870 Edward Townsend e Martha Norris

02.12.1870 Christopher Ezelle e Elisa Brodnax

02.12.1870 Winston Augustus Brodnax e Emma Norris

12.12.1870 George Byron Northrup e Margarida Porter

20.04.1871 Squire Sampson e Laura Porter, filha de James Denford

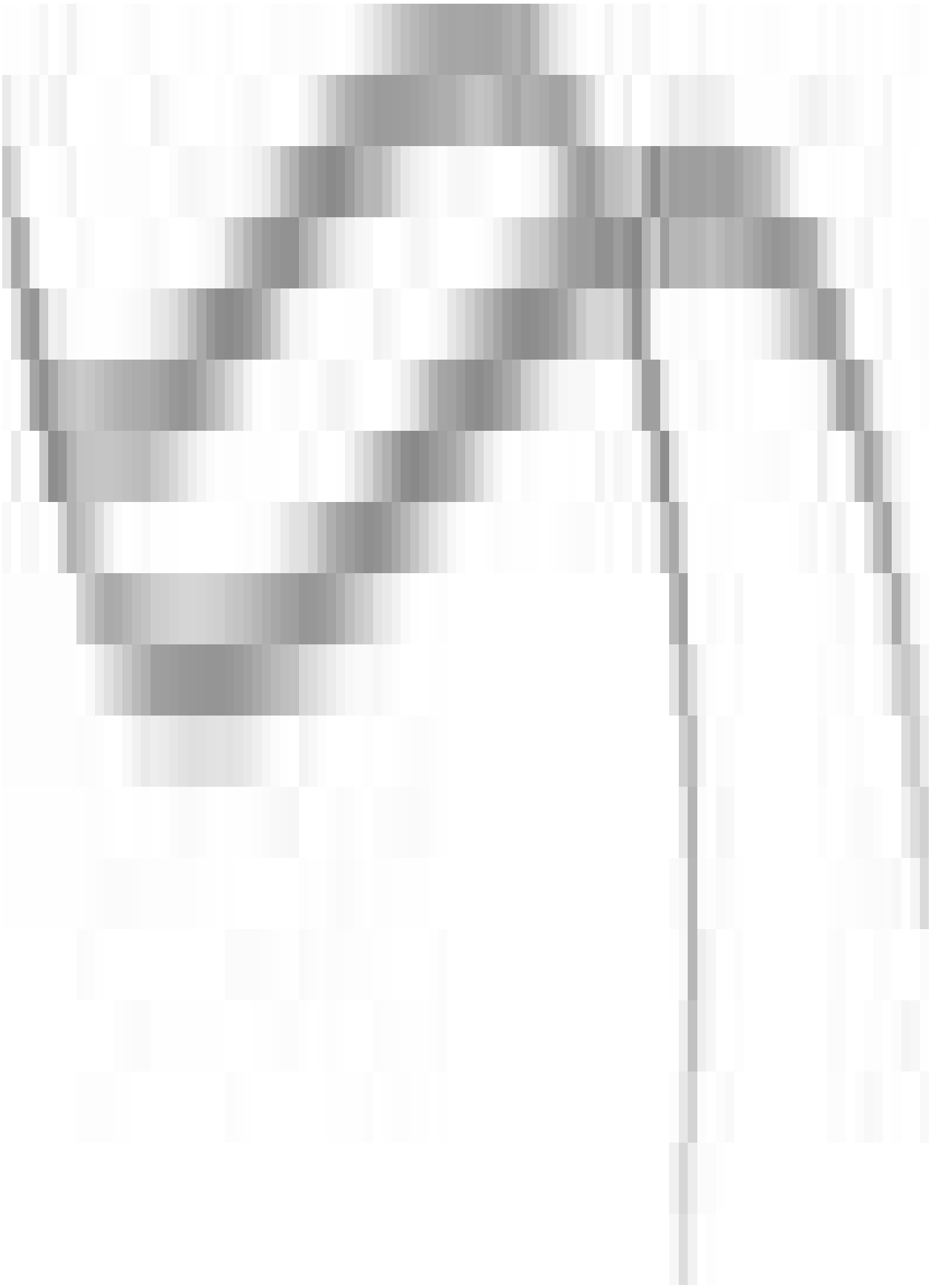
Porter e Susan Moigs Francis. Oficiante:

Rev.: George Nash Morton.

02.04.1872 George D. Coulter e Pámela Demaret

24.05.1881 A. L. Blackford e Annie Gaston

??.05.1882 David Coulter e Tereze Miller (o mesmo que em SD 281)

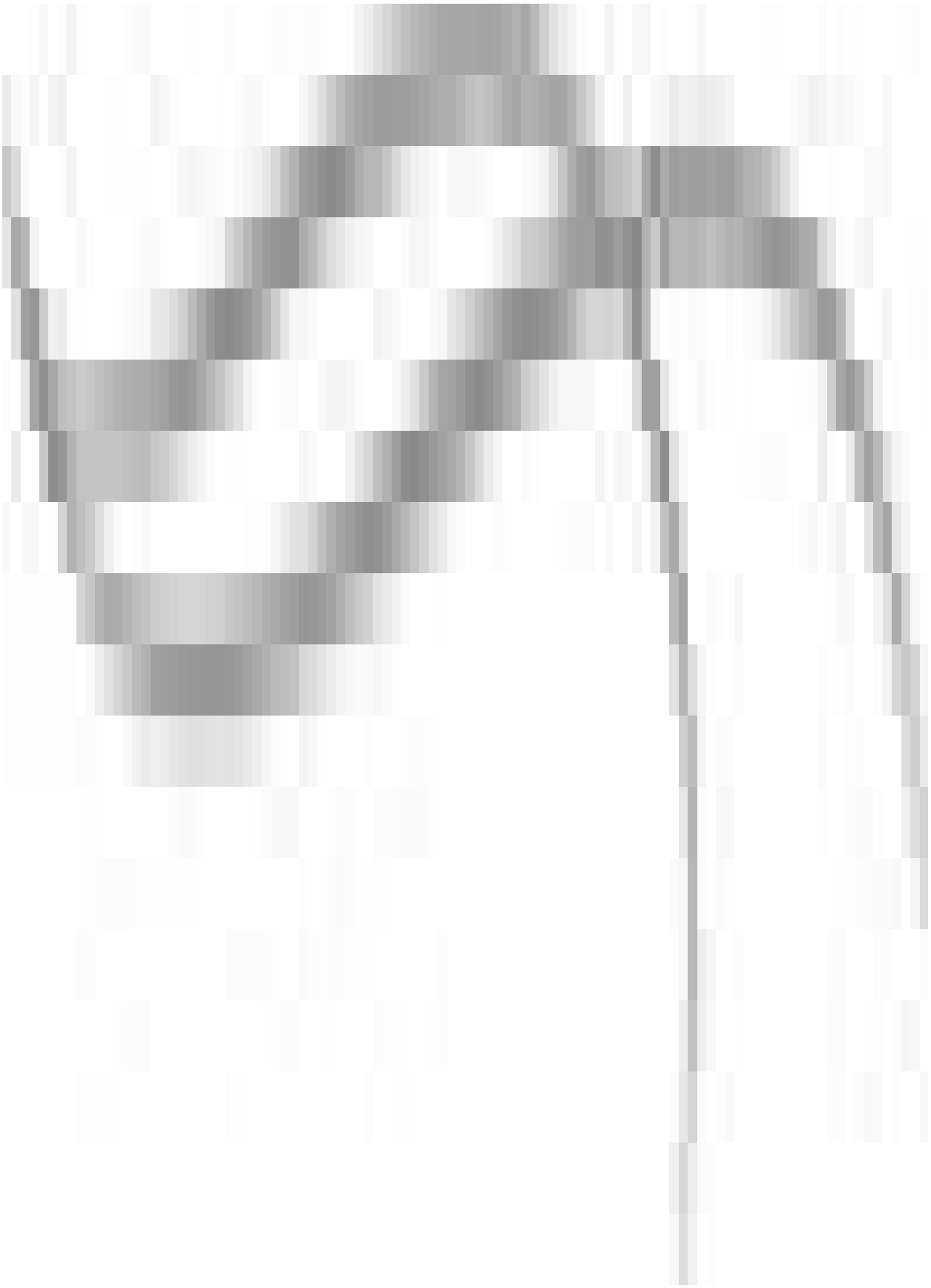


Em Piracicaba, SP, encontramos, casualmente, o registro de casamento de dois NA, Livro de Registro de Casamentos, nº 49, fls. 3,3v, no Primeiro Cartório de Notas Olavo Leitão.

01.06.1881 Thomas H. Steagall e Rosa A. Daniel (mesmo mencionado em SD 265)

Ainda em Piracicaba, SP, Câmara Municipal — Livro l — Casamentos de Estrangeiros:

n. 15 — Registro feito em 31 de julho de 1886. Casamento de Bony H. Green, filho de Joseph J. Green e Mary Carolina Green, em 07 de julho de 1886, com Catharina E. Dumas. Ele, viúvo, ela, solteira. Oficiante: Rev. Junius Easthan Newmann, metodista.



No Cartório de Notas e Registro Civil de Santa Bárbara, anotamos o que transcrevemos adiante, de nossos apontamentos.

Fazemos um pequeno lembrete: os livros de registros de nascimento, casamento e óbito recebem respectivamente as letras A, B e C.

Os livros B-1 e B-2, em SBSP, estão praticamente vazios, dando-nos a impressão de que alguém tentou passar a limpo os livros antigos, ou que, tendo-se perdido por algum acidente, um escrivão tentou reconstituí-los. Assim, o A-1, com 200 páginas, só possui registros até a p. 5; e o B-2, até a p. 51v.

Livro	P. E	DATA	
B-1	3	18.12.1878	Abram Whitaker Currie e Elisa P. Domm, sendo oficiante o Rev. J. E. Newman
B-1	3	18.12.1878	João P. Green e Cecília Maria de Jesus
B-2	11v	17.04.1889	James E. Carr e Lelia E. Brodnax, sendo oficiante o Pr. Robert Porter Thomas
B-3	1	01.07.1890	James Milton Pyles e Helen K. Dumas
B-3	35v	21.03.1893	Antonio Bowen e Georgina Drane
B-3	75	09.01.1895	Alexandre Gonçalves Portugal e Didie E. Daniel
B-3	34	01.02.1893	Cicero Jones e Mary Elisabeth Norris
B-3	102	16.04.1896	Cicero Jones e Martha W. Norris
B-3	40	12.07.1893	Guilherme S. Ferguson e Sarah Emily Thomas
B-3	52	08.11.1893	Guilherme Godofrey e Rosa de Almeida
B-3	24	18.04.1892	Henrique Capps e Agnes M. Hawthorn
B-3	196	20.12.1899	Bento Braga de Araujo e Helen E. Kennerly
B-3	152	23.02.1898	Inlock Norris Whitaker e Salley E. Fenley
B-3	159	24.08.1898	Ira Willington Smith e Eleanor Constance Hawthorn
B-3	130v	19.05.1897	João Ridley Buford e Francisca Alexandrina d'Oliveira
B-3	27v	08.06.1892	Jorge C. Hardeman e Maria Bowen
B-3	121	26.11.1896	Yancey Jones e Julia L. Norris

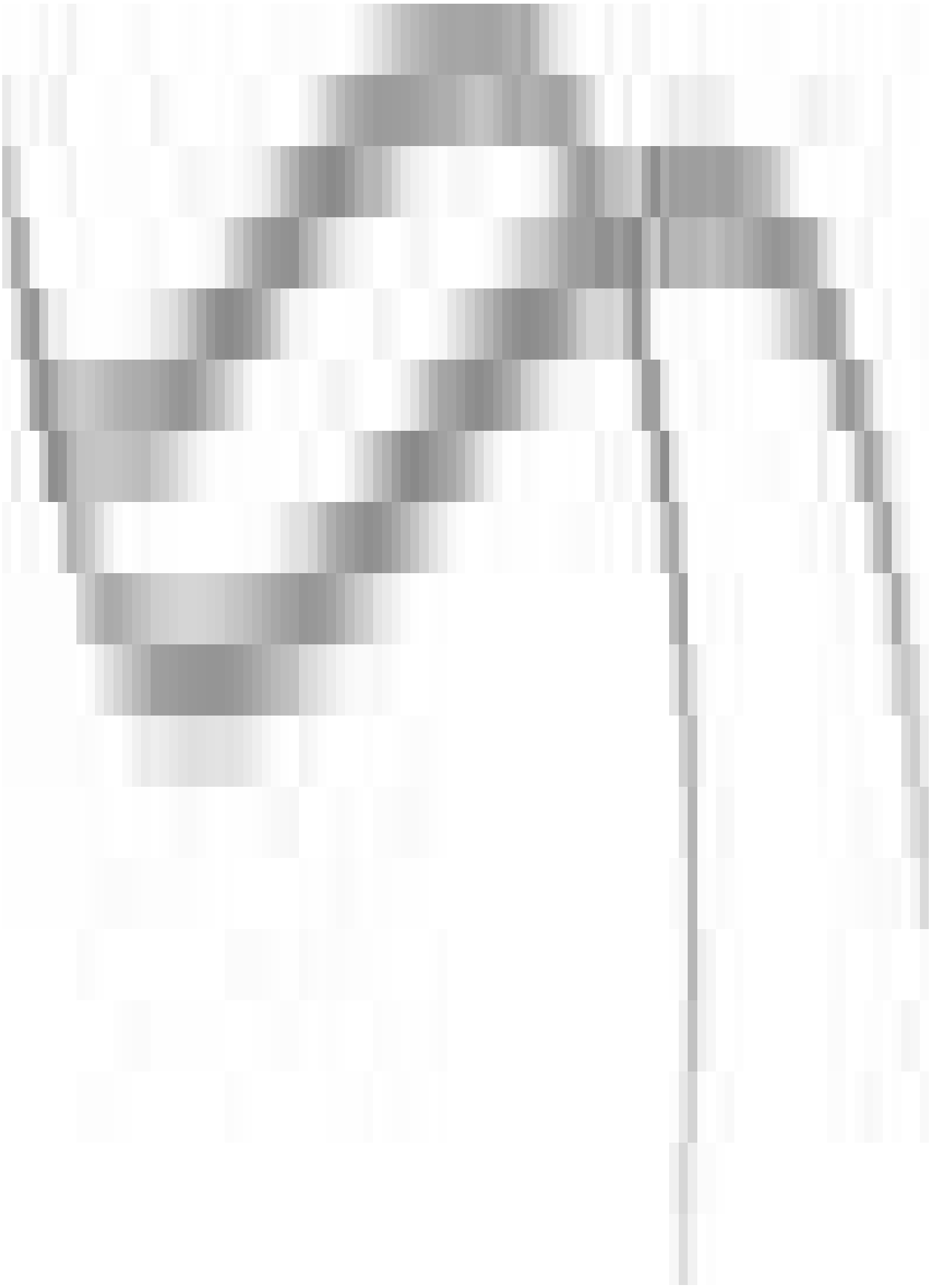
No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, prédio novo junto ao Edifício da Empresa de Correios e Telégrafos, Av. Presidente Vargas, encontramos e registro de alguns casamentos acatólicos, como segue:

Em Códice 40 — 4 — 67, estão anotados quatro casamentos oficiados pelo Dr. W. B. Bagby, no Rio de Janeiro, nas datas de 07.10.1884, 28.04.1885, 12.05.1885 e 13.12.1885.

Dr. Bagby estava habilitado a realizá-los, consoante Decreto do Império e registrado no tempo quando era pastor da PIB/SB.

Em Códice 40 — 4 — 69, está o registro do casamento do jovem Edwin Herbert Soper e Grace Emily Gennard Mallaber, a 19.05.1886, às 17 horas, na Casa de Oração da Igreja Evangélica Fluminense, Rio de Janeiro, tendo sido o oficiante, o pastor João Manuel Gonçalves dos Santos, pastor da referida igreja.

O registro da certidão, cópia em nosso arquivo, traz um número razoável de informações, como filiação, residência, testemunhas.

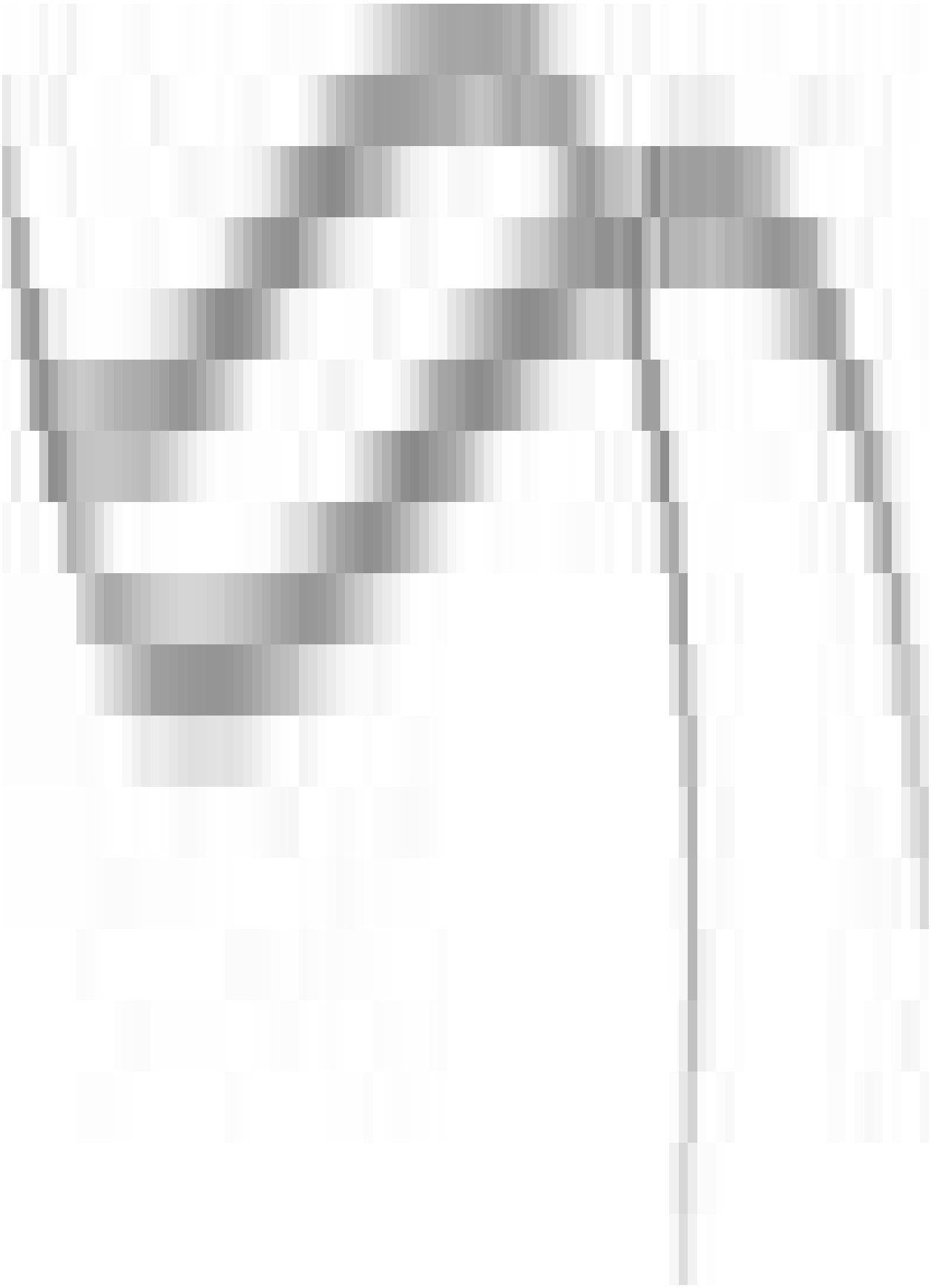


Agentes Para Emigração Nos Estados Unidos Da América

Os nomes que apresentamos abaixo foram recolhidos de relatórios e listas, de publicações, livros e cartas. Para cada um deles temos as devidas anotações.

Os agentes para tratarem da emigração nos EUA começaram a surgir depois do final da Guerra de Secessão. Já nos reportamos ao assunto anteriormente. Aqui citamos os seus nomes; pelo menos dos que conseguimos reunir. Acrescentamos aqui que, dentre eles, dois eram homens de negócios no Brasil. Um deles era Charles Nathan. Uns chegaram a escolher a terra para os colonos que tencionavam trazer, mas, não vieram.

Alguns solicitaram a sua naturalização como cidadãos brasileiros. Daqueles cujas datas conseguimos localizar, elas aparecem adiante dos seus nomes na lista abaixo.



Data da carta de Naturalização

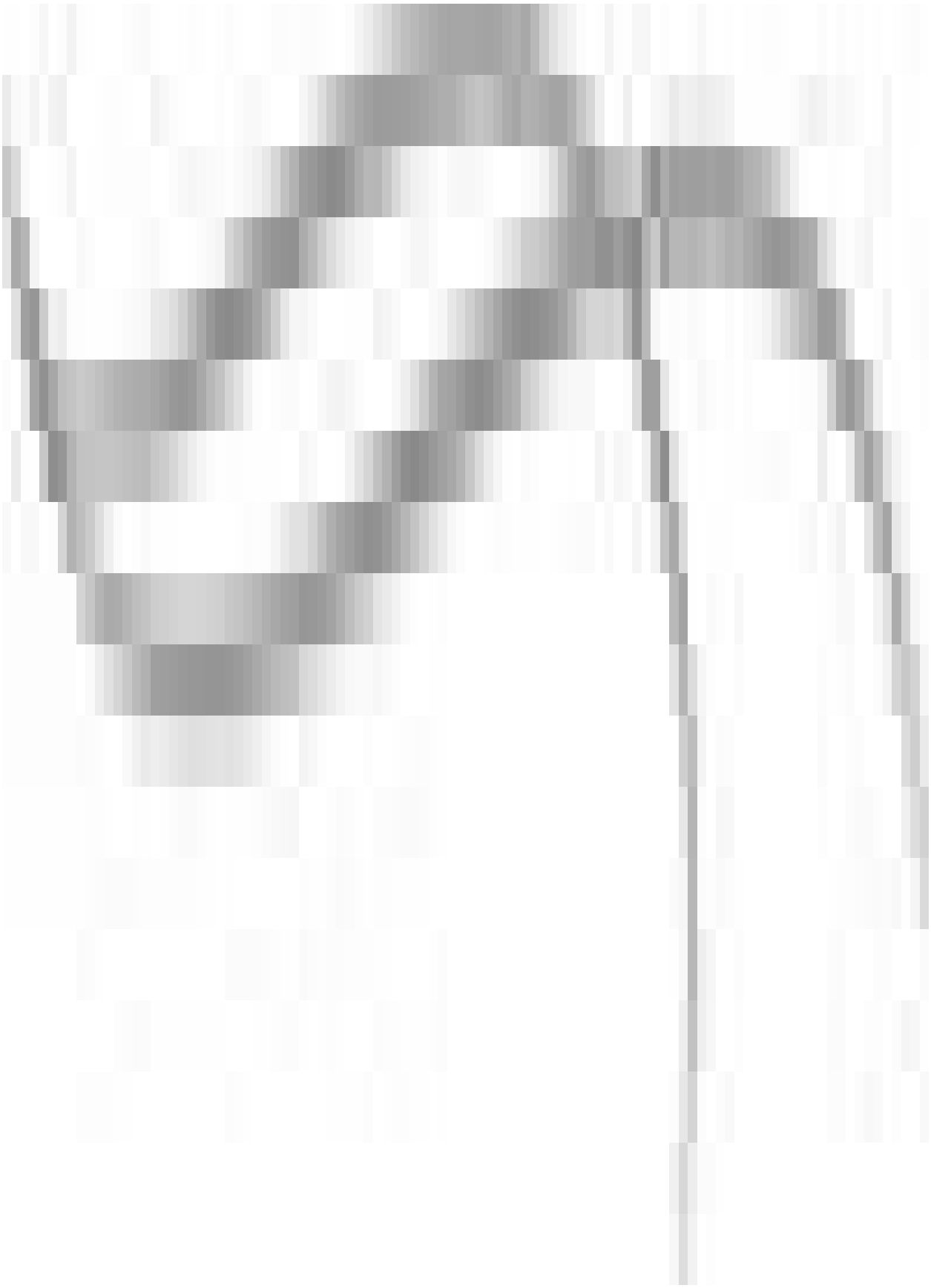
Dr. John H. BLUE

+ Coronel William BOWEN

[consta que solicitou a sua naturalização, mas não encontramos a data do seu registro. Faleceu aos 72 anos, em Sta Bárbara, em 22.05.1891. Sepultado no Cemitério do Campo.Túmulo não achado.— Cert. de Óbito C-2, fls 176, Nome de Guilherme Bowen. Cart. Reg. Civil. Fórum.]

Robert L. BROWN	
Rev. Ballard Smith DUNN	22.06.1866
Dr. James McFadden GASTON	
George Brazil? GOLY	31.08.1867
William GRAHAM	
Juiz John GUILLET	
+ Coronel Charles Grandison GUNTER	25.09.1867
Arthur M. HANSEN	
Major Lansford Warren HASTINGS	
General Alexander Travis HAWTHORN	31.08.1867
P. B. HOCKADAY	
Calvin HUGHES	
Dr. William Conrad JONES	24.06.1867
W. C. KERNAN	
Edward Bell KNEESE	30.05.1868
+ Dr. Horace Manley LANE	
Robert James LOVE	26.10.1867
D. McCAMPBELL	

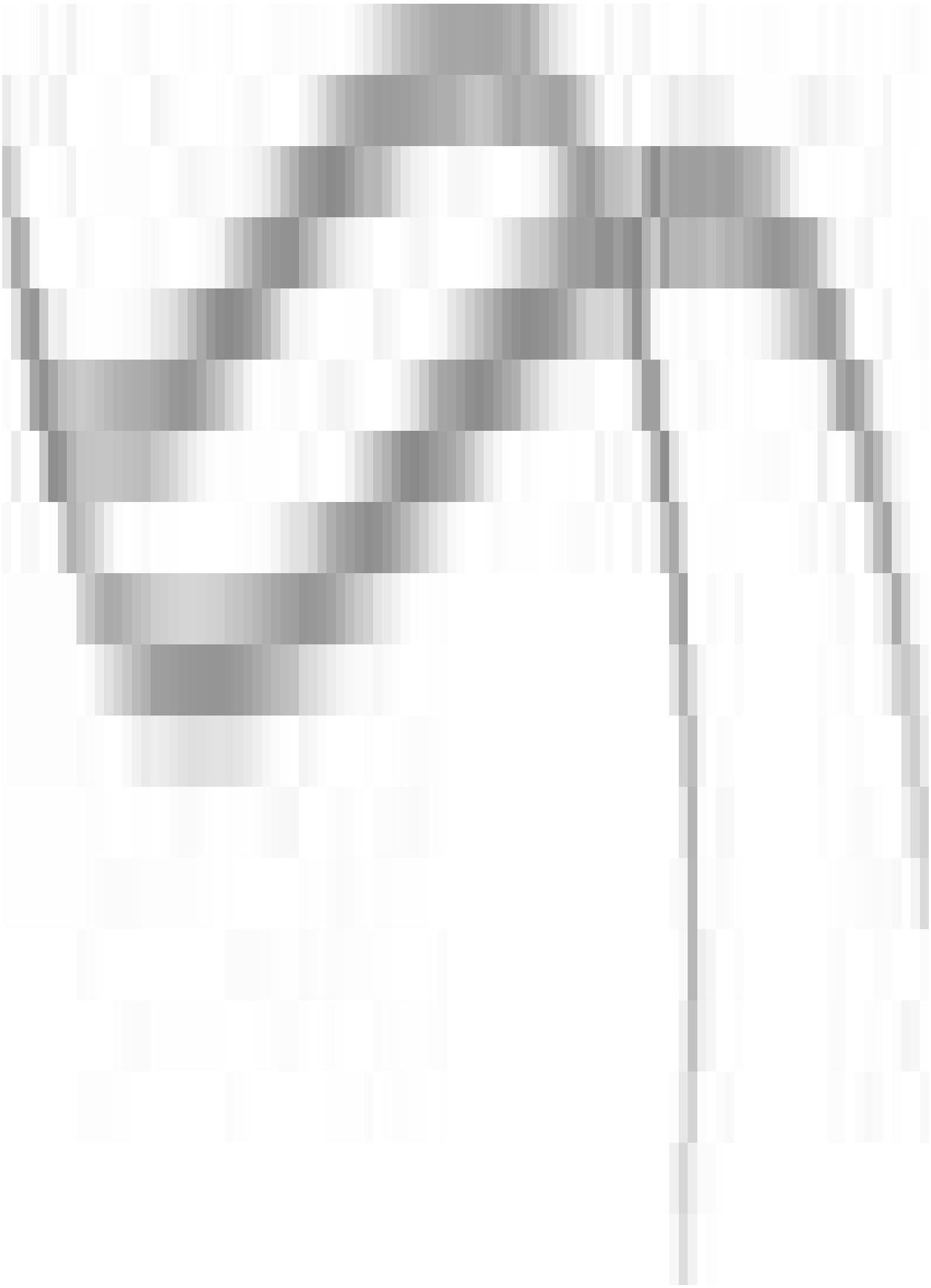
Joseph Lions McGEE	14.12.1870
+ Major Frank McMULLAN	22.06.1866
+ Major Robert MERIWETHER	
Charles NATHAN	
+ Major William Hutchinson NORRIS	
John O. OGDEN	
Hopson PINKNEY	05.09.1868
..... PINKNEY (irmão de Hopson)	
Robert E. PLEASANT	18.06.1866
Charles N. ROWLEY	
Dr. Hugh August SHAW	
Richard (ou Robert?) Cutts SHANNON	
J. E. Simpson	
Coronel Morris S. SWAIN	
Henry Clay THOMPSON	19.12.1868
Dr. John Jurlrins? TOBIN	
Silas S. TOTTEN	
T. W. WARD (ou H. W. Ward?)	
Dr. James H. WARNE	
Dr. John P. WETSON	
General William Wallace WOOD	
Coronel Isaac Newton YOUNG	



General Carlos BAULEY — este chegou a receber as terras para os colonos que pretendia trazer; mas não encontramos qualquer informação de que ele tenha vindo.

A informação sobre as naturalizações pode ser encontrada, especialmente, nos relatórios do Império. Algumas foram publicadas no Diário Oficial do Império.

O sinal “+”, à esquerda de alguns nomes, indica que foram aqueles que permaneceram no Brasil e aqui viveram até os seus últimos dias.



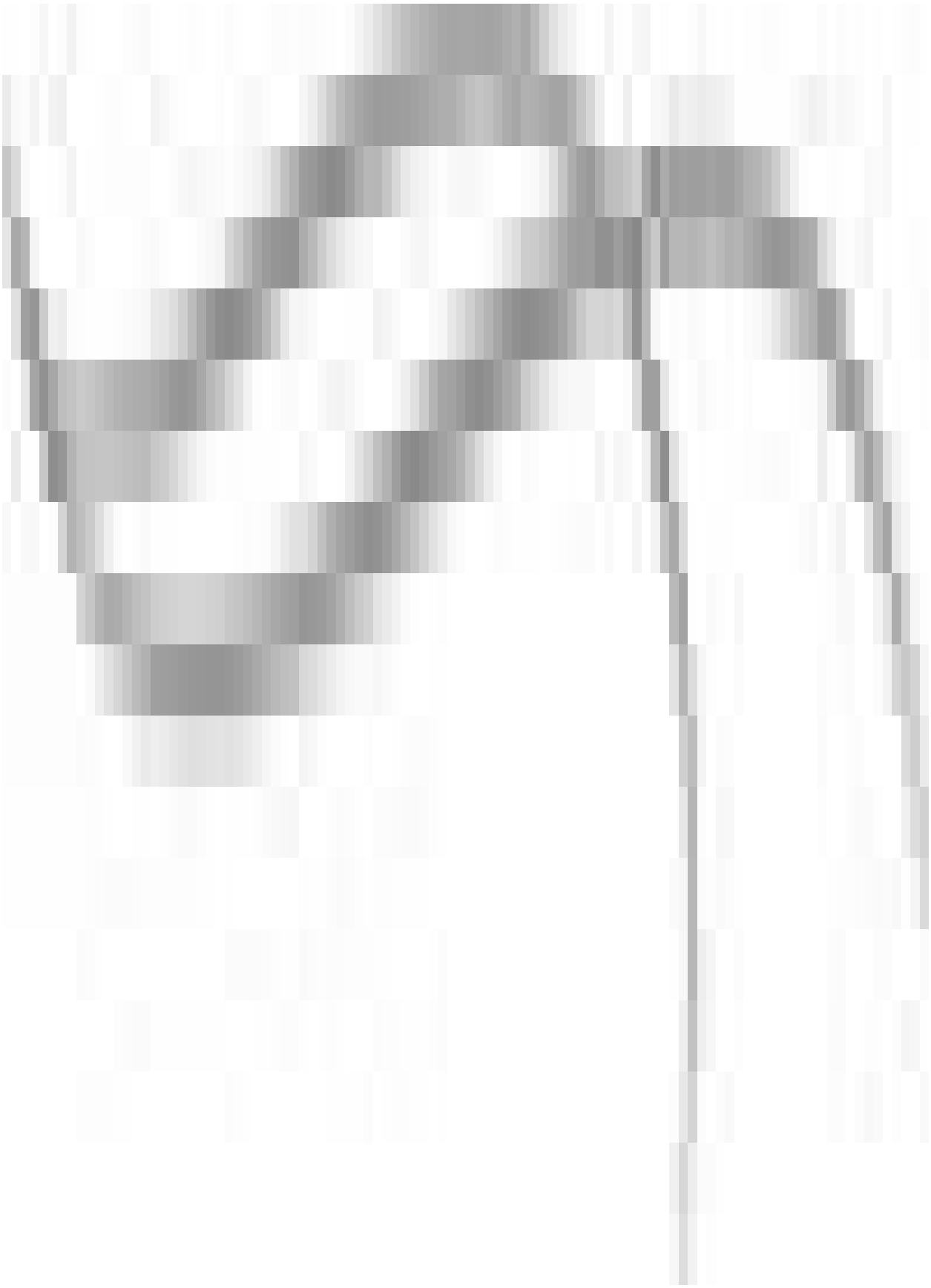
Eugenia Conta Um Pouco De Sua Vida

Eugenia ou “Genie”, como era chamada, nasceu a 04.04.1895, em Santa Bárbara, SP. Casou-se a 18.06.1918 e faleceu a 29.04.1974, no Rio de Janeiro.

Genie era filha de William Francis Thomas e Fanny Elisa Ferguson. Seu pai era natural de Sevier Co., Arkansas, e sua mãe, de Chester Co., Carolina do Sul. Ele chegou ao Brasil, com os seus pais, Robert P. Thomas e Emily Thomas, em julho de 1871. Sua mãe, Fanny, chegou ao Brasil em junho do ano de 1868, com os seus irmãos e mãe, uma vez que o pai, Green Ferguson, viera antes. William e Fanny casaram-se a 11.10.1877, em SBSP. O casal teve nove filhos, todos nascidos em Santa Bárbara. Anne Hope foi a terceira, e Genie foi a sétima dos nove filhos.

Ana tornou-se a primeira jovem, nascida no Brasil, a ser nomeada missionária da FMB para aqui servir. Só mais adiante conheceu os EUA. Lá casou-se e retornou com o esposo, J. B. Parker, e a filhinha, Addie Hope. Foram missionários no Maranhão.

Aos 77 anos de idade, Genie escreveu algumas páginas sobre a sua vida. O que segue é um resumo. Ela se casou com o pastor Ricardo Pitrowsky. Dessa união, vieram cinco filhos: Betty, a autora deste livro, Eudora, Elmer, Lovie e Beny.



“Às vezes, fico a pensar: será que vivi tanto tempo? A estrada da vida tem sido longa e difícil, mas o Senhor tem sido o meu Guia e Ajudador e assim cheguei até aqui. (...)

Lembro-me muito pouco do lugar onde nasci, porque o meu pai adquiriu uma fazenda maior e mudamos para lá. A casa era de madeira, tendo uma parte mais baixa onde funcionava a cozinha, sala de jantar e dispensa. Ali ficava, também, o pilão onde se socava o café, já torrado por mamãe, e para descascar o arroz.

Não era fácil obter o arroz já limpo e meu pai o comprava com casca. Ele e meus irmãos eram lavradores. Plantavam melancia, melão e algodão para vender, mas, também, plantavam de tudo para o gasto da família. Papai gostava de comer bem, tendo sempre uma boa horta. (...) Eram legumes e verduras, os mais variados. Além disso, plantava batata-doce, em quantidade, para a criação, e mais uma batata especial para a cozinha; abóbora e milho, cana e feijão.

Criava muitos porcos, galinhas, patos e gado. Havia tanto leite que o tomávamos às refeições, no lugar de água. Havia coalhada e requeijão à vontade.

Meu pai era muito alegre e amoroso, mas severo na disciplina, sendo moderado no castigo corporal. O gênio brincalhão dele era contagiante. Gostava de ver a casa movimentada, com a presença da mocidade. Era muito religioso, conservador da boa moral, não permitindo o mundanismo no lar. Nós nos divertíamos com cânticos religiosos, boas reuniões sociais, folclore, naturalmente, com a mocidade americana.

Em geral, o homem americano considerava a mulher um vaso frágil e delicado.

Por isso, não era permitido à mulher fazer trabalhos pesados como, por exemplo, trabalhar na roça, carregar água para a cozinha ou rachar lenha para o fogão. Meu pai e irmãos observavam essa cortesia.

Minha mãe, também muito religiosa, muito severa na nossa educação, não permitia linguagem impura, palavras torpes ou irreverentes. Ela era muito trabalhadeira e ótima cozinheira. Como eu gostava de lhe fazer companhia observando como ela fazia o “biscuit”, pão de minuto, o “corn bread”, pão de milho, e outros pratos! Creio que é por isso que eu ainda gosto da cozinha!

Ela exigia obediência imediata. Não nos era permitido falar na presença de visitas, a não ser que para tal houvesse consentimento. Por violarmos essa ordem, éramos castigados. Apanhei muito com a vara porque eu era muito teimosa. Fugia das surras, quando possível, subindo nas árvores.

Tínhamos os nossos deveres, desde muito crianças, com tarefas fáceis e leves. (...) Mamãe era muito pontual em tudo. Todos aprendemos, assim, a ordem da pontualidade.

Havia muita distração na fazenda. Apesar de eu não ter bonecas, contentava-me com aquelas feitas com as abóboras de pescoço, com espigas de milho ou qualquer coisa que eu podia transformar em semelhança de boneca. (...) Apanhava borboletas e besouros das mais variadas cores e formas. Gostava de fazer coleção. Também de ajudar a ordenhar vacas. Era um divertimento! No tempo de colher algodão, eu gostava de ajudar no trabalho de coleta e voltar para casa com a carroça cheia, deitada em cima do algodão.

Não deixamos de ter a nossa escola. Eu e meu irmão Arlindo íamos juntos à escola, onde aprendemos as primeiras letras, tudo em inglês. Mas, pra lá chegar, tínhamos de ir a pé ou a cavalo. Naquele tempo, o professor podia usar a

palmatória, mas eu nunca precisei ser castigada.

Na Capela do Campo, todas as denominações realizavam os seus cultos, cada uma tendo o seu domingo. O dia dos batistas era uma grande festa. Passávamos lá o dia todo, porque era, também, o dia de negócios da igreja, batismos etc. Levávamos o almoço, o "basket-dinner", contendo galinha, biscuit, leitão assado e muita coisa gostosa. Havia mesas compridas em que cada família estendia a sua toalha, depositando tudo ali, e todos comiam à vontade, em comum. Aquele dia era uma alegria para mim, não só pela comida, mas, pelo culto e o cantar dos hinos, que eu achava uma beleza!

Além da atmosfera religiosa tínhamos os nossos piqueniques, reunindo a colônia toda. Havia jogos, balanços, sendo que os moços se divertiam com as moças, balançando-as o mais alto possível. Repetia-se, aí, o mesmo como nos dias de culto, isto é, quanto à comida. Só que aqui tínhamos o churrasco.

Era costume festejar-se o Dia de Saint Valentine, o dia dos namorados. Eu me divertia muito vendo o movimento. As moças tinham de oferecer um presente ao rapaz mais querido. Eu gostava de ver a atrapalhação e timidez de algumas delas. Celebrávamos, ainda, o Dia da Independência dos States, com jogos e discursos. Meu pai e irmãos faziam parte do time de beisebol. Nesse ambiente, vivi até os nove anos de idade. Aí veio uma grande mudança que transformou a minha vida, apesar de que eu não podia compreender a profundidade da situação."

Genie continua o seu escrito e relata as dificuldades do pai para enfrentar o pagamento da fazenda que comprara, uma vez que, por dois anos, a estiagem e outros óbices impediram-no de ter o dinheiro suficiente para dar conta do seu compromisso. Assim, teve que devolver ao dono, aquela fazenda. E continua:

“Mamãe, chorando, pediu-lhe que, por amor às crianças, deixasse, pelo menos, duas vacas, para o nosso leite. Ele, então cedeu, como ainda deixou mais dois animais, o trole e alguns implementos agrícolas.

Papai arranjou trabalho numa fazenda, em Porto Feliz, para plantar cana. Não sei como foi a mudança. Apagou-se da minha memória! Só me lembro do meu entusiasmo na nova fazenda: uma casa grande, com varanda na entrada. (...) Distava alguns metros do rio Tietê. Na margem oposta ficava a mata virgem. Podia-se ouvir o constante canto dos pássaros, inclusive o da araponga (...).

Depois de algum tempo nessa fazenda, mamãe começou a sentir-se doente, e o Estado dela piorou. Diziam que ela ficou melancólica por ter perdido a fazenda. Papai levou-a até São Paulo. Foi internada no Hospital Samaritano, onde foi examinada pelo Dr. Lane. Ela estava com tuberculose e não havia mais cura. Voltou desanimada para casa. Depois de estarmos um ano nessa fazenda, mamãe nos deixou. (...) Tarde da noite daquele dia 05 de julho de 1906, fomos levá-la para o Cemitério do Campo, em Santa Bárbara! Voltamos para casa no dia seguinte, que a mim parecia vazia. Mamãe era enérgica. Levei muitas surras dela, mas, eu a amava e até hoje não guardo qualquer ressentimento ou rancor contra ela”. (A Certidão de Óbito registra a data de 10.07.1906.)

Genie conta a mudança operada na família, quando as crianças menores, inclusive ela, tiveram que se mudar para a capital, São Paulo, a fim de estudarem enquanto ficavam sob os cuidados da Martha, a irmã já casada. Anne, a outra irmã, ajudava D. Anna Bagby, no Colégio Progresso e, então Genie passou a residir e estudar ali. Dessa estada no Colégio, ela relata(Ver Imagem E65 na pág. 681 e Imagem E90 na pág. 710):

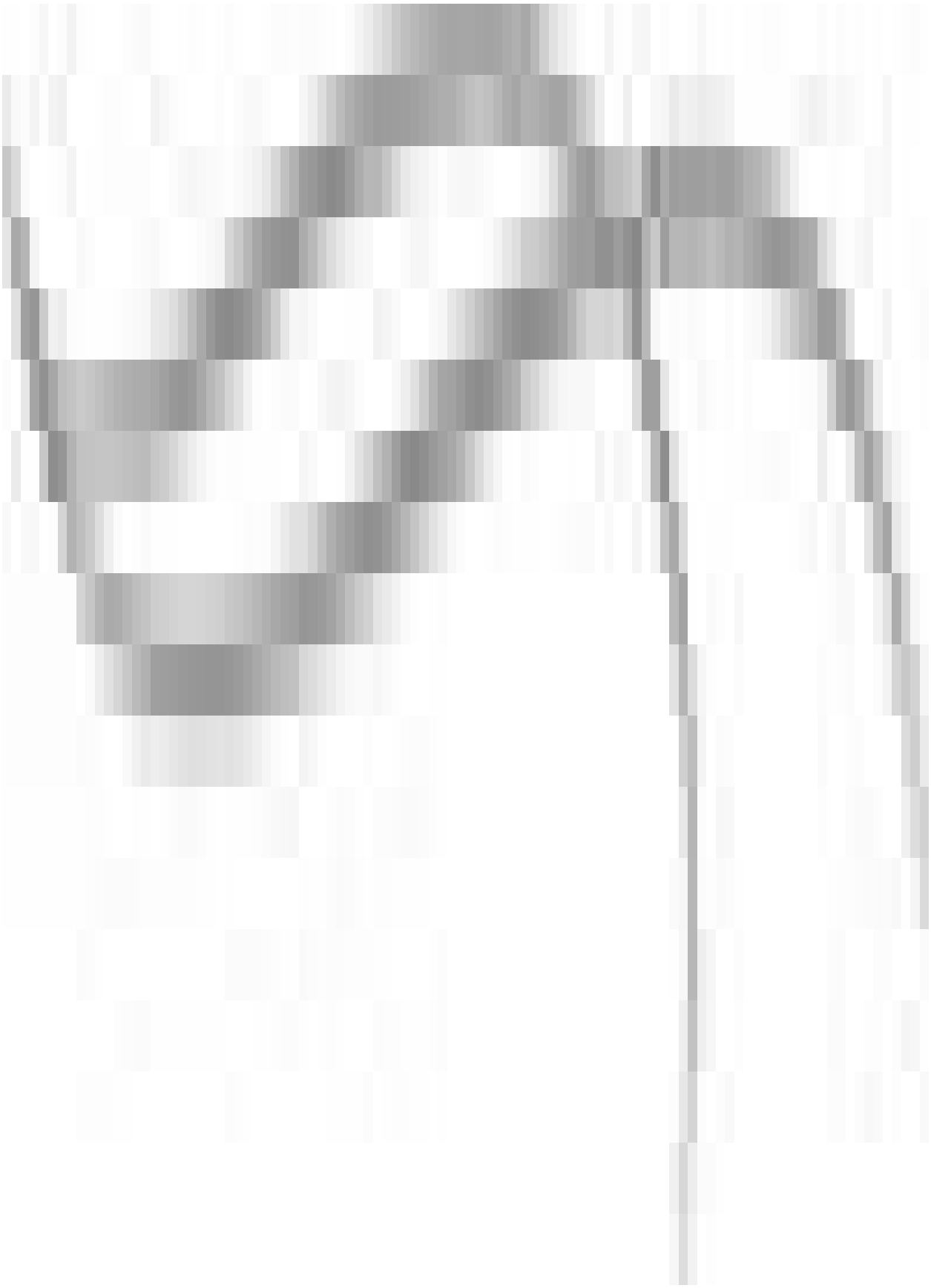
“Eu, minha prima Minnie e outras moças de Santa Bárbara, não podendo pagar pensão e mais o ensino, dávamos algum tempo de trabalho em troca, como copeira, arrumadeira, cozinheira ou limpando as salas de aula. Nessa casa,

coube-me, e à minha prima Minnie, a cozinha. (...) Depois disso, D. Anna alugou uma casa, ainda maior, onde fez o internato. Aí dobramos o nosso trabalho. Porém, ela arrumou uma cozinheira italiana, que cozinhava para todos. D. Ana era muito exigente, mas eu não estranhei isso, porque mamãe já me ensinara a fazer o trabalho, o melhor possível. A sala de jantar era em conjunto com a família Bagby. Assim, ela controlava e exigia as boas maneiras. Eu e Mary McFadden éramos encarregadas, por um período de tempo, dessa sala de jantar. Era toda telada e não se permitia a entrada de nem uma mosca; e ai de nós se entrasse uma! (...) Nós, as meninas de famílias crentes, íamos sempre à Igreja Batista, sendo o Dr. Bagby, o pastor. Fui por ele batizada e comecei a tomar parte ativa em todos os trabalhos."

Genie "termina" o seu escrito contando como prosseguiu os seus estudos no Colégio Batista, no Rio de Janeiro, o seu casamento, cuja cerimônia religiosa, nessa cidade e em casa, foi feita pelo missionário A. B. Langston, tendo como testemunhas na Pretoria o missionário Salomão L. Ginsburg e sua esposa. E as memórias de Eugenia — "Genie" — não chegaram ao final, pois que encontramos o seu manuscrito inacabado, como segue:

"Assim começou mais uma etapa de minha vida, que não foi um mar de rosas. Mas eu estava preparada para enfrentar "

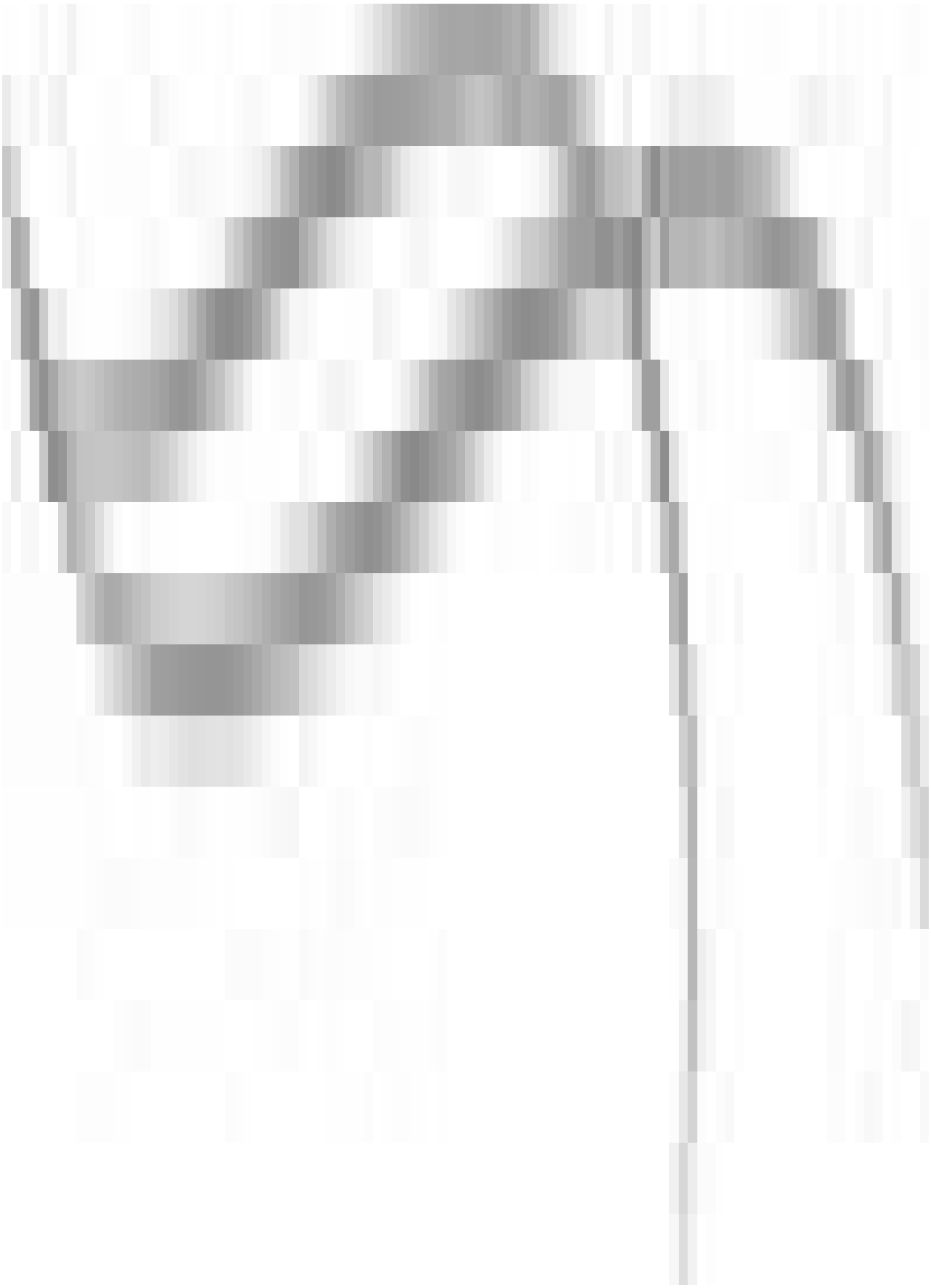
Ela e o seu esposo, Ricardo, ou Richard, como o tratava, viveram 47 anos de vida conjugal. A 16.01.1965, Ricardo Pitrowsky foi chamado para a eternidade. Eugenia foi depois de nove anos. Após uma enfermidade prolongada, expirou serenamente. Betty e Eudora, suas filhas, seguravam-lhe as mãos quando ela, serenamente, deixou este mundo. Mamãe era como um anjo! Cândida, amiga e foi uma excelente esposa de pastor, cristã e fiel serva do Senhor, uma professora de voz doce e olhar cândido!



Mamãe gostava de ensinar-nos os cantos que aprendera no tempo de criança. Aqueles fixaram-se em nossa mente, dos quais registramos alguns, adiante, apenas pelo título, e, de uma cantiga de ninar, apenas o estribilho. Esta é uma das que soam tão bem e nos fazem recordar os momentos felizes que sentíamos no seu colo, numa boa cadeira de balanço! (Ver Parte E - um trecho da canção de ninar “Baby” na pág. 711).

Em 357 Songs we love to Sing, editado em 1938, por Hall & McCreary Company, encontramos alguns dos cantos acima referidos:

p. 35 — The Last Rose of the Summer; p. 74 — The Farmer in the Dell; p. 77 — Little Jack Horner; p. 81 — When I was a Lady; p. 88 — Darling Nelly Gray; p. 215 — My Bonnie; e na p. 238, o conhecido “Dixie Land”, tão cantado no Sul dos EUA.



NOTAS E REFERÊNCIAS PARA A PARTE “A”

[1] Os nomes encontrados nas listas de passageiros, nos jornais diários da cidade são as indicadoras desse limite.

[2] FAULKNER, Harold U. American Economic History — p. 317, um resumo.

[3] BANDEIRA, Moniz, Presença dos Estados Unidos no Brasil, p. 87.

[4] BANDEIRA, Moniz, Op. cit., cap. 14, notas.

[5] DOI, no 68, 11.03.1867, p. 3, em Min. Agr. Com. Obras Públicas, no expediente do dia 25.02.1867:

“A Agência de Colonização autorizando-a, conforme solicitou, em ofício de 16, a mandar caiar e pintar as hospedarias do governo”.

DOI, nº 165, 20.06.1867, em Min. Agr. Com. Obras Públicas, no expediente do dia 23.04.1867:

“Ao Min. da Fazenda rogando a expedição de ordem para ser indenizado o agente oficial interino de colonização da quantia de 145$200 que despendera com a mudança dos objetos das duas hospedarias para a nova estabelecida no Morro da Saúde.”

[6] As informações do item foram elaboradas com os dados colhidos das seguintes fontes:

a Monografia do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, nº 567 — 1974

b Enciclopédia dos Municípios — IBGE — v. XXX, p. 75, 1951.

c História de Santa Bárbara d'Oeste — Edição Histórica, p. 8, 13, 29, 30 e 31.

[7] OLIVEIRA, Betty Antunes de, Movimento de Passageiros no Porto do Rio de Janeiro — 1865 - 1890.

[8] SALVADOR, José Gonçalves, História do Metodismo no Brasil, p. 67, 68.

JONES, Judith Mac Knight, Soldado Descansa, p. 304.

KENNEDY, James L., Cinqüenta Anos de Metodismo no Brasil, p. 19.

[9] As mesmas fontes contidas na nota no 6, p. 16 (rodapé).

[10] Essa ordenação foi feita tendo com base principal, cerca de 100 Escrituras de Compra e Venda, por nós examinadas nos livros dos cartórios de Campinas, Santa Bárbara d'Oeste, Capivari, Piracicaba, Botucatu e Limeira. De uma parte delas, temos Certidões em nosso arquivo. Além disso, a autora deste livro visitou moradores locais, como professores, comerciantes antigos, historiadores e descendentes dos emigrados. Ainda mais: consultou jornais da época nos diversos lugares e arquivos.

[11] RONIS, Oswaldo, Uma Epopéia de Fé: a História dos Batistas Letos no Brasil, p. 160. História de Nova Odessa, Edição Histórica, p. 9

[12] Diário do Rio de Janeiro, ano 51, no 171, 23.06.1868, p. 1, c. 5.

[13] Registramos o nome de Dr. NICOLAU MÁRIO FERRO, escrivão do referido cartório, no Fórum de Santa Bárbara d'Oeste, deixando aqui uma palavra muito especial pelo modo como se houve quando de nossas estadas no seu cartório. Tratou-nos educada, compreensiva e mui cortesmente, além da confiança que colocou sobre nós. Não fora assim, este trabalho teria sido grandemente prejudicado. A nossa palavra de agradecimento sincero, que se estende, também, à funcionária Rosa Dechen Oliveira.

[14] JONES, Judith Mac Knight, Soldado Descansa, p. 167, 182, 225, 325, 397, 402.

[15] Jornal d'Oeste, SBSP, ano 11, no 509, 12.07.1959, p. 5.

[16] Estatutos da referida sociedade — arquivo da autora.

[17] WARD, Carolyn Smith, An American Brazilian Odyssey, p. 73.

[18] Panfleto comemorativo — Colégio Batista Brasileiro — Ação de Graças — 1980.

[19] JONES, Judith Mac Knight, Soldado Descansa, p. 251, 259, 285, 292, 294, 295, 335, 336, 338.

[20] Um filho seu, que era médico, Dr. Josiah Pitts, veio como emigrado dos EUA, em 1867, estabelecendo-se em Santarém, Pará. Ali viveu até o fim dos seus dias. Alguns membros de sua família mudaram-se para a cidade de Manaus, já no término do século XIX. Quando a Primeira Igreja Batista de Manaus foi organizada, a 05.10.1900, dois membros dessa família Pitts estavam entre os seus fundadores. Alguns dos seus descendentes viveram bom tempo em Manaus.

[21] WARD, Carolyn Smith, An American Brazilian Odyssey, p. 73.

(Ver parte “D”, 26.03.1888).

[22] Ver parte “D” — Relatório Fim Março 1886.

[23] WARD, Carolyn Smith, An American Brazilian Odyssey, p. 89. O parágrafo que incluímos é uma tradução do trecho de seu livro.

[24] O livro “The History of Craft Masonry in Brazil”, p. 8, diz que a Loja era composta quase inteiramente de irmãos americanos, fazendo as suas reuniões em SBSP. Por esta informação, sente-se claro que havia também os não americanos.

[25] JONES, Judith Mac Knight, Soldado Descansa, p. 226 e 227.

[26] PROBER, Kurt, Cadastro Geral das Lojas Maçônicas do Brasil, p. 60.

[27] OLIVEIRA, Betty Antunes de Oliveira, North American Immigration — Tombstone Records — Campo Cemetery — Santa Bárbara d'Oeste — S. Paulo.

[28] No Arquivo da Prefeitura Municipal de São Paulo, na Seção Técnica de Manuscritos, encontramos dois grupos de registros de casamentos, do período de 19 de abril de 1864 a 6 de agosto de 1890. Há cerca de 100 registros. Entre estes encontramos apenas um de norte-americano. A maioria dos ministros oficiantes é de presbiterianos.

Nota:

A escritora Carolyn Smith Ward, transcreve no seu livro "An American Brazilian Odyssey", p. 87, o trecho do livro "Mission to Brasil", de James E. Bear, [ou Baird?] 1961, p. 7, o seguinte: "... Emersson appealed several times to the Foreign Mission Committee of the Presbyterian Church in the U. S. to commission him as a full-time missionary". "... Evidendly there was a feeling in the church that Presbyterian ministers, going to Brazil to preach to Southern Presbyterian church members, were not really foreign missionaries".

Em tradução livre, teríamos que Emerson, que era um dos pastores presbiterianos em Santa Bárbara, apelou várias vezes para a Missão Presbiteriana, nos EUA, para colocá-lo como um missionário de tempo integral. A Missão, porém, não concordou. Evidentemente, havia uma opinião na igreja de que os pastores presbiterianos que fossem pregar no Brasil, aos membros da Igreja Presbiteriana composta de sulistas, não seriam realmente considerados missionários estrangeiros.

Sente-se, também, que este era o mesmo pensamento entre os batistas e metodistas. Este é um assunto que merece maior estudo, após o qual se poderá concluir com mais precisão.

Nota sobre o Recenseamento realizado a 01.08.1872.

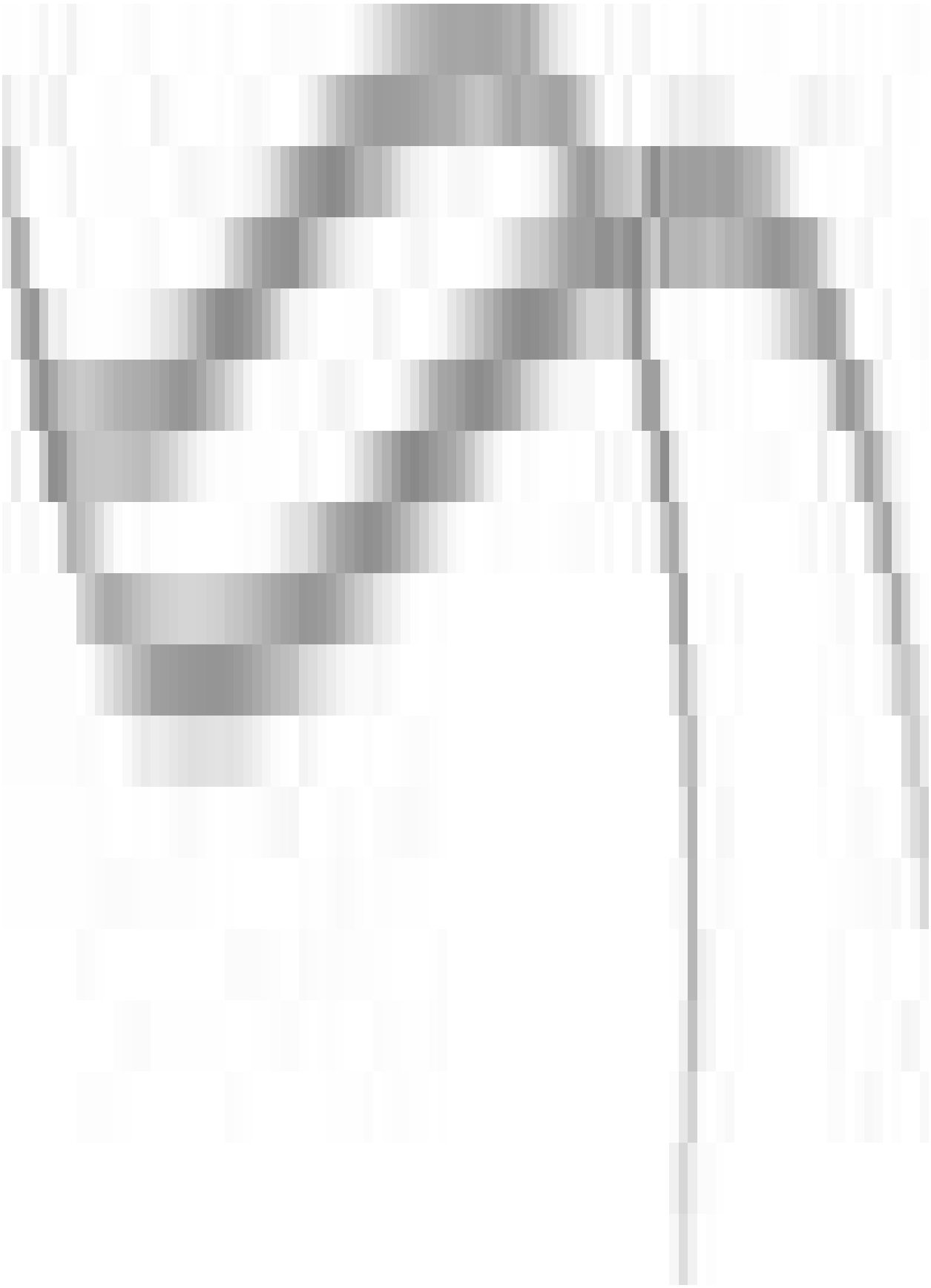
(In Correio Paulistano, São Paulo, SP, 16.01.1874, p. 2) —

“Decreto nº 4.856, de 30.12.1871. ‘Manda proceder, em execução do Art. 1º da Lei nº 1.829, de 09.09.1870, ao primeiro recenseamento geral da população do Império’ (...) ‘Regulamento para a execução do Art. 1º, da Lei nº 1.829, de 09.08.1870, a que se refere o Decreto 4.856 desta data.

Cap. 1

Art. 1º — O primeiro recenseamento da população será feito simultaneamente em todo o território do Império, no dia 1º de agosto de 1872.

Art. 2º — Todos os habitantes do Império, nacionais e estrangeiros, livres e escravos serão recenseados no lugar ou habitação em que se acharem no referido dia”.



(In Correio Paulistano, São Paulo, SP, 24.03.1874, p. 2)

“Recenseamento da Vila de Santa Bárbara. Fomos obsequiados com o resumo do recenseamento daquela localidade, que abaixo publicamos:

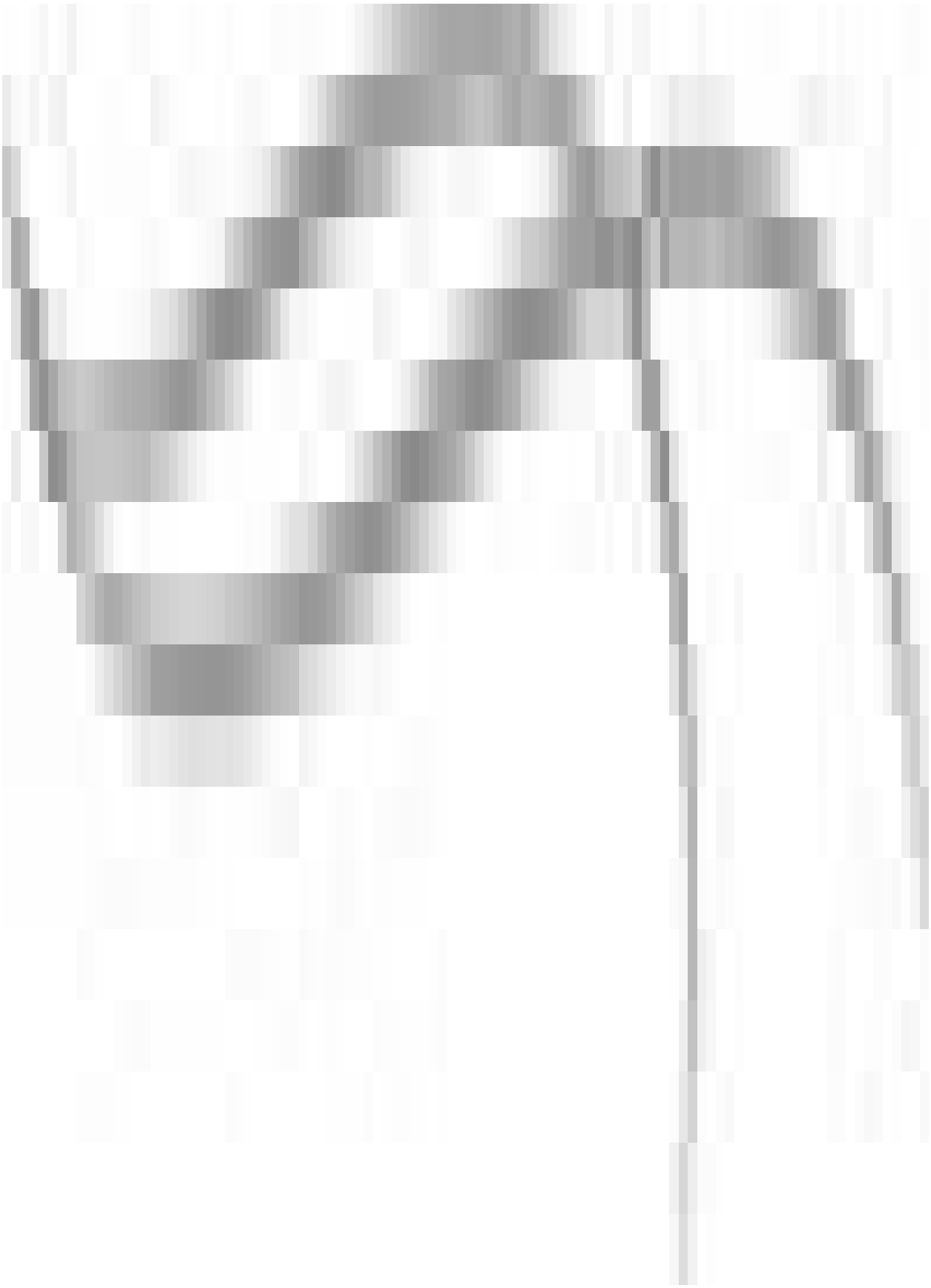
População — 2.577, sendo brasileiros 2.231 e, estrangeiros, 346. Homens livres — 1.205; mulheres livres — 1.067; homens escravos — 163; mulheres escravas — 130. Casados livres — 781; viúvos — 120; solteiros — 1.383; casados escravos — 24; viúvos — 5; solteiros — 264.

Brancos — 1.563; caboclos — 381; pardos — 350; pretos — 283. Sabem ler e escrever — 433; só sabem ler — 2. Pretos escravos que sabem ler e escrever — 6. Analfabetos — 2.136.

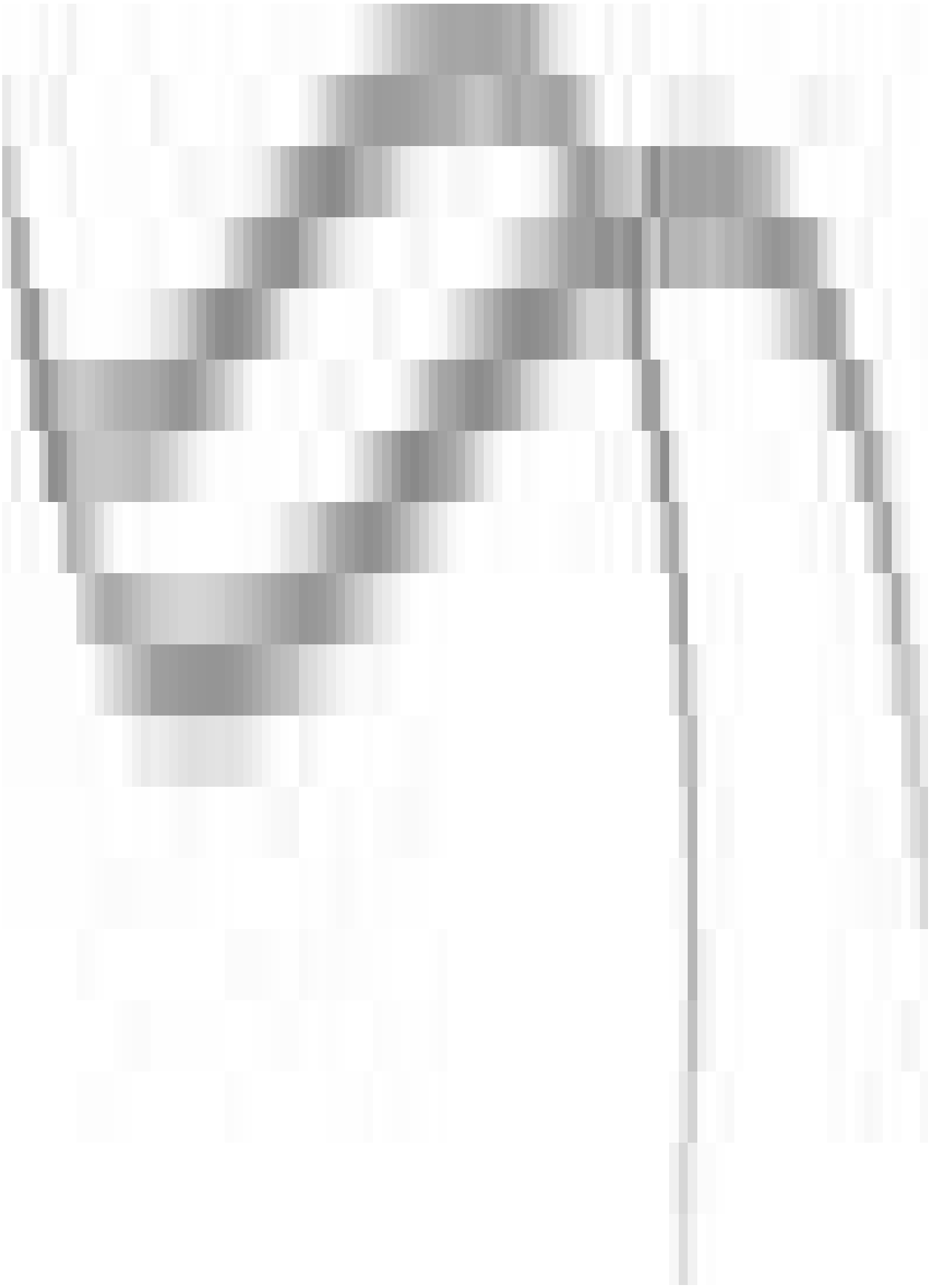
Idades: de 1 mês a 14 anos — 1.006; de 14 a 21 — 406; de 21 a 40 — 689; de 40 a 60 — 189; de 60 a 90 — 284; de mais de 100 — 3.

Fogos - na Vila — 157; nos sítios — 322. Total — 480.

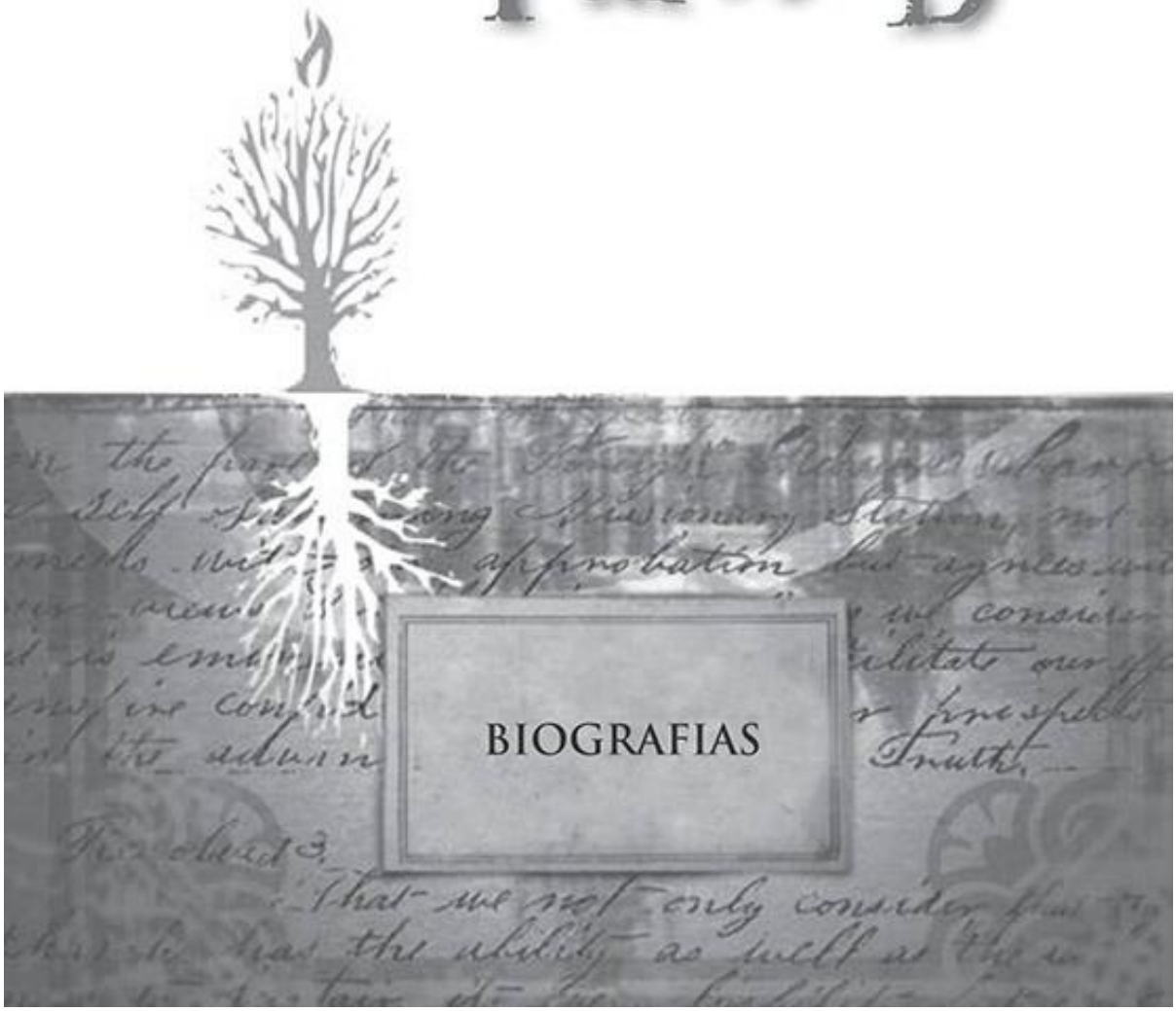
(Fogos = casas)



“Porque quem despreza o dia das coisas pequenas?...”(Zc 4.10).



Parte B



BIOGRAFIAS

Esta parte contém pequenas biografias de alguns dos pioneiros batistas no Brasil, os quais participaram das duas primeiras igrejas batistas organizadas em solo brasileiro, em Santa Bárbara, S. Paulo.

De alguns, não tivemos elementos para elaborar tais notas. Seus nomes, porém, constam da relação dos prováveis membros dessas igrejas. Isto se deu graças a documentos correlatos. Tentamos obter mais informações por um ou outro descendente; porém, não houve resposta.

Excetuando os seis nomes adiante, os demais, cujos dados estão nesta parte “B”, podem ser encontrados na ordem alfabética, pelos sobrenomes.

Pastores — Os Batedores Do Rei

1860 — Thomas Jefferson Bowen — abriu o portal para o trabalho batista no Brasil. Aqui, ele e sua esposa, Lurenna, foram os dois primeiros missionários da FMB.

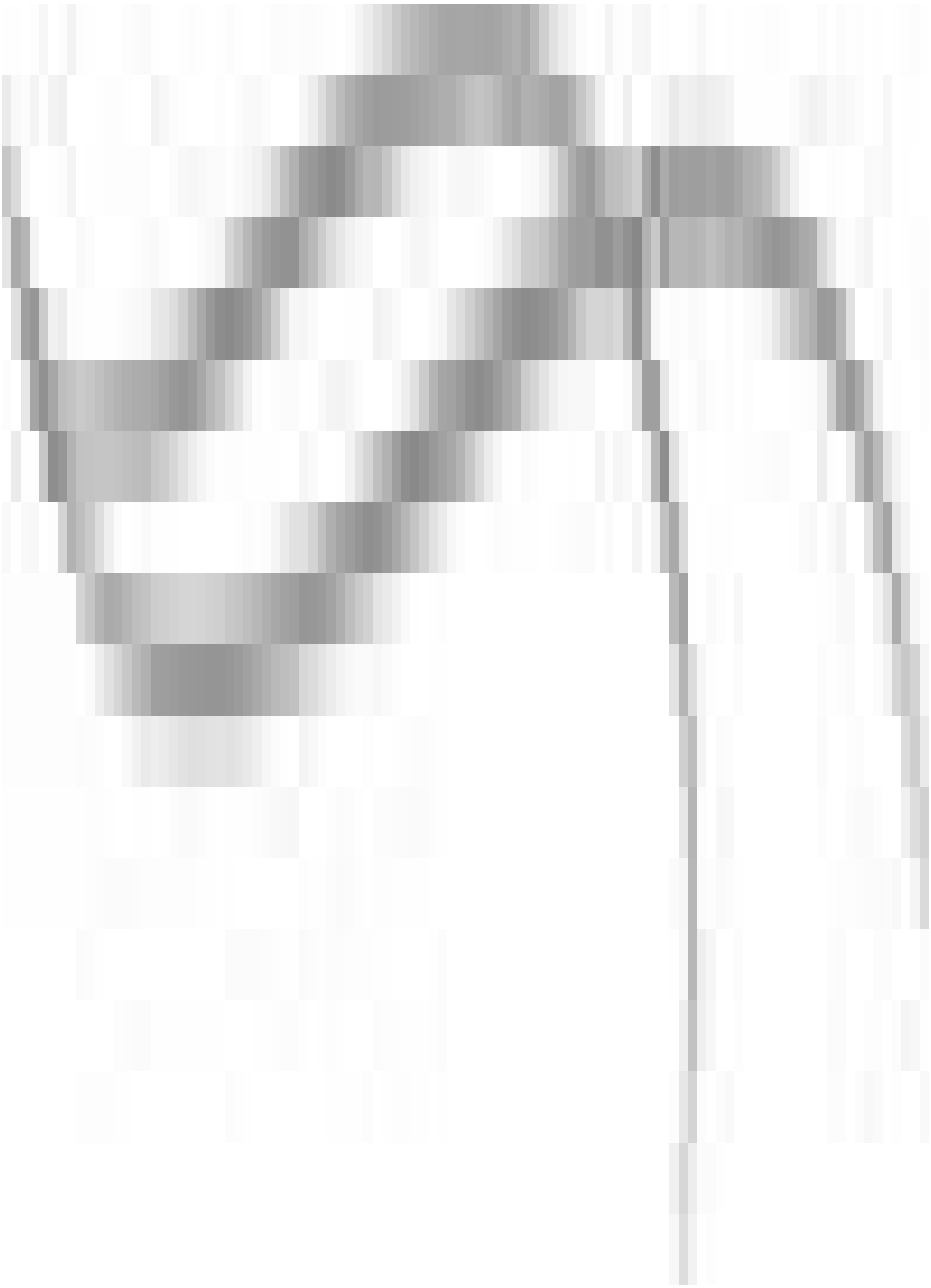
1871 — Richard Ratcliff — fundou a Primeira Igreja Batista neste país, em Santa Bárbara, SP. Pastoreou-a até 1878. Retornou ao seu país.

1878-81 — Elias Hoton Quillin — assumiu o pastorado da Primeira Igreja; instalou a Missão Batista em Santa Bárbara, SP. Fundou a Segunda Igreja Batista, a da Estação, em 1879. Ele e seu colega Robert Porter Thomas oficiaram a consagração de Antonio Teixeira de Albuquerque ao Ministério da Palavra.

1880 — Robert Porter Thomas — batizou Antonio Teixeira de Albuquerque. Ele e seu colega Elias Hoton Quillin oficiaram a consagração de A. T. Albuquerque — ATA — ao Ministério da Palavra.

1880 — Antonio Teixeira de Albuquerque — tornou-se o primeiro pastor batista brasileiro.

1882 — William Buck Bagby — deu a largada para a expansão maior.



Thomas Jefferson Bowen — Heróico Pioneiro

[1]

(* 02?.01.1814 — † 24.11.1875)

“Pela devoção, pelo prático bom senso, pelo intrépido heroísmo, pela fé inabalável em Deus, onde poderíamos encontrar um que o sobrepuja? (...) A passagem de um século tem, porém, servido para confirmar esta opinião sobre ele. (...) Medida em anos, a contribuição de Bowen, na África, foi pequena; medida em termos de visão, intrepidez e sofrimentos, ela foi tremenda. Mesmo depois de um século, estamos seguindo a trilha fulgurante deixada pelos seus pés heróicos. (...) Sua paixão missionária traduz-se melhor nesta declaração do que por seu retrato: ‘Eu poderia viver numa choupana de sete pés quadrados pelo resto de minha vida se isto pudesse fazer-me instrumento para salvar mais uma alma’.” — Ira N. Patterson.

“Não estou convencido de que tenha vindo aqui em vão.” [2] T. J. Bowen

Thomas Jefferson Bowen foi o primeiro missionário batista enviado para a África Central, hoje Nigéria. Também, o primeiro para o Brasil, pela Foreign Mission Board — Southern Baptist Convention.

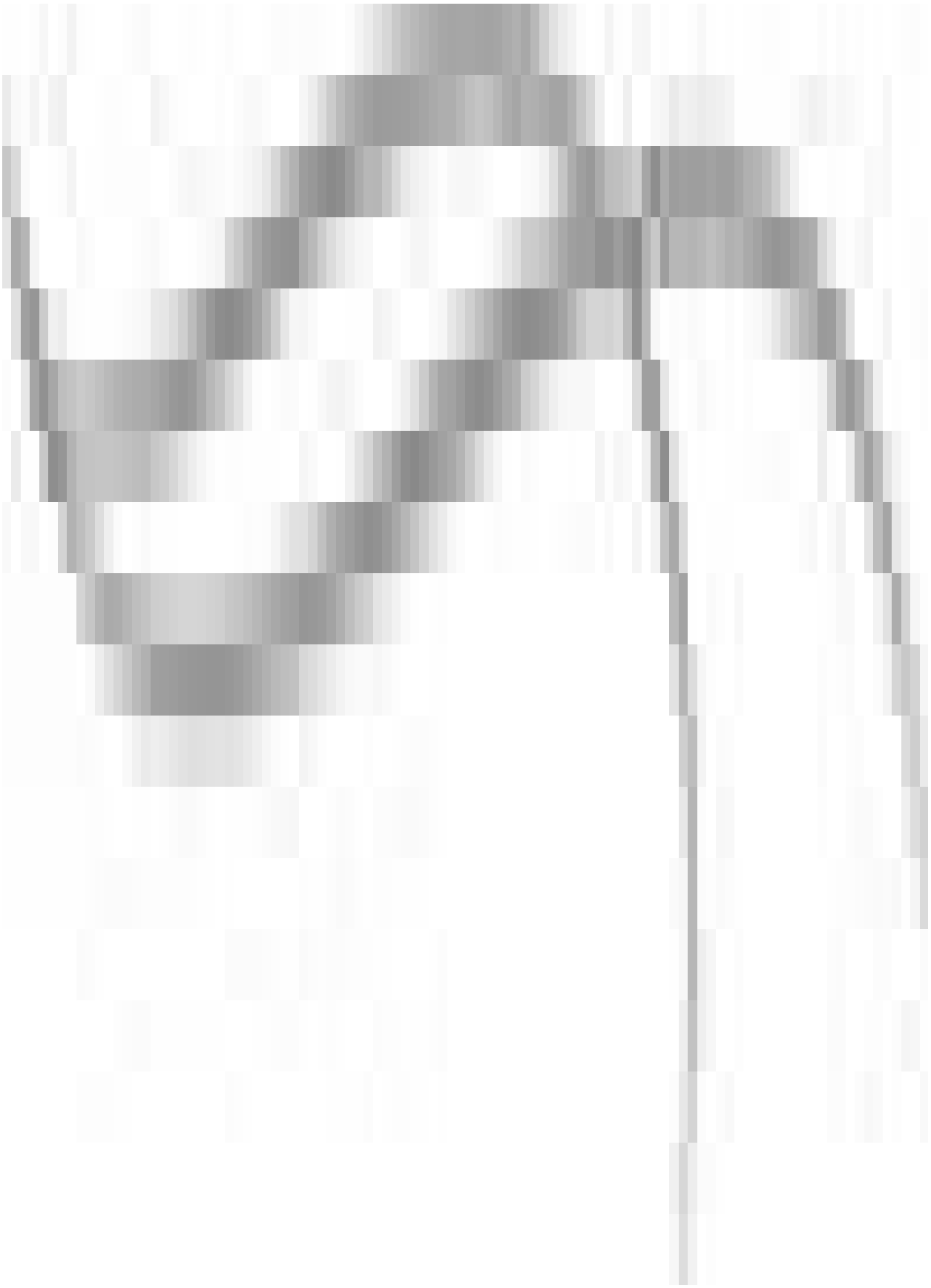
Sentimo-nos alegrados em encontrar material que respigamos durante as viagens que fizemos ao país de Bowen. De outro modo, não seria possível preparar este capítulo, que apenas condensa alguns fatos principais de sua vida. De poucos anos para cá, ela está sendo mais conhecida no seu país natal. Tenta-se, assim, fazer-lhe justiça merecida, por tantos anos postergada!

No sudoeste da Georgia, EUA, os batistas homenagearam-no colocando o seu

nome na Associação das igrejas batistas da região:

Bowen Baptist Association. [3]

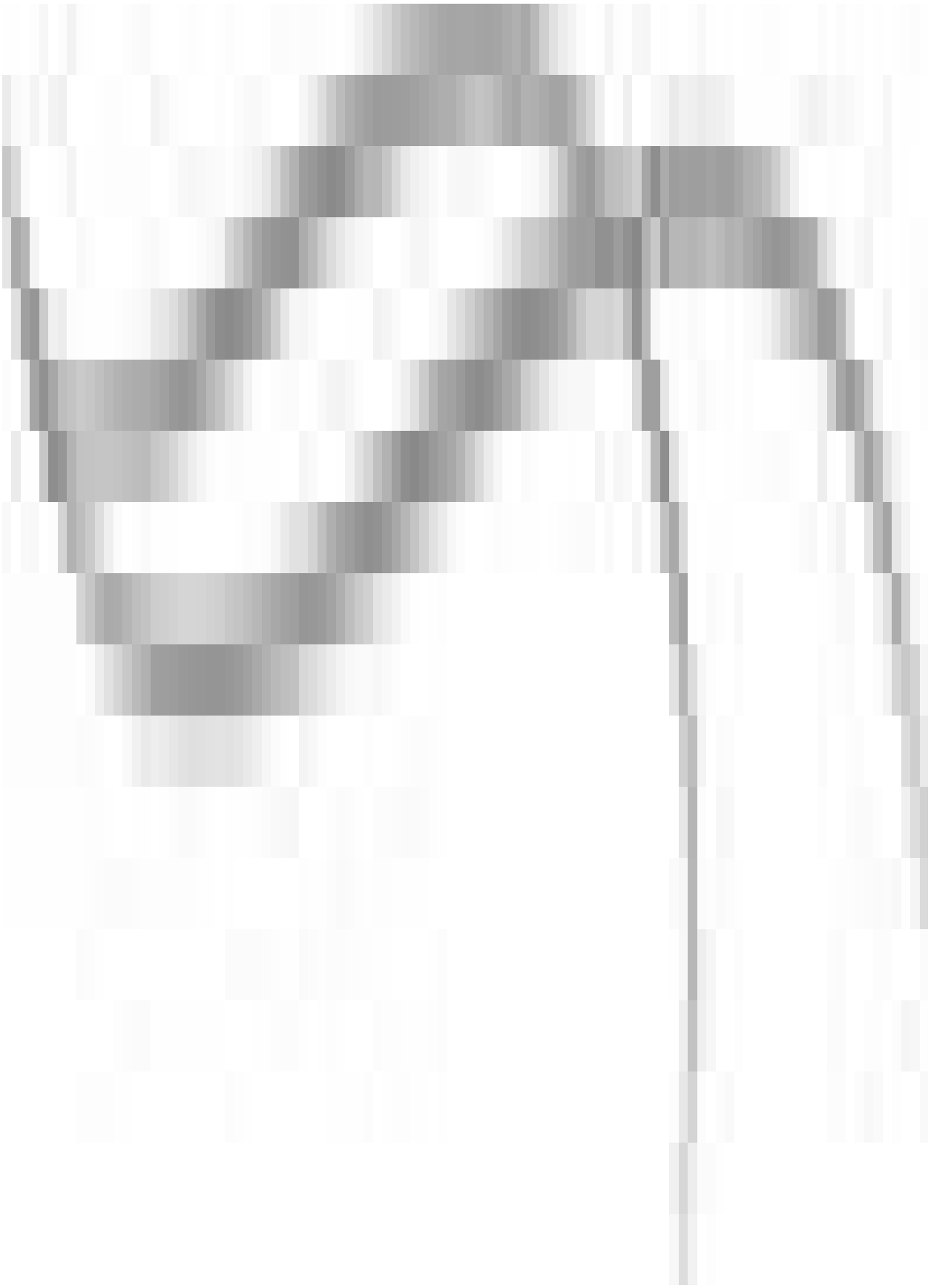
Que este capítulo se converta num tributo de amor àquele servo de Deus e também à sua mui querida, fiel, dedicada e sofredora esposa, Lurenna Henrietta (Davis) Bowen. Que ocupem o lugar certo na história, com o nosso reconhecimento na posição exata, na galeria de honra entre os heróis pioneiros da Causa, em nossa pátria.



As origens de T. J. Bowen são encontradas em Gales, Irlanda, Escócia e Inglaterra. Em uma Bíblia da família, ele escreveu ser “filho de John F., filho de Benjamin, filho de John, filho de John, filho de John, um homem de Gales, que veio solteiro para a Pensilvânia.”

Este último John era filho de Moses e Rebecca (Rees) Bowen, quakers que, em 1698, haviam emigrado de Gales para Gynnedd Tw., Chester Co., Pensilvânia, EUA. Posteriormente, por divisão administrativa, Gynnedd Tw. tornou-se Montgomery County.

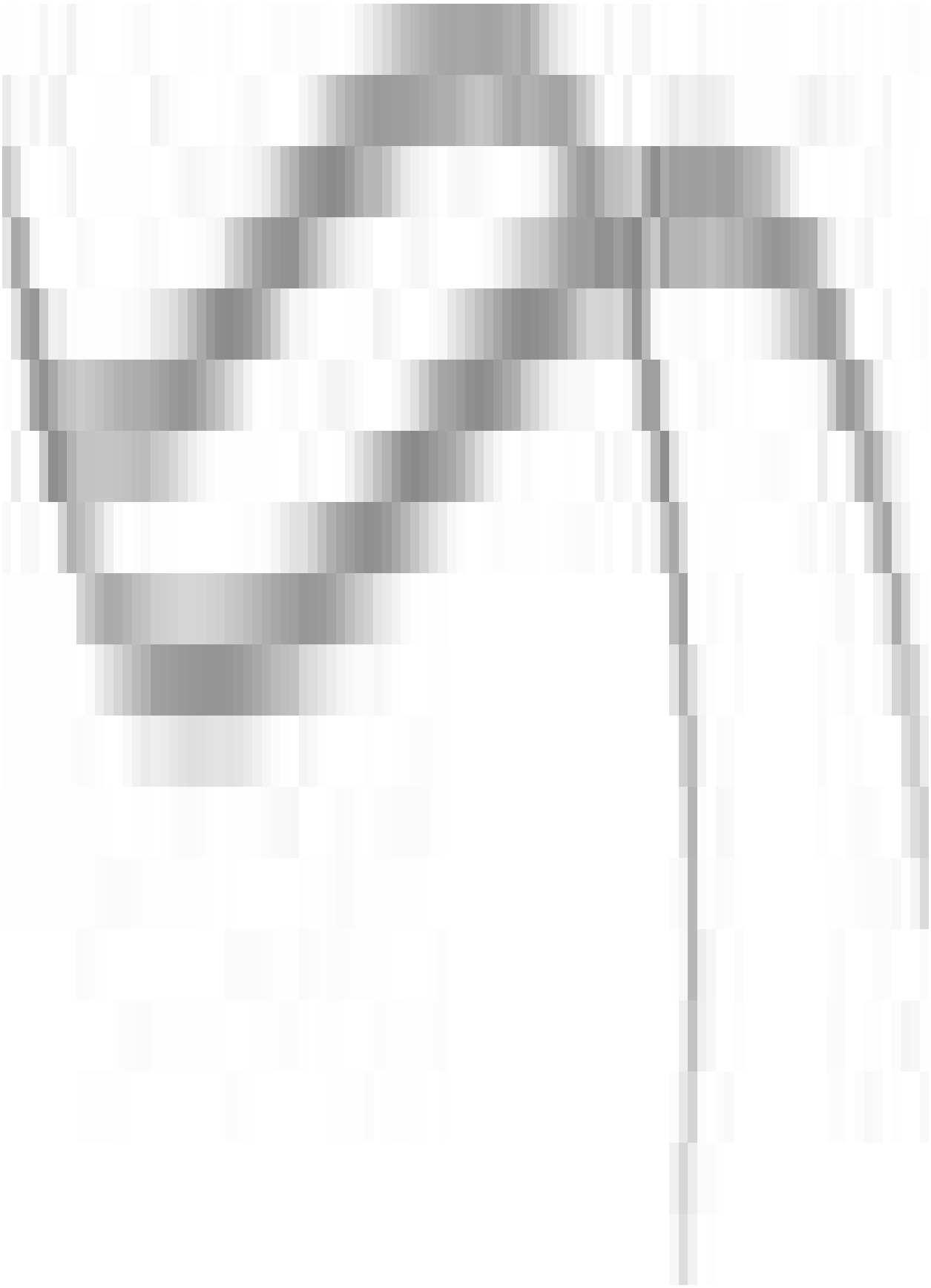
De acordo com um registro de casamento, em Jackson Co., Georgia, um John F. Bowen casou-se com Polly Grizzle, a 26.06.1811. Há evidências de que estes foram os pais de T. J. Bowen. Este nasceu a 02?.01.1814, em Jackson Co., Georgia, EUA. Crê-se que Polly faleceu quando seu filho era um adolescente. Ela foi sepultada perto de Decatur, na Georgia.



T. J. Bowen casou-se a 31.05.1853, em Greensboro, Georgia, com Lurenna Henrietta Davis, filha de Samuel e Mary Angeline (Gant) Davis. Dessa união, nasceram-lhe três filhas: Mary Yoruba, Lurenna — “Lula” — e Mary Gant — “Maymie”. A primogênita nasceu em 1854, na terra da tribo Ioruba, África, e morreu três meses depois. Lula nasceu em 1858 e faleceu em 1902, na Georgia. Foi casada com o Dr. John H. Moncrief. Maymie nasceu em 1866 e faleceu em 1943, no mesmo Estado. Foi casada com o Dr. Thaddeus Brockett Rice. A este, muito se devem as informações que originaram várias publicações sobre a vida e o trabalho do missionário T. J. Bowen. Lula e Maymie não deixaram descendência.

T. J. Bowen faleceu a 24.11.1875, em Milledgeville, na Georgia, 39 dias antes de completar os seus 62 anos de idade. Lurenna Henrietta Bowen nasceu a 06.03.1832, na Georgia. Ela sobreviveu ao seu esposo, 32 anos, falecendo a 22.08.1907, com 75 anos de idade, também, na Georgia. [4]

Uma família formou-se, serviu à Causa, deixou as marcas do seu trabalho pioneiro. Os herdeiros dessa família somos todos nós; os de sangue não mais existem.



O Rev. Cecil Roberson afirmou que a estirpe de caráter que fez de Bowen um soldado-capitão em seu próprio Estado, e um guerreiro para a Independência do Texas, tornou-o um soldado sob a insígnia do Rei dos reis. Disse mais:

“Sua vida pode ser revelada como tragédia. Porém, misturada com os elementos trágicos estão outros de grande valor; nobres ideais, devoção para o dever, coragem e perseverança em face da extenuante doença: sua permanente dedicação à chamada de Deus, ao bem-estar de sua família e resistência para o sofrimento. (...) Sua vida foi um trabalho de dedicação efetuado pela graça divina — a existência da ‘evidência da graça’, como Bowen pediu para ser lembrado.”

A expressão “evidência da graça” faz parte do último verso do poema que Bowen escreveu a 12.10.1868, para ser lido no domingo seguinte, na Igreja Batista de Greensboro, Georgia:

“... Meu único desejo é estar bem,

E estando bem, ser mais uma vez

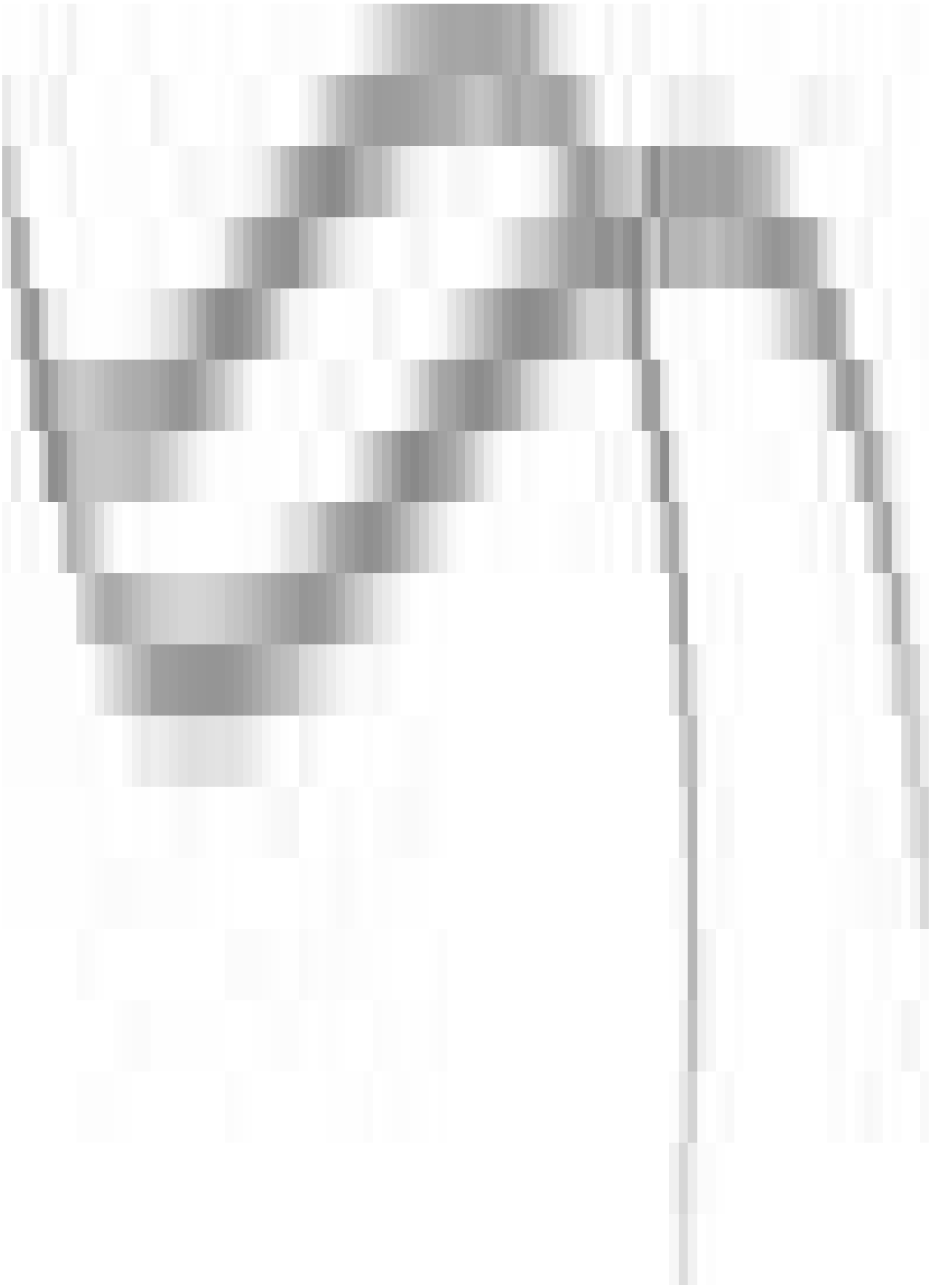
Um servo útil para minha gente;

Não como fora antes,

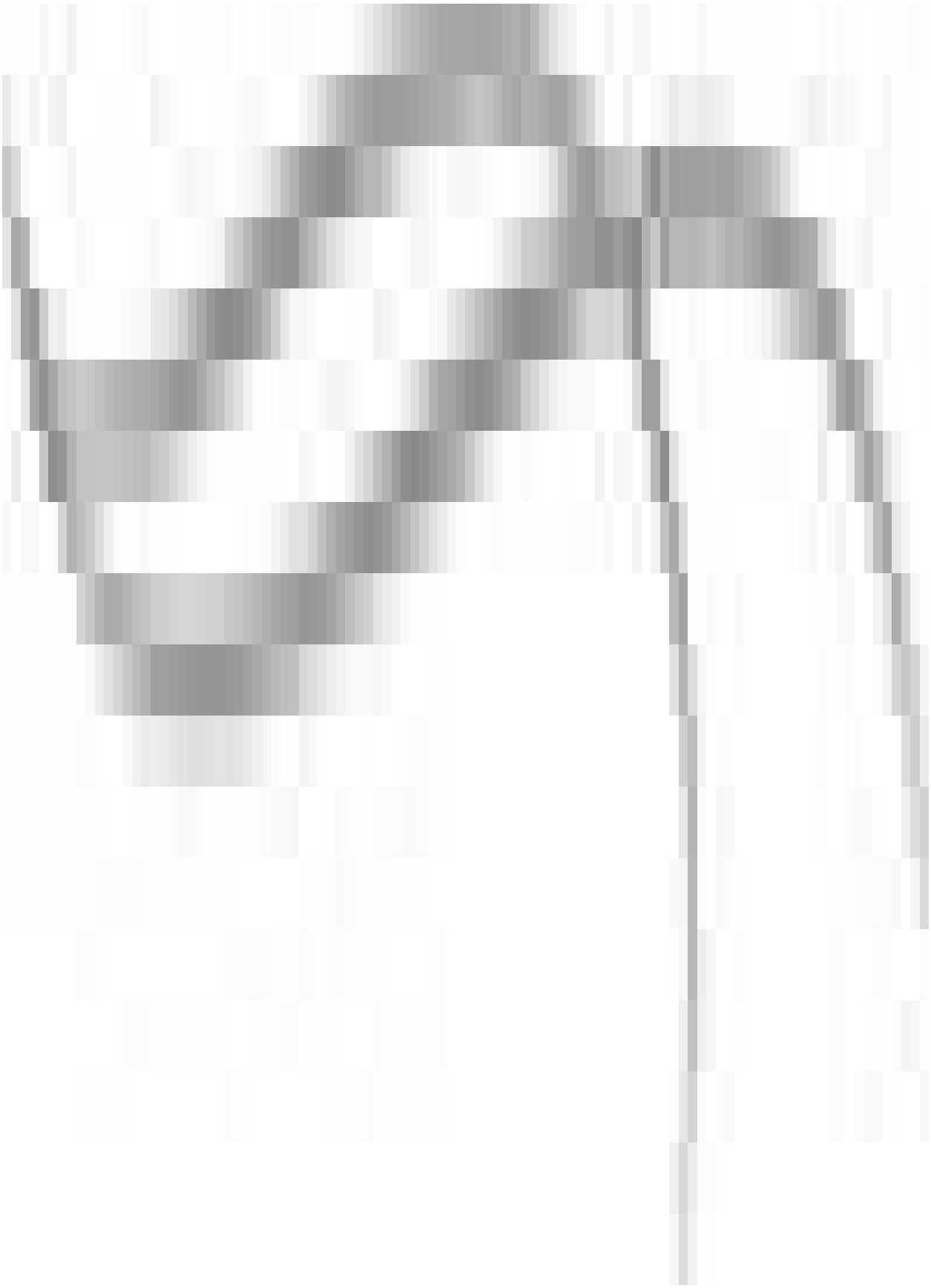
Porém, como uma evidência da graça.” [5]

Para David Carson Davis, Bowen era um homem de visão e presciência, de coragem e infatigável devoção à chamada de Deus. Para ele, a redenção da África era a sua pessoal missão. Em meio a fragilidades, limitações e infortúnios, sua vida poderia parecer infrutífera. Todavia, Bowen é uma figura

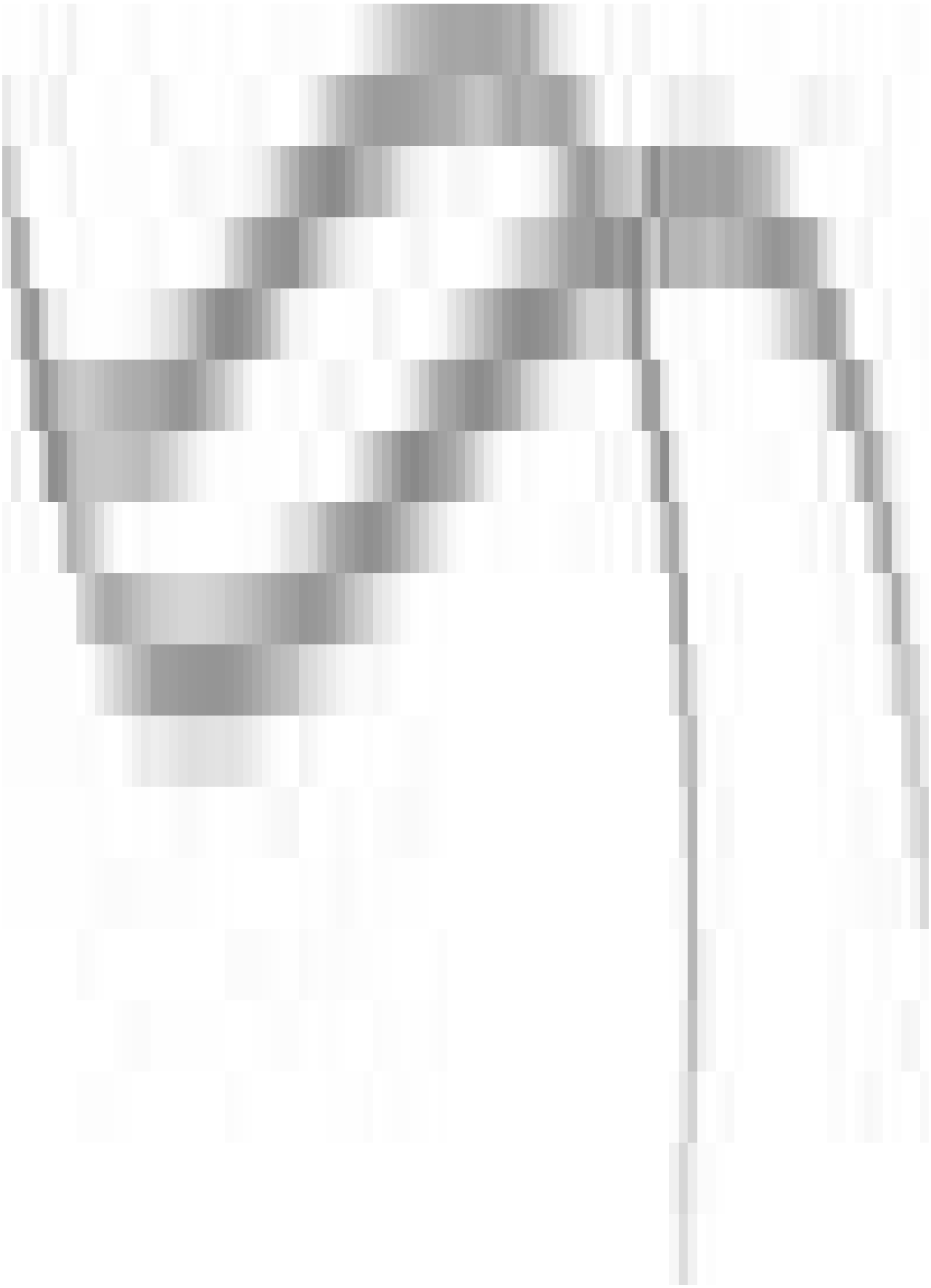
significativa na historiografia da África. [6]



Sua gramática e dicionário da língua Ioruba, publicada em 1858, é obra de consulta no assunto e em outros, como antropologia. Ver, por exemplo: Bibliografia do livro de Arthur Ramos — Introdução à Antropologia Brasileira. 1º volume — 3ª edição, Rio de Janeiro, 1961, da Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, p. 410, sob o título “A grammar and dictionary of the Yoruba language”. Washington, 1858.



É incorreta a informação de que Bowen ficou 2 (dois) anos no Brasil. Ele chegou a 21.05.1860, retornando aos EUA a 09.02.1861. Vale dizer que sua estada neste país foi apenas de oito meses e 19 dias. [7]



Como um andarilho que aspirava tanto por conhecer-se para melhor servir ao seu Mestre, e discernir qual seria o caminho exato a trilhar, manteve-se fiel à vocação e ao desejo ardente que lhe queimava no coração por uma África redimida.

Acontece que ele não firmou a Missão no Brasil, nem aqui preparou os negros como pregadores que pudessem retornar à África, tal como era seu plano. Mas, Bowen veio e abriu o portal para a obra de Missões no Brasil. Poderíamos argüir que o tempo e as condições não eram propícios para esse propósito? Ou que os seus planos eram utópicos? E os desígnios de Deus, como funcionam?!

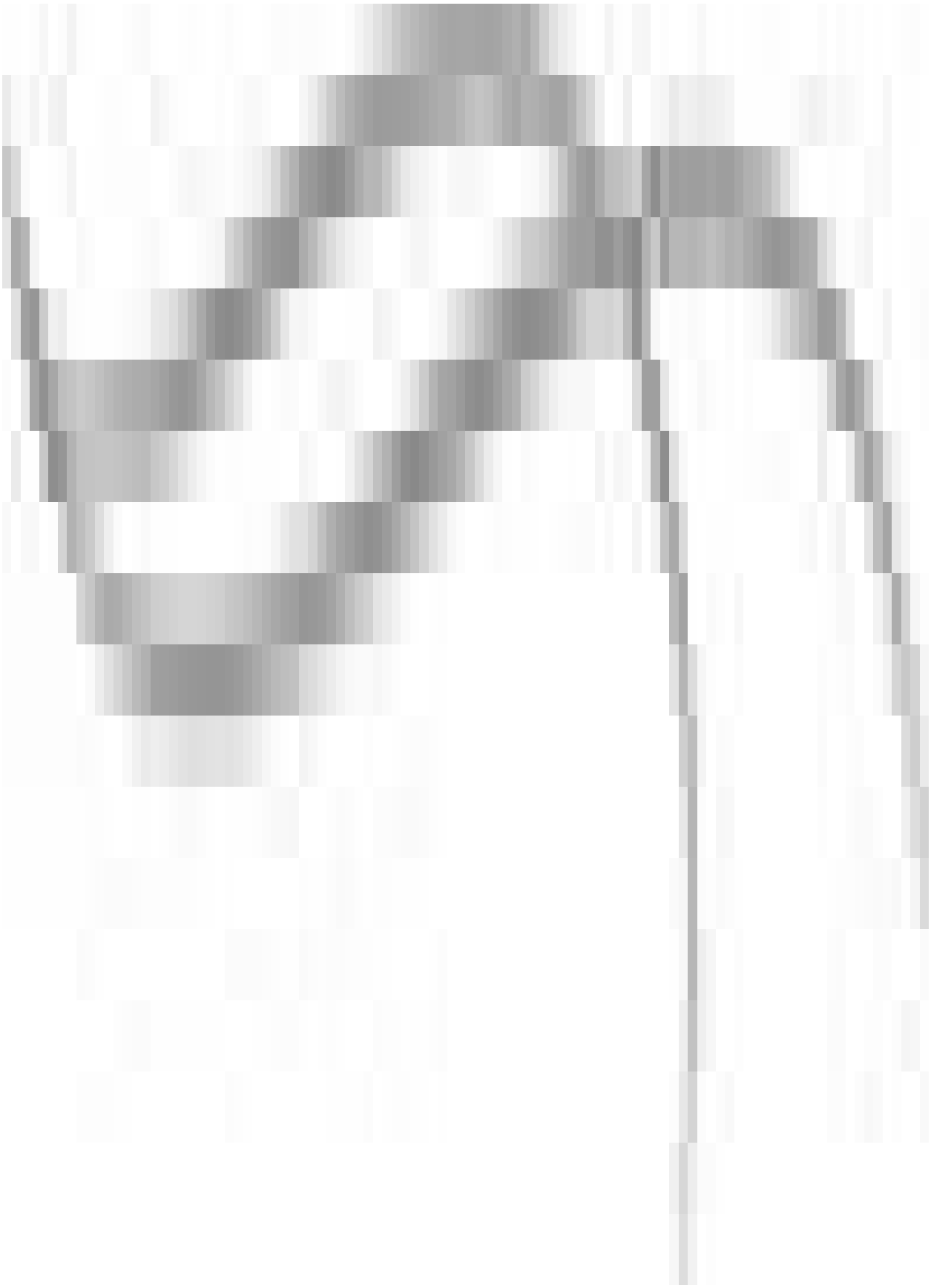
Como teria sido se Bowen tivesse aberto o trabalho aqui entre os negros iorubas? Os descendentes destes estão hoje por toda parte! Como seriam estes, agora, se seus antepassados tivessem ouvido o evangelho?

Bowen converteu-se em 1840, quando era um jovem de 26 anos de idade. Em 1841, começou a pregar e foi consagrado ao Ministério da Palavra. Passou a viajar muito pela Georgia, Flórida e Alabama, ora como professor, ora como missionário de sustento próprio. Passaram-se, assim, quase sete anos, durante os quais Bowen visitava grupos de crentes, as congregações e igrejas então existentes.

Durante parte desse período, morando em Quincy, na Flórida, ele alcançou, pelas viagens missionárias, uma família que morava em Walton Co., perto dali, no caminho para oeste. Essa família era a de Joseph Ratcliff, de formação religiosa quaker, como a de Bowen. Um de seus filhos, adolescente, de nome Richard Ratcliff, converteu-se ouvindo a pregação de T. J. Bowen.

Assim temos diante de nós um fato real: T. J. Bowen tornou-se o pai na fé de Richard Ratcliff. Que significaria esse fato nos planos de Deus, em relação ao Brasil?

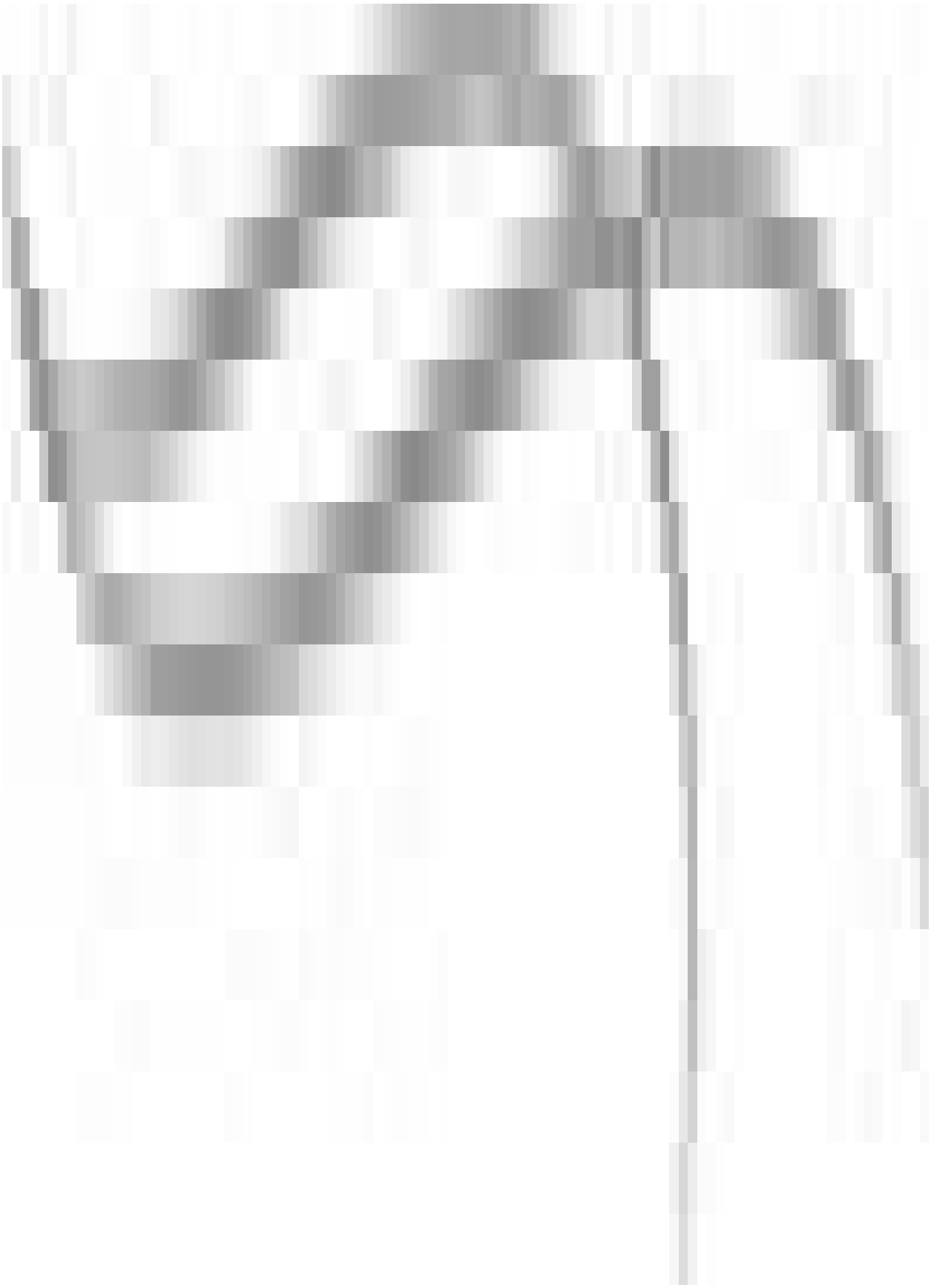
Bowen foi para a África. Mais tarde, veio para o Brasil — 1860. Richard Ratcliff ofereceu-se para ser um missionário na África. Depois, veio para o Brasil, chegando aqui em 1867, seguindo a trilha de seu pai na fé,[8] iniciando-a em Santa Bárbara, sendo, então, o primeiro pastor batista no Brasil a atuar na direção de uma igreja.



Não é definida a extensão da escolaridade de Bowen. Mas sabe-se que ele tinha grande sede por conhecimento e lia muito. Chegou a estudar um pouco de medicina. O número de bons livros que ele possuía, incluindo alguns raros, chega a uns 300, quantidade expressiva para um pobre, naquela época. Pela leitura, soube das necessidades da África Central.

Por outro lado, Bowen encontrava-se cercado de líderes batistas dedicados e de larga visão missionária. Provavelmente, ele deve ter assistido aos trabalhos da Primeira Convenção dos Batistas do Sul dos EUA, realizada em 1845, em Augusta, na Georgia. Dessa vivência privilegiada, e das experiências, nasceu-lhe o desejo de ser missionário na África. Em 1848, a FMB recebeu dele a sugestão para o estabelecimento de uma Missão naquele continente. Depois de maduras reflexões, ele se ofereceu como missionário para trabalhar entre os negros da tribo Ioruba, na Nigéria. A 22.02.1849, ele foi nomeado, tornando-se, assim, o primeiro missionário enviado para a África pela FMB-SBC. Antes de seguir com destino ao seu campo de trabalho, a 17.12.1849, ele iniciou uma série especial de viagens, procurando interessar as igrejas para as missões.

Na África, suas experiências foram as mais duras possíveis, considerando o clima da região, a insalubridade, dificuldades de comunicação etc. Logo adquiriu a malária, doença que traz sempre o seu séqüito de conseqüências. Outras enfermidades se seguiram. Mas, apesar dos óbices, conseguiu executar boa parte do seu plano de trabalho.

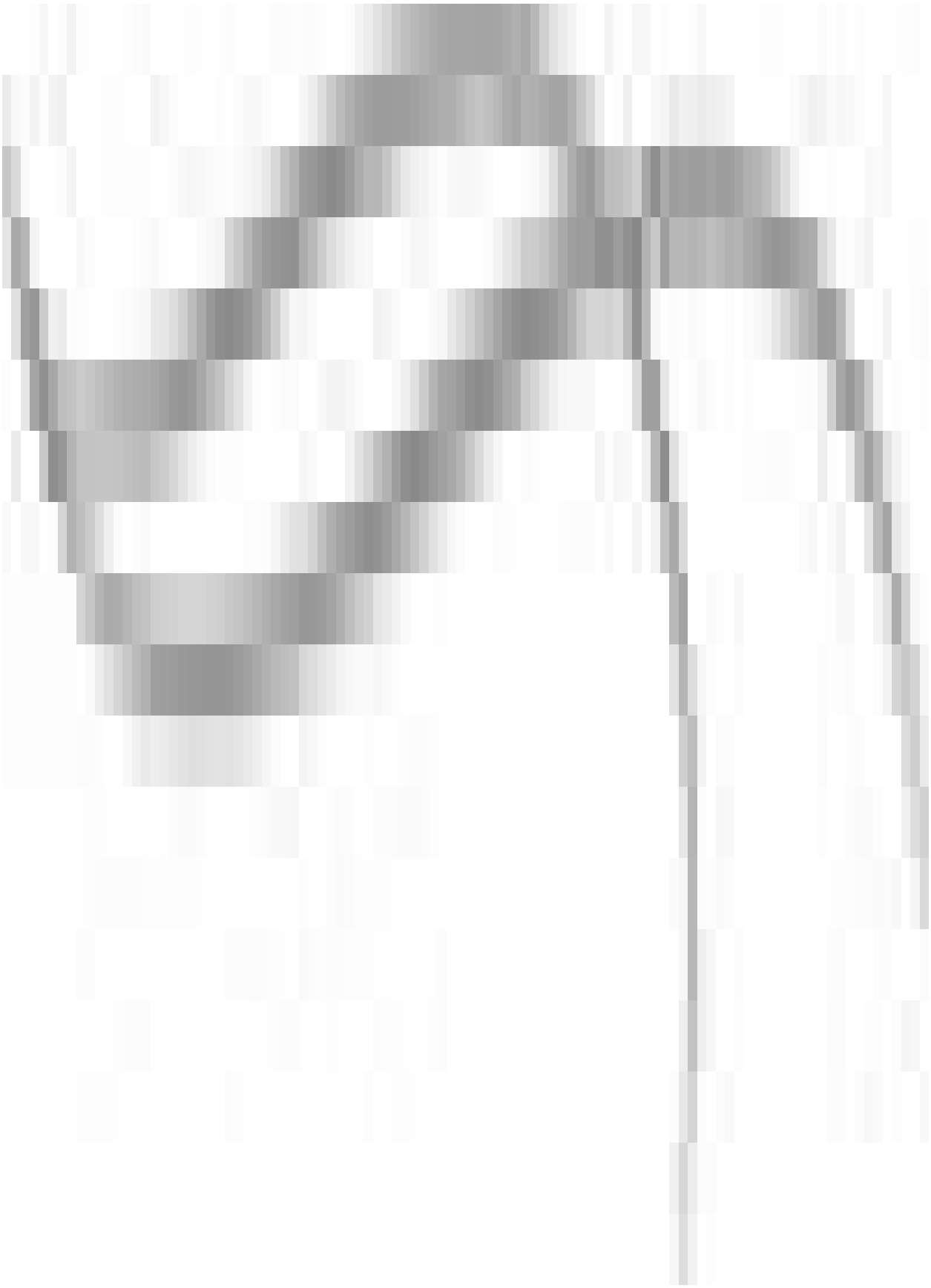


Em 1853, retornou ao seu país, para uma breve visita aos seus. A 31.05 desse ano, casou-se com Lurenna Henrietta Davis, em Greensboro, na Georgia. Em fins de agosto do mesmo ano, Bowen e sua jovem esposa foram para a África. Fizeram uma longa e acidentada viagem. Bowen voltava, assim, ao seu campo de atividades. Levou consigo algum equipamento médico e medicamentos.

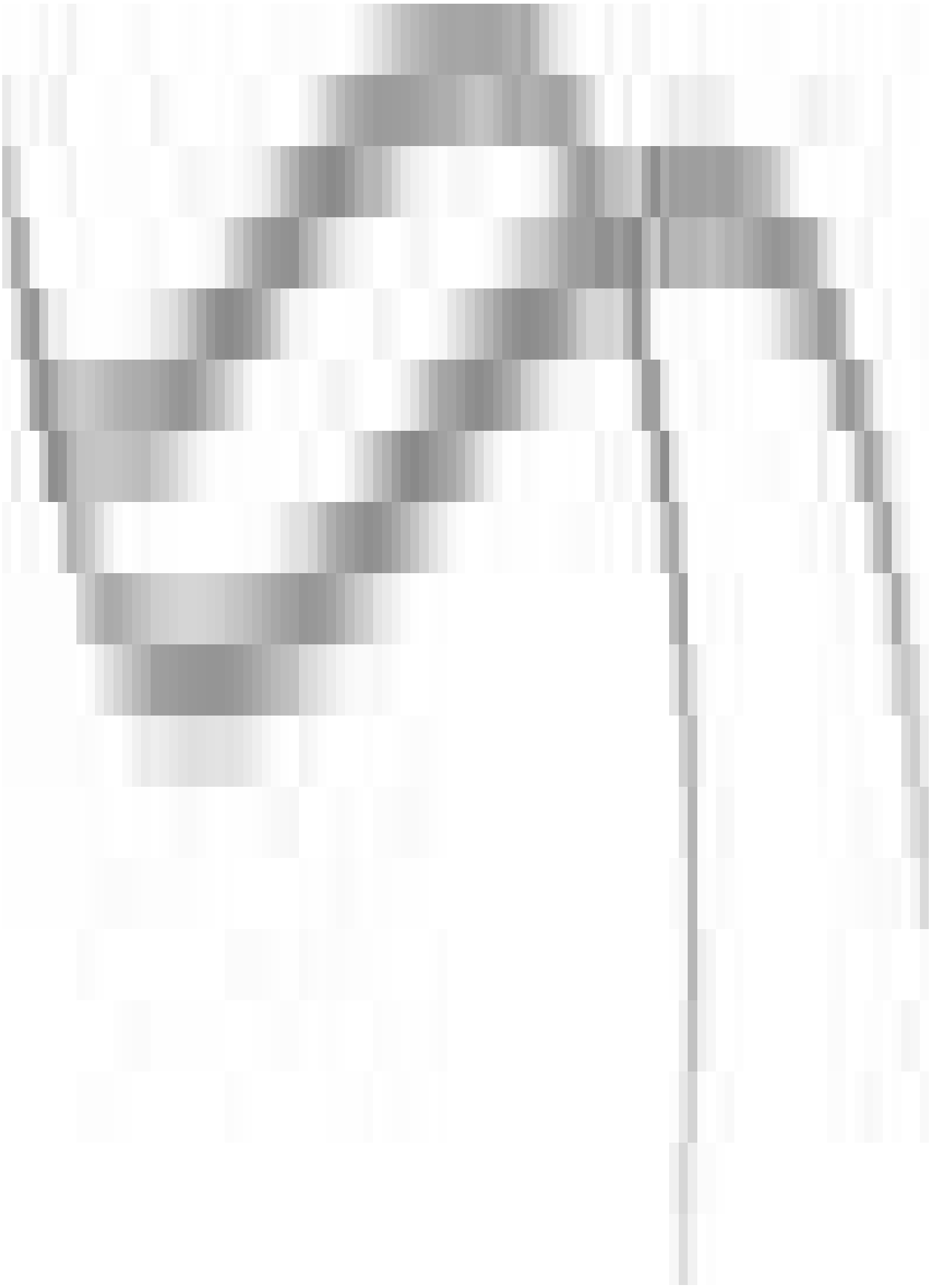
A febre, cada dia, foi para eles uma dolorosa recepção. Só no século XX descobriu-se que essa febre era a malária e se encontraram os meios para tratá-la! Alguém teve o cuidado de contar o registro de 77 entradas no Diário de Lurenna, fazendo referência a doenças, nesse segundo período de atividades missionárias, num espaço de cerca de três anos.

Entretanto, o trabalho ia sendo realizado, conforme encontramos nos diários, relatórios e cartas. A 06.01.1854, Bowen escreveu no seu diário: “Meus fracos esforços entre os milhões da África parecem como gota d’água na areia do deserto. Possa o Senhor convertê-los como uma centelha em restolho seco.” Estas quatro últimas palavras são o título deste livro.

A 15.07.1856, Bowen e sua esposa chegaram a Nova York, de retorno da África. A saúde de ambos estava abalada. Só a 09.08 seguinte chegaram em casa dos pais de Lurenna. Bowen não esmorecia, continuando com o seu coração e pensamento voltados para a África. Porém, para lá nunca mais iria retornar!



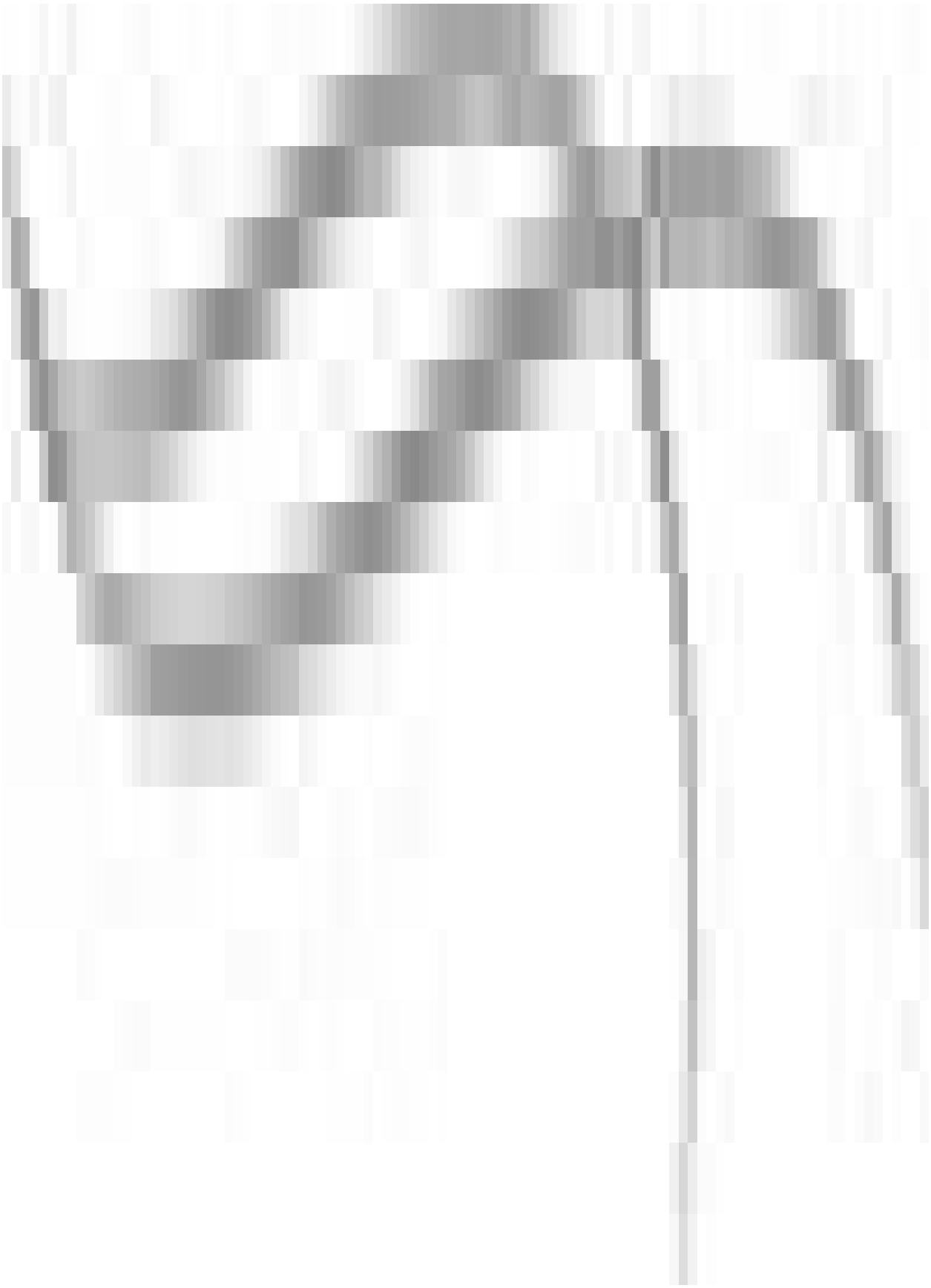
Em seu país, Bowen realizou várias viagens missionárias, sempre que suas forças e recursos o permitiam. Em meio a um vai-e-vem, graduou-se como Mestre em Artes, pela Mercer University, na Georgia. Assumiu o pastorado das Igrejas Batistas: Greensboro, na Georgia e Beech Island, na Carolina do Sul, como ainda cuidou da publicação dos livros que escrevera.



Em 1859, na Convenção Batista do Sul, em Assembléia realizada em Richmond, Virgínia, seus mensageiros estudaram durante um dia inteiro, a questão dos métodos usados para o trabalho missionário. O assunto já vinha sendo alvo de análises e debate pelos líderes que formavam duas correntes. Uma delas, chamada de “anti-Junta”, defendia a tese de que as igrejas e associações, melhor do que a Junta, deveriam nomear e sustentar os seus missionários. Bowen fazia parte desse grupo. Em sua opinião, o contato direto da igreja com o seu missionário criaria maior vitalidade e a envolveria em outras áreas de serviço. Como resultado, haveria maior crescimento espiritual. Sobre o assunto, ele publicou um longo artigo no jornal batista da Georgia — “The Christian Index” —, de 01.06.1859, sob o título de “Organizações missionárias”. Para ele, Cristo dera às igrejas a incumbência do “ide”, a qual estava sendo passada para outras mãos. Isso não se achava nas Escrituras. Cada missionário deveria ser enviado por alguma igreja, em seu nome, sob a sua inteira responsabilidade.

De fato, essa teoria poderia trazer inestimável resultado; porém, essa visão teria seu cumprimento meio século depois da morte de Bowen.

“Quase todos os primeiros missionários para a terra Ioruba, desde 1849-1869, foram sustentados por um grupo especial, principalmente Associação. Entre 1870-1900, houve outros; porém, alguns poucos foram sustentados diretamente pela Convenção. Essa mistura de duas práticas continuou no século XX. Em 1930, o Dr. Ray escreveu a um missionário na Nigéria, revelando que 50% dos missionários sob a supervisão da Junta, em todos os campos, eram sustentados por grupos de igrejas. (...) A prática continua até hoje. (...) O Programa Cooperativo de 1920, virtualmente cumpriu-se na profética teoria advogada por Bowen”.[9]



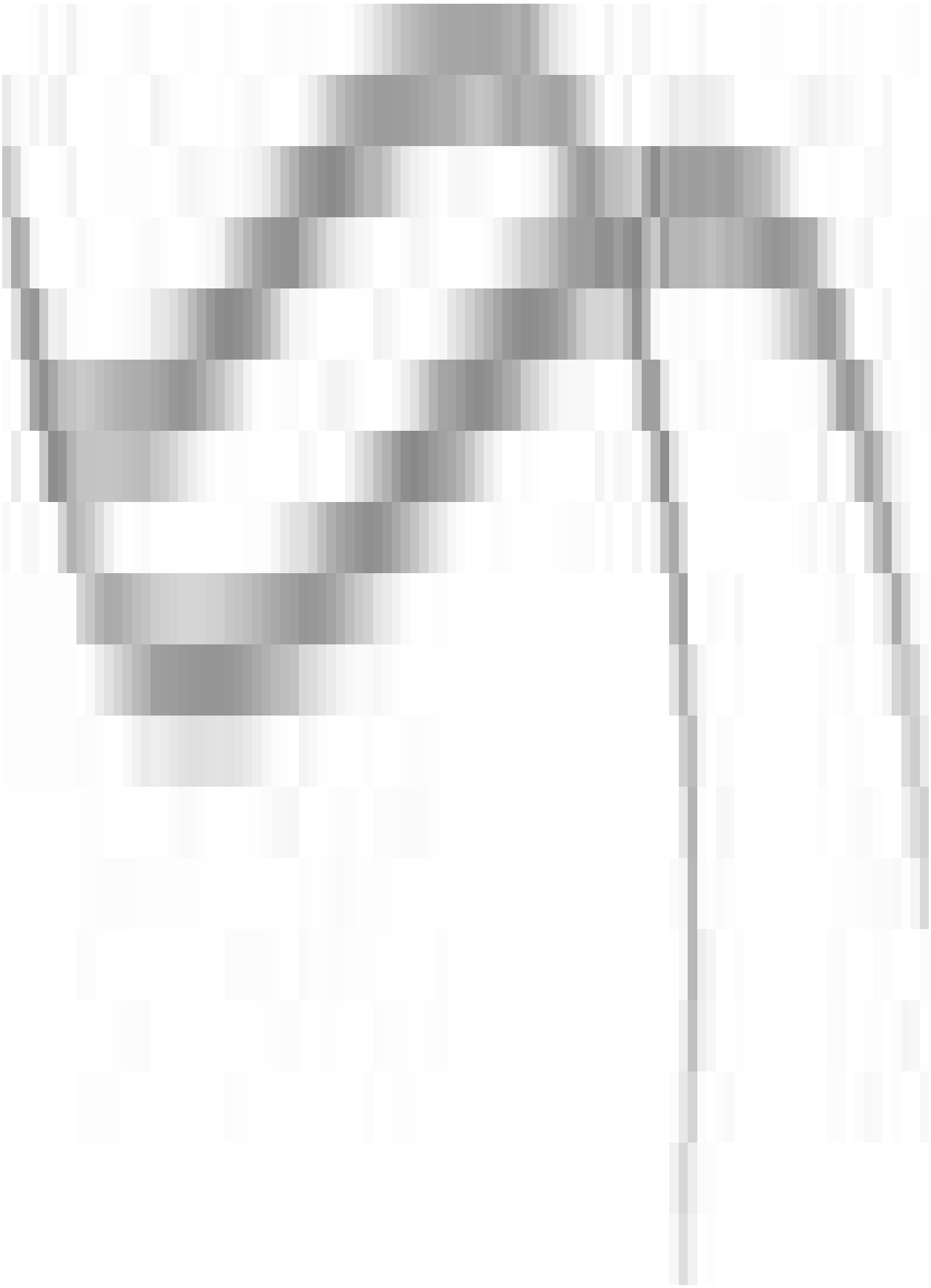
Sabendo que no Brasil havia negros procedentes da África Central, da tribo Ioruba, ele sentiu que, se aqui estivesse, contribuiria, de algum modo, para que daqui fossem negros com preparo para a África, destinados ao trabalho missionário. Assim, estaria continuando a sua tarefa, ainda que por via indireta.

Parece-nos que a idéia de vir para o Brasil foi avivada no coração de Bowen pela leitura do livro “Brazil and Brazilians”, de Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher, apesar de que as informações ali contidas seriam superficiais para uma decisão daquela monta, por parte de Bowen.

A 11.01.1859, Bowen escreveu para a FMB, sugerindo a sua vinda para o Brasil, como missionário. Disse ele:

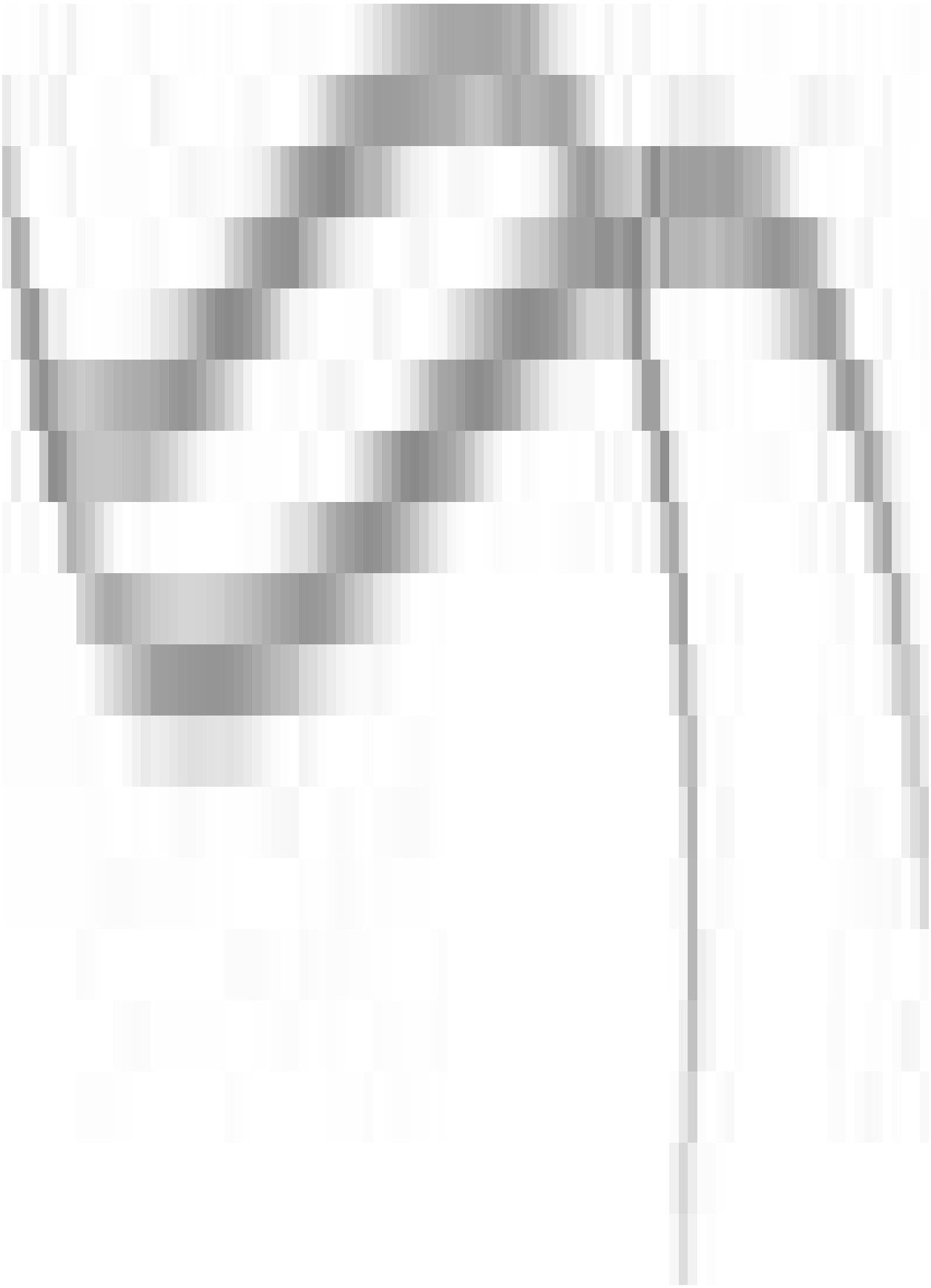
“Minha mais forte razão para trabalhar no Brasil é a esperança de preparar pregadores de cor negra. Experimentei encontrar aqui mesmo o meio pelo qual isto poderia ser feito, porém, não consegui. E não me sinto responsável por esse insucesso.

Deus sabe, e desejo sempre lembrar, que eu tenho feito tudo que posso para promover as missões africanas. O meu oferecimento é permanente para qualquer um que me deseje usar na educação de pregadores negros. Se minha oferta for rejeitada, eu me sentirei desobrigado. Porém, o fato de desobrigar-me não promove o trabalho da Causa. Espero que de algum modo ele seja feito”.



A idéia de Bowen no sentido de criar, em seu país, uma escola de treinamento cristão destinada a negros visando ao trabalho missionário encontrou oposição, tanto entre os já nascidos nos EUA, como entre os imigrantes. A vinda para o Brasil seria, por certo, uma forma de diluir a força de qualquer atrito surgido, enquanto que seria um novo caminho para a execução do plano.

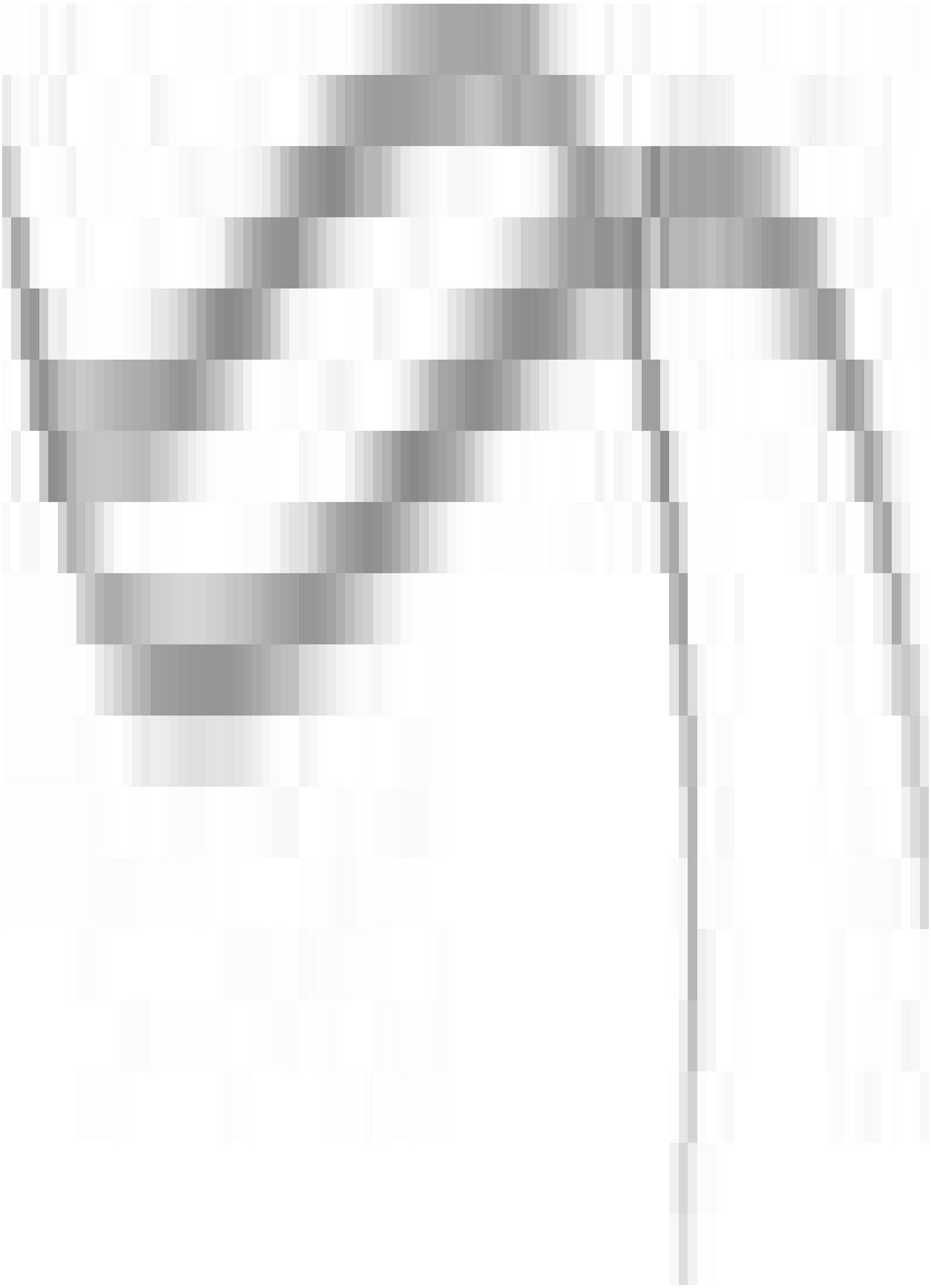
A 09.11.1859, T. J. Bowen foi nomeado pela FMB, como missionário para o Brasil. Ele e a esposa começaram os preparativos para a viagem. Antes de fazê-la, Bowen foi visitar o seu já idoso pai, que morava no Estado do Alabama. (O pai faleceu em 1863.)



A 30.03.1860, Bowen, a esposa e a filhinha saíram de Hempton Roads, porto de Norfolk, na Virgínia, na barca “Abigail”, para a viagem de sete semanas até o porto do Rio de Janeiro. Chegaram ao cair da tarde de segunda-feira, dia 21.05.1860. Durante a viagem, Lula, a filhinha do casal, completara 2 anos de idade.

Por haver um bom número de casos de febre amarela e cólera na cidade, as autoridades sanitárias do porto retardaram o desembarque da tripulação e dos poucos passageiros. O Sr. Wright, sócio da firma comercial Maxwell & Wright, representante da mesma em Baltimore, EUA, foi como bálsamo para Bowen e sua pequena família.

Desembarcados, na quarta-feira seguinte, almoçaram com o Sr. Wright. Às 16 horas, acomodaram-se num carro puxado por cavalos e dirigiram-se à Tijuca, levando uma hora no trajeto até o Alto da Boa Vista, ali passando para o lombo de mulas. Percorreriam, ainda, mais duas milhas até o Hotel Tijuca, de propriedade do inglês Robert Bennett. Quem mais aproveitou dessa viagem foi a pequena Lula! A família instalou-se num dos quartos do hotel. Deste restam poucos sinais. Ali, Bowen e sua família ficariam durante o tempo total de sua permanência no Brasil. Um banco de pedra, na beira da Estrada das Furnas, antes da bifurcação da Estrada da Gávea Pequena, ainda é um indicativo do caminho do lugar onde estiveram. Meu filho Lincoln e eu visitamos o lugar, mais de uma vez, imaginando o tempo passado pela família Bowen naquele pequeno hotel! (Ver pág. 657)



A 25.05.1860, Bowen escreveu à FMB informando de sua chegada no Rio de Janeiro, e dizendo que já tinha entrado em contato com elementos da tribo Ioruba, falando-lhes na sua própria língua. Estes haviam se mostrado muito contentes em saber que ele tinha vindo com o propósito de ensinar-lhes algo que ainda desconheciam. No dia 26, o Diário do Rio de Janeiro publicou o seguinte:

“Dizem-nos que um pastor americano procedente de Richmond, traz a intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas da seita dos anabatistas, que professa.

Começou já a exercer a sua missão pregando aos pretos-minas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos e timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode criar deveres prosélitos entre as inteligências broncas e incultas, e estabelecer no país uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima. À autoridade compete a verificação deste fato.”

Nesse mesmo dia, Bowen escreveu outra extensa carta à FMB. Observamos que não houve referência ao que fora publicado no jornal. Por certo que ele ainda nem tomara conhecimento daquela notícia. Vejamos alguns trechos dessa carta:

“Inclino-me diante das decisões do meu Mestre. Sinto estar em uma nova posição. Sob alguns aspectos, estou num novo caminho de vida. Ganhei muito através do meu sofrimento, das tristezas. (...) Penso estar, agora, no último cenário do trabalho. Estou impressionado com a convicção de que findarei o meu curso entre os católicos, os idólatras e negros muçulmanos da América do Sul. Se eu viver mais 20 anos, espero ser sepultado no Brasil ou em algum país vizinho. Não terei trabalhado em vão, embora em tristeza, esperando perseguição, que por certo virá. Talvez eu seja compelido a ir de uma para outra cidade, num trabalho feito com discrição, pregando na calada da noite e

batizando furtivamente, em lugares retirados. (...)

O futuro é obscuro. Sei que o poder da hierarquia romana, estabelecida por lei, não é pequeno. (...)

Hoje fiz um passeio pelas montanhas, na esperança de encontrar alguma casa para alugar. Nada achei. O clima aqui nas montanhas é ótimo, bom para todos. Os que aqui residem mostram ser sadios."

No dia seguinte, em outra carta, ele contou que estando ainda a bordo entregara um Novo Testamento em português, a um senhor, embora com certa apreensão, pois que podia não recebê-lo. O dito senhor começou a devorá-lo como uma criança faminta. Em duas ou três horas observou que ele tinha lido até o capítulo 12 de Mateus. Já em terra, mostrou o livro para alguns outros. Um senhor inteligente e de aspecto respeitável pediu um exemplar para ele e, logo depois, fez o mesmo. Um negociante apanhou diversos folhetos que Bowen deixara num certo lugar para distribuição, e veio inquirir acerca de outros. Todos mostraram sinceridade. Disse ter imaginado que aqueles senhores sentiram o peso das trevas pela atmosfera moral e social que os cercava.

No dia 29 seguinte, ou seja, três dias depois daquela publicação, o mesmo jornal registrou o que segue:

"O padre americano Bowen pede-nos uma retificação à notícia que demos de que vinha pregar e converter entre nós para a seita dos anabatistas. Diz-nos este pastor que fala, é verdade, a língua dos pretos-minas, porque sendo natural do Estado de Geórgia, onde há escravatura, tem tido mais de uma ocasião de comunicar com esses pretos.

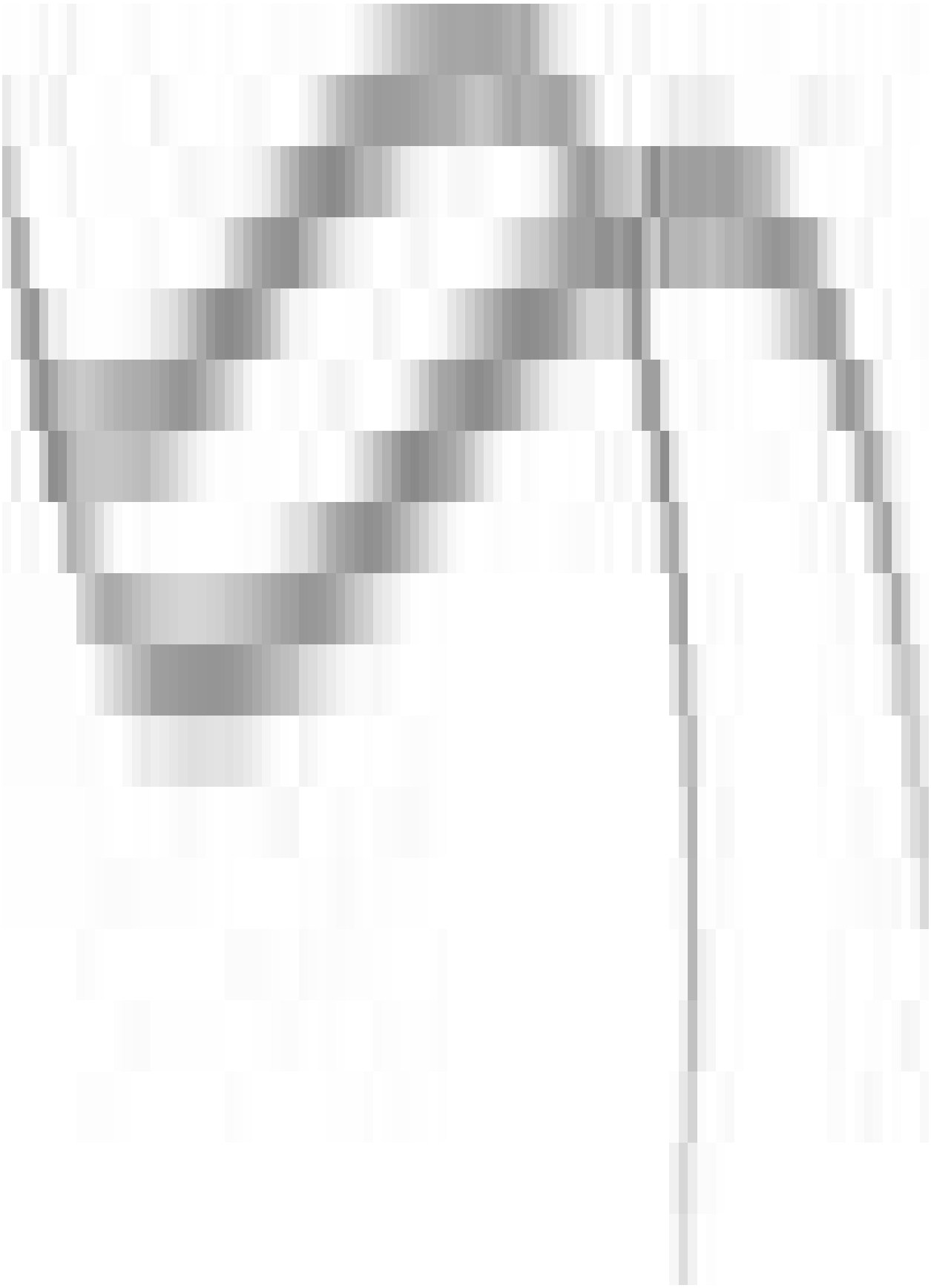
Foi devido a esse conhecimento que alguns o têm procurado para receber

notícias acerca de seu país. A missão que tem no Brasil é empregar na lavoura alguns escravos que possui na Geórgia, e não converter almas ou fundar seita. Estimamos que assim seja; e estimamos por nós e pelo digno pastor. Com a nossa primeira notícia indicávamos à autoridade um fato cuja veracidade nos afiançavam. Estamos convencidos de que o digno pastor fala pela sua consciência, com a qual esperamos que vai ser solidário o seu procedimento futuro."

Sabendo-se que Bowen não sabia ainda falar o português, nem o repórter falar o inglês, um intérprete entrou em ação. Está claro que não se entenderam. A notícia saiu confusa. Bowen não possuía escravos em lugar algum, nem propriedade, nem era padre, nem anabatista.

Com certeza, Bowen teve de dar explicações a alguma autoridade. O atendimento deve ter sido lento. Só depois de aguardar seis horas, ele foi liberado. Houve a intervenção de um oficial graduado da Marinha norte-americana, que se encontrava no Rio de Janeiro. Parece-nos que a essa ocorrência deu-se mais ênfase do que ela realmente merecia. Não se pode negar que houve um susto. Correndo célere, a notícia deu asas à imaginação. Comentou-se até que houvera um caso internacional. Lurenna registrou o fato em seu diário, sem explicações precisas. Se o fato tivesse transposto tanto os limites das duas notícias dadas pelo repórter do jornal, por certo que o acontecimento teria sido encontrado nos registros diplomáticos e policiais.

Buscamos, exaustivamente, nos arquivos diplomáticos, no Brasil e nos Estados Unidos, algum documento ou processo sobre o incidente. Também o fizemos no Rio de Janeiro, em setores ligados à Polícia Federal e Arquivo Nacional, como ainda possíveis registros na coluna de ocorrências, do Diário Oficial do Império, da época. Nada, porém, encontramos.



Na missiva de 10.06.1860, que Bowen enviou à FMB, ele fez a seguinte referência:

“Conversei (não preguei) uma ou duas vezes, por cinco minutos, com os negros Ioruba, sobre o evangelho. Por isto um dos diários, “Diário do Rio de Janeiro”, atacou-me vigorosamente. (...) Temos razão para ser prudentes, porém, não para ser negligentes. (...) Ficarei aqui ou adiante? Comprarei ou alugarei uma casa? Pregarei aos marinheiros e venderei Bíblias?”

Sobre esse mesmo assunto, Bowen tornou a falar em sua carta do dia 19.12.1860. Reportou-se ao incidente, acrescentando que ele se expusera ao perigo de ser preso e interrogado sobre sua vida, simplesmente por falar aos negros, de que Cristo era o Salvador. Essa conversa tivera lugar, sentados no escritório do Sr. Wright:

“O povo falou de mim e disse mentiras. (...) Há indubitavelmente quem gostaria de enforcar-me se o pudesse. Penso que ninguém acreditaria ser eu um abolicionista. Porém, o resultado de tudo é que muito pouco posso fazer entre os negros; e eu nem deveria ficar de todo surpreendido se eu tivesse problemas pelo fato de falar-lhes. Devo ser prudente tanto quanto posso, porém, não devo ter medo de dizer a essa pobre gente como se pode ser salvo. Essa gente é negligenciada pelos sacerdotes. A maior parte de negros é de mulçumanos e alguns são pagãos. Não encontrei um que professasse o catolicismo, embora haja idolatria entre eles, curvando-se ante às imagens papistas. (....)

Creio que muita coisa boa poderá ser feita aqui, porém, o trabalho será lento. Ainda não se tentou fazer um trabalho entre os brasileiros. Os missionários estão temerosos de iniciá-lo para que não haja distúrbio prematuro.”

Bowen referia-se aos missionários de outros grupos evangélicos, e entre estes, o Rev. Ashbel Green Simonton, presbiteriano.

E continuando sua carta, afirmou que para o trabalho ser feito, teria que sê-lo em caráter pessoal, discreto. No caso, se pudesse alugar um pequeno salão para a realização de cultos, convidaria os amigos, protestantes e católicos.

Em vista da decepção sofrida, de não poder realizar um trabalho específico com os negros, imediatamente ele sugeriu à FMB o seguinte:

1. pregar para os marinheiros; 2. vender Bíblias e tratados. Neste item, ele disse que a Junta talvez pudesse tentar a sua nomeação pela Sociedade Bíblica Americana ou pela Sociedade dos Amigos dos Marinheiros (Seamens' Friend Society, de Nova York).

Bowen imaginou assim, que a FMB poderia ser liberada de parte da responsabilidade financeira, uma vez que ele teria a outra parte do seu salário paga por uma das sociedades, ou por ambas.

Em nota à margem da carta de 10.07.1860, Bowen disse que, após sua chegada, tinha pregado nos dois domingos seguintes a um grupo de ouvintes interessados, reunindo-os no próprio hotel. Isto, porém, desagradara ao seu proprietário. Cremos não errar afirmando que aqueles ouvintes não eram negros. Bowen estava tentando encontrar novos caminhos para o trabalho missionário. Em cerca de vinte dias ele tinha falado do evangelho a pessoas de língua inglesa e ioruba, além da distribuição de Novos Testamentos e folhetos em português.

Daí em diante, Bowen passou a perseguir aquele novo enfoque para as suas atividades, todavia sem poder realizá-lo, enquanto não recebia a orientação, os recursos e as ordens de sua Junta. Até que estes viessem, ele ia acumulando informações sobre o país e seu povo e as enviava para o devido estudo pelos irmãos em Richmond. A seguir, estão alguns itens de sua carta de 23.06.1860:

"O Sr. Simonton (ver parte "D", 15.03.1860), após meses de buscas e anúncios, conseguiu um quarto, em casa de família, porém, ele teve que mobilhá-lo. Por ser solteiro, isto se torna mais fácil. Não é o nosso caso, pois somos uma família constituída de marido, mulher e uma menina. Tenho, às vezes, ficado perplexo. Preocupo-me pelo fato de que o início de minha missão tem se tornado muito

dispendioso para a Junta. (...) Minha experiência aqui é ainda pequena para dar uma opinião completa à Missão. Mas, desde já posso dizer que encontrei uma situação que poderia ser resumida do seguinte modo, com referência a estrangeiros: há os residentes, com ocupação mercantil e os marinheiros. No primeiro grupo estão ingleses, norte-americanos e alemães. Dos 3.000 de língua inglesa, talvez uns 50 freqüentam a congregação. E, dos alemães, é mais ou menos a mesma freqüência para um total de cerca de 3 ou 4 mil."

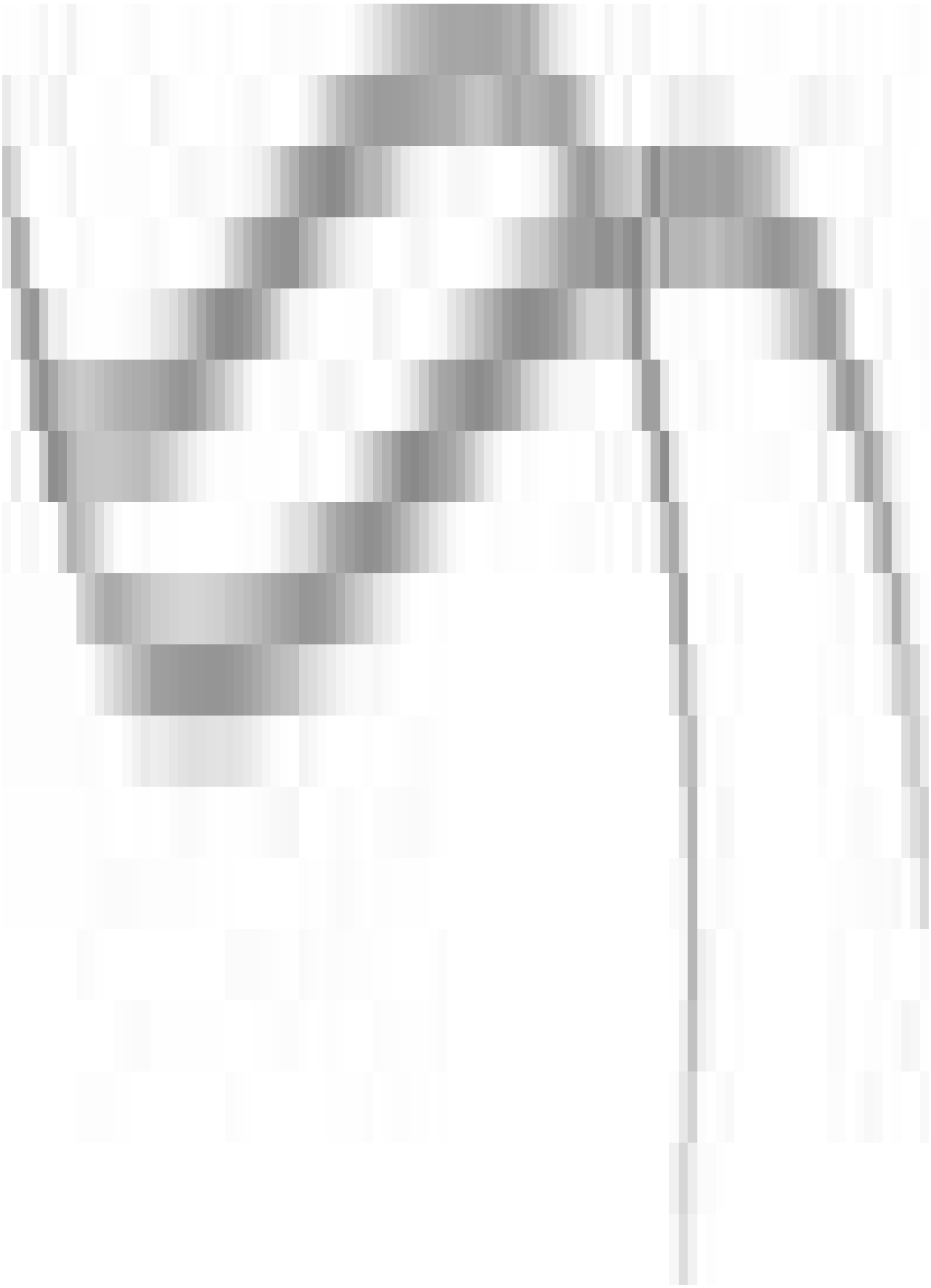
Quanto aos marinheiros, ele sugeriu que, como capelão, seria mais fácil encontrar um lugar adequado para pregar cada domingo, além de trabalhos durante a semana. Por fim, perguntava se haveria uma forma de atividade que pudesse abranger aqueles e estes. E continuou:

"A população católica só é acessível pela conversação individual, por folhetos, tratados e livros. Nenhum missionário se dispôs, ainda, a pregar, pois é alegado que isto pode causar embaraços. E eu me surpreendo com isto. Minha opinião é que devemos pregar, ainda que seja por um caminho discreto. Assim, creio que logo teríamos uma congregação. Porém, por outro lado, os brasileiros dificilmente viriam a um culto, pois além do mais têm pouco ou nenhum respeito por igreja ou religião. A opinião pública é, decididamente, contra ouvir os protestantes.

Duvido que algum brasileiro tenha entrado na capela inglesa ou alemã nestes dez anos. A influência pessoal, adquirida pelo contato individual, é o único meio, humanamente falando, de conseguir reunir uma congregação de brasileiros. (...)

Breve chegará outro missionário presbiteriano aqui. [Rev. Alexander Latimer Backford]. Os presbiterianos pensam que esses dois serão suficientes para o Rio, no presente, pois que um maior número suscitaria oposição, e que eu e outros poderíamos ser mais eficientes indo para outro lugar onde não há, ainda, nenhum missionário. Assim, talvez, seria melhor eu ir para o Sul. Deixo este assunto com a Junta, ainda que eu, pessoalmente, me sentiria bem ficando aqui. Penso que

poderei realizar algo bom nesta cidade, especialmente se eu tiver um estoque de Bíblias e tratados. Também, se for nomeado para o trabalho entre os marinheiros. Em ambos os casos, a Junta ficaria sem assumir as despesas extras.”



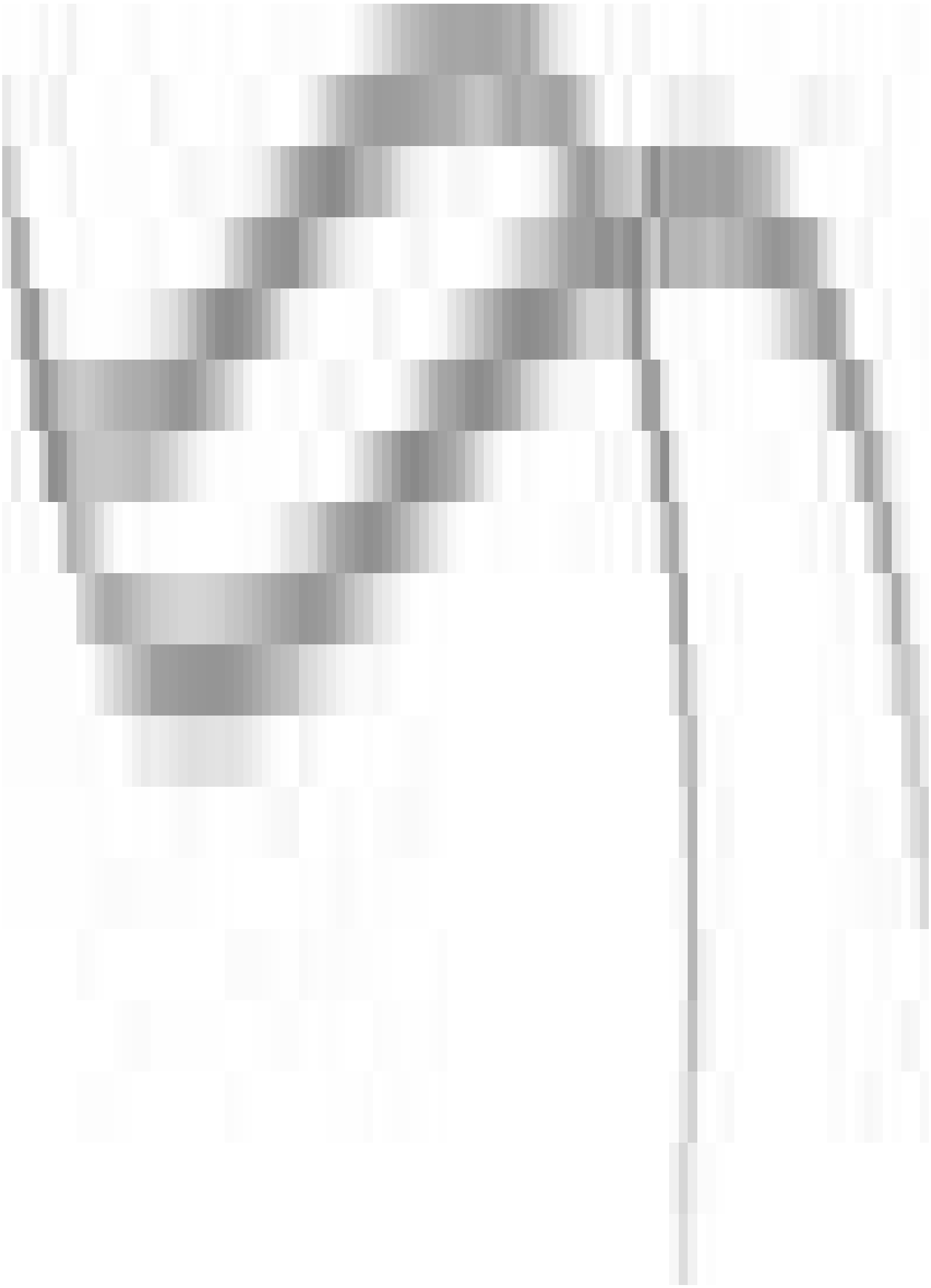
Gostaríamos de registrar, neste ponto, a observação de que Bowen foi claro e correto nas informações que enviou à Junta. Ele estampou uma época quando só a religião católica tinha sua vez. A FMB precisava ter elementos que a tornasse capaz de avaliar sobre uma nova situação e decidir qual o melhor caminho a tomar. O que se nota é que ele apresentava, também, a sua idéia de como poderia prosseguir alcançando a vitória. Ele não estava sendo pessimista, porém, realista, numa situação demais incômoda para ele, bem como para os seus irmãos nos EUA. Era preciso que tudo fosse bem medido. Uma decisão tomada em cima de dados falsos seria desastrosa.

A situação encontrada no Brasil, descrita por Bowen, não era tão diferente da que existia por ocasião da chegada dos emigrados dos EUA, no período de 1865 a 1871, como depois, em 1881 e 1882, quando os missionários W. B. Bagby e Z. C. Taylor chegaram. O domínio clerical e a intolerância atravessaram a Proclamação da República. Ainda em 1950, em Manaus, Amazonas, por ocasião das comemorações do cinqüentenário do trabalho batista naquele Estado, os crentes sofreram humilhação. O Pr. Dr. Raphael Gióia Martins (ex-padre) era o conferencista convidado. Mas, a sua pregação que deveria ser feita em praça pública, não se realizou, por causa da intolerância dos que odiavam o testemunho da verdade! [10]

Há cerca de um lustro, uma família residente em um bairro da zona norte do Rio de Janeiro, negou-se ir a uma Igreja Batista, desde que o padre da Igreja Católica local prometera excomungá-la, se tal acontecesse. Intolerância!

Seria oportuno que as cartas e os relatórios que foram enviados para a FMB, pelos missionários, no início do trabalho, e mesmo posteriormente, fossem cotejados com as informações enviadas por Bowen, em 1860, quando a intolerância deveria ser mais acirrada. Os leitores iriam surpreender-se, porque os segundos informes foram mais contundentes do que aqueles enviados por Bowen!

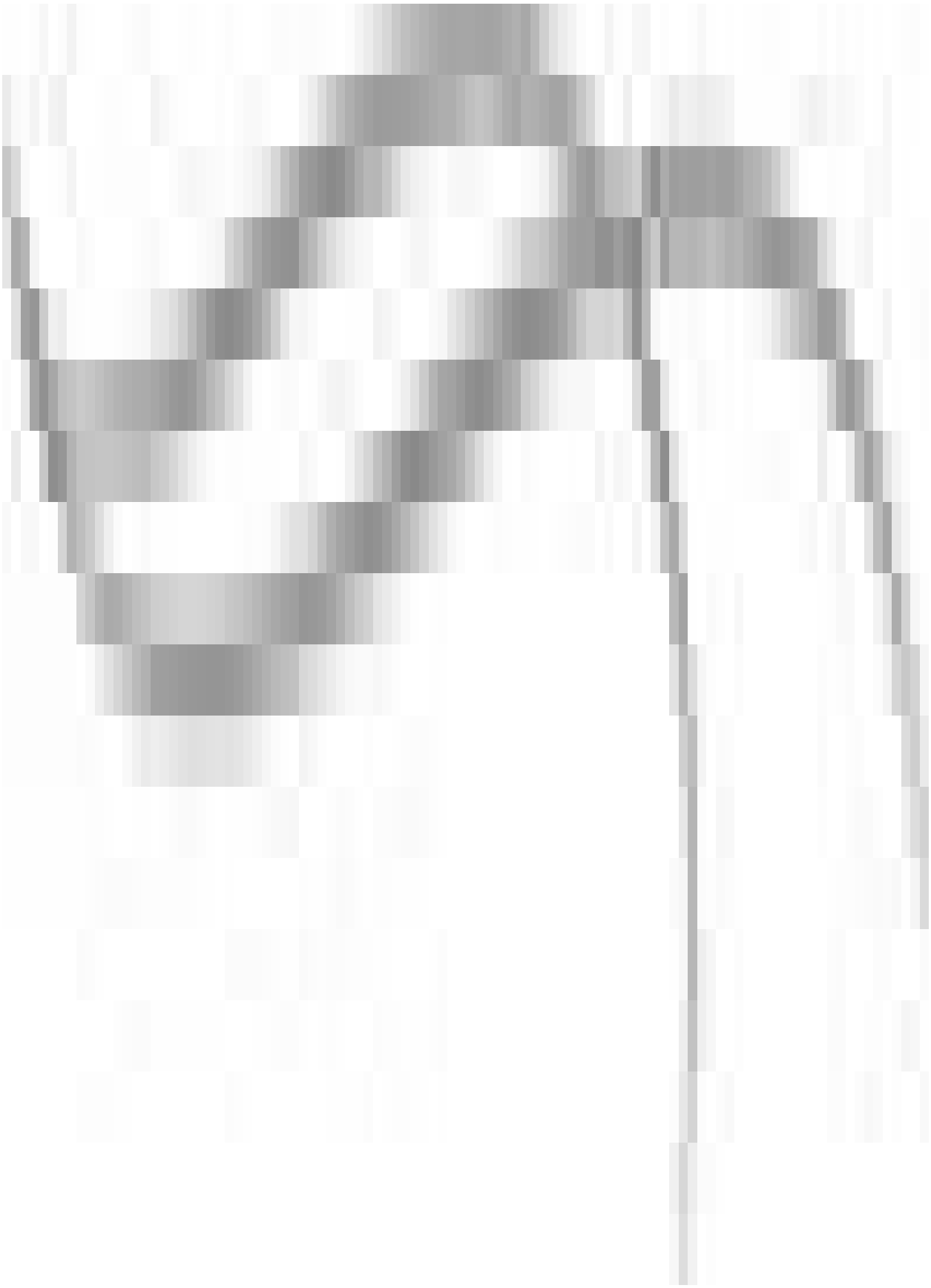
Cremos, porém, que tanto Bowen como os missionários que o seguiram, apresentaram aqueles pontos críticos do campo de trabalho, com o alvo de informar certo para decisões certas. Também, como um forte desafio direto aos crentes de suas igrejas.



Já se tinham passado 100 dias desde que Bowen chegara ao Brasil. A 30.08.1860, entristecido pela falta de comunicação, Bowen escreveu outra vez para o secretário da Junta:

“Estava esperançoso de receber notícias daí, pelo menos uma vez por mês, porém, até esta data não temos recebido uma simples carta ou jornal de ninguém ou de nada. Presumo, entretanto, que o irmão tenha recebido minhas cartas. (...) Estou agora prazeroso, com verdadeira alegria e esperança, porque minha saúde está indo melhor do que vinha sendo por um longo tempo. Espero que, em minhas cartas, eu possa contente dizer: estou bem. (...) Sinto agora, depois da experiência que tive neste ano, que posso confiar no Salvador em meio a qualquer tristeza que me sobrevenha. Sinto que não me pertenço. (...) Não desejarei dizer o que farei, pois sou completamente dependente dessa graça, a qual Deus dará em tais medidas como lhe aprouver. Porém, espero e creio que Ele me capacitará para servi-lo com o meu corpo e o meu espírito mais completa e devotadamente, do que tenho feito. Assim digo depois de ter passado pelas águas profundas e pelo fogo consumidor.”

Bowen tivera, naquele mês de agosto, uma crise forte de malária, recaída da que contraíra na África. Ele a descreve até com pormenores. Sente-se que, de fato, o seu sofrimento foi agudo.



As cartas que Bowen havia escrito à FMB foram entregues a uma comissão, para o devido estudo. Somente na reunião de 01.10.1860, a Junta apreciou e aprovou o relatório elaborado por aquela comissão. Ficou registrado em ata, o seguinte: Que as dificuldades eram numerosas, surgidas de preconceitos do povo, peculiares a todos os países católicos; também, as despesas tornavam a missão excessivamente onerosa. E, como não seria fácil recomendar ao missionário como proceder corretamente, a comissão sugeriu delegar-lhe o poder e o critério de decidir qual o melhor caminho a ser tomado. Se ele sentisse que seria mais sábio dar atenção ao trabalho com os marinheiros, estava autorizado a receber qualquer retribuição que a "Seamens' Friends Society", de Nova York, pudesse fornecer. Ainda, que o missionário fosse encorajado a distribuir Bíblias e tratados, no momento oportuno.

Tudo indica que nada ficou esclarecido sobre o modo pelo qual Bowen adquiriria e estocaria a literatura mencionada para distribuição. Além de estar sem os recursos financeiros, encontrava-se alojado num quarto de hotel, com sua esposa e filhinha. Logo, a tarefa, nesses termos só seria exeqüível em longo prazo e se as circunstâncias fossem favoráveis.

Temos idéia de que a carta da FMB para Bowen, transmitindo-lhe aquela resolução aprovada a 01.10.1860, só chegou ao Rio de Janeiro no dia 24.12.1860. Tinham-se passado já sete meses desde a sua chegada. O tempo normal que as cartas levavam para chegar ao destino era de oito a doze semanas. O tempo corria e Bowen sentia-se solitário e impaciente aguardando as ordens da Junta. Enquanto estas não chegavam, Bowen retirou de suas reflexões, um plano de oito pontos, para o início do seu trabalho missionário. Ele o enviou à FMB com uma longa missiva datada de 10.10.1860, cujos pontos essenciais aqui transcrevemos:

"Recebi o seu esperado favor a 17 de julho, com uma parte dos papeis parcialmente dilacerados, tendo chegado há alguns dias atrás. Cada dia, aguardo a entrada de algum navio que possa trazer-me as definitivas instruções da Junta com respeito ao meu estabelecimento aqui e respectivo trabalho. (...) O irmão ficará surpreso ao saber que, depois de tudo que temos ouvido, as leis brasileiras denunciam a pregação do puro evangelho como um 'crime contra a religião'.

Isto é um fato. Estrangeiros podem reunir-se como quiserem; somente não lhes é permitido construir suas casas de reunião em forma de um templo. Porém, se algum missionário pregar a uma congregação de brasileiros, a pena é a dispersão pelo Juiz de Paz e ainda se paga uma multa de um dólar por pessoa reunida e seis dólares por 'ofensa'. A opinião pública é sempre mais intolerante do que a lei. Em conseqüência de abundar a irreligiosidade, o povo muitas vezes despreza o seu próprio culto e ridiculariza os seus sacerdotes. (...) A intolerância é muito mais ativa do que a piedade e eles nos têm como hereges. (...)

Minha opinião é que nossos informantes que têm dito que podemos pregar livremente no Brasil, nunca leram as leis. Eles apenas estão confiados na palavra dos brasileiros que dizem que as leis são tolerantes. Só depois de estar aqui três meses é que consegui uma cópia do 'Código Criminal'. Pude tê-lo, por mim mesmo. Se eu tivesse sabido de tudo isto em tempo, se eu conhecesse sobre a intolerância clerical, é provável que eu tivesse sido dissuadido de iniciar um trabalho num campo então protegido pela autoridade do Estado."

E agora, seguindo a mesma carta, atente-se para o seu entusiasmo declarado e não mencionado no relatório daquela comissão.

"Quando consultamos a lei e sentimos o peso da opinião pública, o aspecto parece ser obscuro, porém, não estou convencido de que tenha vindo aqui em vão. Quantas vezes o evangelho tem encontrado maiores dificuldades do que estas e as tem conquistado! Cristo está conosco. Quando os corações dos homens forem tocados pelo poder do Espírito Santo, eles seguirão o Salvador, mesmo em meio às chamas. A intolerância da opinião pública e as penas da lei, somente incrementarão sua firmeza e zelo. Se a terra nos intimidar, o céu nos será favorável. Quando os nossos adversários forem tão fortes contra nós, apelaremos para o Todo-Poderoso e, com a sua bênção, o seu trabalho prosseguirá, mesmo se tivermos que pregar às escondidas, em secreto, e administrar o batismo na calada da noite. (...)

Cremos ser dependentes do Espírito Santo para o êxito da pregação. Temos entendido, pela experiência, que quanto mais renunciarmos nossa própria sabedoria e força, maior vigor nos será dado por ele. No Brasil, temos, porém, uma alternativa: confiar completamente em Deus, ou desistir do sucesso. Então, nossas fraquezas podem tornar-se fortes a as grandes dificuldades, as quais crescem para impedir o nosso progresso, podem tornar-se o meio mais extraordinário de poder para o nosso desenvolvimento. Quando somos agora compelidos a ver nossa dependência de Cristo, espero que nós, os missionários e os irmãos aí, nos lançaremos sobre ele muito mais completamente do que temos feito até então. Somos tantas vezes tentados a confiar em nós mesmos, em nossos próprios esforços, porém, neste caso, quando os meios comuns não podem ser usados, nada mais resta, porém, senão clamarmos pelo Senhor, como os israelitas o fizeram, quando o inimigo vinha atrás deles e o Mar Vermelho estava diante deles. (...)

O melhor plano que posso apresentar é o seguinte:

Ter, tão cedo quanto isto seja possível, um bom suprimento de Bíblias e outros bons livros, com o privilégio de fazer algumas doações.

Alugar um quarto, ou sala, para um depósito, grande bastante, preparando-o com cadeiras, onde eu possa reunir 30 ou 40 pessoas. Isto seria para o princípio.

Conservar, diariamente, o depósito. Vender Bíblias e conversar com todos os que poderiam vir falar comigo sobre religião.

Ter uma Escola Dominical, uma classe bíblica, reuniões de oração, em nosso depósito, tão cedo quanto eu pudesse aprontá-lo, para esses fins.

Visitar famílias, quando elas pudessem desejar receber-me. Falar ou orar com elas etc.

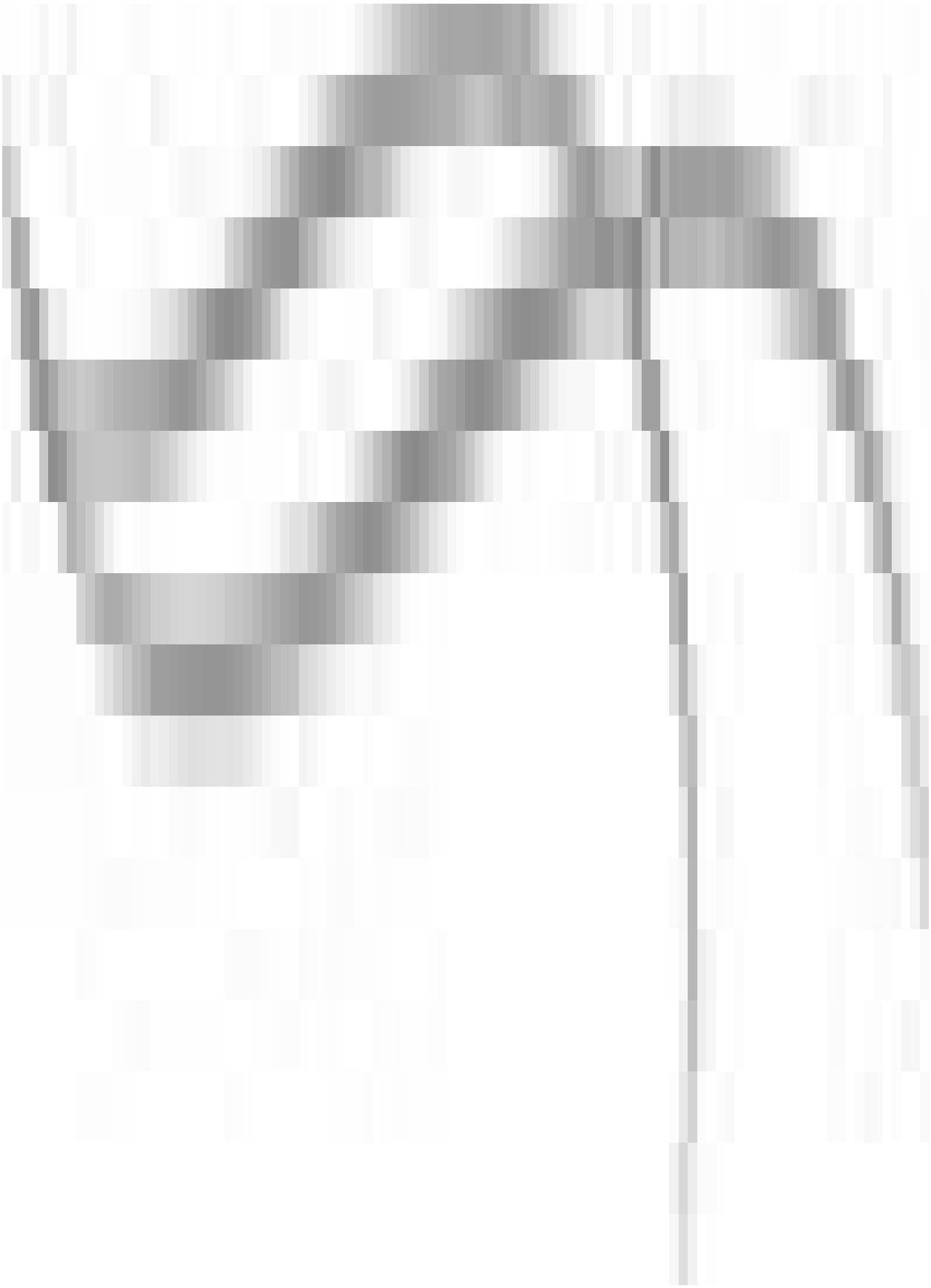
Ter uma escola que poderia ser dirigida por minha esposa. Caso eu tivesse tempo disponível, poderia ajudá-la, responsabilizando-me por uma ou duas classes.

Fazer incursões, na região, cada três ou quatro semanas, com o propósito de vender Bíblias, de travar conversação sobre o evangelho etc.

Escrever tratados, adaptados ao país e ao povo, focalizando as doutrinas fundamentais e princípios do Cristianismo.

Por certo que eu não gostaria de ensinar se eu sentisse que meu tempo seria mais necessário no trabalho espiritual. Porém, desejo fazer cada coisa que estiver ao meu alcance, para ganhar influência, como um missionário, difundindo o conhecimento de Cristo. Penso que esse plano me trará novas esperanças."

Note-se que este plano, com algumas variantes seria o usado pelos futuros missionários.



Como se pode depreender, Bowen teria tomado alguma decisão com respeito ao seu trabalho, se tivesse recebido, em tempo, alguma palavra dos seus irmãos da FMB, e os recursos financeiros, incluindo o seu próprio ordenado.

A seguir, registramos trechos de várias cartas escritas por Bowen, para a FMB. Na que escreveu da Tijuca, enviada a 17.10.1860, ele diz ter recebido uma carta do Secretário da Junta, sendo ela datada de 22 de agosto do mesmo ano, e comenta:

"A pequena Lula está com excelente saúde. Agradecemos-lhes pelos bons desejos no sentido de que ela possa ser uma alegria para nós. Que possamos ter a graça e a sabedoria para treiná-la nos caminhos e admoestações do Senhor. Como tantas outras crianças de sua idade, ela é uma doce e interessante criança e sua presença é uma luz brilhante em nosso lar. (...)

Espero e oro para que o Senhor possa dar-me irmãos e irmãs aqui, que eu possa com eles alegrar-me e ter a felicidade de estar entre o povo de Deus. Como o irmão nunca esteve num exílio, estou certo de que não pode calcular como me sinto quando penso em estar no santuário de Deus e na assembléia dos santos.

(...) Não! Nada é difícil para ele que nos tem enviado a pregar e tem prometido estar conosco até o fim. Ele pode abrir uma porta para o seu evangelho onde nada existe. (...)

Ele pode mandar o seu Espírito e levantar irmãos fervorosos. (...) Que eu possa ter forças para orar e trabalhar com o fim de estabelecer o evangelho neste lugar de iniqüidade e reinado de escuridão. Ou, pelo menos, que eu possa ser um homem amável, cheio do Espírito Santo e fé, para que muitos possam ser acrescidos ao Senhor. Tenho muito que crescer até chegar à estatura da perfeição humana em Cristo. Sabem os irmãos quão fracos e sem merecimento são, às

vezes, os missionários? Será que eles oram o suficiente para que Deus lhes dê corações puros e fé vitoriosa? No Brasil, onde cada coisa é contra nós, torna-se visível a nossa inteira dependência do Espírito Santo e de quanto precisamos de oração."

Seguindo, temos alguns trechos de três de suas últimas cartas escritas no Brasil. A datada de 11.12.1860, diz:

"Temos estado doentes nas últimas seis semanas. Ambos tivemos malária e cólera, ainda que não nos pareceu estar em perigo. A filha esteve mal por um ou dois dias. Essas doenças não são comuns aqui na Tijuca, pois é um lugar muito saudável, elevado. Apesar de tudo, estamos melhorados. (...) Durante esses meses temos estudado um pouco a língua (portuguesa). Creio que nosso progresso tem sido muito bom, considerando que não temos possibilidade de praticar muito. Lemos bastante o português e isto nos capacita a um maior e melhor vocabulário. Nossa filha está começando também a falar algumas palavras em português. (...)

Fomos informados que os trabalhos religiosos na capela inglesa foram suspensos pelo querer dos próprios ouvintes. E não são romanistas. (...)

Estamos arrumando as nossas coisas na esperança de mudança, tão logo tenhamos recebido dinheiro. Seria bom que no tempo do Natal já estivéssemos em melhores condições. (...) Que possamos dar Bíblias ao povo em tempo de ele ser capaz de decidir entre nós e os sacerdotes. Nenhum homem vai à batalha sem a espada."

Na missiva de 19.12.1860, Bowen comunica à FMB ter dela recebido uma carta de crédito de $500.00 (quinhentos dólares). Comenta ainda que tal valor ajudaria no pagamento das dívidas que já vinham se acumulando por meses, apesar de

toda a economia. Talvez ele pudesse arranjar algum dinheiro cultivando a terra. Mas, para tanto, teria que alugar ou comprar uma propriedade. Mas como? E disse mais:

“Diante dessa situação toda, não sei se deveria permanecer no Brasil. (...) Pode dizer-me onde devo estabelecer-me e como fazer o trabalho? Não seria bom o plano proposto em minha última carta? Não seria o melhor para ser adotado? (...) Estou muito ansioso para estar trabalhando regularmente. Então espero sentir-me mais satisfeito. Por enquanto não estou me sentindo útil. (...) Creio que posso trabalhar com energia e sentir-me mais encorajado tão logo eu encontre o que fazer.”

No dia do Natal, 25.12.1860, outra carta seguiu. Explicava que estando sem dinheiro, era obrigado a permanecer no hotel, na Tijuca. Porém, enviou informações sobre o aluguel de casas perto da Alfândega, das quais uma poderia ser alugada para a Missão. Disse ainda:

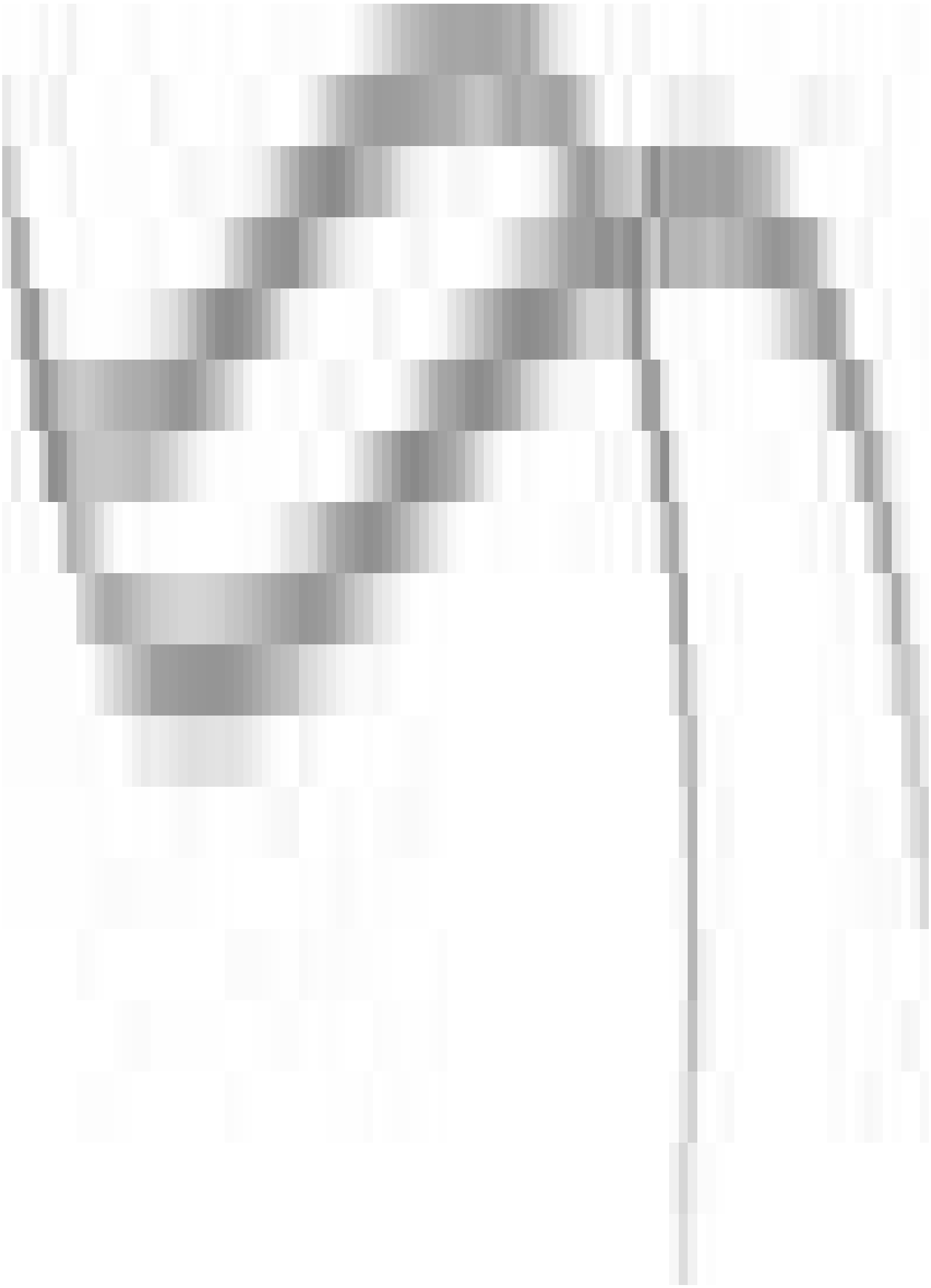
“Fui avisado de que o capitão do navio ‘Abigail’ tinha um pacote de papéis para mim. Recebi-o ontem, junto com suas cartas as quais me deram grande alívio para a minha mente. (...) Viemos passar uma semana com um amigo aqui na cidade, onde estamos desde sexta-feira última”.

Esse foi o único Natal da família Bowen passado no Brasil.

A 13.12.1860, a FMB reuniu-se novamente e votou o seguinte: 1. Levando em consideração que as condições no Brasil não justificavam a continuação da Missão no Brasil; que a decisão de abri-la foi tomada pela Convenção, depois de repetidos estudos, e considerando estar próximo o tempo da realização da sua assembléia anual, melhor seria que a Junta levasse o assunto para que a Convenção decidisse sobre ele. 2. Que o secretário-correspondente transmitisse esta resolução a Bowen. 3. Que, por enquanto, a Junta declinasse de enviar mais missionários, porém, lembrando que poderiam ser mandados, tão logo as

condições financeiras pudessem justificar a medida.

Bowen, porém, não chegaria a tomar conhecimento dessa decisão aqui. Isto porque a correspondência que a traria, deve ter chegado ao Rio de Janeiro, após o seu retorno definitivo ao seu país natal.



A razão principal apontada para que Bowen retornasse à sua pátria tem sido o da sua saúde. Sem dúvida, mas não foi o único e talvez nem o principal fator. Por falta de recursos financeiros, Bowen e sua família continuavam morando num quarto de hotel; não havia condições para ser comprada uma casa ou alugado um salão a fim de iniciar o seu trabalho; a aquisição de Bíblias e tratados dependia de dinheiro que não tinha.

O plano de trabalho que Bowen trouxe não teve execução. As novas idéias que lhe surgiram para outro enfoque de atividades missionárias foram enviadas para a FMB, porém, as respostas delongaram ou vieram tarde demais. A Junta encontrava-se, também, em dificuldades financeiras. Os meios de comunicação exigiam uma longa espera para que houvesse qualquer resultado.

Depois do Natal, Bowen sofreu nova crise de malária. Assim, numa encruzilhada sem elementos para soluções imediatas, o retorno de Bowen para os EUA seria a medida encontrada. A decisão foi tomada por Lurenna, sem o conhecimento do seu esposo e sem o da Junta.

A 06.02.1861, Lurenna enviou uma carta para o Dr. James B. Taylor, secretário da Junta. Ela sabia que ele tinha uma afeição e interesse paternais por Bowen. Dessa carta extraímos o seguinte:

“Com tristeza, informo-lhe que estamos sendo compelidos a deixar o nosso campo de trabalho neste país, retornando ao lar. Meu esposo, que tem sofrido tanto e por tanto tempo, está enfraquecendo rapidamente, em mente e no físico. (...) Nossos amigos aqui têm instado conosco para que nos instalemos num clima melhor, porém, o Dr. Bowen não deu o seu consentimento. Ele se mantém esperançoso de sentir-se melhor outra vez, para então tomar essa providência. Mas ele tem piorado.

Assim, assumi a responsabilidade de decidir. Já aprontei tudo para retornar. Confio que a Junta e os amigos aí não me culparão por assim proceder. (...) Peço-lhe as suas orações e de todos os irmãos, para que Deus sustente a sua vida

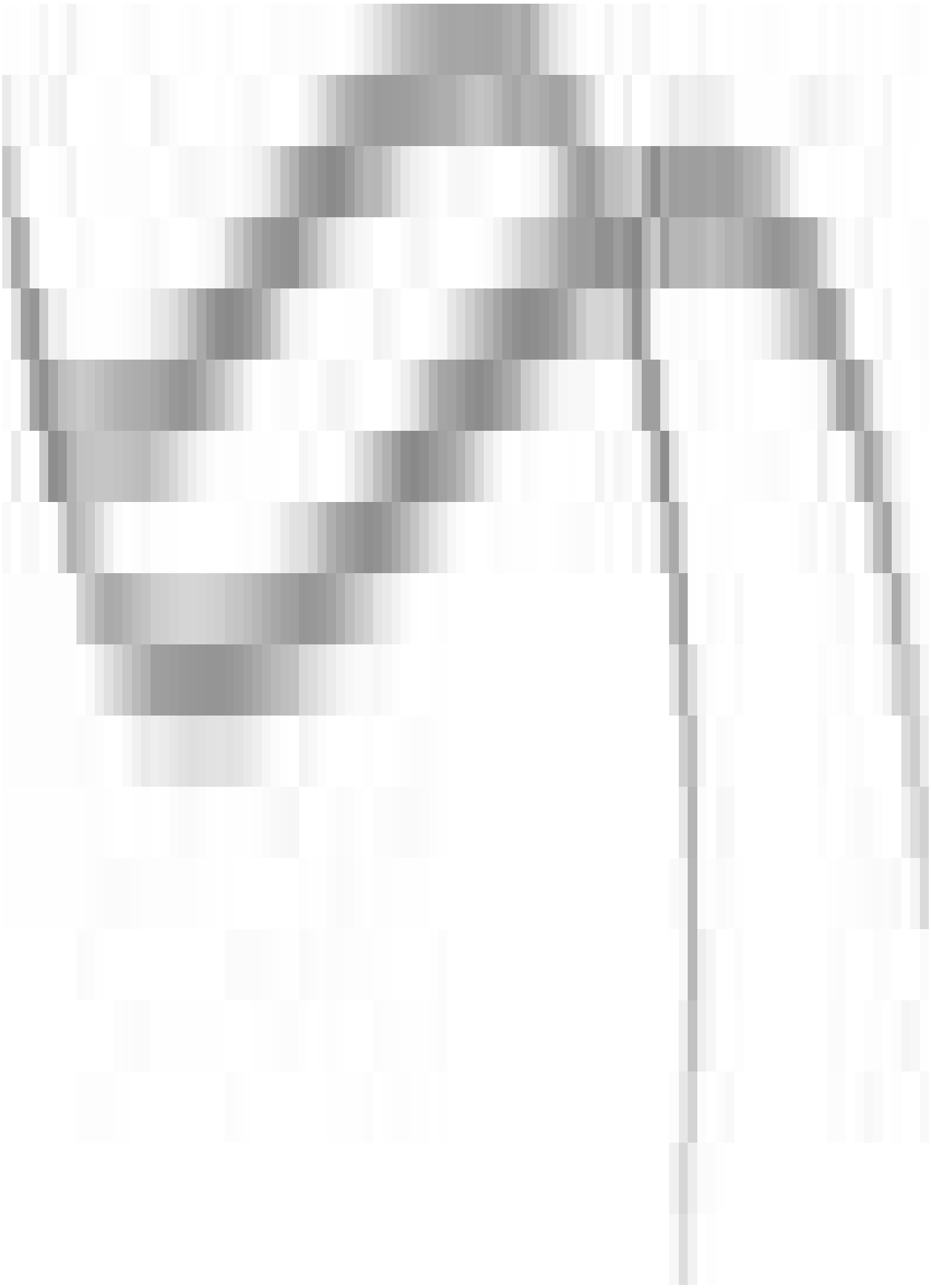
durante a viagem e o restaure por completo, se tal é da sua santa vontade. Tomaremos passagens no primeiro navio que for para Baltimore.”

O Sr. Wright, e parece que também o Rev. Alexander Latimer Blackford, emprestaram algum dinheiro necessário para as despesas da volta. Este último ficou encarregado por Lurenna de resolver os assuntos pendentes. O passaporte ficou pronto a 07.02.1861. Dois dias depois, dia 9, a família embarcou de volta para os EUA, no cargueiro “Washington”, rumo a Baltimore. As passagens lhes foram conferidas em confiança, para pagamento posterior.

Assim, o tempo de estada do casal Bowen no Brasil, foi de oito meses e 19 dias, ou seja, de 21.05.1860 a 09.02.1861. Este período nem seria o bastante para o aprendizado da língua portuguesa.

Ao chegarem, a 1º de abril seguinte, o porto de Baltimore encontrava-se fechado para as operações de desembarque de carga e bagagem. Faltavam poucos dias para que a Guerra de Secessão fosse declarada. O Sr. Crane, um irmão na fé, em Baltimore, foi recebê-los e tomou a si o encargo de desembarcar a bagagem, logo que isto fosse possível. As 12 malas que constituíam aquela bagagem ficaram guardadas no armazém da firma Maxwell & Wright, em Baltimore. Só foram parar no seu destino, quase quatro anos depois, quando a guerra estava para terminar, o que ocorreu a 09.04.1865. Adiante pode ser apreciada uma carta, sem data, fazendo referência a essa bagagem.

Deixando Baltimore, a família Bowen seguiu para a Georgia, passando alguns dias em Nova York. Por fim, chegou à casa dos pais de Lurenna. Pouco tempo depois, Bowen e Lurenna foram descansar por um tempo, numa estação de águas minerais, em Tennessee. Assim puderam recuperar parte de suas forças.



De Decatur, Georgia, a 01.10.1861, Bowen enviou uma carta para o secretário da FMB. Seguem-se alguns dos seus trechos:

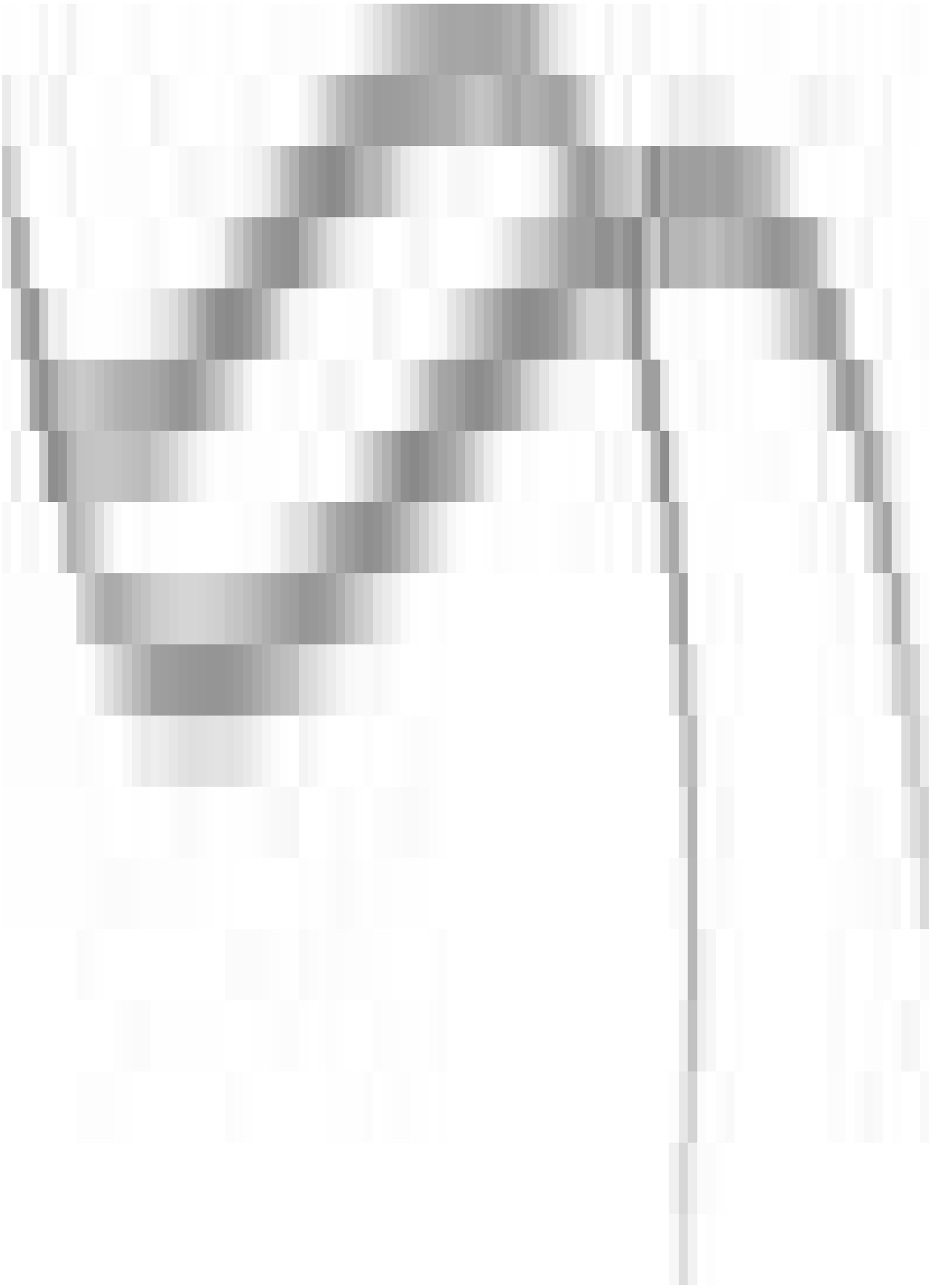
“Pela misericórdia divina penso que minha saúde e a minha constituição estão completamente mudadas. Por cerca de um mês tenho tido mui poucos sintomas das excruciantes dores e horrível nervosismo, o qual me tem atormentado por tanto tempo. Repentinamente comecei a melhorar, depois de um ataque como aquele que tive na Tijuca, em agosto, o qual quase me destruiu. Mas tenho estado melhor e sinto-me bem. Ainda tenho dificuldade de lembrar-me do dia da semana e do mês, mas posso relembrar os eventos mais recentes. Os dois últimos anos parecem-me como um sonho. A mudança é tão grande que fico a pensar se sou a mesma pessoa. Tenho estado em densa escuridão, em profundas águas e nenhuma linguagem pode descrever como me sinto. Cada coisa parece tão nova e estranha que às vezes fico perplexo. Parece como se eu tivesse sido sepultado sob rochas e montanhas e delas tivesse escapado.”

Há uma carta, sem data, presumível ser de abril de 1865 em diante, em que não é mencionado o lugar de onde ela foi enviada, mas que contém alguns dados interessantes. Reproduzimos aqui apenas alguns trechos e os claros indicam palavras desnecessárias para o exemplo dado:

“Prostrado na saúde, fora do lar, sem dinheiro ou amigos, com quase toda nossa roupa e livros perdidos em Baltimore, eu posso verdadeiramente dizer que estou em situação de fato angustiante. Os irmãos na África devem-me por suprimentos comprados por eles ou vendidos para outros. O irmão.... deve-me alguma coisa, porém, não pode ainda dizer quanto....(...) O irmão.... recusa pagar-me a ordem de $112.50, alegando que era....(...) Não sei como é isto, somente em todos esses casos, eu que preciso do dinheiro mais do que todos, sou o perdedor.

Minha cabeça transpira quase incessantemente e, quase sempre, sinto-a grande e

pesada. (...) Tenho alguns livros raros e caros na África. Seria uma grande consolação para mim se pudesse tê-los aqui. Espero que eles me possam ser enviados. Alguns deles não podem ser encontrados neste país. É somente certo que meus próprios livros e instrumentos deveriam ser enviados para mim (às minhas custas). Juntei-os durante anos e paguei muito por eles.”



Durante o resto da vida, Bowen viveu na sua própria terra, pregando nas igrejas e associações, ou ensinando, quando a sua saúde o permitia. Quando ia para o hospital, ele podia distrair-se cuidando do jardim. Sentia-se bem nas três horas diárias que empregava nessa boa tarefa.

Quando viajava, ele ia só. As cartas trocadas entre ele e a as esposa são comoventes. Por três ou quatro vezes ele deu entrada em asilo para doenças nervoso-mentais, na falta de outro próprio para o seu caso. As depressões que sofria e a angústia que sentia no cérebro procediam da malária não tratada. Ainda desconhecia-se o seu tratamento! Bowen esteve, algumas vezes, às portas de uma completa “alienação mental”.

Essa “alienação mental” não era a loucura. É que a doença produz uma sensação estranha, como se o processo de pensar fosse interrompido intermitentemente. Também, tudo em volta parece como um profundo pesadelo. Os calafrios e tremores incontroláveis, febre alta, suores, os vômitos, as vertigens, as câimbras, que dão até na língua, deixam o doente tomado de dores, da cabeça aos pés. Bowen qualificou-as de “excruciantes”. O mal-estar, angústia, aflição e a fraqueza são indefiníveis! Quando aquela crise termina, começa a prostração. No dia seguinte tudo se repete!

Os que, como a autora deste trabalho, já sofreram a malária, podem aferir melhor o sofrimento pelo qual Bowen passou, quanto mais se sabe que, àquele tempo, não se conhecia a doença, e nem para ela havia remédio! Quanto juízo errado, injusto e apressado se tem feito a respeito de Bowen, por desconhecimento das dificuldades e circunstâncias pelas quais ele passou! Falta de amor cristão!

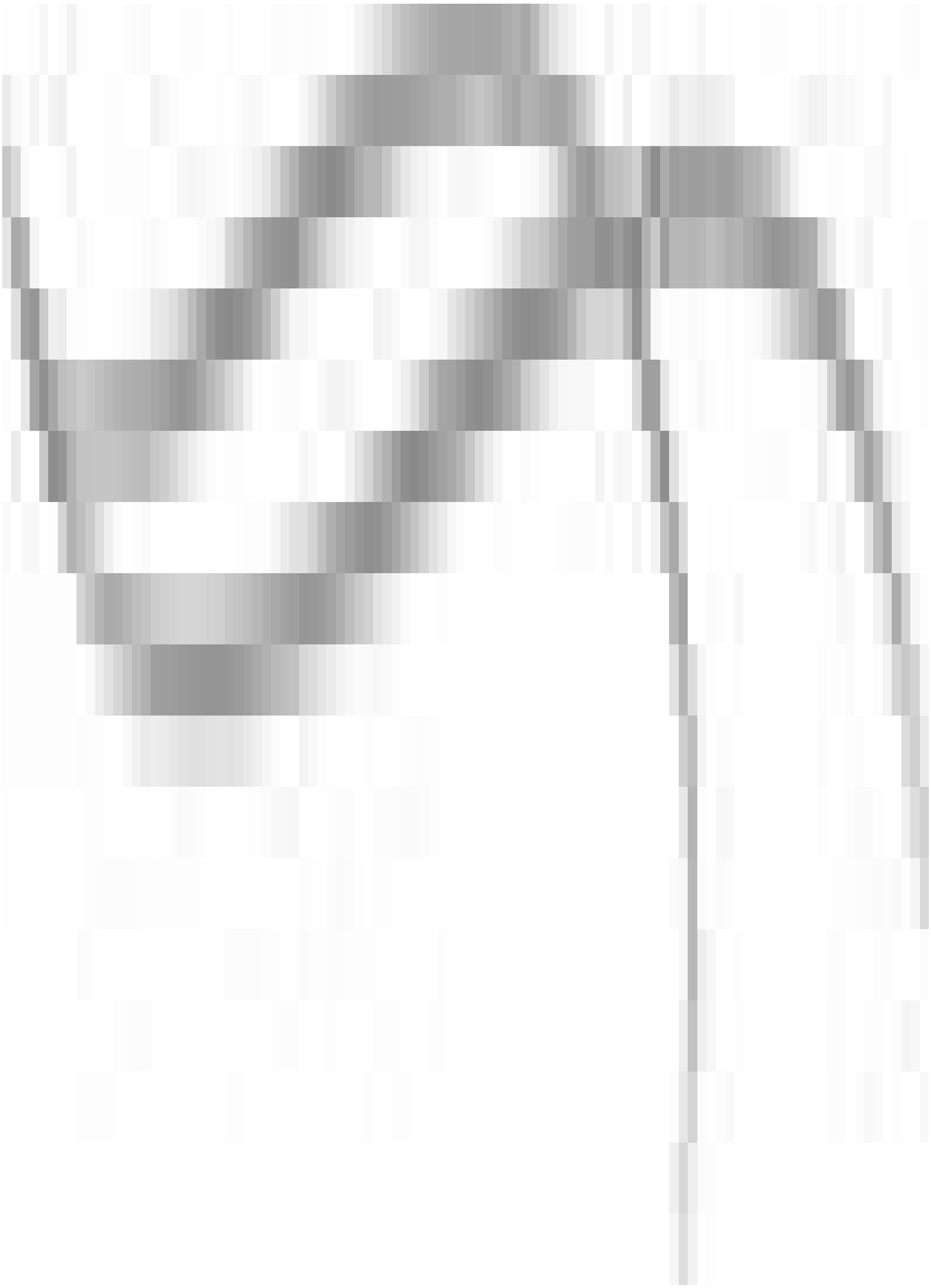
Cerca de um ano antes de Bowen falecer, ele mesmo dirigiu-se ao Asilo Estadual de Doenças Mentais, em Milledgeville, na Georgia. Não era tão distante do lugar onde se encontravam a sua esposa e as suas duas filhas — Lula e Maymie. Indo para aquele asilo, talvez o seu amigo Dr. Green, seria capaz de descobrir como curá-lo. Era assim que Bowen pensava. Perto do fim, seus passos eram lentos e pesados e seus lábios ficaram feridos. Seu olhar era lânguido e distante... seus ombros, caídos... uma luz iridescente ia-se desvanecendo!

Do fragmento de uma carta, sem data, escrita pelo Dr. D. T. Everett, temos este testemunho:

“... Poucos têm qualquer concepção das excruciantes dores e paralisante nervosismo que tanto sofrimento causaram ao irmão Bowen. Quando estive com ele em Yr (Yoruba), era doloroso ouvir e ver quanto ele sofria. Ele ficava taciturno e reservado; e eu presumo que conheço tanto a respeito dele ao ponto de dedicar-lhe a mais profunda simpatia”.

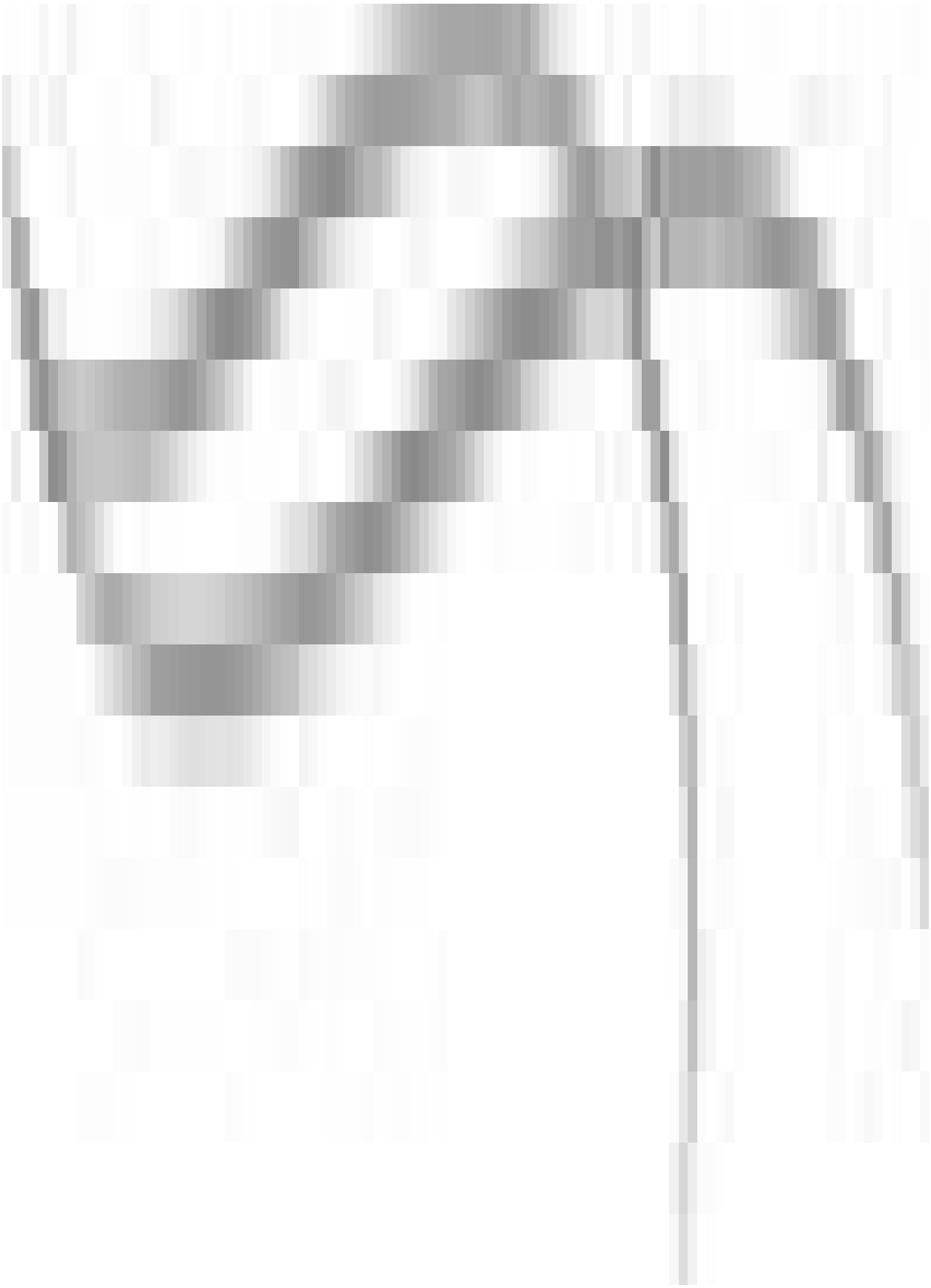
Bowen estava só, longe de seus queridos, quando a 24.11.1875, Deus o chamou ao lar eterno. Bowen foi sepultado no cemitério do próprio asilo. Seu túmulo não foi marcado! Causa da morte: “exaustão maníaca”. (?) O próprio Bowen, numa carta de 11.12.1869, refutou as conclusões a que tinham chegado dois bons médicos a respeito de sua enfermidade. Não era bem assim como diziam!

Sua vida foi cheia de lances difíceis e de lutas contínuas. Em divulgá-los, podemos meditar mais sobre qualquer julgamento que queiramos fazer a seu respeito e do trabalho que realizou em meio a um turbilhão de ocorrências. Que faríamos se estivéssemos no seu lugar?!

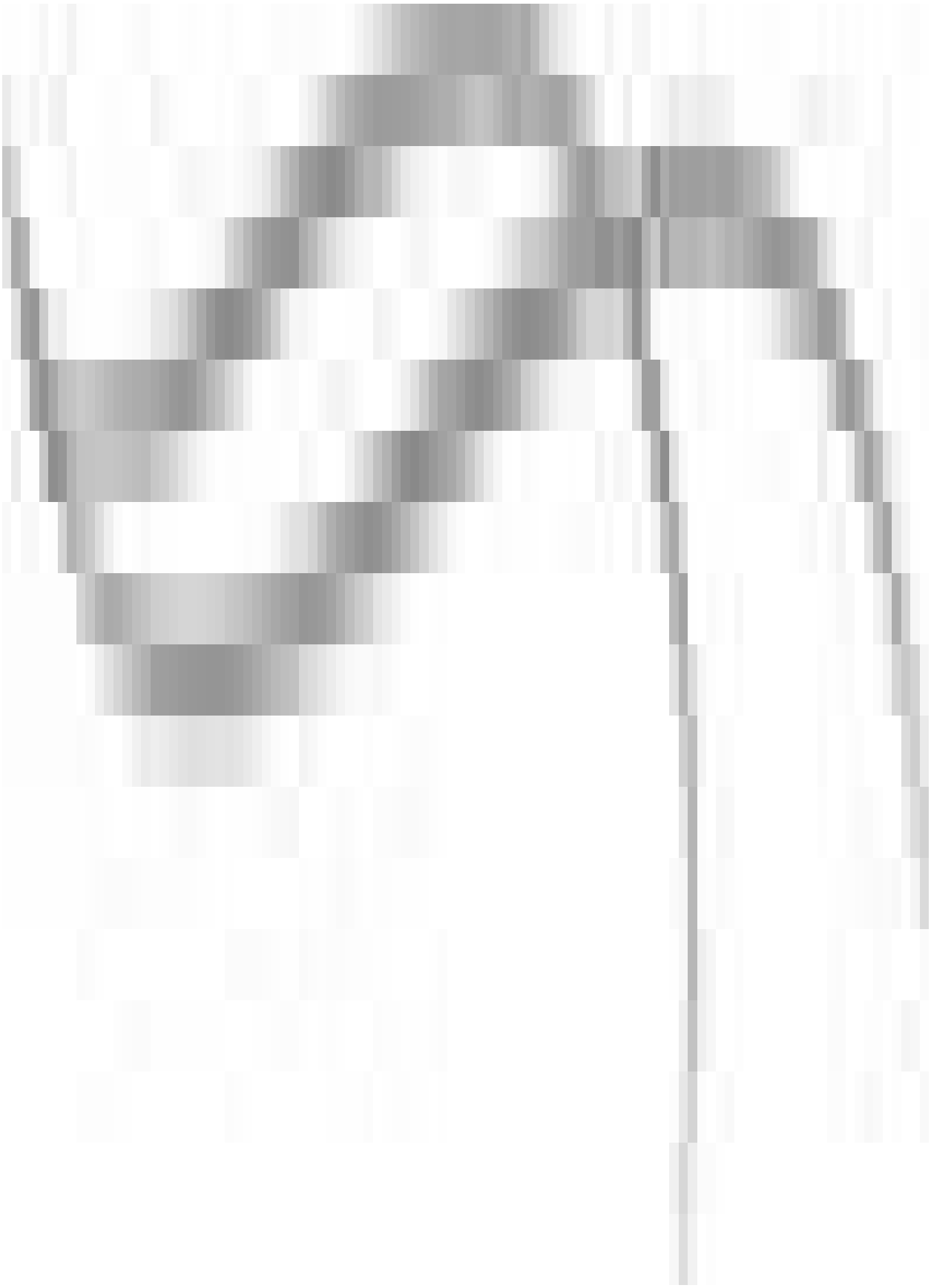


Deste modo, terminaram aqui na terra, os labores do missionário intimorato que abriu o portal para as Missões, no Brasil:

THOMAS JEFFERSON BOWEN

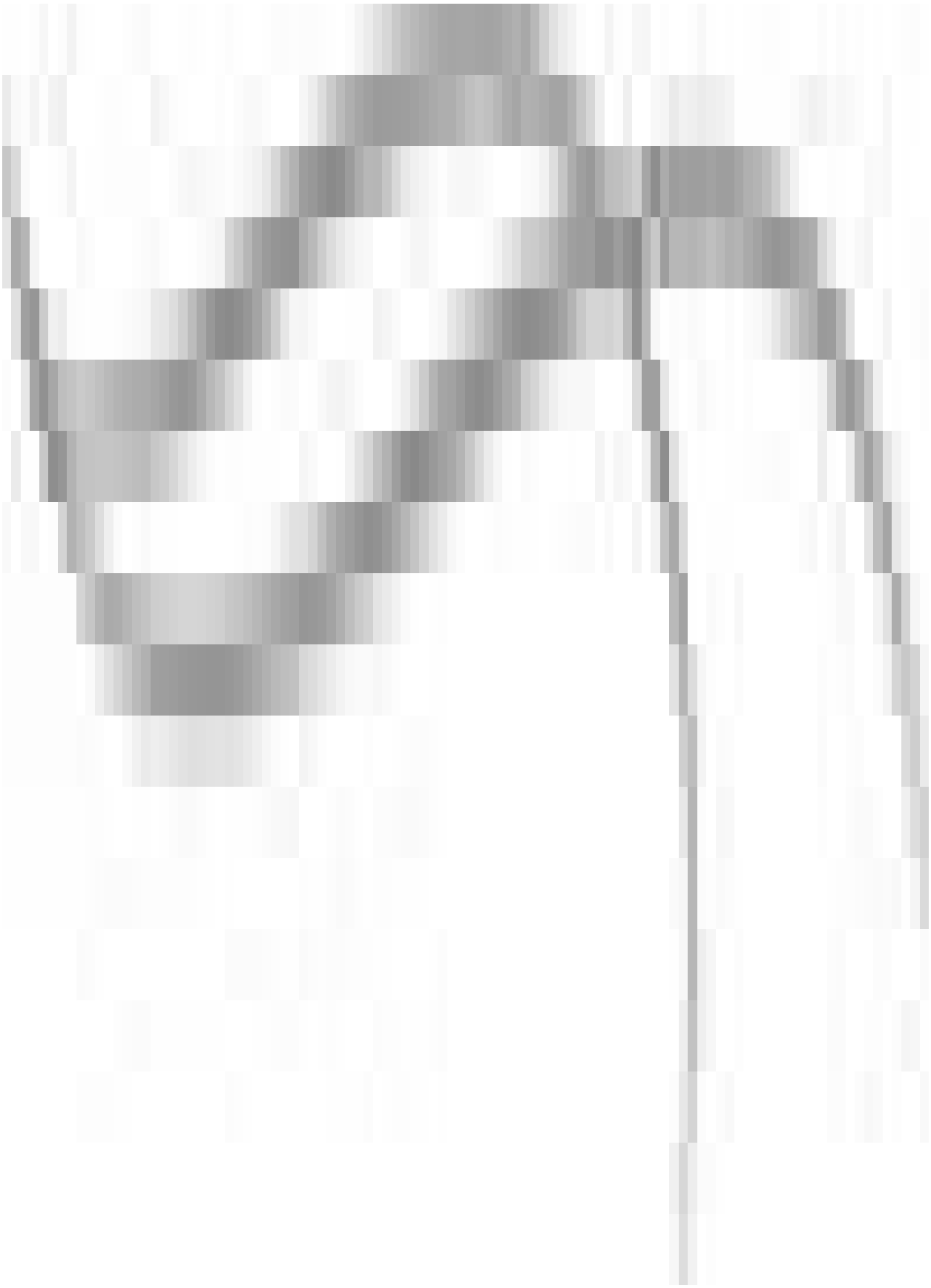


Em um artigo, o Dr. Orville W. Taylor asseverou que cada geração produz poucos homens, tais como T. J. Bowen, que deixou indelével marca no trabalho missionário da FMB-SBC, na África. Porém, mais longe ainda foi o fato de ele ter sido um “... soldado, um explorador, um geógrafo, um lingüista, um etnologista, um demógrafo, um meteorologista e um autor”. O título do seu artigo é “Thomas J. Bowen: a Man for All Seasons”. Foi publicado em Viewpoints, Georgia Baptist History, v. 8, 1982, p. 51-61. Há cópia em nosso arquivo, pela cortesia do autor. Dr. O. W. Taylor, um especialista a respeito de T. J. Bowen. Georgia College, Milledgeville. Geórgia. [11]

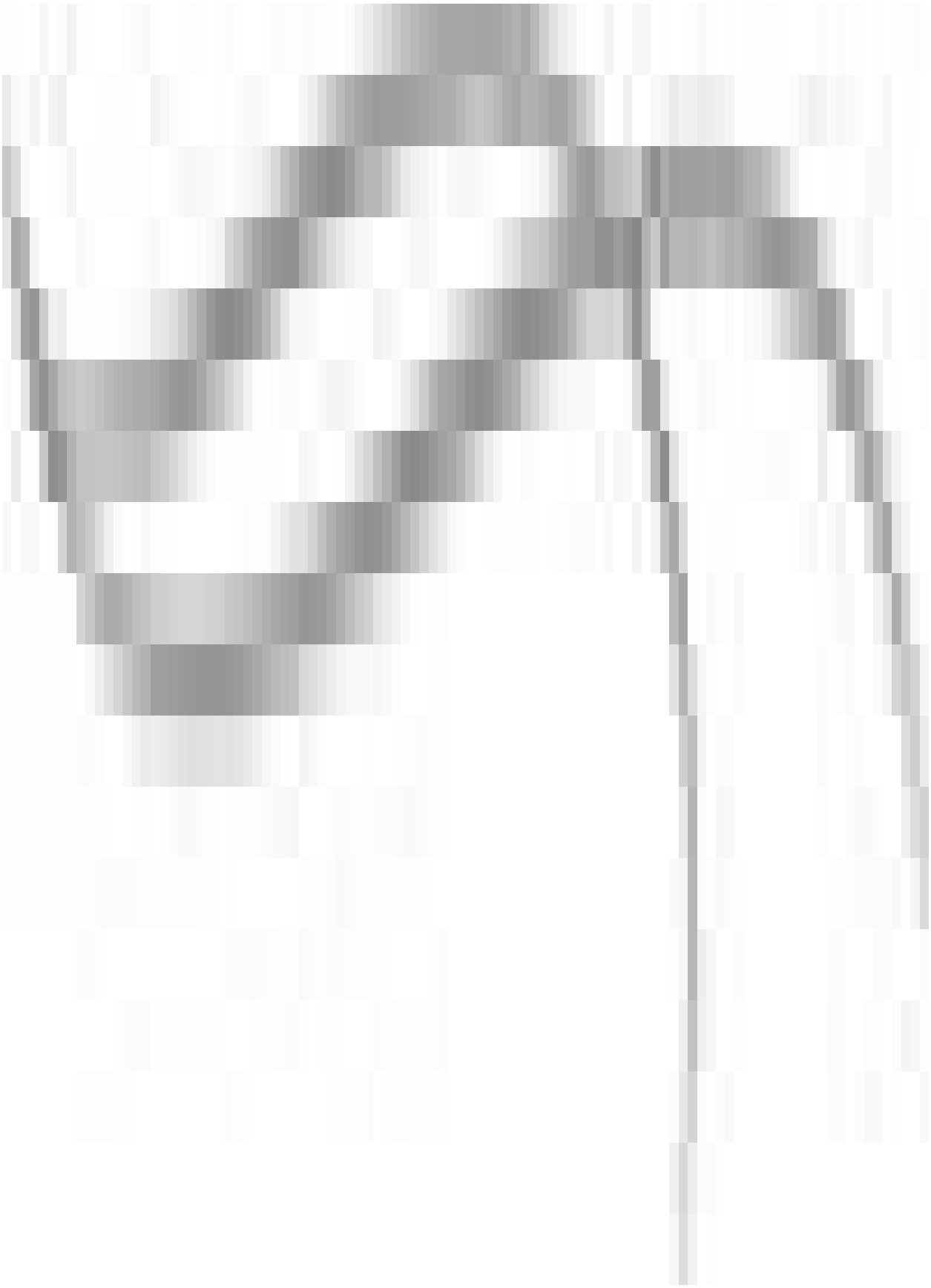


O Dr. W. Thorburn Clark, em seu livro Outriders for the King, conta-nos que certa vez Bowen chegou numa pequena cidade da África, que ainda não conhecia. Indo pelas ruas, alguém lhe perguntou por que não enviara um mensageiro comunicando sua vinda. Ele respondeu: “Eu sou o mensageiro”. E usou a ocasião para falar do evangelho àquela pessoa.

O escritor afirma que os relatórios de Bowen não registram um número grande de conversões ocorridas durante o seu ministério. Porém, ele era um pioneiro, um construtor de fundações, sobre as quais uma estrutura valiosa foi erigida. “Verdadeiramente, ele era um mensageiro corajoso, um heróico batedor a serviço do Rei dos reis”. [12]



“... aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida;...” (Hc 3.2b).

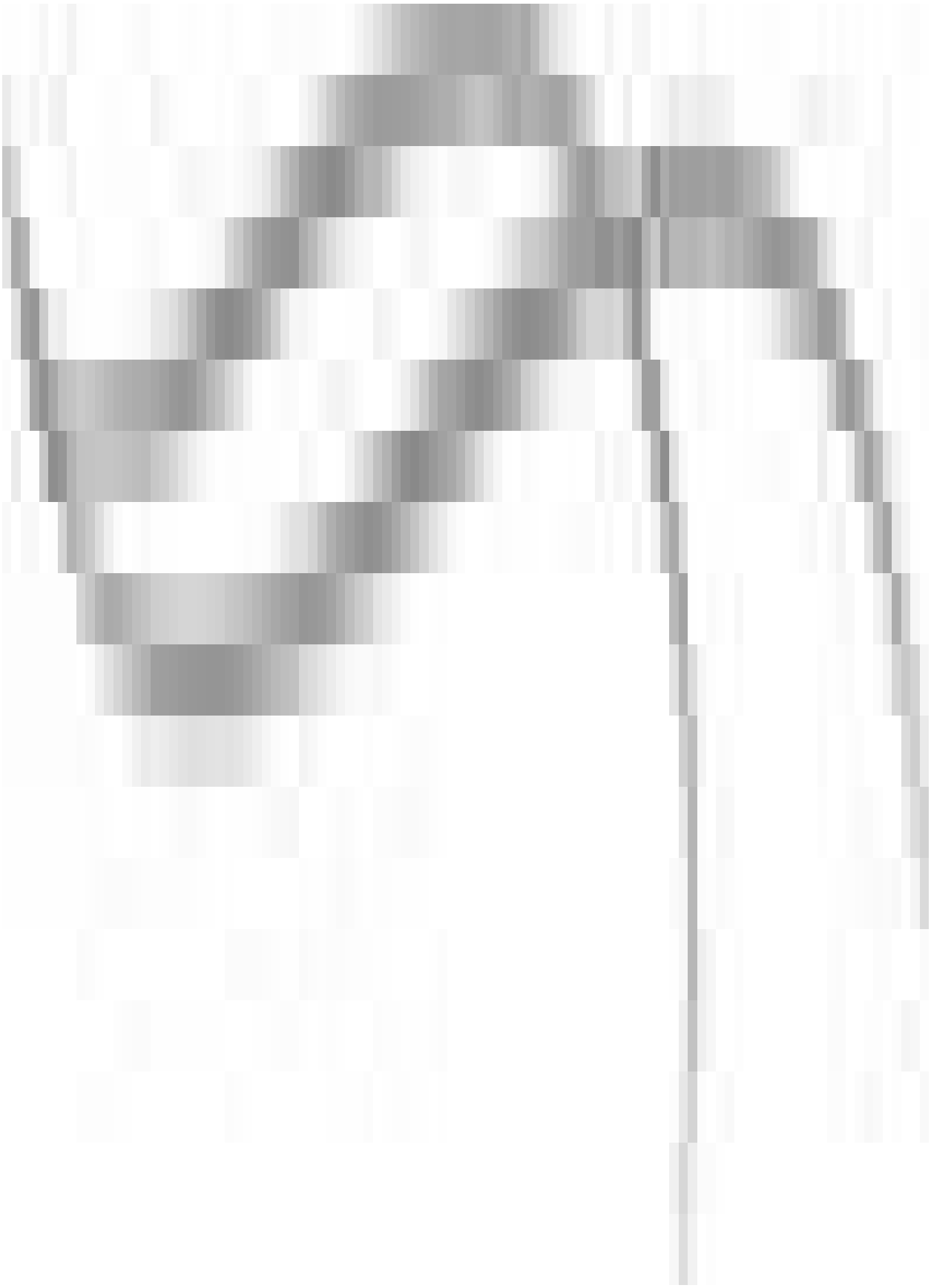


Observações:

O presente capítulo é um sumário do material encontrado em livros, Atas da FMB-SBC, cartas, artigos, Diário de Lurenna, trabalhos datilografados, lidos e consultados na sede da FMB; na da Baptist Historical Commission, em Nashville, Tennessee; na do Seminário Batista, em Fort Worth, Texas, além do que recolhemos por cópia, tal como microfilme.

O nome do Hotel Tijuca, mencionado neste trabalho, foi depois mudado para Bennett e White. No lugar está um posto de fiscalização da reserva florestal da Tijuca. Ainda podem ser vistas as ruínas dos alicerces do Hotel, assim, também, o paredão que a prumo desce na margem do rio da Cachoeira. Localização: Estrada das Furnas, perto da entrada da Gávea Pequena, à direita de quem vai ao Alto da Boa Vista. Na entrada ainda existe um banco de pedra, bem antigo, que servia como ponto de espera da "diligência". Segue-se à direita e sobe-se um pouco. Estas informações foram obtidas por entrevistas, consulta a Almanaques, gravuras da época, livros sobre o Rio antigo e idas da autora e o filho Lincoln no local. Ali oramos e agradecemos a Deus pela vida daquele casal. Chorei! (Ver pág. 657)

O nome de Lurenna, esposa de T. J. Bowen aparece nos documentos diversos com as grafias: Lurenna, Lourene, Lurana, Lurena, Lurene.

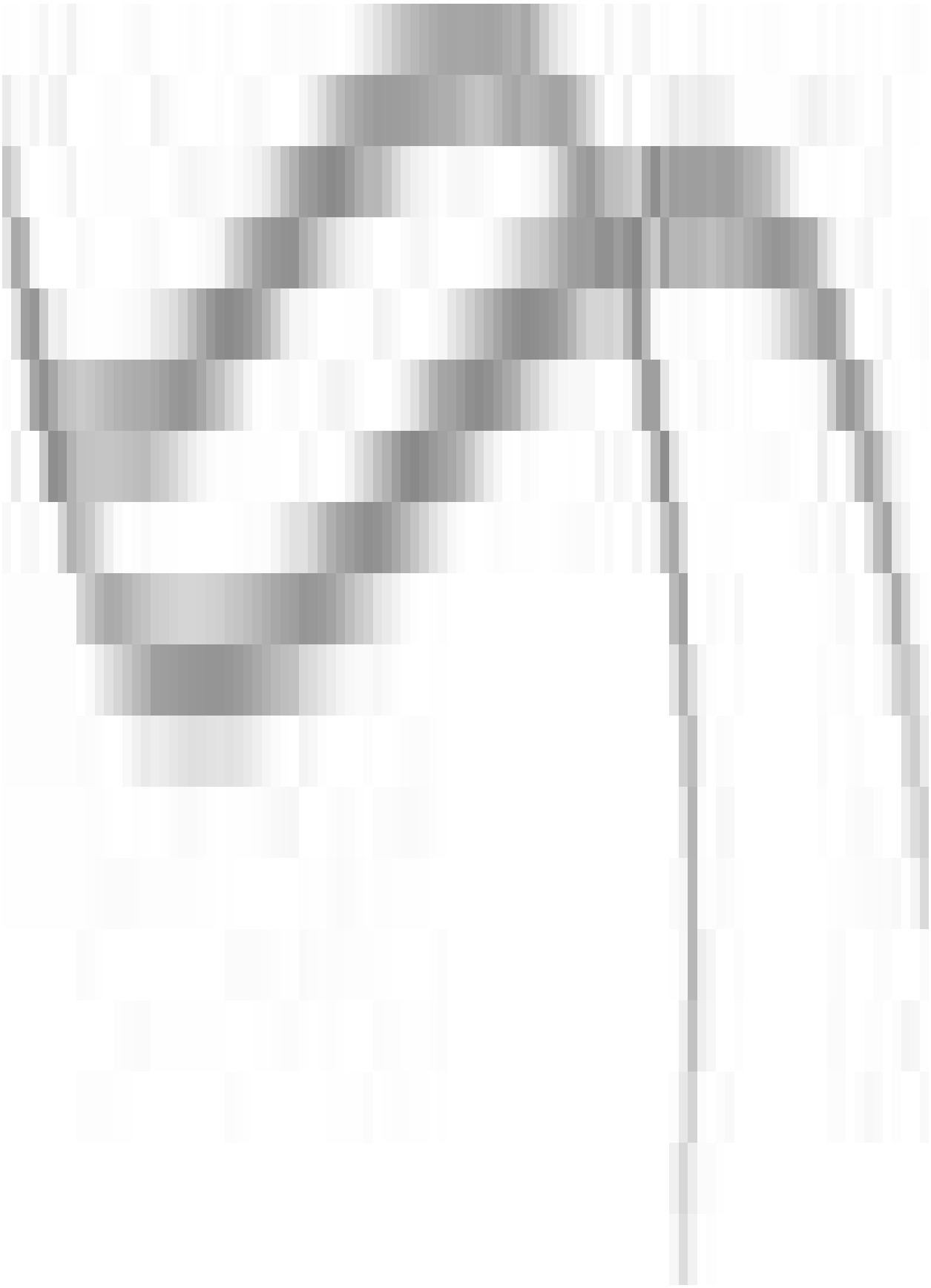


Richard Ratcliff

(* 10.11.1831 — † 23.07.1912)

Pastor fundador da Primeira Igreja Batista no Brasil

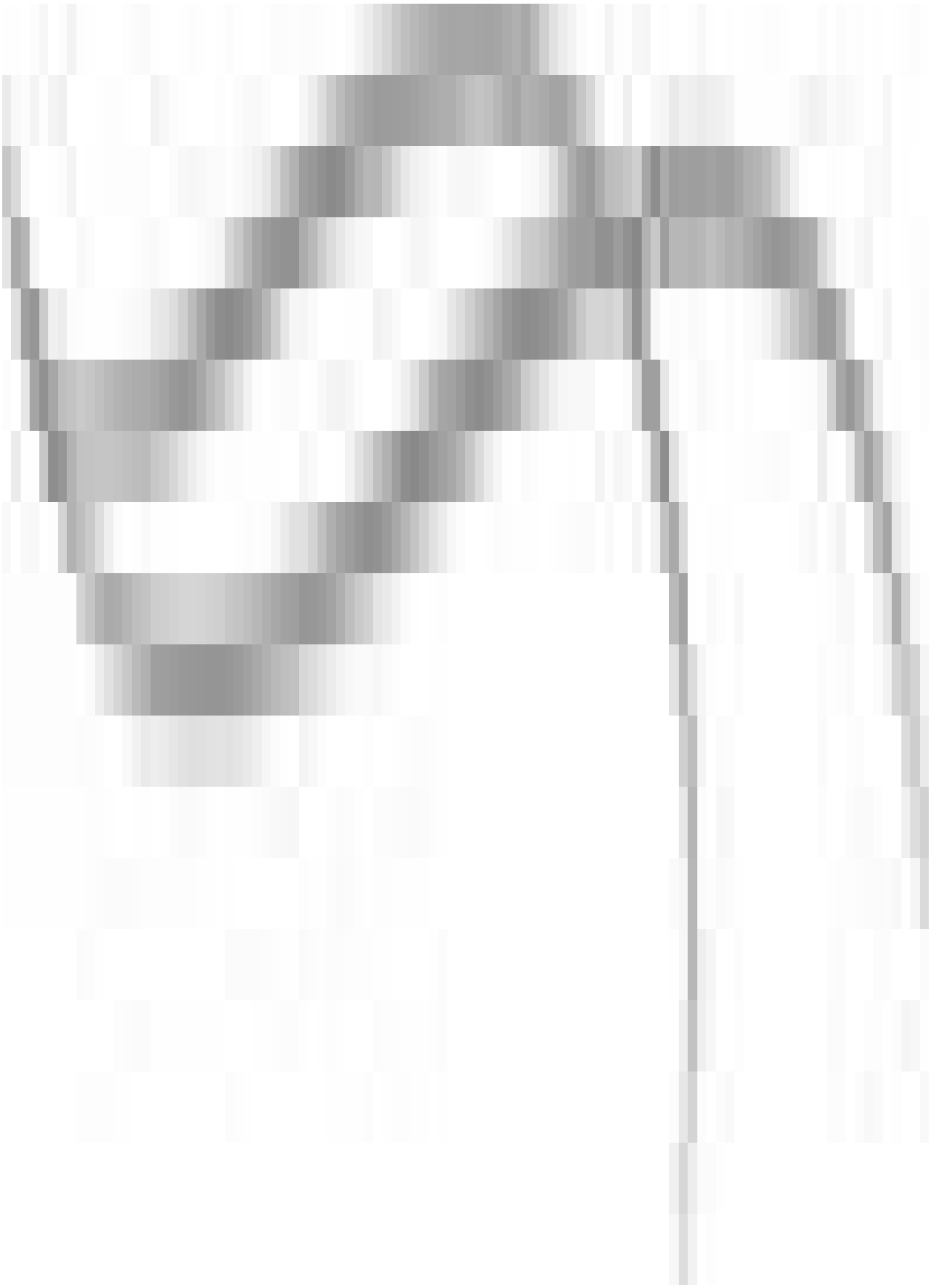
Sem a colaboração de um bom número de amigos não seria possível escrever este capítulo especial sobre RICHARD RATCLIFF, o pastor fundador da Primeira Igreja Batista no Brasil. A tarefa de recolher material sobre ele foi cheia de ansiedades, expectações e também surpresas agradáveis e alegrias. Parece-nos que esta pequenina biografia de Richard Ratcliff é a primeira a surgir no Brasil, e talvez nos Estados Unidos. Ele é quase um desconhecido em sua própria terra, até mesmo no Estado de Louisiana, onde mourejou, onde se casou e de onde partiu o seu pedido para ser um missionário na África. No fim deste capítulo, relacionaremos os nomes dos que ajudaram bem mais de perto neste trabalho que agora apresentamos.



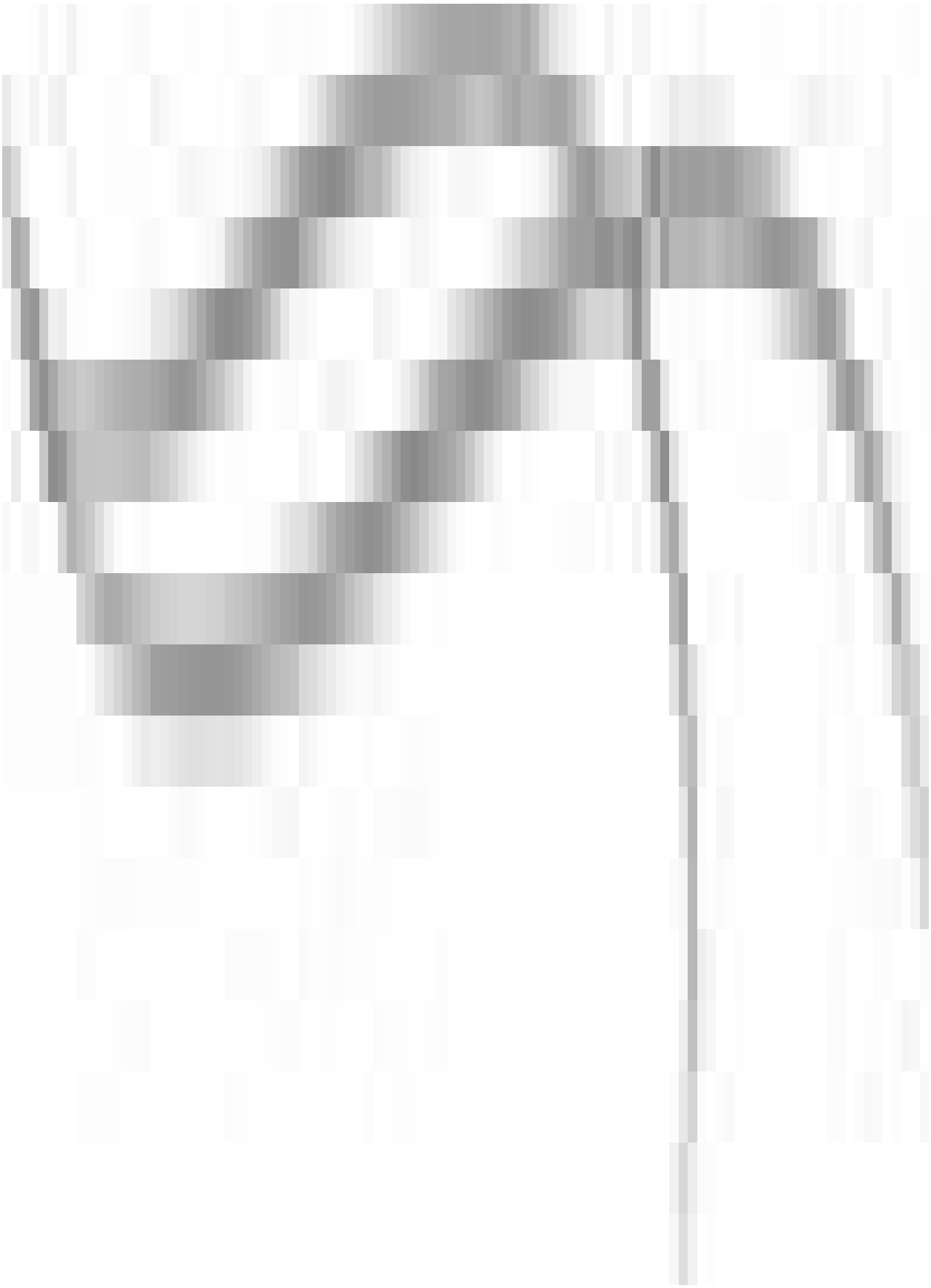
O sobrenome RATCLIFF pode ser achado em 37 diferentes grafias, consoante a pesquisa do Rev. Clarence Earl Raticliff, no seu livro sobre a genealogia dos Ratcliffs. As raízes alcançam o ano de 1068, até onde já se conseguiu documentar. Era quaker a formação religiosa da linha da família Ratcliff.

A seguir, temos a lista dos nomes de alguns dos antepassados, na linha paterna, de RICHARD RATCLIFF, o nosso biografado. Os dois primeiros mencionados nasceram na Inglaterra. O segundo destes emigrou em 1687, para os Estados Unidos da América, Talbot Co., Maryland:

Richard Ratcliff (1614-1675) gerou a Richard (9º filho — 1661-1721). Este gerou a John (3º filho — 1694-ca.1771). Este gerou a Joseph (1º filho — ca. 1720-ca.1790). Este gerou a Isaías (1º filho — 1750-1823). Este gerou a Joseph (5º filho — 1793-1857). Este gerou a RICHARD RATCLIFF (7º filho — 1831-1912), o personagem que ocupa este capítulo.

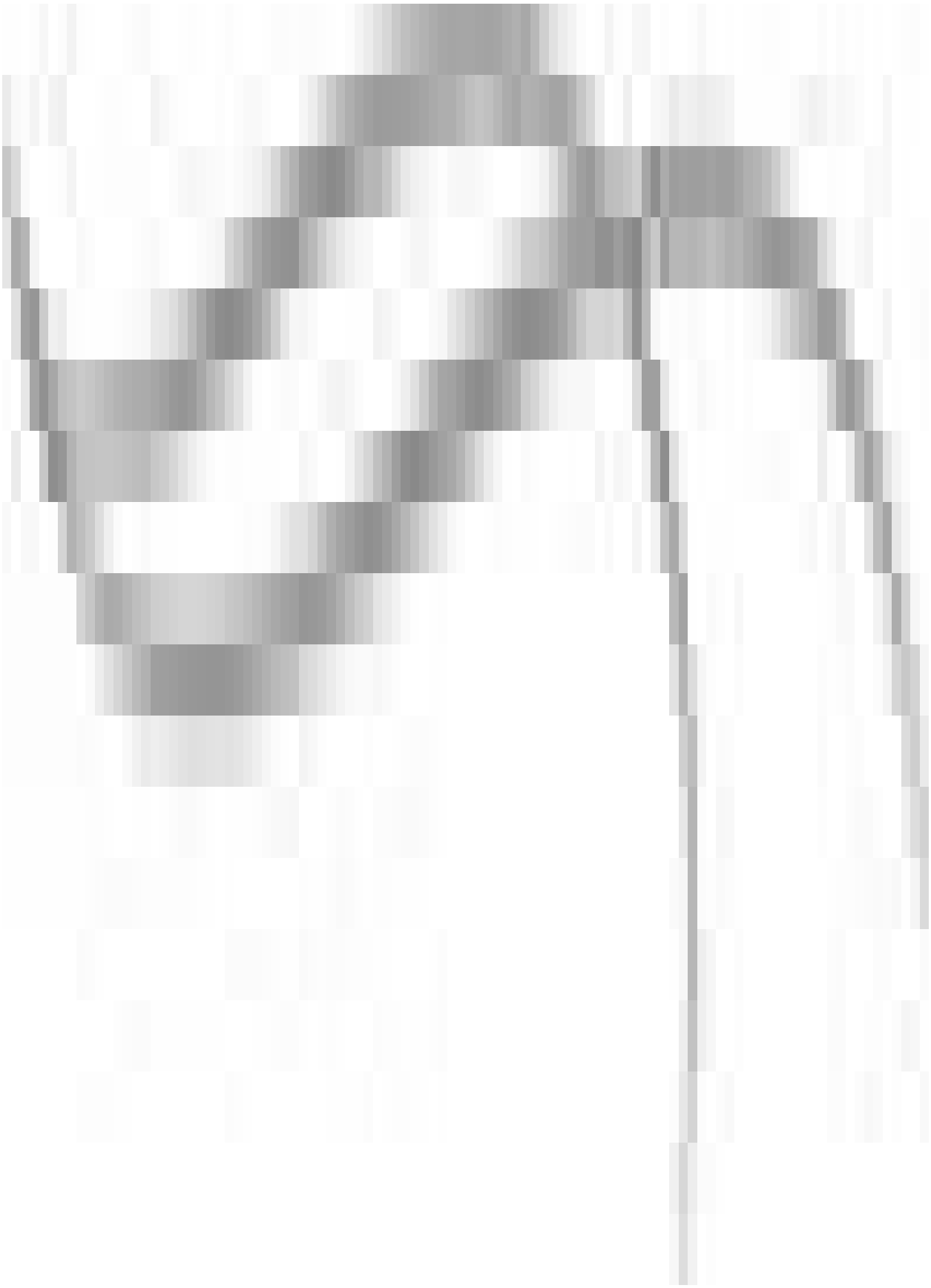


Richard Ratcliff tem um lugar de relevo na história dos Batistas em nosso país. A ele se deve a organização da Primeira Igreja Batista no Brasil, a 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo. Sendo ministro do evangelho, batista, tornou-se, então, o primeiro pastor da igreja e o primeiro, no Brasil, a assumir a direção de uma igreja. Este é um destaque que se faz por justiça e em sua memória.



Sua esposa, Eunice Providence (Hetherwick) Ratcliff, o acompanhou e o ajudou na medida do possível. No período de nove anos, Eunice deu à luz cinco filhos. A primogênita nasceu perto de Iguape, SP, e os outros, em Santa Bárbara, no mesmo Estado. Foram eles: Eunice Maud, Swici E. “Annice”, Cornélia A., Richard Junior e Jesiki Earnest, nomes colhidos no Censo de 1880, no Texas. Para suprir todas as necessidades do lar, a terra teve que ser cultivada por Richard. Não havia recursos disponíveis que permitissem ao casal ter empregados.

Richard e Eunice chegaram ao Brasil, Rio de Janero, a 20.05.1867, no grupo de emigrados dos EUA, dirigido por Frank McMullan. (Ver carta na pág. 152)

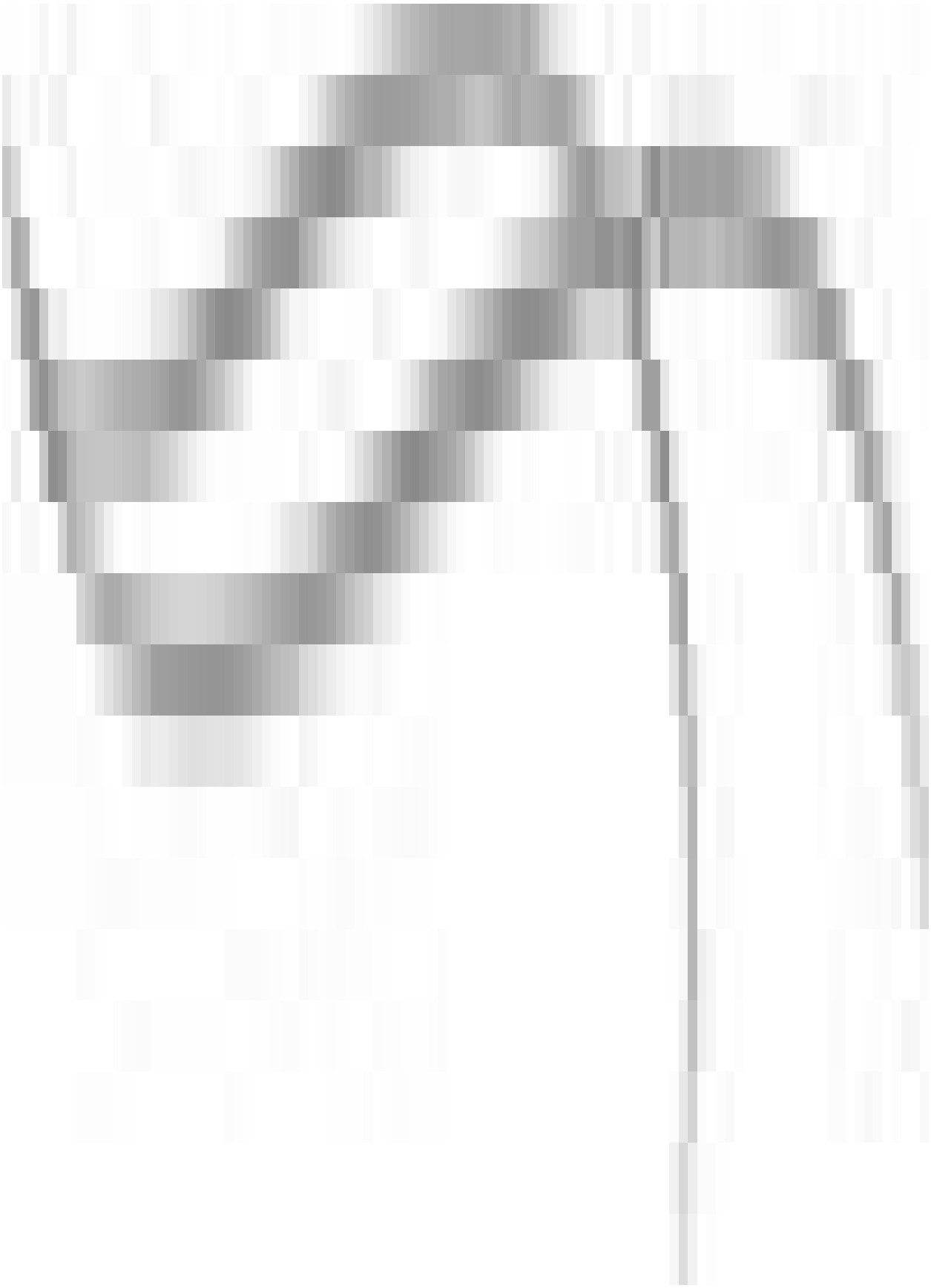


Joseph Ratcliff e sua primeira esposa, Annis (Johnson) Ratcliff, eram pais de dez filhos, todos nascidos nos EUA. Richard era o sétimo deles. A família mudava-se com certa freqüência, como tantas famílias o faziam na época, buscando melhores condições de vida.

Richard nasceu a 10.11.1831, em Gwinnet ou Muscogee, na Georgia. A dúvida sobre o local exato do seu nascimento recai sobre o fato de que, ao tempo, a família estava de mudança novamente.

Em 1844, a família foi de Russel Co., Alabama, para Walton Co., na Florida. Annis, mãe de Richard, faleceu a 22.02.1845, pouco depois de terem ali se estabelecido. Richard estava com 14 anos de idade. O seu irmão Isaías era quatro anos mais velho. Como amigos, compartilhavam das mesmas alegrias, tristezas, folguedos e trabalhos. Ajudavam o pai nos serviços da lavoura e na oficina. Aprenderam a usar bem a ferramenta. Mais tarde, no Brasil, Richard chegou a fazer um conjunto de mesa e cadeiras, enviando-o de presente para uma de suas irmãs. Algumas peças desse conjunto ainda existem! [13]

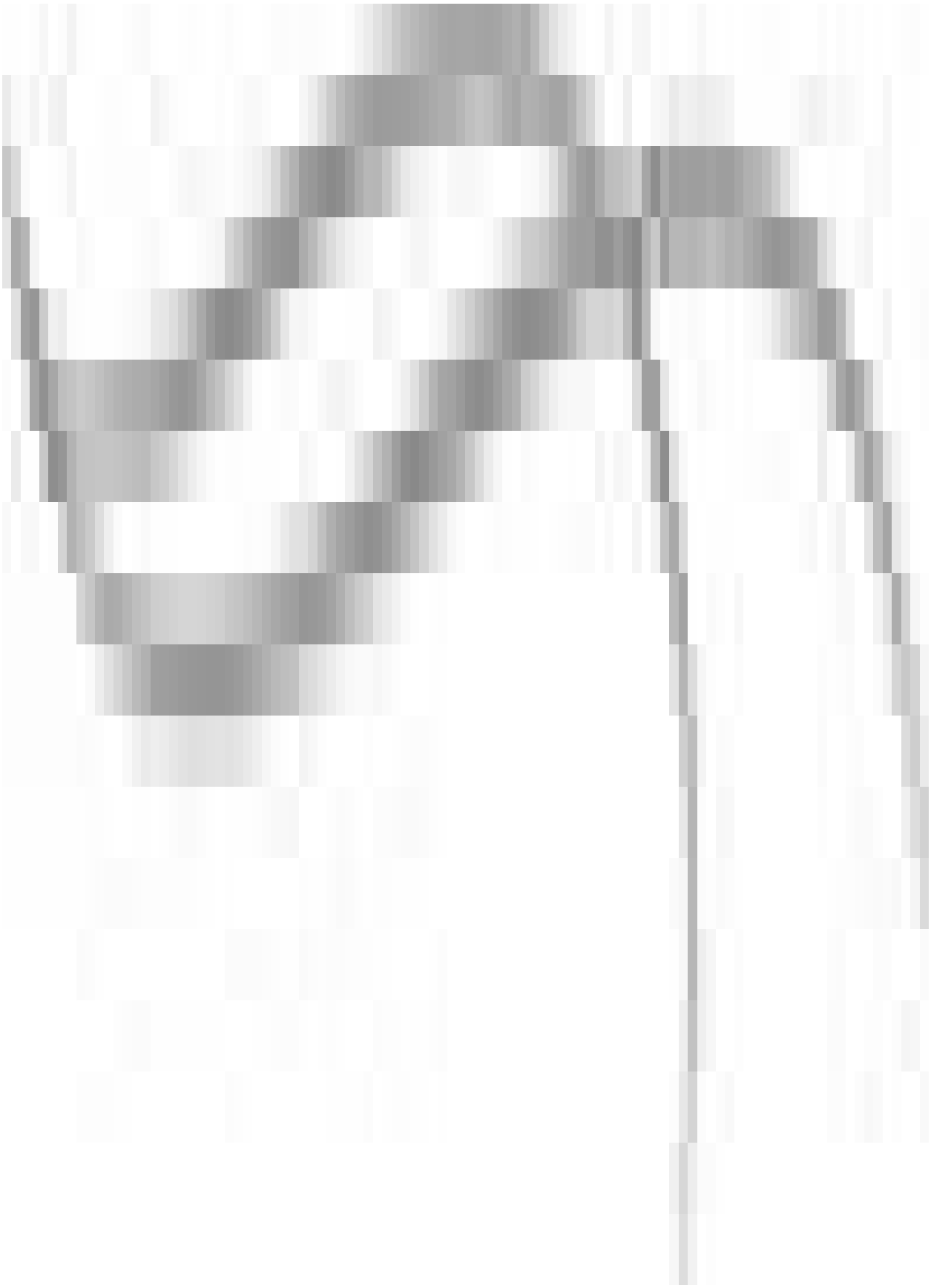
Joseph e Annis deixaram nos filhos a semente de uma vida útil e voltada para as coisas eternas. Estes herdaram corações férteis para neles fazer germinar e crescer a semente do bem. Entre os exemplos, podemos citar: Isaías era um líder na sua igreja; Joana, uma das irmãs mais novas, era a avó do consagrado compositor e cantor Baylor Benjamin McKinney (1886-1952). Alguns dos seus hinos têm chegado até nós. [14] O jovem Richard teve o seu coração voltado para missões.



Ainda na Florida, a 15.09.1846, Joseph casou-se, em segundas núpcias, com Rebecca Elkin. Por essa época, o pastor Thomas Jefferson Bowen, missionário itinerante, de sustento próprio, estava residindo em Quincy, a leste de Walton Co., Florida. Foi desse tempo a conversão de Richard, no encontro com T. J. Bowen. Em 1847, aos 16 anos de idade, Richard foi batizado. Não sabemos quem o batizou.

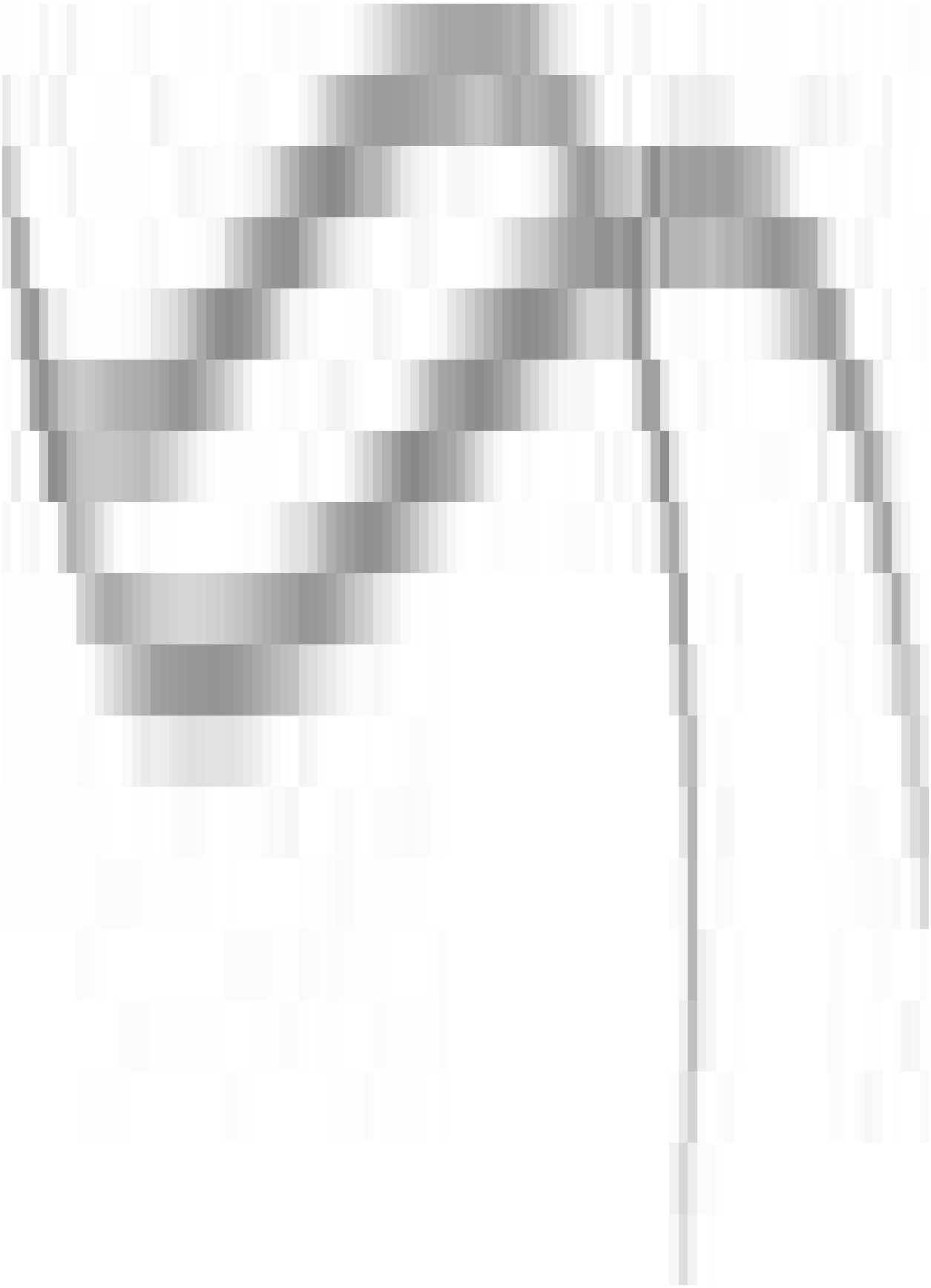
Temos a impressão de que Bowen deixou de si no coração de Richard uma imagem muito boa, em todos os sentidos. Sendo o seu pai na fé, por certo que Richard tomou-o como seu herói e assim procurou seguir-lhe os passos rumo à África e depois ao Brasil.

Em 1849, Joseph Ratcliff levou a sua família para morar perto de Ringgold, Bienville Parish, Estado da Louisiana. No fim de setembro de 1852, a família era constituída do casal e treze filhos, sendo três do segundo matrimônio.

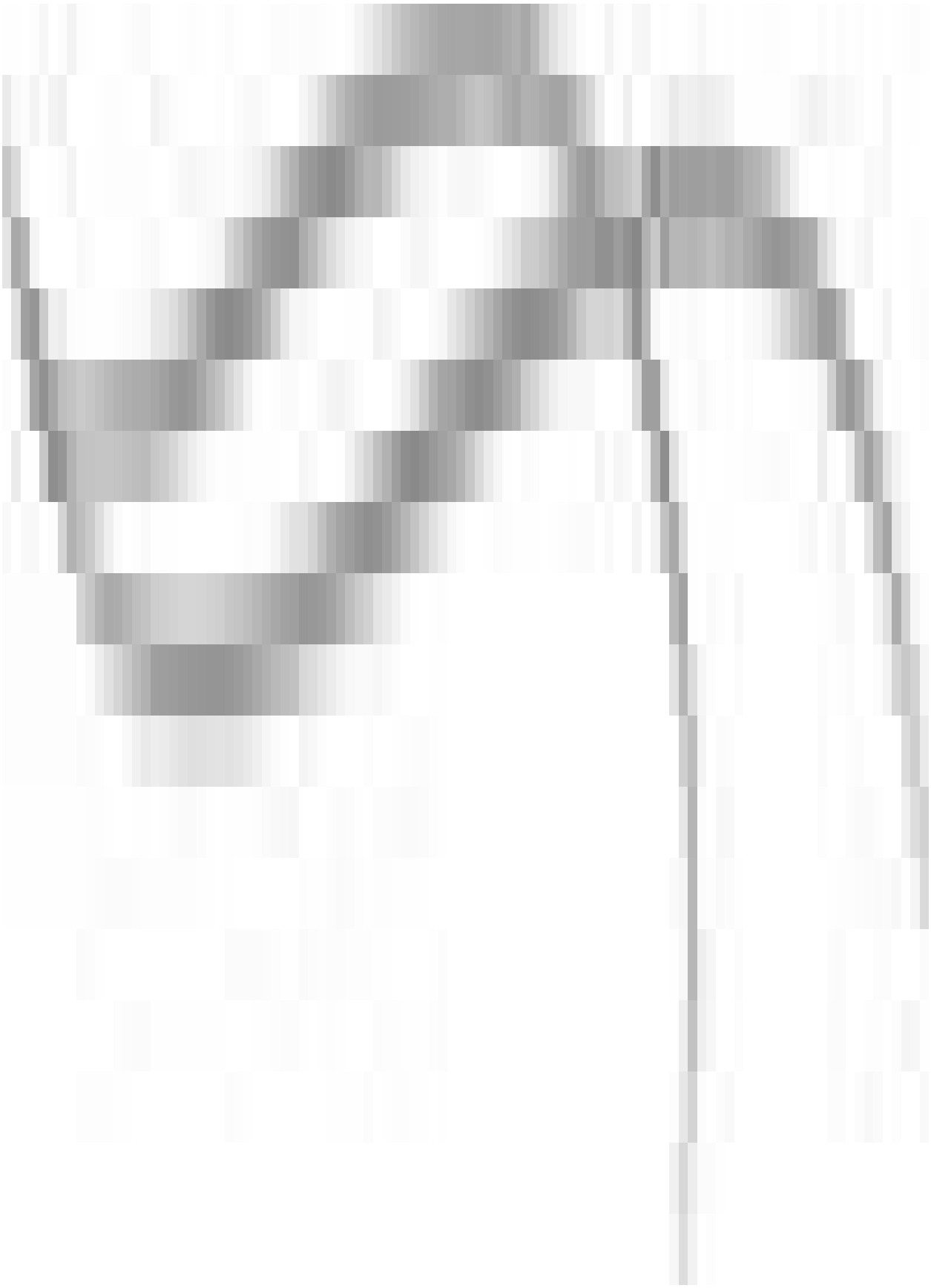


Em 1847, o Dr. Bartholomeu Egan chegava a Monte Líbano, em Louisiana. Era um médico profundamente interessado em educação. Desejava que os batistas da comunidade tivessem um bom colégio. Em 1848, foi organizada a Convenção Estadual, no templo da Igreja Batista Rehoboh, em Monte Líbano, Bienville Parish. Esta se tornou o centro do trabalho batista do Estado, em meados do século XIX. A idéia de se ter um colégio foi crescendo. Na Convenção realizada em 1852, a Comissão de Educação recomendou o estabelecimento de um colégio com um departamento teológico naquela cidade. Essa instituição viria a ser, então, a Universidade de Monte Líbano. O Dr. B. Egan tornou-se o seu presidente,[15] em 1856, quando do início das atividades escolares. Richard Ratcliff era um dos seus 94 alunos.

A 01.09.1855, Richard foi aceito, por carta demissória (transferência), como membro, na Igreja Batista Rehoboh. A ata de recepção de membros não menciona de onde ele procedia. Em maio do ano seguinte, essa igreja teve o seu nome mudado para Igreja Batista Monte Líbano. Ela foi para ele uma inspiração e serviu-lhe de campo de experiências e treinamento da liderança e pregação. A 06.09.1856, Richard foi autorizado, por sua igreja, a “exercitar o dom de pregar e exortar onde se fizesse necessário”.



Já por esse tempo, o desejo de ser missionário estava em seu coração e, então, quis ouvir a palavra do seu pai na fé. Devia ser finais de outubro de 1856, quando ele escreveu uma carta para T. J. Bowen que, então, se encontrava como missionário na África Central. Enviou-a para a FMB com uma cartinha: “... Em assim fazendo o irmão conferirá um favor ao seu obediente servo. Não tenho o endereço dele na África”. Desconhecemos o teor da carta enviada e o da resposta. Mas está claro que, em algum tempo, os dois, Bowen e Ratcliff, corresponderam-se e que este tinha no coração o trabalho missionário a ser executado.



A 27.10.1857 faleceu o seu pai Joseph Ratcliff, em Bienville. No mesmo ano, o consagrado educador Rev. Jesse Hartwell tornou-se o presidente e professor de Teologia da referida Universidade. Este foi um dos professores de Richard. Tendo o Rev. J. Hartwell falecido, em 1859, sucedeu-o na presidência da Universidade, um proeminente pastor e educador, o Dr. William Carey Crane. (HUaR, p. 164)

Em maio de 1858, e abril de 1859, Richard estava como mensageiro à Convenção Batista Estadual, entre outros membros de sua igreja.

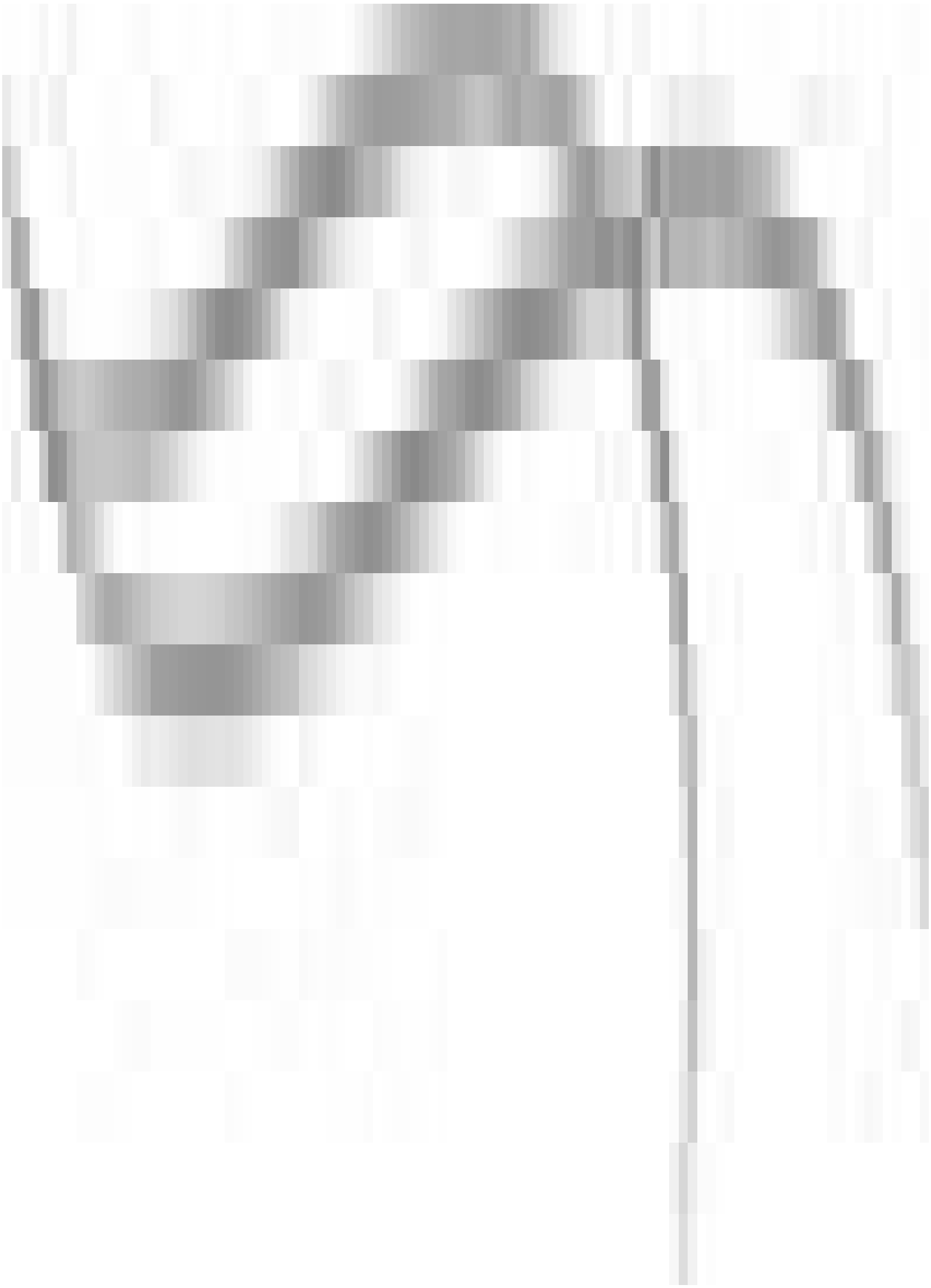
A 21.05.1859, de Monte Líbano, LA, ele se oferecia como missionário para a África Central, conforme carta enviada ao Rev. James B. Taylor, da FMB. Dessa carta, extraímos os seguintes trechos:

“Apresento-me à Junta como candidato para o trabalho na África Central. Tenho lutado fortemente com este desejo durante três anos. Meu pensamento continua: ‘Eis-me aqui, envia-me a mim’, mas mesmo agora, enquanto escrevo, considero minha incapacidade. (...) Tenho pensado em ir até Richmond, no próximo mês de setembro, para sentir a opinião da Junta nesse assunto, qual seja, o de saber se ela deseja ter um missionário para a África Central. Penso que eu estaria em condições de ser examinado.

O irmão pode saber alguma coisa a meu respeito, escrevendo para os meus professores ou para o Rev. H. Lee, do Louisiana Baptist (com quem morei por algum tempo) e Rev. F. Courtney, M. D., que foi nosso professor de Teologia. Espero que o irmão me diga o que devo fazer, depois de avaliar as informações recebidas. Entretanto, gostaria de lhe fornecer os seguintes dados: Durante o tempo em que estive no oeste da Florida, e quando ainda era muito jovem, convenci-me do pecado, através da instrumentalidade do Rev. T. J. Bowen. Aos 16 anos de idade, uni-me a uma igreja batista. Meu pai mudou-se, em 1850, para este Estado. Desde quando me batizei, senti que era o meu dever pregar o evangelho, porém, resisti à chamada divina até 1855. Imediatamente depois que decidi tornar-me um ministro do evangelho, vim para esta instituição a fim de

preparar-me para o trabalho. O custeio de meus estudos tem sido feito por mim mesmo, excetuando-se uma doação da instituição, para uma parte das minhas despesas. Agora faltam dez meses para eu completar os meus estudos clássicos. Confesso que não sei como me sentirei até poder completá-los. Este colégio é quase uma prisão. E isto não é tudo. Estou agora com 27 anos de idade. Sou um cidadão de cinco e meio pés de altura, com 125 libras de peso.

Meus pensamentos estão dispersos. Espero que o irmão me entenderá. Por favor, escreva-me imediatamente.”



Richard ficou um pouco impaciente pela resposta que só chegaria a 07.07.1859. No mesmo dia ele escreveu ao Dr. J. B. Taylor, dando-lhe as informações pedidas por este. Disse que, além das matérias comumente ensinadas, ele estava estudando inglês, grego e latim. E mais:

"... Minha saúde é melhor quando estou engajado em trabalho manual. A vida sedentária não combina comigo. (...) Tenho tanto para fazer que não pareceria impossível que eu viesse a fechar os meus livros e ir aos exercícios físicos. (...) Por duras vezes deixei meus estudos durante algumas semanas, em benefício de minha saúde. Usei o tempo em um trabalho missionário. (...) Eu sou um servo e tentarei fazer a vontade do meu Mestre."

A 14.09.1859, o seu pedido foi considerado pela FMB-SBC e esta decidiu que os secretários da mesma escrevessem ao jovem encorajando-o nos seus propósitos: o de entregar a sua vida ao trabalho de Missões Estrangeiras e a continuar os seus estudos na Universidade até o seu término.

A 21.04.1860, o Dr. W. C. Crane enviou uma carta aos irmãos Taylor e Poindexter, da FMB, dizendo estar informado pelo irmão F. Courtney de que o falecido Dr. Hartwell tinha mantido alguma correspondência com a Junta, sobre a nomeação de Ratcliff para a Missão na África Central. E prossegue registrando que este era um membro da Universidade e que tinha permissão da Igreja Monte Líbano para pregar. E dá outros dados:

"... Até agora nada temos ouvido sobre a sua nomeação. O irmão Ratcliff terminará os seus estudos em junho. Ele tem estado aqui por cinco anos. Seus estudos têm sido dirigidos, principalmente, na sua preparação para o ministério. Agora ele está cursando: Grego do Novo Testamento e Teologia, duas vezes na semana; Hebraico e Lógica, diariamente. Todas as semanas ele apresenta o esboço de um sermão e a análise do tempo de um sermão impresso. Cada mês ele prepara um ensaio sobre algum tópico de Religiões Reveladas.

Embora ele ainda não tenha terminado o seu curso, este pode ser considerado apreciável. Ele é inteligente, piedoso, consciencioso, de conduta e andar circunspectos. É devotado à idéia de que sua vida seja útil.

O irmão Courtney tem a mesma opinião minha, qual seja, a de que a Junta não corre qualquer risco em nomeá-lo e que ele promete êxito no seu trabalho.”

Na ata de 07.05.1860, da mesma Junta, lê-se que a carta de Dr. W. C. Crane foi considerada uma recomendação favorável a R. Ratcliff. Nesse dia, a Junta votou solicitar a presença deste irmão em sua sede, com o fim especifico de ser entrevistado e examinado com relação à sua chamada para missões.

Dois dias depois o Dr. A. M. Poindexter enviou carta a Richard, comunicando-lhe a decisão da Junta. A 25 do mesmo mês, Richard agradecia-lhe pelo privilégio proporcionado. Informa que a Convenção Batista do Estado de Louisiana iria reunir-se em julho e, na ocasião, haveria oportunidade para o ato de sua consagração ao ministério. “... Peço a Deus que ele abra rapidamente uma grande e efetiva porta de utilidade para mim na África”.

A 12.06.1860, o Dr. B. Egan enviou à FMB, uma carta fazendo referências a R. Ratcliff. Disse que este era filho de um fiel diácono de uma igreja batista. Informou que, no início dos estudos da Universidade, Richard se vira obrigado pelas circunstâncias e dificuldades financeiras a ausentar-se por algum tempo dos estudos. Trabalhara primeiro como carpinteiro e, depois, como professor de uma escola particular.

Apesar de aquela emergência lhe ter causado algum prejuízo na seqüência dos estudos escolares, ela não havia empanado a sua autoconfiança, a seriedade dos seus propósitos, o zelo de honestidade e a sede por conhecimento. Essas qualificações, somadas à de uma vida irrepreensível, eram suficientes para a sua nomeação como um missionário. Disse ainda que o tipo físico, magro e rijo, do jovem Richard era bem próprio para as vicissitudes de qualquer clima e estação.

A 02.07.1860, Richard Ratcliff foi consagrado ao Ministério da Palavra,

conforme registro no livro de atas, p. 116, da Igreja Batista Monte Líbano, Estado de Louisiana. A igreja reuniu-se no dia 1º de julho e decidiu o seguinte:

“Considerando que esta igreja confia plenamente na piedade, na aptidão para ensinar e outras qualificações, para o Ministério do Evangelho, do irmão Richard Ratcliff, membro de nossa igreja, resolve que os irmãos ministros presentes à Convenção Batista de Louisiana, tenham o privilégio de, junto com os desta igreja, se constituírem em Concílio, com o fim de separar o irmão Ratcliff para o trabalho do Ministério do Evangelho. Decide que na próxima segunda-feira, à noite, o culto seja dedicado e esse ato de consagração, e que o pastor William Carey Crane seja o responsável pelo sermão; o pastor D. D. Swindall faça a oração consagratória; o pastor W. A. Robert seja o presidente do Concílio; o pastor F. Courtney lhe transmita a responsabilidade do encargo; o pastor N. H. Bray lhe faça a entrega da Bíblia; e o pastor J. Prescott lhe apresente a mão fraternal. Decide que esta igreja, mui cordial e alegremente, recomende o irmão Ratcliff a qualquer corpo eclesiástico ante o qual ele poderá oferecer-se para uma posição de utilidade no trabalho do ministério”.

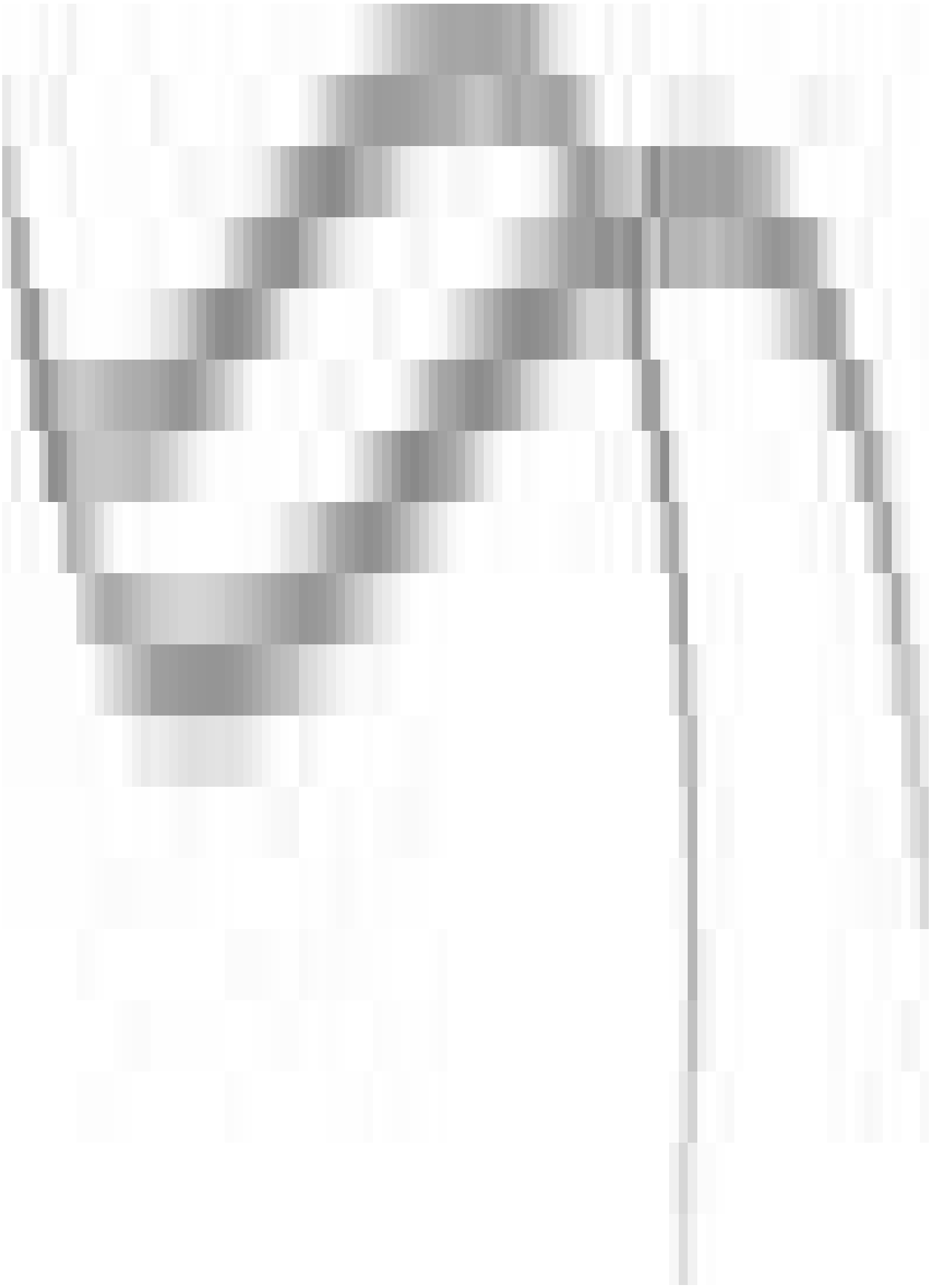
Na mesma página, com data de 02.07.1860, a ata da igreja registra que o Concílio, reunido segunda-feira à noite, “... de acordo com as resoluções acima, procedeu à consagração do irmão Ratcliff ao trabalho do ministério”.

No dia seguinte, 03.07.1860, o Dr. William Carey Crane redigiu uma carta de apresentação para ser levada pelo próprio Richard à FMB, na cidade de Richmond, na Virginia.

“Esta carta segue por mãos ao irmão Ratcliff. Na última quinta-feira, ele recebeu a sua graduação na Universidade. Ontem à noite, ele foi consagrado por um Concílio formado de ministros que vieram para os trabalhos da Convenção Batista deste Estado de Louisiana. Eu lhes serei grato pela atenção que lhe puderem dispensar”.

R. Ratcliff apresentou-se na Junta com a referida carta. A ata de 10.07.1860, registra que o irmão Richard Ratcliff, de Louisiana, tinha estado presente à reunião conforme convocação que lhe fora feita. O tesoureiro foi instruído a cobrir as suas despesas de viagem para essa reunião. É da ata o que segue: “... Tendo sido examinado, foi aceito como um missionário para a África Central”.

Um dia depois, o Dr. A. M. Poindexter, da FMB, escrevia de Richmond para o Rev. James B. Taylor, que se encontrava em St. Louis, em Missouri, dizendo-lhe que a reunião se tinha dado e que Ratcliff era o missionário nomeado. Seguiria para a África Central tão logo isto fosse possível. No final dessa carta, o Dr. Poindexter registrou que as contribuições para a Junta estavam chegando vagarosamente.



Em Richmond, Dr. Poindexter recebeu uma carta de Richard, escrita de Mindem, LA., a 22.07.1860. Este dava a notícia de ter chegado a 17, gastando 5 dias de viagem de Richmond a Mindem. Por sugestão do Rev. Poindexter reuniram-se dia 18, em Mindem, os obreiros, cujos nomes haviam sido indicados por este. Dr. W. C. Crane encontrava-se no Mississippi. O assunto principal da reunião era decidir quanto ao restante do preparo do jovem Richard e seu trabalho, antes de partir para a África. Surgiu a idéia de enviá-lo à Furman University, em Greenville, Carolina do Sul.

Para tanto, dizia ele em sua missiva, teria que resolver como pagar os seus estudos. Dizia ter algum recurso, mas insuficiente para cobrir as suas despesas naquela Universidade. Concluiu que deveria fazer um trabalho e, com este, ganhar algum dinheiro que o tiraria do embaraço. São dele as palavras que seguem:

"... Vou começá-lo na próxima semana, fazendo concerto de moinhos e máquina de desencaroçar algodão. Esta é a maneira mais rápida que conheço para arranjar dinheiro. Há igrejas e amigos que poderiam fornecer-me o necessário para as despesas dos estudos, mas não desejo sobrecarregá-los, o que preciso pelas minhas próprias energias".

O jornal da FMB-SBC, "The Comission", de agosto, 1860, p. 45, 46, publicou a seguinte notícia:

"Nomeação de um missionário. O irmão Richard Ratcliff, que acaba de colar grau pela Universidade Monte Líbano, Lousiana, foi consagrado por um Concílio de Ministros, por ocasião da Convenção Batista de Louisiana, recentemente reunida em Monte Líbano. Na noite de 10 de julho de 1860, ele foi aceito pela Junta como seu missionário a Ioruba.

O irmão Ratcliff irá gastar alguns meses preparando-se para a viagem. (...) É de grande importância que, antes de irem para um campo estrangeiro, os irmãos estejam de fato preparados para o trabalho, tendo-se em vista a preservação da saúde, (...) há necessidade de aprendizagem em uma nova língua. Dada a natureza do seu trabalho, exige-se considerável conhecimento da Bíblia e familiaridade com as doutrinas fundamentais do evangelho.

Todo o preparo com os colegas de ministério e irmãos da fé, podem redundar num excelente ministério aqui, mas tudo pode ser inadequado aos propósitos do missionário entre os pagãos.

O irmão Ratcliff deu atenção ao estudo da Teologia, enquanto fazia o seu curso clássico e científico. Dedicou-se, também, ao ministério com certa amplitude. O tempo que ele passa agora devotando-se à aquisição de melhores e maiores conhecimentos será empregado criteriosamente."[16]

A 26.09.1860, o Dr. W. C. Crane remeteu outra carta para a FMB, dirigida ao Dr. Poindexter. Declarava-se um tanto preocupado com o fato de que Richard estava encontrando dificuldade para decidir onde e como faria os seus estudos complementares antes de sua ida para o campo missionário. Dr. Crane, porém, opinava para que o jovem Ratcliff não fosse para a Furman University, mas, permanecesse em Louisiana. Isto seria mais benéfico para o jovem e para o próprio trabalho do Estado. Por fim, Richard aceitou a opinião do Dr. Crane.

Essa decisão foi comunicada por ele à FMB, a 03.10.1860. Lembrou-lhe da conversa que haviam tido em Richmond, quando falara de suas preocupações quanto a alguns obstáculos que poderia ter que enfrentar na África. E acrescentou que o Dr. W. C. Crane estava usando duas horas diárias para ajudá-lo nos estudos de Hebraico, Teologia, História Eclesiástica e Analogia. E que do trabalho que ele, Ratcliff, estava fazendo ali perto, ganhava quatro dólares diários, e que se sentia bem de saúde.

A 26.11.1860, Ratcliff escreveu ao Dr. Poindexter, da FMB. Informou estar prosseguindo nos estudos e pregando na redondeza e em Monte Líbano, uma vez

por mês. Pediu-lhe que o ajudasse na escolha da jovem que deveria acompanhá-lo como sua esposa, no campo missionário. Comentou que não bastaria achar a jovem mais afetuosa do mundo. Só isto poderia provocar um desastre no trabalho. E então pediu:

“Se o irmão conhece uma jovem, exata para este mister, que tenha o coração nesse grande trabalho e queira ir, e se após o irmão consultá-la, tiver a sua permissão, dê-me o seu nome e endereço. Não posso prometer riquezas, pois o meu coração não está nelas. Além disso, em indo para a África, creio que nos privaremos de muitas conveniências da vida”.

A resposta não veio. O silêncio e o prenúncio da Guerra Civil, em março de 1861, levaram-no a encetar uma viagem ao sul de Louisiana, tendo em mira uma nova alternativa para o trabalho missionário. É dessa viagem a carta de 15.03.1861, escrita ao Dr. W. C. Crane, que se encontrava, ainda, em Monte Líbano, ao norte do Estado.

“Evergreen, LA, 15 de março de 1861.

W. Carey Crane D.D. Mt. Lebanon, LA. [Monte Líbano, Louisiana]

Meu prezado irmão.

Cheguei, na quinta-feira, dia 7, em Alexandria. Fiquei ali cinco ou seis dias. Encontrei diversos batistas zelosos e dedicados. Espero pregar e gastar algum tempo com eles quando eu retornar. Eles estão desejando que o irmão Howard, de Nova Orleans, venha para ficar alguns anos com eles ajudando-os no trabalho. Estive com o irmão Tanner, dia 8, sexta-feira. Foi muito gentil e mais

flexível do que eu podia supor. No sábado, o irmão Scofield pregou por ocasião do funeral de Mr. Geo. Cheney, na Igreja Batista C. No domingo, o irmão Lansdel cedeu-me o púlpito. Ocupei-o por pouco tempo e fiz o melhor que pude.

Na segunda-feira, pela manhã, o irmão Scofield e eu fizemos várias visitas falando sobre as Missões Africanas. Maior teria sido o resultado se alguns não estivessem doentes e outros ausentes. Na volta da viagem irei visitá-los outra vez.

No mesmo dia, à noite, cheguei aqui e me pus em contato com o irmão Crawford que me apresentou ao seu dedicado povo. Amanhã e no dia seguinte haverá reuniões regulares.

O irmão J. R. Graves está sendo esperado aqui no dia 19, terça-feira, para pregar, e no dia 20 estará em Cheneyville. Espero poder ouvi-lo nos dois lugares, o que me será mais agradável.

A 21, o irmão Crawford espera ir com ele, pelo Mississippi, até a boca do Rio Vermelho [Red River]. A pedido do irmão Crawford e seus irmãos, irei com eles. Ele pensa que a região ali e mais abaixo é um bom campo para o meu trabalho. Ele irá comigo para apresentar-me a alguns irmãos dali, como também para visitar vários pontos. Isto fará que minha viagem se prolongue um pouco, tornando-se mais longa do que eu havia planejado quando saí de Monte Líbano.

Marcamos duas reuniões para o dia 24, em Windfield. Estou triste porque não poderei estar ali, conforme havia prometido. Não é do meu costume faltar com os meus compromissos. Mas já escrevi para os meus irmãos ali explicando a mudança do programa".

E termina:

“Possa Deus dirigir-nos nesta missão e abençoar os fracos esforços do seu humilde irmão e aluno. Esta é a minha oração. Richard Ratcliff”

A Guerra Civil, chamada de Guerra de Secessão, havia começado a 12.04.1861. Ratcliff já teria voltado de sua viagem. Um impasse estava criado, trazendo no seu bojo as incertezas quanto ao futuro. Por certo que a igreja, com o seu pastor, o Dr. W. C. Crane, junto com o jovem Ratcliff, empenharam-se na busca de direção de Deus para solucionar o caso. Por fim, concluíram pela ida de Ratcliff para o campo que acabara de visitar, no sul do Estado, caso a FMB se mantivesse em silêncio.[17]

R. Ratcliff aguardava, ansioso, para seguir viagem rumo à África, o que não ocorreu! A 25.04.1861, em Monte Líbano, LA., ele escreveu à FMB nos seguintes termos:

“Com ansiedade, tenho desejado saber a respeito de minha ida para Ioruba, com uma palavra de esperança da parte dos irmãos. Nada, porém, tem vindo para animar-nos nesta hora difícil. A última informação recebida por um dos secretários é que a Junta se encontrava com problemas financeiros e que havia outros empecilhos quanto à nossa ida para Ioruba. Estou muito triste porque a porta se fechou tão cedo. Esta maneira de dizer é muito fraca para expressar o meu desapontamento. A convicção do dever e o desejo de fazer esse trabalho missionário, tem-nos dado muita paciência e perseverança nos árduos deveres de uma vida de colégio. Porém, a presente guerra e a situação perturbadora do nosso governo, junto com a desordenada hostilidade existindo agora entre as tribus Ioruba, tornam impossível a minha ida. Essas barreiras poderão ser removidas, porém, presumo que o serão num futuro distante.

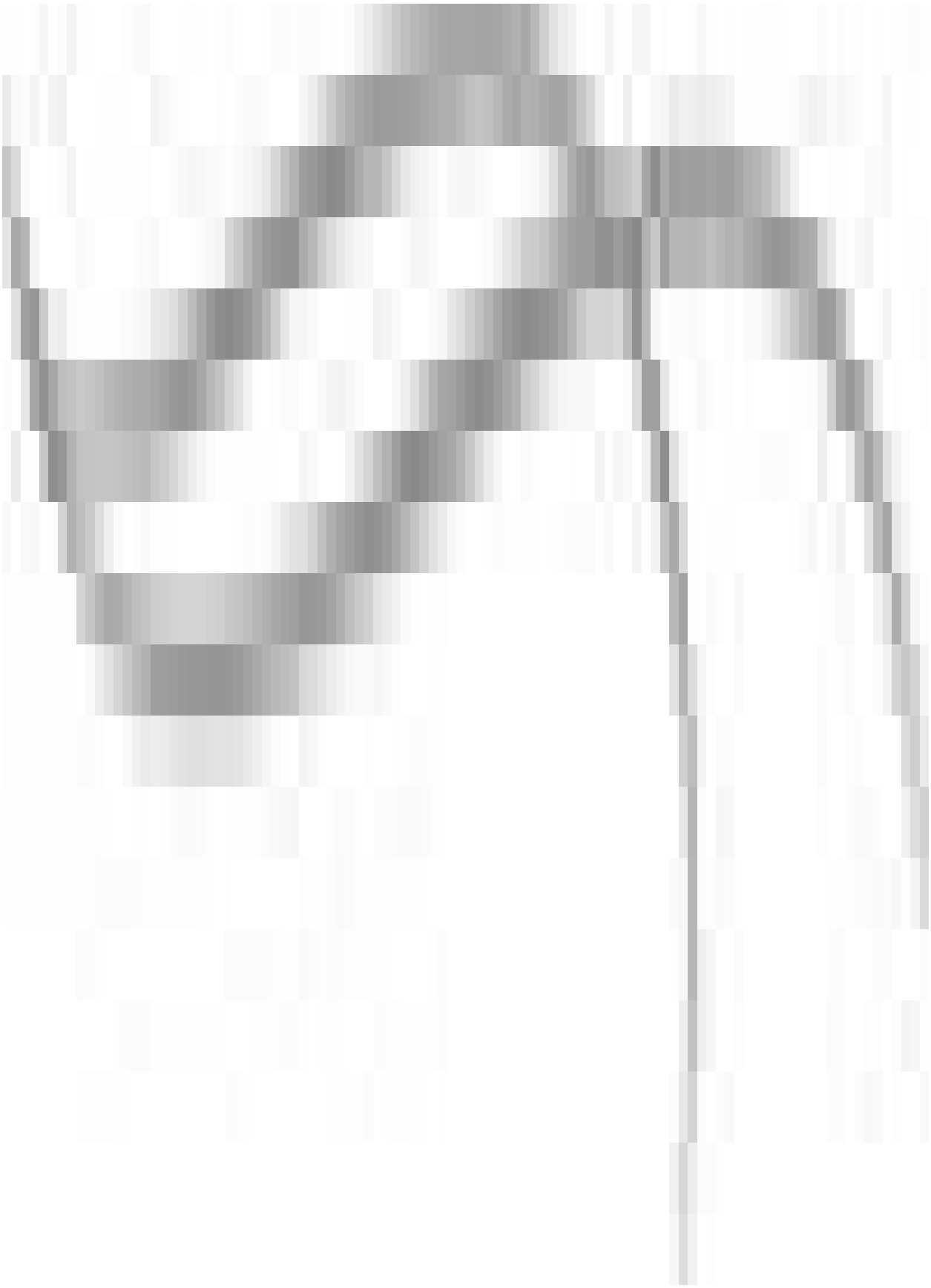
Agora creio que é melhor para a Causa do Redentor, pedir a minha renúncia da nomeação feita pelos irmãos e passar a trabalhar aqui mesmo no campo. Estou

indo hoje para um lugar que muito promete. Fica a oeste do rio Mississippi, perto da boca do rio Vermelho [Red River]. Nosso plano é constituir igrejas naquela região, onde elas não existam. Mui afetuosamente,

Richard Ratcliff.

P. S.: Nosso endereço será: ‘Red River Landing. LA. R.R.”

Essa carta só foi lida na reunião da FMB, realizada no dia 05.08.1861. Seu pedido tinha que ser considerado. Sua renúncia foi aceita. Não havia outra alternativa. Seu campo de trabalho, de sustento próprio, seria no Brasil, alguns anos depois!



Apesar do início da guerra, a Convenção Batista em Louisiana teria as suas reuniões. Assim, a 04.05.1861, Ratcliff, o Dr. W. C. Crane e outros foram nomeados por sua igreja, como mensageiros àquela Convenção.

A 25.07.1861, Ratcliff escreveu outra carta à FMB. Estava em Bayou Letsworth, não muito distante de Simmesport, na confluência dos rios Vermelho e Mississippi. Dizia ele:

"Acabo de receber o primeiro exemplar do "The Commission", desde que aqui cheguei. Não posso bem expressar o que essas páginas me fizeram sentir. A força da associação leva-me ao passado, quando entrei em contato com a Junta e, no ardente desejo que eu tenho alimentado por tanto tempo, de pregar aos povos pagãos. Desde a minha saída de Monte Líbano, meu tempo e energias têm sido usados sem reservas, na experiência de construir a Causa do Redentor neste vasto e negligenciado campo.

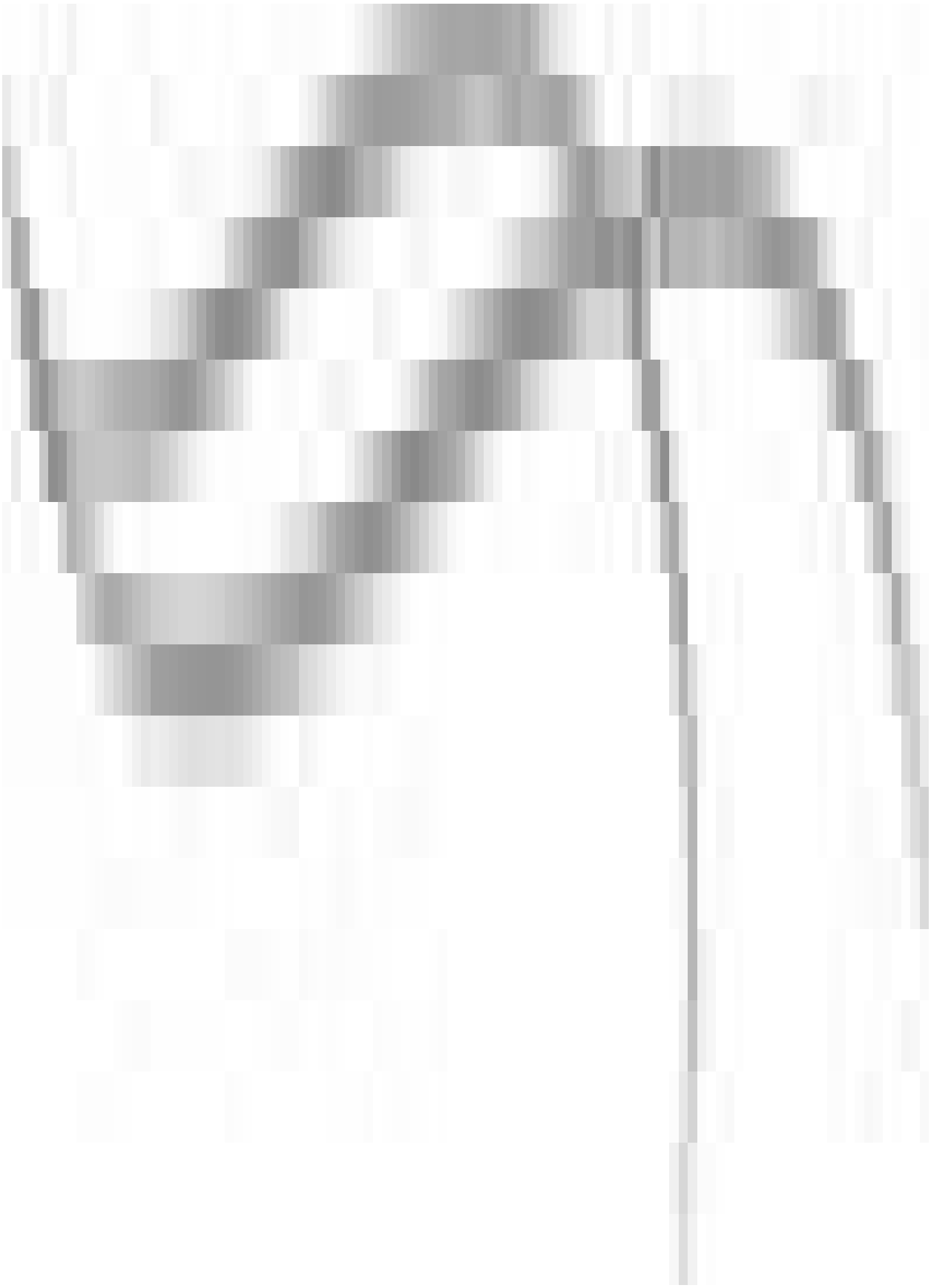
Nas minhas viagens, através destas terras pantanosas e extensas fazendas, encontro muitos batistas que têm gasto anos aqui, sem qualquer conexão com igrejas. Seus filhos têm crescido longe delas, desconhecendo até as ordenanças de Cristo. Outros estão despertados para as suas responsabilidades e desejam organizar igrejas. Espero ser capaz de fazer este trabalho, começando no próximo mês ou, no máximo, daqui a dois meses.

Estas coisas, de uma grande amplitude, têm mantido a minha mente fixa sobre um campo estrangeiro com os seus planos de trabalho. Ó, eu não devo dar vazão aos meus antigos sentimentos! Meus interesses agora estão aqui. (...)

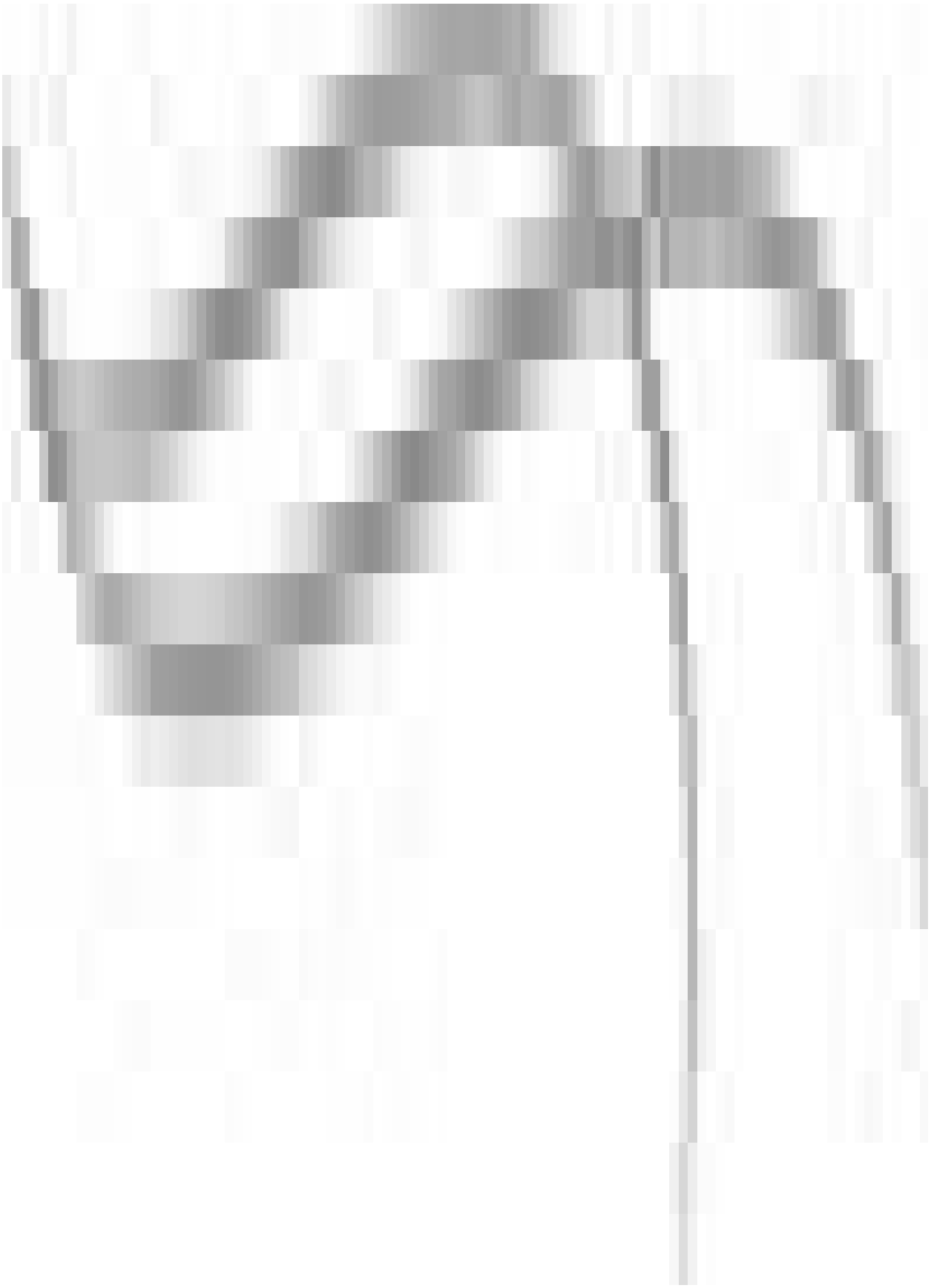
Minha saúde nunca foi tão boa. Quanto mais viajo no lombo do cavalo ao longo desses quentes pântanos e através destes caminhos empoeirados, mais forte eu me torno. Seu em Cristo,

Richard Ratcliff

P.S.: Por favor, diga-me, o que a Junta fez com o meu pedido de renúncia? R.R”

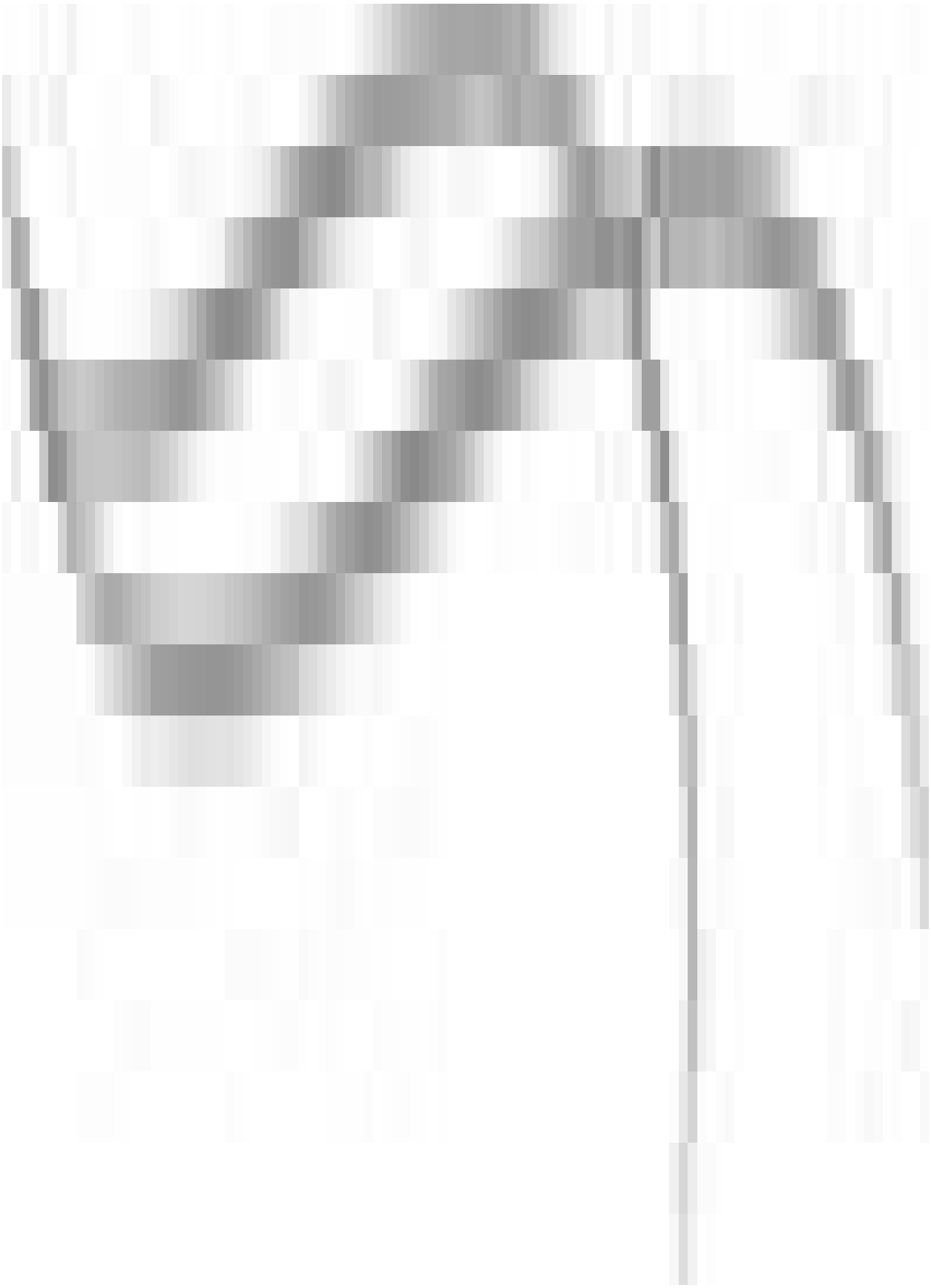


A 03.08.1861, a Igreja Monte Líbano concedeu-lhe carta demissória [transferência] para outra igreja, cujo nome o secretário não registrou! Teria sido para Beulah, em Cheneyville, naquele mesmo Estado?

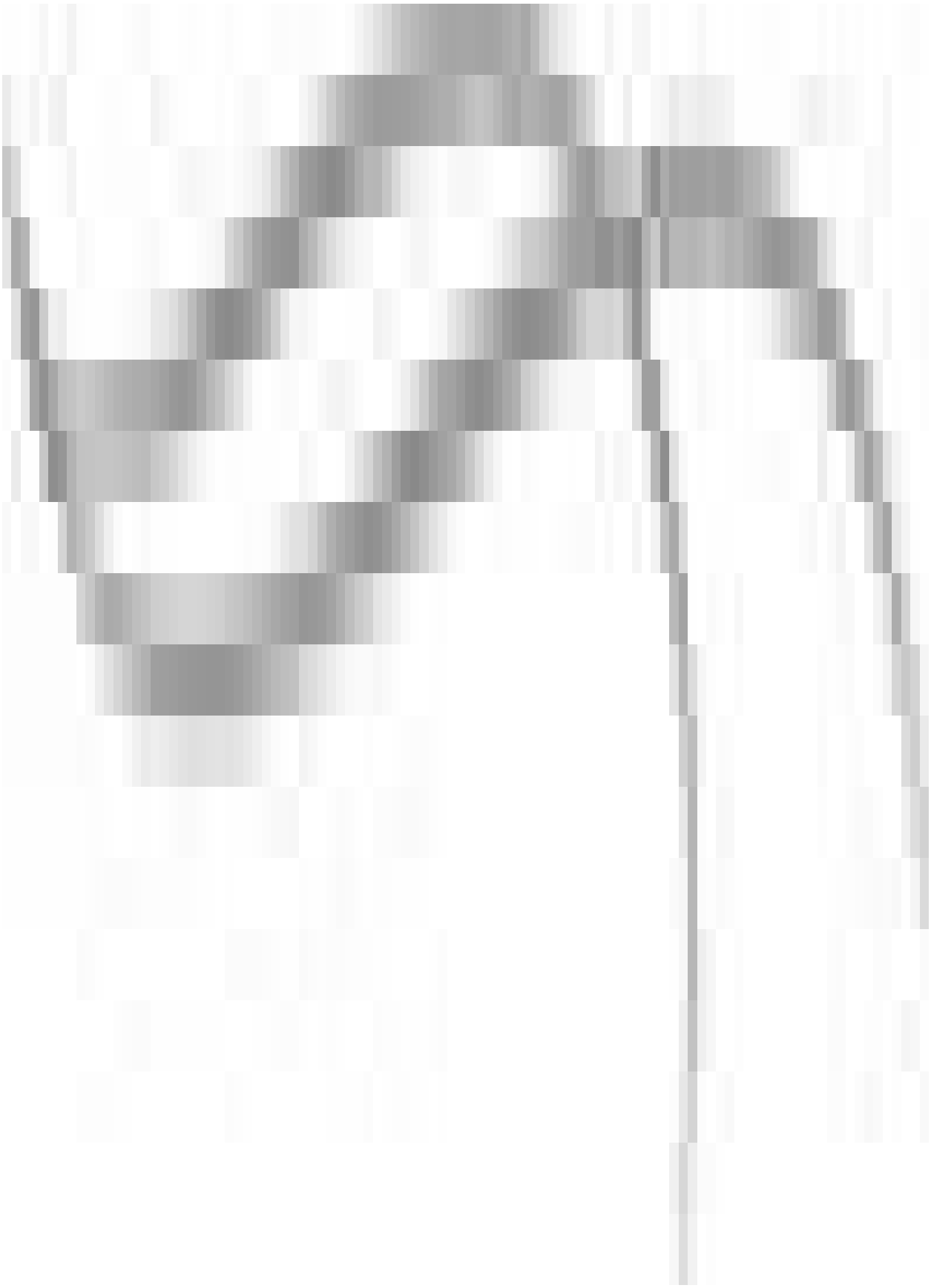


Ratcliff e seu irmão Isaías alistaram-se, como soldados, para a Guerra Civil, a 25.02.1862! Tornaram-se membros de uma Companhia Independente da Cavalaria, “The Mindem Rangers”, sob o comando do capitão Webb. Os planos de Richard, por mais um período, estavam mudados outra vez!

Durante as operações de guerra, Ratcliff foi aprisionado pelo inimigo. A guerra terminou a 09.04.1865. Ele foi solto sob palavra, a 11 de maio seguinte. Assim, no fim desse mês, ele e seu irmão Isaías retornaram aos seus lugares de trabalho. Richard foi para Point Coupèe, no sul de Louisiana, onde estivera antes de alistar-se.[18]

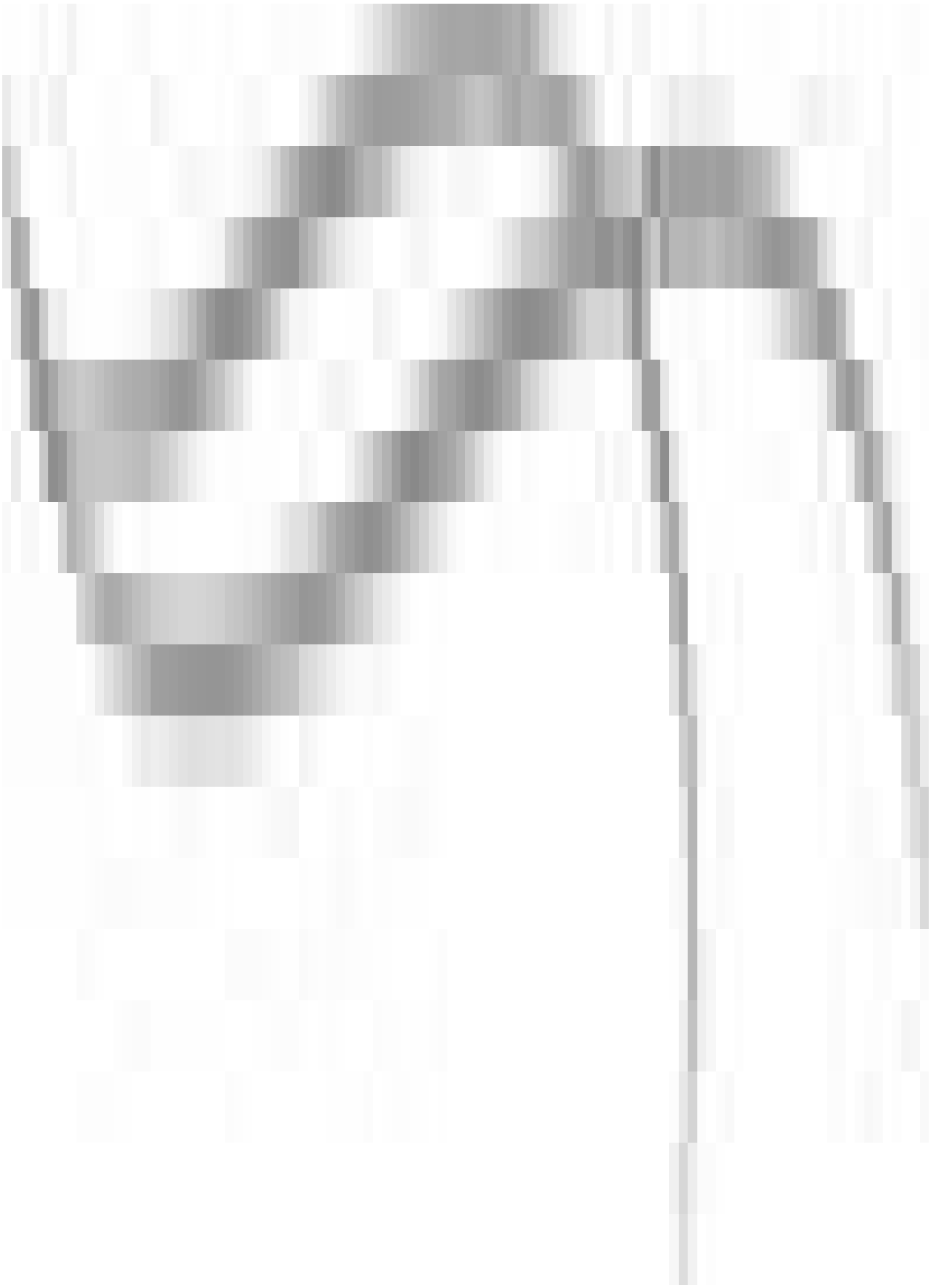


Com a guerra, as autoridades do governo requereram o uso da Universidade Monte Líbano para instalar ali um hospital. O Dr. W. C. Crane, que ainda era o seu presidente, retirou-se para o Texas. Corria então o ano de 1863. Dr. Crane tornou-se o presidente da Universidade Baylor, em Independence, Texas. Anos mais tarde, ele e Richard Ratcliff estariam juntos outra vez, então no Estado do Texas.



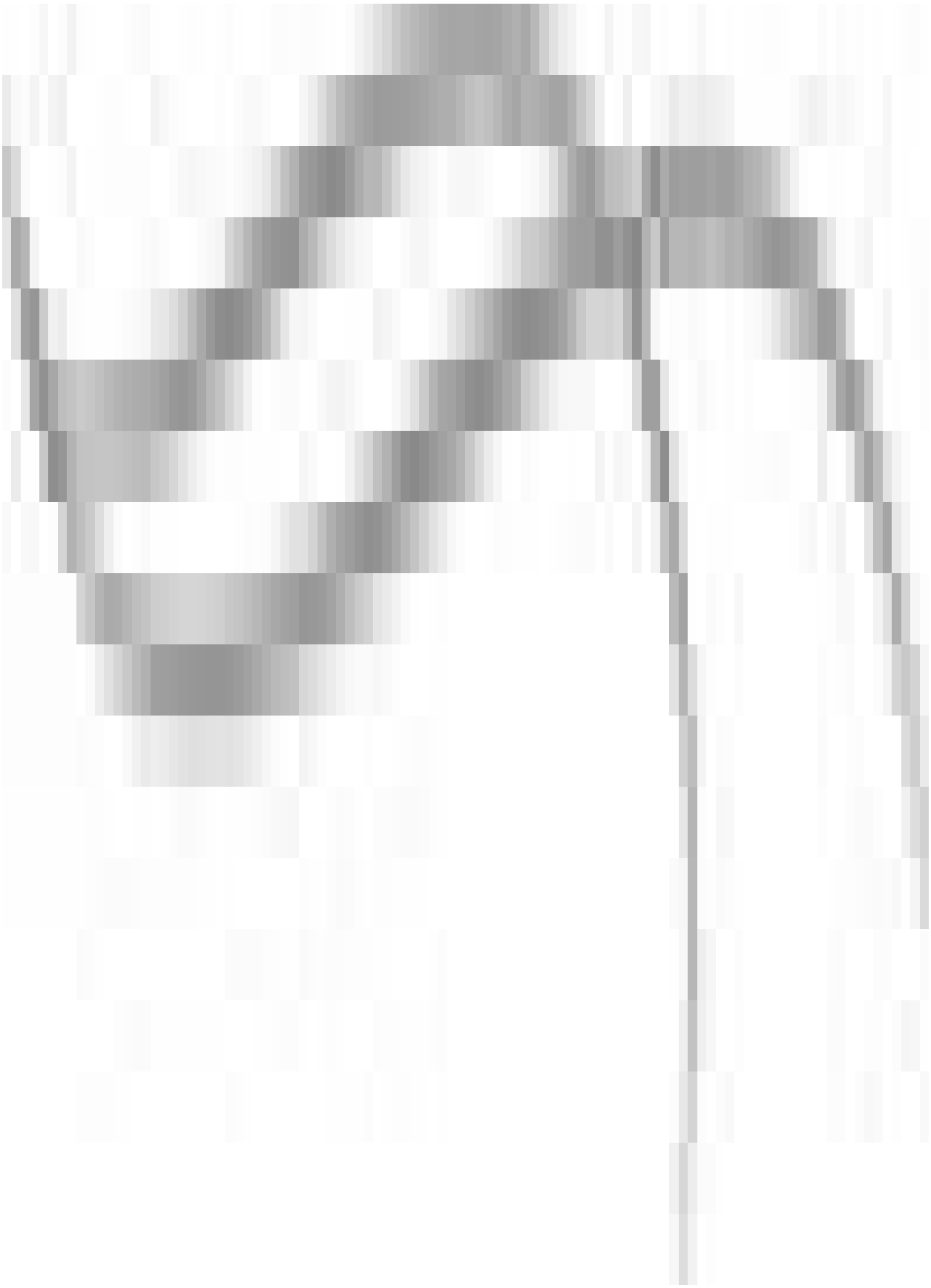
Temos a impressão de que Ratcliff iniciou o seu romance com a jovem Eunice Providence Hetherwick desde quando ele foi para Bayou Letsworth, perto de Simmesport. Os pais e avós de Eunice possuíam propriedades naquela região. Seus pais eram William Hetherwick, escocês, e Mary Matilda Tanner, filha de Robert e Providence (Robert) Tanner, de ascendência alemã. Eunice nasceu a 07.02.1843, provavelmente na periferia de Cheneyville, paróquia de Rapides, LA. Ao todo eram 14 os filhos de William e Mary Matilda Hetherwick. Uma irmã de Eunice, Elisabeth, seria a esposa de John Conrad Kennerly, que, em 1871, viria para o Brasil.

Em 25.03.1816, Robert e Providence Tanner e mais cinco outros batistas haviam fundado a Igreja Batista Beulah, em Cheneyville, onde residiam. O pastor era estimado por todos os membros da família. Essa igreja tornou-se líder no trabalho da denominação. Com muito prazer hospedou a Convenção do Estado, em 1859. Ratcliff era um dos mensageiros a essa Convenção, como membro da Igreja Batista de Monte Líbano.

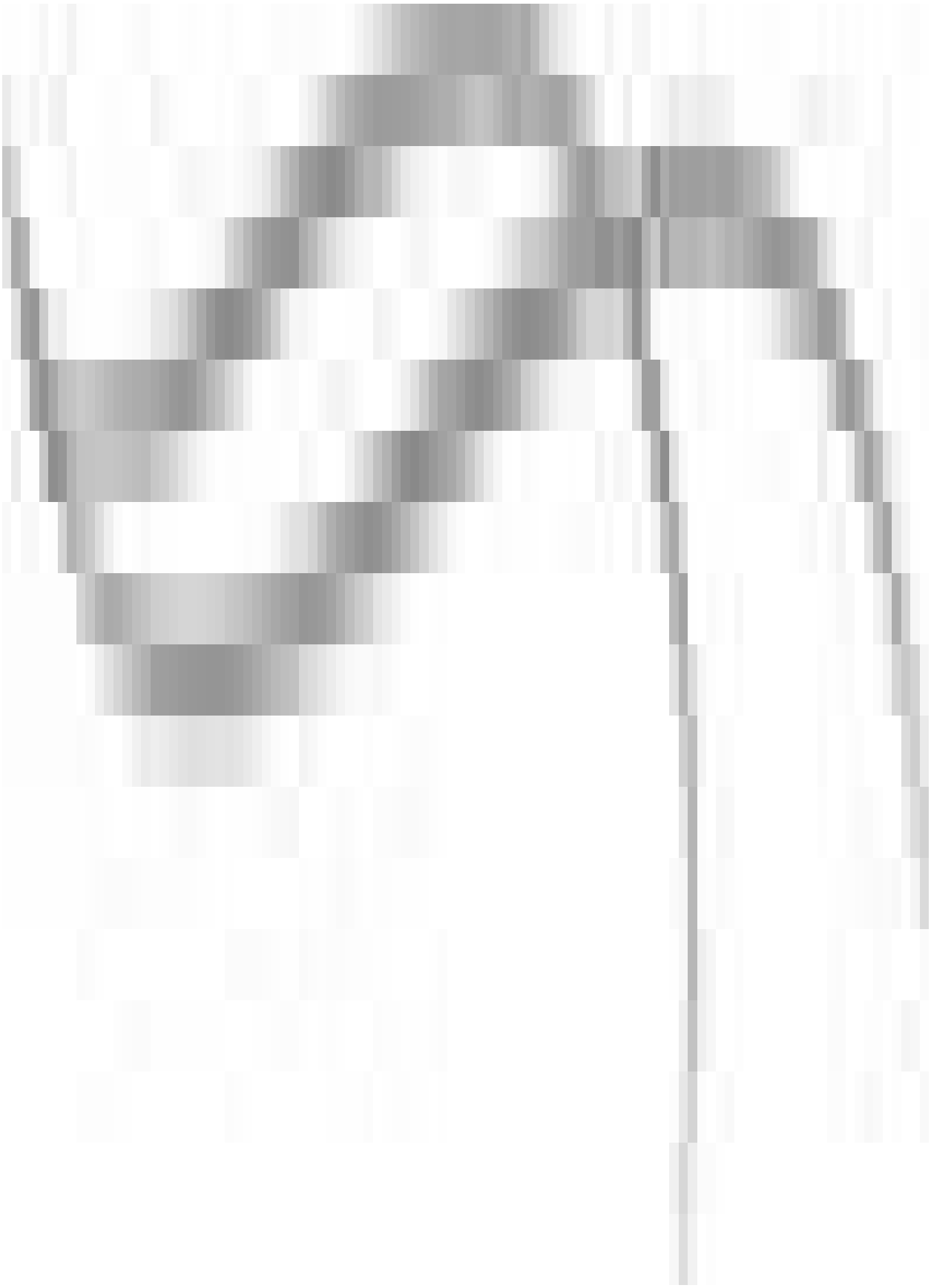


Entre os 36 membros escolhidos como representantes das igrejas para a constituição da Primeira Associação de Igrejas Batistas do Estado, a 31.10.1818, estava o avô de Eunice, Robert Tanner. [19]

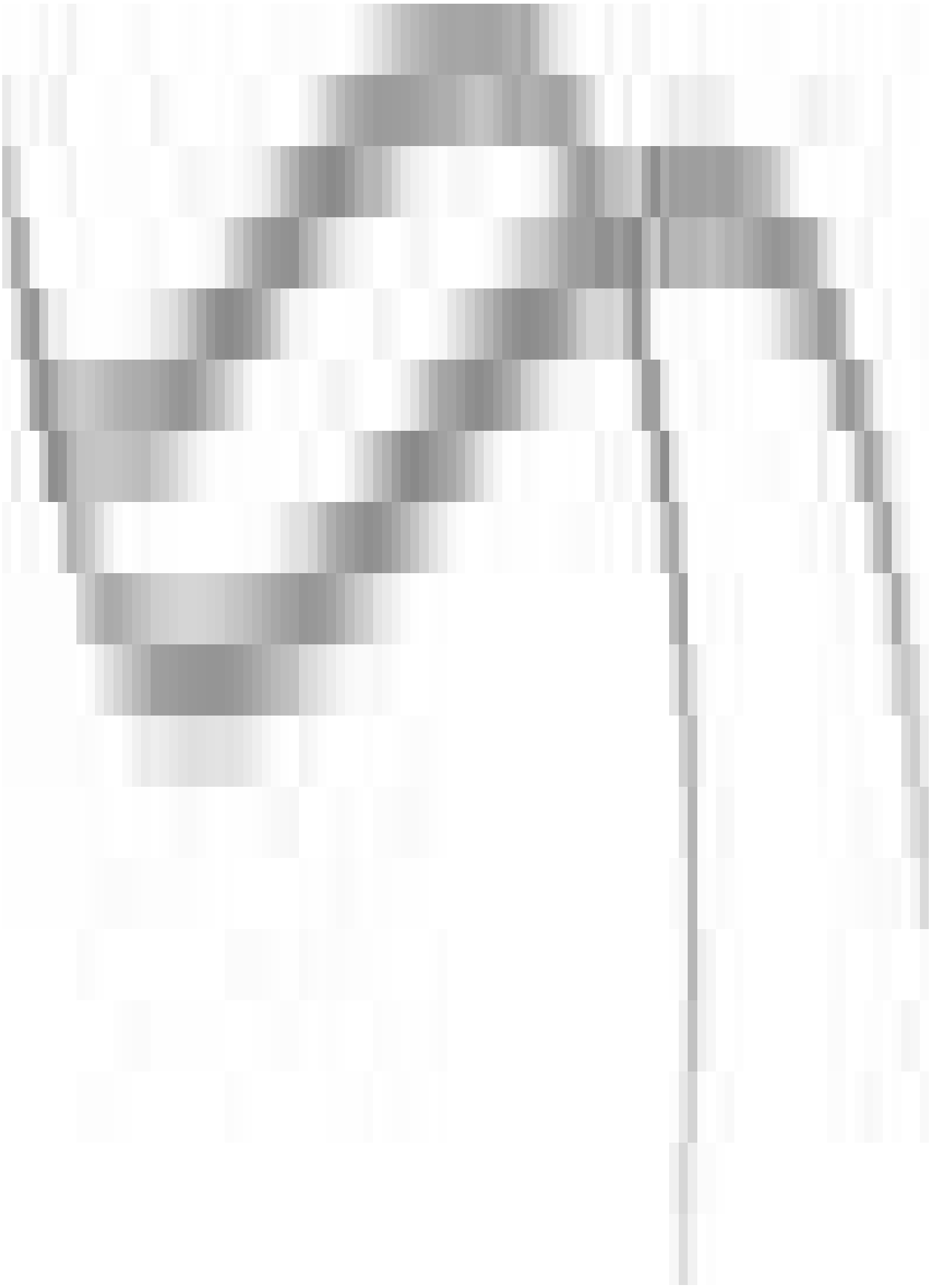
Pode-se assim perceber que os avós e pais de Eunice estavam num ambiente sadio e de boa formação religiosa. Os pais de Eunice enfrentaram problemas de ordem doutrinária, porém, mesmo labutando em outra área, continuaram firmes na fé e deram aos seus filhos a base necessária para o seu viver cristão.



Todos os acontecimentos dirigiram-se para um ponto: dois jovens se amavam! O casamento de Richard Ratcliff e Eunice Providence Hetherwick foi marcado para ser na casa de Mary Mathilda Hetherwick, mãe de Eunice. De acordo com a certidão de casamento, podemos concluir que o pai de Eunice já era falecido. O casamento realizou-se a 22.02.1866. Uma das testemunhas foi John Conrad Kennerly, cunhado de Eunice. (Ver Parte E - fac-símile da Certidão na pág 691 , Imagem E79)



Temos idéia de que Ratcliff deixou o seu trabalho em Point Coupèe e veio residir em Simmesport, um pouco mais ao norte. Entrementes, desde o final da guerra, esboçava-se o movimento emigratório para o México, para o Brasil e outros lugares. Os agentes aliciando emigrantes foram surgindo em vários Estados do Sul. A Legação do Império do Brasil, em Nova York, e os agentes consulares em diversas cidades tiveram o seu trabalho aumentado. Entre estes estavam o de Nova Orleans, na LA., e Galveston, no TX. O cônsul brasileiro, em Nova Orleans, além da propaganda que fazia sobre o Brasil, era o intermediário dos prováveis emigrantes entre os escritórios diplomáticos de Nova York e o governo do Império, no Rio de Janeiro.



Ratcliff deve ter sido alcançado, então, por essa propaganda. No meado de 1866, havia dois fortes agentes de emigração em Nova Orleans, sendo eles o Rev. Ballard Smith Dunn, ali residente, e o Major Frank McMullan, do Texas, transitando entre Galveston e Nova York.

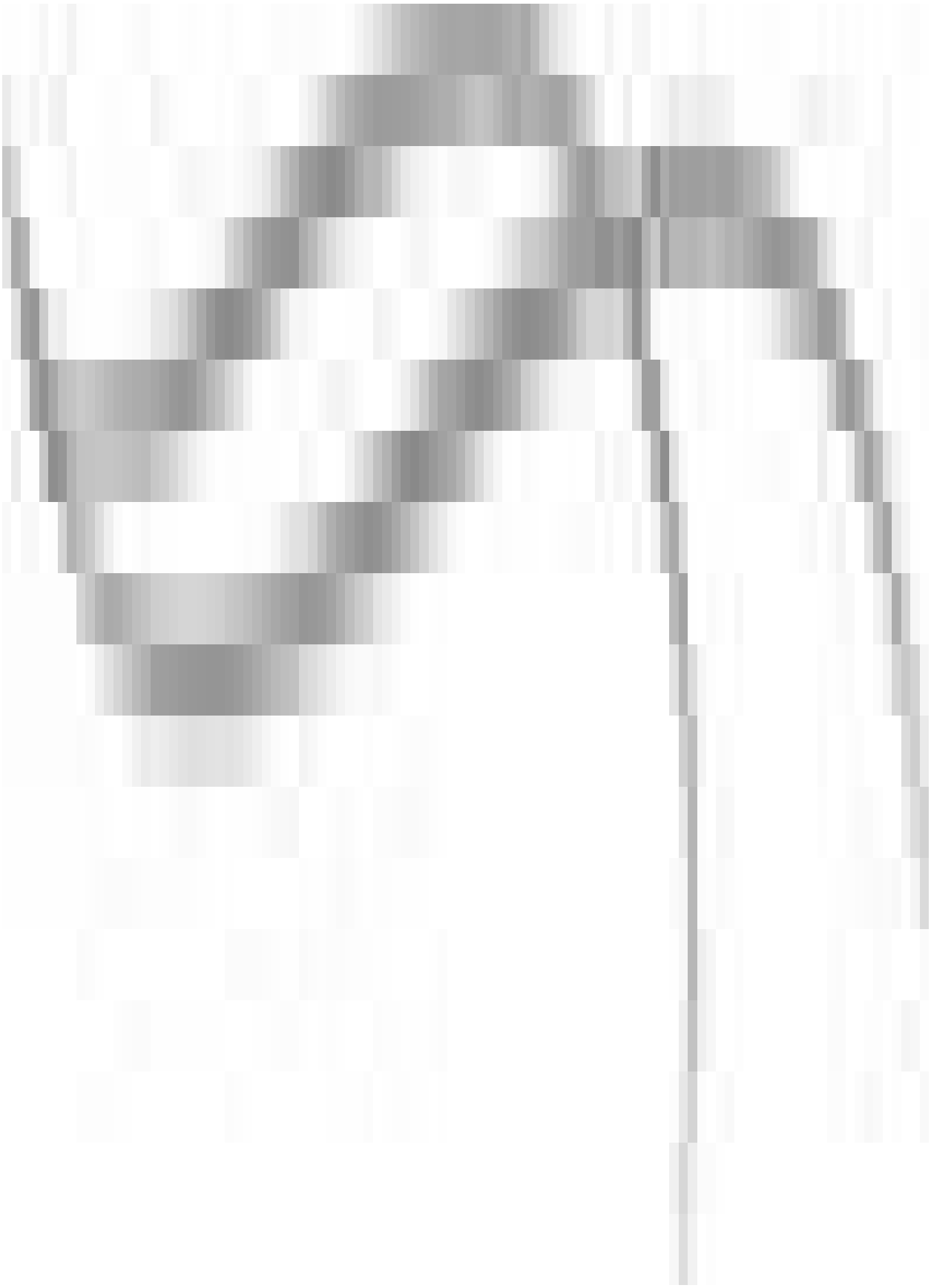
É bem provável que já nessa altura Ratcliff estivesse decidido a ocupar algum outro campo missionário, que não a África. Esse seu pensamento parece que estava sendo acalentado no seu coração, desde mesmo antes de alistar-se para a guerra. (Item 3, de sua carta de 25.07.1861.) É certo que também ele estava mantendo correspondência com o seu pai na fé, T. J. Bowen, desde quando este ainda se encontrava na África, como também durante o tempo no Brasil, e já de volta à Georgia. Ratcliff estava acompanhando o caminho de Bowen e, assim, o Brasil entrou nas suas cogitações como um campo missionário. Estas são deduções da autora, que montam em evidências.

Sem dúvida, a 14.10.1866, Ratcliff e Eunice ainda residiam em Simmesport, LA., mas já estava decidida a vinda para o Brasil, com o grupo de McMullan. Temos sua própria palavra, consoante sua carta à FMB, da data acima, quando diz:

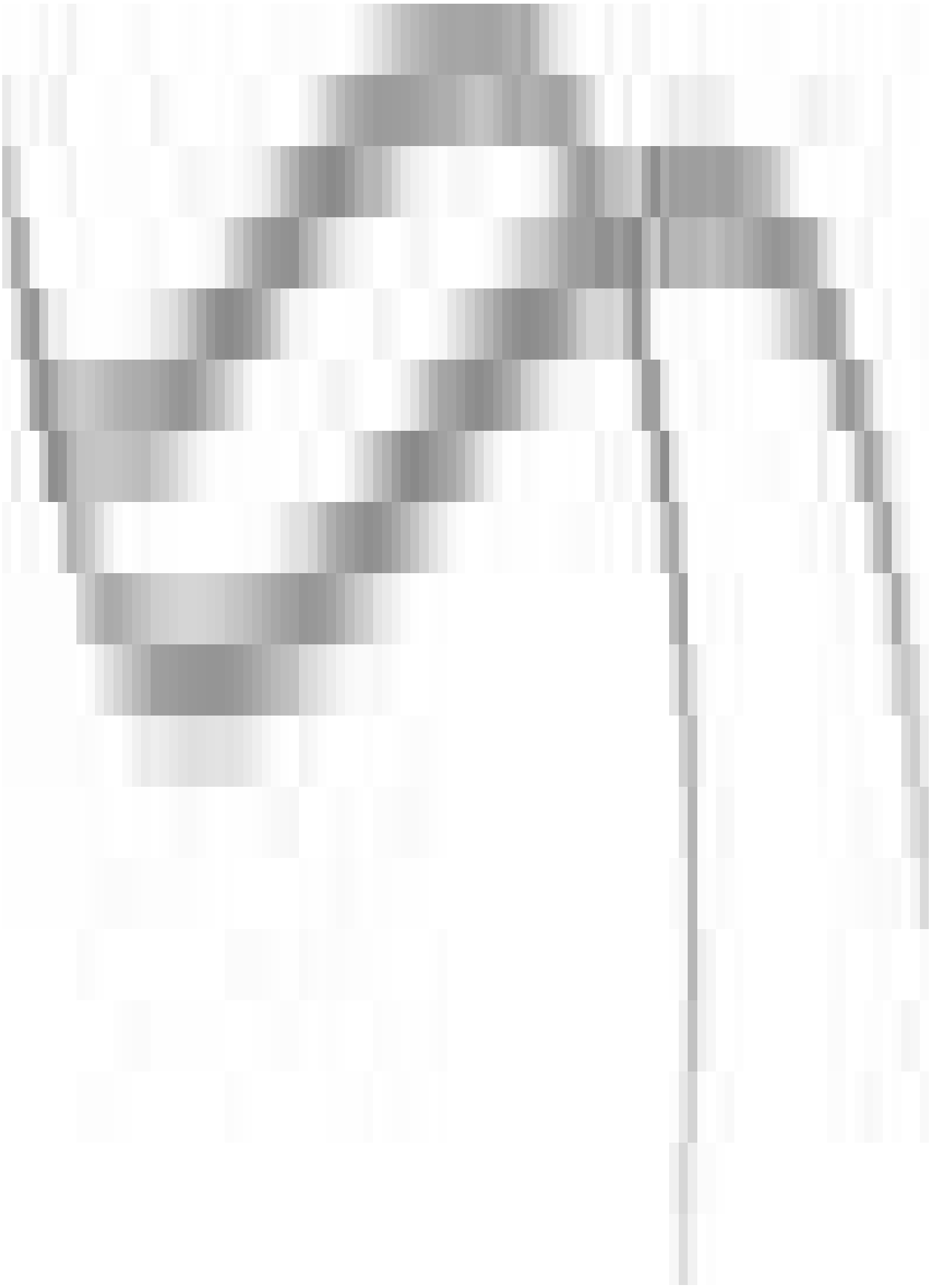
"... Se eu puder fazer algo por Cristo, em nome da Junta, alegremente assim farei, com a sua anuência. Não peço sustento para mim, mas sinceramente suplico a sua cooperação. Eu sei, pela informação do irmão Bowen, que a Junta pensou, ao tempo, não ser viável ou aconselhável, o estabelecimento de uma Missão no Brasil. Porém, tudo agora deve ser muito diferente, com a emigração lá. (...). Há uns cinco anos que não tenho notícias daí, nem de alguns irmãos. Em maio de 1862, passei a servir no Exército, até maio de 1865, quando fui dispensado. Retornei a Point Copèe, ao meu antigo trabalho. Mas percebi que o povo sentiu-se desmoralizado de como terminou a guerra, perdendo o interesse sobre o que eu mais tinha esperança. (...) E em aqui chegando casei-me com a Sta. Eunice P. Hetherwick, que irá comigo."

No seu costumeiro "P.S." ele pedia uma resposta urgente, mas, concluímos que a

FMB não nomeou Richard Ratcliff como seu missionário para o Brasil.

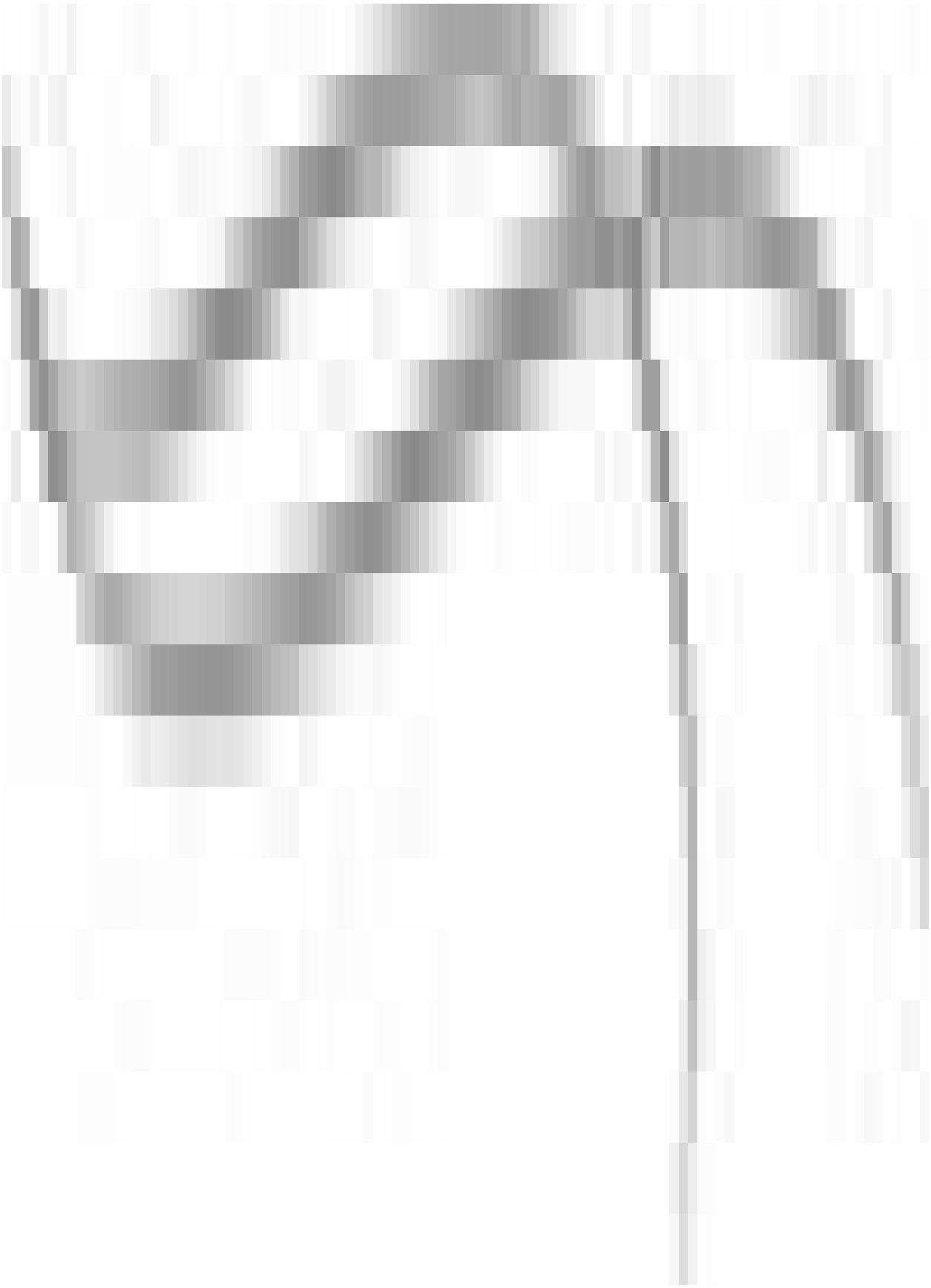


Ainda não descobrimos a razão exata de Ratcliff ter ido juntar-se ao grupo de McMullan, em Galveston, Texas, quando o grupo do Rev. Ballard S. Dunn estava de saída do porto de Nova Orleans, em LA., tão mais próximo de onde estava morando. Talvez Eunice desejasse visitar a sua irmã Mary, e cunhado Thomas Toller, residindo em Galveston.



São óbvias as razões da vinda de Ratcliff para o Brasil, conforme se pode depreender do que temos escrito aqui.

As adversidades e os planos baldados não foram capazes de arrefecer o ânimo de Richard Ratcliff. O Senhor Deus estava preparando o seu caminho rumo ao Brasil. Vários servos de Deus deram apoio salutar para a sua formação cristã e ministerial. Seus familiares, de uma fé genuína, souberam cultivar no coração do jovem Richard, a chama de missões que ele mantinha em seu coração, desde a sua adolescência. Sua igreja e a Universidade deram-lhe a inspiração, e Deus estava com ele. Por isso o chamou para o trabalho.



Depois da carta de 14.10.1866, enviada à FMB, Richard e Eunice juntaram os seus poucos pertences e dirigiram-se para Galveston. Uniram-se ao grupo que ali se formava, sob a direção do dinâmico Frank McMullan e que viajaria para o Brasil. No porto de Galveston, por fim, foram tomadas as naturais providências. Obstáculos inesperados retiveram o grupo por cerca de um mês. Finalmente, todos tomaram os seus lugares numa embarcação fretada, de nome “Derby”. Essa viagem viria a ser uma epopéia. Com 150 passageiros, a embarcação só levantou âncora no dia 24.01.1867.

Para Eunice, com 24 anos de idade e grávida, não seria fácil viajar nas precárias condições em que a jornada ocorreria. [20] (Ver pág. 658, Imagem E4)

Quando o “Derby” chegou perto de Cuba, os ventos fortes sopraram. As ondas do mar cresceram, ameaçadoras. O naufrágio era iminente. A nau foi levada pelos ventos e jogada na costa pedregosa da ilha. Todos se salvaram. Boa parte da bagagem perdeu-se para sempre!

Os cubanos socorreram carinhosamente todos os passageiros. Dias se passaram, até que outra embarcação foi enviada para levá-los, já do porto de Havana, para Nova York. Ficaram ali outros tantos dias. O navio “North America”, da linha regular de navegação, recebeu-os, além de outros passageiros, para a viagem com destino ao Rio de Janeiro. Segue a tradução de uma carta de Richard Ratcliff:

“New York, 21 de abril de 1867

Dr. W. Carey Crane — Independence, Texas

Meu prezado irmão e antigo preceptor:

Por certo ficará pasmado ao ler esta carta. Não lhe posso dar agora todos os pormenores por que aqui estamos. Embarcamos em Galveston a 26 de janeiro,

com 150 passageiros. A 10 de fevereiro, sofremos naufrágio e fomos bater nas rochas da costa de Cuba, a 25 milhas oeste de Havana. Mas todos nós fomos salvos para a terra. O navio foi completamente destruído. A maior parte da bagagem foi materialmente prejudicada e outra parte inteiramente perdida.

Perdi cada livro de minha biblioteca e quase tudo que eu havia ajuntado para a viagem. Em proporção, perdi mais do que todos os outros que estavam a bordo.

Não havia vapor para o Brasil e, então, a nossa pobreza era tanta que não podíamos fretar outra embarcação. Assim, o Sr. McMullan veio até aqui para que o Consulado Brasileiro providenciasse comunicar-se com os responsáveis do vapor "Mariposa", a fim de que ele nos recolhesse, na sua rota de Nova Orleans para Nova York. Deixamos Havana a 13 de março, esperando chegar aqui em tempo de embarcar a 22, pelo "Merrimack." Mas isso poderia ter ocorrido se não tivéssemos parado em Norfolk, VA, dia 18, para o embarque de carvão. Enquanto ali estávamos, veio uma tempestade de neve, de modo que ficamos no porto, por seis dias. Telegrafamos para que o "Merrimack" esperasse. Aguardaram-nos por três dias. Porém, nós o perdemos. Fomos compelidos a esperar pelo "North America", o qual sairá amanhã. [Este chegou ao Rio de Janeiro no dia 20.05.1867. — Vieram 277 emigrados, além de outros passageiros. — MPRJ, p. 40.]

Há uma linha de navios daqui para o Rio, com saída a cada 22 do mês. O consulado tem a autoridade de nos embarcar em qualquer porto dos EUA, como emigrantes para o Brasil, e nos mandar sem qualquer pagamento até o terceiro ano. Como nós não estávamos nos EUA, ele disse que não tínhamos esse direito. Porém, como nós já tínhamos embarcado, ele tomou a responsabilidade, sendo nós agora dependentes dele. Para o frete do "Derby", pagamos quase 9 mil dólares. Tudo isto está perdido, exceto que o governo do Brasil nos deu esse crédito, mas, então, muitos dos colonos não têm siquer um dólar.

Os cubanos nos ajudaram enquanto em Cuba e, desde que aqui chegamos, o Sr. McMullan recebeu 381,90 dólares, enviados por eles. O povo aqui tem sido hospitaleiro para conosco nesta cidade, dando-nos provisões e dinheiro. Esse tratamento nos deixou com melhores sentimentos em relação a eles. (...) Tenho visitado diversos homens distintos e assistido a alguns cultos. Eles são mais liberais para com os sulistas, mais do que todos poderiam pensar.

Recebemos, de várias Sociedades Teológicas, Bíblias, Tratados e livros para

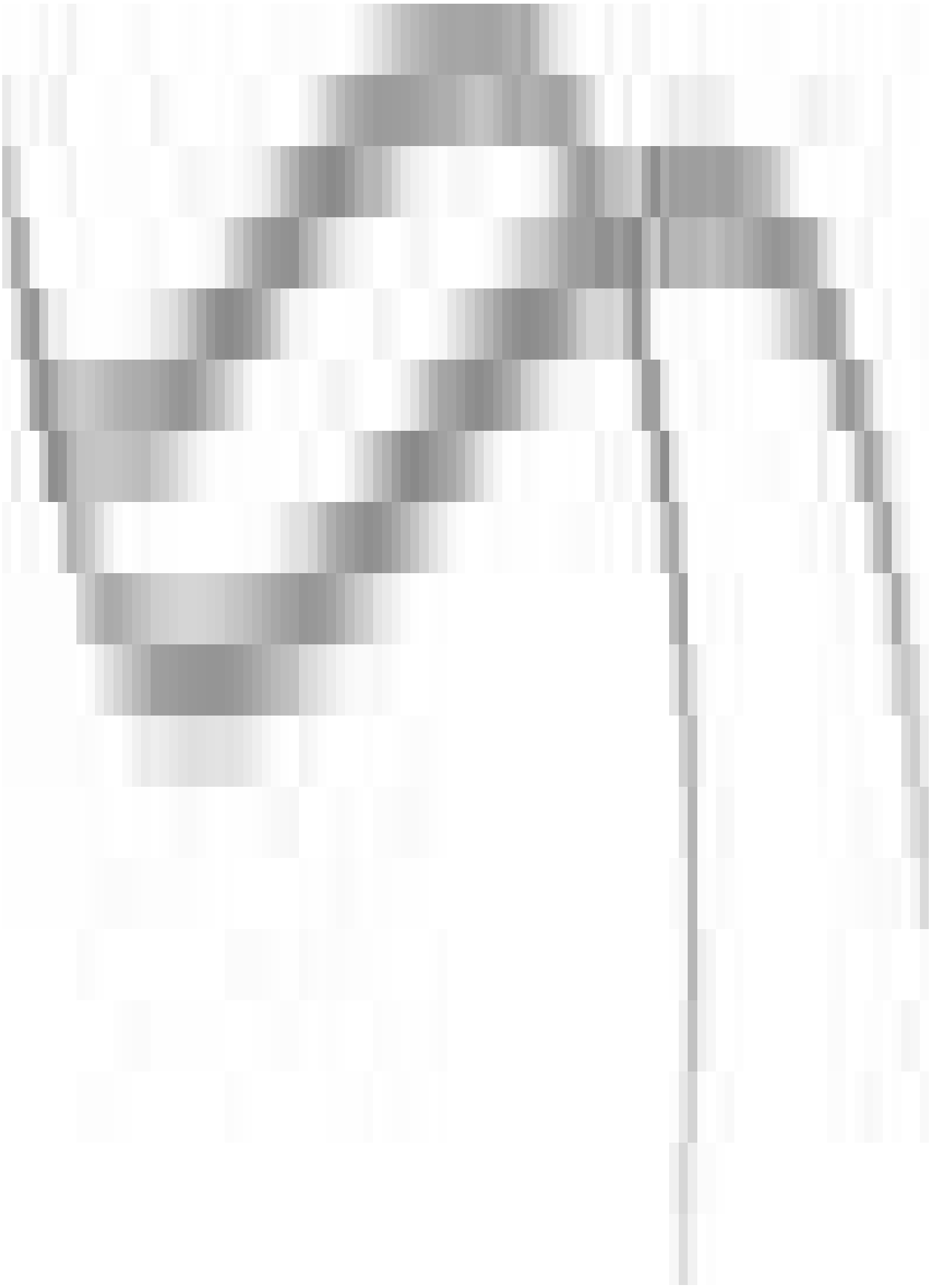
estudos dominicais, num valor de cerca de 170 dólares. Os Drs. N. L. Rice, W. A. Scott e W. R. Williams deram-nos livros de suas bibliotecas. Dr. Rice me fez presente de alguns valiosos livros em grego e hebraico.

O grupo de colonos do Dr. Gaston chegou aqui na semana passada e irá conosco no mesmo navio. Eles são da Georgia e Florida. Ainda não sei qual o número de batistas entre eles, mas, sabemos que há um ministro batista ou capelão (irmão Pyles).

Espero que o irmão, a igreja e todo o povo aí orem por nós. Muitas vezes temos pensado na sua promessa. Ela nos vem à mente sempre que nos lembramos do irmão.

Escreva-nos diretamente para Iguape, Brasil, a/c do Sr. McMullan. Seu em Cristo, Richard Ratcliff.

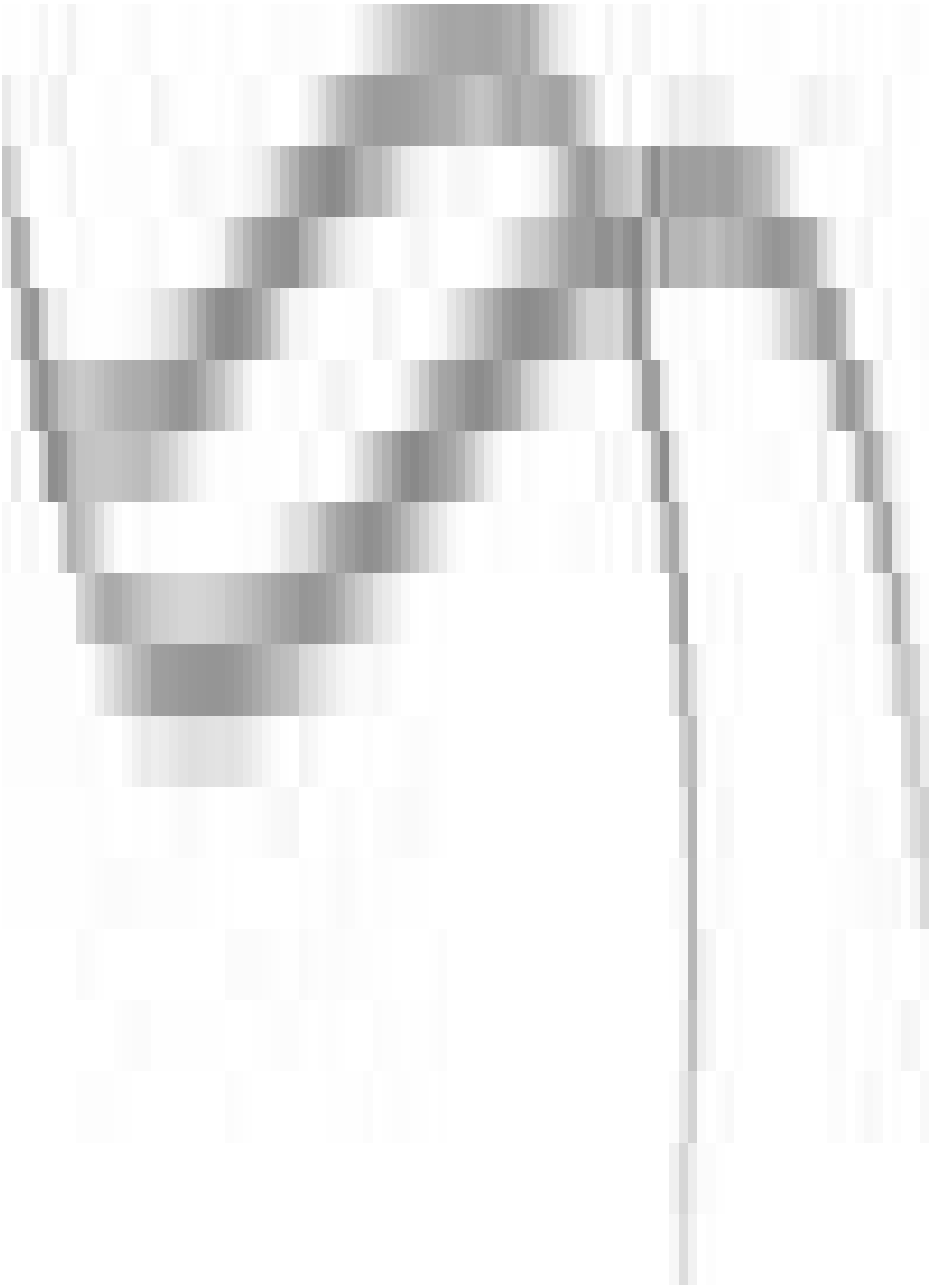
P.S.: Incluo nossas fotografias para serem dadas à esposa do Sr. Ben Roberts. R. R.”



De Galveston ao Rio de Janeiro, via Cuba e Nova York, numa viagem cheia de percalços, esperas e apreensões, o tempo gasto foi de 116 dias! O navio “North America” chegou ao Rio de Janeiro em 20.05.1867. Desembarcaram 277 emigrados dos EUA. Destes, os passageiros do “Derby” naufragado, incluindo o casal Ratcliff, viajaram para Iguape, SP, a 22.05.1867, pelo navio “Marmion”. [MPRJ, p.40]

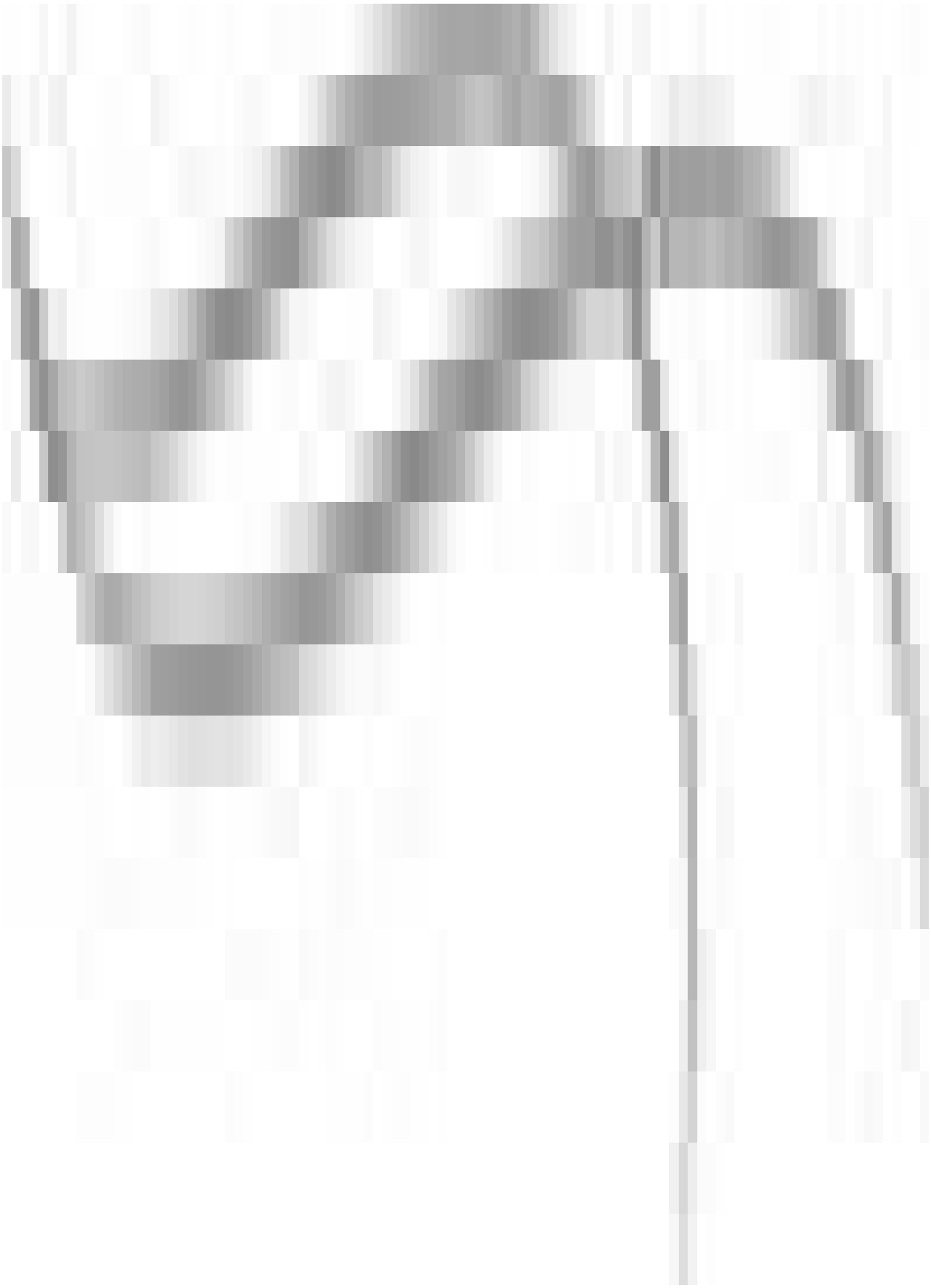
Em Iguape, o grupo dividiu-se prosseguindo viagem em embarcações pequenas, subindo o rio Iguape até a “casa do governo”, em Juquiá. Mas Eunice, esposa de Richard Ratcliff, sentiu os sinais de que a criança que trazia no ventre iria nascer. Assim, ela, o esposo, mais a Sra. Weingartner e filha deixaram o grupo e instalaram-se numa cabana à beira do rio. Essa senhora cuidou de tudo, mesmo longe de recursos médicos. Assim, num dos últimos dias daquele maio de 1867, nasceu Eunice Maud, a primogênita do casal Ratcliff.

Ratcliff, Eunice e Eunice Maud não chegaram a Juquiá. Decidiram ir para Santa Bárbara.

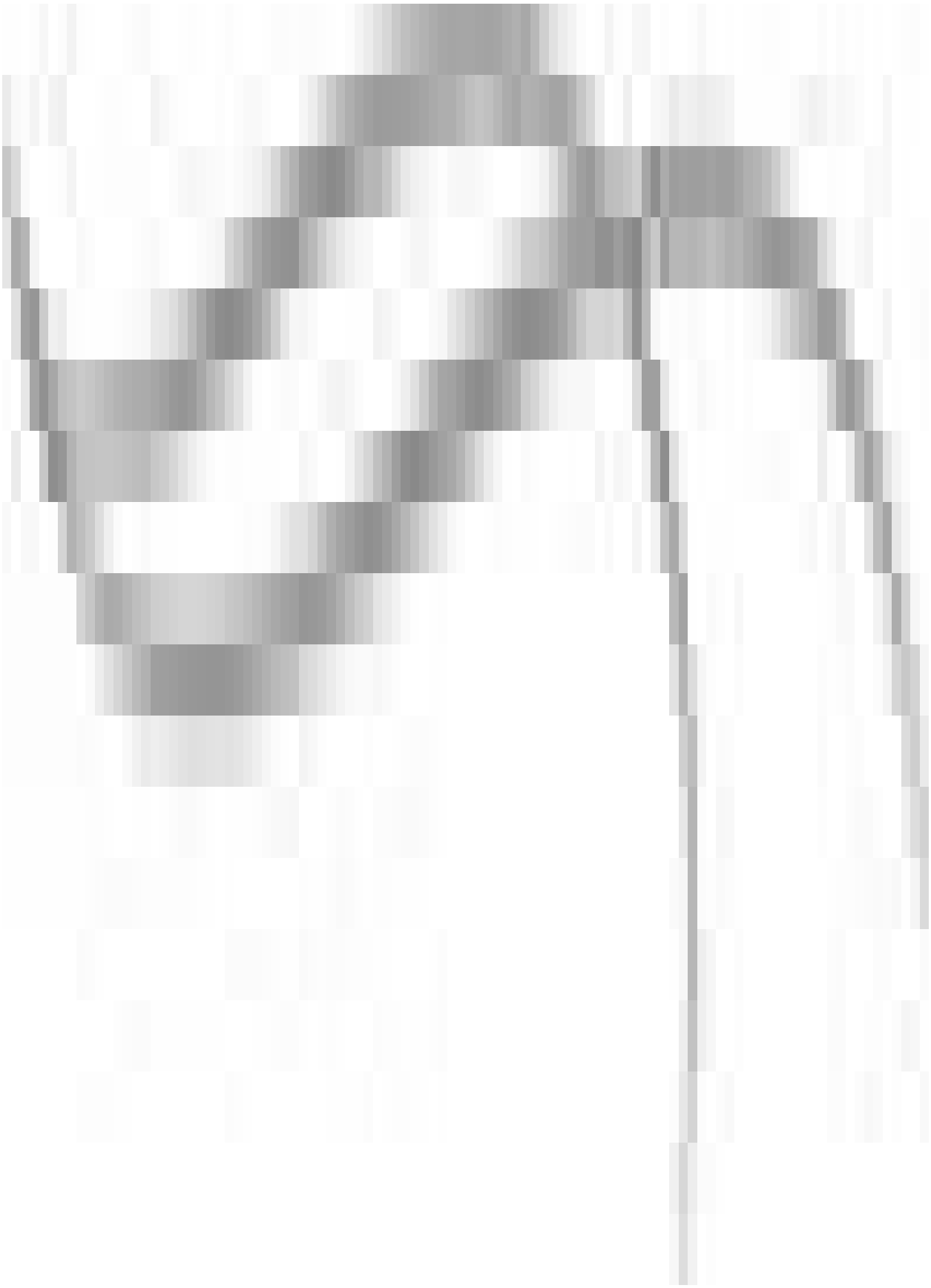


A 12.08.1869, Richard realizou o casamento de Martha Steagall e Robert Norris. [SD, p. 202] Duas semanas depois, oficiou o de Andrew Peacock e Lockie Triggs. Para que pudesse efetuar essas cerimônias, Richard já deveria ter-se registrado na Secretaria da Província, como pastor evangélico, de acordo com os decretos do Império, de 1861 e 1863. Como ainda não havia igreja batista organizada, o seu registro como ministro deve ter sido feito em Santa Bárbara ou Campinas, à vista da ata de sua consagração nos EUA. Ratcliff já deveria estar habilitado, conforme aqueles decretos determinavam. Mas não localizamos o registro.

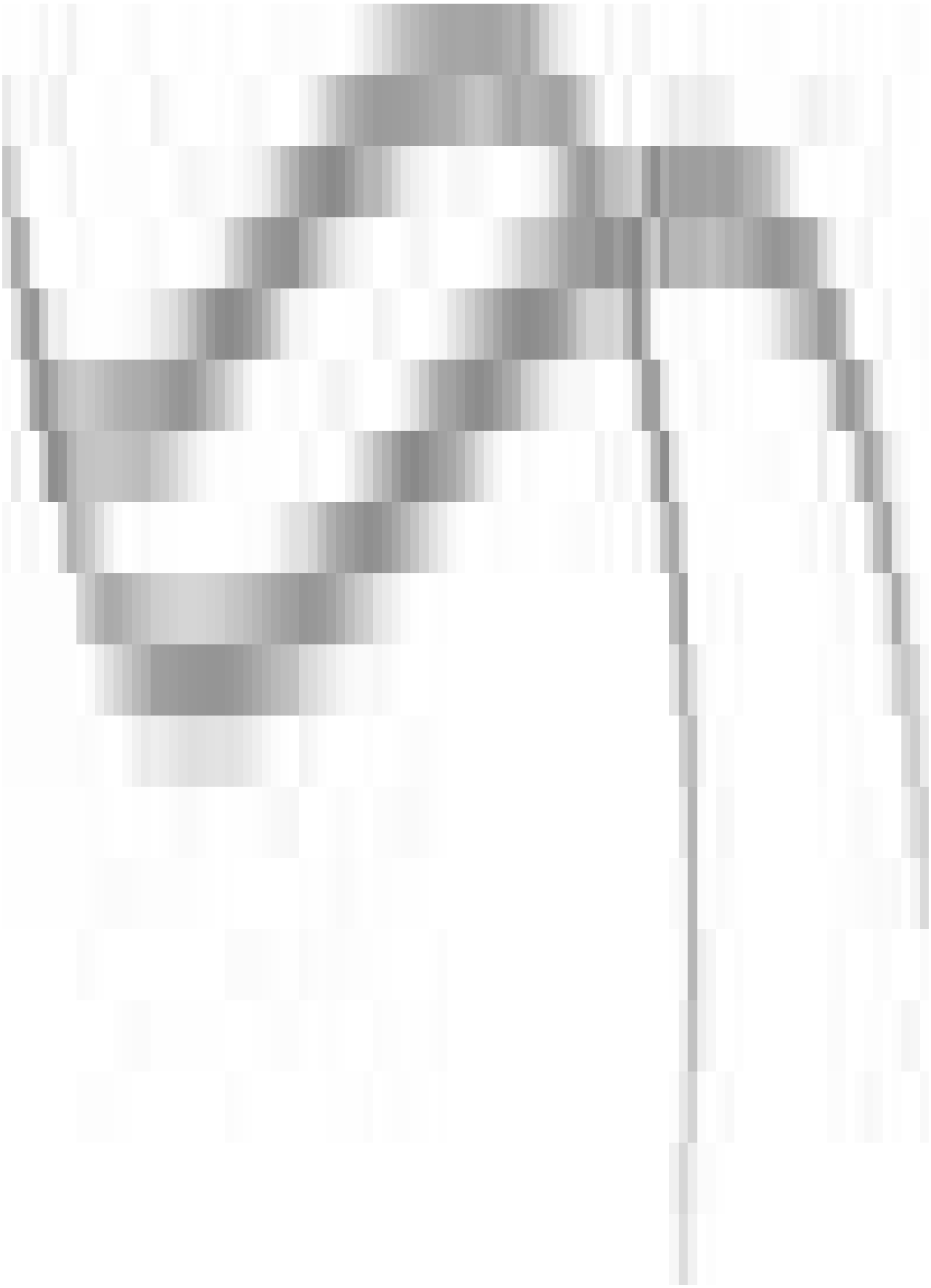
A mesma informação dada por Martha Steagall sobre o seu casamento, faz referência aos cultos realizados por Richard Ratcliff, todos os domingos, em casa do Sr. John A. Cole.



A 31.05.1871, Elisabeth, irmã de Eunice Ratcliff, chegou ao Rio de Janeiro com dois filhos pequenos e o esposo John Conrad Kennerly, procedentes da Louisiana, EUA. [MPRJ, p. 134]. Elizabeth estava grávida. Seguiram para Santa Bárbara. Ali as duas irmãs ficaram juntas outra vez.



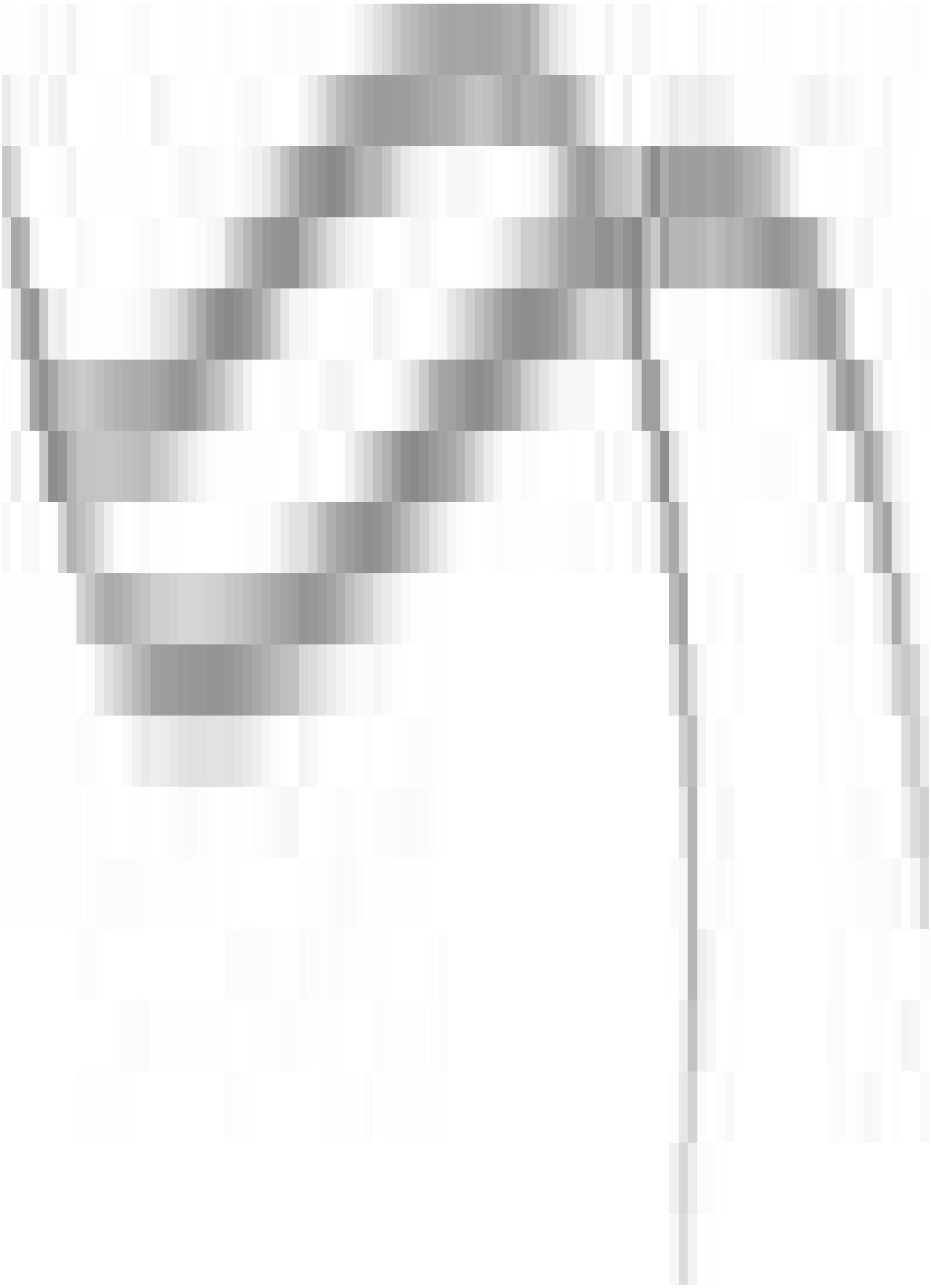
A 10.09.1871 foi organizada em Santa Bárbara, SP, a Primeira Igreja Batista no Brasil. O Pr. Richard Ratcliff foi o seu pastor fundador.



† Eunice P. Ratcliff faleceu em dezembro de 1876. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Desconhecemos a causa da sua morte. Deixou cinco filhos pequenos. É bem provável que tenha sido com o apoio de sua cunhada Elisabeth Kennerly, que Richard conseguiu permanecer um pouco mais no Brasil, depois da morte de sua jovem esposa, o tempo suficiente para que o pequenino caçula aprendesse a andar.

Assim é que, no início de 1878, ele tomou todas as providências para retornar aos EUA. Foi ao cartório, em Campinas, passou procurações para J. C. Kennerly, seu concunhado, a fim de cuidar do inventário de Eunice, da venda de sua propriedade e receber algum dinheiro dos que lhe deviam.[21]

Richard viajou para o Rio de Janeiro e daí, a 12.05.1878, para Nova Orleans, no cargueiro “Surprise”, sendo ele e os cinco filhos pequenos os únicos passageiros. [MPRJ, p. 231] A primogênita estava completando os seus 11 anos de idade.



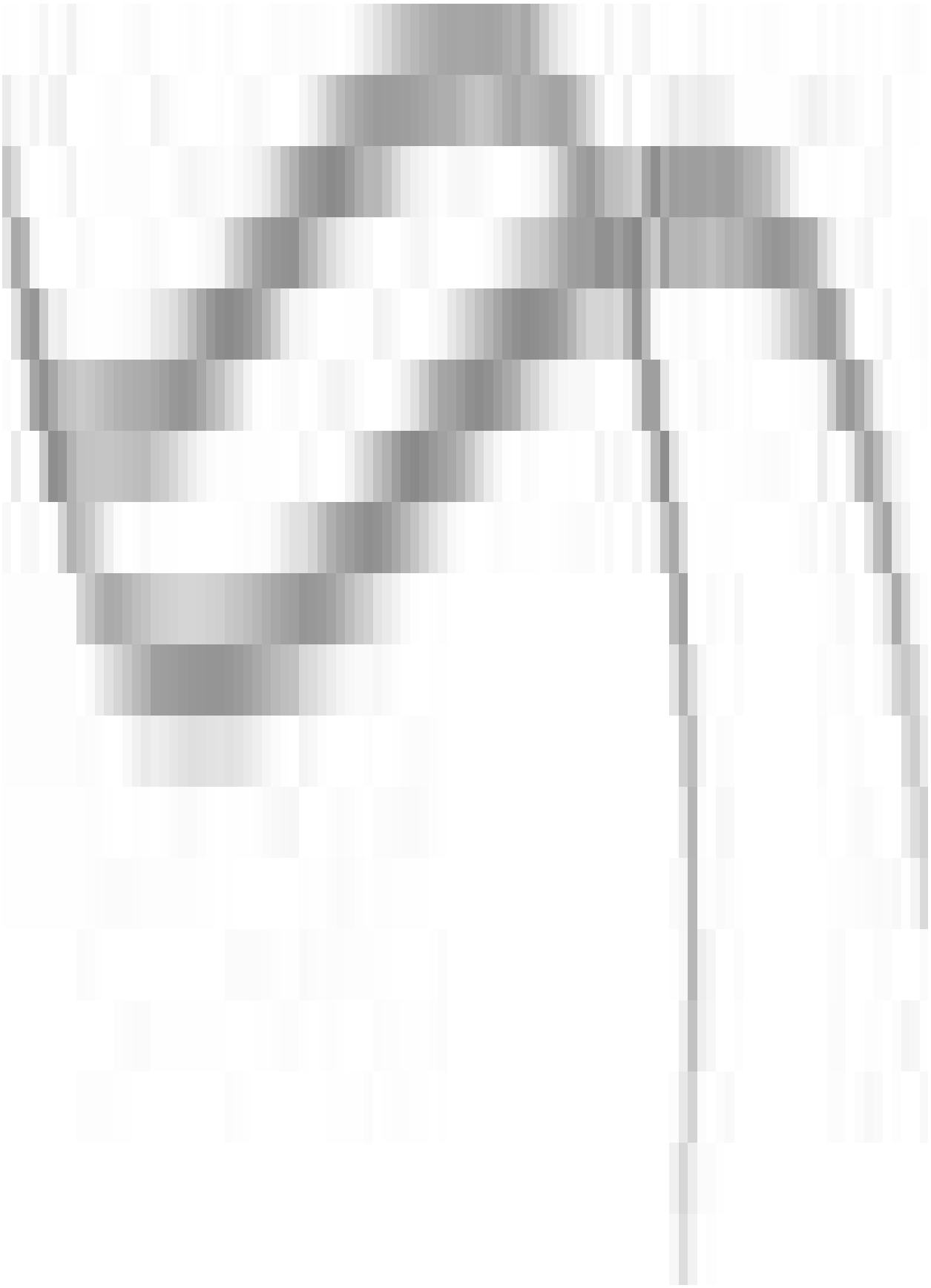
Como deve ter sido doloroso para Ratcliff despedir-se do Brasil e de sua querida igreja! O seu sonho de ir à África, como missionário, em 1860, foi desfeito! Voltando a sonhar, sentiu que o Brasil deveria ser o país eleito para ser o seu campo missionário. Ele estava na mesma rota do seu pai na fé, T. J. Bowen, o primeiro missionário da FMB-SBC para o Brasil.

Ratcliff trouxe as mais belas esperanças e foi um missionário de sustento próprio. Aqui o seu ministério teve a duração de 11 anos, e, como pastor da Igreja Batista em Santa Bárbara, sete anos e sete meses.

O seu desejo de ser um missionário em terra estrangeira e pagã marcava-lhe o coração enquanto não podia compreender a razão de estar voltando para a sua pátria. Ao despedir-se do Brasil, deixou no Cemitério do Campo, o dos Americanos, em Santa Bárbara, SP, o corpo de sua querida esposa, Eunice. Na lápide do seu túmulo, ainda hoje bem conservada, lê-se:

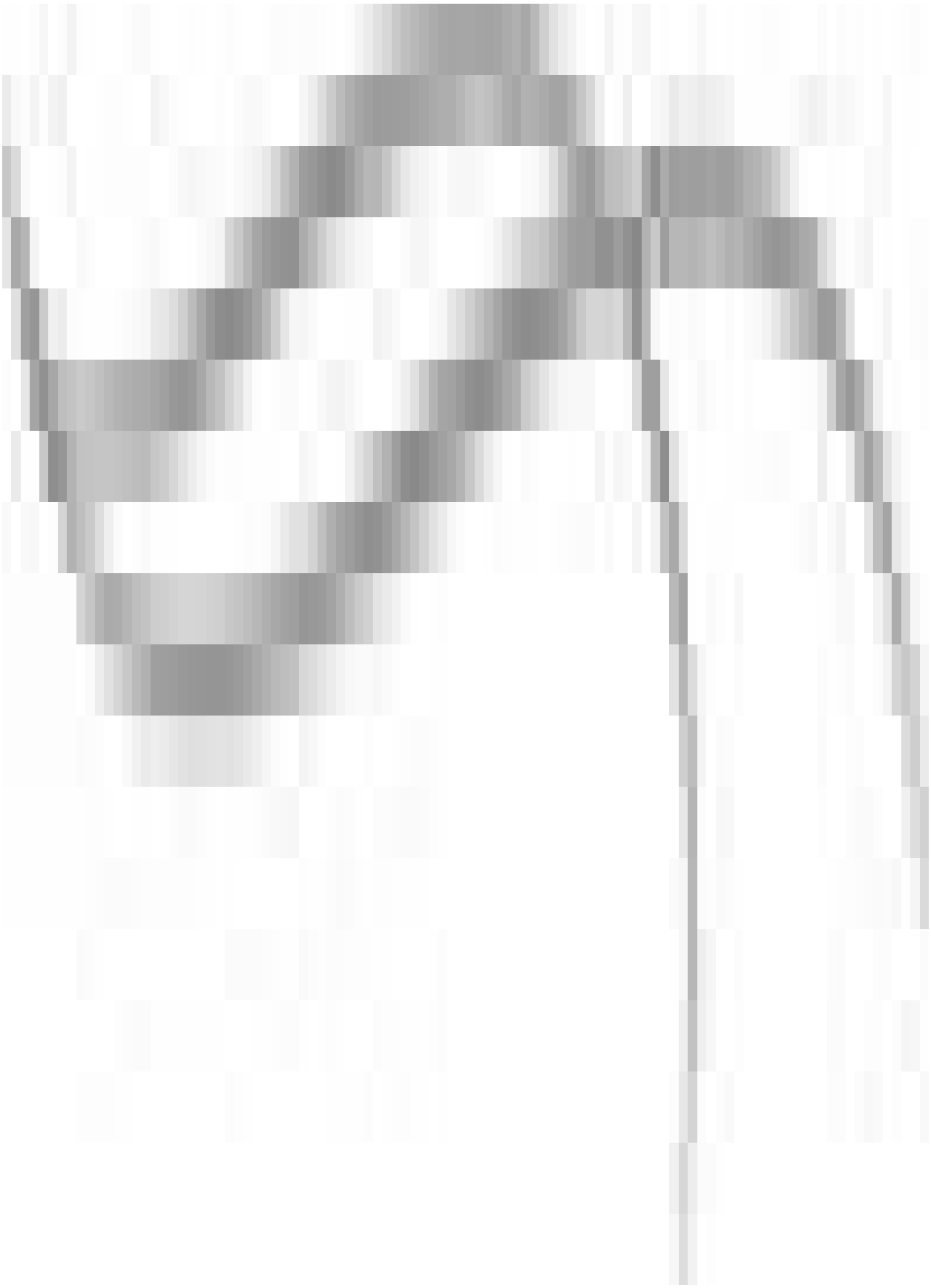
“EUNICE P. RATCLIFF / WIFE OF / REV. RICHARD RATCLIFF / WAS BORN IN LA., U. S. A., FEB. 7 1843 / DIED NEAR ST. BARBARA DEPOT DEC. 7 1876. / THE GRACE OF GOD THAT BRINGETH SALVATION / WAS MANIFESTED IN HER LIFE, & IN HER DEATH.”

(Eunice P. Ratcliff esposa do Rev. Richard Ratcliff nasceu em Lousiana, EUA, a 7 de fevereiro de 1843 e faleceu perto de Santa Bárbara, sepultada a 7 de dezembro de 1876. A graça de Deus que traz salvação manifestou-se em sua vida e em sua morte). [NAITR, p. 21]

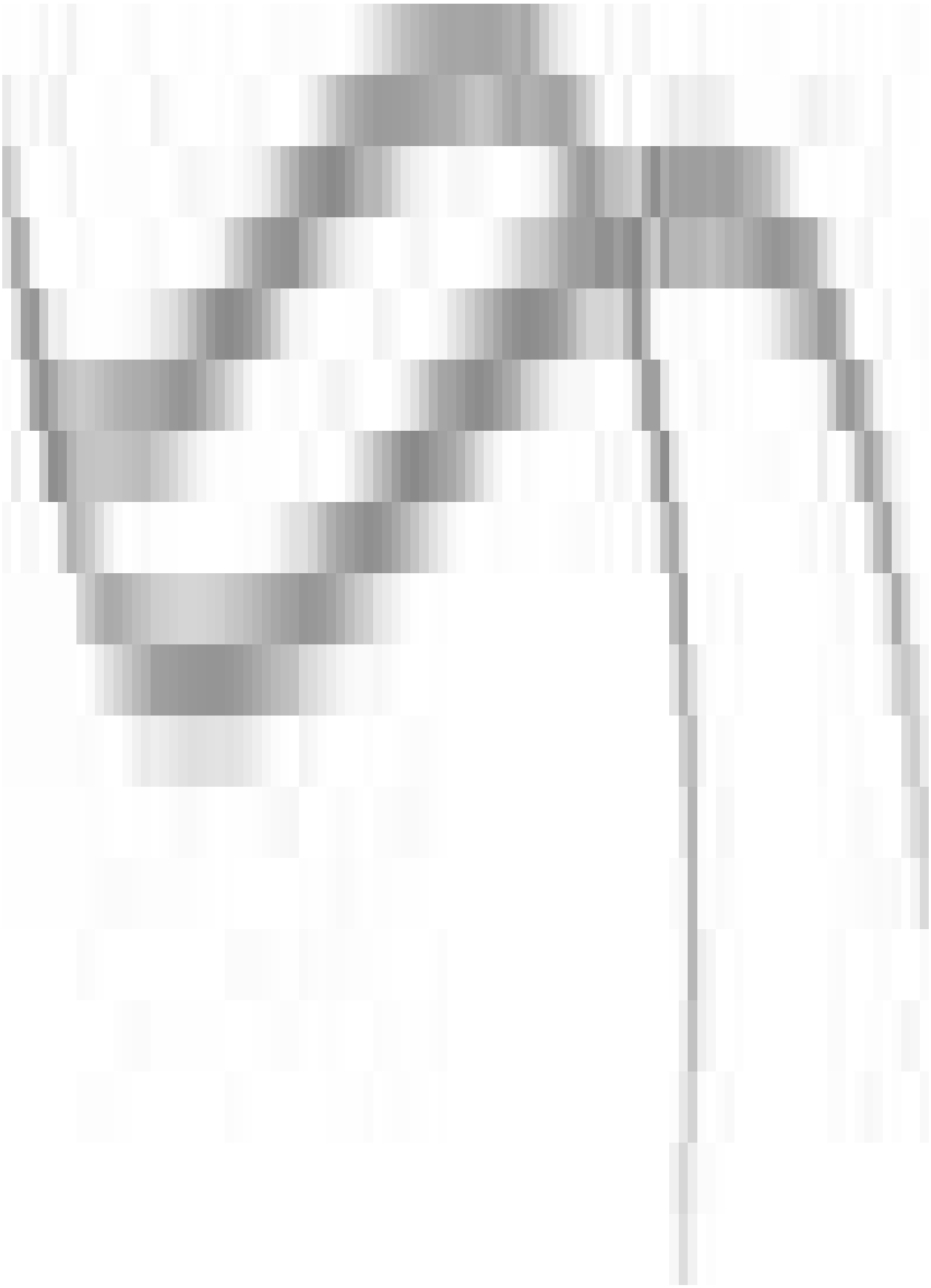


Ratcliff dirigiu-se para Mindem, Louisiana. Seu irmão Isaías morava nas imediações daquela cidade. A 01.10.1878, dirigiu-se para Mexia, Limestone, Texas, onde morava sua irmã, Elisabeth Hardy.

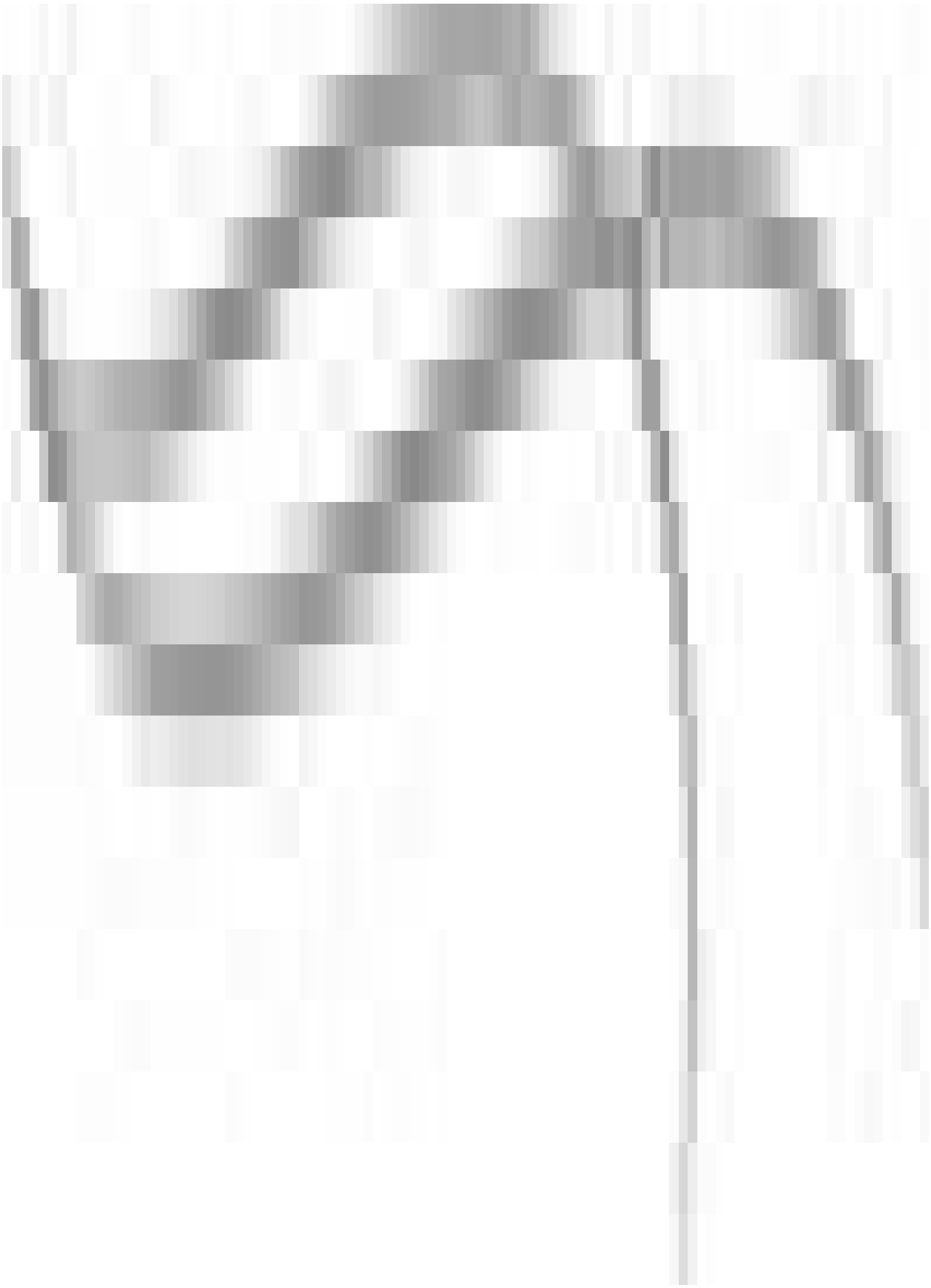
Percebe-se que Ratcliff tinha retornado aos EUA preocupado com a sua igreja que deixara em Santa Bárbara. Ficara em seu lugar o seu colega, o pastor Elias Hoton Quillin, que viera com ele para o Brasil.



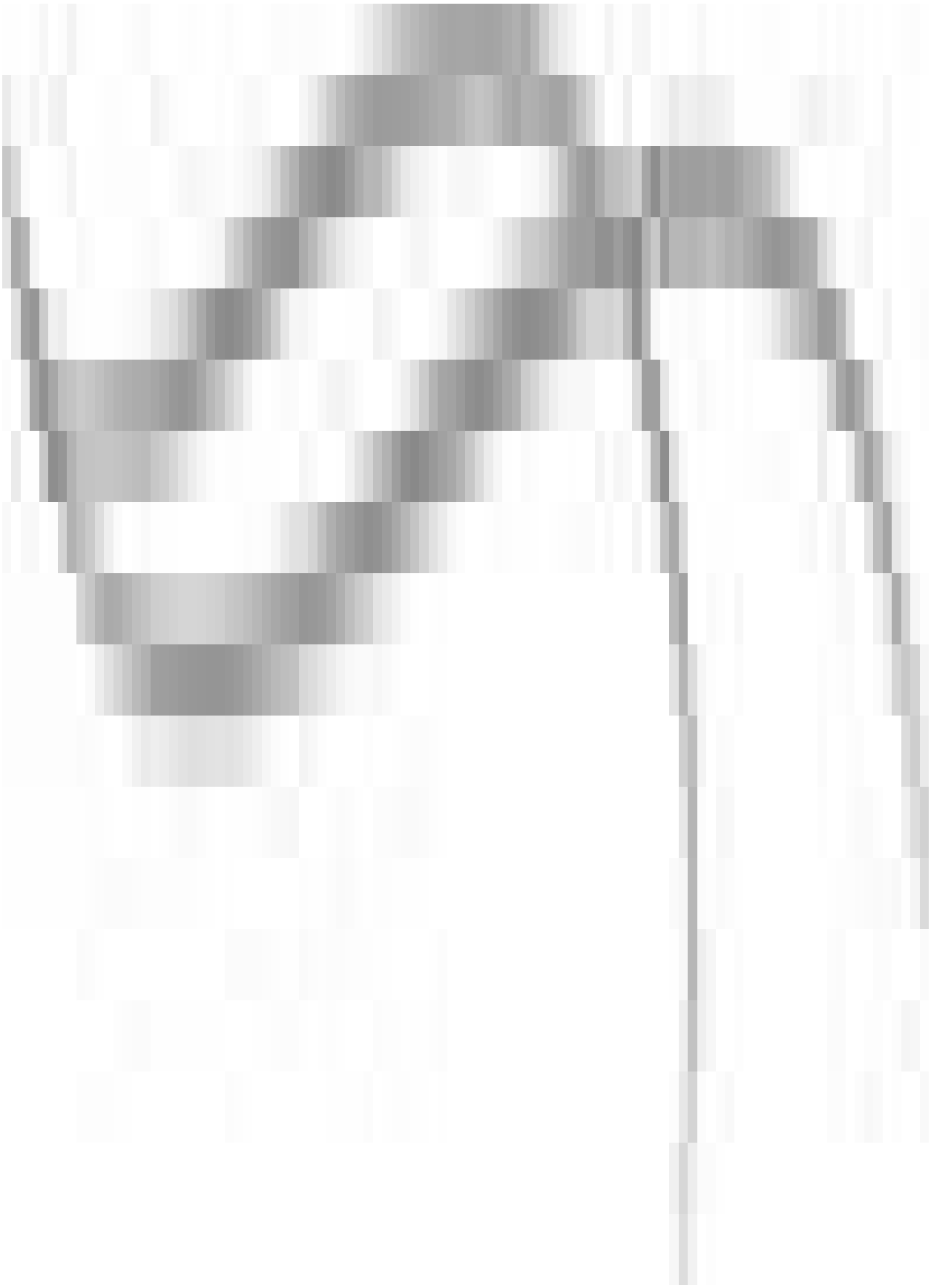
A 26.01.1887, Ratcliff casou-se em segundas núpcias. [22] Não houve filhos desse segundo casamento. Elsie Riggs tornou-se a segunda mãe daquelas crianças de Eunice. Temos uma informação, não confirmada, de que um dos filhos de Ratcliff havia falecido com a idade de nove anos. Tudo faz crer que se tratava de Ratcliff Junior, com data provável de nascimento em 1874, em Santa Bárbara. No caso, ele teria falecido em Mexia, Limestone, por volta de 1881. Salvo engano, Ratcliff estava, em 1887, com quatro filhos: Eunice Maud, com cerca de 20 anos, Annice, com seus 17 anos, Cornélia, com 15 anos e Ernest, com 11 anos.



Alguns anos depois, Ratcliff e sua família mudaram-se para Rockport. Aransas Co., Texas, não muito distante da cidade de Corpus Christi. Ali, no sul do Texas, Richard e Elsie tornaram-se membros da Primeira Igreja Batista local. Elsie faleceu a 17.09.1902, e Richard Ratcliff, a 23.07.1912, com 81 anos de idade. Ambos estão sepultados no Cemitério de Rockport. A Sra. Elisabeth Cornélia Young Smith, residindo em Alvin, Texas, uma das netas de Richard e Eunice, enviou-nos alguns retratos do túmulo de ambos. (Ver pág. 659, Imagem E5)

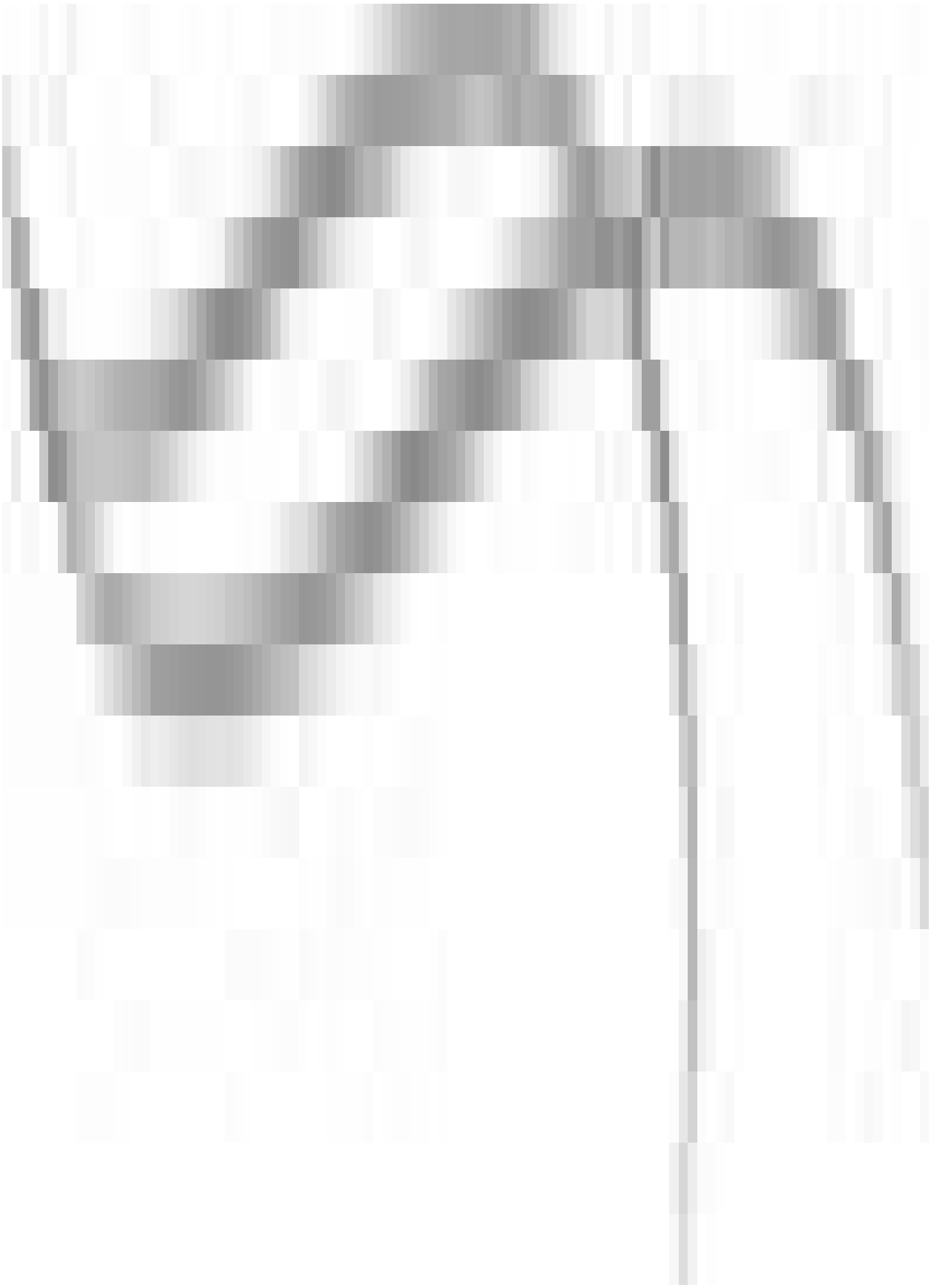


O Pr. Richard Ratcliff teve uma vida bem ativa até pelo menos no ano de 1893, conforme dados que possuímos. Tentamos obter outros informes do tempo passado em Rockport, inclusive mantendo correspondência com a Primeira Igreja Batista local. Mas fomos informados de que parte do seu arquivo encontrava-se perdido.



Em resumo, a seguir, estão os dados que temos, referentes ao Rev. R. Ratcliff, abrangendo o período de outubro de 1878 a 1912. É nosso desejo desenvolver essa parte para que a sua biografia se torne mais enriquecida. Isto será feito no futuro, se Deus nos conceder vida e saúde. Fica a sugestão para quem se sentir chamado para essa tarefa!

Os dados referidos procederam de cartas, relatórios, livros e outras fontes, com a participação dos que estão listados no fim deste capítulo.



— 1881 — seu nome é encontrado nas atas da Associação Prairie Grove, em Limestone, com o tratamento “Elder Richard Ratcliff”. Essa associação fora organizada em outubro desse mesmo ano.

— 1882 e 1883 — ele era o secretário-correspondente da associação. Continuava residindo em Mexia, Limestone Co. Texas.

— 1884 — ainda era o secretário, mas, agora, residindo em Armour, Limestone Co.

— 1886, 1887, 1889, 1890, 1891 e 1894? — o seu nome é encontrado nas atas e estatísticas, como mensageiro às reuniões dessa mesma associação, como membro da Igreja Batista Sandy Creek.

— 1890 — além de mensageiro, seu nome consta como pastor da Igreja Batista de Sardis. É relator da Comissão de Missões Estrangeiras.

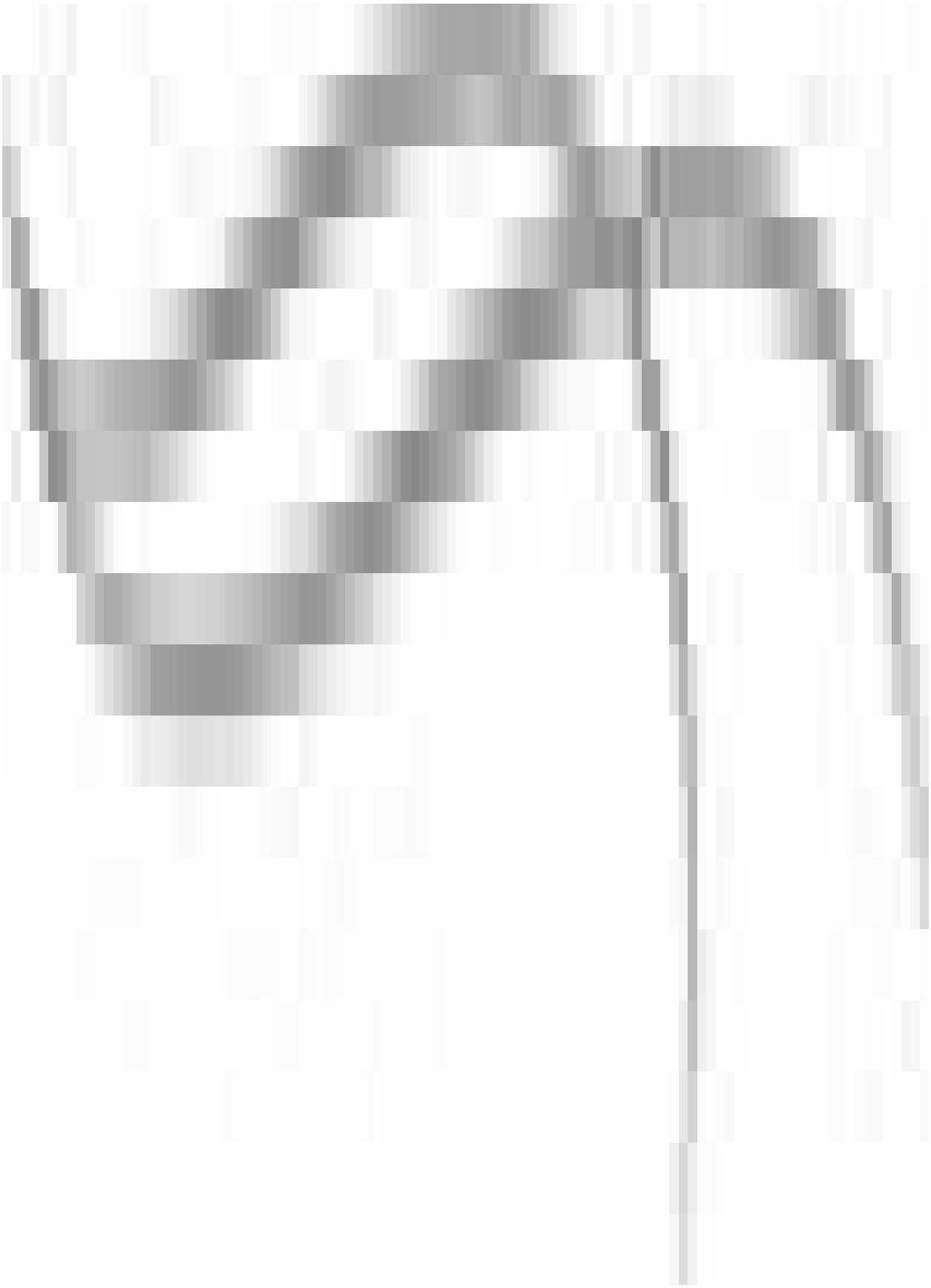
— 1892 — dirige o encontro anual de oração e é outra vez relator da Comissão de Missões Estrangeiras.

— 1907, 1909 e 1911 — O anuário American Baptist dá o seu nome como vivendo em Rockport, Texas.

— 1912 — foi o ano do seu falecimento. Há referências curtas ao fato em

Annual of the Baptist Missionary Association of Texas, atas da South Texas Missionary Baptist Association. O seu nome aparece como “Bro. Radcliffe”, R. Ratcliffe, R. Ratcliff e J. T. Radcliff. Temos que se trata, porém, da mesma pessoa, ou seja:

RICHARD RATCLIFF

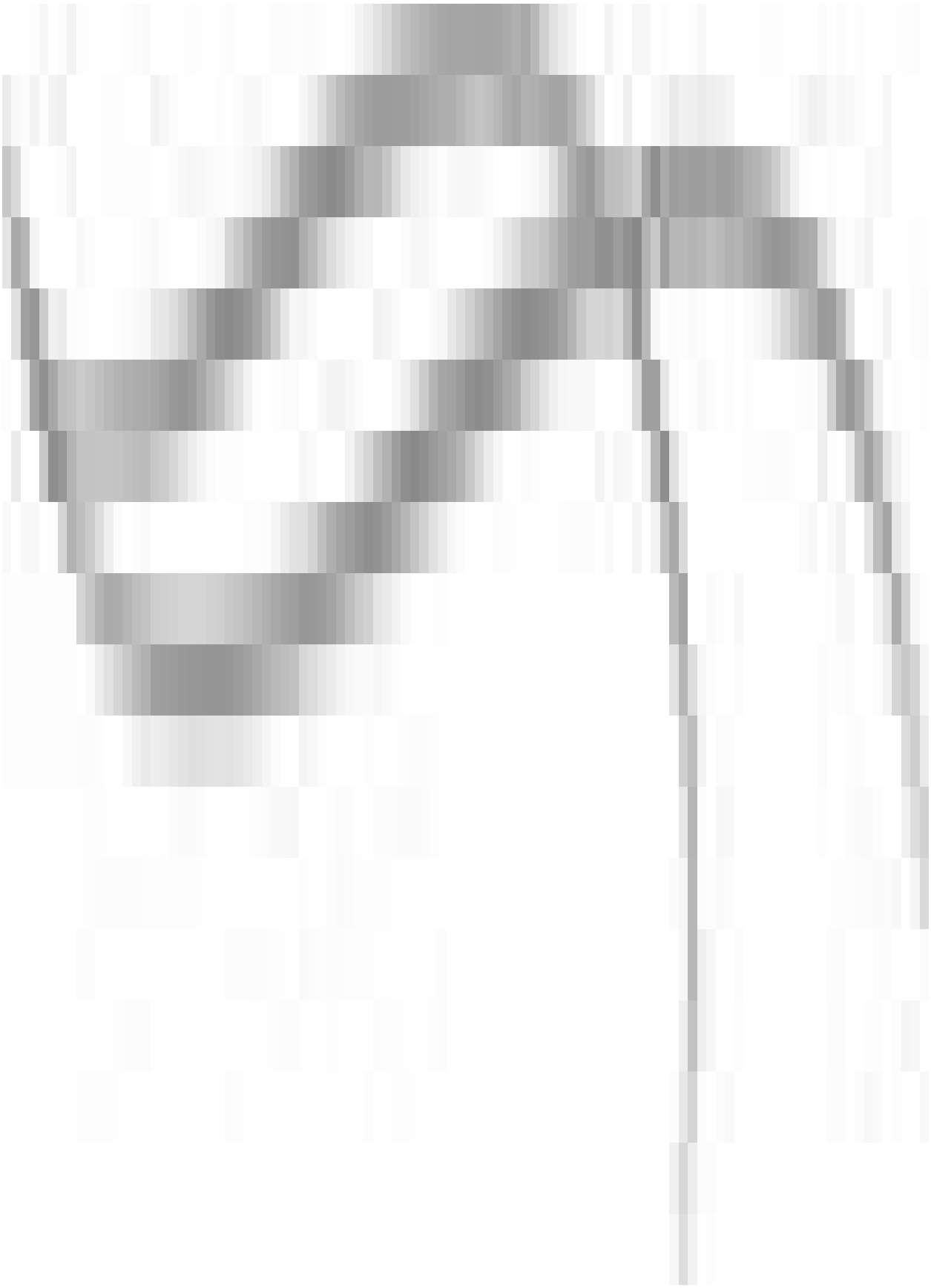


Trechos da carta de 04.03.1979, de Alvin, Texas, escrita pela Sra. Elisabeth Cornélia Young Smith, uma das netas de Richard Ratcliff, para a autora deste capítulo:

“Minha mãe [Cornelia] faleceu 22 dias depois de eu ter nascido [Rockport, Texas]. Ela teve um envenenamento no sangue. Nasci de sete meses. Ele estava só, no campo, no dia do meu nascimento. (...) Fui colocada na casa de um casal e ali fiquei até os 13 anos de idade. A casa do meu avô Ratcliff ficava distante cerca de 2 milhas. Algumas vezes ele vinha ver-me e sempre chegava montando num cavalo branco. (...) Conheci a tia Annice quando ela veio para os funerais de vovô Ratcliff. Tio Ernest não veio. Vovô morreu em 1912, e o seu monumento está no Cemitério de Rockport. Também ali está sepultada a sua segunda esposa, assim como minha mãe. (...)

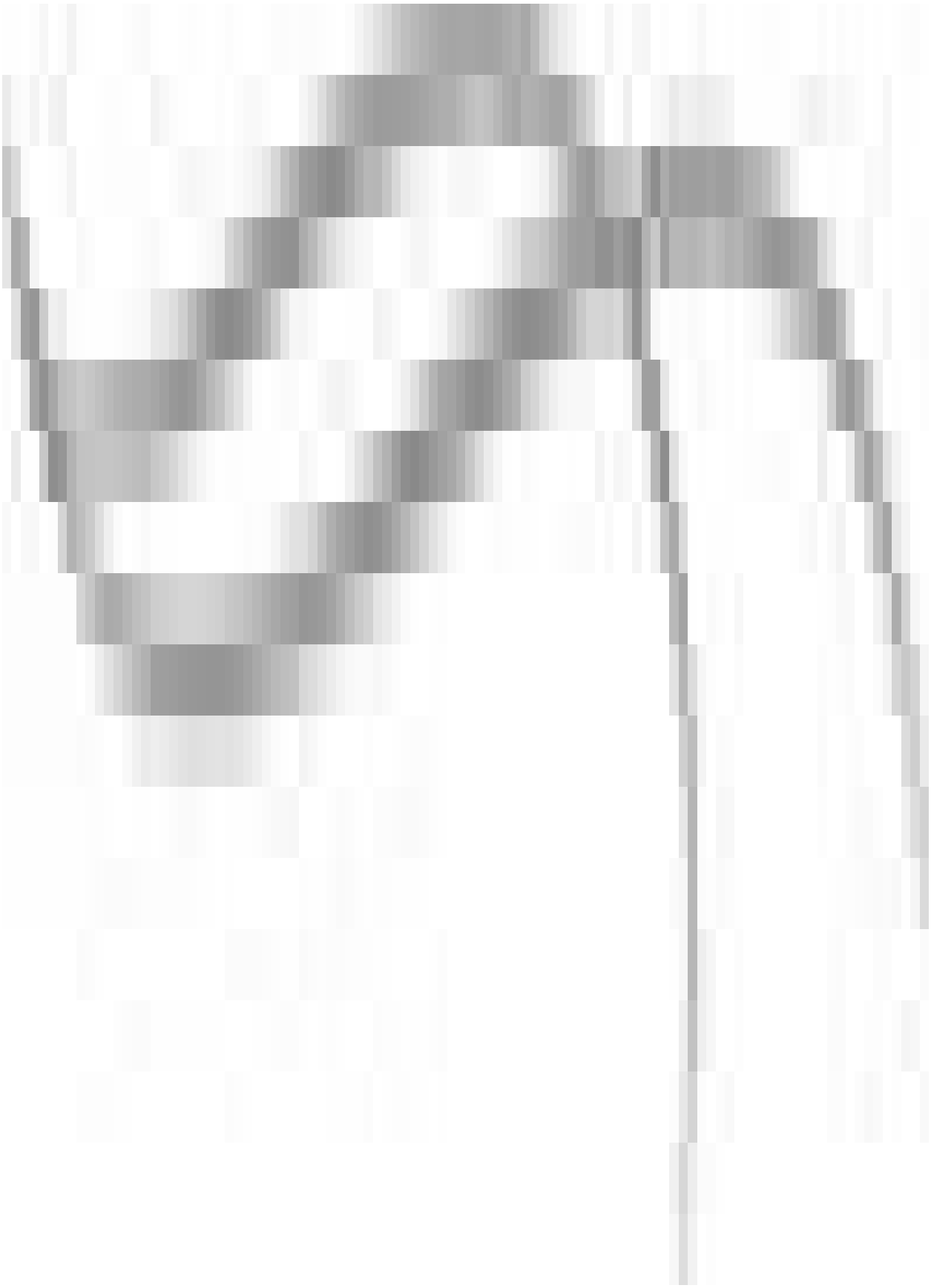
A sua Bíblia está tão velha! Toda em pedaços, porém, guardo-a num saco plástico. Nela eu tenho os retratos dos filhos do vovô, tirados em São Paulo, Brasil. (...) Há um bom retrato dele e de vovó Eunice. Penso que foram tirados em Nova York. (...) Os traços do vovô se parecem com os meus quando ele era mais jovem e só que ele tinha cabelos escuros. (...)

Tenho uma carta da tia Annice, do ano de 1931. Falou-me do falecimento da tia Maud e do tio Carnal [Maud e Carnal não tiveram filhos]. (...) É estranho que ela não mencionou ter tido um irmão chamado Richard. Nunca ouvi a respeito dele. (...) Recebi ontem uma carta de Jessie [Sr. Jessie Wallace] dizendo que ele localizou um filho de Ernest. Ele é missionário.”



Na Coleção Histórica, da Baylor University, Texas, existem apontamentos feitos por Lois Sanders Anderson, filha de Annice Ratcliff Sanders, baseados em uma carta escrita a esta por seu irmão Ernest Ratcliff, datada de 06.04.1937. Duas páginas desses apontamentos relatam algo da experiência de Richard Ratcliff, como soldado durante a Guerra de Secessão. Resumimos, a seguir, parte daqueles, que nos dizem de um tempo quando a Companhia à qual Ratcliff pertencia recebeu a incumbência de levar mensagens durante os momentos da batalha. A seleção dos mensageiros era feita contando os soldados na linha de formação. O número 4 ficava com os cavalos enquanto os outros três iam a pé. O mesmo era feito para selecionar os que tinham a si o encargo de alcançar melhores posições na vanguarda.

Lamentavelmente, porém, Richard nunca foi o nº 4. Assim, tinha de ir a pé com os seus companheiros. Numa dessas vezes ele foi atingido no joelho, por um estilhaço de bomba. Tendo o seu sabre como bengala, mesmo ferido, teve de ir manquejando através de um milharal, enfrentando a saraivada de metralha para, junto com os companheiros, capturarem uma bateria de canhões. Quando, por fim, os cavalos lhes foram trazidos, Richard alegrou-se sobremaneira pelo fato de poder montar e ir para a retaguarda, a fim de receber as atenções cirúrgicas. Cedo retornou ao campo de batalha. Mas, como ele mesmo asseverou, “... os piores inimigos que tivemos que enfrentar nessa guerra foram a doença e a fome!”



LEMBRANÇAS que ficam de tantos que nos ajudaram na busca de dados para este trabalho!

Ao iniciarmos a coleta de material para este capítulo, possuíamos apenas as referências encontradas no livro escrito por Dr. A. R. Crabtree, sobre a História dos Batistas no Brasil. Como, quando e onde poderíamos proceder a busca de outras informações?! Passamos cerca de 12 anos, obtendo mui poucas. Nas diversas viagens começaram a surgir alguns pequenos dados. Escrevemos para inúmeras pessoas e nos dirigimos a centros de história nos vários pontos do Sul dos EUA. E então aqui está o resultado.

Foi carinhosa a colaboração de muitos. Seus nomes ficam aqui registrados com o meu mais profundo agradecimento!

* D. Elisabeth Cornelia Young Smith, neta de RR, residindo em Alvin, Tx. – (Ver adiante em Wilbur L. Ratcliff).

* Rev. Clarence Earl Ratcliff, autor do livro sobre os Ratcliffs, residindo em Hinton, West Virginia.

* Sr. Jessie Benjamim Wallace, sobrinho-neto de RR, falecido em maio de 1980. Residia em Jackson, Mississippi.

* Dr. Eugene Hetherwick, primo, em grau distante, de Eunice P. Ratcliff, residindo em East Baton Rouge, Louisiana.

* Sr. e Sra. C. L. Liles, secretário e auxiliar da Igreja Batista Monte Líbano, Louisiana, de quem recebemos cópias de trechos de várias Atas daquela Igreja, incluindo a da consagração de RICHARD RATCLIFF.

* Sr. e Sra. Roy Cooper, residindo em Fort Worth, Tx., trabalhando na Biblioteca do Seminário Batista ali.

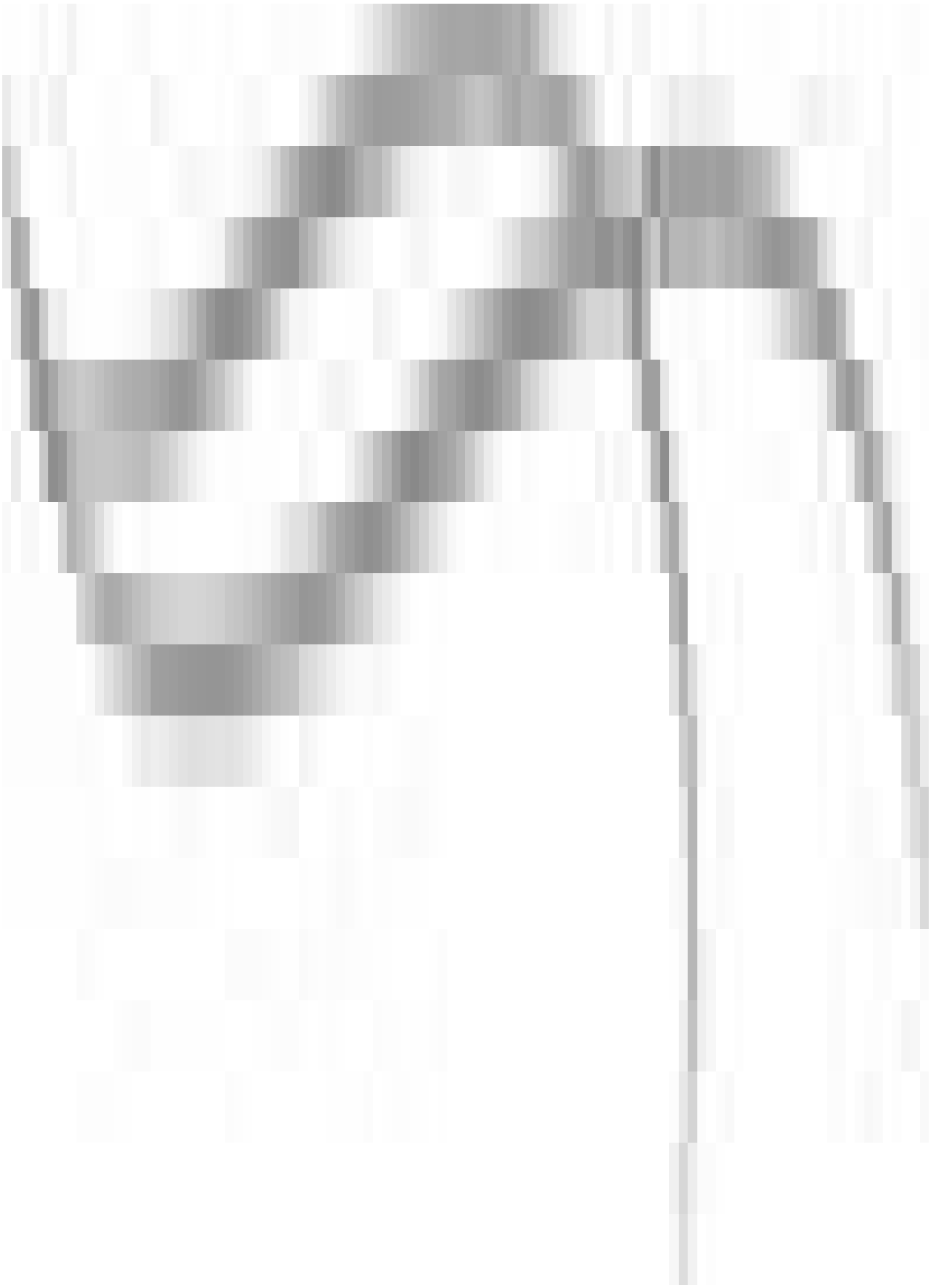
* Sra. Charlotte Ferguson Costarelli e sua filha Grazia C. Bondancia, primas da

autora deste trabalho, residindo em Santa Bárbara d'Oeste e Americana, SP, cuidadosas na guarda de documentos e no trato mui fraterno com a prima.

* Sra. Charlotte Ferguson Whitehead, outra prima, residindo em Avaré, SP.

* Sr. Wilbur Leary Ratcliff e esposa Ola. – Foram os meus hospedeiros em 1989, em Pueblo, Colorado. Levaram-me no seu automóvel, até College Spring, perto de Houston, Texas. Ali, na casa de uma de suas filhas, aconteceu um encontro inesquecível, com abraços e muitas emoções! pois ali estava o Dr. William Clark Griggs, autor do livro The Elusive Eden – Frank McMullan´s Confederate Colony in Brazil, 1987; e a Sra. Elizabeth Young Smith, lúcida nos seus 90 anos de idade, uma das netas do Pr. Richard Ratcliff. No caminho, paramos em Waco para a visita às ruínas do Colégio onde D. Anna L. Bagby estudou e ensinou. Tiramos retrato na porta da antiga Independence Baptist Church, Onde andaram Ratcliff, os Bagbys, Taylors, Daniels, Hawthorn e outros! Wilbur e Ola levaram-me até Baylor University, onde passamos dois dias. Colhemos dados preciosos e documentos no Arquivo Histórico, com o auxílio da Sra. Ellen Kuniyuki Brown, "Head of Historical Manuscripts of the Texas Collection" – Baylor University, Waco, Texas.

* Dr. Thurmon Bryant, Miss Nancy Stanley, Miss Terry Hanks e Miss Dorothy Owen, da FMB-SBC, que, em ocasiões diversas, nas três vezes de nossa estada na sede da Junta; e por cartas, muito fizeram para que atingíssemos os alvos de busca.



Elias Hoton Quillin

(* 1822? — † 21.03.1886)

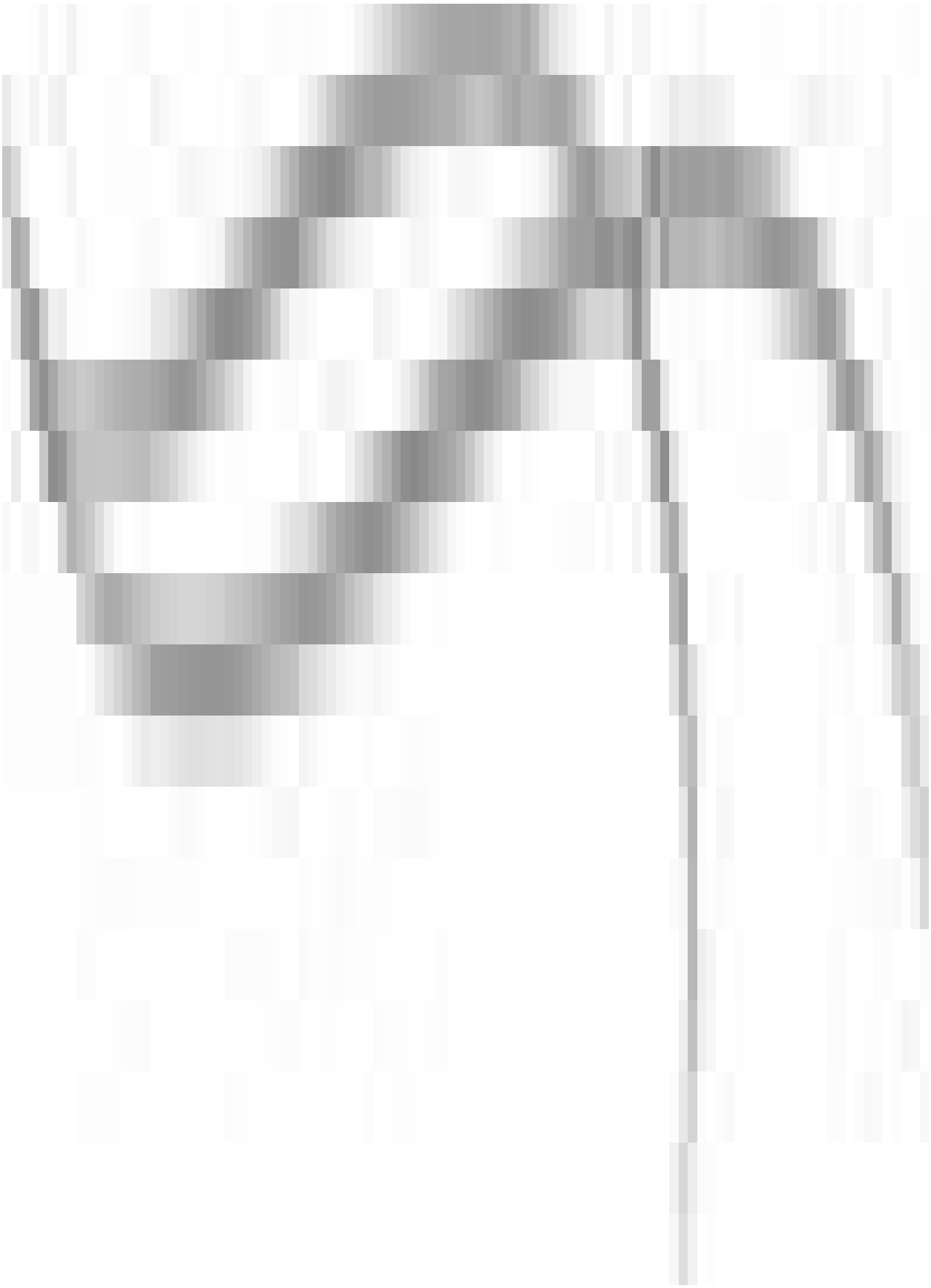
O nome de Elias Hoton Quillin está grafado conforme sua assinatura. Por certo foi assim que ele escolheu ser chamado no Brasil. Como acontece com tantos nomes, o dele sofreu modificações, com o tempo. Os registros de nascimento, passaporte, serviço militar e óbito não foram ainda encontrados. Mas, com as informações colhidas de outras fontes, apresentamos o seguinte quanto ao seu nome:

ELIAS — originalmente, Elijah, passou a ser ELIAS no Brasil.

HOTON — conforme Albert Quillin, o sobrenome HOTON pode ter vindo de Houghton, Howeton, Horton, Houston, Ho'ton ou Hupton.

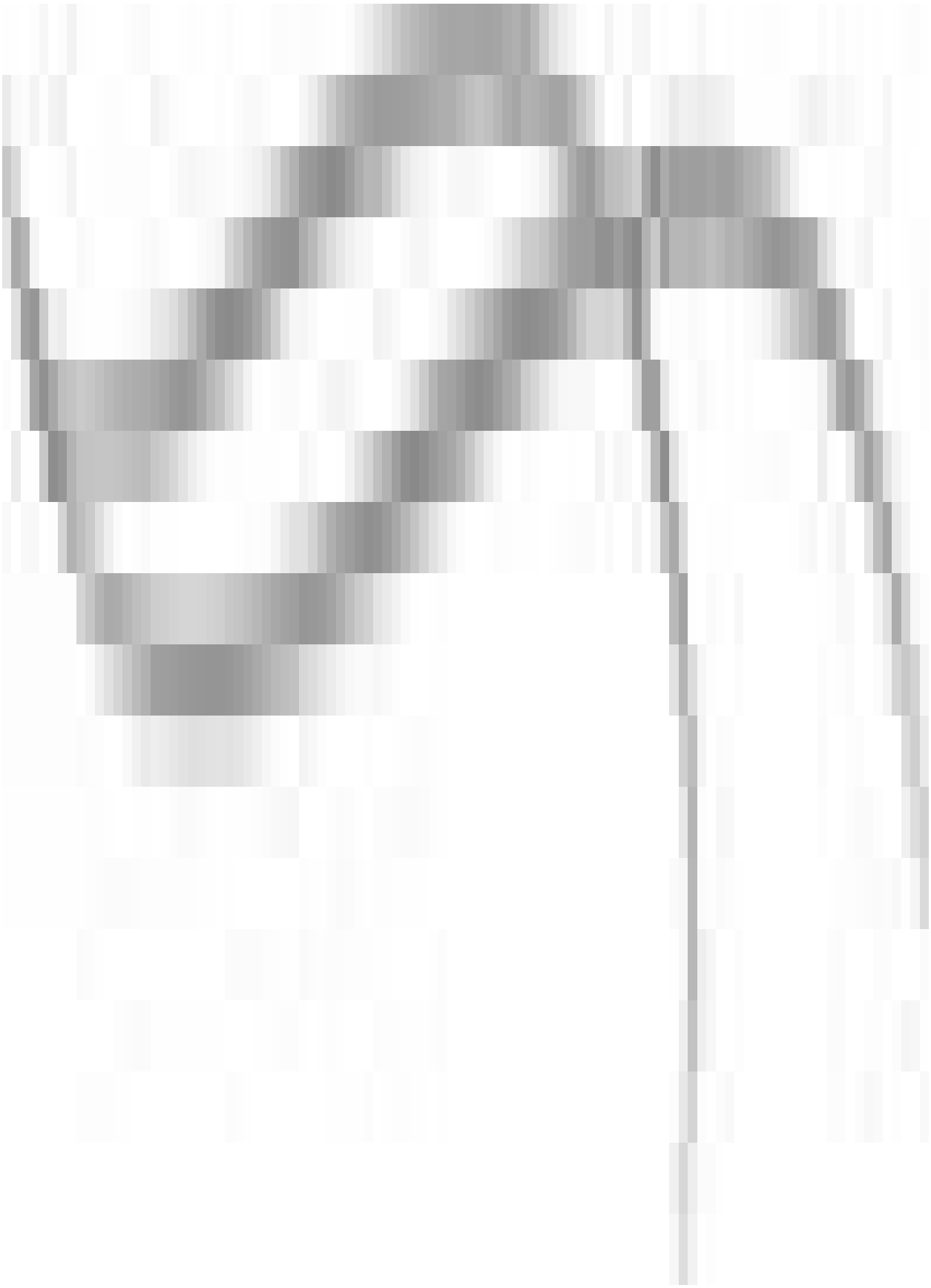
QUILLIN — sendo de início McQuillin, no nordeste da Irlanda, aparece depois com as seguintes grafias: Quillin, Quillan, Quillen, Quillin, Quillon, com a perda do Mc inicial.

O nome completo ELIAS HOTON QUILLIN foi encontrado em 1975, pela autora, em dois documentos, sendo um no Arquivo Municipal de Piracicaba e outro no Cartório de Notas de Santa Bárbara, SP. (Ver pág. 707)



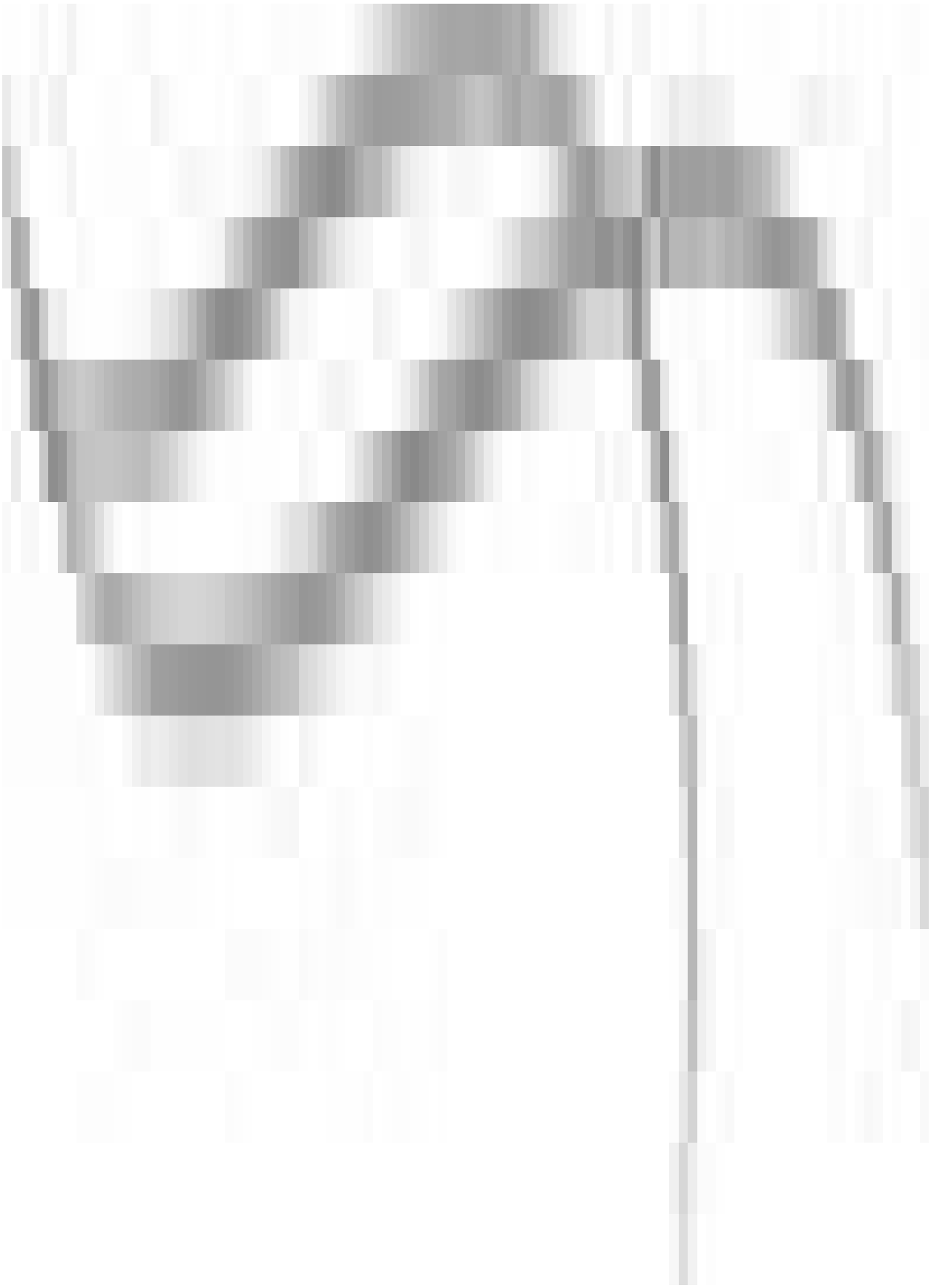
E. H. Quillin nasceu em Warren Co., Tennessee, provavelmente no ano de 1822, pelos cálculos de confronto de documentos, desde um Censo, o registro de casamento — o primeiro, às informações de caráter geral. O dia e mês, não sabemos. Faleceu a 21.03.1886, em SBSP. Casou-se duas vezes. A primeira, a 01.05.1847, em Union Co., Arkansas, com Elisabeth Plumer. A segunda vez, com Sarah Elvira Parks, provavelmente em 1863, Lampasas, TX.

Do primeiro matrimônio, foram seus filhos: Leroy, Leonia, Orleana e Leônidas — "Don". Do segundo, temos os nomes de Lindolpho Parks, Reino, Tilman Rodolpho, Maxie, Bellona e Orlando, que tinha o apelido de "Baby". A partir de Reino, os últimos já nasceram no Brasil.



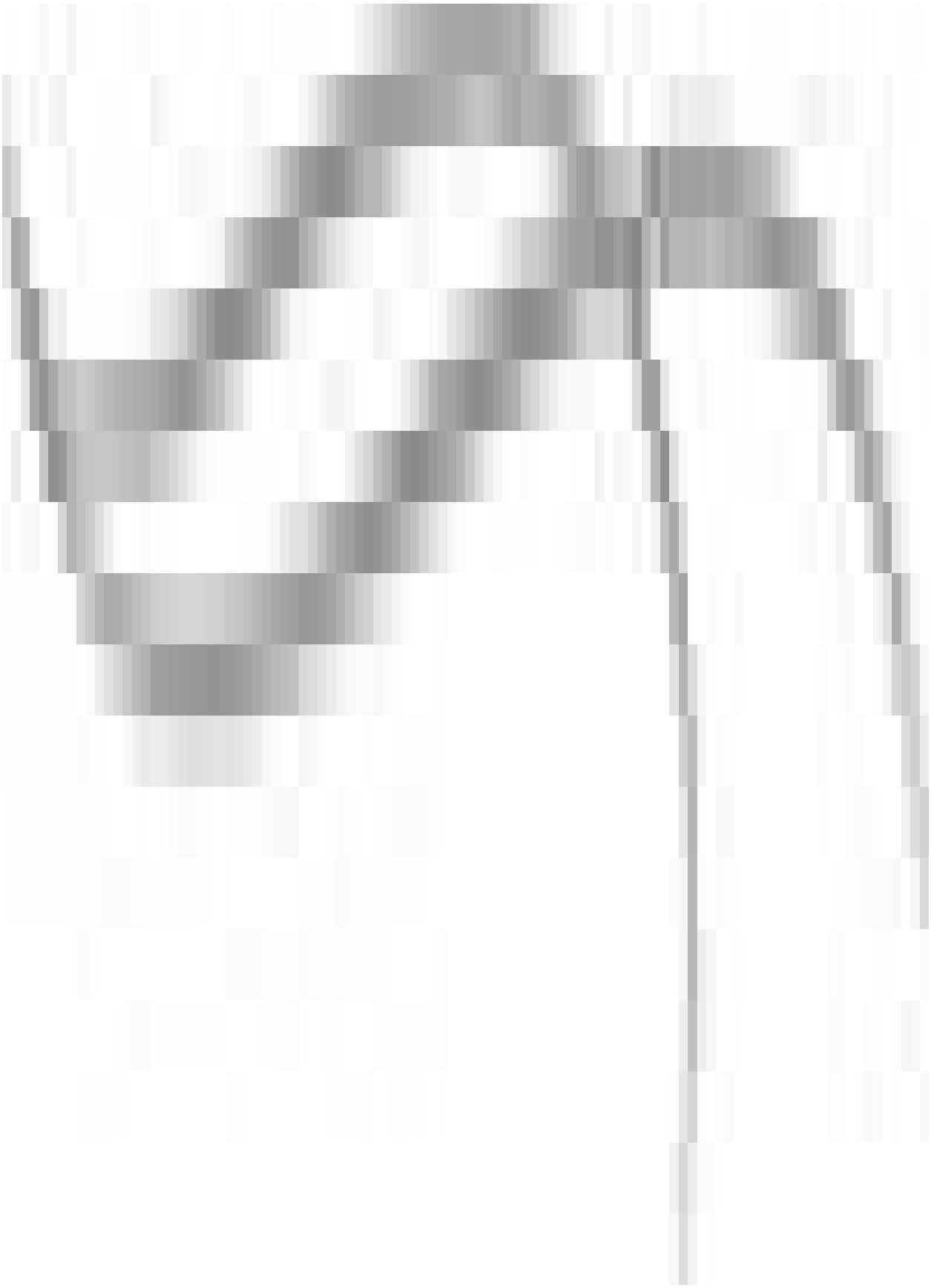
Elias era filho de Jesse Quillin, um descendente de Teague Quillin. Com a idade de 20 anos, Teague, juntamente com outros membros da família, fora deixado na praia de uma ilha, nos EUA, em 1635, trazidos que tinham sido do nordeste da Irlanda. Existia, ainda, segundo consta, um velho castelo que pertencera aos membros do clã McQuillin, naquela parte do velho mundo e naquele tempo confiscado pelo governo, uma vez que eles se opunham ao regime vigente. Entre estes, estava o jovem Teague, que não se deixou vencer. Atravessou o tempo e o espaço e formou a sua família nos EUA.

Jesse Quillin, o pai de Elias, teria nascido no Estado da Virgínia, talvez no ano de 1785. As necessidades foram empurrando a família para o oeste, e assim estiveram em Kentucky, Tennessee, Mississippi, Arkansas e, por fim, Elias e alguns de seus irmãos, com as suas famílias constituídas, chegaram ao Texas. Não tenho o nome da esposa de Jessé Quillin. Seus filhos foram: William, John, David, Preston, Elias, W. Allen, Jesse Holman, Nancy e outra filha, cujo nome não se conhece. John, David e Elias foram pastores batistas, e John era também juiz. Este andou pelo Brasil.



Muitas das informações que aqui registramos foram-nos dadas por Albert Quillin, bisneto de Jessé Holman, sendo assim sobrinho-bisneto de Elias H. Quillin. O nosso encontro com Albert Quillin, sempre por correspondência, deu-se de modo original. Tentávamos localizar algum Quillin nos EUA que estivesse em condições de nos ajudar na busca de informações sobre Elias H. Quillin. Escrevemos para um de nossos primos, Leonard Joe McCown, que reside em Irving, Texas. Indo ele a um Congresso para bibliotecários, em El Paso, solicitou ao responsável pelas informações no balcão do Congresso, que tentasse descobrir se havia algum dos congressistas com o sobrenome Quillin. Sem tardar, um senhor que estava bem ali perto olhando uns cartazes, foi chamado e apresentado. Este era Albert Quillin, com quem mantivemos correspondência e troca de dados por vários anos!

Enviamos-lhe os endereços de D. Elsa Quillin McKnight e sua irmã D. Robertina Quillin, filhas de Maxie e netas de E. H. Quillin. Ambas nasceram no Brasil. Casaram-se com descendentes do pastor Robert Porter Thomas. Elsa e seu esposo trabalharam durante anos como missionários mórmons. Robertina, foi membro da Igreja Batista Central de Campinas, SP. De toda essa ligação, procederam dados que nos permitiram tecer esta curta biografia de Elias Hoton Quillin. Além dessas fontes, tivemos a do arquivo da FMB-SBC, livros, artigos de revistas e cartas. É natural que nos alegremos pela bênção que Deus nos outorgou, permitindo-nos descobrir tantas informações que já eram julgadas perdidas. Além do mais, criou-se um laço fraterno entre nós.



O Censo feito em junho de 1850, em Hunt Co., TX, mostra o seguinte: E. H. Quillin — 27 anos, nascido em Tennessee, professor.

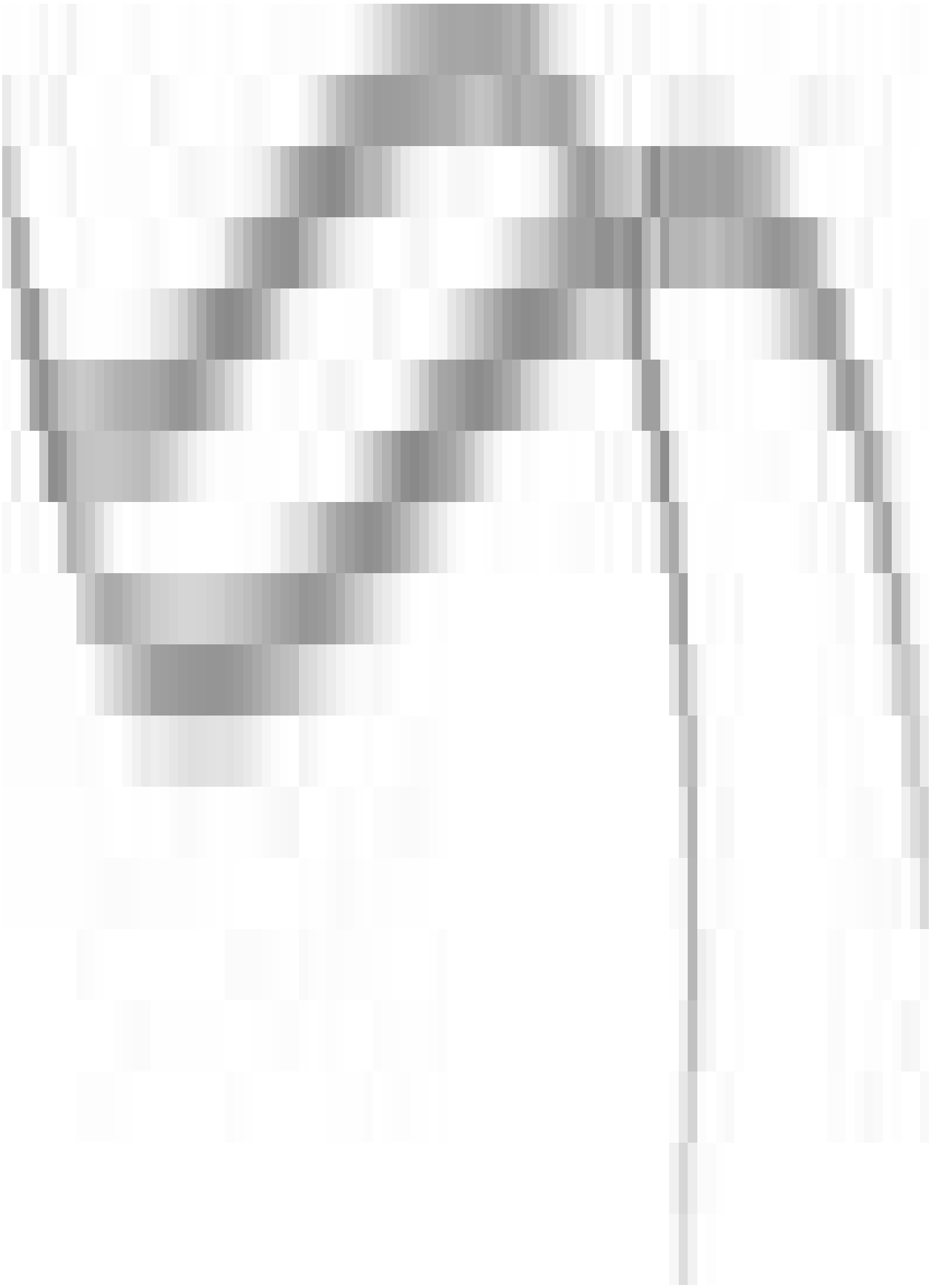
Elisabeth J. Quillin — 23 anos, nascida em Carolina do Norte.

L. (?) Quillin — 2 anos, nascido em Arkansas. Deve ser Leroy.

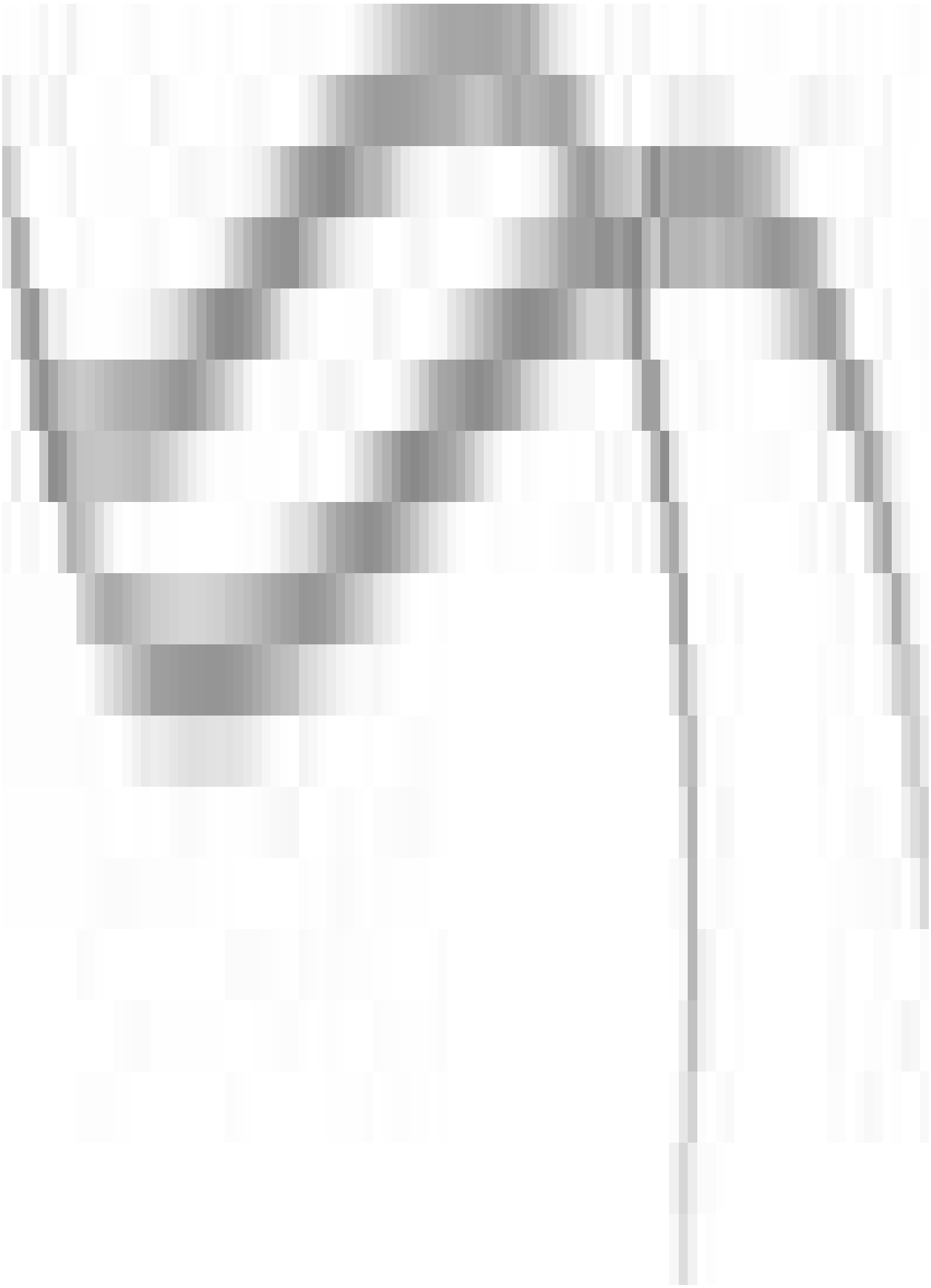
Leonia Quillin — 6 meses - nascida no Texas.

Em 1858, em Hillsboro, Hills Co., TX, E. H. Quillin foi consagrado ao Ministério da Palavra, pelos pastores James J. Riddle e J. M. Perry, conforme narra a carta de R. P. Thomas à FMB, escrita em 26.04.1886, noticiando o falecimento de Quillin. (Ver Parte D - 26.04.1886).

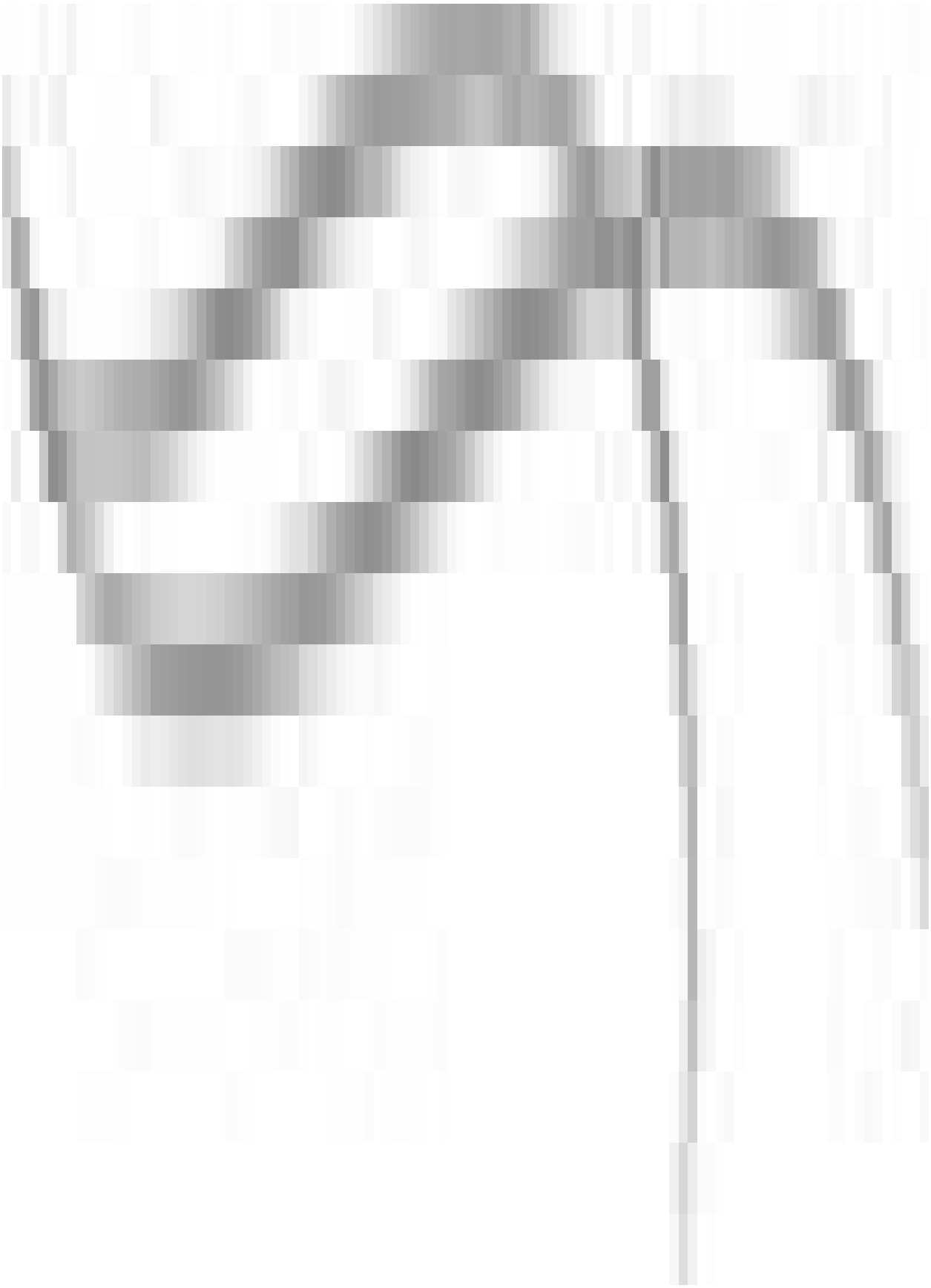
Em 1863, ele estava em Lampasas, TX. Era professor e pastor. Ao tempo, já era viúvo, e tinha quatro filhos pequenos. Procedente do Mississippi, chegou a família de Willis Edwin Parks. Com ele estava a sua filha menor, Sarah Elvira, nascida a 18.12.1844. Casara-se muito cedo. O seu esposo, também muito jovem, morrera no campo de batalha pouco depois de se ter iniciado a Guerra de Secessão. Em Lampasas, a viúva foi estudar, e seus olhos se cruzaram com os de E. H. Quillin. Casaram-se.



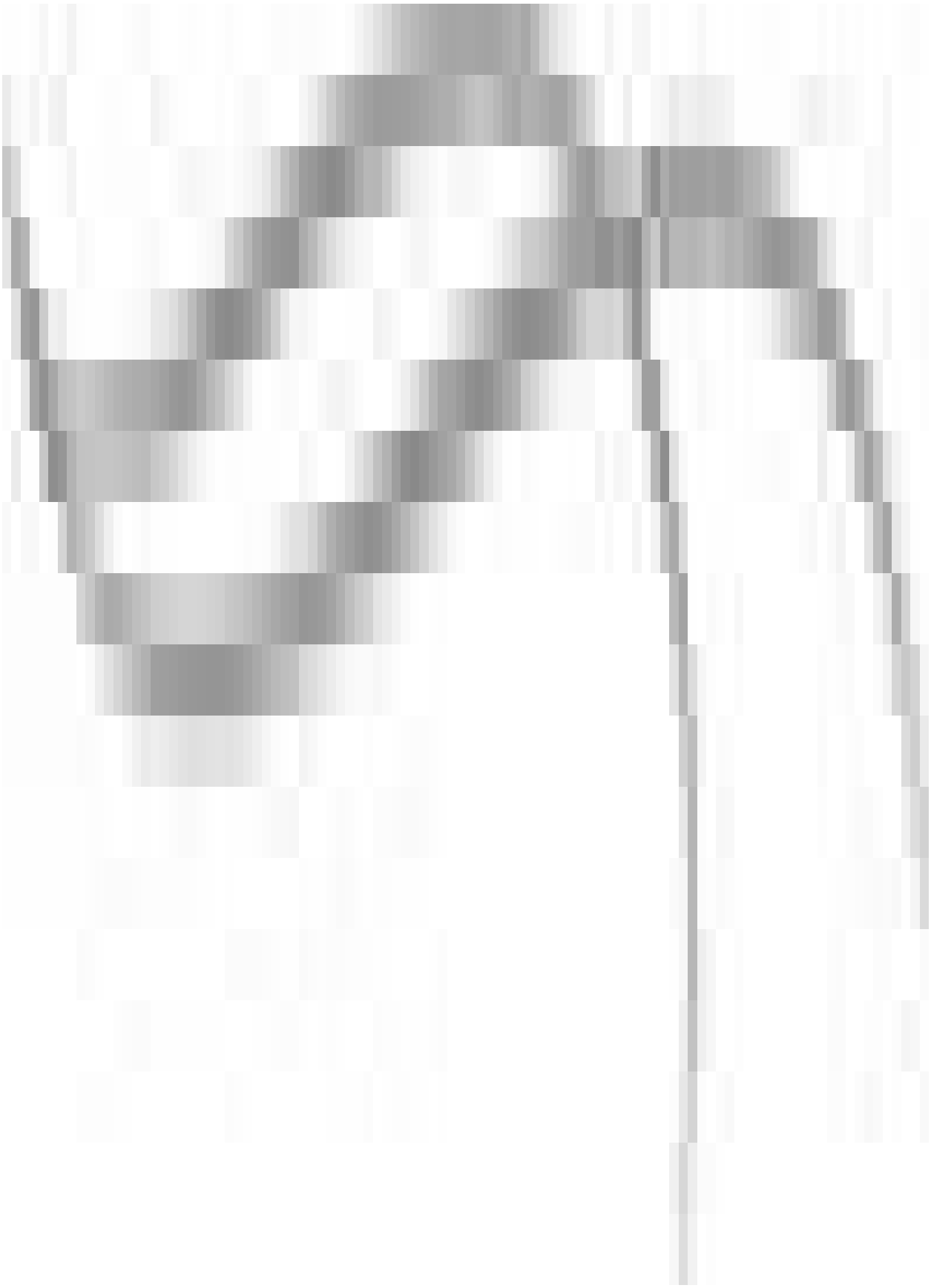
J. M. Carroll, no seu livro A History of Texas Baptist, p. 320, 461, 599 e 603, faz referências às atividades de E. H. Quillin no Texas: fez parte de uma comissão para estudos de definição de posição que a Associação Batista de Little River, Texas, deveria tomar com respeito à Guerra de Secessão. Em 1864, seu nome aparece entre outros que se encontravam como missionários, com trabalho entre os soldados. Na p. 603, seu nome ocupa o primeiro lugar na lista dos missionários nomeados pela FMB-SBC e “nascidos no Texas”. (Um equívoco: Quillin nasceu no Tennessee). Na p. 599, o autor diz que consoante os registros da FMB, E. H. Quillin tornou-se o primeiro missionário do Texas para o estrangeiro. Isto foi em 1879.



A 12.12.1865, nasceu Lindolpho Parks, o primeiro filho do segundo casamento. Estavam em Dallas, TX. Esse menino, com pouco mais de um ano de idade, acompanhou os pais na viagem longa dos EUA para o Brasil.



A nosso pedido, Roy Cooper, do Seminário Batista em Fort Worth, TX, recolheu alguns dados existentes do arquivo daquele seminário, com respeito a E. H. Quillin. Assim, temos o seguinte: Em 1850, ele estabeleceu-se em Hills Co., Texas. Em 1858, tornou-se pastor da Missionary Baptist Church of Christ, em Bush Creek, Navarro Co. e, no mesmo Condado, da Chatfield Baptist Church. Nesse mesmo ano, seu nome aparece como secretário da Richland Baptist Association. Em 1859, ele estava como pastor da Pin Oak Baptist Church, Richland Crossing, no mesmo Condado.



Desconhecemos as razões que levaram E. H. Quillin a vir para o Brasil. É provável que o seu sogro, Willis Edwin Parks, tenha influído para a tomada dessa decisão.

Assim, Quillin e Parks se juntaram ao grupo de F. McMullan, com a vinda marcada para o Brasil.

Entre os emigrados do grupo McMullan estava a família de Alfred Iverson Smith, cuja filha, Sarah Bellona, registrou fatos daquela viagem. Desse registro, encontramos algo relacionado com E. H. Quillin, e é como segue, em resumo: Quando o grupo de emigrados chegou em Iguape, foi-se espalhando. Alguns foram para Juquiá. Outros resolveram espalhar-se pela área entre Iguape e Boca do rio Una do Prelado, no rumo de Peruíbe. Em algum lugar do Guanhanhã, Quillin e sua família acamparam-se. De algum modo, providenciaram uma casa para morada.

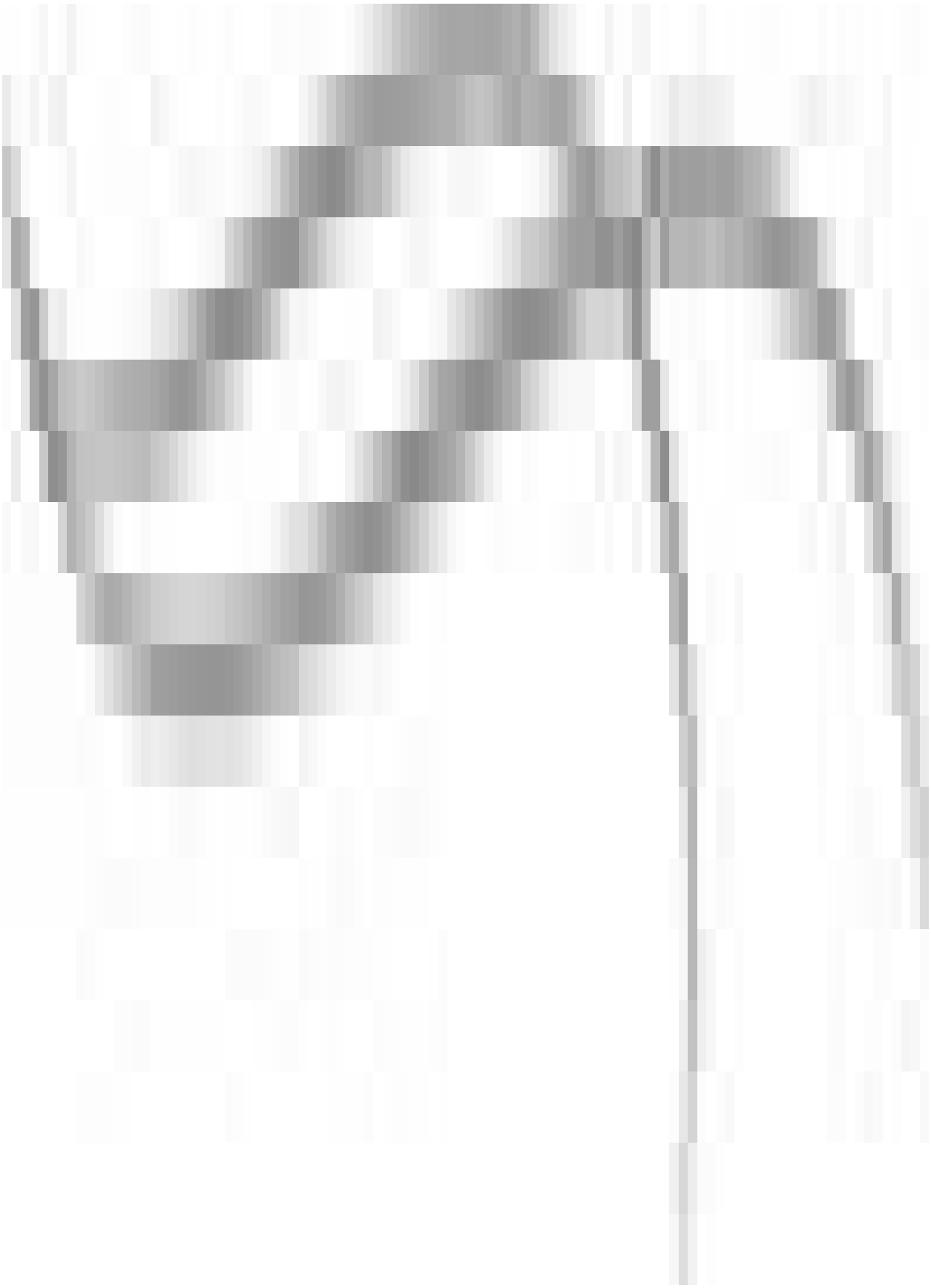
Na linha de Juquiá ficaram várias famílias, como as de William Bowen, que já se encontrava ali, com a incumbência de abrir uma estrada nova no meio da floresta. Mas imaginamos que desde a viagem, Eugene, irmão de Bellona, começara a namorar Susana — “Sue”—, filha do Coronel W. Bowen. Ambos eram muito jovens. Algum tempo depois de chegarem ao Brasil, foi realizado o casamento, tendo sido oficiante o Pr. E. H. Quillin. No dia seguinte, todos vieram para a casa dos pais do noivo, onde foi oferecido um almoço. Na ocasião, apareceu E. Crawley, que descia para Peruíbe. A fim de que não pairassem dúvidas sobre esse casamento, Quillin reuniu o grupo para uma segunda cerimônia, confirmando o casamento do dia anterior, fazendo com que Crawley também assinasse o documento com as duas testemunhas da véspera (nomes não mencionados).

Aqui interrompemos o relato de Bellona para registrar o fato de que não encontramos qualquer informação de que Quillin já naquela altura estivesse registrado como Ministro do Evangelho, conforme o Decreto Imperial exigia. Mas é provável que já o fosse, com o registro feito talvez em Iguape. Desde a chegada, em fins de maio de 1867, até o fim de 1868, muita coisa tinha sido feita, inclusive a casa de morada com madeira recolhida da floresta ao redor. Reino, o segundo filho de Quillin e Sarah Elvira, tinha nascido a 16.12.1687, e cremos que foi em Guanhanhã.

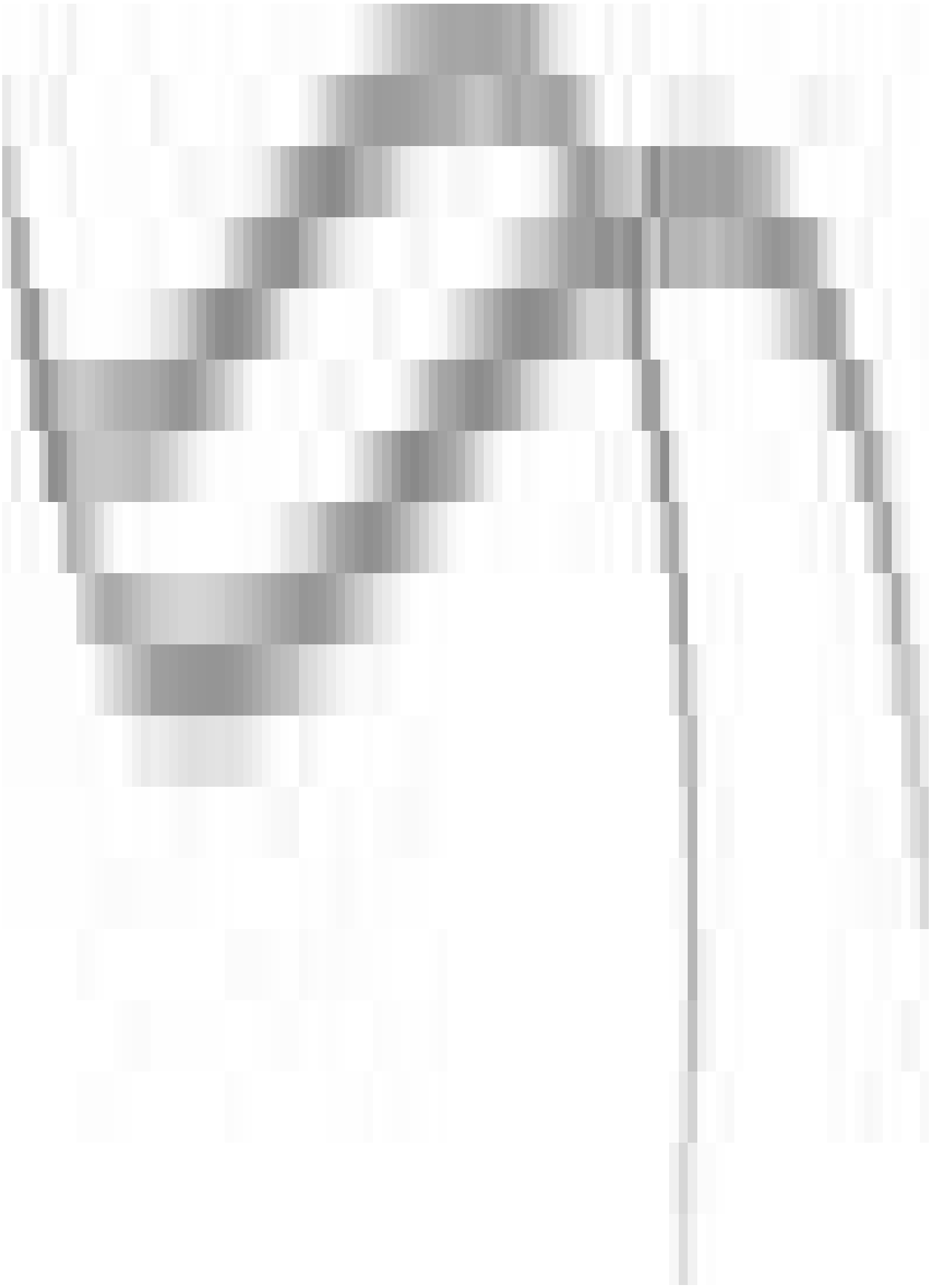
Conforme Bellona, aí o Rev. Quillin realizava cultos no fim do ano de 1867. Estes eram feitos à sombra das árvores.

Antes de fevereiro de 1871, a família Quillin já se deslocara para outro lugar, não mencionado. Apenas é citado “big river”. A 02.07.1872, nasceu o filho Tilman Rodolpho, num lugar chamado Ponta Grossa, que ficava à margem do rio Ribeira. Hoje deve ter outro nome. A 27.01.1875, nasceu Maxie, em Sorocaba. É provável que, em maio de 1876, as famílias Quillin e Parks estivessem morando em Piracicaba, conforme se deduz de um documento que encontramos no arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba. A 05.02.1877, nasceu a filha Bellona, já em Santa Bárbara. A 03.09.1882, nasceu o caçula, Orlando, também em Santa Bárbara.

Por esses dados reunidos, fomos levados a concluir que Quillin só se estabeleceu em SBSP no final de 1876, ou no princípio de 1877, e que ele não participou da organização da PIB/SB, a 10.09.1871. Estando em Iguape, teria de ir até Santos, e daí para Jundiaí, de trem, e até Santa Bárbara, em carroça ou a cavalo. Seria uma viagem longa, cansativa e onerosa para ele, que sempre teve mui poucos recursos.



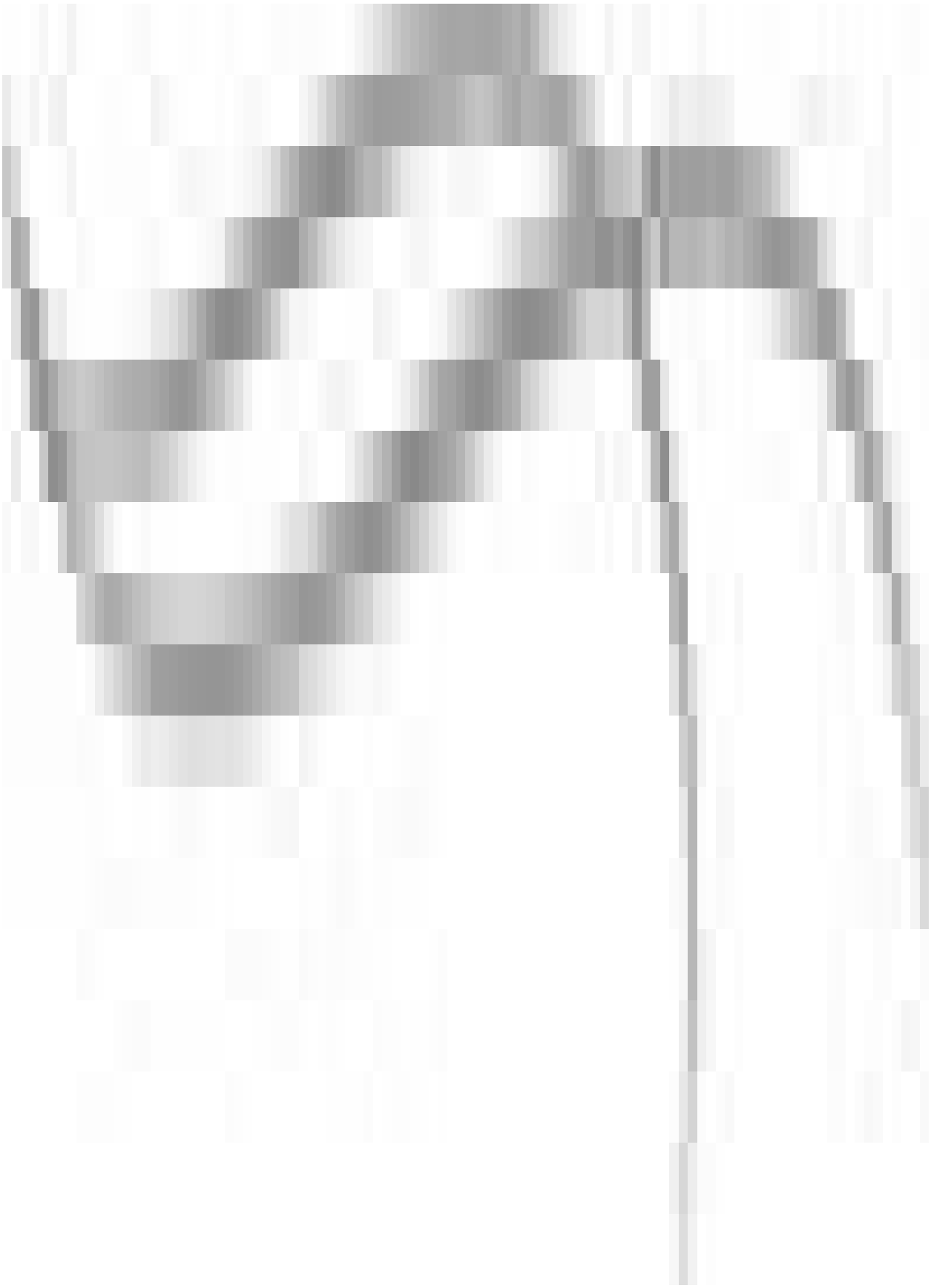
De D. Elsa Quillin McKnight, uma das netas do Rev. E. H. Quillin, temos várias informações: “... Meu avô era de pequena estatura e de físico fraco. (...) Meu avô era aleijado de nascença, bem como o meu tio Rodolpho. Os braços eram mais curtos que o normal e meio tortos. (...) Era um homem de grande preparo intelectual e de rara inteligência. Foi professor num colégio em Santos, depois em Piracicaba, onde lecionou para os filhos e genros de Prudente de Moraes. Mudaram-se depois para o Campo, onde ele foi pastor batista por quatro anos. Lá também lecionou a alunos de ambos os sexos. (...) Por dificuldades financeiras, meu avô foi tentar a vida em Atibaia, deixando a família em Santa Bárbara, onde minha avó lecionava inglês e francês.”



Em abril/maio 1878, quando o Pr. R. Ratcliff retornou aos EUA, o Rev. E. H. Quillin assumiu o pastorado da PIB/SB. Em 1879, este foi nomeado missionário da FMB-SBC. No meio desse ano, ele estabeleceu a Missão Batista no Brasil, em Santa Bárbara, tendo a PIB/SB como núcleo básico. Em novembro deste ano, ele fundou a Segunda Igreja Batista em SB, a da Estação. (Ver pág. 660, Imagens E7 e E8)

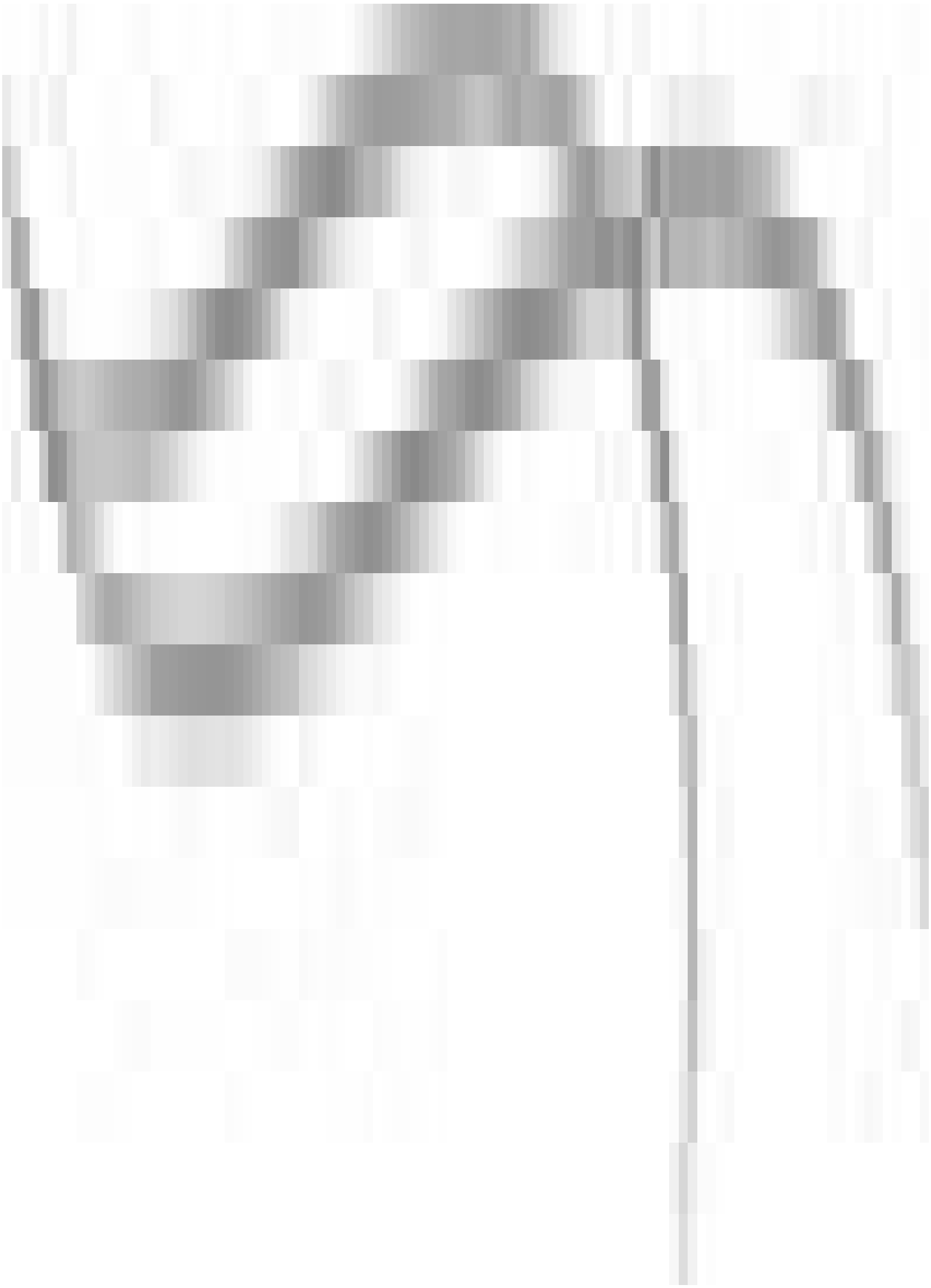
A 20.06.1880, Antonio Teixeira de Albuquerque surgiu no cenário, tornando-se membro dessa igreja, por profissão de fé e batismo. No mesmo dia, foi consagrado no Ministério da Palavra, com o Concílio formado por Quillin e R. P. Thomas. Uma pergunta sempre surge quanto ao fato de Teixeira de Albuquerque ter sido batizado pelo Pr. R. P. Thomas, se o pastor da igreja era E. H. Quillin. Parece-nos claro que o problema físico apontado por sua neta explica a razão do convite ao Pr. R. P. Thomas, para que este fizesse aquele batismo. (Ver Parte “D”, 20.06.1880).

As atividades do ministério do Pr. E. H. Quillin podem ser acompanhadas nos registros que figuram nas partes “C” e “D” deste livro.



O seu necrológio pode ser lido na parte “D”, 21.03.1886, escrito pelo seu colega R. P. Thomas. De tudo que nos foi possível consultar e examinar, quase podemos concluir que E. H. Quillin foi sepultado no Cemitério do Campo, no “plot” (pedaço de terra) da família Quillin, e onde estão os túmulos de Maxie e uma filhinha deste. Sarah Elvira Quillin também foi ali sepultada. Ela faleceu na Vila de SB, a 01.12.1902. Estava paralítica. Possuímos a certidão do seu óbito, do registro feito no Cartório de Notas em SB. Não há marcas dos túmulos de Elias e Sarah Elvira Quillin. A tradição de família é que duas palmeiras marcavam os seus limites.

Maxie casou-se com Helena Rochwedder. Tiveram 12 filhos, e ainda adotaram uma menina! Maxie faleceu a 29.01.1945, e foi sepultado no Cemitério do Campo. Helena faleceu a 02.04.1979, com 93 anos de idade, em Ontario, California, EUA.

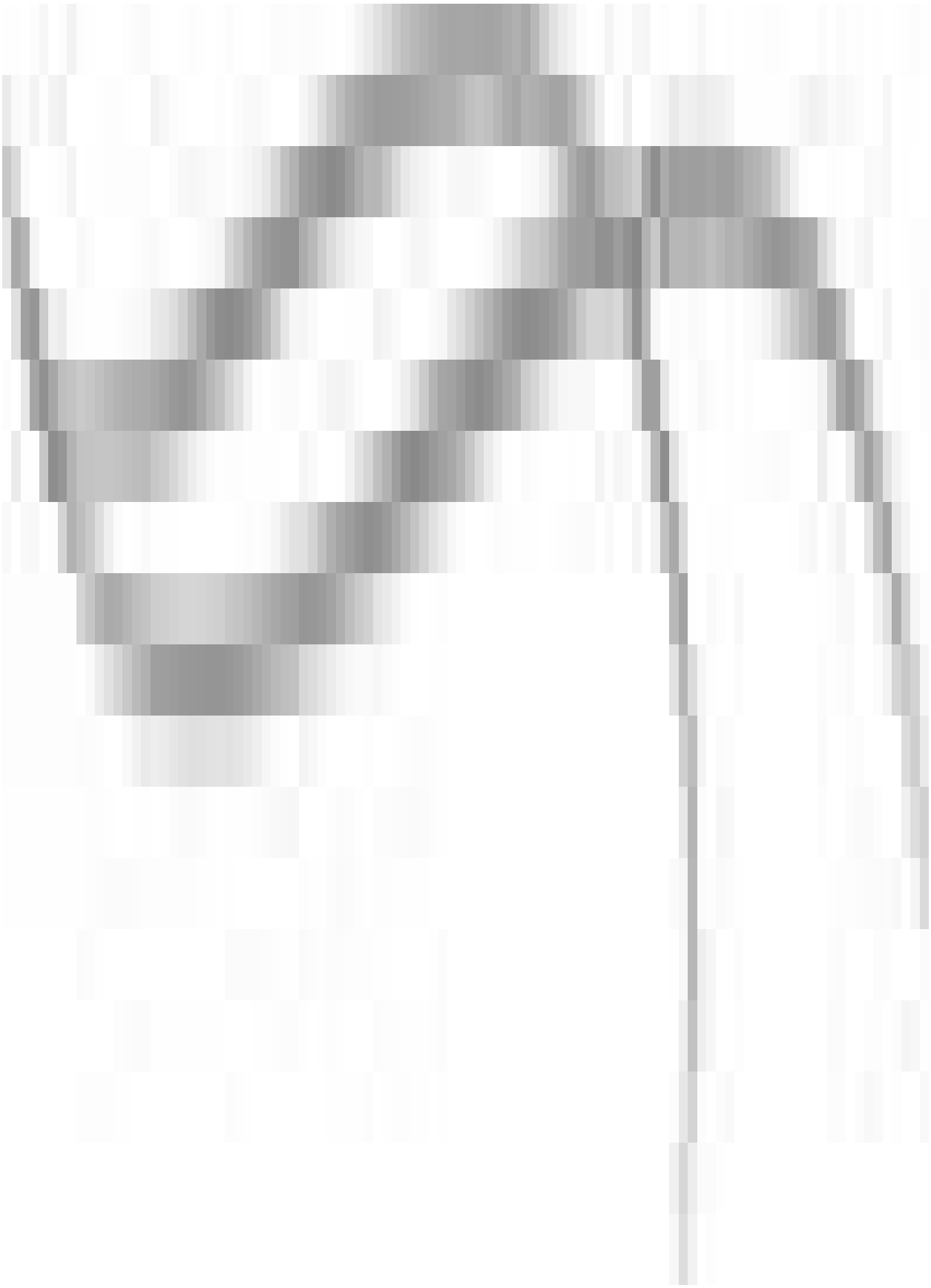


Escrever da luta e sofrimentos pelos quais Quillin passou e contar das vitórias alcançadas e do que fez pelo amor à Causa torna-se um tema a ser desenvolvido por um jovem que se fascina por histórias que inspiram!

O Rev. Elias Hoton Quillin deve merecer um lugar em nossos corações e o seu lugar exato na História dos Batistas do Brasil.

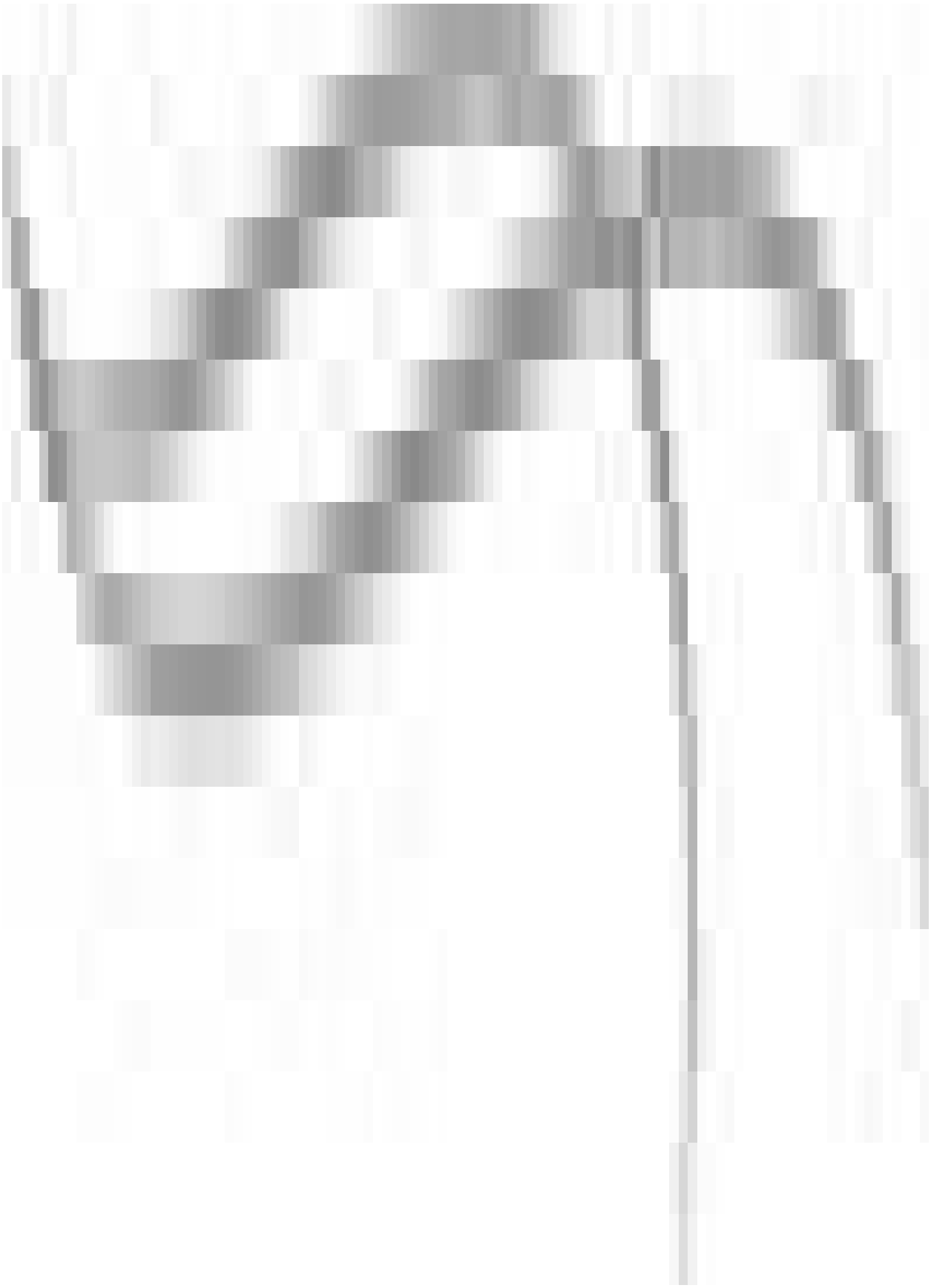
Estamos certos de que as sementes que ele espalhou, andando e chorando, hão de trazer os seus ricos frutos por gerações e gerações.

Salmo 126.



† Elsa Quillin MacKnight faleceu em 31.07.1999, com 88 anos de idade, em Petaluma, Califórnia. Foi casada com Clinton McKNight

† Henry MacKnight faleceu também em Petaluma, em 13.11.1993, com 82 anos de idade.



Robert Porter Thomas

(* 02.08.1825 — † 05.05.1897)

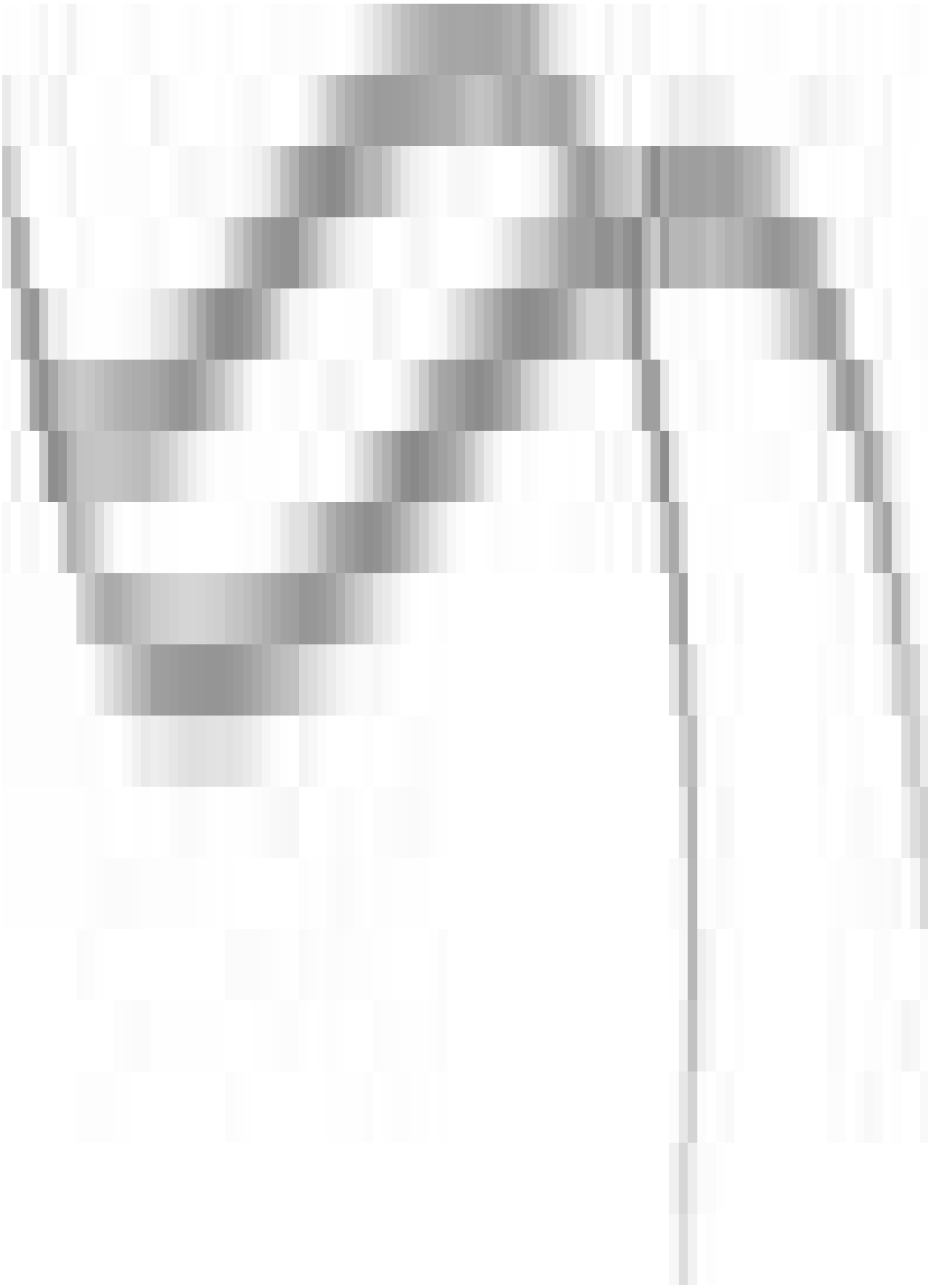
Robert Porter Thomas nasceu a 02.08.1825, em Dallas Co., Alabama, EUA. Foi o oitavo dos 11 ou 12 filhos de John e Ferebe Thomas. Era neto de Robert Thomas, patriota da Revolução Americana, e Martha Thomas; bisneto de John Thomas, também patriota da Revolução Americana, e Jane Thomas. Este John era nascido em Gales. Ao que tudo indica, veio solteiro para a Pensilvânia. Aí se casou.

Ao tempo da mencionada Revolução, a família estava em Carolina do Sul, Spartanburg, indo mais tarde para Greer, bem próximo de Greenville e onde se encontra a Universidade Furman. Robert, o avô de Robert Porter, faleceu a 02.03.1781, durante a batalha de Mud Lick, nesse mesmo Estado. Deixou a viúva com três filhas e um filho — John — ainda pequenos. O bisavô, John Thomas, Coronel do Regimento Spartan, foi levado para a prisão em Ninety-Six, onde ficou alguns meses. Aí viu morrer o seu filho Abraham. Transferido para Charleston, completou 18 meses de aprisionamento, após o que foi libertado. Possuímos cópia do seu requerimento, de 1783, solicitando ao governo a indenização dos prejuízos sofridos durante o tempo da guerra. (Documentos no Arquivo do Est. Carolina do Sul, EUA)

Em 1980, visitamos a casa de madeira, em Greer, onde o Coronel John Thomas e sua esposa viveram os seus últimos dias. A casa ainda estava em pé! Ele faleceu em 1811. Foi sepultado na sua propriedade. Tem-se que o seu túmulo é o que se encontra num campo de gado, do outro lado de uma pequena estrada, que, muitos anos depois, foi aberta no meio dessa propriedade. O túmulo está muitíssimo danificado pelo tempo e, se havia alguma gravação na pedra, a erosão encarregou-se de apagá-la. Acredita-se que Jane, falecida pouco antes do esposo, foi também ali sepultada.

A família de John e Jane era de piedosos presbiterianos. Percebe-se, pelas cartas encontradas das décadas de 1830 a 1850, que Ferebe, a mãe de Robert Porter

Thomas, era uma cristã zelosa e que, no fim dos seus dias, já então em Mine Creek, hoje Nashville, Arkansas, pode ter pertencido à igreja batista local.

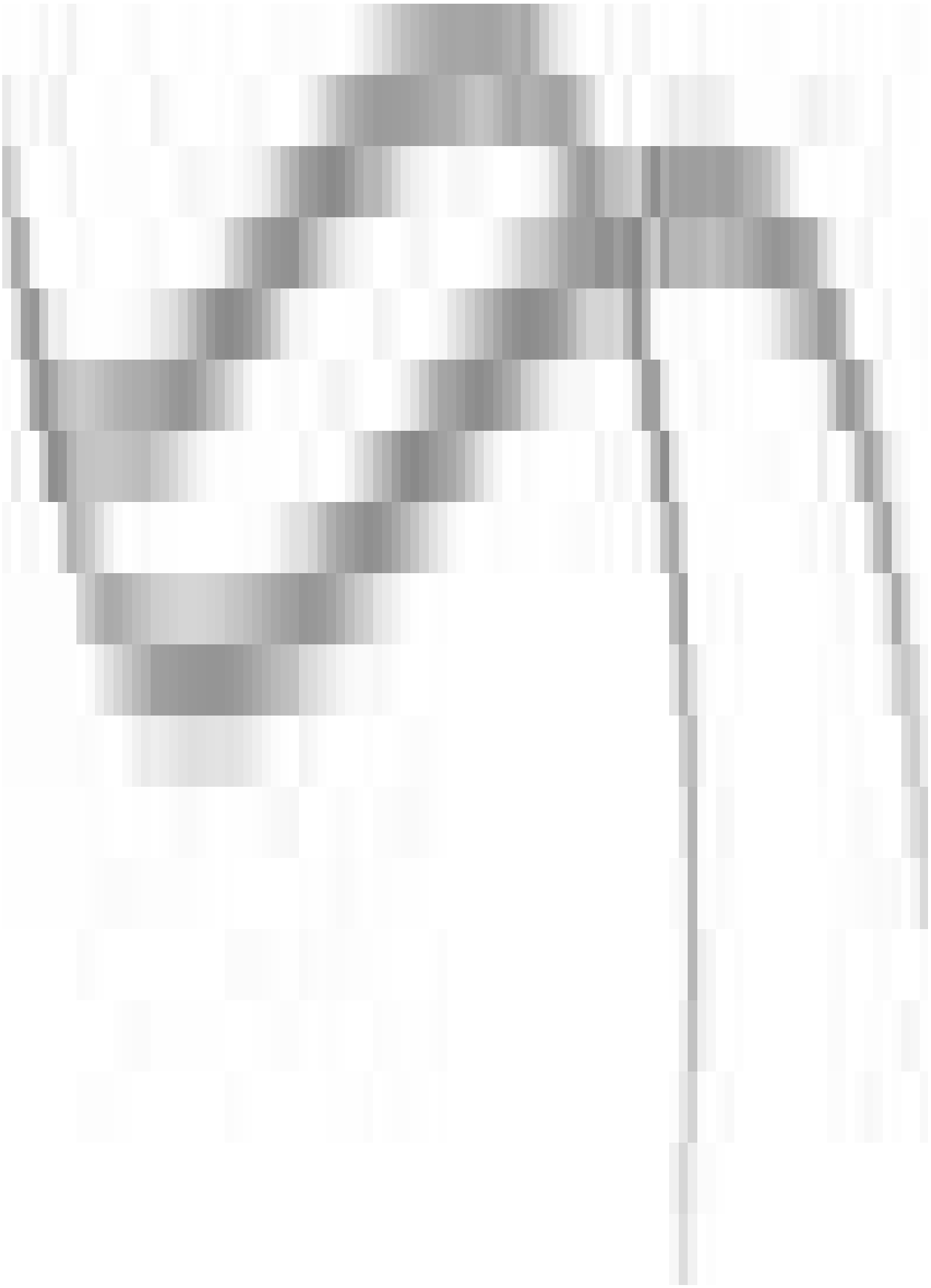


Mais ou menos em 1819, John e Ferebe, pais de RPT, mudaram-se de Carolina do Sul para Alabama, onde RPT nasceu. Em 1837, toda a família transferiu-se para Lowndes Co., Mississippi. Aí, em 1839, faleceu John, o pai de RPT. Ferebe assumiu toda a responsabilidade da direção da fazenda, tendo sob os seus cuidados quase 30 escravos na lavoura.

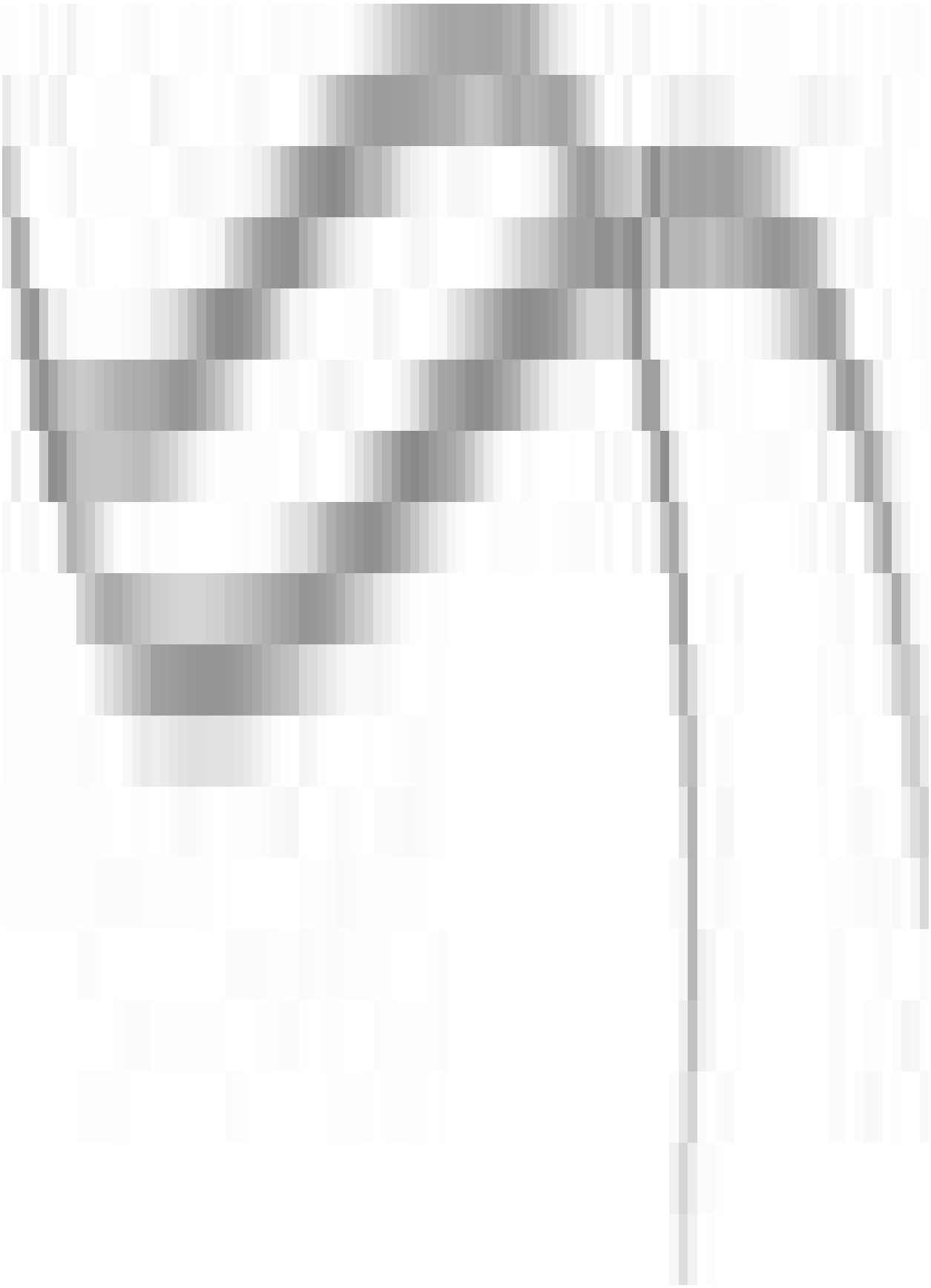
Crê-se que, ao atingir 21 anos de idade, RPT achou por bem seguir o seu irmão Samuel S., que se havia mudado para Mine Creek, (depois, Nashville) Arkansas. Por volta de 1835, esse lugar era mata virgem, apenas cortada por algumas trilhas de índios e caçadores. Procedente de Marengo Co., Alabama, o Rev. Isaac Cooper Perkins, chegou ali com a sua família, levando com ele outras famílias.

Abriram clareiras na floresta, construíram suas cabanas de toras e este núcleo deu origem à cidade que hoje se chama Nashville, Arkansas. Elder Perkins preparou, de imediato, a Casa das Reuniões (Meeting House) com dois pavimentos. Ao lado, ele fixou a área destinada ao cemitério. Tudo na parte de sua terra que conseguira comprar do governo.

"... A Igreja Batista de Mine Creek foi organizada em 1835, pelo Rev. I. C. Perkins. O nome da igreja foi mais tarde mudado para Primeira Igreja Batista de Nashville. O registro diz, com relação ao Rev. Perkins: (...) 'Este venerável homem de Deus, viajando a cavalo, deu o seu tempo quase integral, sem receber pagamentos, para pregar e organizar igrejas nesta região. Seu trabalho estendeu-se sobre o território entre Little Rock, Arkansas, e Jefferson, Texas.' (...) É também sabido que o Rev. Perkins deu o terreno no qual foi erigida a primeira casa de cultos. (...) O Rev. I. C. Perkins foi, em 1848, o primeiro presidente da Convenção Batista de Arkansas." (In First Baptist Church of Nashville. 1835 to 1970, p. 3 — Opúsculo comemorativo — em nosso arquivo)

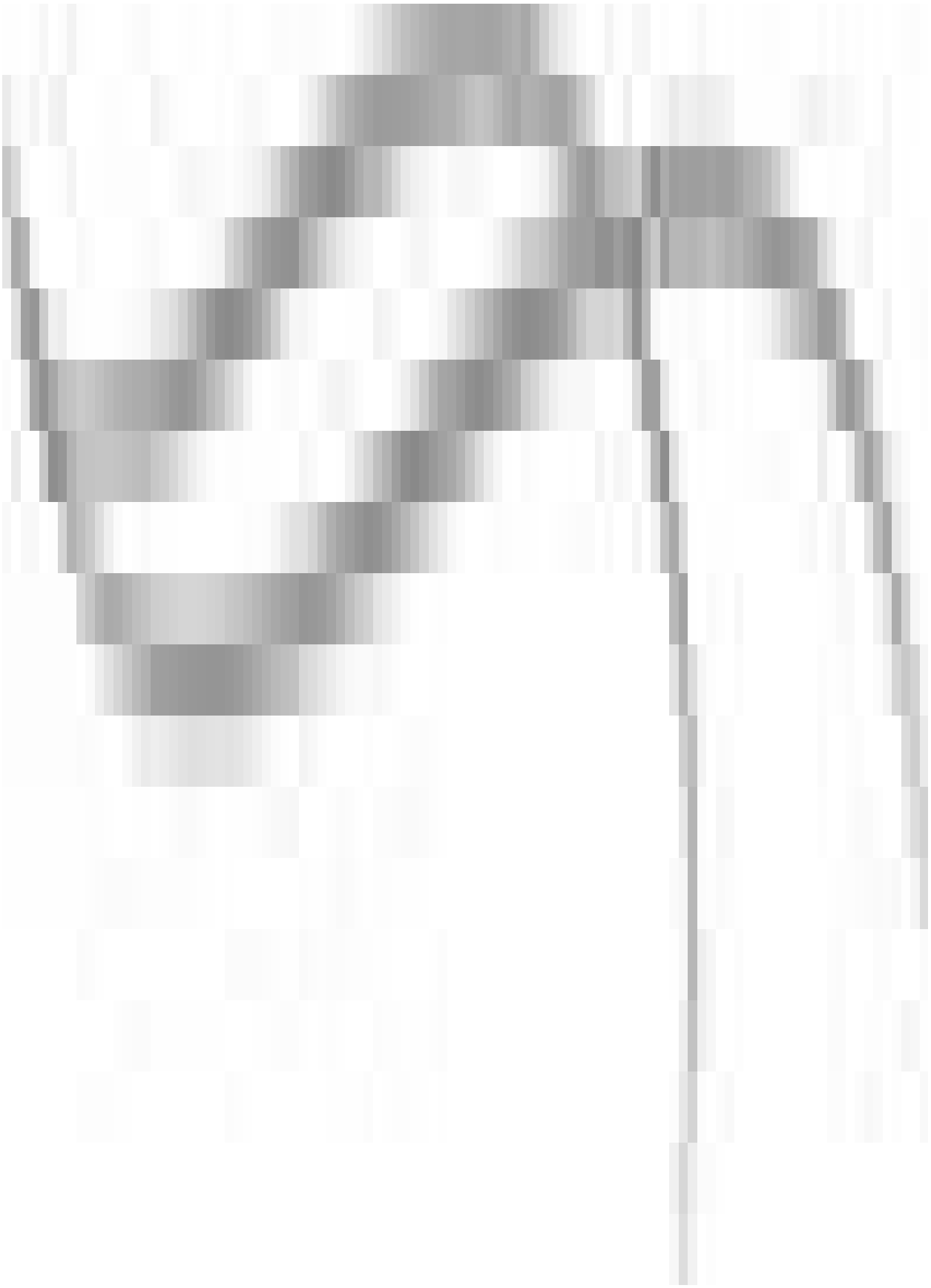


Uma de suas filhas, Emily, casou-se com Robert Porter Thomas, a 06.12.1849. No fim de 1850, faleceu Hannah (Guest) Perkins, esposa de I. C. Perkins. A 02.01.1852, este veio a falecer. Necrológio publicado em “The Tennessee Baptist”, de 14.02.1852.



Num curto espaço de tempo, RPT e sua esposa, Emily, sofreram alegrias e tristezas. Por esse tempo, atendendo ao apelo do filho Robert, Ferebe Thomas veio do Mississippi para morar com ele. A 05.06.1851, nasceu a primogênita de Robert e Emily, Martha Ferebe Thomas — “Mattie”.

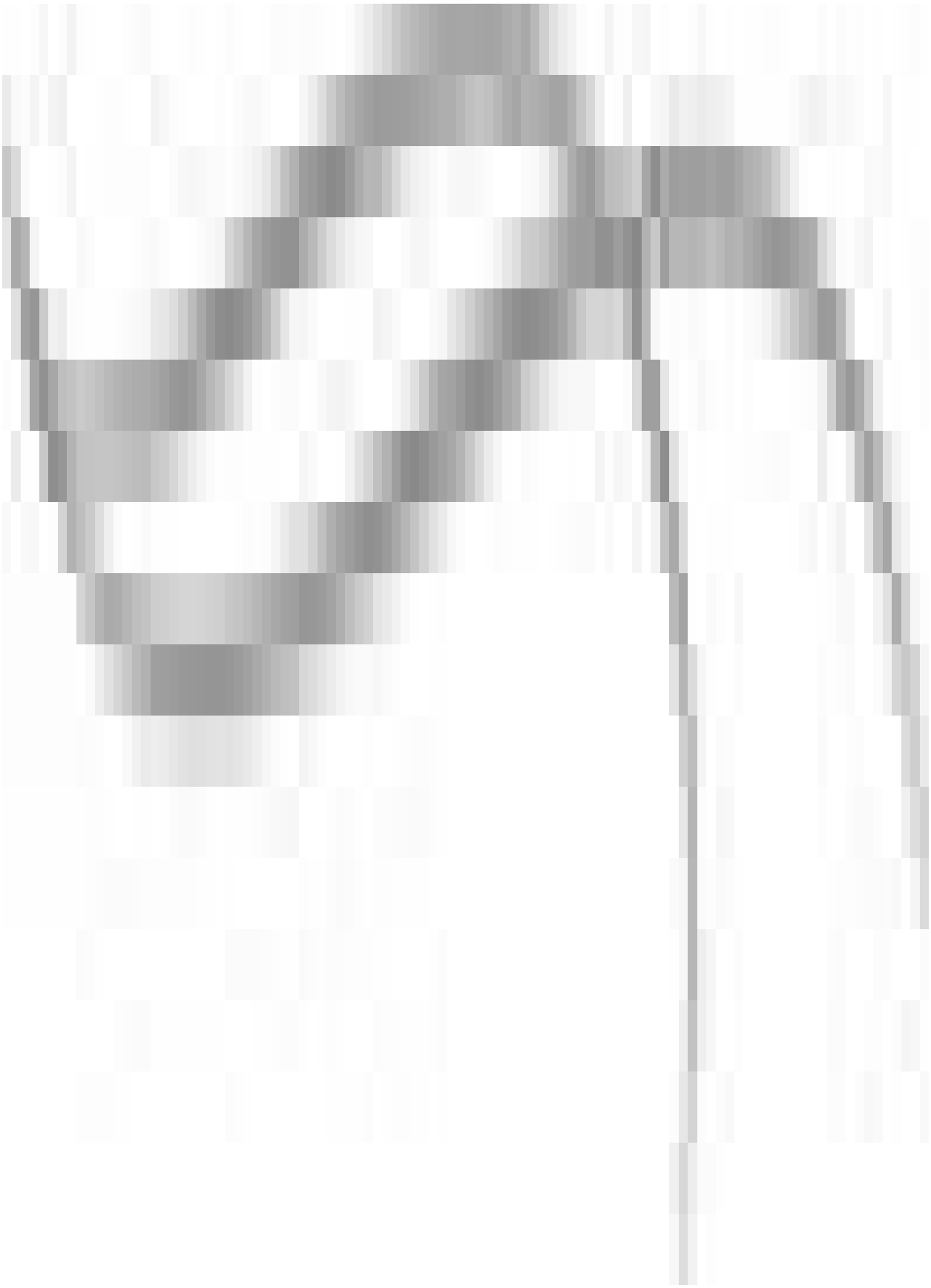
Em outubro de 1852, realizou-se em Nashville, AR, a Convenção Batista do Estado de Arkansas. O nome de Robert aparece mais uma vez nas atas, inclusive como relator de uma comissão de educação. A 03.03.1855, nasceu William Francis Thomas, o segundo filho do casal, e a 26.06 seguinte, faleceu Ferebe Thomas, a mãe de RPT. Em 1974, visitamos o antigo cemitério da cidade onde ela, o casal Perkins e outros da família estão sepultados.



Com uma parte da herança que Robert recebeu de seus pais e de um irmão, ele adquiriu uma propriedade de 1.200 acres de terra, em Arkansas, dos quais ele só chegou a cultivar 100. A 05.11.1857, nasceu Abram Curtis — “Abe” —, e a 06.08.1861, Margareth Elisabeth — “Lizzie”—, filhos de Robert e Emily.

A Guerra de Secessão iniciara-se em abril de 1861. Em 1862, RPT serviu nas fileiras do Exército Confederado, como primeiro sargento, no 22º Batalhão da Infantaria, Arkansas. Tomou parte em duas batalhas, nesse mesmo Estado.

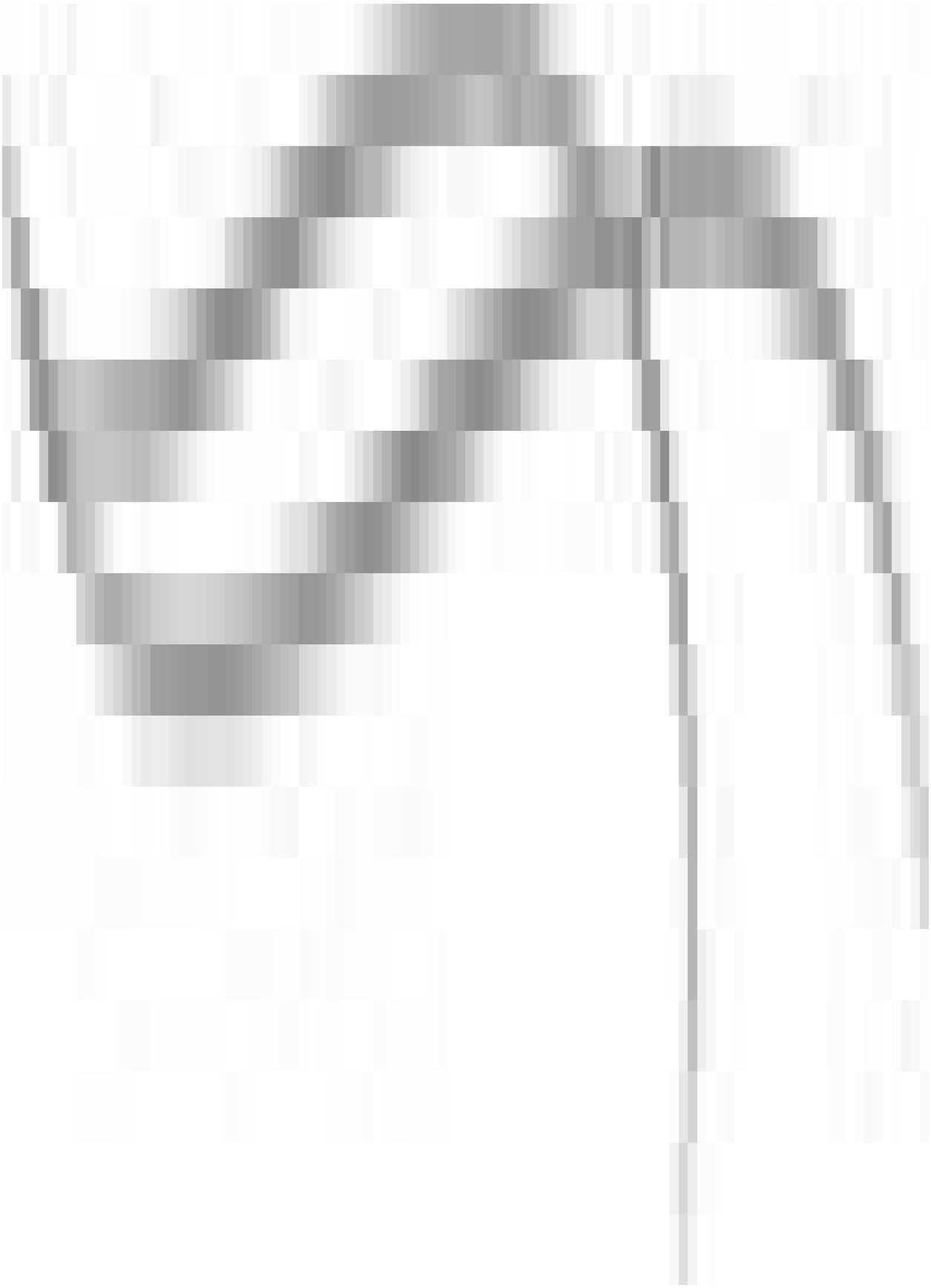
A 11.05.1864, nasceu Robert S., o quinto filho do casal. A 09.04.1865, terminou a Guerra com a derrota dos Confederados. A 16.02.1867, nasceu Sarah Emily — “Sallie” —, e a 26.03.1868, Martha Ferebe, com quase 17 anos de idade, casou-se com William Sims. A 31.08.1870, nasceu Mary Francês, a caçulinha de Robert e Emily. Ao todo, eram sete filhos.



Algum tempo após o fim da Guerra, RPT revestiu-se de ânimo e veio a construir uma boa casa na sua propriedade, da qual a família pouco iria usufruir. Algo aconteceu que mudou a idéia de RPT. Ele não permaneceu ali. No fim de julho de 1870, realizou-se o Censo no país. Este revelou que a propriedade de RPT que, em 1860, fora avaliada em 12.000 dólares, agora valia só 4.000! Talvez esse resultado, somado a outros motivos, deu razões para que RPT desejasse emigrar.

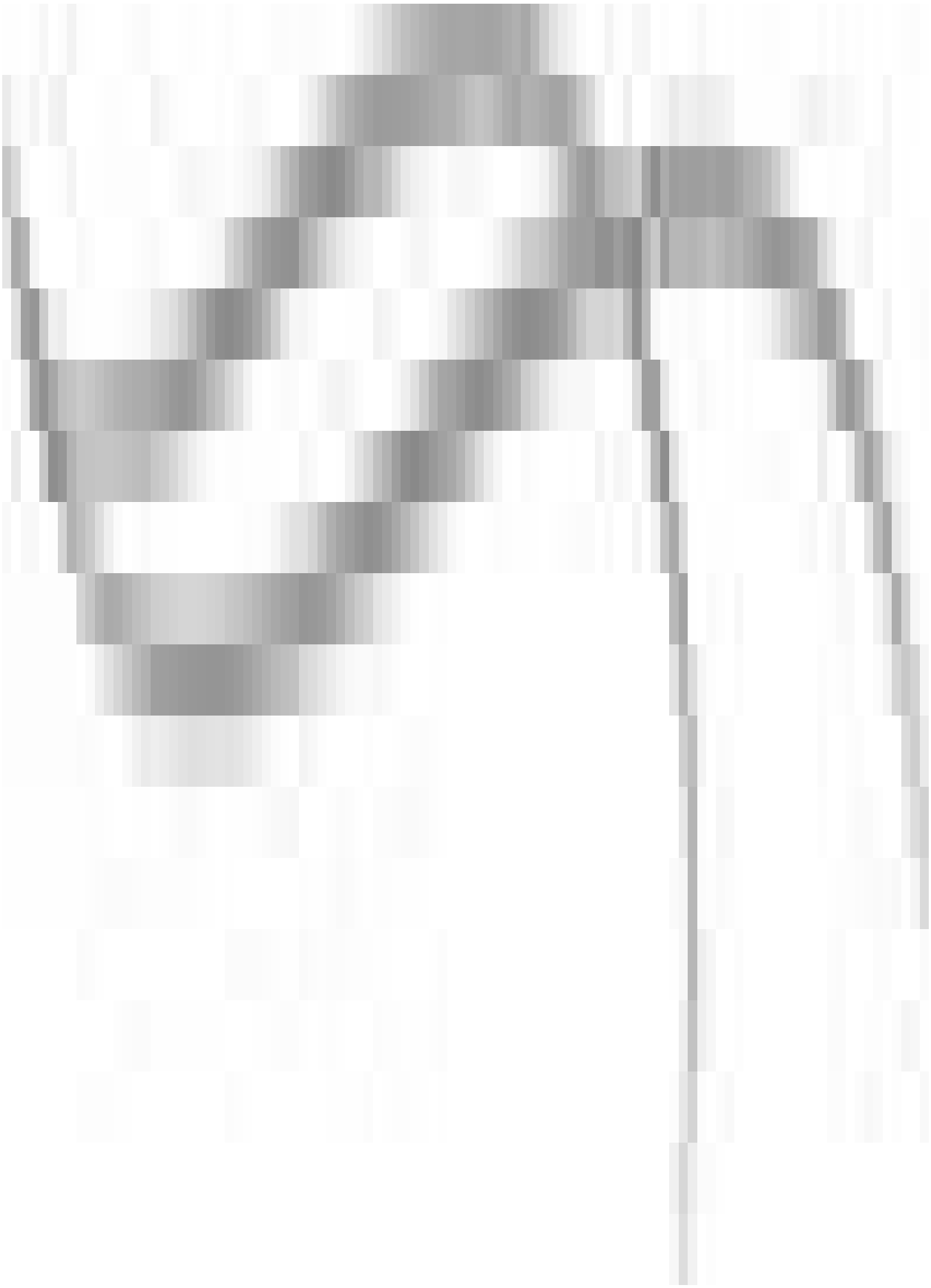
Mas, nessa altura dos acontecimentos, o entusiasmo pela emigração já estava um pouco arrefecido, nos Estados Sulistas. Os anos de 1867 e 1868, tinham sido os mais movimentados. E agora, em 1870, RPT decidiu retirar-se. Temos cópia de uma carta, escrita muitos anos depois de tudo ter acontecido, quando sua filha, Sarah Emily, afirmou que "... quando papai decidiu vir para o Brasil, ele estava desorientado". Mas, infelizmente ela não deu explicações.

A 18.09.1870, RPT, a esposa e, provavelmente, seu filho William F., de 15 anos de idade, solicitaram que a Igreja Batista Liberty Grove, Sevier Co., Arkansas, lhes concedesse as cartas demissórias para outra igreja da mesma fé e ordem. A de Emily sobreviveu ao tempo e dela apresentamos um fac-símile, na parte "E". (Pág. 693)



Ano de 1871: em 28 de jan., faleceu o filho Robert S., de sete anos de idade; em 21 de fev., RPT foi consagrado ao Ministério da Palavra, conforme ata no Livro de Registro de Casamentos, no Fórum de De Queen, Arkansas! Essa consagração nasceu da experiência tida com o sogro, I. C. Perkins, no trabalho da Causa. RPT desejou ser útil no Brasil. Em 22 de jul., RPT e família desembarcaram no Rio de Janeiro, e logo seguiram para Santa Bárbara, SP. Ali, em 10.09.1871, foi membro fundador da Primeira Igreja Batista organizada no Brasil.

Em 1880, RPT batizou Antonio Teixeira de Albuquerque, que se tornou membro da Igreja Batista da Estação. Juntos, RPT e seu colega E. H. Quillin, procederam à consagração ao Ministério da Palavra do mesmo A. T. Albuquerque. Assim, as duas igrejas entraram para a História dos Batistas no Brasil. Quatro membros da primeira e um da segunda, foram os fundadores da Primeira Igreja Batista na Bahia, em 1882!

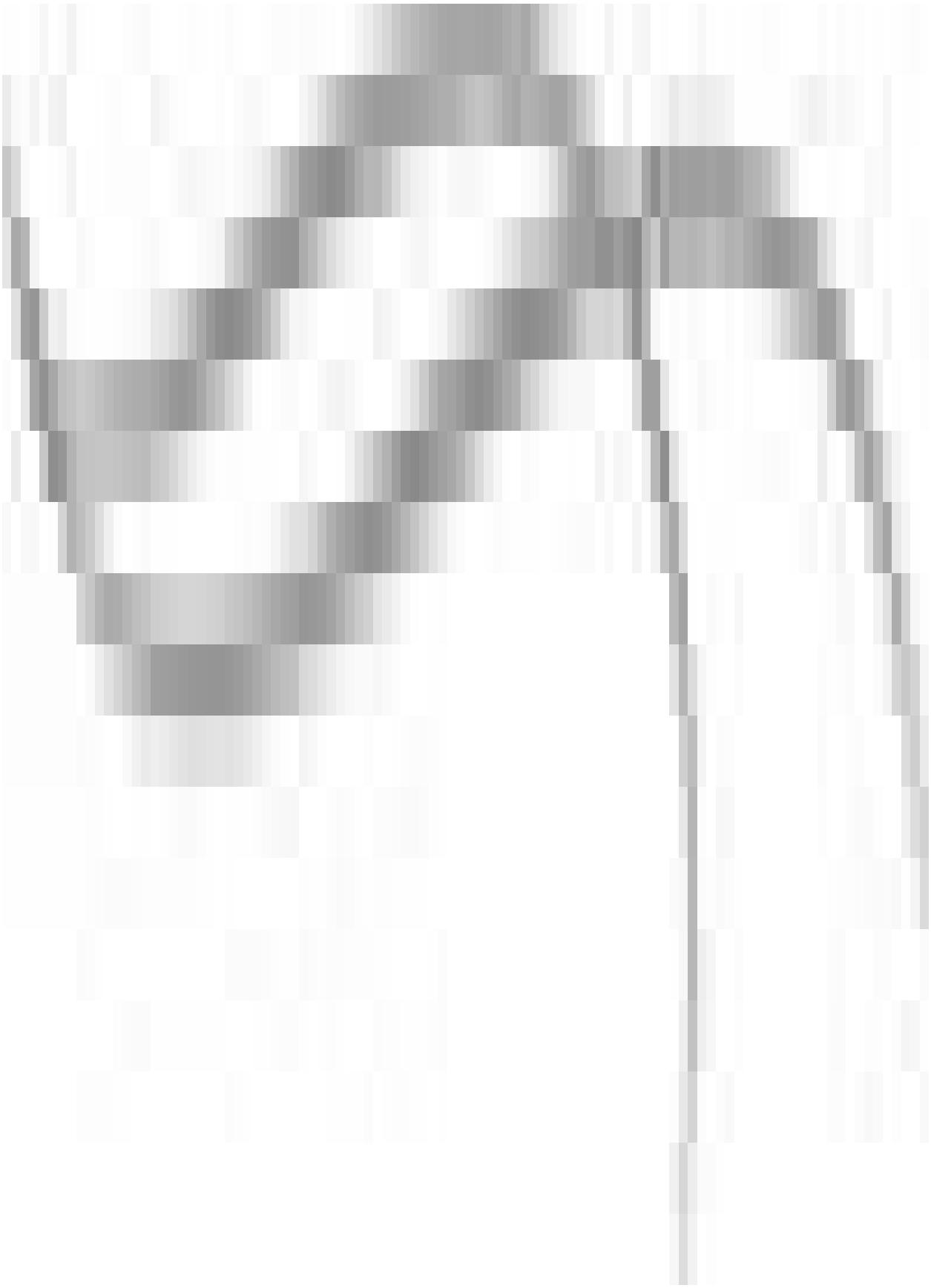


Retornando um pouco neste relato, temos que, a 04.05.1871, era firmado pelo escrivão local, em Arkansas, um documento assinado por quinze pessoas da comunidade, recomendando Robert P. Thomas “aos bons cidadãos do Brasil.” (Ver Parte D - 04.05.1871 e fac-símile na Parte E, pág 696).

A 28.05.1871, RPT entristece-se com a notícia do falecimento do seu irmão, Abram D. Thomas. No fim de junho, a família de RPT deixava a terra nativa: o casal e os filhos William Francis, Abram Curtis, Margareth Elisabeth, Sarah Emily e Mary Frances, esta com apenas 11 meses de idade. Martha Ferebe, a primogênita, já casada, ficou em Arkansas. Nunca veio ao Brasil. Posteriormente, ela mudou-se para Navarro Co., TX.

Junto com R. P. Thomas e família vieram também, procedendo do mesmo lugar, o Sr. David R. Coulter, seu filho médico, Dr. George DeKalb Coulter. Eram batistas.

Chegaram ao Rio de Janeiro a 22.07.1871, pelo navio “North America”, que procedia de Nova York. Quatro dias depois, seguiram para SBSP, via Santos. Estas duas famílias vieram por conta própria, independentes de grupo ou agente de imigração. (MPRJ, p. 136, 137)



A 02.05.1876, RPT adquiriu uma propriedade perto do Campo. Consoante a Escritura de Compra e Venda, Cartório de Notas de SBSP, Livro 1º — Parte III, fl. 1, a propriedade constava de terras, casa de morada, galpão e outras benfeitorias. Primitivamente, ela pertencia a brasileiros e, segundo consta, era conhecida como o Sítio dos Godoys. A 27.10.1866, ela fora adquirida pelo Major Robert Meriwether e sua esposa, Mary C. Underwood Meriwether. A 22.03.1867, uma porção da terra foi vendida para Edwin Gehazi Britt, com simples especificações dos limites. A 28.08.1875, R. Meriwether já se movimentava para uma próxima mudança. Foi morar em Botucatu, vendendo, assim, a metade da terra para R. P. Thomas, na data de 02.05.1876.

A 07.05.1879, R. P. Thomas passou-a para William Patton McFadden e seu filho, Robert W. McFadden, com a presença de Robert Underwood Meriwether, filho de Robert Meriwether.

A 27.06.1881, o assunto foi resolvido, conforme Escritura Pública de divisão amigável. Na ocasião, estavam presentes o Major Robert Meriwether e sua esposa, que vieram de Botucatu, especialmente, para a assinatura do documento no cartório.

Com a idade de 54 anos, a letra de Robert Porter Thomas era tremida. Isto pode revelar algum problema de saúde.

A participação de RPT, como obreiro, no trabalho da Missão Batista, em SBSP, foi a de colaborador incansável. Seus passos podem ser acompanhados nas partes “C” e “D”.

A 11.10.1877, William Francis (Francisco) Thomas casou-se com Frances (Francisca) Elisa Ferguson (Ver pág. 699)

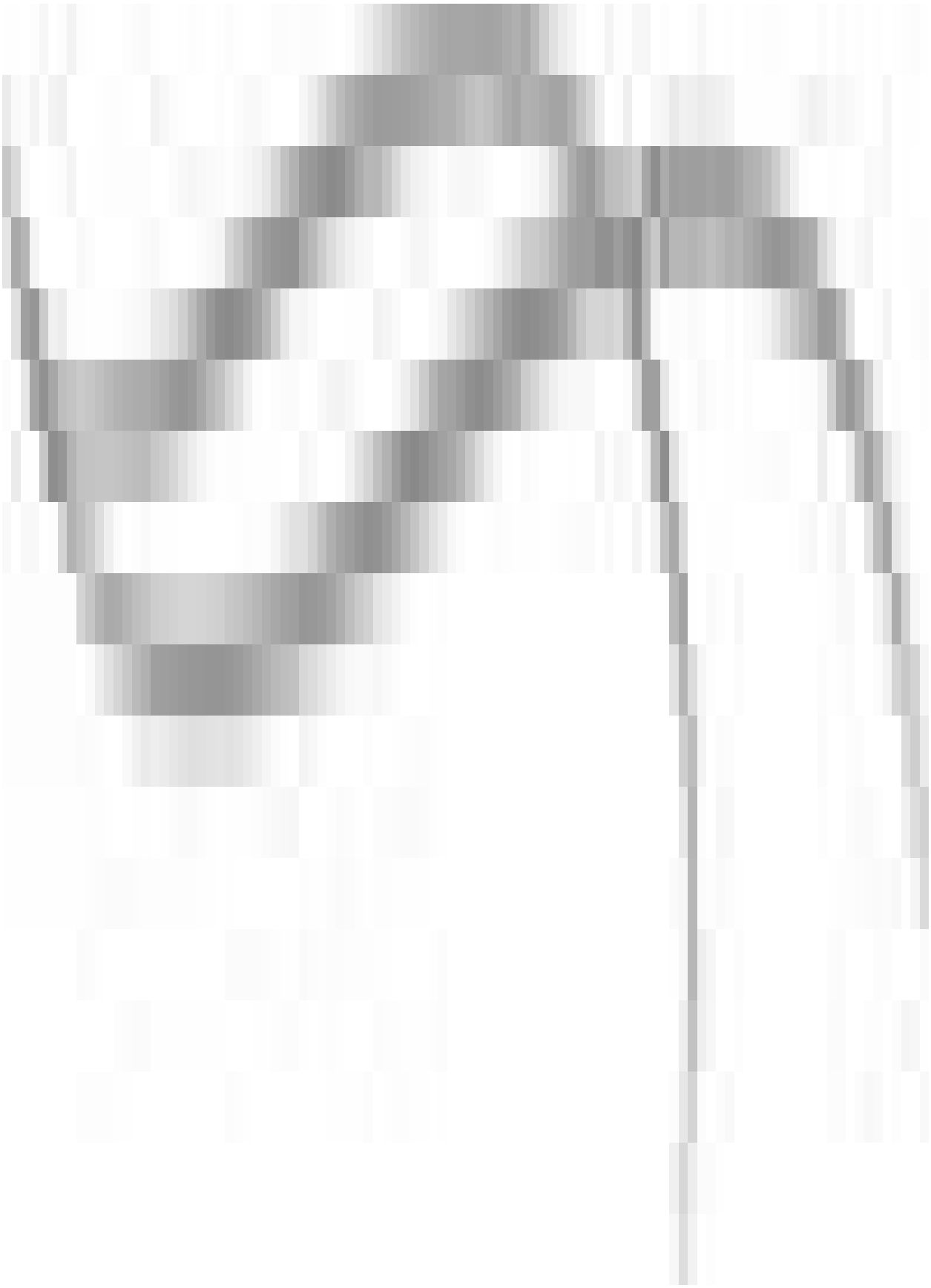
A 18.11.1877, Margaret Elisabeth Thomas casou-se com Robert William Daniel. O Rev. Richard Ratcliff oficiou ambos os casamentos, e deles temos as certidões, obtidas do Arquivo Municipal de SBSP, do Livro de Casamentos Acatólicos.

A 17.02.1880, Robert e Emily Thomas perderam Mary Frances, a caçulinha, que tinha menos de 10 anos de idade. Foi inumada no Cemitério do Campo.

A 05.03.1885, Abram Curtis Thomas casou-se com Mary Aline Kennerly. Anos

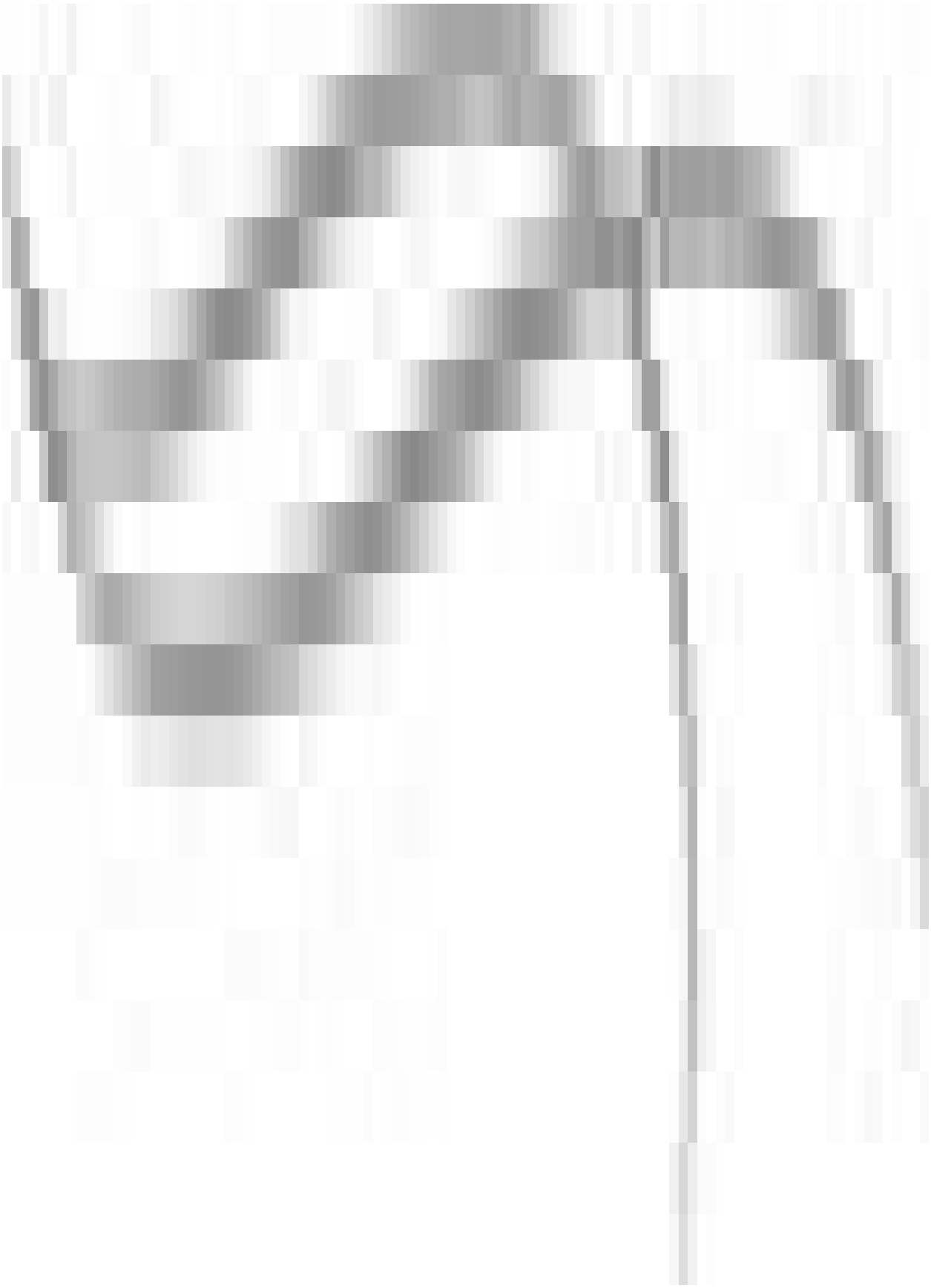
mais tarde, uma das filhas deste casal, viria a fazer parte do corpo docente do Colégio Batista Shepard, no Rio de Janeiro. Era ela Helen Aline Thomas que, no Jardim de Infância, foi uma das professoras do então menino João Filson Soren!

A 16.02.1893, Sarah Emily casou-se com William Stowe Ferguson. Este era irmão de Fanny, casada com William Francis Thomas.

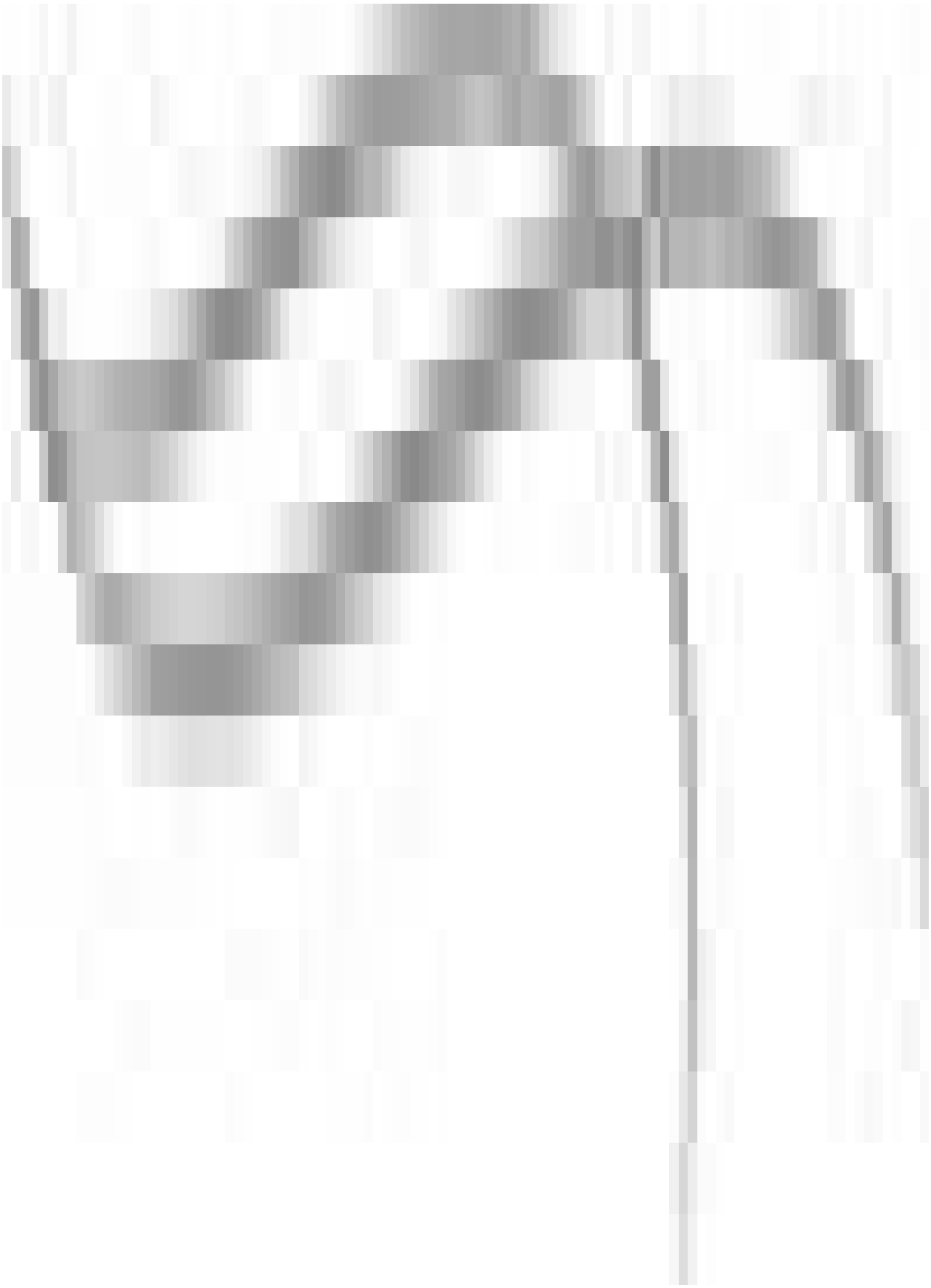


Antes do casamento de Sarah Emily, o seu pai teve que escrever-lhe uma carta tratando de sua vida espiritual. Dessa carta, temos apenas a p. 5, original. Vê-se que ele se preocupava com a possibilidade da filha enveredar-se por caminhos que a levariam para fora do evangelho. Recomendou-lhe afastar-se das reuniões dos jovens que faziam as suas festinhas com danças. Mencionou vários versículos bíblicos para que ela os lesse.

A 18.03.1895, RPT escreveria outra carta, mas então para sua neta, Martha Ethel, filha de William F. e Fanny E. Thomas. Essa carta foi traduzida e publicada no O Jornal Batista de 27.11.1966, p. 6. A jovem saíra de casa e foi refugiar-se na do avô, por achar que sua mãe lhe havia castigado com severidade.

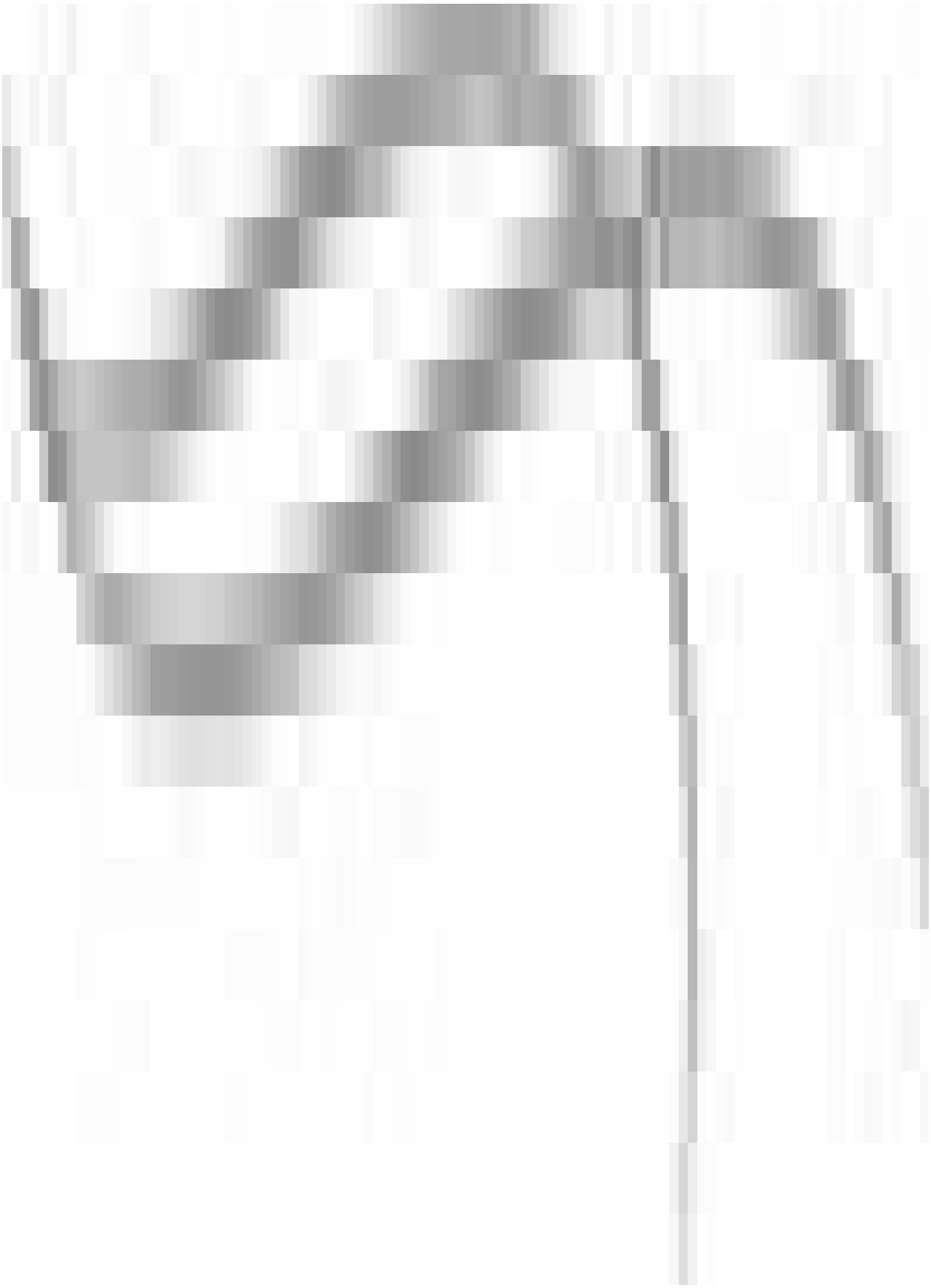


Os cabelos de Robert P. Thomas embranqueceram. Sua barba dava-lhe aquele ar de patriarca, de semblante sereno, de olhar marcado por vitórias conseguidas com duros sofrimentos. Como gostava de pilheriar, ele procurava resolver os assuntos com uma dose de bom humor, e sempre foi muito ponderado. Era querido e amado por seus filhos, netos, irmãos na fé e tantos outros. Em 1890, ele assinara uma declaração, no livro especial da Câmara Municipal de SBSP, de acordo com a lei vigente, de que desejava continuar como um cidadão norte-americano. É que ele ainda alimentava a esperança de voltar ao Arkansas, onde deixara a casa por ele construída e o chão por ele trabalhado!



A 05.05.1897, Robert foi chamado à presença de Deus. Nesta data, na parte “D”, está a tradução de uma carta escrita por seu filho, William Francis Thomas, para sua irmã, Martha F. Sims, nos EUA. Nela, ele exprime a sua ternura pelo pai. Ao falecer, RPT tinha completado 47 anos e meio de vida conjugal com a sua querida Emily. A viúva ficou um tempo com o seu filho William Francis. Depois foi morar com a filha Margareth Elisabeth Daniel, em Tatuí. Ali faleceu a 19.04.1904. Anos depois, os seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério do Campo, em SB, e se encontram no mesmo túmulo de Robert P. Thomas. (Ver págs. 660 e 674)

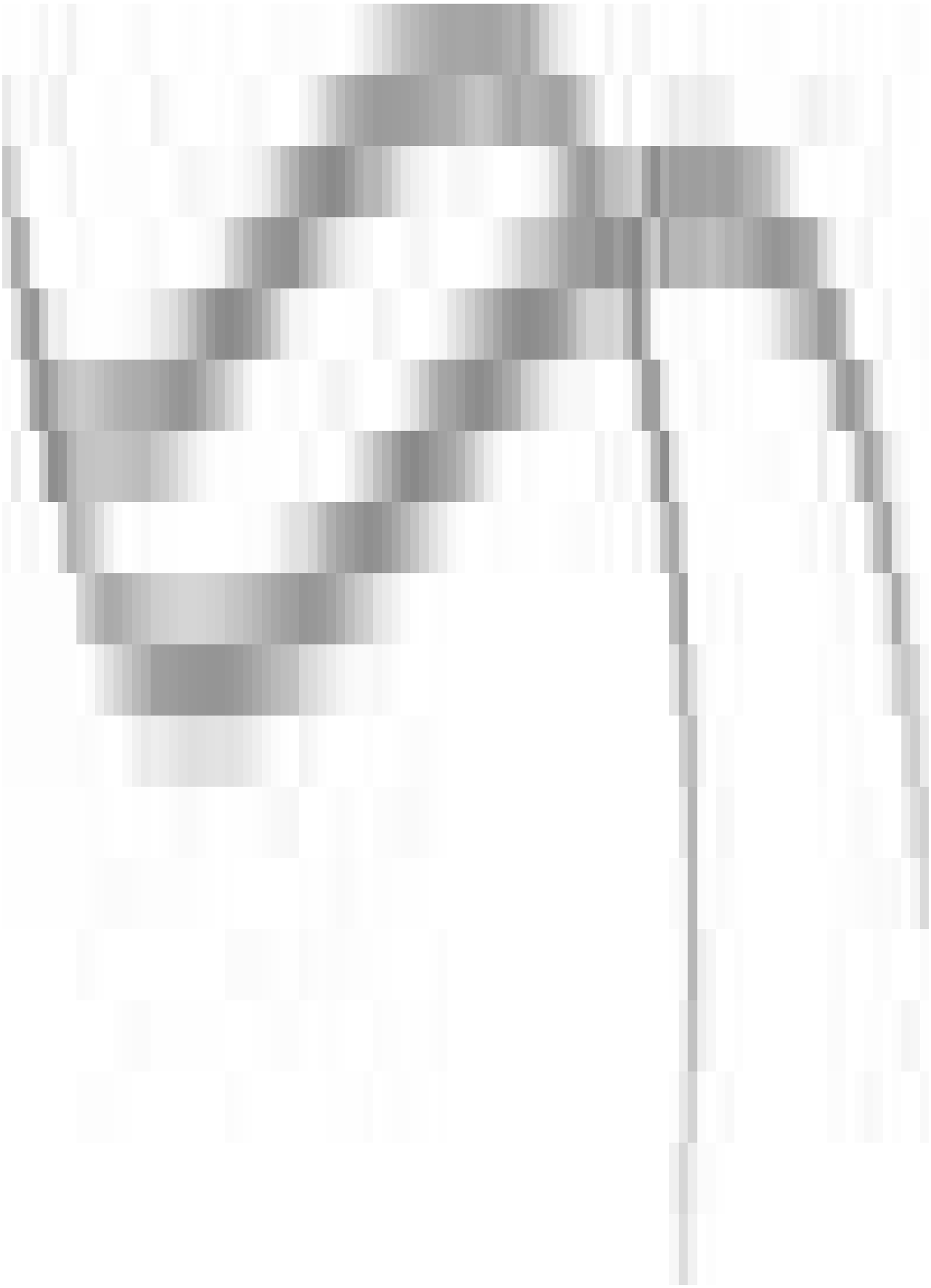
Não conseguimos localizar o registro de óbito de RPT. A carta de William para a sua irmã Martha e os dados registrados na lápide do túmulo de RPT permitiram-nos ter a data certa do seu falecimento.



RPT era um hábil artesão. Temos um antigo retrato com esta legenda: “Robert Porter Thomas, esposa Emilia Perkins e filha Sarah Emilia Ferguson. Ele teve a primeira carpintaria em Sta. Bárbara, 1872.”

Entre os objetos do Museu do Campo está uma plaina que era de RPT. Também, uma calça de trabalho, de tecido de algodão grosso. Mostra ter sido muito usada. Suas medidas sugerem que RPT era um homem da altura de 1,70m ou 1,72m , tipo quase franzino.

A filha de Charlotte F. Costarelli guarda, em estado perfeito, um acolchoado — “quilt” — feito por Emily antes de vir para o Brasil. Um hinário que pertenceu a Emily e outros objetos do casal ainda são conservados. Restam duas cadeiras feitas por Robert P. Thomas. Uma está na cidade de Americana e outra, em Monte Mor, em mãos de descendentes seus.



William F. Thomas e Abram C. Thomas tornaram-se membros e diáconos da PIB/SB. William sentiu-se chamado para o Ministério da Palavra, mas não teve como prosseguir no seu intento. Em 1906, sua esposa, Fanny, faleceu. Os filhos Edward e Martha já eram casados. O filho Arthur continuou ajudando o pai na roça.

A filha seguinte era Anne. Esta e mais cinco irmãos foram recolhidos por D. Anna Bagby, que os levou para São Paulo, e cuidou deles. Mas, William, o pai viúvo, precisou dos três meninos para prosseguir sua vida. Anne, Kate e Eugênia ficaram mais um tempo com D. Anna.

Anne Thomas foi a primeira jovem da colônia, nascida no Brasil, a ser missionária da FMB-SBC, nomeada em 10.10.1907, estando já no campo. Em 1908, quando a União Geral de Senhoras, hoje União Feminina Missionária Batista do Brasil, foi organizada, Anne foi a única solteira a pertencer ao grupo de vogais e diretoria. Seu nome aparece como Anne T. Parker, porém, ela só teria esse sobrenome ao casar-se. (Ver pág. 666, Imagem E27)

Solteira, foi ao Texas. Cursou matérias no Seminário em Fort Worth. Ali conheceu John Bruton Parker. Casaram-se em 1915 e vieram para o Brasil, já com a primogênita, Addie Hope.

Trabalharam em Pernambuco e no Maranhão. Ali nasceu Lois, a segunda filha do casal. Anne gostava muito de música e, desse modo, ela ajudava bastante o trabalho nas igrejas aonde ia, principalmente com as senhoras e crianças. O hino 541 do Cantor Cristão — “Pequenos Raios” — é uma colaboração de Anne. Além deste, ela preparou dois outros que foram publicados em Hymnos Especiais para Coros, compilação de Leopoldo Alves Feitosa, publicado em 1926, Rio de Janeiro. Já nesse ano, ela era falecida.

Antes do embarque para as férias nos EUA, a 10.08.1922, Anne e o esposo estiveram em Minas Gerais, a fim de verificar a possibilidade de sua transferência do Maranhão para o novo campo, depois que voltassem das férias. Na véspera do embarque, o cunhado Ricardo Pitrowsky tirou um retrato das três irmãs — Anne, Kate e Eugenia —, com os respectivos maridos e filhas. Foram todos ao embarque. Gravou-se a imagem do navio “Cuiabá” que se afastava do porto do Rio de Janeiro, e os lenços brancos acenavam um último adeus.

Eugenia fizera de presente para Anne um vestido novo. Mais tarde, esta escreveria: “Separei o vestido que V. fez para mim. Levo comigo os meus sapatos brancos velhos para usá-los se assim for necessário”. Ela sofria de joanetes, como sua irmã Kate!

A 19.08.1922, Anne escreveu, de bordo do “Cuiabá”. Navegavam ao largo da boca do rio Amazonas:

“Estamos fazendo boa viagem. Chegaremos hoje à noite no Pará, onde passaremos o domingo. Segunda-feira partiremos. Na noite passada quase não dormimos por causa do calor. ‘Papa’ teve que levar a Lois e ir passear com ela no tombadilho até a temperatura melhorar. (...) Em Pernambuco, os Taylors nos levaram de bordo para ir tomar o café da manhã com eles. Vi estudantes e outros missionários amigos ali no Colégio. Todos foram muito gentis conosco. Peço que Ricardo telegrafe ao pai de Manoel Caldeira, tão logo este seja operado. Gostaríamos, de algum modo, de fazer o máximo por eles, que sempre foram tão bons conosco. Fiquei muito contente de rever o irmão Gregório, nosso colportor no Maranhão. (...)

Hoje, dia 21, ainda estamos no Pará. E como está calor! Ficaremos aqui por mais um dia. O lugar é belo, mas quente. Vocês foram tão amáveis indo a bordo para a despedida! Fiquei a olhá-los quando o navio partiu, até que os perdi de vista. Para não chorar, mantive-me ocupada, arrumando as coisas. Mas, como tenho saudades!”

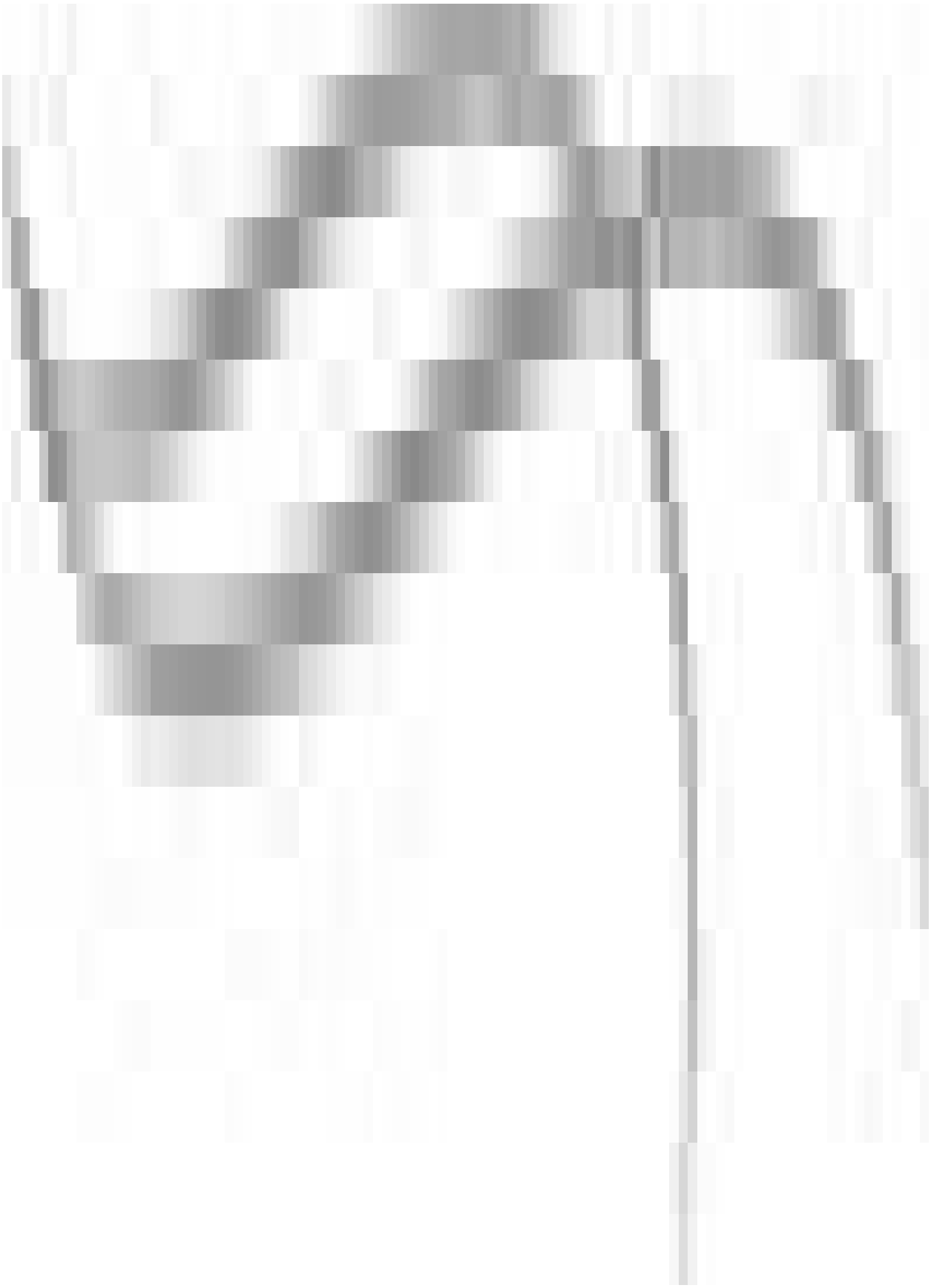
Chegaram a Dallas, Texas. A 25.03.1923, ela escreveu uma carta dirigida às suas irmãs Kate e Eugenia:

“Espero que tenham recebido a carta falando da minha ida para o hospital a fim de ser operada. Tudo foi como morrer e voltar a viver. Estive no hospital quase um mês e estou em casa, há umas duas semanas. (...) Aos poucos estou ficando mais forte. Foram extraídas duas pedras da vesícula. (...) Meu médico é batista.

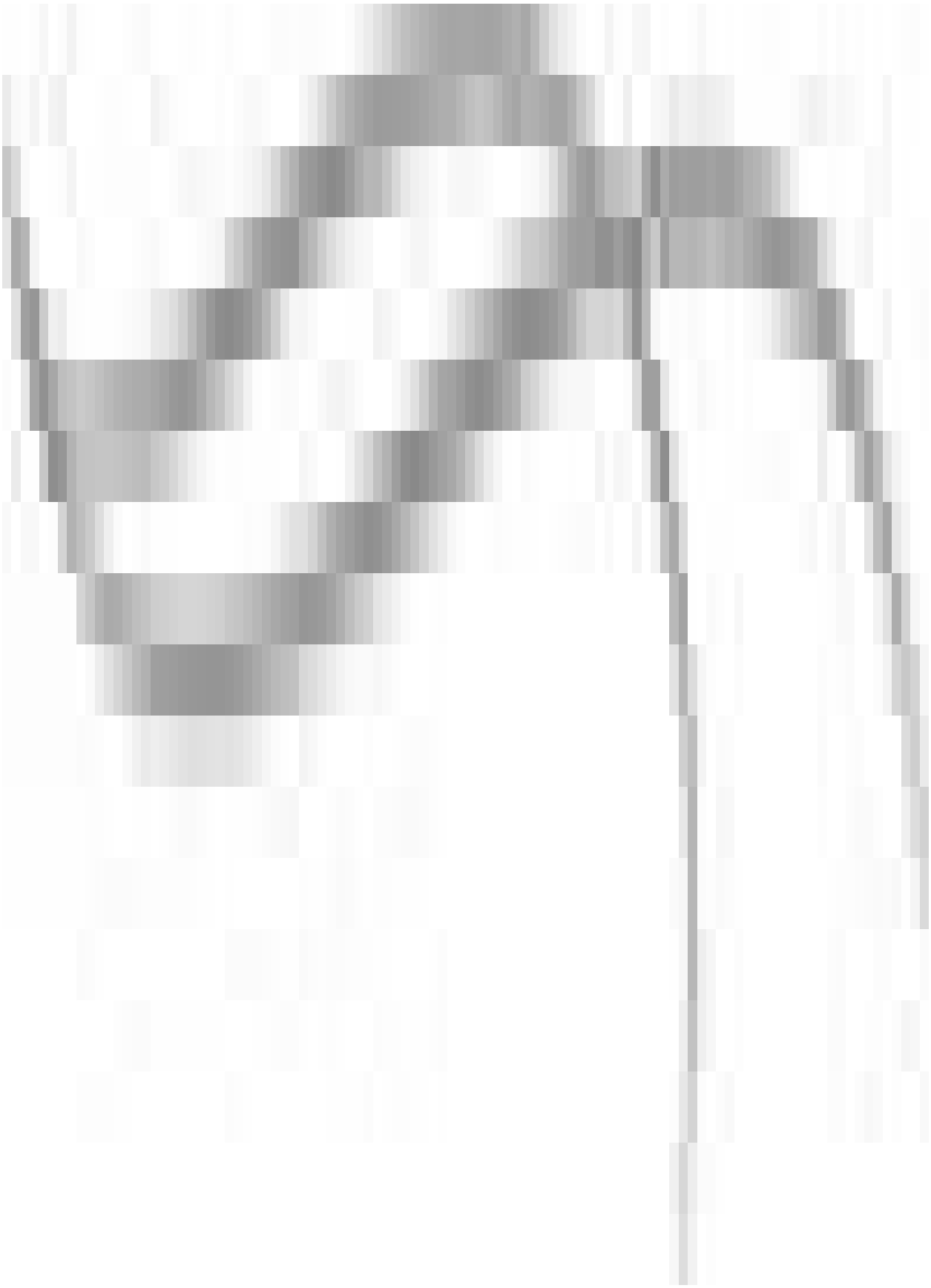
É um excelente doutor. (...) Deus foi muito bom para nós através deste povo aqui. Alguns vizinhos têm vindo para ajudar-me no trabalho da casa. (...) Espero estar forte bastante para retornar ao Brasil, em setembro vindouro.”

A 07 de abril, treze dias depois de ter escrito aquela carta, Anne foi chamada à presença de Deus. Seus olhos muito azuis se fecharam para sempre. Causa da morte: pneumonia.

O viúvo e suas duas filhas permaneceram nos EUA. Ele tornou-se missionário em Novo México, para os de língua espanhola. Trabalhou em Marfa, Fort Stocton e em El Paso. Serviu a Deus por longos anos. Faleceu em El Paso, Texas, a 10.12.1979, com a idade de 95 anos. A filha mais velha é hoje a Sra. Hollis Kannenberg. Sua irmã reside em Arlington. Virginia. É a Sra. C. A. Slater.



Na feitura deste capítulo, usamos o material do arquivo da família da autora deste livro. Tivemos a colaboração dos primos Sra. Hollis Kannenberg e Sr. Leonard Joe McCown, não só em hospedagem durante nossas estadas nos EUA, como na busca e troca de informações. No Brasil, vários primos foram muito amigos ajudando-nos de várias maneiras. Aqui registramos o nosso sincero agradecimento.

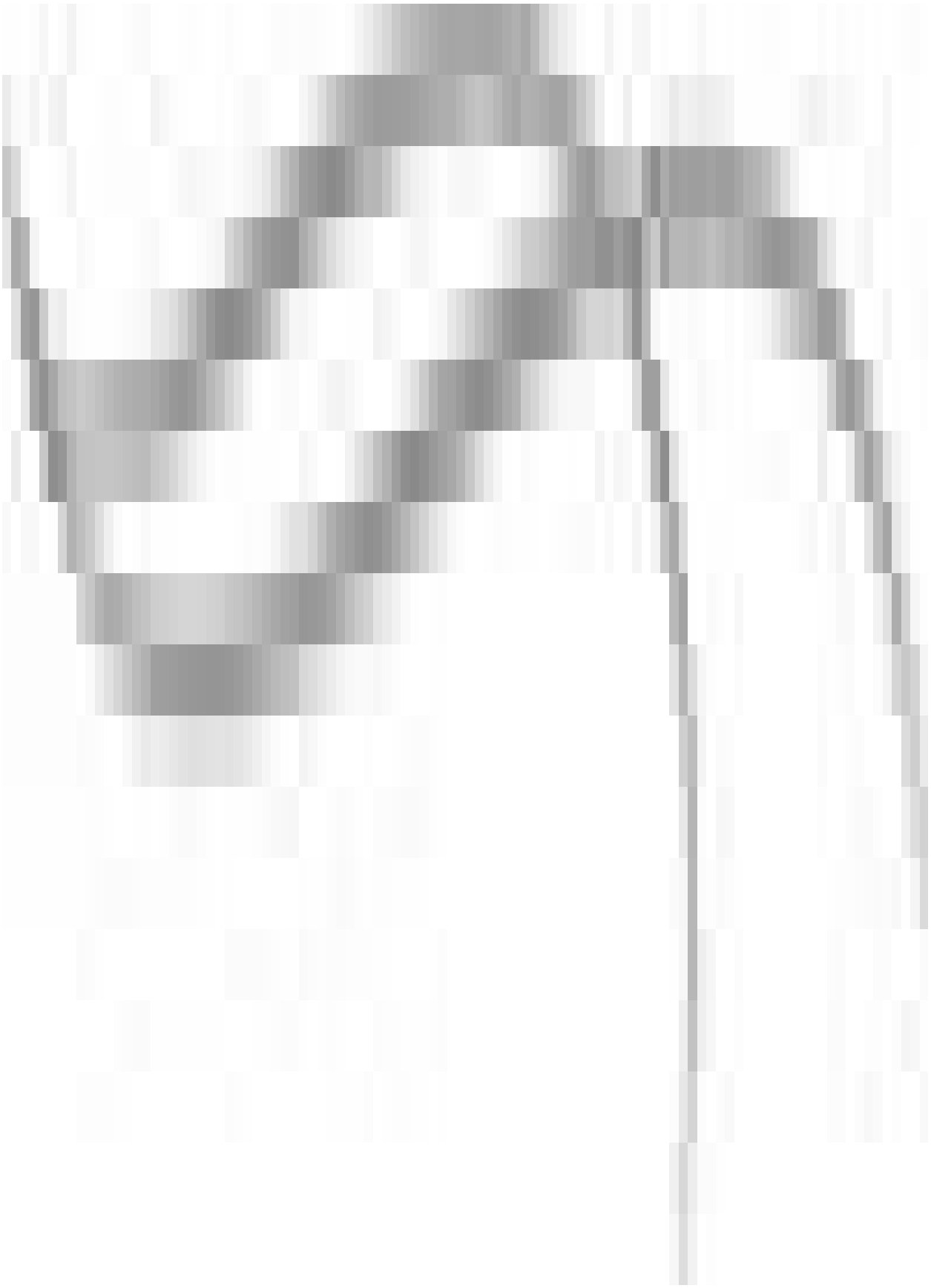


À guisa de ilustração, reproduzimos alguns itens de uma carta escrita por William F. Thomas para a sua irmã Martha Ferebe Sims. Enviou-a de Santa Bárbara, SP, com data de 30.05.1897, para Hubbard City, Hill Co., Texas.

Ele fala do estio prolongado e diz que a plantação estava perdida. Havia muita dificuldade financeira e falta de emprego. Conta sobre a melhor forma de colher o café e tratá-lo, tipos de café, seleção e processo de secagem. Registra a visita que Dr. Bagby fizera à igreja ali, em março daquele ano, quando houve boas reuniões. Quase no fim de sua carta, o missivista registra:

“Creio que mandarei Martha para a escola de Nova Friburgo. O irmão Bagby deseja que ela fique com a família para ser a companhia de sua filha Ermine, que é poucos meses mais nova que Martha (...).

Meu filho Arthur Alonzo fez a sua profissão de fé e foi batizado pelo irmão Bagby. Com este já são três os filhos batizados por ele. Isto muito me alegra. Ele deve voltar em junho. Há dias, escrevi-lhe sobre isto. Era seu costume escrever para o papai quando tinha que vir;—agora, isto será feito comigo. Farei o melhor que puder.”



Antonio Teixeira de Albuquerque

(1840 — 1887)

O nascimento de Antonio Teixeira Albuquerque é dado como tendo sido em 15.04.1840, em Maceió, Estado de Alagoas. Teixeira era filho único. Os nomes dos seus pais seriam Felipe Ney de Albuquerque e Helena Maria da Conceição. Quanto ao tempo e local de falecimento dos pais de Teixeira, temos o seguinte:

“O pastor Antonio Teixeira teve o prazer de ver os seus progenitores aceitando Jesus Cristo como Salvador, e os batizou em Maceió, em 1886. Pouco depois do seu batismo, sua querida mãe morreu no Senhor.”

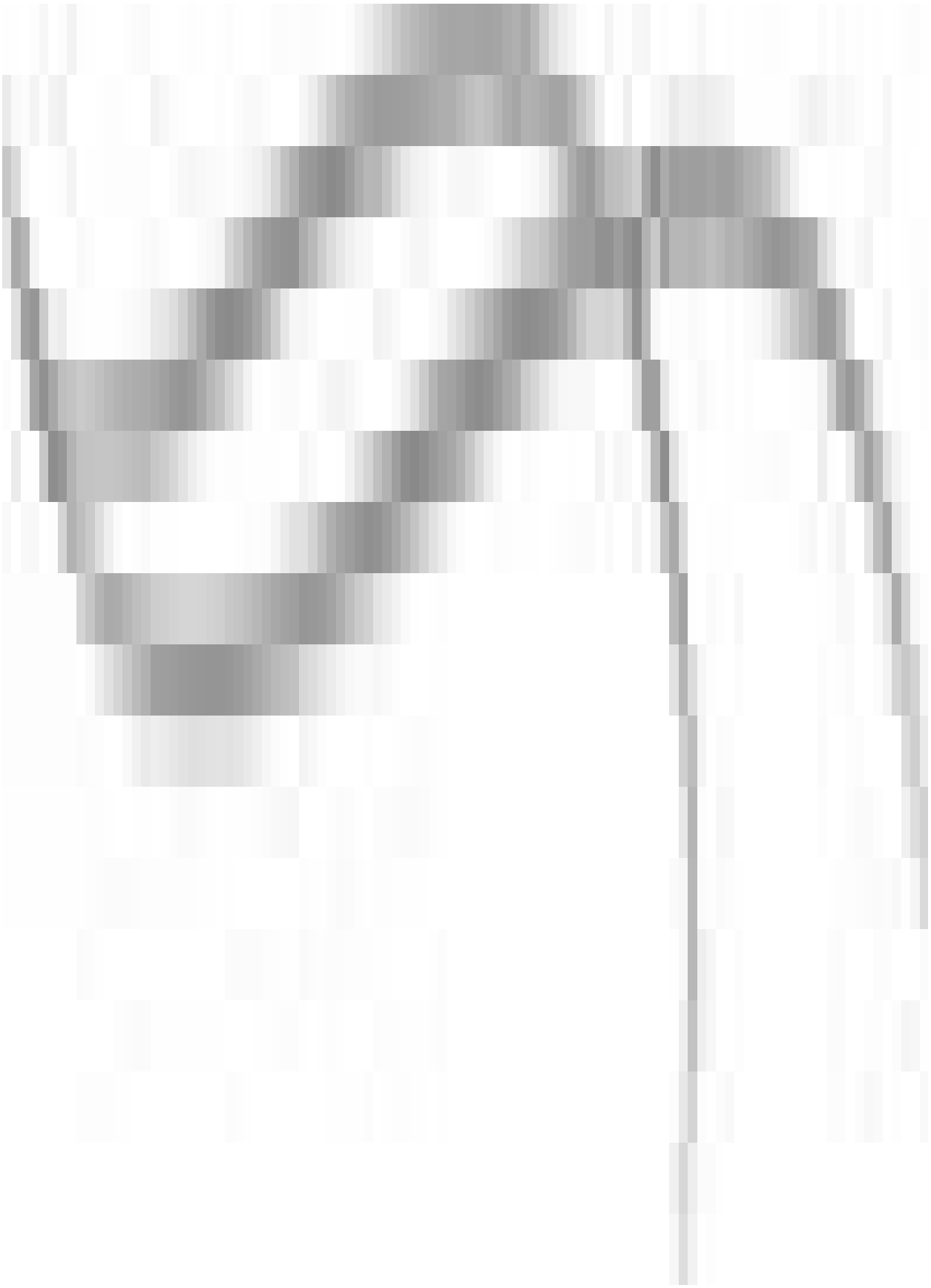
Quanto ao pai, tudo faz crer que tenha sobrevivido ao filho.

A realização do casamento de Teixeira pode ter ocorrido no salão do primeiro andar do prédio 71, na Rua do Imperador, Recife, Pernambuco, onde se reunia a Igreja Presbiteriana, recém-organizada, a 11.08.1878.

Antonio Teixeira de Albuquerque casou-se com Senhorinha Francisca de Jesus, a 07.09.1878, no Recife, Estado de Pernambuco. Depois de casada, passou a ser tratada como Senhorinha Teixeira. Foi oficiante do casamento o missionário presbiteriano Rev. John Rockwell Smith. O próprio Teixeira escreveu, no seu opúsculo “Razões por que deixei a Igreja de Roma”:

“No dia 7 de setembro de 1878, na cidade do Recife, depois de ocorridos as proclamas, de conformidade com a lei do Império, fui casado às 7 horas da noite, pelo Rev. Smith, ministro evangélico, na presença de mais de cem pessoas, com

toda a atenção e calma.”



O falecimento de Teixeira de Albuquerque ocorreu a 09.04.1887, em Rio Largo, Alagoas. Consta que ele foi sepultado num pequeno cemitério, em Rio Largo, e que seu túmulo era marcado por uma pedra com alguma inscrição. Não faz muito tempo, aquele pequeno cemitério foi transformado na Praça “Evanda Carneiro de Vasconcelos”. As pedras remanescentes de túmulos foram dali retiradas para lugar desconhecido.

Podemos registrar aqui as suas palavras: “... e hei de pregar até o dia que em Deus me desatar desta carne para ir habitar eternamente com o meu Senhor Jesus”. (Do mesmo opúsculo mencionado)

Ao tempo do seu falecimento, os missionários Bagby e Z. C. Taylor encontravam-se nos EUA. O missionário C. D. Daniel ficou responsável pelo trabalho na região. Assim, as informações que a FMB recebeu sobre a morte de Teixeira foram enviadas por Daniel e publicadas por ele no “Echo da Verdade”, de maio/1887.

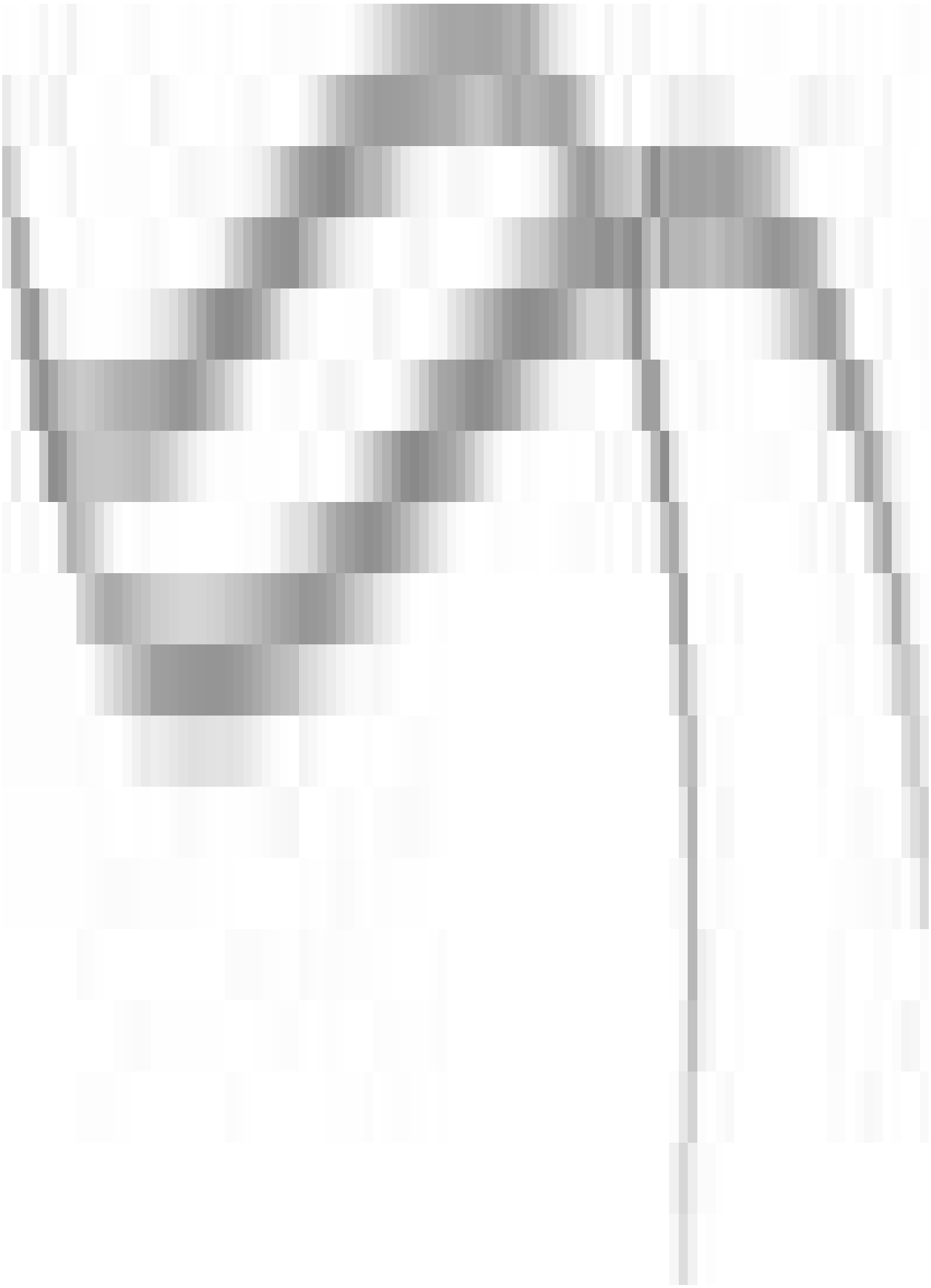
A viúva e os cinco filhos permaneceram em Maceió, sendo ajudados por um e outro. Diz-se que a primogênita foi para os EUA e lá se casou, tendo permanecido naquele país. Entre 1893 e 1895, aparece como aluna do Departamento Primário da Universidade Baylor, no Texas, uma Antonia Teixeira. Porém, não podemos ainda afirmar se ela é a pessoa procurada.

Madá, a segunda filha, não se casou. Ela faleceu no Rio de Janeiro, em 1967. Antonio Filho, com 11 anos de idade, fez a sua profissão de fé a 20.07.1884, na PIB/BA. Foi batizado no mesmo dia pelo missionário Z. C. Taylor. Esse Antonio Filho foi fundador, com os seus pais, da PIB em Maceió, Alagoas, a 17.05.1885, com cartas da PIB/BA. Consta que ele andou e que faleceu no Norte. João foi pai de mais de dez filhos. Não conhecemos seus descendentes. Um menino, irmão menor, morreu bem criança (Ver pág. 664, Imagem E19). Por fim, Pedro, o caçula, nasceu a 17.09.1881, em Piracicaba ou Capivari, SP.

Pedro aparece na história da família com o nome Pedro Teixeira de Lima. Este foi um evangelista, membro da Igreja Presbiteriana por muitos anos. Pedro faleceu no Rio de Janeiro, a 29.09.1968.

Pedro casou-se com Maria José Oliveira, a 26.10.1905, em Belém do Pará.

Dessa união, nasceram 18 filhos. Só três chegaram à idade adulta: Esther, Pedro e Dorinel. Esther e seus filhos, Luiz e Ciro Viana de Alcântara, deram-nos muitas informações da família. Viúva, casou-se em segundas núpcias com José Serer. Agora vive em Pirituba, São Paulo, SP. Luiz e família vivem no Rio de Janeiro. Ele, sua esposa, Emi, e o filho, Lael, estiveram presentes quando do lançamento do livro sobre Antonio Teixeira de Albuquerque, ocorrido no Rio de Janeiro, em setembro de 1982, com a participação do Centro de História Viva dos Batistas Brasileiros, no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.



A vida escolar de Teixeira teve início em Maceió. Mais tarde, por imposição paterna, foi para o Seminário Católico de Olinda, Pernambuco. Ali estudou alguns anos, terminando o seu curso em 1871. Isso fez para atender ao desejo do seu pai, que via no filho um padre. Teixeira foi para o Ceará, onde foi ordenado sacerdote, a 30.11.1871.

O nome de Teixeira aparece como “sacerdote” no Almanaque de Alagoas, no ano de 1873. É a única vez que isto ocorre. Já então, aturdido pelos pensamentos e dúvidas, decidiu deixar o sacerdócio. Uniu-se com a jovem Senhorinha de Jesus. O pai de Teixeira abandonou-o e deserdou-o. Por fim, teve ciência de que um Decreto Imperial dava condições para a realização de casamentos acatólicos. Foi assim que ele se dirigiu até o Recife e, então, pôde casar-se.

Este acontecimento desanuviou-lhe o caminho. Porém, continuava sentindo o peso do abandono e perseguição surda. Em março de 1879, ele e a sua família chegavam ao Rio de Janeiro, sendo acolhidos pelo missionário metodista Rev. J. J. Ransom. Pelas experiências espirituais passadas, Teixeira acabou por unir-se à Igreja Metodista, no Catete, Rio de Janeiro. Sua esposa o acompanhou.

Em Piracicaba, SP, o Rev. Junius E. Newman e suas duas filhas tinham iniciado a pequena Escola Newman. O Rev. Ransom encaminhou Teixeira e a família para lá, a fim de ajudar o Rev. Newman no ministério.

Daí, foi um passo mais para entrar em contato com os emigrados dos EUA em SBSP, tão perto de Piracicaba!

Não temos a data exata da conversão de Teixeira. Dele próprio é o testemunho sobre a experiência de sua conversão, conforme registrou no seu opúsculo Três razões por que deixei a Igreja de Roma. O seu coração buscava o Caminho, tal como escreveu:

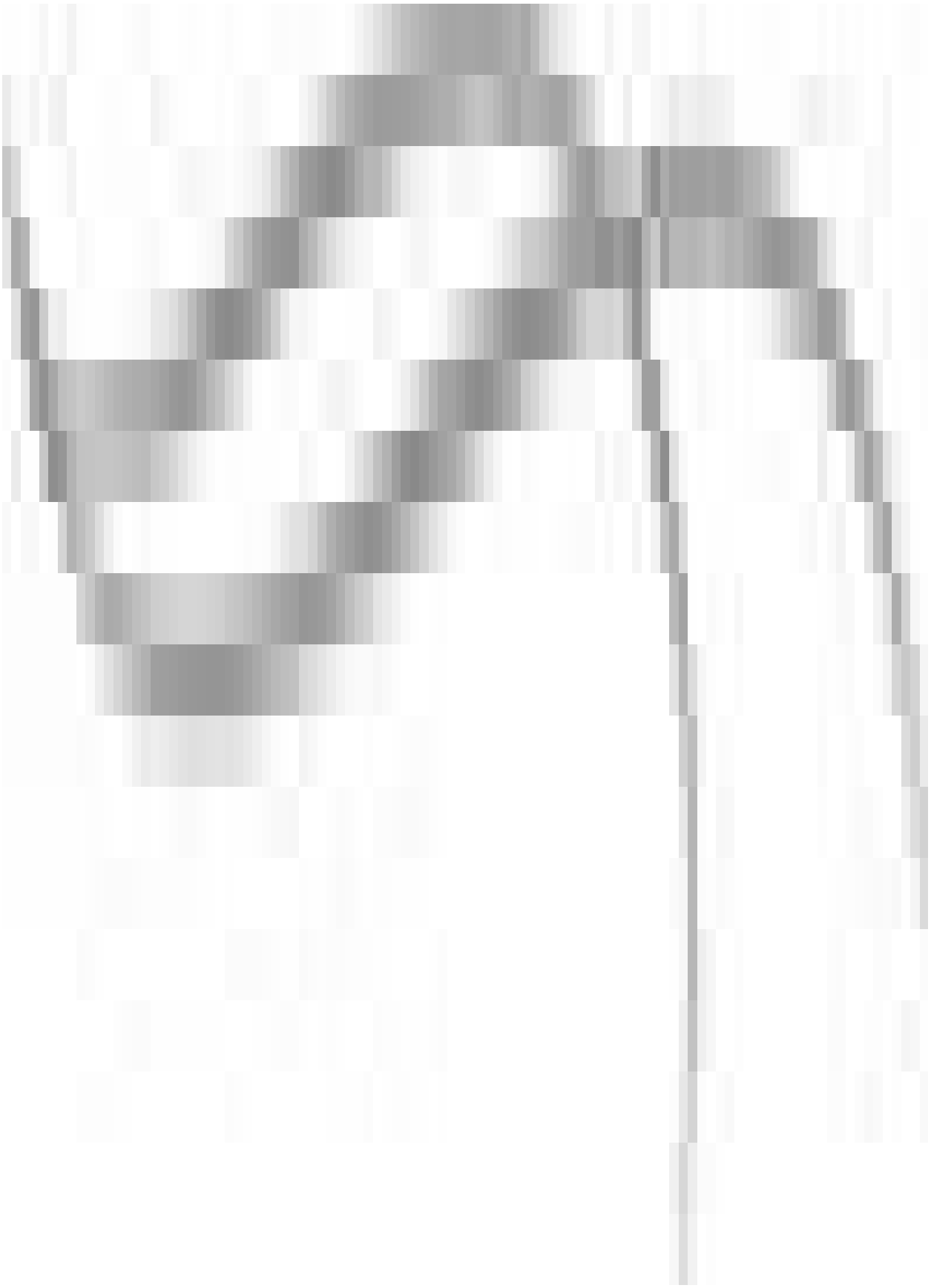
“... procurei Jesus Cristo, único refúgio dos pecadores e Salvador perfeito, todo suficiente e terno, o qual conhecia só de nome, para conhecê-lo de coração. (...) Dia Feliz! Quando pude dizer: Jesus é meu e eu sou de Jesus”.

Convertido, desejou unir-se a um grupo com o qual pudesse testemunhar de sua fé. Depois de estar com os metodistas, escolheu ficar com os batistas. Assim foi que, a 20.06.1880, ele fez a sua profissão de fé, foi batizado e no mesmo dia consagrado ao Ministério da Palavra. Estes atos importantes na vida de A. T. Albuquerque deram-se com a Igreja Batista da Estação, reunida com a Primeira Igreja Batista, em SBSP. O documento, escrito em inglês, que relata esses acontecimentos, está traduzido. (Ver Parte D - 20.06.1880; Parte E - fac-símile E87 e Imagem E17 na pág. 664).

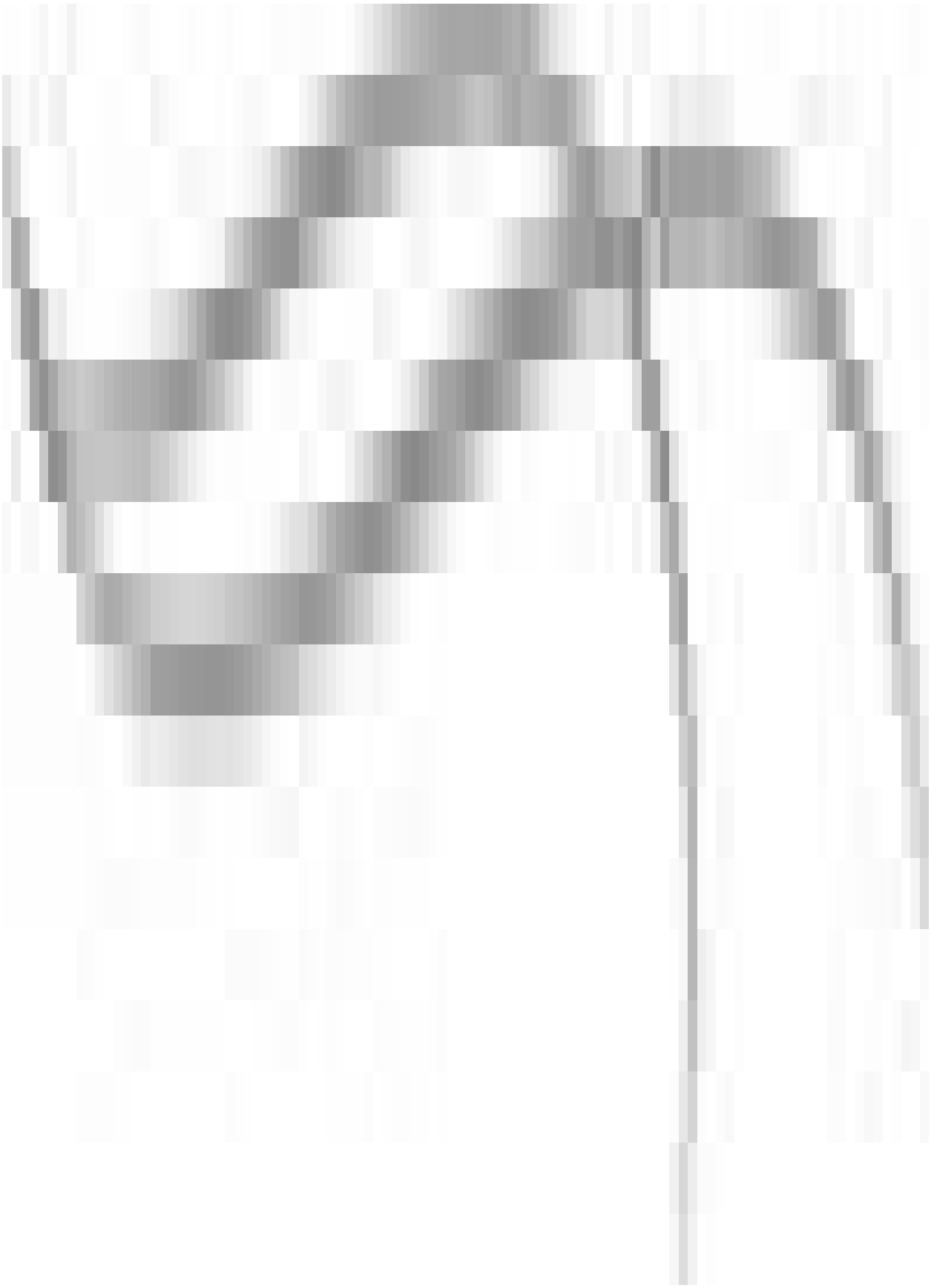
O pastor das duas igrejas batistas em SB era Elias Hoton Quillin, e o pastor Robert Porter Thomas estava sempre com ele, ajudando-o no ministério. Daí resultou que ambos, como Concílio, procederam ao ato consagratório de Teixeira, depois que este foi batizado pelo pastor R. P. Thomas, a pedido do pastor E. H. Quillin. (Ver parte “D”, 20.06.1880).

A profissão de fé e a consagração tiveram lugar no salão da Loja Maçônica, na Vila de Santa Bárbara, com a presença de norte-americanos e brasileiros, tal como diz o documento. Ainda hoje a conversão de um sacerdote é assunto relevante. Mas muito mais vivo em cores foi a de Teixeira. Era um ex-padre que testemunhava de sua experiência cristã de modo público, num tempo quando a Igreja Romana e o Estado eram ligados.

Com o encontro recente, em julho de 1984, de documentos novos, verificamos que a Loja Maçônica “George Washington”, dirigida pelos norte-americanos, tinha as suas reuniões a cerca de 100 metros da Matriz Católica, na Vila de Santa Bárbara. Qual teria sido o significado dessa decisão por parte dos batistas, dos maçons, de Teixeira e dos circunstantes? Sem dúvida, foi uma decisão séria, na verdade, muito séria. Acabava de surgir o primeiro pastor batista brasileiro: ANTONIO TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE. Ainda não temos prova de que ele tenha sido o primeiro batista.



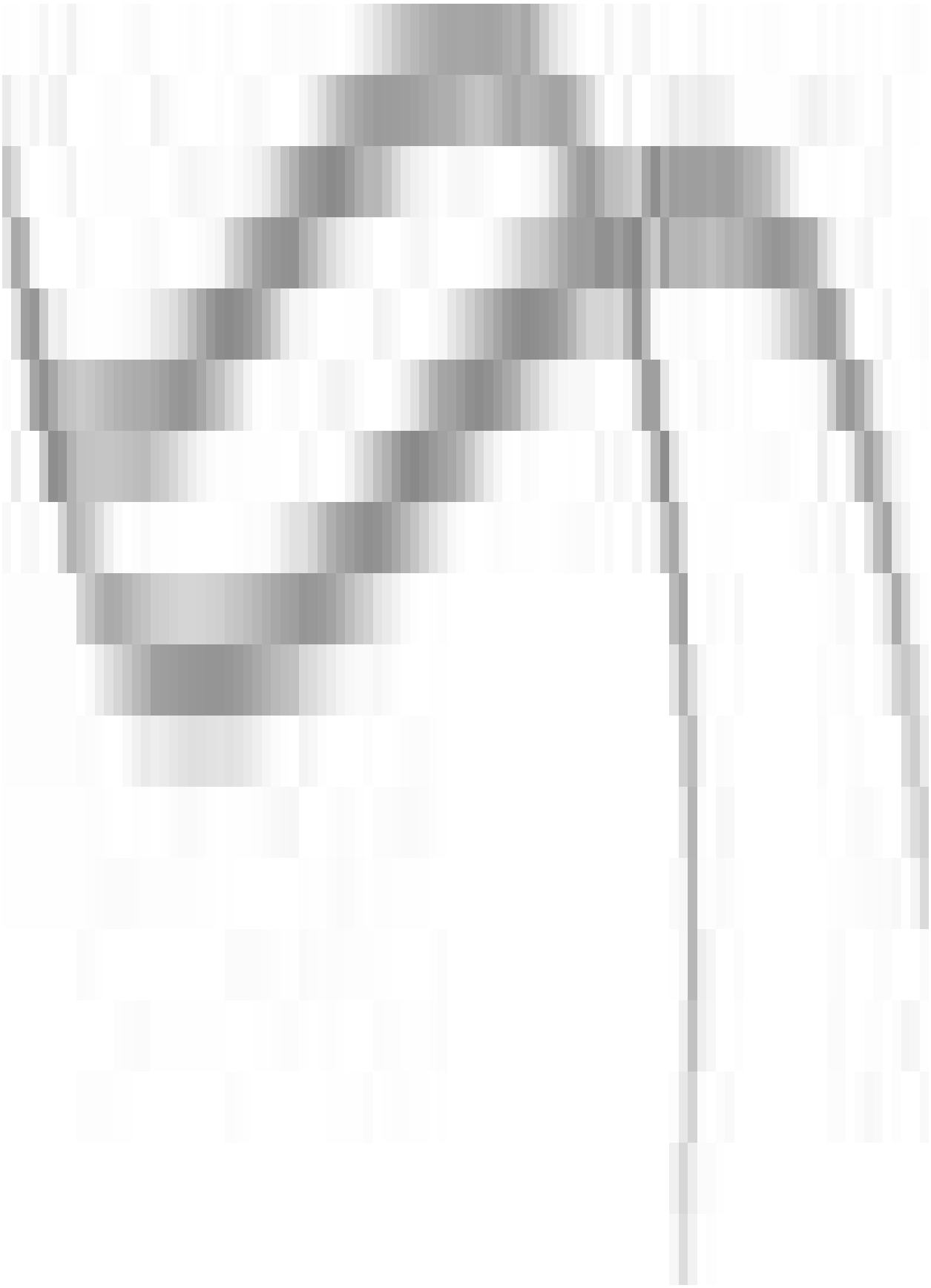
Por esse tempo, a esposa de Teixeira encontrava-se internada num asilo para doenças mentais, na capital, São Paulo. Há evidências de que o seu caso teria sido provocado por tantos sofrimentos e reveses, não se tratando de caso para um asilo. Porém, na falta de outros recursos, esse foi o caminho tomado. Ali, Senhorinha Teixeira permaneceu cerca de um ano. Teixeira teve que assumir a responsabilidade de gerir a casa e de cuidar mais diretamente dos seus filhos, todos pequenos. Estava em terra estranha, sem um serviço efetivo que lhe garantisse o sustento da família. É de se pensar como ele pôde atravessar o mar encapelado! Mas foi vitorioso. Ensinado em Piracicaba e depois em Capivari, obtinha alguns recursos para manter a família.



Como se todas as ocorrências não bastassem, surgiu um desentendimento entre ele e o pastor Quillin. Ambos tinham ido para Piracicaba com o propósito de ali organizar uma igreja batista e, junto a ela, uma escola-missão, como parte do programa de expansão do trabalho missionário que aquelas duas igrejas em SBSP queriam realizar. Não tivemos o desejo de penetrar na questão, com a finalidade de saber o que realmente ocorreu. O importante seria ter a informação de que o problema, embora doloroso, tinha chegado ao seu fim. Tudo foi resolvido de modo satisfatório.

É fato inconteste que houve estremecimento no trabalho e as experiências foram duras e fortes para todos. O pastor Quillin exonerou-se do pastorado da Igreja da Estação. O pastor P. R. Thomas foi convocado para assumi-lo. Teixeira retirou-se para Capivari, a fim de esmaecer a sua posição de realce na comunidade. Uma comissão de membros da igreja foi nomeada para encontrar o caminho que desse paradeiro ao mal-entendido. Como dissemos antes, o final do acontecimento chegou a bom termo.

Felizmente, tudo serenou e o que se deduz é que talvez tenha havido uma tempestade em copo d’água. Desculpas e perdões foram trocados e acusações tornadas sem culpas formadas.

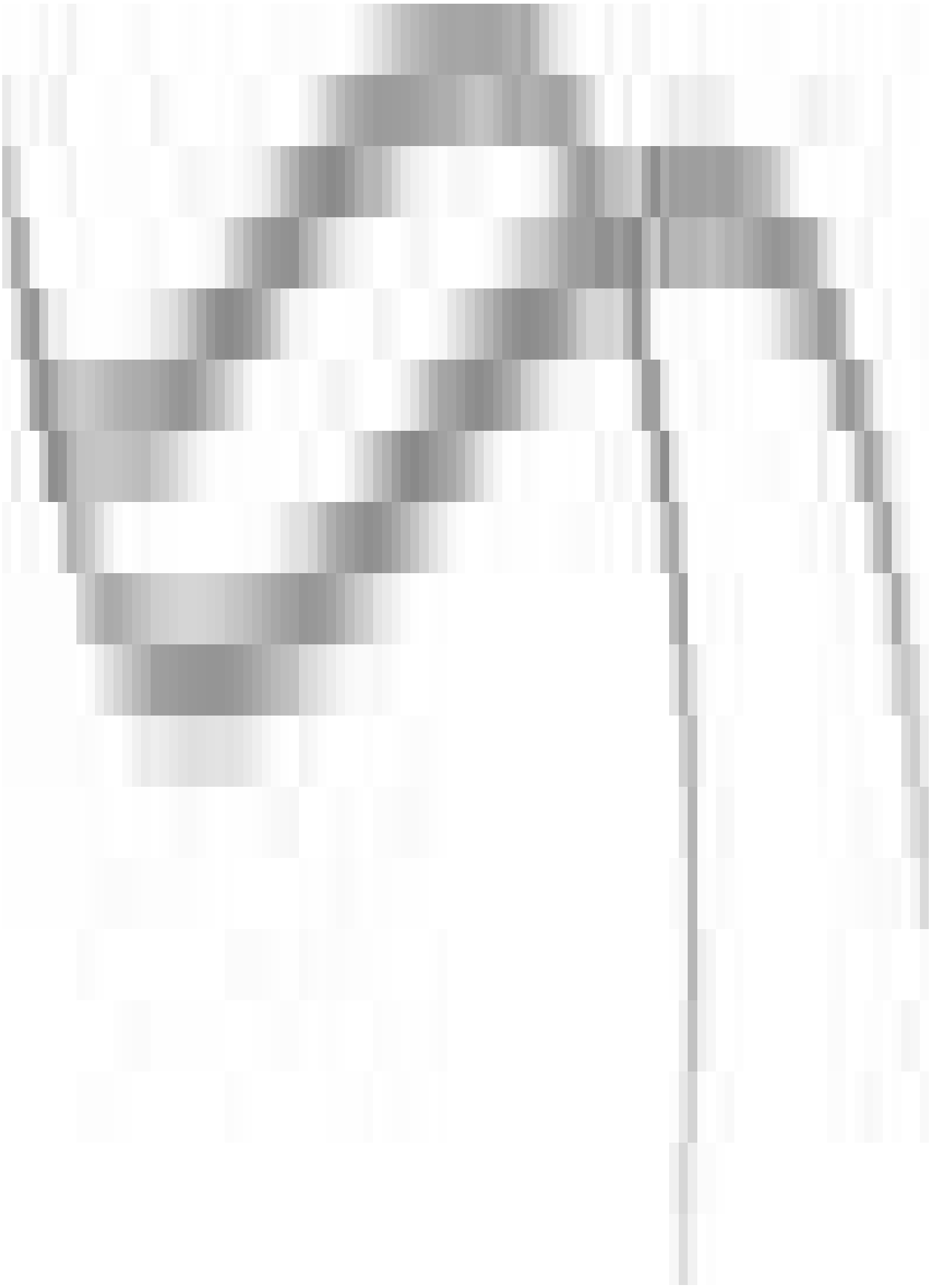


Em Capivari, Teixeira aguardaria o tempo e, então, novos rumos seriam tomados. O Dr. W. B. Bagby, que havia chegado quando aquela comissão já tinha o seu relatório para ser dado, esperou um pouco para tomar a sua posição, entendendo que Teixeira era inocente. É bem provável que essa experiência tenha vindo a dar elemento para que Teixeira decidisse acompanhar os missionários Bagby e Taylor para a Bahia.

A estada de Teixeira em SBSP deu-se por cerca de dois anos. Há um dado único, significativo, ligado a ele, como pregador nesse tempo, quando, a 31.05.1881, referindo-se ao desentendimento havido, já citado, o Dr. Bagby disse à FMB: "Ele não prega mais" ("He no longer preaches"). Esta declaração tem a força de um fato: Teixeira pregava. Indague-se: a quem? Aos colonos NA, com intérprete? Ou a outros que não os da colônia?

Na segunda quinzena de agosto de 1882, Teixeira e sua família deixaram S. Paulo rumando para a Bahia, junto com os missionários Bagby e Taylor e suas famílias. Para ali se dirigiram com a finalidade de organizarem uma igreja batista, o que ocorreu a 15.10.1882, sendo esta a terceira no Brasil. As duas igrejas em SBSP concederam-lhes as cartas demissórias para esse fim. (Ver Documentos pertinentes ao assunto na pág. 510 e na Parte B - Biografia de Antonio Teixeira de Albuquerque - Anexo nº 3, nas págs. 282 e 283).

A obra das duas primeiras Igrejas Batistas, no Brasil, proporcionou, além de outras bênçãos, para os crentes e os não crentes, uma bênção especial, qual seja, a da atuação cristã-evangélica do ex-padre e depois pastor Antonio Teixeira de Albuquerque. Elas serviram de berço onde surgiria o primeiro ministro evangélico batista nacional; deram os fundadores da Primeira Igreja Batista da Bahia e, como conseqüência natural, o aparecimento da Primeira Igreja Batista em Maceió, em 1885.



William Buck Bagby

05.11.1855, Texas — †05.08.1939, Porto Alegre, RS)

Quem vai publicar um livro de muitas páginas com a história do trabalho estupendo de William Buck Bagby e sua família no Brasil? Bagby, sua esposa, Anne Ellen Luther, e seus cinco filhos [dos nove], com os respectivos cônjuges, usaram o seu tempo integral, dinheiro e dons no serviço do Rei! Foi grande a dedicação dessa família, servindo heróica e abnegadamente na Causa do Mestre. E quem terá inspiração, coragem, energia e saúde, paciência, tempo e dom para recolher tantos dados espalhados por tantos lugares? E quem vai sustentar toda essa proeza?

Do livro “Os Bagby do Brasil”, escrito por Helen Bagby Harrison, publicado em 1987, extraímos alguns dados que vão adiante anotados, em resumo; há, também, informações recolhidas de outras fontes esparsas. (Ver Imagens do casal Bagby na pág. 665)

[Significado dos sinais:

Co. = County;

TX = Texas;

= nascimento;

oo = casamento;

† = falecimento;

⌠ = um cajado representa o pastor, a consagração ao Ministério da Palavra.]

William Buck Bagby

05.nov.1855

Nasceu no TX, em “Prairie Home”,— Coryell Co., vizinho de Gatesville Co., a noroeste de Waco, tendo Hillsboro ao N. e Lampasas a Sudeste, TX. Era filho de John Henry Bagby e Mary Franklin Wilson.

⌠ — 16.mar.1879

Consagrado ao Ministério da Palavra, em Plantersville, TX. Tornou-se pastor da Igreja Batista em Corcicana, no mesmo Estado.

oo — 21.out.1880

Noiva: Anne Ellen Luther. O casamento civil deu-se no Auditório da Baylor University — TX. Seguiu-se a cerimônia religiosa no templo da Igreja Batista

Independence, sob a direção do Pastor Dr. William Carey Crane. [No Brasil: Anna.]

† — 05.ago.1939.

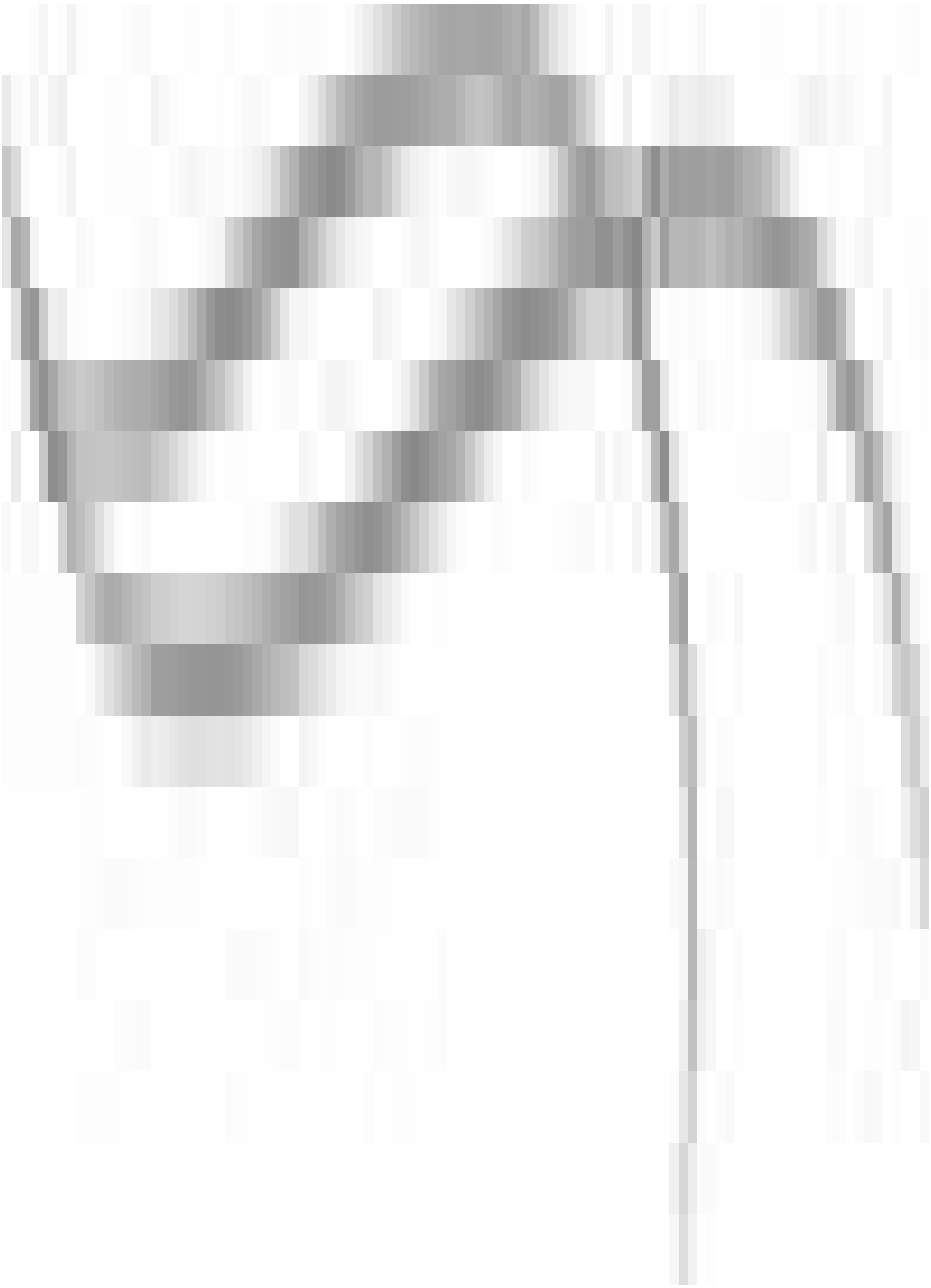
W. B. Bagby faleceu em Porto Alegre, RS, aos 83 anos de idade e foi sepultado no Cemitério Protestante.

Na lápide de sua sepultura há duas placas de mármore lavradas, com as seguintes inscrições:

+ “William Buck Bagby nasc. em Coryell County, Texas, Est.Unidos, em 5 de nov. de 1855. Fal. em Porto Alegre, em 5 de agosto de 1939 `Não sabeis que hoje cahiu em Israel um príncipe e um grande?”II Samuel 3-38.”

+ “Ao Missionário W. B. Bagby, fundador da obra batista no Brasil. Homenagem dos batistas brasileiros. Por ocasião do I Centenário do seu nascimento. / Porto Alegre V-XI-MCMIV”

[Nota: No mesmo cemitério estão os túmulos de Ermine Bagby Sowell e Bertha Mills Pettigrew].



Anne Ellen [Luther] Bagby

(Anna, no Brasil)

20.mar.1859 — Kansas City, Missouri.

† 24.dez.1942 — Recife, Pernambuco, aos 83 anos. Sepultada no Cemitério Britânico. Filha de John Hill Luther e Anne Jaudon.

John Hill Luther faleceu em agosto de 1903, em São Paulo, SP, e ali foi sepultado. Em 1908, os seus restos mortais foram levados por W. B. Bagby, para Belton, Texas.

1902 — p. 65 do livro de Helen Bagby Harrison:

Filhos Do Casal W. B. Bagby E Anne E. Luther — Nove.

Cinco tornaram-se missionários, quatro no Brasil e uma na Argentina: 01 — Ermine; 02 — Taylor Crawford — “TC”; 03 — Luther; 04 — Willson Jaudon; 05 — John Zolli; 06 — Olavo; 07 — Alice Anne; 08 — Helen Edna; 09 — Albert Ian.

01 — Ermine Bagby Sowell

25.jul.1881 — Campinas SP;

† 18.ago.1939 — Porto Alegre, RS, com 58 anos de idade. Cemitério Protestante. Faleceu 13 dias depois do pai. Ela viera da Argentina para tratamento de saúde. oo = Sidney McFarland Sowell —

⌠ = Casal missionário na Argentina)

02 — Luther H. Bagby

1883

† 1886 — Belton, TX, USA — (escarlatina)

Ver “Ana Bagby, a Pioneira”. 1972. De Ruth Ferreira Mathews, Edição da União Feminina Missionária Batista do Brasil; e “Os Bagby do Brasil”, de Helen Bagby Harrison, p. 44

03 — Taylor Crawford Bagby —”Tecê” — “Older brother”

28.mai.1885 — Rio de Janeiro.[dado colhido pelo nome, na Internet]

† 02.abr.1960 — [?]

Frances Bell Adams, em 1914- ?

⌠ Casal missionário no Brasil, de 1918 a 1955.

Filhos: Samuel

1914? - ? ⌠ — pastor em Richmond, Virgínia;William 1915?; Luther 1917?; Katherine 1918, † na infância; James 1923?, † na infância.

04 — Willson Jaudon Bagby

08.fev.1888 — Rio de Janeiro.

† 07.set.1912 — Santos, SP. Era feriado, bom para um pic-nic na Praia de José Menino, subúrbio de Santos, SP. D. Anna Bagby formou um grupo da Primeira Igreja Batista de S. Paulo, com professores e alunos do Colégio Batista. Eugenia Thomas nunca se esqueceu das aflições daquele dia!

Willson, Luiz Herbst, Pedro e Gillespie, jovens felizes, puseram-se num barco para um passeio ali por perto. Adiante, o barco virou. Willson tentou salvar Luiz, que não sabia nadar. Luiz segurou-o pelo pescoço, para salvar-se, mas os dois jovens morreram afogados! Pedro e Gillespie sobreviveram.

O livro Os BAGBY do Brasil, de Helen Bagby Harrison, p. 67 a 69, relata o fato.

Na p. 68: “... Num pequeno cemitério, longe do centro da cidade, (...) há uma lápide, na qual uma Bíblia de mármore com dois versículos anunciam a um mundo de pecadores a história de dois homens que morreram para salvar outros — Willson e seu Mestre: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15.13); e: “Mas Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós” (Rom. 5.8).

05 — John Zolli Bagby

10.jul.1890 — RJ.

† 06.ago.1891 — Rio de Janeiro; (febre?). Com 13 meses de idade, John Zolli foi sepultado no Cemitério S. João Batista, Caju, ao lado do túmulo da missionária Maggi Rice, falecida em 26 de novembro de 1888. — p. 49 do livro Os BAGBY do Brasil, de Helen Bagby Harrison.

06 — Olavo H. Bagby

1895 — Brasil.

† 19.fev.1919 — EUA — não compareceu no dia de sua formatura (medicina). Nunca mais foi encontrado. — “desaparecimento misterioso” — Livro de Helen, p. 69.

07 — Alice Anne [Bagby] Smith — livro de Helen, p. 84.

.—. 1896

† ? - Waco. TX

oo — HARLEY SMITH

⌠ — Casal missionário no Brasil, de 1920 a 1945. Ambos faleceram em Waco, Texas.

08 — Helen Edna [Bagby] Harrison — “the third girl”

[p. 106 de O que Deus tem feito; e p. 63 de Os Bagby do Brasil.]

13.ago.1900 — Nova Friburgo, RJ —

† depois de 1989 — TX

oo — 1939. WILLIAM COLEMAN HARRISON.

⌠ — Casal missionário no Brasil, de 1923 a 1929, e 1936 a 1959. Em Porto

Alegre e Recife. Aposentaram-se em 1959.

p. 80 — março.1939; p. 105 de O que Deus tem feito.

09 — Albert Ian Bagby “o filho mais novo”

(Dados extraídos do obituário e de “Os Bagby”, p. 65 e 80]

ago.1903, São Paulo, SP.

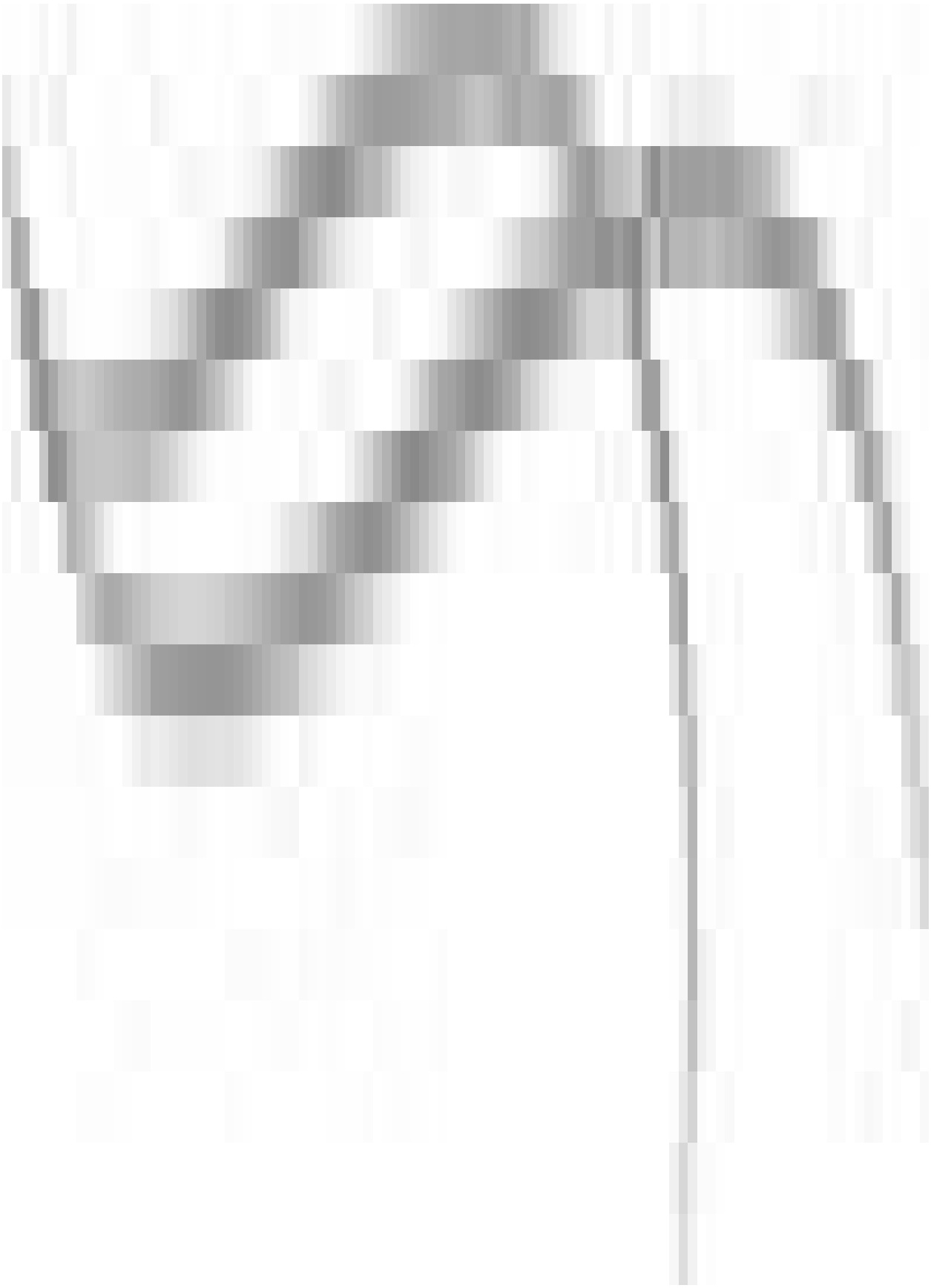
† 29.set.1988 — Gadsden, Alabama (com 85 anos de idade)

oo — 1928. THELMA FLORENCE FRITH.

Thelma nasceu em Pine Bluff, Arkansas.

⌠ — Casal missionário no Brasil, de 1939 a 1968. Em “O que Deus tem Feito” p. 80, 106, 107: trabalharam no Colégio Batista em Porto Alegre até 1968, quando se aposentaram. Obituário publicado no “Gadsden Times”

Alabama, 01.out.1988 — Burial at Forest Cemetery.



13.jan.1881 — William e Anne, casados em 21.10.1880, embarcaram em Baltimore no YAMOYDEN, mas somente saíram do porto em 17 de janeiro, rumo ao Rio de Janeiro. O navio-cargueiro era da firma Irmãos LEVERING. Somente em 01 de março chegaram ao Rio, tendo levado 48 dias de viagem. Hoje, um bom avião faz o mesmo trajeto em cerca de 12 horas!

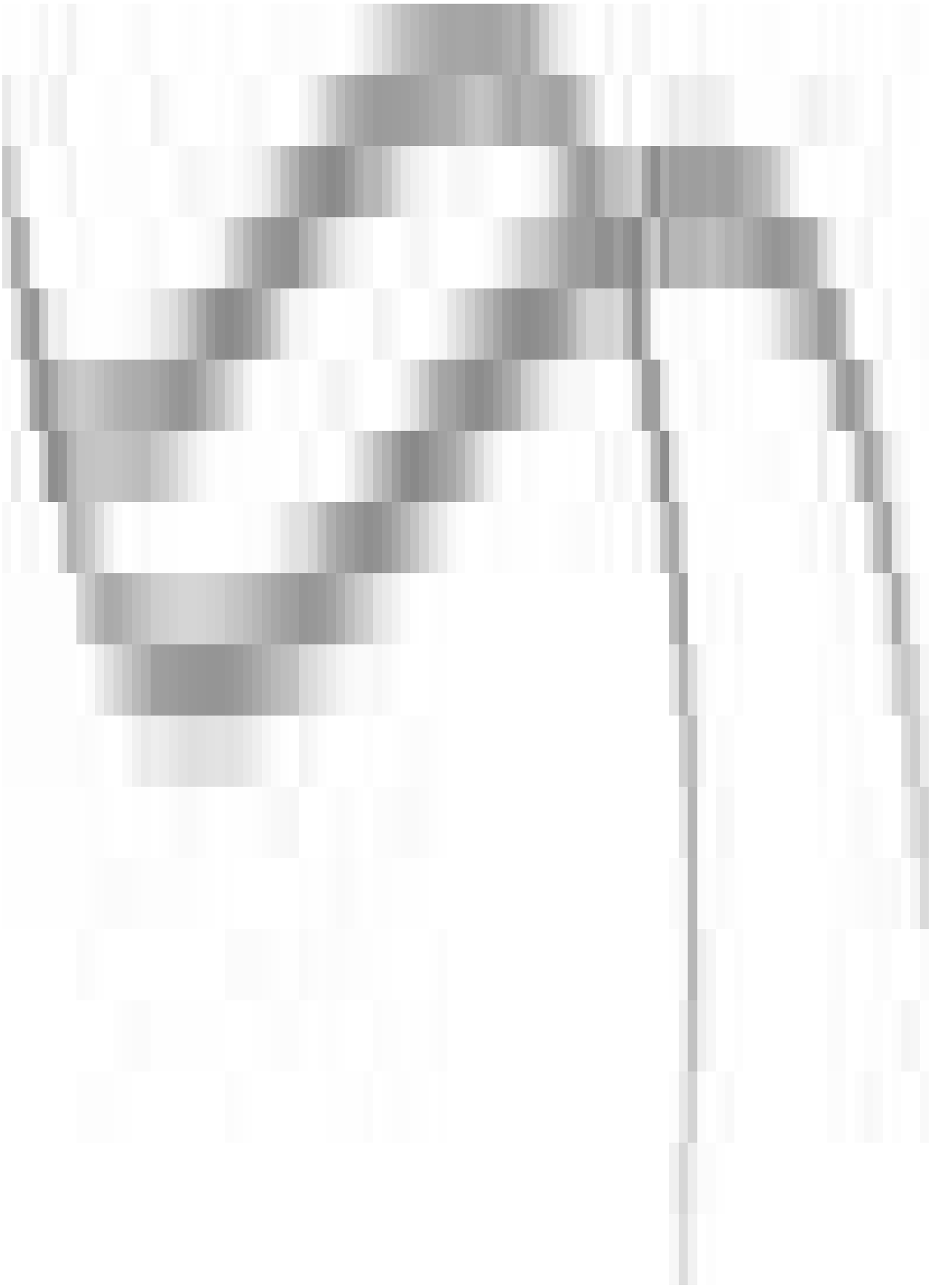
Muitas coisas aconteceram desde então. Dr. Bagby fazia viagens constantes e D. Anna assumia inúmeras tarefas no lar, na igreja, na escola e onde mais coubesse! Ainda não se escreveu o que aquela senhora realizou neste Brasil! De menor altura que o esposo, era gordinha, e de uma energia inigualável, e sua capacidade de realizações não tinha limites. Andava ligeiro, mesmo quando grávida. Deu à luz nove filhos, com intervalos de menos de três anos! Administrava com severidade e ninguém brincava em serviço. Seus olhos viravam rápido e, num instante, descobria o que estava certo ou errado.

O esposo viajava muito, sabendo que Annie (Aninha) daria conta de tudo! Ela sempre estava na direção do trabalho, na casa, no colégio, e orientando na igreja. No Colégio, em São Paulo, a partir de 10 de janeiro de 1902, também estava na direção do internato. De um para outro lado, atenta, percebia tudo, até as mínimas coisas. Obediência e ordem eram exigidas. Recolhia no lar quem precisava dos seus cuidados. De uma vez, recebeu seis órfãos de uma família! Ela sabia muito bem onde colher forças e sabedoria!

D. Anna adquiriu o “Colégio Progresso Brasileiro” de D. Mary McIntyre, filha de Mary Matilda Ellis, de Sta. Bárbara, SP. [Obs.: Mary McIntyre foi mãe de Perola Byington, nome dado a um hospital em S. Paulo.] O Colégio é o atual Colégio Batista Brasileiro, em Perdizes, São Paulo. — D. Anne Bagby foi sua diretora até 1919. [Ver O que Deus tem feito, p. 87, 88.]

D. Anna sobreviveu três anos e meio ao seu esposo. William e Anna estão sepultados no Brasil: ele, em Porto Alegre, e ela, no Recife — Apocalipse 22.14.

Na parte “D”, com o auxílio do Índice, examinar o que foi registrado quanto ao trabalho do casal Bagby.



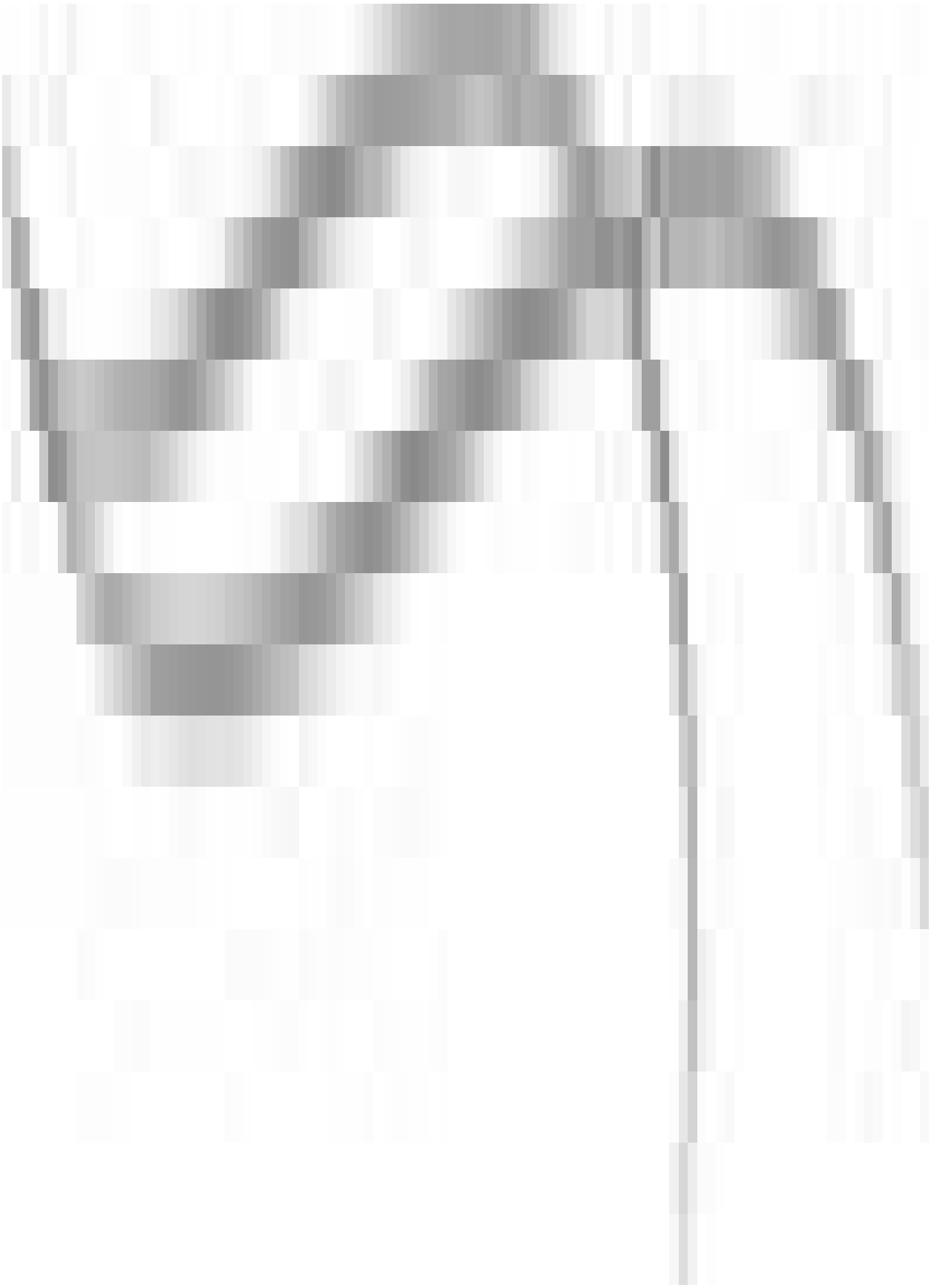
Bibliografia:

Cartas particulares, relatórios e cartas em arquivo da Junta de Richmond; jornais, incluindo O Jornal Batista, o Foreing Mission Journal etc.

HARRISON, Helen Bagby. Bagby do Brasil (Os). Rio de Janeiro, RJ. Junta de Educação Religiosa e Publicações — JUERP. © 1987. 105 p.

MEIN, David e outros. O que Deus tem feito. Compilação. Rio de Janeiro, RJ. Junta de Educação Religiosa e Publicações — JUERP — © 1982. 383 p.

PEREIRA, José dos Reis (da Silva). História dos Batistas no Brasil — 1882-1982. Rio de Janeiro, RJ. Junta de Educação Religiosa e Publicações — JUERP. © 1982. 370 p.



Robert Brodnax

(1792 — 1877)

Procedente do Estado do Alabama, o Coronel Robert Brodnax, já na avançada idade de 73 anos, chegou ao Rio de Janeiro a 27.12.1865. Trouxe comsigo a sua esposa, Hannah E., e os filhos Winston Augustus, Jane e Margaret, esta, com o esposo, Green E. Jones.

Robert Brodnax nasceu em 1792, em Hannock, Geórgia. Na Guerra de 1812, chegou a servir como tenente. Casou-se com Olive Whitaker, em primeiras núpcias. Mudou-se para Autauga Co., Alabama. Para os anos de 1825/1826, representou sua comunidade na Assembléia Estadual, e, em 1834, como Senador Estadual. Mudou-se depois para Perry Co., Alabama. Tornou-se sócio de uma firma, “Commission House”, em Geórgia. Em 1836, comandou uma parte do “Floyd’s Army”, como Brigadeiro General, na guerra contra os índios, recebendo louvor. Por esse tempo, a firma da qual fazia parte como sócio, veio a falir. Quase ao mesmo tempo sua esposa faleceu.

R. Brodnax casou-se, em segundas núpcias, com Hannah E. (ou C.?), filha do Rev. W. Kirven e Margaret Kirven. Este faleceu antes de setembro de 1845, deixando, em testamento, algo para os herdeiros, inclusive para a sua filha Hannah. (Dallas Co., Alabama).Não sabemos sobre sua vida, como um batista, em sua terra natal.

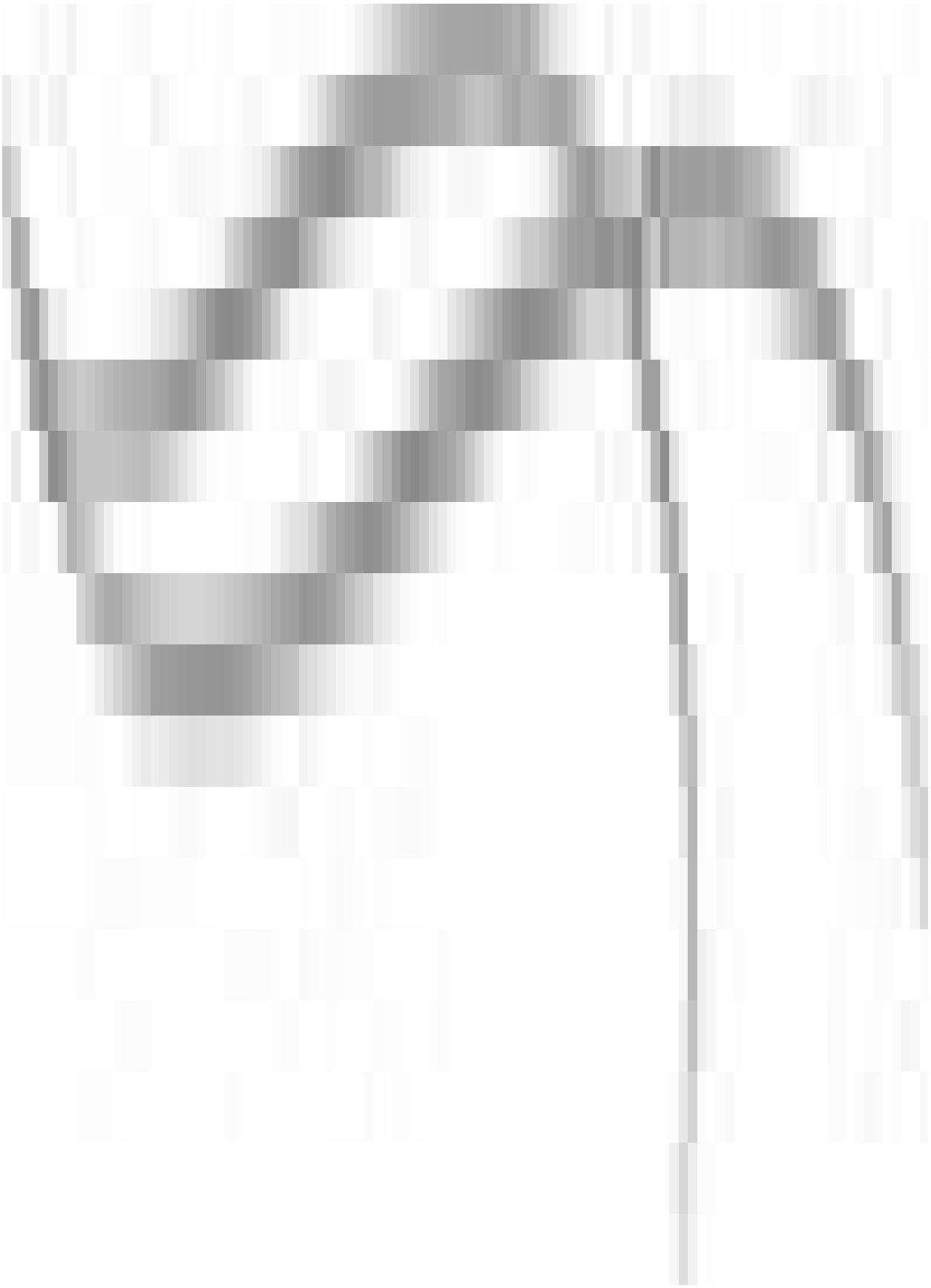
Brodnax adquiriu alguma propriedade em SBSP, talvez na área da Fazenda Machadinho, no caminho para Campinas, uma vez que os que com ele vieram dos EUA, também, ali se estabeleceram.

O casal Brodnax e o filho Winston Augustus foram membros da Igreja em SBSP, e provavelmente estavam entre os seus fundadores. Os nomes de pai e filho são encontrados em documentos dessa igreja. Robert Brodnax chegou a ser um dos diáconos.

A 14.10.1874, ele e a esposa retornaram aos EUA. Tudo faz crer que levaram Jane e Margaret; esta, com o esposo G. E. Jones. Não encontramos estes nomes na lista de passageiros. Só os de Robert, sua esposa e membros da família Triggs, que também vieram com eles para o Brasil. Viajaram pelo “Helen Angier”, com destino a Geórgia. Daí, por certo, dirigiram-se para Marengo Co., no mesmo Estado do Alabama, perto de Dixon’s Mills, onde o seu genro, Green E. Jones, fixou residência, na casa de quem veio a falecer a 27.07.1877, com a idade de 85 anos.

Conforme o Censo de 1850, de Clarke Co., Alabama, “House 824”, temos a seguinte informação: R. Brodnax, com 55 anos, nascido na Geórgia; Hannah B., 40 anos, de Carolina do Sul; Frances, 17 anos, Peggy, Augutus, Elisa, de 5, 3 e 2 anos, respectivamente, nascidos no Alabama. Não se vê o nome de Margaret, mas é possível que seja a mesma Frances. O casamento de Robert e Hannah deu-se a 29.12.1844, em Dallas Co., Alabama, conforme Registro de Casamentos do local.

Boa parte dos dados acima: gentileza de Albert Quillin.



William Henry Capps

(1841 — 1904)

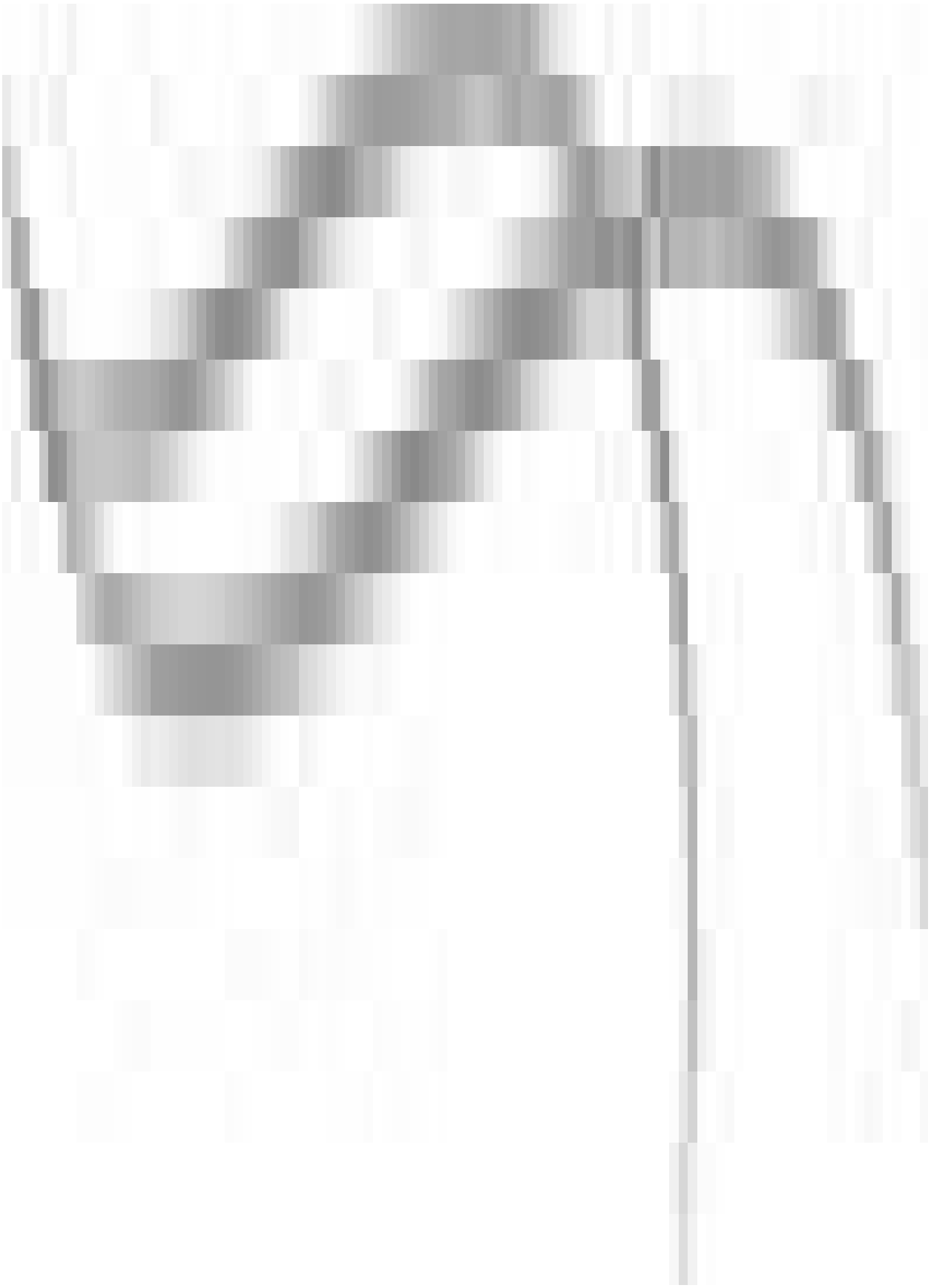
William Henry Capps nasceu em 1841 ou 1845, sendo filho de William Calhoum Capps e Mary Matilda Capps. Consta ter vindo para o Brasil procedente do Estado do Alabama. Não sabemos quando chegou. Casou-se, em SBSP, com Anne Ellis, filha de Warren Montgomery Ellis e Mary Matilda (Strong) Ellis, provavelmente pouco depois de agosto de 1869. William e Anne tiveram 12 ou 13 filhos. Destes, o nome de oito encontram-se no registro de óbito de W. H. Capps, ocorrido a 06.10.1904. Anne deve ter falecido pouco antes de 30.04.1890, pois, na lista de eleitores, em SB, no 4º quarteirão da Vila, o nome de Henry Capps aparece como viúvo, tendo a idade de 45 anos, não coincidindo, pois, com a do registro de óbito.

Em segundas núpcias, W. H. Capps casou-se a 18.04.1892, com Agnes Mariana Hawthorn, conforme registro de casamento, em SBSP. A 29.01.1894, nasceu Mirian Constance Capps, que faleceu a 11.08.1983, sepultada no Cemitério do Campo.

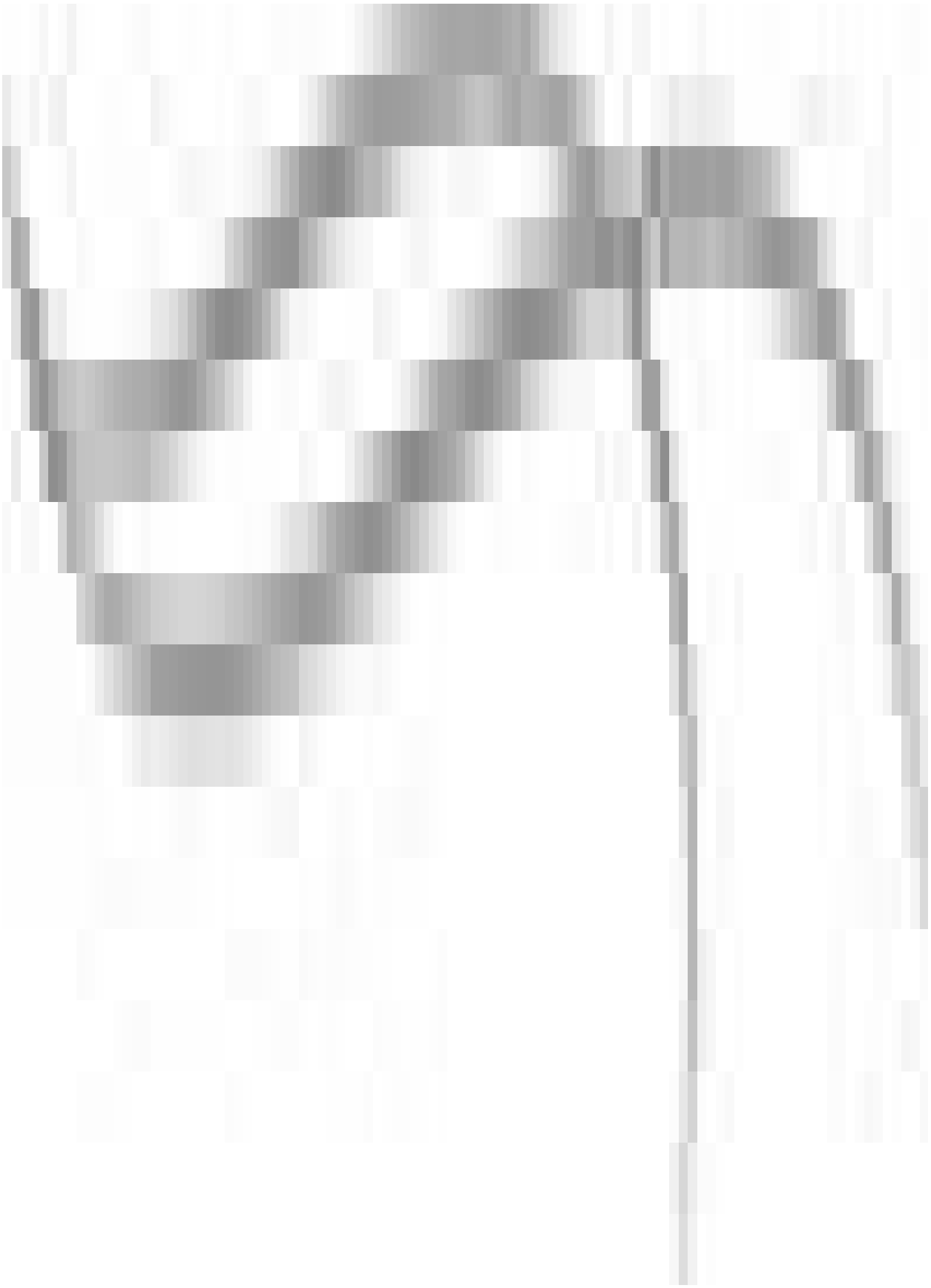
Agnes (ou Ignês?) Mariana (Hawrthorn) Capps deve ter falecido entre 1894 e 1904. No registro de óbito de W. H. Capps, ele é mencionado como “viúvo em primeiras e segundas núpcias”. Foi sepultado no Cemitério do Campo. A lápide do seu túmulo, assim como a de Anne, têm seus nomes, mas, não as datas. Pelo registro de óbito de W. H. Capps, temos o nome e idade dos seguintes filhos: Henry Spencer, 32; Edwin e Ella, 25; Allie, 23; Clarence, 22; Roland, 18; Robert, 12 (a idade deste devia ser 15). Em SD, estão ainda mencionados os nomes de Arthur, George, Frederick, Charles Monroe e Beulah.

Em agosto de 1883, e abril de 1894, W. H. Capps adquiriu propriedade na área de SBSP, conforme se pode comprovar por documentos encontrados em cartório. Em 1892, seu nome consta da relação dos nomes de alistamento eleitoral em SBSP. Em 1893, ele pagou o imposto à Prefeitura sobre o engenho que era seu e, na lista dos eleitores de 1899, há uma anotação à margem do livro: “mudado

para outro município". Devia ser o de Dois Córregos, como se vê no registro de óbito.



O nome de W. H. Capps estava com outros na comissão nomeada pela PIB/SB, com o fim de preparar e assinar um documento que valesse para o registro de W. B. Bagby e depois E. H. Soper, como pastores, de acordo com o estabelecido por Decretos Imperiais, de 1861 e 1863. Tentamos obter outras informações sobre W. H. Capps, através de dois de seus descendentes, porém, foram infrutíferos os nossos esforços. Os que aqui se encontram têm base no documento de cartório e do Arquivo Municipal de Santa Bárbara d'Oeste, além de referências no livro Soldado Descansa.



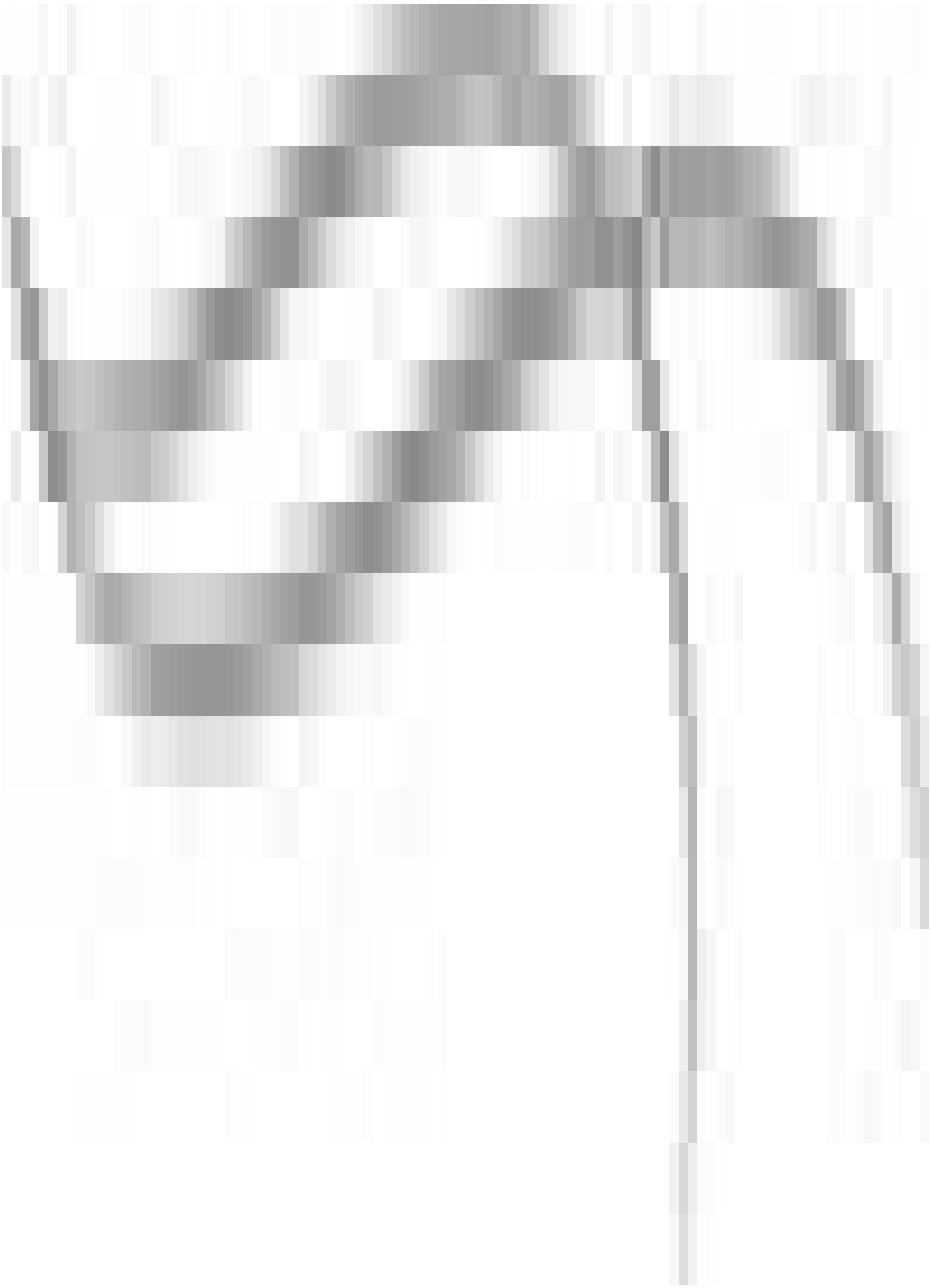
Joseph Jackson Cherry

Os nomes de Joseph Jackson Cherry e esposa, Elisa Cherry, na relação de membros da PIB/SB, nos vêm de uma carta escrita pelo Dr. Bagby à FMB, a 30.06.1881. Residiam eles em Botucatu, distante de São Paulo cerca de 160 quilômetros, sendo grande o esforço para virem ao culto em SB.

J. J. Cherry e sua esposa seriam do Texas. Não sabemos quando chegaram ao Brasil, nem se aqui permaneceram, ou quando. Parece-nos que o casal tinha dois filhos. Há um Allen D. Cherry chegando ao Rio de Janeiro de Nova York, a 03.12.1885. (Em MPRJ, p. 330.)

Por documentos no Cartório de Notas, em SBSP, o casal pode ter chegado antes de 15.01.1875, pois aí começam a aparecer: procuração, hipoteca, divisão amigável de terra, troca de propriedade e a confirmação de que Cherry adquirira propriedade em Botucatu, vizinha à de Robert Meriwether. Isso teria sido em 1877.

Numa busca rápida que fizemos no cartório em Botucatu, não conseguimos localizar o seu nome no setor de distribuição. Não encontramos, também, o registro do seu óbito ou o da sua esposa. No cemitério local, nada achamos sobre o Casal Cherry.

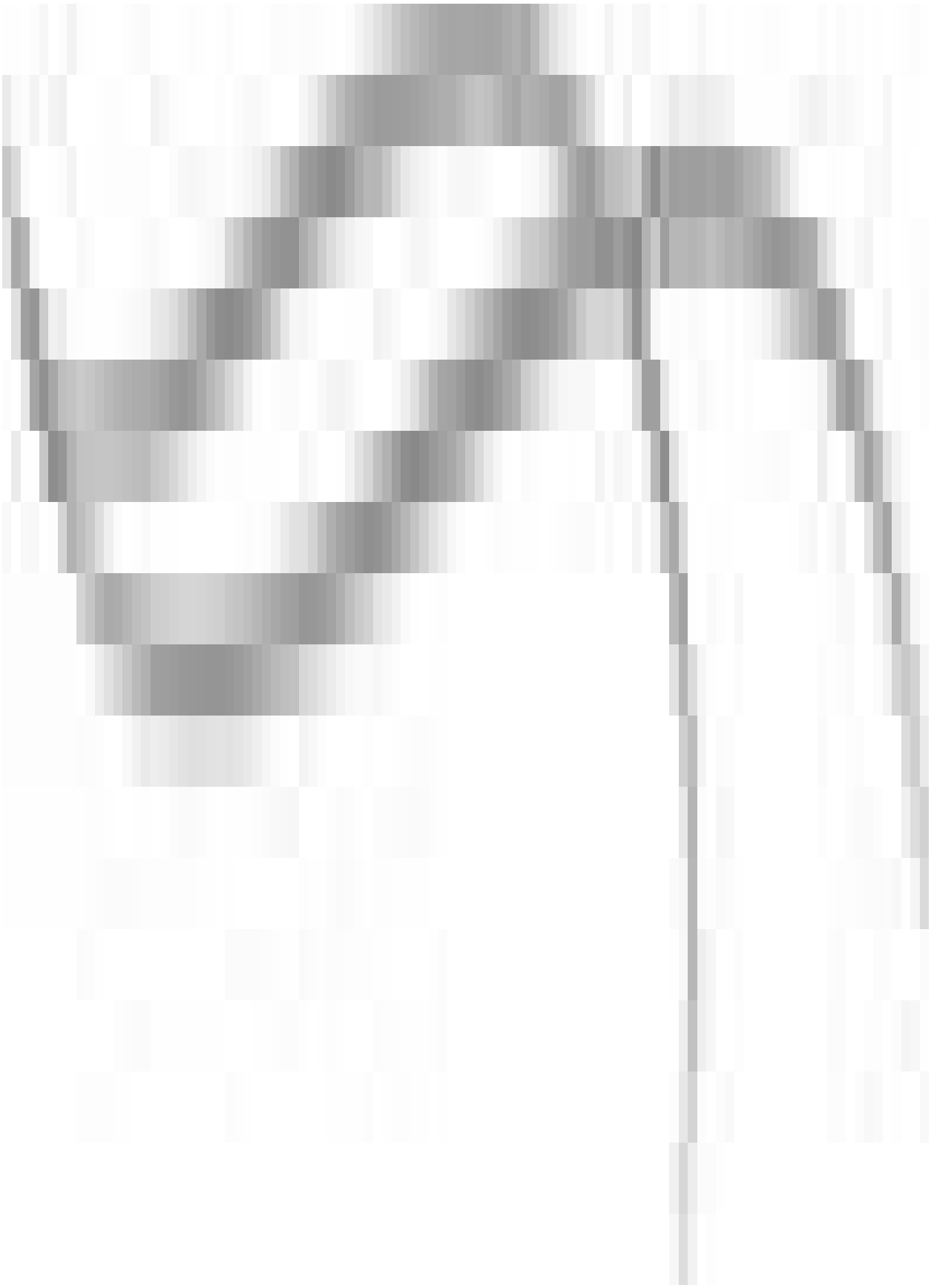


David R. Coulter

O Major David R. Coulter chegou ao Rio de Janeiro a 22.07.1871, acompanhado do filho, Dr. George DeKalb Coulter, juntamente com a família de Robert Porter Thomas (MPRJ, p. 136, 137), procedentes de Sevier Co., Arkansas. Vieram no navio “North America”, da linha Nova York.

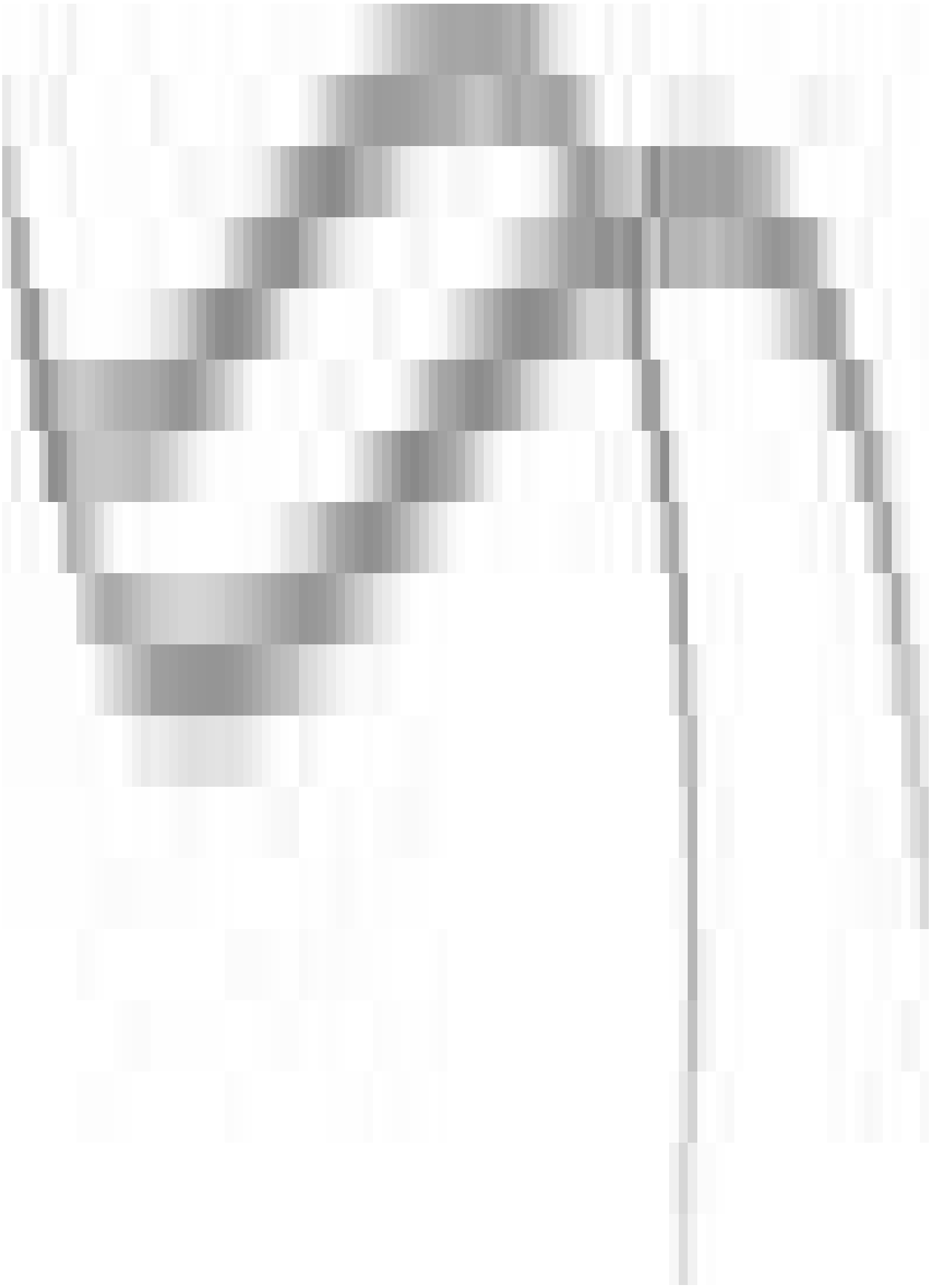
David R. Coulter tinha sido um dos primeiros a estabelecer-se em Mine Creek (hoje Nashville), Arkansas, logo depois do Rev. I. C. Perkins, que viria a ser o sogro de R. P. Thomas. A família Coulter era batista. Pode ser que David R. e seu filho George tenham participado da fundação da PIB/SB, a 10.09.1871. A 24.04.1872, (MPRJ, p. 147), o Major David retornou ao seu país e, mais tarde, mudou-se de Arkansas para o Texas. Seu filho George ficou no Brasil. Este faleceu a 01.04.1881, com a idade de 42 anos. Sua esposa, Pamela, com 30 anos de idade, havia falecido a 22.06.1878. Ambos foram sepultados no Cemitério do Campo, conforme registramos em nosso livro NAITR, p. 27.

Um filho de George, de nome Demaret Coulter, que aqui ficara, foi encontrar-se com o seu avô no Texas, conforme relatou Sarah Emily (Thomas) Ferguson ao seu primo Oscar Hope. (Carta de 26.08.1922, enviada de SBSP, para Marshall, Texas). Se realmente David R. Coulter foi um dos fundadores da PIB/SB, seu tempo como membro dessa igreja foi de apenas sete meses. Quanto a George não possuímos registro de seu nome como membro da igreja.



Charles Davis Daniel

Charles Davis Daniel nasceu a 17.03.1856, em Monroe Co., Alabama. A 12.11.1885, casou-se, em Waco, Texas, com Lena Kirk, nascida a 24.07.1865, em Gay Hill, Washington Co., Texas. Não temos as datas e locais do falecimento do casal. Foram missionários da FMB-SBC para o Brasil, de 1885 a 1892, após o que retornaram aos EUA.



Os pais de C. D. Daniel foram Joseph e Anne H. Daniel. Camilla e Drusilla eram suas irmãs. A família emigrou dos EUA para o Pará, depois da Guerra de Secessão, com o agente Major Lansford Warren Hastings. O vapor “Margaret”, que os levava juntamente com outros passageiros, teve que retornar ao porto de Mobile, pouco depois de sua saída a 25.03.1866, porque a epidemia de varíola se manifestou a bordo. Onze passageiros morreram. (Em The Confederate Exodus to Latin America, de L. F. Hill, p. 33. Exemplar raro na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.)

A 31.07.1866, há a informação da entrada no Rio de Janeiro, de um “J. Daniel, sua mulher, um filho, duas irmãs e um cunhado”, procedentes de Nova York. Há o registro de saída do Rio de Janeiro para Santos, a 07.11.1866, de um “I. Daniel e sua família”. Encontramos essas informações nas listas de passageiros, nos jornais diários. Tratava-se da família de C. D. Daniel.

No Cartório de Notas em SBSP, há três registros de Compra e Venda de um sítio, conforme livro 12, p. 29 e 46; livro 15, p. 37, e seguintes. Na data de 11.12.1866, Joseph Daniel compra-o e, a 08.10.1874, vende-o, por procuração. A família retornara aos EUA tendo permanecido em SBSP, de novembro de 1866 a outubro de 1872, mais ou menos.

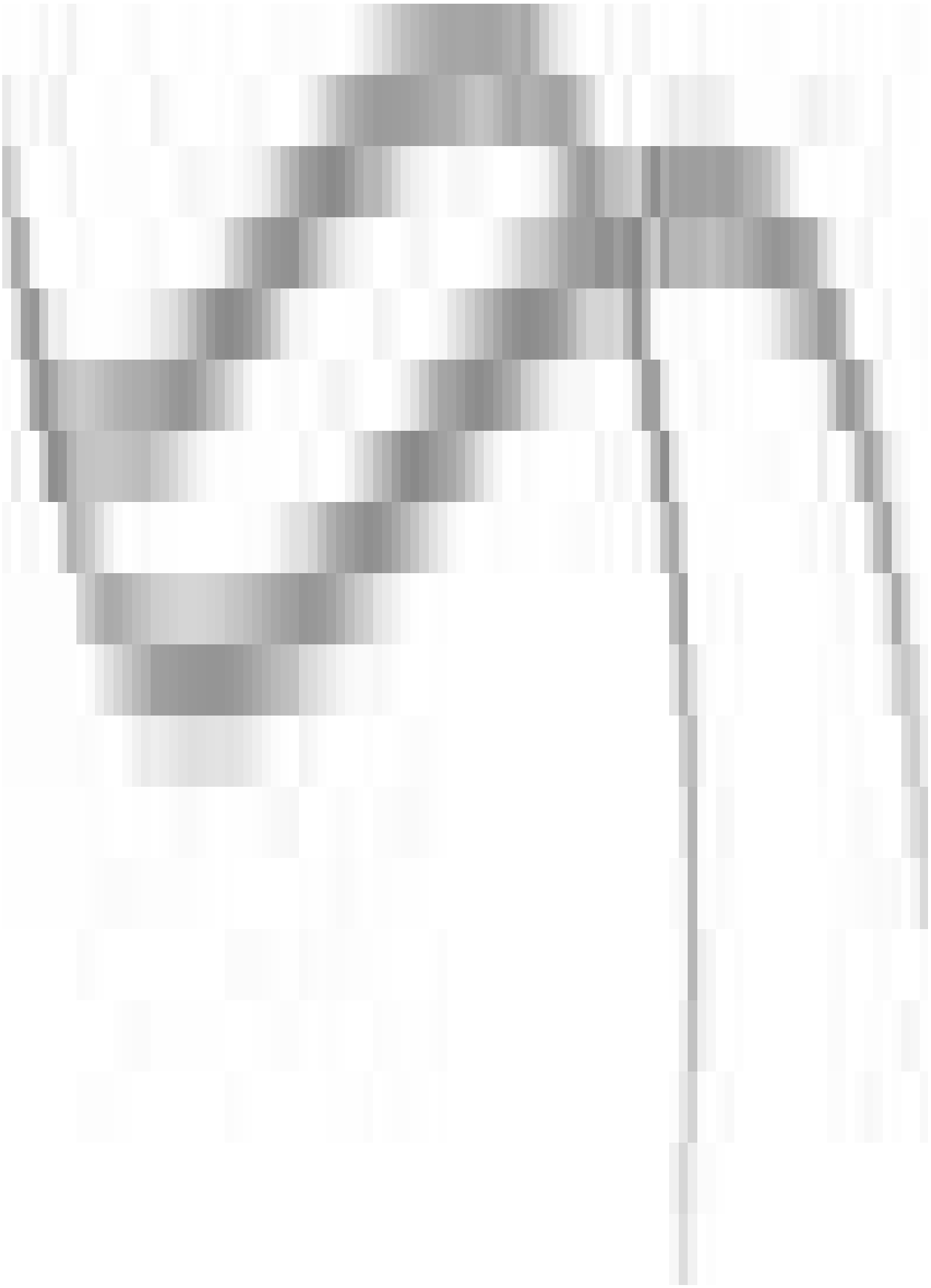
Após a Guerra de Secessão, o pai de C. D. Daniel emigrou para o Brasil estabelecendo-se na Província de SP. Depois de sete anos, retornou com a família, indo para Navarro Co., Texas. Em 1875, o pai de Charles veio a falecer, deixando sobre os ombros desse filho a responsabilidade da família com a mãe viúva e os irmãos pequenos.

As impressões religiosas que mais marcaram a vida de Charles foram vividas durante uma tempestade, na viagem para o Brasil. Na ocasião, ele era um menino de nove para dez anos de idade. O contraste da confiança calma do pai piedoso com o terror dos marinheiros deixou-lhe, por certa e bem gravada, a certeza de que Deus é o refúgio.

No tempo de sua estada no Brasil, ele tinha recebido alguma instrução dada por sua mãe. Aprendeu a falar português quase tão fluentemente como a sua língua materna, pelo convívio com os brasileiros em SBSP.

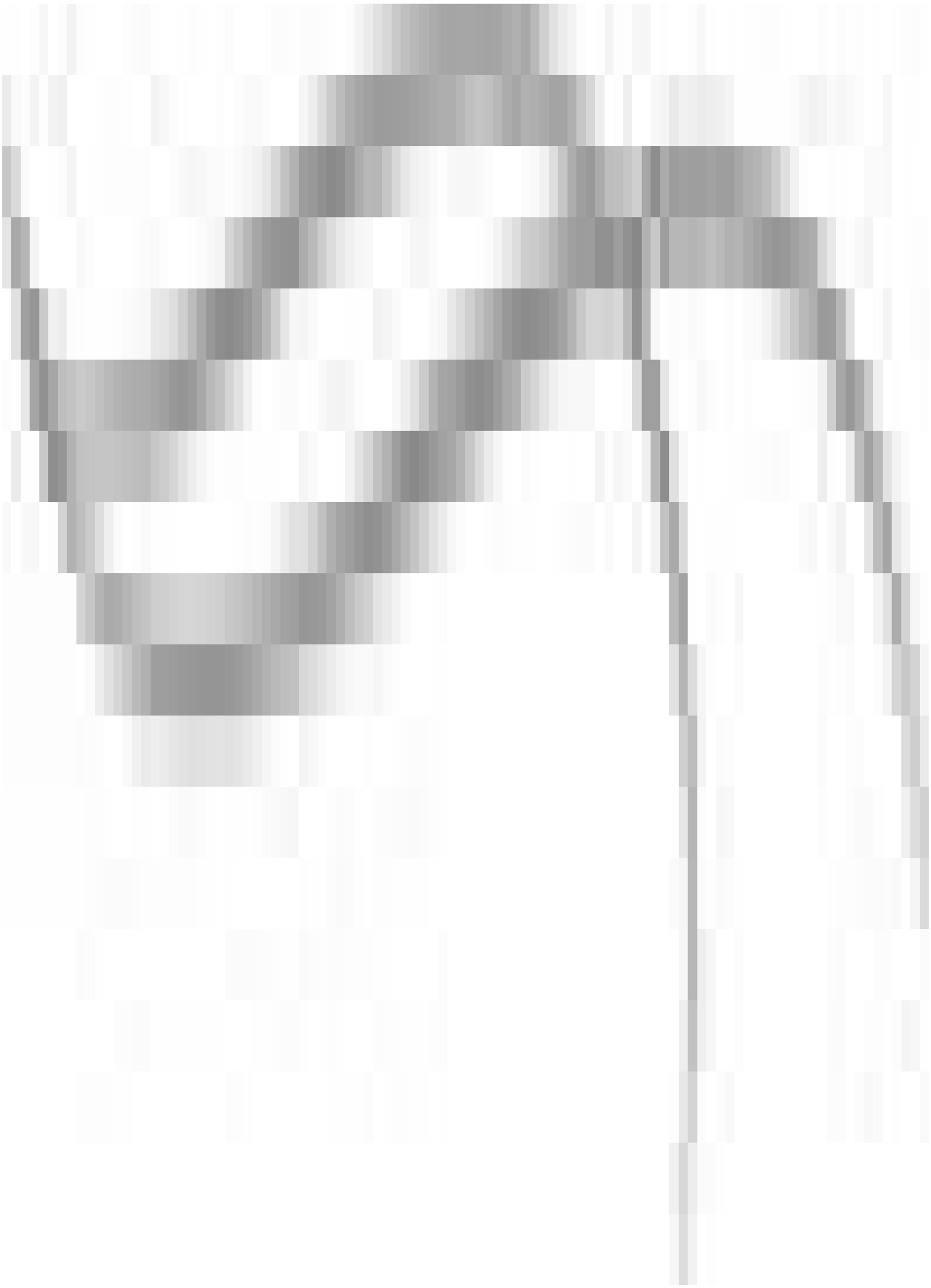
Aos 21 anos de idade, no verão de 1877, Charles converteu-se. E a 28.10.1877 foi batizado na Igreja Bethesda, Richland Association, Corcicana, perto de Navarro Co., Texas, pelo pastor E. R. Freeman. O desejo de ser um pregador do evangelho surgiu-lhe no coração, logo depois. E também o de voltar ao Brasil. Mas seu pouco preparo e falta de meios, e ainda a responsabilidade que tinha de cuidar de sua família, na falta do pai, impediram-lhe, de imediato, de prosseguir no seu intento. Mas, com o tempo, acabou por matricular-se no Waco University. Enquanto estudava, teve oportunidade de treinar-se na pregação. A 04.11.1883, Charles Davis Daniel foi consagrado ao Ministério da Palavra. Assumiu o pastorado da Igreja Batista em Dawson, Texas, que tinha, na ocasião, apenas 13 membros. Serviu, também parte do tempo, à Igreja em Lorena, McLennan Co., Texas. A 13.06.1885, foi graduado pela Waco University, então já nomeado missionário para o Brasil, pela FMB-SBC.

Lena Kirk era filha do Sr. e Sra. J. L. Kirk, batistas. Em 1880, quando estava na Universidade, tornou-se aluna de Anne Luther (mais tarde, Bagby) e foi a partir desse contato que Lena sentiu o amor por missões.



Para este resumo foram usadas as informações contidas no livro de H. A. Tupper — A Decade of Foreign Missions — 1880-1890, p. 85, 412, 413, 417-423, 425, 455, 477, 540, 630, 740, 741, e outras, conforme índice do referido livro; também, MPRJ, p. 331, 368, 377.

O leitor encontrará outras informações na parte “C” e na parte “D”.



David Davis

David Davis assinou uma comunicação feita pela PIB/SB, enviada para a FMB, com uma carta de 11.01.1873. Esse fato levou-nos a colocá-lo no Rol de Membros dessa igreja.

Um retrato de uma família Davis encontra-se publicado no livro SD, p. 114. É constituída do casal, de um jovem de cerca de 15 anos e uma menina de seus sete anos de idade.

No Diário da jovem Jennie Keyes, p. 252, há referência a um Davis que, junto com um McIntyre, deixaram a colônia de Charles C. Gunter, no Rio Doce, ES, e foram para SBSP, em 1868. Podemos arriscar dizendo que se tratava de David Davis. Sem provas, no entanto.

A 11.08.1875, a Escritura de Compra e Venda, que se encontra registrada no Livro de Notas nº 17, p. 48v, no Cartório de Notas, em SBSP, revela que David Davis e sua mulher, Adeth Davis, haviam adquirido, de William H. Norris, um sítio de nome “Cinco Patentes”, divisando com a propriedade de William e de outros brasileiros, no termo de Campinas, com casa de morada e algumas benfeitorias. Provavelmente, essa propriedade era parte da Fazenda Machadinho, várias vezes mencionada neste trabalho.

Robert Norris, filho de W. H. Norris, adquiriu de David Davis e sua mulher, Adeth Davis, a propriedade mencionada na data acima.

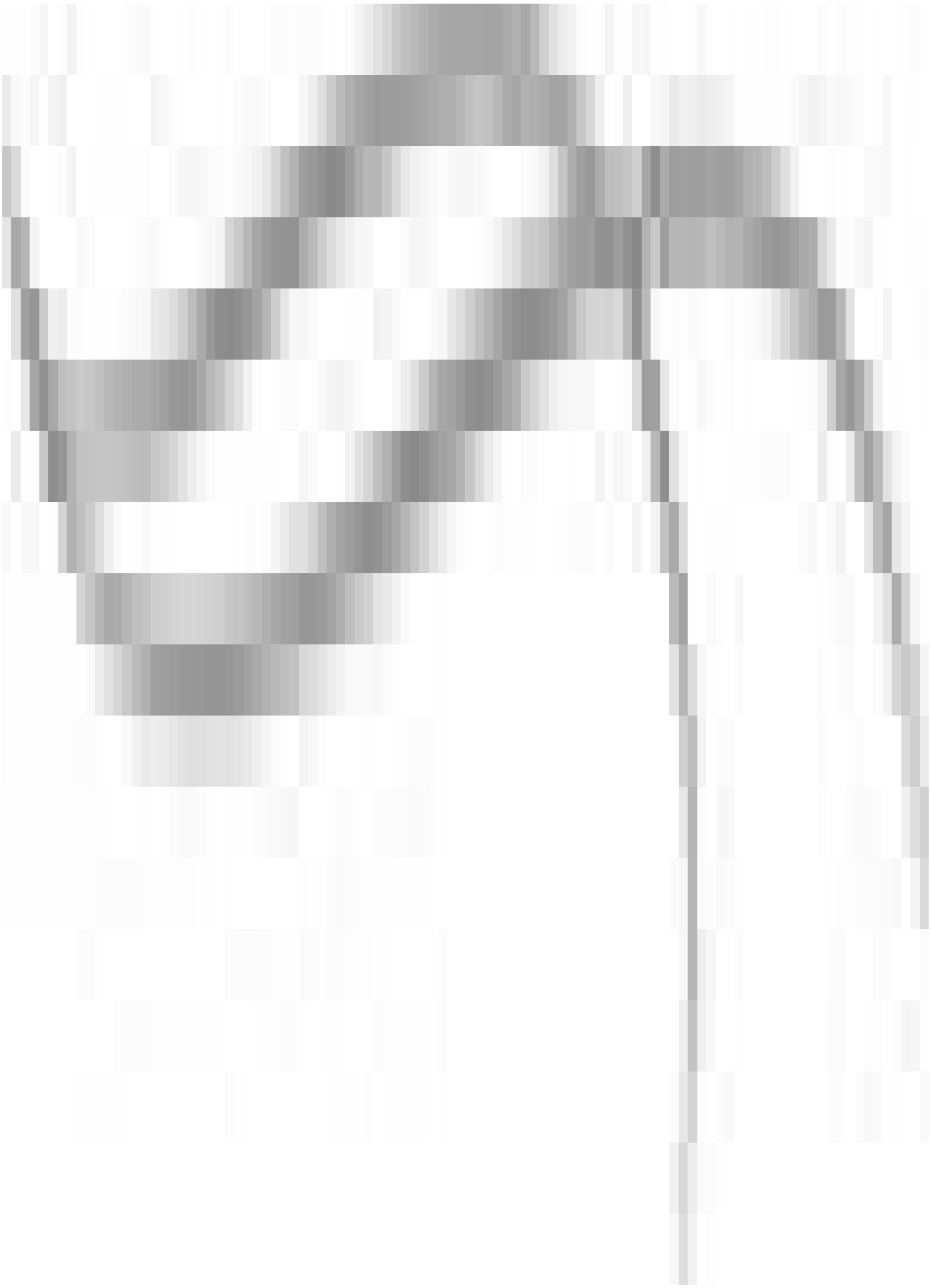
Como não temos outras informações sobre essa família, podemos deduzir que venderam seus bens e retornaram aos EUA. Mas não localizamos qualquer registro de sua saída do Brasil. (Ver autógrafo na pág. 709)

Pleasant M. Fenley

(ca 1815 — 1885)

Pleasant M. Fenley e sua esposa, Sarah A. Blair Fenley, vieram para o Brasil trazendo os filhos Charles Columbus, P. P. A. Fenley, Hulda V., Sarah L. e Elisabeth. Esses se casaram, respectivamente, com Eugenia Minchin, Mary Virgínia Carlton, John Rowe (para este, segundas núpcias) e John Carlton. Todos estes têm seus túmulos no Cemitério do Campo, em SBSP. Parece-nos que eram nativos de Carolina do Sul, nos EUA; mas, ao tempo da vinda para o Brasil, talvez procedentes da Florida. Era uma família de batistas.

Pleasant M. Fenley faleceu em SBSP, a 03.12.1885, com a idade de 70 anos. Naquela ocasião, era pastor da PIB/SB o missionário Edwin H. Soper. A inscrição na lápide do tumulo de P. M. Fenley revela que ele tinha sido, durante anos, membro da igreja batista, e que havia falecido firme na fé. Da inscrição da lápide de Sarah A., esposa de P. M. Fenley, temos que ela era filha de C. C. e S. A. Blair, nascida a 19.08.1819, e falecida a 29.01.1879, em SBSP, sendo membro de igreja batista por 45 anos.



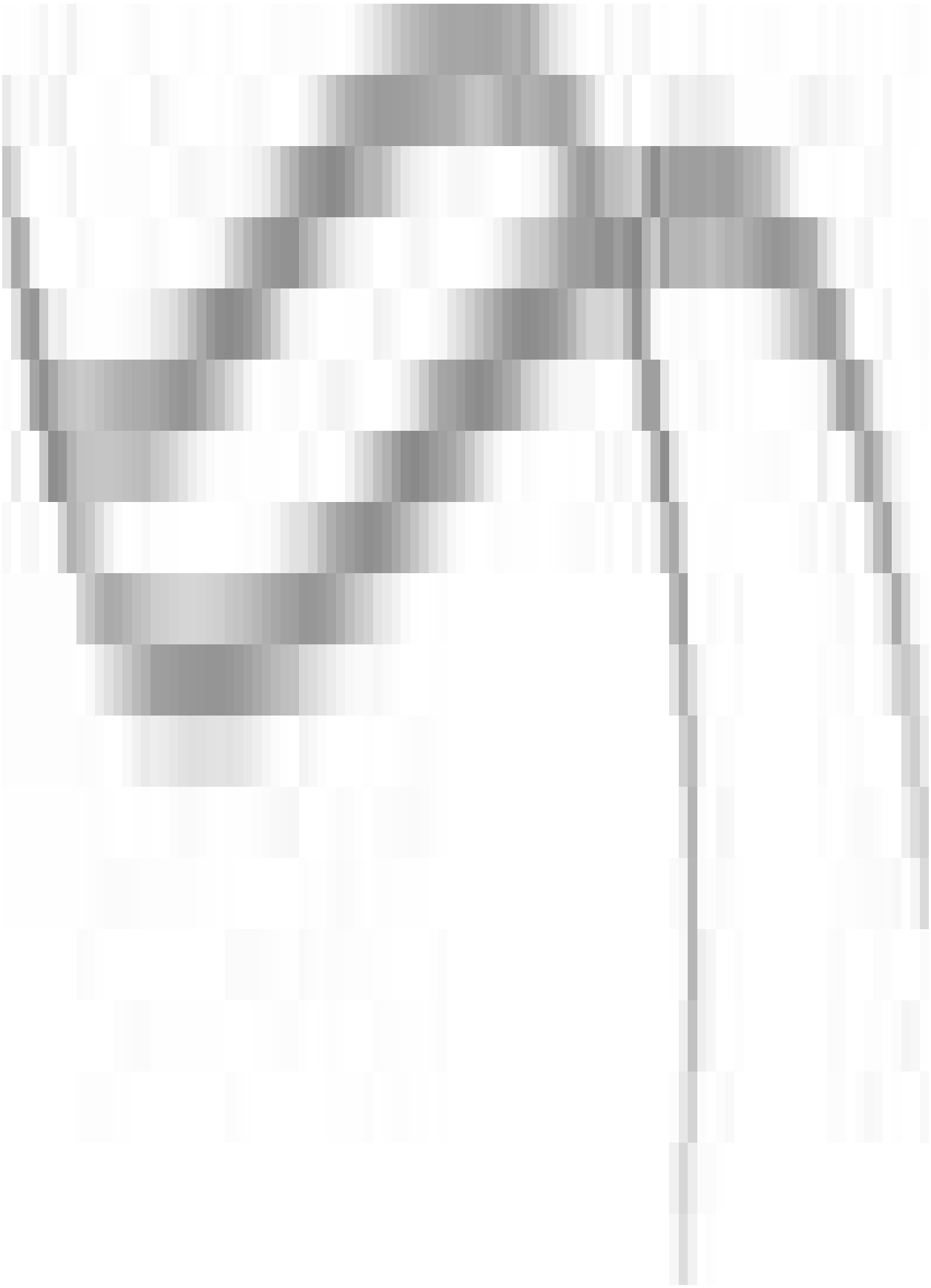
A 28.12.1880, o Rev. Richard Ratcliff enviou do Texas uma carta para a FMB sobre o assunto ligado ao problema surgido entre os obreiros Quillin e Teixeira de Albuquerque. Ratcliff mencionou os nomes de P. M. Fenley e um genro deste, John Rowe, como homens sinceros e de confiança, capazes de ajudar na solução do problema. Ambos eram membros e diáconos, na ocasião, da Igreja Batista da Estação, a segunda.

Não temos a lista exata da chegada da família Fenley ao Brasil, mas é provável que tenha sido durante os anos de 1869/1970.

Consta que, antes de SB, a família esteve no Paraná. No Fórum de Campinas, no Índice da "Distribuição", encontramos o registro de uma Escritura de Compra e Venda, Livro 9, p. 25, 15.06.1881, de Alexandre e Charles Fenley, passando ao Dr. Jorge Green Mattheus 35 alqueires de terra. Encontramos adiante os registros de Compra e Venda de terra entre Alexandre Fenley, Charles Fenley e Guilherme Norris, Livro de Escrituras 16, p. 13, 12.10.1888; p. 26, 12.01.1889; p. 28, 22.01.1889. No Livro nº 13, p. 44, 06.08.1886, é distribuída a "Escritura" de partilha que firmam entre si Alexandre Fenley, seus irmãos e cunhados dos bens deixados pelo finado Pleasant Fenley. Pelo que entendemos, esses bens eram terras e benfeitorias perto da estação de SB. A casa que Charles Fenley construiu, reparada e um pouco modificada, podia ser vista na saída da cidade de Americana, no rumo de Nova Odessa. Ali funcionava o Restaurante "A Gazela", onde tomamos uma refeição, em julho de 1984.

Além das referências já mencionadas, podem ser consultadas as do livro SD, de Judith MK Jones, páginas 204, 226, 245, 250, 272, 282, 304, 305, 312, 325, 331, 333, 335, 336, 338, 351, 354, 356, 358 365, 367, 370, 371, 379, 385, 387, 399, 401, 404, 406.

Também NAITR, da autora deste livro, e Antonio Teixeira de Albuquerque, da mesma autora.



Green Ferguson

(1821 - 1905)

Green Ferguson nasceu em Chester Co., Carolina do Sul, EUA, no dia 24.06.1821, e faleceu em SBSP, a 28.06.1905, conforme dados extraídos da lápide do seu túmulo no Cemitério do Campo, SBSP. Era filho de Sarah Rieves e Henry Ferguson, filho de Adams Ferguson.

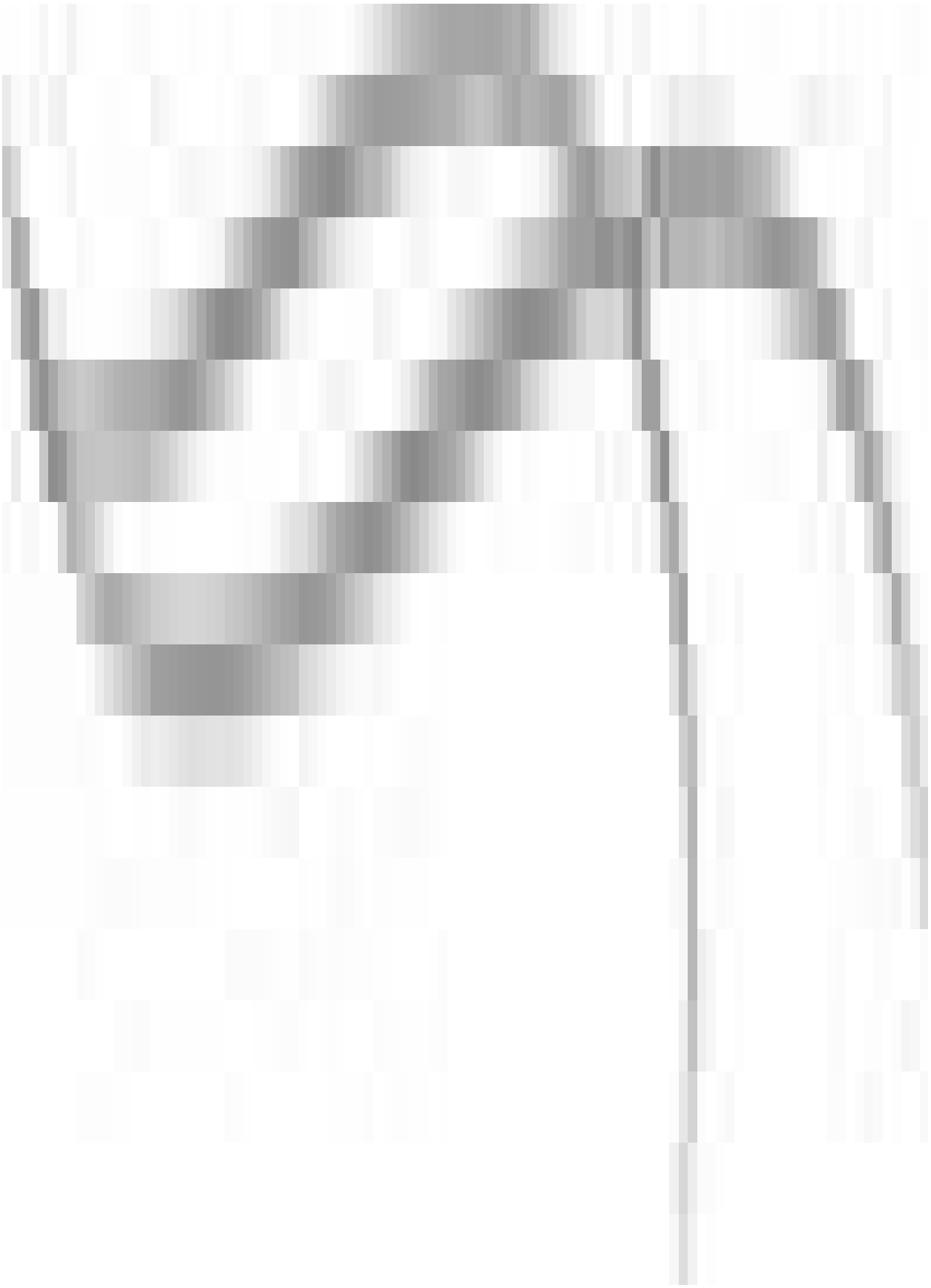
Seus antepassados eram da Virgínia, para onde tinham vindo procedentes da Inglaterra, conforme asseverava. Ali viveram, como outros, as duras provas dos que desbravam as terras virgens para colonizá-las. Provavelmente, os antepassados de Green Ferguson foram os Adams, Cook, Reaves, ou Rieves, Young e outros, além dos Fergusons. Não temos ainda prova cabal dessa linha genealógica. Se confirmada, a linha de Rieves, por exemplo, pode ser alcançada até Robert Revê ou Ryves, nascido na Inglaterra, por volta do ano de 1490.

Perto do Natal de 1847, Green Ferguson casou-se com Minerva Charlotte Rowell, nascida a 11.03.1830, em Chester Co., mesmo Estado acima. Ela veio a falecer em SBSP, a 30.03.1883, conforme dados extraídos da lápide do seu túmulo no Cemitério do Campo, SBSP. Também Minerva era descendente de famílias da Virginia: Rowell, Sills, Clark, Morris, Shelton. Entre os Sills, houve um patriota da Revolução Americana. Foram todos colonizadores. De Rowell, a tradição de família registra que o primeiro a vir da Inglaterra era um escravo branco, ou seja, sua passagem tinha sido paga por aquele a quem ele devia servir por sete anos. Geralmente, esse tempo não cobria a dívida e, então, o “contrato” era renovado por mais sete anos.

Diz-se que esse Rowell trabalhou e ganhou tanto que acabou por tornar-se liberto e dono de muitas terras. Um dos netos, Jeremiah Rowell, de apelido “Jerry”, com a sua esposa, Mary C. Sills, emigraram para a Carolina do Sul, onde viveram os anos finais de suas vidas. Seus túmulos, já bem danificados pelo tempo, ainda foram por nós encontrados dentro da mata, em terras que eram suas, perto de Edgemoor, Chester Co., nesse Estado. Estes foram os pais de

Minerva, que se casou com Green Ferguson. Todos foram membros da Igreja Batista Harmony, que tivemos a alegria de visitar em setembro de 1977, quando a igreja comemorava o seu 139º aniversário. No final do culto de aniversário, tocamos o “Aleluia” de Handel, no órgão daquela igreja.

Green e Minerva tiveram 13 ou 14 filhos, três ou quatro dos quais ficaram para sempre sepultados na terra que lhes serviu de berço. Os outros teriam os seus túmulos na terra brasileira.

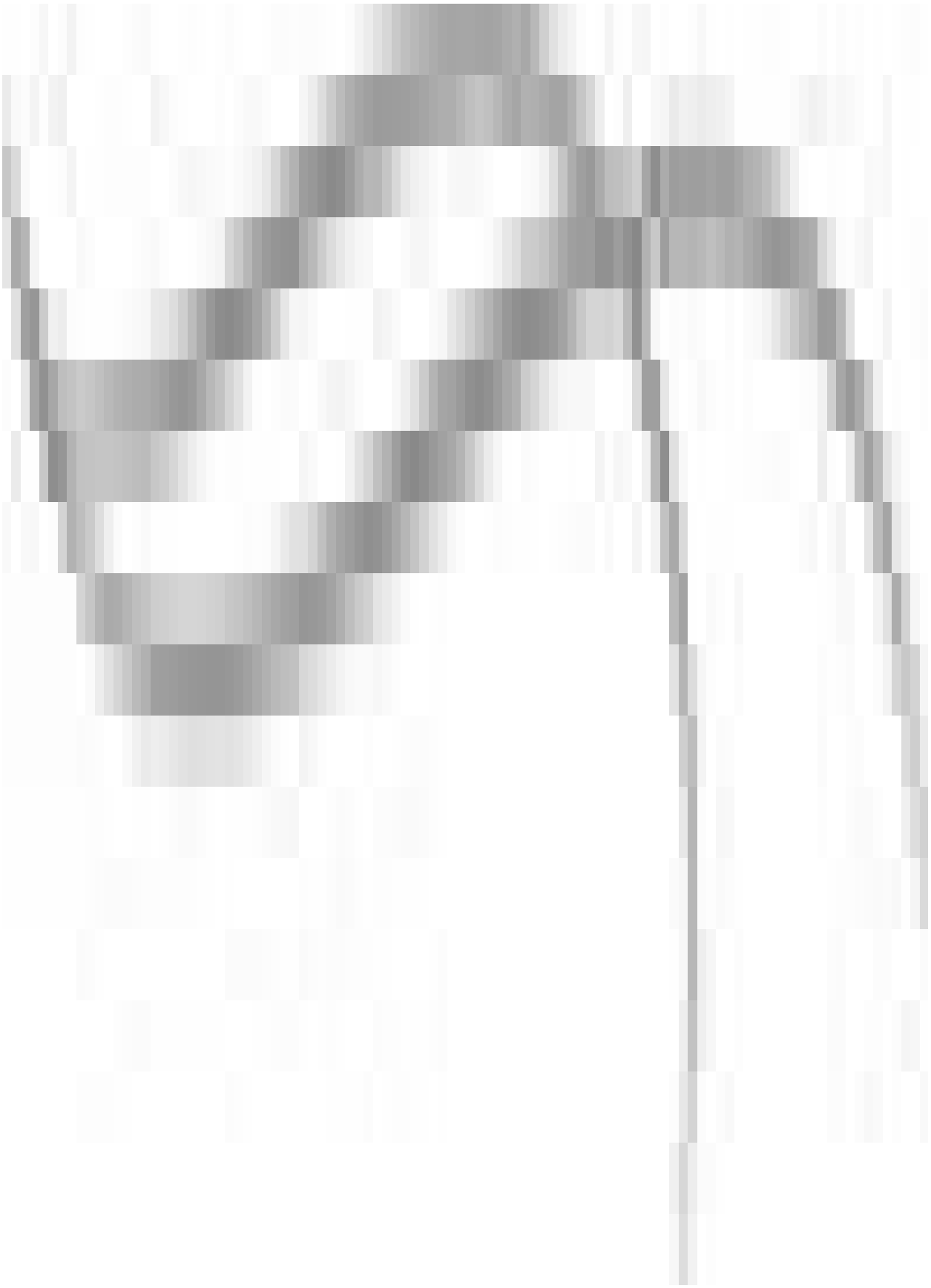


Green Ferguson chegou sozinho ao Rio de Janeiro, no dia 31.12.1866, seguindo logo depois para SBSP, via Santos. (MPRJ, p. 30, 31).

A esposa encontrava-se em final de gravidez quando ele viajou. Ela e os filhos só viriam em junho de 1868. (MPRJ, p. 69).

Reunidos em SBSP, adquiriram terra e a prepararam para a subsistência da família. Lá e cá, o trabalho era rural, na agricultura, mas, lá havia conforto. É dito que, terminada a Guerra de Secessão, Green Ferguson começou a ser procurado para ser aprisionado pelo governo federal, uma vez que ele servira aos interesses dos Confederados. Logo depois de agosto de 1866, chegou ao seu conhecimento que os ianques estavam perto. Não encontramos nada além do que diz a tradição de família, o que nos deixa sem uma prova documental. Mas o fato de Green Ferguson vir sem a família, e esta ter vindo 18 meses mais tarde, faz-nos pensar que havia razão nas informações. Green não veio em grupo e sua viagem correu por sua conta. O mesmo sucedeu quando Minerva e os filhos vieram. O mais velho, Turner Edward Ferguson, tinha 18 anos de idade. Seguiam-lhe os irmãos Frederick Brown, Fanny Elisa, então com quase nove anos de idade, Mary G. e William Stowe. Fanny Elisa era avó da autora deste livro.

Já em SBSP, Green e Minerva Ferguson tiveram outros filhos: John S., Minerva, Robert Lee e Wade Hampton.



Em Chester Co., Carolina do Sul, as famílias Ferguson e Rowell pertenciam à Harmony Baptist Church. O livro de atas nº 1 foi por nós consultado em 1977. Encontra-se muito bem conservado. Essa consulta foi permitida pelo pastor daquela igreja, o Rev. Robert Knoff. Ele, esposa e filhas hospedaram-nos em sua casa, tratando-nos com muito carinho. As experiências passadas com aqueles irmãos e a igreja foram profundas, pelo que damos graças a Deus.

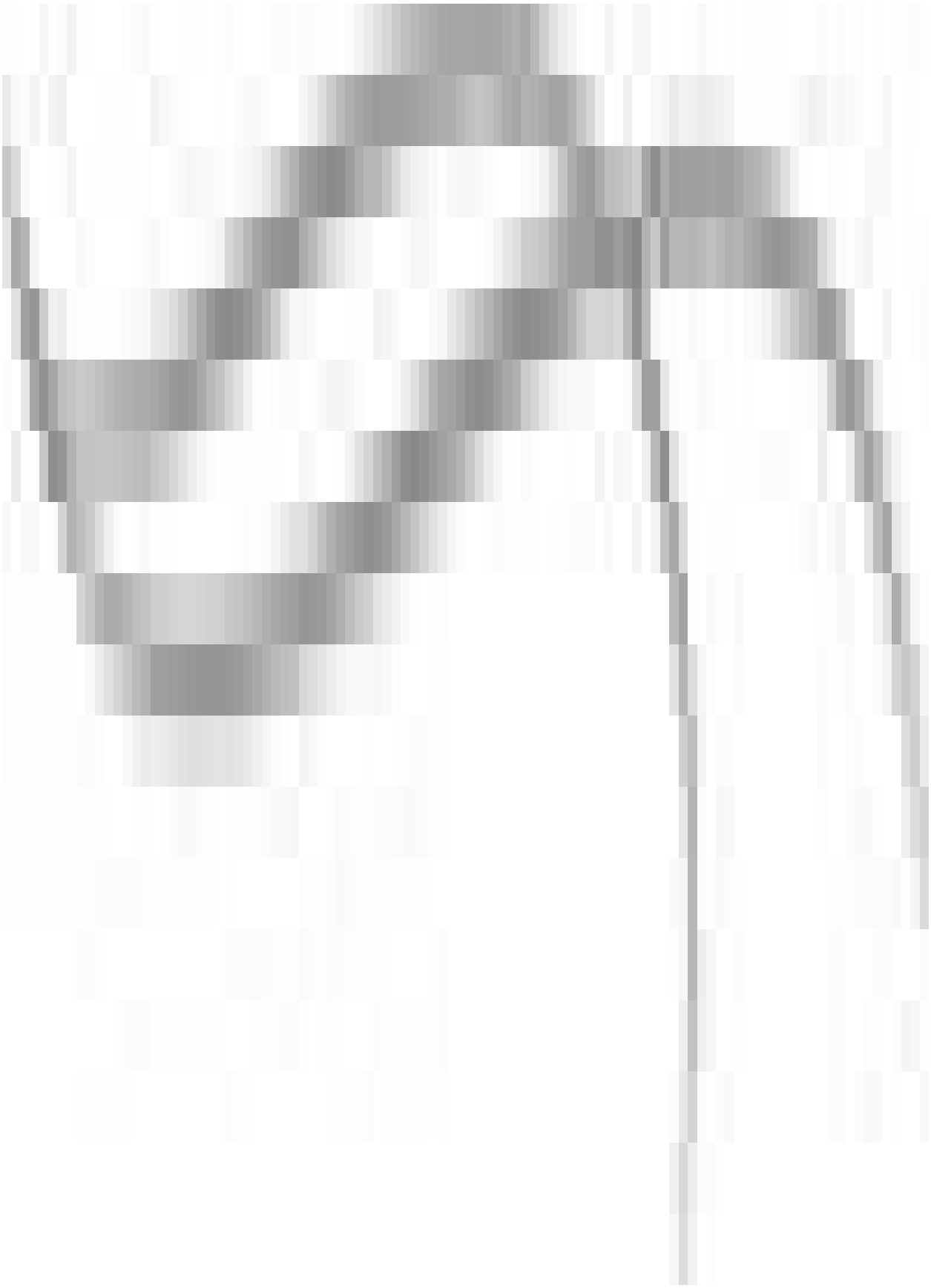
Em 1872, aquela igreja convidou o Dr. R. H. Griffith para pastoreá-la. Mais tarde, surgiu no cenário local um jovem estudante da Furman University, em Greenville, localizada não muito distante dali. Esse jovem foi William Edwin Entzminger. Ele veio a casar-se com Maggie, membro daquela igreja e filha do Rev. Griffith. Durante o tempo escolar naquela Universidade, Entzminger foi ajudado, em parte, nos seus estudos, por aquela igreja. O casal Entzminger foi nomeado pela FMB-SBC, para o Brasil.

Dr. W. E. Entzminger veio a ser o fundador da Igreja Batista do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, hoje com o nome de Segunda Igreja Batista do Rio de Janeiro. Anos mais tarde, a mesma convidaria o jovem Ricardo Pitrowsky para pastoreá-la. Isto foi em 1918. Em junho desse mesmo ano, Ricardo casou-se com Eugenia Thomas, neta de Green Ferguson, da mesma igreja de Maggie Griffith. Em 1919, nasceu a primogênita de Ricardo e Eugenia Pitrowsky — Betty. Esta cresceu, desenvolveu-se nessa igreja, daí partindo para trabalhar no Amazonas, em 1938, após ter-se casado com o pastor Antunes de Oliveira. E agora, ela escreve esta história, depois de encontrar desta os pedaços espalhados no tempo e espaço!

A história de Harmony Baptist Church é rica em exemplos de dedicação de vidas e recursos para a obra missionária. É pequena em número de membros. Fica na zona rural e no terreno que pertencia à “Meeting House”, doado para esse fim por Henry Ferguson e Mary Rieves, a 20.05.1829, conforme documento em nosso arquivo. Ainda lá existia o córrego que servia ao represamento de água formando um “batistério” para os batismos realizados por aquela igreja, no passado. Descemos àquele covão e, inacreditavelmente, ainda estavam ali pedaços das toras da cabine usada para os batizandos mudarem a sua roupa de batismo!

Essas experiências reavivam a memória do tempo ali passado pela família

Ferguson que, em vindo para o Brasil, ligou aquela igreja à história dos batistas no Brasil, desde que Green, Minerva e Turner Edward Ferguson trouxeram de lá as suas cartas demissórias e participaram da organização da Primeira Igreja Batista do Brasil, em SBSP, a 10.09.1871.



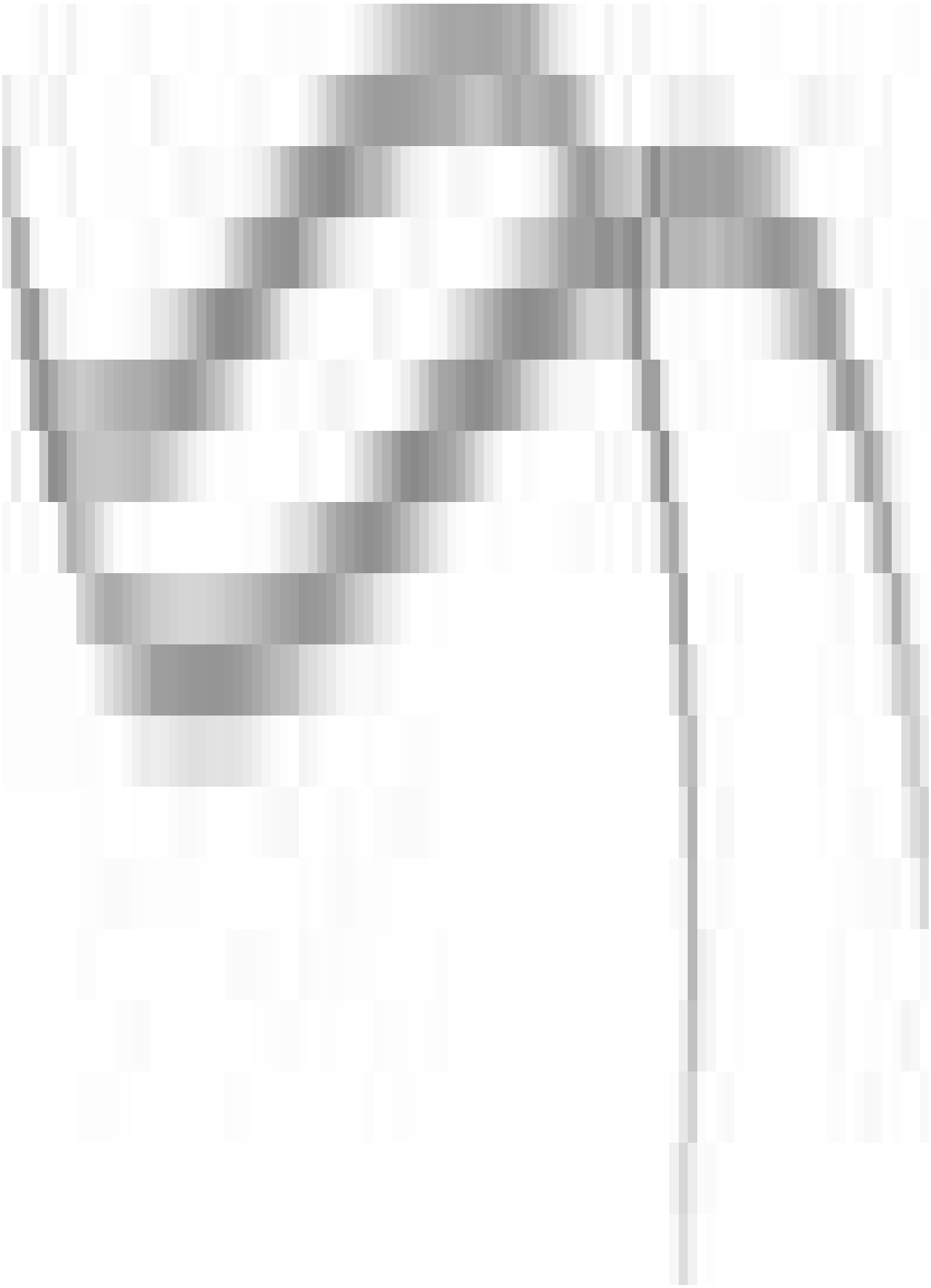
No livro de atas da Harmony Baptist Church, encontramos diversas informações das atividades de Green Ferguson. Em 1852, o seu nome está entre outros, numa comissão responsável para providenciar os recursos com os quais um templo seria construído. A 07.01.1854, ele foi consagrado diácono. Em junho seguinte a igreja registra um voto de solidariedade ao casal Green e Minerva "... pela profunda aflição pela qual estavam passando". Não sabemos qual foi essa aflição por que passaram. Green tornou-se mensageiro da igreja às reuniões anuais da Associação das Igrejas Batistas da região, nos anos de 1857, 1858, 1859, 1864 e 1866. Para a Convenção Batista Estadual, reunida com a Harmony Baptist Church, em novembro de 1863, em plena Guerra de Secessão, Green foi um dos mensageiros de sua igreja.

Em maio daquele ano de 1863, ele foi nomeado para compor uma comissão que deveria preparar o Pacto de Fé da Igreja. Já perto do término da Guerra, ele foi escolhido para cuidar dos necessitados, viúvas e órfãos da igreja. Há registro de que Green ajudava na música com o seu primo Ira Ferguson, ambos com bonita voz.

Numa lista, sem data, de membros da igreja, nas páginas finais desse livro de atas, vimos a palavra "Gone" adiante do nome de Green Ferguson, e "Gone to Brazil" adiante do nome de Turner Edward Ferguson. Realmente eles tinham vindo para o Brasil. O nome de Green aparece ainda na ata do dia 19.08.1866, nomeando-o como mensageiro para a reunião da associação. Na p. 130, do mesmo livro de atas, a 20.01.1872, há um registro interessante feito pelo secretário, W. E. Waters: "... o secretário leu uma carta do Rev. Ratcliff, vinda do Brasil, com referência ao irmão Green Ferguson e família, solicitando as suas cartas demissórias e também as razões pelas quais as cartas não tinham sido remetidas. A igreja ordenou a remessa das cartas, dizendo que elas não tinham seguido antes, conforme o primeiro pedido, porque eles tinham faltado na entrega das mensalidades destinadas ao sustento pastoral." O "eles" mencionado é referente aos membros da família Ferguson que, tendo viajado para o Brasil, descuraram-se do compromisso tomado quanto ao sustento pastoral.

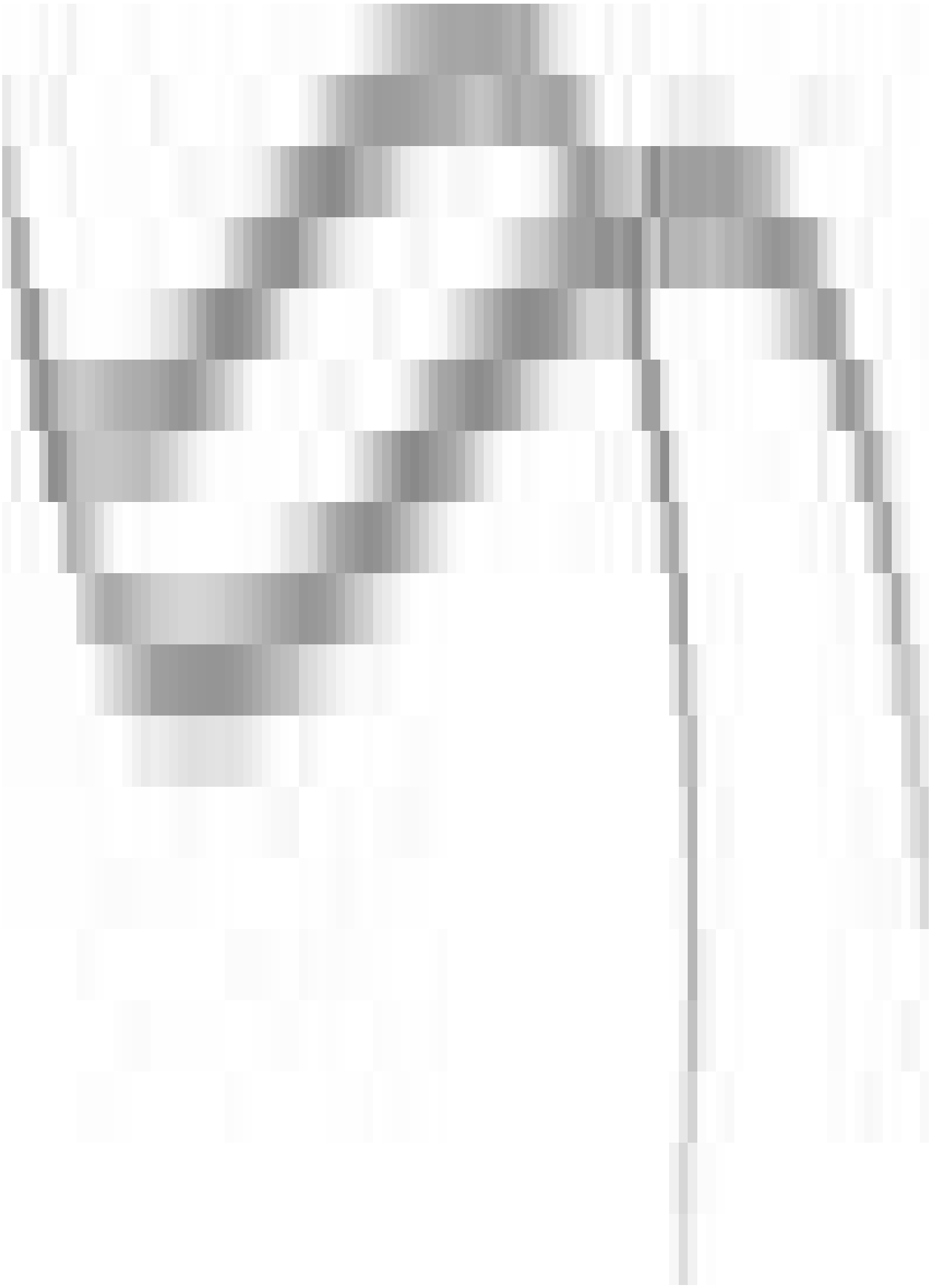
Cremos que os três membros da família Ferguson participaram da organização da PIB/SB, como membros então aceitos por declaração. Com a chegada das cartas enviadas pela Harmony Baptist Church, essa aceitação teria sido ratificada. Como se vê, estamos tecendo uma conjectura, porém, com base em

evidências.



Como membros da PIB/SB há deles poucas informações. Sabemos que Minerva foi fiel até o fim. Green ajudou a igreja com as suas contribuições, na parte da construção do templo, no Campo, SBSP, e pensamos que deveria ter sido reconhecido como diácono. Na sua velhice, tornou-se caladão. Deve ter sofrido algum problema de saúde que o deixou inválido, pois há referências, em cartas particulares da família, de que até o mingau tinha que lhe ser dado por alguém. Certa vez, William F. Thomas, um de seus genros, encontrou-o caído ao lado da cama, sem forças para erguer-se. Numa carta de Martha, sua neta, enviada para a tia, nos EUA, ela diz: "... Vovô Green está muito doente. Mamãe tem estado lá para ajudá-lo. Ele já está muito idoso e agora não vai mais poder levantar-se".

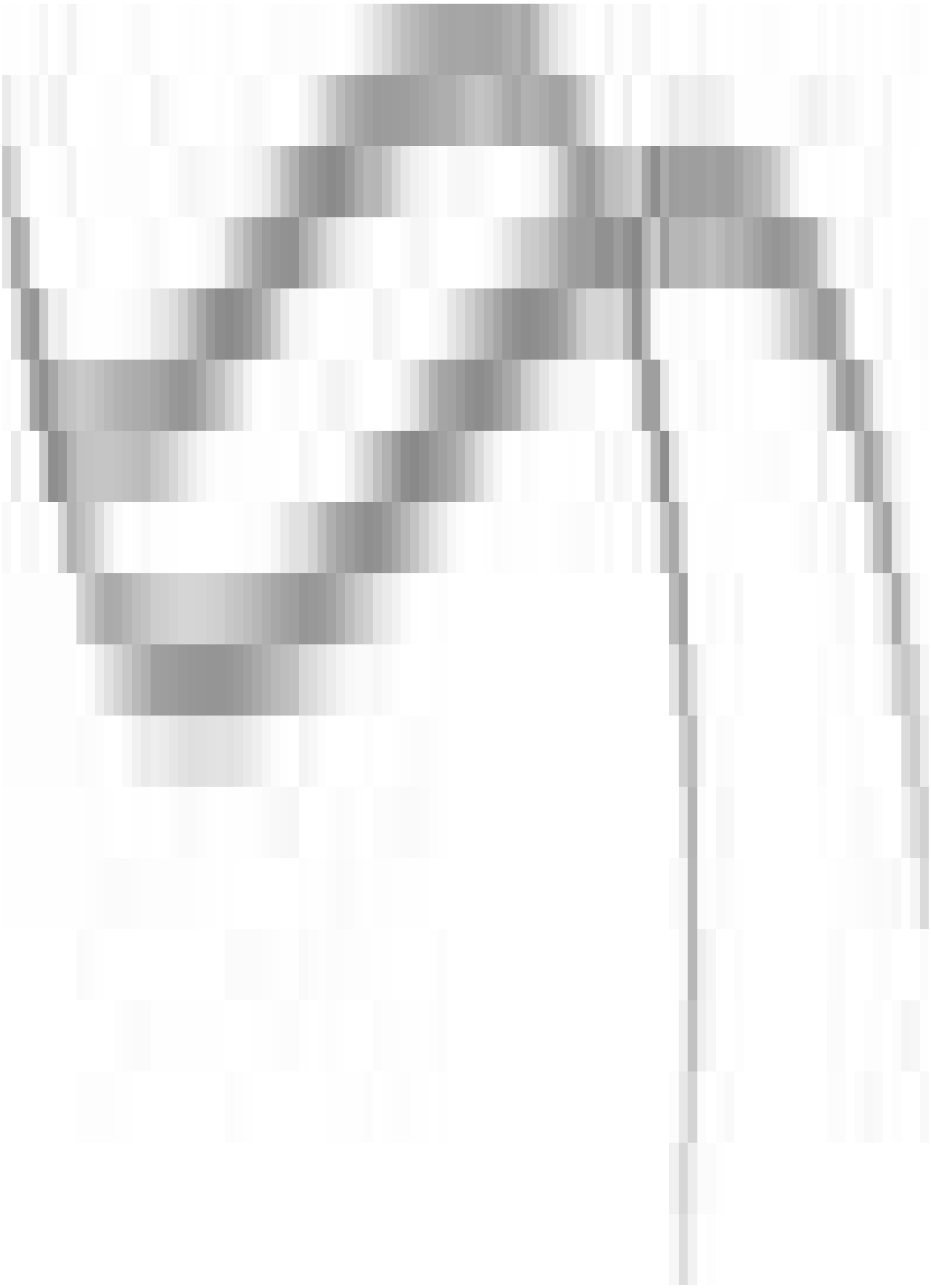
Ele faleceu a 28.06.1905, com a idade de 84 anos, sendo sepultado no Cemitério do Campo. Não encontramos qualquer retrato dele ou de seus pais. Diz-se que não gostavam de tirá-los. Era um homem de muito trabalho, enérgico e fazia questão de que tudo fosse bem feito. Ao falecer, já tinha repartido os seus bens entre os filhos.



O filho Turner Edward Ferguson foi secretário da PIB/SB por algum tempo. Casou-se com Sarah Bellona Smith, a cronista adolescente da viagem do grupo de McMullan para o Brasil, em 1867. A filha caçula, Charlotte Ferguson Whitehead, morou em Avaré, SP. Era remanescente da família, viúva, sem filhos, de uma têmpera de caráter sempre pronta a vencer quaisquer obstáculos. Mantivemos correspondência regular por muito tempo. Suas cartas foram sempre um belo exemplo de entusiasmo. A ela devemos muitas das informações sobre a família Ferguson, no Brasil.

Bellona, sua mãe, era filha de Alfred I. Smith, diácono metodista e fundador da Igreja Metodista em SB, em 1871. Bellona era uma mulher de fibra, de muito trabalho e sempre pronta a ajudar aos que dela necessitassem. Anos mais tarde, tornou-se membro do grupo dos Russelitas e com ela carregou vários de seus familiares e outras pessoas para fazerem parte desse grupo. Faleceu em Mato Grosso e foi sepultada na margem do rio Verde. Onde?

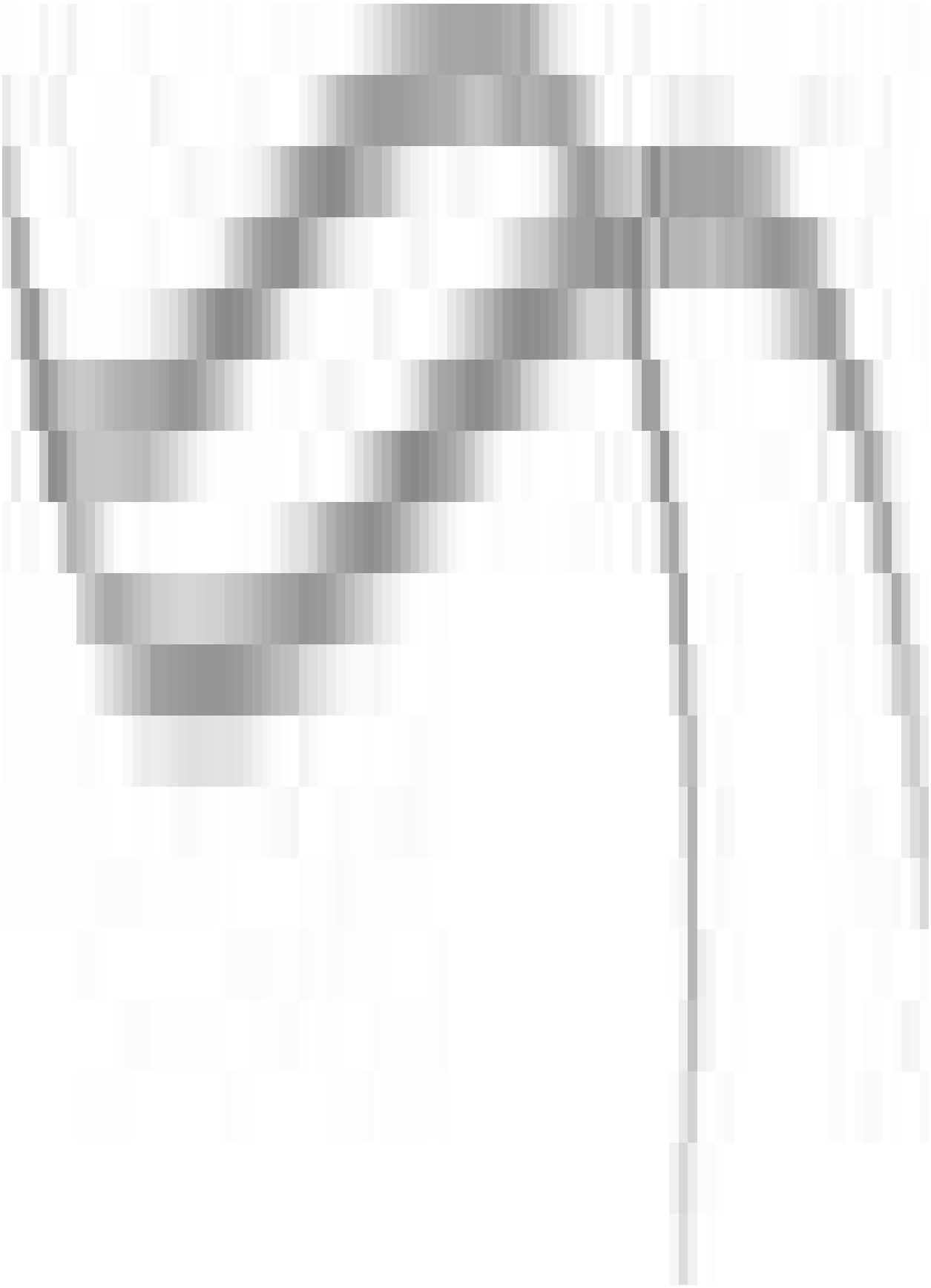
Conhecemos “Ned”, irmão de Charlotte. Seu nome era Virgil Edward Ferguson. Já com certa idade tornou-se missionário Russelita e foi morar em Goiás, Goiânia. Andava pelas ruas da cidade e alhures, com a maleta na mão, cheia de folhetos, de casa em casa, como um fiel seguidor da doutrina abraçada. Morreu em 1975, com 96 anos de idade. Era muito alto, forte, alegre, simpático e dono de uma bela voz, além de um par de olhos muitíssimo azuis. Na juventude tornara-se agricultor e, depois, criador de gado. É dito que foi ele o indicado pelo governo brasileiro, em 1919, para ir buscar na Índia os primeiros exemplares de gado (zebu ou nelore). Temos alguns documentos daquele tempo, inclusive a certidão do seu casamento, na Índia, com uma indiana/inglesa, viúva e mãe de uma filha, as quais conhecemos. “Ned” andou muito pelo interior e Norte do Brasil, como funcionário do Ministério da Agricultura.



Fanny Elisa, filha de Green e Minerva, casou-se com William Francis Thomas e tiveram nove filhos: Edward Abraham, Martha Ethel, Arthur Alonzo — “Bud” —, Anne Hope, Kate, Arlindo, Eugenia — “Genie” —, Lee Hampton — “Tenente” — e Ruben. Os descendentes de Green e Minerva, no Brasil, já alcançam um número difícil de avaliar e encontram-se espalhados por quase todos os Estados da Federação, ocupando os mais variados setores de trabalho, tanto seculares como religiosos.

Green Ferguson e seus antepassados sempre cultivaram a terra, e muitos dos seus descendentes continuam no mesmo afã. Quando não, sabem sorver o cheiro agradável e suave da terra molhada pela chuva ou o perfume das plantas e flores ao amanhecer!

Somos agradecidos aos primos, tais como Charlotte F. Whitehead, Charlotte F. Costarelli (ambas, em memória), Pérola Smith Corrêa, Grazia C. Bondancia e tantos outros que colaboraram com documentos e informações para que este capítulo fosse escrito.



Lovie Fielder

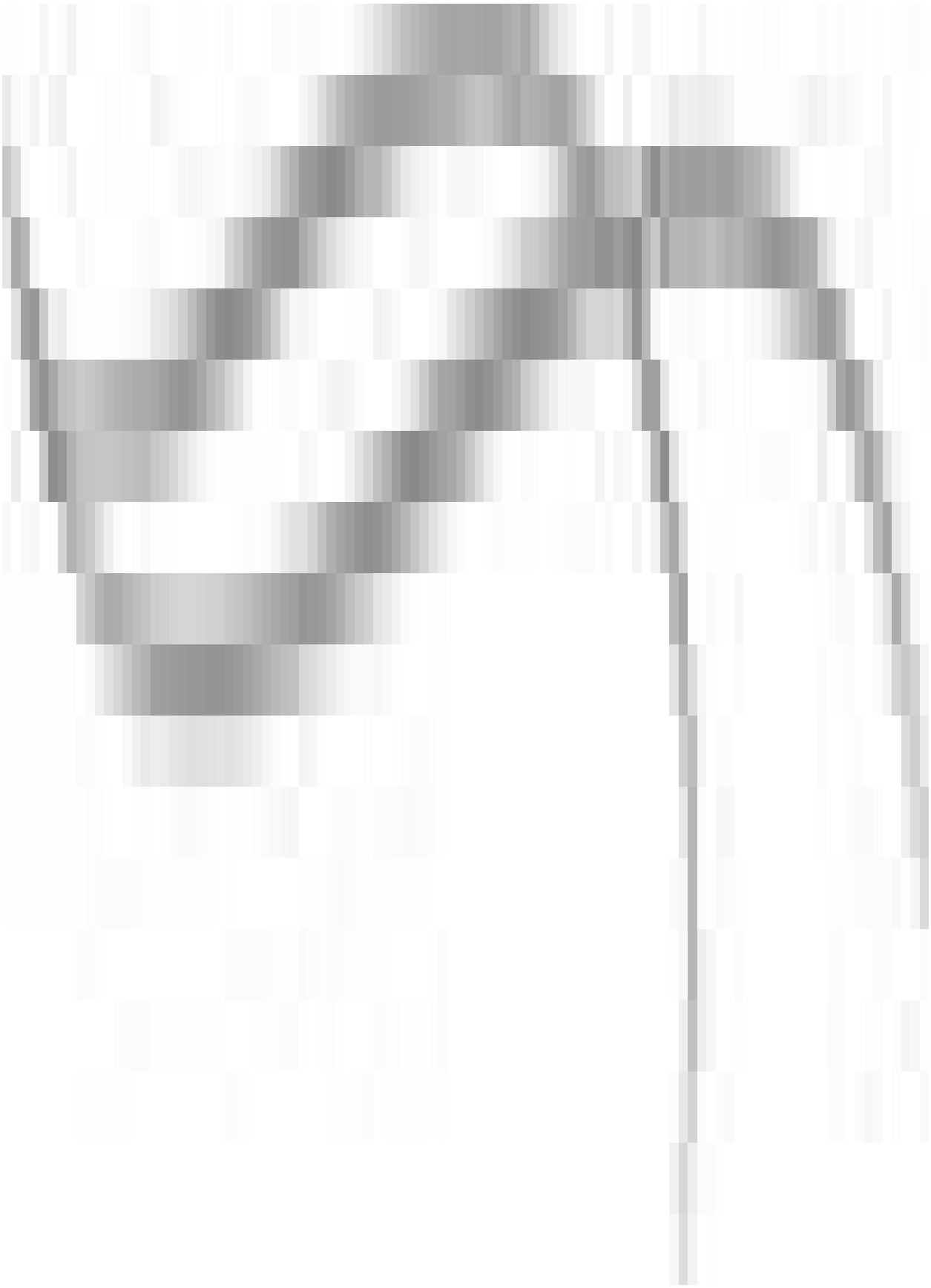
Lovie Fielder foi uma professora que veio do Alabama com a sua colega Annie Lou Vincent, ambas contratadas, por três anos, pelo grupo em SBSP, para ensinarem aos filhos dos colonos. Chegaram ao Rio de Janeiro, a 06.10.1886, pelo “Finance”. (MPRJ, p. 343)

O nome de Lovie Fielder é encontrado junto com o de D. Emma Fox Puthuff, no Necrológio de D. Mary Matilda Ellis, nomeadas pelas PIB/SB com o fim de redigirem e enviarem o dito Necrológio para ser publicado no FMJ-FMB-SBC (ver parte “D”, 08.01.1887).

Sua colega Annie Lou Vincent casou-se com Semeon B. Thacher, em SB. Ela faleceu a 26.09.1894, com 31 anos de idade. Foi sepultada no Cemitério do Campo (NAITR, p. 18). Essa professora era metodista, conforme referências que são encontradas nos livros sobre o Metodismo no Brasil. Lovie Fielder, porém, retornou aos EUA, provavelmente no final de 1889, quanto terminou o seu contrato de trabalho.

Em nosso arquivo, temos os nomes de Cortez S. Fielder e Zeno R. Fielder saindo do BR para os EUA, NOrl, a 30.03.1871, pelo vapor “Mary Ann Annison” (MPRJ, p. 131).

Não encontramos a data de chegada destes, nem sabemos se eram parentes de Lovie. Mas fica o registro para novas buscas.



John Henry Freligh

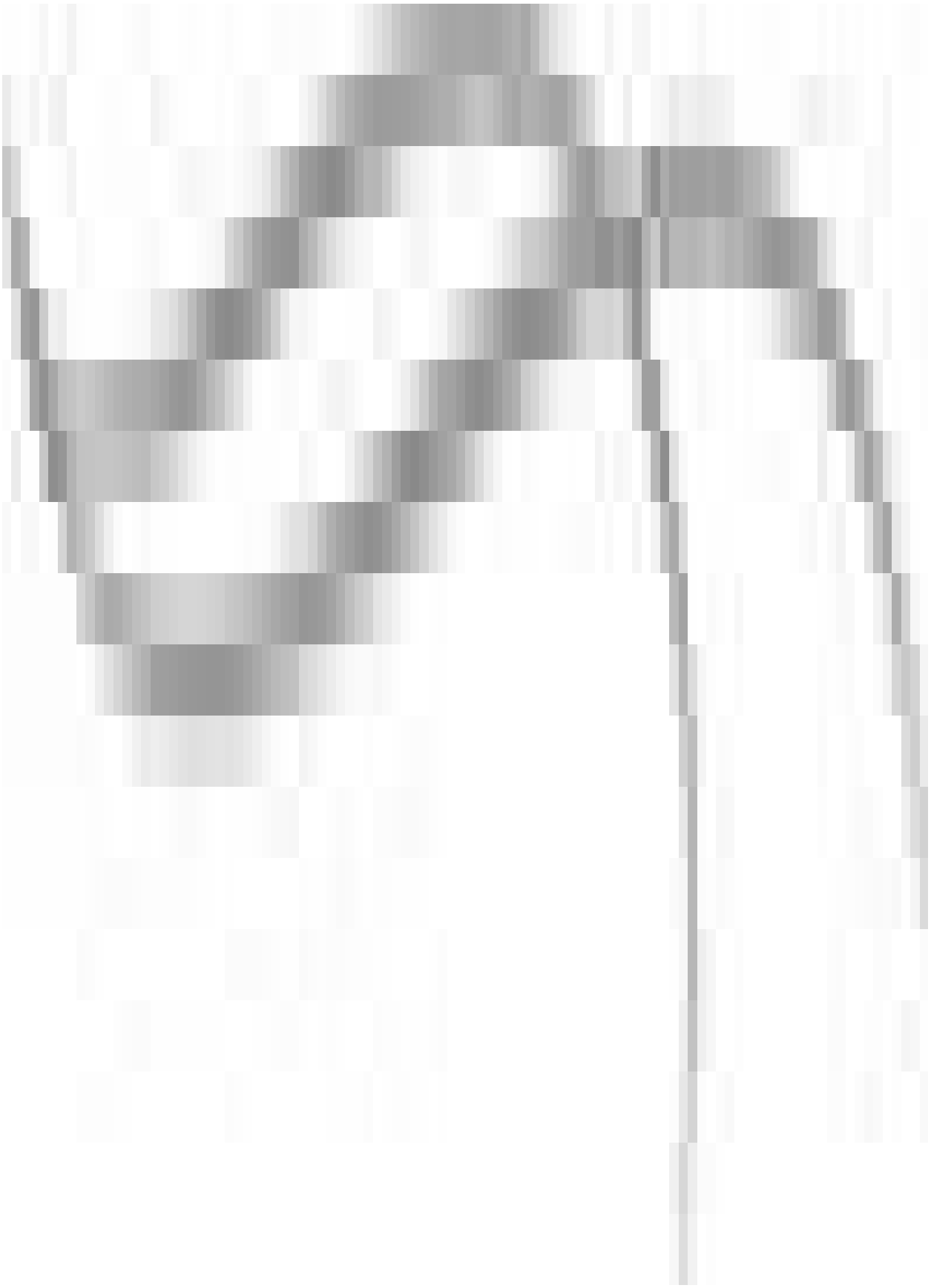
John Henry Freligh naturalizou-se brasileiro, tendo em vista a carta de naturalização de 05.08.1868. Percebe-se que era sua intenção permanecer no Brasil.

Procedente de Memphis, Tennessee, via NOrl, o Capitão John Henry Freligh chegou ao Rio de Janeiro, a 17.05.1867, no grupo do Rev. Ballard Smith Dunn, pelo vapor “Marmion”. Veio com a sua esposa, Suzanna Rebecca Ruland Freligh, e os seus filhos: Elisabeth Kerr Freligh, William Violette Freligh e J. Ruland Freligh.

Naquele mesmo vapor veio a família do Dr. John Washington Keyes, de Montgomery, Alabama. Uma de suas filhas, Jennie, tornou-se amiga de Elisabeth Kerr Freligh. É provável que o General Alexander Travis Hawthorn tenha vindo no mesmo vapor. No Rio de Janeiro, essas famílias estavam quase sempre juntas, conforme se depreende pelas referências em diversos documentos, inclusive no Diário de Jennie.

Temos idéia de que a família Freligh, batista, seguiu no mesmo navio para Iguape, SP, enquanto que o Dr. J. W. Keyes seguiu com a família para o rio Doce, no ES. O Cap. Freligh retornou ao Rio pouco depois, indo também para o ES, onde o Coronel Charles Grandison Gunter estava tentando estabelecer uma colônia de emigrados dos EUA, sob os seu cuidados.

Os Frelighs retornaram ao Rio de Janeiro. A Sra. Freligh abriu uma pensão, na Rua S. Pedro, no centro da cidade, ponto de encontro quase obrigatório de norte-americanos no Rio. Com a abertura da Av. Presidente Vargas, inaugurada em 1940, a Rua S. Pedro foi incorporada pela nova avenida. O lado da numeração par permaneceu até hoje. Se é certo que aquela pensão estava no nº 69, devia ser então nas proximidades do atual cruzamento das avenidas Presidente Vargas e Rio Branco e o exato local deve ser hoje parte de uma das pistas da Av. Pres. Vargas.

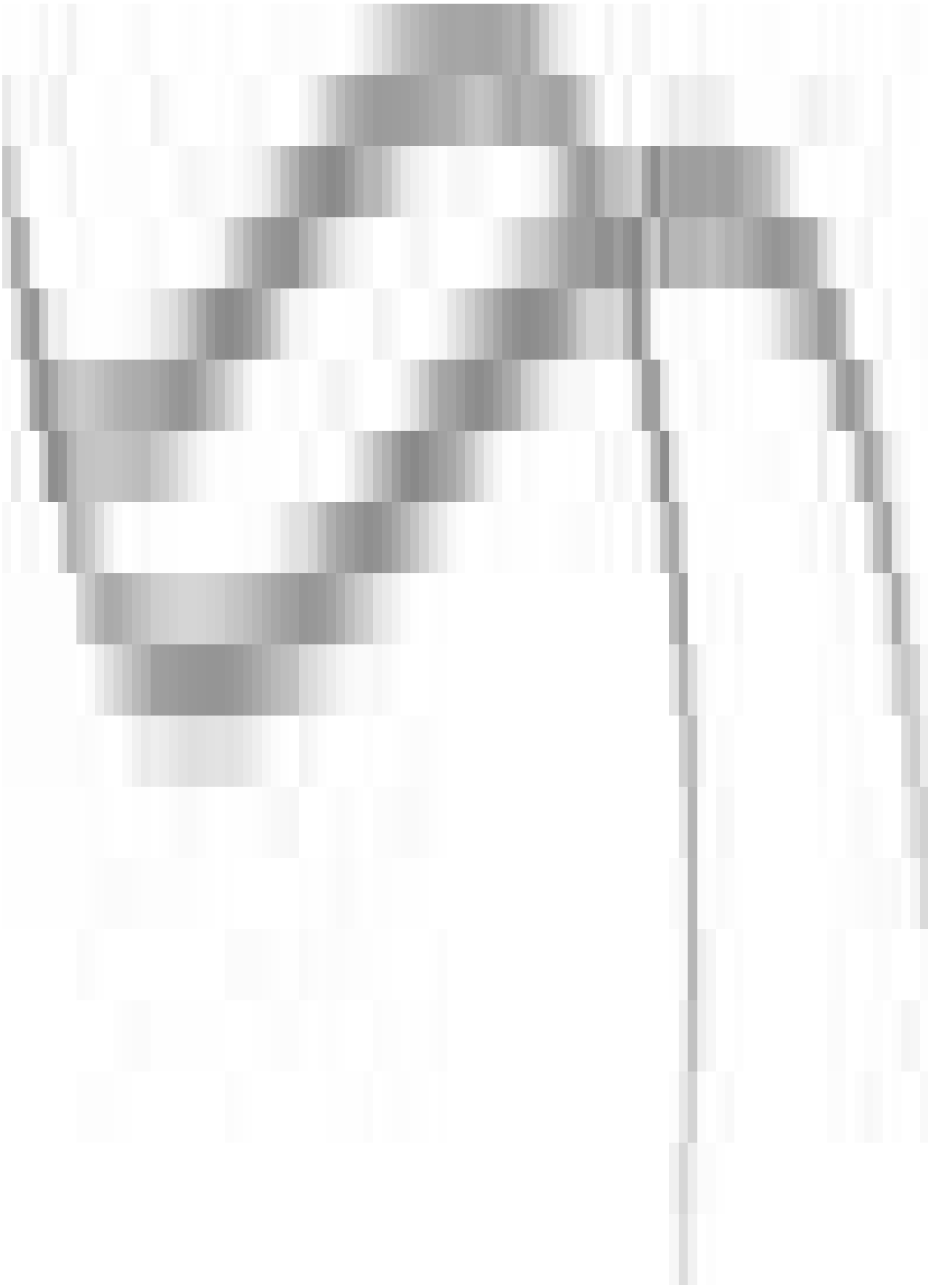


Em agosto de 1869, J. H. Freligh estava editando “um bom jornal semanal”, no Rio de Janeiro, do qual ainda não localizamos qualquer exemplar! Charles Nathan era o responsável pela sua publicação. Não descobrimos o nome desse jornal.

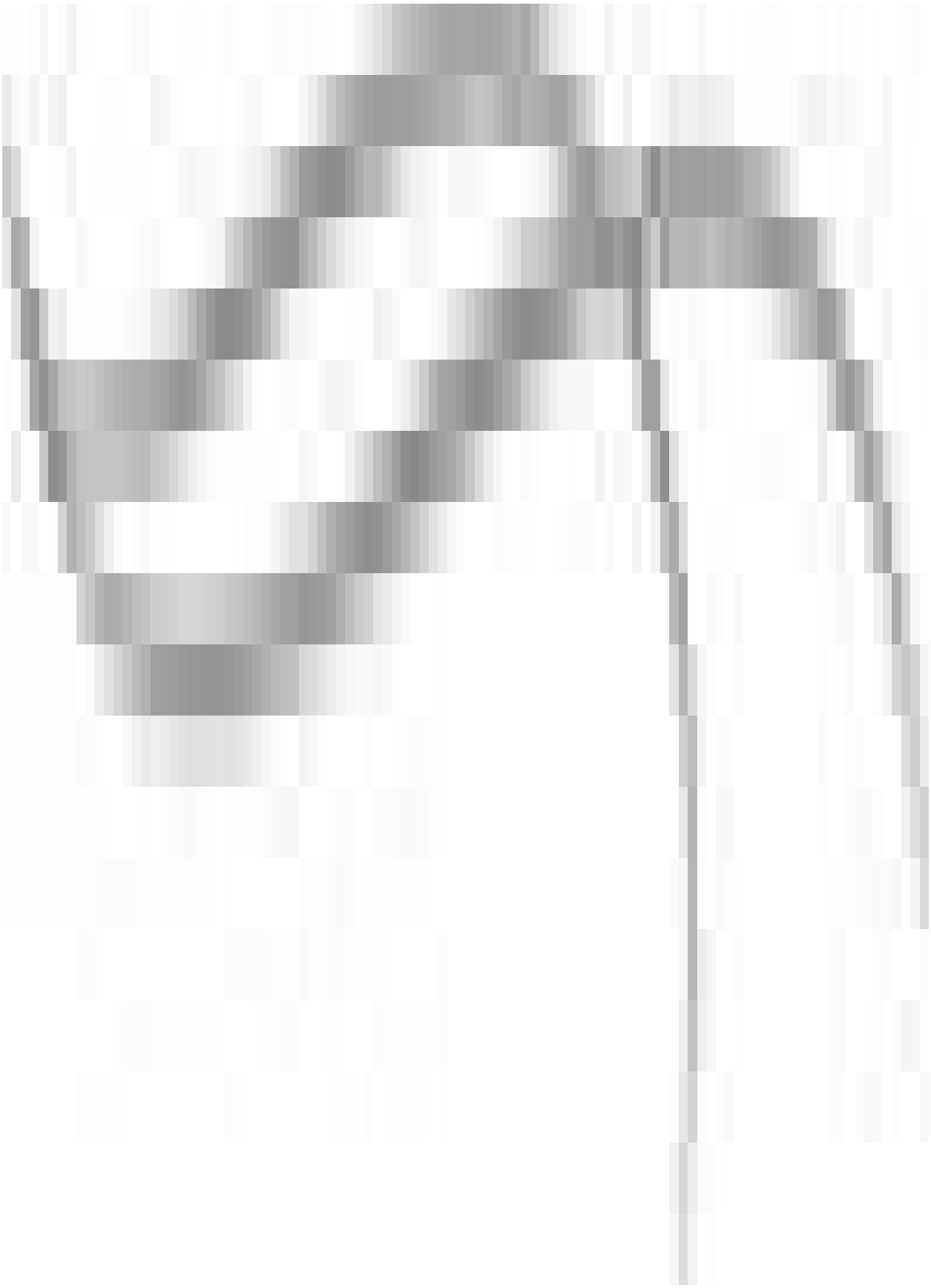
Logo depois de 28.09.1869, Freligh foi morar na Fazenda Funil, SB, levando para lá a sua família. Deve ser desse período que ele tomou conhecimento do trabalho do Rev. R. Ratcliff, e sobre ele escreveu uma carta para a FMB-SBC. A tradução de alguns dos seus trechos podem ser lidos neste livro. (Ver Parte D - 14.12.1870).

No Natal de 1869, Freligh estava no Rio, hospedado na casa do Dr. Keyes. Sua família tinha ficado na Fazenda do Coronel White, em SP. Segundo o relato de Jennie Keyes, eles estavam muito felizes. A 11.02.1870, ele ainda se encontrava com os Keyes.

A 21.08.1870, um dos filhos estava no Rio. No dia 26 seguinte, ambos viajaram de retorno para os EUA, pelo “Merrimack”, e é possível que a esposa e os outros filhos tivessem ido também.

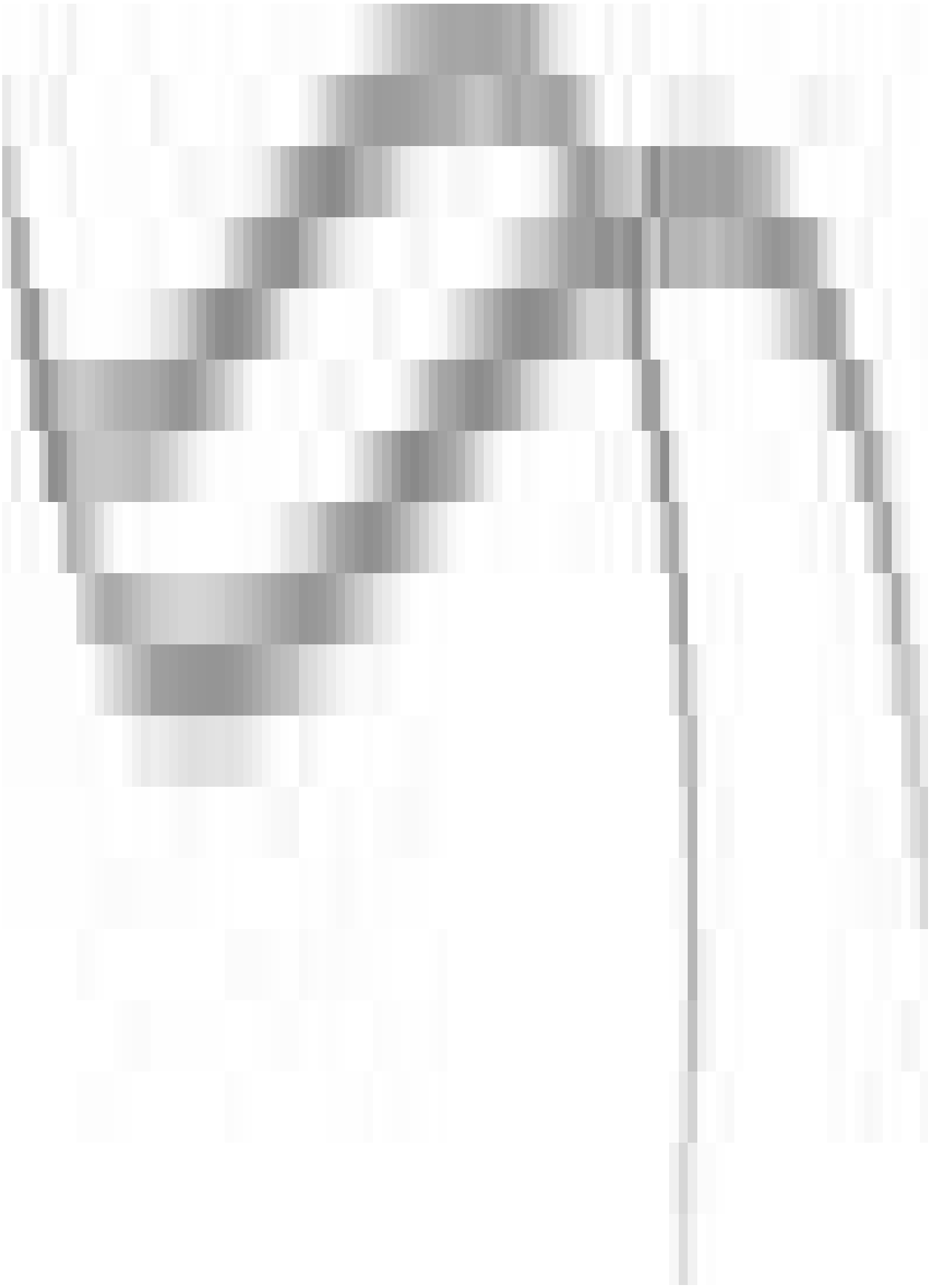


Pela data de regresso do Sr. Freligh para os EUA, em agosto do ano de 1870, ele não participou da fundação da PIB/SB, SP, mas, deu a sua contribuição em testemunho do Rev. R. Ratcliff, pela carta enviada à FMB, já referida. O autor estava de fato interessado na fixação de um trabalho batista no Brasil, por parte da Junta, e assim ele dá algumas informações sobre o assunto.

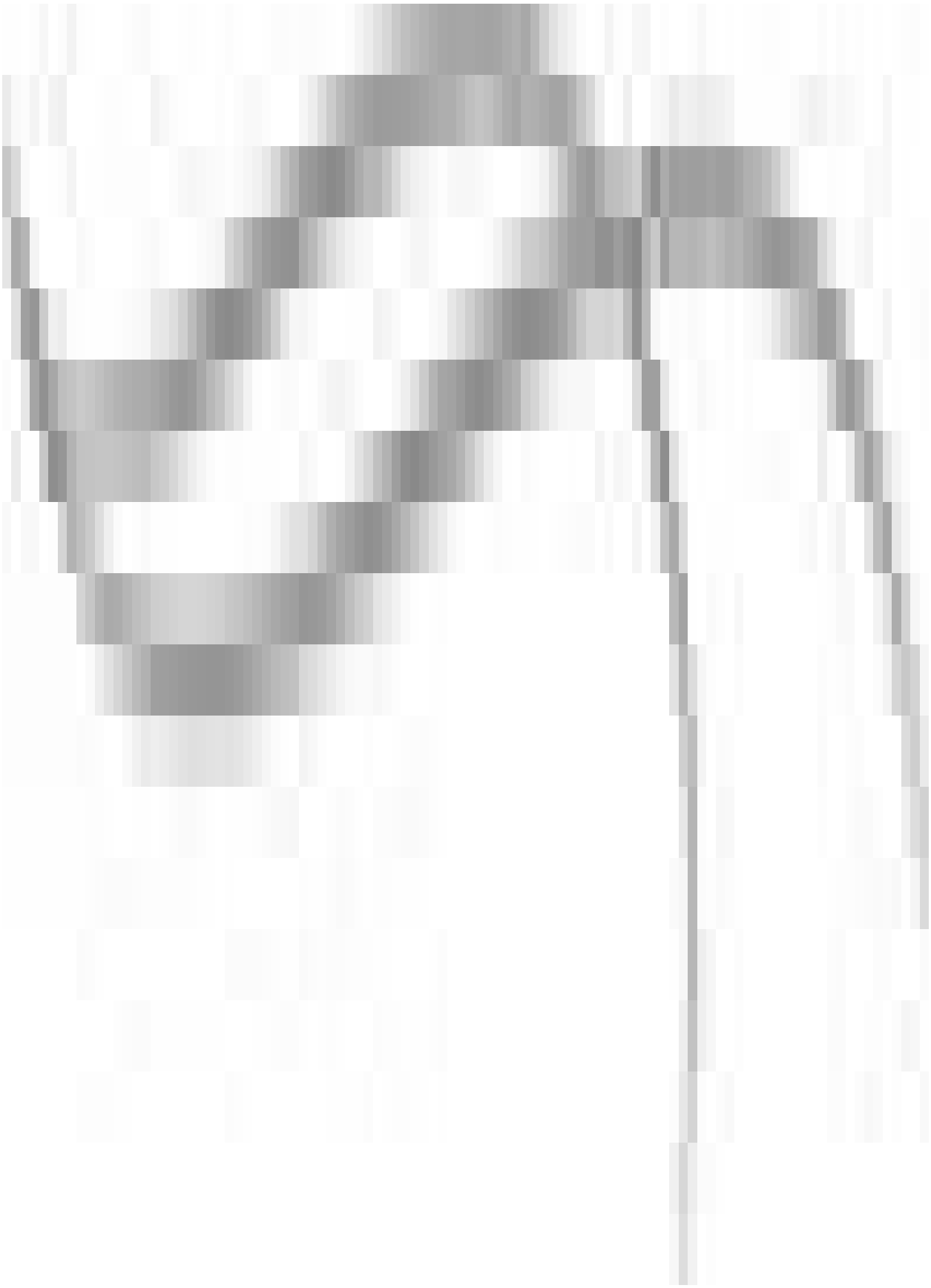


A 02.10.1871, aparece uma referência a um “Mr. G. H. Ferligh”, numa das atas da FMB, p. 219, com relação à Missão para o Brasil. A nosso pedido, Miss Dorothy Owen, do arquivo da FMB, conseguiu localizar uma carta endereçada a J. H. Freligh, de Memphis, Tennessee, datada de 14.12.1870. A ata referida diz, com referência ao Brasil, que a Comissão para Novos Campos apresentou um relatório mencionando a carta em foco, sobre a possibilidade de abertura de uma Missão no Brasil. O relatório diz que o campo era considerado importante, porém, as informações dadas pelo missivista não justificavam a recomendação do estabelecimento de uma Missão por parte da Junta. Mas o secretário correspondente foi incumbido de solicitar maiores informações sobre o assunto. Não descobrimos se o fez.

Todas as evidências são de que “Mr. G. H. Ferligh”, mencionado na ata acima citada, é o mesmo J. H. Freligh. Seu nome completo é: John Henry Freligh.



A 24.02.1883, casou-se no Rio, William Violette Freligh, com Meli Grace F. N. Dillon, na Igreja Metodista do Catete. Este fato nos leva a crer numa possível volta da família ao Brasil, mas, não encontramos prova disso. Pelo menos, William V. Freligh aqui estava em 1883.



Estas notas sobre John Henry Freligh e sua família foram feitas com os dados obtidos das seguintes fontes:

— Relatório do Império, 1868, anexo C — Naturalizações.

— MPRJ, p. 48, 112, 119, 120, 390.

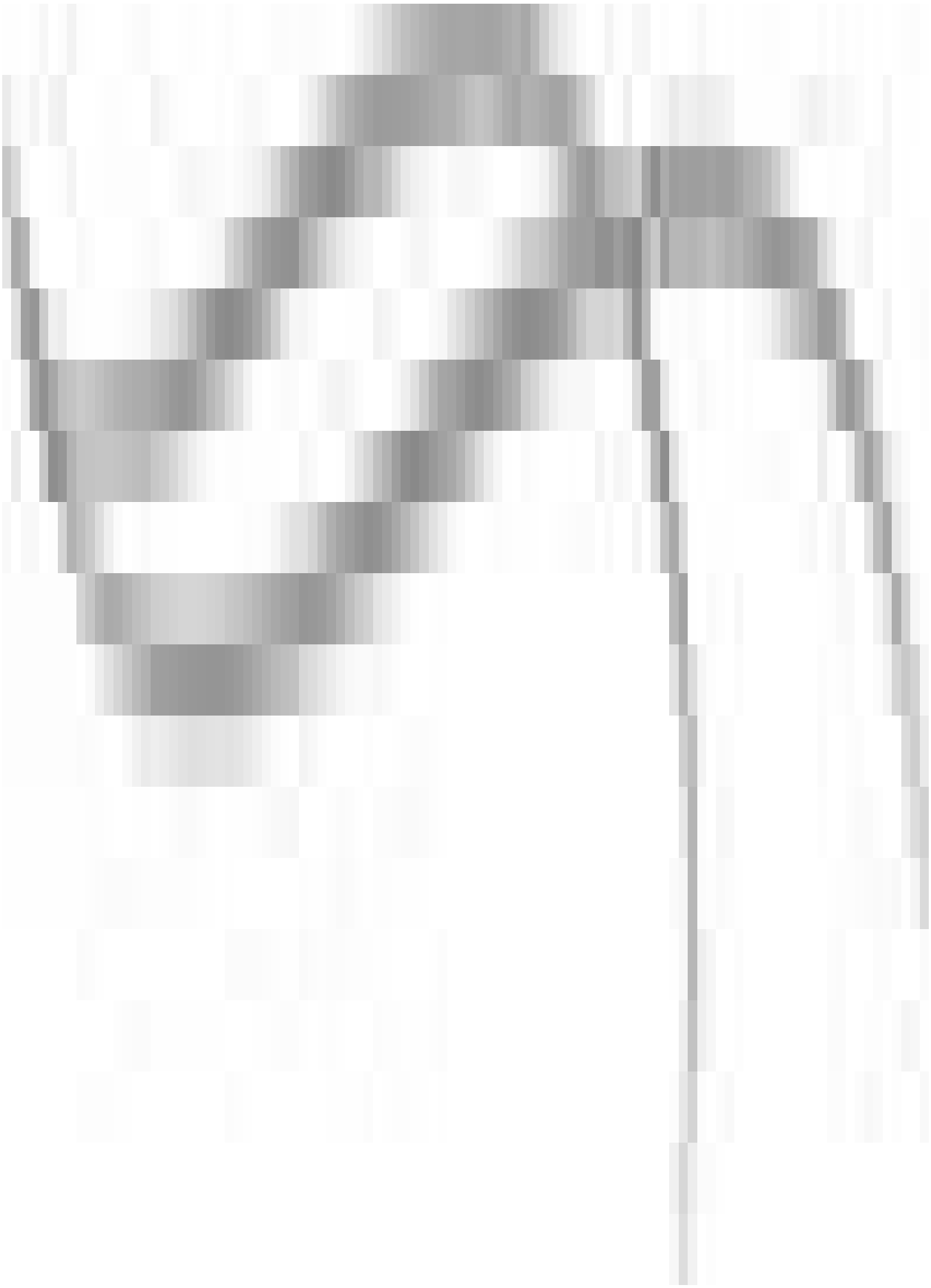
— Diary of Jennie Rutledged Keyes, p. 147, 246, 249, 251, 259, 268, 270, 272, 276, 282, 284, 285, 286, 292, 302, 303 a 307, 310 a 312, 322, 326 e 327.

— Livro de Registro de Casamentos Acatólicos. Códice 40: 4-67, p. 93, 93v.

Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro. Casamento de William V. Freligh e Meli Grace F. N. Dillon, a 24.02.1883, Igreja Metodista do Catete, Rio de Janeiro. Oficiante: Rev. J. J. Ransom.

— Carta de J. H. Freligh, de 14.12.1870, para a FMB-SBC. (Ver parte “D”).

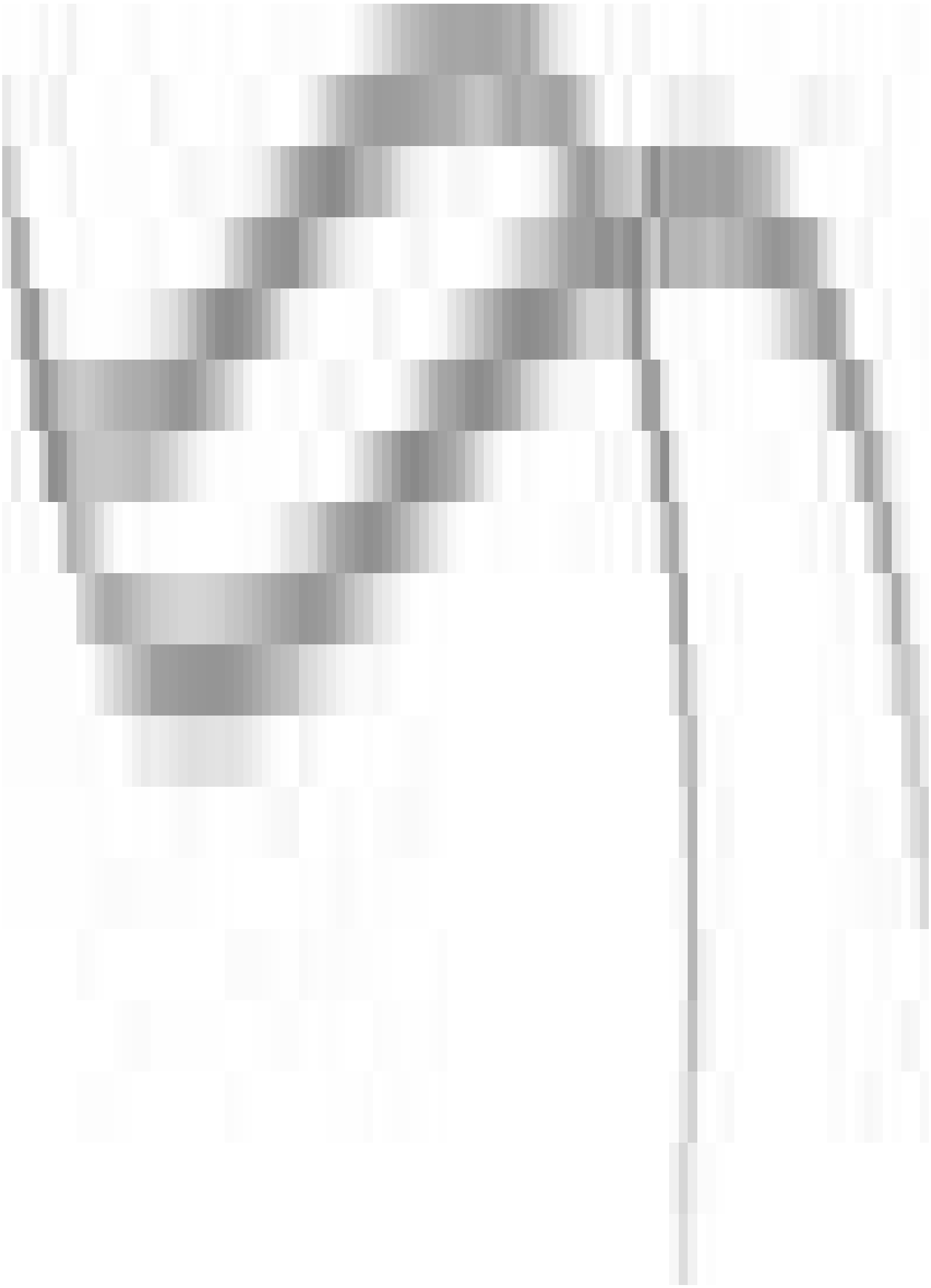
— SD, p. 13, 68, 109, 110 e 185.



Daisy Harris

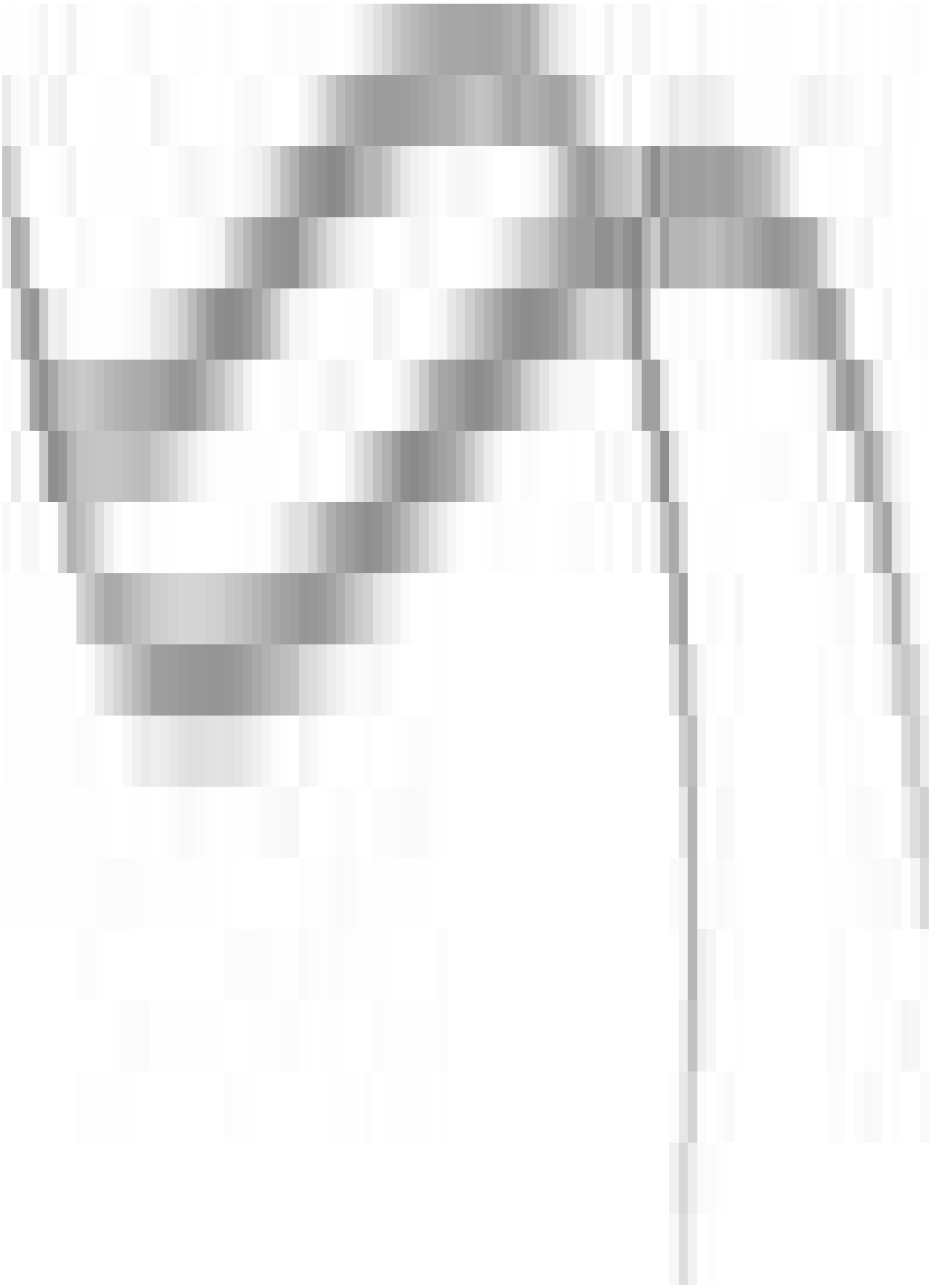
Daisy Harris nasceu em SBSP. Era filha de William T. Harris e Ella Pyles Harris. Seu avô materno era o Pr. Samuel Milton Pyles. Ella faleceu em 1898, deixando talvez sete filhos. “... Foi uma pena os irmãos todos se separarem, porque foram criados um longe do outro e muitas vezes passavam anos sem se verem”. (SD, p. 334)

Torna-se possível que Daisy se tenha juntado aos Thomas, vindo com Anne e Kate Thomas para a cidade de São Paulo e depois para o Rio de Janeiro. São poucas as informações que temos dessa jovem.

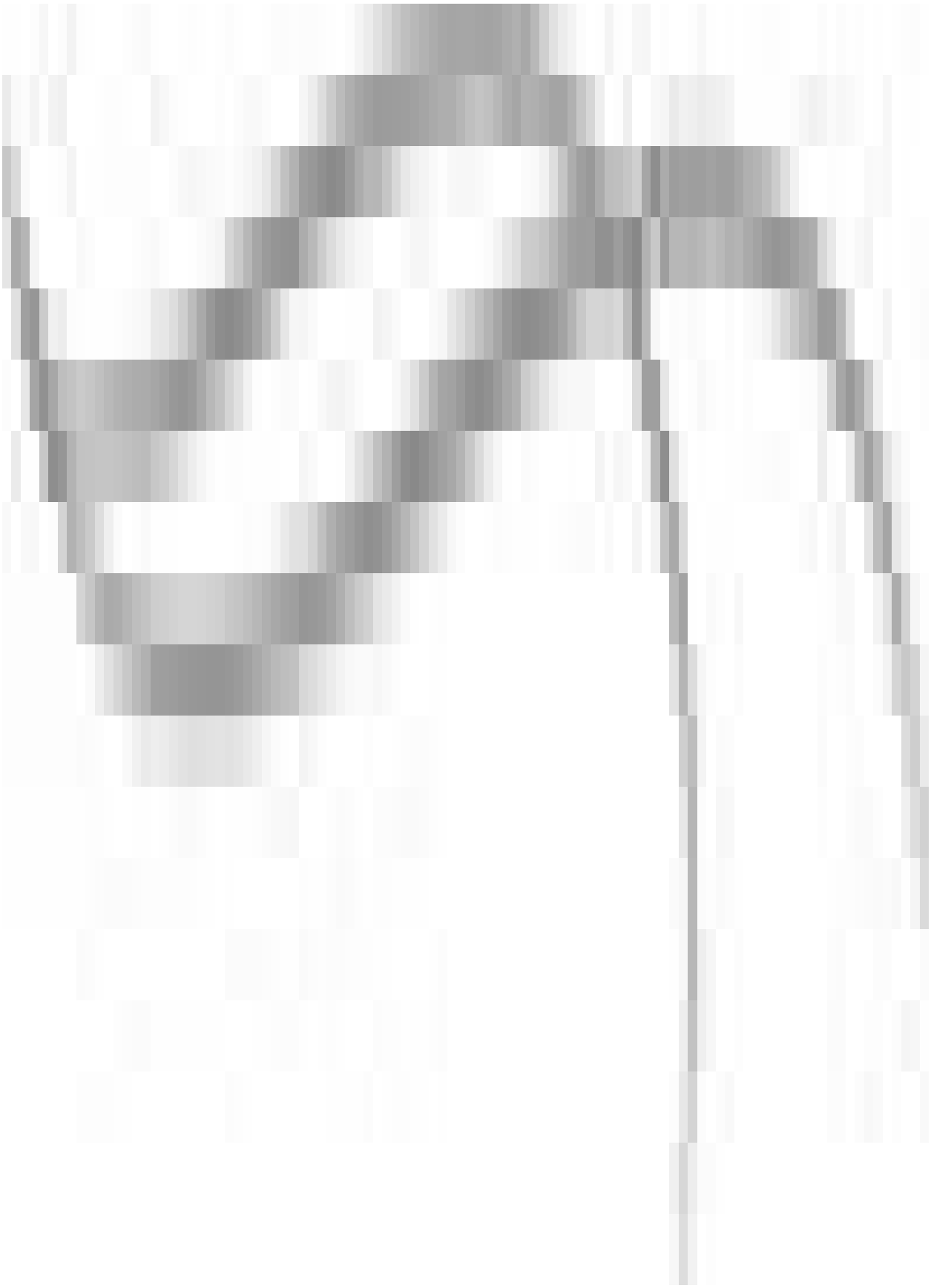


Daisy tornou-se membro da PIB/SB, provavelmente logo no início da década de 1900. A ata de 28.02.1904, da PIB/SP, registra a sua admissão como membro, por declaração, procedente da PIB/SB. A 03.03.1912, Daisy solicitou a sua carta demissória da PIB/SP para o Rio de Janeiro. Não é mencionado para que igreja Daisy se tranferiu. Mas na ata de 05.08.1914, da Igreja Batista do Engenho de Dentro, hoje Segunda Igreja Batista do Rio de Janeiro, há o registro de nomeação de uma comissão para falar com Daisy Harris, sobre pontos de doutrina.

A 04.11.1914, essa igreja lhe concedeu carta demissória para a Igreja Batista do Catumbi, na mesma cidade do Rio de Janeiro. Ao tempo de nossa busca, no arquivo da igreja acima, hoje com o nome de Igreja Batista Central, nada encontramos, pela perda irreparável de parte do seu arquivo.



Podemos acrescentar aos dados acima, os que recebemos do Sr. Eugene Harter, pela carta de 18.10.1984. Disse-nos ele que sua mãe, Maglin Harris Harter, era muito amiga de Daisy, de quem era prima. Durante o tempo em que ele esteve como cônsul norte-americano em S. Paulo, nos anos de 1972 e 1973, as duas primas tiveram um encontro. De sua mãe ele ouviu dizer que Daisy Harris tinha sido professora no Colégio Mackenzie, na cidade de São Paulo, quando já era adulta. Maglin Harris Harter era filha de John Wesley Harris, sendo este irmão de William T. Harris, pai de Daisy. Até onde nos foi possível alcançar na pesquisa, os Harris eram metodistas.



Alexander Travis Hawthorn

Alexander Travis Hawthorn naturalizou-se brasileiro. Sua carta de naturalização foi concedida a 31.08.1867.

O General A. T. Hawthorn muito fez para que os casais W. B. Bagby e Z. C. Taylor viessem como missionários para o Brasil. Seu entusiasmo e amor pelo trabalho missionário neste país, e mais fortemente pelo Estado da Bahia, é algo que deveria ser imitado.

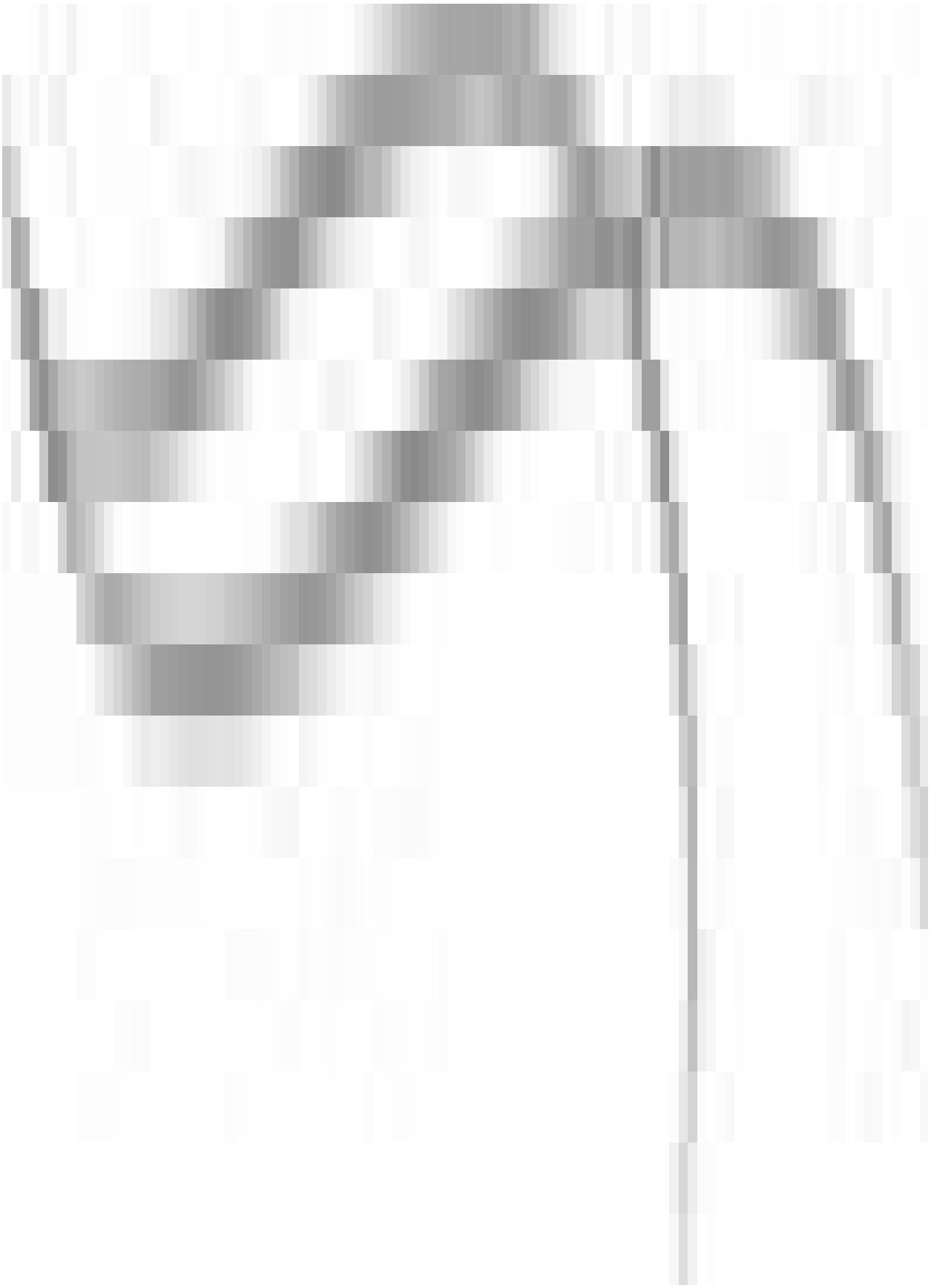
Quando Hawthorn esteve no Brasil, ainda não era convertido. Sua conversão ocorreria no fim de 1879 ou início de 1880, nos EUA.[23] Tudo faz crer que, ao vir para o Brasil como agente de imigração, já tinha a Bahia como seu destino. Por ela apaixonou-se e, sem dúvida, essa paixão contribuiu para que aqueles missionários se decidissem pela Bahia.

Até o presente não encontramos indícios de que Hawthorn tenha estado em SBSP. Pode ter ido casualmente. É possível encontrar alguma referência a uma passagem sua por uma Santa Bárbara, que ficava não muito distante de Sabará, MG, quando de sua viagem rumo à Bahia. Há também outra Santa Bárbara no Estado do Rio de Janeiro, perto de Campos. [Devido a essa duplicidade de cidades com o mesmo nome, aquela de S.Paulo passou a ser Santa Bárbara d ´Oeste e, para título, SANTA BÁRBARA D´OESTE.]

Enquanto no Rio de Janeiro, havia contato com os que iam para SBSP ou que de lá vinham, além do bom relacionamento no Rio com os norte-americanos que possuíam uma imensa propriedade em Bangu. Ali estavam John Christopher Judkins e William Young Porter. Também, com o dono da fazenda que ficava ao pé da serra de Petrópolis e os dentistas, Dr. John W?illiam Coachman e Dr. John E. Keyes.[24] Havia em SBSP uma família irlandesa com o sobrenome Hawthorn, mas consta que não era parente do General.

A. T. Hawthorn apareceu no cenário dos batistas, nos EUA, no ano de 1880.[25] Então já existiam duas igrejas batistas no Brasil, com a Missão Batista instalada e funcionando em SBSP, sob a direção do missionário E. H. Quillin, desde o

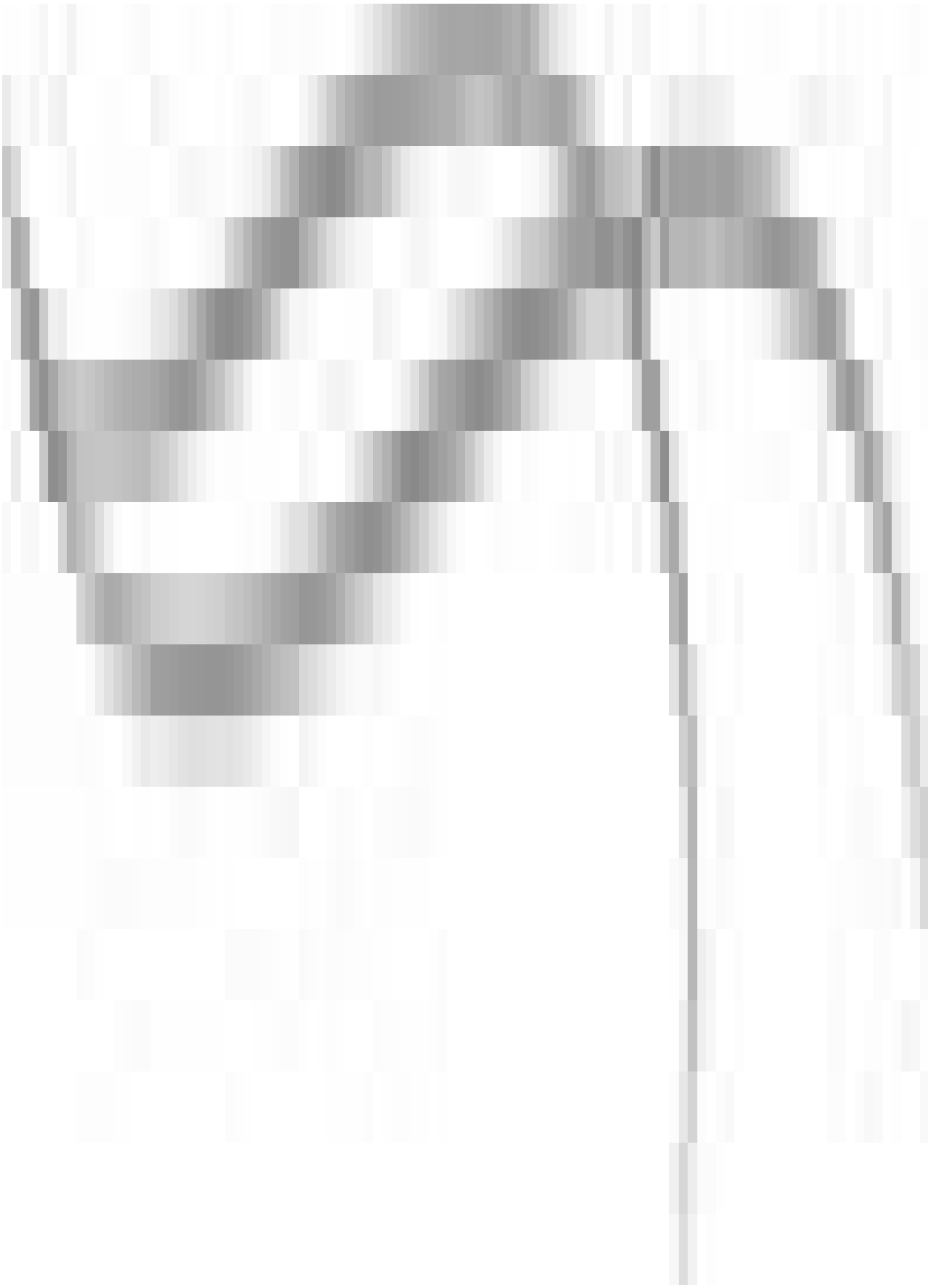
meado de 1879. Não há dúvida sobre isto. (Ver parte “D” deste livro.)



Não se tendo ainda localizado o registro de entrada do Gen. Hawthorn no Brasil, sugerimos duas datas: 19.04.1867, pelo vapor “Talisman”, e 17.05.1867, pelo vapor “Marmion”, ambos procedentes do porto de NOrl.[26] O primeiro tinha sido fretado por outro agente de imigração, Dr. William Conrad Jones. O segundo veio trazendo um grupo de 260 emigrados sob os cuidados do Rev. Ballard Smith Dunn, também, como Hawthorn, agente de imigração.

A estada de Hawthorn no Brasil foi talvez de 15 meses. Consciente de que, na condição de brasileiro naturalizado, as portas se lhe abririam melhor, ele requereu a sua naturalização como brasileiro e esta lhe foi concedida a 31.08.1867.[27]

Entre os emigrados vindos pelo “Marmion”, a 17.05.1867, estava o Dr. John Washington Keyes, de Montgomery, Alabama. Cremos que ele e o General já se conheciam há bom tempo. No Rio de Janeiro, o Dr. Keyes trabalhou por algum tempo com o seu colega dentista, Dr. John William Coachman, no consultório que haviam alugado, na Rua do Rosário, 43. Também Phil Slaughter e John Henry Freligh com ele se encontravam, ora naquele consultório dentário, ponto de encontro, ou na pensão dirigida, por um tempo, pela esposa de J. H. Freligh, na Rua S. Pedro, 69, no centro do Rio de Janeiro.[28]



Não encontramos qualquer documento oficial concedendo privilégios especiais ao General Hawthorn no Brasil. Todos os agentes de imigração eram tratados do mesmo modo, tendo passagens, cartas de recomendação, crédito para as despesas extras, intérprete e engenheiro à disposição para a demarcação de terras. O Imperador recebia a todos com o mesmo tratamento nos dias marcados para atender ao público. Além do mais, os responsáveis do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, assim como os agentes de colonização da Sociedade Internacional de Imigração tinham o dever de tratar a todos com distinção, prestando-lhes serviço até nas pequenas coisas. Os exemplares do Diário Oficial do Império, a correspondência diplomática da época, estão cheios dessas informações.

Aqui vai um exemplo dos vários encaminhamentos encontrados no Diário Oficial do Império: “Ao Ministério da Fazenda, para que seja entregue a A. T. Hawthorn a quantia de 2:000$000, como auxílio para as despesas que tem de fazer a comissão encarregada de explorar parte das Províncias em Minas Gerais e Bahia, com o fim de estabelecer imigrantes dos Estados Unidos”.[29]

Com a carta de naturalização, Hawthorn já podia viajar sem preocupação. E sobre a sua viagem transcrevemos o que segue:

“... Hoje temos a satisfação de anunciar que por estes dias parte outra expedição composta do General Hawthorn, W. T. Moore, G. B. Goly, J. E. Newman [Rev. Junius Eastham Newman], S. Leitner e Edward Kneese, dos Estados do Sul. Pretendem explorar parte das Províncias de Minas e da Bahia com o fim de escolher o lugar apropriado para o seu estabelecimento e dos seus parentes, amigos e conhecidos, que esperam pelo resultado dessas explorações para que se dirijam ao nosso país.

Partindo daqui pela estrada de ferro de D. Pedro II, seguirão até o rio das Velhas, descerão por ele e depois pelo São Francisco até o ponto terminal da projetada estrada de ferro da Bahia, e daí tomarão o melhor caminho, até a capital dessa Província.”[30]

Os expedicionários saíram do Rio de Janeiro nos primeiros dias de setembro de 1867, viajando de trem. Fizeram o seguinte percurso: Juiz de Fora, São João Del Rei, Barbacena e Sabará. Em lombo de burros foram até o rio das Velhas. Transferiram-se para uma embarcação e desceram o rio até o encontro com o São Francisco e, dali, até Carinhanha. Deixando a embarcação, foram para a Fazenda Ramalho, na Serra do Ramalho, onde ficaram por uns dias, em razão do mau tempo.

Embrenharam-se pela matas, andando em lombos de burros, por caminhos difíceis, até um ponto da margem direita do rio Jequitinhonha. Ali, o Eng. Marino Tyler Wickman Chandler já deveria ter demarcado as terras, onde se encontrava desde 10.02.1867. Assim também os agentes John O. Ogden e Henry Clay Thompson.[31]

Por fim, chegaram em Canavieiras. Parece que nesse tempo o seu companheiro J. E. Newman se tinha desligado do grupo. Hawthorn embarcou no “Sta. Cruz”, nesse porto, chegando a Salvador a 22.01.1868.[32] No dia seguinte embarcou no “Galileu”, chegando no Rio de Janeiro, a 30.01.1868.[33] Essa viagem de exploração, durou cinco meses.

O Diário da Bahia deu esta notícia:

“Chegaram à Vila de Carinhanha os norte-americanos General Hauthan e seus companheiros com o fim de escolherem terreno apropriado para um estabelecimento agrícola. O delegado do termo não se demorou em auxiliá-los com tudo que estava ao seu alcance para o bom desempenho da comissão daqueles hóspedes viajantes. Com alguns deles tinha seguido até a Fazenda Ramalho, onde ficara por dias em conseqüência do mau tempo. O General Hauthan mostrou-se satisfeito, segundo nos asseveraram, com os terrenos que viu, e tomava minuciosas informações a respeito deles.”[34]

Ao chegar ao Rio de Janeiro, de retorno da Bahia, Hawthorn arrendou uma ilhota na baía do Rio de Janeiro, à qual deu o nome de “Dixie”.[35] Ela seria um ponto de apoio entre a capital do Império e a sua colônia na Bahia, que esperava

instalar em breve.

Tudo faz crer que essa ilhota, hoje ligada à terra firme por aterro, é a Ponta da Ribeira, na Ilha do Governador, onde a Marinha mantém uma unidade de serviços. A burocracia impediu-nos de ali chegar para uma visita com a qual poderíamos confirmar as nossas informações. Sendo um arrendamento, o nome de Hawthorn não aparece na lista de proprietários, no arquivo do Patrimônio da União, nem no arquivo da Marinha ou no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Num destes deve haver algum documento nesse sentido de arrendamento.

Essa ilhota era como “um pequeno paraíso”, segundo a jovem Jennie Keyes descreveu no seu diário. Tudo ali era lindo, com o terreno todo plantado, com muitas fruteiras, jardins floridos, horta etc. Em pouco tempo, Hawthorn já tinha 4 mil pés de abacaxis plantados. Havia mulas para o transporte dentro da ilhota e canoas destinadas à travessia do braço da baía até a terra firme. A Hawthorn, foi-lhe penoso deixar a “Dixie” nas mãos do Dr. John W. Keyes, para quem passou o arrendamento.[36]

Entre janeiro e agosto de 1868. Hawthorn esteve várias vezes em Salvador, Bahia, conforme lemos a seguir:

“O General Hawthorn, representante de nossa Junta no Texas, esteve algum tempo no Brasil. Em relação à mudança de lugar [refere-se ao estabelecimento da Missão Batista na Bahia], ele escreve como segue: ‘Durante a minha permanência no Brasil visitei a cidade da Bahia diversas vezes. Naquela Província pude explorar uma grande área. Bahia é uma grande cidade — com 200.000 ou mais habitantes. É a segunda em tamanho e de importância comercial no Império. Está cercada por uma região agrícola rica, sendo a principal produtora de açúcar no país. Possui duas ferrovias para o interior no rumo dos campos diamantíferos e o vale do rio São Francisco. Há várias linhas de vapores ligando diversas cidades ao longo da costa. É um ponto onde tocam os navios ingleses, franceses e americanos, no seu caminho para o Rio ou do Rio. É uma das cidades mais saudáveis ao longo de toda a costa. Fica muito mais perto de nossos portos, e facilmente há acesso de todas as direções.

Não percebo qualquer razão porque as despesas de nossos missionários possam ser maiores ali do que em Minas Gerais ou S. Paulo, nem vejo razão para não se alegrarem visto que ali se pode gozar de boa saúde, mais do que em qualquer outra parte do Império.

Surpreendo-me de nunca ter pensado antes na cidade e Província da Bahia como o lugar mais apropriado para a localização de nossa Missão central. Quanto mais reflito sobre o assunto, mais me convenço de que não há lugar no Brasil que ofereça mais induzimentos para a localização de uma Missão permanente do que a Bahia."[37]

A 16.08.1868, Hawthorn despediu-se do Brasil, viajando do Rio de Janeiro, pelo vapor "Adelaide Pendergart", cujo destino era Nova York.[38]

O Dr. J. W. Keyes, que também se naturalizara brasileiro, tinha estado com a família, por algum tempo, na colônia do rio Doce, de Charles Grandison Gunter. [39] A família, constituída de esposa e dez filhos, instalou-se, regiamente, na Dixie. Dr. Keyes, como dentista, passou a trabalhar no Rio, com o seu colega Dr. Coachman. Alguns problemas apareceram, inclusive pelas marés altas da baía que deram prejuízo à plantação na ilhota. Dr. Keyes decidiu mudar-se para uma casa grande no Morro do Ingá, em S. Domingos, Niterói, no outro lado da baía. Assim, ele passou o arrendamento da Dixie para um casal de ingleses. Na casa em Niterói, a caçulinha nasceu. Deram-lhe o nome de Maria do Ingá.[40] Essa casa ainda existia, bem velha, abandonada, quando ali estivemos para tirar vários retratos. (Quase canto da Rua M. Parreira, no rumo da praia.)

De todos esses passos Hawthorn tomava conhecimento pelas cartas que trocava com o Dr. Keyes. Por uma dessas, tem-se a impressão de que Hawthorn estava desejoso de retornar ao Brasil, pelo que se deduz de sua carta de 19.07.1869, e respondida por Keyes a 22.08.1869.[41]

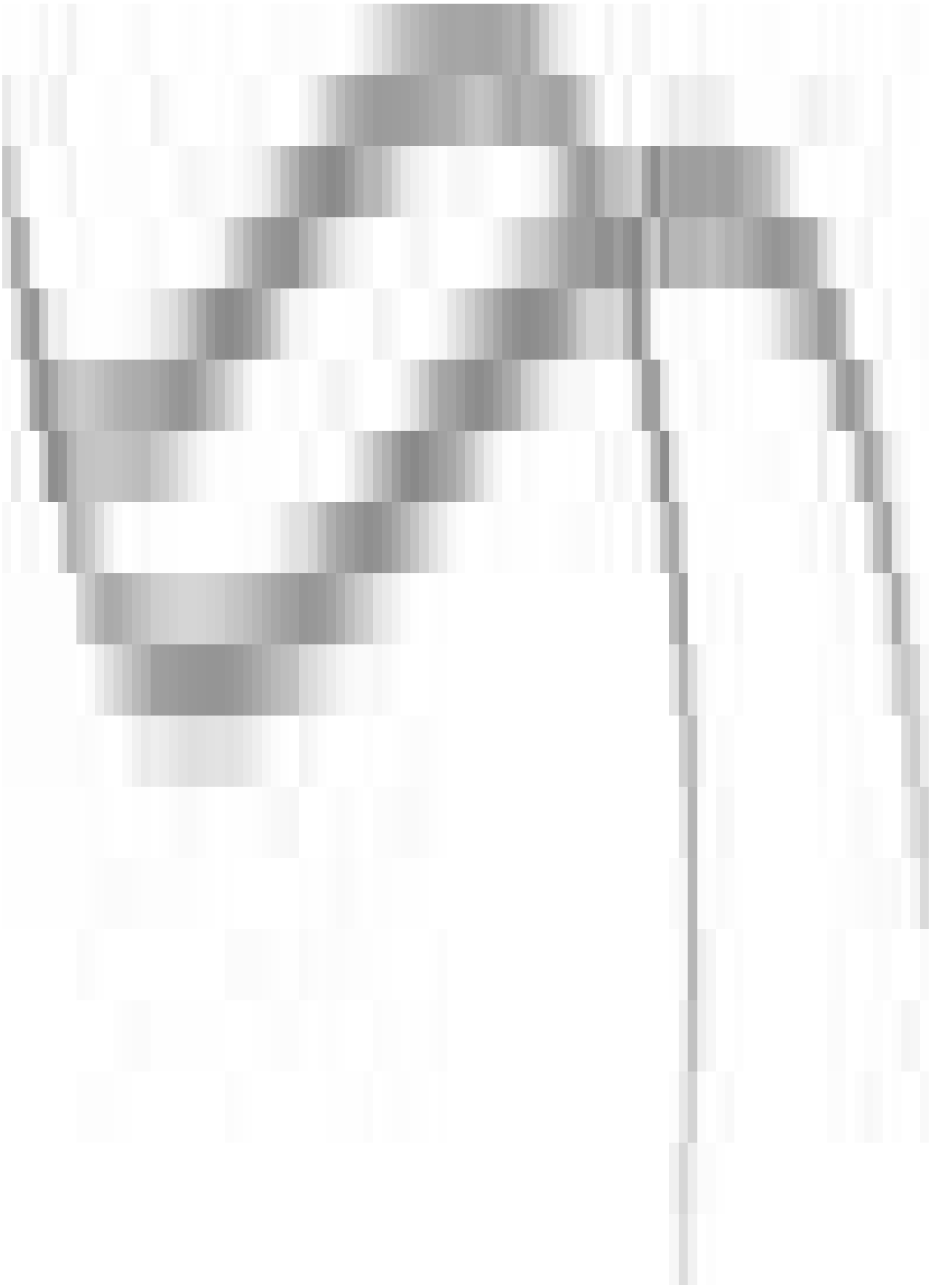
Dr. Keyes e mais dois compatriotas tinha fundado uma sociedade com o fim de instalar um matadouro que suprisse de carne fresca o mercado do Rio de Janeiro. Com isto, Hawthorn ficou interessado em montar um cortume aproveitando as peles dos animais abatidos no matadouro. E isso seria feito com a participação de Keyes.

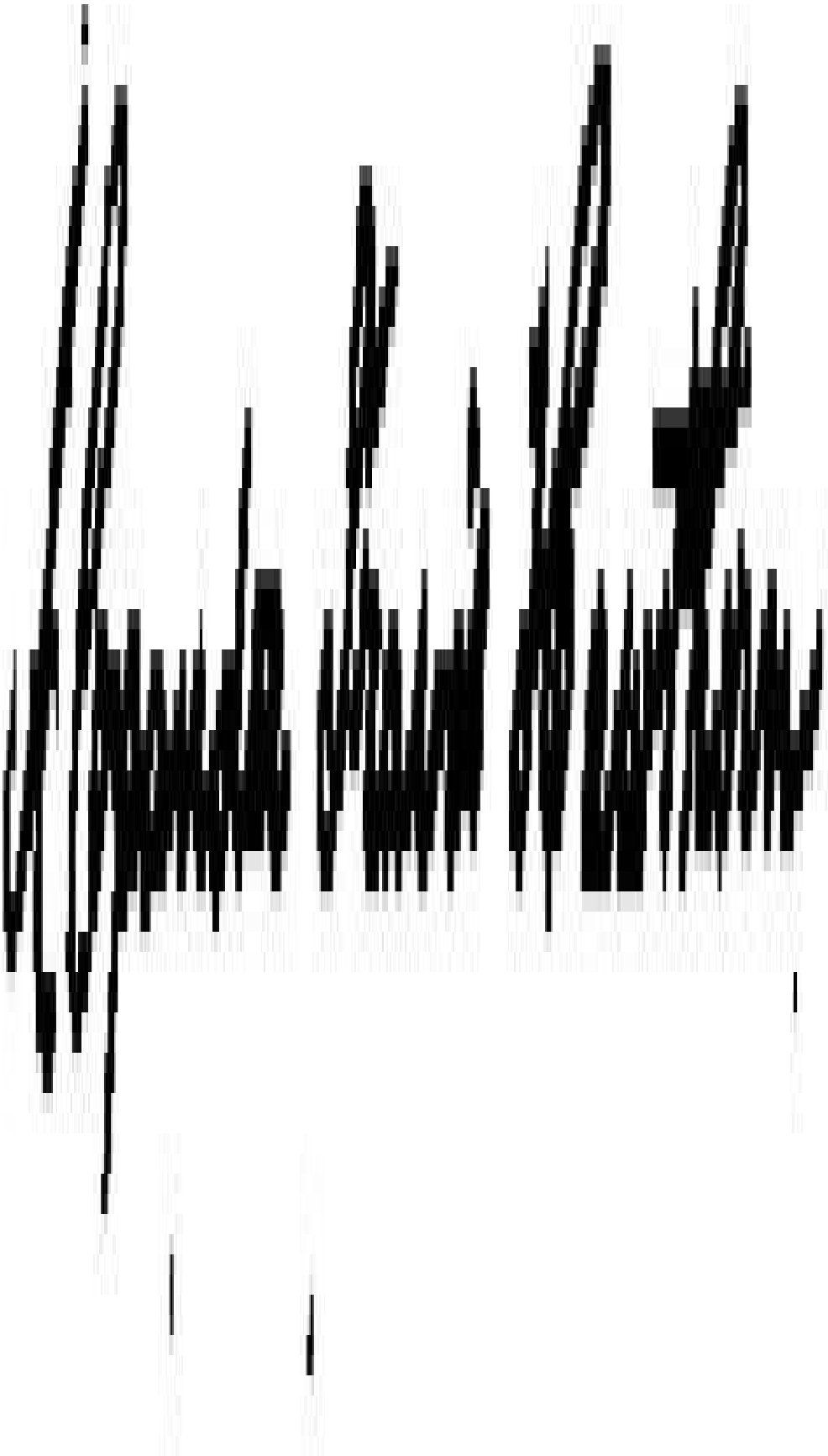
Mas, nem Hawthorn retornou, nem Keyes permaneceu. Ambos sofreram uma

reviravolta nos seus planos. Hawthorn já estava nos EUA e agora o Dr. Keyes, esposa e 11 filhos embarcavam de volta para Montgomery, Alabama. Saíram do Rio a 10.06.1870, pelo vapor “Wavelet”, com destino a Nova York.[42]

Um filho do Dr. Coachman foi aos EUA buscar uma das filhas do Dr. Keyes. Lá se casaram e aqui viveram. Há no Rio e em São Paulo descendentes desse casal. De Hawthorn, estão no Brasil, os frutos espirituais do seu trabalho missionário direto!

Temos que Hawthorn era um nativo do Estado do Alabama e dali veio para o Brasil. Só mais tarde é que ele se transferiu para o Estado do Texas.





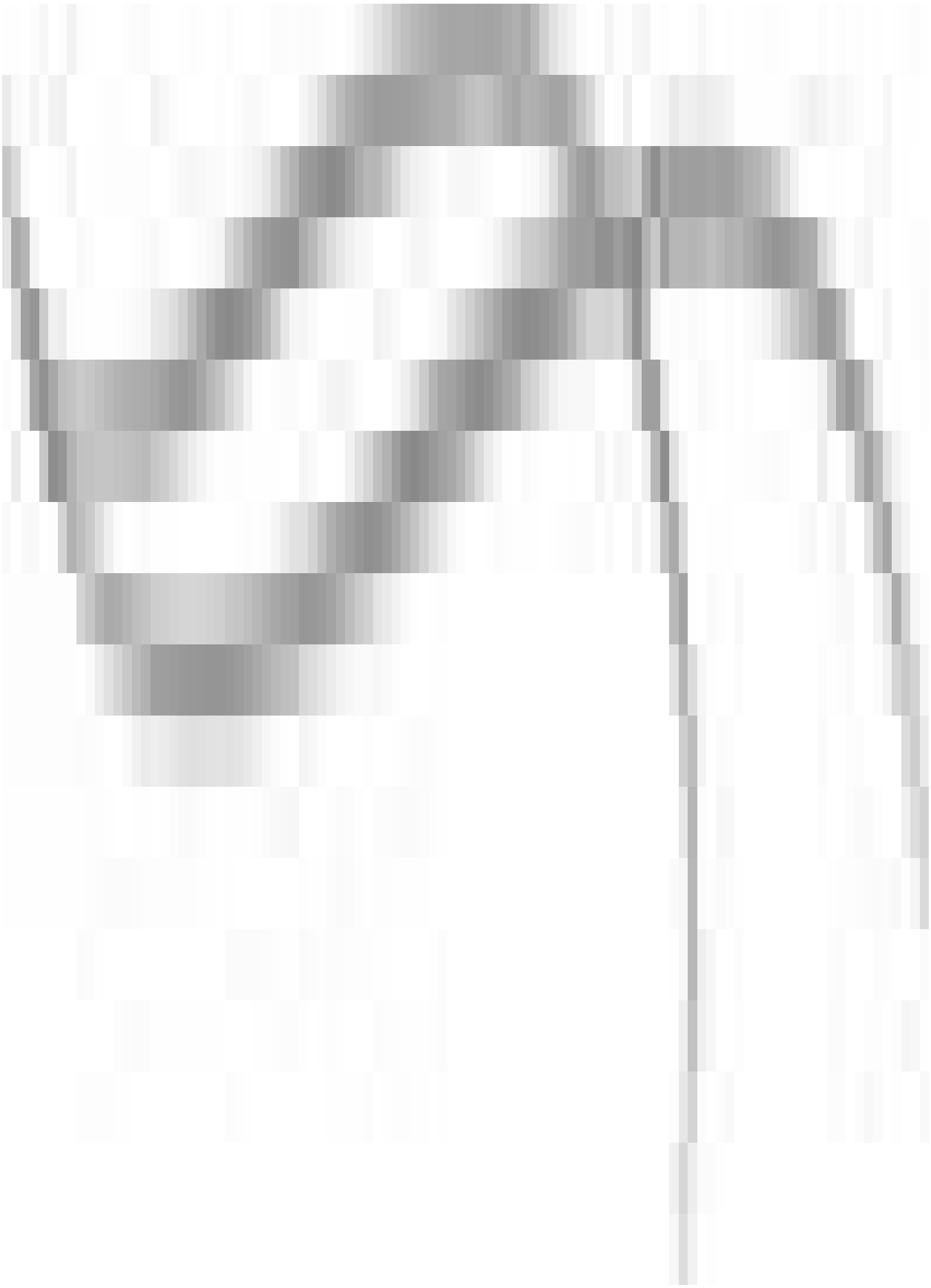
Localizamos no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, dois documentos autografados por Alexander Travis Hawthorn. Sua assinatura, conforme se vê acima, faz concluir que o seu sobrenome certo grafava-se HAWTHORN.

Um dos documentos registra que, ao tempo, ele era residente “na Ilha da Ribeira, Niterói”. Apesar de novas buscas, ela não foi localizada, nem nos mapas e livros da mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro. Mas as evidências de sua posição na Baía de Guanabara continuam favoráveis como comentadas antes.

O primeiro documento, datado de 15.05.1868, trata do arrendamento, pelo prazo de nove anos, de um armazém, cais e terreno, no “Porto do Barcelos, Freguezia de São Lourenço, Niterói, Rio de Janeiro”. (Livro do 2.º Ofício de Notas do Rio de Janeiro, nº 217, fls. 11 e 11v)

O segundo documento, datado de 09.07.1868, trata da cessão e traspasse desse arrendamento para Robert Green. (Livro do 2º Oficio de Notas do Rio de Janeiro, nº 218, fl. 49)

O arrendamento pelo prazo de nove anos revela a sua intenção de permanência no país, com vistas ao desenvolvimento de alguma atividade que exigiria um armazém, cais e terreno. Mas a sua viagem inesperada de retorno aos EUA, a 16.08.1868, deu fim aos seus planos.



Robert Meriwether

(1815 — 1908)

Robert Meriwether nasceu a 14.04.1815, em Edgefield, Carolina do Sul. Casou-se, em primeiras núpcias, com Mary Ann Collier, falecida a 02.03.1854, com 31 anos de idade. Em segundas núpcias, R. Meriwether casou-se com Mary Catherine Underwood. Ele faleceu em Botucatu, SP, na data de 19.04.1908. A inscrição na lápide do seu túmulo concorda com os dados da Certidão de Óbito quanto ao fato de que ele morreu com 93 anos de idade. (Ver Parte E - Imagens E36 e E37 nas pág. 670)

O seu sobrenome aparece escrito de várias maneiras; porém, aqui está escrito tal como o seu autógrafo. Robert foi um dos oito filhos de Thomas Meriwether (1781-1831) e Elisabeth Margaret Barksdale, casados em 1807, todos nascidos nos EUA. Na linha paterna, seus avós eram William Meriwether e Margaret Satterwhite Meriwether e seus bisavós, Thomas Meriwether e Jane Lewis Meriwether. Este último Thomas foi um patriota na Revolução Americana. Estes dados foram extraídos de documentos de cartório com cópia em nosso arquivo, inclusive do testamento do pai de Robert.

Do primeiro matrimônio de Robert Meriwether, eram seus filhos os seguintes: William Henry, Joseph Nicholas, Daniel Milton e Carolyn. Do segundo, apenas Robert Underwood Meriwether.

Robert Meriwether prestou serviços como participante do Exército Confederado, durante a Guerra de Secessão. Em nosso arquivo, temos cópia de alguns dos papéis daquele tempo, e em todos há referência ao seu serviço como capitão. Parece-nos que chegou a ter um Regimento sob suas ordens. A 12.05.1864, por laudo médico militar, ele se encontrava impossibilitado para o serviço por causa de problemas pulmonares e reumáticos. Não encontramos documentos confirmando ter sido ele um Major. Entretanto, nos escritos a seu respeito, sempre é mencionada essa patente. As informações colhidas em diversas fontes nos deixam saber que, após a guerra, ele desejou emigrar para o Brasil. Veio com

um companheiro, ambos nomeados por uma Sociedade que se formou em Edgefield, SC, para fins de emigração.

Ele chegou ao Rio de Janeiro a 26.11.1865, e viajou bastante pelo interior de S. Paulo, indo até Botucatu. Com todas as informações cabíveis e possíveis retornaram aos EUA, prestando um relatório circunstanciado da viagem, com vistas ao aliciamento dos que desejassem emigrar. Várias famílias e indivíduos vieram para o Brasil, procedentes da Carolina do Sul, mas, parece-nos que R. Meriwether, como agente de emigração, deve ter tomado alguma decisão especial no sentido de não se responsabilizar por grupos. Entre os que vieram do mesmo lugar que ele, estava William Samuel Wise, ainda jovem. Este faleceu em SBSP a 14.04.1877, e foi sepultado no Cemitério do Campo. Era solteiro e o registro do seu óbito diz que a sua idade provável era de 40 anos e que morreu "d'estupor". Bebera água fria quando o corpo estava muito quente do sol. Uma sobrinha-neta de Robert seria Rosalyn Carter que, com o esposo, Jimmy Carter, visitaram aquele túmulo, em 1972. Ao tempo, o Sr. Jimmy Carter era o Governador da Geórgia. Chegou mais tarde à Presidência dos EUA.

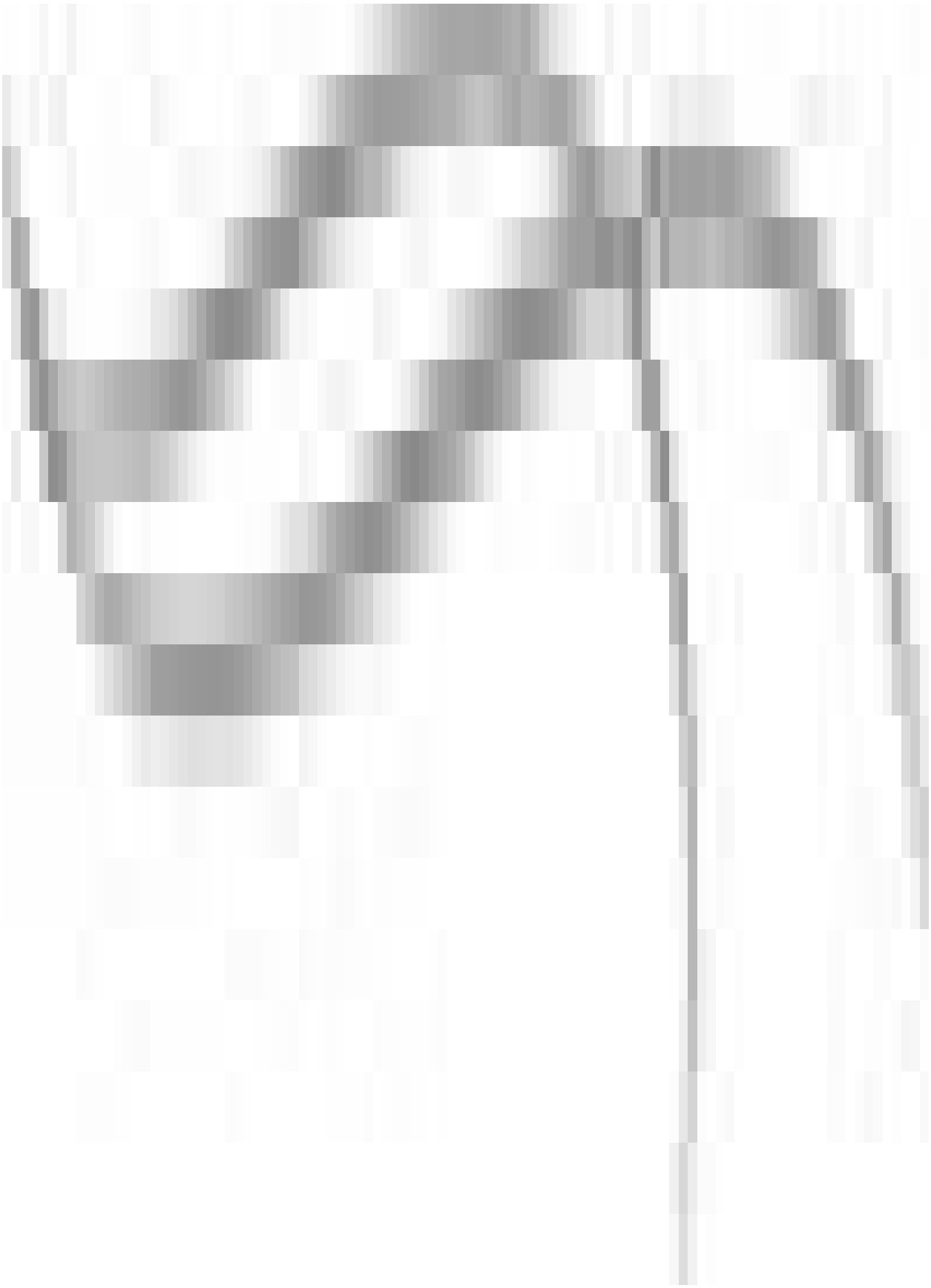
Por esse tempo, R. Meriwether já se encontraria em Botucatu e assim o jovem W. S. Wise não deve ter tido a presença do seu amigo nos últimos momentos de vida.

É provável que R. Meriwether e família tenham chegado ao Rio de Janeiro com destino a Santa Bárbara, SP, a 30.04.1866, pelo vapor "Morning Star". Certo é que ele adquiriu uma propriedade a 27.10.1866 — o sítio dos Godoys —, perto do lugar que mais tarde viria a ser o Cemitério do Campo. A 22.03.1867, ele vendeu uma parte dessa propriedade para Edwin Gehazi Britt, mas os limites foram estipulados oralmente, ao que tudo indica. A 07.07.1875, R. Meriwether já adquirira uma propriedade em Botucatu, e a 28.08 seguinte ele e esposa passaram uma procuração ao filho William Henry Meriwether para fazer um empréstimo em dinheiro mediante a hipoteca dessa propriedade em Botucatu. A 02.05.1876, R. Meriwether e esposa venderam a Robert Porter Thomas e esposa a metade do sítio dos Godoys com as divisas fixadas amigavelmente.

Entrementes, todos os Meriwether foram para Botucatu e lá desenvolveram plantações diversas, inclusive bons cafezais. A 07.05.1879, R. P. Thomas passou a propriedade para William Patton McFadden e seu filho, Robert W. McFadden, com a presença de Robert Underwood Meriwether, procurador do seu pai, Robert Meriwether.

Parece-nos que o fato de fazer as vendas com as divisas da propriedade de maneira amigável produziu algum problema. Um advogado foi contratado para dirimir a questão. Sobre isto fizemos um comentário na parte biográfica de Robert Porter Thomas.

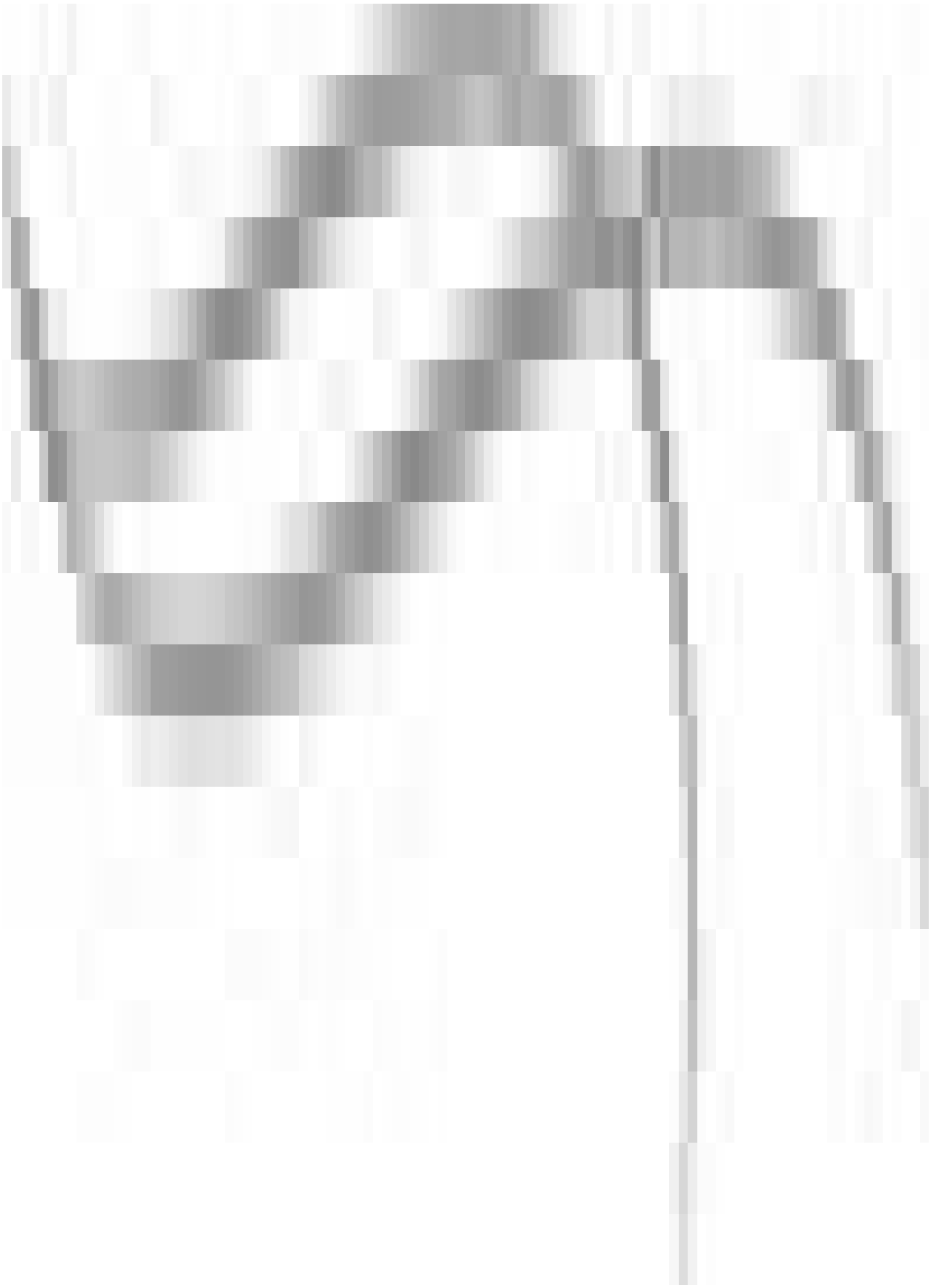
Robert Meriwether e os membros de sua família eram batistas.



Um Cônsul de Santos, em carta de 04.09.1871, fez a seguinte referência:

"O Major Robert Meriwether serviu na Guerra Civil, como Major de Cavalaria, no Sul. Ele é um homem honesto, que trabalha duramente. Possui algum preparo. Tem sua família com ele e é independente. É proprietário e possui escravos. Não tem débitos e ainda tem sua plantação de algodão para colher."

Encontramos essa referência no Arquivo Nacional, em Washington, D. C., em U. S. Legation, Letters from Consuls, 1868-1885. Livro nº 57 — C 8.9-2.



In O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 06.10.1938, ano 38, nº 40, p. 13, c. 2, em “Necrologia” — Roberto Meriwether

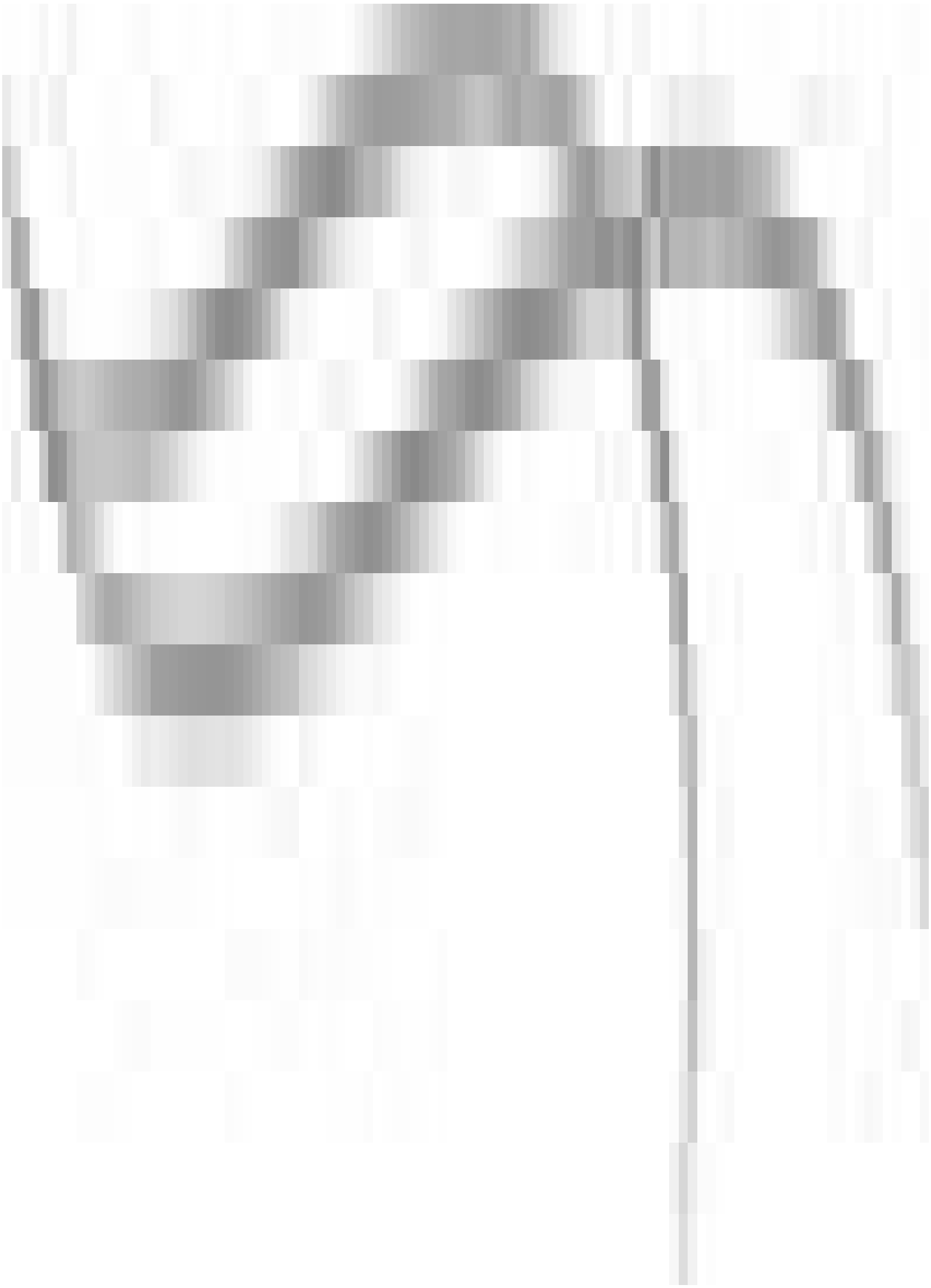
[Nome completo: Robert Underwood Meriwether. Filho de Robert Meriwether.]

Recebi carta de Mrs. Nora Smith Meriwether, dizendo que seu marido, Roberto Meriwether falecera no dia 6 de novembro de 1937, em Ecletic, Alabama, Estados Unidos, depois de passar meses de desesperadas dores e cegueira, mas firme na fé em seu Redentor.

O irmão Roberto era filho do Major Meriwether, que, na providência de Deus, influiu grandemente nos batistas do Sul dos Estados Unidos para que estabelecessem trabalho missionário no Brasil. Foi na sua casa da fazenda em Santa Bárbara, S. Paulo, que os evangélicos começaram a se reunir, até edificarem templo próprio para culto.

William B. Bagby

Caixa postal 118 — Porto Alegre, Rio Grande do Sul.”



Bertha Mills

(Sra. Bertha Mills Pettigrew)

(1879? — 1931)

Bertha Mills nasceu em S. Paulo, em Santa Bárbara ou Limeira, em 1879 ou 1880, sendo filha de William D. Mills e Dora (Thacher) Mills.[43] Foram seus avós maternos: Andrew e Elisa Thacher. É possível que o seu avô paterno tenha sido James A. Mills, que a 16.04.1867, adquiriu o sítio “Graminha”, em Limeira. [44]

Por volta de 1892/3, o obreiro metodista Michael Dickie estava ajudando o trabalho religioso entre os colonos, em SBSP. Numa de suas pregações, a adolescente Bertha, então com seus 13 anos de idade, converteu-se e tornou-se membro da Igreja Metodista.[45]

Cremos que Bertha veio de SBSP para estudar no Colégio Progresso, em São Paulo, depois de 1902. Deve ser desse tempo a sua passagem para a denominação batista. Algum tempo depois, ela foi enviada para estudar nos EUA. Sentindo-se chamada para o trabalho missionário, ofereceu-se para as Missões no Brasil. A FMB nomeou-a a 21.11.1907, [46] sendo assim a segunda jovem nascida no Brasil a tornar-se uma missionária batista no próprio país, sustentada pela Junta de Richmond. No mês anterior Anne Hope Thomas também de SBSP, tinha sido nomeada, tornando-se, pois, a primeira.

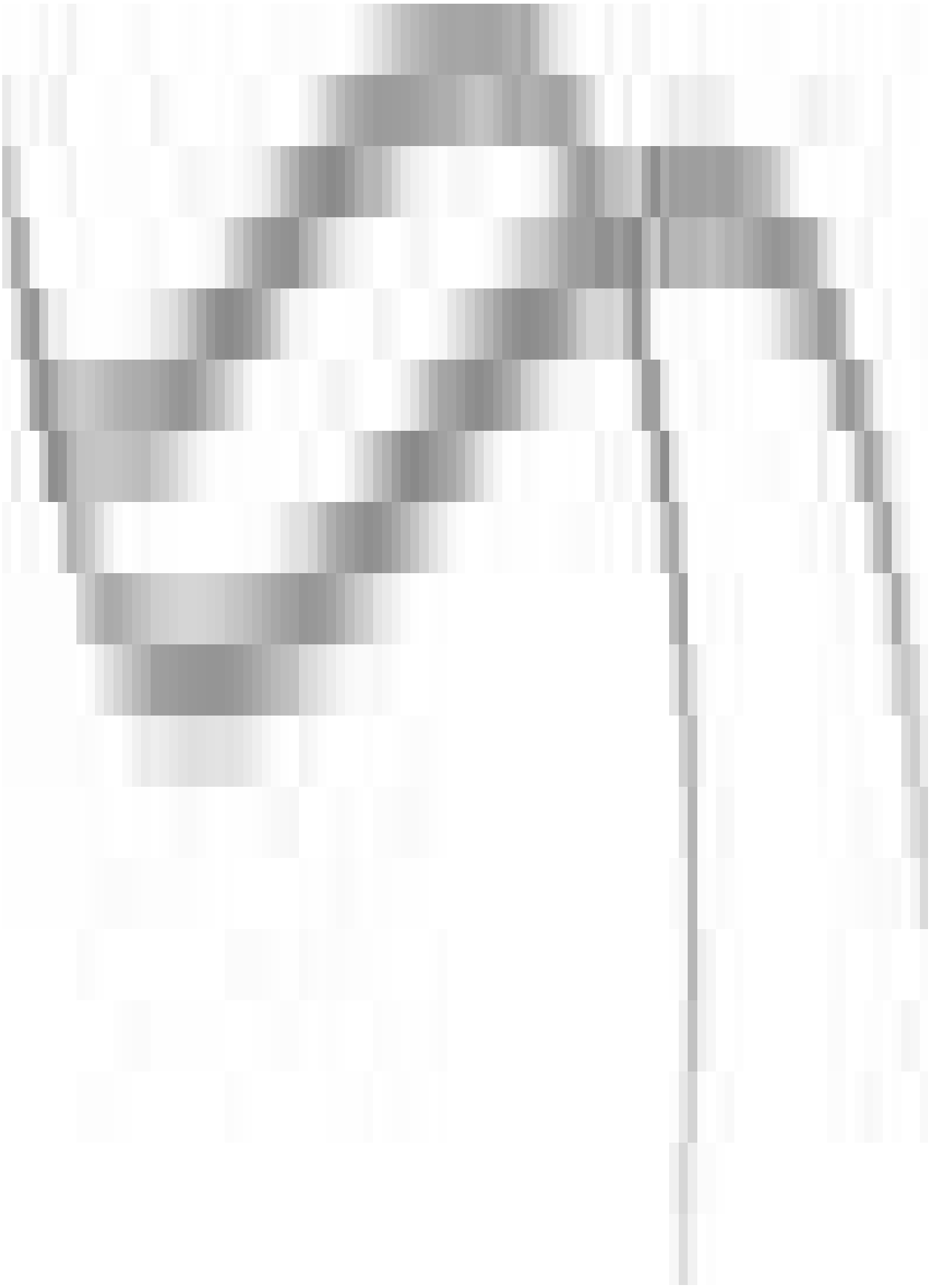
Bertha Mills retornou ao Brasil, então na companhia dos missionários Dr. H. H. Muirhead e esposa D. Aline, recém-nomeados para o Brasil, como missionários da FMB. Desembarcaram no Recife, Pernambuco, onde iriam trabalhar.[47]

Em janeiro de 1908, Bertha Mills tornou-se a diretora da Sociedade Juvenil da

PIB/Recife, e também professora do Departamento Primário do Colégio Batista, naquela cidade. Bertha falava bem o português e o inglês e isto facilitou muito a sua atividade missionária. No relatório enviado à FMB, Dr. Muirhead menciona que muito do êxito do trabalho naquele ano devia-se ao esforço de Bertha Mills. [48]

Em abril? de 1908, no Recife, Bertha casou-se com o missionário Robert Edward Pettigrew, que já trabalhava no Norte do Brasil, desde 1904. (Ver Parte D - pág. 592)

No final de 1909, o campo em Alagoas tornou-se o lugar das atividades do casal, com a Primeira Igreja Batista de Alagoas, em Maceió. Em junho de 1910, Robert e Bertha tornaram-se os primeiros missionários batistas em Paranaguá, onde ficaram alguns anos. Abriram uma escola, e Bertha contribuiu para a organização da primeira Sociedade de Senhoras naquele lugar. No Rio Grande do Sul, Bertha estava entusiasmada no plano de se levantar um templo, quando aprouve a Deus chamá-la. Fazia tempo que ela se encontrava doente. Todos os recursos humanos foram usados para a sua recuperação, mas era hora de partir! Faleceu em Porto Alegre, no dia 22.04.1931. Antes de ser levada para a sua sepultura, foi realizado um culto na Igreja Metodista. Falou na ocasião, o Dr. W. B. Bagby. Ela foi inumada no Cemitério Batista Alemão, naquela cidade. Dos quatro filhos que deixou, três estavam nos EUA, inclusive o primogênito, então de maior idade.



John Perkins

(1806 — 1881)

John e Margaret Perkins chegaram ao Rio de Janeiro, a 19.02.1867, pelo “North America”. Não tinham filhos, mas, trouxeram Carolina, uma filha adotiva.

John Perkins nasceu na Geórgia, a 21.11.1806, e faleceu perto de SBSP, a 23.04.1881. Era maçom, conforme o sinal gravado na lápide do seu túmulo no Cemitério do Campo, em SB. Margaret, sua esposa, faleceu a 24.03.1893, com a idade de 87 anos. Seu túmulo está ao lado do de seu esposo. (NAITR, p. 20)

Esses túmulos estão entre os da família Thomas. Isto nos pode levar a crer que John Perkins poderia ser um primo ou um tio de Emily (Perkins) Thomas, sendo esta a esposa do pastor R. P. Thomas. Tinha-se em mente já certo costume de que o chão do cemitério tem reservado uma área para cada família. Seria como uma substituição de um jazigo da família.

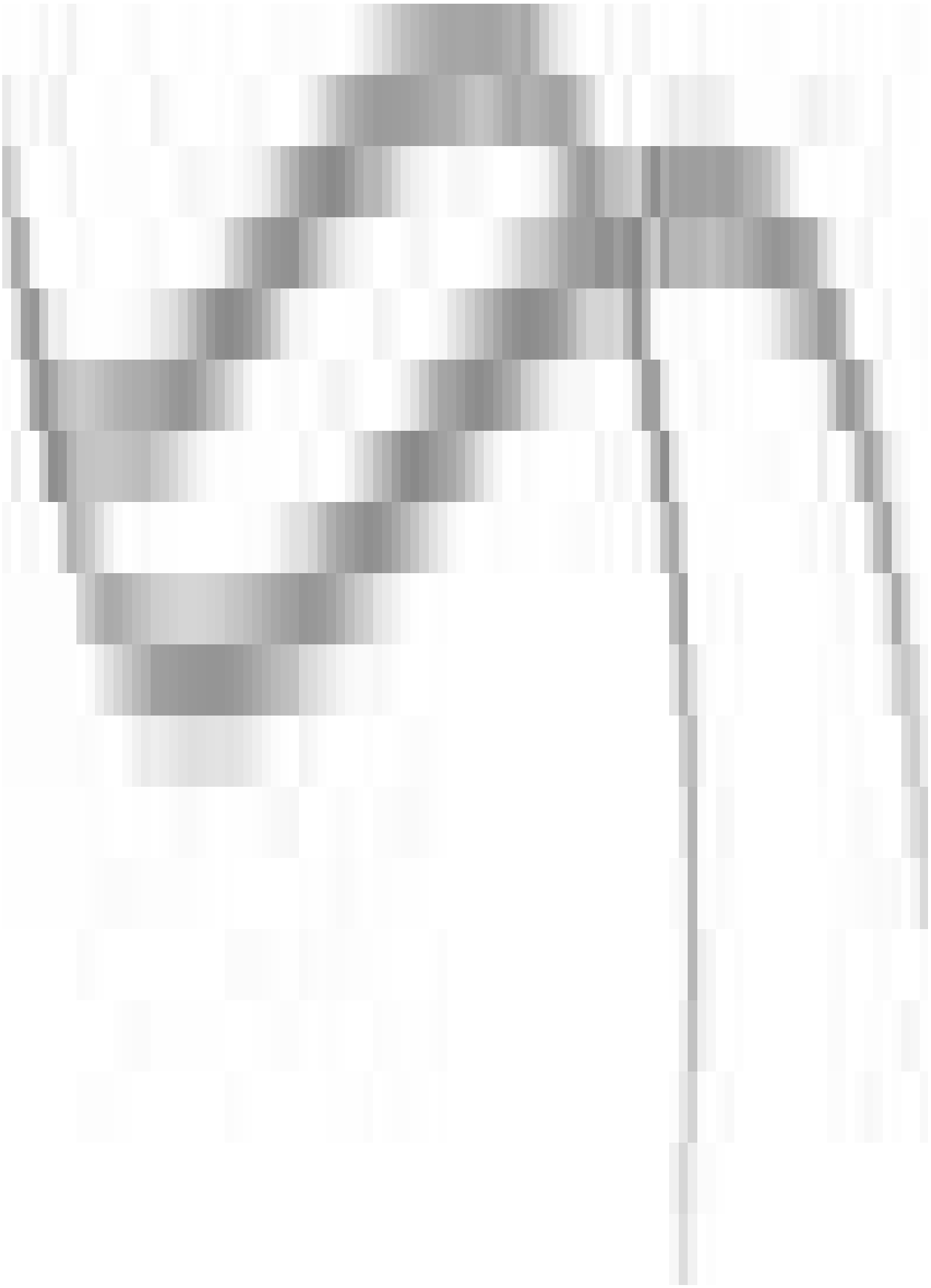
O pai e o avô de Emily Perkins eram nativos da Carolina do Norte. O pai, ainda menino e órfão, foi levado para a Geórgia. Em 1810, casou-se com uma nativa da Geórgia. Mais tarde, emigrou para o Alabama, onde Emily nasceu. Mas ficaram outros membros da família Perkins na Geórgia. Por volta das décadas de 1840 e 1850, vários Perkins tinham emigrado para lugares diversos do rumo do Oeste, e já então na parte leste do Texas, perto da fronteira de Arkansas, havia membros dessa família com propriedades estabelecidas.

Há referências, de que John Perkins veio para o Brasil procedente do Texas. Ele foi, então, um dos que haviam emigrado para aquele Estado. Essa referência nos é dada por Lawrence Hill, no seu trabalho The Confederate Exodus to Latin America, p. 172.

É provável que John Perkins tenha animado a R. P. Thomas a vir para o Brasil. Este e sua família aqui chegaram em 1871.

John Perkins e sua mulher adquiriram uma propriedade em SBSP, entre 22.03 e 15.05.1867, conforme registro no Livro de Notas nº 12, p. 36, do Cartório de Notas, em SBSP. A 20.05.1874, o casal adquiriu outra propriedade, conforme Livros de Notas nº 15, p. 23, do mesmo cartório. A primeira foi adquirida de Joseph Henry White e a segunda, de John Hancock Crisp.

A 02.09.1880, John e Margaret Perkins fizeram o seu testamento em termos muito simples, conforme Livro de Notas nº 18, p. 8v, do mesmo cartório mencionado. Declararam que Mary Carolina Carlos Perkins, então casada com Wilber Fisk McKnight, era a herdeira dos bens do casal. Nesse testamento está declarado serem os dois, John e Margaret, da “religião protestante”. Incluímos os seus nomes entre os batistas em SBSP, dado que, de modo geral, os Perkins desse grupo, nos EUA, eram batistas.



Edward Allen Puthuff

(1850 — ?)

Edward Allen Puthuff nasceu a 26.08.1850, em Franklin Co., Kentucky. Antes de completar um ano de idade, o seu pai veio a falecer, deixando-o com duas irmãs e três irmãos. Sua mãe mudou-se para Lafayete Co., e, em 1859, após ter-se casado novamente, foi para Missouri. Ali faleceu anos mais tarde.

Aos 16 anos, Edward converteu-se, mas, não se uniu a qualquer igreja, acabando por afastar-se. Em 1873, mudou-se para Hunt Co., Texas. Em 1874, uniu-se à Igreja Batista Greenville, sendo batizado por J. E. Sligh, pastor da igreja. Nesse tempo, as primeiras impressões do dever de pregar que se haviam manisfestado antes, voltaram com mais intensidade. Edward, porém, não lhes deu atenção. Prometeu a si mesmo nunca experimentar pregar e que não se casaria.

Seguiu-se um período de enfermidade com um ataque violento de pneumonia. Esse fato levou-o a meditar nos seus propósitos. Mas, melhorado em sua saúde, permaneceu firme no que antes havia decidido. Isto não resistiria o tempo uma vez que uma jovem que apareceu no seu caminho fez que ele revogasse o seu voto. Casou-se a 28.12.1876, com Belle Graham. Sentia-se feliz e, na igreja, chegou a ser o superintendente da Escola Dominical. Tudo ia bem.

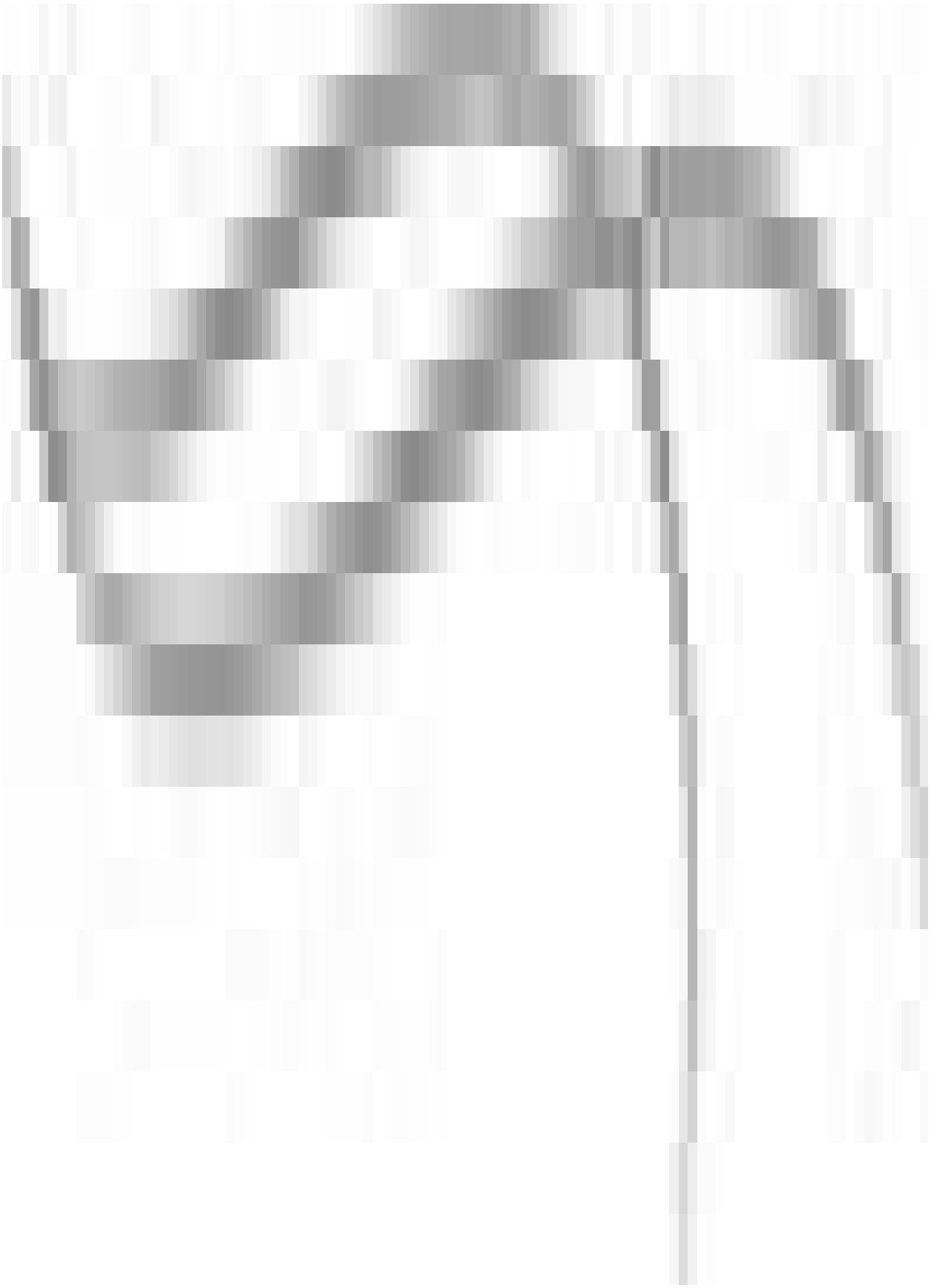
Na primavera de 1879, sua esposa adoeceu, e ele também, o que lhe fez sentir que não teria muito tempo de vida. Nas suas meditações voltou a sentir o desejo de pregar o evangelho. Em 1882, ele começou a exercitar o dom da pregação e, então, resolveu estudar na Waco University. Seus estudos foram interrompidos pelo declínio da saúde de sua esposa e, por fim, ela veio a falecer a 04.06.1883.

Em julho de 1884, ele foi consagrado ao Ministério da Palavra. Seu interesse tornou-se forte tendo em mira o trabalho missionário em campo estrangeiro. Procurou preparar-se melhor, inclusive estudando o castelhano. Ofereceu-se para o trabalho no Brasil e o seu plano seria ficar um tempo trabalhando com os emigrados dos EUA, em SBSP, até que, tendo aprendido bem a língua

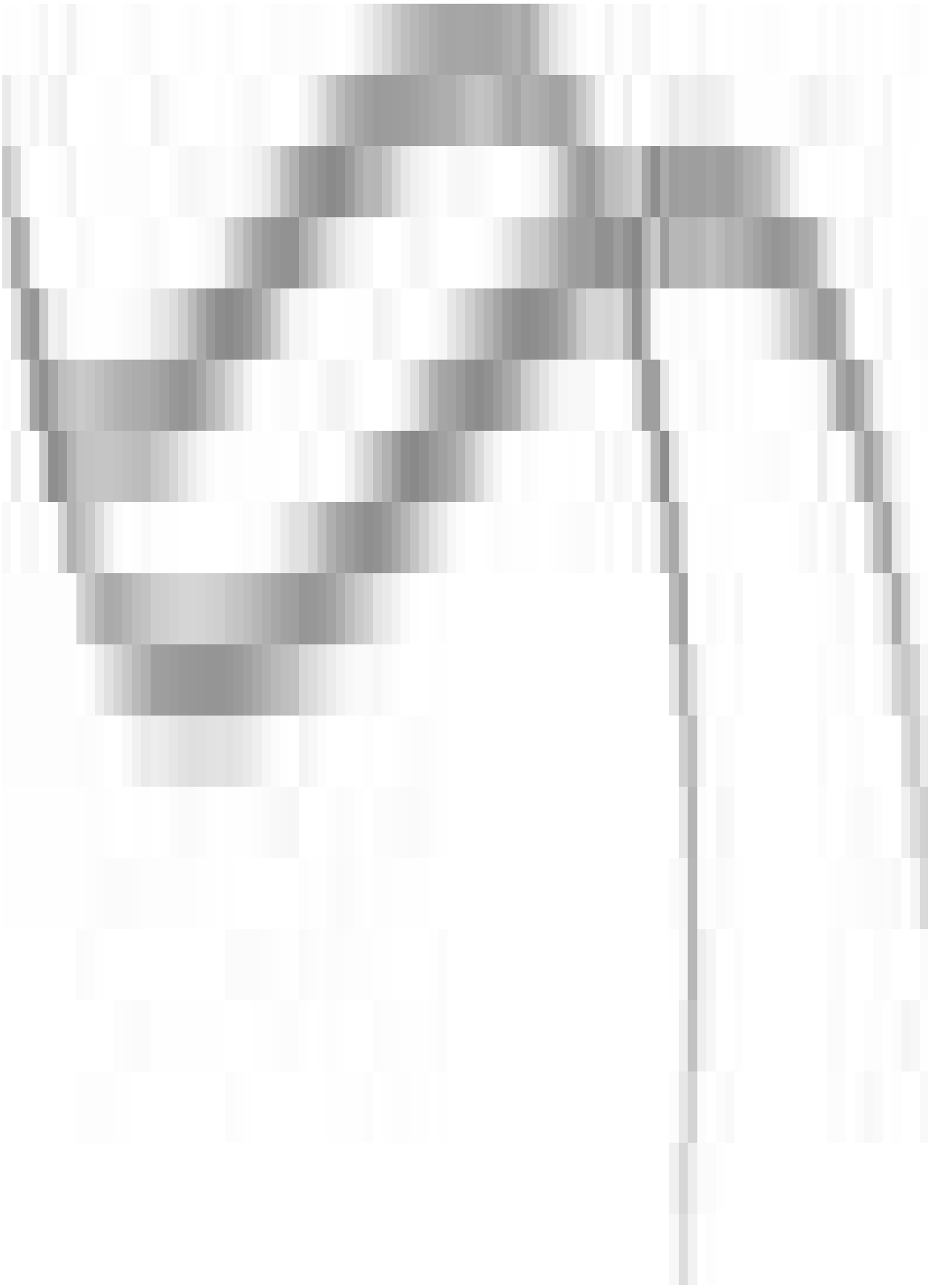
portuguesa, pudesse ir além. A FMB-SBC aceitou-o para ser um de seus missionários, nomeando-o a 14.05.1885.

A 25.11.1885, veio a casar-se em segundas núpcias com Emma Fox. Pouco depois viajaram com o casal Charles Davis Daniel e a jovem Mina Everett, para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, no dia 31.12.1885, pelo navio “Advance”, procedente de Nova York.

Emma Foz nasceu a 12.02.1852, em Pickens Co., Alabama, sendo filha de Hally Fox e Sarah Haughes Fox. Quando ainda pequena, seus pais mudaram-se para Webster Co., Mississippi, onde o seu pai ainda residia em dezembro de 1885. Sarah, mãe de Emma, havia falecido a 18.01.1862, deixando seis filhos, sendo Emma a caçula. Em 1871, Emma passou a estudar no Colégio Batista Feminino em Pontotox, Mississippi. Terminando os seus estudos, tornou-se professora. Em setembro de 1862, Emma foi batizada por seu tio James Fox, que por 30 anos pastoreou a Igreja Batista Bethany. Ali Emma treinou-se nas atividades cristãs e acabou por sentir o desejo de ser missionária em terra estrangeira.



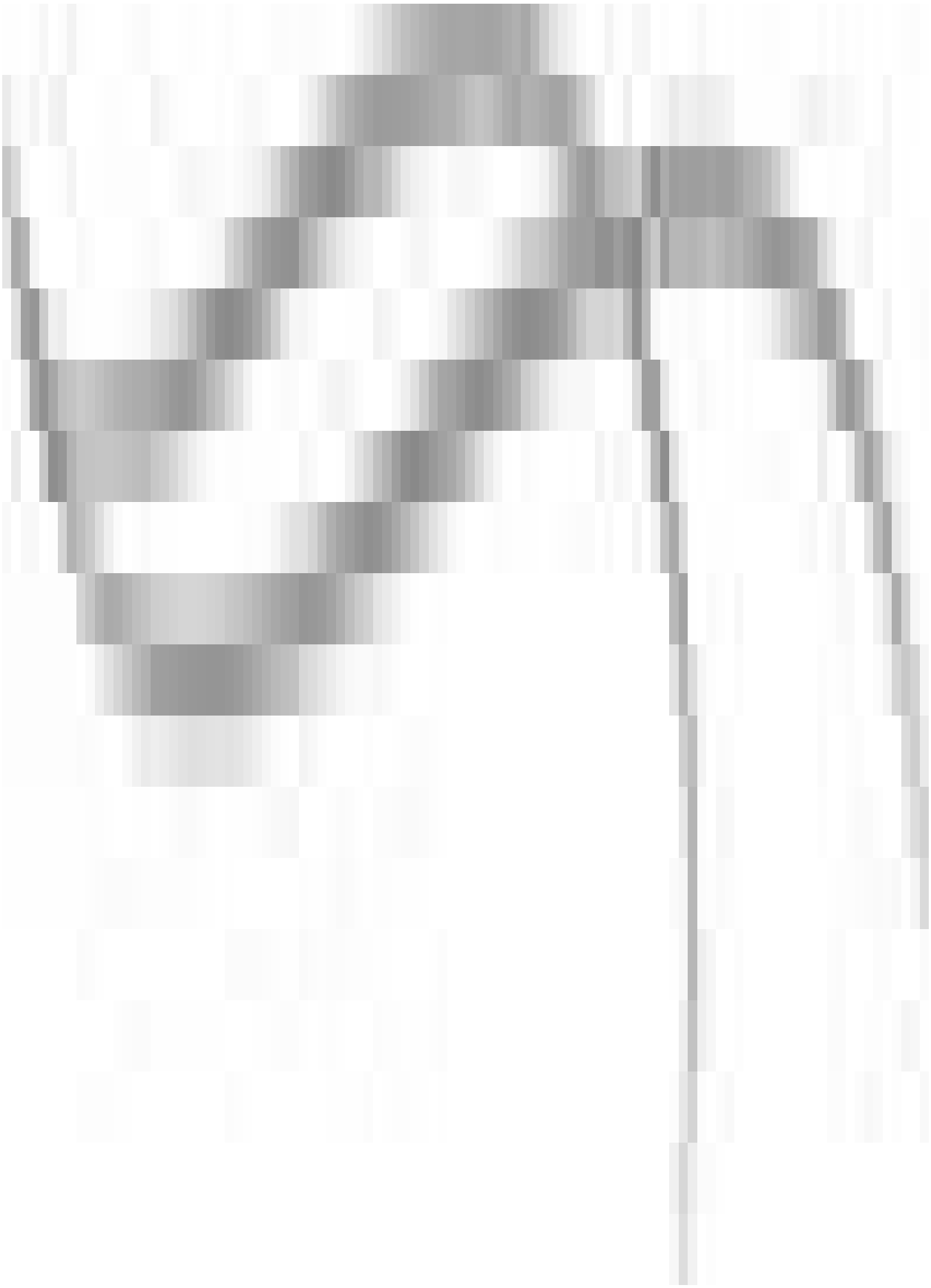
Os passos dados pelo casal Puthuff no Brasil estão registrados nas parte “C” e “D”, de modo que podem ser acompanhados pelo Índice.



E. A. Puthuff tornou-se um dos pastores da PIB/SB. Em junho do ano de 1888, ele foi exonerado do seu trabalho, pela FMB. Sua esposa retirou-se do Brasil para os EUA, saindo do Rio de Janeiro, a 21.08.1887, pelo navio “Advance”. O missionário Puthuff somente viajou a 11.04.1889, pelo “Finance”. Não mais retornaram ao Brasil.

Encontramos a assinatura do missionário Puthuff no Livro 28, p. 17 e 19, em documento registrado no Cartório de Notas em SBSP. Até então nos parece que foi a única vez, no Brasil, que assinou o seu nome completo: Edward Allen Puthuff. (Ver Autógrafo na pág. 707)

Este resumo foi preparado com os dados obtidos dos documentos já mencionados e do livro de H. A. Tupper — A Decade of Foreign Missions, p. 412, 413, 415-417, 421-423, 425, 455, 477, 540, 740, 741, 824, 825, 884, 885, 899. E MPRJ, p. 331, 368 e 377.



Samuel Milton Pyles

(1816 — 1898)

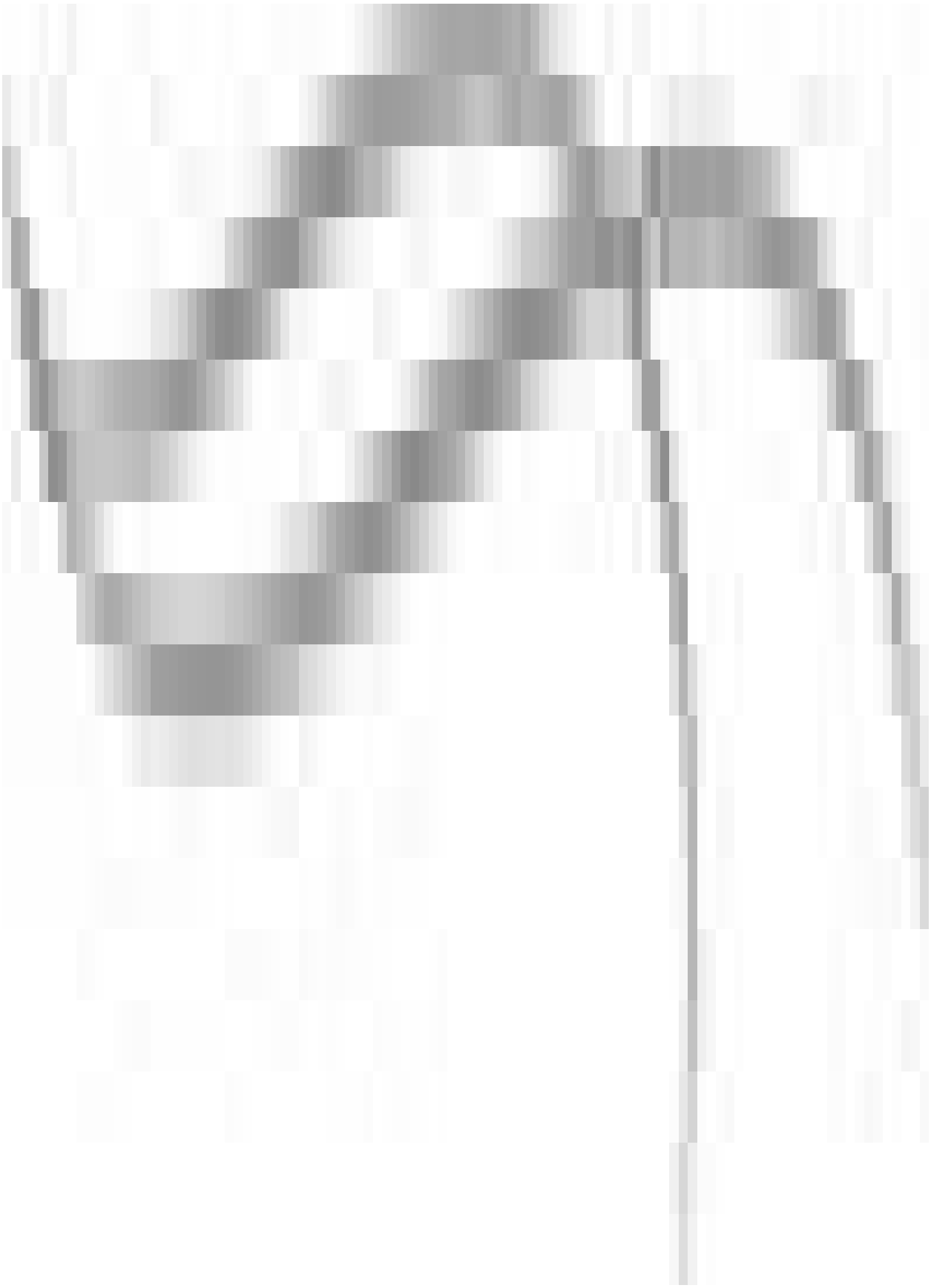
Samuel Milton Pyles, filho de William Pyles e Elisabeth Hodges Rosamond Pyles, nasceu a 12.03.1816, provavelmente em Abbeville Co., Carolina do Sul. Faleceu a 09.04.1898, em SBSP, com a idade de 82 anos. Foi sepultado, assim como sua esposa, no Cemitério do Campo, SBSP. (NAITR, p. 17)

Casou-se com Nancy Almina Banymore Rasor, a 22.12.1841, perto de Donaldsville, Carolina do Sul. O nome de Almina aparece, também: Almira, Almyra, Elmira e Elmyra, conforme verificamos na leitura de um trabalho sob o título Pyles Family Genealogy, datilografado, na biblioteca da South Caroliniana, em Columbia, SC. Ali estivemos em 1977.

Foram filhos do casal: Elisabeth Pyles, casada com Henry O. Burton; William Franklin Pyles, casado com Rosa Margaret Carlton; Ezequiel Belton Pyles, casado com Flemin Margaret McKnight; Julia A. Pyles, casada com Joseph Long Minchin; Adoniram Judson Pyles, casado com Jesephina F. McKnight; Ella Pyles, casada com William T. Harris; e James Milton Pyles, casado com Octavia Dumas. (Ver Imagens E11 e E12 na pág. 661)

Henry O. Burton faleceu em Botucatu e o seu túmulo está no Cemitério Municipal, sendo a Prefeitura ou a Câmara a responsável por ele, como homenagem aos serviços prestados por Burton à comunidade local. Não sabemos onde faleceram William F. Pyles, sua esposa, Ella Pyles e esposo. Todos os outros estão sepultados no Cemitério do Campo. (NAITR, p. 16, 17)

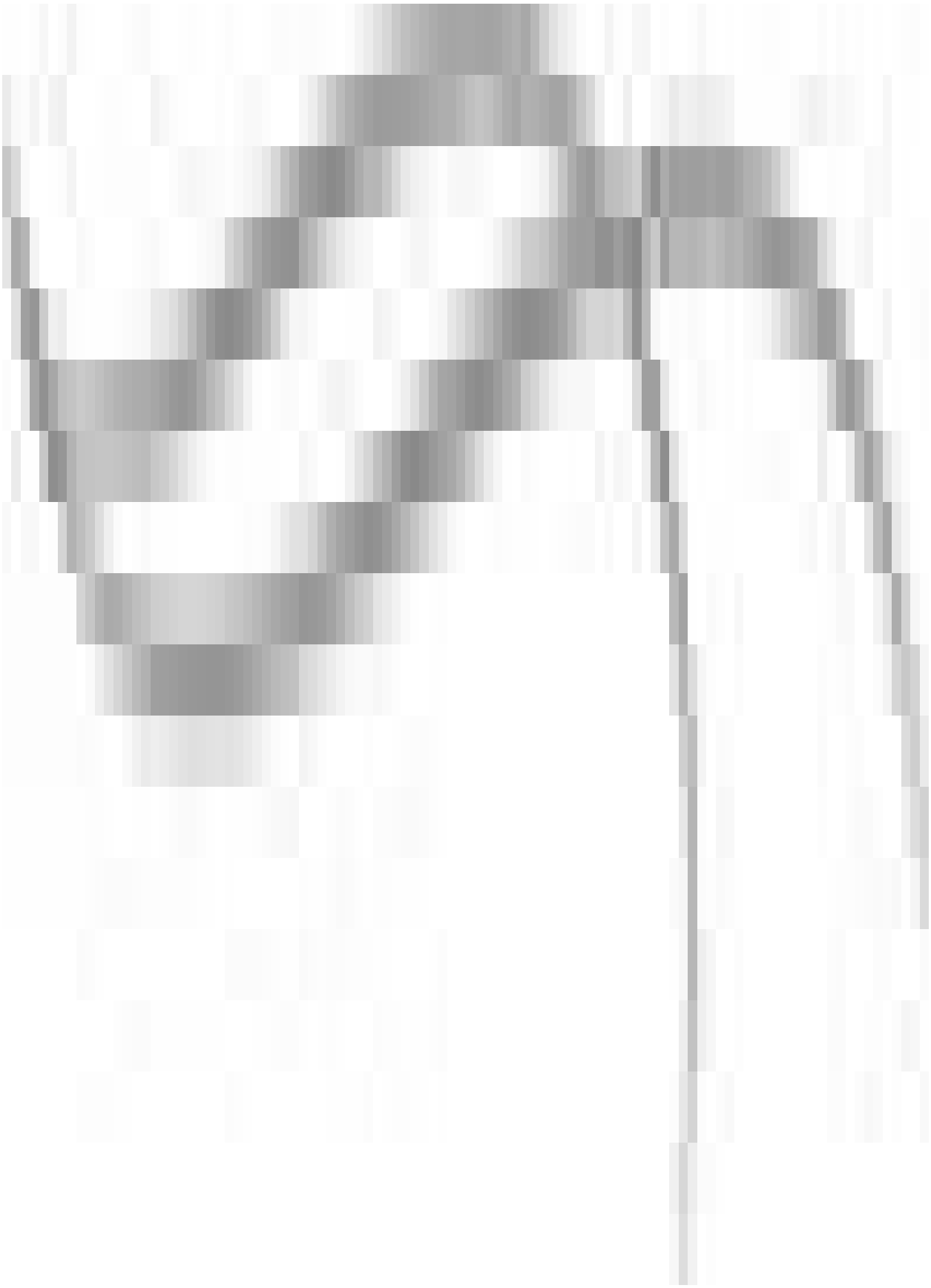
Em 1847, a família estava residindo perto de Macon. Em 1850, em Chattoga; de 1853 a 1862, em Baker. Todos esses lugares, no Estado da Georgia. Depois a família foi para a Florida e, daí, para o Brasil.



Passado o período difícil da Guerra de Secessão, viajaram para o Brasil: Samuel Milton Pyles, sua família, incluindo os dois genros Minchin e Burton, oficiais do Exército do Sul; Esther e Mary Rochester Pyles, irmãs de Samuel, casadas, respectivamente com Robert Rickey Seawright e Ebenezer Wilson Seawright, que eram irmãos.

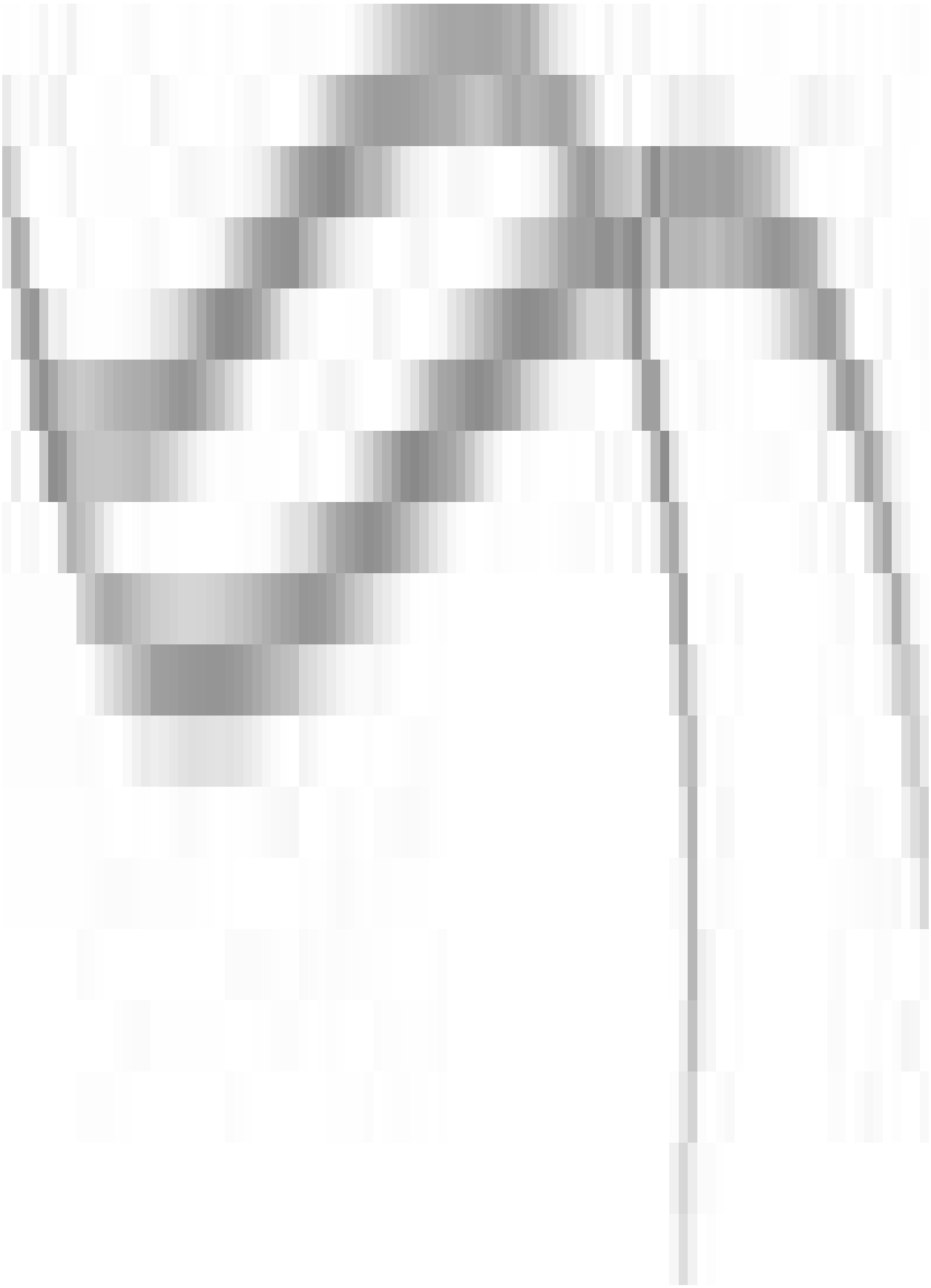
Conforme carta de 21.04.1867, S. M. Pyles veio para o Brasil com os emigrados da Georgia e Florida, embarcando em Nova York, a 21.04.1867, chegando ao Rio de Janeiro, a 20.05.1867, pelo "North America", (MPRJ, p. 40). Do Rio foram para Iguape e, então, para Xiririca, SP, conforme deduzimos da leitura de um relato escrito por Joseph Long Minchin, cuja cópia nos foi presenteada por Julia E. Pyles Mojola, a quem entrevistamos, três vezes, na cidade de São Paulo. (Ver pág. 661)

A descendência dessas famílias, no Brasil, é numerosíssima. Seus sobrenomes são de norte-americanos, italianos, brasileiros e outros. Há deles em quase todos os grupos religiosos e os que não seguem religião alguma. Exercem as mais diversificadas profissões, ou missões. Em Santarém, Pará, havia uma família Seawright, conforme encontramos no livro Confederados em Santarém, p. 202. E em Manaus, encontramos o registro de óbito de um Samuel Seawright. Parece-nos que só o casal Henry O. Burton e sua esposa Elisabeth Pyles Burton, não deixou descendência.

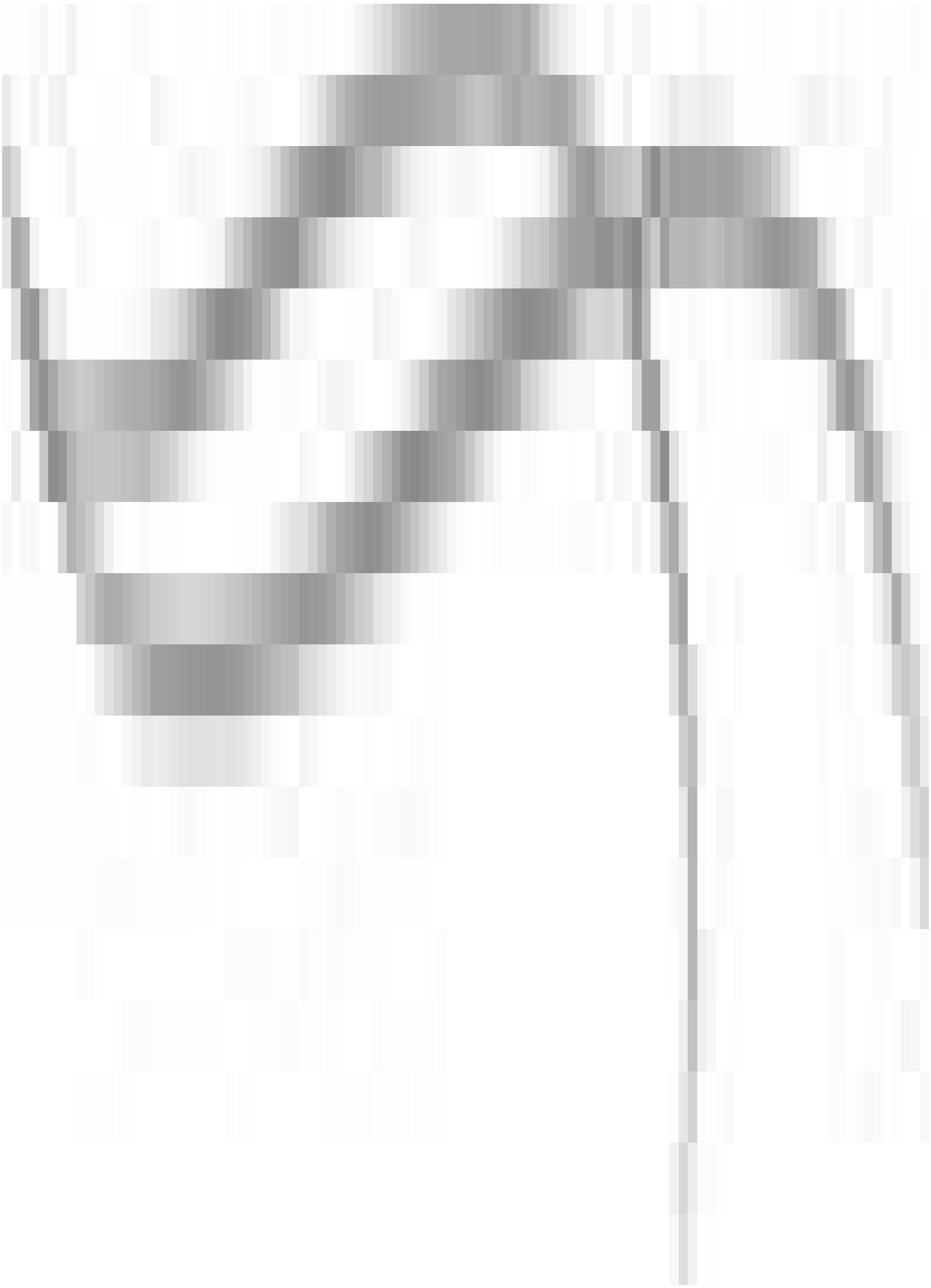


Se formos contar a história dos antepassados dessas famílias, vamos encontrá-los na Alemanha; França, com os Dumas; na Inglaterra, com o Lorde Banymore. Nos EUA, será achado um desses, relacionado com a fundação da cidade de Rochester, no Estado de Nova York; e outro, aparentado com o conhecido Rogers William, da História dos Batistas no Novo Mundo. Diversos deles estiveram na Revolução Americana e outros na Guerra de Secessão, como soldados ou oficiais.

Samuel Milton Pyles era pastor batista na sua terra. Teria sido consagrado ao ministério, quando na Florida. Desconhecemos as razões pelas quais, ao chegar ao Brasil, conservou-se numa posição reservada ao Ministério da Palavra. Desde que solicitado, colaborava no trabalho. É o que nos dizem os relatórios existentes na FMB. De acordo com o Pr. E. H. Quillin, no seu artigo que pode ser apreciado na parte “D”, 28.12.1880, o seu colega de ministério enveredou para a “teologia especulativa”.{?} De acordo com as informações que colhemos de sua neta, Julia E. Pyles Mojola, os membros daquelas famílias pertenciam à Igreja Batista em SBSP.



A influência dessas famílias, onde trabalhavam e viveram, e vivem, é algo que não se pode medir. Aqui temos alguns exemplos: Daisy Pyles, filha de A. J. Pyles, foi a esposa do Rev. James Lillibourn Kennedy, metodista; Julia E. Pyles Mojola, filha de James M. Pyles, foi enfermeira na Segunda Guerra Mundial; a mesma serviu, por anos, num hospital; Jenny V. Pyles Peith, serviu na PIB/SP; Dora, filha de a. J. Pyles, foi esposa do professor de música, Fabiano Lozano, de S. Paulo; e Zita Paulina Fenley Botelho, que além de descendente dos Pyles e Minchin, o era também dos Fenley.



John Quillin

(ca 1812 — ca 1875)

Missionário batista independente, foi enviado diretamente pela Igreja Batista Shiloh, em Bernice, Union Co., Louisiana, EUA, para o BR, na década de 1860. Esse foi John Quillin. Ele deve ter vindo entre 1866 e 1867. No seu retorno, ele apresentou à sua igreja um relatório do trabalho realizado, que, a seu pedido, ficou sob a custódia da igreja, conforme ata de 03.10.1868. (Ver fac-símile, E80 na pág. 692)

Esse relatório não foi encontrado! Crê-se que se perdeu, com outros documentos, no incêndio do templo, ocorrido há muitos anos passados. Salvou-se o livro de atas, que, na ocasião, estava em poder do secretário. No presente, todo o livro está microfilmado. É profundamente lamentável que aquele documento esteja desaparecido, pois que com ele teríamos outra página na história dos batistas no Brasil. Um dia ainda esse documento pode aparecer, apesar do incêndio!

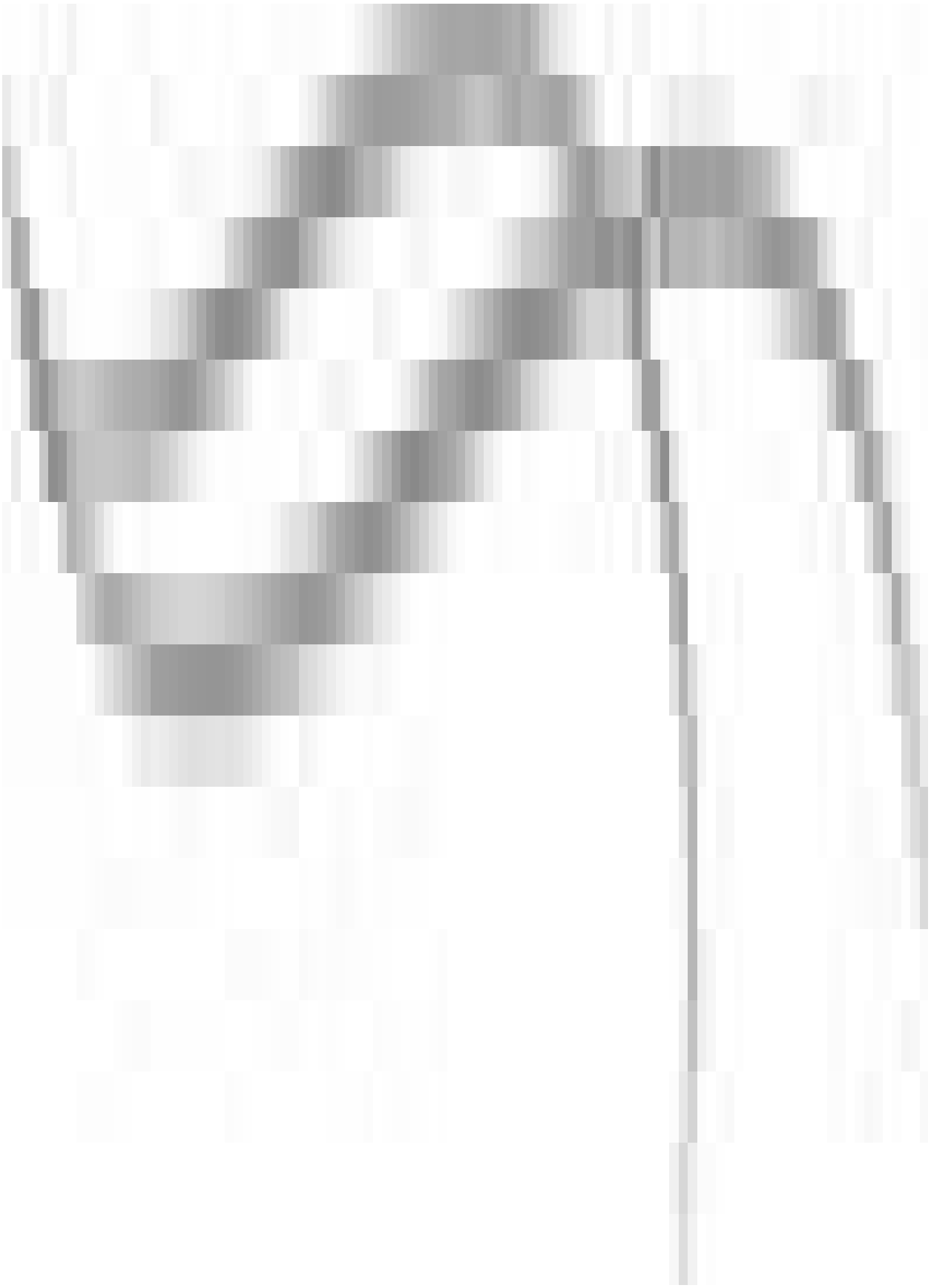
O secretário da igreja, na época, era o sr. Robert J. Tabor, que, anos mais tarde, escreveu sobre a Associação Batista Concord, à qual pertencia a referida igreja. Disse ele que John Quillin era juiz e que fora consagrado ao ministério, já com certa idade, uma vez que sentia o desejo de vir para o Brasil, com vistas a um trabalho especial de evangelização. Disse mais que, não havendo, naquele tempo, qualquer obreiro da FMB no Brasil, cabia àquela igreja, a honra de prover o primeiro missionário batista para este país, enviado diretamente por uma igreja.

O encontro da informação acima deu-se quando buscávamos dados sobre os pastores Richard Ratcliff e Elias Hoton Quillin. A nosso pedido, ajudava-nos na tarefa, o sr. Albert Quillin, de El Paso, Texas, sobrinho-neto de Elias e John Quillin. Albert tentou encontrar algumas informações escrevendo para D. Edna Liggin, então secretária daquela igreja. Assim, passamos os três a trocar idéias, sugestões e informações. No exame do Livro de Atas, D. Edna não encontrou nada sobre aqueles dois pastores, mas surpreendeu-se por achar o nome de John

Quillin, e, no arquivo, em resumo histórico de ligação com o Brasil.

Falando ao seu pastor sobre tudo que estava ocorrendo, este lhe sugeriu que, no domingo seguinte pela manhã, falasse no culto sobre a sua experiência. Conforme escreveu-nos, o culto foi inspirativo. Falou-se de como Deus havia usado aquela pequena igreja para um trabalho missionário no Brasil, há 115 anos passados.

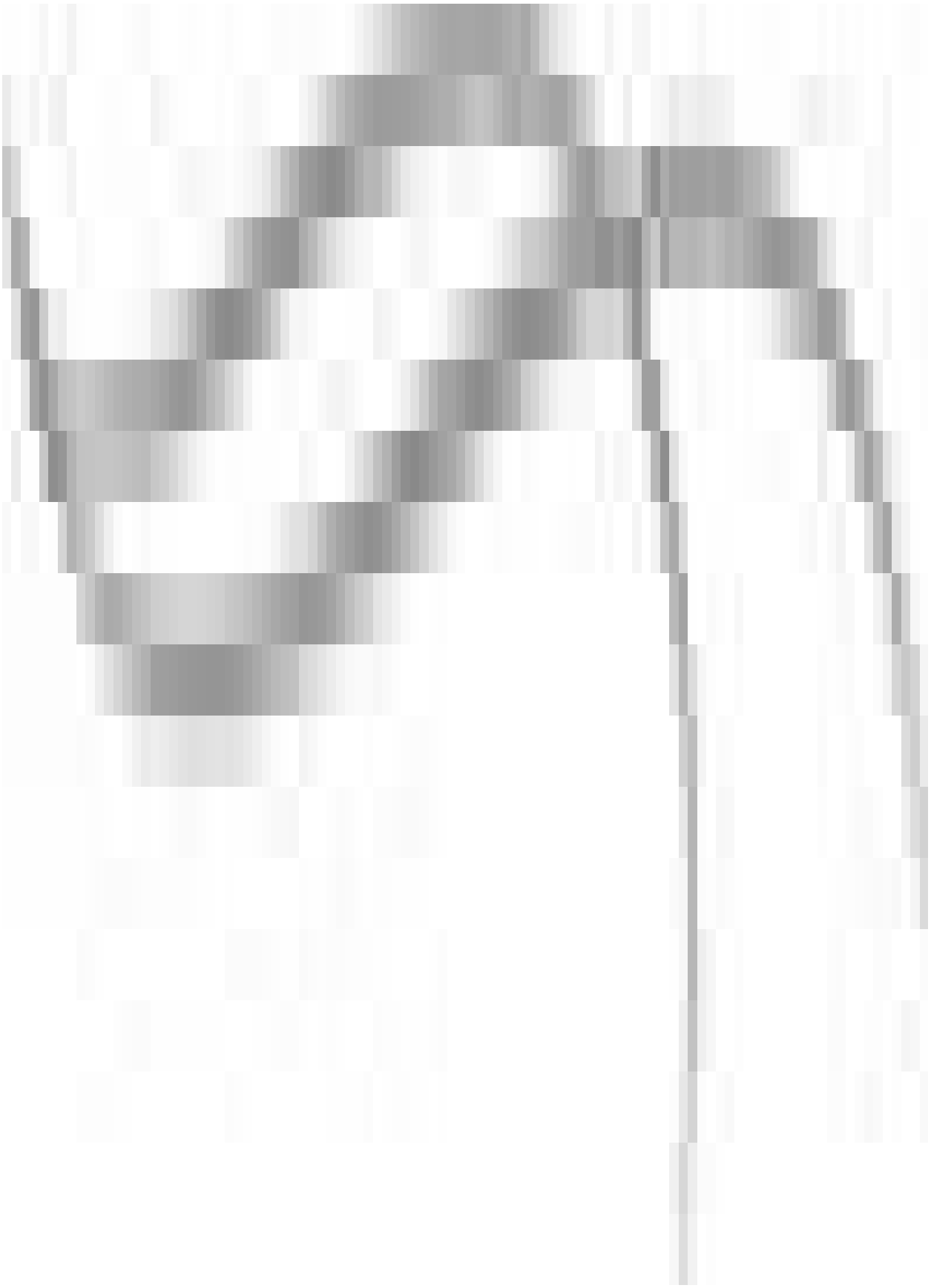
Era dezembro de 1978. A Igreja Batista Shiloh havia orçado para ser levantada a quantia de 100 dólares por ocasião da oferta de Missões, denominada “Lottie Moon”. O espírito de Deus moveu os corações naquele culto e a oferta ultrapassou os 1000 dólares. A igreja, de pouco mais de 100 membros, estava regozijada e grata a Deus pelo espírito missionário reinante. Acontecia, então, que essa reunião produzia tal oferta e inspiração missionária, como um fruto indireto e remoto do trabalho daquele nosso irmão, John Quillin. Uma decisão tomada, uma viagem feita, um trabalho realizado, um relatório elaborado cujos dados caíram no esquecimento, saltavam agora de um tempo de 114 anos! Frutos dessa natureza, ocorridos de modo tão inesperado e quase estranho, não possuem, por certo, registro aqui na terra!



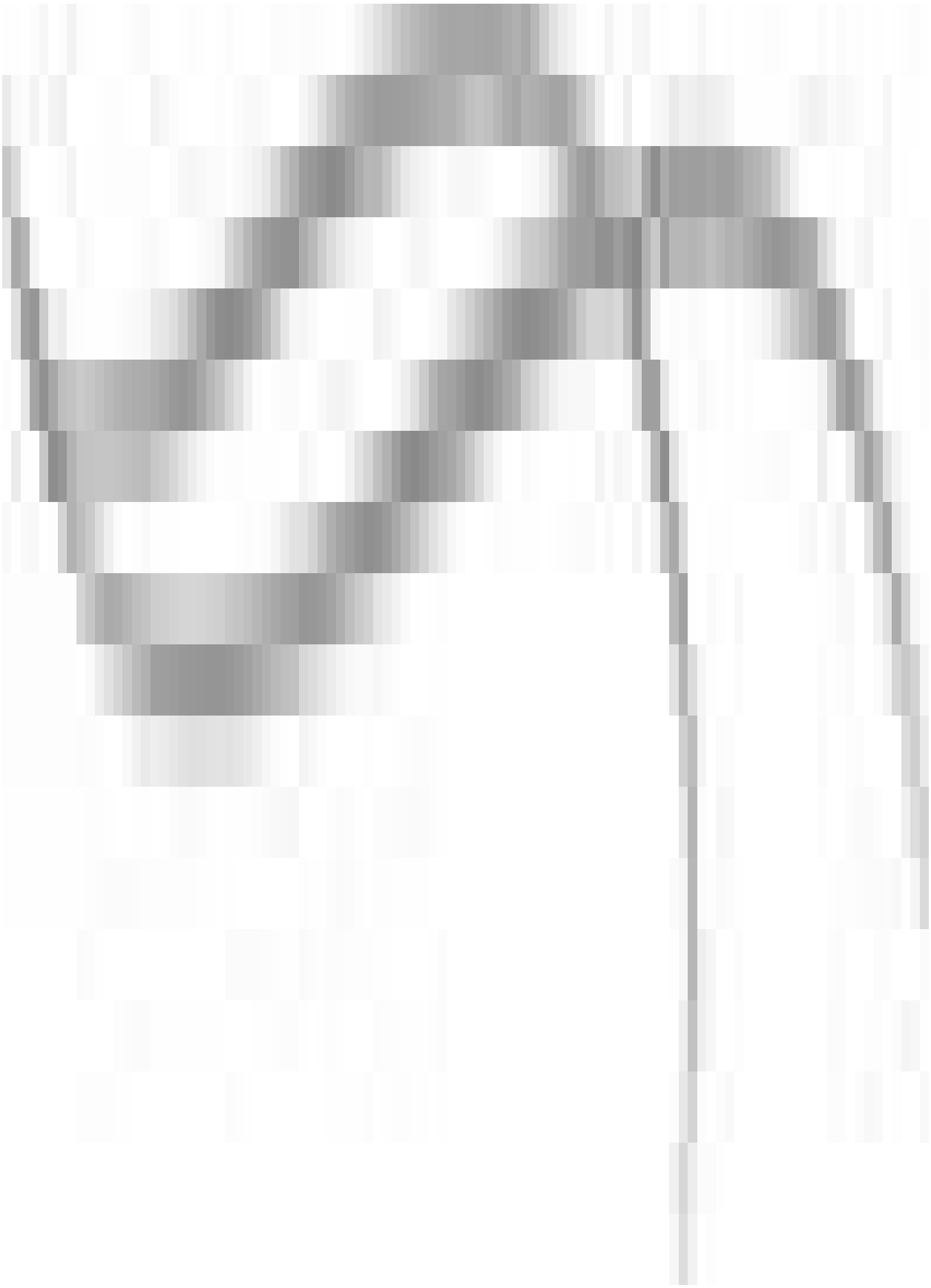
Temos conosco uma certidão do Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba. Trata-se de um pedido à referida Câmara, datado de 01.01.1886, para o aforamento de um terreno correspondente a um quarteirão, na cidade de Piracicaba, Rua da Quitanda. A 08.05 seguinte, o aforamento foi concedido. O livro de Protocolo registra a entrada do pedido tendo como requerente um “J. Quillin”. Mas, em maio seguinte quem assina o documento é Elias Hoton Quillin.

O “J. Quillin” foi, por alguns anos, uma incógnita para nós, até que Albert Quillin, já mencionado, sugeriu a possibilidade de tratar-se de John Quillin.

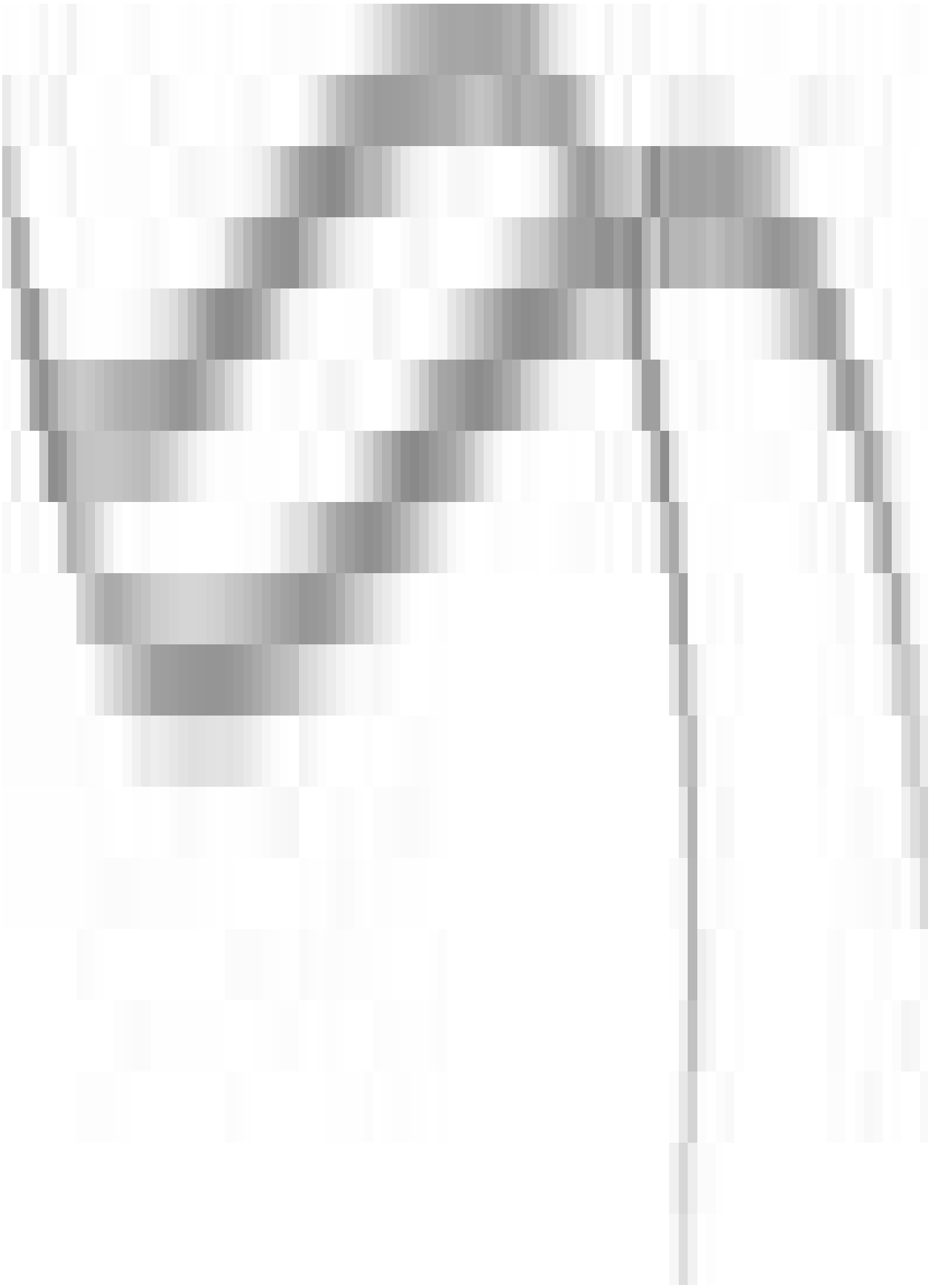
Paira uma indagação: onde morreu John Quillin? Até o presente não se encontrou nos EUA qualquer referência ao seu falecimento. Se depois de ter dado o seu relatório à sua igreja, em Louisiana, retornou ao Brasil e aqui faleceu, pode ter sido enterrado no quintal ou jardim de uma propriedade. Demos buscas em vários cemitérios em torno de SBSP, nada encontrando.



John, David e Elias foram três irmãos e também pastores batistas. Deles, John é um desafio para os pesquisadores.



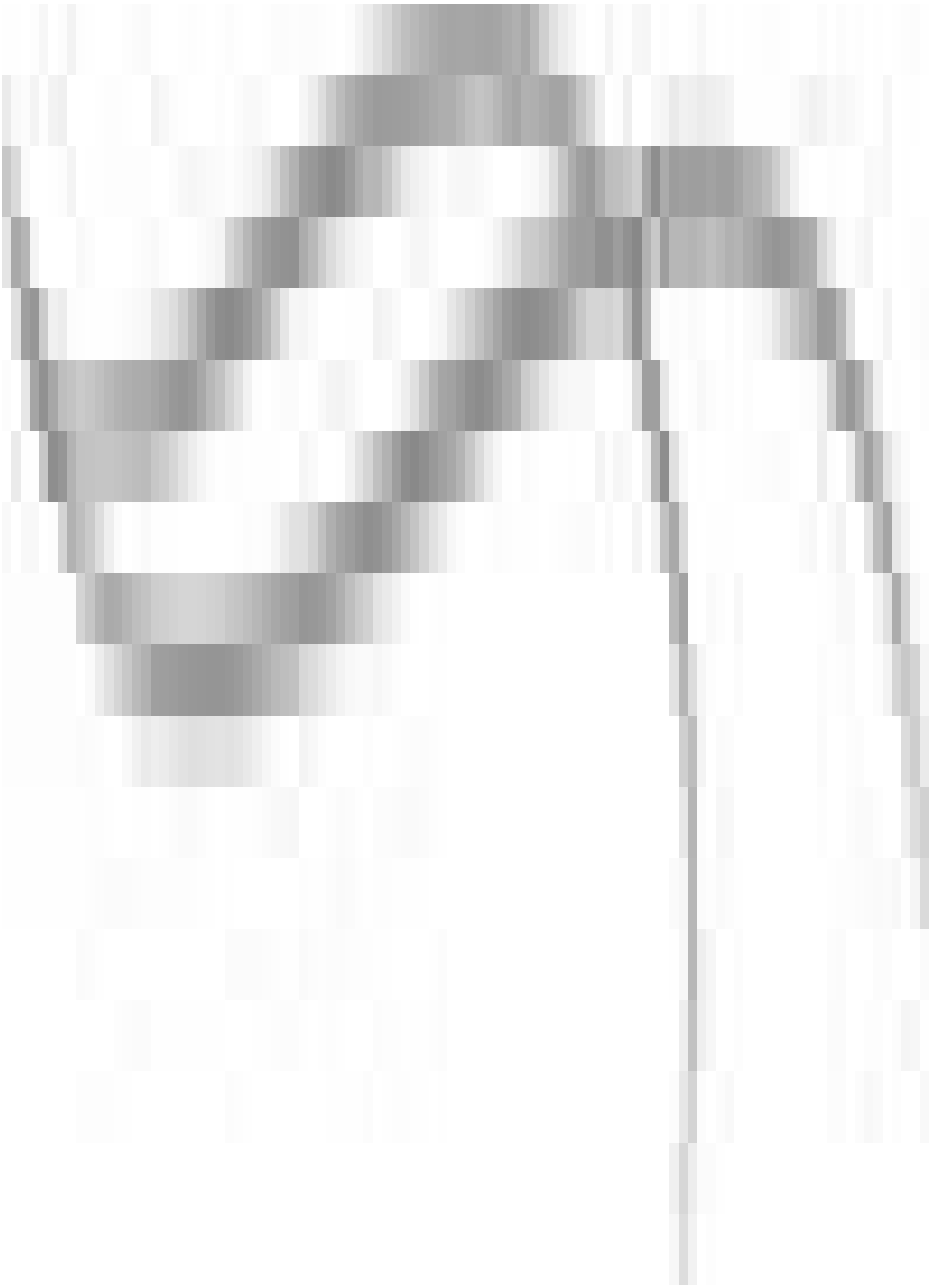
Este resumo sobre John Quillin foi elaborado com os seguintes elementos: Ata de 03.10.1868, da Igreja Batista Shilon, em Bernice, Union, Louisiana; History of Concord Association, feita por Robert J. Tabor; cópia datilografada em nosso arquivo, enviada por D. Edna Liggin, secretária daquela igreja; House Upon a Rock, livro de Glen Lee Greene, p. 171 e informações dadas por Albert Quillin; documento do Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba.



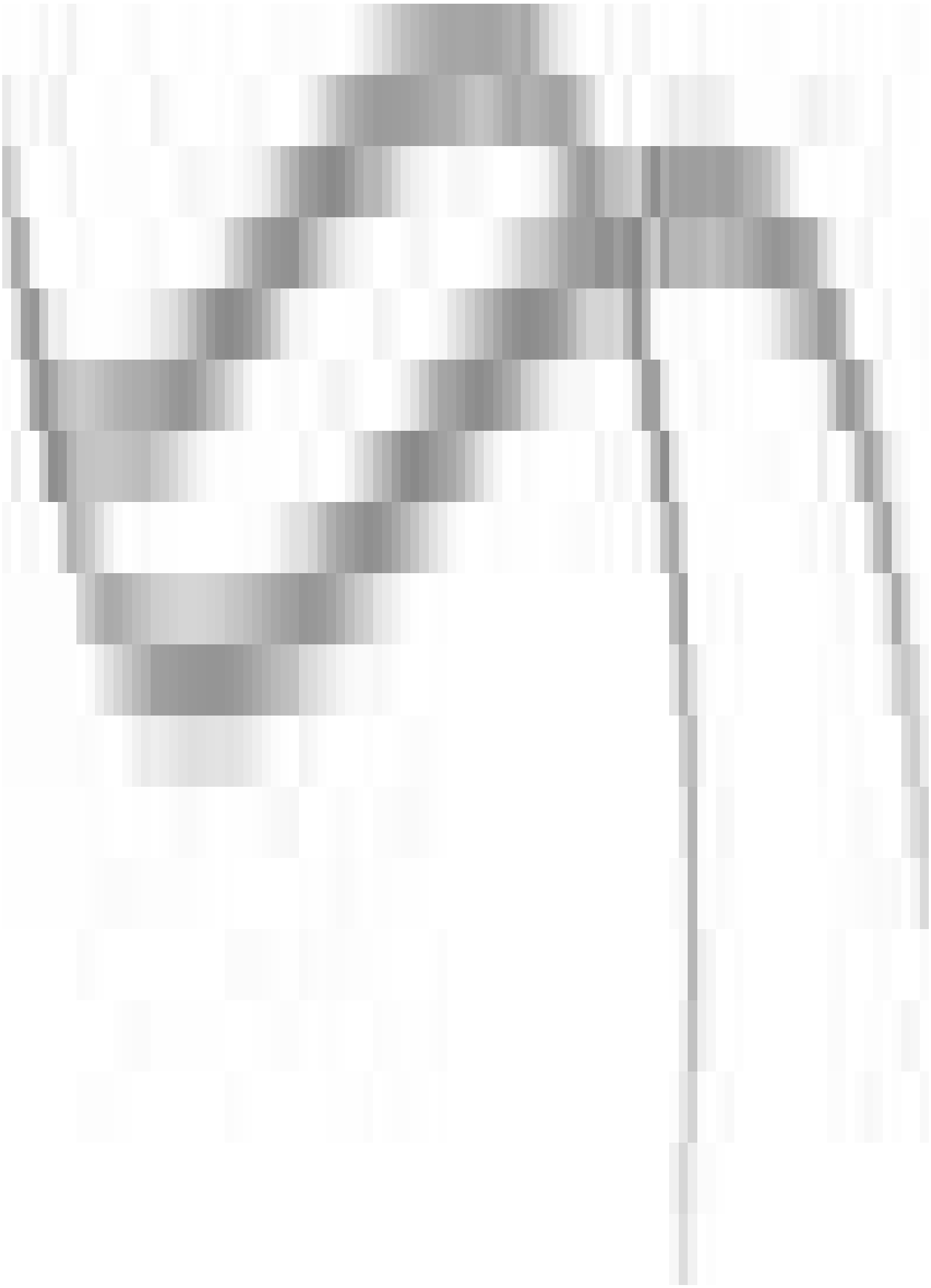
S. Y. M. Russel

Há uma possibilidade de que o nome completo de S. Y. M. Russel seja Samuel Yancey McRussell, consoante pequenos dados que temos colhido aqui e acolá. No documento de 20.06.1880, ver parte “D”, ele é mencionado como secretário da Igreja Batista da Estação, SBSP.

Seria ele um inglês ou um irlandês? Não localizamos a data de sua chegada ao Brasil ou seu retorno aos EUA. Certo é que tinha uma filha de nome Sarah A. Russell, e que o pai e filha moraram em SBSP; que eram batistas; que ele foi membro e secretário da Igreja Batista da Estação. Além disso, o seu nome aparece com os de H. Capps e T. E. Ferguson no documento da PIB/SB para o registro do missionário Bagby como pastor, na Secretaria do Império, conforme Decreto do Império.



No Livro de Registro de Casamentos de acatólicos, no Arquivo Municipal de SBSP, há um nome de “S. A. Russel” casando-se com G. W. Gooda, a 19.11.1888, tendo o missionário E. A. Puthuff como oficiante do casamento. Os noivos eram Sarah Russel e George W. Gooda. Temos a certidão desse registro. George W. Gooda era neto de Elizabeth Williams. Ambos tornaram-se membros da Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara, com cartas de transferência provindas da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, em 1888. Sarah Gooda tornou-se uma das fundadoras da Igreja Batista em Piracicaba, no ano de 1902. Depois de Sarah e George Gooda terem morado nessa cidade, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Encontramos os registros de seus óbitos no arquivo da Igreja Anglicana, que tem sob a sua responsabilidade o Cemitério dos Protestantes, na Gamboa, cidade do Rio de Janeiro. O nome completo aparece como Sarah Russel Gooda, falecida a 01.08.1924, e George William Gooda, seu esposo, tem 26.04.1939 como data do seu falecimento.



Henry Strong

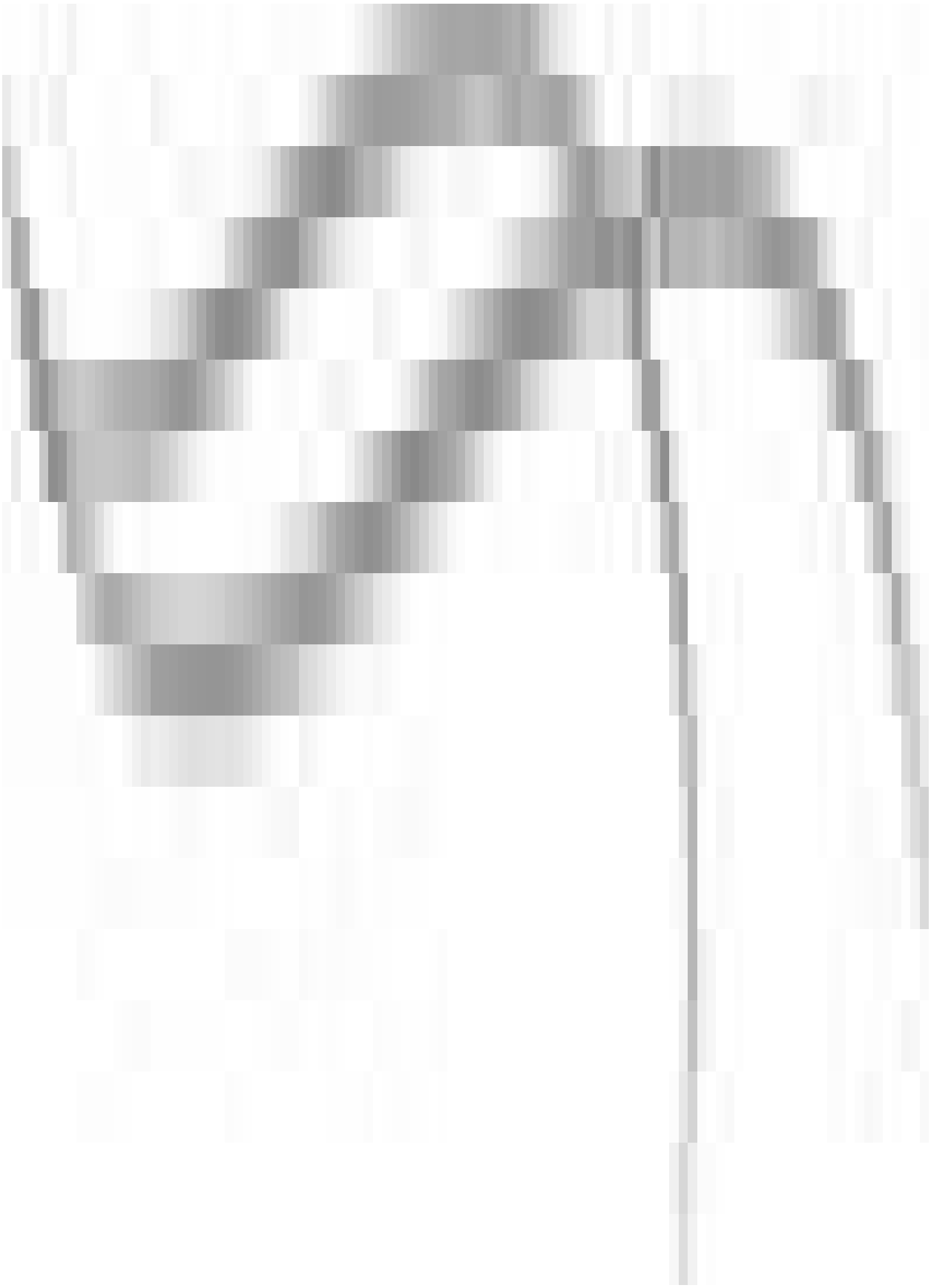
(1804 — 1878)

Mary Matilda Ellis (1831-1886) (Ver Imagem E43 na pág. 672)

Francis Marion Bankston (1844-1878) (Ver Imagem E39 na pág. 671)

Henry Strong e sua esposa, Rebecca Susan Foreman Spencer, moravam em Copiah Co., Mississippi. Tiveram sete filhos, dos quais só três chegaram à idade adulta: um filho que morreu na guerra, Sarah Amanda Strong, que nunca se casou e Mary Matilda Strong, que se casou em 1848, com Warren Montgomery Ellis. Da união de Mary e Warren Ellis sabemos das seguintes filhas: Sarah Rebecca Ellis, Anne Ellis, Lílian Ellis e Mary Ellis, com o apelido de “Mallie” ou “Mollie”.

Sarah Rebecca Ellis casou-se, em primeiras núpcias, com Francis Marion Bankston. Em segundas, com Antonio Theodoro d’Oliveira Souza.



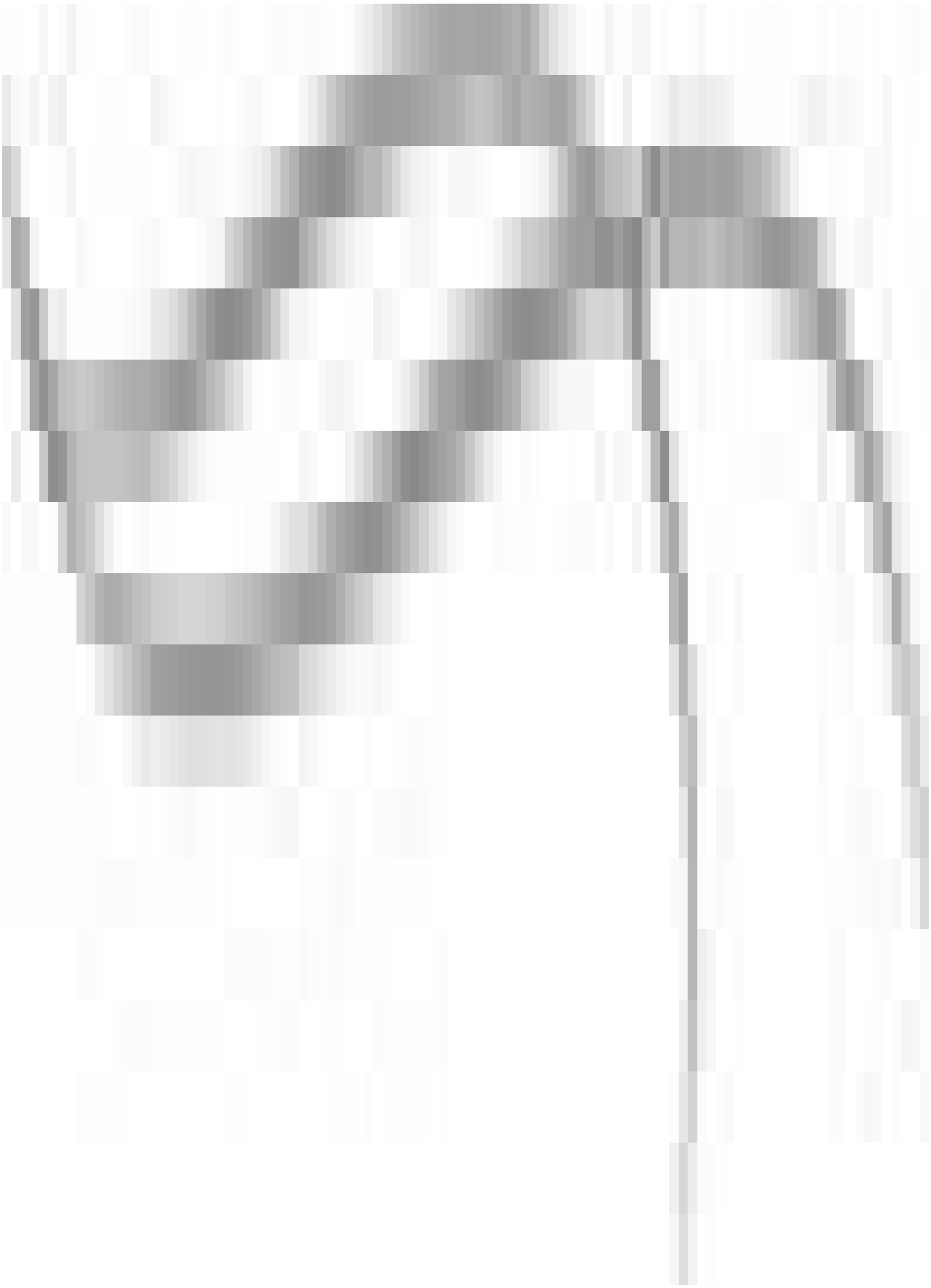
Depois da Guerra de Secessão e já viúvo, Henry Strong decidiu vir para o Brasil. Trouxe com ele a sua filha solteira Sarah Amanda Strong, sua neta Sarah Rebecca Ellis e o esposo Francis Marion Bankston, recém-casados. Mary Matilda Ellis viria mais tarde com as suas outras filhas.

A 17.05.1867, chegou o “Marmion” ao porto do Rio de Janeiro, procedente de NOrl, trazendo um grupo de emigrados dos EUA. Entre eles estavam Henry Strong, Sarah Amanda, Sarah Rebecca e Francis M. Bankston.

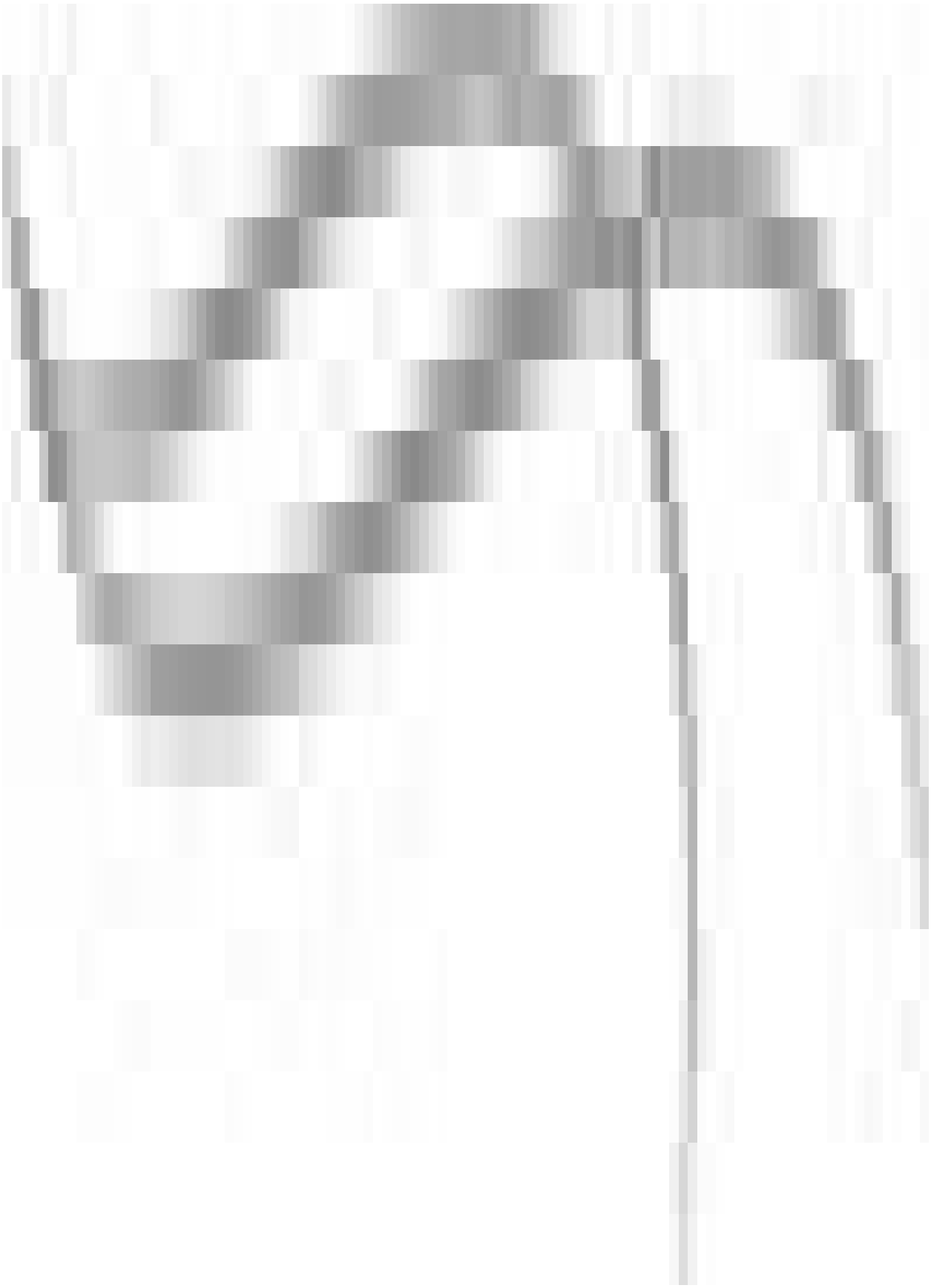
Estes estiveram no ES, tentando estabelecer-se com a colônia de emigrados do Rio Doce. Mas, não ficaram ali. Dirigiram-se para Sabará, MG, onde, a 28.09.1867, nasceu o primogênito de Sarah Rebecca e Francis. O menino tomou o nome de Henry M. Bankston. Logo depois, Henry Strong, sozinho, viajou para SBSP. Adquiriu a Fazenda Barrocão, não muito distante da Vila de SB. A 09.11 do mesmo ano, os membros da família saíram de Sabará e foram para SB, a fim de se reunirem a Henry Strong.

Mary Matilda Ellis, já viúva?, chegou ao Rio de Janeiro, a 09.12.1869, trazendo suas filhas Anne, Lílian e Mary. No dia 21 seguinte, viajaram com destino a SB, via Santos. (MPRJ. P. 87)

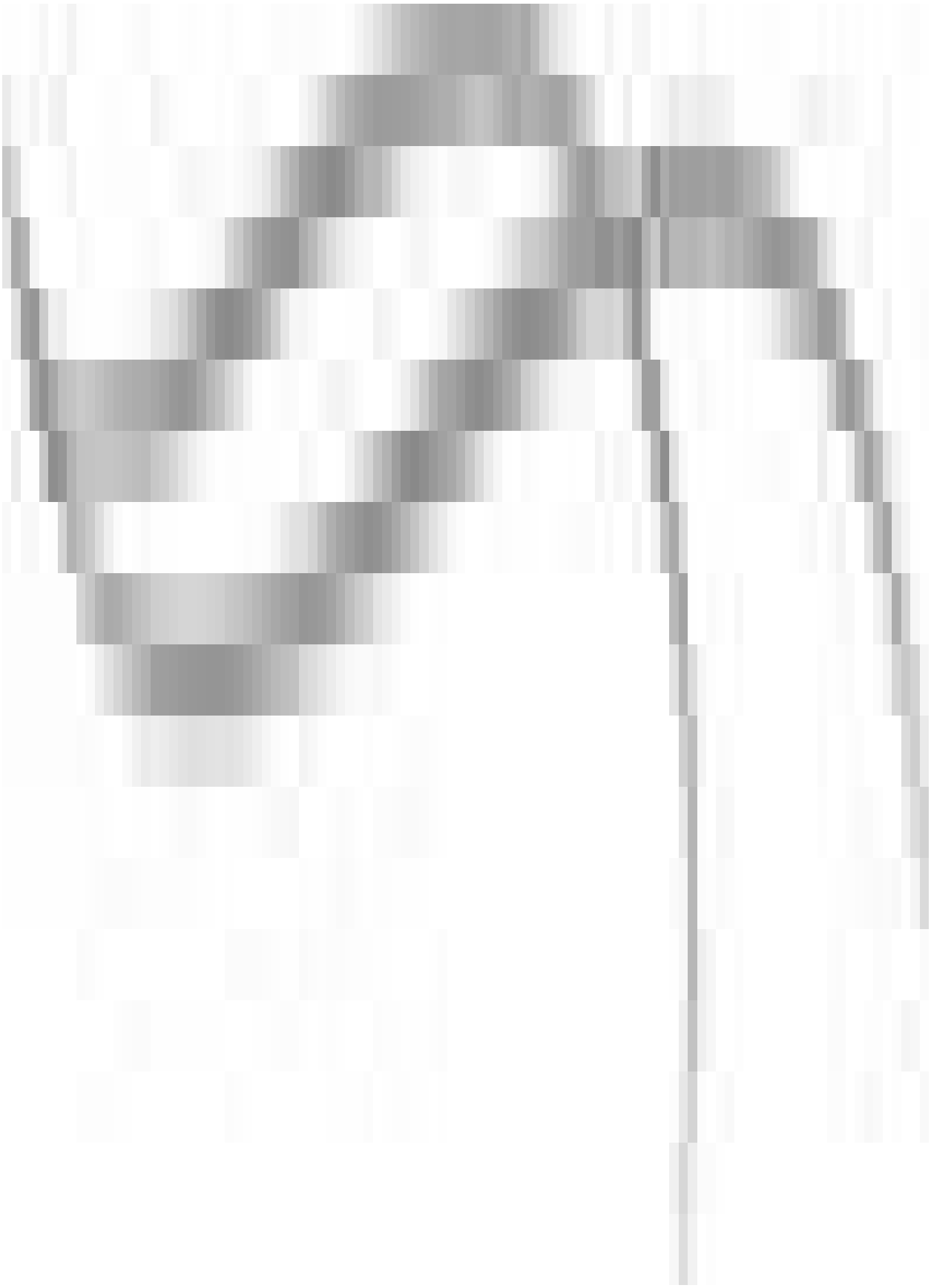
O encontro das duas famílias foi uma alegria. Na data de 25.08.1869, nasceu Nancy S. Bankston, filha de Sarah R. e Francis. Essa alegria foi diminuída com o falecimento de Henry M. doze dias depois! Há referência de sua inumação na propriedade de uma família alemã, residente na Vila de SB, devido à recusa da administração do Cemitério Municipal de ser ele ali inumado. Pela lei vigente, só os católicos tinham o direito de usá-lo. Se assim ocorreu, os restos mortais desse menino foram mais tarde trasladados para o Cemitério do Campo, onde existe um túmulo e lápide com o seu nome e datas. (NAITR, p. 22)



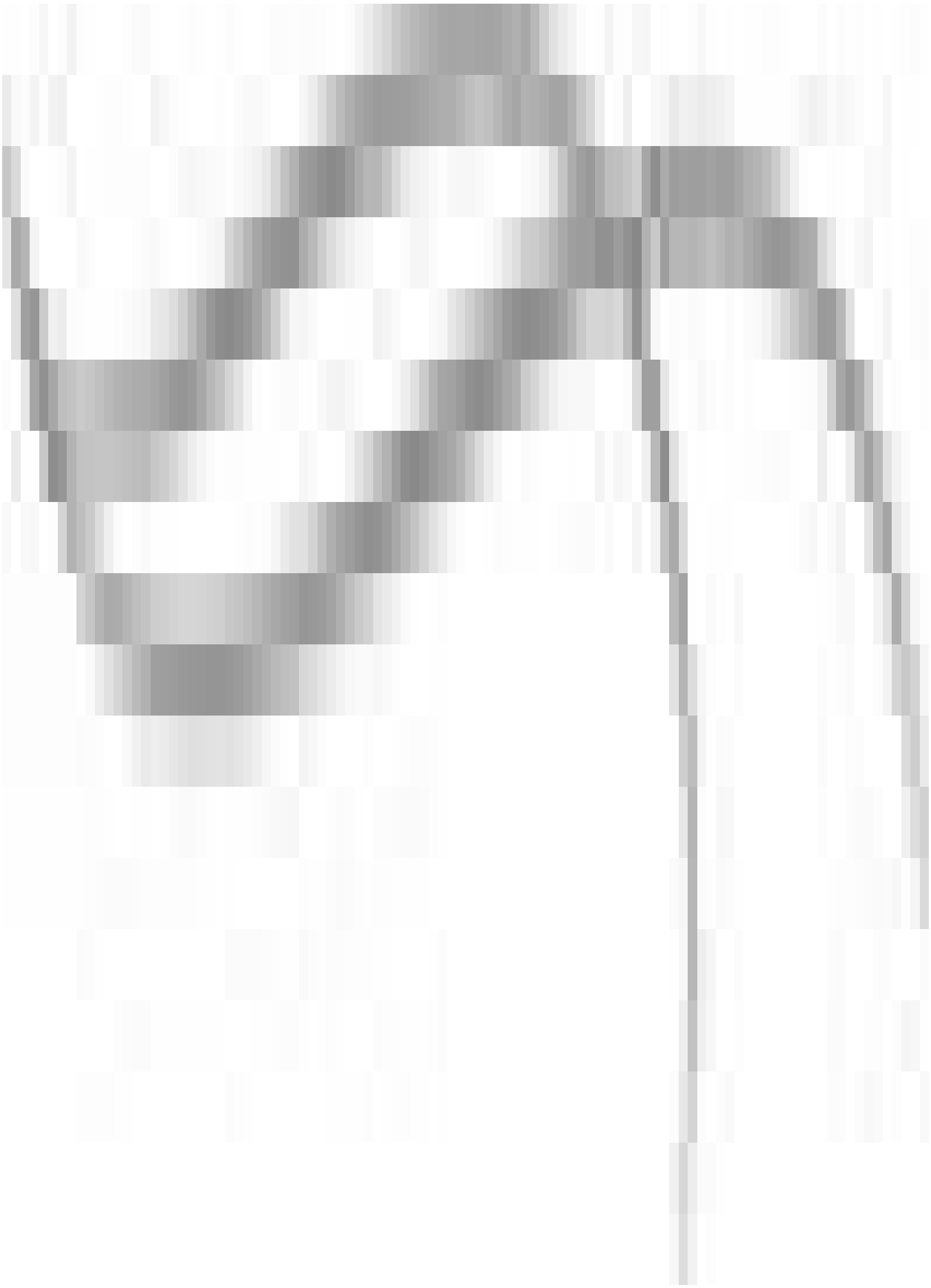
Sendo batistas, a família deveria estar na organização da Primeira Igreja Batista em solo brasileiro, em Santa Bárbara, a 10.09.1871, tendo o Rev. Richard Ratcliff como seu pastor fundador.



Sarah Rebecca e Francis tiveram outras filhas: Mary Lucille, nascida em 1872; Mallie Bankston, nascida em 1874; Lílian Elisabeth Bankston, nascida em 1876. Quatro dias antes de Francis M. Bankston falecer, solicitou a presença do escrivão e fez o seu testamento, datado de 19.09.1878. Nele são encontrados os nomes das filhas e da esposa, acrescentando que esta encontrava-se grávida. Não temos qualquer informação sobre a data do nascimento dessa criança, nem que nome tomou. Sarah Rebecca veio a casar-se, em segundas núpcias, com Antonio Theodoro de Oliveira Souza. Seu nome passou a ser Sarah Rebecca d´Oliveira Na sua pedra tumular está: Sarah Rebecca Ellis d'Olivera. Sarah faleceu a 02.06.1905. A certidão de óbito cita Bessie Oliveira Souza, de 17 anos, filha do segundo matrimônio.



Nancy S. Bankston veio a falecer a 03.12.1875, quando então com 6 anos de idade. Foi inumada no Cemitério do Campo. Nessa altura, ou um pouco depois, a família Bankston veio residir na Vila de SB, com a idéia de abrir um negócio. James N. Anderson, solteiro, um dos emigrados, já ali se encontrava com a sua loja de fazendas, secos e molhados, talvez como um tipo de bazar de interior. Ao que tudo indica, seu tio, John Absalon Cole, morava na área da Fazenda Machadinho. James adoeceu. Agravando-se o seu estado, Francis M. Bankston e esposa o acolheram em sua casa. A 27.10.1876, James fez o seu testamento, deixando os seus bens para a sua mãe, Catherine, nos EUA, e o seu tio J. A. Cole como executor do testamento. James estava “... muito mortal e grave...” de modo que, a pedido, Francis M. Bankston assinou o testamento, uma vez que James nem mais era capaz de fazê-lo. No mesmo dia este faleceu e seu corpo foi levado para ser sepultado no Cemitério de Campo. (NAITR, p. 26).



A 01.05.1877, Francis — “Frank” —, adquiriu, do espólio de James, a casa de comércio, na Rua da Boa Vista, na Vila de SB, passando a explorar o ramo das fazendas e armazém, mais tarde incluindo “gêneros da terra”. Esta informação nos vem das anotações de pagamento de impostos de alvará, nos livros que se encontram no Arquivo Municipal de SB, consultados, pessoalmente pela autora.

Francisco Mariano Bankston, tal como Francis já se assinava, ia progredindo, mas adoeceu, talvez de febre tifóide. Sentindo que o seu final estava próximo, mandou chamar o Tabelião para fazer o seu testamento, o que foi feito a 19.09.1878. Algumas testemunhas estavam presentes. Francis disse ser “casado segundo o rito de sua religião de protestante batista”; que além das filhas de seis, quatro e dois anos de idade, sua esposa encontrava-se grávida; que seus negócios e sua família ficariam sob a proteção do amigo William Ricardo Brown. Os livros de Deve-Haver estariam à disposição para que seus negócios fossem devidamente liquidados.

A 23.09.1878, quatro dias depois de assinar o seu testamento (cópia em nosso arquivo), Francis veio a falecer. Tinha 34 anos de idade e era filho de Malberry e Nancy Bankston.

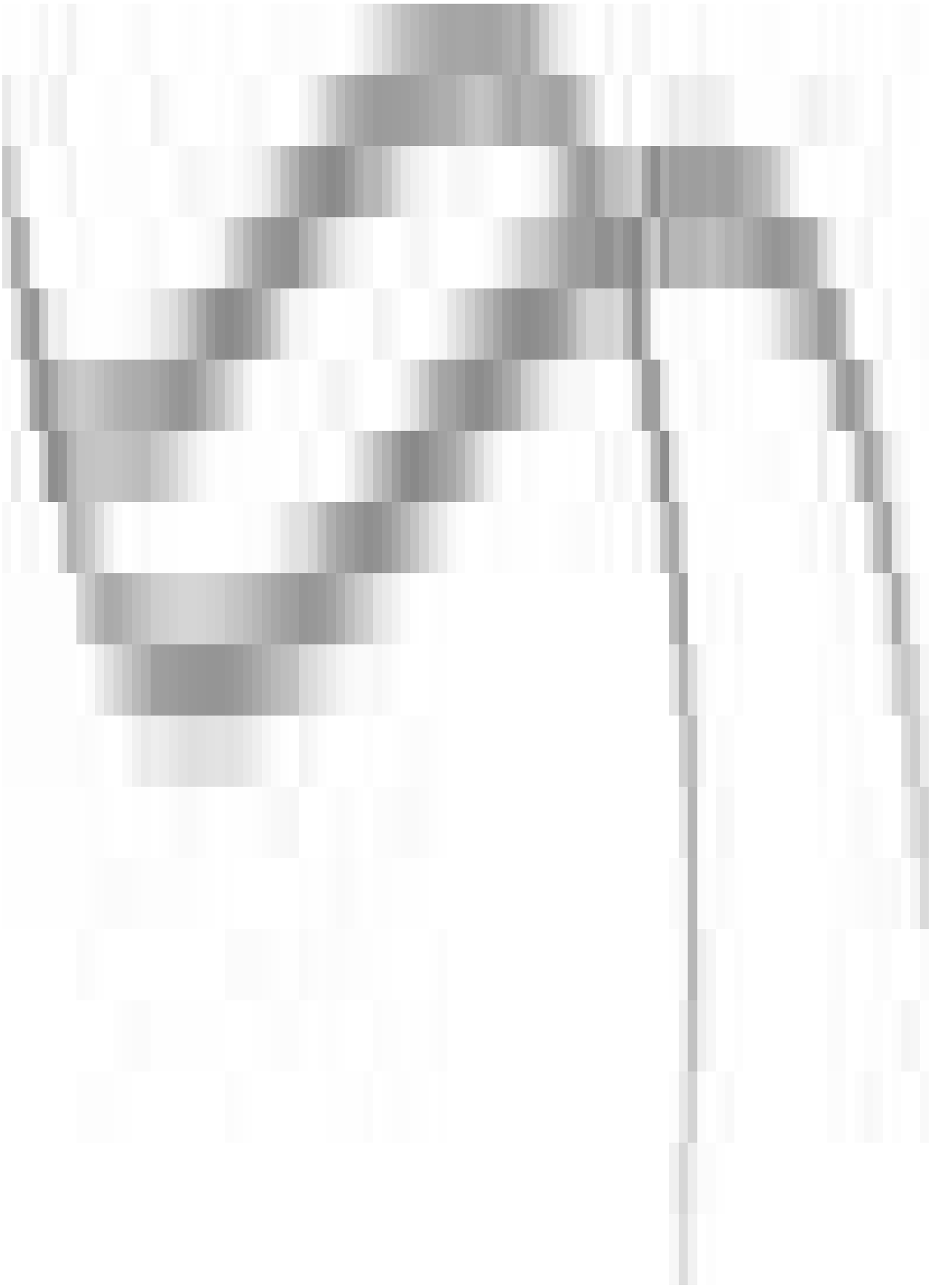
Pouco depois, a 06.11.1878, faleceu Henry Strong, e a 03.03.1879, também faleceu o amigo William Ricardo Brown, um consagrado membro da Igreja Metodista do Campo, SB. Os três foram sepultados no Cemitério do Campo. (NAITR, p. 21, 22)

A viúva, Sarah Rebecca Bankston, continuou dirigindo o negócio na Vila, até 1880, pois encontramos o registro do seu pedido de alvará de licença para o funcionamento do negócio.

Sarah Rebecca Bankston, em segundas núpcias, veio a casar-se com o viúvo Antonio Theodoro de Oliveira Souza, que era amigo da família. Ele fora vereador e o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Santa Bárbara. Daí em diante, o nome de Sarah passou a ser Sarah Rebecca d’Oliveira. É assim como este nome aparece entre os fundadores da PIB/SP, na data de 06.07.1899, sendo ela procedente da Igreja Batista de Santa Bárbara. Parece que a família esteve morando algum tempo em Piracicaba, depois de Campinas. Por fim, veio a fixar-se na capital, São Paulo. Em setembro de 1887, a família residia na Rua Victoria,

nº 32, conforme se vê no Registro de Casamento de Mary Lucille e Reynold Price Baird.

Sarah R. d’Oliveira faleceu a 02.06.1905, na capital de São Paulo, e foi sepultada no Cemitério dos Protestantes. .



Das filhas do casal Sarah Rebecca e Francis M. Bankston, temos que Mary Lucille casou-se com Reynald Prince Baird. Transcrevemos o registro de casamento feito a 29.09.1887, no Livro de Registro de Casamentos de acatólicos — E. 59-39, 2736, p. 14, 14v, que se encontra no Arquivo Municipal de S. Paulo, Rua da Consolação, nº 1024:

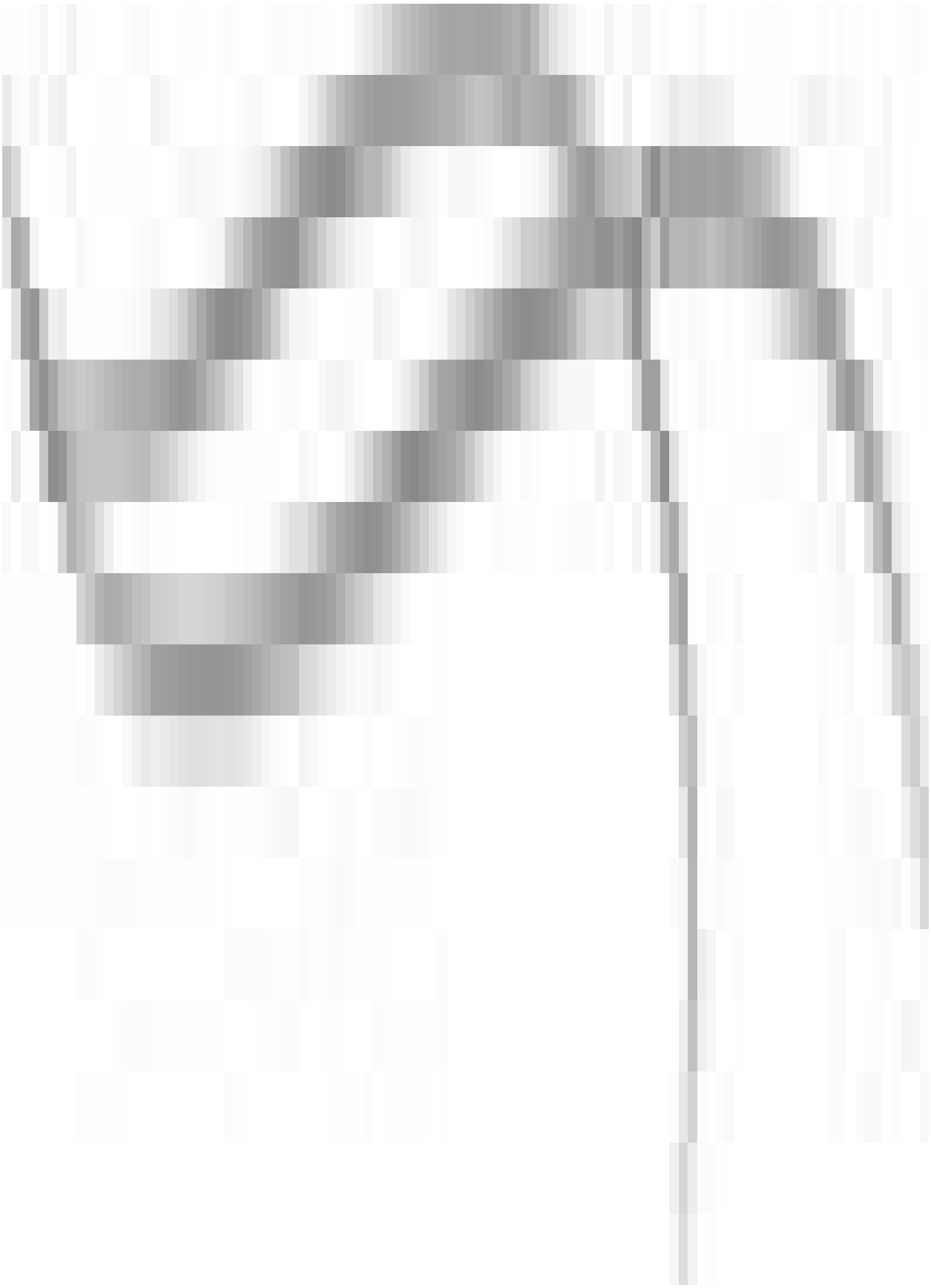
“Certidão de casamento. Eu abaixo assignado, Ministro do Santo Evangelho, com título registrado na Secretaria do Governo desta Província, na conformidade da lei,

Certifico que, no livro de casamentos da Igreja Presbyteriana desta Cidade, acha-se sob o número 81, o seguinte registro de casamento por mim celebrado: ‘Aos 22 de setembro de 1887, pelas 8 horas da noite, na casa do Senhor Antonio Theodoro de Oliveira e Souza, à Rua da Victoria, nº 32, tendo corrido os proclamas do costume, sem se descobrir impedimento algum, e sendo presentes como testemunhas os Snr. Dr. Horace M. Lane e Remigio de Cerqueira Leite, eu, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, Ministro Evangelico, celebrei pelo Rito religioso da Igreja Presbyteriana o acto do casamento do Sr. Reynold Price Baird, filho legítimo do Rev. James R. Baird e D. Elisa Baird, de 30 annos de idade, solteiro, guarda-livros, natural dos Estados Unidos e morador a Rua do Barão de Itapetininga nº 53, com a Sra. D. Lucille Bankston, filha legítima de Francisco Mariano Bankston e D. Sallie Rebecca de Oliveira, de 16 anos de idade, solteira, natural desta Província e moradora à Rua da Victoria, nº 32. Reynold Prince Baird. Lucille Bankston. Horace M. Lane. Remigio de Cerqueira Leite. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa.’ Nada mais se contem no referido registro. São Paulo, 23 de Setembro de 1887. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa. Está conforme. O Secretrº. da Camara Antonio Joaq.da Costa Guimr.”

A transcrição total do documento tem em mente outras pesquisas, e ainda oferecer detalhes que comprovam o que temos afirmado sobre o assunto.

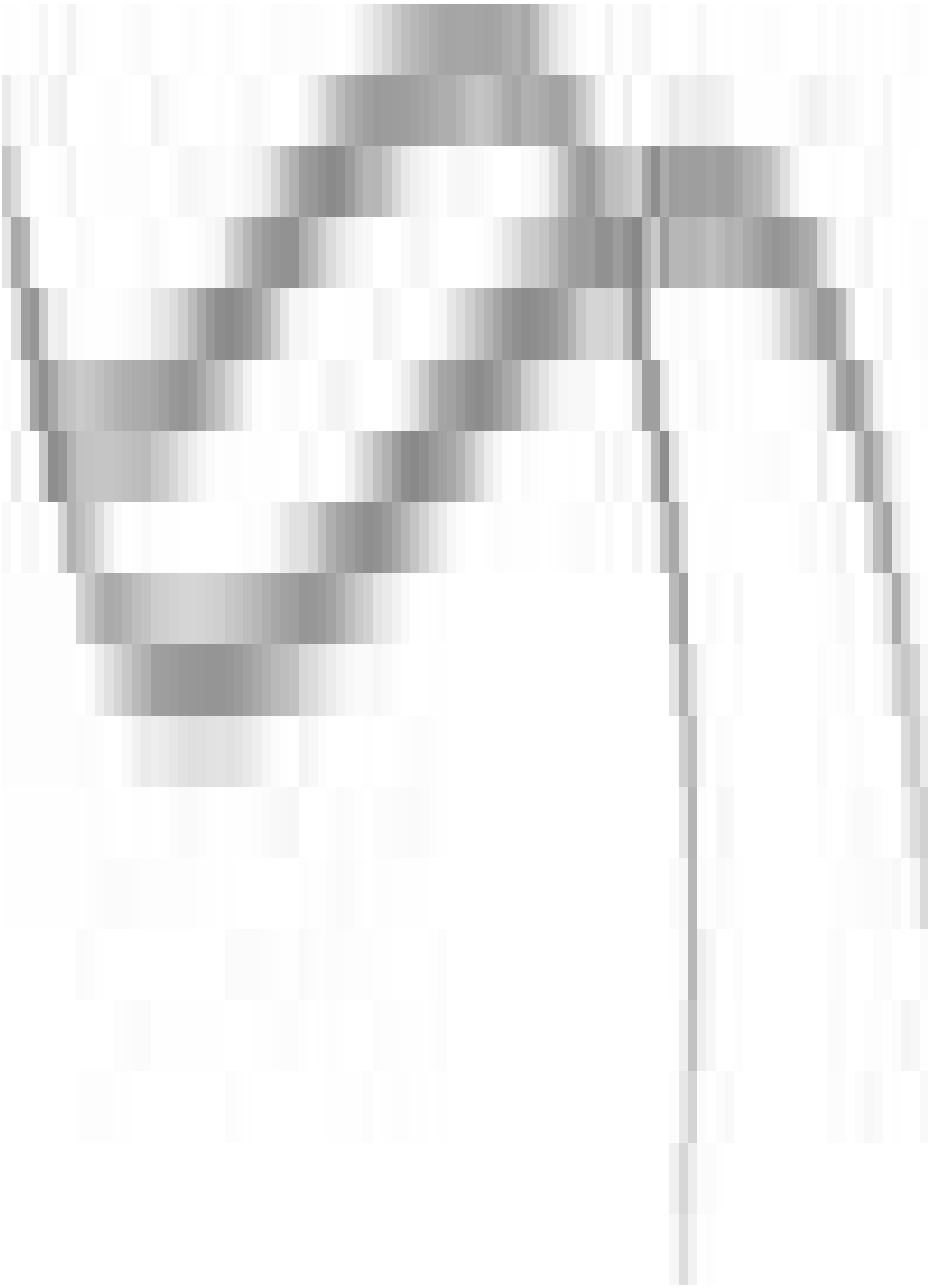
Assim, Reynald Price Baird e Lucille Bankston Baird foram trabalhar no Ceará, como missionários presbiterianos, de 1896 a 1900, ano de sua retirada do Brasil. Lucille, ou Mary Lucille, como é mencionado no testamento paterno, havia levado a sua irmã Lílian Elisabeth para ajudá-la no magistério; mas pouco depois de chegarem no Ceará, Lílian E. faleceu vitimada pela febre amarela. (HIPB-I- p. 325, 339; e SD, p. 328)

Mallie Bankston casou-se com Arthur Frederick Hawthorn. Estes viveram e morreram em SBSP. Ambos foram sepultados no Cemitério do Campo.



Das filhas do casal Mary Matilda e Warren M. Ellis, temos que Anne casou-se com William Henry Capps. Este foi um dos secretários da PIB/SB. Lílian, nascida a 15.06.1857, casou-se com John Edward Steagall. Na data de 20.12.1885, com 28 anos de idade, ela faleceu, deixando a filha Mallie pequenina. Lílian foi sepultada no Cemitério do Campo, tendo oficiado a cerimônia fúnebre o Pr. E. H. Soper. A pequenina Mallie, com quatro meses de idade, ficou sob os cuidados da tia Sarah Amanda Strong.

Mallie estudou por algum tempo no Instituto Piracicabano. Ali conheceu James Joseph Coachman, filho de Dr. John William Coachman, mencionado por Dr. Bagby, quando de sua chegada ao Rio de Janeiro. Mallie casou-se com James J. Coachman, a 26.06.1902, em SBSP, conforme certidão em nosso arquivo. O túmulo de Mallie encontra-se no Cemitério dos Protestantes, na Gamboa, Rio de Janeiro. A inscrição de sua lápide diz: “IN LOVING MEMORY / OF / MOLLIE STEAGALL COACHMAN / BORN AUGUST 28, 1885 / DIED MARCH 8, 1953.”



Mary, a outra filha de Mary Matilda e Warren M. Ellis, casou-se com Robert McIntyre, a 22.05.1878, em cerimônia realizada na casa do seu avô, Henry Strong, no Barrocão, SBSP. Oficiou a cerimônia do casamento o Rev. George Nash Morton, uma vez que o Rev. R. Ratcliff tinha retornado para os EUA, dez dias antes. Temos a certidão desse casamento. Mary Ellis McIntyre abriu um colégio em Campinas. Levou-o mais tarde para a capital, São Paulo, com o nome de Colégio Progresso. Em fins de 1901, este foi por ela vendido para D. Anna L. Bagby. Ficava na Alameda dos Bambus, nº 5. Esse Colégio é o que hoje se chama Colégio Batista Brasileiro, em Perdizes, São Paulo, SP, na Rua Homem de Melo. (Ver pág. 637)

A 19.12.1923, D. Mary McIntyre, já viúva, domiciliada na capital de São Paulo, esteve em SBSP, para quitação de negócios do falecido João Eduardo Steagall, como inventariante do espólio do mesmo. Ele era cunhado de Mary McIntyre. (Documento no Cartório de Nota de SBSP)

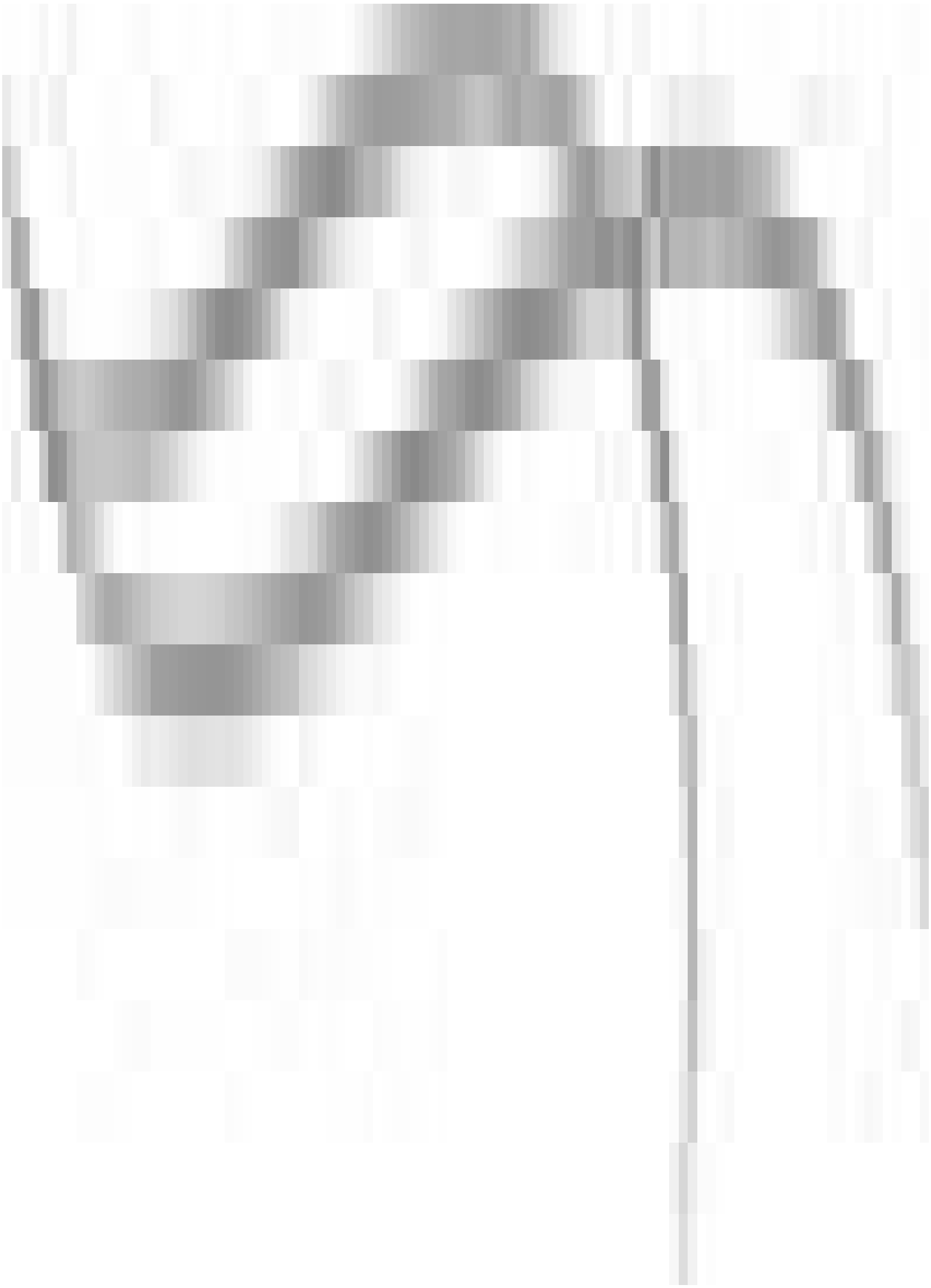
Mary e Robert McIntyre foram os pais de Perola Ellis McIntyre, Mary McIntyre e Lilian McIntyre. (A repetição do nome obriga-nos a repetir os sobrenomes para a devida identificação). Perola casou-se com Albert Jackson Byington. Este faleceu em 1952 e ela em 1963, em Nova York. O casal teve dois filhos: Albert Junior e Elisabeth. Albert Junior veio a ser o pai de Lilá Byington, que se tornou a esposa de Paulo Egídio Martins, que por um período, foi Governador do Estado de S. Paulo.

Perola Ellis Byington realizou trabalho relevante na área assistencial, em S. Paulo e no país. Servia na Cruz Vermelha, no BR e nos EUA, durante a Primeira Guerra Mundial. No fim destas notas biográficas da família, incluímos um resumo das inúmeras realizações dessa mulher cheia de amor e carinho pelos que sofriam.

Sua avó, Mary M. Ellis, não conseguiu fazer funcionar um orfanato em SBSP, porque Deus a levou. Mas, Perola multiplicou para o Brasil inteiro o amparo aos órfãos, às crianças pobres, viúvas e mães desprotegidas.

A cidade de Perola, no interior do Estado de SP, tem esse nome em homenagem a Perola Ellis Byington. Na cidade de SB, há uma avenida com o seu nome. (Ver Imagem E35 na pág. 670)

Percebo que alguém perguntará o que isto tem a ver com o trabalho batista em SB, e no Brasil. Perola fez as suas obras resplandecerem diante dos homens, conforme Mateus 5.16.



Mary Matilda Ellis foi a hospedeira, por 40 dias, do casal Bagby. Foi ela a autora daquela “carta do céu”, mencionada por Dr. Bagby. A Fazenda Barrocão poderia ter sido preservada, como um ponto histórico da História dos Batistas. Hoje, porém, no seu lugar, só existe a lembrança de sua utilidade num chão plantado de cana! E em nossos corações está a lembrança que renova em nós as recomendações que temos em Hebreus 13.2 e 16, ou seja, a hospitalidade e a beneficência.

Mary, essa mulher cristã, apesar dos reveses, estava sempre a par do que se ia passando nos arraiais batistas nos EUA, pois era assinante do FMJ. (Ver parte “D”, 26.08.1882.)

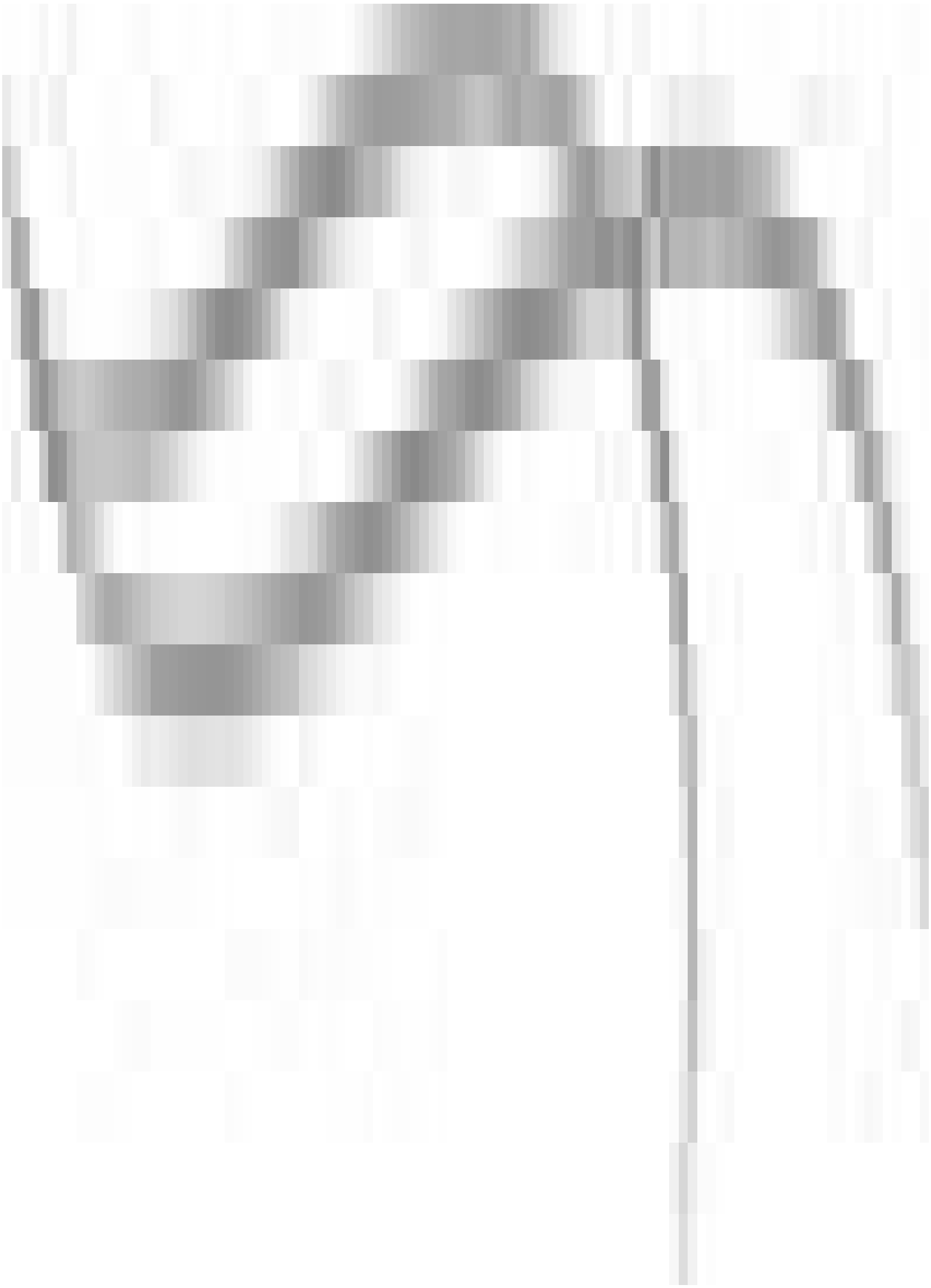
Conforme registrado no seu Necrológio, a sua morte não era esperada tão cedo. Ela estava entusiasmada pelo estabelecimento de um orfanato, já tendo dois órfãos sob os seus cuidados. (Ver parte “D”, 08.01.1887.) Vítima de febre tifóide, ela veio a falecer a 15.11.1886. o missionário E. A. Puthuff, então pastor da PIB/SB, oficiou a cerimônia fúnebre. A sua sepultura está no Cemitério do Campo. (NAITR, p. 21).

Meditamos naquele desejo ardente de Mary M. Ellis, qual Dorcas “cheia de boas obras”. O que ela imprimiu na sua descendência confirma o que dela se escreveu: “... é um dos mais eficientes e fiéis soldados de Cristo; é uma cristã das mais zelosas, de piedade consistente e de vida útil para a Causa, que ela tanto amou”.

A 08.01.1887, a PIB/SB reuniu-se e realizou um culto em sua memória. Votou que D. Emma Fox Puthuff, a esposa do missionário, e mais a professora Lovie Fielder escrevesse o necrológio para ser enviado à FMB. Assim, em 19.01.1887, D. Emma escreveu o seguinte:

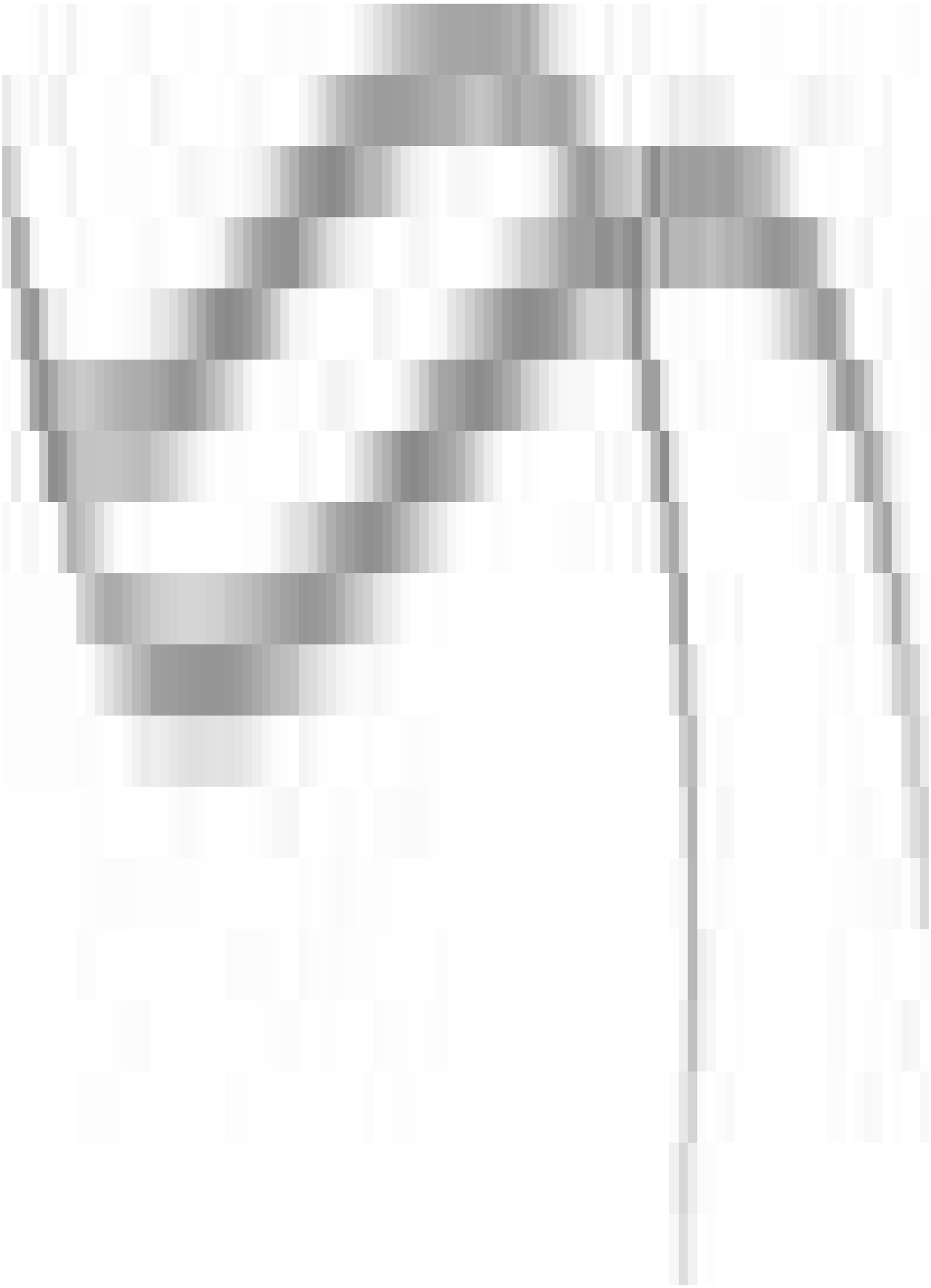
“Prezado Dr. Tupper: fui solicitada pela igreja a fim de lhe enviar a notícia que segue junto para publicação no FMJ. Alegramo-nos por poder acrescentar que neste caso, como em outros, nosso Pai tem misturado as alegrias com as tristezas. Desde o falecimento de nossa mui querida irmã, seis pessoas foram acrescidas ao nosso número de membros, sendo um por batismo e cinco por

reconciliação. A igreja parece muito reavivada, e nós, com toda a devoção, marchamos para uma grande colheita num futuro próximo. Pedimos as orações para que Deus abençoe os nossos esforços aqui em Santa Bárbara. Na esperança, Emma Fox Puthuff.”



Mary Matilda Ellis fez o seu testamento, conforme Certidão no arquivo da autora deste trabalho. Se ela fez outro testamento ou algum codicílio antes de falecer, não o encontramos. Registrado no Cartório de Notas, em SBSP, Livro de Notas nº 20, fls. 69/70. Mary Ellis faleceu a 15.11.1886.

“Testamento ou Codicílio que faz Dona Mary Matilda Ellis. Saibam quantos este público instrumento de testamento aberto ou Codicílio virem que sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e três anos aos vinte e oito dias de mês de fevereiro do dito ano, neste município da Vila de Santa Bárbara, no Termo e Comarca de Piracicaba, no sítio denominado Barrocão onde a chamado fui sendo eu Escrivão de Paz servindo de Tabelião, aí presente a testadora, Dona Mary Matilda, a qual se acha em seu juízo perfeito, e declarou ter (digo) presentes as testemunhas no fim nomeadas e assinadas, ter cincoenta e dois anos de idade, de Norte America, natural da Província de Mississippi, sendo viúva de Warren Montgomery Ellis, tendo desse matrimônio quatro filhas de nomes Sarah, Anna, Lillian, Mollie, assim quer fazer o seu testamento pela forma e maneira seguinte: que tendo herdeiros forçados, e não podendo dispôr senão de sua terça conforme a lei, dispôe na forma seguinte: Entre seus bens possui uma escrava de nome Ephigenia, dispôe de sua terça que será aplicada sobre a dita escrava, a favor de sua irmã Dona Sarah Amanda Strong; declara mais que sua irmã Sarah Amanda Strong lhe é devedora da quantia de duzentos mil réis, o qual dinheiro será dividido igualmente entre suas quatro filhas. E são estas as suas últimas vontades (digo) filhas nomeia para seus testamenteiros em primeiro lugar a William Henry Capps, e em segundo lugar a Robert Mc Intyre, são estas suas últimas vontades. E como acima disse e pediu neste assentamento que lhes li achou conforme e assina com as testemunhas Junius E. Newman, Orville Whitaker, William Godfrey, lavradores, John E. Steagall, dentista, John Domm, ferreiro, do que tudo dou fé. Eu, Alfredo de Morais Lima, Escrivão o escrevi.”

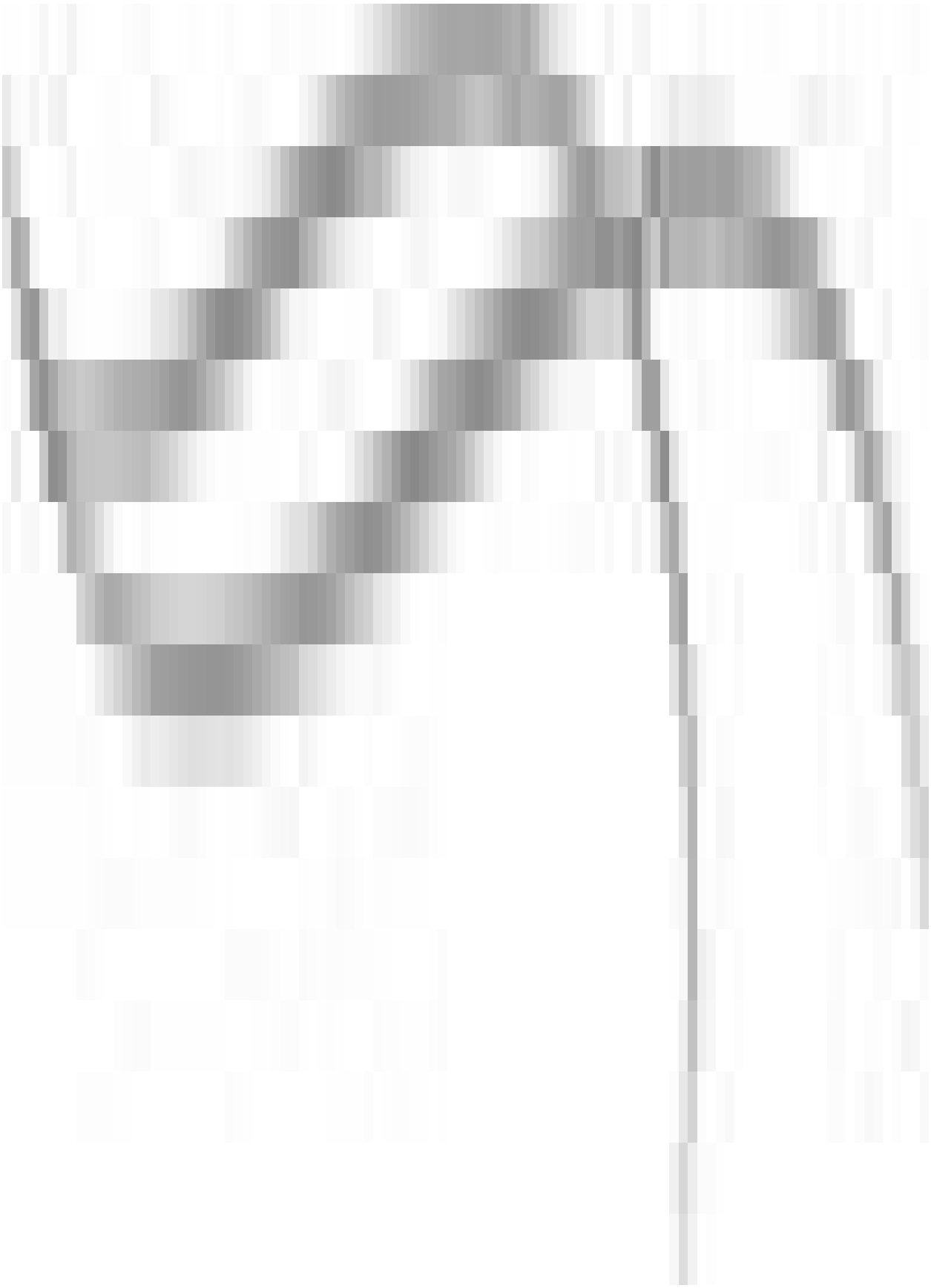


Não localizamos qualquer testamento de Henry Strong determinando sobre a sua propriedade, a Fazenda Barrocão.

A 08.05.1976, por ocasião da posse de D. Judith MacKnight Jones, autora do livro Soldado Descansa, como membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ela proferiu o seu discurso sobre D. Perola Ellis Byington. Tivemos ocasião de assistir à sua posse. Temos uma cópia do seu discurso, por ela mesma ofertado, do qual retiramos algumas informações para o resumo que ora apresentamos.

A Revista “Claudia”, São Paulo, SP, Editora Abril Ltda., ano III, nº 17, fevereiro de 1963, p. 35, dedica um comentário sobre D. Perola Ellis Byington, na seção, “Presença de Mulher”.

Além do que acima mencionamos, retiramos elementos para este resumo de Notas de Cartório e Notas do Arquivo Municipal de Santa Bárbara; SD, p. 52, 117, 183, 184, 242, 250, 270, 294, 328, 330, 336, 350, 353. MPRJ, p. 87; NAITR, p. 20, 21, 22, 26; HIPB-I-, p. 325, 339.



A seguir, um resumo das inúmeras realizações, de D. Perola Ellis Byington:

Durante a Primeira Guerra Mundial, dirigiu uma seção da Cruz Vermelha Internacional, com nove dispensários, merecendo elogios do Alto Comando, nos EUA; na volta para o Brasil, assumiu, em São Paulo, a secretaria da Cruz Vermelha e foi a diretora do seu Departamento Feminino.

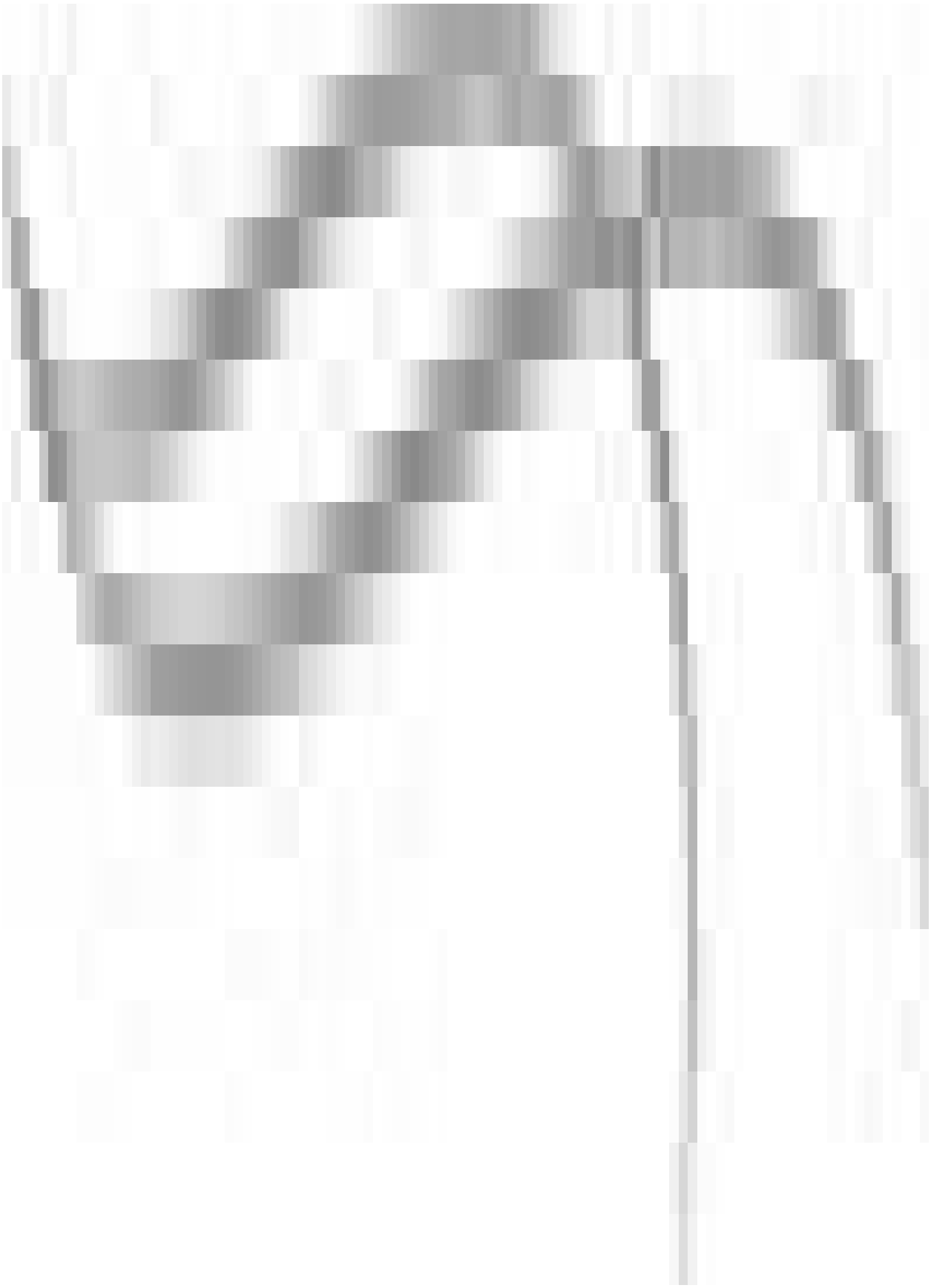
Em 1929, durante a crise mundial, juntou amigas, parentes e membros de sua igreja para confecção de roupas destinadas aos pobres. Todo o trabalho foi feito na sua própria casa. A 12.08.1930, lançou as bases da Cruzada Pró-Infância, na Escola Caetano de Campos. A Cruzada funcionou no porão de sua casa. Av. Paulista, São Paulo, atendendo a crianças pobres. O Hospital Cruzada Pró-Infância, que fica na Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 683, na cidade de São Paulo, é conhecido como Hospital Perola Byington e deve estar ligado àquela dita Cruzada.

Pouco depois, foi criado o Dispensário Central, à Rua Sta. Madalena. Pela Cruzada acima, foi instituída a Semana da Criança, reconhecida no primeiro ano, pelo governo. Estendeu-se a seguir, por dez cidades de S. Paulo, e em nove Estados brasileiros.

Fundou a Casa Maternal, destinada ao abrigo de gestantes e mães; o Lactário Humano “Escola de Saúde”, no antigo Parque D. Pedro II, para crianças retardadas; 18 Centros de Assistência Social foram abertos na cidade de São Paulo, na mesma época, ou seja, no ano de 1930.

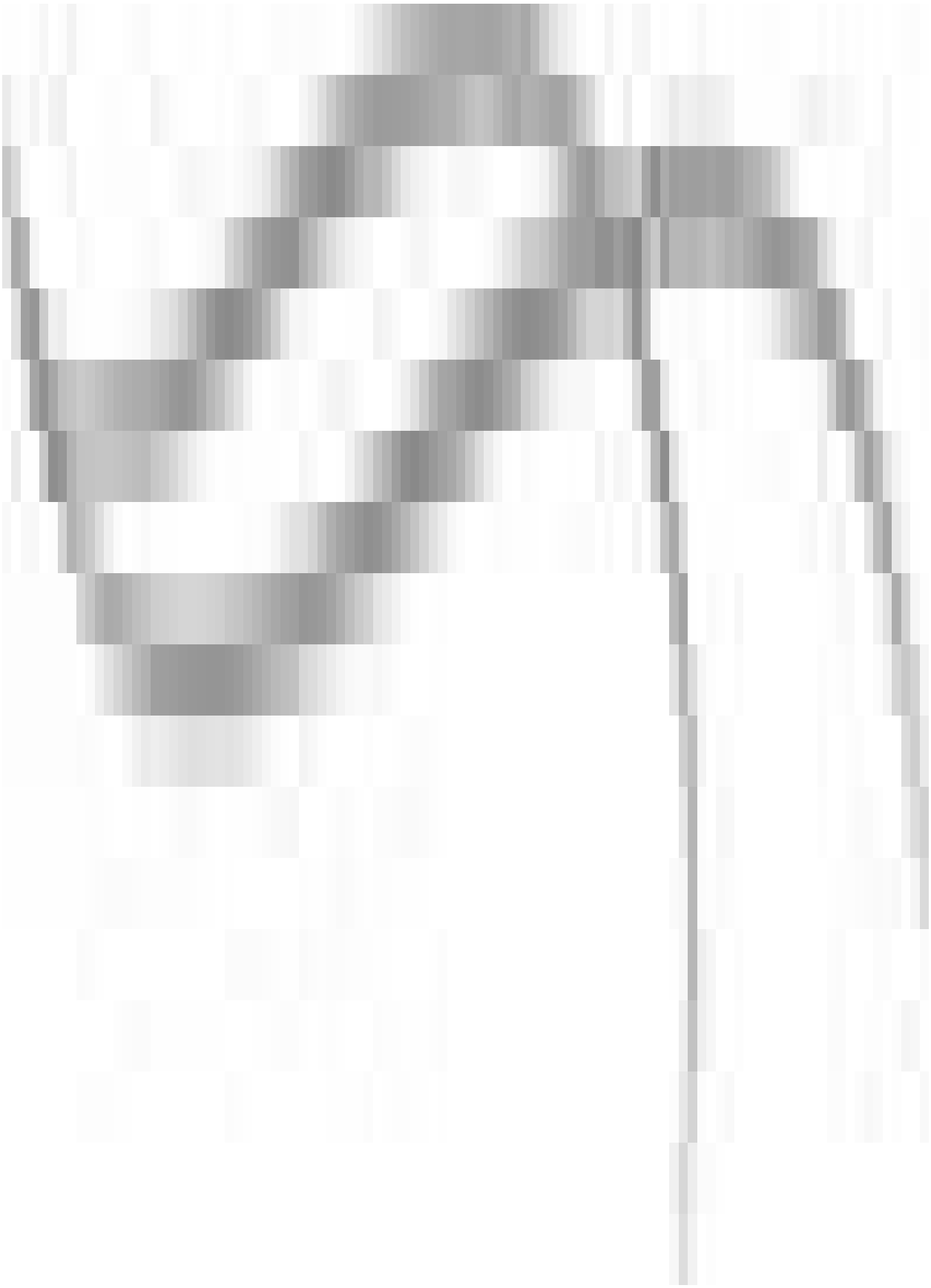
Em 1934/1935, a mesma Cruzada encetou uma campanha contra o mau cinema e acidentes de trânsito. Em 1941, participou da criação do Lar-Escola S. Francisco, destinado a crianças pobres paraplégicas e hemiplégicas. Nesse mesmo ano, fundou o Centro de Nutrição e restaurantes populares para os filhos de trabalhadores.

Em 1947, fez construir um Berçário à Rua Conde S. Joaquim e uma Creche, à R. D. Veridiana, hoje Alameda Tietê, com o nome Mario Simonsen.



D. Perola Ellis Byington faleceu a 06.11.1963, em Nova York.

“... A Sra. Perola Ellis Byington, homenageada pela Standard Oil com o prêmio de Honra ao Mérito, e inscrita na Ordem Nacional do Mérito no grau de Comendador, é um atestado vivo da presença da mulher no Serviço Social.” (In Claudia, fev. 1963, p. 35).



Edwin Herbert Soper

(1895 — ?)

Edwin Herbert Soper nasceu em 1859, em Hants, perto da Ilha de Wight, Southampton, na costa sul da Inglaterra. Era o filho caçula de William e Mary Soper. Os membros de sua família eram batistas.

Aos 15 anos de idade, Edwin tornou-se um homem do mar, contrariando, assim, a vontade de seus pais que desejavam que ele fosse um engenheiro.

Converteu-se aos 23 anos de idade e foi batizado um ano depois, na Igreja Batista East Street, Southampton, Inglaterra. Em 1884, veio para o Rio de Janeiro a fim de ser evangelista entre os marinheiros de língua inglesa. Pouco tempo depois, o grupo que o sustentava veio a falhar nesse sustento. A 01.10.1884, tornou-se membro da PIB/RJ, passando a residir com o Dr. W. B. Bagby, então pastor da recém-organizada igreja.

Em março de 1885, o Dr. Bagby e o jovem E. H. Soper viajaram para SBSP, onde realizaram um bom trabalho com os batistas ali residentes. Serviu como evangelista durante algum tempo e, a 16.08.1885, ele foi consagrado ao Ministério da Palavra, pelo pedido da PIB/RJ, na PIB/SB, tendo o Dr. Bagby e o Pr. R. P. Thomas como Concílio para essa consagração. No dia anterior, 15, a PIB/SB reunida em seção votou convidá-lo para ser o seu pastor. (Ver parte “D”, 15 e 16.08.1885. Imagem E24 na pág. 666)

Temos que E. H. Soper assumiu o pastorado da igreja no dia 16.08.1885, quando foi consagrado ao ministério.

Pouco tempo depois, Soper foi nomeado missionário da FMB-SBC.

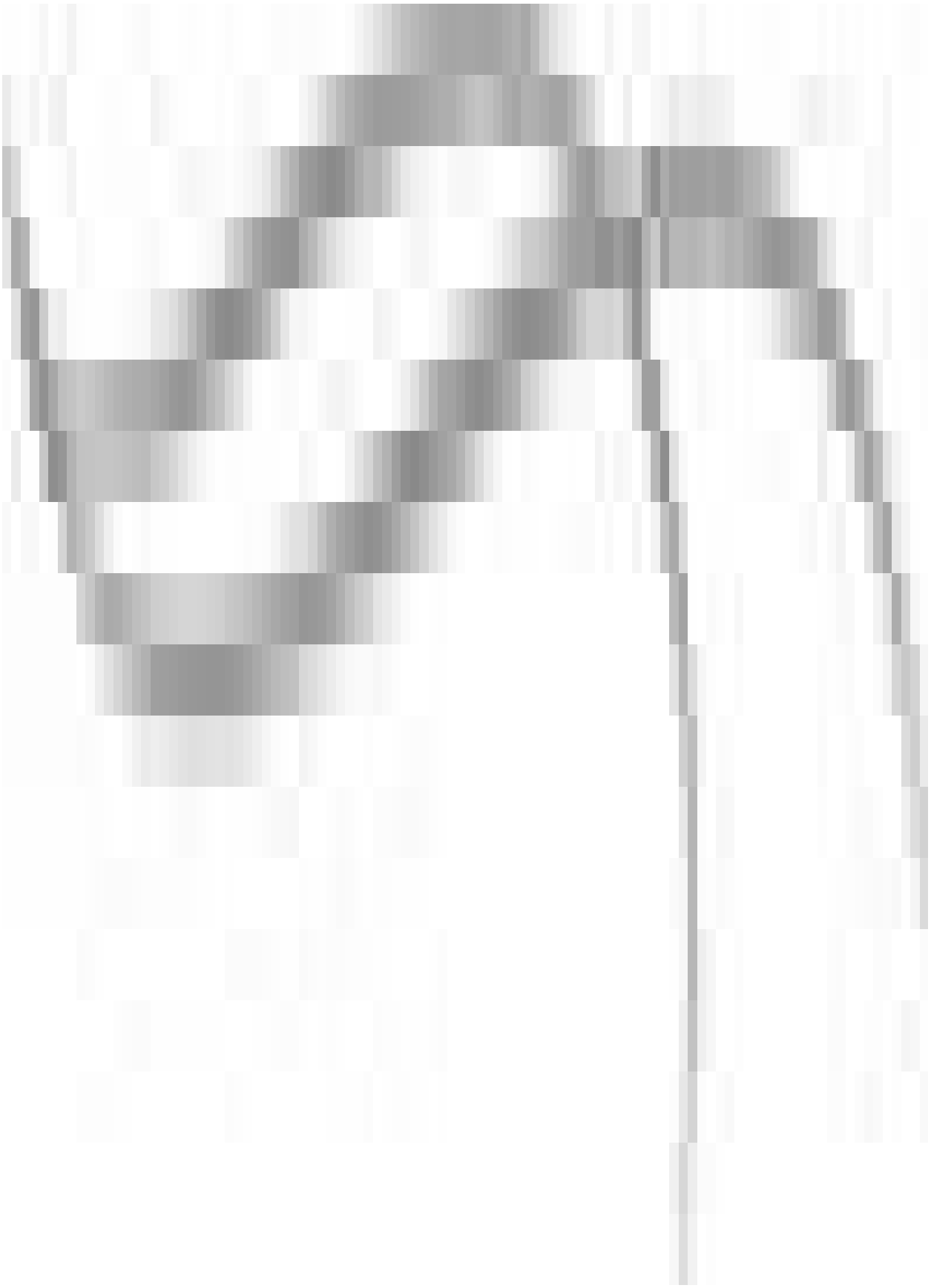
Com a viagem de Dr. Bagby e sua família para os EUA, a 17.02.1886, o jovem Soper foi chamado a vir de SB para o Rio de Janeiro, a fim de ficar respondendo pela Missão, na ausência de Dr. Bagby. Temos que Soper exonerou-se da

PIB/SB, a 01.08.1886, a favor do missionário E. A. Puthuff.

Durante a estada de Dr. Bagby nos EUA, E. H. Soper casou-se com a jovem Grace Emily Gennard Mallaber. A cerimônia religiosa, com direitos civis, de acordo com o Decreto Imperial, foi realizada na Igreja Congregacional Fluminense, no Rio de Janeiro. Grace era membro da PIB, RJ. Ela era inglesa, filha de William e Emily Mallaber, tendo chegado sozinha ao Brasil. Foi professora da Escola Bíblica Dominical, na PIB/RJ. Ajudou o esposo no trabalho de visitação e tocava o pequeno órgão portátil que ela havia trazido da Inglaterra.

O filhinho primogênito do casal faleceu na capital de São Paulo, durante um tempo que ali esteve. O segundo filhinho, de nome Percy, viajou com a mãe para a Inglaterra. Ambos precisavam de um tratamento de saúde. O missionário Soper seguir mais tarde. É provável que, durante um período de trabalho em Minas Gerais, ele tenha adquirido beri-beri. Assim, na continuação das atividades verificou não mais poder prosseguir. Na última semana de abril de 1893, retirou-se do campo missionário no Brasil.

Os atos do seu ministério com a PIB/SB podem ser acompanhados pelo Índice, com documentos da parte “D” e comentários na parte “C”.



Zachary Clay Taylor

(1851 — 1919)

Zachary Clay Taylor nasceu no ano de 1851, perto de Jackson, Mississippi, sendo filho de B. W. Taylor e neto de William Taylor, de Anson Co., Carolina do Norte, segundo ele mesmo registrou numa curta autobiografia, publicada no FMJ-SBC, março de 1882. Seu avô era ministro batista. Em 1865, a família mudou-se para o Texas.

Sua mãe, antes Miss Sallie E. Cordell, era também de Mississippi, de Warren Co.. Ela era um modelo de vida, desde a sua infância. Aos 18 anos de idade ZCT uniu-se à Igreja Liberty, em Houston Co., Texas.

Diz-nos ele:

“Houve assim uma inteira modificação na minha vida. Um irmão sugeriu-me ler o Texas Baptist Herald. Li-o com grande interesse. Senti sede de mais conhecimento. Consegui outros jornais. Comecei a ir à escola e a ensinar, alternadamente, estudando medicina à noite enquanto ensinava.

Em 1875, entrei para a Baylor University, onde terminei um curso literário em 1879. Trabalhei na Sociedade Bíblica Americana. Fui consagrado ao Ministério da Palavra, em junho de 1879, em Independence. (...) Ensinando agrimensura capacitei-me a entrar no Southern Baptist Theological Seminary, em fev. de 1881. Nos seis primeiros meses de minha conversão senti que haveria um trabalho para eu fazer. Tive muito problema para decidir essa questão. Qualquer trabalho era preferível àquele de pregar. (...) Um dia, quando meu pai veio ver-me, encontrou-me em lágrimas. Perguntando-me a causa, expliquei-lhe os meus sentimentos. Advertiu-me para ser cuidadoso na minha decisão. Ele prometeu

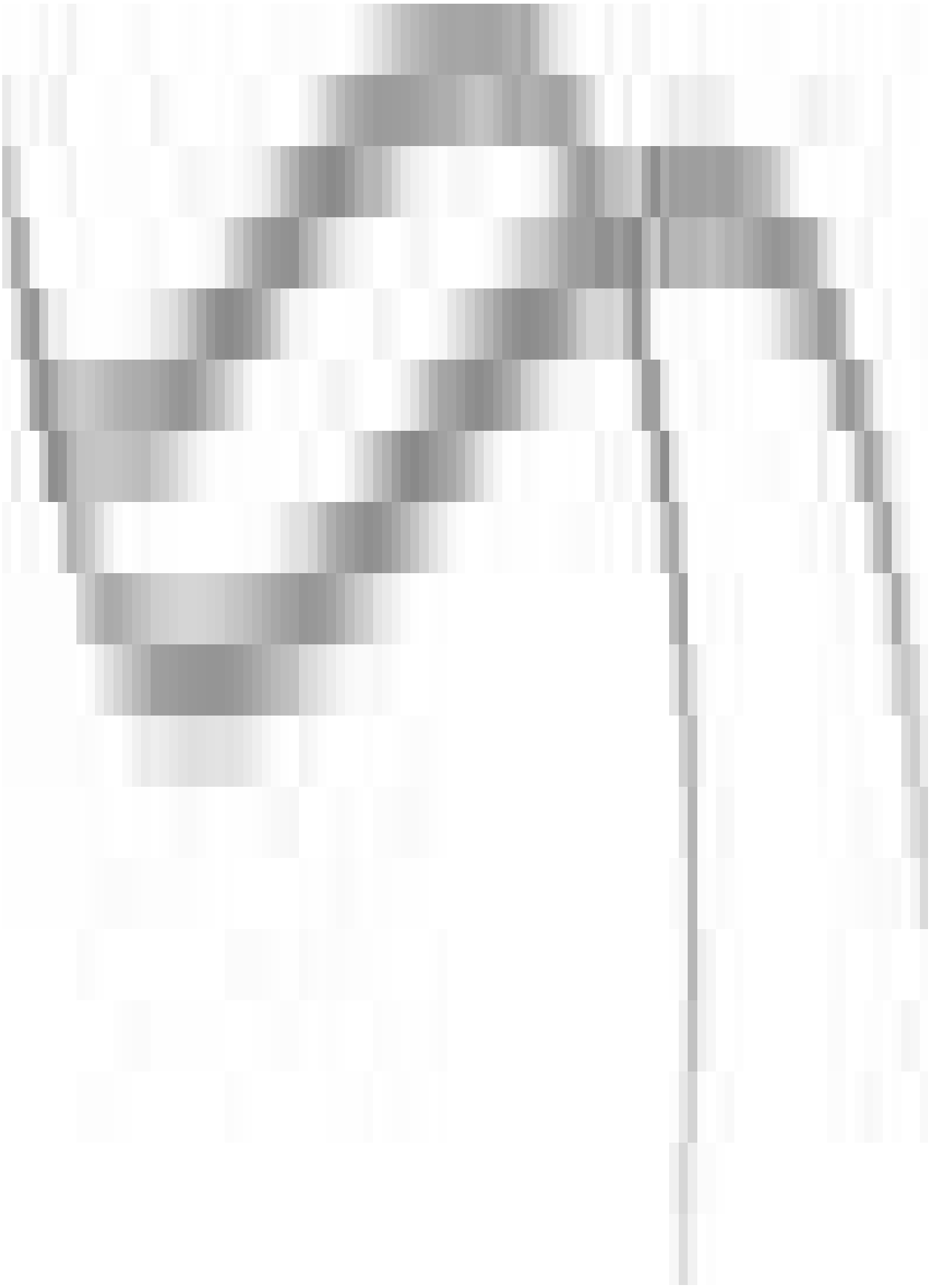
cooperar comigo nas orações. (...) Por fim, senti que não poderia ser feliz, a não ser que eu pregasse. O encontro com jovens ministros, na Waco University, trouxe-me a decisão. Vendi meus livros de medicina e, doravante, meu preparo foi para o ministério. Enquanto na Waco University, ouvi o nosso missionário E. Z. Simons, e outros, sobre missões. Isto levou-me a investigar o assunto e também as necessidades dos diferentes campos. (...)

Naquele tempo as perspectivas para o Brasil, eram obscuras. (...) Achei logo um conselheiro no Dr. W. C. Crane, presidente da Baylor University. Ele me encorajou e deu informações que me levaram a corresponder-me com o Rev. Richard Ratcliff, que tinha retornado do Brasil. (...)

Essa correspondência resultou na escolha do irmão Ratcliff pela Sociedade Missionária da Universidade, como seu orador no final do período escolar. Sua conferência e visita foram de muito benefício para mim."

Z. C. Taylor conversou com o Dr. H. A. Tupper, da FMB, informando-lhe do seu desejo e plano de trabalhar no Brasil. Já então seus estudos tinham uma visão mais voltada para o Brasil. Em 1881, depois de deixar o Seminário, gozou as suas férias em Kentucky. A 15 de junho desse mesmo ano, ele recebeu um apelo urgente dos irmãos Bagby e A. T. Hawthorn para vir imediatamente para o Brasil. Após ter tomado várias decisões, resolveu viajar durante 40 dias, com o General Hawthorn, a fim de levantar a necessária quantia para os gastos da viagem.

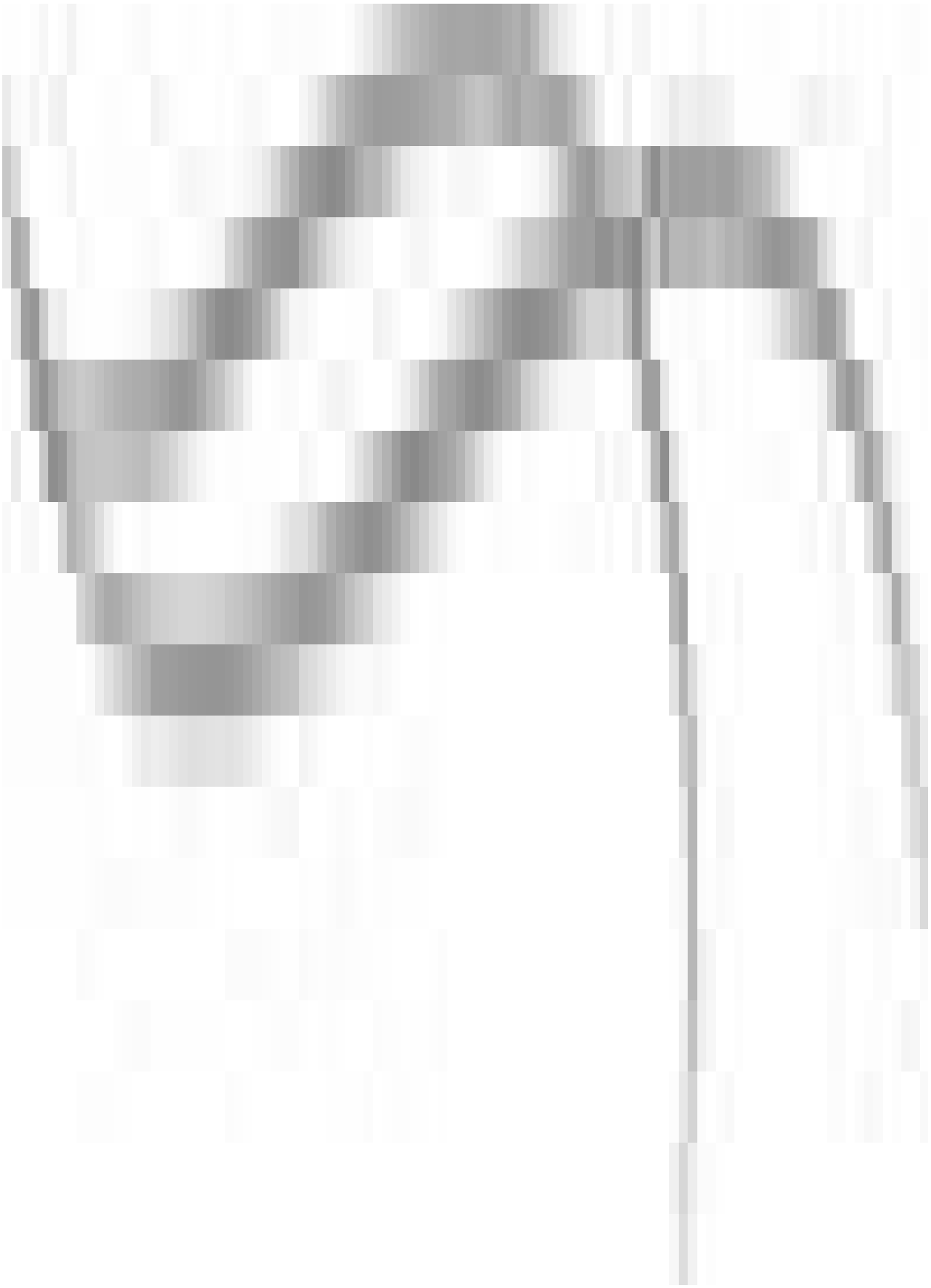
Casou-se, a 22.12.1881, em Salado, Texas, com Miss Kate S. Crawford. A 02.01.1882, encontravam-se em Richmond, Virginia, com a finalidade de um encontro com a FMB-SBC. No dia seguinte, foram nomeados como missionários para o Brasil.



Kate Stevens Crawford nasceu em Bell Co., Texas, a 17.02.1862, sendo a segunda filha de M. L. e Emma C. Crawford.

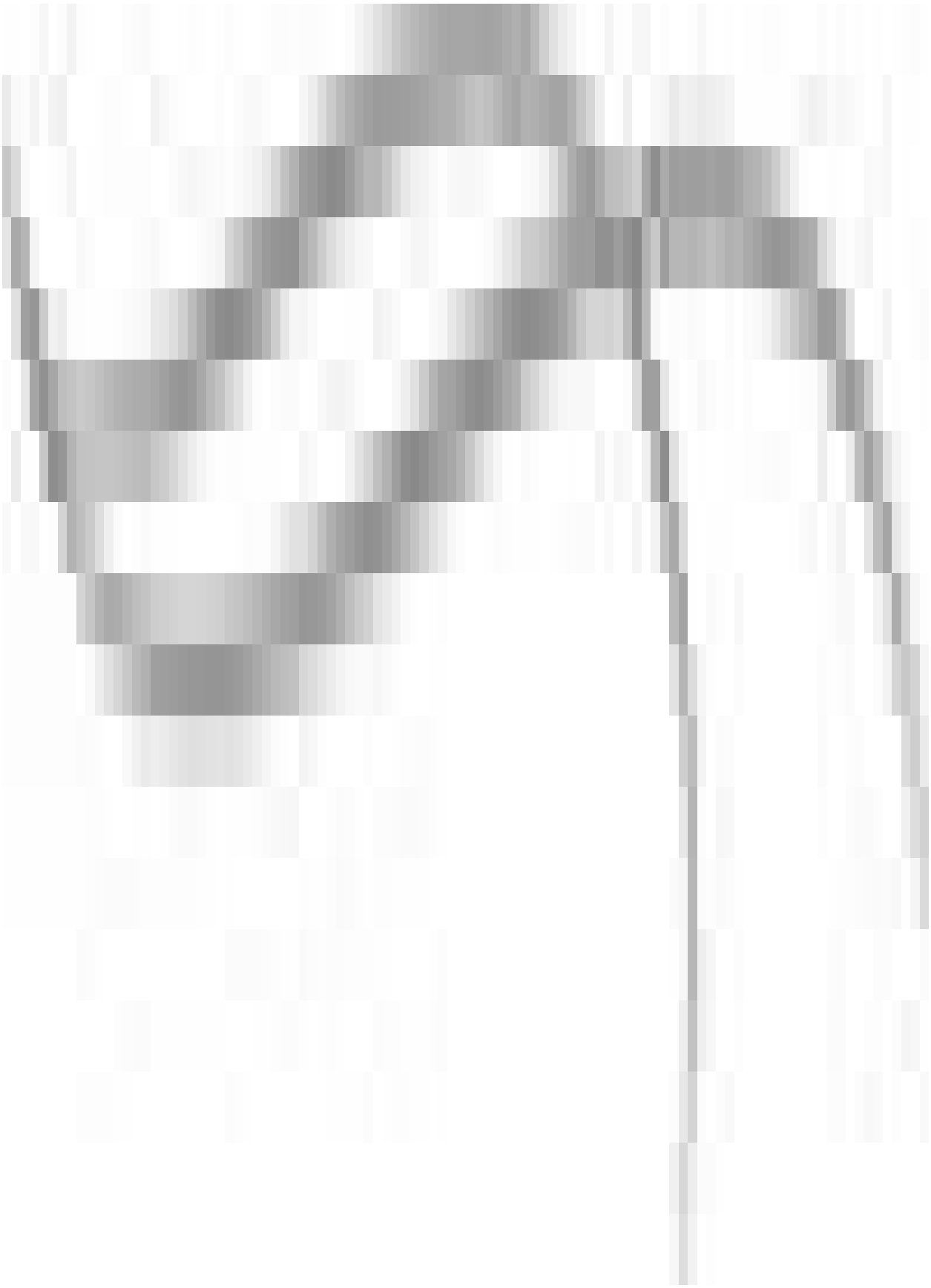
Quando tinha 17 anos de idade, seu pai levou-a a Atlanta, Georgia, onde a Convenção iria reunir-se. Ali ela encontrou-se com o seu tio, Dr. Crawford, que trabalhava na China. Esse encontro marcou época, pois as exortações e orações da hospedeira, levaram-no à conversão. As cartas trocadas entre Kate e seu tio despertou nela um vivo interesse por missões. Ela desejou ir para a China, mas, veio para o Brasil.

O casal Taylor chegou ao Rio de Janeiro, a 23.02.1882, viajando na barca "Serene". Deste ponto em diante, há informações de ambos com respeito ao tempo inicial no Brasil, como missionários, acompanhando os seus passos, pelo Índice.



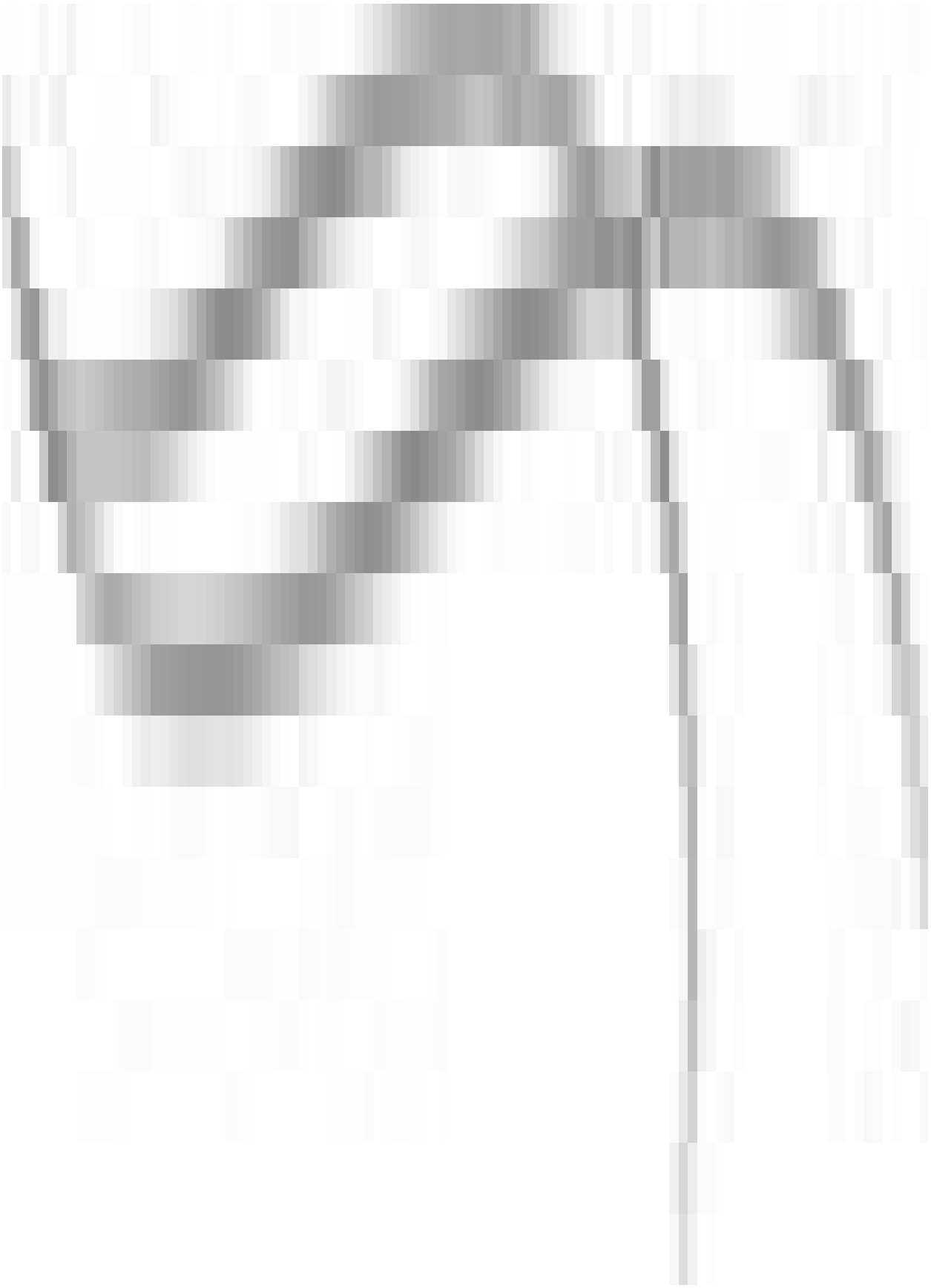
Conforme o próprio Dr. Z. C. Taylor registrou, a sua consagração ao ministério se deu na Igreja Batista Independence, da qual era pastor o Dr. W. C. Crane. Este e mais outros obreiros, incluindo o pastor Richard Ratcliff, foram os que se constituíram em Concílio para a sua consagração. Conforme um resumo das atas daquela igreja, temos que o pastor dessa igreja foi solicitado a convocar uma reunião de dois irmãos, no segundo domingo, sendo Z. C. Taylor, um desses irmãos. A ata do dia 12.06.1879 registra que esses dois irmãos foram consagrados pelo Concílio convocado para este propósito.

Mais uma vez verificamos que estavam juntos os obreiros Dr. William Carey Crane e Richard Ratcliff em relação ao trabalho no Brasil!



Estas notas foram preparadas com o material já mencionado acima e mais os elementos extraídos do seu trabalho “The Rise and Progress of Baptist Missions in Brazil”, exemplar datilografado com 217 páginas, no Centro de História Viva dos Batistas Brasileiros, Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro.

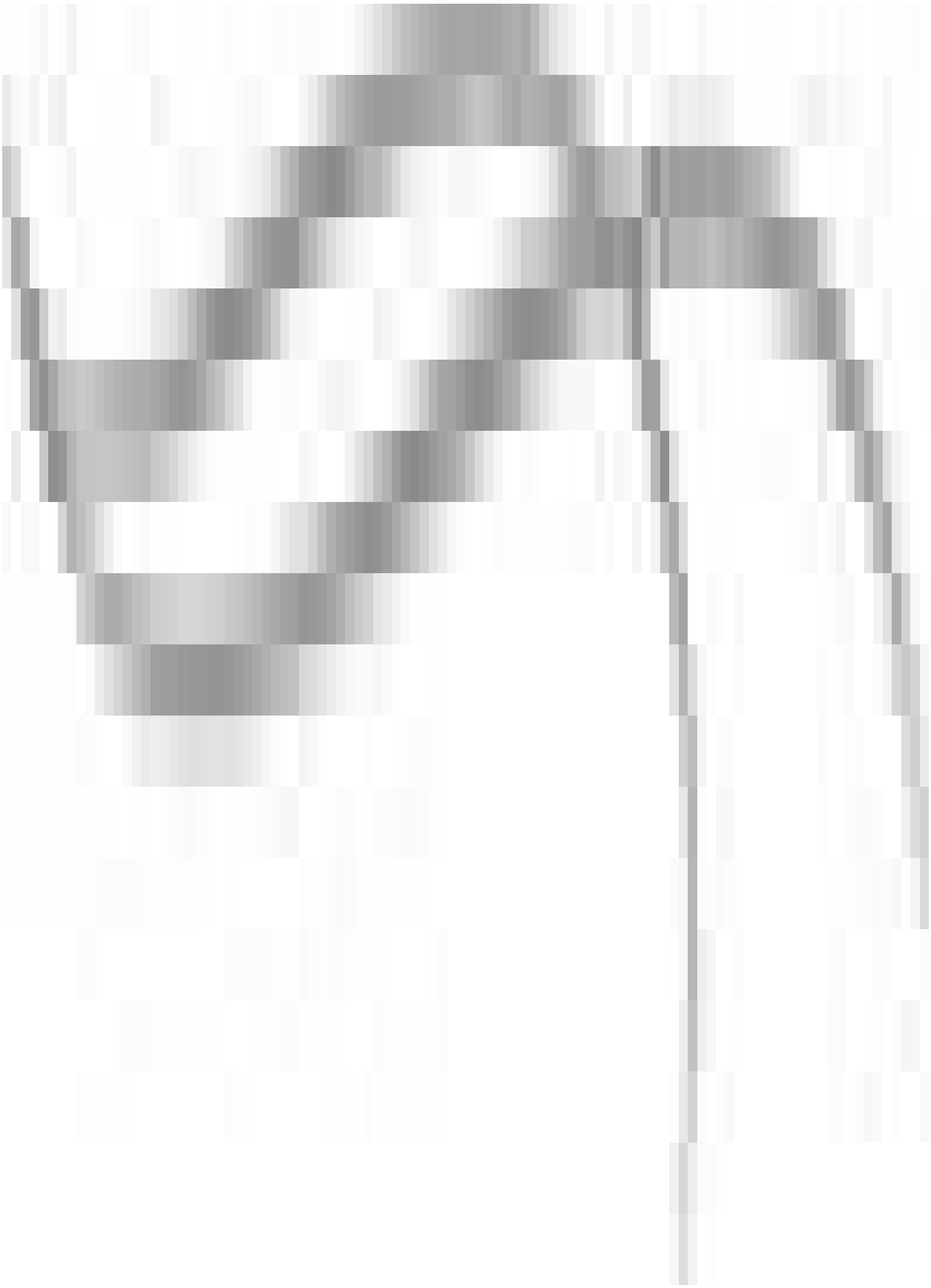
Do livro de atas da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, ATA de 06 de novembro de 1919, p. 128/130: “Tendo falecido de morte trágica nos E.U. os irmãos Z. C. Taylor, senhora e filha, e sendo o irmão Taylor um dos pioneiros da denominação batista quando foi iniciada pela Junta de Richmond e o trabalho evangélico no Brasil, o irmão João Doria propõe ser lançado em ata um voto de pesar por estes passamentos e bem assim que uma cópia desta seja remetida à Junta de Richmond para a qual o irmão Taylor trabalhava.”



Elisabeth Williams

(ca.1812 — 1889)

O registro de óbito que encontramos no Cartório de Notas em SBSP, do qual temos uma certidão, está no livro de registros de óbitos nº C-2, fls. 31, nº 68, com o nome de ELIZA WILLIAMS, do sexo feminino, de cor branca, com 77 anos de idade, nacionalidade inglesa, falecida no dia 21 de março de 1889, às 8 horas da noite, no bairro Gerivá, SBSP. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Era casada com Henrique Williams, deixando dois filhos: José Williams e Betsy Lie, ambos residentes nos EUA. Foi declarante George Gooda, neto da finada. Não deixou testamento. Foram testemunhas: James Ayres (ou Ayers?) e E. A. Puthuff. Não foi mencionada a filiação de Eliza Williams.



Quando Elisabeth Williams levou a sua carta demissória da PIB/RJ para a PIB/SB, a 31.01.1888, estabeleceu-se, ao que tudo indica, no dito bairro de Gerivá (ou Jerivá). Encontramos esse nome em dois lugares diferentes na periferia da cidade de Santa Bárbara d'Oeste. O que era conhecido como bairro Gerivá, é hoje um distrito industrial. Fica no caminho de Santa Bárbara para Americana, lado direito. A estrada hoje é asfaltada, e o percurso entre as duas cidades se faz por ela, de ônibus, em apenas 15 minutos.

Na Fazenda Barrocão, havia também uma pequena área chamada Gerivá. Como Elisabeth Williams e Mary M. Ellis eram amigas e tinham um trabalho a fazer — um orfanato —, talvez Elisabeth tenha ido morar perto de Mary, próximo da Fazendo Barrocão.

NOTAS E REFERÊNCIAS PARA A PARTE “B”

[1] PATTERSON, Ira N., Título e trechos de um artigo publicado pela FMB no seu jornal The Commission, junho, 1953, p. 6-8.

[2] BOWEN, T. J., Carta à FMB, 10.10.1860

[3] Encyclopedia of Southern Baptists, v. 1, p. 547.

[4] ROBERSON, Cecil, Sr. E Sra., The Bowen Papers 1840-1860, parte I, microfilme, no arquivo da Baptist Historical Commission, Nasgville, Tennesse. No. 2040. Positive.

_____, Bowen or An Evidence of Grace. Exemplar datilografado na Jenkins Library, FMB-SBC, Richmond, Virginia.

[5] _____, Ibidem, p. ii, iii.

[6] DAVIS, David Carson, Thomas Jefferson Bowen and His plans for the Redemption of Africa. Exemplar datilografado na Jenkins Library, FMB-SBC, Richmond, Virginia, Introdução, p. 2.

[7] A data de entrada consta do Movimento de Passageiros, no Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 22.05.1860, p. 4, c. 7. O Jornal do Comércio repete a informação: “O americano P.T.J.Bowen, sua mulher e uma filha”. O “P” significa para o jornal - “padre”. Seus nomes não constam da lista de passageiros saindo do Rio. Assim também na de chegada de Baltimore, consoante informação do setor competente do Arquivo Nacional, EUA. O nome da embarcação “Washington” está registrado com data de saída de 10.02.1861. Em conexão, a carta de Lurenna para a FMB, de 21.08.1861, menciona o nome da referida embarcação. Pode-se fazer o cotejo com outra carta de Lurenna, de 06.02.1861 e a data do passaporte, com cópia no microfilme já mencionado.

[8] Ver Biografia de Richard Ratcliff na pág. 134.

[9] ROBERSON, Cecil, OP. Cit., p. 64

[10] O culto evangelístico seria realizado no Praça da Saudade. Já se tinha iniciado alguns cânticos, quando ouvimos as vozes da turba enfurecida que se aproximava. Em meio aos gritos e confusão foi sugerido que o Dr. Raphael Gioia Martins se retirasse, o que fez, saindo incólume, passando no meio da mesma multidão que o procurava para matá-lo. Ninguém o viu sair. As pedradas já estavam sendo atiradas. Alguns feridos, inclusive o Pr. Dr. Antunes de Oliveira, mantiveram-se firmes no lugar, o mais junto que fosse possível, uns dos outros, para evitar piores conseqüências. Houve pauladas, socos, pancadas e ponta-pés; desligaram a luz. Com os fios da iluminação arrancados surraram crentes e os não crentes que ali tinham ido a convite para a pregação

[11] TAYLOR, Orville W., “Thomas J. Bowen: A Man For all Seasons”. In Viewpoints Georgia Baptist History, p. 8, 1982.

[12] CLARK, W. Thorburn, Outriders for the King, p. 41.

[13] Em 1870, R. Ratcliff preparou um conjunto de sala de jantar, com madeira brasileira, e mandou-o de presente para a sua irmã Nancy Mathews, que residia nos EUA. Conforme o Sr. Jessie B. Wallace, em carta que nos enviou de Mississippi, a 23.10.1979, a mesa e as cadeiras ainda estão em boa forma e encontram-se com uma sobrinha-neta de R. Ratcliff, nos EUA.

[14] Dois deles já nos são bem conhecidos. Ele mesmo compôs a letra e a música: “Cristo satisfaz minh’alma” e “Por onde me conduzir”. O primeiro pode ser encontrado no Hinário da Campanha Nacional de Evangelização da CBB, 1964, p. 50, sob o nº 41. O segundo no Hinário “Vinde Cantai”, da Segunda Campanha Nacional de Evangelização, 1980, p.33.

[15] As informações contidas neste capítulo, a respeito de Dr. B. Egan e a Universidade Monte Líbano foram recolhidas do livro House Upon a Rock, de Glen Lee Greene, p. 161

[16] Entendemos que R. Ratcliff teria que estudar a língua Ioruba. Não encontramos, porém, qualquer referência de que se tenha iniciado na tarefa. Há uma probabilidade de que ele já tivesse em suas mãos os dois livros de T. J. Bowen, publicados em 1857 e 1858. Um deles era a gramática e dicionário da referida língua. Então, estaria tentando preparar-se com a ajuda dos mesmos.

[17] CRABTREE, A. R. História dos Batistas no Brasil, p. 38: “...Rebentara havia poucas semanas, a grande guerra entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos a qual muito prejudicou o trabalho missionário de todas as denominações por alguns anos”.

Ata da FMB, de 13.12.1860: “3. Que recomendamos à Junta declinar para o momento, de enviar mais missionários, porém, que isto seja feito tão cedo quanto as condições financeiras do País o permitam.”

[18] Documento no arquivo da autora, fornecido pelo setor de Registro Militar do Arquivo Nacional, em Washington, DC.

[19] Informações provindas de familiares. Também, p. 323-327, de House Upon a Rock.

Crê-se que havia algum parentesco entre descendentes dessa família Tanner e D. Laura Barton Taylor, esposa de Dr. Z. C. Taylor. Parece-nos que a esposa de um desses Tanner, que tinha sido professor na Baylor University, veio para a Bahia, depois de viúva. Ali faleceu e D. Laura tomou a si os filhos órfãos daquela senhora. Ficam registrados estes dados para posterior confirmação.

[20] Temos um retrato de Eunice P. Ratcliff que nos dá a idéia do seu estado já um tanto adiantado de gravidez. Esse retrato foi tirado em New York, em 1867, enquanto se aguardava o embarque para o Rio de Janeiro.

[21] As Certidões que temos do 1º Cartório de Notas e Ofícios de Justiça, de Campinas, SP, são datadas de 15.03.1878, 16.04.1878, 23.04.1878 e 01.05,1878. Todas são de R. Ratcliff para pessoas e fins diferentes. No Cartório de Notas, em SB, encontramos um documento de hipoteca, datado de 07.03.1879, do qual se verifica que os procuradores fizeram o devedor hipotecar toda a safra do algodão daquele ano a fim de que com o resultado da venda a dívida fosse liquidada.

[22] Temos em nosso arquivo uma cópia da Certidão desse casamento, realizado a 27.01.1887, “County of Limestone, The State of Texas”. Está assinado por W. P. Brown, Secretário do Cartório.

[23] CRABTREE, A. R., História dos Batistas do Brasil, p. 41-43.

[24] KEYES, Jennie R., Diário, p. 258, 261, 270, 272, 277, 321 (Hawthorn); 267, 274, 289, 301, 306, 397, 310, 311, 312, 326, 327, 328, 329, 331 (Judkins); 268, 294, 295 (Porter).

Diário publicado na revista The Alabama Historical Quarterly, por Peter A. Brannon, vol. 28, nos. 3 e 4, 1966, p. 127 a 339.

MOURA, Manoel de, “Vivi”. Resumo histórico de Fábrica Bangu - datilografado. Entrevista da autora com o mesmo a 30.04.1984. entre as informações dadas está a de que em 1870, o Sr. J. C. Judkins vendeu a propriedade para o Sr. Manuel Martins, Barão de Itacuruçá.

[25] CRABTREE, A. R., op. cit., p. 41

[26] OLIVEIRA, Betty Antunes de, Movimento de Passageiros Norte-Americanos no Porto do Rio de Janeiro 1865-1890, p. 37, 38.

[27] Relatório do Império, 1867, Anexo “K”, sob o nº 26, apresentado em 1868. Coleção do Inst. Geogr. Hist. Brasileiro, Rio de Janeiro.

[28] KEYES, Jannie R., op. cit. mesmas páginas.

[29] Diário Oficial do Império, Rio de Janeiro, ano 1, nº 16, 24.08.1867, p. 1, c. 1. Expediente da 3ª Diretoria do Min, Agr. Comer. Obr. Públicas, do dia 21.08.1867. Coleção do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

[30] Diário do Povo, Rio de Janeiro, ano 1, nº 16, 24.08.1867, p. 2, c. 3 e p. 3, c. 1. Microfilme, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

[31] FMJ, fev. 1893, p. 211; março, 1904, p. 322, 323. Dr. Z. C. Taylor em carta de 07.01.1904, à FMB, faz referência a essas terras.

[32] Diário da Bahia, Salvador, 23.01.1868, ano 13, nº 19, p. 4, c. 6. Na lista de passageiros entrados no dia 22, o seu nome está "A. T. Hanthom". Exemplar no Arquivo do Inst. Geog. Hist. Da Bahia. Busca pessoal da autora.

[33] OLIVEIRA, Betty Antunes de, op. cit., p. 59. Está de acordo com a saída de Salvador, em Diário da Bahia, 28.01.1868, ano 13, nº 23, p. 4, c. 6. e diz: "Levou somente de passagem o general Hawthorn".

[34] Diário da Bahia, Salvador, 05.01.1868, ano 13, nº 4, p. 1, c. 4. Coleção do Inst. Geog. Hist. Da Bahia. Busca pessoal da autora.

[35] KEYES, J. R., op. e páginas cit.

[36] ibidem

[37] FMJ, dezembro 1882, p. 3, c. 4.

[38] OLIVEIRA, Betty Antunes de, op. cit., p. 74.

[39] Ver Parte “D” Naturalizações.

[40] Lista de Passageiros. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Catálogo 01. IA6109, p. 69. O nome Mary também e encontrado como “Mattie”.

[41] KEYES, J. R., op. e páginas cit.

[42] OLIVEIRA, B. A. de, op. cit. P. 115.

[43] JONES, Judith MK, Soldado Descansa, p. 276.

[44] Livro de Escrituras nº 3, p. 27, 27v, 28, 28v e documento conexo na p. 85, 1º Cartório de Notas de Limeira, SP.

[45] O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 30.04.1831, p. 13.

[46] Southern Baptist Encyplopedia, v. I, p. 493; carta da FMB, à autora, datada de 23.09.1981.

[47] FMI, junho de 1908, v. 58, p. 6, 23, 24, 27.

[48] SBCA, maio 1909, p. 94, 95.

Outras fontes de informações:

MESQUITA, A. Neves de, História dos Batistas, p. 62.

FMJ, maio 1909, p. 30 e 31.

Outras fontes de informações:

JUERP, Rio de Janeiro, O que Deus tem Feito, p. 54, 89, 103, 104.

O Jornal Batista, 30.04.1931, p. 13

ASSUMPÇÃO, Xavier, Boletim “Visitador”, Curitiba, PR, ag./set. de 1982, p. 6.

FOTOGRAFIAS

B1



Thomas J. Bowen

B2



Rev. Richard Ratcliff e seu filho Richard Jr. ?

“Fundou a 1a Igreja Batista no Brasil”.

B3



Eunice P. Ratcliff esposa do Rev. R. Ratcliff.

B4



Rev. Elias Hoton Quillins - Sta Barbara – São Paulo, 1878 – 1882.

“assumiu o pastorado da PIB Sta Barbara – Consagrou A.T.A. ao Ministério da Palavra.”

B5



Rev. Robert Porter Thomas – 1a Igreja Batista de Santa Barbara – São Paulo.

* 1825 – Alabama +1897 - Sta Barbara, SP.

Robert Porter Thomas batizou e consagrou Antonio Teixeira de Albuquerque.

B6


Ant. Teixeira Albuquerque

Antonio Teixeira de Alburquerque tornou-se o 1a pastor batista brasileiro.

B7



QUE PREGUES A PALAVRA, INSTES A TEMPO E FORA DE TEMPO, REDARGUAS, REPREENDAS, EXORTES, COM TODA A LONGANIMIDADE E DOUTRINA.

MAS TU VÊ SÓBRIO EM TUDO, SOFRE AS AFLIÇÕES, FAZE A OBRA DE UM EVANGELISTA, CUMPRE O TEU MINISTÉRIO.

COMBATI O BOM COMBATE, ACABEI A CARREIRA, GUARDEI A FÉ.

(II TIMÓTEO 4:2,5 E 7)

Rev. William Bagby *05 nov 1855 – Texas +16 mar 1879 – Brasil

Anne Ellen [Luther] Bagby * 20 mar 1859 – Missouri +24 dez 1942 – Brasil

William Buck Bagby deu a largada para a expansão maior.

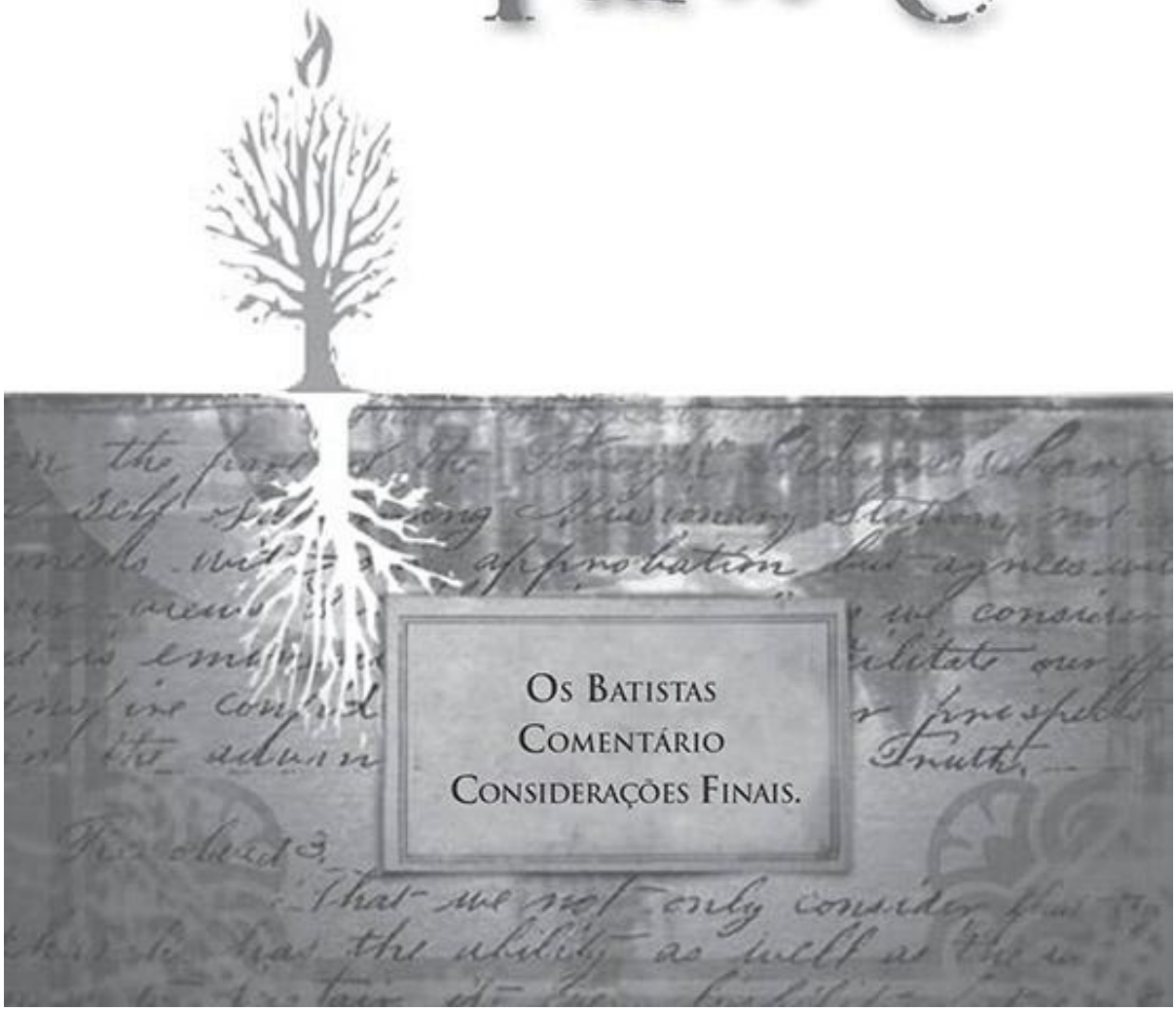
B8



COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO (antes: Colégio Progresso) São Paulo, SP. Ano provável: 1907. Adquirido por D. Anna Luther Bagby, em 1902?, de Mary Ellis McIntyre. – Nascidas em Sta. Bárbara, SP, identificadas, da esquerda para a direita: 4 – Hortência Smith. 5 – Ana Hope Thomas. 6 – Aline Thomas. 8 – Eugenia Thomas. 9 – Kate Thomas. Os de números 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, também nascidas em Sta. Bárbara, SP, cujos nomes não foram lembrados. – O casal na última fileira: 13 – William Buch Bagby. 14 – Anna Luther Bagby,
Retrato adquirido na Junta de Richmond, Virginia, em 1977, por Betty Antunes de Oliveira.

Copia do original, no Arquivo da Foreign Mission Board, hoje com o nome de Intenational Mission Board, Of the Southern Baptist Convention – Sede em Richmond, Virginia, EUA.

Parte C



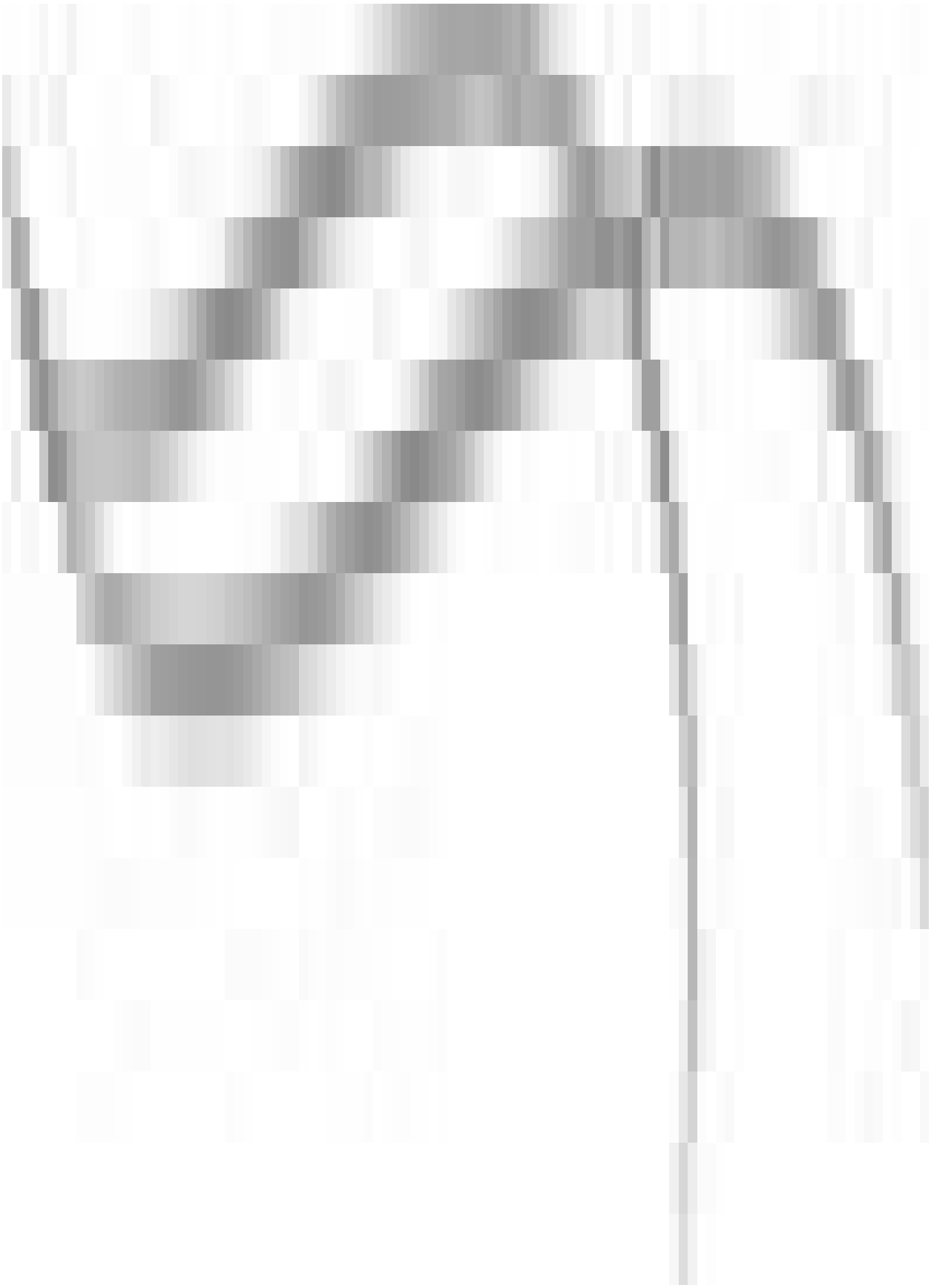
Os Batistas
Comentário
Considerações Finais.

+ Ver pontos salientes em Considerações Finais, no término desta parte.

+ Para a compreensão nítida desta parte não se dispensará o conhecimento das outras, que se conjugam de modo consonante.

+ Em Iguape, SP, no dia 25 de maio de 1867, desembarcaram 237 imigrantes vindos dos EUA, pelo navio “Marmion”. Um grupo seguiu para Juquiá. Dele fazia parte o Pr. Richard Ratcliff, que retornou e foi para Santa Bárbara, via Santos. O outro grupo foi na direção de Peruíbe, para a área entre Iguape e rio Una do Prelado. O Pr. Elias H. Quillin fazia parte desse grupo.

Com o retorno do Pr. Ratcliff para os EUA, a 12.05.1878, por causa da morte de sua esposa, o Pr. Quillin foi para Santa Bárbara e assumiu a direção da igreja (em data não encontrada). No lugar chamado Station (estação de estrada de ferro — hoje a cidade de Americana), E. A. Quillin organizou a Segunda Igreja Batista, a 02 de nov 1879.



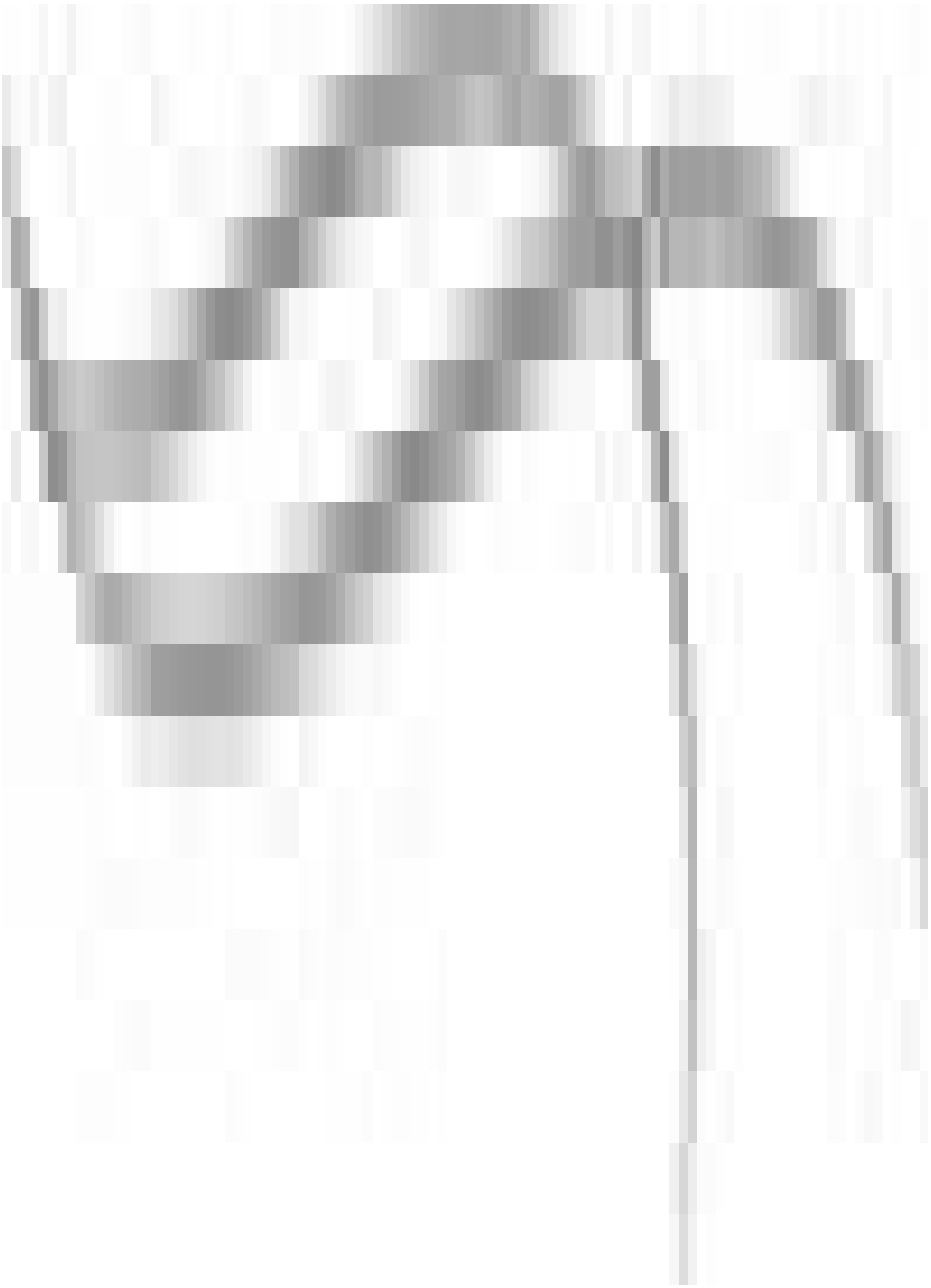
A vida eclesiástica na comunidade dos emigrados dos EUA, em SBSP, deve ser compreendida como co-participação e não como ecumenismo. Ali estavam os presbiterianos, os metodistas e os batistas.De um modo ou outro, vários imigrantes adquiriram propriedades na área da zona rural, a do Campo. Um deles foi Asa Thompson Oliver. Em 13 de julho de 1868, faleceu sua esposa, Beatrice E. Oliver. O seu sepultamento foi impedido de ser realizado no cemitério em Santa Bárbara, pelo fato de ela não professar a religião oficial. Assim, ela foi sepultada na terra que seu esposo comprara. Este foi o início do cemitério que conhecemos como Cemitério do Campo. Com o tempo, ali já havia cerca de 30 outros túmulos. A área foi demarcada e registrada conforme a lei.

Construiu-se ali uma pequena capela, uma “Meeting House”, como usada nos EUA, ou seja, Casa de Reuniões, para uso diverso. E é a que permanece até hoje, com as devidas restaurações. Um muro separou a área do cemitério, sendo criado, assim, um espaço social.

As três denominações evangélicas acertaram, entre elas, que cada uma teria um domingo por mês para seus trabalhos. O quarto e o quinto domingos seriam utilizados para reuniões em conjunto. O tempo ajustou cada programa.

Na parte adjacente ao cemitério estão: o obelisco comemorativo, uma área coberta para reuniões diversas e uma construção antiga que serviu, por muito tempo, como museu. O almoço é o “basket-dinner”, como um piquenique. Com algumas alterações, as conversas e as brincadeiras fazem parte do dia desse encontro, até o momento do retorno para as casas. Por fim, “até o próximo encontro”! Assim é até agora!

Esta parte é uma tentativa de reconstituição do período inicial da história do trabalho batista no Brasil. Os detalhes apresentados podem indicar novos achados e novas pesquisas.



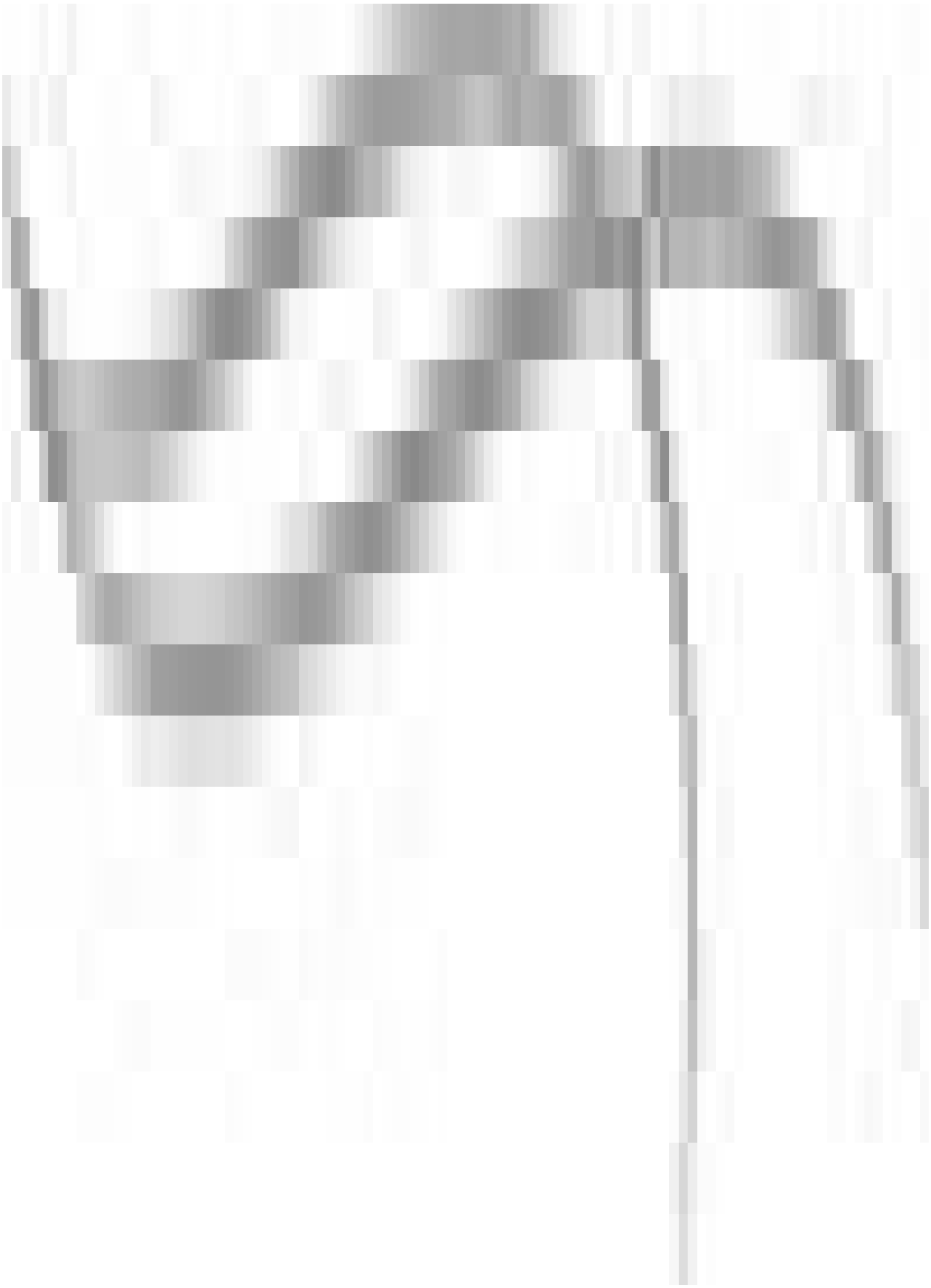
Precedentes

Desde o início da década de 1850, o estabelecimento do trabalho batista na América do Sul já despertava a atenção dos nossos irmãos batistas dos EUA. Em 1813, o Dr. Luther Rice, na sua volta para os EUA, da viagem à Índia, passou dois meses em Salvador, Bahia. Alguma semente havia ficado! No meado da década, outro personagem andou pelas plagas brasileiras, “olhando a terra”.

Então, um longo artigo sobre o Brasil, escrito por THEOPHILUS, foi publicado no “The Commission”, da FMB-SBC.[1] É dele o que transcrevemos um pouco mais adiante. Miss Dorothy Owen, do arquivo da FMB, lembrou que ele era o Dr. William Theophilus Brantly Junior, Ministro do Evangelho e educador. Sim, foi ele o autor da matéria publicada! Apenas deu-se o fato de não acharmos o seu nome nas listas de passageiros entrados e saídos no porto do Rio de Janeiro, naquela época. Teria, então, viajado em navio da Marinha Norte-Americana.

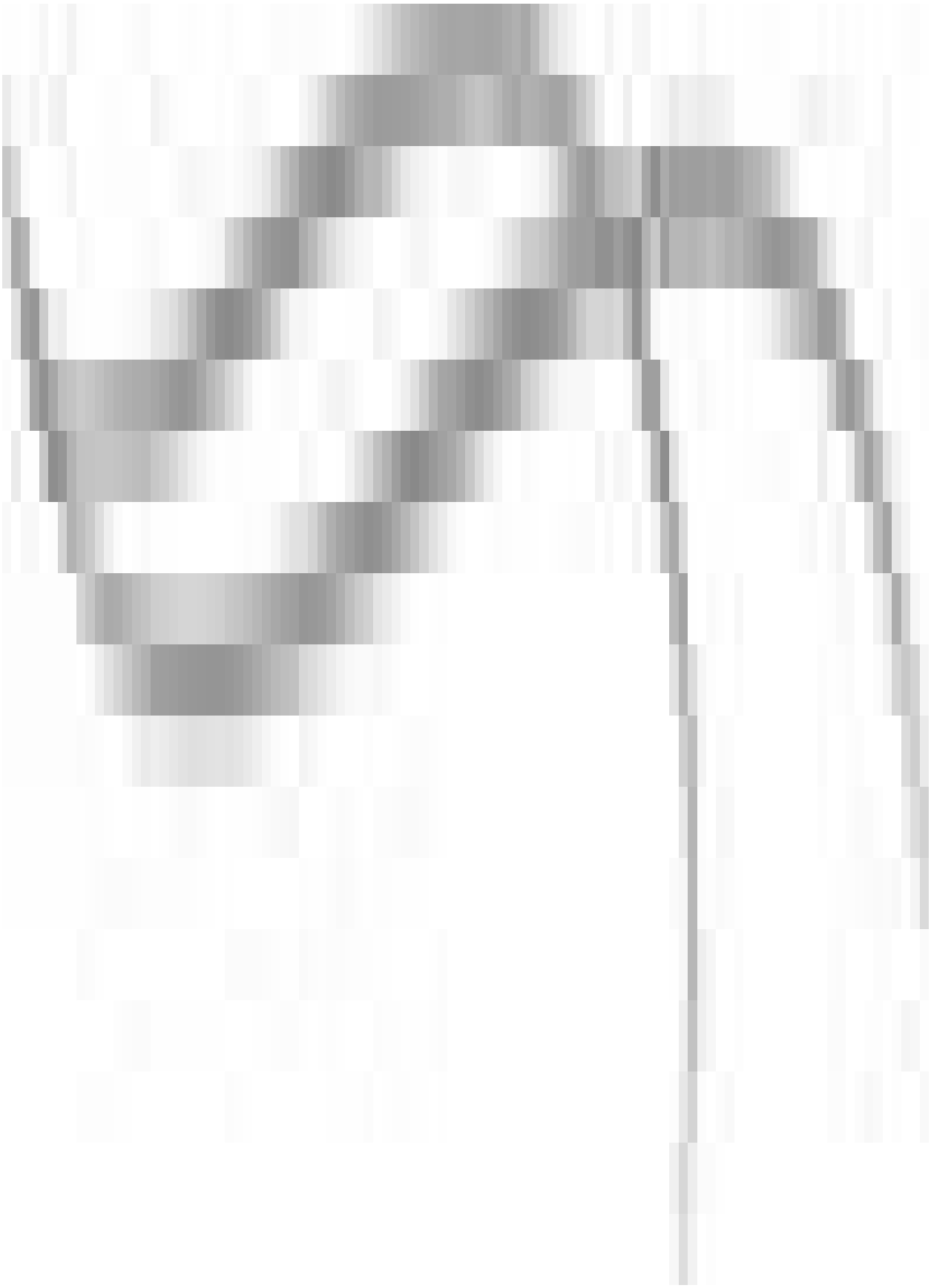
O importante é que o Pr. THEOPHILUS por aqui andou e escreveu:

“Deixem que uma igreja batista seja aqui organizada, e as ‘fontes que alegram a cidade de Deus logo fluirão’. (...) Com todas as suas imperfeições não está longe o dia quando o Brasil se tornará uma porção invejável no Novo Mundo. O interior, com as suas surpresas, espera pelo dia de alegria, o qual nunca chegará, a menos que o nosso povo, com o Espírito de Cristo, dê de seus bens para enviar-lhe um missionário. Podemos sustentar pelo menos vinte missionários naquele vasto império. ‘O deserto e os lugares secos se alegrarão com isso; e o ermo exultará e florescerá como a rosa’. Is 35.1. Possa Deus comover-nos completamente para o nosso evidente dever. Amém. Theophilus.”



O 14º relatório da FMB[2] diz que desde 1857, na Convenção daquele ano, falara-se na abertura do trabalho missionário no Brasil. Em 1859, a Comissão de Novos Campos reportava que os recursos do momento eram insuficientes para sustentar o trabalho já existente nos diversos campos e que o número de missionários era mais carente do que os recursos.

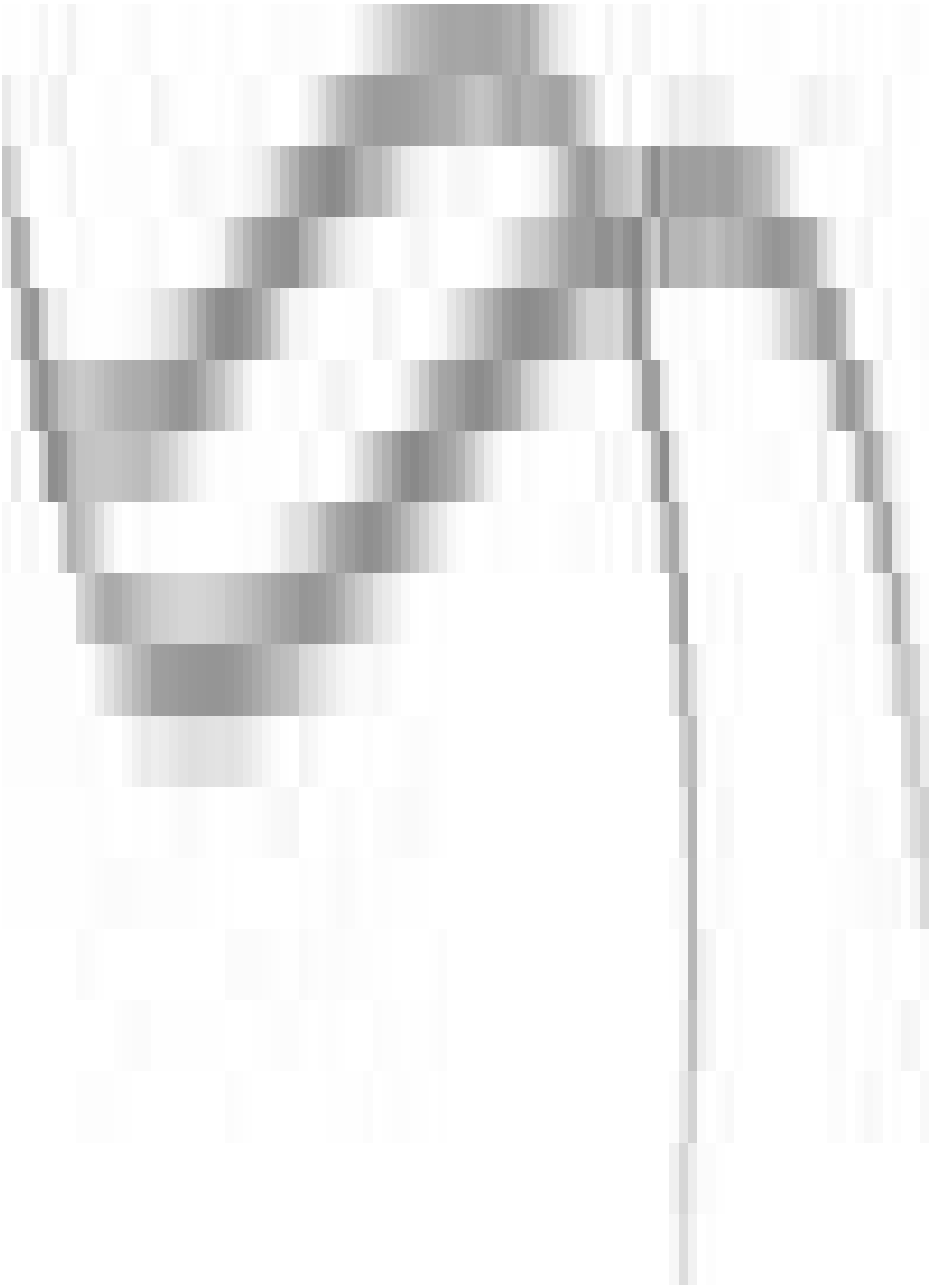
O personagem seguinte, até onde os documentos nos permitem assegurar, foi Thomas Jefferson Bowen. Este chegou ao Rio de Janeiro, na data de 21.05.1860. Seu tempo, no BR, que nem daria para aprender a língua portuguesa, foi de apenas oito meses e 19 dias. Cronologicamente, ele e sua esposa foram os primeiros missionários batistas nomeados e enviados pela FMB-SBC para o Brasil. O fato de Bowen não ter estabelecido a Missão neste país não é de sua responsabilidade. A FMB não teve, naquela altura, os meios para prover as condições indispensáveis para que permitisse a Bowen executar a tarefa que lhe haviam confiado. Também sua saúde estava abalada. Assim, o seu retorno aos EUA se deu a 09.02.1861.



Em maio de 1867, estavam no BR, entre os emigrados dos EUA, o Rev. John Quillin e o Capitão John Henry Freligh. O primeiro aqui esteve como missionário, diretamente nomeado e sustentado pela Igreja Batista Shiloh, em Bernice, LA. Não se sabe o que ele realizou aqui. O relatório do seu trabalho, que foi entregue por ele pessoalmente à sua igreja em 1868, está desaparecido. (Ver parte “D”, John Quillin, pág. 348.)O Cap. J. H. Freligh, num apelo à FMB, tentou levá-la a nomear, como seu obreiro no Brasil, o Rev. Richard Ratcliff, também aqui chegado em maio de 1867. Entendia que este preenchia todas as condições para realizar um bom trabalho missionário. (Ver parte “D”, 14.12.1870.)

Nessa mesma ocasião, estabeleceu-se na área do rio Una do Prelado, entre Iguape e Peruíbe, SP, o Juiz James Harrison Dyer e sua família. Estes eram batistas. Sua esposa, Amanda Webb, porém, faleceu em 04.07.1871, e ali foi sepultada (túmulo não encontrado). Entristecido e desapontado, Dyer retornou ao Texas, EUA, logo depois, levando seu filho, uma filha já casada, e o genro. Lá o Juiz Dyer faleceu em outubro de 1900, aos 79 anos de idade. Não encontramos qualquer informação de que a família tenha estado em Santa Bárbara. O tempo passado pela família no Brasil foi de apenas quatro anos.

Com o retorno do Pr. Richard Ratcliff e seus filhos órfãos, para os EUA, o Pr. Elias H. Quillin deixou a região do Iguape e foi morar em Santa Bárbara, SP, com sua família. Ali, o Pr. Quillin assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista.



A Primeira Igreja Batista, Sua Organização E O Estabelecimento Da Missão

(1871 e 1879)

Antes de chegar aos comentários, apresentamos, em resumo, os dados seguintes:

— Data e local de organização da Primeira Igreja Batista surgida em solo brasileiro: Santa Bárbara, SP, 10 de setembro de 1871. Tudo indica que ela foi organizada na residência do diácono Robert Meriwether, na região do Campo.

— Nome da igreja: Ver parte “D” — “Designações dadas às igrejas...” (Pág. 423)

— Pastor fundador: Richard Ratcliff.

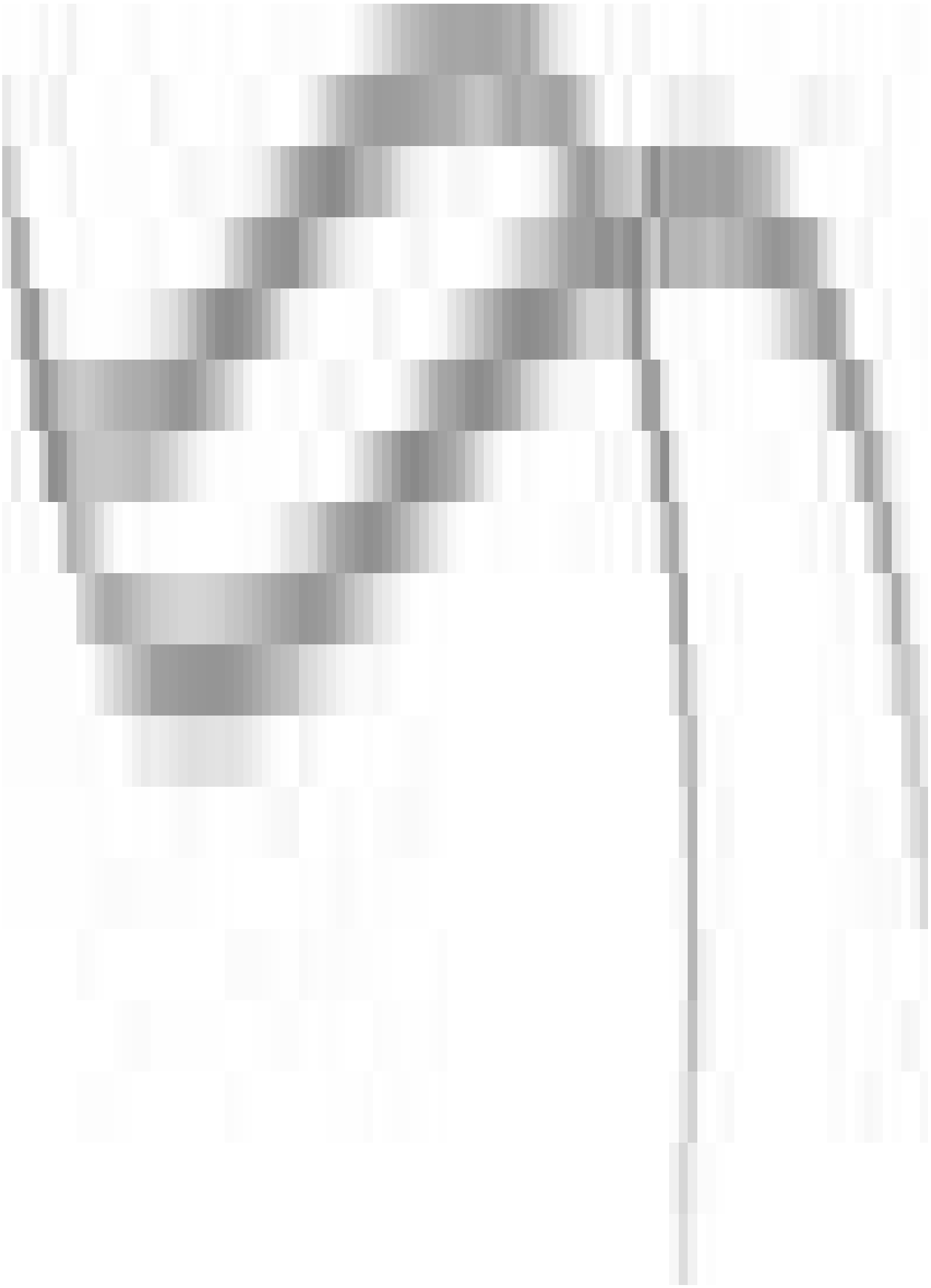
— Número e nomes dos possíveis fundadores: (Ver parte “D”, 10.09.1871).

— Procedência dos seus membros: idem.

— Arquivo original da igreja: ainda não encontrado.

— Reconstituição desse arquivo: esta é, em grande parte, a finalidade deste livro.

— Tempo de vida eclesiástica: cerca de 38 anos.



A parte “A” deste livro oferece ao leitor uma série de informações gerais a respeito do grupo emigrado dos EUA para o BR, como um todo, e mais especificamente do grupo que se estabeleceu em SBSP. Desse grupo, os batistas, sob a liderança do Pr. Richard Ratcliff, organizaram-se em igreja, com cartas demissórias (de transferência), trazidas de suas igrejas nos EUA, sem que houvesse qualquer movimento prévio nesse sentido. Foi um movimento espontâneo.

A 10 de setembro de 1871, foi organizada a Primeira Igreja Batista em solo brasileiro, em Santa Bárbara, SP. O Rev. Richard Ratcliff, pastor fundador, tornou-se então o primeiro pastor batista neste país, na direção de uma igreja.

Ele passou algum tempo na preparação do grupo e tentou relacionar-se com os brasileiros e demais habitantes locais. Uma das medidas tomadas por ele foi registrar-se como Ministro do Evangelho, na Secretaria do Império, nos termos do Decreto Imperial nº 1.144, de 11.09.1861, regulamentado pelo de nº 3.069, de 17.04.1863. Apesar de não termos localizado o seu registro, não há dúvida de que ele satisfez as exigências legais, pelo encontro do Livro de Registro de Casamentos, no Arquivo Morto da Prefeitura local. Ao que tudo indica, foi ele o primeiro batista no Brasil a tornar-se um Juiz de Paz. Isto tem significado especial por incluí-lo partícipe da vida civil do país. O primeiro casamento realizado por ele, em SBSP, foi a 12.06.1869, sendo os noivos Martha Temperance Steagall — “Pattie” —, e Robert Norris. (SD, p. 202)

Ratcliff era um homem que procurava instruir-se e relacionar-se quanto à vida política, civil e religiosa do Brasil. (Ver parte “D”, 01.10.1878.) É certo que ele assim estava tentando conhecer o povo e integrar-se a ele, com vistas a ganhar almas para Cristo.

Podemos formular duas hipóteses quanto ao lugar exato onde a primeira igreja batista foi organizada, em solo brasileiro. Poderia ter sido na casa do próprio pastor Ratcliff, que ficava na área da Fazenda Machadinho; ou na casa de John Absalon Cole, conforme relato de Martha T. Steagall, de que Ratcliff realizava ali os cultos, todos os domingos. (SD, p. 202, 203).

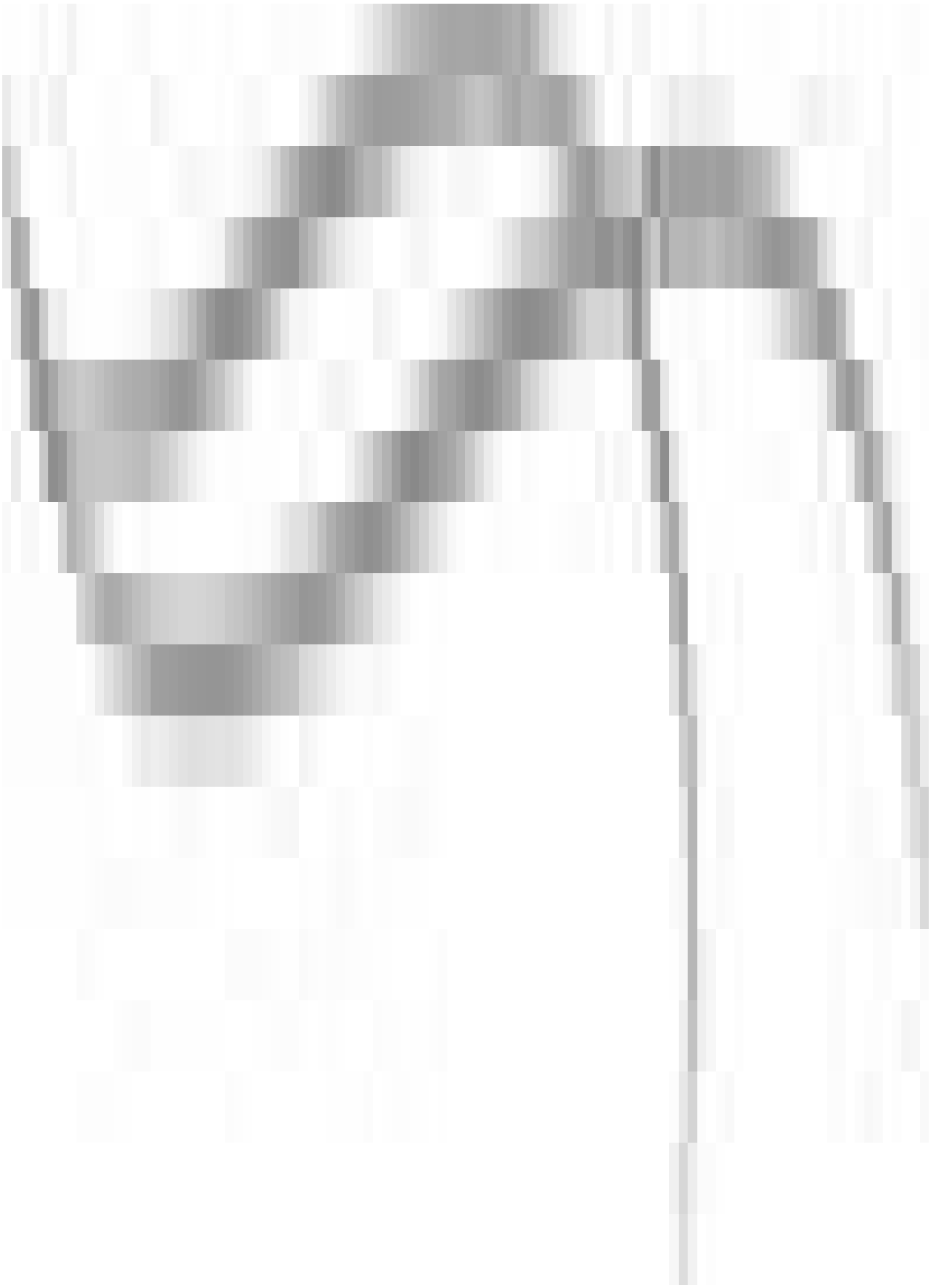
No segundo caso, o mais provável, poderia ter sido na casa do Major Robert Meriwether, que, na época, residia em sua propriedade adquirida de brasileiros,

na área do Campo, vizinho de A. T. Oliver.

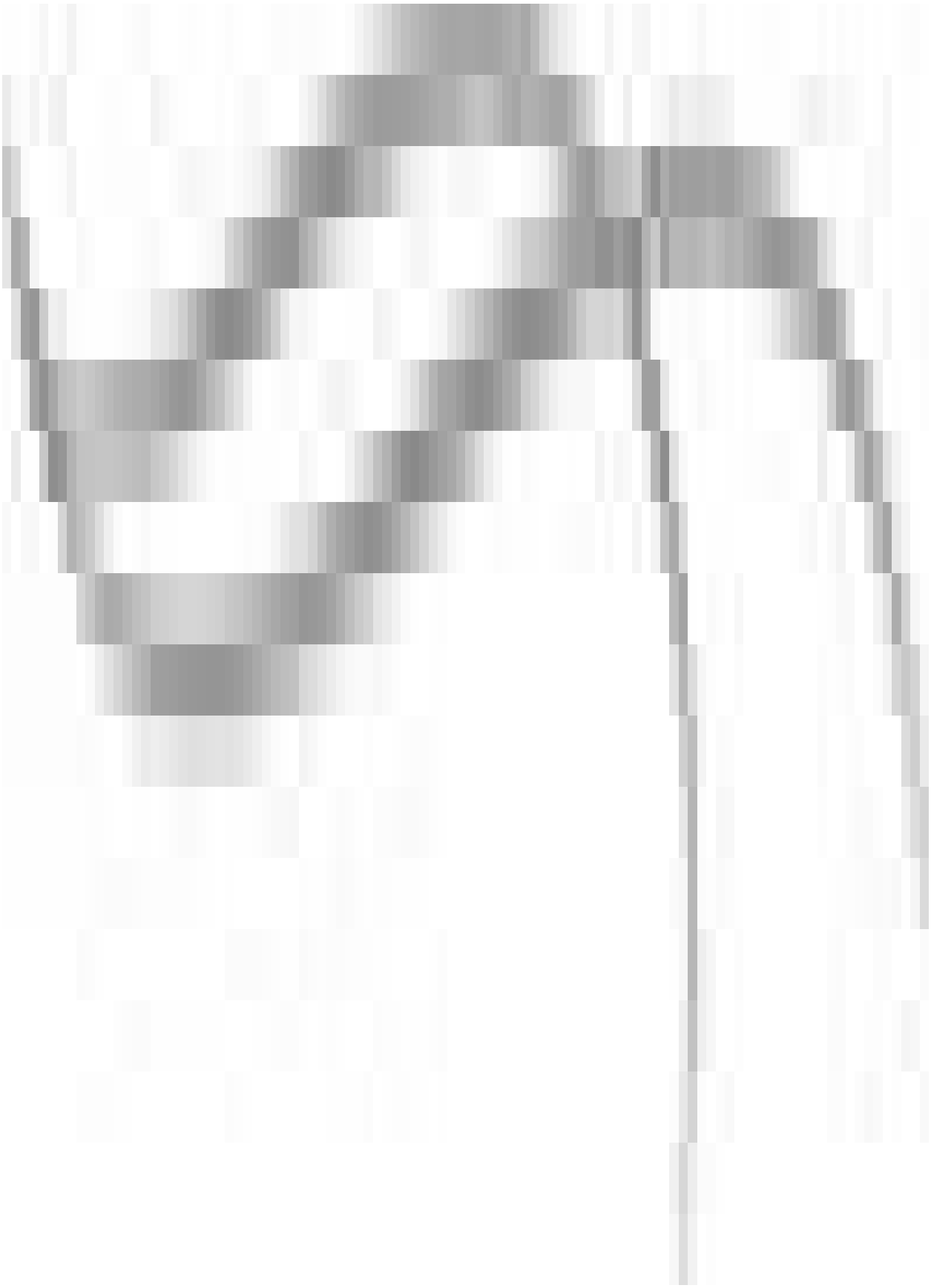
Pelo documento, na parte “D”, 24.07.1942, temos a informação de que a igreja funcionou ali, por algum tempo, numa cabana adaptada. Nela, R. Meriwether dirigia, dominicalmente, uma Escola Dominical. Uma vez por mês, vinha o Pr. Ratcliff, para a realização de culto, sessão da igreja, ceia e batismos. Cremos que essa ocasião era quando os batistas, espalhados pelos diversos núcleos, vinham para a sua reunião, como um grupo denominacional, tratando dos seus próprios interesses em relação ao Reino.

A 02.05.1876, a metade desse sítio foi vendida ao Pr. R. P. Thomas, uma vez que R. Meriwether e família tinham-se transferido para Botucatu. Assim, é provável que a igreja tenha continuado a reunir-se, cada domingo, nessa cabana até quando R. P. Thomas teve que transferir a propriedade para William Patton McFadden e Robert Wilson McFadden. Esse traspasse deu-se a 07.05.1879, com a presença de Robert Underwood Meriwether, procurador do seu pai, Robert Meriwether. Deduzimos que R. P. Thomas não tenha tido condições físicas para fazer a plantação produzir e, sem recursos para pagar as prestações acertadas, solicitou o cancelamento do contrato que fizera com R. Meriwether.[3]

Desde que a primeira Capela do Campo foi inaugurada, em 1878 (dia e mês, não sabemos) as reuniões mensais da igreja passaram a ser ali realizadas com a presença do pastor.[4] Cada uma das denominações tinha o seu domingo exclusivo para os cultos e assuntos administrativos de suas igrejas. A Capela do Campo era usada, também, para outras atividades. Com as devidas adaptações, era como a “Meeting House” nos EUA, ou Casa das Reuniões.



Os livros de atas, o de registro de contribuições e o rol de membros daquela igreja batista não foram ainda localizados. A parte “D” deste livro, pode reconstituir, em boa parte, os seus atos, e nos ajudar a ordenar os do próprio núcleo de Missão, com ela estabelecido, em 1879, pela FMB-SBC. São ainda assinaladas partes das atividades ministeriais de cada um dos pastores.



Quanto ao nome efetivo da igreja, sentimo-nos impedidos de determiná-lo, em face do seguinte: a ata nº 1, a de sua organização, não foi encontrada e, no decurso dos anos, os documentos que mencionam a igreja dão-lhe diferentes designações. Sobre estas, conseguimos reunir, dez delas, conforme podem ser examinadas nas páginas sob o título “Designações dadas às duas igrejas batistas em Santa Bárbara”. (Pág. 423)

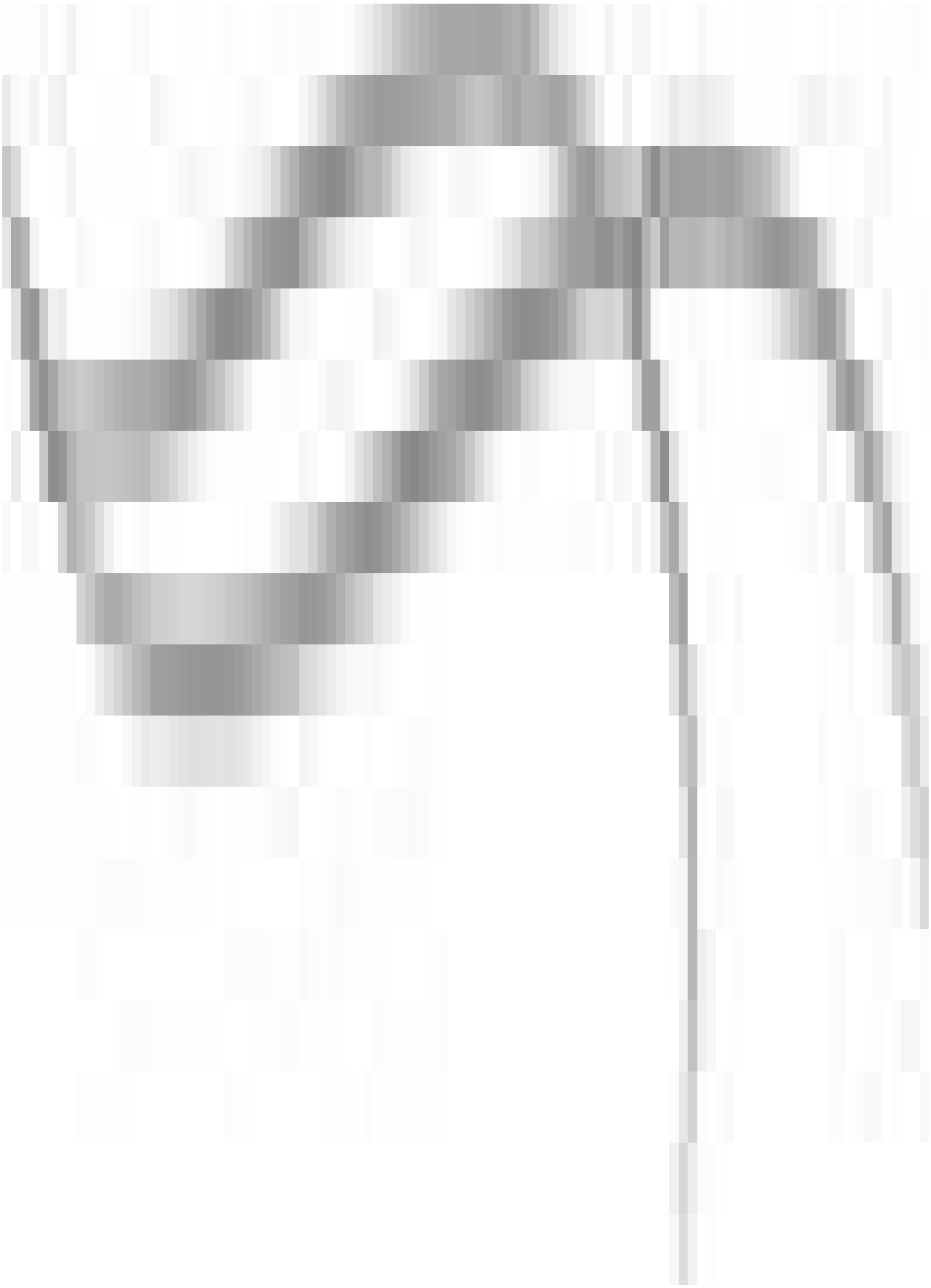
A carta de 11.01.1873 (ver parte “D”) indica o de Primeira Igreja Missionária Norte-Americana do Brasil. Porém, para aceitá-lo como o efetivo, teríamos que conhecer os termos da ata de sua organização.

Essa mesma carta, acima citada, enviada à FMB, informa: “... ao escrevermos a presente está com 23 membros...”, não dando o número dos seus fundadores, mas registra “... um número deles...”. Assim, do desconhecido tentamos reunir os nomes prováveis desses fundadores, num total de 29, de 10 famílias. (Ver pág. 438)

Elaboramos uma lista de nomes dos batistas em SB, com alguns dados, procedentes de várias fontes. Os possíveis fundadores da igreja estão assinalados na coluna indicada. Não podemos garantir que esta lista esteja exata, mas é um ponto de partida para novos estudos.

Também levantamos uma relação com o nome dos seus pastores, tentando situar o período de cada um no serviço prestado como obreiro. Para alguns casos, não foi possível definir o tempo, pela falta de dados. Essa lista encontra-se adiante no item “Pastores”. (Ver pág. 402)

À guisa de elementos para a história, relacionamos os nomes de obreiros presbiterianos, metodistas e batistas que visitaram o trabalho em SB. Por ocasião dessas visitas, geralmente estavam juntos os três grupos denominacionais. Essa lista está na parte “A”, com o título “Obreiros visitantes em Santa Bárbara”. (Ver pág. 71)



O Pr. R. Ratcliff e sua igreja estavam preocupados com a expansão do trabalho. Percebe-se, pela documentação, que a obra prosseguia, embora os obstáculos fossem grandes. Um desses obstáculos era a realização dos cultos na língua inglesa, com a presença dos que não a entendiam, ou o inverso. Era evidente que, para a realização dos cultos em português, o pastor Ratcliff teria que multiplicar o seu trabalho, incluindo o seu próprio preparo e o tempo gasto na visitação pastoral.

Ele deveria ter, pelo menos, um cavalo destinado ao seu transporte para essas visitas, e o seu sustento deveria ser integral para que ele pudesse dar-se por completo ao trabalho. Na parte "B" — R. Ratcliff (Ver pág. 134)—, pode-se ler que ele era um homem afeito à vida rude do campo e acostumado a cavalgar.

Com a leitura cuidadosa dos vários documentos, incluindo-se os datados de 11.01.1873, 07.04.1877 e 18.10.1879, fica muito claro que os apelos feitos pela igreja à FMB, para que esta a ajudasse, não visavam só à propagação do evangelho na vizinhança, mas também à sua divulgação além das fronteiras da comunidade. Podemos observar as sugestões dadas para o estabelecimento do trabalho em Saltinho, Limeira, Piracicaba, Campinas, São Paulo, e no país, como um todo.

Em dezembro de 1876, Ratcliff ficou viúvo. Continuou trabalhando e, só a 12.05.1878, é que se retirou do Brasil. Manteve, porém, o contato com a igreja em SB. O seu pastorado teve uma duração de cerca de oito anos, dentre os 11 que permaneceu no Brasil. Deixou no seu lugar o seu colega, Pr. Elias Hoton Quillin.

Provavelmente na sessão de junho de 1878, a igreja votou enviar à FMB mais um pedido a fim de que ela, a igreja, passasse a ser como um núcleo missionário no Brasil. Esse pedido, ao que parece, foi enviado ao Pr. Ratcliff, que já se encontrava em Louisiana. Junto com a carta seguiu um documento contendo 21 RESOLUÇÕES da referida igreja. O Pr. Ratcliff teria agora a oportunidade de instar mais de perto para que a FMB considerasse os apelos insistentes dos irmãos em SB.

A 01.10.1878, de Mindem, LA, Ratcliff escreveu uma carta à FMB. Na reunião de novembro de 1878, a Junta entregou-a com aquelas 21 RESOLUÇÕES à

Comissão de Novos Campos. Sente-se que houve um movimento incomum, como se tivesse chegado o momento exato de uma decisão. Tudo foi acontecendo com certa rapidez.

Com o Parecer favorável dessa Comissão, a FMB preparou o seu 34º Relatório Anual para ser apresentado na Convenção seguinte, que se realizou em maio de 1879, em Atlanta, Georgia.

O Pr. Ratcliff e o seu antigo professor e amigo, Dr. William Carey Crane, estavam presentes, já então provavelmente representando igrejas do Texas. Ratcliff havia se transferido para Mexia, Limestone Co., Texas, ainda em 1878. Conforme o Dr. A. R. Crabtree, Ratcliff pleiteou, pessoalmente, a causa que estava tão entranhada no seu coração.[5] A Comissão de Novos Campos, da Convenção, apresentou o seu parecer favorável ao pedido feito pela igreja, e a Convenção, baseada no relatório e sugestão da FMB, aprovou-o, votando instalar no Brasil, a sua Missão, com a Primeira Igreja Batista, em Santa Bárbara, SP, determinando que a FMB executasse o plano, tão logo isto fosse possível. A Missão seria de sustento próprio.

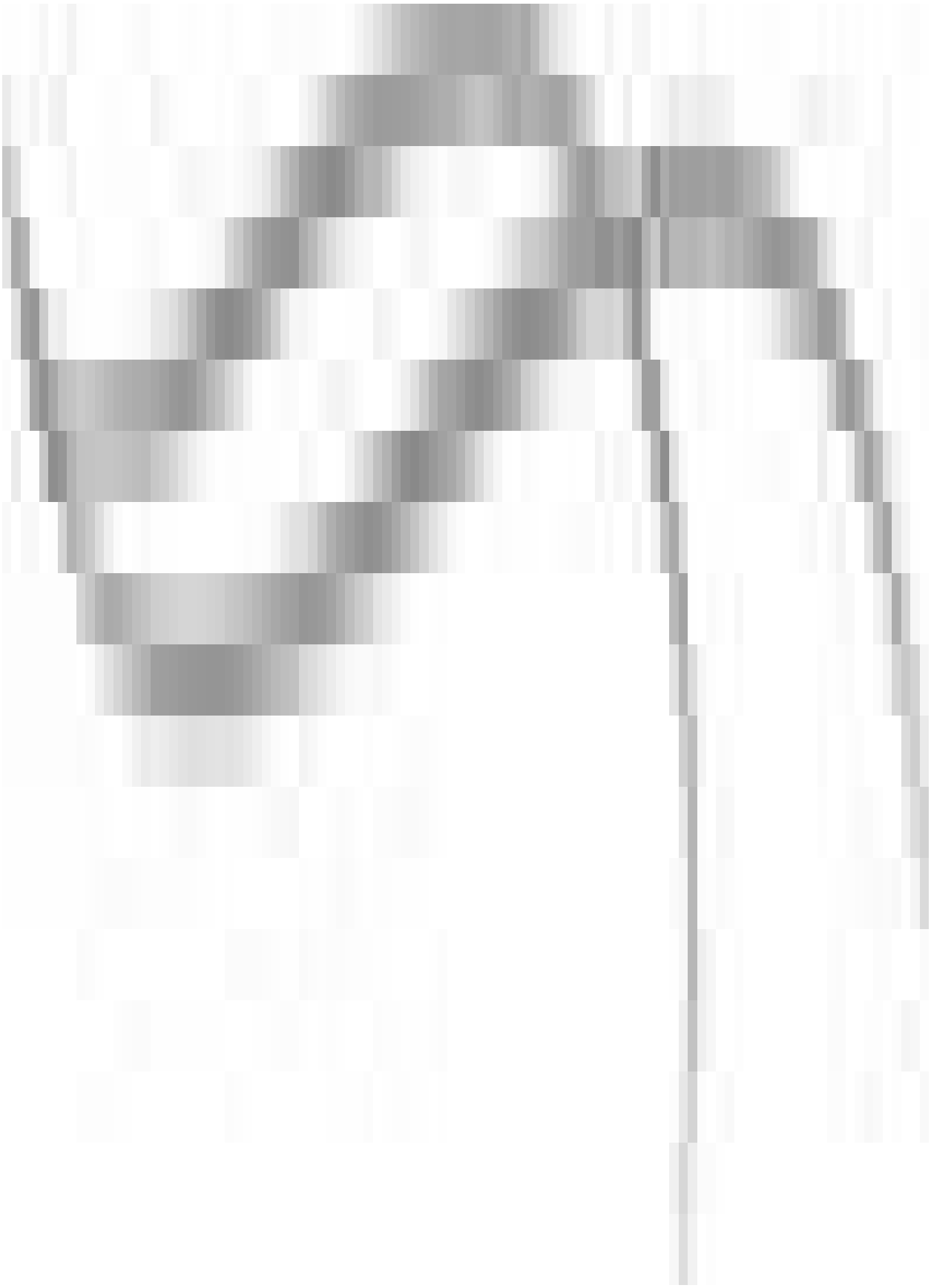
Essa decisão foi logo efetivada incluindo a nomeação do Pr. Elias Hoton Quillin, como missionário da FMB, responsável pela instalação da Missão e o seu funcionamento. Foi ele o terceiro missionário nomeado para o Brasil, estando no campo. Sua esposa, Sarah Elvira (Parks) Quillin, nunca foi nomeada, segundo consta.

Não foi achado o documento da FMB comunicando à PIB/SB as resoluções da Convenção e executadas por essa. Não há dúvida de que tenha sido enviado, pela existência da resposta que a referida igreja remeteu para a FMB, em agosto de 1879. Pelos cálculos de aproximação, inclusive levando em conta o dispêndio de tempo na correspondência, podemos dizer que a Missão foi instalada no Brasil, com a Primeira Igreja Batista, em Santa Bárbara, SP, na segunda quinzena de junho de 1879.

Daí em diante, a FMB e a SBC passaram a usar os termos “nossa Missão” e “nosso missionário”, nos documentos referentes ao Brasil (ver parte “D”, agosto 1879). Esse mesmo tratamento continuou com a chegada do casal Bagby, em 1881, que, segundo registro em ata da Junta, foi enviado para “a nossa Missão em Santa Bárbara”. Concluímos que não houve interrupção nessa maneira de tratar. Também não percebemos qualquer referência sugerindo a distinção entre

missionário sem e com sustento da Junta.

De igual modo, não achamos registro denotando diferença entre os missionários que, ao serem nomeados, encontravam-se nos EUA, e aqueles que se achavam já no campo — “on field”. Entre esses, podemos mencionar alguns como: Elias Hoton Quillin, Edwin Herbert Soper e sua esposa, Grace, Charles D. McCarthy e esposa, Thomas Collins Joyce, Salomão Louis Ginsburg e esposa, Amélia Carolina, Eurico Alfredo Nelson, Anne Hope Thomas.[6] Todos estes encontravam-se no campo de trabalho quando foram nomeados. Anne Hope já era nascida em solo brasileiro, Santa Bárbara, SP, sendo filha de norte-americanos da colônia, falando bem o português. Logo depois, foi nomeada a jovem Bertha Mills, também nascida em Santa Bárbara.



A Segunda Igreja Batista, Sua Organização E A Da Primeira Igreja Batista Na Bahia

(1879 e 1882)

— Local e data de organização da Segunda Igreja Batista surgida em solo brasileiro: Estação de Santa Bárbara, SP, 02 de novembro de 1879.

— Nome da Igreja: Ver parte “D” — “Designações dadas às Igrejas...” (Pág. 423)

— Pastor fundador: Elias Hoton Quillin.

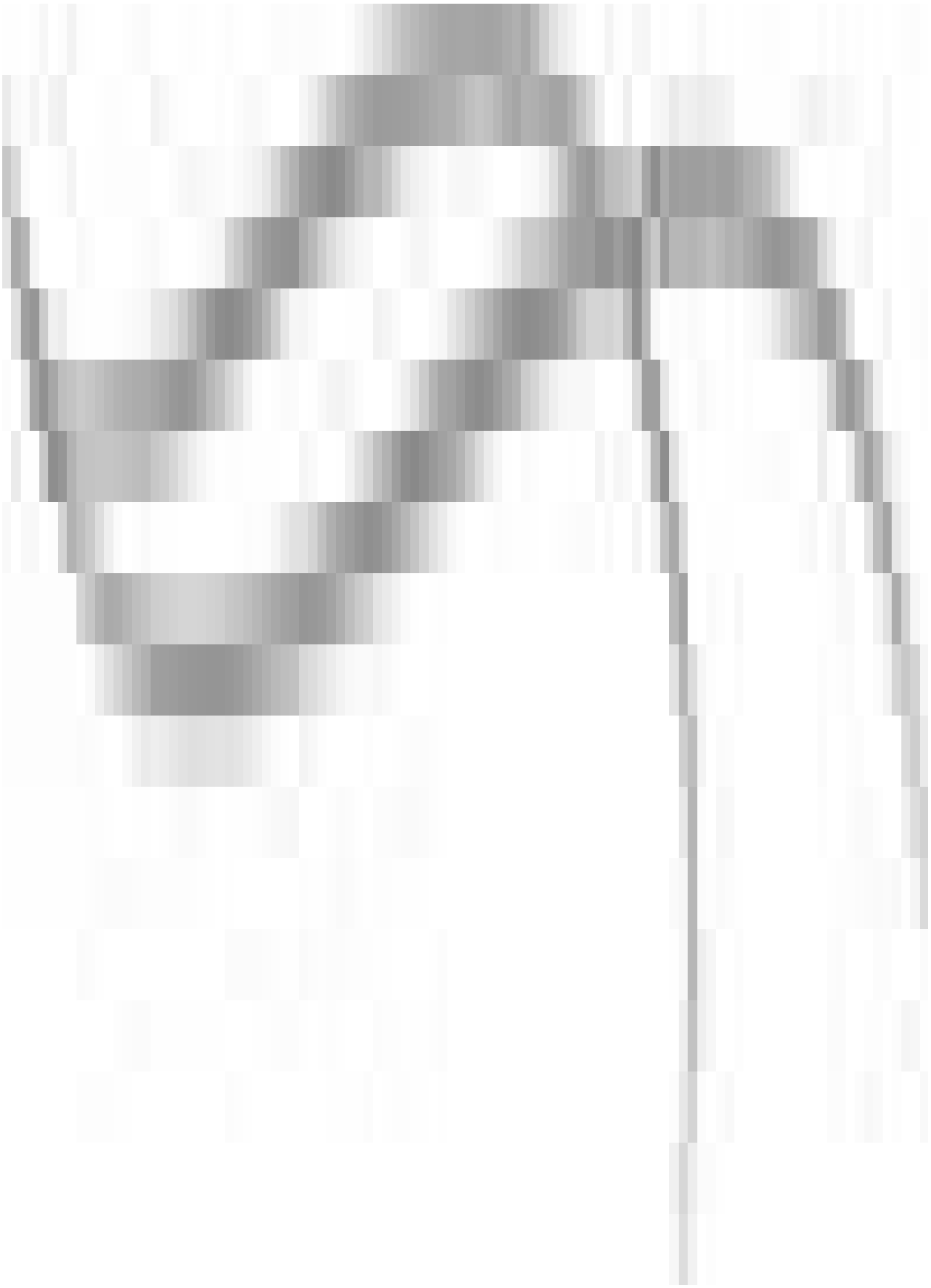
— Número e nomes dos fundadores: (Ver parte “D”, 02.11.1879).

— Procedência dos seus membros: Primeira Igreja Batista fundada em Santa Bárbara, SP.

— Arquivo original da igreja: ainda não encontrado.

— Reconstituição desse arquivo: esta é, em grande parte, a finalidade deste livro.

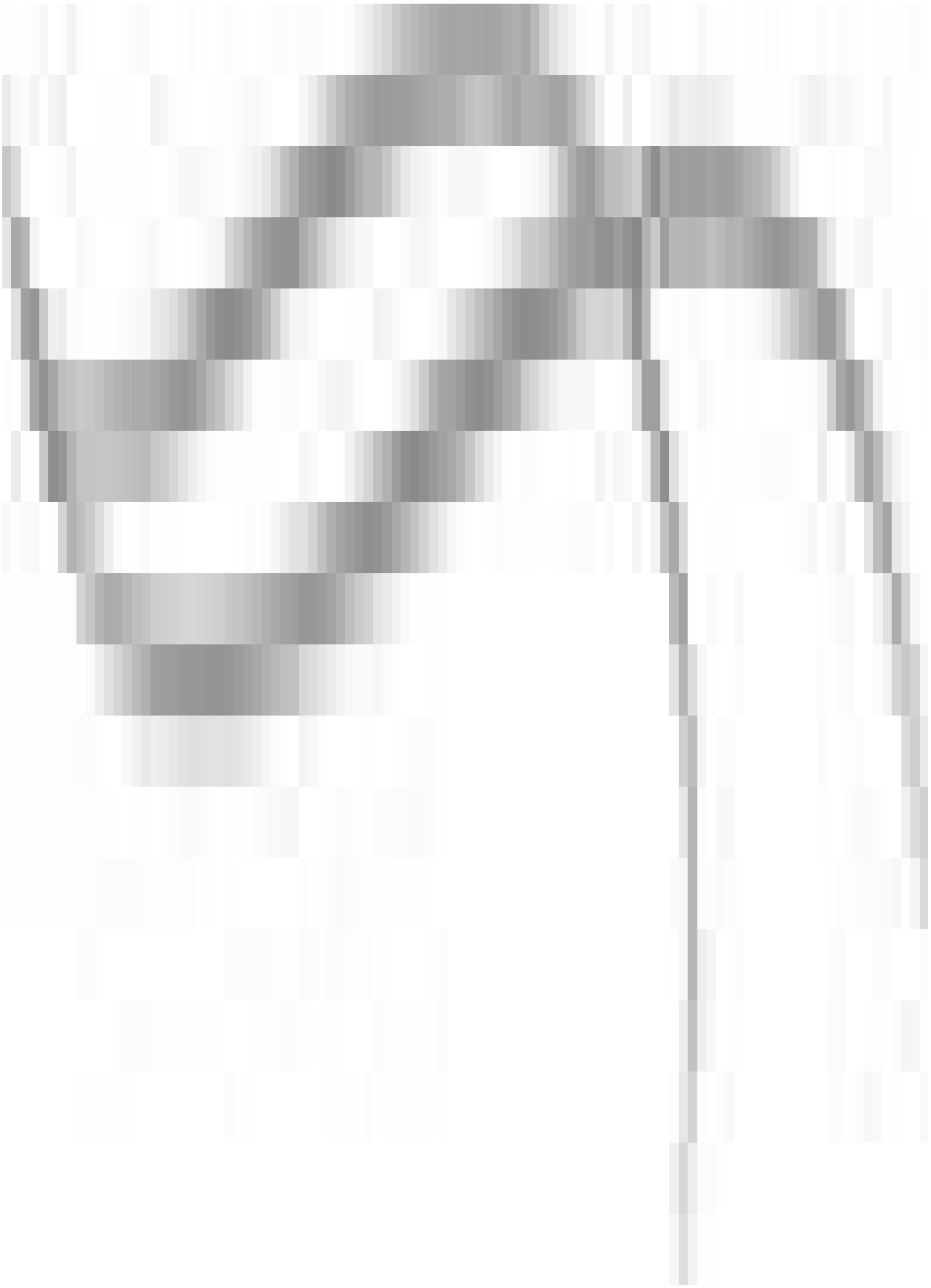
— Tempo de vida eclesiástica: não sabemos.



A 02.11.1879, foi inaugurada a segunda igreja batista no Brasil, a da Estação, Santa Bárbara, SP, nome pelo qual é conhecida. Esta foi a primeira filha que a Primeira Igreja estava formando.

Sabe-se que ela surgiu na área da estação ferroviária e, talvez por esse fato, ficou conhecida como a Igreja na Estação ou Station. A linha ferroviária ligava esse ponto a Santos, desde agosto de 1875, passando por Recanto, Rebouças, Campinas, Jundiaí e São Paulo.

A igreja pode ter sido organizada na residência de Pleasant M. Fenley, que era um dos moradores da região. A sua propriedade ficava na saída da atual cidade de Americana para a de Nova Odessa. Em julho de 1984, ali estivemos. Batemos alguns retratos. Um deles mostra a dita linha férrea tendo ao longe a casa pequenina que era a estação do Recanto.



Não conhecemos os motivos que levaram à fundação dessa igreja. A pesquisa dos fatos históricos, a análise dos documentos, das cartas, dos relatórios, possibilitam-nos sugerir as seguintes hipóteses:

O desejo de executar um trabalho missionário mais arrojado, dando mais ênfase à expansão do trabalho que a Primeira Igreja tanto desejava desenvolver. A SBC reunida em 1879, por meio da FMB, já adotara a Primeira Igreja como sua participante na obra de Missões, sendo ela como um núcleo missionário, de sustento próprio.

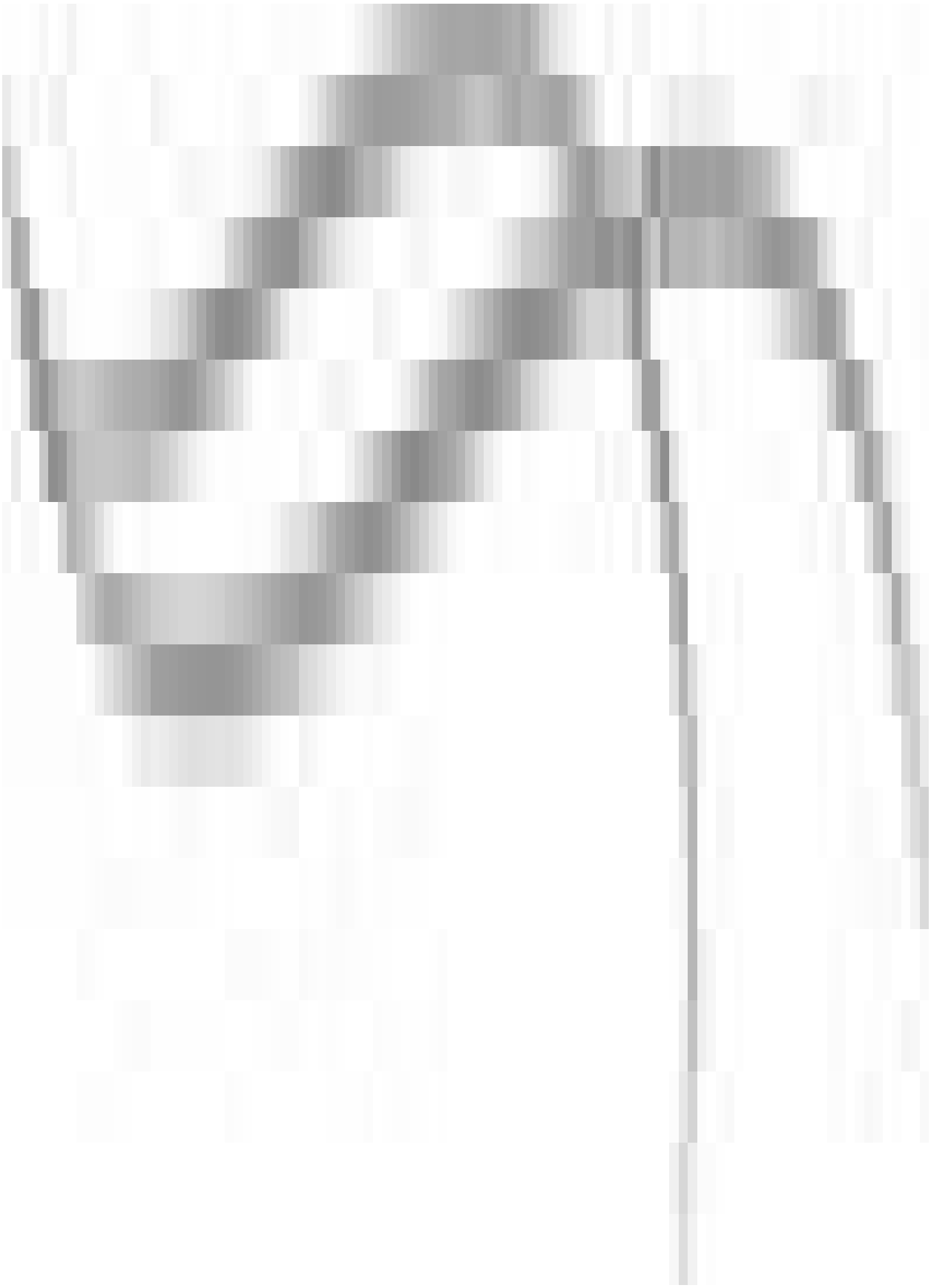
A localização estratégica dessa nova igreja, perto da linha férrea, traria melhores oportunidades para a execução do plano de atividades missionárias.

Os membros que a compunham tinham suas propriedades vizinhas umas das outras e razoavelmente próximas à estação, facilitando-lhes o acesso.

Embora os membros fossem norte-americanos, eles estavam dispostos a tentar uma nova forma de realização de cultos de modo a que, com maior facilidade, pudessem atrair os brasileiros e outras pessoas de nacionalidades diferentes. A ferrovia, inaugurada em 1875, pessoalmente, por D. Pedro II, já estava em pleno funcionamento e, ao seu redor, aumentava o número de habitantes. Esse núcleo de população viria a ser a Vila Americana, hoje cidade de Americana.

Não havia templo próprio. Os cultos iam se realizando nas casas de seus membros. Este é um costume que vem de vários séculos, quando a casa de alguém passa a ser um lugar de culto e tantas vezes onde nasce uma igreja.

Com a participação de elementos da Primeira Igreja, ela trouxe para o seu seio o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, que era brasileiro. A 20.06.1880, ele fez a sua profissão de fé, foi batizado e, no mesmo dia, foi consagrado ao Ministério de Palavra. (Ver Parte D - 20.06.1880)



Com a consagração de Teixeira, como passou a ser conhecido, a igreja decidiu que ele fosse com o missionário Quillin, para Piracicaba, a fim de ali organizarem a terceira igreja batista e, com ela, fazerem funcionar uma escola anexa. Teixeira recebeu a incumbência de supervisionar esse trabalho. A igreja em Piracicaba não chegou a organizar-se nesse tempo. Só o seria em outra situação, a 23.11.1902. (Ver pág. 580)

O plano sofreu uma interrupção. Mesmo antes de terminar o ano de 1880, houve divergência entre esses dois obreiros. Quillin afastou-se do pastorado da Igreja da Estação. Robert P. Thomas foi chamado para pastoreá-la até que o assunto fosse resolvido.

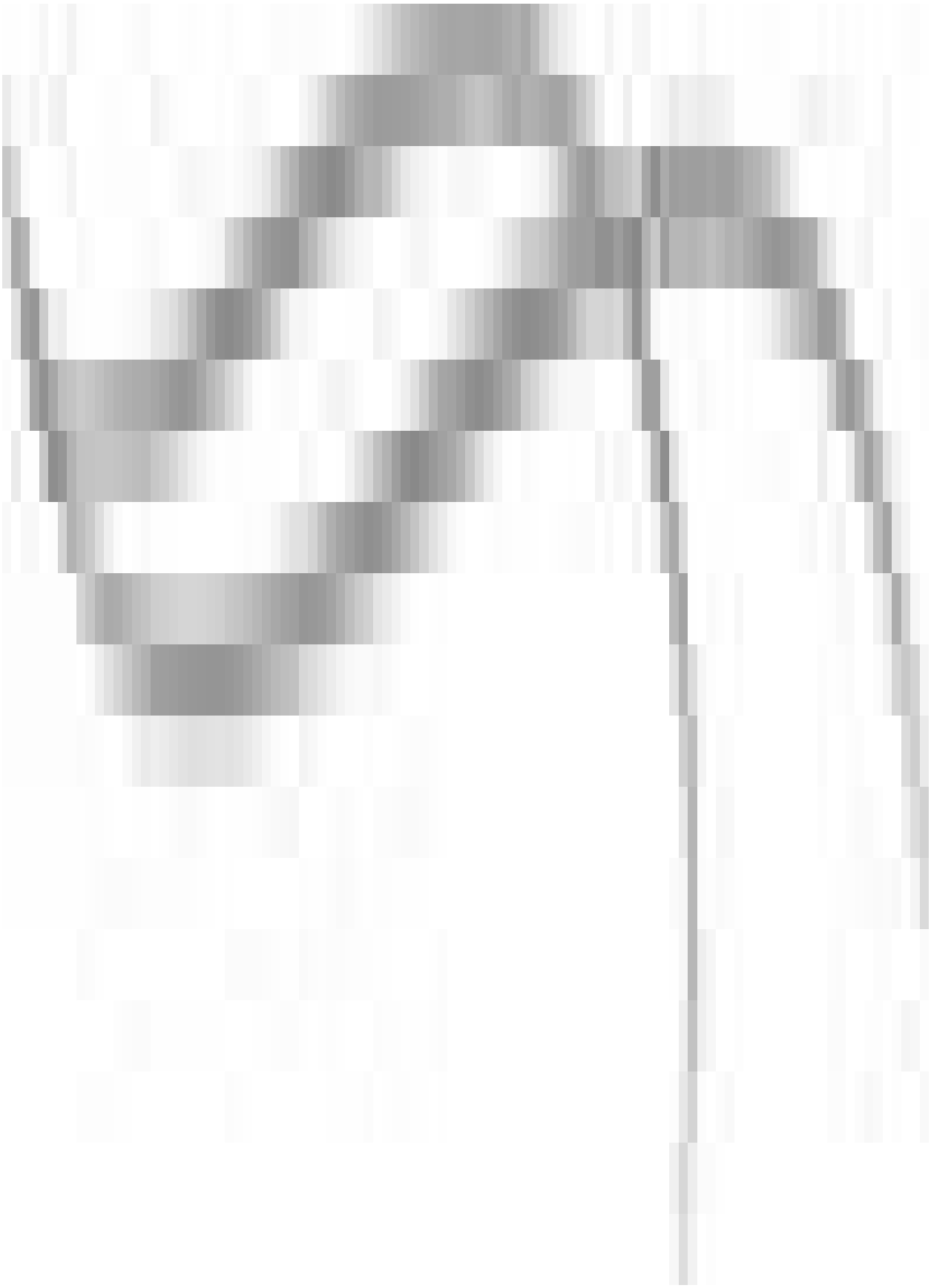
Ambas as igrejas sofreram muito. Quando o missionário Bagby chegou a SB, a 07.03.1881, encontrou o problema com a solução já encaminhada. Percebe-se, porém, que a Igreja da Estação perdera boa parte da força do seu maior entusiasmo. Era necessário que ela fosse revitalizada.

O Dr. Bagby, porém, sugeriu a dissolvência da igreja, quando os seus membros retornariam à Primeira Igreja. Quatro deles aceitaram a sua idéia. (Ver parte “D”, 02.09.1881.) Desconhecemos até que ponto essa igreja se conservou em atividade. Há documentos que indicam o nome de Igreja da “Vila Americana”. Seria aquela formada dos remanescentes das duas igrejas? (Ver págs. 479 e 480) Ou seria a tentativa do missionário Soper ter ali um templo, na casa que alugou na cidade de Santa Bárbara? O Dr. Bagby, no Rio de Janeiro, contraiu a febre amarela. Assim, ocorreu uma mudança brusca em todo o esquema de trabalho. A família Bagby viajou para os EUA; Soper deixou a igreja em Santa Bárbara e veio para o Rio de Janeiro, quando assumiu o pastorado interino da Primeira Igreja.

Não encontramos referências dos missionários E. H. Soper e E. A. Puthuff sobre qualquer trabalho realizado por eles com a Igreja da Estação. Há, porém, o fato do missionário Puthuff passar a residir na área próxima à estação, fazendo crer que havia a idéia de insuflar novos ares na vida da pequenina igreja.

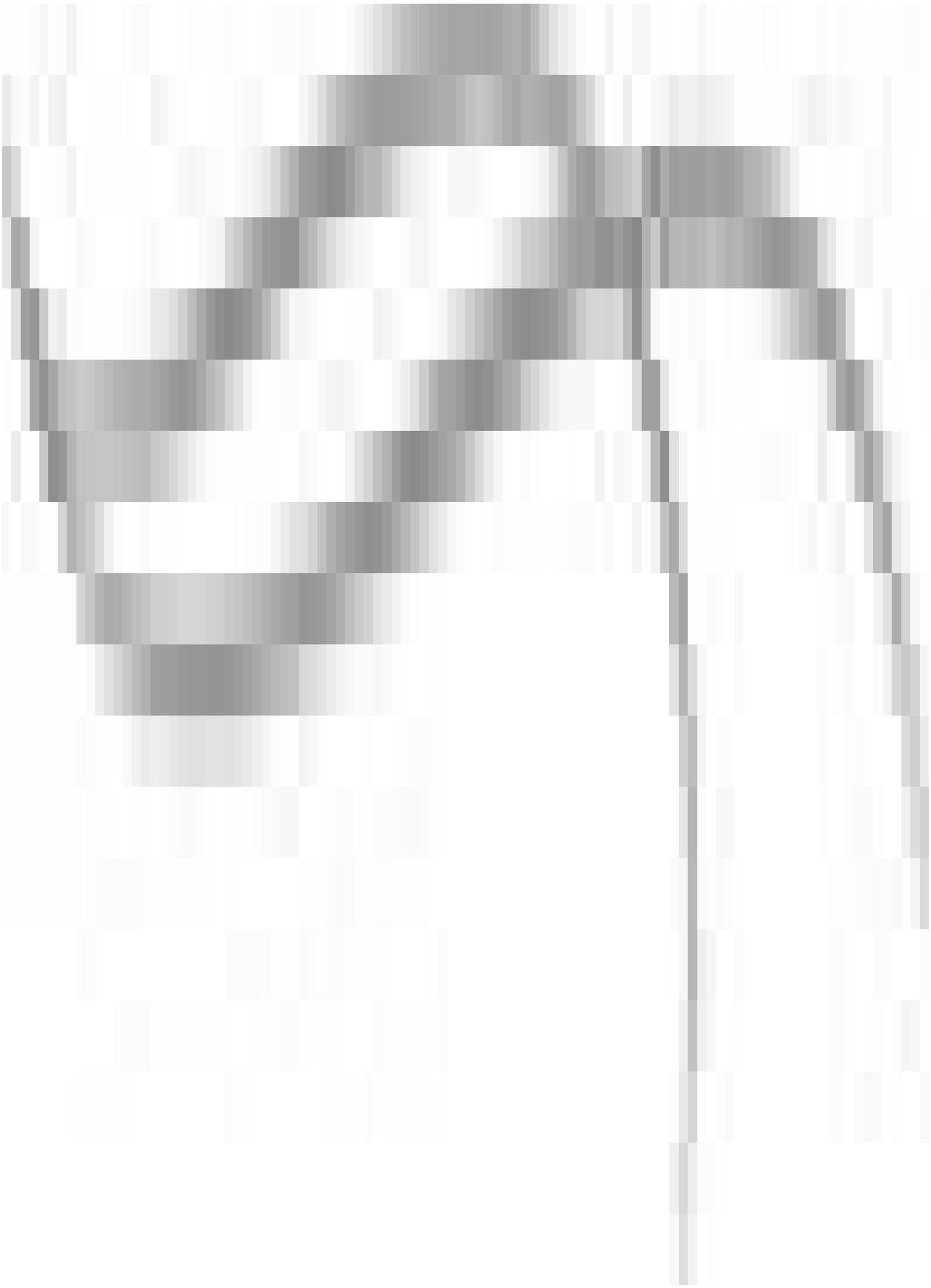
O diácono Pleasant M. Fenley, de 70 anos de idade, faleceu a 03.12.1885. Por uma curta informação, o missionário Soper dá a entender que havia dirigido a cerimônia do funeral desse irmão. A morte de P. M. Fenley deve ter produzido

uma séria lacuna, mesmo que ele tivesse sido uma daquelas quatro pessoas retornadas à Primeira Igreja. Sente-se que ele era um bom servo de Deus e um líder. Quais eram os desígnios divinos em tudo que acontecia?!



A Igreja da Estação, como um corpo administrativo, deixou de funcionar; mas os seus atos cometidos em tão curto espaço de tempo, em meio a tão complexas condições, passaram para a História dos Batistas do Brasil, tendo na pessoa do Rev. Antonio Teixeira de Albuquerque o seu ponto culminante. Ele tornou-se o primeiro pastor batista brasileiro. Este é um marco importante para a nossa história.

O pedido feito à FMB, no mesmo dia da sua consagração ao ministério, solicitando a nomeação de um missionário, não foi atendido, nem mesmo depois de o Dr. Bagby, mais tarde, formular a mesma solicitação. Salvo engano, Teixeira foi considerado um assistente nativo para a Missão, na Bahia e em Alagoas, recebendo uma ajuda financeira das mãos do missionário William Buck Bagby, depois de Zachary Clay Taylor e, por fim, de Charles Davis Daniel.



Nos documentos citados a seguir, a data de organização da Igreja da Estação, a segunda igreja em SBSP, mostrava-se duvidosa. Por fim, solicitamos à Miss Dorothy Owen, da FMB, que nos ajudasse no esclarecimento da questão. Disso resultou a confirmação da data de 2 de novembro de 1879, como o dia da organização da Igreja Batista da Estação.

Citações:

— H. A. Tupper, em The Foreign Missions, p. 479 — 07. dezembro. 1879.

— Idem, em A Decade of Foreign Missions, p. 109.

— SBCA, 1880, p. 51 e FMJ, maio, 1880, Supl. p. 1: estes mencionam a data de organização como sendo o 1º domingo de novembro de 1879.

— A. R. Crabtree, em Hist. Bat. no Brasil, p. 40, menciona o "1º domingo de 1879". No caso, seria 1º domingo de janeiro de 1879. (Ver carta de W. B. Bagby para a FMB, 31.03.1881 e FMJ, 02.09.1881.)

Na SBC de maio de 1880, reunida com a Primeira Igreja Batista em Lexington, Kentucky, aparece um personagem recém-convertido, interessado no trabalho missionário do Brasil, o General Alexander Travis Hawthorn. (Ver parte "B" — A. T. Hawthorn, na pág. 330.)

A FMB vinha fazendo conhecidas as informações e relatórios que lhe eram enviados da Missão em SB, publicando-os no FMJ. Os relatórios e pareceres das comissões estão registrados nos Anais da dita Convenção. Por eles temos uma visão de que o Brasil despertava as atenções dos batistas nos EUA.

Pelo registro nos Anais de 1880, mencionado acima, temos conhecimento do

Parecer da Comissão sobre Missões na América do Sul, sendo A. T. Hawthorn o seu relator. Com um entusiasmo inusitado leu-o diante da Convenção comentando sobre a beleza do Brasil, seu grande território, seu povo e governo, clima e a riqueza do solo. Destacou que:

"... A evangelização desse maravilhoso país é um trabalho de vasta magnitude. (...) Em nossa opinião, não há outro país entre todos os incluídos no esforço missionário que seja mais convidativo, ou que ofereça o mais rápido e o maior resultado, com o mesmo esforço e despesas."

A respeito do que acima transcrevemos, ver parte "D", 01.10.1878.

De fato, ele repetia, em sumário, tudo aquilo que já se havia dito e escrito anteriormente. Mas, ele era, na ocasião, em outra e nova circunstância, uma testemunha viva do que presenciara no Brasil.

"... A comissão crendo que cada motivo é propício, e que o tempo tem chegado quando os batistas do Sul poderiam fazer alguma coisa naquela direção, digna do seu número e poder financeiro, recomenda o seguinte, a saber: que a Junta de Missões Estrangeiras seja autorizada, se isto for praticável, a nomear missionários adicionais para o trabalho no Brasil."[Observe-se a palavra adicionais.]

O Parecer foi aprovado. Este, completo e traduzido para o português, pode ser lido nas páginas 17 e 18, do livro O que Deus tem Feito.[7] "Resolvido que a Junta de Missões Estrangeiras seja autorizada a aumentar o seu número de missionários para o trabalho no Brasil. Respeitosamente, A. T. Hawthorn, presidente." A palavra "aumentar" pode ser entendida, também, como adicionar, ampliar.

O General Hawthorn e os demais membros daquela Comissão sabiam que já existia a Missão instalada em Santa Bárbara, tendo já à sua frente o missionário

responsável. Assim, no Parecer, foram corretos em mencionar missionários adicionais. A adição é feita a algo que já existe. Observe-se que a Missão já estava estabelecida desde o meado de 1879.

O trabalho dessa Comissão, tendo à frente Hawthorn, foi de valor para entusiasmar os mensageiros presentes ao conclave, a favor das Missões no Brasil, a qual passaria a ter também o suporte financeiro da FMB, pela resposta efetiva dos batistas do Texas, principalmente.

Cinco meses antes — 05.01.1880 —, a FMB já havia definido a sua posição quanto à abertura de novas frentes missionárias, e o envio de novos missionários, à vista dos recursos exíguos que as igrejas estavam enviando para esse fim. Como agora já se tinha a perspectiva da provável nomeação dos jovens W. B. Bagby e Anne Ellen Luther, como obreiros para o Brasil, alguma nova medida especial deveria ser tomada. Assim, Hawthorn foi escolhido como Agente Geral de Missões, com o fim de liderar um movimento no Texas, onde estava residindo, para angariar recursos com fins determinados: as passagens para o Brasil e parte do sustento daqueles dois jovens. A nomeação dos mesmos estaria condicionada, em sua maior parte, à resposta desse movimento, que, sendo salutar, sacudiu os batistas do Texas para a contribuição de recursos destinados às Missões no Brasil.

Hawthorn dinamizou de tal modo aquele movimento que, em novembro de 1880, já havia no Estado do Texas mais de 200 “Sociedades Missionárias Anne Luther”, angariando aqueles recursos. Por volta de setembro de 1881, quando já o casal Bagby se encontrava no Brasil, aquele número já teria chegado a 326, conforme nos relata uma carta de Bagby à FMB, datada de 26.10.1881.

O costume da FMB de mandar para o campo os seus missionários adredemente preparados, incluindo o conhecimento quanto ao novo campo de trabalho, sofreu alguma alteração quando do envio do jovem casal. O pastorado de Bagby, as suas viagens acompanhando Hawthorn para promover as “Sociedades Missionárias Anne Luther”, o tempo exíguo que tinham pela frente até a provável vinda para o Brasil, não permitiam o cumprimento natural do processo e o tempo necessário para aquela tarefa exigida pela Junta. Leia-se o que o próprio Bagby declarou no seu discurso de 16.01.1926, publicado em O JB de 25.03.1926. Temos quase como certo que o livro Brazil & Brazilians, de Kidder e Fletcher foi lido pelo casal, a julgar pelos termos usados na carta que Dr. Bagby escreveu à FMB ao entrar na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, a

02.03.1881.

William e Anne casaram-se a 21.10.1880. Logo viajaram para Richmond, em Virginia. Os membros da FMB apresentaram a sugestão de que o casal fosse para Shangai, China. Mas o jovem Bagby lançou um desafio, e este foi aceito: o Brasil deveria ser o seu campo de trabalho. Assim, William e Anne Bagby, nomeados, foram, cronologicamente, o nosso quarto e quinto missionários.

O entusiasmo era tanto que até transparece que a FMB se esqueceu de enviar uma comunicação aos irmãos em Santa Bárbara! Se o fez, houve falha do serviço postal. Mas, a notícia da vinda do casal Bagby chegou aos ouvidos dos irmãos em SB, via metodistas! (Ver parte “D”, 16.01.1926.)

A 02.03.1881, chegaram ao Rio de Janeiro os missionários William e Anne Bagby, enviados para a “nossa Missão em Santa Bárbara”, conforme se lê na ata da FMB, de 01.11.1880. No dia 7 seguinte, o casal chegou em SB, hospedando-se na Fazenda Barrocão, na casa da irmã Mary Matilda Ellis. Com as visitas, as informações sobre o trabalho iam se acumulando.

Os dois jovens recém-chegados foram aceitos como membros da PIB/SB. Quarenta dias depois da chegada em SB, Bagby e a esposa transferiram-se para Campinas. Ali estudaram o português. A 25.07.1881 nasceu Ermine, a primogênita do casal. Ali ficaram até agosto de 1882, quando viajaram para a Bahia.

No estudo da língua portuguesa, em Campinas, não foi Teixeira o professor para o casal, pois Teixeira morava em Capivari. Ele foi o professor para os casais Bagby e Taylor, em Salvador, Bahia.

A 12.03.1881, Bagby escrevia à FMB dizendo: “... embora haja algo desfavorável aqui na situação atual do trabalho, há muitas coisas a encorajar-nos”. (Ver parte “D”, 12.03.1881.)

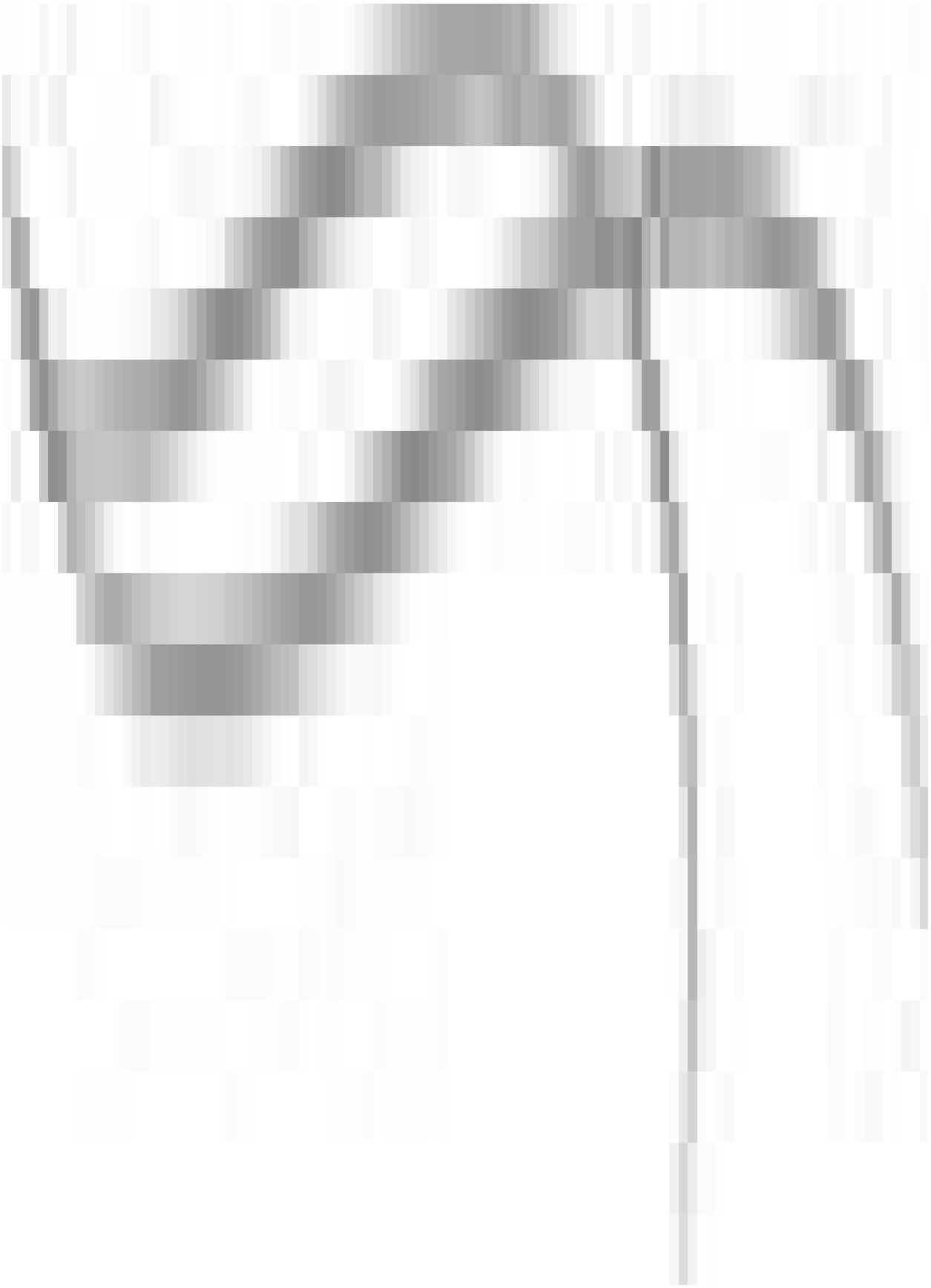
A 28.05.1881, Bagby assumiu o pastorado da PIB/SB, no lugar de Elias H. Quillin, que acabara de pedir a sua exoneração. Antes de completar três meses de estada em SB, Bagby revela a sua “incerteza de permanência na região”, e diz: “... não creio que Santa Bárbara seja o lugar próprio...”. (Ver parte “D”, 31.05.1881, parágrafo 7, na pág. 483.)

Ele viera com o destino certo: a Missão em SBSP. Os crentes o receberam como

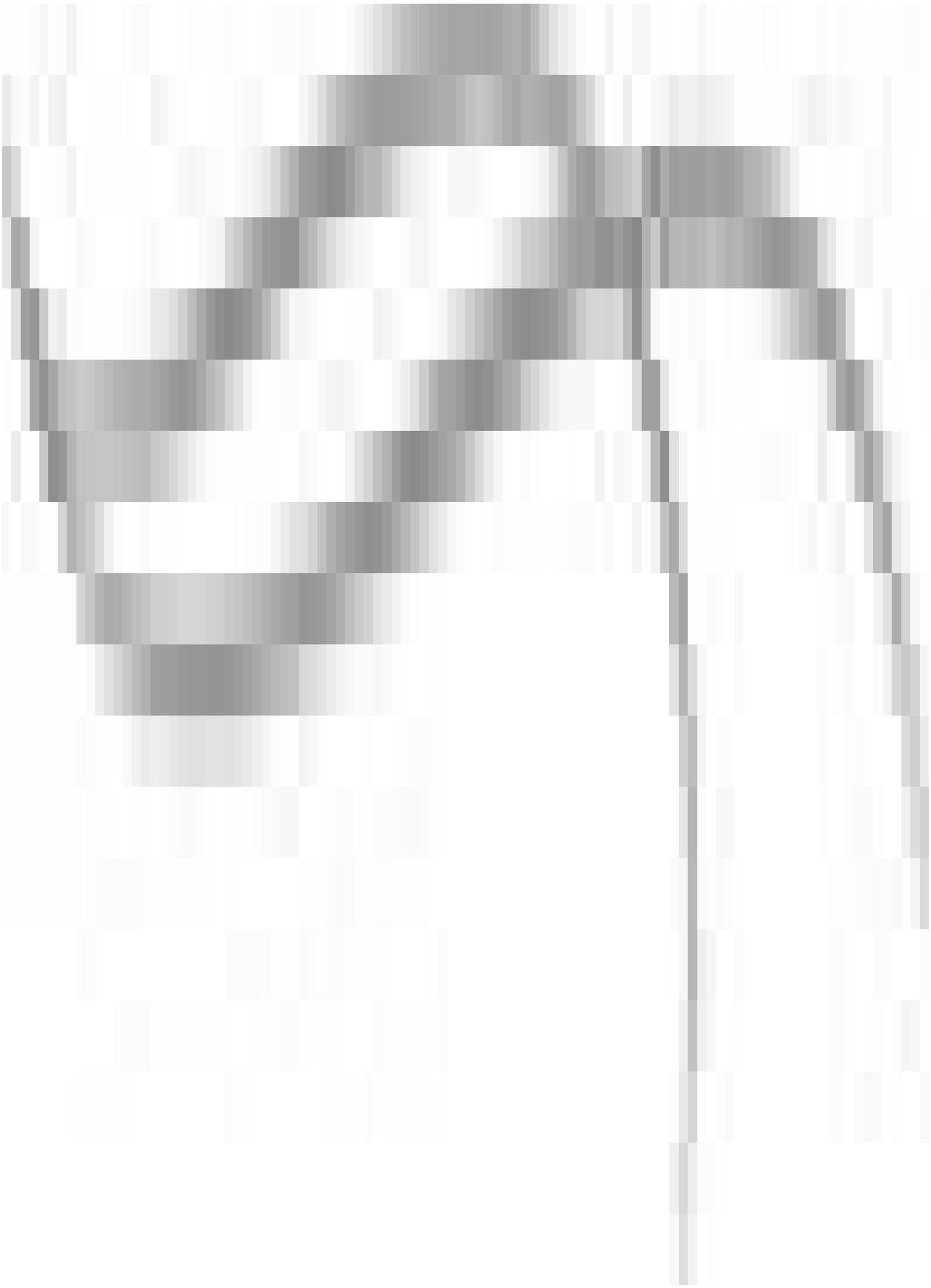
sendo a resposta de Deus às suas persistentes e contínuas orações. (Ver documento de 01.11.1880, pág, 467.)

Para dar continuidade às atividades da igreja, o calendário usado foi mantido, tendo em vista acomodar as disponibilidades do programa de todos, inclusive no uso da Capela do Campo, usada também pelos metodistas e presbiterianos. Assim, Bagby estaria com a Igreja da Estação, nos primeiros domingos; os segundos domingos e sábados anteriores a este seriam dedicados à Primeira Igreja, quando haveria culto, sessão administrativa, ceia e batismos. Nos terceiros e quartos domingos, Bagby ficaria em Campinas, onde estava morando, para trabalhos locais.

A 05.11.1881, o Rev. Quillin escreveu à FMB pedindo a sua exoneração como missionário. (Ver parte “D”, 05.11.1881.) A sua exoneração lhe foi concedida a 06.03.1882, data da ata da FMB.



No início de 1882, a PIB/SB expediu uma certidão com a qual o seu pastor, Dr. Bagby, pudesse registrar-se no Império, como Ministro do Evangelho. Tornou-se, assim, um Juiz de Paz, podendo realizar casamentos com direitos civis. Não localizamos qualquer registro de casamento realizado por ele na área de S. Paulo. Mas o fez no Rio de Janeiro.



No Texas, preparava-se outro casal para o Brasil. Zachary Clay Taylor foi consagrado ao ministério na Igreja Batista Independence, em torno de 12.06.1879. O Dr. William Carey Crane era o pastor daquela igreja. Ele e outros, inclusive o Pr. Richard Ratcliff, formaram o Concílio para essa consagração. (Ver parte “B” — Z. C. Taylor, pág. 362).

Z. C. Taylor e sua esposa, Kate, chegaram ao Rio de Janeiro a 23.02.1882. Cronologicamente, eram eles nosso sexto e sétimo missionários. Hospedaram-se com os missionários J. J. Ranson e James L. Kennedy, metodistas, enquanto aguardavam a chegada do Dr. Bagby, que veio de Campinas para buscar o casal Taylor, pois ali iria residir.

No dia 07.03.1882, viajaram para Santos e, no dia 9, encontravam-se em Campinas.[8] Já no domingo, dia 12, estavam em Santa Bárbara, e o Dr. Z. C. Taylor fazia o seu primeiro sermão no Brasil. Ele e sua esposa passaram, também, a ser membros da PIB/SB. (Ver parte “D”, 26.08.1882.) Ficaram morando em Campinas. A 28.05.1882, Taylor falou a cerca de 30 brasileiros, com a ajuda de um intérprete. (Ver parte “D”, 29.05.1882.)

No bojo das informações enviadas para a FMB pelo Dr. Bagby, vê-se claramente que os irmãos em SB estavam agora possuídos de ânimo renovado, de disposição para o trabalho. Houve conversões e batismos, reconciliações (nomes não mencionados!) despertamento e a manifestação de dois jovens para a obra do ministério: William Francis Thomas e Bony Harmmond Green, que não chegaram a ser consagrados.

A esperança daqueles crentes era terem um pastor de tempo integral. Porém, mesmo sem que tal ocorresse, o grupo respondeu de modo inspirador. Os frutos aí estavam, inclusive a penetração mais efetiva do trabalho entre os brasileiros. As notícias configuram-na nitidamente, ao ponto de haver uma pregação na casa de um brasileiro, a pedido, com uma freqüência de cerca de 45 pessoas! Dr. Bagby estava na direção desse culto. Ele era o pastor da igreja. (Ver parte “D”, 05.08.1882.)

Para o tempo, lugar e circunstâncias, esse número deve ser elevado a “n” vezes, pelo que ele significa realmente. (Ver parte “D”, 29.05.1882 a 05.08.1882.)

Assim, os irmãos em SB, junto com o seu pastor, Dr. Bagby, estavam dando ênfase à execução do plano de falar mais diretamente aos brasileiros. Seguindo na leitura dos documentos da parte “D”, vamos encontrar outros exemplos disso, mesmo depois de o Dr. Bagby se ter retirado para a Bahia.

Antes de Z. C. Taylor completar dois meses de estada em Campinas, ele e o Dr. Bagby decidiram ir juntos a Minas Gerais, com a intenção de sondar um lugar para o estabelecimento da Missão (Missão Permanente? Missão Central?). Antes dessa viagem, os dois missionários foram levados a Capivari para uma visita a Teixeira, sendo este o primeiro encontro desses obreiros, salvo engano. O diácono W. F. Thomas foi o intérprete.

Saíram, então, de Campinas para MG a 20.04.1882, retornando antes do dia 16.05.1882. A viagem foi rápida, passando pela cidade de São Paulo, Juiz de Fora, S. João Del Rei, decidindo encerrá-la em Barbacena. (Ver parte “D”, 17.05.1882.)

Não encontramos qualquer referência de viagem desses dois irmãos à Bahia, com aquela finalidade, mas, tem-se a impressão de que o Dr. Bagby planejara seguir, durante a viagem mencionada acima, a mesma rota da que o Gen. Hawthorn fizera no fim de 1867. É bem provável que, apoiados no entusiasmo e opinião de Hawthorn, tenham decidido que a Bahia seria o lugar para a Missão, tal como este havia dito:

“... Quanto mais reflito sobre o assunto, firma-se a minha convicção no sentido de que não há lugar no Brasil que ofereça mais induzimentos para a localização de uma Missão permanente, do que a Bahia.”[9]

Que dizer!? Aí estão os documentos que falam por si. A carta de 17.05.1882 à FMB teve a sua resposta autorizando que os casais Bagby e Taylor fossem para a Bahia. Muito teria que ser providenciado, incluindo-se os arranjos para levar com eles o Rev. Antonio Teixeira de Albuquerque e sua família. Por fim, eram três famílias que sairiam das duas igrejas em Santa Bárbara, indo para a Bahia: Bagby, Taylor e Albuquerque.

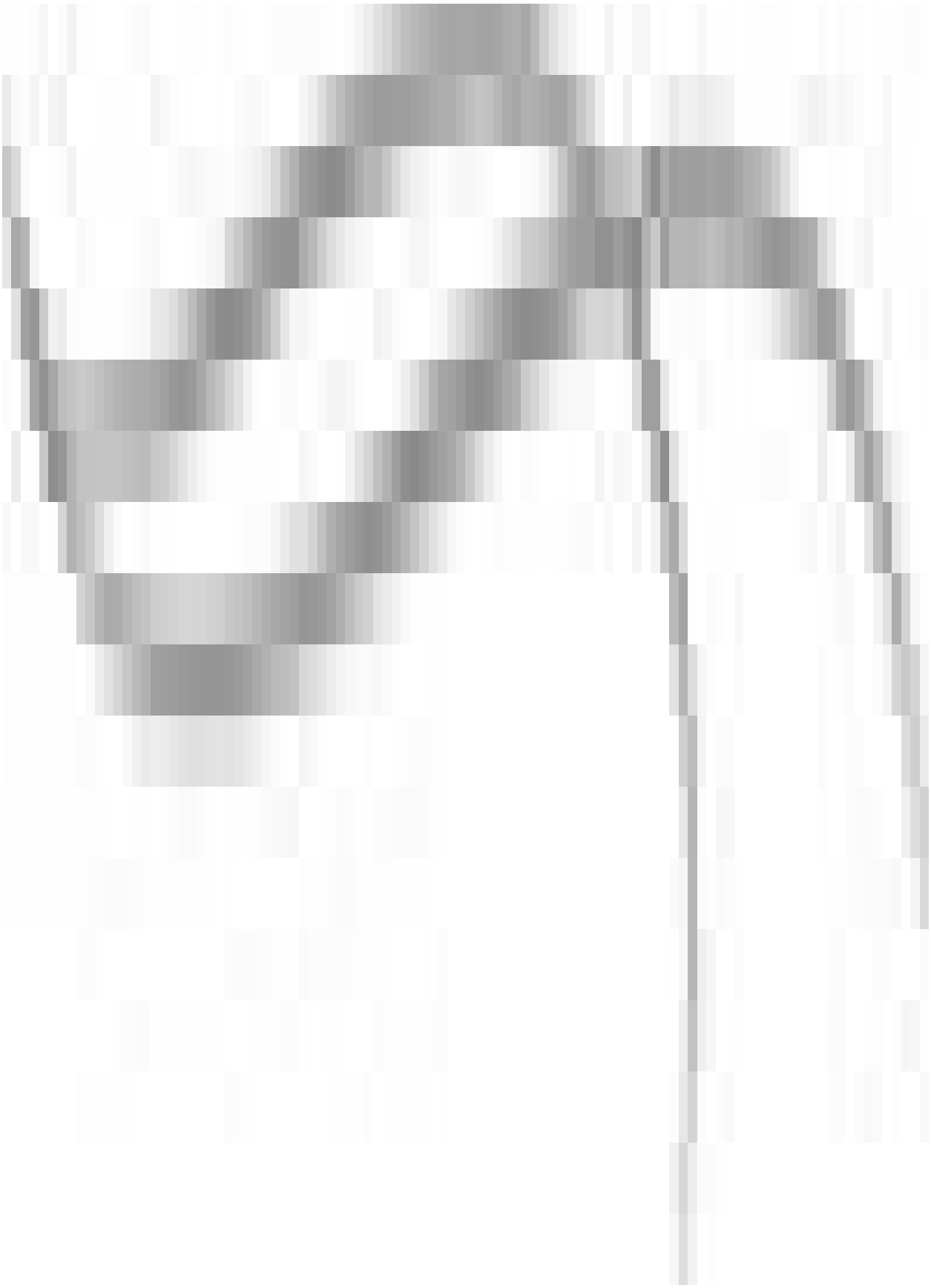
Na sessão de 12 de agosto de 1882 (sábado), os irmãos em SB concederam, como Primeira Igreja, a exoneração do pastorado ao Dr. W. B. Bagby, a seu pedido, e cartas demissórias (cartas de transferência), de quatro de seus membros para organizarem uma igreja na Bahia. Estes eram os dois casais Bagby e Taylor.

(Ver parte “D”, 26.08.1882.)

A Igreja da Estação concedeu carta demissória ao Rev. A. Teixeira de Albuquerque, para o mesmo fim. (Ver parte “D”, 15.10.1882 e 10.05.1883.)

Conforme nosso cálculo, as três famílias devem ter saído de Campinas, a 21.08.1882. O documento de 26.08.1882, e subseqüentes, relatam parte do que ocorreu até que chegassem à Bahia.

A 15.10.1882, foi organizada a “Primeira Igreja Batista na Bahia”. Este foi o nome que ela recebeu. (Ver parte “D”, 15.10.1882.) Teve como fundadores os cinco membros vindos das duas igrejas em Santa Bárbara. A Igreja na Bahia tornou-se, portanto, a segunda filha da Primeira Igreja em Santa Bárbara, com a participação da Igreja da Estação, a segunda naquela cidade. Assim, a Primeira Igreja Batista na Bahia é a terceira igreja batista organizada em solo brasileiro, com membros procedentes das duas primeiras igrejas em Santa Bárbara.



Prosseguimento Do Trabalho Batista Em Santa Bárbara

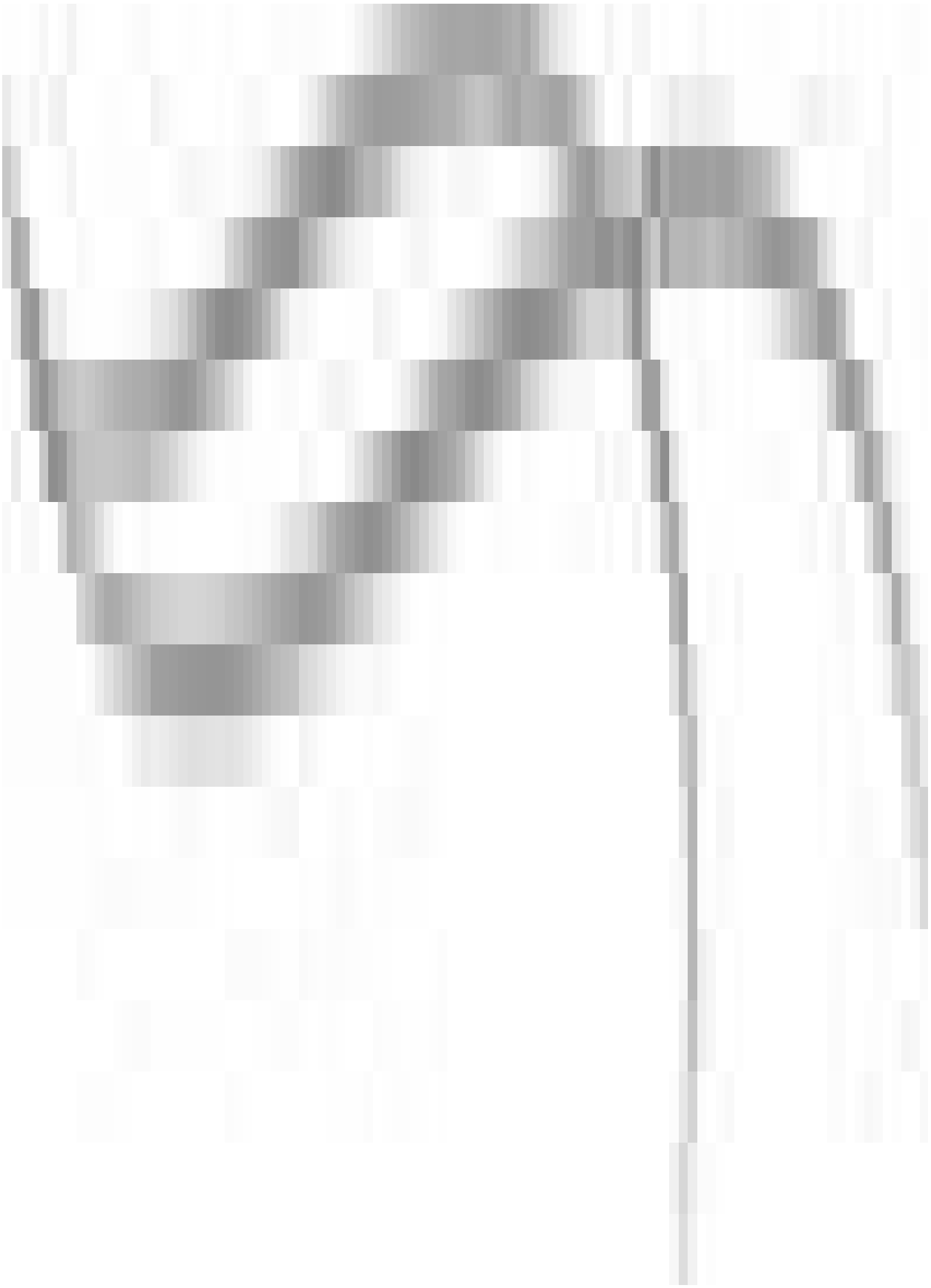
Podemos imaginar como os irmãos em Santa Bárbara estavam se sentindo! Com a saída das três famílias, o Pr. R. P. Thomas passou, interinamente a dar-lhes a assistência pastoral. Mas, como num palco, desceu o pano de boca! Os figurantes entreolharam-se indagativos, silenciosos e perplexos. Meditaram e refletiram sobre tudo o que acontecera, com êxito ou sem ele, desde a chegada ao Brasil. Quais os novos propósitos?! Passaram-se 22 meses. Deles não temos notícias. Só duas referências na parte “D”, 06.11.1882 e 11.09.1883. Mas aquele pano de boca subiu, porque um novo tempo chegou!

Nos dias 15 e 16.06.1884, o navio “Buenos Aires” estava no porto do Rio de Janeiro, com 129 passageiros em trânsito. (MPRJ, p. 305) Entre esses estava a família Bagby e Mary O’Rork, vindos da Bahia. Prosseguiram até Santos. O destino era Santa Bárbara; por isso, continuaram a viagem, de trem. Quando as famílias Bagby, Taylor e Albuquerque foram para a Bahia, em 1882, Mary os acompanhou. Lá a jovem tornou-se membro da PIB/BA. Mary viria a ser uma das fundadoras da PIB/RJ, em 1884! Devia ser da família de William O’Rork, um dos emigrados dos EUA. Encontramos referência a essa irmã, em correspondência diplomática da época, entre o embaixador e o cônsul, na cidade de Santos.

A família Bagby permaneceu em SBSP por um mês. Foi uma visita necessária e proveitosa.

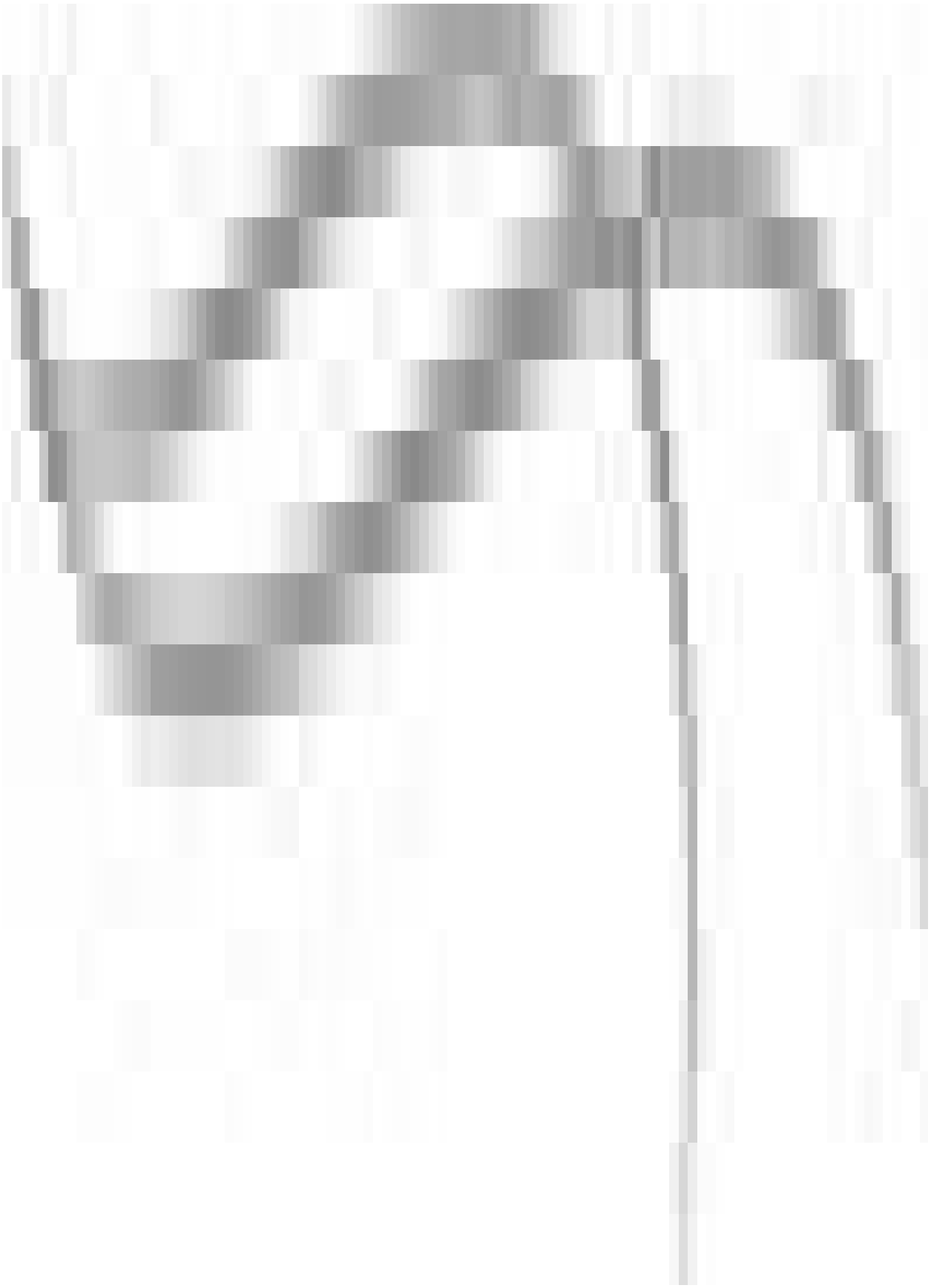
Deixando os irmãos em SB, a família veio para o Rio de Janeiro, onde o Dr. Bagby tomou as providências para a organização da Primeira Igreja Batista na cidade, o que ocorreu a 24.08.1884, tendo como fundadores: Dr. W. B. Bagby e sua esposa, D. Anna Bagby, D. Elisabeth Williams e a jovem Mary O’Rork, sendo dois norte-americanos, uma inglesa e Mary, provavelmente, irlandesa. Pouco depois, a 01.10.1884, filiou-se à igreja, o jovem Edwin Herbert Soper, sendo ele um missionário inglês para os marinheiros no Rio de Janeiro. Só sabia falar inglês.

A sua ida para ajudar os irmãos em Santa Bárbara surgiu pouco depois de tornar-se membro da PIB/RJ, indo como evangelista, por sua conta. Os documentos de 18.03.1885 a 27.08.1885, dão-nos um relato do que foi realizado em SB, naquele período.



Entre a exoneração do Rev. E. H. Quillin, a seu pedido, como missionário da FMB e o seu falecimento a 21.03.1886, há um período de quatro anos, do qual possuímos a informação que nos deu uma sua neta, a Sra. Elsa Quillin MacKnight. É que com os problemas de saúde e dificuldades para manter a sua família, ele decidiu tentar alguma solução em Itatiba, não muito longe de Campinas, e Vinhedos. A família, porém, permaneceu em SB. No Arquivo Municipal de SB, encontramos, no Livro de Registro de Pagamento de Impostos, por duas vezes, em 1885, Sarah Quillin pagando 5 e 10 mil réis de imposto sobre uma padaria. Isto vale dizer que, mesmo sendo esposa do Rev. Quillin, teve ainda que montar um comércio, de pequeno porte, por um período de cerca de dois anos, para manter a sua família.

O estado de saúde do Rev. Quillin foi piorando até que se deu o seu falecimento. (Ver parte “B” — E. H. Quillin, na pág. 162 —, e “D”, 21.03.1886.)

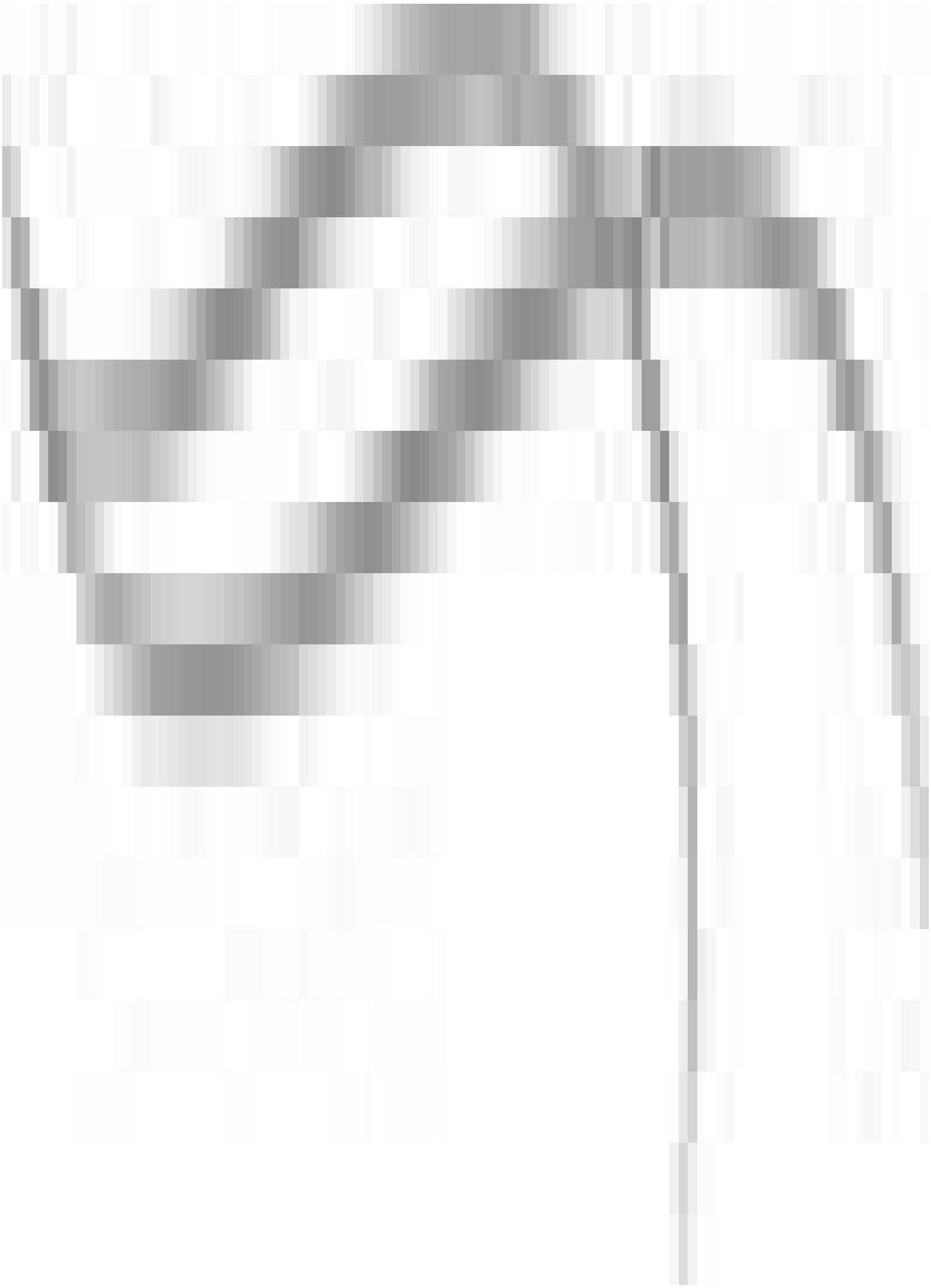


A chegada de Edwin Herbert Soper em SB produziu um novo entusiasmo pelo trabalho por parte da igreja. A 15.08.1885, a igreja convidou-o para ser o seu pastor. Ele, porém, não era consagrado ao ministério. Assim, no dia 16.08.1885, a PIB/SB consagrou-o ao Ministério da Palavra, a pedido da PIB/RJ. O Dr. Bagby, que viera especialmente do Rio, e mais o Pr. R. P. Thomas, formaram o Concílio, conforme desejo expresso da igreja local. (Ver parte “D”, 27.08.1885.) Mais tarde, E. H. Soper foi nomeado pela FMB, como missionário, estando no campo — “on field”.

Mediante a certidão dada pela PIB/SB, ela possibilitou o registro do jovem pastor Soper, como Ministro do Evangelho, no Império.

Aqueles irmãos teriam novas experiências e um avivamento, tal como se depreende das notícias que foram registradas e podem ser lidas na parte “D”.

E. H. Soper assumiu o pastorado da igreja a 16.08.1885, conforme deduzimos dos documentos. O documento de março de 1886 revela que, [no mês seguinte], Soper alugou uma casa na Vila de Santa Bárbara, onde passou a morar. A sala da frente foi adaptada para servir como salão de cultos. O trabalho ganhou, então, um novo ânimo.



Procedente de Nova York, o navio “Finance” chegou ao Rio de Janeiro a 31.12.1885. Entre os seus passageiros estavam os missionários, recém-nomeados pela FMB para o Brasil: Charles Davis Daniel e esposa, Lena Kirk Daniel; Edward Allen Puthuff e esposa, Emma Fox Puthuff; e a jovem Mina Everett. (MPRJ, p. 331).

Dr. Bagby recebeu-os com alegria, sendo esta um tanto empanada pelo receio de que pudessem tornar-se presa fácil da febre amarela, que grassava na cidade com certa virulência. Os missionários tiveram uma reunião para melhor decidir quanto ao rumo que cada um tomaria. Mina Everett ficou no Rio de Janeiro com o casal Bagby; o casal Daniel embarcou para Salvador, pelo navio “Uruguai”, a 06.01.1886 (MPRJ, p. 331). A 16.01.1886, o Dr. Bagby levou, provavelmente de trem, o casal Puthuff para a capital, São Paulo. Na volta ao Rio de Janeiro, uma semana depois, o Dr. Babgy foi atingido pela febre amarela.

Este fato provocou um remanejamento de parte do plano antes estabelecido. O Dr. Bagby convocou, urgentemente, o missionário Soper para vir de SB, a fim de permanecer no Rio de Janeiro, em seu lugar, enquanto durasse a sua estada nos EUA, para onde seguiu, em busca de saúde, na data de 17.02.1886, pelo navio “Advance”, levando consigo a sua família (MPRJ, p. 333).

O missionário Soper assumiu a responsabilidade da Missão no Rio de Janeiro. Na sua falta, o Pr. Robert P. Thomas, apesar de adoentado, assumiu o trabalho em SB, interinamente. A 21.03.1886, o Pr. Quillin veio a falecer. Enquanto doente, teve a assistência espiritual do seu colega Robert P. Thomas. Leia-se a carta que este enviou à FMB e que se constituiu no Necrológio de E. H. Quillin. (Ver parte “D”, 21.03.1886.)

Com a perspectiva de que tão cedo o Dr. Bagby não retornaria dos EUA, cogitou-se de colocar o missionário Puthuff na direção do trabalho em SB. A esperança que Soper alimentava de logo poder retornar para a sua igreja foi dissipada. Como Puthuff estava na capital, São Paulo, ficou-lhe mais fácil ir até SB para visitar os irmãos ali, o que fez por três vezes. Soper então solicitou a sua exoneração para que Puthuff pudesse ficar no seu lugar. Isto deve ter ocorrido a 01.08.1886, ou seja, a exoneração de Soper e nomeação e posse de Puthuff. Esta data é um cálculo feito baseado nos dados das cartas.

O missionário Puthuff e família só se devem ter mudado para SB em princípio de outubro de 1886, conforme sua carta à FMB, de 04.11.1886. Encontraram a região com um surto de varíola e febre tifóide. Desta última, seria vítima D. Mary Matilda Ellis. (Ver parte “D”, 15.11.1886.)

O Pr. Puthuff, pela carta de 04.11.1886, já referida, revela compreender as necessidades locais e fala de se ter uma escola industrial. O assunto estava no coração de todos; e não só a escola, mas também um orfanato.

Os documentos de 01.10.1886, 15.11.1886, 26.03.1888 e 31.01.1889, ensejam-nos comentário sobre o projeto de formação de um orfanato, uma escola industrial e conseqüente construção de um prédio para as duas instituições e, ainda, a edificação de um templo. (Ver os documentos, parte “D”, nas datas.)

Inferências conduzem-nos a pensar que Elisabeth Williams, uma das fundadoras da PIB/RJ, de origem inglesa, mantinha contato com elementos em SB, antes de 1884. Novos documentos poderão trazer mais luz e outras conclusões sobre este pormenor, e como esse contato funcionaria no relacionamento dos emigrados residentes no Rio de Janeiro e em SB.

Um desses elementos era Mary Matilda Ellis. Esta, D. Ana Bagby e Elisabeth Williams estavam projetando a organização de um orfanato em SB. A idéia pode ter partido de Mary M. Ellis que, entusiasmada, já havia oferecido 12 alqueires de terra de sua propriedade, no Barrocão, para o dito orfanato. Esperava que Ana L. Bagby pudesse conseguir dinheiro para ser construído o prédio do “Industrial Home”, como foi chamado. Mary M. Ellis já aprontara seis acolchoados para os seis órfãos, que aguardavam pela instalação da entidade. Esses acolchoados eram os “quilts”, feitos artisticamente com retalhos de fazendas.

Dois desses órfãos encontravam-se com Mary M. Ellis, em SB, e quatro, com Anna L. Bagby, no Rio. Com a viagem da família Bagby para os EUA, a 17.02.1886, esses órfãos devem ter ficado sob os cuidados de Elisabeth Williams.

Mary M. Ellis, porém, faleceu a 15.11.1886! A cerimônia fúnebre foi oficiada por Puthuff, então pastor da PIB/SB. No mês seguinte, a 27.12.1886, ele adquiria 7 mil metros quadrados de terra, perto da estação de SB, para ali ser erguido um prédio de uma escola industrial. Essa aquisição indica que a idéia do estabelecimento do “Industrial Home” tomava novas dimensões.

Não sabemos com que recursos Puthuff adquiriu a propriedade e iniciou a construção que foi levantada com certa rapidez. A 28.02.1887, ele adquiriu outra porção de terra, totalizando mais ou menos uma área de 13 mil metros quadrados (o documento diz 40 mil metros quadrados, mas, deve ter sido um engano).

O Pr. Soper, em relatório à FMB (SBCA, 1888, p. xxiv) diz: “O irm. Puthuff construiu uma bela casa para escola aqui, tendo oito alunos para começar.”

A 31.01.1888, Elisabeth Williams levou a sua carta demissória da PIB/RJ para a PIB/SB. Essa teria sido uma decisão daquela irmã, tendo em vista ajudar o trabalho ali na implantação do projeto do orfanato e escola industrial.

Percebe-se que aquele projeto estava sendo executado com entusiasmo pelo missionário Puthuff. Mas, na reunião da FMB, em junho de 1888, ele foi exonerado como seu missionário. Pela falta de seqüência dos documentos da época, não tivemos condições de ajuizar quais foram os motivos que produziram aquela decisão da Junta. Seja como for, mais uma vez, os irmãos em SB iriam ficar sem um pastor permanente.

O Pr. Puthuff, porém, escreveu à FMB, solicitando a reconsideração do ato, o que foi feito. A 07.03.1889, a ata da Junta registra que, por carta, o missionário agradecia a decisão da mesma de restabelecer a sua ligação com a Junta, porém, que ele manifestava o desejo de conversar com os membros desta.

A 03.07.1888, George William Gooda, neto de Elisabeth Williams, levou também a sua carta demissória da PIB/RJ, para a PIB/SB. É provável que Gracie Gooda (sua irmã?) também, pois que, a 21.08 seguinte, esta seguiria para junto de sua mãe que se encontrava nos EUA e viajaria na companhia de D. Emma Fox Puthuff, que se estava retirando do BR.

A 28.08.1888, o missionário Charles Davis Daniel e sua esposa, Lena Kirk Daniel, receberam as suas cartas demissórias da PIB/RJ para a PIB/SB. É provável que o missionário Daniel tenha tomado a decisão de ir a SB tendo em mira substituir o irmão Puthuff, com a sua repentina exoneração. Este, porém, antes de retirar-se teria de tomar várias medidas com relação ao trabalho e à propriedade com uma construção em processo.

A certidão de casamento de George William Gooda com Sarah E. Russel, a 19.11.1888, em SB, aponta C. D. Daniel como uma das testemunhas e E. A. Puthuff como oficiante daquele enlace. Este fato sela a curta estada de C. D.

Daniel em SB. Em notícias dadas no FMJ, de março de 1889, p. 2, o Dr. Bagby diz que Daniel encontrava-se na Província de SP, porém, que em breve estaria em MG para o estabelecimento da nova Missão, o que ocorreu na primeira quinzena de fevereiro de 1889. (Ver parte “D”.)

Cremos que, entre 19.11.1888 e 31.01.1889, o casal Daniel saiu de SB para Minas Gerais. A 31.01.1889, Puthuff passou a escritura, em cartório, da venda e compra da propriedade que adquirira para Charles M. Hall. Se Daniel ainda estivesse em SB, teria assinado o documento como uma das testemunhas.

É provável que Puthuff tenha ido a Juiz de Fora para aquele evento, embora tenha logo retornado a SB, pois que ele oficiou a cerimônia fúnebre a 21.03.1889, quando faleceu Elisabeth Williams, sendo ele ainda uma das testemunhas, tal como se vê na certidão de óbito dessa irmã, conforme exemplar em nosso arquivo, obtido no cartório em SBSP.

Temos algumas questões para uma resposta após um estudo mais detalhado: qual teria sido a intenção de Daniel levando sua carta demissória e a da sua esposa da PIB/RJ para PIB/SB, se estava nas suas cogitações abrir uma Missão em Juiz de Fora? Pelo visto, ambos ficaram em SB apenas durante uns quatro meses; e o que foi feito de suas cartas demissórias? Teriam esses missionários se tornando membros da PIB/SB ou mantiveram as suas cartas demissórias até Juiz de Fora? E as cartas do missionário Puthuff e sua esposa? Teriam se tornado membros fundadores da igreja em Juiz de Fora, com as suas cartas dadas pela PIB/SB, ou teriam saído desta diretamente de retorno às igrejas nos EUA?

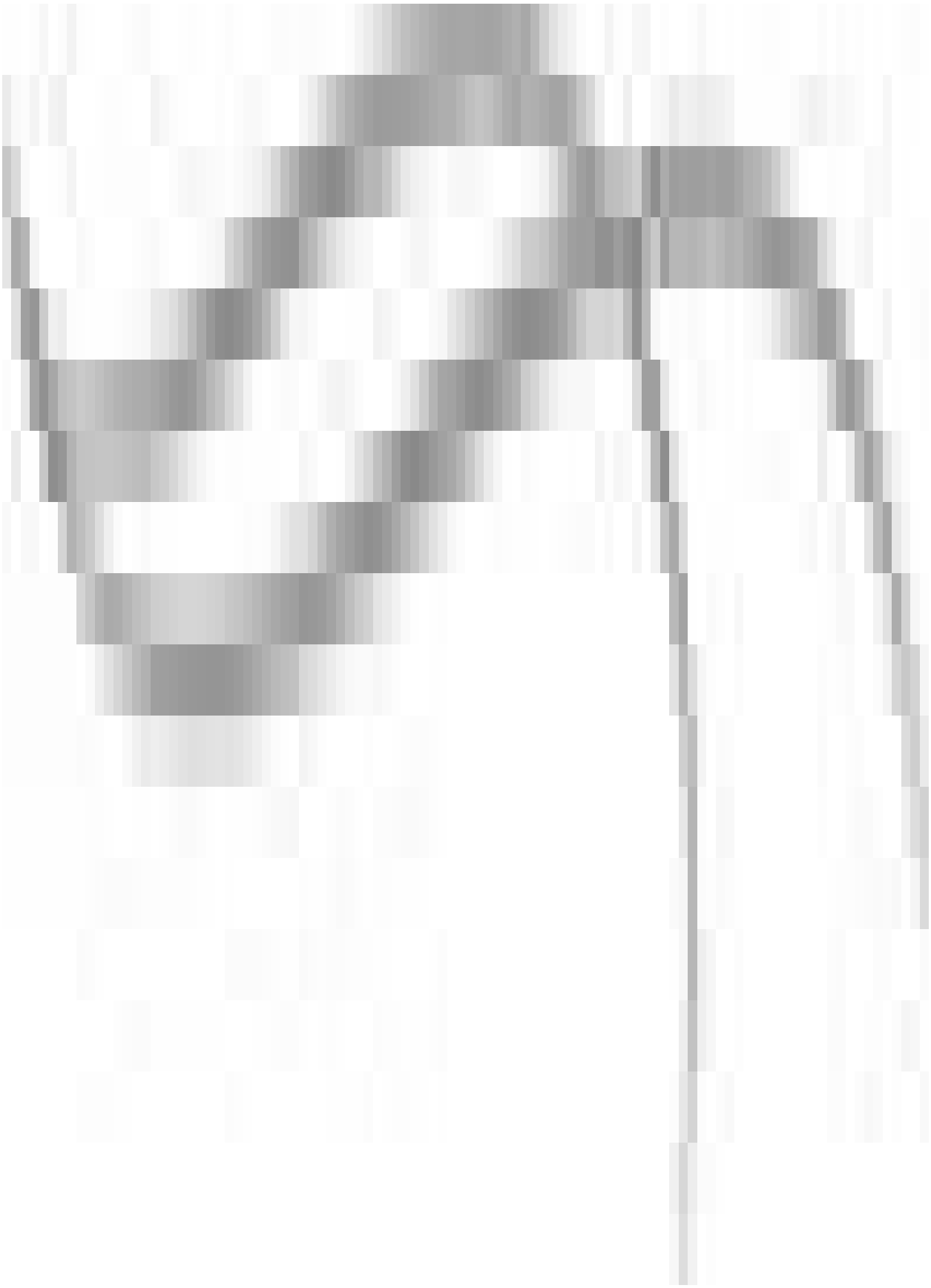
Cremos que a presença do casal C. D. Daniel em SB deu oportunidade para que, junto ao missionário Puthuff, houvesse troca de idéias quanto ao trabalho a ser desenvolvido. Ao que tudo indica, decidiram abandonar de vez a Missão em SB, que então estaria com os seus dias contados. Como fruto dessa decisão, o casal Daniel viajou para Juiz de Fora e Puthuff para os EUA, pensando no seu retorno, o que não ocorreu. (Em conexão, ver parte “D”, 17.05.1882.)

Em julho de 1984, cremos ter localizado a área mencionada anteriormente, adquirida por E. A. Puthuff. Desejamos saber o que teria ocorrido com as cláusulas das cartas de venda e compra, reunidas no registro de data 26.03.1888, e confirmadas no dia 31.01.1889. Sobre isto, poucos elementos temos para formular uma conclusão. A área de terra adquirida, em forma de um trapézio, 200 x 100 x 111 x 165 metros, cada lado respectivamente, equivaleria a mais ou

menos dois quarteirões urbanos, atuais.

Situa-se no centro de Americana, entre as ruas 7 de Setembro, Álvaro Ribeiro, Fernando Camargo e 12 de Novembro. Cortando ao centro essa área, está a rua Heitor Penteado, da qual parte a travessa Charles Hall, terminando na 12 de Novembro. Na Heitor Penteado, em frente a essa travessa, está a Escola Comercial Pedro II, particular. Consta que o prédio dessa escola está exatamente onde era a casa de Charles M. Hall, que antes fora construída, em parte, por E. A. Puthuff. Não chegamos a conhecer qualquer coisa sobre a vida dessa escola. Na travessa estava uma unidade do Instituto Nacional de Previdência Social, INPS. Na rua 7 de Setembro situa-se o excelente e novo templo da Igreja Presbiteriana de Americana.

Pode-se perceber que o esforço feito, então, para erguer um novo templo brotava da geração daqueles que haviam chegado ainda crianças e agora eram jovens ou adultos de meia idade, casados e com filhos menores. Já não alimentavam tanta esperança de um retorno à pátria de origem. Tinham que enfrentar a realidade de uma vida estabelecida num país adotivo.

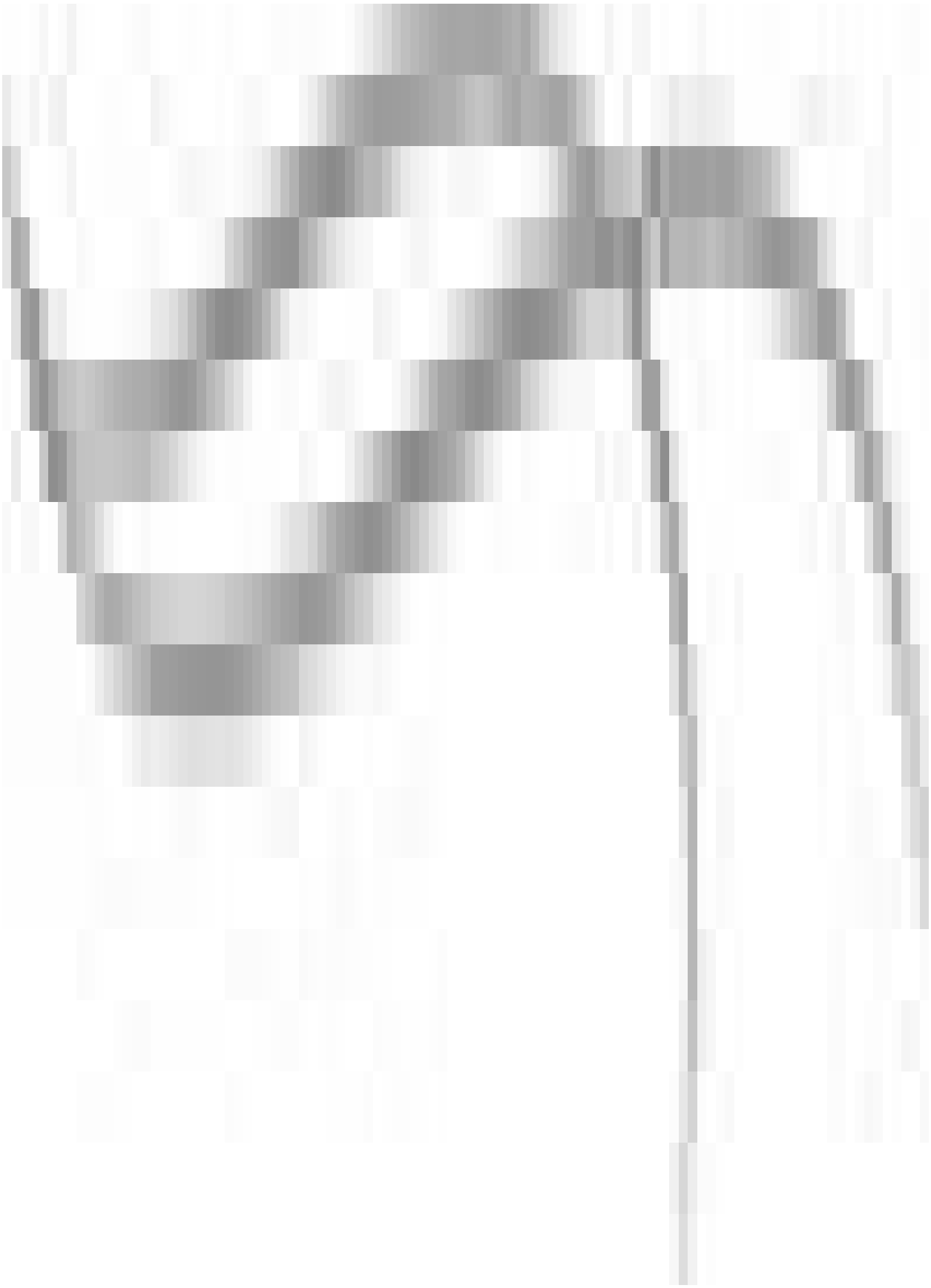


“... Havia na estação de Santa Bárbara um Mr. Putoff, pastor batista, recém-vindo dos EUA, que pretendia fazer um colégio com regime de internato. Construiu bela casa de tijolos vermelhos na frente e tábuas nos fundos. Não se sabe por que os planos foram mudados e a construção ainda estava por acabar. Charles Hall viu então sua oportunidade e comprou a casa que era linda e espaçosa e acomodaria muito bem a sua numerosa família.” (SD, p. 292. Putoff é o mesmo Puthuff).

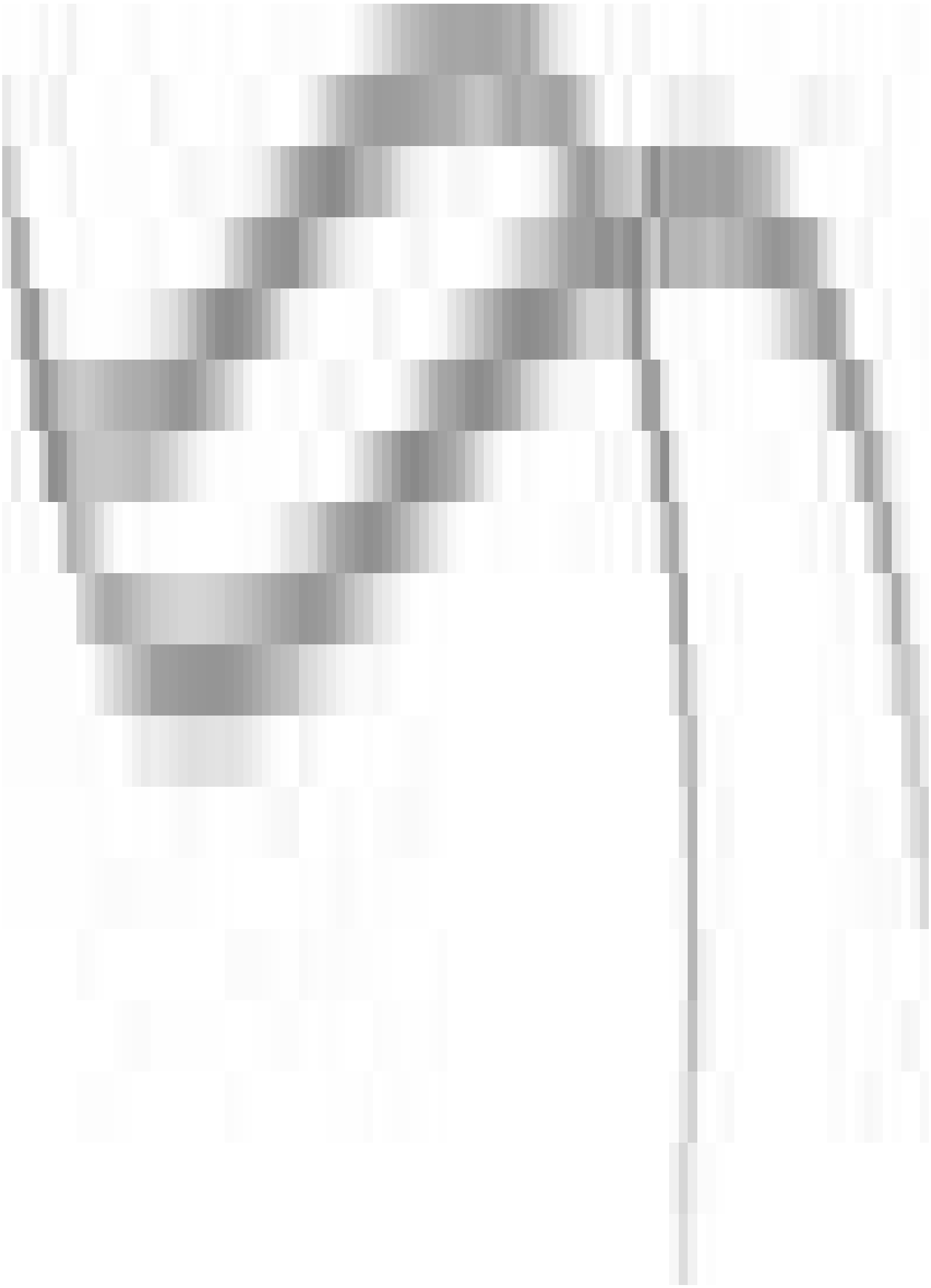
“... Quem comprou a casa dos Hall foi o Sr. Cândido Cruz, que tinha farmácia na cidade e era casado com D. Delmira de Oliveira. D. Delmira era professora até o fundo da alma e, de posse de uma casa tão boa e espaçosa, logo arrumou algumas crianças que viessem ser seus alunos, em casa.

Assim, a casa construída com o intuito de abrigar uma escola, depois de muitos anos, voltou a ser usada para a primitiva finalidade. Por ser uma casa bem grande e com muitas salas, depois de D. Delmira, continuou a ser usada como escola, por um e por outro, até o dia de hoje. Aquela casa, construída em fins do século passado, foi muito importante na vida escolar da cidade, tendo em atividade muitas classes, e abrigado muitas crianças que hoje são cidadãos proeminentes.” (SD, p. 396)

Uma descendente de Charles M. Hall menciona que, em 1895, aquela casa foi destruída por um incêndio começado na cozinha, e descreve-o com detalhes. Informa que, mais tarde, a casa foi reconstruída e que o dinheiro que Charles M. Hall estava juntando para a construção de uma capela, se destruído pelo fogo, foi por ele reposto e a capela foi erguida. É onde hoje se encontra o templo da Igreja Presbiteriana, em Americana, como já mencionamos. A mesma escritora diz que nessa propriedade havia uma construção com três salas que eram usadas para escola, a “School House”.[10]



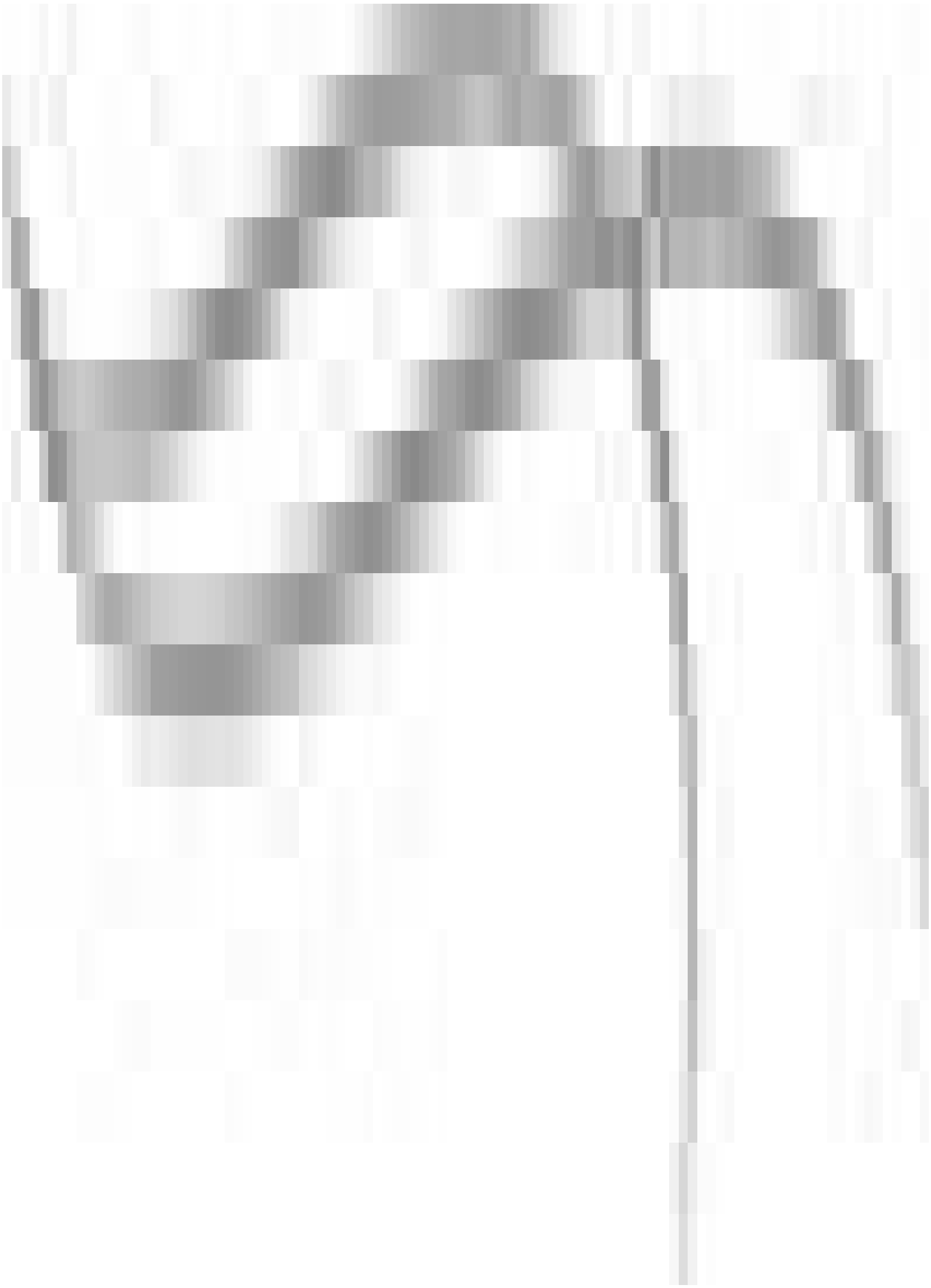
A 21.03.1889, em SBSP, faleceu Elisabeth Williams, com 77 anos de idade! Encontramos o registro do seu óbito, no cartório em SB, em julho de 1984, e no registro é dito que ela foi sepultada no Cemitério do Campo. A sua sepultura deve ser uma das não identificadas. Foi testemunha para o documento oficiante da cerimônia fúnebre, o missionário Puthuff. Talvez tenha sido este o último ato por ele praticado, como pastor da igreja, pois que viajou a 11.04.1889, seguinte, saindo do Rio de Janeiro para os EUA. (MPRJ, p. 377)



Do que E. A. Puthuff falou ou escreveu aos membros da Junta, nada sabemos. Porém, o relatório da FMB publicado nos Anais da SBC, p. xvii, realizada em maio de 1889, registra que:

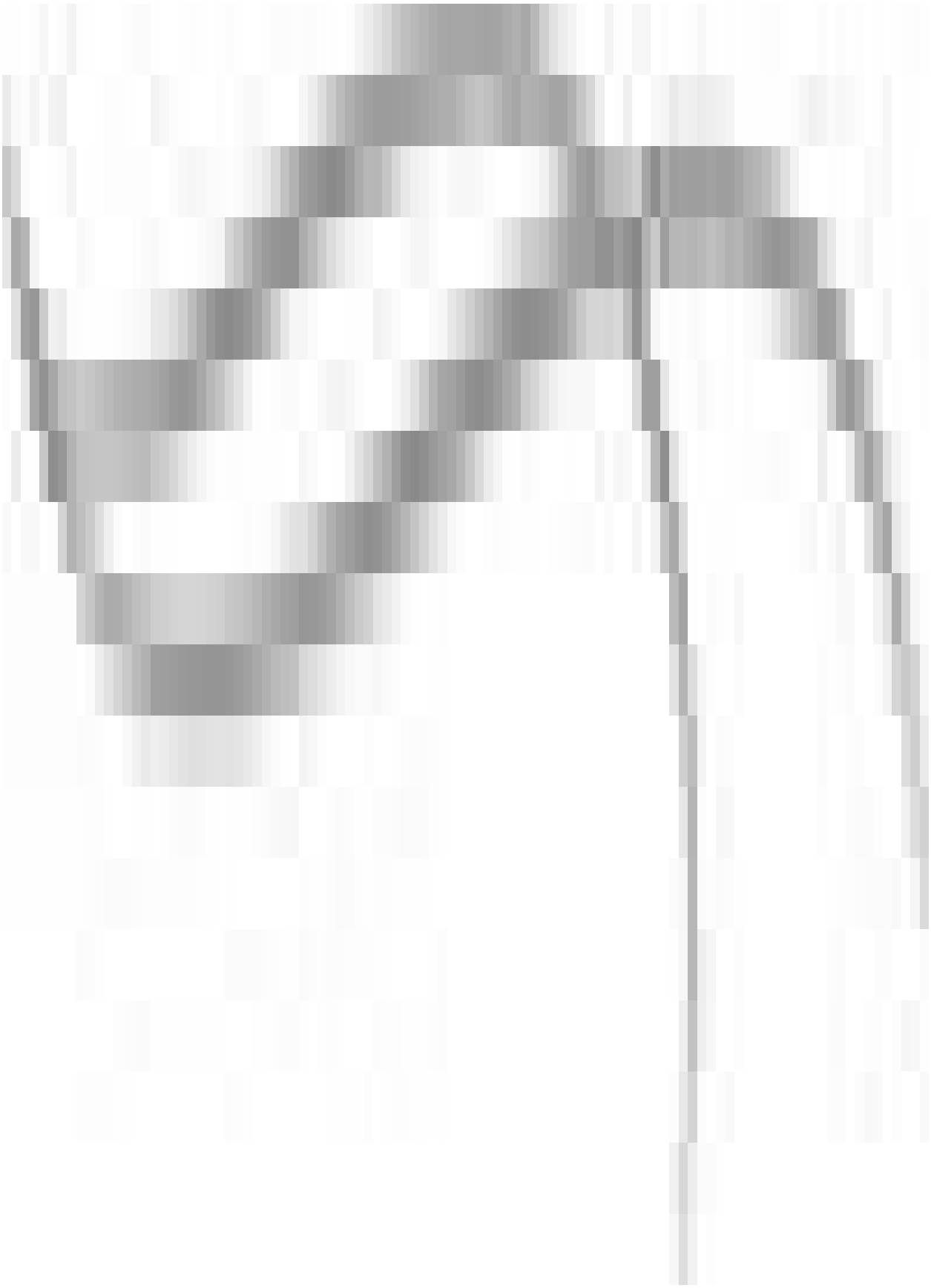
"... Os irmãos Daniel e Puthuff tão logo chegaram ao Brasil sugeriram que a FMB abrisse uma nova Missão onde os dois pudessem trabalhar juntos. Os Drs. Bagby e Taylor já haviam solicitado à FMB a abertura de uma Missão em Minas Gerais. Após as devidas considerações, a FMB resolveu abrir a nova Missão proposta e ali colocar aqueles dois irmãos. Nesse ínterim, a Sra. Puthuff, cuja saúde não é boa, retornou para este país. O irmão Puthuff aceitou a nova indicação para esse campo, mas a Junta inda não tem ciência de que ele tenha ido para lá."

No mesmo relatório há uma informação, datada de 15.02.1889, sobre o trabalho do missionário Daniel, que da Bahia tinha ido para Minas Gerais, tendo Juiz de Fora como centro de atividade da nova Missão. Como já vimos, ele estivera, por cerca de quatro meses, em SBSP. O nome de Puthuff não é mencionado nessa informação. É que ele se encontrava em SB tomando as providências necessárias para o seu retorno aos EUA. De Mineral Spring, Texas, a 01.01.1890, ele se dirigiu aos membros da FMB solicitando a sua exoneração como missionário. Essa carta foi lida na reunião da Junta, em janeiro daquele mesmo ano, e o pedido apresentado foi aceito conforme registro em ata. O missionário Edward Allen Puthuff esteve à frente do trabalho em SBSP, por dois anos e oito meses.



A 31.05.1881, o Dr. Bagby transmitiu à FMB o seu pensamento de que ele não cria que Santa Bárbara deveria ser o lugar próprio para o trabalho entre os brasileiros. Esse seu modo de ver teve seu cumprimento com a saída de Puthuff. Os Anais da SBC mencionam SB como Missão, até 1888.

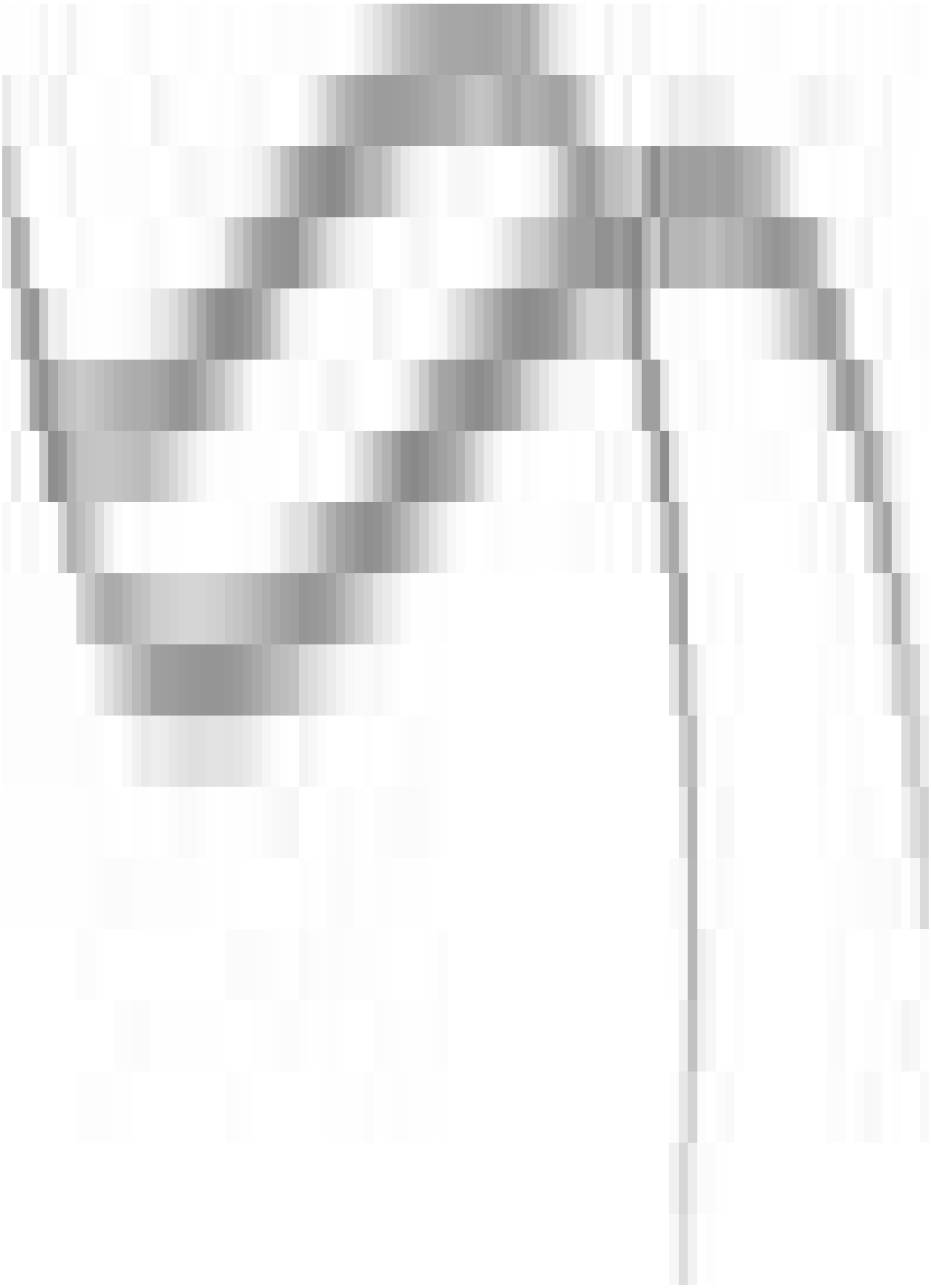
Desse ponto em diante, SB prosseguiu o seu trabalho, com maiores dificuldades e menos esperanças, sendo parte da Missão do Rio de Janeiro, até 1899. Quando foi estabelecida outra Missão em S. Paulo, e esta na cidade de São Paulo, a partir de 01.10.1899, o trabalho em Santa Bárbara foi transferido da responsabilidade da Missão no Rio de Janeiro, para a de São Paulo. (Ver parte “D” — Relatório do Dr. J. J. Taylor, maio de 1900, nas págs, 570 e 571.)



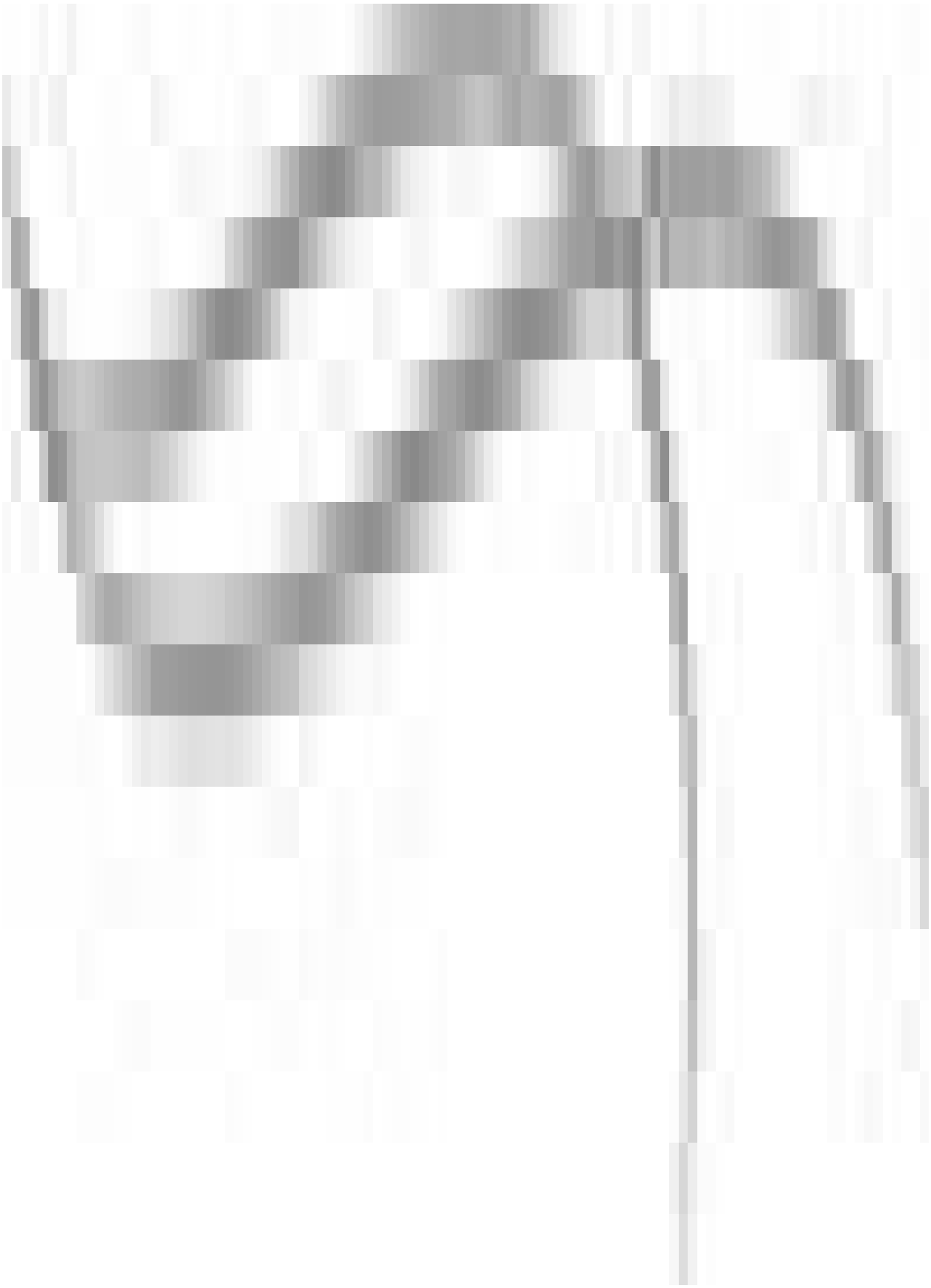
Por tudo que verificamos, a Missão em SBSP teve uma duração de pouco menos de dez anos, ou seja, de cerca de junho de 1879 a janeiro? de 1889.

O trabalho em SB recebia, de quando em quando, visitas dos diversos missionários. A. B. Deter foi residir em Campinas, e assim ele pôde fazer essas visitas com maior freqüência, sempre acompanhado de sua esposa, May Scrymgeour Deter. Mas isto já era o início de um novo século. As vicissitudes pelas quais aquele rebanho tinha passado, a maior parte do tempo sem um pastor permanente, tinham deixado marcas profundas. As ovelhas mais antigas já se encontravam na eternidade, inclusive o Pr. Robert P. Thomas, que falecera em maio de 1897, e fora um que tentara, com a sua humildade e pouca saúde, manter o rebanho coeso. Mas as ovelhas mais novas estavam sem rumo.

Apesar de todos os reveses, vários elementos dessa nova geração procuraram um novo rebanho onde pudessem ser acolhidos. Espalharam-se em muitas direções! Enquanto isto não ocorria totalmente, o missionário Deter tentou reuni-los outra vez e chegou a afirmar que havia um espírito renovado e esperanças de sobrevivência!



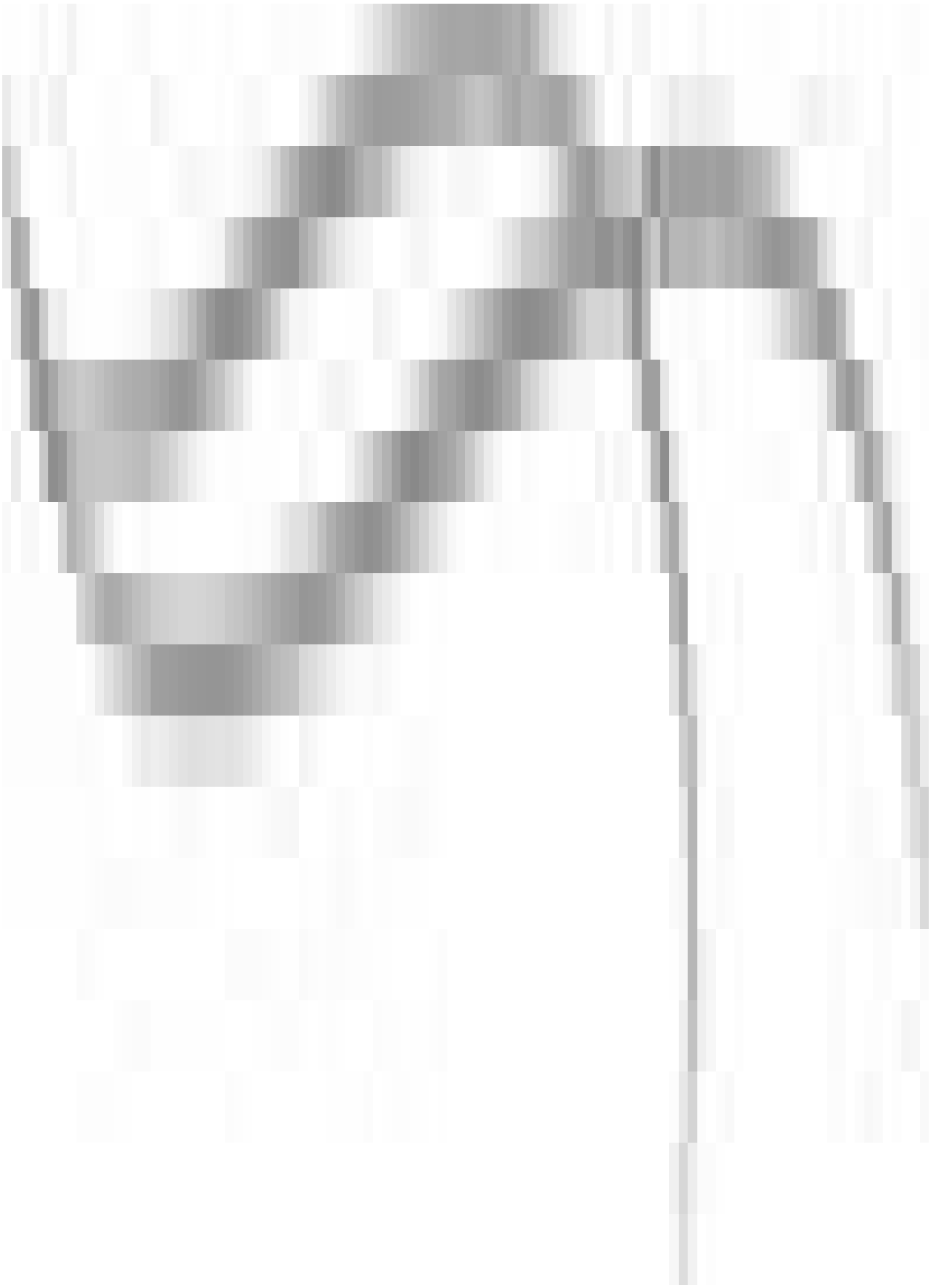
Alguns abandonaram as fileiras, seguindo outra fé, ou deixando-a, transferiram-se para outros lugares onde não havia igreja à qual se pudessem reunir. E mui poucos ali ficaram curtindo a dor do isolamento.



Os membros remanescentes das duas igrejas batistas, em SBSP, foram aos poucos se dirigindo para outras paragens. Os descendentes daquelas famílias encontram-se hoje como membros de igrejas batistas, presbiterianas, metodistas, e, ainda, entre outros grupos religiosos.

Uma coisa nos alegra o coração: é que muitos prosseguiram na observância dos princípios de fé.

“Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Apocalipse 14.13).



Pastores

Dos emigrados batistas que se estabeleceram em SBSP, quatro eram pastores:

	Data de nascimento e falecimento	Idade e lugar ao fale
1. Richard Ratcliff	10.11.1831-23.07.1912	81 anos — Texas
2. Elias Hoton Quillin	??.??.1822-21.03.1886	64 anos — SBSP
3. Robert Porter Thomas	02.08.1825-05.05.1897	72 anos — SBSP
4. Samuel Milton Pyles	04.03.1816-09.04.1898	82 anos — SBSP

Richard Ratcliff — fundador da Primeira Igreja Batista no Brasil.

Elias H. Quillin — fundador da Segunda Igreja Batista no Brasil.

Robert P. Thomas — pastoreou as duas igrejas, em caráter interino.

Samuel M. Pyles — pregou eventualmente.

Pastores Missionários

Não alcançamos dados necessários para elaborar um quadro como o acima, com informações sobre os pastores missionários que prestaram sua assistência aos membros daquelas duas igrejas. Procurados na Junta de Richmond, verificamos que seus relatórios eram publicados, em parte, no “Foreign Mission Journal”. E parte de suas cartas e relatórios tinham caráter particular. Assim, tais direitos devem ser respeitados.

Os missionários não podiam dar o seu tempo integral ao ministério pastoral. Os pastores locais trabalhavam na agricultura para prover a subsistência de suas famílias. As igrejas eram pequenas demais para que pudessem sustentar os obreiros. O Pr. Quillin trabalhou como professor.

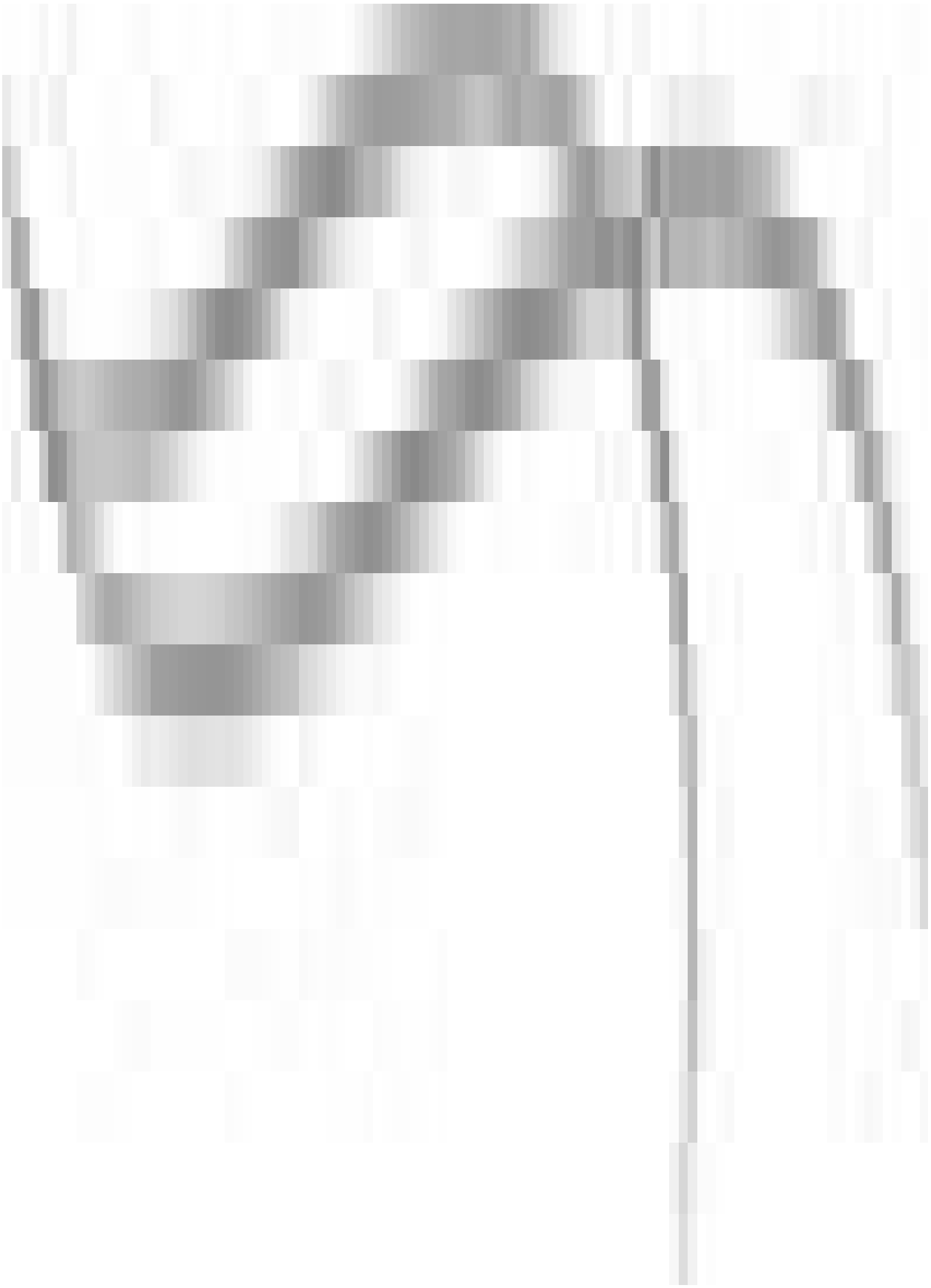
Houve missionários da FMB-SBC que assumiram o pastorado em Santa Bárbara. Pelos motivos apresentados nos documentos da parte “D”, os seus tempos foram perturbados pelas dificuldades surgidas com enfermidades. Tanto para aqueles como para estes os problemas existentes eram grandes, como a distância e a falta de transporte, dificultando o trabalho pastoral. E. H. Soper dá-nos um exemplo:

“... A distância que percorri nesse trabalho, não saberia dizer exatamente; mas calculo em cerca de 10 milhas cada dia. A indigestão foi a minha pior queixa, causada pela ingestão de carne de porco gorda.” (Ver parte “D” — Relatório de março 1886, na pág. 531.)

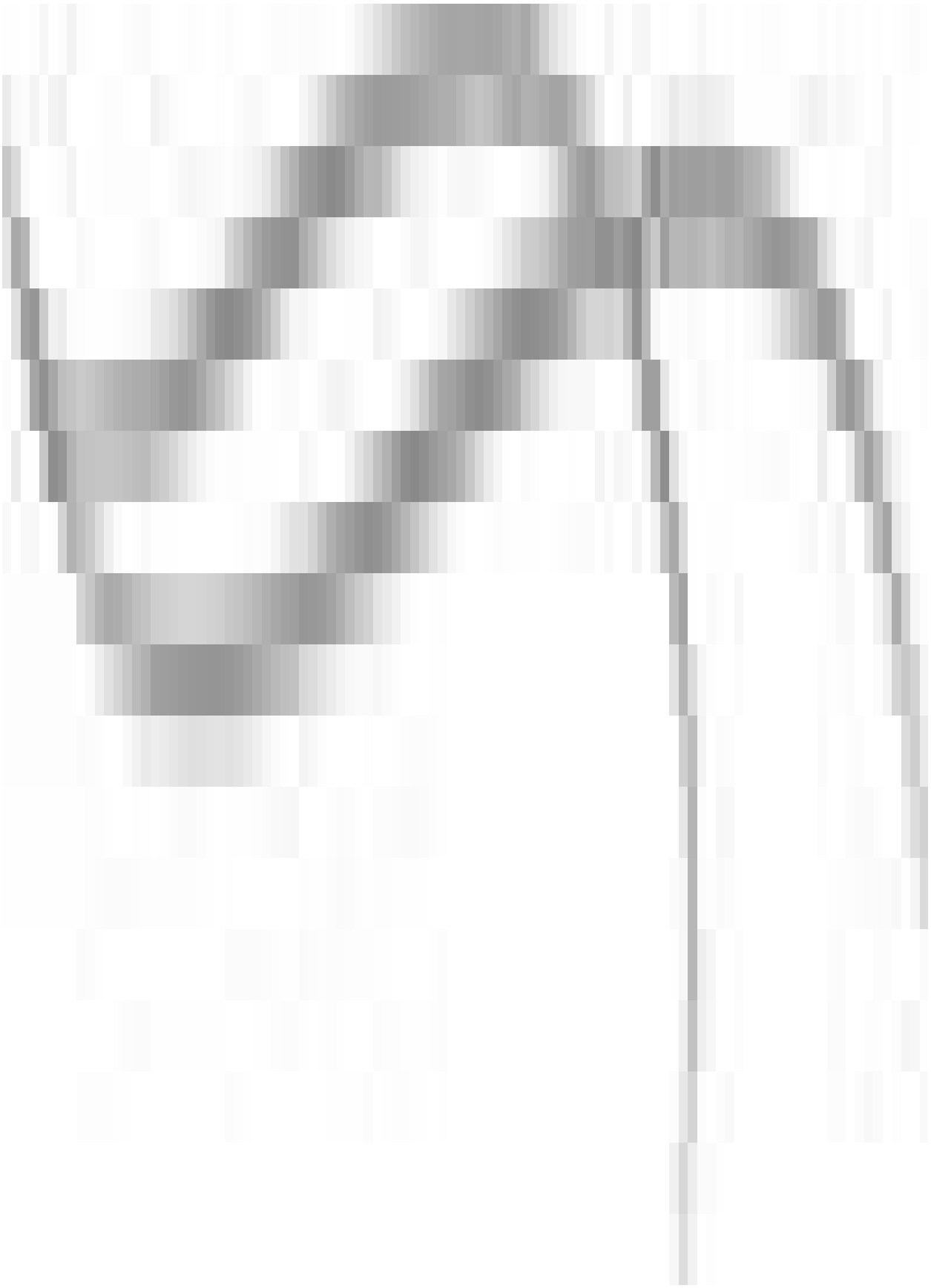
Com o seu próprio dinheiro, ele havia adquirido um cavalo para o seu transporte.

E essa era também a situação dos metodistas e presbiterianos. Num desabafo, o Rev. Junius Eastham Newman escreveu certa ocasião que:

“... Além dessas fontes de tribulação, o fato de que o meu constrangimento financeiro tem sido tão grande que Oh! se eu tivesse as asas de uma pomba, voaria para as selvas e ficaria em paz.” (SD, p. 268)



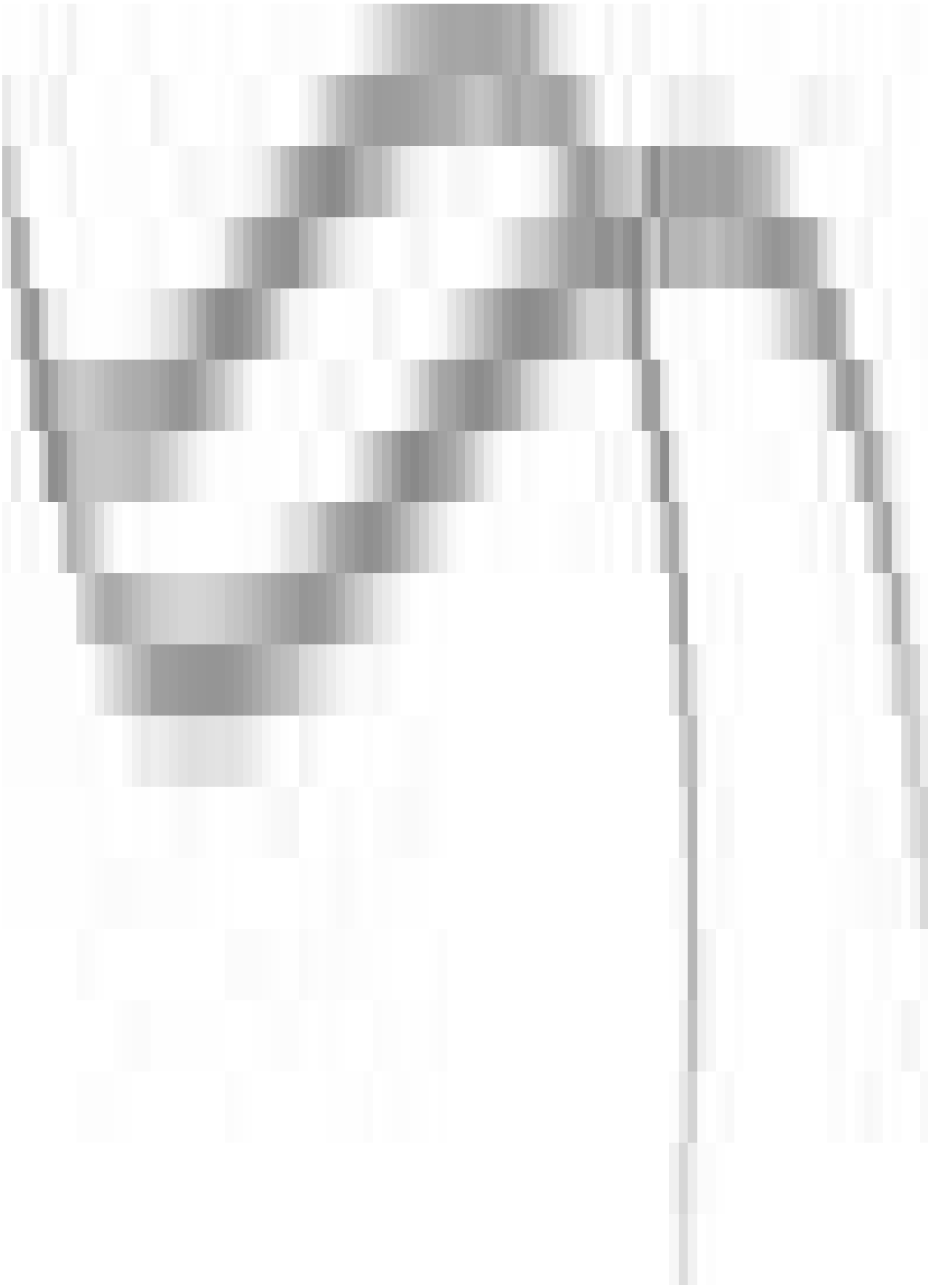
Os turrões e as turras sempre criaram e criam obstáculos para o trabalho. Talvez levados pelas próprias circunstâncias, os emigrados em SBSP sentiram esse problema com maiores dimensões. Percebe-se, às vezes, que aqueles obstáculos eram altos demais, criando ânsias incômodas, tanto para os pastores como para as próprias ovelhas. Registre-se, porém, que os pastores que serviram às duas igrejas em SB realizaram o que estava no alcance fazer, embora limitados na obra por tantos empecilhos.



Resumo das informações recolhidas, de inúmeras fontes, dos pastores das duas igrejas em SBSP:

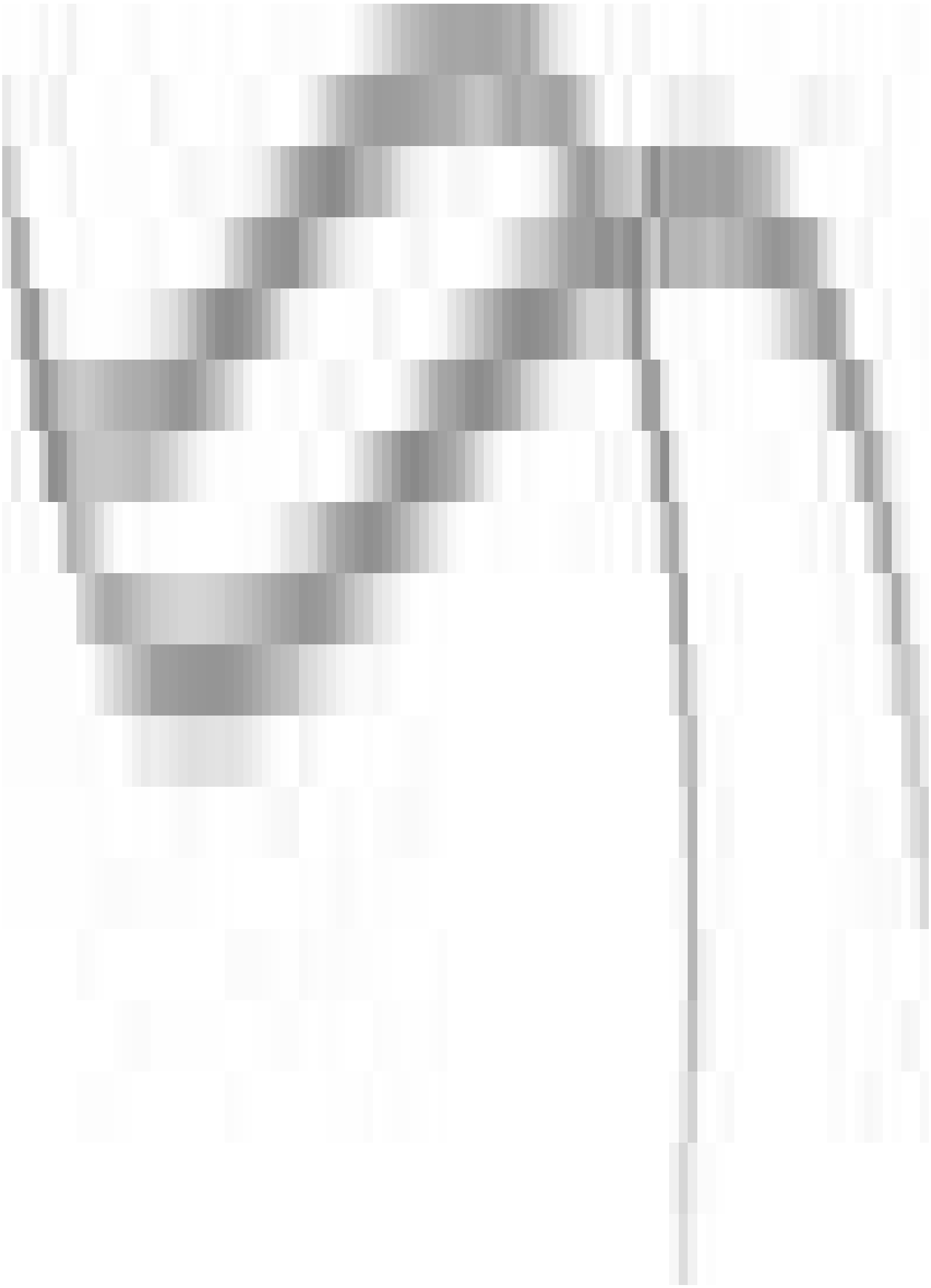
Período de serviço	Tempo anos-meses	Pastores	Igrejas
10.09.1871-??.04.1878	7 7	Richard Ratcliff	1ª
??.04.1878-28.05.1881	3	Elias Hoton Quillin	1ª
02.11.1879-??.11?1880	1	Elias Hoton Quillin	2ª
??.11?1880-??.06?1881	6	Robert Porter Thomas	2ª
28.05.1881-13.08-1882	1 3	William Buck Bagby	1ª
13.08.1882-16.08-1885	3	Robert Porter Thomas	1ª 2ª
16.08.1885-01.08.1886	1	Edwin Herbert Soper	1ª
01.08.1886-??.04.1889	2 8	Edward Allen Puthuff	1ª
??.04.1889-05.05.1897	8	Robert Porter Thomas	1ª 2ª
05.05.1897- ca 1910	?	Pastores visitantes	?

O Pr. Robert Porter Thomas acompanhou, como auxiliar, o ministério dos seus colegas em SBSP. Ele era chamado para substituí-los nos seus impedimentos, a batizar, a fazer visitas pastorais, aconselhamentos, a dar suas opiniões, e mantinha correspondência com os missionários e com a FMB, quando isto se fazia mister. Essas atividades podem ser confirmadas pela leitura dos documentos na parte “D”, alcançando um período de uns 25 anos! Este foi, de fato, o tempo de seu ministério, ainda que com interrupções, mas, um pastor-auxiliar dedicado e sempre presente, pronto a servir. (Ver ata de sua consagração ao ministério, nas págs. 436 e Imagem E82 na pág. 694.)

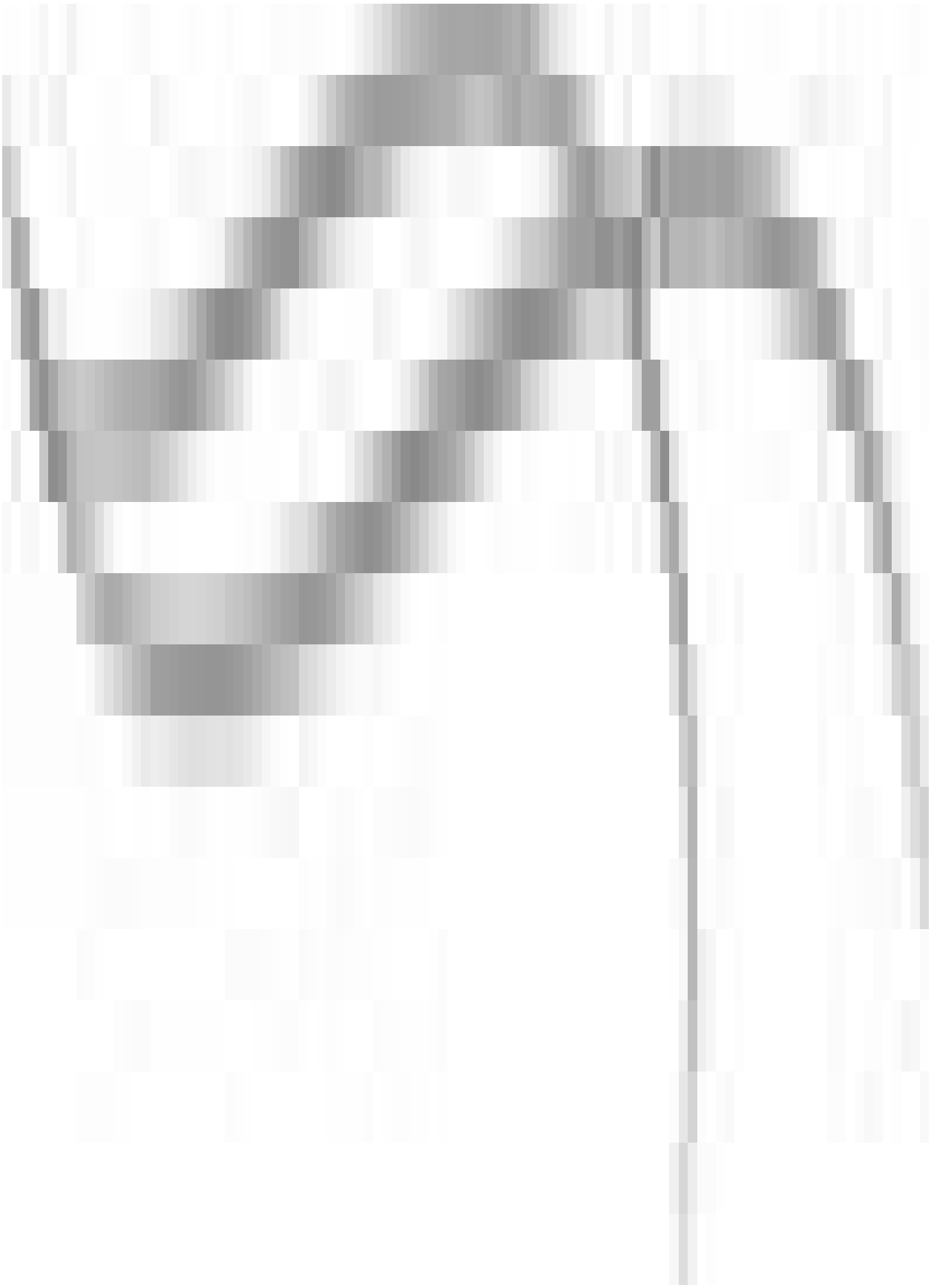


Há uma referência de que o Dr. Bagby tornou-se o pastor da PIB/SB em 1898, fazendo visitas trimestrais, vindo do Rio de Janeiro. Também, de que o Dr. A. B. Deter chegou a pastoreá-la nos anos de 1902 e 1903, morando em Campinas e indo até SB, de quando em quando. Salvo engano, os anos de 1895, 1901 e 1905, além de outros períodos longos, os irmãos em SB ficaram sem quaisquer visitas de missionários.

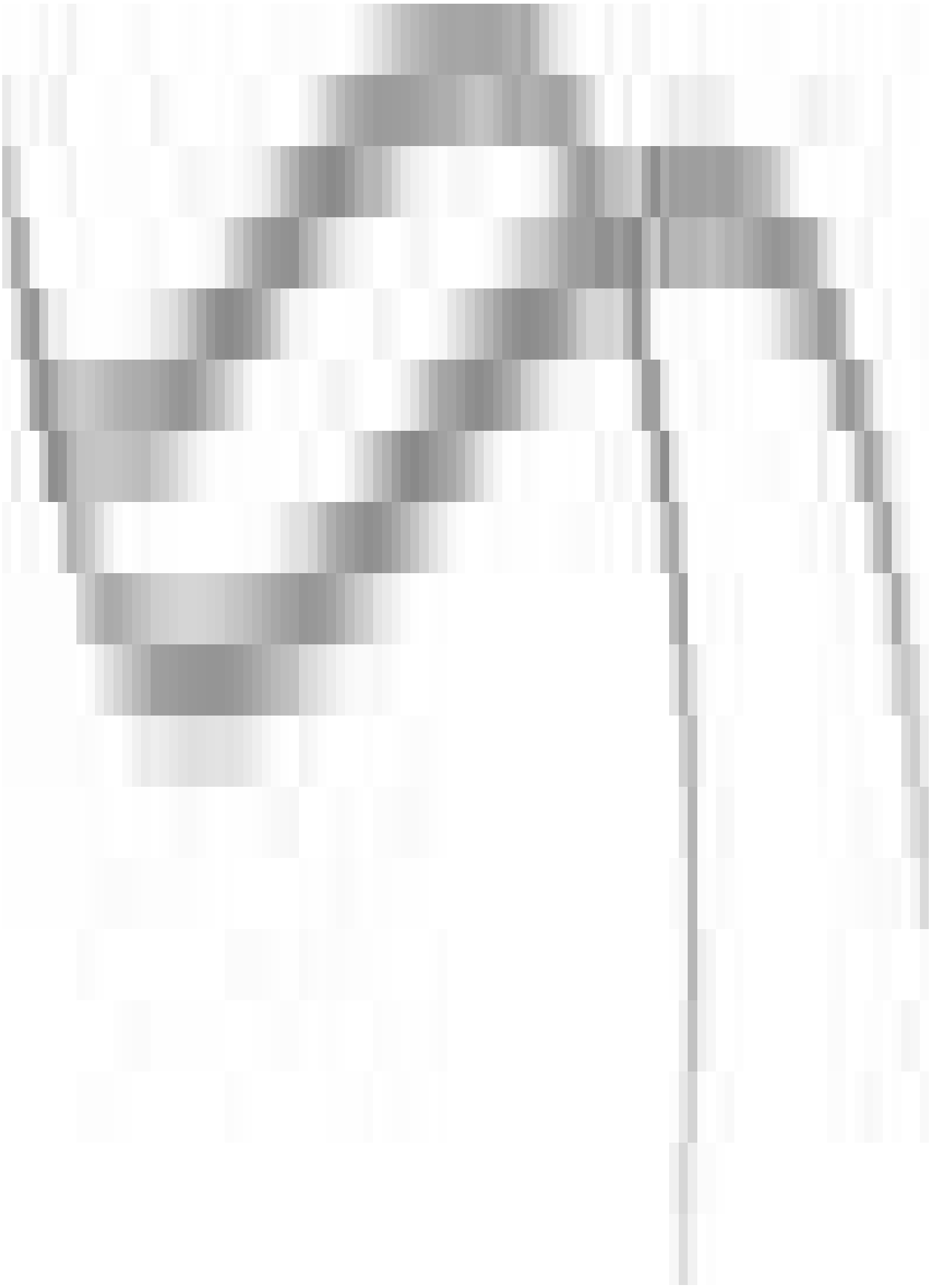
Na primeira década do século XX havia uma boa quantidade de adolescentes e jovens, nascidos na região, que precisavam de uma assistência espiritual permanente. Na falta desta, o espalhamento da nova geração de SB para fora dos seus limites foi irremediável. Parece que o propósito divino foi o de permitir que se desse a dispersão daqueles irmãos, a fim de que pudessem exercer as suas influencias adiante!



No último período de cerca de 13 anos, algumas visitas foram feitas por “obreiros visitantes”. (Ver parte “A”, nesse título, na pág. 71.)



Uma explicação para a palavra “Elder” é que ela pode ser usada como sinônimo de “pastor”, “bispo”, e, também, “ancião”.

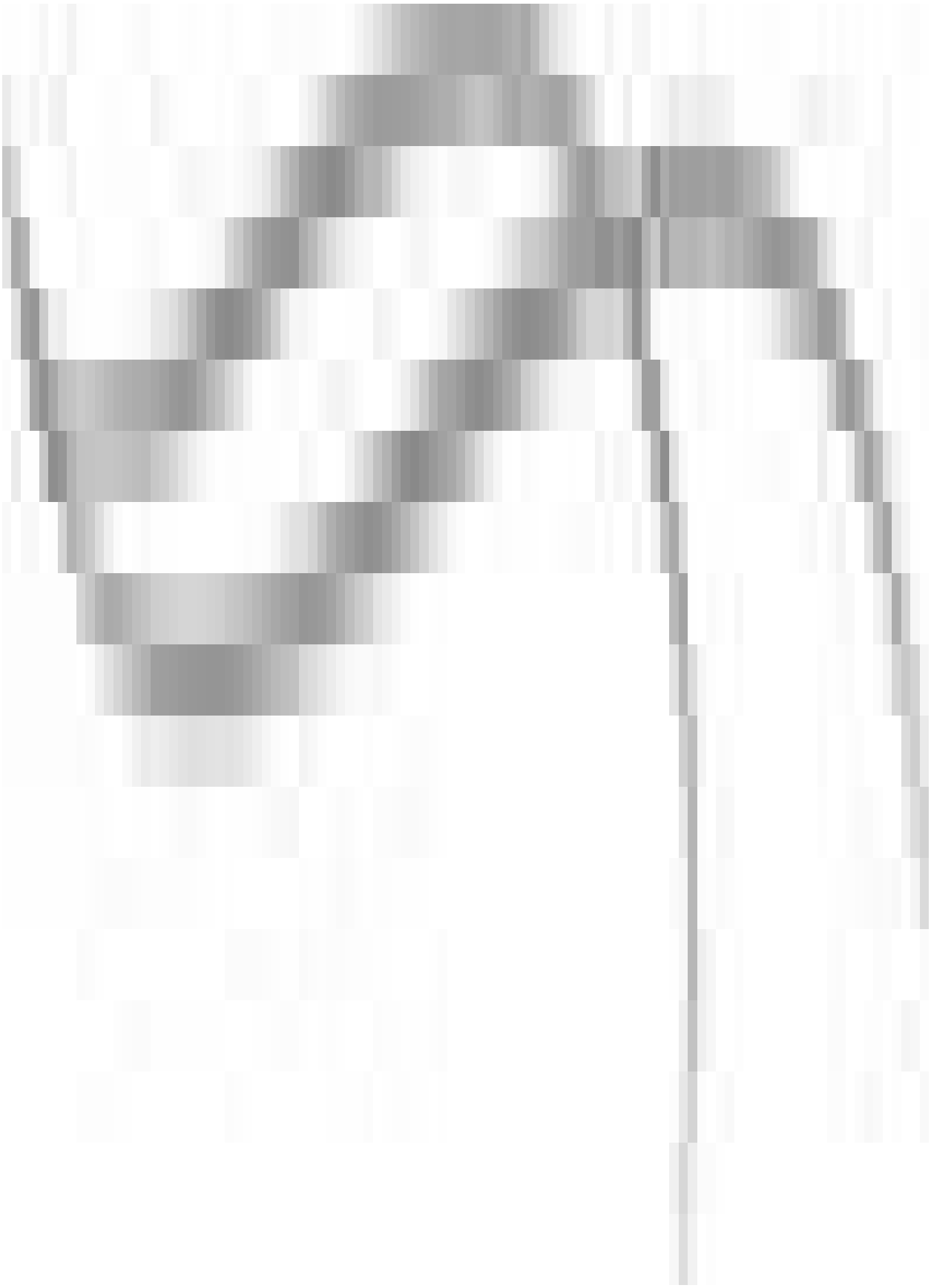


Rol de membros — Movimento de membros — Autógrafos.

Um projeto de rol de membros conjunto, das duas igrejas batistas em SBSP, é aqui apresentado, com vistas a um desdobramento e aperfeiçoamento futuro. O movimento de membros expressa-se pelas entradas e saídas, como é usual em nossas igrejas: profissão de fé e batismo, carta demissória, declaração, reconciliação, exclusão e morte.

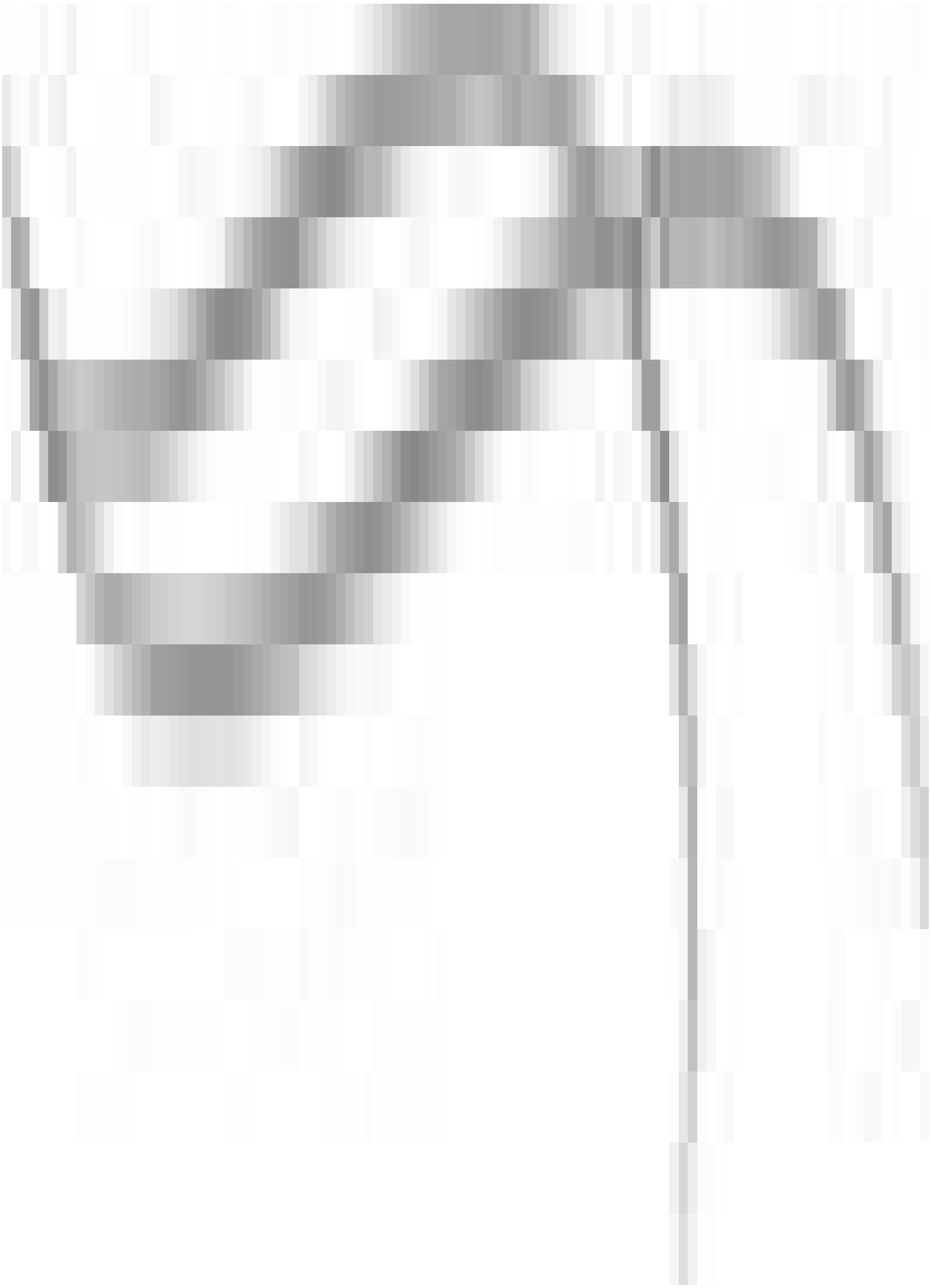
No preparo do rol de membros de uma igreja, vê-se quão importantes são as informações completas e em detalhes, recolhidas e depois então fornecidas pelos secretários das igrejas, por meio dos assentamentos no livro de atas, rol de membros, correspondência em geral, relatórios, livro de registro de contribuições, neste caso, pelos tesoureiros. Passado mais de um século, poucas são as igrejas que com os seus pastores reconhecem a importância de manter ativos e em ordem os seus arquivos, de serem escolhidos secretários e tesoureiros aptos, dedicados e cuidadosos. Também de serem providenciadas as condições para que eles possam dar conta de suas tarefas com a devida perfeição.

O projeto de rol de membros aqui registrado foi elaborado com informações colhidas de inúmeras fontes que relacionamos adiante, com o fito de dar uma idéia de como foi penosa e demorada essa tarefa. E ainda não podemos considerá-la completa! Elas foram juntadas, durante anos, com elementos encontrados no Brasil e nos Estados Unidos, de relatórios, cartas, livros, artigos de jornais e revistas, verso de retratos, documentos de cartórios, notas, pedras tumulares, dedicatória de livros, fragmentos de bilhetes ou de cartas e jornais encontrados em caixas ou malas antigas. Fomos felizes em encontrar a carta demissória de Emily Thomas, a única, cujo fac-símile pode ser apreciado na parte “E”, 18.09.1870. Coincidentemente, no dia 18.09.1984, quando este trecho do livro estava sendo datilografado, fazia 114 anos do tempo em que a carta demissória estava sendo dada!

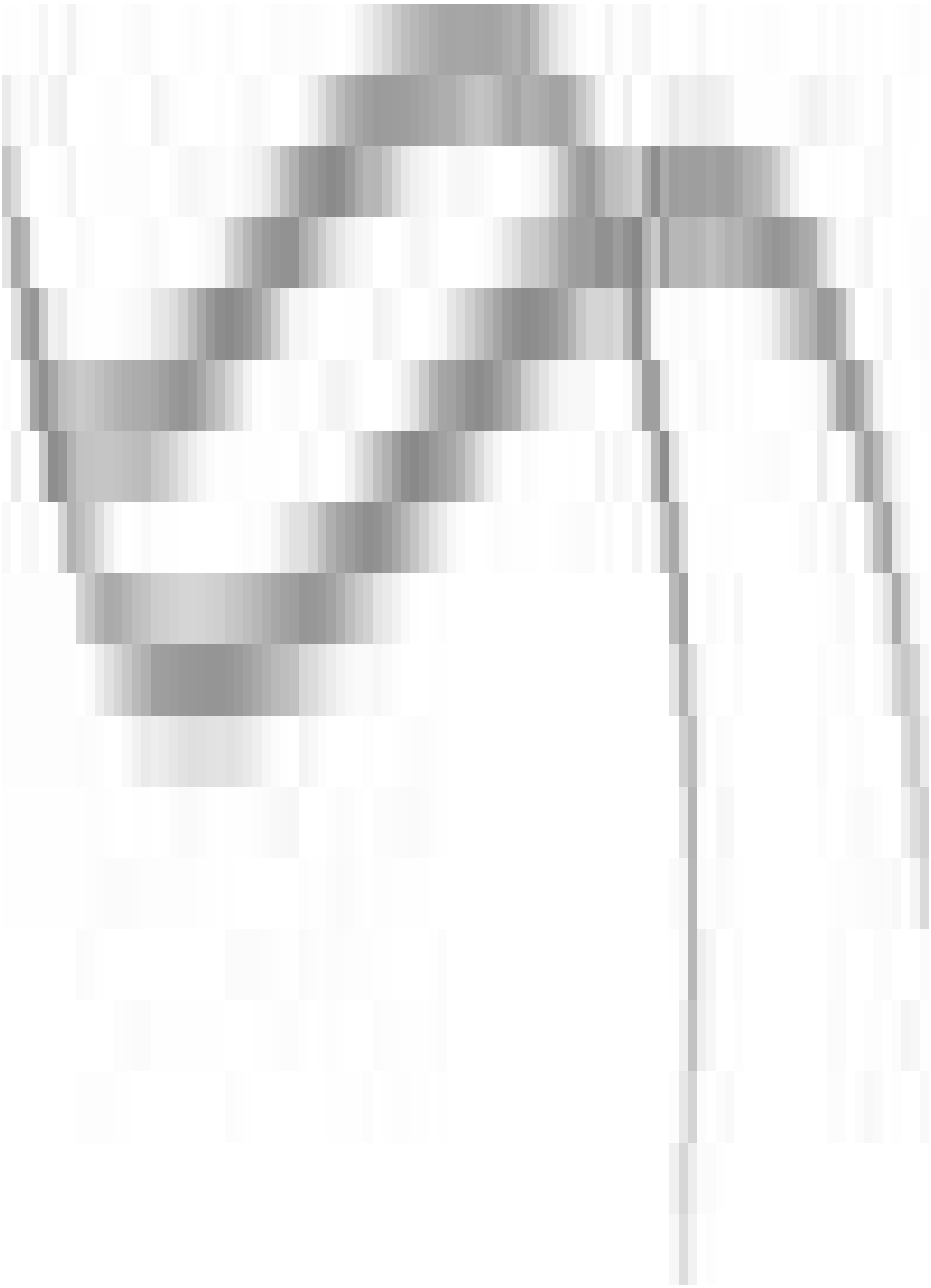


Além dessas fontes, tivemos aquelas procedentes de entrevistas que fizemos com alguns descendentes dos pioneiros. Os pontos de interrogação encontrados junto a nomes ou datas indicam dados incompletos e dúvida. Os espaços em branco denotam ausência de informações.

Incluímos antes do projeto de rol de membros, alguns informes que recolhemos do arquivo de outras igrejas que registram o movimento de membros com diversos dos componentes do grupo de emigrados dos EUA estabelecidos em SBSP, seus filhos e netos já nascidos no Brasil. Este trabalho sugere novas buscas em arquivos ainda não consultados e, por certo, haverá boas surpresas. Muito ainda há para ser descoberto!



Dois nomes de brasileiros chamam nossa atenção neste projeto: Sebastiana ..?.. e Antonio Teixeira de Albuquerque. Não encontramos seus autógrafos. Sebastiana era membro da PIB/SB. Em 1888, ela veio da PIB/SB e tornou-se membro da PIB/RJ. Três meses depois retornou para a PIB/SB. Não decifrамos o seu sobrenome no livro de atas da PIB/RJ. E, quanto ao autógrafo de Antonio Teixeira de Albuquerque, o parecer técnico do perito grafotécnico Antonio Nunes da Silva, do Instituto Carlos Éboli, do Rio de Janeiro, datado de 31.08.1981, conclui que “as atas anteriores, atribuídas a Antonio Teixeira de Albuquerque e a Francisco Borges de Barros, foram, na realidade, escritas por Tito Alves Silva.” Trata-se das primeiras atas da PIB/Bahia, com seu início em 15.10.1882.



Entre os membros fundadores da PIB/SP, a 06.07.1899, está o de Sarah R. d'Oliveira, procedente da PIB/SB. Isto pode ser comprovado pelo livro de atas e anotações no rol de membros da PIB/SP.

Trata-se de Sarah Rebecca Ellis, norte-americana, filha de Mary Matilda Ellis, ambas membros da PIB/SB. Mary M. Ellis foi a hospedeira do casal Bagby quando de sua chegada a SB. Sarah Rebecca era casada com Francis Marion Bankston. Este faleceu em SB, em 1878. Algum tempo depois, a viúva casou-se, em segundas núpcias, com Antonio Theodoro d'Oliveira Souza, que fora vereador e o primeiro presidente da Câmara Municipal de SB. É certo que, em setembro de 1887, a família já residia na cidade São Paulo. (Ver parte "B" — Henry Strong, na pág. 351.)

Com a organização da PIB/SP, Sarah R. d'Oliveira aparece em primeiro lugar na lista dos fundadores, procedente da PIB/SB.

Em 1888, a PIB/RJ e a PIB/SB trocaram cartas demissórias: E. H. Soper, Elisabeth Williams e o seu neto, George William Gooda, Charles D. Daniel e esposa, Sebastiana ...(?)...., e talvez Grace Gooda.

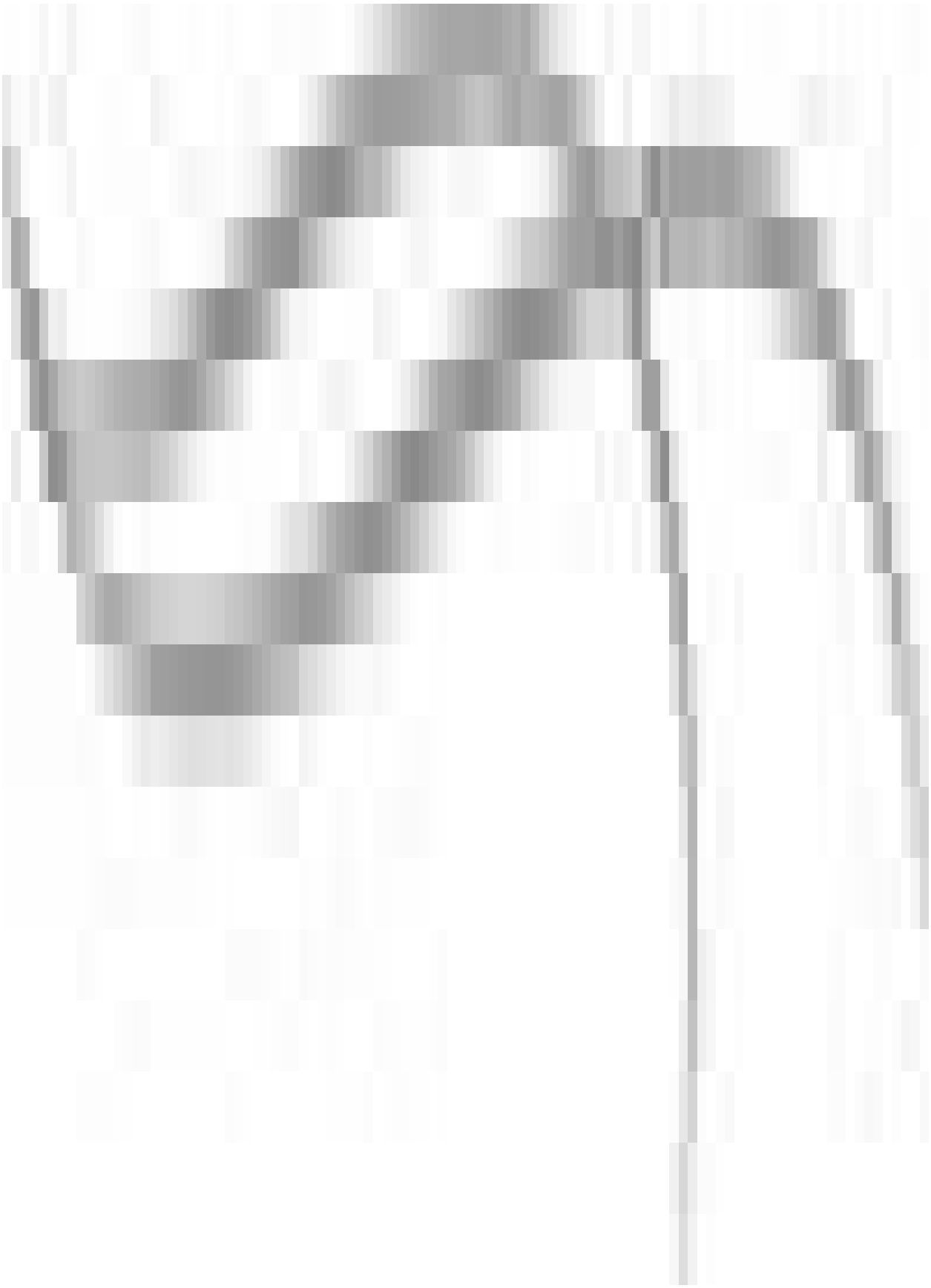
Com o que temos reunido até agora, podemos concluir que, entre os membros das duas igrejas batistas em SBSP, houve um norte-americano naturalizado brasileiro; 11 já nascidos em SBSP, sendo filhos dos emigrados dos EUA, e pelo menos dois que tinham nomes brasileiros: Teixeira e Sebastiana.

Do grupo de membros da PIB/SP, conforme se pode apreciar adiante, dos 31 listados, dois eram norte-americanos — Robert U. Meriwether e Sarah d'Oliveira —, e 29 eram barbarenses, filhos dos colonos de SB. Note-se que estamos focalizando apenas os batistas.

Essa afluência prova a saída dos elementos de SB para outras paragens, buscando apoio espiritual e educacional. Às vezes, os pais acompanharam os seus filhos nessa busca. Assim, os seus descendentes se espalharam de norte a sul, e de leste a oeste.

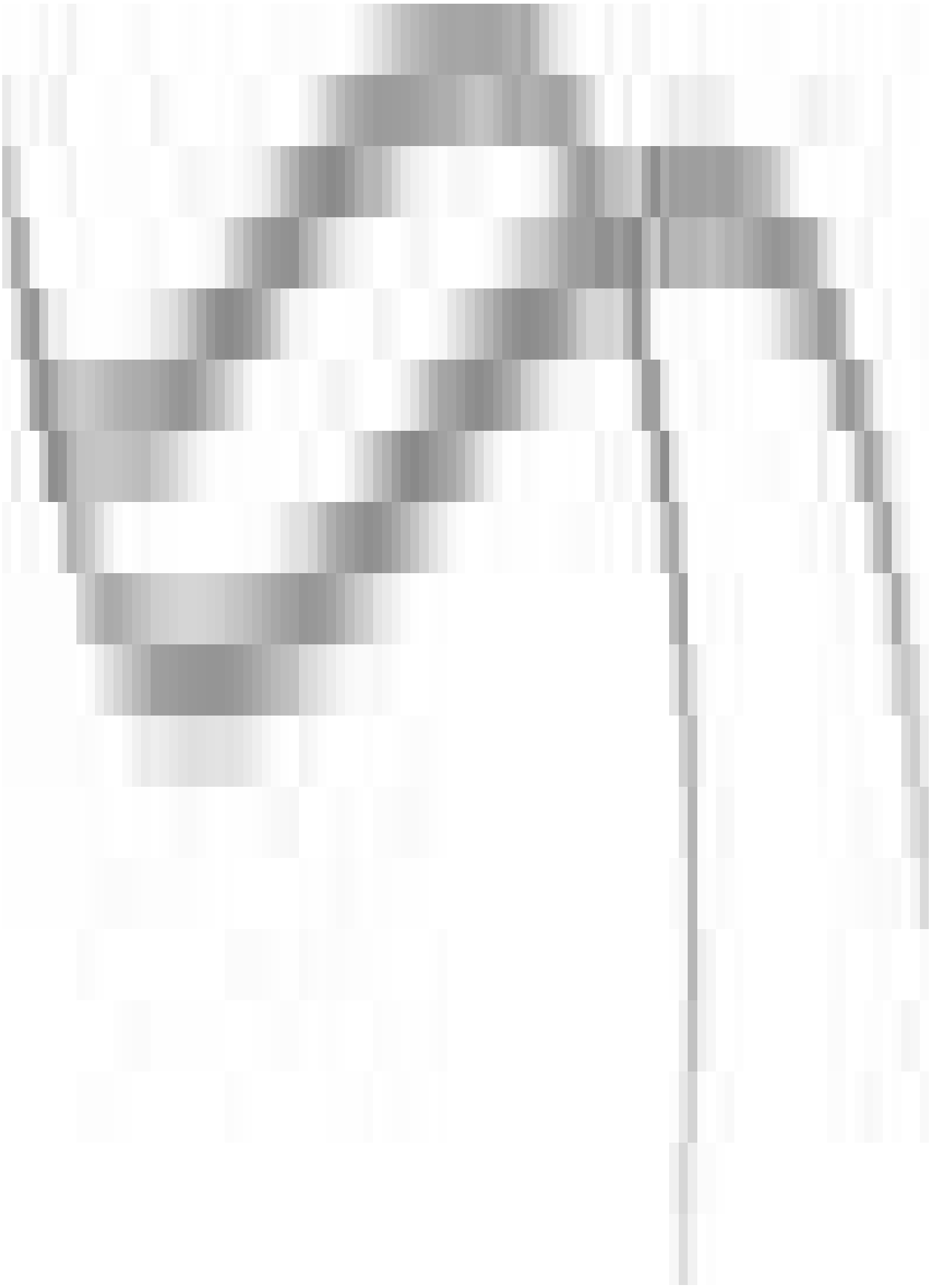
Há documentos que fazem referência a exclusões, reconciliações e batismos. Porém, os nomes não foram mencionados, o que prejudicou o nosso trabalho para este projeto. Conseguimos identificar alguns deles pelas informações em

documentos correlatos. Com certeza, encontraremos os nomes de filhos daqueles colonos batistas em igrejas metodistas e presbiterianas, como é o caso da família Meriwether. Há vários desses nomes registrados no rol de membros da Primeira Igreja Metodista, em São Paulo, capital, como pudemos constatar pessoalmente.



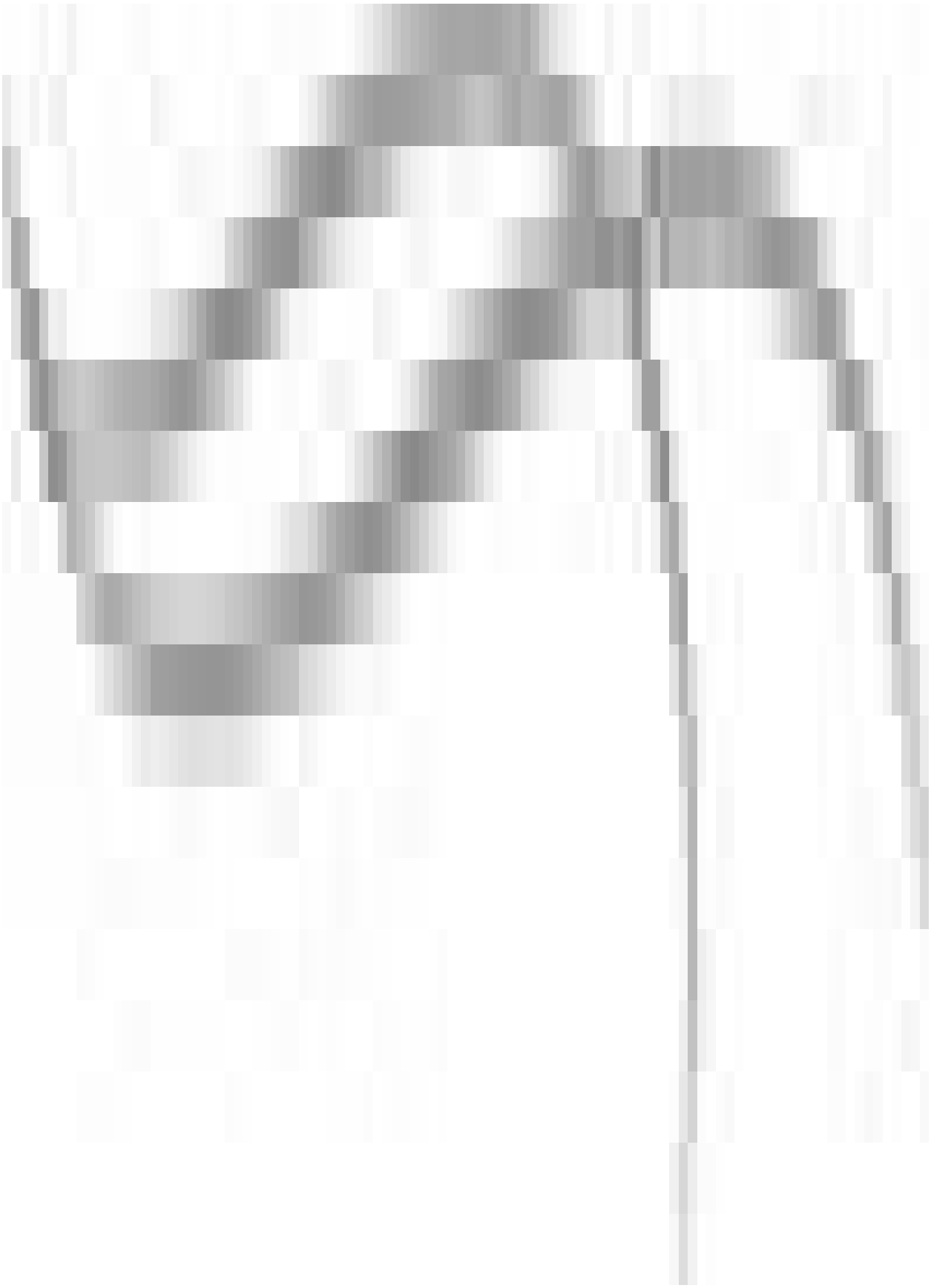
Num espaço de cerca de 38 anos, faleceram 38 membros das duas igrejas em SB; cinco saíram para fundar a PIB/BA; um saiu para participar da organização da PIB/SP; dois, para a PIB/Piracicaba; seis foram diáconos; três tentaram o ministério; quatro foram pastores residentes, membros da própria colônia. Desse grupo saiu o primeiro pastor batista brasileiro, que foi Antonio Teixeira de Albuquerque; dez missionários da FMB-SBC, em datas diferentes, foram membros da PIB/SB; por ela, E. H. Soper foi consagrado ao Ministério da Palavra, contribuindo assim para que ele chegasse a ser nomeado missionário pela FMB-SBC, servindo não só em SB, mas, também, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais; a existência da PIB/SB permitiu que pelo menos quatro de seus membros se tornassem juízes de paz; quatro missionários foram pastores.

Além do que acabamos de enunciar, podemos apreciar outros pontos já referidos em “Servindo como Obreiros”, parte “A”. (Ver pág. 67)



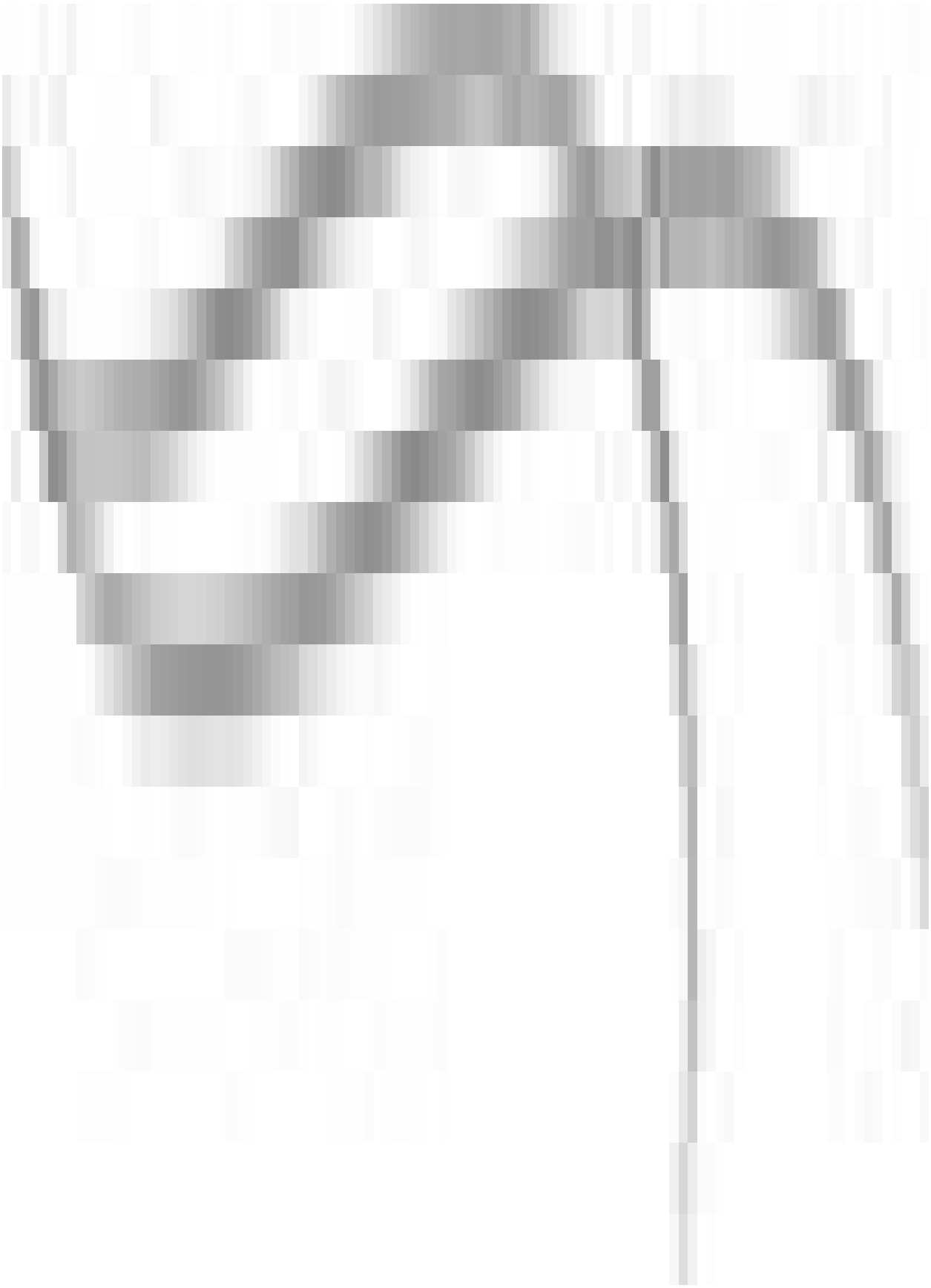
A consulta ao rol de membros e livros de atas da PIB/RJ foi permitida, ao tempo, pelo seu pastor, Dr. João Filson Soren, tendo a assessoria do secretário, Dr. Luís da França Costa.

Para a PIB/BA, a consulta dos livros de atas foi permitida pelo seu pastor, Dr. Ivan Pitz de Souza.

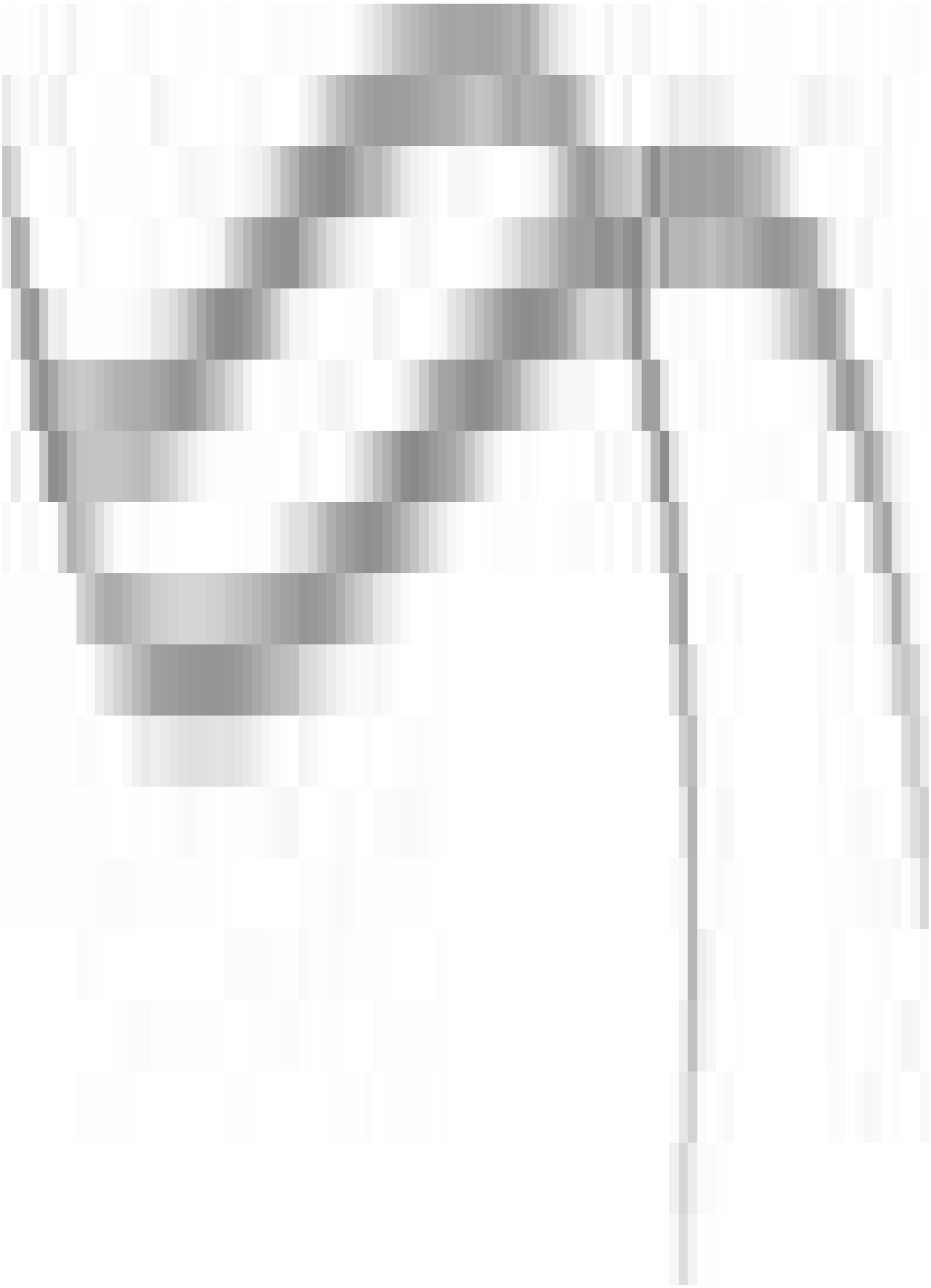


Não são conclusivos os dados obtidos com relação ao movimento de saída de elementos de SBSP para outras igrejas. O que segue é uma parte.

Nota: As letras encontradas no corpo da informação abaixo significam o seguinte: B. — batismo; C. — carta; D. — declaração; E. — exclusão; Pf. — profissão de fé.



Na PIB/SP, capital — as anotações que vemos a seguir provêm do livro de atas e rol de membros da Primeira Igreja Batista em São Paulo, capital. O nº à esquerda de cada nome é o que cada um tomou no referido rol. Essa busca foi efetuada com a permissão do seu pastor, Dr. Irland Pereira de Azevedo, tendo a assessoria do irmão Jessé Alnernaz.



001 - Sarah R. d’Oliveira (Sarah Rebecca d’Oliveira). Este sobrenome é o do casamento em segundas núpcias. Listada com o nº 001 entre os membros fundadores da PIB/SP, procedente da PIB/SB.

094 - Josephine Weissinger. Pf. a 25.09.1904 e B. por J. J. Taylor. E. a 03.04.1946, por abandono aos cultos.

111 - Daisy Harris. Aceita por D. a 28.02.1904, procedente da PIB/SB. Saiu a 03.03.1912, com C. para a IBED, Rio.

112 - Ana Thomas (Anne Hope Thomas, mais tarde, Sra. J. B. Parker). Aceita por D. a 28.02.1904, procedente da PIB/SB. Saiu a 03.03.1912, com C. para a IBED, Rio.

113 - Kate Thomas (mais tarde, Kate Thomas de Souza). Aceita por D. a 28.02.1904, procedente da PIB/SB. Saiu a 29.02.1911, com C. para o Alto da Serra, SP, a fim de ajudar o trabalho com as crianças e senhoras.

148 - Helena Thomas (Helen Aline Thomas). Aceita por Pf. a 07.10.1906. B. por J. J. Taylor. Saiu por E. “paradeiro desconhecido”. A IBED, Rio, registra a sua entrada a 14.11.1912, com C. procedente da PIB/SP, com o nome Aline Thomas. Este é um caso que trouxe embaraços pela ausência de assentamentos corretos. Essa jovem foi professora no Jardim de Infância do Colégio Batista Shepard, no Rio, e um dos seus alunos foi o então menino João Filson Soren. Este recordava-se dela com expressão carinhosa. Aline retornou mais tarde para alguma igreja em SP.

160 - Lilie Baird. Aceita por Pf. a 13.05.1906. B. por W. B. Bagby. Cremos tratar-se de uma neta do Rev. James Reynald Baird, presbiteriano.

169 - Sadie Daniel. Aceita por Pf. a 19.05.1907. B. por W. B. Bagby. Era neta do Pr. R. P. Thomas.

192 - Lucy McFadden. Aceita por Pf. a 22.09.1907. É fato que saiu com C., mas, não há registro. A 14.04.1912 entra com C. da "Quarta Igreja Batista da Capital". Parece-nos claro que ela passou um tempo no Rio de Janeiro. Era de família presbiteriana.

225 - Jennie Thomas (Eugenia Thomas — "Genie"). Aceita por Pf. a 24.05.1908, B. por W. B. Bagby. "Paradeiro desconhecido". Este é outro caso que trouxe embaraços, pela incorreção de dados. Foi registrada como "Jennie", mas deveria ser "Genie". Com o nº 632, aparece "Eugenio Thomaz. Não consta recepção. Foi com carta para o Rio, em 04.02.1912." Os dois nomes mencionados nos números 225 e 632 são da mesma pessoa, ou seja, Eugenia Thomas. Como se vê, houve, inclusive, troca de sexo, pela mudança da última letra do nome, além do apelido ter sido grafado de dois modos. A 03.03.1912, a IBED, Rio, registra a sua entrada com C. da PIB/SP, mas com o nome certo: Eugenia Thomas. Ela era filha de William F. Thomas e neta de R. P. Thomas. Esta foi a esposa do Pr. Ricardo Pitrowsky, e eles foram os pais da autora deste livro. Os dados no arquivo da família permitiram o acerto dessas informações.

226 - Minnie Thomas. Aceita por Pf. a 24.05.1908. B. por W. B. Bagby. Em 1914, ela foi para os EUA. Depois de casada, viajou por muitos lugares. Esteve um tempo em Macau, China, onde morava J. Steagall, um filho seu. Minnie e Eugenia Thomas eram primas e amigas inseparáveis.

229 - Arlindo Thomas. Aceito por Pf. a 24.05.1908. B. por W. B. Bagby. E. por

“abandono aos cultos” a 12.05.1921.

242 - William Thomas (William Francis Thomas, Guilherme Francisco Thomas). Aceito por D. a 09.08.1908, procedente da PIB/SB. Foi diácono e tesoureiro. Era filho do pastor R. P. Thomas.

244 - Carlos Smith (Charles Smith). Aceito por Pf. a 09.08.1908. B. por W. B. Bagby. Saiu a 26.04.1917, com C. para a Igreja Batista do Braz, SP, Capital. Era filho de avós e pais metodistas.

247 - Arthur Thomas. Aceito por D. a 30.08.1908. Sabe-se que era procedente da PIB/SB. Faleceu a 12.05.1910, em São Paulo, Capital, ainda muito jovem. Nome completo: Arthur Alonzo Thomas.

258 - Robert U. Meriwether (Robert Underwood Meriwether). Aceito por D. a 30.12.1908, procedente da PIB/SB. Casou-se com a missionária Leonora Smith, metodista, que serviu no Brasil, por 20 anos. Retornaram aos EUA.

268 - Mattie Smith (Martha Ethel Thomas, casada com Charles Smith). Aceita por Pf. a 14.02.1909. B. por A. B. Deter. Foi membro das Igrejas Batistas do Braz e Paulistana, em São Paulo, Capital.

269 - Emily Smith. Aceita por Pf. a 14.02.1909. B. por A. B. Deter. E. a 12.05.1921, por abandono aos cultos.

318 - Mary Pyles Arouca. Aceita por Pf. a 19.03.1911. E. a 09.12.1920, por

abandono aos cultos. Reconciliada a 20.10.1925, levou C. para Penápolis, a 17.02.1926. Era irmã das que estão sob os números 507, 508, 710, 887, todas netas do pastor Samuel M. Pyles.

507 - Winnie Pyles. Aceita por Pf. a 13.05.1919. B. a 30.05.1920. Saiu com C. para Nova Odessa, SP.

508 - Julia Pyles (Julia E. P. Mojola). Aceita por Pf. a 13.05.1919. B. a 23.05.1920. Era viúva e, em idade avançada, morava na capital, São Paulo.

524 - Mary McFadden. Aceita por C. a 03.08.1919, procedente da PIB/RJ. Salvo engano, ela era irmã de Lucy, que aparece sob o nº 192. Consultamos o arquivo da PIB/RJ, de onde anotamos que Mary McFadden foi ali aceita por C. a 16.05.1915, procedente da PIB/BA, e saiu da PIB/RJ com C. para a PIB/SP, a 13.07.1919. Pedimos confirmação da PIB/BA, mas não recebemos resposta. Mary era de família presbiteriana.

536 - Jenny Thomas. Aceita por Pf. a 19.10.1919. B. por F. M. Edwards. E. a 21.07.1943, “paradeiro desconhecido”. Era filha de Abram Curtis Thomas. Em 1980, vivia em Jundiaí, SP.

568 - Annie Carlton. “Recebida a 20.05.1920, com apresentação do Pr. F. M. Edwards.” Saiu a 21.10.1953, para Igreja Batista de. Perdizes, São Paulo, capital.

598 - Lornia Pyles. Aceita por Pf. a 25.11.1920, E. a 19.07.1932, por abandono aos cultos.

632 - Eugenio Thomaz. Ver o nº 225 dessa lista. Trata-se de Eugenia Thomas.

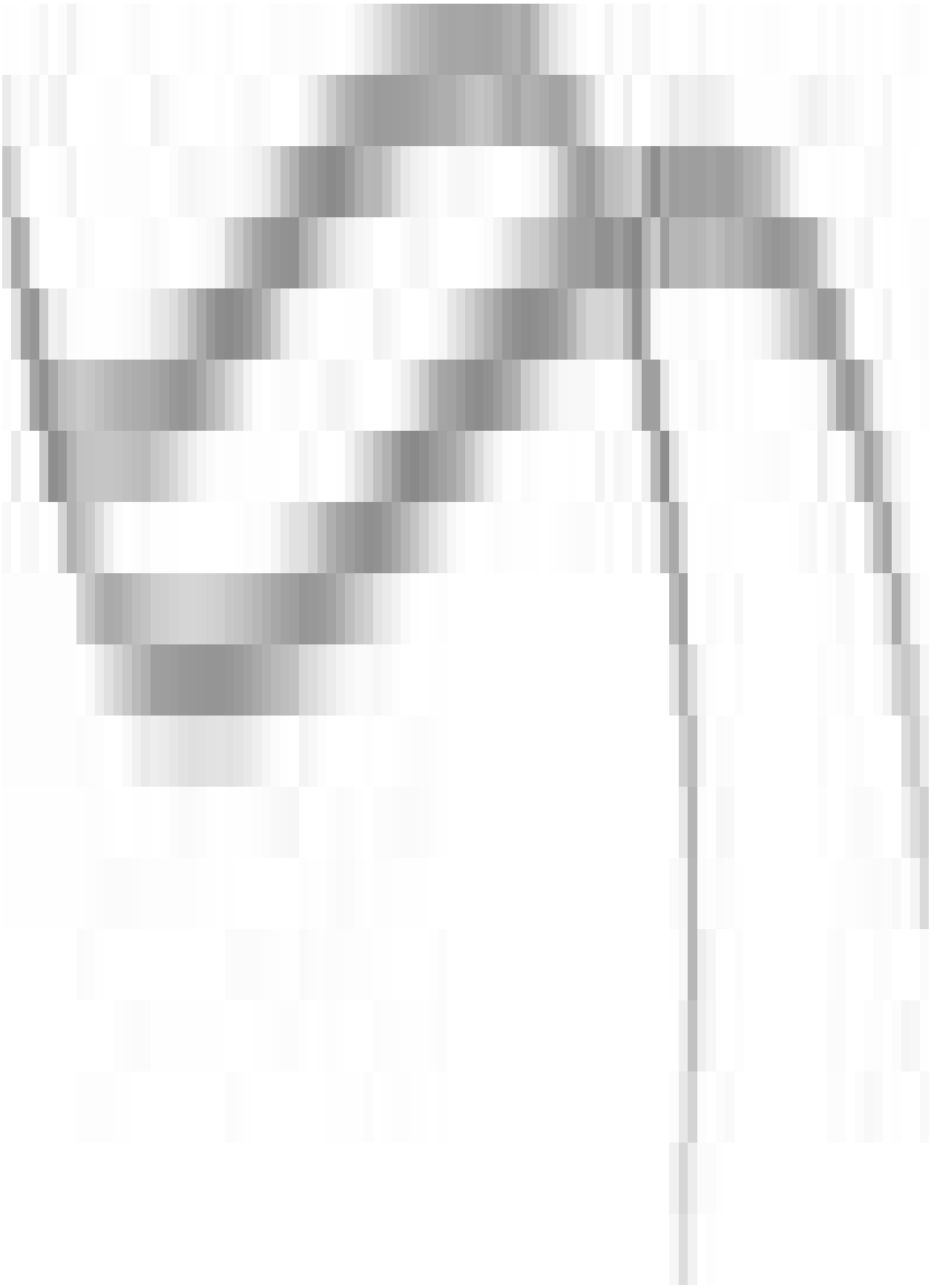
698 - Leola Ferguson. Aceita por Pf. e B. a 01.04.1923. E. a 21.07.1943, por abandono aos cultos. Viveu muitos anos em Araçoiaba da Serra, perto de Sorocaba, SP. Faleceu em idade bem avançada.

710 - Jenny W. Pyles Peith. Aceita por Pf. a 13.09.1923, E. a 19.07.1932, por abandono aos cultos. Reconciliada a 12.09.1956. Foi ovelha do Pr. Irland P. de Avezedo, na PIB/SP. Faleceu a 15.06.1978, deixou viúvo o Sr. Karl Peith. Dados do Boletim Dominical daquela igreja, de 02.07.1978, p. 3.

887 - Annie Pyles (Amy Pyles). Aceita por Pf. a 16.08.1925. Sua irmã, Julia Pyles Mojola, informou-nos que ela foi membro, também, em Perdizes ou Vila Mariana, em São Paulo, capital.

888 - Lucy Ferguson. Aceita por Pf. a 16.08.1925. Era irmã de Leola, nº 698.

? - Stela Thacher. Seu nome aparece no livro de atas, aceita por D. a 21.08.1904, procedente da PIB/Piracicaba. (Ver parte “D”, 23.11.1902.) Ela foi B. por W. B. Bagby e se tornou uma das fundadoras da PIB/Piracicaba.



Na Igreja Batista do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro — atual Segunda Igreja Batista do Rio de Janeiro — as anotações que se seguem provêm do livro de atas da referida igreja. Essa busca foi efetuada com a permissão do seu pastor, Ezequias Lopes de Souza.

Anna Thomas. Aceita a 03.03.1912, por C. procedente da PIB/SP. Anna foi a primeira jovem nascida no Brasil, a ser missionária da Junta de Richmond. [Nome de casada: Anna Hope Parker.]

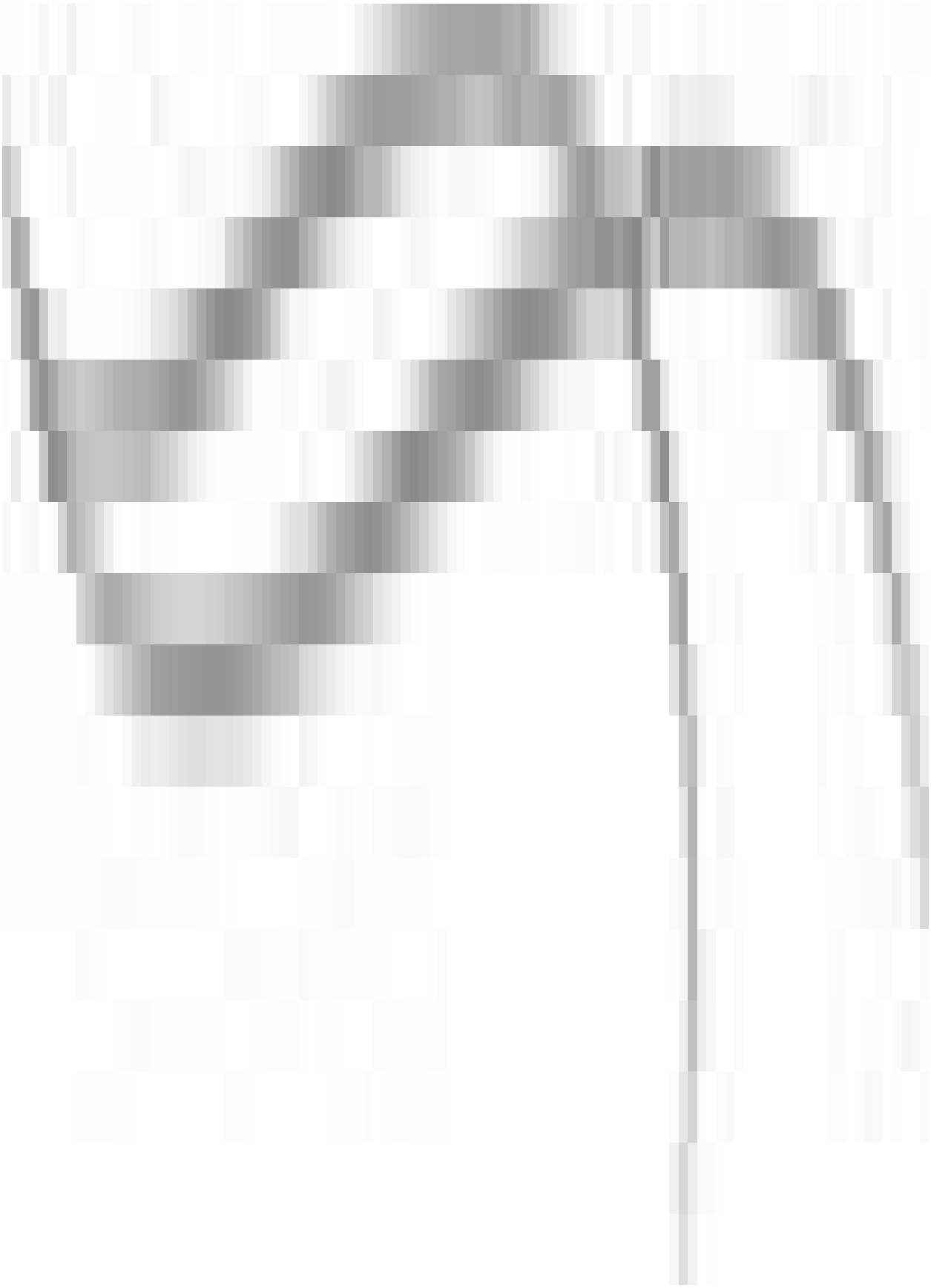
Eugenia Thomas. Idem. Ana e Eugenia saíram a 05.11.1915, para a Igreja Batista do Catumbi, hoje com o nome de Igreja Batista Central, Rio de Janeiro.

Elisabeth Minchin (Lizzie Minchin). Aceita por C. a 03.06.1903, procedente da PIB/Campinas, SP.

Alina Thomas (Helen Aline Thomas). Aceita por C. a 14.11.1912, procedente da PIB/SP. Saiu a 08.05.1913, para a Igreja Batista do Catumbi.

Daisy Harris. Não foi encontrado o registro de sua admissão, mas sabe-se que ela veio da PIB/SP, e a 04.11.1914, há o registro de sua saída da IBED para a do Catumbi, com C.

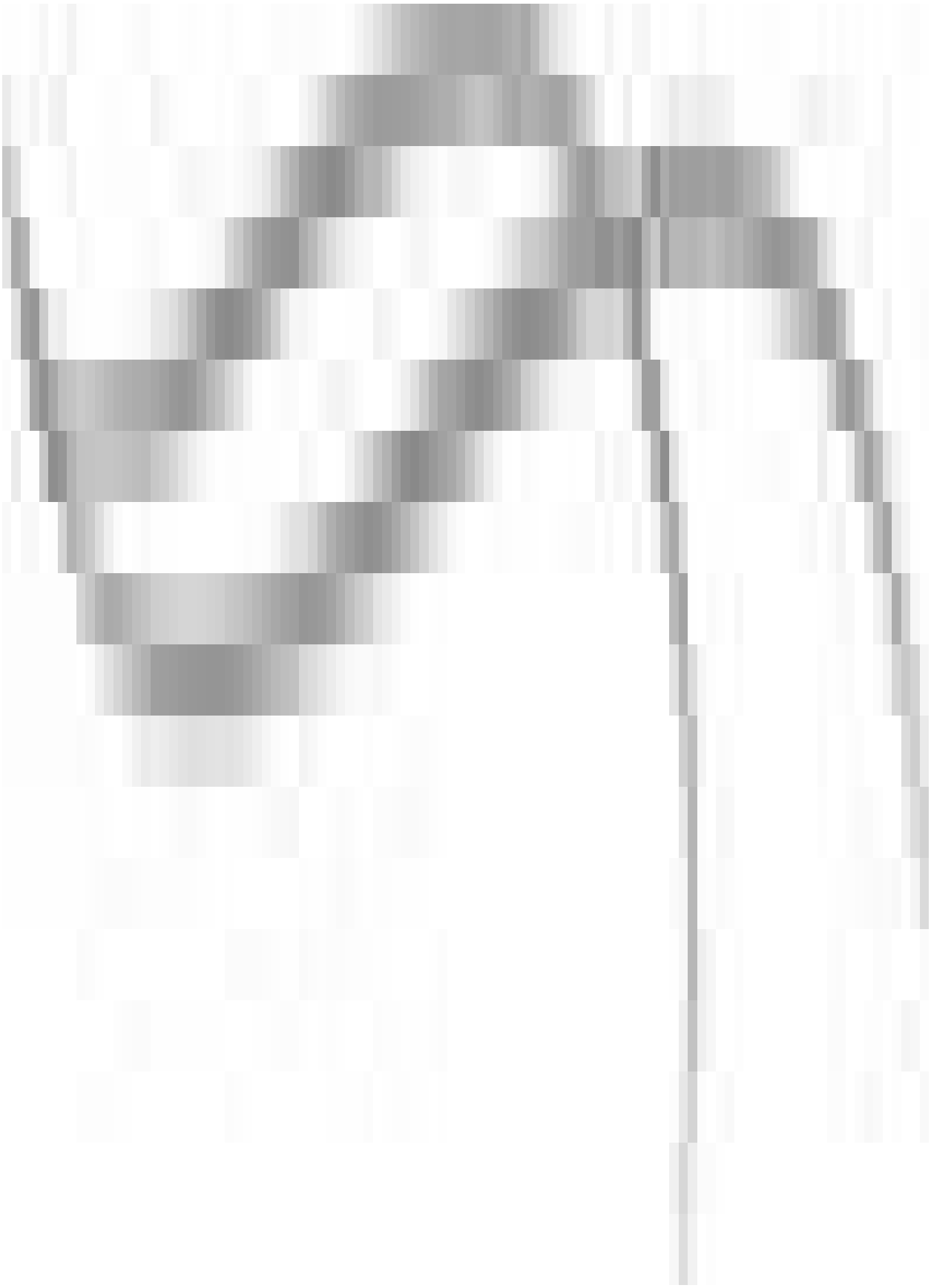
Anna, Eugenia e Aline Thomas retornaram para a IBED. A 04.07.1917, Anna saiu para trabalhar no Maranhão, como missionária da FMB. Casou-se com o missionário John B. Parker. Aline retornou para SP, e Eugenia casou-se, a 18.06.1918, com Ricardo Pitrowsky, então pastor da IBED. Eugenia permaneceu nessa igreja até a data de seu falecimento, a 29.04.1974.



Os nomes aqui apresentados são de pessoas que pertenceram à primeira geração dos emigrados dos EUA, já nascidos no Brasil. Como se pode observar, são mencionadas diversas igrejas batistas do Estado de S. Paulo, do Rio de Janeiro e uma da Bahia. Se a pesquisa prosseguir, inclusive buscando os elementos das gerações seguintes, vamos ver que eles estão nas várias igrejas, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, desde as igrejas de Rio Verde, no oeste, às diversas localizadas no litoral.

Este é um trabalho que pode ser desenvolvido. Fica aí a sugestão.

Teríamos, ainda, a descoberta dos registros feitos em relação à jovem Bertha Mills, que saiu da PIB/SB para estudar nos EUA, voltou para trabalhar no Recife, Pernambuco, já como missionária da FMB. Casou-se com o missionário Robert Edward Pettigrew. O casal trabalhou em Maceió, Paraná, Rio Grande do Sul. Bertha foi sepultada no Cemitério Protestante, em Porto Alegre, RS. (Ver Parte B - Biografia de Bertha Mills - pág. 340)



Nomes Dos Possíveis Membros Das Duas Igrejas Em Santa Bárbara, Sp

Sebastiana ..?....., Antonio Teixeira de Albuquerque, William Buck Bagby, Anne Ellen Luther Bagby, Francis Marion Bankston, Sarah Rebecca Ellis Bankston, Robert Brodnax, Hannah E. (Kirven) Brodnax, Winston Augustus Brodnax, Anna Ellis Capps, William Henry Capps, Albert Gallaton Carr, James Edward Carr — “Jim”, Elisa Cherry, Joseph Jackson Cherry, Charles Davis Daniel, Lena Kirk Daniel, David Davis, Adeth Davis, Mary Matilda Ellis, Lílian Ellis, Mary — “Mollie” — Ellis, Alexander Christovam Fenley, Charles Columbus Fenley, Mary Virginia (Carlton) Fenley, P. P. Alexander Fenley, Pleasant M. Fenley, Sarah A. (Blair) Fenley, Frederick B. Ferguson, Green Ferguson, John S. Ferguson, Minerva Charlotte (Rowell) Ferguson, Turner Stowe Ferguson, Lovie Fielder, George William Gooda, Sarah A. (Russell) Gooda, Bony Hammond Green, Daisy Harris, Rosa Keese, Mary C. Underwood Meriwether, Robert Meriwether, Robert Underwood Meriwether, William Henry Meriwether, Bertha Mills, Dora (Thacher) Mills, William (ou James I. ?) Mills, Eugenia (Virginia?) —”Jennie” ou “Gennie” — Minchin, Joseph Johnson — “Juca” — Minchin, Joseph Long Minchin, Julia A. (Pyles) Minchin, John Perkins, Margaret Perkins, Edward Allen Puthuff, Emma Fox Puthuff, Nancy Almina B. (Razor) Pyles, Samuel Milton Pyles, Elias Hoton Quillin, Richard Ratcliff, Eunice Providence Heatherwick Ratcliff, Hulda C. (Fenley) Rowe, John Henry Rowe, Sarah L. (Fenley) Rowe, S. Y. M. Russell, Ebenezer W. Seawright, Mary R. (Pyles) Seawright, Edwin Herbert Soper, Henry Strong, Sarah Amanda Strong, Zachary Clay Taylor, Katherine Stevens Taylor, Andrew D. Thacher, Abram Curtis Thomas, Anne Hope Thomas, Arthur Alonzo Thomas, Edward Abraham Thomas, Emily (Perkins) Thomas, Fanny Elisa (Ferguson) Thomas, Kate Thomas, May Aline (Kennerly) Thomas, Robert Porter Thomas, Sarah Emily Thomas, William Francis Thomas, Jane Whitaker, Orville Whitaker, Warden G. Whitaker, Elizabeth Williams.

“... notai bem os seus baluartes, observai os seus palácios, para narrardes às

gerações vindouras que.este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até à morte” (Salmo 48.13,14).

Considerações Finais

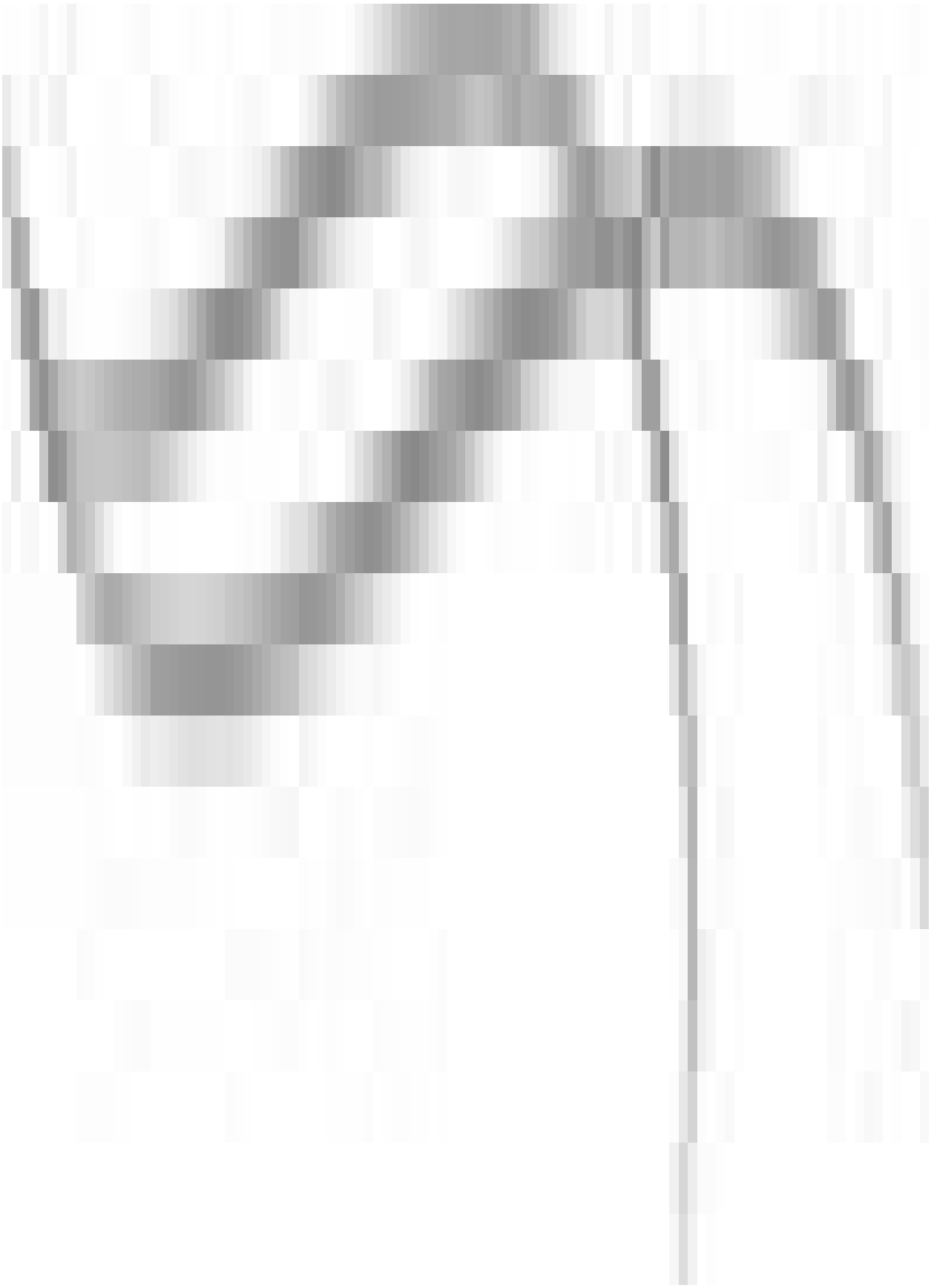
O que poderia explicar o grande mistério de nascer e crescer, no coração de alguns homens e mulheres, um sentimento extraordinário que denominamos “espírito missionário”?

Esse espírito missionário alicerça-se no amor pelas almas perdidas. Mas, alguns, em especial, são também impregnados de uma inquietude ou ansiedade, que os transforma em arautos do evangelho, em missionários. Diante da insondabilidade dos caminhos do Senhor, ficamos perplexos quando nos deparamos, na história desses homens e mulheres imbuídos do espírito missionário, com aparentes incongruências: às vezes, os que dispõem de menos condições, maior influência exercem na história.

A análise da história torna-se um privilégio na medida em que permite ao historiador, ou ao pesquisador, eliminar a lentidão do tempo real, isto é, a visão histórica pode passar, em segundos, por períodos de longos anos. Este fato possibilita ao estudioso a visão de conjunto, dos acontecimentos esparsos, que compõem toda a história. E, principalmente, os efeitos e as influências de pequenos ou grandes fatos, às vezes parecendo inexpressivos na ocasião, transformam-se, pela análise, em poderosas causas para a criação ou modificação dos eventos futuros.

Estas reflexões vêm à mente, a propósito dos primórdios da História dos Batistas no Brasil. A história é feita pelos fatos e pelos seus registros. Os fatos históricos não podem ser mudados. Cada registro adicional, que descobrimos, amplia e aperfeiçoa a visão da história.

Uma das finalidades deste trabalho é acrescentar àquela maravilhosa epopéia de fé dos pioneiros batistas, registros adicionais de ocorrências históricas inéditas ou pouco divulgadas, que permitam o maior conhecimento e melhores interpretações da sua história.



A primeira igreja batista surgida em solo brasileiro, a 10 de setembro de 1871, logo cedo manifestou a sua preocupação para alcançar os brasileiros com o evangelho. Havia os limites da língua, dos costumes, da heterogeneidade do próprio grupo, das distâncias geográficas; mas esses obstáculos não puderam impedir a visão missionária da qual seus membros estavam imbuídos. Esta os levaria na vanguarda da marcha que se iniciava.

Pouco mais de um ano após a fundação daquela igreja, era já manifesto aquele espírito missionário, quando ela votou solicitar à FMB-SBC a vinda de missionários para ajudá-la na tarefa de evangelização. Esse ato repetiu-se algumas vezes, com insistência. A leitura cuidadosa dos documentos que estão na parte "D" deste livro descortinam uma igreja sozinha, desejando, obstinada, a evangelização não só da população ao seu redor, mas a evangelização de todo o Brasil. Ela compreendia, por uma visão ampla, que para ir além, conforme Atos 1.8 e Lucas 24.47, devia tornar-se o núcleo inicial "começando por Jerusalém". (Ver Dados sobre a População nas págs. 99 e 100)

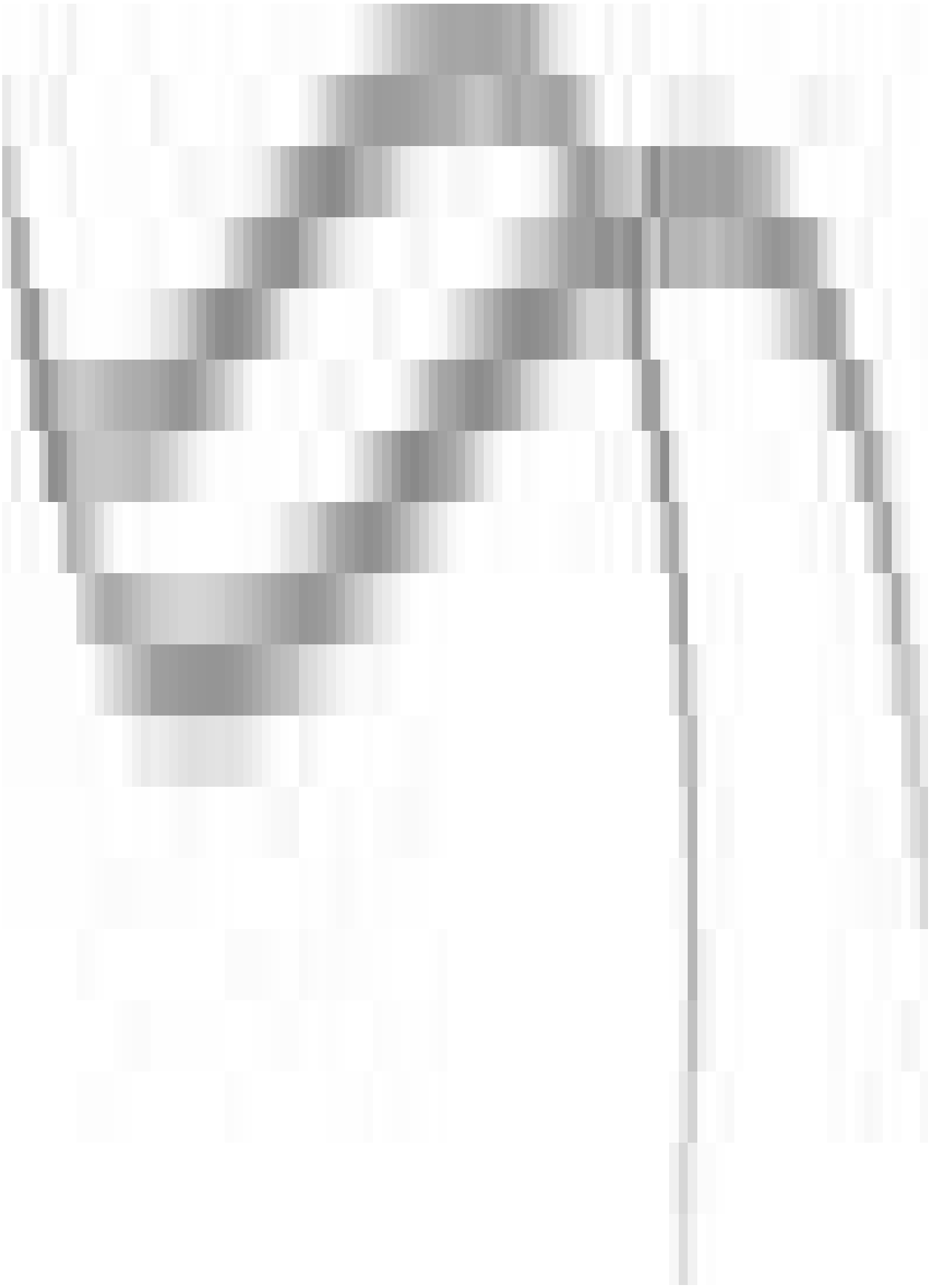
E, aquela Primeira Igreja Batista no Brasil, nascida em Santa Bárbara, S. Paulo, não esperou a resposta da Junta para iniciar o trabalho. No Parecer da Comissão de Novos Campos, apresentado na Convenção, reunida em maio de 1879, em Atlanta, Georgia, lemos que aquela igreja expressava "... um fervente desejo para ser reconhecida pela FMB-SBC, com o propósito de prosseguir o trabalho missionário nas redondezas, entre os emigrados dos EUA e os nativos brasileiros."

Lendo-se a pequena biografia do Pr. Richard Ratcliff, parte "B" (Ver pág. 134), concluímos que, tendo ele o grande desejo de ser missionário, sendo ele o fundador e o primeiro pastor daquela igreja, iniciou ali, com ela, o trabalho missionário. E o seu companheiro que o sucedeu, E. H. Quillin, continuou no esforço de fazer com que os irmãos batistas em SB prosseguissem naquela caminhada de avanço. Não fora assim, o Rev. Teixeira de Albuquerque não teria encontrado o ambiente que o acolheu permitindo que se tornasse o primeiro pastor batista brasileiro. Foi para esse núcleo já existente que se destinaram os missionários Bagby e Taylor. Foi nele que ambos encontraram o ambiente propício para pregar aos brasileiros, reunidos em congregação. Tornaram-se membros da PIB/SB e, desse núcleo, partiram para a Bahia, após as experiências pastorais de Bagby na PIB/SB.

Na persistência da igreja pleiteando para ser reconhecida como participante do trabalho da Causa, no Brasil, ela enfatizava sempre que não exigia recursos da FMB para o seu sustento: “Nunca lhe pediram recursos para si mesmos, porém, para que sejam ajudados a pregar o evangelho aos nativos.” (Ver Parte “D”, 01.10.1878.)

Isto posto, transluz o interesse dos pioneiros pelo trabalho missionário. Ardia naqueles irmãos a visão missionária. Estavam dispostos ao trabalho de evangelização dos brasileiros, na língua portuguesa, arcando inclusive com os custos financeiros da obra, na parte que lhes tocava. Leia-se, por exemplo, a palavra do Rev. E. H. Quillin, num bosquejo, planejando a expansão do trabalho. (Ver parte “D”, 11.01.1873, 07.04.1877 e 18.10.1879.)

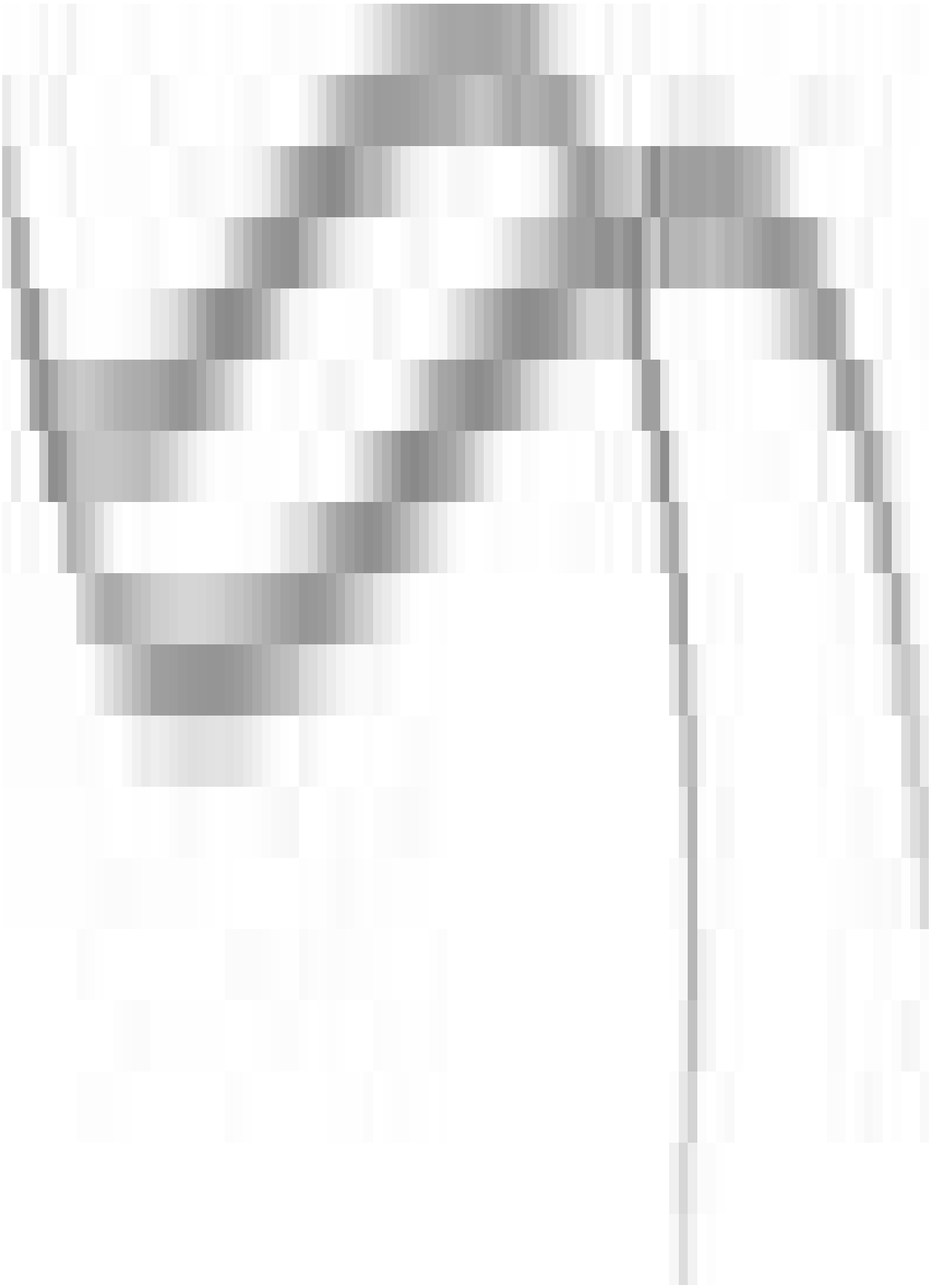
Aquela igreja fez surgir a primeira filha, organizada a 02.11.1879; e esta, ao escrever para a SBC, manifestou a crença de “... que nossa pequena igreja logo ocupará alguma proeminência na sua Missão Brasileira, e será capaz de prestar alguma assistência na disseminação das Escrituras.” E, mais adiante, lemos em referência aos irmãos da PIB/SB: “Esta igreja, de 30 membros e de sustento próprio, parece profundamente imbuída do espírito de missões. Eles aspiram por fazer alguma coisa pela evangelização dos nativos.” (Ver parte “D”, 3/5, 1880).



Quando o Dr. Bagby chegou, em março de 1881, ele próprio veio como resposta aos apelos daquela igreja, a fim de ajudá-la no programa de expansão já esboçado e iniciado. (Ver parte “D”, maio-junho, 1882.) Não só isto, mas o Dr. Z. C. Taylor, em sua carta à FMB, escrita de SB, afirma: “... dirigi-me, pela primeira vez, aos brasileiros, através de um intérprete. (...) Havia cerca de 30 brasileiros.” (Ver parte “D”, 29.05.1882.)

Além daquela reunião ocorrida na Vila de Santa Bárbara, a 20.06.1880, para a consagração de Teixeira de Albuquerque, outros documentos confirmam a realização de cultos com a presença de brasileiros. Esse exercício fortalecia o núcleo. (Ver parte “D”, 28.07.1882, 05.08.1882, 26.08.1882, 11.07.1884, 06.04.1885, 31.07.1886).

Em dias futuros, novos documentos serão descobertos, tal como esperamos, e há de se verificar que eles confirmarão que esses marcos estão no seu lugar.

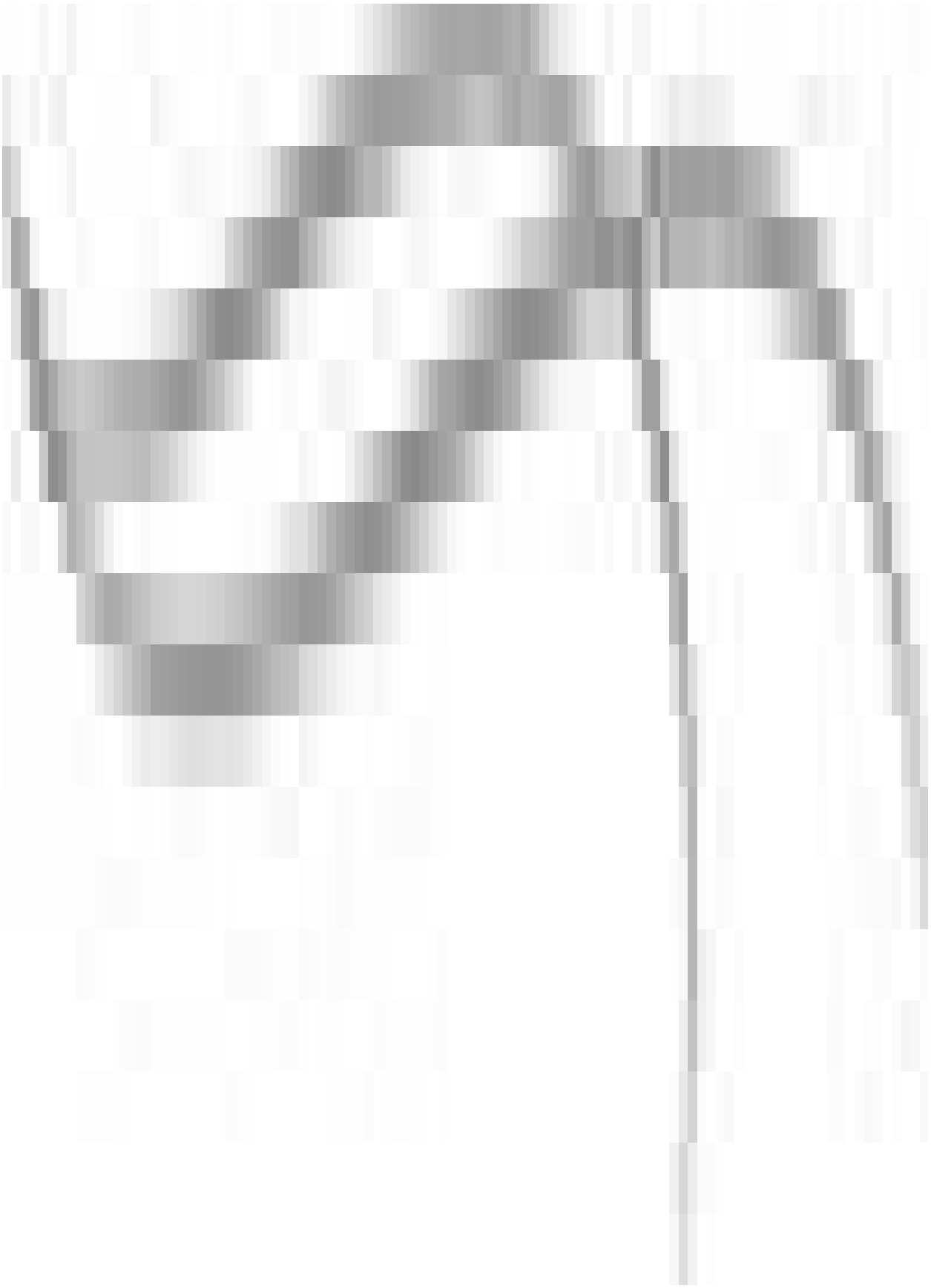


Ainda que existissem os problemas e limitações naturais de um grupo emigrado, havia uma crescente interação deste com as comunidades locais e a sua gente. Não era uma sociedade segregadora, mesmo com alguma resistência por parte de alguns dos mais velhos, desejando manter os hábitos e costumes de sua terra nativa. Convenhamos que isto fosse perfeitamente natural e mesmo necessário, pois que se constituem em liames das gerações. Se cortados, essa operação pode destruir uma parte da história.

Os pastores R. Ratcliff, E. H. Quillin e R. P. Thomas oficiaram casamentos e, entre estes, havia os de brasileiros e os de outras nacionalidades. Elementos do grupo emigrado ensinaram as técnicas agrícolas aos brasileiros, transferindo-lhes os conhecimentos necessários, possibilitando-lhes a criação de oficinas de fabricação de arados. Essa iniciativa propiciou o aparecimento de um importante parque industrial. Não era, portanto, uma comunidade isolacionista. A interação era patente na vida civil, econômica e religiosa, ainda que um tanto lenta, pelas circunstâncias.

O exemplo dado a seguir faz referência aos metodistas de SB, refletindo o mesmo espírito dos batistas e presbiterianos.

“... Em 1887, a Igreja do Campo resolveu pagar uma pessoa que lesse a Bíblia para os brasileiros. A resolução tomada na Assembléia não especifica nada. Nem diz como um brasileiro se tornou membro da igreja. Será que ele entendia os ofícios religiosos da Igreja do Campo? O fato é que ele está no rol dos membros, simplesmente como um brasileiro de quem o secretário não sabia o nome, e, se soubesse, com toda a certeza não saberia escrevê-lo.” (SD, p. 286)



Há 130 anos passados, o missionário T. J. Bowen estava na África Central, o seu campo de trabalho. Podemos imaginá-lo sentado num banco tosco junto à mesa tosca, meditando, examinando-se no contexto, pronto para escrever alguns pensamentos no seu diário, à luz bruxuleante de uma lamparina. Veio-lhe à mente, naqueles momentos de reflexão, uma imagem extraída da paisagem ao seu redor, que lhe era então familiar. E ele registrou: “Meus fracos esforços entre os milhões da África parecem como gota d’água na areia do deserto. Possa o Senhor convertê-los como centelha em restolho seco.”

A inspirada frase refletia a sua ânsia de ver espalhar-se a chama do evangelho. Ardia no seu coração o desejo de ganhar almas. Para ele, era freqüente ver um campo de gramíneas secas envolvido pelo fogo produzido por uma centelha; e como esse fogo se propagava rapidamente. Essa imagem exemplifica a propagação rápida da Mensagem. Uma centelha possui luz e energia. Bowen usou a figura de uma centelha para simbolizar a força e o poder de Deus. O fogo limpa o solo e produz a cinza. Dela, os elementos químicos são absorvidos pelas raízes das gramíneas. Dessas, os novos brotos nascem. São vidas novas! Elas trazem esperança.

Encerrando estas considerações, destacamos o que segue:

—Ao vir para o Brasil, Bowen pensou que daqui partiria a força do evangelho para o continente africano. Seu plano não se efetivou. Mas a sua estada no Brasil deu oportunidade de se pensar, mais profundamente, na abertura e implantação do trabalho missionário em nosso país.

—A chegada dos emigrados dos EUA, anos depois, no Brasil, reforçou essa oportunidade. A insistência dos servos de Deus para que esta Nação se tornasse um campo missionário produziu os seus efeitos: igrejas e irmãos espalharam-se por todo o território brasileiro.

—É evidente que os batistas em SBSP sofreram os embaraços da fragilidade

humana. Porém, um ponto alto se destaca, pelos registros conhecidos: ao serem convocados, a resposta foi - “PRESENTE”; e quando guiados e assistidos, responderam com disposição, esforço e entusiasmo: “EIS-NOS AQUI”.

—Os pioneiros em SBSP pareceram pigmeus diante das adversidades que enfrentaram, mas transformaram-se em gigantes, pela luz e energia da centelha divina. Os resultados produzidos são a maior prova de que os seus esforços se converteram como centelha em restolho seco. Foram perseverantes mesmo em meio a lutas e lágrimas.

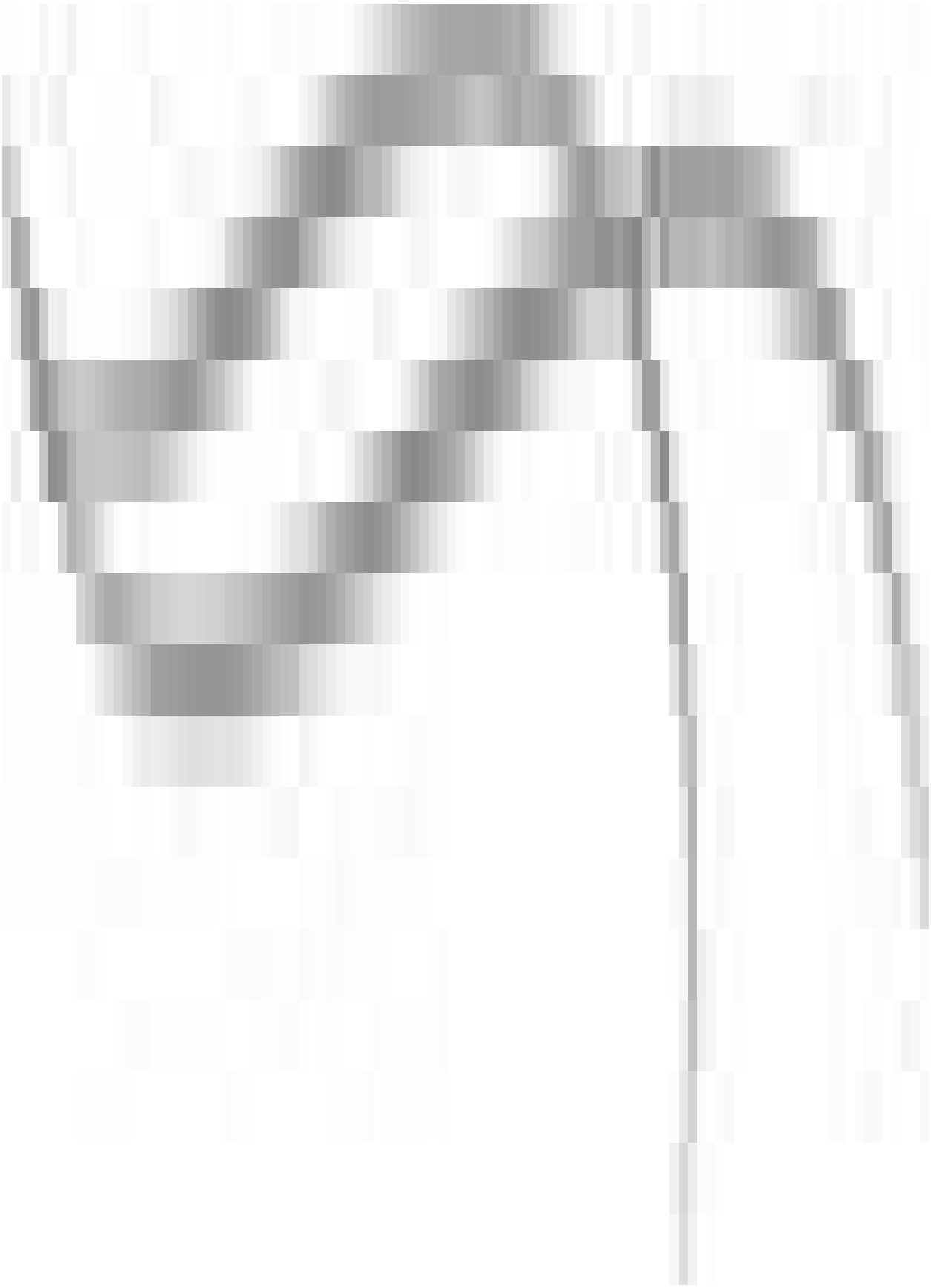
—Foram duas igrejas organizadas nos mesmos moldes de suas co-irmãs nos EUA; seus membros eram pessoas regeneradas e batizadas mediante a profissão de fé; tiveram os seus pastores e oficiais como era usual; as doutrinas, em “Confissão de Fé”, foram zeladas e as mantiveram conforme aprendidas nas Escrituras e adotadas pelas igrejas batistas no seu país de origem; mantiveram os laços fraternais com as suas co-irmãs nos EUA, trocando cartas demissórias de alguns de seus membros; o mesmo aconteceu, mais tarde, neste país, com as suas co-irmãs existentes; esforçaram-se pelo cumprimento do “IDE”. Ainda mais: suportaram o peso das leis regidas por um governo ligado à Igreja Romana; conheceram a intolerância e o espaço limitado criados por aquelas leis e os dogmas do Mitrado. Não há dúvida de que SBSP foi o ponto de arremesso para o espalhamento da Verdade. (Ver pág. 614)

Não foi só isso. Os irmãos em SBSP contribuíram financeiramente para a propagação do evangelho, para o próprio sustento e ainda com vidas que se destinaram ao trabalho de várias igrejas e ao serviço missionário. A participação de alguns de seus elementos foi grande na área da educação.

-Bertha Mills, Anne Thomas, Charles D. Daniel, Gaston, A.Teixeira de Albuquerque, Stela, Sarah Ellis e outros, serviram mais diretamente ao Ministério da Palavra e no estabelecimento de novas igrejas. (Ver pág. 67)

-Aquele pensamento de Bowen faz-nos lembrar que em nosso país, pelas condições de um sistema religioso obscurantista, as almas viviam na escuridão do pecado, como restolhos secos, aguardando o dia da transformação pelo poder

de Deus.



Que vemos hoje? Os frutos aí estão. O total, só a eternidade no-lo revelará. Que os pioneiros e desbravadores, que iniciaram o trabalho batista no Brasil, sejam agraciados com o nosso sincero, profundo e permanente reconhecimento. Que, conhecendo essa bela história, as novas gerações se sintam encorajadas, estimuladas e inspiradas a prosseguir na jornada cristã. Assim, também nós, a geração presente.

Deste modo, veremos cumprida a palavra profética: “... porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Isaías 11.9b).

“Semeia bem. No campo do mundo, tu és um semeador. Não podes fugir à responsabilidade de semear. Não digas que o solo é áspero, que chove freqüentemente, que o sol queima ou que a semente não serve. Não é tua função julgar a terra e o tempo. Tua missão é semear. (...) Semeia sempre em todo terreno, em todo o tempo, a boa semente, com amor, com interesse, como se estivesse semeando o próprio coração. Sê, pois, um semeador.”

Autor desconhecido

“O passado é como um sonho,

E o futuro, somente uma visão.

Mas o presente, bem vivido,

Faz do passado um sonho de felicidade

E do futuro uma visão de esperança

(Do Sânscrito antigo. In Daughters of the American Revolution Magazine,Washington, D. C., June-July 1981, p. 603).

NOTAS E REFERÊNCIAS PARA A PARTE “C”

[1] The Commission, Richmond, VA,v. 4, nº 1, julho 1859, p. 10-12

v. 4, nº 2, agosto 1859, p. 39,40.

v. 4, nº 4, outubro 1859, p. 101,102.

[2] v. 3, nº 11, maio 1859, p. 330-335.

[3] Escritura de Compra e Venda. Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, SP. Livro 19, Parte III, p. 1, 2 e 90v, 91, na data de 07.05.1879.

[4] JONES, Judith MacKnight, Soldado Descansa, p. 185, 227, 304, 333.

[5] CRABTREE, A. R., História dos Batistas do Brasil, p. 40.

[6] FMB da SBC, Richmond, VA, carta de 22.10.1981 para a autora deste livro.

[7] JUERP, O que Deus tem Feito, 1982, p. 24, 25, 51 a 54.

[8] OLIVEIRA, Betty Antunes de, Movimento de Passageiros Norte-Americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890, p. 278, 279.

[9] Anais da SBC, maio 1883, p. x.

FMJ da SBC, Richmond, VA, dezembro 1882, p. 3, c. 4.

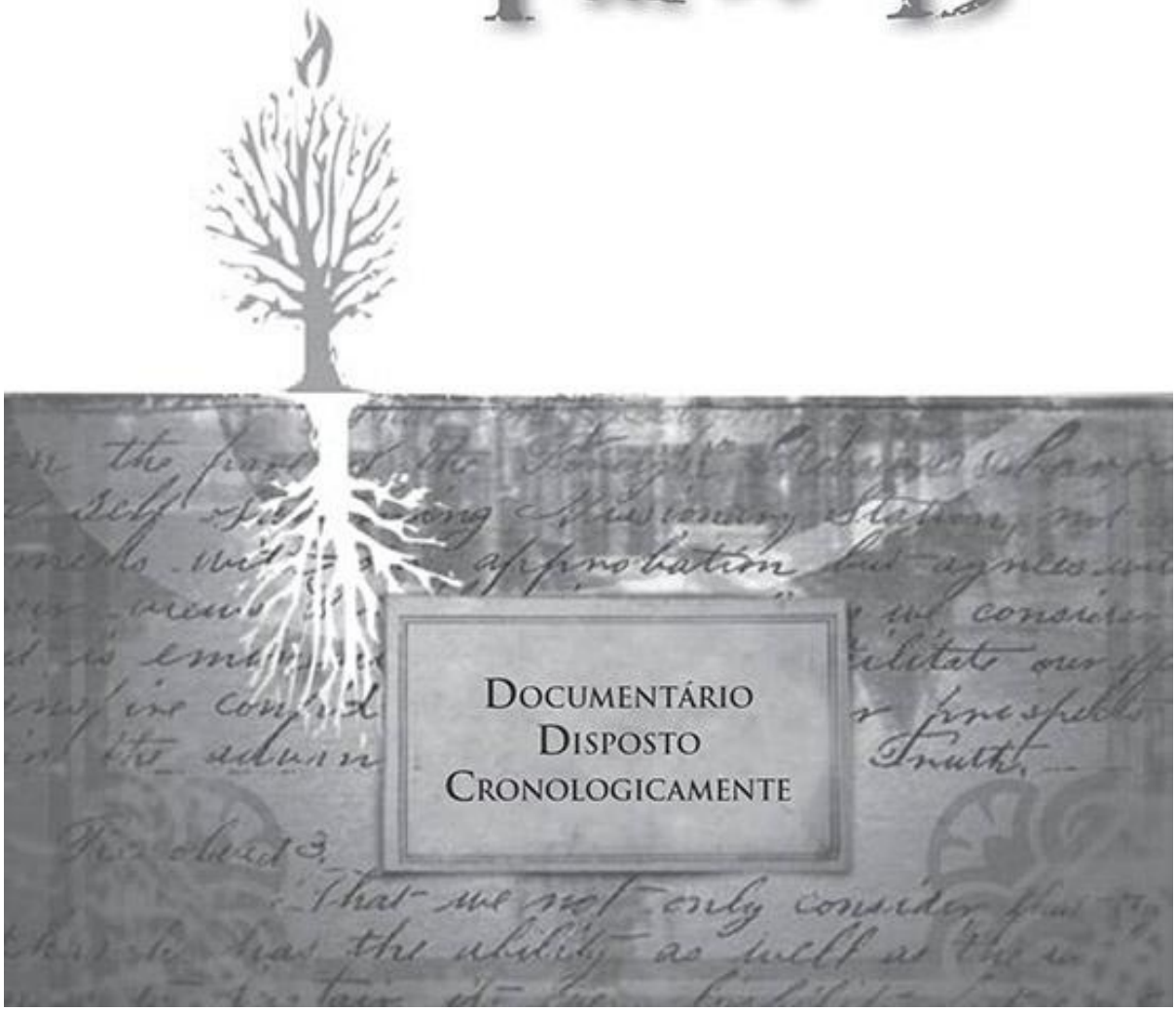
Ver parte “B” — A. T. Hawthorn, neste livro, na pág. 330.

[10] JONES, Judith MacKnight, op. cit., p. 351.

Livro Soldado Descansa.

Chácara Jones. Americana. SP.

Parte D



Documentário Disposto Cronologicamente

Esta parte indica os documentos relacionados, direta e indiretamente, com o primeiro grupo de batistas no Brasil, com as suas duas primeiras igrejas organizadas no Estado de São Paulo. Assim, tenta-se uma reconstituição parcial dos seus arquivos, inclusive dos seus livros de atas.

Aqui aparecem, traduzidos, cópia de vários dos documentos originais, em inglês. Daqueles que ainda não tinham sido publicados, tivemos a devida permissão dos que os guardam e os preservam.

Poupando espaço, eliminamos na quase totalidade desses documentos, as introduções e finais de rotina, como saudações e despedidas, no caso de cartas.

Para a compreensão nítida desta parte do livro, não se dispensará o conhecimento das outras partes, que se conjugam de forma harmônica.

Designações Dadas Às Duas Igrejas Batistas Em Santa Bárbara, Sp

(1871 e 1879)

Santa Bárbara — Santa Bárbara d´Oeste, Cemitério do Campo e Capela, Americana

Em 1875, inaugurou-se a linha férrea Santos — Santa Bárbara e suas estações. A esta última, os imigrantes norte-americanos chamaram simplesmente, Station. A produção agrícola moveu o comércio, aumentou as lojas e casas. A Station passou a Vila Americana e, no novo século, Americana.

O Cemitério do Campo teve início em 13.07.1868, com o sepultamento de Beatrice Oliver, no terreno de propriedade da família. Ele fica no Bairro do Campo, em Santa Bárbara, atual Santa Bárbara d´Oeste.

A Primeira Igreja Batista foi organizada a 10.09.1871, em Santa Bárbara.

A Segunda Igreja Batista foi organizada a 02.11.1879, na Station.

Não foram localizados os livros de atas daquelas duas primeiras igrejas batistas em Santa Bárbara, S. Paulo. Porém, documentos esparsos encontrados permitiram a reconstituição de sua história, nos seus pontos essenciais. Os nomes de ambas estão listados como surgiram.

Primeira

— First North American Baptist Missionary Church of Brazil

Primeira Igreja Batista Missionária Norte-Americana do Brasil

— The First Baptist Church “... organized in Brasil”

Primeira Igreja Batista “... organizada no Brasil”

— Baptist Church of Christ

Igreja Batista de Cristo

— First Missionary Baptist Church in Santa Barbara

Primeira Igreja Batista Missionária em Santa Bárbara

— First Baptist Church of Brazil

Primeira Igreja Batista do Brasil

— First Baptist Church of Santa Barbara

Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara

— First Baptist Church of Christ of Brazil

Primeira Igreja Batista de Cristo do Brasil

— The Santa Barbara Church

A Igreja Santa Bárbara

— “... the Baptist Church in Brazil. The First Church...”

“... a Igreja Batista no Brasil. A Primeira Igreja...”

— The “First Baptist Church in Brazil”

Primeira Igreja Batista no Brasil

Segunda

— Station Baptist Church

Igreja Batista da Estação

— Second Baptist Church12

Segunda Igreja Batista

Ver pág. 731

The Commission, Richmond, VA, maio/1860,

v. 4, nº 11, p. 333/4 — FMB — SBC

15.03.1860

Carta (trechos)

De AGS — Rio. RJ

Para FMB — JBT

“Há poucos dias recebi a visita do Sr. Land, que nos transmitiu o seu pedido para que eu desse alguns informes sobre o Brasil, tendo em vista o estabelecimento da Missão aqui. O encontro do Sr. Land e eu foi de curta duração, mas creio que posso atender ao seu pedido. Lembro-me, apenas, de que esta carta chegará aí quando o Sr. Bowen estará chegando aqui. (...)

É muito difícil avaliar sobre as reais condições das coisas no Brasil. Não encontramos Editoriais nos jornais que focalizem os problemas do povo, ou sobre as questões religiosas, nem reuniões públicas. É difícil e dispendioso viajar. Quando a estrada de ferro, agora em construção, estiver completada, isto se tornará mais accessível. Não se pode antever como serão tratados os missionários, até que eles façam a experiência, abertamente, da proclamação do evangelho, na língua nativa. Isto ainda não foi feito. Os capelães da Sociedade dos Marinheiros e os colportores têm estado aqui, freqüentemente. Os metodistas estiveram aqui, porém, sem que tivessem ocupado a terra. E não foi feita pregação em lugar aberto. As leis, na opinião das pessoas mais abalizadas, são de completa tolerância. Mas o fato de como possam ser interpretadas é uma outra questão. O único obstáculo que pode surgir, na minha opinião, será a influência do clero. Os sacerdotes são ignorantes, imorais e formam um grupo de ociosos, na sua maioria. (...) É comum a falta de reverência e devoção entre o povo. Este aparenta não ter religião, tanto quanto se pode perceber. E ainda, pode ser um grande engano supor que só estas são as dificuldades encontradas aqui. (...)

A negligência do padre é, de fato, um ponto favorável para os esforços missionários. Isto, porém, pode ser esperado para quando a fé evangélica começar a espalhar-se. Paciência e prudência serão necessárias, na entrega do evangelho a este povo. Seria muito doloroso, para a Causa, invocar uma

prematura oposição por exibir-se um propósito com vistas à introdução do protestantismo. (...)

As despesas de manutenção, no Rio, são enormes, tais como o Dr. Land poderá lhe informar. O missionário não poderá viver aqui com um salário comum. O aluguel de uma casa vai de $400 a 1$000 [dólares]; e uma empregada cobra $15, por mês. É alto o preço de móveis e daquilo que é comum para o uso doméstico. O custo de vida tem dobrado, aqui, dentro de uma década. (...)

A Igreja Episcopal da América está para estabelecer uma Missão no Brasil. Pensa-se em iniciá-la no Norte. Talvez fosse bom para a Junta aí escolher um lugar, em uma das Províncias do Sul, no caso que se venha a estabelecer-se uma Missão. Como exemplo, posso mencionar o Rio Grande e Santa Catarina, ambas as cidades em melhores condições para a saúde e custos. Além disso, seria uma boa prática missionária induzir a que as várias Juntas se estabelecessem em diferentes campos. E nesta cidade, particularmente, onde reside o núncio papal, a presença de vários missionários poderia levá-lo a suspeita. Tenho ouvido referência a Montevidéu, como um campo missionário de possibilidades promissoras. Não seria bom que o Sr. Bowen fosse incumbido de explorar aquele país?

Aqui no Rio, há uma capela inglesa, para os residentes britânicos; e uma pequena igreja alemã. Eles nada fazem pelos nativos. O que vemos é uma terra inculta, cheia de ignorância, superstição e impiedade. É desconhecido o caminho da salvação, por meio da fé, em nosso Senhor. A Bíblia está nas mãos de poucos, embora exista a mais alvissareira indicação de que há uma crescente demanda por ela.

Em relação à saúde, o irmão sabe que, desde 1850, esta cidade tem sido regularmente visitada pela febre amarela. Nos últimos dois anos, a mortalidade teve a sua força moderada. Outrora, a cidade era reputada como saudável. As doenças mais comuns são as pulmonares. Isto não é favorável para aqueles

predispostos a tais doenças. (...)

Estou escrevendo, de acordo com o conhecimento imperfeito que tenho, como um recém-chegado aqui. Aceite estas palavras como um testemunho de meu desejo de servir ao Mestre. Estou aguardando a chegada de um colega, de minha Missão, dentro de duas semanas. Ele é o Sr. Blackford.

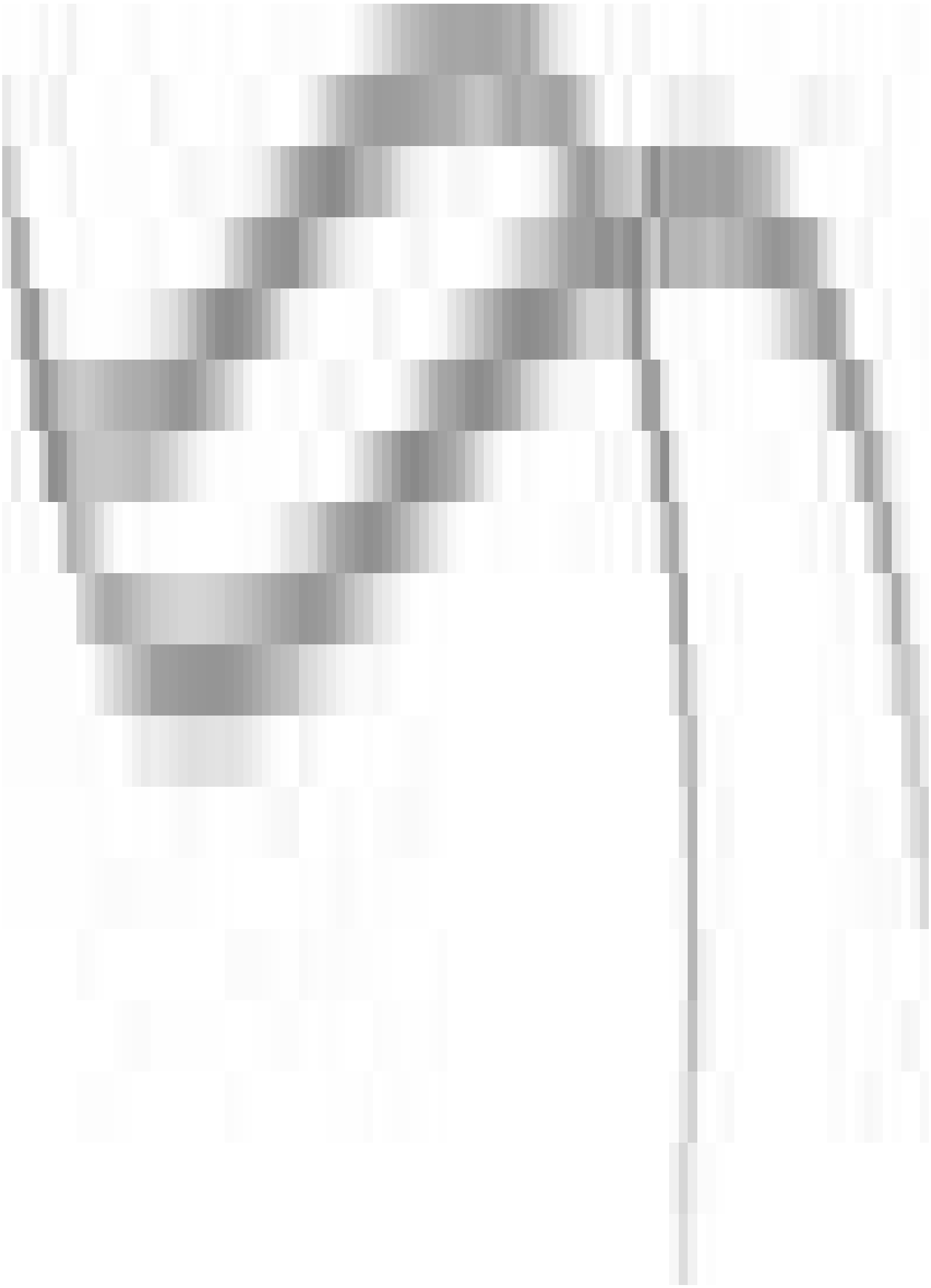
Seu respeitosamente,

A. G. Simonton — missionário da Junta Presbiteriana de Missões."

Nomes completos:

Ashbel Green Simonton

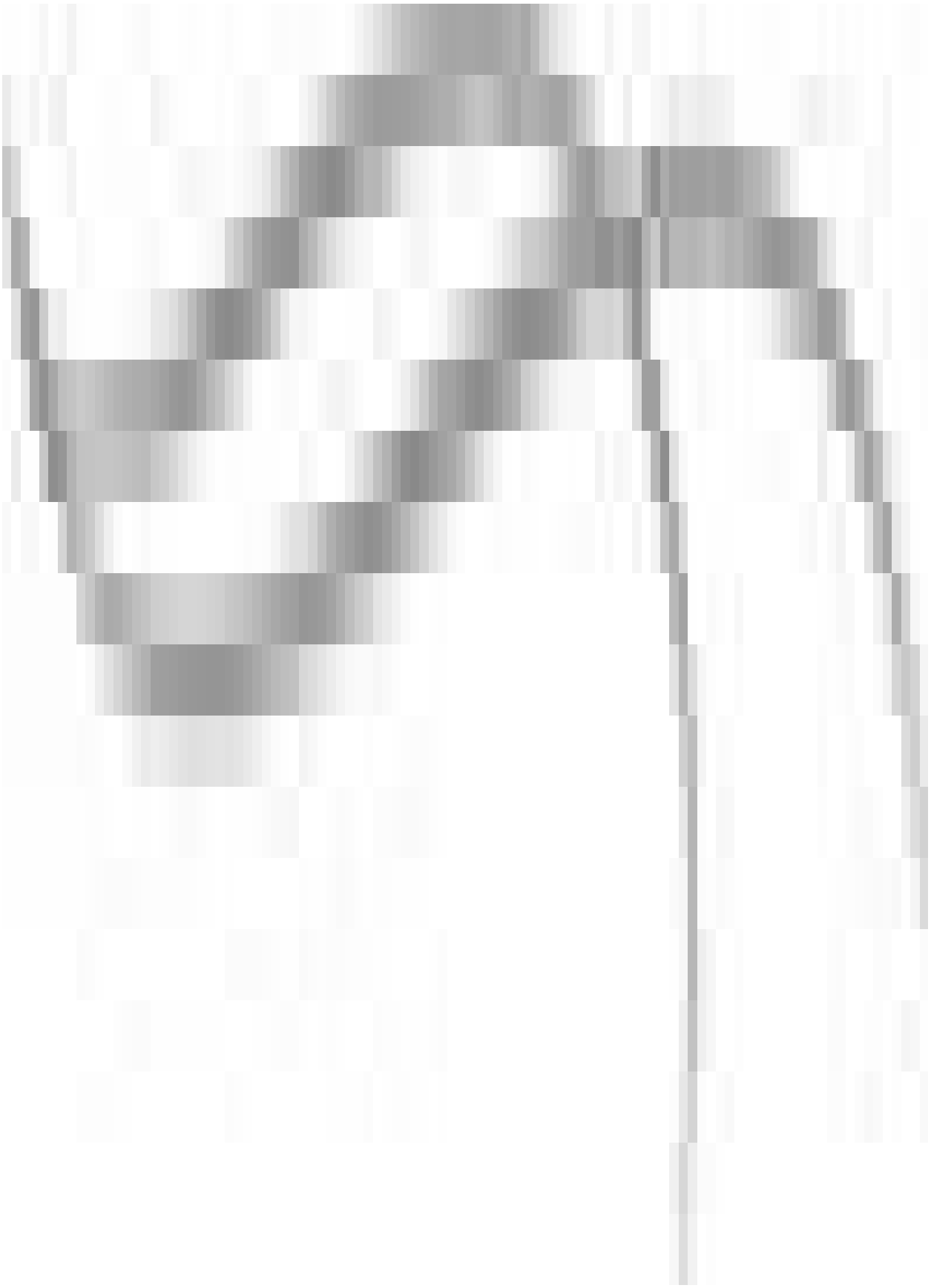
Alexander Latimer Blackford



Algumas das informações acima, com relação ao clero romano, provavelmente foram buscadas no capitulo IX, p. 141, 142, 160 e outros, do livro Brazil and the Brazilians, de Kidder e Fletcher, e talvez reproduzidas aqui com cores mais suaves.

Para os que se interessam pelo assunto, indicaríamos a leitura do artigo escrito por Dr. Z. C. Taylor e publicado no FMJ, v. 48, nº 11, de maio de 1898, p. 466-469, sob o título “Ação e Reação no Brasil”. Ele discorre com veemência sobre os tópicos acima, abrangendo ainda o que o missionário T. J. Bowen escreveu. E Z. C. Taylor já se encontrava na República, e 38 anos se tinham passado desde a carta escrita pelo missionário A. G. Simonton.

(Ver Notas e Referências para Desigmações dadas às dua Igrejas Batistas em Santa Bárbara, SP - (1871 E 1879) nas págs. 731 e 732)

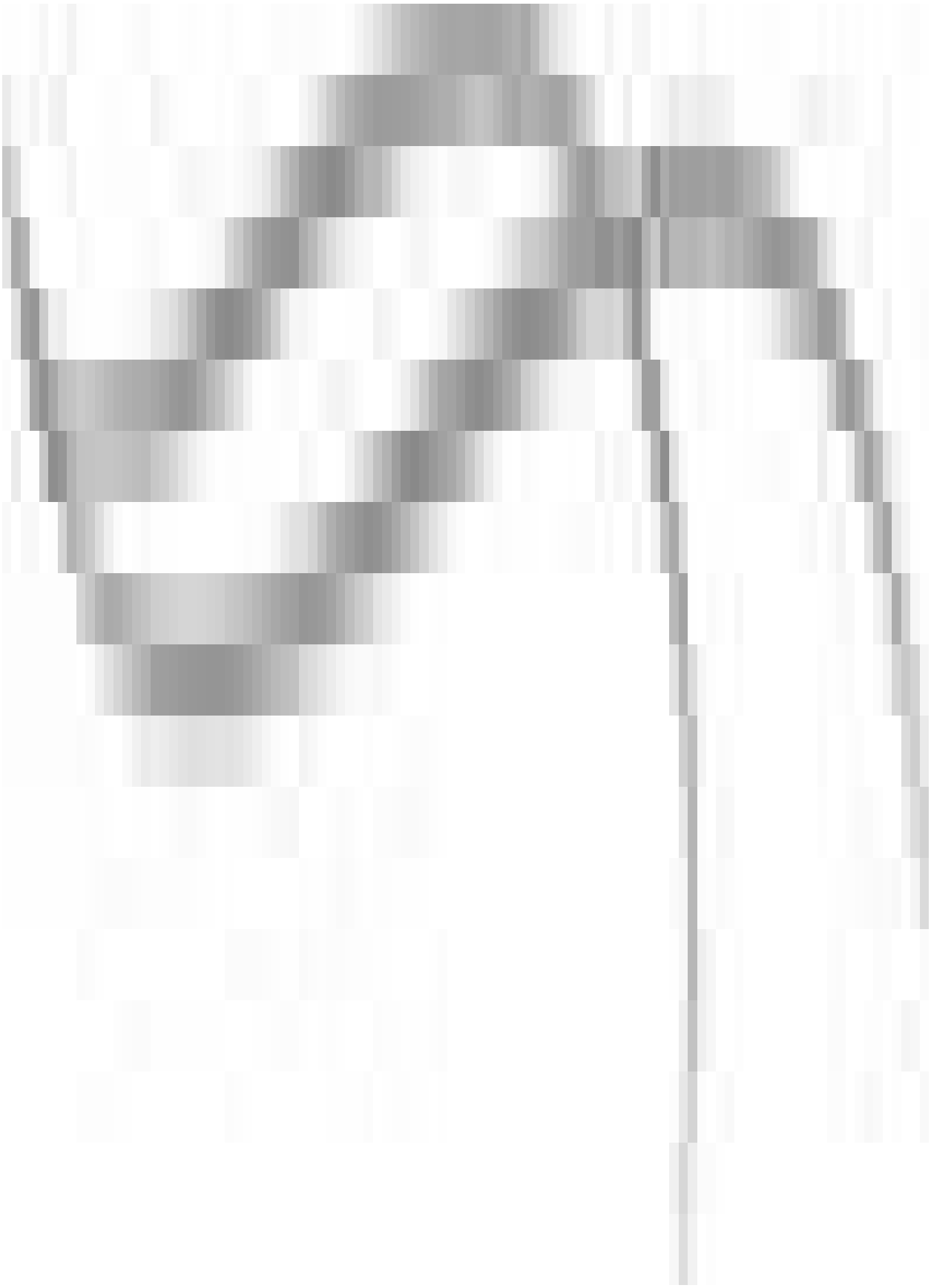


Ver parte “B” — Thomas Jefferson Bowen 21.05.1860 - Pág. 113

A 21.05.1860, chegou ao Rio de Janeiro, Thomas Jefferson Bowen.

Idem ao anterior 09.02.1861.

A 09.02.1861, o missionário T. J. Bowen e sua família retiraram-se do Brasil. Seu tempo no país foi de apenas oito meses e 19 dias.



03.10.1868

Ata da Igreja Batista Shiloh

A secretária da Igreja Batista Shiloh, Bernice, Union Co., Louisiana, enviou-nos, a pedido, uma cópia da ata daquela igreja, da data de 03.10.1868. A ata está registrada como segue:

“Oct. 3rd 1868

The Shiloh Baptist Church of Christ

after preaching by Brethrens Milner & J Quillin assembled in Conference 1st Visiting brethrens invited to Seats with us. Doors of the church opened for reception of members

Then Church letter to Association was read and adopts with this addition that this pray and petition for our next Annual Association. The Church not having a hundred members as ever thought was not enabled to but three Delegates. Another was held which resulted in Electing Brethren J. Milner, John Talbott W. P. Smith and P. Moore alternate. On Motion and second a report made by Bro John Quillin since he left our Country two years ago of his labors to be filed with the Church papers & to be kept. The Church then went into an Election for Pastor & Clerk for entiring year resulted in electing Bro Johnathan Milner Modr. R. J. Tabor Clerk Church

Adjoined.

Johnathan Milner Modr

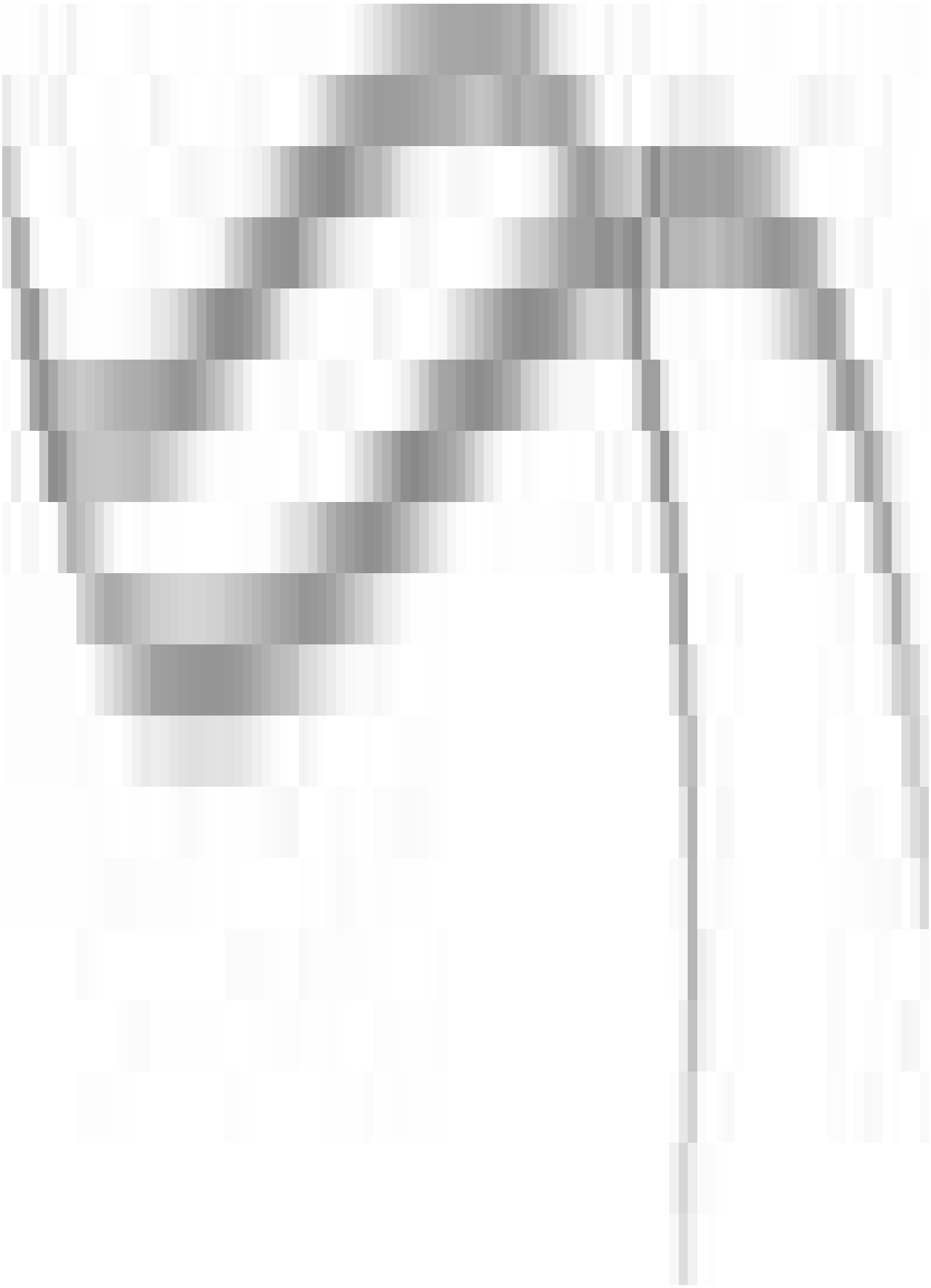
R. J. Tabor Ch Clerk”

Traduzimos a parte que interessa, mais especificamente, ao nosso trabalho. Outros dados sobre o Rev. John Quillin podem ser apreciados na parte “B” — John Quillin. (Ver pág. 348)

O início da ata revela que, antes da sessão da igreja, pregaram os irmãos Milner e J. Quillin. Provavelmente, este falou de sua estada no Brasil e, logo depois, apresentou o relatório escrito para ser guardado pela igreja. É lamentável que, por duas vezes, aqueles irmãos tenham perdido o templo, por incêndio. Se o relatório tivesse sido salvo do primeiro incêndio, não escaparia do segundo! Embora a informação seja certa, o dito relatório pode ter sido salvo, como foi o livro de atas! Apenas, não se saberia com quem teria ficado!

O item que traduzimos é o correspondente ao trecho sublinhado na transcrição total do documento, em linhas anteriores. Foi apresentado:

“... um relatório feito pelo Irmão John Quillin desde que ele deixou o nosso país há dois anos atrás, dos seus trabalhos, para ser juntado com os documentos da igreja e para ser guardado.”



Gazeta de Campinas, Campinas, SP

17.07.1870, ano 1, nº 73, p. 1, c. 1, 2, 3 e p. 2, c. 1

17.06.1870.

Segue cópia do documento que faz parte de uma informação abrangendo vários tópicos. Vamos reproduzir, integralmente, a parte que trata da conferência dos ministros evangélicos em Santa Bárbara, realizada a 17.06.1870, sob o título "Reunião das seitas evangélicas". Aventuramo-nos a fazer uma lista dos nomes daqueles que poderiam estar presentes naquela ocasião:

Pastores presbiterianos

James Reynald Baird e William Curtis Emerson, de Santa Bárbara; George Nash Morton e Edward Lane, de Campinas; George Whitehill Chamberlain, Alexander Latimer Blackford, Hugh Ware MacKee, Francis Joseph Christopher Schneider e Robert Lennington, de São Paulo.

Pastor metodista

Junius Easthann Newman, de Santa Bárbara

Pastor batista

Richard Ratcliff, de Santa Bárbara.

O Pr. Elias Hoton Quillin residia, ao tempo, na área entre Iguape e rio Una do Prelado, SP. Samuel Milton Pyles morava distante e Robert Porter Thomas ainda não se encontrava no Brasil. Ele só chegaria em julho de 1871.

Considerando que o assunto principal da Conferência era do interesse de todos, podemos aceitar a idéia de que, além dos pastores acima, outros crentes participaram da reunião. Entre eles, mencionamos: William Patton McFadden, na casa de quem foi organizada a Igreja Presbiteriana, ao tempo dessa Conferência; Dr. James McFadden Gaston, também presbiteriano; Robert Meriwether e John Henry Freligh, batistas. Todos estes estavam na região, conforme deduzimos do cotejo feito com o auxílio de livros e documentos.

Lendo-se o ponto 4 do documento que segue, observa-se a preocupação que foi manifesta para a difusão da literatura evangélica impressa nas línguas alemã, inglesa, portuguesa e francesa.

“Santa Bárbara, 12 de julho de 1870.

Sumário: Cavaco. Reunião das seitas evangélicas. Geada. O reverendo padre Regillo, vigário. Sua despedida. A estima do povo por sua reverendíssima. O professor etc...

Tem V. Sa. ciência dos progressos porque vai passando esta vila, que ainda ontem era uma freguesia. Os emigrados americanos escolhem de preferência este ponto para se estabelecerem, achando que os nossos terrenos lhes são propícios para a cultura do algodão. E creio que acertam. Entretanto, vamos lucrando consideravelmente com a vinda dessa gente ativa e laboriosa, cujo amor ao trabalho é um dos seus mais enraizados costumes. Já é tão crescido o número deles que há poucos dias congregaram os seus ministros dos diferentes cultos evangélicos em um quase Concílio.

Este é um dos fatos mais salientes que aqui se deram ultimamente; por isso me hei de deter a narrá-lo. Depois me parece que o público há de gostar de conhecer, em suas particularidades que, em virtude dele, foram tomadas.

Eis como um amigo meu, pessoa do grêmio deles, me narra, circunstanciadamente, o sucesso:

Teve lugar durante o mês p.p. a reunião dos Ministros do Evangelho, na Fazenda de S. Luís, distrito de Sta. Bárbara; achando-se presentes os representantes das diferentes igrejas existentes nesta Província.

Transluz do seguinte documento a união espiritual de cristãos, que curam [sic] tão somente da glória de seu divino Redentor e do bem de seus semelhantes; união esta, real, se bem que apresentada por nomes diversos de seitas protestantes. Saudamos a aurora de regeneração moral, que ilumina o despertar da Província, colocando-a na vanguarda de suas irmãs, no momento em que enceta nova carreira para obtenção de prosperidades materiais; e que acompanhando-a firmara seus desenvolvimentos em sólidas bases: pois na frase do contemporâneo na Opinião Conservadora, ‘A verdade só se encontra no evangelho, e só por ela que se enobrecem os homens e se tornam legitimamente livres: abra-se, pois, e expliquem-se as idéias aí santamente consagradas.’ [sic]

O que se segue é extraído dos atos da dita conferência.

‘A conferência dos ministros evangelistas congregada a 17 de junho de 1870, e atualmente funcionando em a Fazenda de S. Luís, distrito de Sta. Bárbara, Província de S. Paulo, submete aos seus irmãos na fé de Cristo o seguinte, como transunto da resolução tomada sobre o importante ponto que deu origem à nossa assembléia, a saber:

Quais os meios de chamar ao evangelho a população desta Província, sem distinção de nacionalidade.

Em conformidade do que disse Nosso Senhor: Se alguém me ama, guardará a minha palavra. (S. João XIV:23); e sendo suas últimas recomendações: Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura. (S. Marcos XVI:15); e considerando incumbência a nós feita, a cada um, e a todos para cumprir a sua vontade, abraçamos com carinho a tarefa que em sua providência nos coube nesta parte de sua vinha, e para nossa norma e cooperação harmônica resolvemos o que se segue:

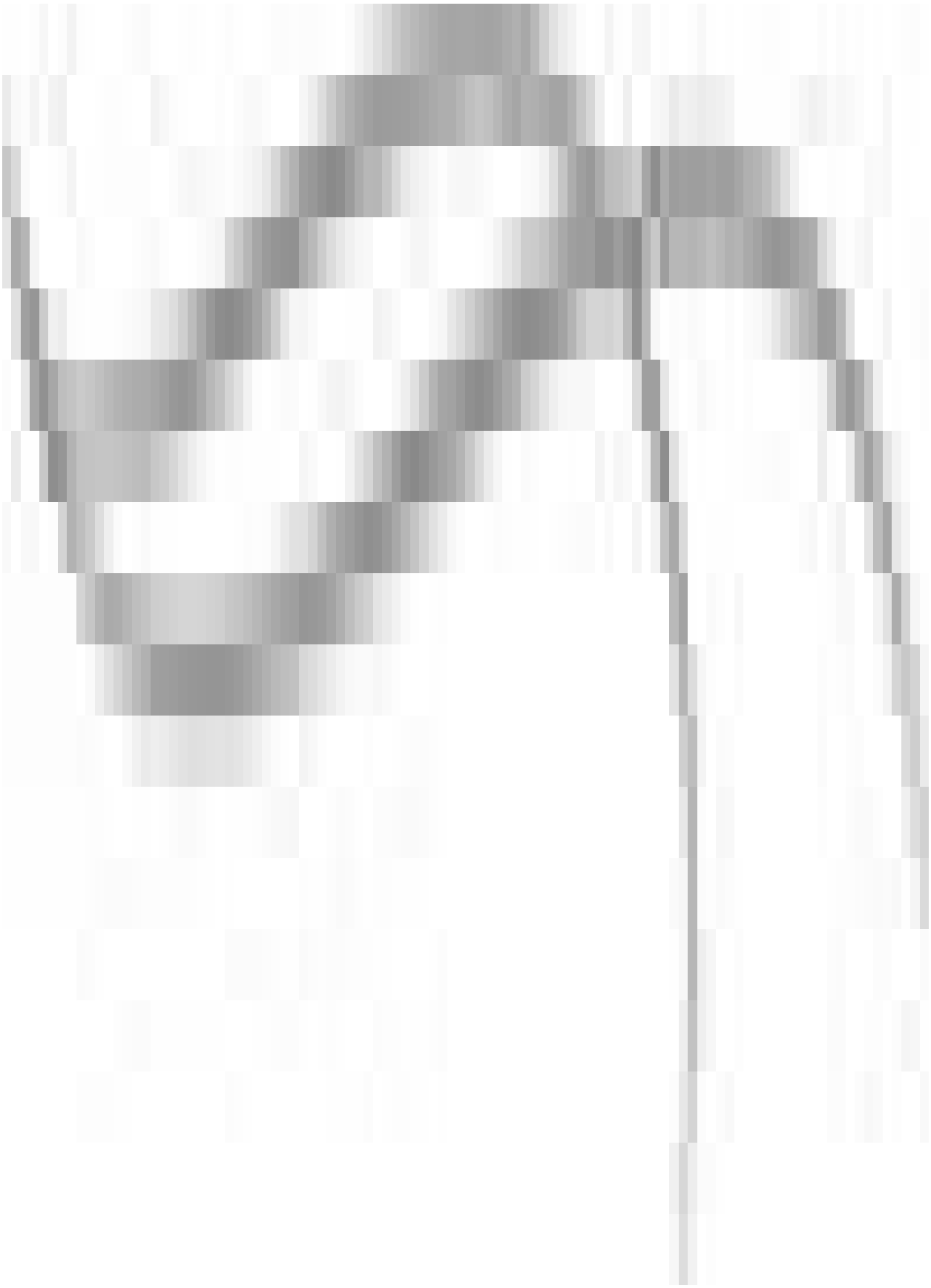
1º — Para guardarmos nossa religião, devemos guardar o Dia do Senhor, o domingo.

2º — Que a educação religiosa de nossa mocidade carece de maior solicitude e vigilância, e julgamos de nosso dever manter além da instrução doméstica, aulas aos domingos para a instrução religiosa; e estabelecer também livrarias amovíveis onde se respirem idéias sãs, e das quais não poderá fazer parte qualquer livro impugnado por um dos membros.

3º — Que consideramos como parte essencial de nossos esforços comuns o emprego de um agente ou agentes, tais como um missionário e um ‘colporteur’; cuja tarefa deverá ser tão somente o visitar as povoações americanas e alemães, promovendo assembléias e exercícios de catequese geral fornecendo livros de literatura cristã.

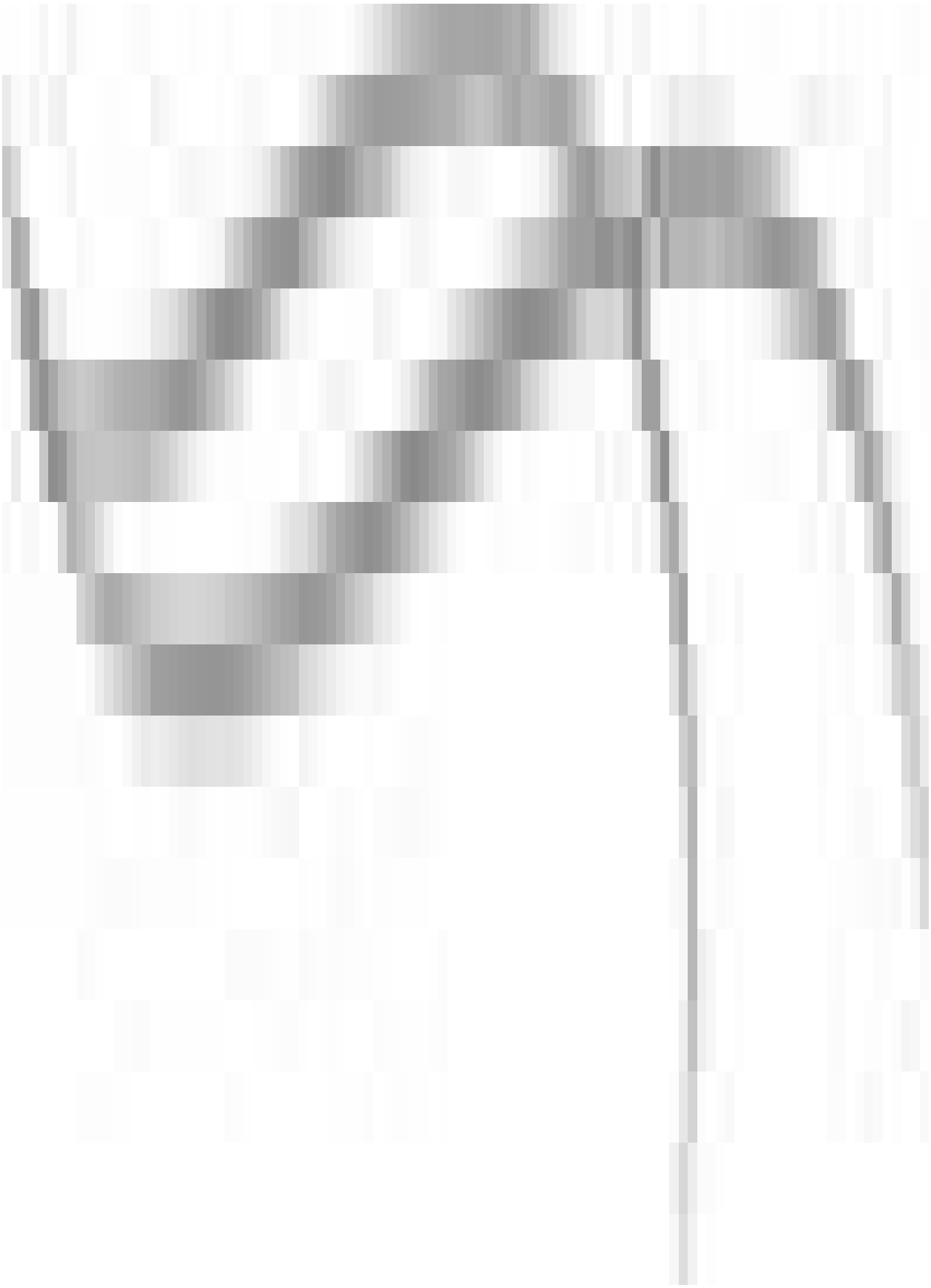
4º — Com o fim de espalhar o maior número possível de Escrituras e tratados religiosos, resolvemos cada um concorrer com a quantia de, pelo menos, 20 réis diários, para aquisição de 10 páginas impressas sobre a matéria religiosa, a fim de serem distribuídas pelo próximo (S. Lucas X:29-39). Para a boa regularidade e marcha de nossos trabalhos teremos um depósito ao qual se enviarão as mensalidades de 600 réis, ou quantia que a caridade dos contribuintes dispense para esse fim, recebendo em troca 300 páginas para serem distribuídas no correr

do mês. As Escrituras e tratados deverão ser pelo menos em quatro línguas, a saber: alemã, inglesa, portuguesa e francesa, por serem todas faladas entre nós: e cada distribuidor terá a escolha da língua ou línguas que tiverem mais saída nas suas circunvizinhanças. Terá lugar uma reunião anual, franca a todos que a quiserem assistir, devendo ser feita de portas abertas com toda a publicidade.' S. Luís, 20 de junho de 1870." [Fazenda S. Luiz].



A notícia é de autoria de “Ninguém”, pseudônimo provável de Joaquim Correa de Melo, um botânico boticário. “Tem relações com Bureau, Hooker e outros. Descobriu novamente um gênero de begônia. É um velhinho muito inteligente, vivo e limpinho. Gostei muito dele. Prometi-lhe a remessa regular da Flora de Martius.” (Do Diário de D. Pedro II, escrito em Campinas, SP, a 25.08.1875. Exemplar do Diário no Museu Imperial, Petrópolis, RJ.)

“Opinião Conservadora” obedecia à orientação partidária do chefe conservador, Dr. João Mendes de Almeida, seu redator chefe. (In “A Imprensa Periódica de S. Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914”, por Affonso A. de Freitas, S. Paulo, Tipografia do Diário Oficial, 1915.) Exemplar no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.



26.06.1870

Organização da Igreja Presbiteriana em Santa Bárbara

A Igreja Presbiteriana em Santa Bárbara foi organizada em junho de 1870. (Ver HIPB-I, p. 78.)

Segundo verificamos, foram 13 os fundadores, baseados nas informações do diácono William Patton McFadden, na casa de quem nasceu a igreja. Os fundadores são estes:

Rev. James Reynald Baird e esposa, Elisa Baird

Rev. William Curtis Emerson e esposa, Mary E. (Grady) Emerson

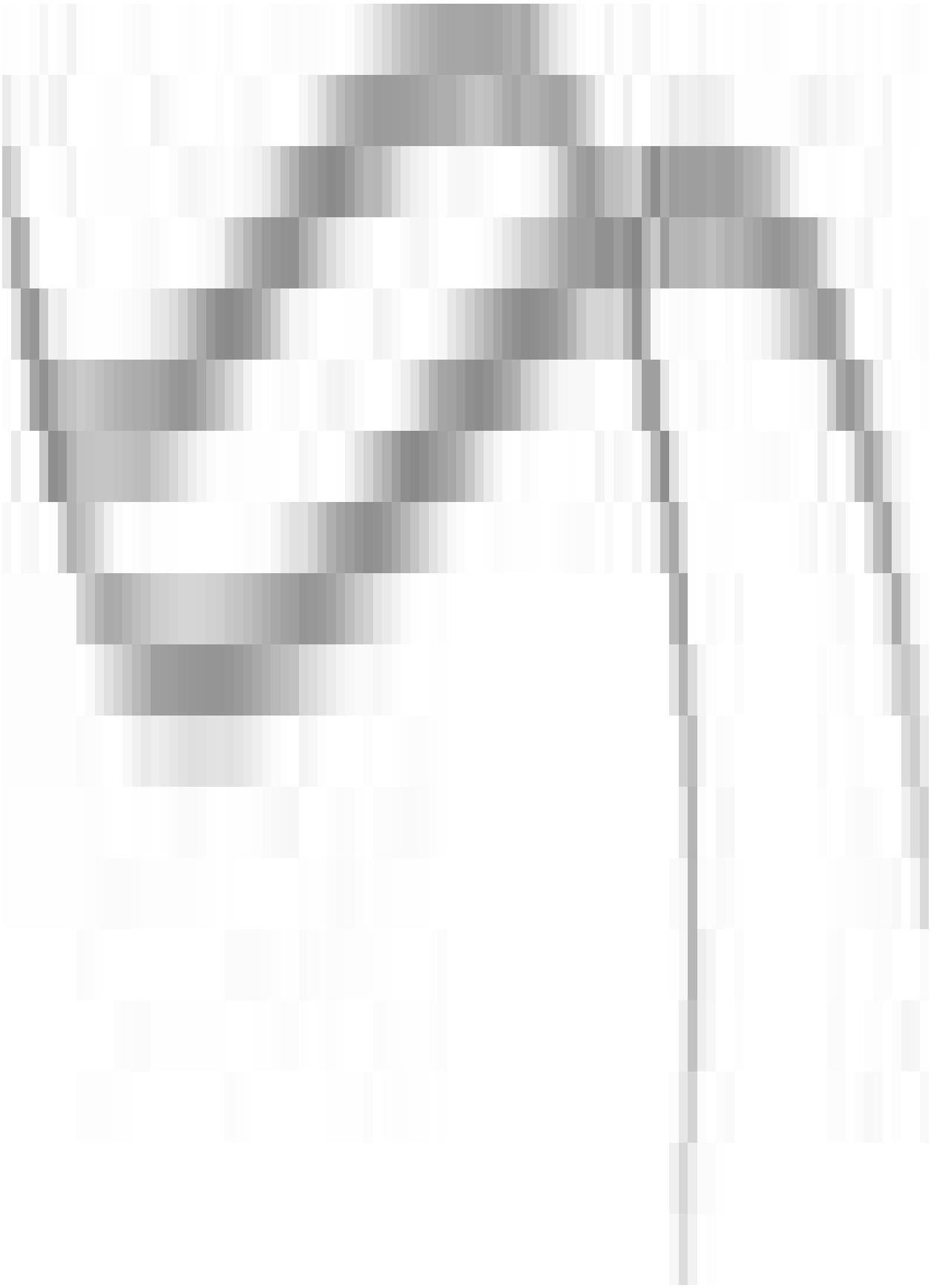
Frank Emerson e esposa (nome não encontrado)

William Patton McFadden e esposa, Sarah Miller McFadden

Sarah Catherine McFadden, filha do casal acima

Jane B. Grady, filhas Sophia Grady, Martha H. Grady e “Mrs. Jane B. Grady”.

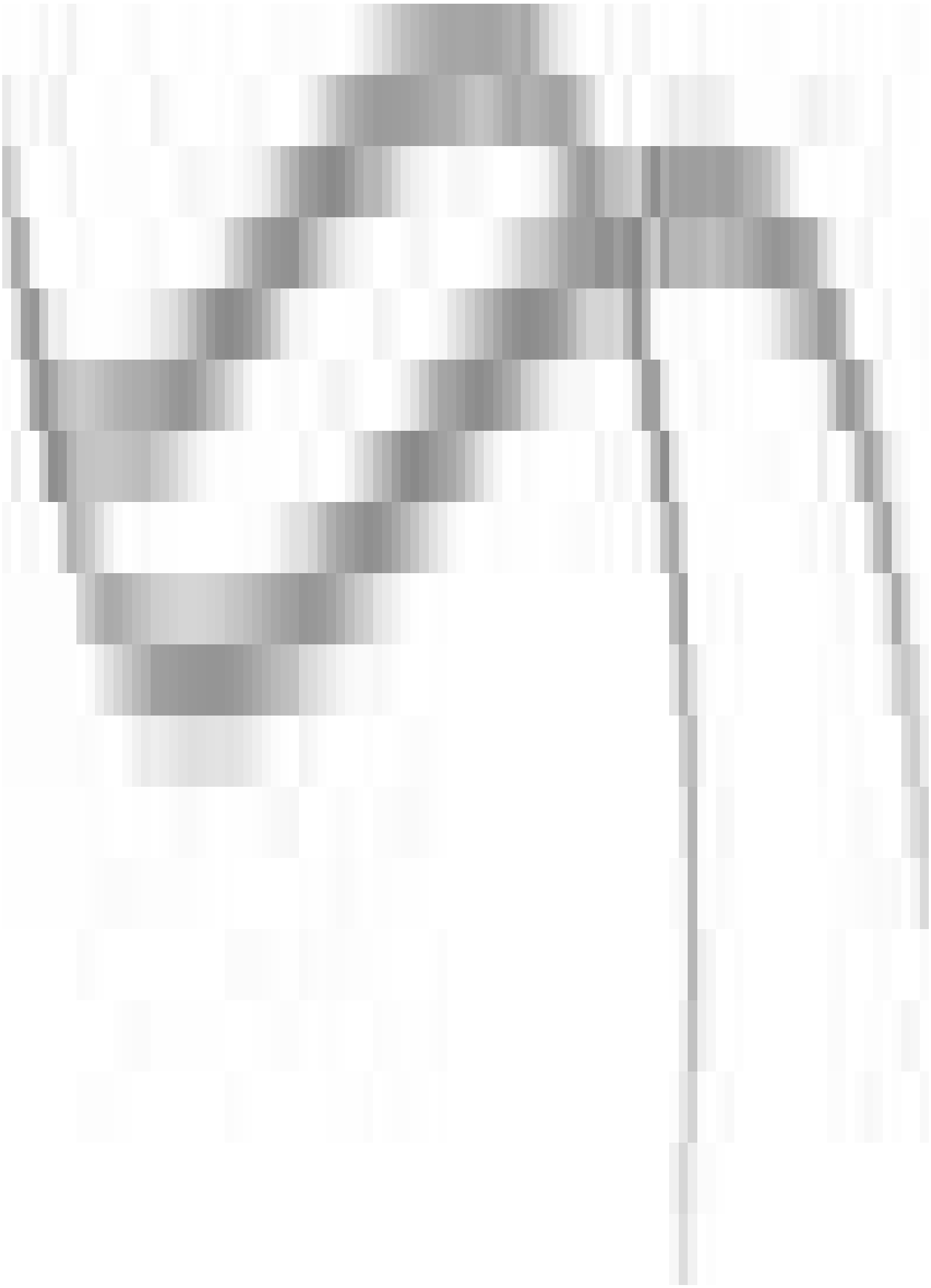
Ocorre que, de acordo com a correspondência trocada entre nós e o Sr. George Craig Smith, trineto da Sra. Jane B. Grady, e membro da Primeira Igreja Batista de Londrina, Paraná, o “Mrs. Jane B. Grady” mencionada acima devia ter sido Curtis Durham Grady, filho daquela senhora. Ele era casado com Sarah Calcot Rush Grady, cujo nome não aparece entre os fundadores. É provável que, ao tempo, já fosse falecida.



O DOI, de 04.07.1867, p. 1, c. 2, sob “Ministério do Império”, dá esta notícia:

“Comunicou-se ao Inspetor Geral interino da Instrução primária e secundária (...) que foram dispensados das provas de capacidade profissional D. Maria Grady Emerson (...), afim de que possam: a primeira ensinar em inglês as matérias da instrução primária, aritmética e geografia;...”

Ver parte “A” — Vida escolar em Santa Bárbara, na pág. 52.



A carta original, em inglês, encontra-se no Arquivo da FMB.

Ver parte “B” — J. H. Freligh (Pág. 326)

(Freligh chegou ao Brasil em setembro de 1867. A 26 de agosto de 1870, retornou. aos EUA pelo navio “Merrimack”.)

14.12.1870

Carta

De J. H. Freligh — Memphis, TN.

Para FMB — S. H. Ford

“Tendo retornado do Brasil, conforme é do seu conhecimento, e tendo podido avaliar por mim mesmo as oportunidades oferecidas para a pregação da Palavra aos nativos, pelos missionários americanos evangélicos ali, (...) sinto o dever de apresentar o assunto à nossa Junta de Missões com uma visão que, como uma denominação poderia entrar no campo de trabalho sistemática e efetivamente. (...)

Estou impressionado de como o trabalho já vai atraindo a atenção do povo para o ensino do evangelho e como o número de trabalhadores vai crescendo. Também, como aumenta a devoção dos já convertidos mesmo tendo contra eles os amigos e parentes que pertencem à outra forma de religião. (...) Estão no amor de Deus e testemunham da fé e para a fé que pela graça tem sido dada a eles. (...)

Se entrarmos naquele campo, teremos uma colheita de almas para o Senhor de toda a terra. Estaremos assim trabalhando para o sucesso do seu Reino enquanto é dia atendendo ao Ide por todo o mundo pregando o evangelho a todas as nações. (...)

E nós não temos, ainda, obedecido a essa ordem, com relação àquele país. Nossos irmãos presbiterianos estão fazendo lá um bom trabalho. (...)

Conforme pude observar, a simplicidade de nossas doutrinas é peculiarmente adaptável para trazer bons frutos com o reflexo de um desenvolvimento rápido entre aquele povo, mesmo envolvido por um complexo de uma igreja cerimonial. (...)

Assim, com essa perspectiva tão promissora, posso observar que é altamente necessário alcançar a mente daquele povo, com um missionário para o ensino da religião. (...) Este deve ser versátil na sua linguagem, como também devidamente preparado de modo que possa falar com fluência a língua do povo, e com a pronúncia própria. (...) Deve ser capaz de escrevê-la com facilidade como um nativo. Ainda, ele deve ser de grande doçura, um homem peculiar, de maneiras polidas. (...)

Para entrar no campo ali, e nossa denominação pode, teria que haver tempo para preparar obreiros destinados ao trabalho. (...) Enquanto isso, creio que a Providência já tem preparado um homem com essas qualidades, adaptado para o trabalho, seguindo devotadamente um caminho tranqüilo já por anos no serviço do Mestre. (...)

Refiro-me ao Rev. Richard Ratcliff, um ministro batista, residindo em Santa Bárbara, Província de S. Paulo, Brasil. Ele tem todas as qualidades conforme tenho indicado acima, como necessárias para o sucesso. Ele é um devotado e

ativo obreiro, um cristão e muito bem relacionado com todos, mesmo com os vizinhos brasileiros católicos, considerado um verdadeiro e piedoso homem de Deus. Sua voz encontra os corações de muitos, mesmo considerado como um herético por aqueles de outra forma de religião, outro tipo de educação. (...)

O irmão Ratcliff tem uma família e trabalha numa pequena plantação para prover a subsistência de sua família. (...) Como se pode de fato conceber, não há ainda uma congregação suficiente ali para dar-lhe um salário que o sustente como um obreiro de tempo integral. (...)

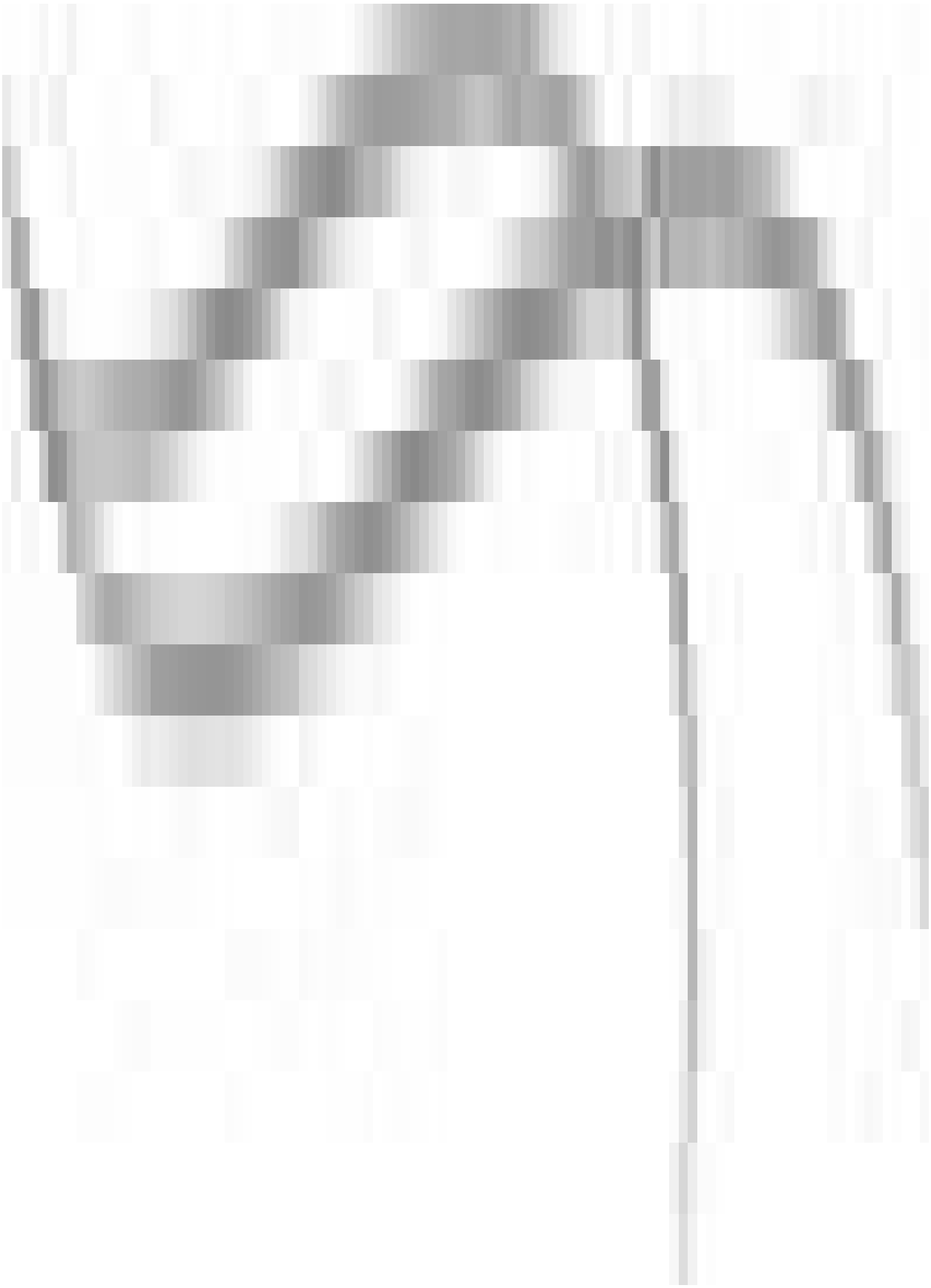
Os americanos contribuem com alguma coisa para o seu sustento, porém, não é o suficiente. (...) Desde que o conheci e os obstáculos que se opõem à sua inteira dedicação à Causa, conforme está no seu coração fazê-lo, propus-me a apresentar o assunto, a fim de que possamos ter ali um obreiro para o espalhamento da verdade do evangelho e a luz entre um povo sobre o qual descansa uma grande treva. Falo sinceramente que não tenho conhecido outro homem tão adequado para esse trabalho, tal como o Rev. Ratcliff.

Se $250 ou $300 anuais pudessem ser pagos a ele como missionário de nossa Junta, isto daria a ele a oportunidade de dedicar-se por completo ao trabalho da Causa, deixando então a pequena fazenda na qual trabalha com as suas mãos para o sustento da família. (...) Tenho intensa fé de que ele poderia, com a ajuda de Deus, fazer um magnífico trabalho, para a glória do nosso Senhor. (...)

Tenho-lhe aberto o meu coração neste assunto, sobre o qual estou persuadido que ele encontrará eco de sua parte; gostaria de pedir-lhe uma cordial resposta depois de tê-la apresentado à nossa Junta de Missões.”

A carta foi lida na sessão da FMB, de 14.06.1871, e entregue à Comissão de Novos Campos, para estudo. Em 02.10, esta apresentou o seu relatório. Foi

observado que embora o campo pudesse ser promissor as informações não eram suficientes de modo que a Junta recomendasse o estabelecimento de uma Missão. O secretário-correspondente ficou incumbido de obter melhores dados sobre o assunto. Não sabemos se o fez. A Missão não foi estabelecida na ocasião e o Rev. Richard Ratcliff nunca chegou a ser nomeado missionário para o Brasil.



Cartório de Notas e Registro Civil

Fórum em De Queen, Howard Co. , Arkansas

Livro de Registro de Casamentos, p. 230, 231

O registro foi efetuado a 02.05.1871

21.02.1871

Consagração, ao Ministério da Palavra,

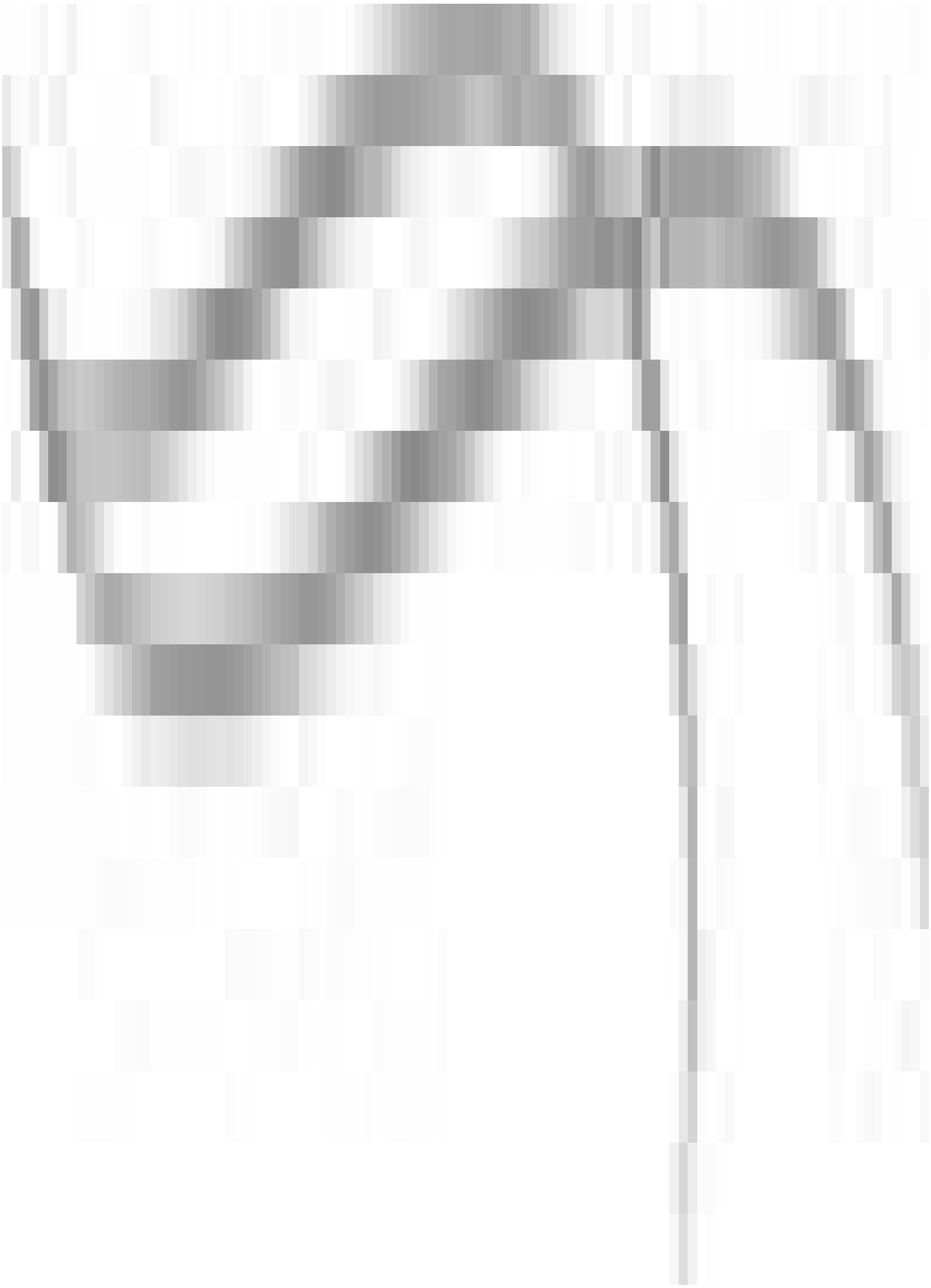
de Robert Porter Thomas

Adiante encontramos a cópia da ata da consagração ao ministério, de Robert Porter Thomas, ocorrida a 21.02.1871, em Arkansas, EUA. O encontro desse documento foi uma experiência forte que tivemos em julho de 1974, quando em Arkansas, para pesquisas. A igreja onde ele foi consagrado cessou as suas atividades no fim do século 19, pelo fato de mudança de seus membros para outros condados. Os arquivos eclesiásticos que poderiam ter guardado os seus documentos não foram localizados por nós. Desapontados, apelamos para Deus, pedindo que nos desse uma orientação. Ela veio de modo surpreendente: “Vá para o oeste”. Fomos. Porém, longe de imaginar que este documento seria encontrado no Fórum e num Livro de Registro de Casamentos! Temos em nosso arquivo uma cópia xerox, autenticada, desse documento. É como segue, na sua tradução. (Ver fac-símile do documento na pág. 694)

“A Igreja de Cristo em Pleasant Hill, Sevier Co., Arkansas, estando desejosa de separar para o trabalho do Ministério do Evangelho o irmão Robert P. Thomas, de um longo relacionamento com os dons e graça foi convocado pelos Ministros do Evangelho, em um Concílio com a igreja acima mencionada no domingo, 21

de fevereiro de 1871, depois do culto, o candidato foi apresentado diante do Concílio pelo diácono da igreja que procedera ao exame de sua chamada para o ministério e eficácia na ‘fé a qual foi uma vez entregue aos Santos’. Tendo respondido satisfatoriamente, o Concílio e a igreja procedemos à consagração do irmão R. P. Thomas para o Santo Trabalho do Ministério pela oração e imposição das mãos de acordo com a ordem apostólica. Certificamos que Robert P. Thomas está autorizado a pregar e administrar as ordenanças do evangelho de Cristo. Outrossim, nós o recomendamos à confiança da fraternidade em Cristo onde Deus guiá-lo com o seu cajado.”

Assinaram o documento: D. M. Cochran e William Borom (ou Borum). O documento foi registrado a 02.05.1871, por H. H. Cleary, secretário do cartório. (Hoje, no Fórum, em De Queen, Arkansas.)



Original no arquivo de uma bisneta, em Americana, SP. Original em inglês. (Ver págs. 695 e 696)

04.05.1871

Documento recomenda

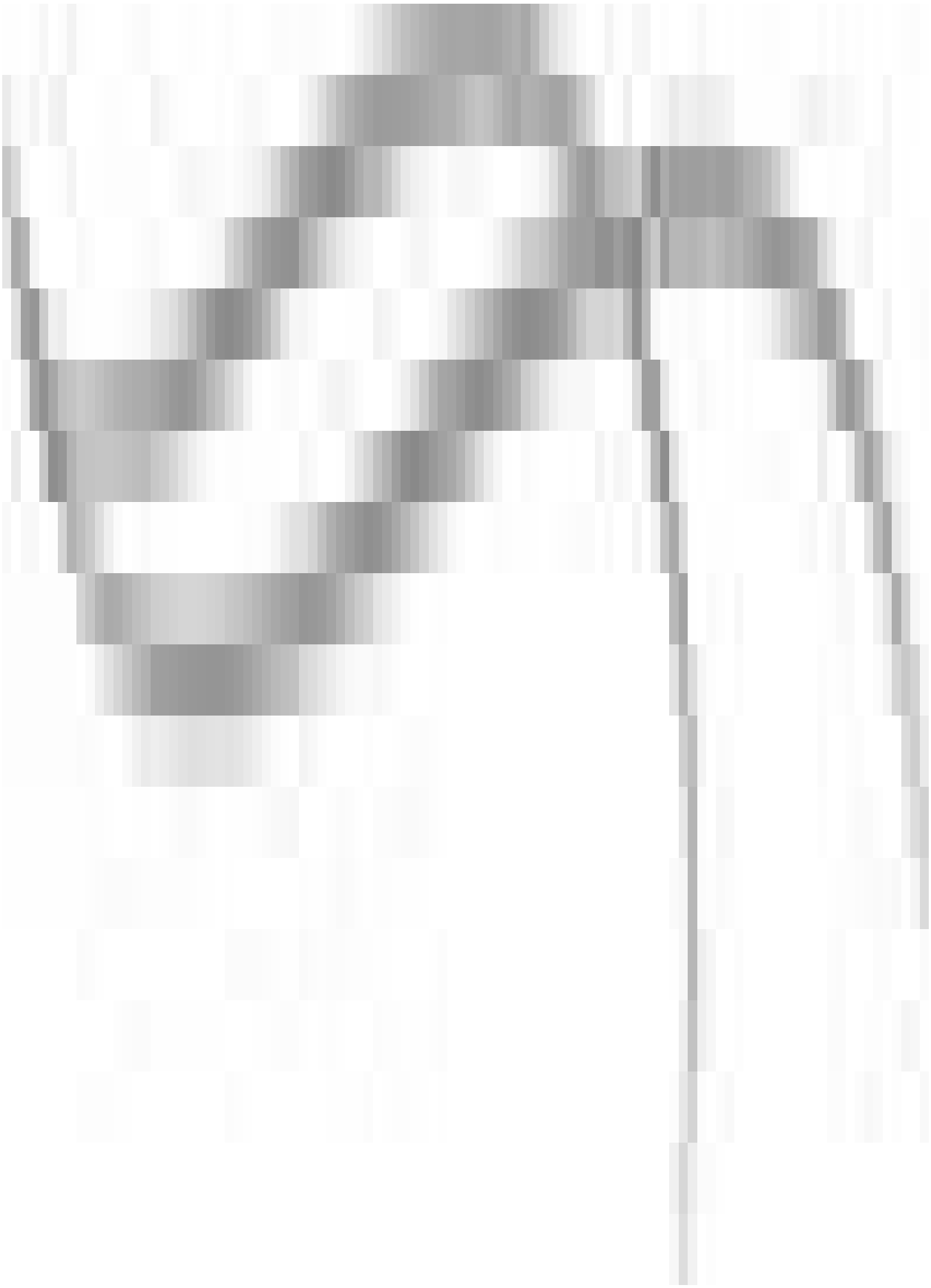
R. P. Thomas

aos cidadãos do Brasil.

A 04.05.1871, cerca de 20 pessoas, incluindo o Rev. D. M. Cochran que também aparece no documento acima, assinaram uma recomendação a favor de R. P. Thomas, nos termos como segue, traduzido:

Nós, os abaixo-assinados, cidadãos do Estado de Arkansas e Estados Unidos da América, certificamos que o Sr. Robert P. Thomas é um cidadão pacífico, ordeiro, honesto e obediente às leis de nosso Estado, achando-se em bom relacionamento e que deixa o nosso país, não por qualquer quebra de lei, mas, que ele leva com ele nossos melhores desejos para o seu futuro sucesso e felicidade e a nossa cordial recomendação aos bons cidadãos do Brasil.

O mesmo secretário, H. H. Cleary, do documento anterior, autentica a recomendação com a sua assinatura sobre um selo dourado, passado em Locksburg, Sevier Co., Arkansas.



20.08.1871

Organização

Organização da Igreja Metodista em Santa Bárbara

Conforme registro feito no livro “Cincoenta anos de Metodismo no Brasil”, p. 16 e 17, temos que a Igreja Metodista em Santa Bárbara foi organizada a 20.08.1871, sendo o seu pastor fundador o Rev. Junius Eastham Newman. [Provavelmente na sua residência, em Saltinho, SP.] A seguir, relacionamos os nomes dos que se tornaram os membros fundadores dessa igreja:

Rev. Junius Eastham Newman e esposa Mary Ayres Newman

Alfred Iverson Smith e esposa, Sarah Jane (Bryce) Smith

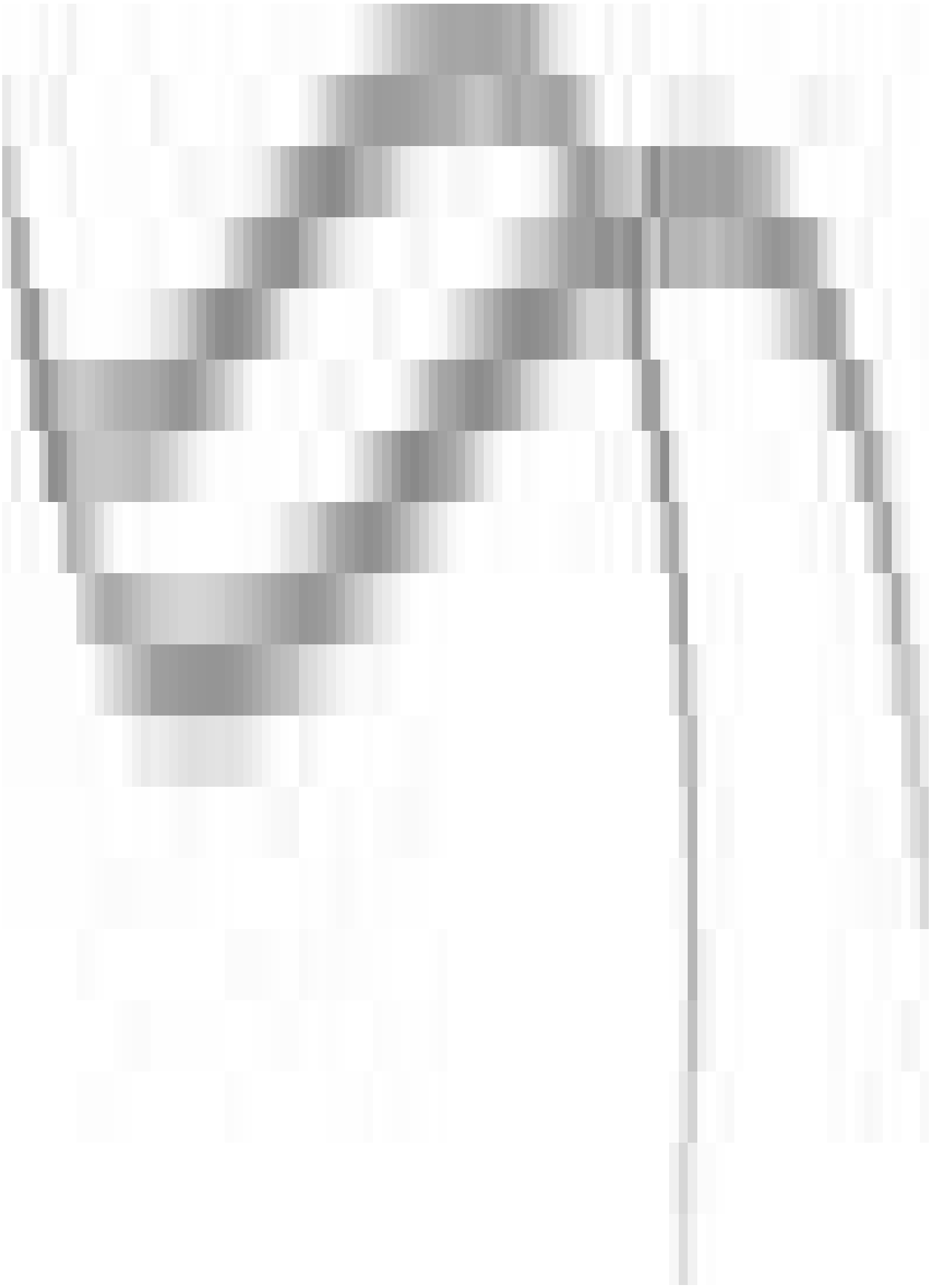
Richard Carlton e esposa, Cynthia Carlton

Thomas D. *Smith e esposa, Elisabeth C. Smith*Dickson?

Leonora Smith, filha do casal acima [casou-se com Robert Underwood Meriwether].

Dos mencionados, registramos que Mary Ayres Newman, Richard e Cynthia E. Carlton estão sepultados no Cemitério do Campo. Alfred I. Smith e talvez Sarah Jane (Bryce) Smith encontram-se sepultados no Cemitério de Piracicaba, na parte que era reservada aos acatólicos. Os restantes retornaram aos EUA. (NAITR, p. 21, 26)

As famílias de Alfred I. Smith e Thomas D. Smith não eram parentes, segundo consta. Os nomes acima foram tornados completos graças ao fato de termos consultado vários documentos, incluindo lista de passageiros.



10.09.1871

Organização

A 10.09.1871, organizou-se a PRIMEIRA IGREJA BATISTA em solo brasileiro, em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff, tornando-se assim o primeiro pastor batista no Brasil, na direção de uma igreja.

Os nomes adiante mencionados, em número de 29, reunidos em 12 famílias, vieram com as suas cartas demissórias (transferências) de várias igrejas batistas do Sul dos EUA. Eles podem ter sido os fundadores.

A lista foi elaborada como um ensaio, levando em consideração os dados encontrados em diversas fontes. A carta demissória de Emily (Perkins) Thomas foi a única encontrada por nós. Ver nesta mesma parte, na data 18.09.1870. Na parte “C”, encontra-se uma lista maior dos que devem ter sido membros da igreja, abrangendo o seu período de vida. Não se conhece o número exato de fundadores.

Membros da Primeira Igreja Batista — Santa Bárbara

N ° Nome	Procedência	Parentesco
01 - Francis Marion BANKSTON	Mississippi	Esposo de 02, genro de 07
02 - Sarah R. Ellis BANKSTON	Mississippi	Filha de 07
03 - Robert BRODNAX	Alabama	Esposo de 04
04 - Hannah E. BRODNAX	Alabama	
05 - David DAVIS	Alabama?	Esposo de 06
06 -Adeth DAVIS	Alabama?	

07 - Mary Matilda ELLIS	Mississippi	Filha de 26
08 - Charles Columbus FENLEY	Florida?	Filho de 10 e 11
09 - P. P. A. FENLEY	Florida?	Filho de 10 e 11
10 - Pleasant M. FENLEY	Florida?	Esposo de 11
11 - Sarah A. (Blair) FENLEY	Florida?	
12 - Green FERGUSON	Car. do Sul	Esposo de 13 e sogro de 29
13 - Minerva C. FERGUSON	Car. do Sul	Mãe de 14
14 - Turner Edward FERGUSON	Car. do Sul	Cunhado de 29
15 - Mary C. Und. MERIWETHER	Car. do Sul	Esposa de 16
16 - Robert MERIWETHER	Car. do Sul	Pai de 17
17 - William Henry MERIWETHER	Car. do Sul	
18 - Joseph Long MINCHIN	Car. do Sul?	Esposo de 19
19 - Julia A. P. MINCHIN	Car. do Sul?	
20 - Richard RATCLIFF	Louisiana	Esposo de 21
21 - Eunice P. H. RATCLIFF	Louisiana	
22 - Hulda V. ROWE	Florida?	Filha de 10 e 11
23 - John Henry ROWE	Car. do Sul?	Esposo de 22
24 - Sarah L. Fenley ROWE	Florida?	Filha de 10 e 11
25 - S. Y. M. RUSSELL	Alabama?	
26 - Henry STRONG	Mississippi	Pai de 07, avô de 02
27 - Robert Porter THOMAS	Arkansas	Esposo de 28, pai de 29
28 - Emily (Perkins) THOMAS	Arkansas	Mãe de 29
29 - William Francis THOMAS	Arkansas	Genro de 12 e 13

12.10.1872

Sessão da PIB/SB

A 12.10.1872, a PIB/SB, reunida em sessão votou enviar à FMB uma comunicação. Após preparada, foi remetida com a carta de 11.01.1873, a seguir.

FMJ, v. 11, nº 5/113, agosto/1879, p. 2, c. 2, 3 — Tupper, H. A., Foreign Mis. of the SBC p. 10,11

11.01.1873

Carta e comunicação.

Da PIB/SB

Para FMB

Obs.— A carta a seguir não é uma ATA, embora tenha elementos de uma ata, que ainda não foi encontrada.

“Pedido de S. Paulo, Província de S. Paulo, Sta. Bárbara, Brasil.

Seja-nos permitido afirmar-vos que, desde o ano de 1865, cidadãos do Sul dos EUA vieram para o Império do Brasil, e estão residindo nesta Província, a saber: S. Paulo, no distrito de Santa Bárbara. A maioria deles é de fazendeiros, (proprietários de terras etc.) e já estabelecidos aqui. A 10 de setembro de 1871, um número deles, vindos de lá com cartas de varias igrejas, uniram-se e organizaram uma igreja na qualidade e nome de Primeira Igreja Batista

Missionária Norte-Americana do Brasil, e que ao escrevermos a presente está com vinte e três (23) membros, com um pastor e tantos oficiais como as igrejas batistas têm, usualmente. Que a 12 de outubro de 1872, a igreja, em sessão, aprovou a seguinte proposição, a saber: que os irmãos R. Meriwether, R. Brodnax e D. Davis fiquem incumbidos de se comunicar com a Junta Batista de Missões Estrangeiras, em Richmond, VA, solicitando que seja estudada a vinda de missionários para este país.

Em sessão da igreja de 12 de outubro de 1872.

R. Ratcliff, pastor

W. H. Meriwether, secretário."

O FMJ, já referido, publicou a seguir, esta nota:

"Rev. John L. Underwood, da Georgia, em remetendo à Junta a carta acima, disse de um dos membros da comissão acima: 'Major Robert Meriwether é um homem ativo e tem uma mulher piedosa. Agradeço a Deus por serem úteis no Brasil. Temos orado para que eles possam ser luzes naquela terra. Ele me escreveu uma carta, em particular, falando que as possibilidades da igreja são animadoras, e que as colônias estão desfrutando alguma prosperidade."

Segue-se a comunicação da comissão, de acordo com o votado pela igreja:

“A tolerância religiosa completa é conferida a todas as seitas e denominações, (exceto jesuítas que foram banidos por lei, como cremos apesar de que muitos padres que oficiam são jesuítas). A religião do Estado é a católica. Agora desejamos acrescentar que os cinco ou seis anos de experiência e relacionamento com cidadãos deste país capacitam-nos a declarar que agora é o tempo propício para estabelecer a fé e religião ensinadas na Palavra de Deus ao seu povo. De modo geral, a maioria não gosta de sua religião, dizendo: ‘ela começa e termina com dinheiro para os padres’, e realmente muitos brasileiros esclarecidos têm um desprezo por suas práticas. Dizem: ‘Os batistas praticam como o Salvador e os apóstolos fizeram; batizam somente os que crêem, e por imersão’. Quem tem o direito de alterar os seus modos e práticas? A versão do Novo Testamento, em português, usada aqui é mais enfática no descrever o batismo do que a versão inglesa. Crê-se que a nossa presença aqui, com os cultos e práticas, tem tido, e está tendo, uma salutar influência sobre os sentimentos e opiniões deste povo.

Agora, como uma igreja, não estamos pedindo ajuda para a construção de uma casa de cultos ou para pagar o nosso pastor; estamos sendo capazes de mantê-la com as bênçãos da Providência; porém, não estamos capacitados a mandar nossos obreiros para pregarem aos outros; tampouco temos esses obreiros e os meios para esse propósito. E assim, dizemos: ‘passa à Macedônia e ajuda-nos’. Prometemos que se daí eles vierem nós os receberemos, não como foi feito com o grande Apóstolo, mas, nossos lares estarão abertos para recebê-los. Nosso progresso, nossa influência e trabalhos serão para e com vocês.

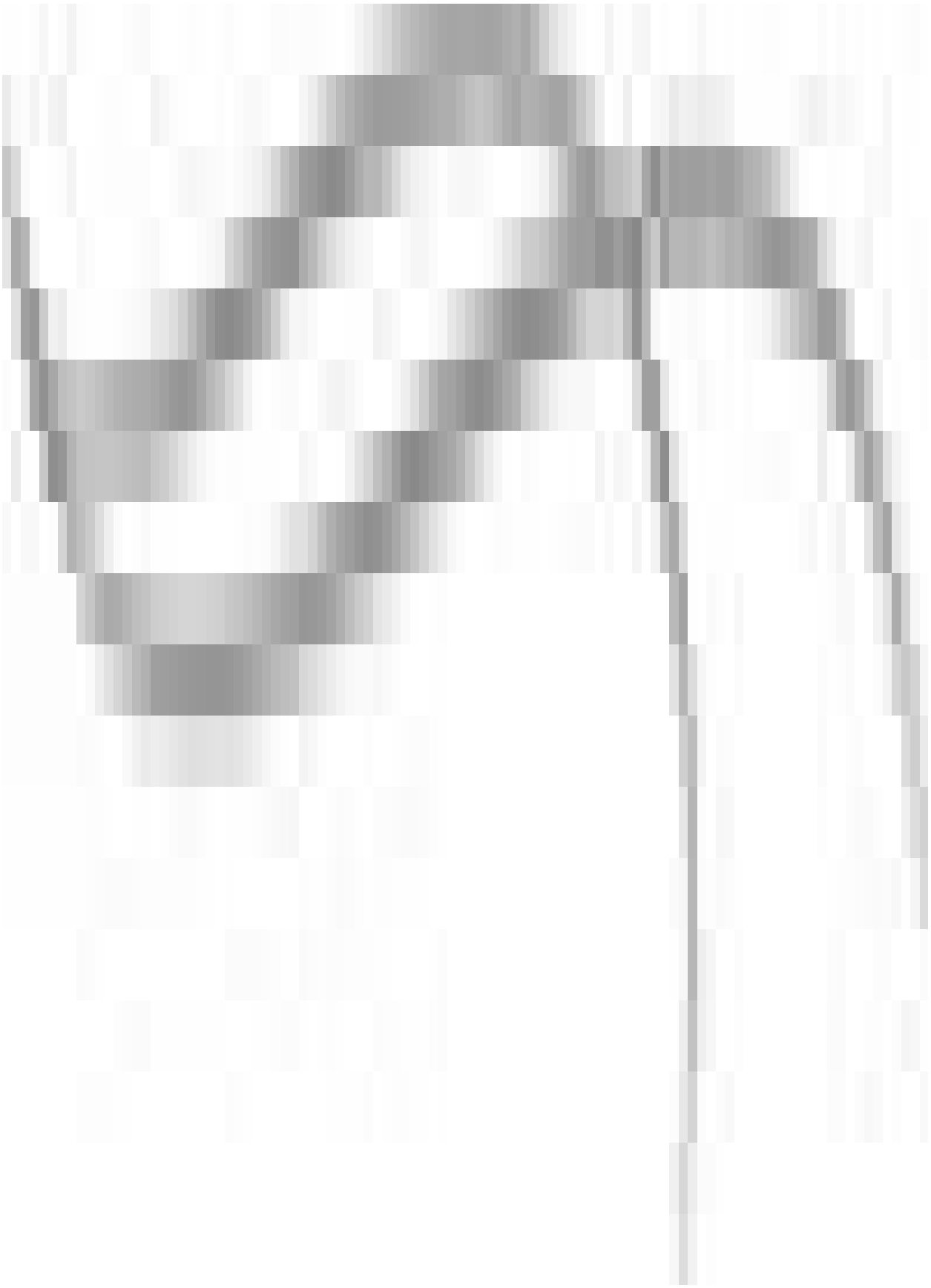
Esperamos ainda ter uma grande comunidade batista neste país, que será acrescida à grande família batista do mundo, ensinando, pregando e praticando a fé uma vez entregue aos santos. O pastor da igreja, Rev. Richard Ratcliff, tem estado nesta parte do país há cinco ou mais anos, vindo de Louisiana. Ele foi um aluno do falecido Rev. Hartwell. Ele é bem qualificado para a sua posição e muito bem aceito pelos membros da Igreja; prega uma vez por mês, com um salário anual de 150 dólares. Outro pregador batista, Elder R. Thomas, de Arkansas, está aqui há mais de um ano, e prega sem ônus para a igreja. Estes e mais o Sr. Pyles, da Florida, que mora cerca de 75 ou 100 milhas daqui, estão cercados inteiramente pelos brasileiros. Cremos que eles são os únicos pregadores batistas neste país. Poderíamos acrescentar que muitos padres aqui

são homens de grande instrução e capacidade.

Respeitosa e sinceramente no amor de Cristo,

a comissão: Robert Meriwether, Robert Brodnax, David Davis

Endereço: Província de São Paulo, Santa Bárbara.”

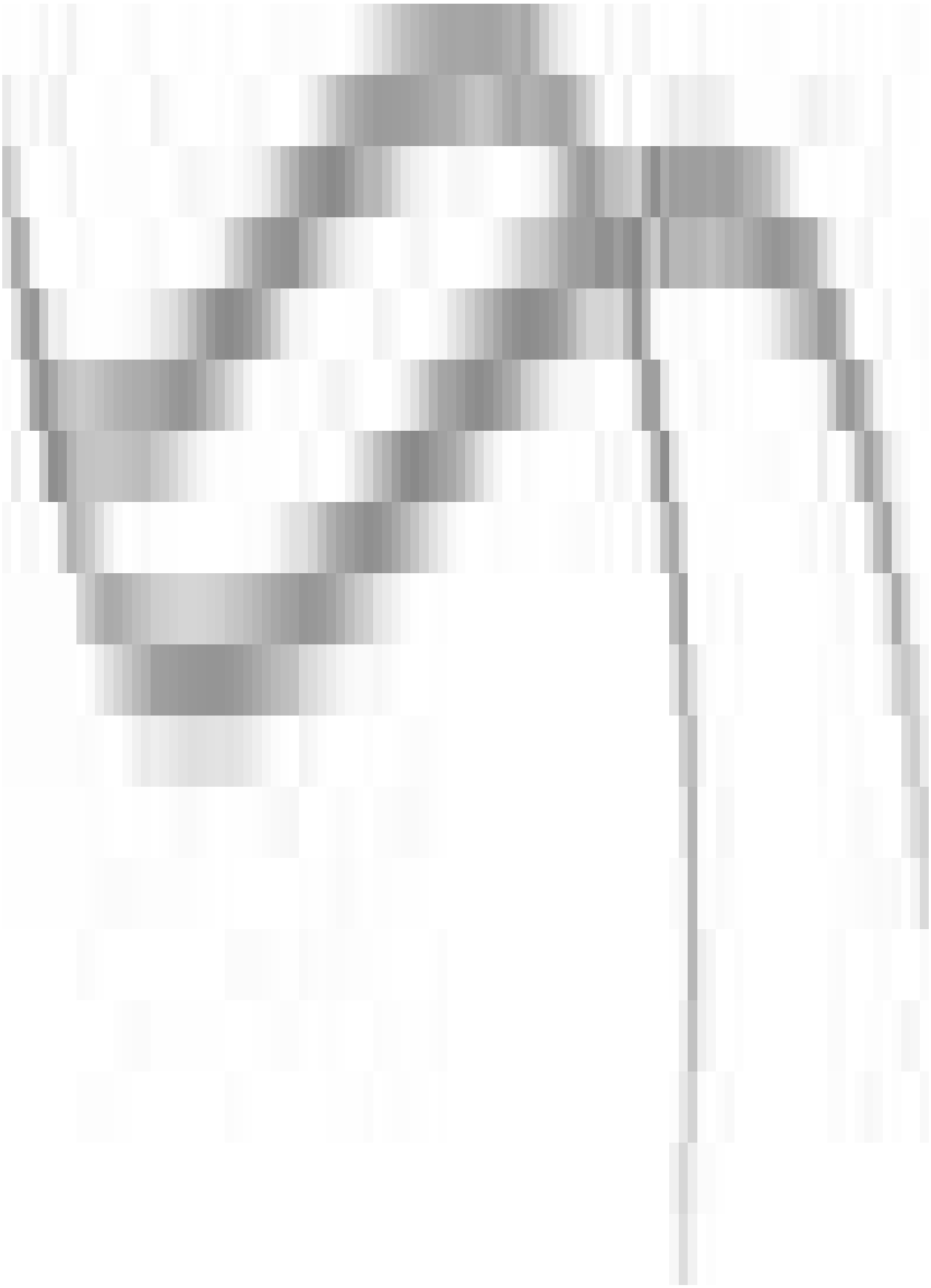


14.04.1873

A carta e a comunicação foram entregues à Comissão de Novos Campos, da FMB, que apresentou o seu relatório na reunião realizada no dia 14.04.1873, conforme livro de atas, nº 2, p. 270 e SBCA, maio/1873, p. 40, 41:

“A Comissão sobre Novos Campos apresentou um relatório, que foi aceito com a seguinte proposta: Considerando o programa de ação da Junta constituída sob a direção da Convenção, que é expandir as suas missões com a abertura feita pela Providência, e os meios fornecidos pelo povo de Deus, e considerando os vários apelos que têm sido feitos à Junta para o estabelecimento de Missões na Alemanha e no Brasil — o último fortemente por si se recomenda à Junta em seu favor.

Por isso, ficou resolvido que enquanto, por um lado, a Junta se sente rejubilada por estender suas operações missionárias, para outros campos, por outro lado, a Junta está necessariamente restrita pelas contribuições das igrejas as quais escassamente satisfazem para o sustento das missões já existentes.”



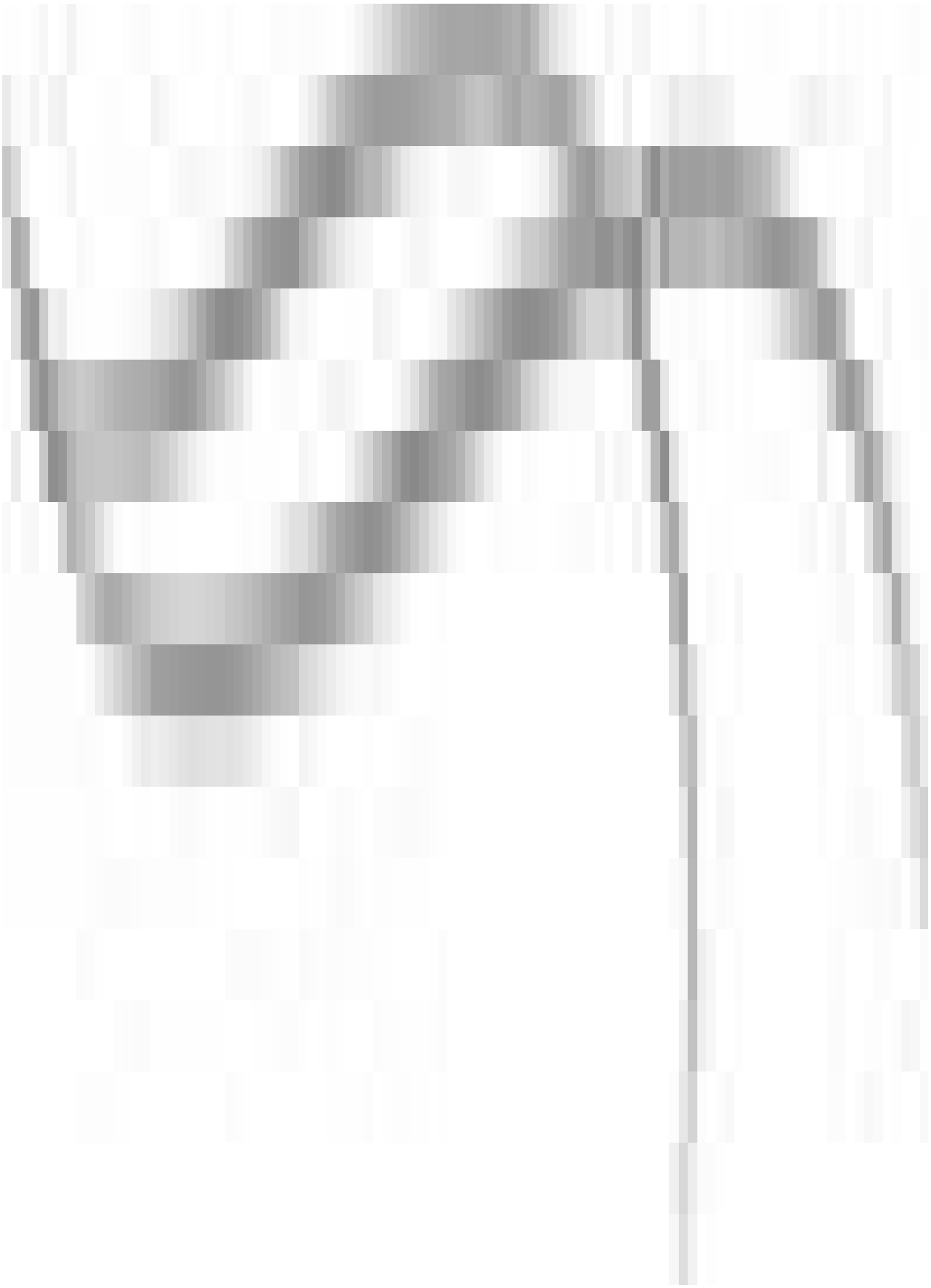
HIPB-I, p. 119

17.06.1873

A 13.01.1872, em Campinas, SP, os presbiterianos organizaram o “Presbitério de S. Paulo”. A segunda reunião desse Presbitério foi realizada com a Igreja “Hopewell”, no Campo, em SB, a 13.06.1872. O terceiro encontro foi a 17.06.1873, com a mesma igreja, reunindo-se, às vezes, “debaixo de uma árvore perto da casa de McFadden”, que era um dos presbíteros dessa igreja.

Neste pequeno relato, o autor do livro HIPB, diz o seguinte: “Recebe-se o Rev. William Le Conte e anota-se a visita de missionários visitantes: Vanorden, Chamberlain, Lee, Ratcliff. Os dois últimos são respectivamente metodista e batista.”

Dado o interesse de Richard Ratcliff por trabalhos dessa natureza, podemos sugerir que ele deve ter estado nas reuniões anteriores e na que se realizou, em 1874, também em SB.

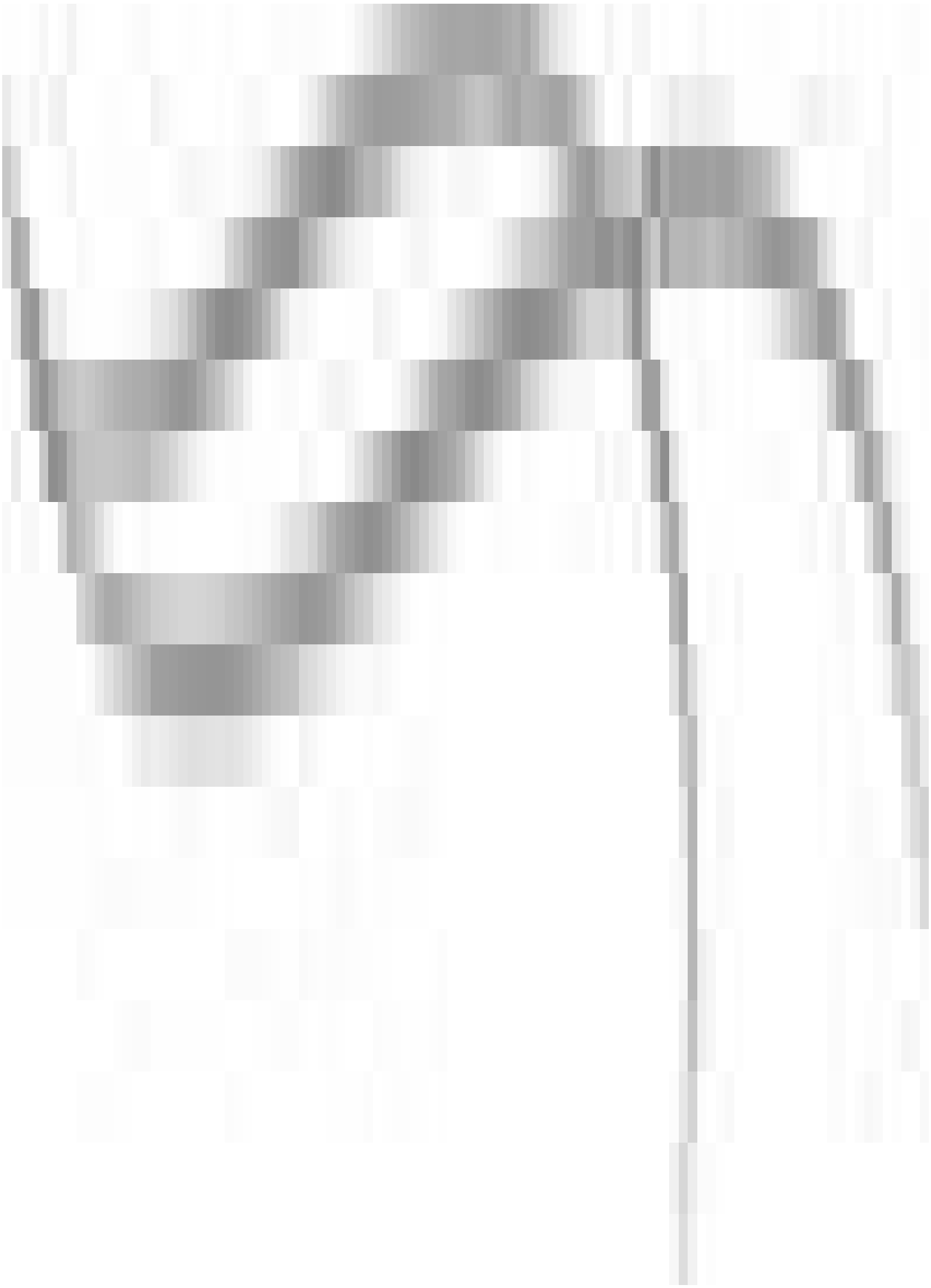


MPRJ, p. 186

14.10.1874

Viagem

Um casal de batistas retornou aos EUA, a 14.10.1874: Robert Brodnax e esposa, Hannah Brodnax, com destino a Mobile. Ele já estava com 82 anos de idade. Três anos depois de ter chegado no Alabama, ali faleceu. Provavelmente, ambos levaram as suas cartas demissórias da PIB/SB, para outra igreja batista naquele Estado norte-americano.



10.07.1875

Bíblia de púlpito

(Ver págs. 597, 697 e 698)

A Bíblia de púlpito da PIB/SB encontra-se na caixa forte de FMB, em Richmond, VA. Conseguimos localizá-la pela referência feita no livro de Dr. E. Gill Jr., Pilgrimage to Brazil, p. 23

A Bíblia tem capa de couro preto com cercadura em linhas e lombada douradas. Tamanho: 11 x 8 x 4 polegadas. Número de páginas: 1588. Folha de rosto: “The Holly Bible containing the Old and New Testaments: translated out of the original tongues; and with the former translations diligently compared and revised. New York: American Bible Society/ Instituted in the year MDCCCXVI /

Na página interior está escrito em manuscrito:

“This book bought by Thomas Miller, of Mobile, Alabama, North America, & by him presented to this Church, being the First Baptist Church organized in Brazil.

The recognition & acknowledgment done by order of the Church in Conference on Saturday before the 2nd Lord’s Day in July A.D. 1875.

Robert Meriwether Church Clerk Pro temp

Richard Ratcliff, Mod.”

Pelo calendário perpétuo, o dia acima mencionado foi 10.07.1875.

Dentro da Bíblia encontra-se uma carta, manuscrita, em inglês, de D. Anna Lucina Bookwalter. (Ver parte “D”, 24.07.1942.)

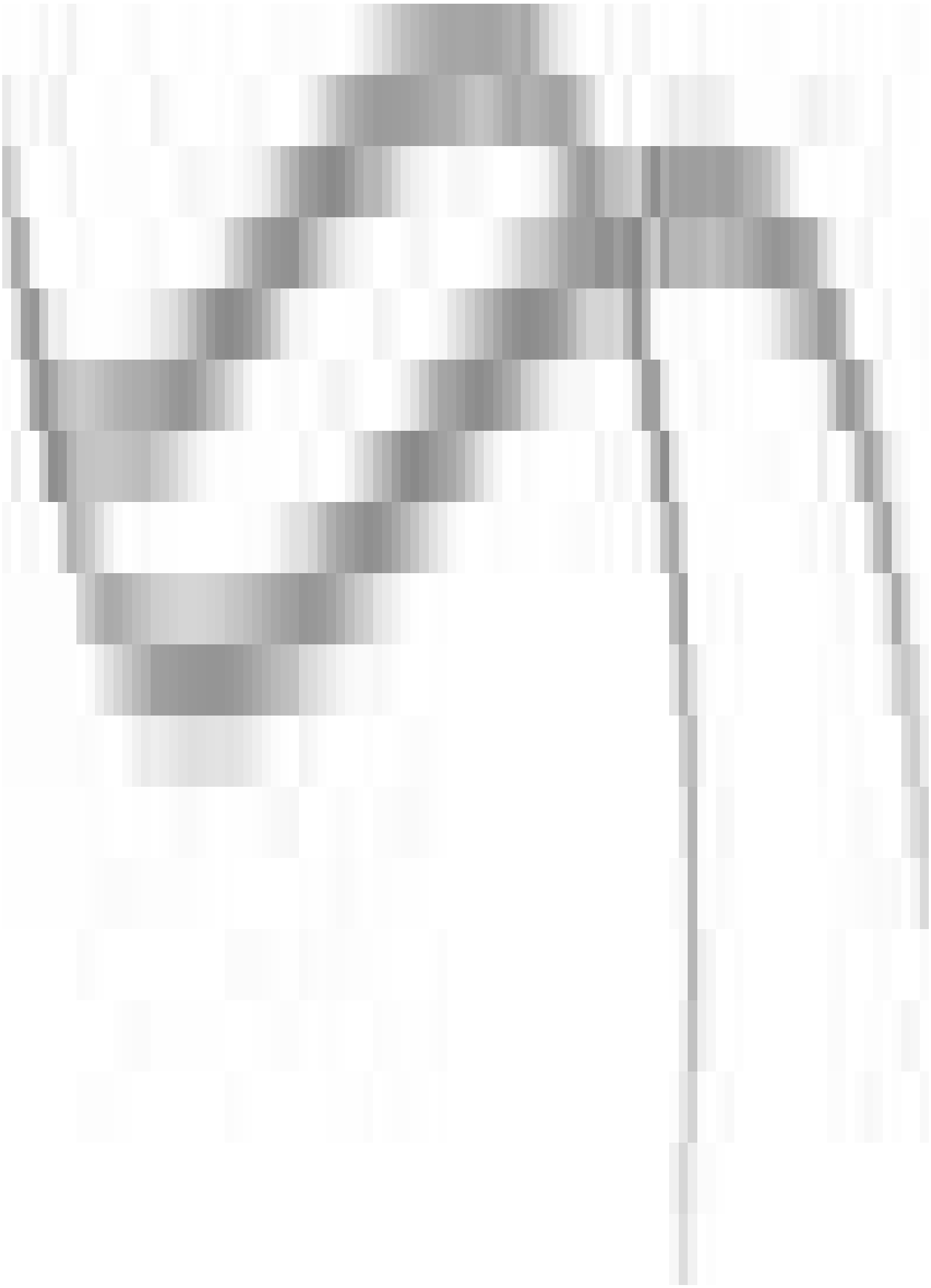
A tradução do que acima está, em inglês, é a seguinte: Este livro foi comprado por Thomas Miller, de Mobile, Alabama, América do Norte, e por ele presenteado a esta igreja, sendo a Primeira Igreja Batista organizada no Brasil.

O aviso do recebimento e o agradecimento foram ordenados pela Igreja em sessão de sábado, antes do segundo Dia do Senhor, em julho de 1875.

Robert Meriwether — secretário da igreja — interino

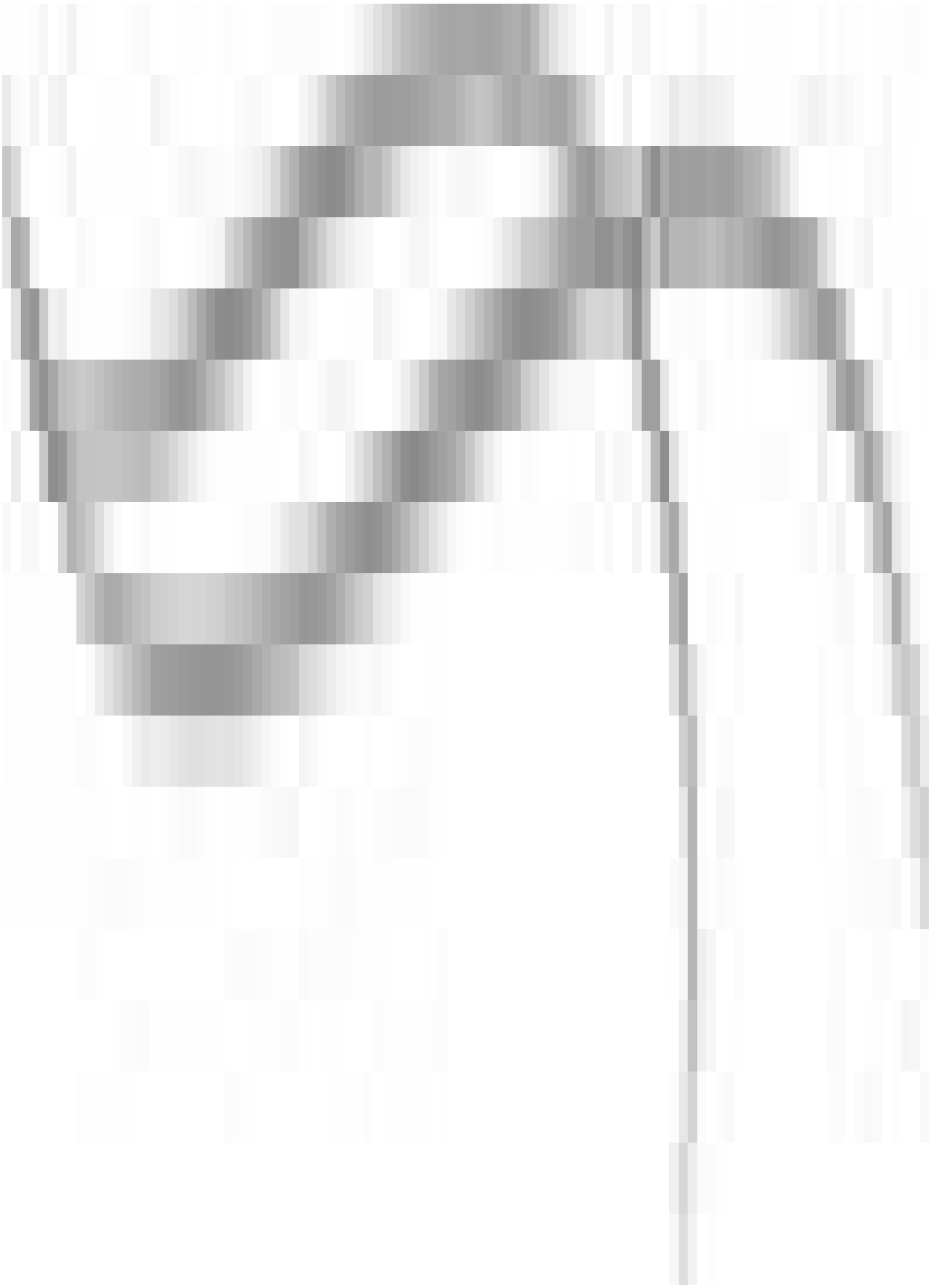
Richard Ratcliff — moderador

[Nessa data, Robert Meriwether e família já estavam morando em Botucatu. Mas vinham periodicamente a Santa Bárbara.]



27.08.1875

Na data de 27.08.1875, inaugura-se a estação ferroviária de Santa Bárbara. (Ver parte “A” — Santa Bárbara, pág. 37.)



NAITR, p. 21

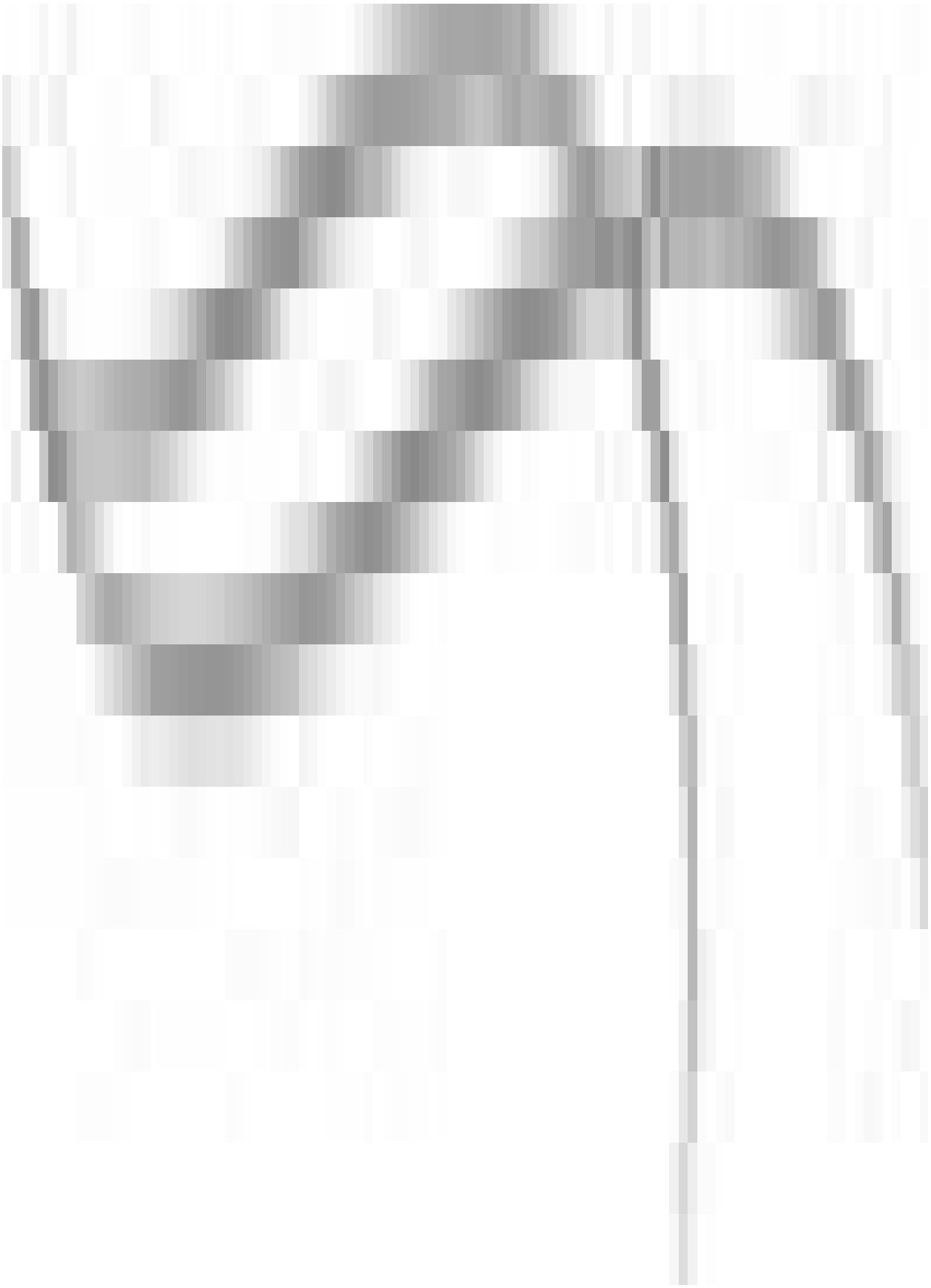
07.12.1876

Falecimento

de Eunice Ratcliff

O Rev. Richard Ratcliff sofre um forte revés com o falecimento de sua esposa, Eunice Providence (Hetherwick) Ratcliff. Foi sepultada no Cemitério do Campo, a 07.12.1878. Tinha 43 anos de idade. Deixou cinco filhos pequenos: Eunice Maud, a mais velha, estava apenas com nove anos de idade e o menor devia ter cinco meses de vida.

Ver parte “B” — Richard Ratcliff. (Ver pág. 134)



FMJ, julho/1877, v. 9, nº 4/88, p. 2, c. 1

07.04.1877

Carta

Da comissão PIB/SB

Para FMB

“Permita-nos, como uma igreja batista de Cristo, escrever-vos outra vez com relação aos interesses do Reino de Deus, no Império do Brasil. Alguns anos atrás, esta igreja foi organizada estando agora com 26 membros.

Nosso desejo é que de algum modo sejamos reconhecidos e estejamos em comunhão com os batistas do Sul dos EUA. No presente, somos uma igreja isolada nesta Província do Império praticando os princípios batistas. Todos nós somos nativos dos EUA, e, com algum apoio de vossa parte, poderíamos ensinar mais das doutrinas da Bíblia aos nativos aqui. Temos três pregadores em nosso meio, um dos quais, Richard Ratcliff, é o nosso pastor. Antes da guerra, ele se ofereceu para ser missionário dessa Junta, porém, resignou em conseqüência da escassez de recursos da Junta.

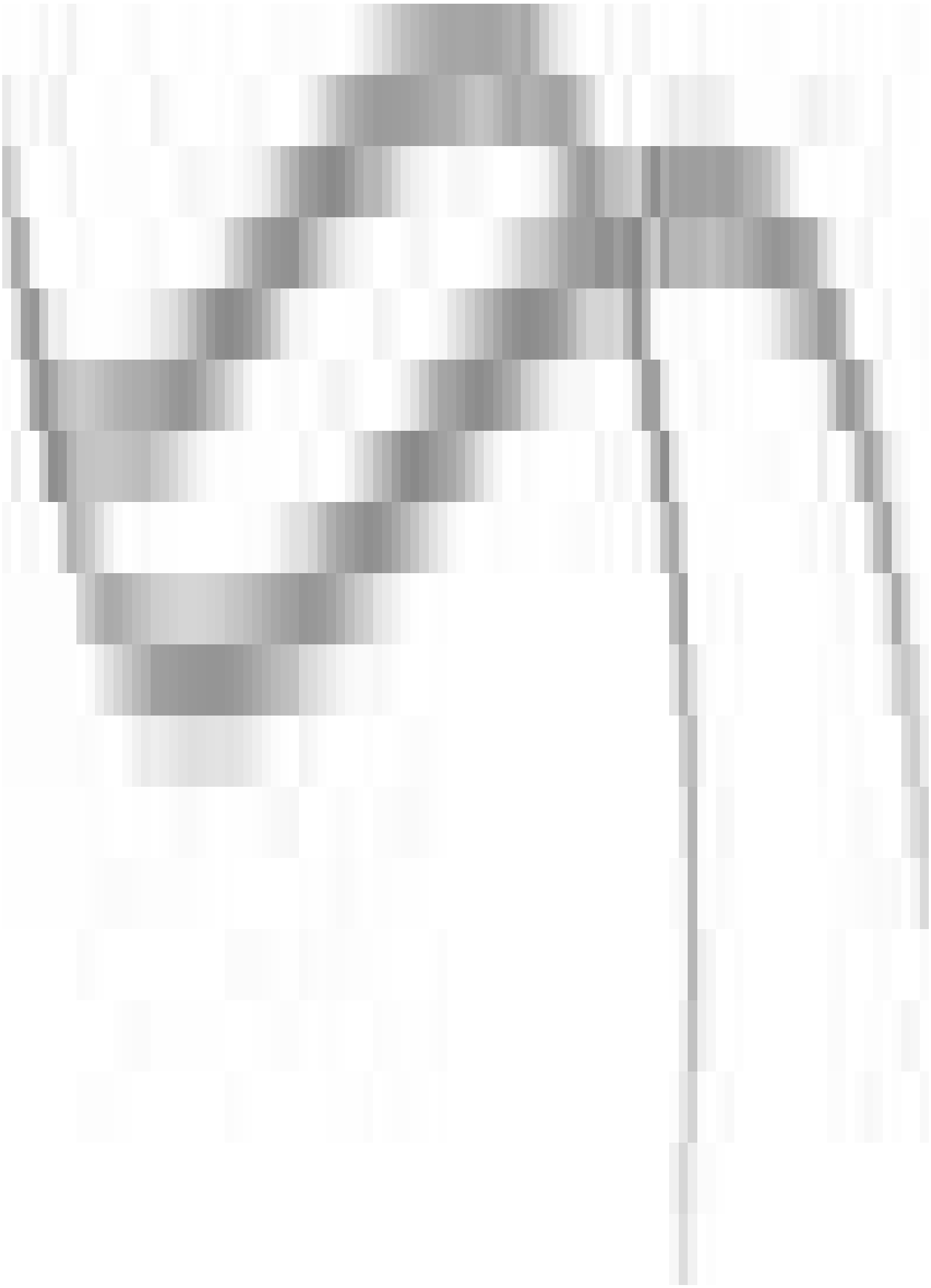
Não estamos pedindo assistência para nós mesmos, porém, com o propósito de ensinar a população nativa, e se puderem enviar um obreiro preparado, devidamente qualificado, com o auxílio que pudermos dar-lhe, um bom trabalho pode ser feito aqui. Não estamos em condições de sustentar mais do que o nosso próprio trabalho (seu pastor etc.). Se não puderdes enviar tal obreiro com sustento e orientação dessa Junta, um dos diversos ministros aqui poderá ser usado proveitosamente devotando o seu tempo integral ao trabalho.

Por ordem da igreja em sessão.

William F. Thomas, secretário

R. Ratcliff, moderador

R. Meriwether”



MPRJ, p. 231

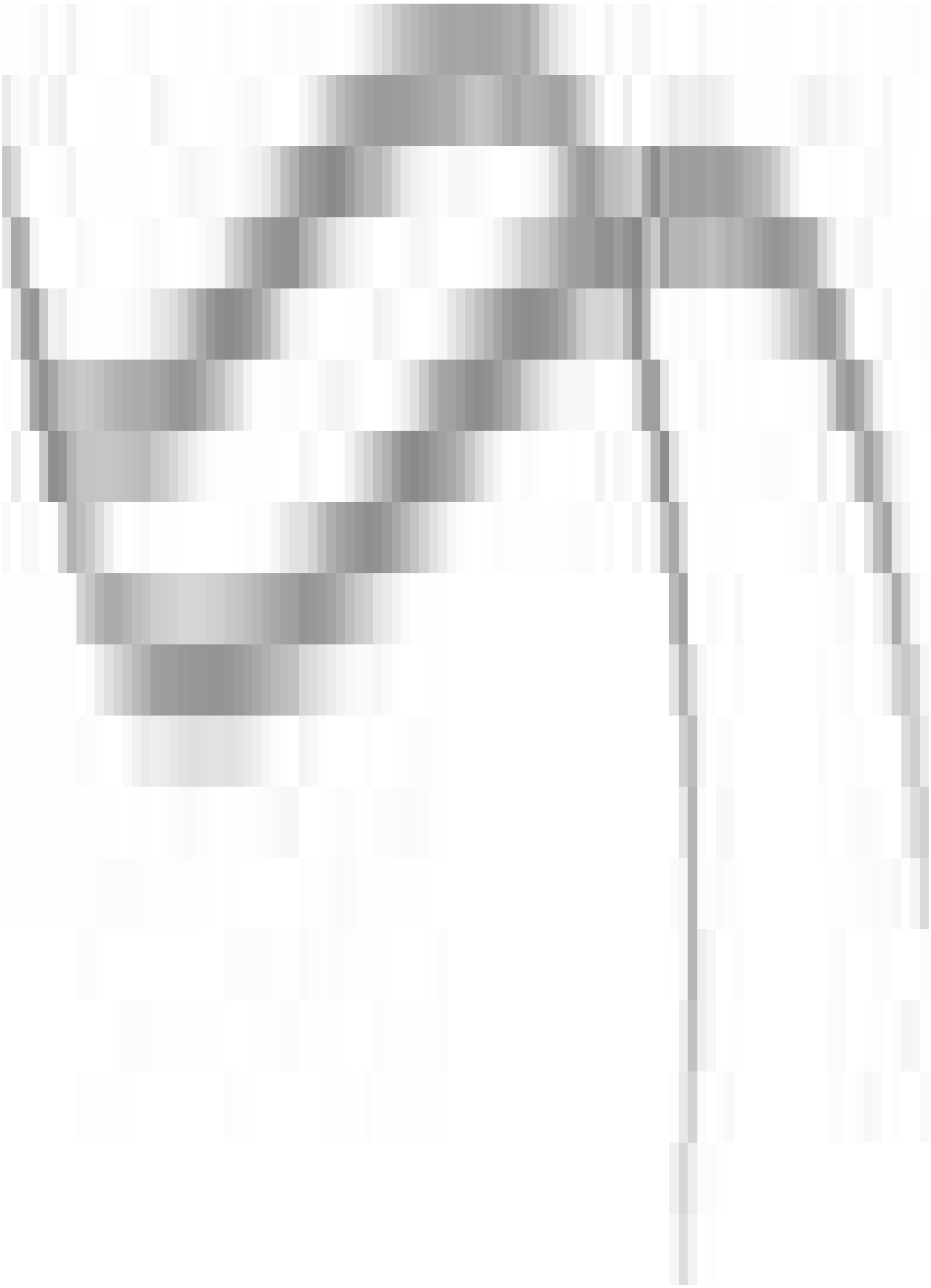
12.05.1878

Retorno aos EUA

do Rev. R. Ratcliff

O Rev. Richard Ratcliff, viúvo desde dezembro de 1876, deixou o Brasil, retornando aos EUA com os seus cinco filhos pequenos. Ficou em seu lugar, como pastor da PIB/SB, o Rev. Elias Hoton Quillin, que se mudou com a família, da área de Iguape/rio Una do Prelado,para Santa Bárbara.

Entre a morte de Eunice Ratcliff e o regresso do Rev. Ratcliff aos EUA tinha-se decorrido um tempo de 17 meses.



FMJ, agosto/1879, v. 11, nº 5/113, p. 2,3

Tupper, H. A. Foreign Mission, p. 13,14

Junho?, 1878

Vinte E Uma Resoluções Da Igreja

O documento original, com o título acima e a carta do Rev. R. Ratcliff datada de 01.10.1878, não foram localizados. Salvaram-se a carta e Cinco das 21 RESOLUÇÕES, que foram publicadas no FMJ, de agosto de 1879, como segue:

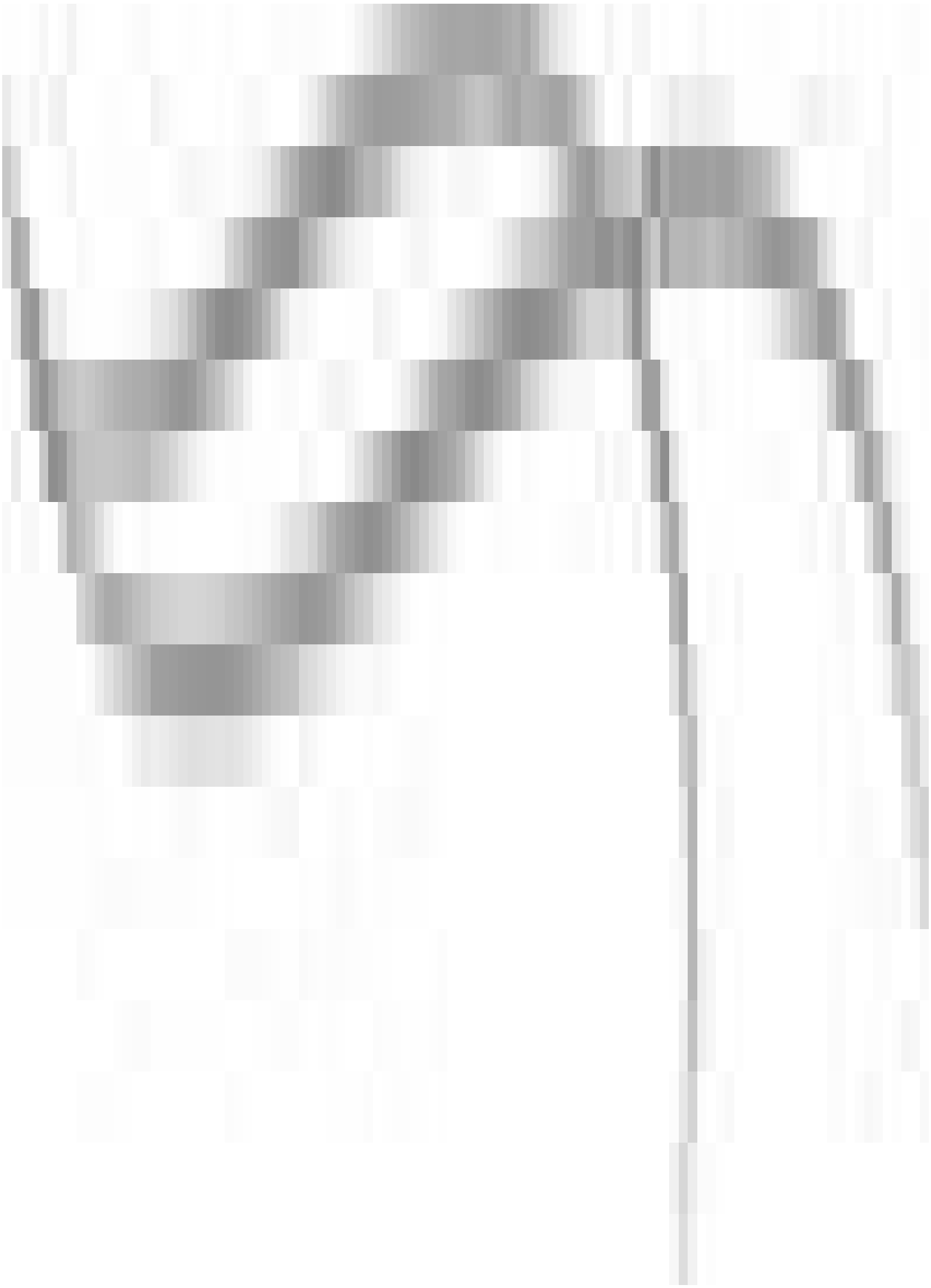
“1. Pela providência divina, fomos chamados para viver longe dos cenários de nossa infância, em meio a uma moral arruinada, longe do inefável calor da convivência das associações de igrejas e da influência de um longo relacionamento cristão. Uma consciência de isolamento cai agora pesadamente sobre o coração e toca com dureza os delicados sentimentos da alma, enfraquece o vigor da energia moral, e guarnece o horizonte de esperança, com um misto de um futuro duvidoso.

2. Cremos que algum reconhecimento de relações da parte da Junta de Missões Estrangeiras poderia dissipar nossa melancolia, dar confiança à nossa existência, inspirar nossa vida e estabelecer a convicção inabalável que nós, na realidade, pertencemos à grande família batista.

3. Que pedíssemos à Junta para receber-nos como uma filha afetuosa, adotiva, no grande campo missionário. Nós nos esforçaremos para que nossa relação seja respeitada, assim também a fidelidade de nossas obrigações, pureza de nossas ações e a operosidade em nossa benevolência.

4. Que se algum ministro, solteiro ou casado, vier para o Brasil, recomendado pela Junta, procuraremos fazer identificados os interesses mútuos, e para que ele seja satisfatoriamente localizado, com o prospecto, pelo menos, de um amplo sustento.

5. Que alguma família batista, ou famílias, recomendadas por suas igrejas, emigrando para o Brasil, quando de sua chegada aqui, faremos tudo para que se sintam como entre seus irmãos; e que não descansaremos até que eles estejam bem estabelecidos, onde indústria e economia, sem algum infortúnio inconcebível sejam bem acumuladas para uma ampla subsistência que possa sombrear as eventualidades da vida.”



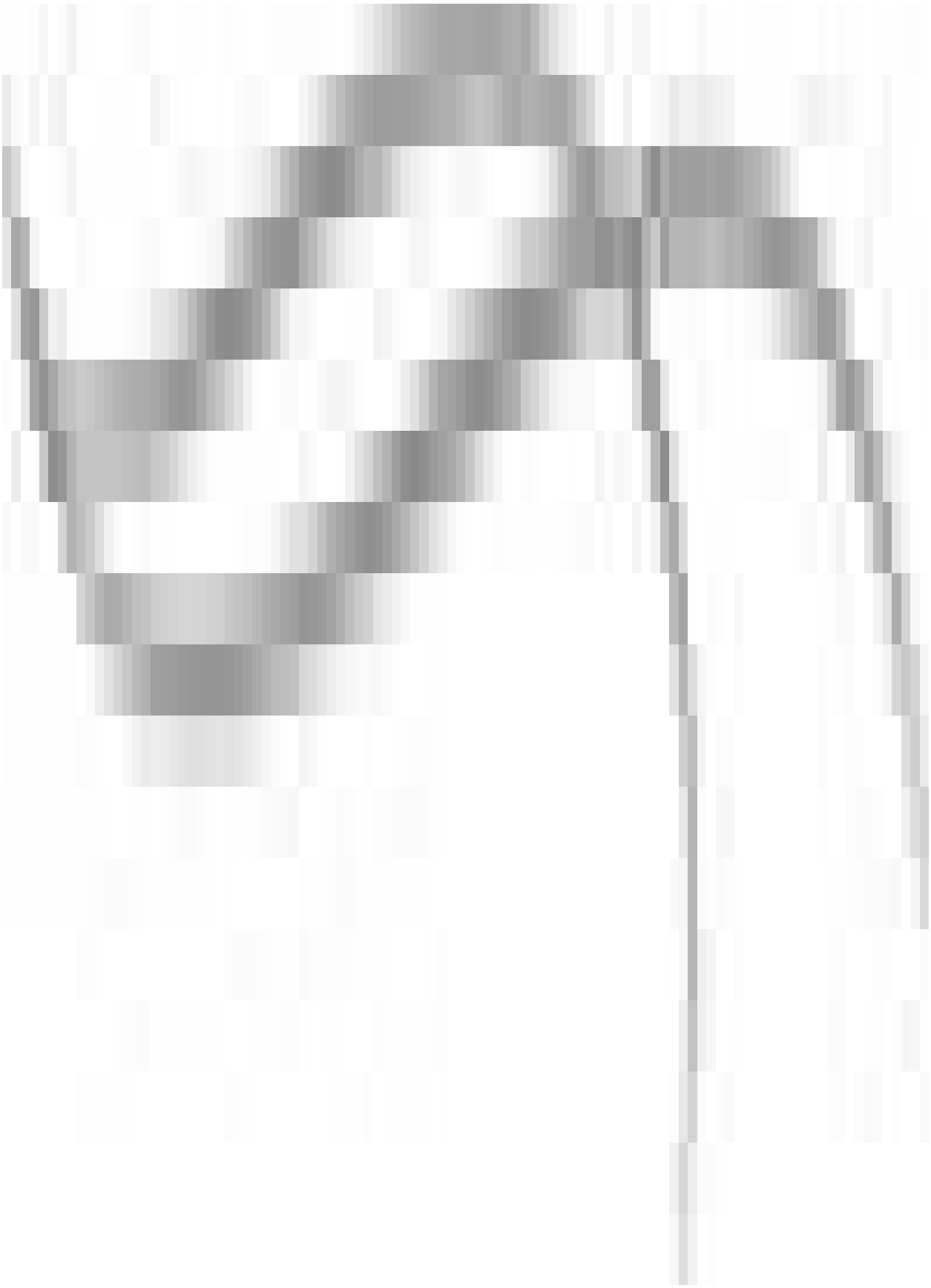
NAITR, p. 22

23.09.1878

Falecimento

Francis M. Bankston

A 23.09.1878, faleceu na Vila de SBSP, Francis Marion Bankston, esposo de Sarah Ellis Bankston e genro de D. Mary Matilda Ellis. Foi sepultado no Cemitério do Campo. (Ver parte “B” — Henry Strong, pág. 351.)



FMJ, fev./1879, v. 10, nº 11/107, p. 3, c. 3

ag./1879, v. 11, nº 5/113, p. 2, c. 3 e p. 3, c. 1.

Tupper, H. A. Foreign Missions, p. 12

01.10.1878

Carta

De R. Ratcliff,

de Minden. La., EUA

Para FMB

A tradução da carta que segue foi feita tendo como base a publicada em ag./1879. O “P.S.” dessa carta deveria ser cotejado com o da original, que não foi localizada. Temos idéia de que quando da preparação do material para ser publicado no FMJ, o copiador perdeu uma ou mais palavras, o que produziu um sentido diferente do que fora escrito em carta de outra data. Em um, o sujeito é a Junta e na outra, é T. J. Bowen. Para um estudo mais detalhado de interpretação, este é um ponto a focalizar tendo em mãos o material original para a devida comparação.

Essa carta de 01.10.1878 foi lida na sessão da FMB, a 04.11.1878, e entregue à sua Comissão de Novos Campos. Ler Parte “C”, que complementa estas palavras.

“No interesse das Missões Estrangeiras, gostaria de pedir que a Junta encarasse o Brasil, América do Sul, como um campo de muita importância.

As recentes mudanças nas leis do país, a respeito da tolerância da Maçonaria livre, e o estabelecimento dos direitos civis do casamento, são alguns dos frutos do rápido crescimento do Partido Liberal, que deseja a separação da Igreja Romana, do Governo do Império.

A maioria da população gostaria de poder libertar-se dos dogmas da Igreja Católica, executando assim, o direito de ter suas próprias opiniões religiosas. Essa população está mais do que ansiosa de ouvir algo sobre o que se qualifica de 'Protestantismo'. Falo de uma experiência de onze anos com eles, como um missionário de sustento próprio.

A Prim. Igr. Batista Missionária em Santa Bárbara, Província de S. Paulo, é composta de pessoas de língua inglesa. A opinião da igreja, conforme já lhe falaram mais de uma vez, é que se a Junta pudesse usá-la como um seu núcleo ou um setor auxiliar, os resultados espirituais seriam maiores do que os de qualquer outro campo, ainda que, financeiramente, gastando-se o mesmo.

Nunca lhe pediram recursos para si mesmos, porém, pedem para que sejam ajudados a pregar o evangelho aos nativos. O seu pastor atual autorizou-me a dizer à Junta, que ele aceitaria ser indicado para o trabalho, entre os brasileiros (ele é um professor na língua deles). Ele daria então relatórios trimestrais para a Junta desse trabalho, sem receber um centavo.

Peço que a Junta lhe escreva sem demora: Sr. E. H. Quillin, Caixa do Correio em Santa Bárbara. Província de S. Paulo, Brasil.

Seu, na esperança, Richard Ratcliff.

P.S.: A orfandade dos meus filhos constrangeu-me a retornar. Se a Junta desejar, poderei dar algumas das causas porque, em 1860, o irmão T. J. Bowen [ou a Junta?] não recomendou o Brasil como um campo missionário favorável. Meu endereço será Caixa Postal do Correio, Mexia, Limestone Co., Texas.”

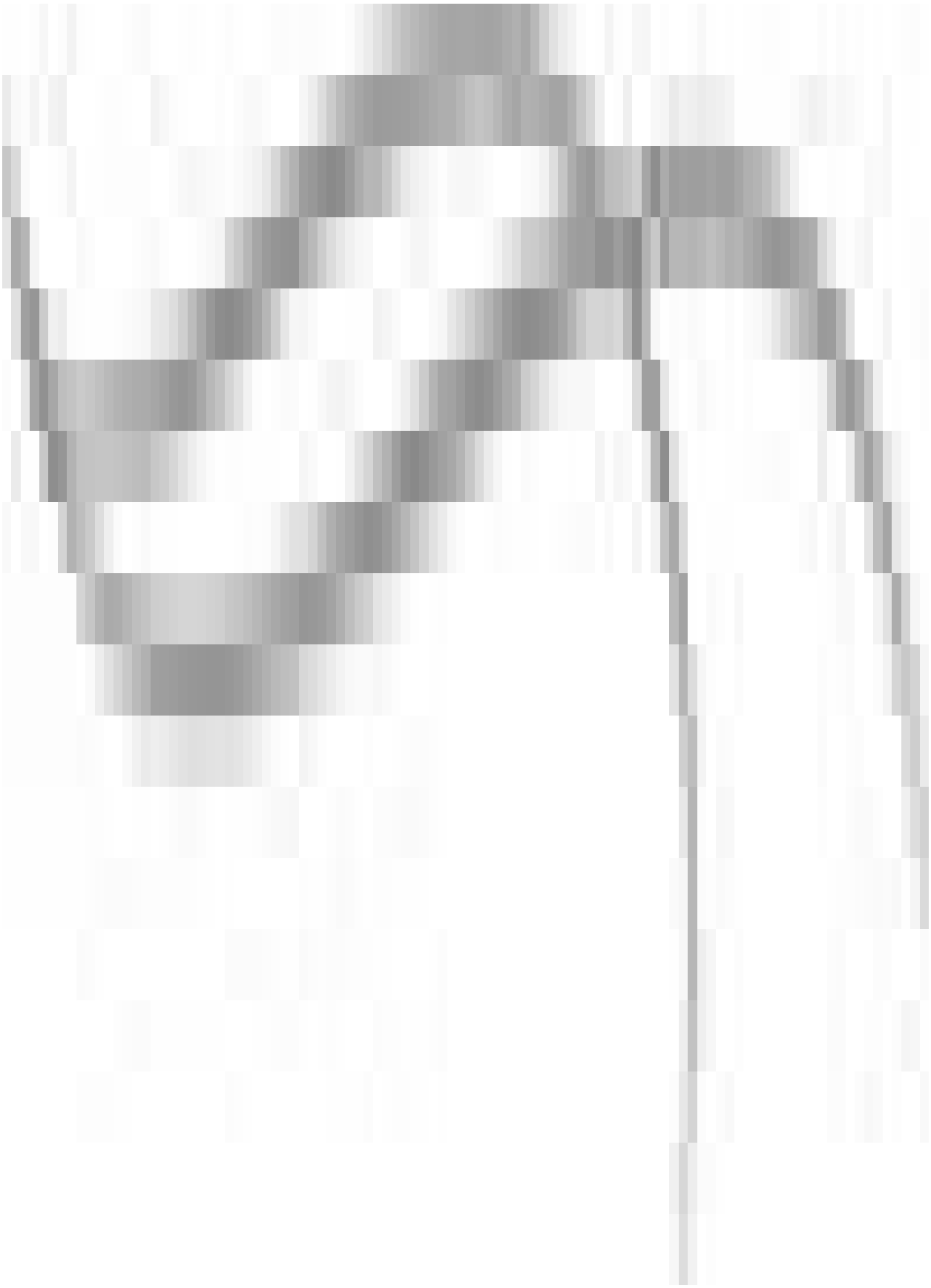
Sugerimos a leitura da Parte “B” — T. J. Bowen — 10.10.1860. (Pág. 121)
Também parte “B” — Richard Ratcliff — 14.10.1866. (Pág. 150)

NAITR, p. 21

06.11.1878

Falecimento — Henry Strong

Faleceu, a 06.11.1878, Henry Strong, com 74 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo. Ele era o pai de D. Mary Matilda Ellis. (Ver parte “B” — Henry Strong. , pág. 351)

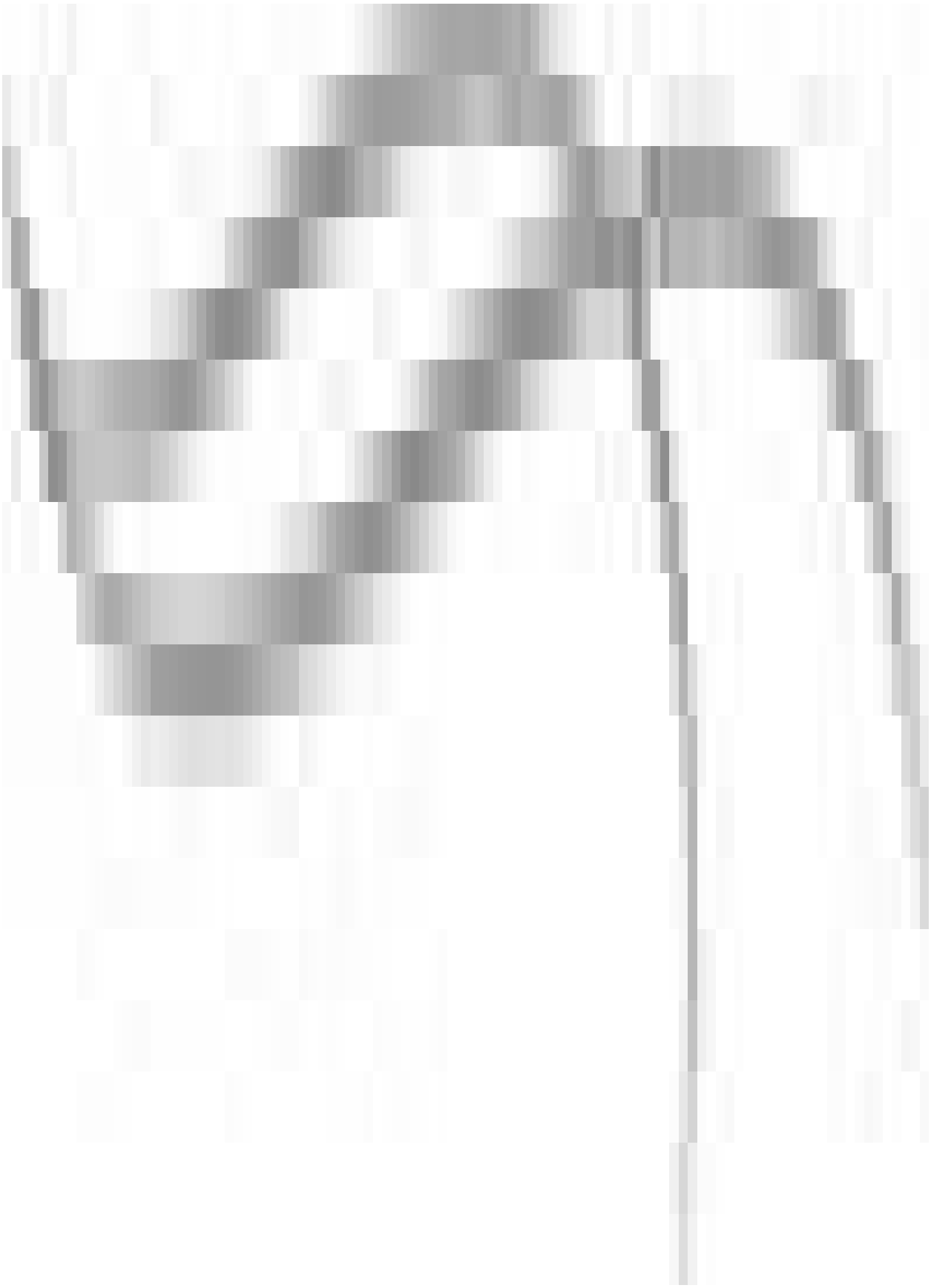


NAITR, p. 19

29.01.1879

Falecimento — Sarah A. Fenley

Faleceu, a 29.01.1879, Sarah A. Fenley, esposa de Pleasant M. Fenley. Foi sepultada no Cemitério do Campo. (Ver parte “B” — P. M. Fenley, na pág. 319.)



SBCA, maio/1879, p. 30, 31 e 54

8/12.05.1879

Relatório e Parecer

Da FMB

Para SBC

A carta de Richard Ratcliff, datada de 01.10.1878, junto com os elementos enviados pela igreja em SB foram ambos apreciados na reunião da FMB, de 04.11.1878, e encaminhados à sua Comissão de Novos Campos. O assunto foi incluído no 34º relatório anual da Junta, para ser apresentado na Convenção, em maio seguinte, em Atlanta, Georgia. É como segue:

"Mais insistentes têm sido os repetidos pedidos da Primeira Igreja Batista do Brasil, perto de Sta. Bárbara, na Província de S. Paulo. Ela deseja ser recebida pela Junta, como uma Missão de sustento próprio, por causa do apoio moral que receberia da Junta e o apoio material que esta poderia receber da Igreja. (...) Seu pastor, irmão E. H. Quillin, escreve: 'Estou bem relacionado com a igreja e tenho certeza de que ela estará apta a ajudar a Junta. Os seus membros estão prosperando na obtenção dos seus necessários suprimentos e vão indo bem nos seus negócios.' (...)

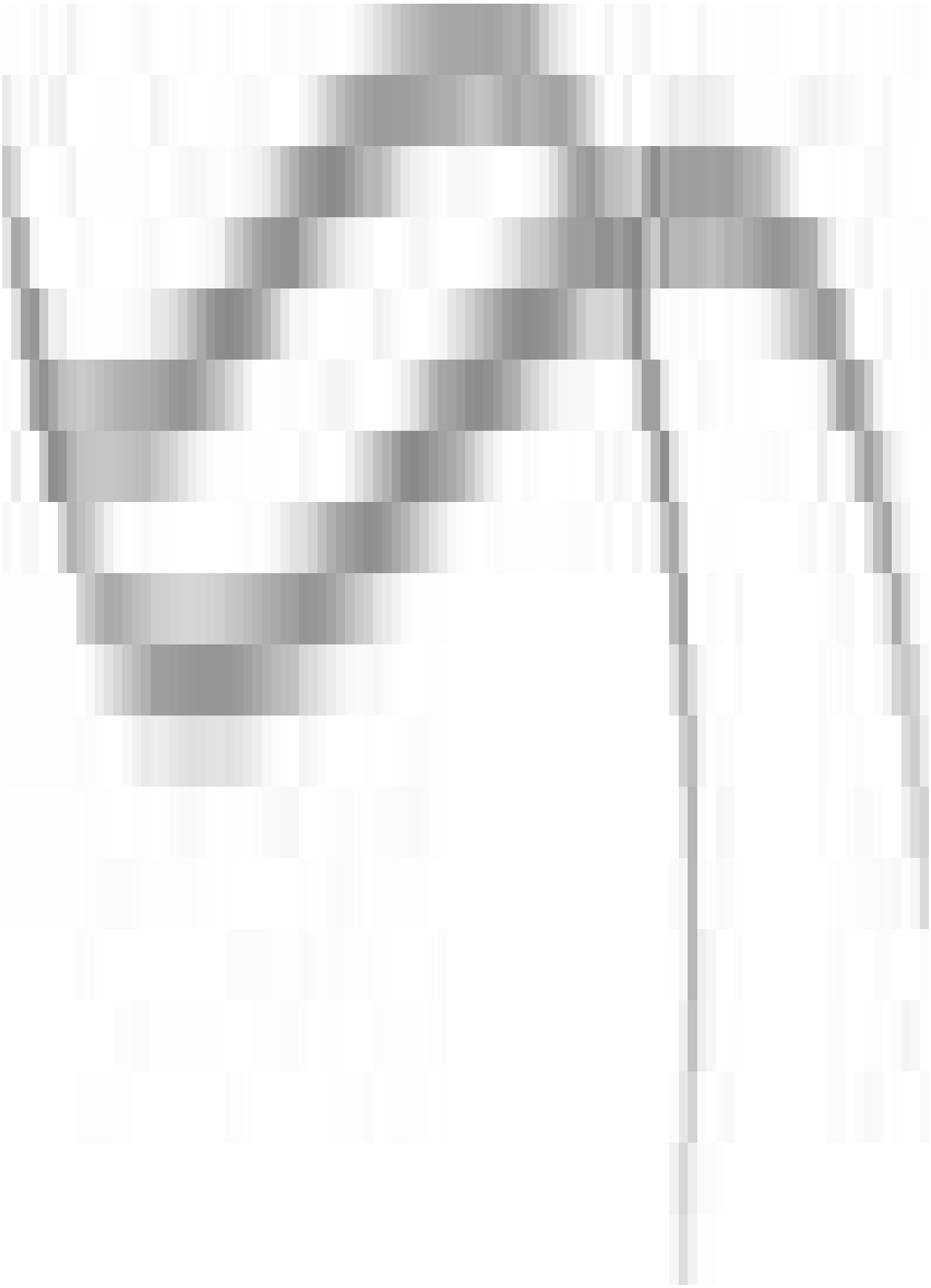
O Rev. Richard Ratcliff, de Minden, LA, com quem a igreja está intimamente ligada, urge importunadamente, instando pela consideração favorável da Junta sobre o assunto. (...) Nessas condições, a Junta considerou o pedido. Com as luzes que a Convenção possui, ela poderá deliberar conforme melhor julgar."

A Convenção, reunida em maio de 1879, encaminhou o dito relatório à sua Comissão de Novos Campos, que apresentou o seguinte Parecer:

“109. Samuel Henderson, de Alabama leu o relatório da Comissão de Novos Campos, o qual foi, após proposta, aceito depois de ter sido discutido por ele, e T. H. Pritchard, da Carolina do Norte. (...) A presente condição pecuniária da Junta, adicionada aos fervorosos apelos dos campos agora ocupados por novos trabalhadores, levaram a esta comissão recomendar a abertura de novos campos. Isto significa que é um pouco perigoso atender mais do que realmente pode ser feito. Nossa força pode dissipar-se, e nem um resultado adequado corresponderá aos esforços feitos. Porém, quando a providência de Deus aponta um grande e convidativo campo, poderia deixar-nos sem alternativa, e tal é a condição do Brasil. Nele há um grupo de pessoas do nosso país. Elas falam a nossa própria língua, entre os quais há diversos de nossa denominação. Mesmo que seja provável ocasionar um pequeno dispêndio de dinheiro, podemos considerar como poderão constituir-se em centros de influência em diversos pontos.

A ‘Primeira Igreja Batista no Brasil’, perto de Santa Bárbara, na Província de S. Paulo, é já uma organização de sustento próprio, sob o pastorado do Rev. E. H. Quillin, e tem expressado um fervente desejo para ser reconhecida por nossa Missão, com o propósito de prosseguir o trabalho missionário nas redondezas, entre os emigrados dos Estados Unidos e os nativos brasileiros. A igreja referida está, no momento, com 40 membros que expressam estar em prosperidade e em condições de ajudar a Junta. Em várias localidades não distantes de Santa Bárbara há outras colônias dos Estados Unidos nas quais há alguns batistas, que, sob a direção de um eficiente missionário, podem ser consolidadas em igrejas, e, então, num tempo comparativamente curto, e com um moderado dispêndio de recursos, poderia ser concretizada naquele País uma influência com grande promessa de êxito. O trabalho inicial no Brasil já está efetuado, e nós estamos sendo, simplesmente convidados, muito insistentemente, para ocupar o campo. Aqueles irmãos desejam ser colocados em comunhão com a grande comunidade batista para sentir as pulsações da vida espiritual, para se fortalecerem e serem encorajados para o trabalho que está diante deles. Confiamos, portanto, que a Junta sentir-se-á autorizada a entrar nesse campo tão cedo quanto os seus recursos justificarem. Membros da Comissão: S[amuel] Henderson, B. R.

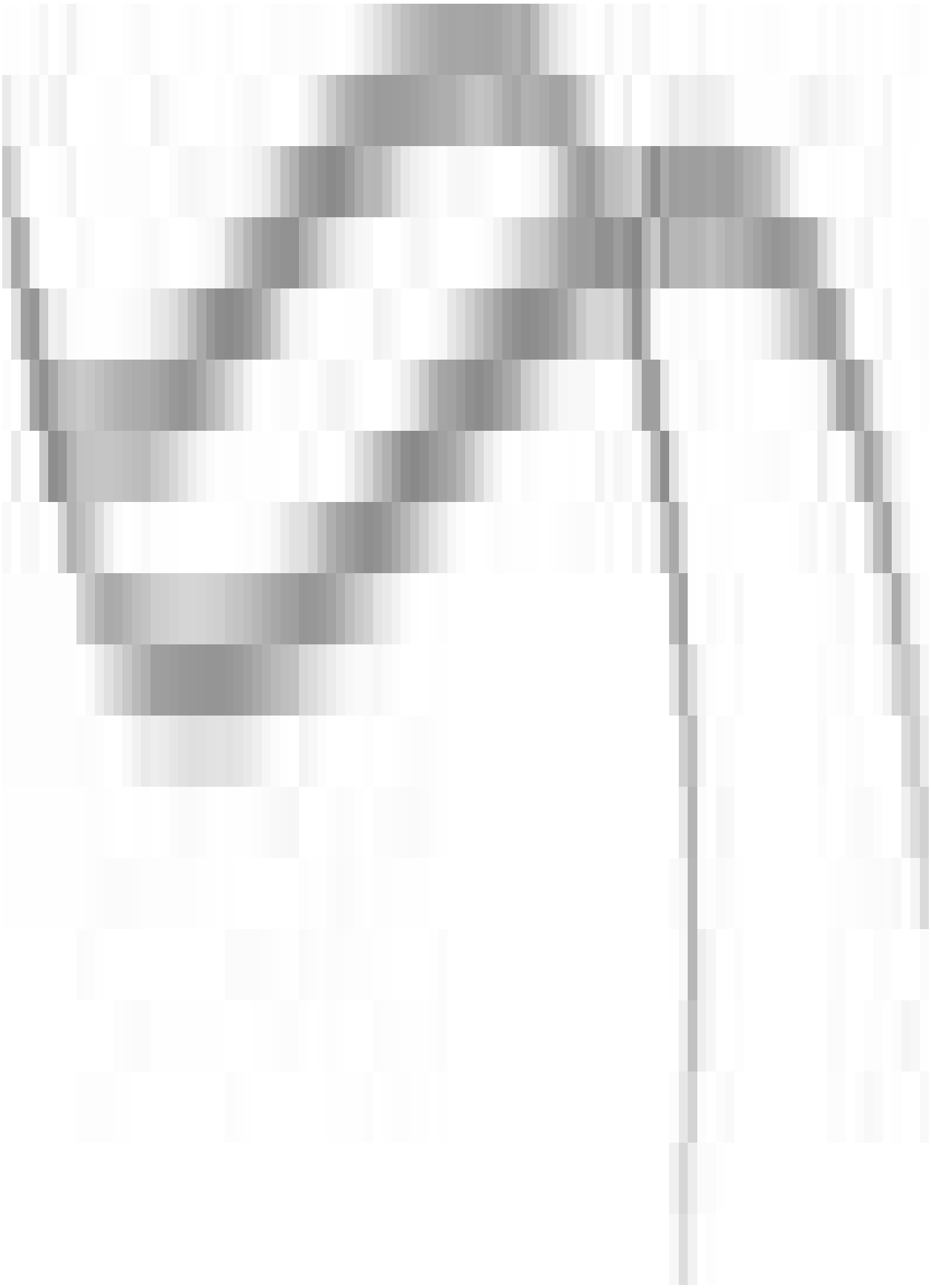
Womack, L. C. Kellis, H. G. Vallandingham, J. M. King.”



Pela leitura dos Anais daquela Convenção, nota-se a presença do Rev. William Carey Crane, antigo professor do Rev. Richard Ratcliff. Este também esteve presente àquela Convenção, ajudando a pleitear a causa de Santa Bárbara. Assim, encontramos na p. 40 de História dos Batistas do Brasil, de A. R. Crabtree:

"... O Rev. Richard Ratcliff, de Minden, LA, ex-pastor da igreja, tinha regressado aos EUA e esteve presente na Convenção em Atlanta, quando o pedido foi apresentado. Conhecia a igreja e pleiteou a sua causa."

Com a aprovação do Parecer, pela Convenção, a FMB deu os passos para a instalação da Missão no Brasil, que, segundo cálculos que fizemos com base em diversos documentos, deve ter ocorrido na segunda quinzena de junho de 1879, em Santa Bárbara, S. Paulo.



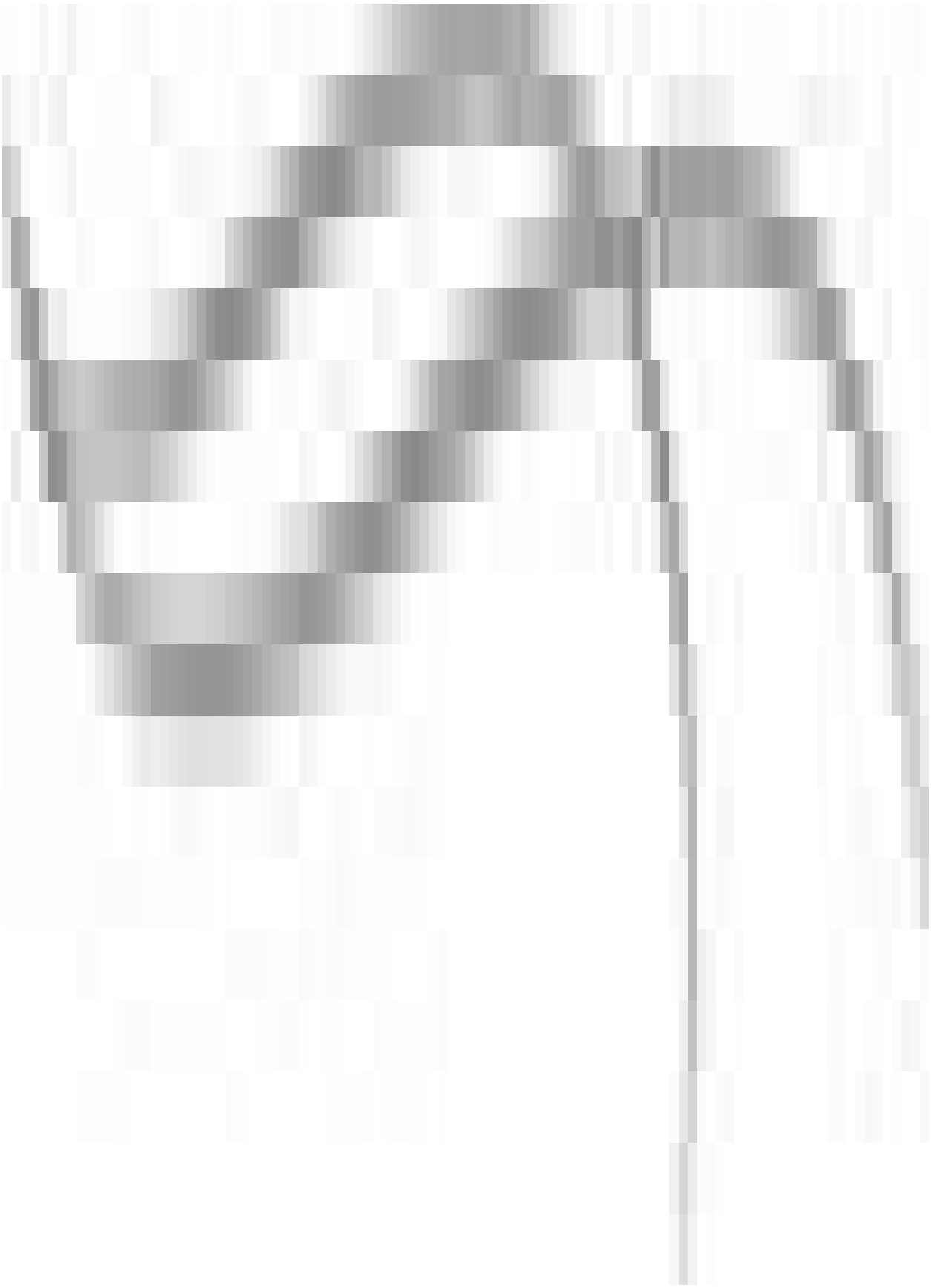
NAITR, p. 24

02.08.1879

Falecimento de

Frederick B. Ferguson

Faleceu, a 02.08.1879, com 21 anos de idade, o jovem Frederick B. Ferguson, filho de Green Ferguson e Minerva Charlotte (Rowell) Ferguson. Foi sepultado no Cemitério do Campo.



FMJ, agosto/1879, v. 11, nº 5/113, p. 1, 2, 3

Agosto/1879

Notícias — resumo

Partindo da própria FMB, o documento que aqui resumimos é muito claro quanto ao estabelecimento da Missão em Santa Bárbara, SP, naquele ano de 1879. O fato das notícias serem publicadas em agosto, o mês serve como um dos limites para os cálculos que fizemos a fim de situar a época mais provável daquele estabelecimento, ou seja, segunda quinzena de junho de 1879.

Duas páginas completas do FMJ-FMB, e mais uma coluna da página seguinte, são dedicadas ao Brasil com informações sobre os itens: povo, língua e religião, clima e produção, governo, comércio, campo de trabalho missionário, pedido de SP e outros pedidos, cartas, comunicações, relatório e as resoluções da PIB/SB. Sob o título "Nossa Missão Brasileira", destacamos o seguinte:

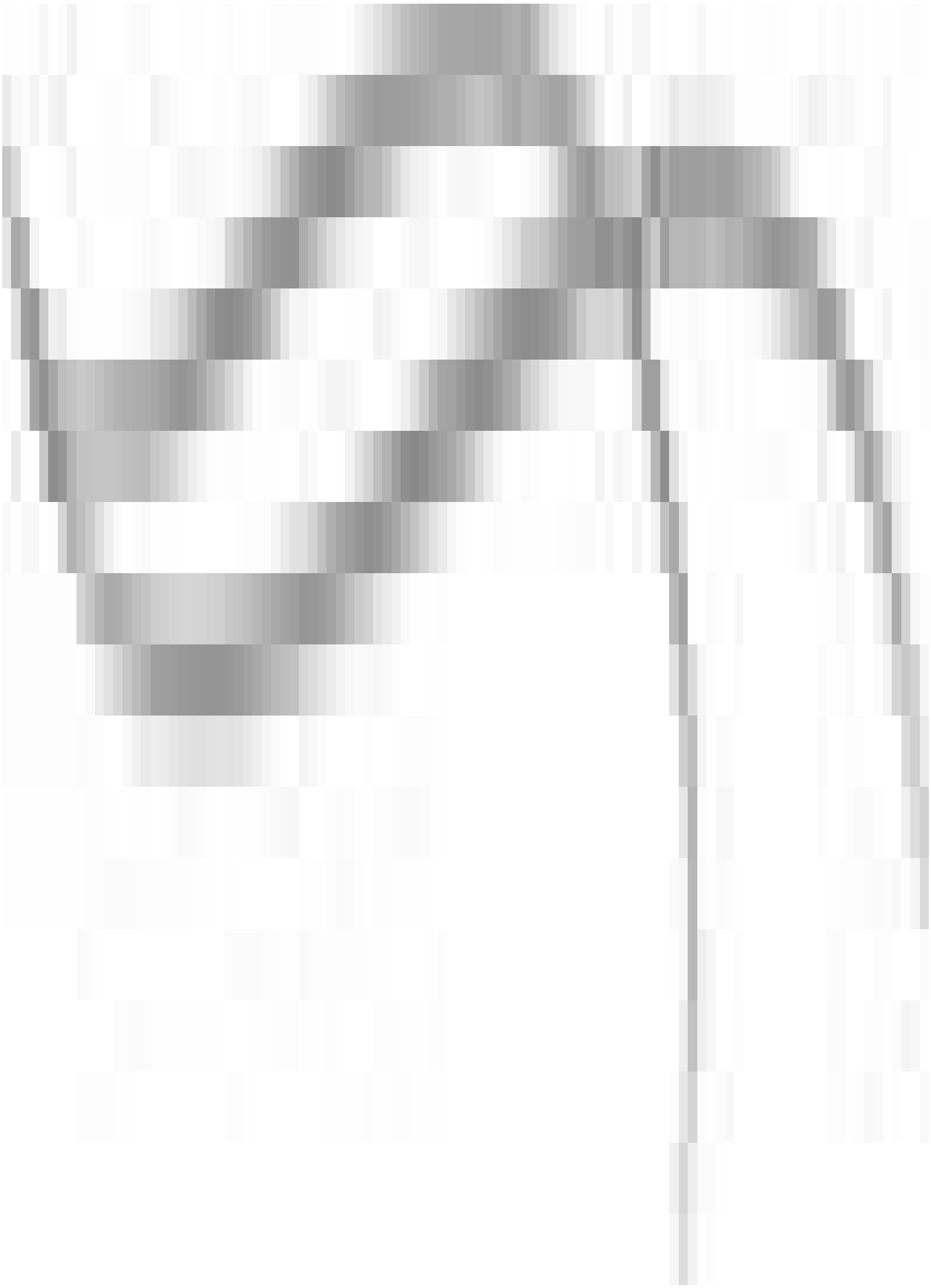
"... De acordo com a recomendação de nossa Junta, a Convenção Batista do Sul, na sua última assembléia manifestou a esperança de que 'a Junta poderia abrir o trabalho no Brasil tão logo isto fosse possível.' A Missão foi estabelecida em Santa Bárbara, na Província de S. Paulo, (...) sob a responsabilidade do irmão E. H. Quillin. (...)

Esperamos que os corações e as orações de nosso povo estejam inteirados deste nosso novo empreendimento. Presumimos que o valor do povo e país decantado por Kidder e Fletcher, em o 'Brasil e os Brasileiros', não nos será indiferente. (p.1, c. 1) (...)

... grandes plantações as quais podem ser vistas entre Santos e São Paulo, onde nossa Missão está estabelecida. (p.1, c. 1) (...) Nosso presente trabalho no Brasil

não é uma nova idéia. (p. 2, c. 1) (...) No último relatório anual, a sugestão da Junta foi aceita pela Convenção, resultando no estabelecimento da Missão.” (p.3, c. 1)

Este mesmo número do FMJ transcreve a carta da PIB/SB, de 11.01.1873, e carta do Rev. Richard Ratcliff, de 01.10.1878, e também cinco das Vinte e Uma Resoluções da Igreja, enviadas para a Junta, cujo teor pode ser apreciado sob o referido título — Junho?, 1878.



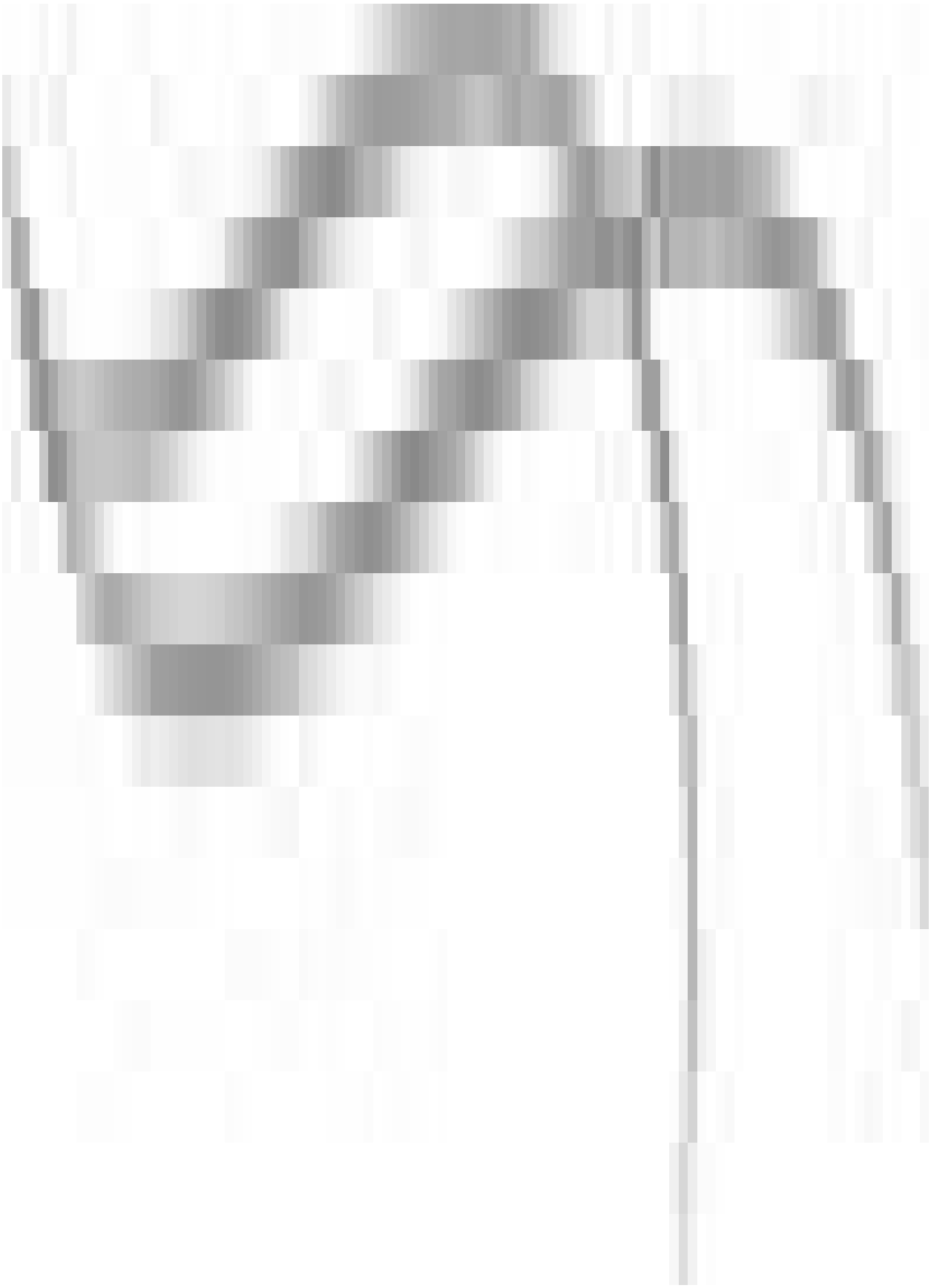
7/8,1879

A. T. Albuquerque

em Piracicaba

Mais ou menos em julho ou agosto de 1879, estava chegando em Piracicaba, SP, o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, com a sua família. A Missão Metodista, através do Rev. John James Ransom, da Igreja Metodista do Catete, Rio de Janeiro, decidira enviá-lo, como missionário nativo, para ajudar a Missão em Piracicaba. O Rev. Junius Easthan Newman, metodista, e suas duas filhas, Mary Phillips Newman e Anne Ayres Newman, acabavam de abrir a Escola Newman. A. T. de Albuquerque seria um elemento de valor nesse trabalho de educação.

A Escola teve vida muito curta. Anne Ayres Newman casou-se com o Rev. J. J. Ransom e retirou-se para o Rio de Janeiro. Pouco tempo depois ela faleceu e o viúvo foi para os EUA. Ali seria o arauto a dar a notícia da vinda do casal Bagby ao Rev. Newman, que se achava em SBSP. Mary Phillips adoeceu e a escola suspendeu as suas atividades. Tinha, porém, deixado a semente para o que hoje é a Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP.



Original no Arquivo da FMB

(Ver págs. 700 a 702)

06.09.1879

Oito Resoluções da PIB/SB

O documento de 06.09.1879, a seguir, é a resposta da PIB/SB, à FMB pelo comunicado a respeito da decisão tomada em maio anterior para o estabelecimento da Missão no Brasil. O manuscrito original em inglês, encontra-se no arquivo da FMB e foi copiado pela autora deste trabalho, com a devida permissão.

Ele merece uma leitura cuidadosa quanto ao desejo da igreja expresso num programa missionário com vistas ao “avanço da proclamação do evangelho no Brasil”

“RESOLUÇÕES votadas pela igreja, no ‘sábado antes do primeiro Dia do Senhor em setembro A.D., 1879’ — [06.09.1879]

1. Que os membros da ‘Primeira Igreja Batista de Cristo do Brasil’, em sessão, tornam ciente o recebimento de uma carta do secretário-correspondente da Junta de Missões Estrangeiras do Sul, comunicando a decisão da 24ª sessão de SBC, de que esta igreja foi considerada como um núcleo missionário de sustento próprio.

2. Que o reconhecimento desta igreja, da parte daquela Junta, como um núcleo missionário de sustento próprio, não só conta com a nossa aprovação, mas

também está de acordo com os nossos pontos de vista e desejos, desde que podemos considerar que o núcleo é o estabelecido para facilitar os esforços, inspirar confiança e avivar os nossos prospectos no avanço da Verdade Bíblica.

3. Que nós não só consideramos que esta igreja tem a habilidade tanto quanto o desejo de manter cada uma de suas responsabilidades. Porém, que sabe de outros grupos americanos nos quais há elementos batistas bastante fortes para organizarem uma pequena igreja que poderia também ter o seu sustento próprio.

4. Que requeiramos da Junta, com o máximo respeito, a sua recomendação para que esses grupos sejam alvo de atenciosas orações do ministério; e que seja trocada correspondência conosco sobre o assunto.

5. Que cooperemos com a ação da Junta para uma razoável amplitude de nossa capacidade no sustento e avanço da proclamação do evangelho no Brasil.

6. Que qualquer ministro, solteiro ou não, que vier para este país, tendo uma nomeação ou recomendação da Junta de Missões Estrangeiras, será alvo de nossa união de interesse e esforços em seu favor, para que ele seja bem localizado e tenha cuidadas as suas responsabilidades.

7. Que desde quando o governo brasileiro oferece transporte gratuito [sic] para os emigrantes, recomendados como bons cidadãos; faremos o melhor possível no tocante aos papéis da emigração para que estes sejam dirigidos a algum ministro que possa desejar emigrar para o Brasil. Assim, ele e a sua família terão passagem gratuita [sic] desde o lugar do seu embarque até o seu destino, no fim da linha férrea, a 400 milhas do Rio de Janeiro, no interior.

8. Que o secretário-correspondente [da igreja] seja autorizado a enviar ao secretário-correspondente da Junta de Missões Estrangeiras, uma cópia destas ‘Resoluções’ e que elas sejam insertas nas atas desta sessão.

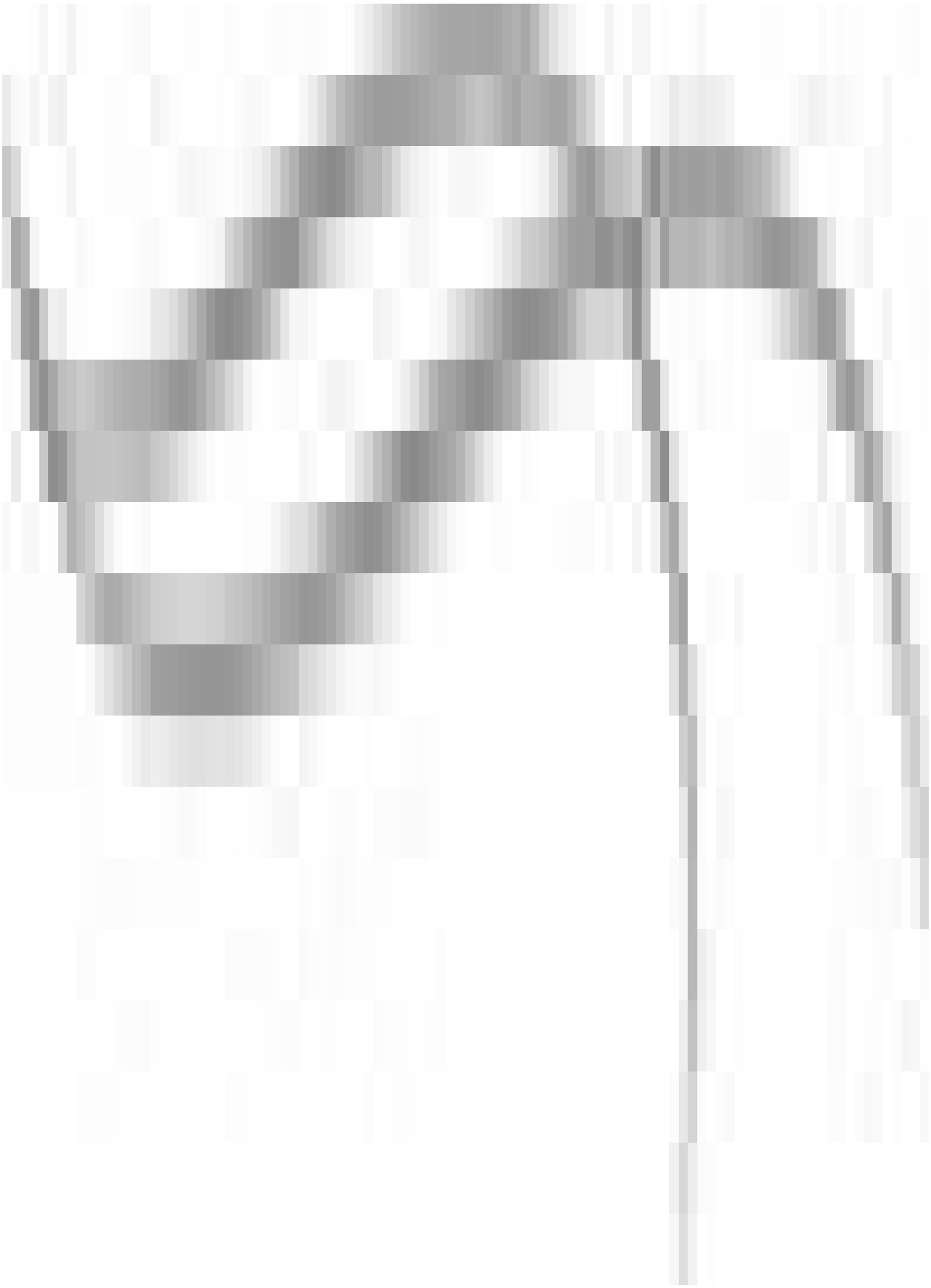
Feito por ordem da igreja, no sábado antes do primeiro Dia do Senhor, em setembro, A. D. 1879.

William F. Thomas — secretário da igreja

E. H. Quillin — moderador.”

É interessante notar a última frase acima revelando claramente que havia atas. Lamentamos que até o presente não tenhamos conseguido localizar os livros de atas e outros da PIB/SB.

Relembramos aos leitores que todos os grifos em linha simples são da autora deste trabalho. Os de linha dupla indicam o grifo no original.



FMJ, jan./1880, v. 11, nº 10/118, p. 2

18.10.1879

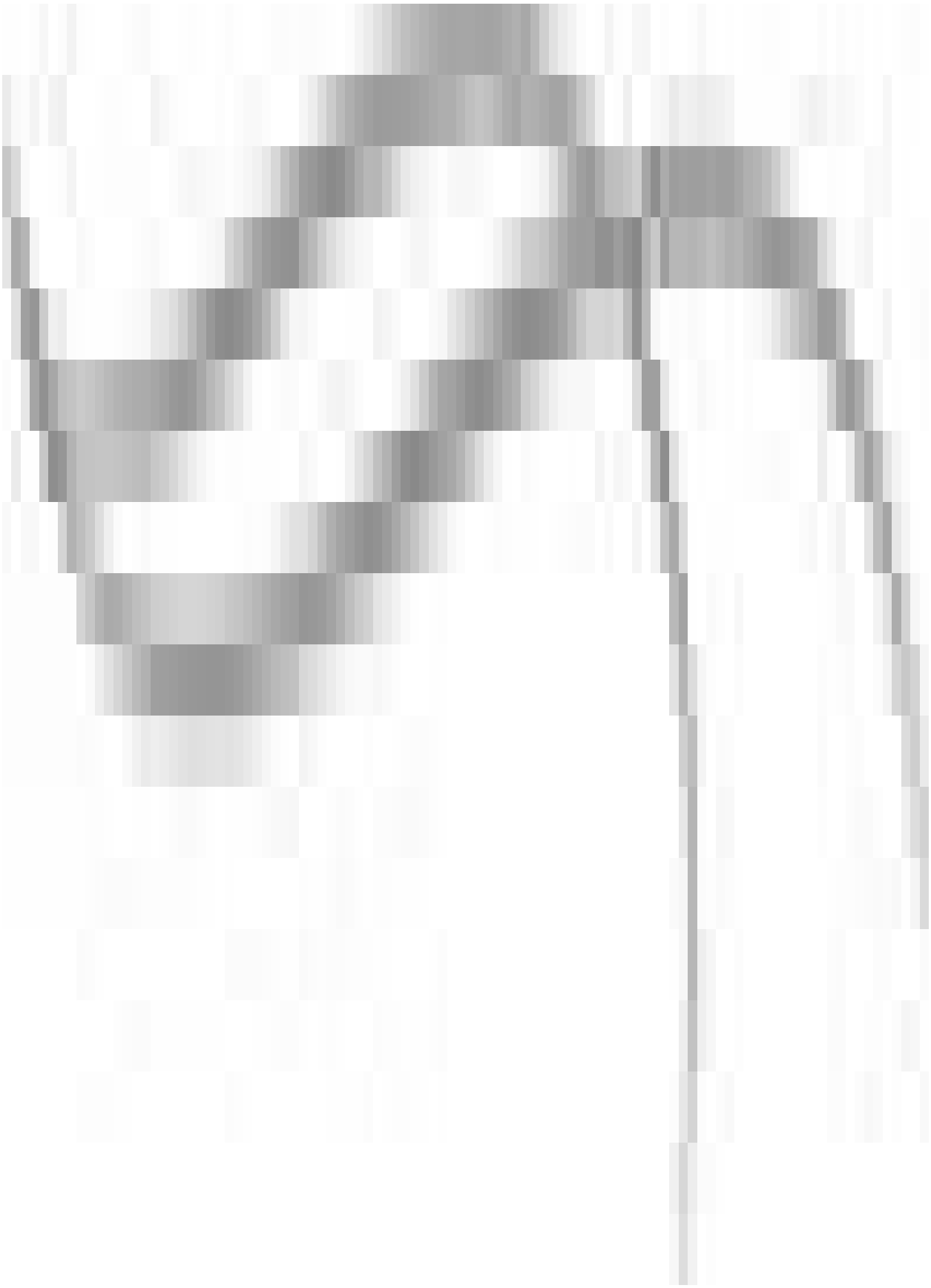
Notícias

O FMJ, acima citado, na coluna destinada aos nomes dos missionários da FMB-SBC e os respectivos núcleos ou Missões mostra o seguinte:

“Brasil. Santa Bárbara — S. Paulo — E. H. Quillin”

O mesmo repete-se no número de nov./1879. Esses registram e confirmam a instalação da Missão e a nomeação do Rev. Quillin como seu missionário. (Ver pág. 705)

A p. 2 do exemplar de jan./1880 é dedicada ao Brasil, com informações dadas pelo Rev. Quillin. São noticias em uma crônica. Aqui registramos alguns trechos apenas. Título: “De nosso missionário na América do Sul. A Colônia anglo-americana no Brasil.”



“Dr. Tupper: Acabamos de ler o seu longo editorial sobre a Missão Brasileira. Sentimo-nos muito contentes por isso. Gostaríamos de acrescentar algumas observações, como se fossem um P.S., servindo como destaques, sobre os agrupamentos anglo-americanos no Brasil. (...)

Esta crônica pode despertar o interesse para a FMB, visto que o campo é vasto e ainda não cultivado, eminentemente propício ao trabalho missionário. A marcha dos eventos indica, com clareza, que agora é o tempo para a sua ocupação. (...)

Aprendemos que talvez a maior barreira para a emigração sejam as despesas nos portos de embarque. Nós, que vivemos aqui, estamos em correspondência regular com os EUA e somos capazes de julgar mais ou menos corretamente a extensão do espírito de emigração que é agora mover a corrente na mente popular. Um exemplo poderia dar: um vizinho me disse hoje que nos últimos dois meses ele recebeu 23 cartas, de diversos Estados do Sul, desejando informações com vistas à provável vinda para o Brasil. (...)

Um ministro batista, de Louisiana, escreveu-nos que ele poderia conseguir 1000 emigrantes, se pudesse ter as passagens. Outro amigo, do Texas, disse que poderia trazer com ele uma centena de famílias se houvesse possibilidade de terem suas passagens pagas. (...)

O numero de norte-americanos no Brasil não é conhecido. Mas cremos que a maioria deles mora nesta Província. O principal grupo está estabelecido em Santa Bárbara e adjacências. Existem aqui quatro grupos, numa população de 300 americanos e talvez 2000 brasileiros, alemães, italianos etc. O grupo anglo-americano está estabelecido aqui. Já tem a sua igreja, o cemitério, a escola, a loja maçônica, sua casa de fazenda, a plantação e o maquinário.

O grupo é de metodistas, presbiterianos e batistas. O primeiro e o último possuem mais ou menos o mesmo número, enquanto o outro é mais fraco. Os batistas têm um ministro, ‘um pobre mestre-escola’*, que defende e apresenta as peculiares doutrinas de sua igreja. Há outros dois ministros vivendo não muito distante de SB. Um deles nunca pregou no Brasil, embora seja um veterano, pois foi por anos pastor numa populosa cidade do Sul. O outro tem a sua espada na bainha e está descansando no seu posto, empregando o seu tempo na agricultura. (...)Quase todos estão prosperando e são independentes. Muitos deles chegaram aqui muito pobres, pedindo ajuda ao governo brasileiro, para as passagens. Ou por motivos voluntários ou por necessidade forçada, eles cedo conseguiram superar todos os óbices com perseverança, cuidando inclusive da fabricação de suas roupas. Os brasileiros despojaram a máscara de desconfiança que os impedia e se aproximaram com demonstrações de profunda amizade. (...) * (Pobre, no sentido financeiro.)

Saltinho é um pequeno lugarejo, distante de Santa Bárbara, mais ou menos 25 milhas. Algumas famílias estão morando ali. Há uma intensa população de brasileiros vivendo em seu meio e ao redor deles. Se uma pequena igreja pudesse ser ali organizada e algum irmão que não tenha medo do trabalho pudesse não só cuidar dela, mas fazer o seu trabalho agrícola, com economia, cedo poderia ter uma fortuna aos seus pés. As terras aqui são superiores, bem situadas, regadas e bem adaptadas aos frutos tropicais e produções, e com o preço do café, em ascensão, é e pode ser cultivado com êxito. (...)

Se alguma igreja batista, incluindo pastor, diáconos e o secretário, desejar ali estabelecer-se para a organização de uma grande comunidade batista, esse trabalho poderá ser sempre lembrado. E pela indústria, economia sob a providência, poderão fazer fortuna. Não haveria uma igreja em todo o Sul que assim desejasse fazer, efetuando essa operação? (...)

Piracicaba é uma florescente cidade de 3 a 4 mil habitantes, situada a 20 milhas

de Sta. Bárbara, na cabeceira do rio Piracicaba, navegável, e agora é ponto terminal da ferrovia de S. Paulo. É um centro comercial de rápido desenvolvimento. Ali temos varias famílias, algumas das quais de bons batistas que desejam ser organizados em igreja. Almejam, com ansiedade, por um pastor que possa ali estabelecer-se. (...)

Além de outras características há um forte sentimento antiromanismo permeando todas as classes da sociedade. (...) Um bem educado e devotado missionário seria bom. Se pudéssemos firmar nessa cidade um grupo de famílias batistas com um ministro, teríamos um núcleo de valor para o futuro. (...)

Botucatu é uma cidade promissora com cerca de 1000 habitantes. Situa-se a cerca de 100 milhas a sudoeste de S. Paulo, onde algumas famílias anglo-americanos já estão engajadas na produção do café. Temos entre elas alguns nobres batistas e ansiosos aguardam um ministro e uma igreja.(...) O missionário que se estabelecer em Botucatu estará influenciando um elevado círculo da vida brasileira, educado, polido e alto. (...)

Além desses, há alguns outros lugares. Não temos falado de Campinas, nem de São Paulo. Em cada uma delas há famílias norte-americanas. (...)

Deixe-me falar mais especificamente ao Ministério Batista do Sul dos EUA. (...) Se vierem pastores para o Brasil, terão que aprender a língua portuguesa. Esta será a maior dificuldade. Porém, seis meses serão suficientes para aprendê-la.”

O Rev. E. H. Quillin assina o documento, como pastor da PIB/SB. Menciona, ainda, outros lugares como Santos, Cananéia e Assungui. Essas informações foram escritas em Santa Bárbara, SP, a 18.10.1879.

Partes “C” ver pág. 385 e “D” ver pág. 461.

02.11.1879

Organização da

Segunda Igreja,

a da Estação

A 02.11.1879, foi organizada a Igreja Batista da Estação, a segunda em solo brasileiro, no município de Santa Bárbara, SP. Os documentos que haviam sido publicados pela FMB, no seu jornal FMJ e nos relatórios dos Anais da SBC, mais os originais ainda existentes em um ou outro arquivo, e não publicados, permitem uma reconstituição parcial da vida da igreja.

A Igreja Batista da Estação foi fundada com 12 membros procedentes da primeira igreja, organizada a 10.09.1871, também em Santa Bárbara. Adiante estão nomes de alguns dos possíveis membros da igreja:

01 — Charles Columbus FENLEY

02 — Hulda V. FENLEY

03 — John Henry ROWE

04 — Mary Virginia (Carlton) FENLEY

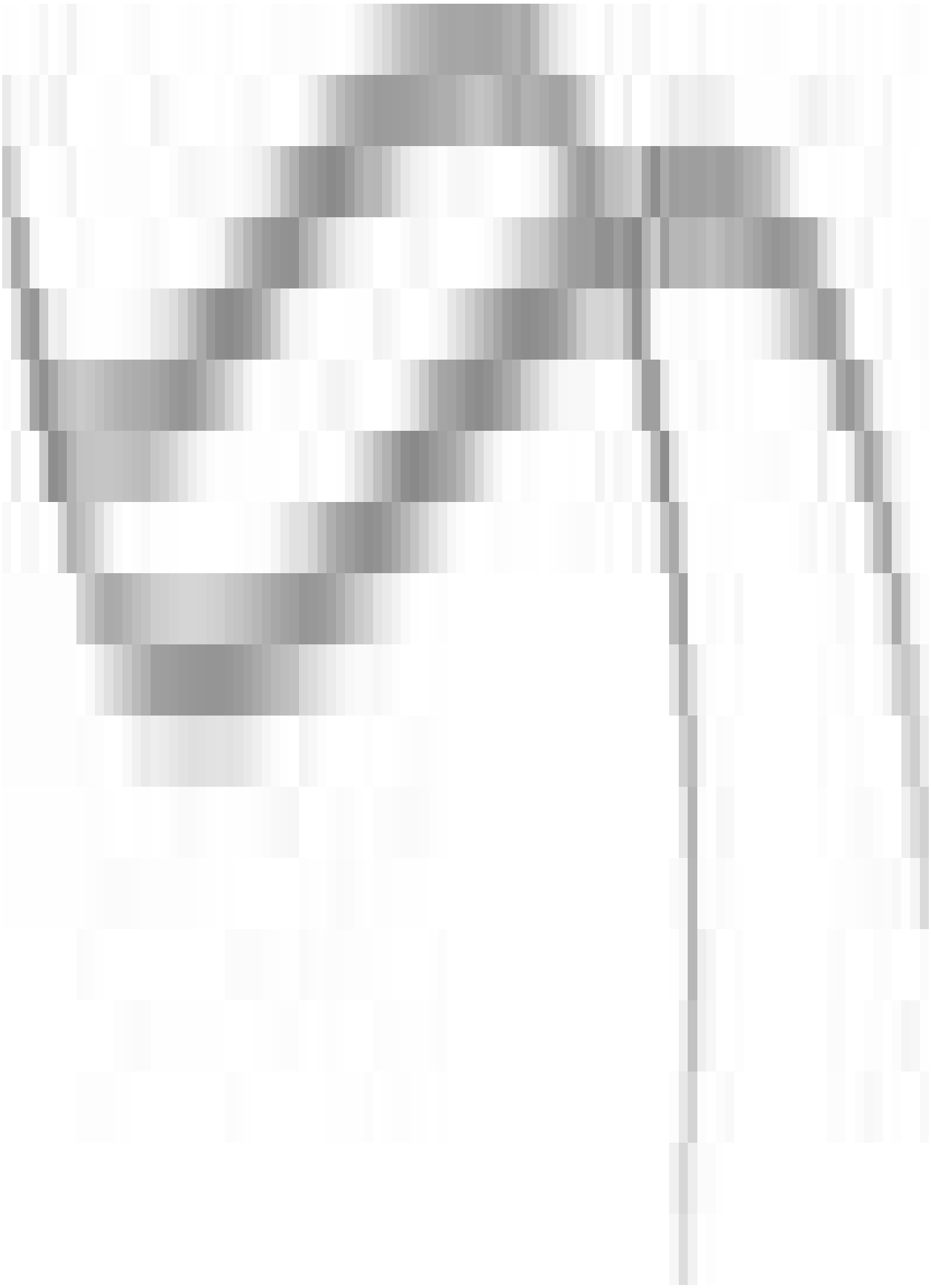
05 — P. P. A. FENLEY

06 — Pleasant M. FENLEY

07 — Sarah A. (Blair) FENLEY

08 — S. Y. M. RUSSELL (Seria Samuel Yancey McRussell?)

Os quatro restantes, do total de 12 membros, não foram ainda identificados.



FMJ, maio/1880, Supl. p. 1, c. 3

SBCA, maio/1880, p. 53

05.01.1880

Posição da FMB

A 05.01.1880, a FMB, em sua reunião regular, estabeleceu a sua posição concernente ao trabalho em Santa Bárbara, SP:

“A comissão designada para os assuntos da Missão, na América do Sul, usa desta ocasião para dizer, em referência à nossa Missão em Santa Bárbara, que, como a responsabilidade do seu sustento descansa sobre os seus próprios ombros. Nada há para ser feito por nós em seu favor, a não ser o cuidado e amor por seus componentes, que devem repousar em nossos corações. Se nós os alimentarmos com a simpatia e as orações, Deus pode, por sua graça, abrir o caminho para que entremos mais extensamente naquele campo tendo os recursos financeiros, os quais, na verdade, não serão tão difíceis, pela graça e poder de Deus.”

FMJ, março/1880, v. 11, nº 12/120, p.

maio/1880, Supl. p. 1

SBCA, maio/1880, p. 51-54

3/5/1880

Notícias e Convenção

O FMJ, de março/1880, publicou informações sobre o Brasil, escritas em Santa Bárbara, pelo Rev. E. H. Quillin. O artigo focaliza fatos da história do Brasil, desde a sua descoberta. Dá uma idéia da vastidão do território brasileiro, com as suas possibilidades para ser uma grande nação. Menciona o valor da rede hidrográfica, desde Tabatinga a Belém, destacando o rio Amazonas com os seus afluentes e tributários. Ainda, dos rios S. Francisco, Paraná e da extensão da costa marítima.

O Rev. Quillin visava, assim, dar mais alguns elementos para uma projeção missionária em termos agigantados.

O FMJ, de maio/1880, no seu suplemento, tem a sua p. 1 quase toda preenchida com informações sobre o Brasil. Vamos fazer alguns destaques:

“Ano passado, a Convenção autorizou a Junta a entrar no Brasil. Duas frentes foram abertas naquele país: uma em Santa Bárbara, conhecida como a Primeira Igreja Batista do Brasil, e a outra num lugar chamado Estação. Ambas estão na Província de S. Paulo. O trabalho está sob os cuidados do Rev. E. H. Quillin.

A Igreja Batista da Estação foi organizada no primeiro domingo de novembro último [02.11.1879] com doze membros da Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara. A igreja escreveu à Convenção: ‘Cremos que a nossa pequena igreja logo ocupará alguma proeminência na sua Missão Brasileira, e será capaz de prestar alguma assistência na disseminação das Escrituras. (...)

[O Rev. E. H. Quillin] é capaz no púlpito, exemplar na vida diária, sadio na doutrina, simples nas maneiras, estimado pelos americanos e popular entre os brasileiros. Talvez seja mais familiarizado do que qualquer um outro, com relação aos assuntos brasileiros e adaptado em qualquer respeito à Missão.

(...) O nosso missionário no Brasil escreve à Convenção dizendo que a posição da Missão, quanto ao sustento próprio, e ainda sob o nosso amparo, é tão anômala que ela poderia despertar uma consideração especial. Ele faz um apelo para que muitos decidam-se a ir, sem receio, para o Brasil. Ele manifesta confiança no futuro do país e insiste no sentido de que haja uma emigração missionária voluntária. Pergunta se não haveria um pastor que desejasse realizar um grande movimento no campo missionário. 'Venha enquanto a maré da emigração está se movendo no rumo de tomar posse das ricas terras do Brasil.'(...)

O mundo se move para frente. Deixem-nos que nosso ensinamento e divisa avancem. O dia vem no calendário celeste quando a América do Sul ouvirá o evangelho do Filho de Deus. A oposição humana não poderá impedir os propósitos de Jeová."

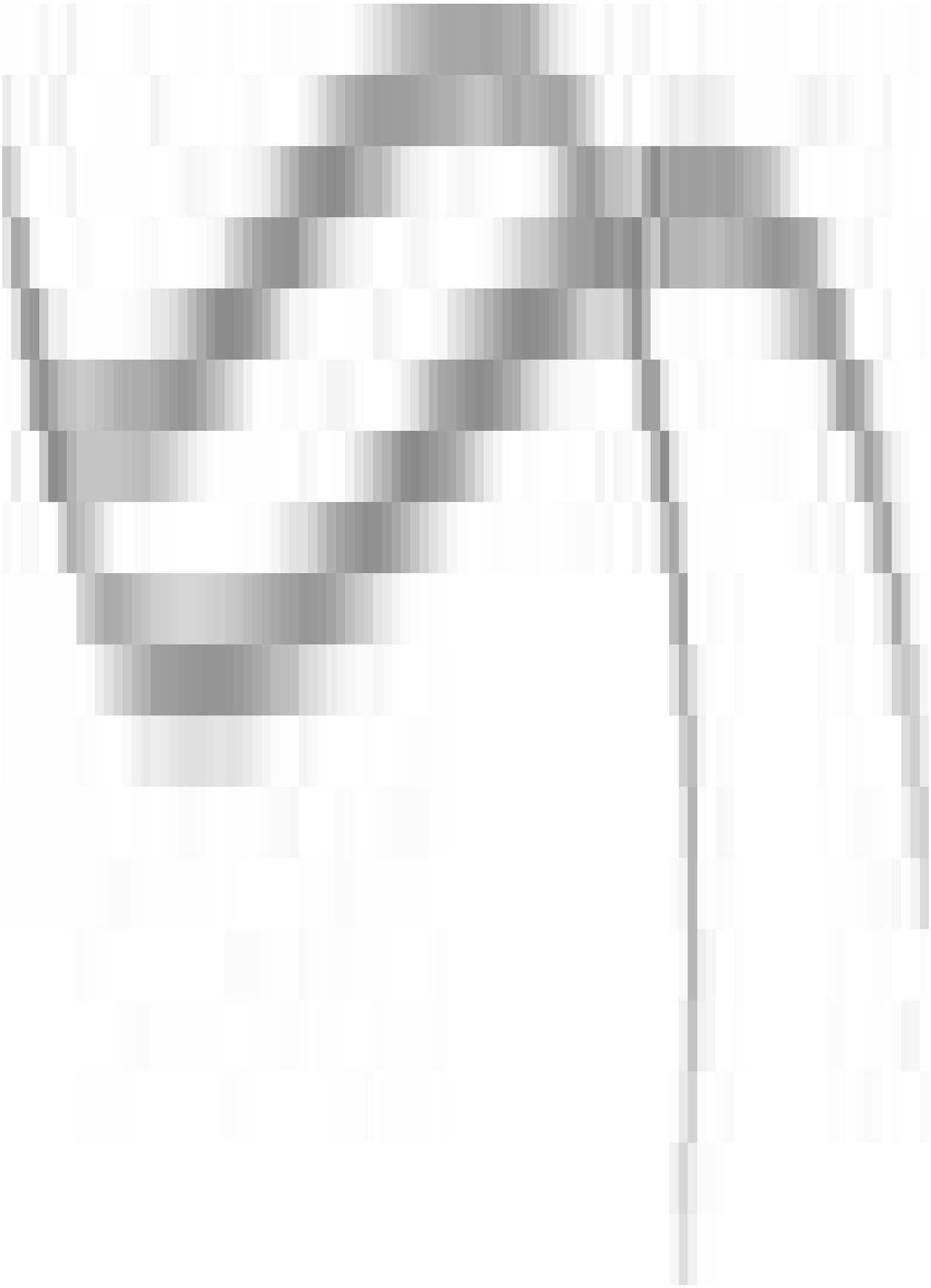
Na mesma página temos também uma informação da Primeira Igreja em Santa Bárbara:

"Esta igreja, de 30 membros, e de sustento próprio, parece profundamente imbuída do espírito de missões. Eles aspiram por fazer alguma coisa pela evangelização dos nativos. Duas proposições são apresentadas. Uma é que 'a nossa Convenção os ajude a impulsionar esse trabalho, pelo sustento de missionários, por um ano, depois do que eles não encontrarão dificuldade em tomar a responsabilidade por si mesmos.

A outra é que ministros de Jesus Cristo consagrados para o seu serviço e confiados nas promessas e presença de Deus ofereçam-se como missionários voluntários para aquele país, onde 'a terra os recompensará com abundância e a igreja estenderá sobre eles o seu cuidado material'.

Esta última proposição, eles a preferem e pensam que ela está mais de acordo com o espírito do evangelho. Este comunicado, como aquela informação da

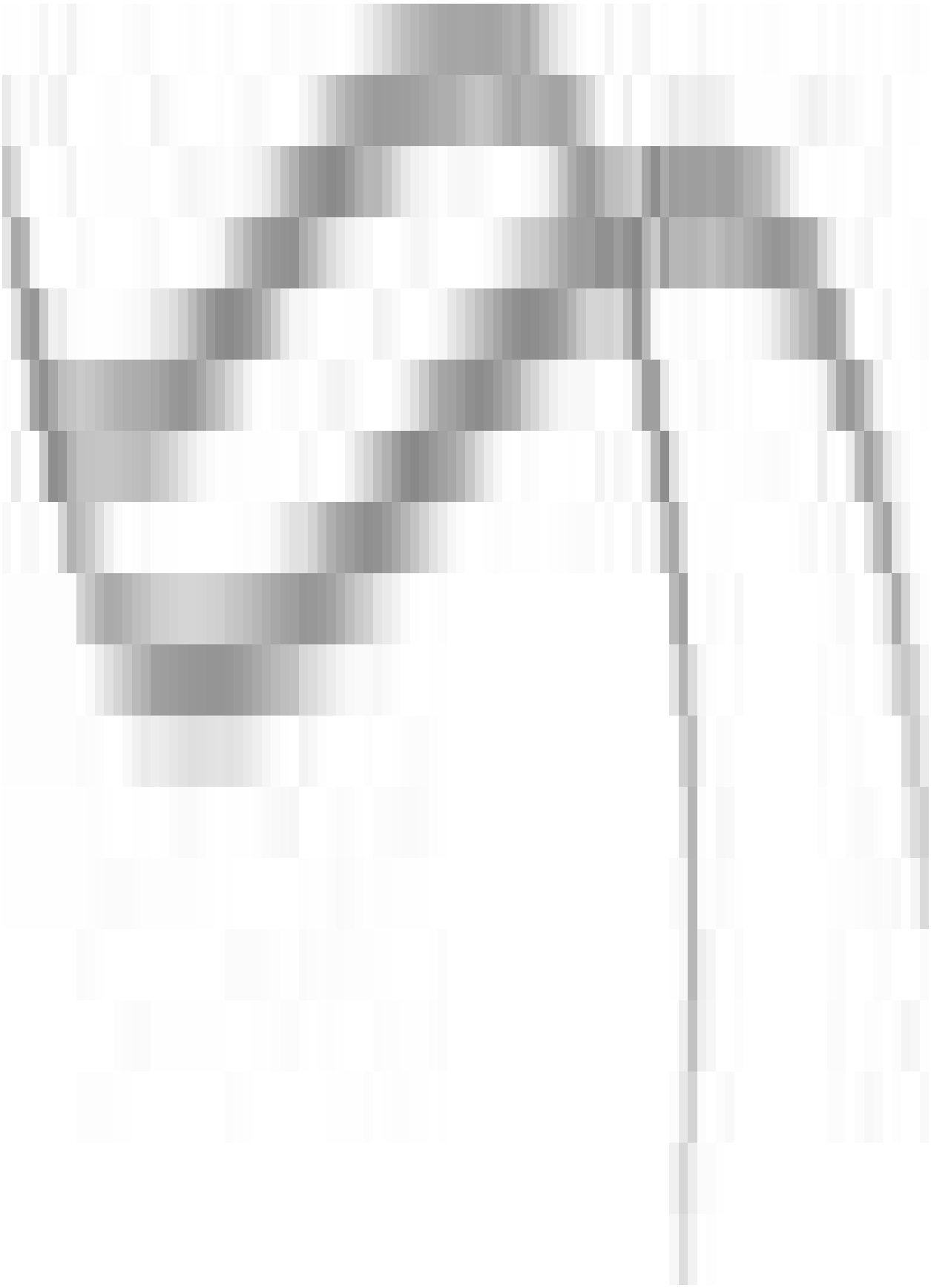
Igreja da Estação, é fervoroso em sentimento e enfático na expressão.”



Maio/ 1880

Convenção

Ver parte “C”, comentário relacionado com o trabalho em Santa Bárbara. (Pg.38) Ver parte “B” — A. T. Hawthorn. (Pág. 330)



Documento original no Arquivo da FMB-SBC

(Ver págs. 703 e 704)

20.06.1880

A. T. Albuquerque

Profissão de fé,

batismo e sua

Consagração ao Ministério

O documento que segue é a tradução do original, em inglês, encontrado no arquivo da FMB-SBC. Na Parte “E” deste livro, pode ser apreciado um fac-símile do original, nas páginas 703 e 704. O mesmo já foi reproduzido no livro de nossa autoria, Antonio Teixeira de Albuquerque, o Primeiro Pastor Batista Brasileiro, publicado em 1982. Na parte “B” deste trabalho, incluímos o texto do referido livro integralmente..

Anexo nº I

“Santa Bárbara, Brasil, América do Sul, 12 de julho de 1880.

Dr. H. A. Tupper

Prezado Irmão:

O secretário da Igreja da Estação, Irmão S. J. M. Russell, ficou incumbido de preparar o sumário de fatos, conforme se vê adiante, e enviá-lo para o conhecimento da Junta de Missões Estrangeiras. Mas, atendendo a especial solicitação do referido secretário, envio-o, desde que o irmão é a pessoa certa para receber este sumário e transmiti-lo à Junta.

Loja Maçônica,[1] Santa Bárbara,

11 horas, 3º domingo de junho de 1880.

A quem interessar possa, é dado a conhecer por meio desta que, no terceiro domingo de junho de 1880,[2] as Igrejas Batistas da Estação e a Primeira de Santa Bárbara reuniram-se em Concílio para o seguinte: recepção, na igreja, do Rev. Antonio Teixeira de Albuquerque, e sua imediata consagração ao Ministério da Palavra, tendo sido ele missionário metodista em Piracicaba, extensivamente conhecido, e intimamente familiarizado com muitos membros da igreja e, enquanto também, o de haver testemunhos de respeitáveis autoridades quanto ao seu valor moral. E quanto ao afastamento do seu campo de trabalho, redundou no seu imediato retorno aos seus deveres oficiais.[3] Foram consideradas devidamente as regras ordinárias de suspensão de tempo,[4] tendo em vista a consagração. Ele foi aceito na igreja e, a pedido do pastor, foi batizado pelo pastor R. P. Thomas,[5] na presença de uma grande congregação de americanos e brasileiros. Depois do batismo,[6] o Concílio reuniu-se em sessão e, por unanimidade, foi o candidato chamado para a sua consagração, a qual processou-se conforme ordem usual, tendo como oficiantes o pastor Thomas e o pastor, após o que o Concílio votou unanimemente o seguinte:

1 — que, com todo o empenho, solicitemos à Junta de Missões Estrangeiras da

Convenção Batista do Sul para que ele seja nomeado[7] com a quantia de $600,00[8] por ano, sendo que o restante do seu sustento ficará no campo, de acordo com o compromisso assumido por todos.[9]

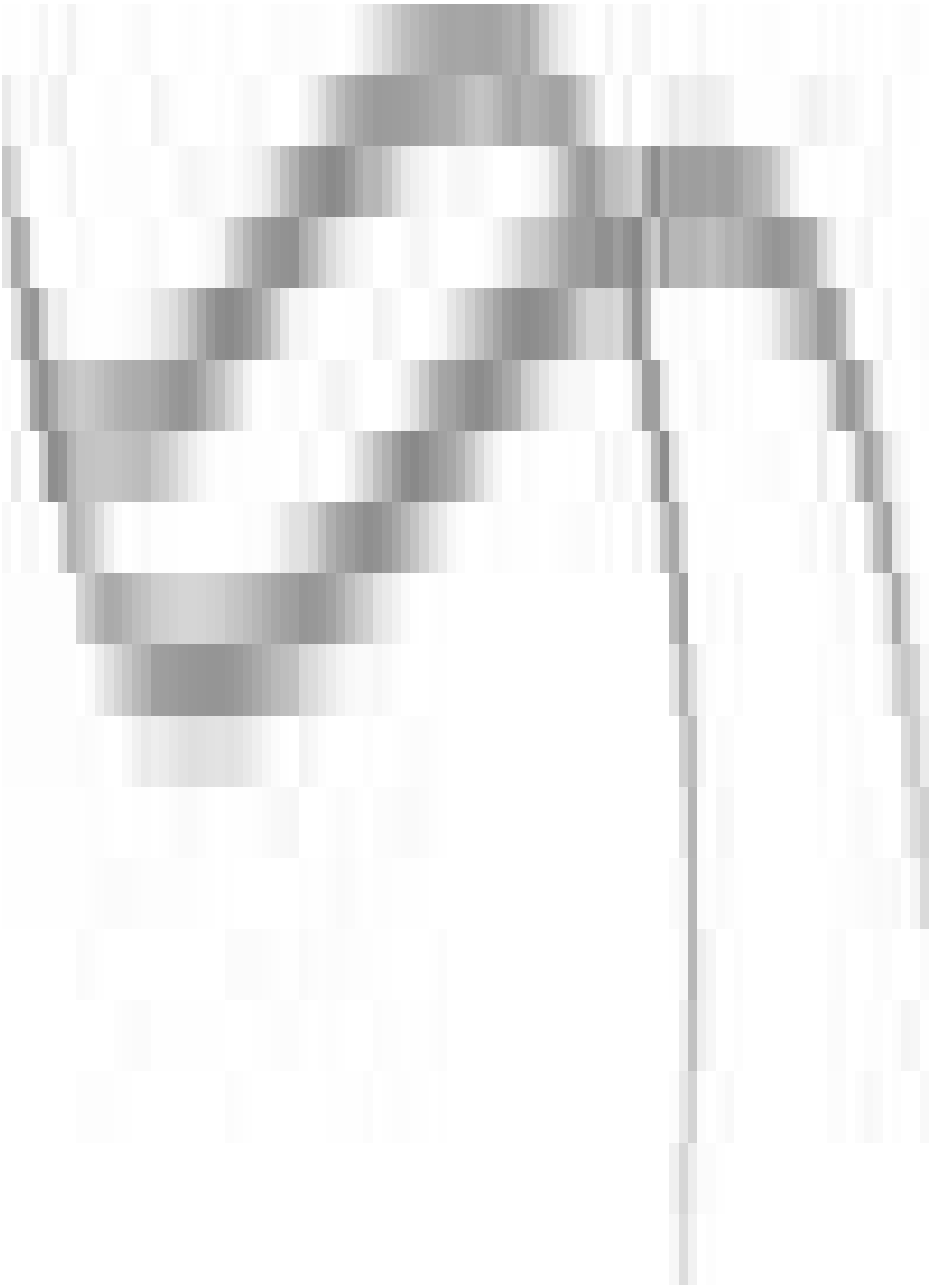
2 — que o pastor e secretários das igrejas se correspondam com a Junta sobre este assunto.

E. H. Quillin[10]

Moderador do Concílio

S. J. M. Russell

Secretário da Igreja da Estação.”



Documento original, em inglês, no Arquivo da FMB-SBC;

20.07.1880

Carta de SBSP

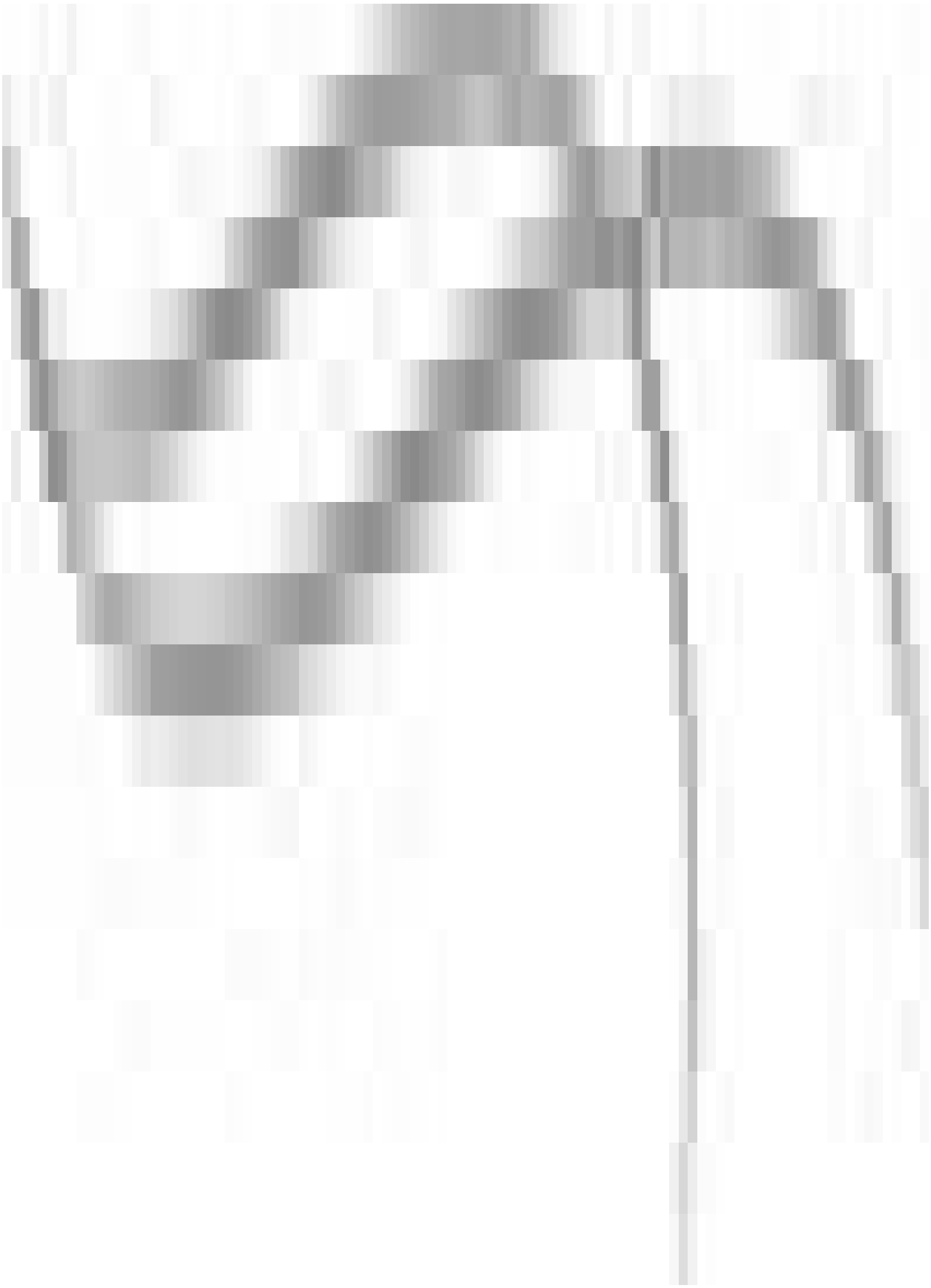
De EHQ

Para FMB

“Por vários meses, venho sofrendo de neuralgia e durante esse tempo minha correspondência tem sido negligenciada. Entretanto, estou melhor agora, e com cuidado, talvez possa afastar esses ataques neurálgicos.

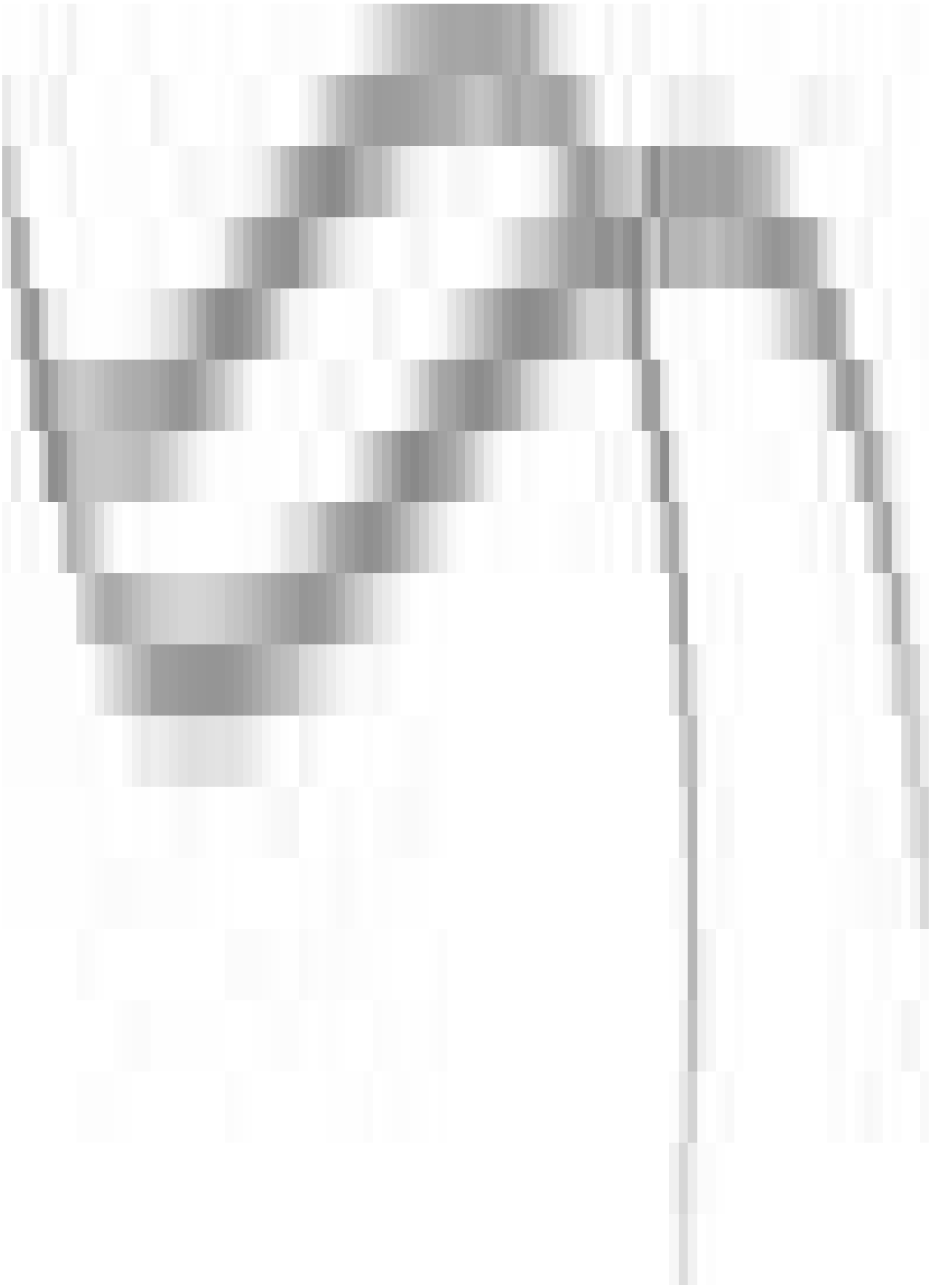
Tivemos, recentemente, duas ocasiões interessantes em nossa igreja. Um norte-americano, plantador de café, vivendo no interior, viajando mais do que 100 milhas, veio para ser batizado e unir-se à igreja. O outro, um missionário metodista, um brasileiro sobre quem já lhe escrevi e que pode servir como um tema interessante, e pode ser, também, sua subseqüente pesquisa para encontrar a igreja primitiva usando só a Bíblia como seu guia e sem qualquer conhecimento das doutrinas batistas ou denominação, ele encontrou a Igreja Batista. (...)

Ele maneja a pena magistralmente e escreverá, suponho, as suas razões por que deixou o catolicismo, sua perambulação e investigações no Presbiterianismo e Metodismo e como estranhamente ele entrou em contato com os batistas. (...) Faça alguma coisa por ele. Ele é pobre e precisa de sua ajuda. Devemos, também, assisti-lo. (...) P. S. O irmão Thomas tem vindo pregar outra vez e parece estar fervoroso. Ele é um bom irmão, já idoso, mas, ainda um jovem pregando e pode fazer algo bom.”



Tudo faz crer que dias após ter escrito esta carta, o Rev. Quillin mudou-se para a cidade de Piracicaba. O norte-americano mencionado acima, plantador de café, deveria ser Joseph Jackson Cherry, que, em 1875, adquirira uma propriedade junto com Robert Miller, vizinha à de Robert Meriwether, em Botucatu. O nome de J. J. Cherry é mencionado numa das cartas de Dr. W. B. Bagby.

Além dos itens acima, na carta escrita à FMB, o Rev. Quillin ainda apelava para que, de algum modo, ele pudesse receber livros para uso próprio e dos irmãos da igreja.



Livro de Atas da FMB-SBC

01.11.1880, p. 419, 420.

01.11.1880

Ata da FMB-SBC

Assuntos:

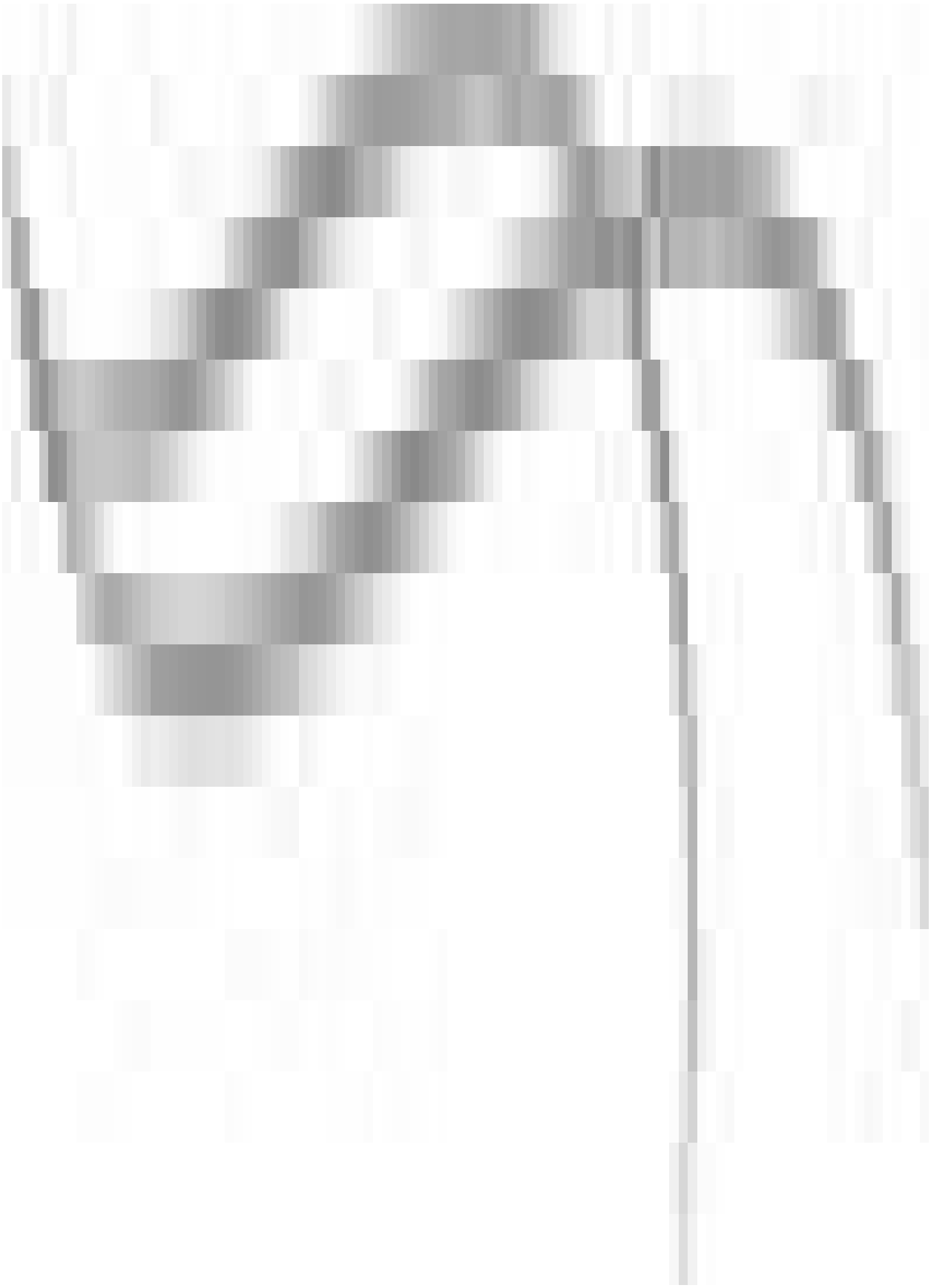
nomeação de missionários para o Brasil

1. “Considerando que o Rev. W. B. Bagby e esposa (nee Anne Luther) foram recomendados, com empenho, pelos irmãos do Texas, a fim de serem nomeados como missionários para o Brasil, e considerando que a Convenção Estadual, o agente geral e diversos agentes de distritos do Texas, como fomos informados, comprometeram-se solenemente, a trabalhar para o sustento daquelas pessoas, se nomeadas como missionários; e, considerando que muitas Sociedades ‘Anne Luther’ e outras organizações no Estado mostram estar ativamente engajadas no levantamento de fundos para o aprovisionamento e sustento do Sr. e Sra. Bagby, então resolvem que sejam tomadas as necessárias medidas para o exame do irmão W. B. Bagby, como candidato ao trabalho missionário, e que se este exame for satisfatório, o Sr. e a Sra. Bagby sejam enviados para a nossa Missão em Santa Bárbara, (...) tão cedo quanto os recursos para a sua preparação, passagens e 1/4 do salário, adiantadamente, tenham sido levantados, no Texas.

2. Considerando que as igrejas de nossa Missão em Santa Bárbara uniram-se para a ordenação do Senhor Antonio Teixeira, como Ministro do Evangelho, recém-convertido aos princípios e praticas dos batistas, provindo do sacerdócio romano, e que foi recomendado para ser nomeado missionário de nossa Junta, como um ministro cristão de grande influência entre os brasileiros, resolveu que a Junta se alegre com os nossos irmãos no Brasil pela adesão de um que parece prometer tanto para a Causa, entre os seus conterrâneos, como o Senhor Antonio

Teixeira; e que o secretário-correspondente seja incumbido de fazer as necessárias verificações a respeito desse irmão de modo que a Junta esteja completamente assegurada de sua posição, quanto ao desejo da Missão em Santa Bárbara de tê-lo chamado por nossa Junta.”

Quanto ao item 1, ver 23.12.1880, adiante. Quanto ao item 2, A. T. Albuquerque não foi nomeado missionário da Junta, nem mesmo depois do pedido feito pelo Dr. W. B. Bagby, quando já na Bahia, na data de 11.09.1883. O nome de “Senhor Teixeira” aparece como assistente nativo ou pregador nativo, em documentos da FMB e SBCA. Ele recebia alguma ajuda financeira diretamente das mãos dos missionários W. B. Bagby, depois, de Z. C. Taylor e, por fim, de C. D. Daniel. Teixeira de Albuquerque veio a falecer em abril de 1887.



Ata da FMB-SBC

23.12.1880

Nomeação de

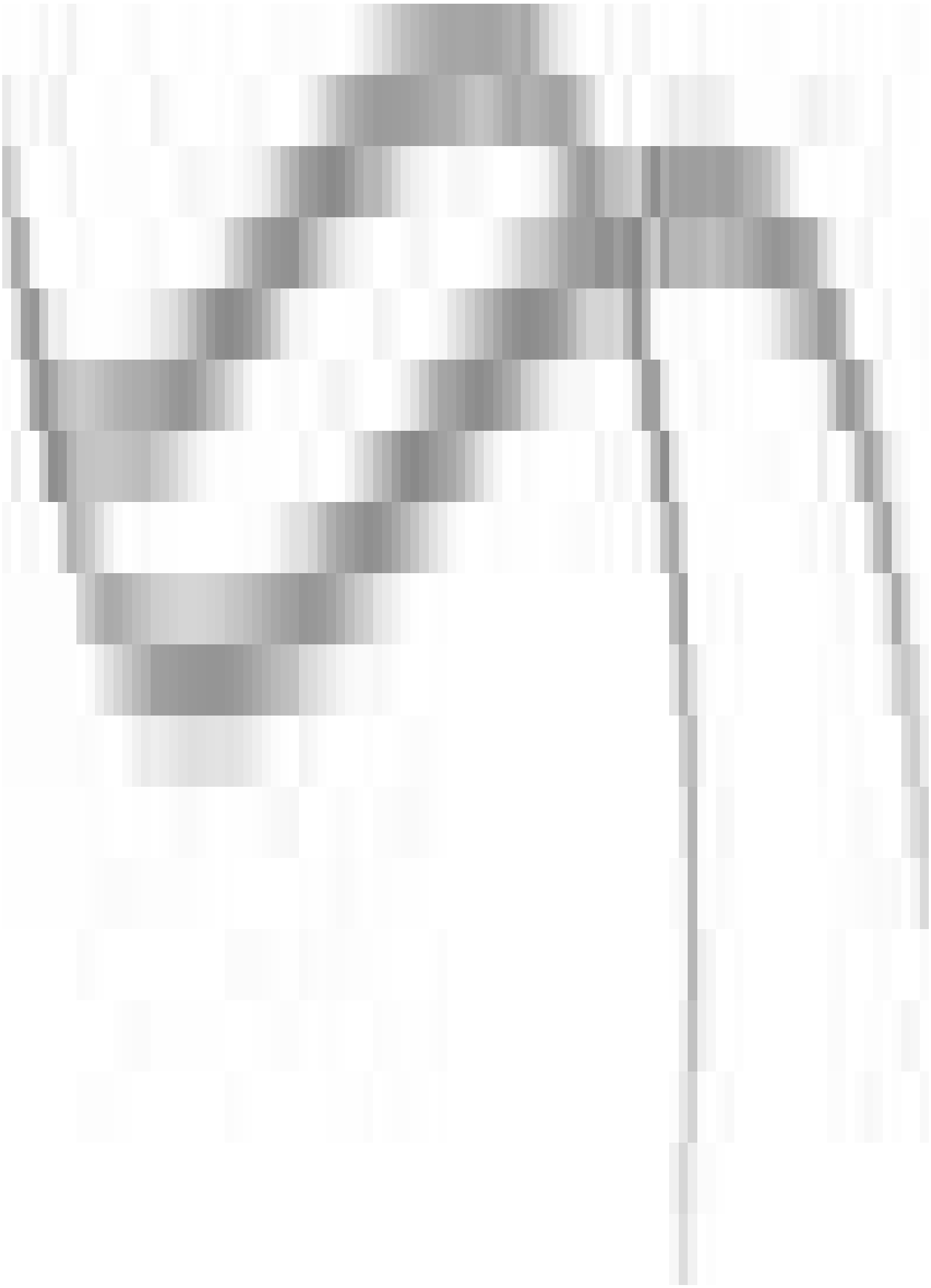
W. B. Bagby e esposa

para o Brasil

Convocados pela FMB, Dr. W. B. Bagby e esposa compareceram na cidade de Richmond, sede da Junta, e a 23.12.1880, foram recebidos e apresentados aos membros daquela Junta. Dr. Bagby foi submetido ao exame de praxe. Por unanimidade foi considerado satisfatório. Assim, ele e a sua esposa tornaram-se os novos missionários para o Brasil, sendo estes com o sustento. Sobre a nomeação, leia-se o que disse o próprio Dr. Bagby, no seu discurso de 16.01.1926, cujo resumo, pela data, pode ser apreciado adiante.

Foi votado, e logo providenciado, para que numa reunião especial, no domingo seguinte, fossem eles reconhecidos pelo público batista. A reunião da Junta foi encerrada com uma oração feita por Bagby. Salvo engano, A. T. Hawthorn esteve presente a essa reunião.

No discurso acima mencionado, Dr. Bagby relata como a notícia de sua nomeação e vinda para o Brasil chegou aos irmãos batistas em Santa Bárbara, via Rev. J. J. Ransom e Rev. J. E. Newman, ambos metodistas.



FMI, maio/1881, v. 13, nº 2/134, Supl. p. 3

SBCA, maio/1881, p. 40, 41

Comparar c/ carta 04.11.1886

Tradução do documento manuscrito,original, no Arquivo da FMB-SBC

28.12.1880

De EHQ, SBSP

Para FMB

A 28.12.1880, o Rev. E. H. Quillin escreveu à FMB um artigo e uma carta para serem publicados no FMJ. Ambos dão ênfase ao estabelecimento de uma escola da Missão, conforme registramos a seguir:

"... O nosso missionário dá uma grande ênfase na importância do estabelecimento de boas escolas. Ele diz: 'Não há talvez lugar no mundo onde escolas missionárias sejam mais necessárias, sim, absolutamente essenciais, do que nestas regiões oprimidas pelo romanismo. Toda a experiência e observação mostram que o sistema missionário no Brasil está defectivo.

Não tem sido a falta de missionários ou de dinheiro, nem de talento ou consagração, nas outras denominações; mesmo assim, o resultado de vinte anos de trabalho com vinte missionários, é de apenas de cerca de 500 brasileiros como membros de igreja. Poderia a Junta investigar e descobrir onde repousa essa falha?

Para considerar este assunto como um todo, deveríamos conhecer os obstáculos que retardam o avanço do evangelho.

O governo, embora constitucionalmente liberal e tolerante, é, em sua administração, estritamente católico, e ainda que a perseguição seja proibida por lei, há muitos lugares que poderiam ser iluminados pelo fogo da Inquisição. A Constituição Imperial permite o exercício de todas as religiões, porém, ela garante e protege o catolicismo. Os funcionários, desde o Imperador aos menos categorizados, são reconhecidamente católicos, e juram proteger a religião estabelecida. E há muitos desse grupo que usam a religião como uma força política, embora sejam de fato, ateístas na fé e na prática.

Aqui, tanto o ateísmo quanto o catolicismo, coloca-se em oposição à promulgação do evangelho de Cristo. (...) O coração da presente geração, endurecida pelo crime, obumbrada pela ignorância, insensível pelo preconceito, estabelecido pelo hábito, fanática pela educação, repousa fora da probabilidade de uma transformação. Bem pode ser dito: ‘Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas?’

A experiência das Juntas de missões atesta que a conquista do evangelho em terras papais depende muito da cultura básica dos seus habitantes. Por essa razão, essa cultura básica é o mais eficiente meio que pode ser instituído para iluminar e cultivar a mente jovem com uma geral compreensão da verdade bíblica; é, de fato, o meio mais racional, pelo qual pode ser efetivada uma reforma nacional. A escola-missionária prepara o caminho para a marcha da igreja.

A própria preparação dos jovens é o trabalho básico do sucesso missionário. As sementes que são lançadas e cultivadas na mente jovem darão abundante colheita.

Deste modo, os obreiros podem descansar na esperança de que a sua labuta será recompensada. As suas lágrimas, os lamentos e as orações que surgem na calada da noite, retornarão em forma de alegrias transbordantes. (...)

Nisto repousa o futuro da igreja, a base de uma renovação nacional. O trabalho da reforma espalha-se rápido, alarga-se e aprofunda-se com vantagem de tempo. (...)

Agora, observem-se algumas peculiaridades de uma escola-missionária, que pode dar a ela a proeminência e prosperidade. A escola deve ser essencialmente livre, sem contudo conflitar com a influência oposta das escolas públicas do sistema brasileiro, largamente espalhadas no Império. A escola deve ser de tal forma que não haja carência de tato e talento.

Durante as horas regulares de estudo, a escola não deve ministrar o ensino de religião, como um assunto de instrução. Em cinco dias de cada semana, a escola deve estar voltada para as atividades de caráter literário e moral. Dois dias na semana poderiam ser dedicados ao ensino religioso, sendo este de caráter facultativo. O estudante não deve ser obrigado a estar presente a essas aulas. A escola-missionária, baseada nesta plataforma, será vitoriosa. (...)

Enviem seus missionários, estabeleçam as suas escolas-missionárias e o irresistível poder do Evangelho avançará na América do Sul, e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a resplandescência do Reino de Cristo. (...).

Consegui deixar o irmão R. P. Thomas responsável pela pregação na Igreja da Estação, o que fará uma vez por mês. O irmão Pyles mudou-se para a vizinhança e recentemente pregou duas vezes. Ele já reside no Brasil há 14 anos. Agora está inclinado para o espiritismo e a teologia especulativa. (...)

Como meu irmão, peço-lhe usar a sua influência para o estabelecimento dessa escola, tão necessária.

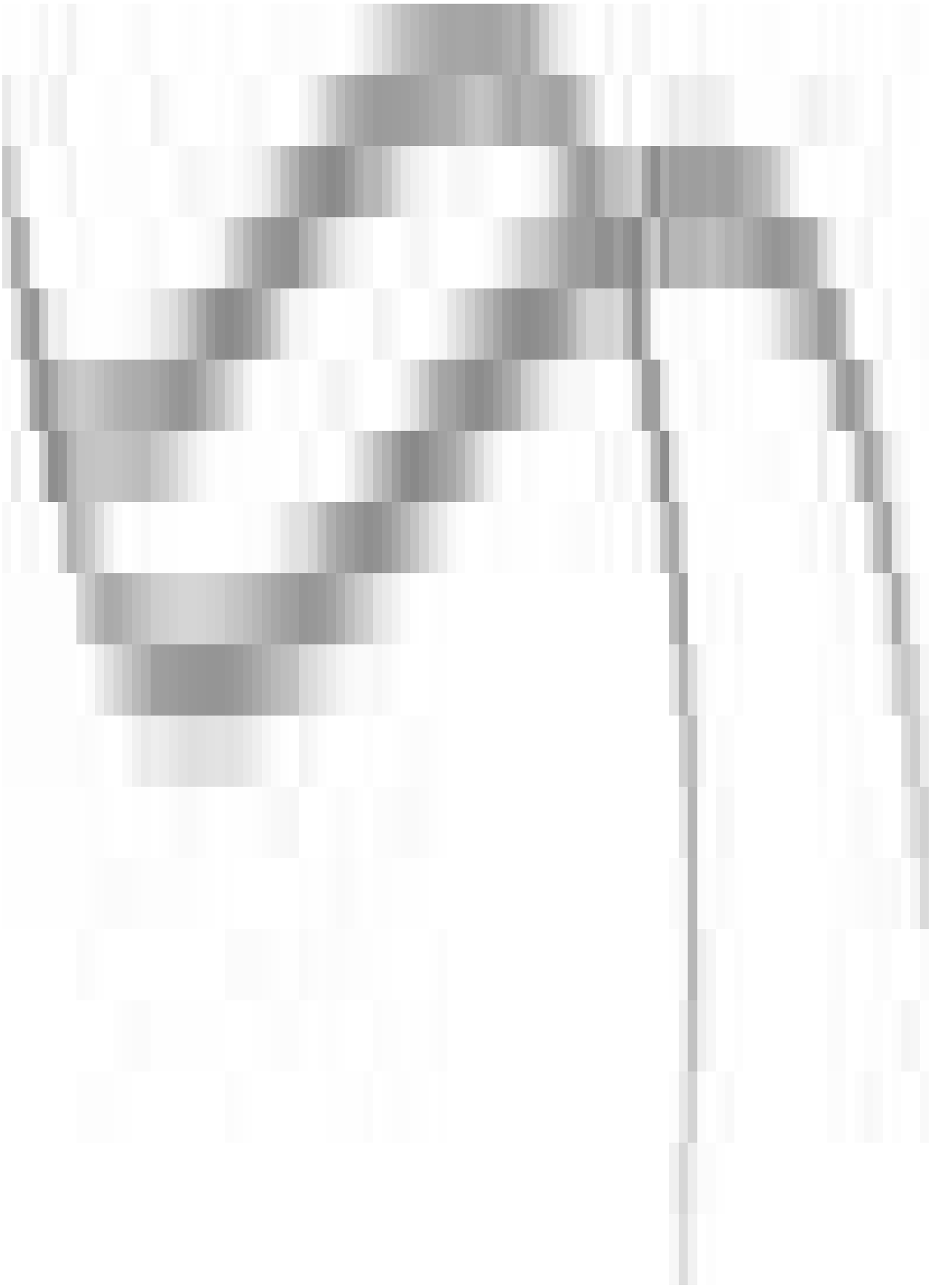
Mudando-me para a cidade estou tentando iniciar uma escola nos moldes apresentados. Encontro-me só nessa iniciativa que é de minha inteira responsabilidade, inclusive financeira, mesmo tendo eu mui poucos recursos. Se a Junta não puder colaborar, mesmo assim continuarei o trabalho. Não tenho ainda falhado. Minha esposa ajuda segurando as cordas e dando um exemplo muito bom.

Por outro lado, estou ultimando a correção final de um manuscrito para ser publicado. Ele tem cerca de 200 páginas e terá o título 'Inglês sem Mestre'. Escrevi-o para ser um auxiliar na Missão.

Sobre esse assunto, estou me correspondendo com a Faculdade e estudantes do 'S. B. T. Seminary'. Espero que façam algo e que lhe escrevam a respeito. Por favor, reflita a respeito do seguinte: com a quantia de 3.000 dólares poderíamos estabelecer a escola aqui e ter o suficiente para as despesas do primeiro ano. Esta sugestão poderia ser publicada no FMJ, conclamando a liberalidade cristã de alguém que faria uma doação para a Primeira Escola Missionária na América do Sul. O nome do doador seria dado à Escola e assim seria um modo de preservar a sua memória. Pense nisto. (...)"

Uma neta do Rev. E. H. Quillin, que residiu em S. Paulo, informou-nos que o manuscrito acima mencionado nunca foi publicado, por falta de recursos. Depois do falecimento do Rev. Quillin, em 1886, a viúva, Sarah Elvira (Parks) Quillin, teve um oferecimento de alguém que desejava imprimi-lo com a condição de lhe serem vendidos os direitos autorais. Ela não aceitou. Muitos anos depois, fragmentos desse manuscrito foram queimados com cartas antigas e outros documentos, por um descendente que não estava disposto a guardar "coisas

velhas”!



FMJ, fev./1881, v. 12, nº 11/131, p. 1

13.01.1881

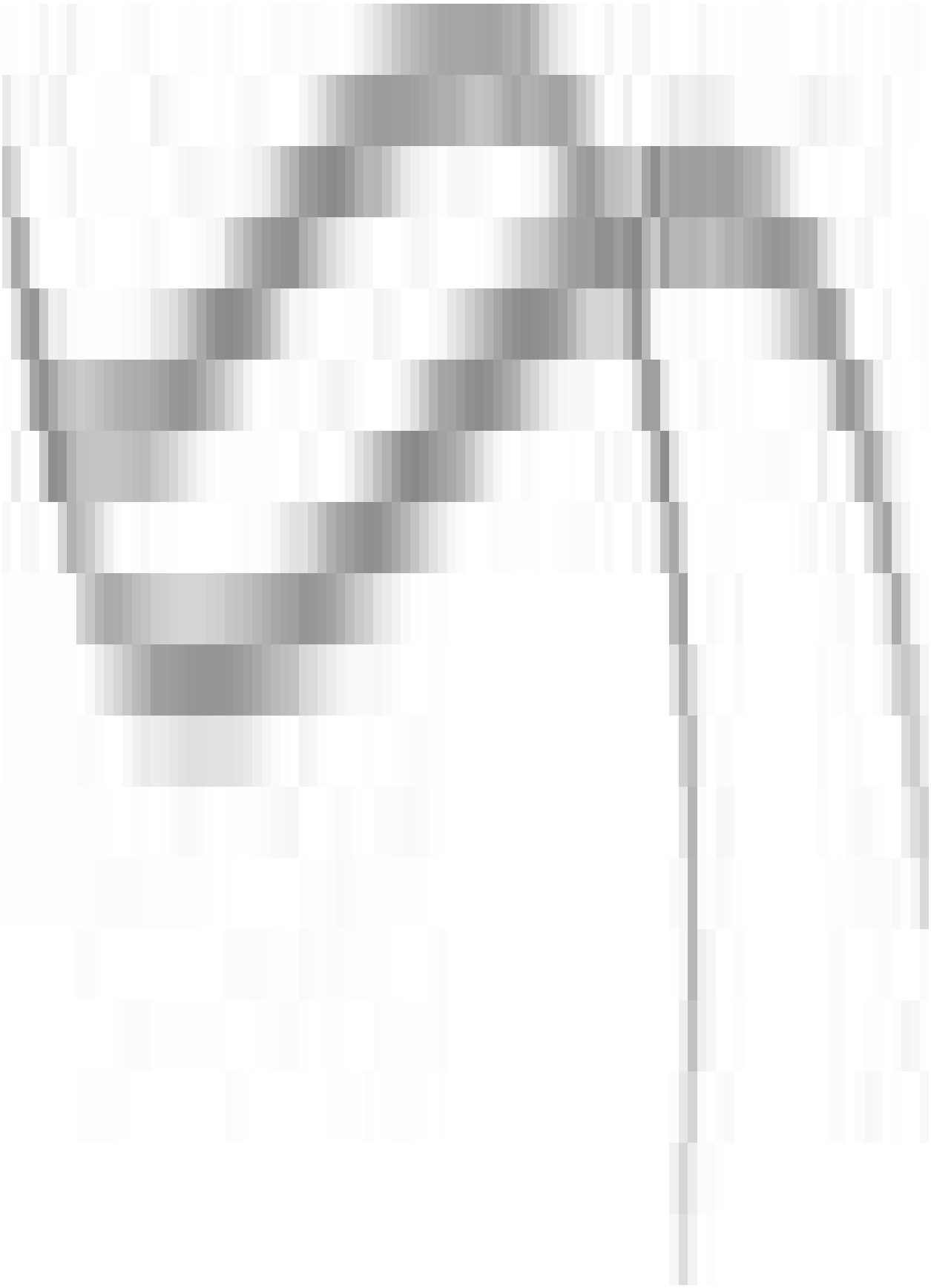
O casal Bagby

embarca para o Brasil

O FMJ, de fev./1881, destinou a sua primeira página, quase totalmente, para dizer algo sobre o Brasil. Fez uma referência rápida ao fato de que alguns esforços missionários no Brasil tinham falhado por causa do trabalho feito entre os negros escravos, “criando uma delicada situação entre o senhor e o escravo”. Porém, o fato de estarem então enviando os “melhores missionários que podiam ser mandados para o Brasil” e que conheciam o problema da escravatura, já não sendo escravagistas, criava uma situação favorável para o trabalho.

[A referência acima está ligada ao missionário Thomas Jefferson Bowen. Evitando repetições, convidamos o leitor para que chegue àquela informação, com o devido comentário, na parte “B” — T. J. Bowen (Ver Pág. 105). Em nosso opinar, a referência está baseada numa interpretação equívoca.]

No final dos comentários, comunica o embarque dos missionários W. B. Bagby e sua esposa, D. Anna L. Bagby, para o Brasil, saindo da cidade de Baltimore, dia 13.01.1881, pela barca “Yamoyden”, para o Rio de Janeiro, “de onde eles prosseguirão para a nossa Missão em Santa Bárbara, na Província de S. Paulo, Brasil.”



FMJ, fev./1881, v. 12, nº 11/131, p. 1

maio/1881, v. 13, nº 2/134, Supl., p. 3

maio-junho/1882, v. 14, nº 2, 3/147

Supl. p. 6, c. 2.3

SBCA maio/1881, p. 40, 41, 42

MPRJ, p. 267

02.03.1881

Chegada do casal Bagby ao Brasil

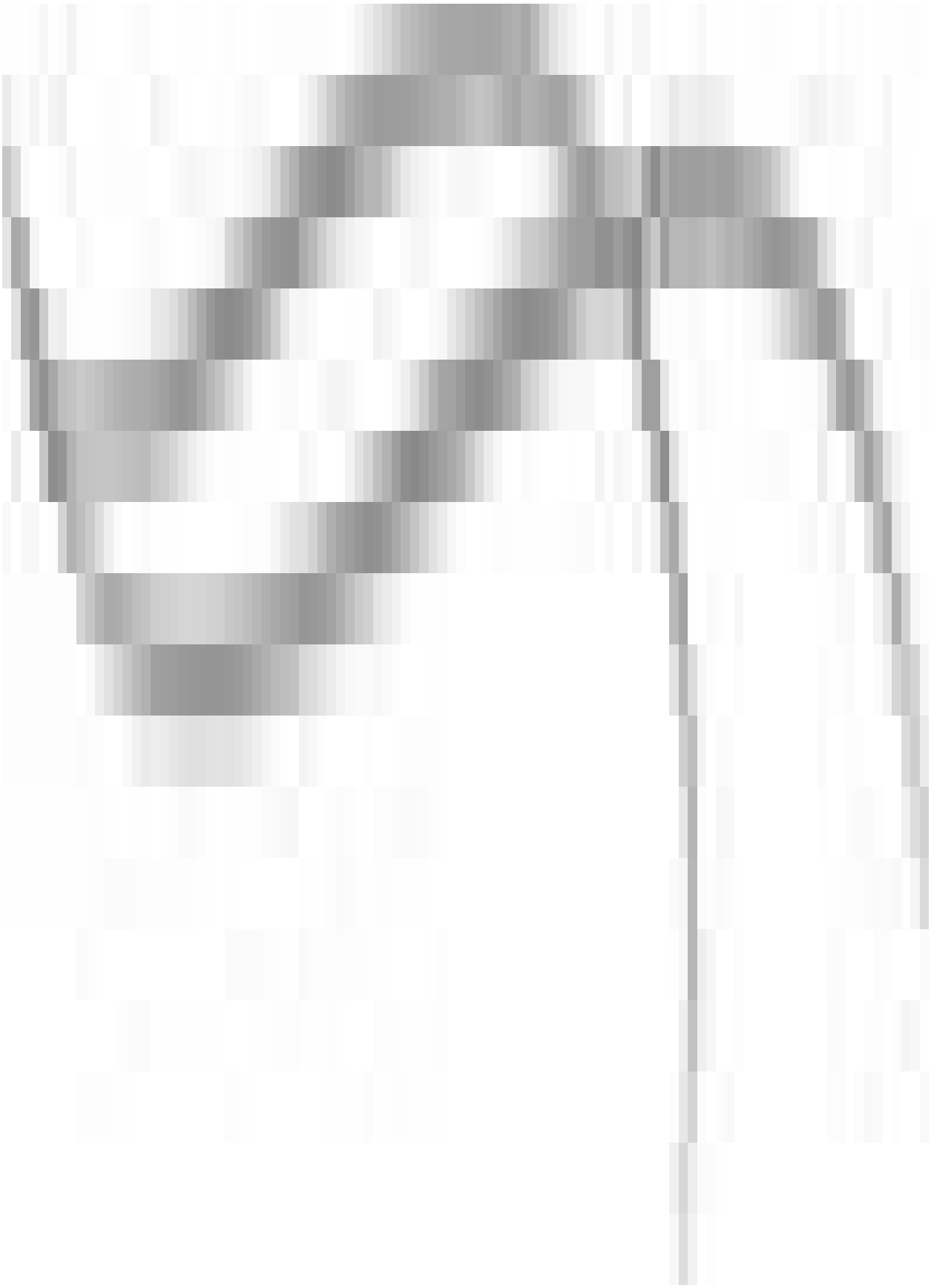
No domingo à noite, de 02.01.1881, realizou-se na Segunda Igreja Batista de Richmond, a reunião de despedida do casal Bagby. Dali o jovem par seguiu para Baltimore onde, acomodados a bordo da barca Yamoyden, rumou para o Brasil, saindo daquele porto, dia 13.01 seguinte.

A 02.03.1881, a barca chegou ao porto do Rio de Janeiro. Ainda a bordo, ele escreveu a sua primeira carta do Brasil para a FMB, extasiado com as belezas naturais da cidade. Imaginamos que, durante a viagem, ele teve ocasião de reler o livro Brazil & Brazilians, pelos termos de sua carta à FMB. No dia 03, pela manhã, o casal desembarcou.

A seguir transcrevemos alguns trechos da carta mencionada:

“... Depois de uma viagem de 48 dias, de Baltimore, estamos ancorados, nesta noite, nas quietas águas da baía do Rio de Janeiro.

É uma das mais belas cenas que meus olhos já viram.(...) Meu coração está aflito porque aqui há milhares que estão sem esperança, andando à sombra pesada de um eclipse! Oh, meu Deus, concede-me que a tua verdade, assim como está em Jesus, seja sentida desde o Norte ao Sul, e desde o Atlântico aos Andes! (...) Desembarcaremos pela manhã e tomaremos informações a respeito da melhor forma de viagem para Santa Bárbara. Também, quais as perspectivas nesta cidade com relação ao cristianismo evangélico. Esperamos viajar para Santa Bárbara dentro de poucos dias, só ainda não podemos dizer exatamente quando...”



FMJ, maio-junho/1882, Supl. p. 6, c. 2

SBCA, maio/1881, p. 40, 41, 43

SBCA, maio/1882, p. 68, 69

Cartas de WBB, neste livro, de 02.03.1881,

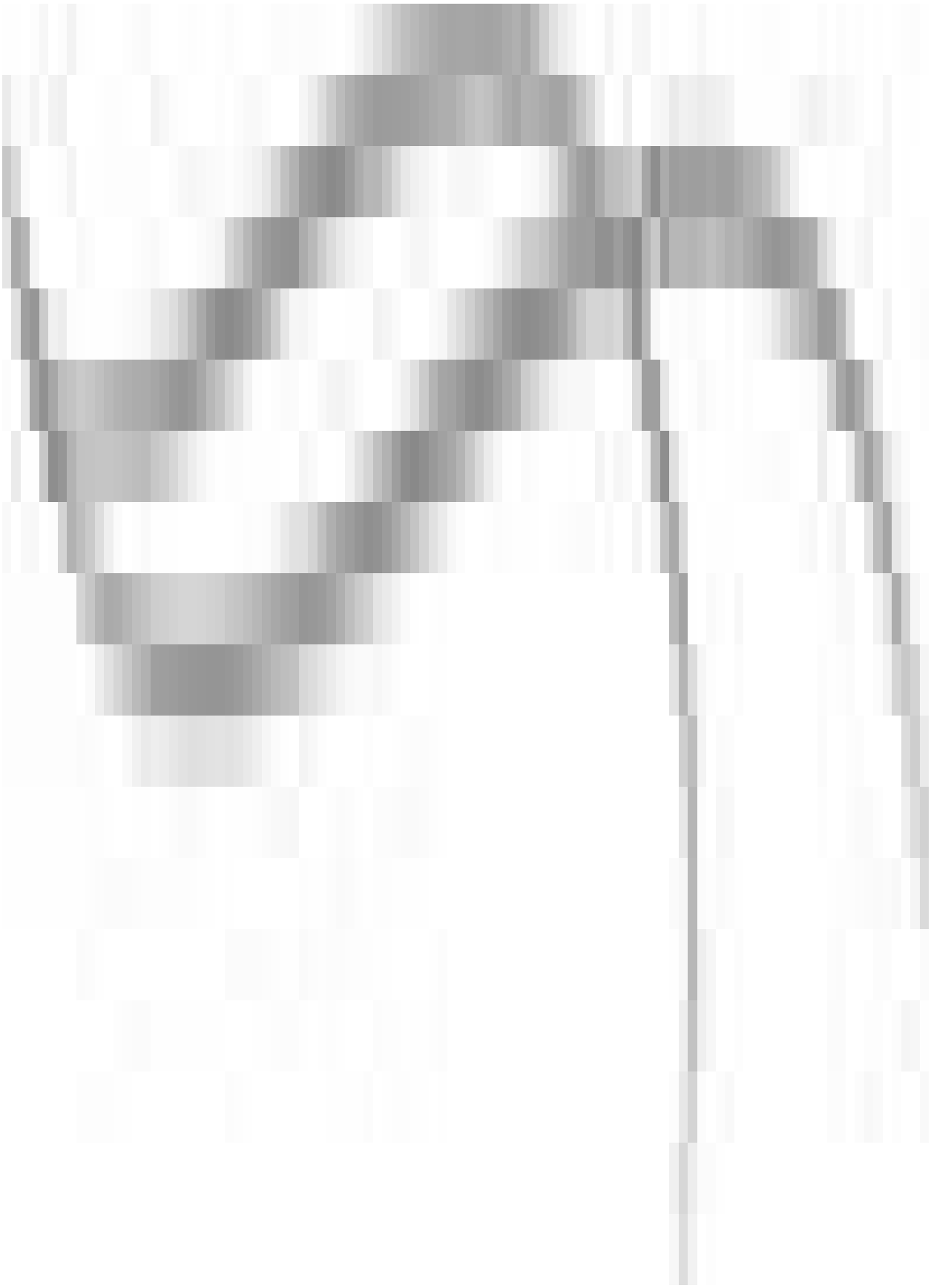
12.03.1881

O JB, 25.03.1926, p. 5,6

07.03.1881

O casal Bagby chega em Santa Bárbara, SP

O casal Bagby chegou, por fim, ao seu destino, Santa Bárbara, em S. Paulo. Ao tempo, a estação da ferrovia, já funcionando desde agosto de 1875, ensejava a boa perspectiva de um final próximo daquela viagem longa e cansativa.



FMJ, maio/1881, v. 13, nº 2/134,

Supl. P.3, c. 2,3

SBCA, maio/1881, p. 41, 42

07.03.1881

Carta de SBSP

De WBB

Para FMB

"... Em chegando aqui, o Irmão Quillin disse-me que há muitas pessoas no Rio que adotam os princípios batistas, sendo conhecidos como Evangelistas. A maioria deles é de escoceses, ao que parece.

Vim de trem, do Rio para São Paulo. (...) Fiquei nessa cidade uma noite e vim para cá no dia seguinte. Antes de deixar o Rio, recebi uma carta de uma senhora batista daqui, a Sra. M. M. Ellis, convidando-nos a vir e ficar em sua casa. Dois cavalos foram mandados por ela para nós, na estação, e um escravo para carregar a nossa bagagem. Na verdade, foi um prazer encontrar-nos com os amigos e os batistas nesta terra distante.

Por várias vezes tenho ido à casa do irmão Quillin, que está morando na Vila de Santa Bárbara, a 2 milhas do lugar onde me encontro hospedado. Ele está ensinando numa escola. A vila fica distante da estação ferroviária, cerca de 5 milhas, sendo que a estação tem o mesmo nome da vila.

O irmão Quillin recebeu-nos mui cordialmente e expressou-se grato pelo fato dos batistas do Sul dedicarem as suas orações e esforços a favor desta terra bendita.

As Igrejas de Santa Bárbara e Estação, das quais o irmão tem recebido diversas informações, estão completamente fracas. Na última, há somente uns poucos membros os quais geralmente estão presentes aos trabalhos. Outros estão espalhados pela região.

Há dois ou três batistas em Botucatu e o mesmo número em Piracicaba, São Paulo e outros pontos. Os presbiterianos têm um colégio em Campinas e outro em São Paulo. Estas duas cidades importantes têm 20 e 40 mil habitantes, respectivamente. Já tendo que nelas há excelentes facilidades para adquirir o conhecimento da língua portuguesa. Pensamos que deve haver cuidado a fim de obter-se uma correta pronúncia no princípio, e então preferi estudar com um professor nativo. Pretendo ir a Campinas na próxima semana tratar deste assunto.

Embora haja algo desfavorável aqui, na situação atual do trabalho, há muitas coisas a encorajar-nos. Os brasileiros parecem desejar ouvir o evangelho e, em diversos lugares, os presbiterianos têm sido bem sucedidos entre eles. Também, os metodistas têm sido animados nos seus esforços para levar o evangelho ao povo. Há perspectivas de estabelecerem uma Missão em Piracicaba. (...)

Os padres são abertamente ridicularizados pelo povo, embora eles sejam ainda sustentados pelo governo. Provavelmente, será necessário um ano para que nós obtenhamos um bom conhecimento da língua; porém, durante esse tempo faremos o melhor possível em todos os sentidos. Haverá oportunidade para eu pregar com freqüência aos americanos (e certamente eles precisam que assim seja feito), e eu farei um reconhecimento do campo, estudando os costumes e hábitos do povo.

Seria de grande vantagem se nosso trabalho pudesse começar com vários pregadores. Seria possível à Junta enviar-nos logo alguns outros para este campo? O trabalho é urgente. (...) Onde está o irmão Z. C. Taylor? Precisamos dele aqui.

Há três pregadores batistas nesta região, porém, um deles tornou-se espírita, e um outro raramente prega. Precisamos de homens zelosos e consagrados a Deus."

Original, em inglês, no arquivo da FMB-SBC

Não localizamos a data de sua publicação.

20.03.1881

Notícia de SBSP

De EHQ

Para FMB

"Retornei para Santa Bárbara, depois de uma ausência de sete meses, durante os quais fiz um paciente esforço para estabelecer uma missão-escola e igreja, em Piracicaba, a fim de ficar sob a supervisão do nosso novo convertido brasileiro, Antonio Teixeira. Porém, por legítimas razões, algumas das quais são do seu conhecimento, a iniciativa não aprovou, tanto para a igreja, como para a escola.

Tendo exaurido minhas finanças e perdido toda a confiança na oportunidade do movimento, que tinha surgido de um ardor imaturo, abandonei o objetivo e retornei ao antigo lugar dos americanos. Estou, no momento, localizado na vila, com a responsabilidade de uma escola para brasileiros, de ambos os sexos.

Estou, agora, no fim do primeiro mês com o número acima de 30 estudantes, com regular freqüência; e, ainda, com a perspectiva de outros. Aqui existem duas escolas públicas e nós temos, já, um número de alunos quase igual às mesmas. (...)

Com prudência podemos guiar a mentalidade jovem, de uma aderência cega aos dogmas de seus antepassados, para uma compreensão clara da verdade da Escritura. Estou dirigindo os meus esforços para o estabelecimento de uma missão-escola, tal como alinhavamos em correspondência anterior. Tenho apresentado o assunto aos irmãos aí, para estudo e decisão. Porém, na ausência disto, a escola prosseguirá nos rumos já traçados.

A missão-escola, especialmente, nos países católicos, é uma base para a prosperidade das missões e o triunfo do evangelho. (...) Se o romanismo e a infidelidade forem afastados dos brasileiros, as suas mentes serão influenciadas pela verdade em seus corações jovens, traçando-lhes, então, as diretrizes da vida humana.

Profundas impressões, indelevelmente fixadas, ligando a sólida vontade da alma, devem ser a base do estabelecimento do caráter moral e fé religiosa de uma raça que está perdida para a virtude e a verdade.

Nos últimos doze meses, tenho percebido, em nosso meio, um movimento retrógrado no interesse religioso dos cristãos professos. Entre outras razões, poderia mencionar a condição insatisfatória de vida da maioria dos norte-americanos na qual estão. (...) A insatisfação, evidentemente, tem tido alguma influência na atuação religiosa e lança indiferença dentro da igreja. (...) Essa lista inclui: a vacilação da legislação brasileira quanto à imediata emancipação do negro; a forte influência jesuíta; a timidez do chefe do Executivo para resistir à corrente da oposição; e a marcada indiferença do governo no trato de assuntos

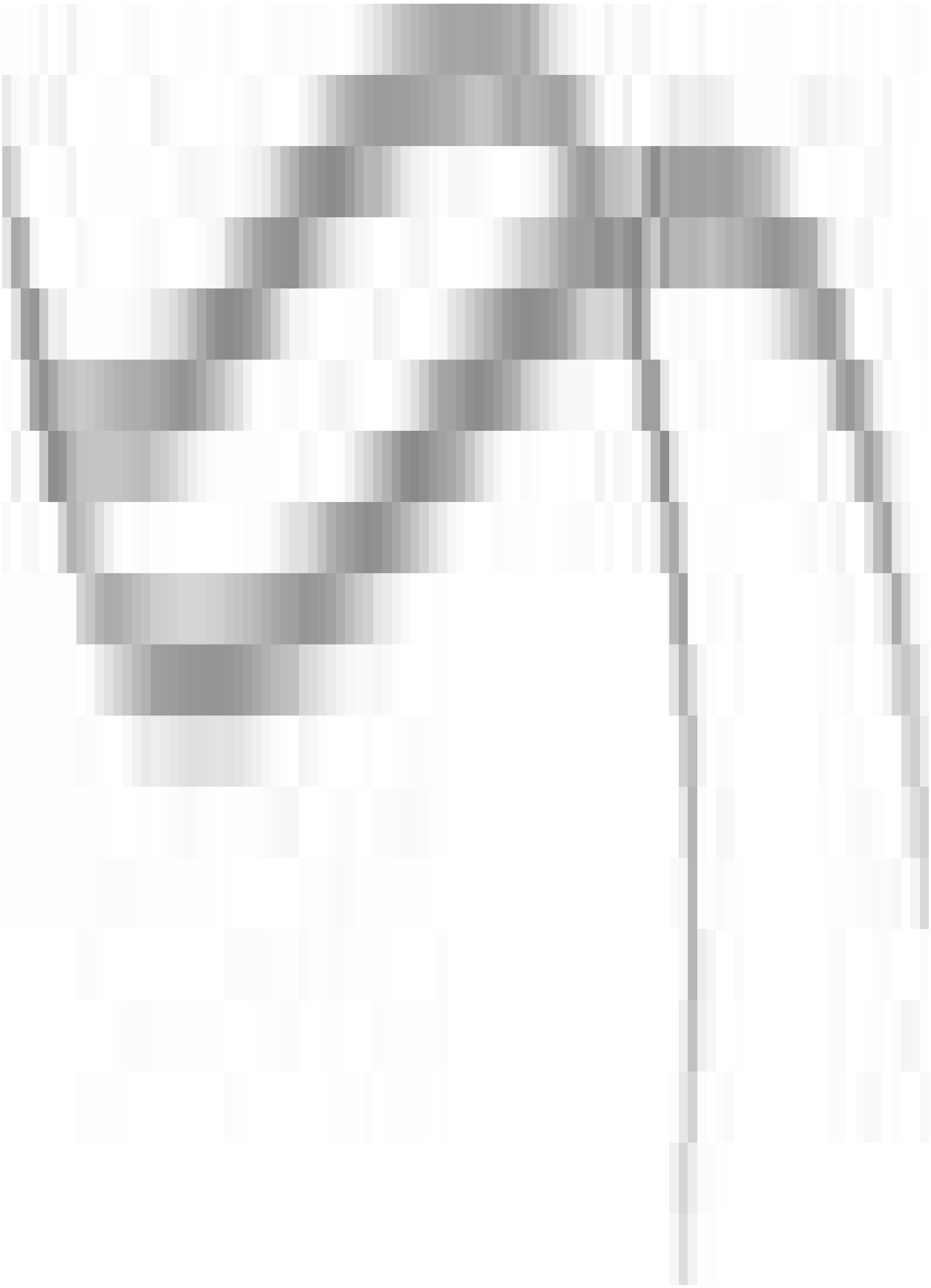
concernentes à imigração. (...)

Os corações de muitos estão enfraquecendo e alguns de nossos melhores irmãos estão se aprontando para o breve retorno à terra de seus pais. (...) Estamos, no Brasil, sob a providência divina. (...) Há um trabalho aqui a ser realizado. O campo é fértil para ser trabalhado. Para tanto, requer-se sacrifício e perseverança. (...)

O irmão Bagby e esposa chegaram. Agradecemos à Junta e aos amigos por enviá-los.

Na próxima reunião pedirei exoneração do pastorado da igreja e colocaremos o irmão Bagby no trabalho para o qual ele muito se preparou.

Estamos enviando um documento, a fim de ser publicado e também transcrito nos jornais batistas do Texas. Que os amigos de nossos missionários saibam da alegria que sentimos por tê-los conosco.”



“Da Igreja de Santa Bárbara, Brasil, à Junta de Missões Estrangeiras do Sul. Saudações cristãs.

Fazemos cientes de que chegaram, há poucos dias, neste lugar, o Rev. W. B. Bagby e senhora, missionários nomeados por essa Junta, a fim de trabalharem na Missão Brasileira. Expressamo-nos nestes termos:

1. Agradecemos à Junta pela vinda do casal, especialmente aos irmãos do Texas, pela sua magnanimidade cristã, a favor desta Missão.

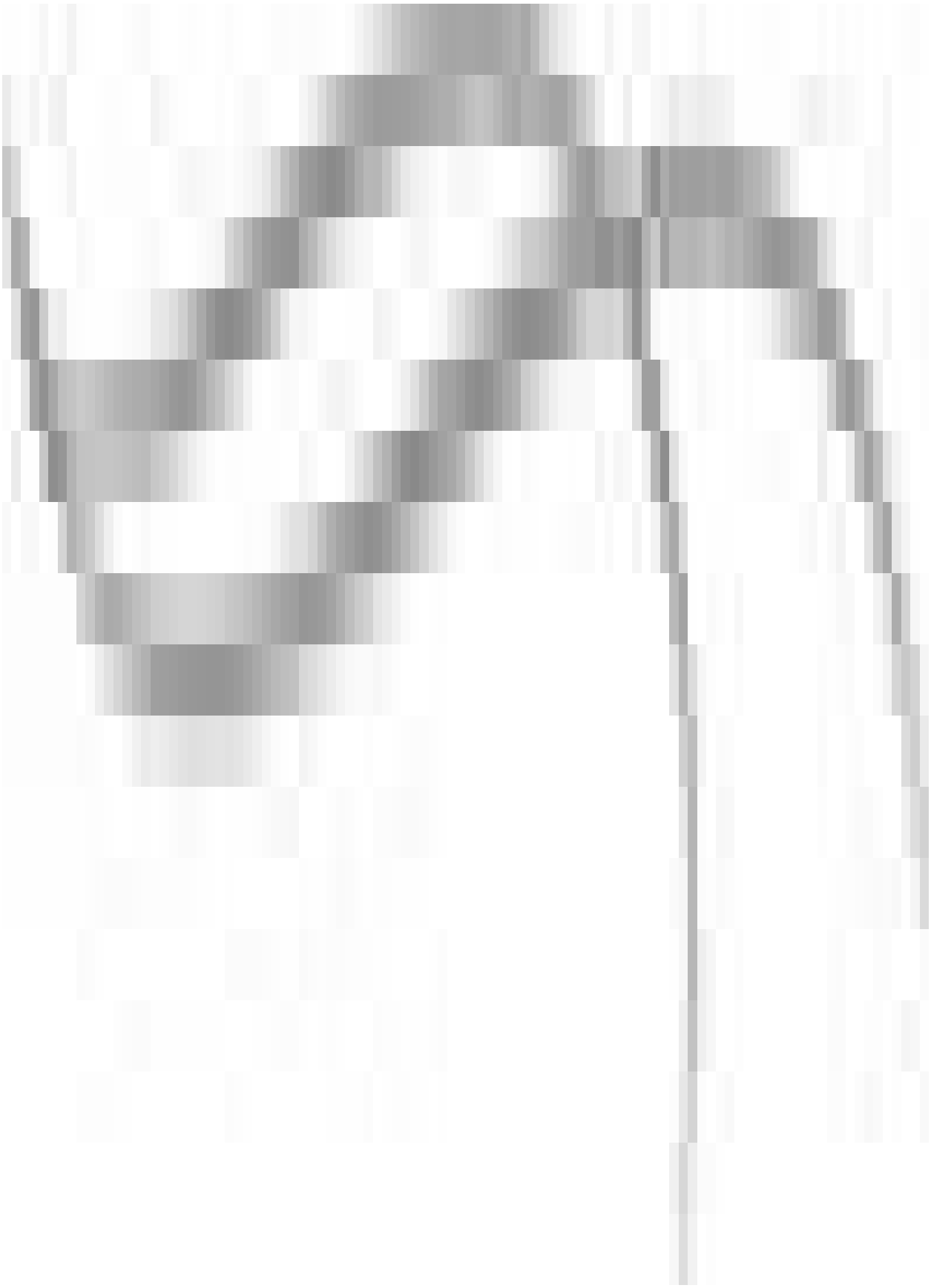
2. Recebemos o irmão e a irmã como membros de nossa família, envolvendo-os com as mais calorosas simpatias, acompanhando-os com as nossas orações, numa ativa manifestação de carinho.

3. Nós nos alegraremos com eles na sua prosperidade; andaremos com eles na sua adversidade, e que os amigos na terra distante desfaçam os temores e apreensões, sabendo com alegria que eles estão nas mãos de seus irmãos, circundados pelas ternas simpatias da igreja.

4. Recomendamos sinceramente aos irmãos, a Missão Brasileira, para a qual pedimos as orações, a fim de que mais trabalhadores possam ser enviados para este vasto campo missionário ainda não cultivado.

5. Que as “Resoluções” desta sessão sejam enviadas ao FMJ para publicação, assim como os jornais denominacionais do Texas.

Feito por ordem da igreja — E. H. Quillin, moderador.”



FMJ, julho/1881, v. 13, nº 4/136, p. 2, c. 3

31.03.1881

Carta de SBSP

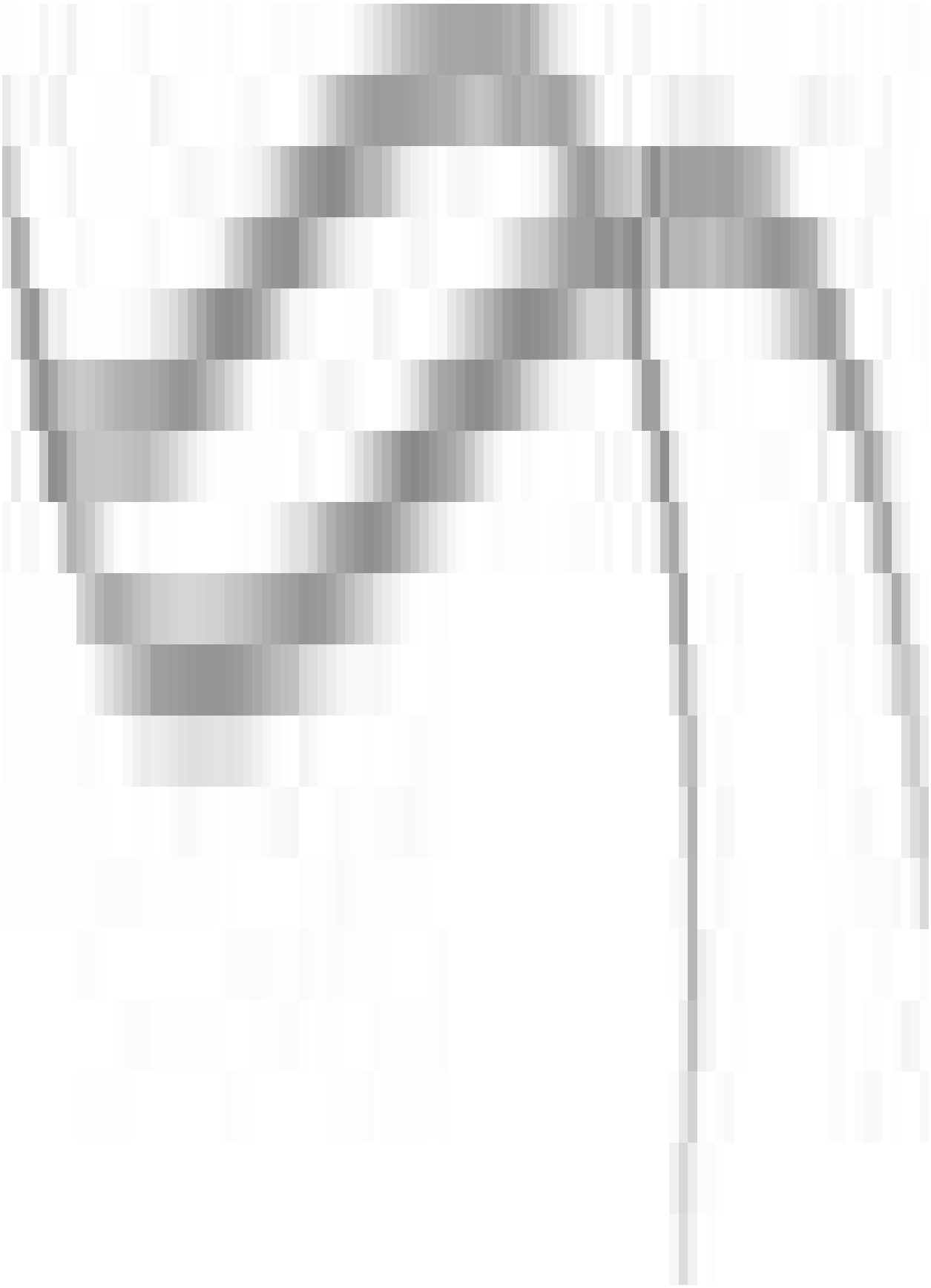
De WBB

Para FMB

A carta em foco comenta sobre a ocorrência havida entre os dois obreiros, pastores E. H. Quillin e A. T. Albuquerque; da existência de uma comissão tentando esclarecer os fatos e que esta, provavelmente iria apresentar o seu relatório à Igreja da Estação, no dia seguinte, 1º de abril, e à Igreja em Santa Bárbara, na semana após. Disse mais, estar tendo o devido cuidado, em oração, para que tudo fosse resolvido bem.

A parte inicial da carta não foi publicada no FMJ. Dela tivemos a permissão para anotar alguns dados e são os que se seguem: os irmãos estavam informando que o trabalho não estava prosperando desde que o Pr. Ratcliff se tinha ido de volta para os EUA. Estava havendo pouca disciplina em ambas as igrejas, desde que a segunda tinha sido formada. Algumas das pessoas consultadas tinham-lhe feito saber que a organização da Igreja da Estação tinha sido um erro, tendo em vista que o número de membros ativos em ambas era pequeno, às vezes quase impossível de realizar uma sessão.

Comunicou que o irmão Thomas assumira a responsabilidade da Igreja da Estação, desde quando houvera o referido desentendimento. Fazendo mais algumas considerações disse que, sob tais circunstâncias, achava melhor juntar outra vez as duas igrejas em uma. (Ver pág. 385)

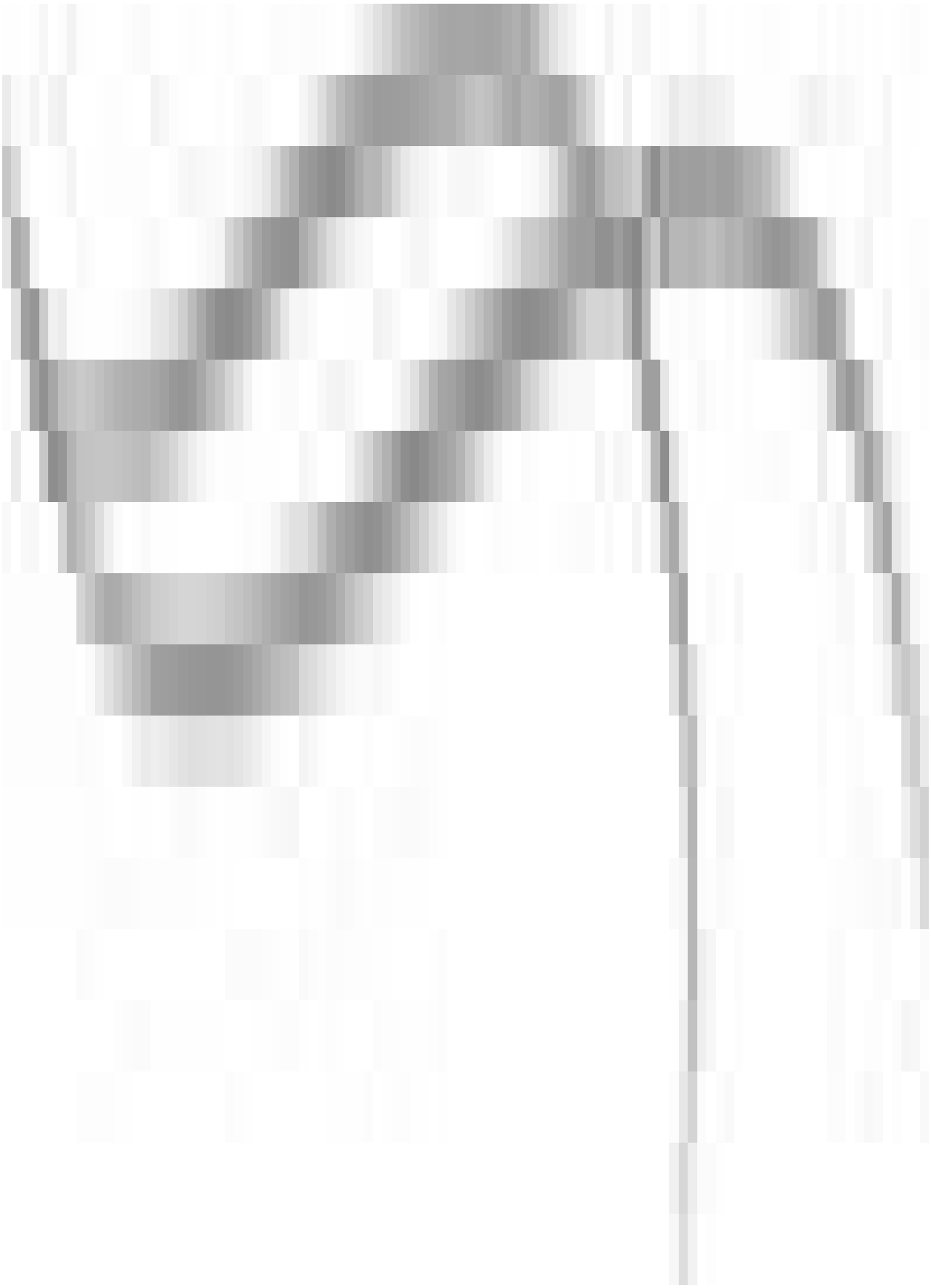


A segunda parte da carta acima foi então publicada:

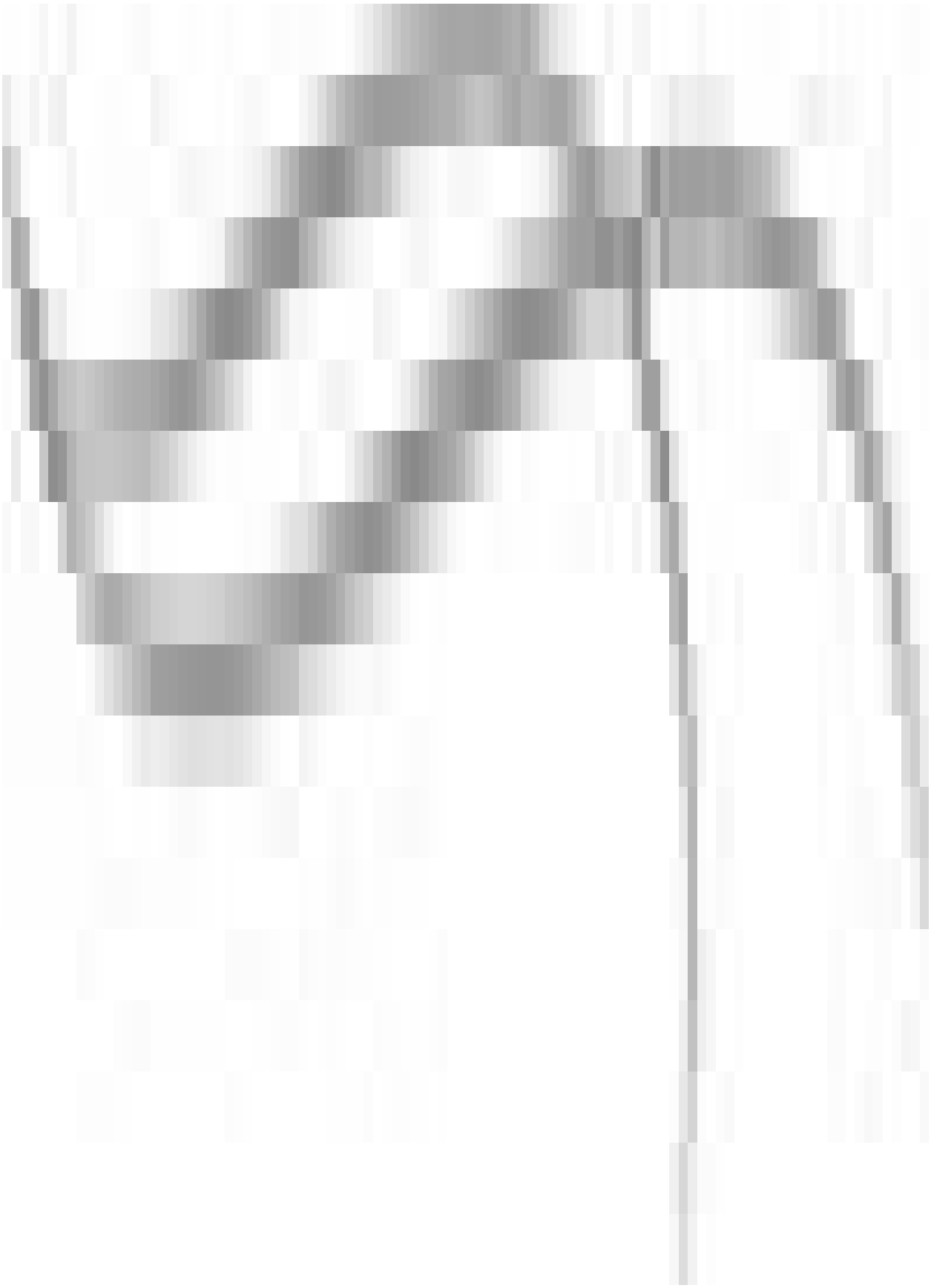
"... Encontro aqui excelente material e não vejo razão por que as igrejas não possam realizar mais trabalho para o Senhor nesta terra de ignorância. Poderíamos ser uma grande força! Há muitos pontos importantes que poderiam ser ocupados imediatamente. Decidimos estudar a língua com um professor nativo, em Campinas, 30 milhas distante. É somente uma hora de trem da estação de Santa Bárbara. Temos certeza de que ali aprenderemos a língua melhor e mais rapidamente, o que não é assegurado aqui na vila.

Espero que possamos viver ali sem grandes despesas e ainda haverá mais vantagens para o estudo e trabalho, aqui e lá.

Por favor, responda-nos diretamente para Campinas, S. Paulo, Brasil, em vez de Santa Bárbara. Pela mala de hoje, seguiu um mapa desta Província."



Não conseguimos saber o nome desse professor nativo em Campinas. Tem havido idéia de que esse professor teria sido Teixeira de Albuquerque. Porém, segundo o que colhemos, este encontrava-se residindo em Capivari. Há referências a respeito nos documentos subseqüentes, para que se possa fazer uma conclusão. Parece-nos pouco provável que Teixeira viajasse de Capivari para Campinas, cada vez que tivesse que dar aula ao casal Bagby. O que nos parece convincente é que ele, Teixeira, tornou-se o professor dos missionários quando já em Salvador, Bahia.



FMJ, maio-junho/1882, v. 14, nº 2,3/147

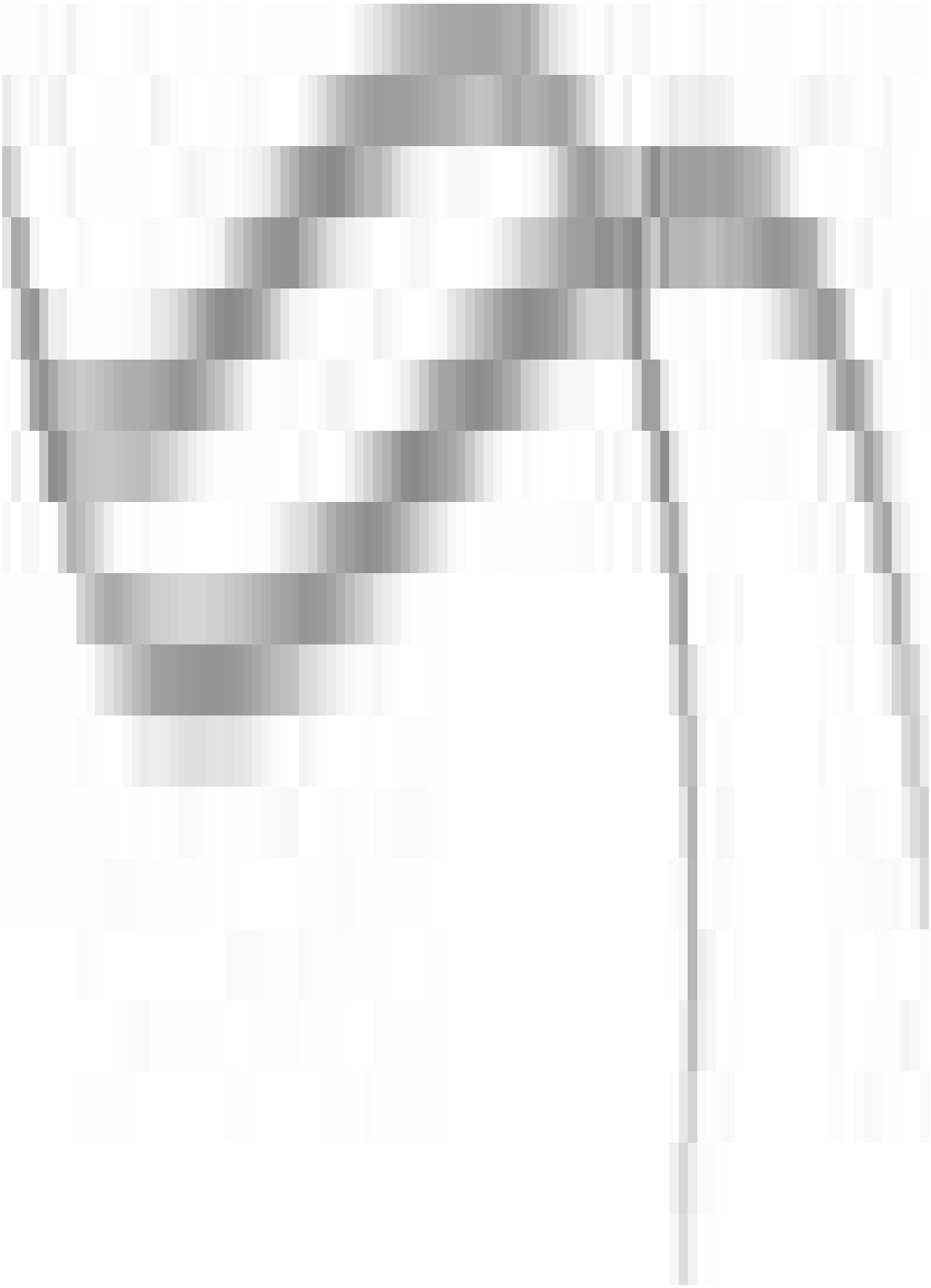
Supl., p. 6

SBCA, maio/1882, p. 68,69

16.04.1881

O casal Bagby muda-se para Campinas, SP

Na data de 16.04.1881, o casal Bagby deixou a Vila de Santa Bárbara para ir morar em Campinas.

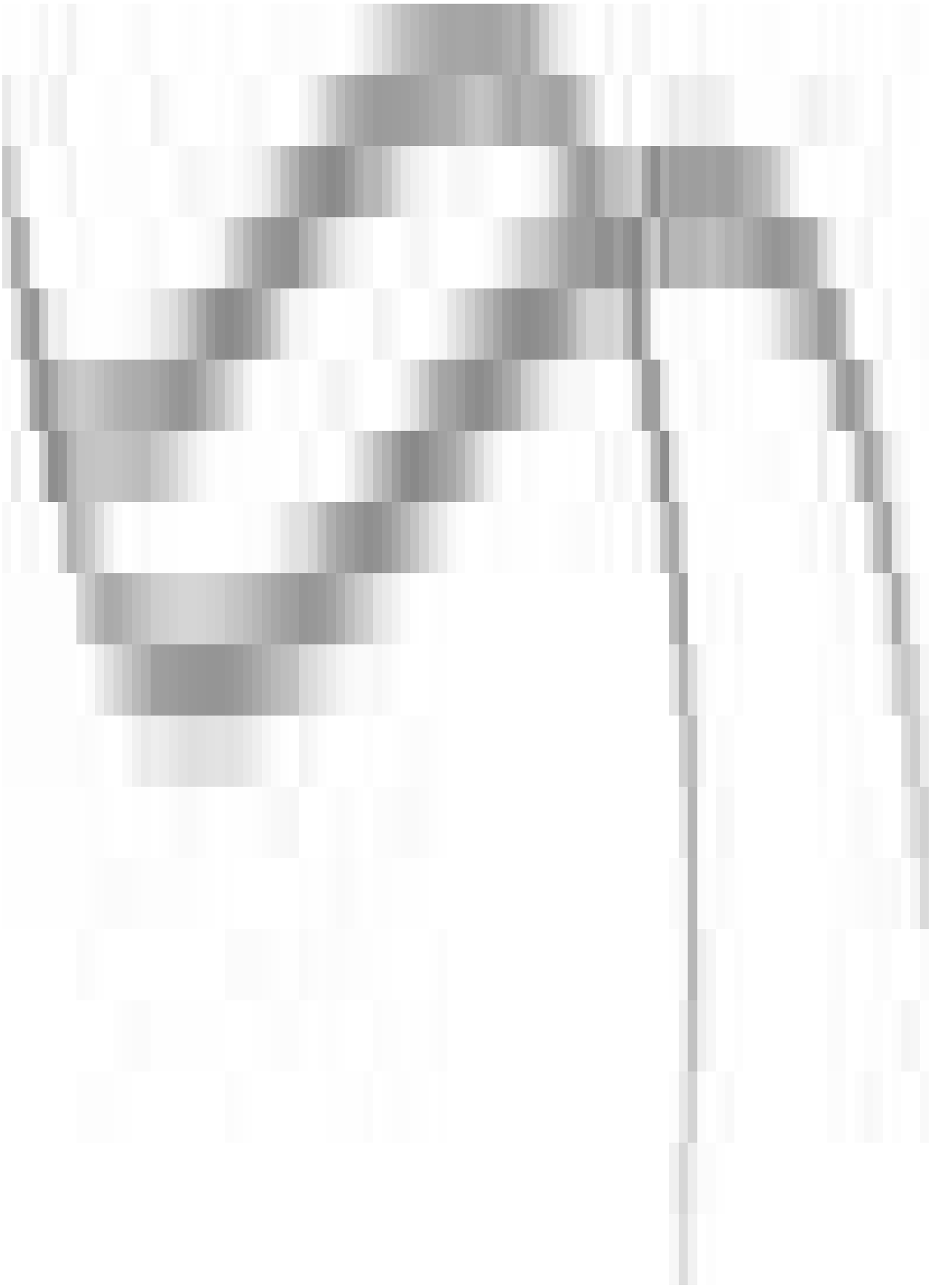


NAITR, p. 20

23.04.1881

Falecimento John Perkins

John Perkins, com 75 anos de idade, faleceu em Santa Bárbara, e foi sepultado no Cemitério do Campo. O túmulo de sua esposa encontra-se ao lado. E ambos estão na parte destinada aos membros da família Thomas. Isto faz crer que John Perkins devia ser parente de Emily (Perkins) Thomas, esposa do pastor Robert Porter Thomas.



SBCA, 5-9/maio, 1881, p. 21

FMJ, julho/1881, V. 13, nº 4/136, p. 3,4

Maio, 1881

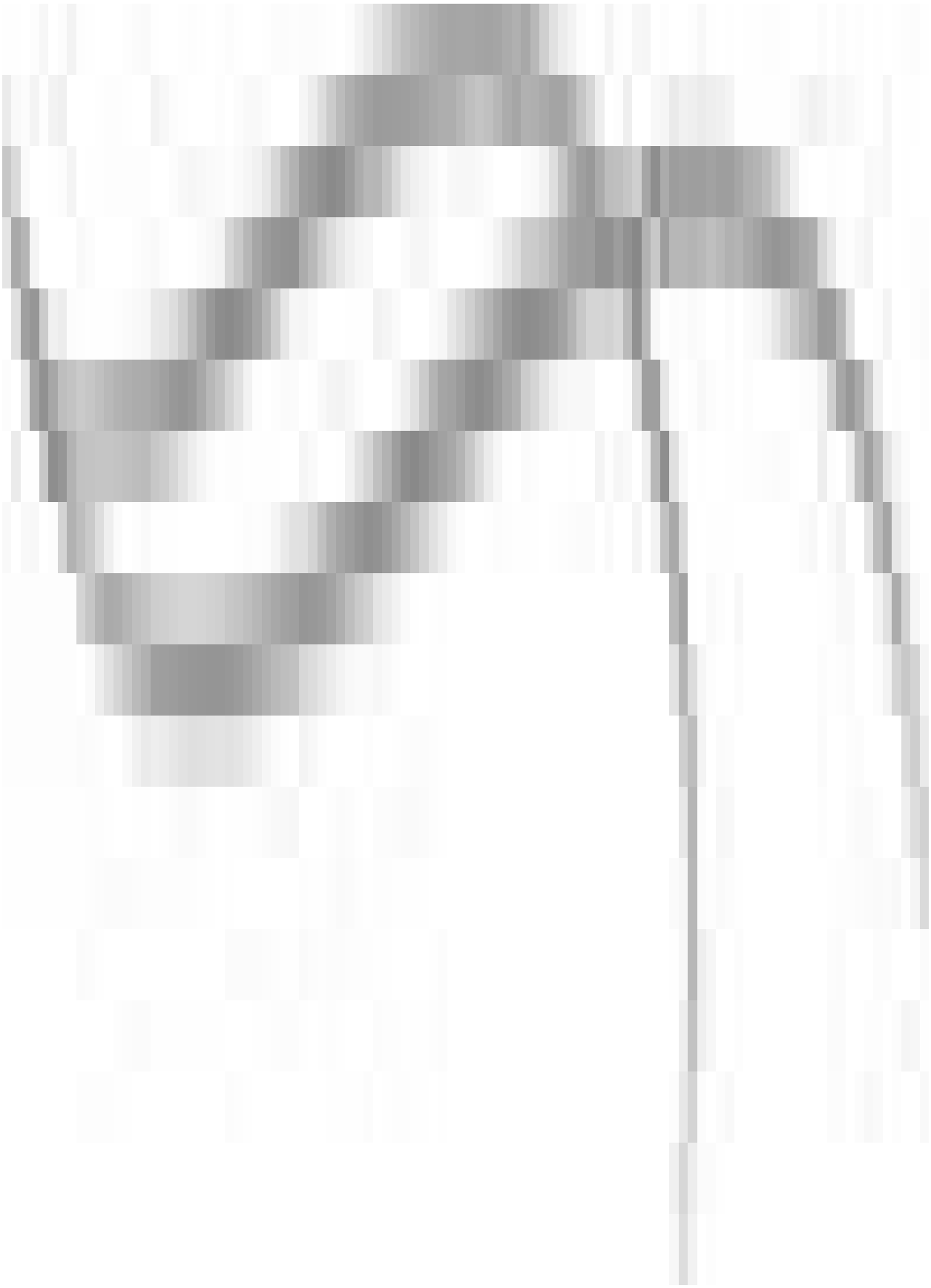
Parecer na Convenção

Temos aqui um resumo do Parecer sobre a “Missão Brasileira”, apresentado na SBC realizada em Columbus, Mississippi, em maio de 1881. É como segue:

“... Os batistas americanos ainda têm somente duas igrejas com um total de 33 almas, e três missionários nomeados pela Junta desta Convenção. Dois deles, Sr. e Sra. Bagby, recentemente chegados àquele país, começam agora o seu trabalho.

O Brasil é uma parte do território missionário desta Convenção. (...) É melhor plantar as Missões nas comunidades em crescimento. Igrejas plantadas agora no Brasil tornar-se-ão centros de influência, os quais sob as bênçãos de Deus multiplicar-se-ão por si através dos tempos. Assim, urge que o pão da vida seja dado aos milhões do Brasil.”

Foram membros dessa comissão: J. B. Gambrell, H. H. Harris, A.T. Hawthorn, J. M. Phillips, que leu o Parecer, H. D. D. Straton, C. H. Strickland e M. T. Martin. Na p. 2 do FMJ acima anotado e na p. 40 dos Anais também referidos, sob o título “Nossos Missionários”, encontramos o seguinte: “Brasil. Em Campinas — S. Paulo — W. B. Bagby e Sra. Bagby — Em Santa Bárbara — E. H. Quillin”

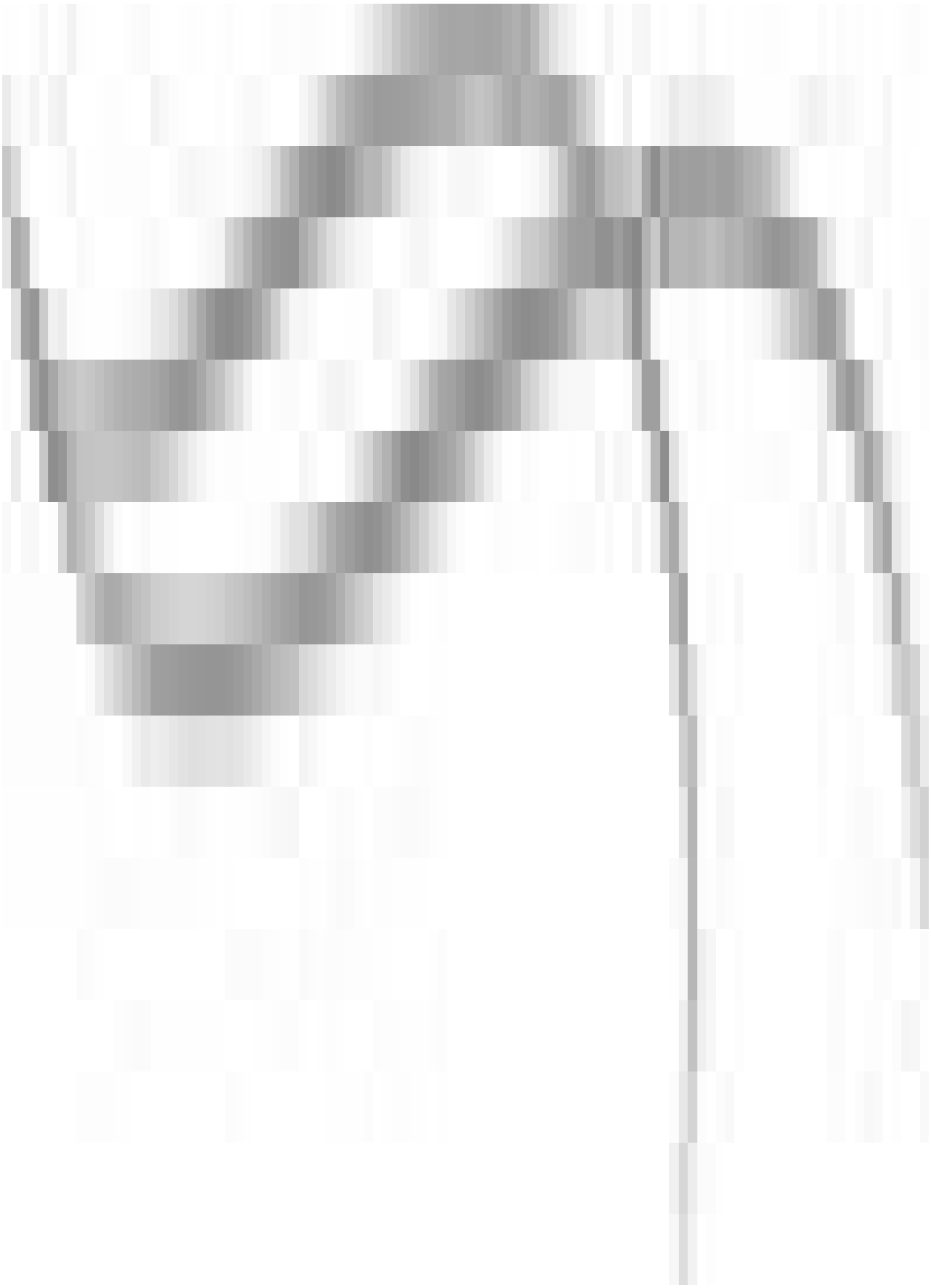


28.05.1881

Exonera-se E. H. Quillin

Assume W. B. Bagby

Nesta data, 28.05.1881, exonera-se do pastorado da Primeira Igreja em Santa Bárbara, o Rev. Elias Hoton Quillin. Assume no seu lugar, na mesma ocasião, o Rev. William Buck Bagby.



Original no Arquivo da FMB

31.05.1881

Carta de Campinas

De WBB

Para FMB

"... Tivemos uma boa freqüência na sessão da igreja, sábado [dia 28 de maio]. O irmão Quillin esteve presente e renovou o seu pedido de exoneração do pastorado da igreja, o qual foi aceito. A seguir, procedeu-se a eleição de um novo pastor. Isto resultou na minha nomeação, por voto unânime. Houve uma perfeita compreensão entre o irmão Quillin e a igreja, na explicação de que aquele pedido expresso e renovado estava na razão de que isto seria feito tão logo alguém fosse enviado pela Junta para ocupar o lugar.

Antes de eu aceitar aquele encargo da igreja, expus aos irmãos a minha posição e a incerteza de eu permanecer na região. Disse-lhes que só poderia prometer pregar durante o tempo no qual eu teria que estudar a língua.

Como a igreja tinha manifestado o desejo de cooperar com a Junta no sustento do trabalho aqui, votou-se a quantia de 125 dólares anuais para esse fim. Assim, as minhas viagens e outras despesas serão cobertas por essa contribuição. (...)

Alguns membros, entre os quais o irmão Meriwether, de Botucatu, não estiveram presentes, porém, estou contente por saber que eles contribuirão para o trabalho da Junta durante o ano. A igreja está ansiosa para fazer alguma coisa, porém, está cônscia de que ela por si precisa de um reavivamento do Senhor. Esperamos iniciar o nosso trabalho ali, no segundo domingo de junho. (...)

Com relação à Igreja da Estação, devo dizer que ela tem só dez membros, não possui templo próprio e nem serviço regular de pregação. Seus membros não se entendem bem. (...) Por outro lado, nenhum resultado benéfico advém da

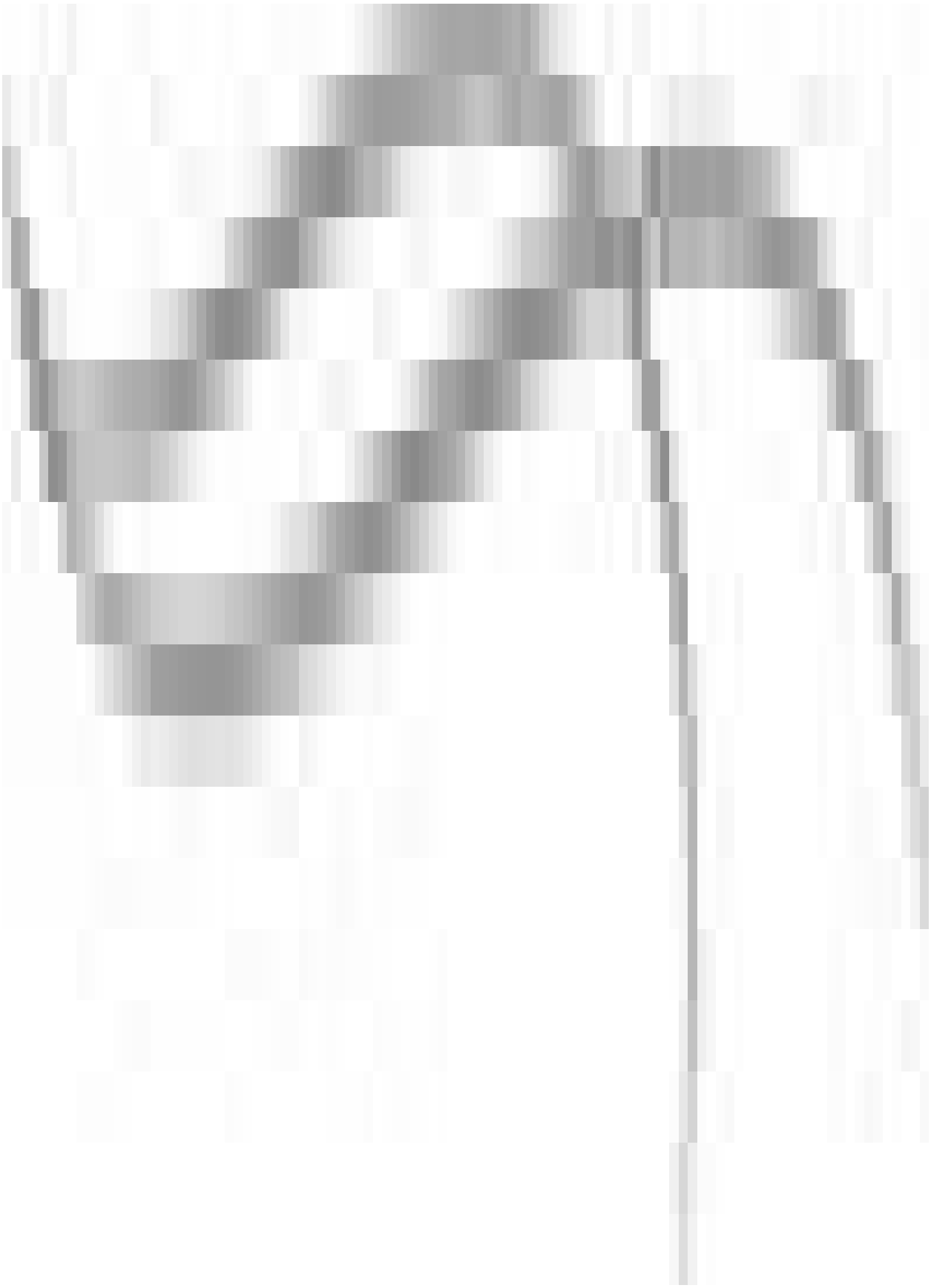
existência dessas duas igrejas. Assim, falei aos membros da Igreja da Estação para que, formalmente, dissolvam a igreja, retornando todos à de Santa Bárbara. Alguns aceitaram a idéia e já se uniram a esta. Os outros pensam que a sua organização deve continuar, pelo menos no presente. Enquanto o assunto não for resolvido, e como a igreja não tem pastor, eu os ajudarei.

Teixeira é membro dela e os irmãos estão tentando esclarecer sobre o desentendimento havido entre ele e o irmão Quillin. Desde então, e do retorno de Piracicaba, Teixeira tem continuado a ensinar diariamente na escola ali. Ele deixou de pregar [..."he no longer preaches."]; porém, expressa arrependimento por seus erros e deseja permanecer conosco. (...)

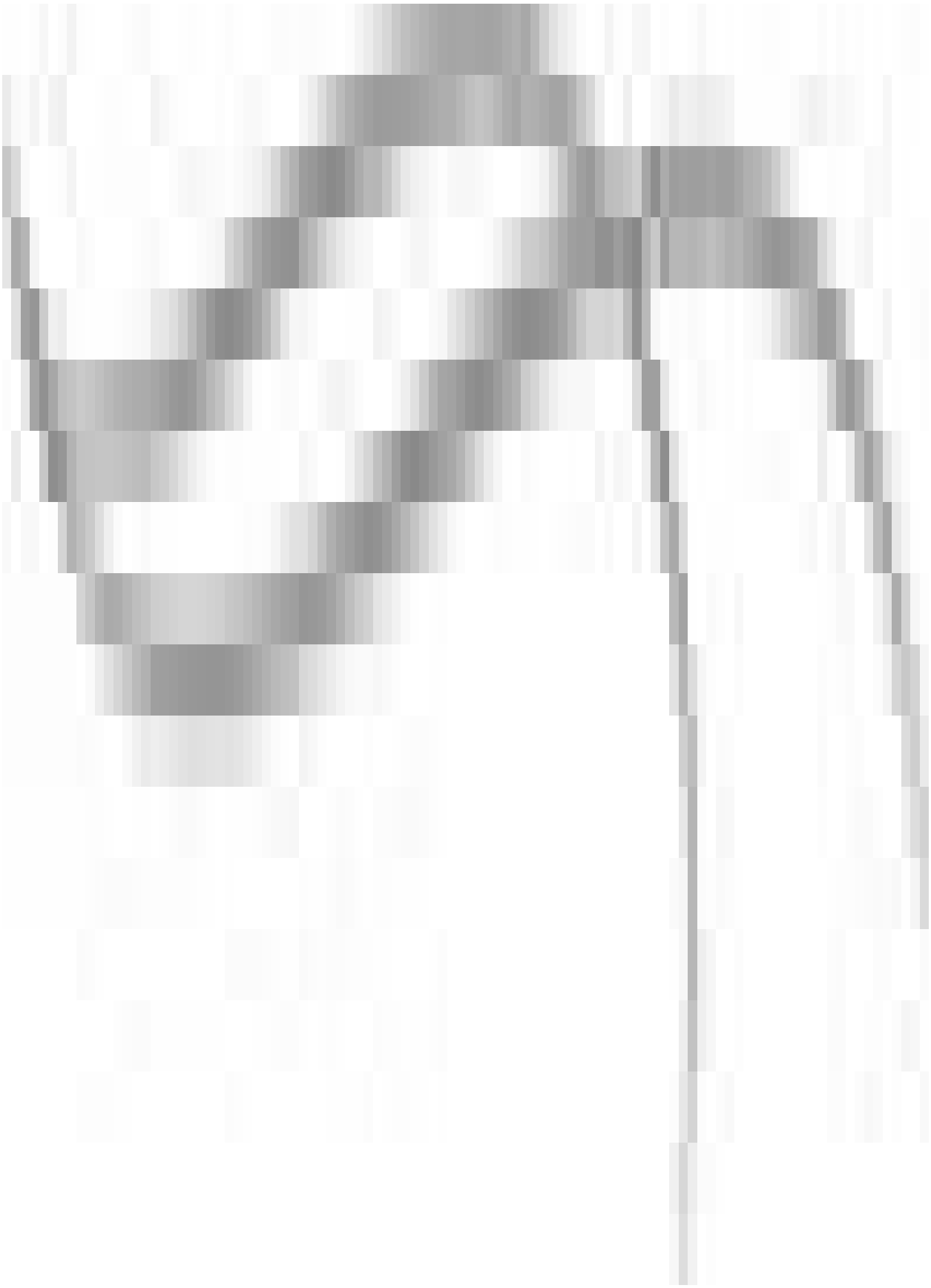
Agora, algo sobre o nosso futuro trabalho e a localização de nossa "Missão". Não creio que Santa Bárbara seja o lugar próprio para o nosso trabalho entre os brasileiros. Primeiro, porque é uma pequena vila, afastada da estação da estrada de ferro. Logo não é um centro. O trabalho não teria chance de expandir-se. Os amigos presbiterianos notaram sabiamente na necessidade de se estabelecerem primeiro em centros de população e influência e, conseqüentemente, começando por radicar-se em lugares como o Rio, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Campinas, enquanto que eles podem exercer uma grande influência nas cidades e regiões vizinhas.

Segundo, a presença da população americana em torno de SB, ao invés de ser uma ajuda, uma vantagem, poderia ser um sério obstáculo no caminho do sucesso de qualquer missão para os brasileiros, eu penso, cujo lugar, por outro lado, seria mais favorável. (...)

Com respeito à escola do irmão Quillin sobre a qual a FMB tem ouvido, ela não é uma escola-missão, nos moldes como sempre conheci. Nela nenhuma instrução religiosa é dada, a Bíblia não é lida e os trabalhos escolares não são abertos nem encerrados com oração. Na verdade, isso tem sido claramente conhecido. Eu disse que nenhuma religião é ensinada na escola e, sabendo disso, que os brasileiros enviam estudantes para o irmão Quillin. Mas, ele deseja obter livros para a instrução religiosa e, se assim conseguir, estabelecerá uma Escola Dominical."



O Pr. Quillin estava sendo coerente com o que escrevera para a FMB, sobre como deveria funcionar uma escola-missão num país de formação religiosa e política como a do Brasil. (Ver os documentos pertinentes ao assunto nas datas de 28.12.1880 e 20.03.1881)



FMJ, set./1881, v. 13, nº 6/138, p. 2, c. 1, 2

30.06.1881

“Boas Novas do Brasil”

Carta de Campinas

De WBB

Para FMB

“... A igreja em SB tem sido abençoada com um despertamento, e uma grande renovação de forças e coragem no Senhor.

Decidi estender por uma semana o nosso trabalho ali, começando no segundo domingo deste mês. Como essa espécie de programa ainda não tinha sido feita, houve receio de que as pessoas não viriam às reuniões durante a semana. Porém, embora espalhados na região e inconvenientemente situados em relação ao lugar dos cultos, tivemos uma grande congregação, dia e noite, para ouvir o evangelho. Preguei oito dias e noites, com exceção de um sermão, e houve júbilo por um despertamento entre os crentes e pecadores.

Houve 17 profissões de fé e muitas reconciliações daqueles que têm vivido longe de Deus desde que vieram para o Brasil.

No sábado, 18 do corrente, tive o prazer de batizar seis [6] novos convertidos num grande “pool” [batistério ao ar livre] perto da igreja. Outros esperam segui-los, em breve. Dois foram recebidos por carta, um dos quais tinha-a em seu

poder por longo tempo, porém, que negligenciara no unir-se à igreja, até que ele cresceu no cuidado e indiferença e assim nunca tinha vindo para juntar-se aos outros. [Quais teriam sido?]

Dois daqueles novos batizados são chefes de família, e serão, sem dúvida, valorosos auxiliares no Senhor. Todos deram fortes provas de um coração mudado e esperamos que sejam luzes queimando e brilhando na igreja.

Desde que fiz o último relatório, alguns irmãos comprometeram-se a fazer contribuições para o trabalho da Junta, que somam 300 mil réis (150 dólares). Considero-as perfeitamente boas. Elas serão pagas durante o ano. Estou satisfeito porque a igreja será capaz de fazer ainda mais para o trabalho da Junta.

Cinco daqueles que estavam na reunião, vieram de 100 milhas de distância. Duas delas eram senhoras e uma delas foi batizada no sábado. [Deviam ser os membros das famílias Meriwether e Cherry, de Botucatu].

Planos

Estou ansioso para fazer uma viagem de algumas semanas, no interior, com o Sr. Chamberlain, um dos missionários da Junta Presbiteriana do Norte. Ele fala português excelentemente e, viajando com ele, poderei aprender muito a língua, costumes e maneiras, o que nunca aprenderia pelos livros. Por estes aprende-se a pronúncia certa. Um ouvido estrangeiro precisa muito de treinamento quanto à língua. [Parece-nos que essa viagem não chegou a ser realizada.]

Outro objetivo que tenho em vista é conhecer o interior, especialmente Botucatu,

perto da qual moram alguns de nossos membros, os Meriwethers e os Cherrys. Estes são aqueles que vieram de tão longe às reuniões. Major Meriwether está muito desejoso para que nos localizemos em Botucatu. É uma das regiões da Província que produz um dos melhores cafés, e os habitantes são liberalmente inclinados para os protestantes. Também há homens proeminentes, desejando que se tenha ali uma escola. Uma objeção, para mim, é que Botucatu não é um lugar fácil de comunicação com os portos e outros pontos. É longe da estrada de ferro, embora não seja distante do rio Tietê, que é uma via navegável de importância. [Não encontramos referência de que Dr. Bagby tenha estado em Botucatu.]

Três campos importantes

Minas Gerais (...) Está inteiramente desocupado, tanto quanto tenho conhecimento, por alguma junta ou denominação.

Paraná (...) Está inteiramente sem o evangelho.

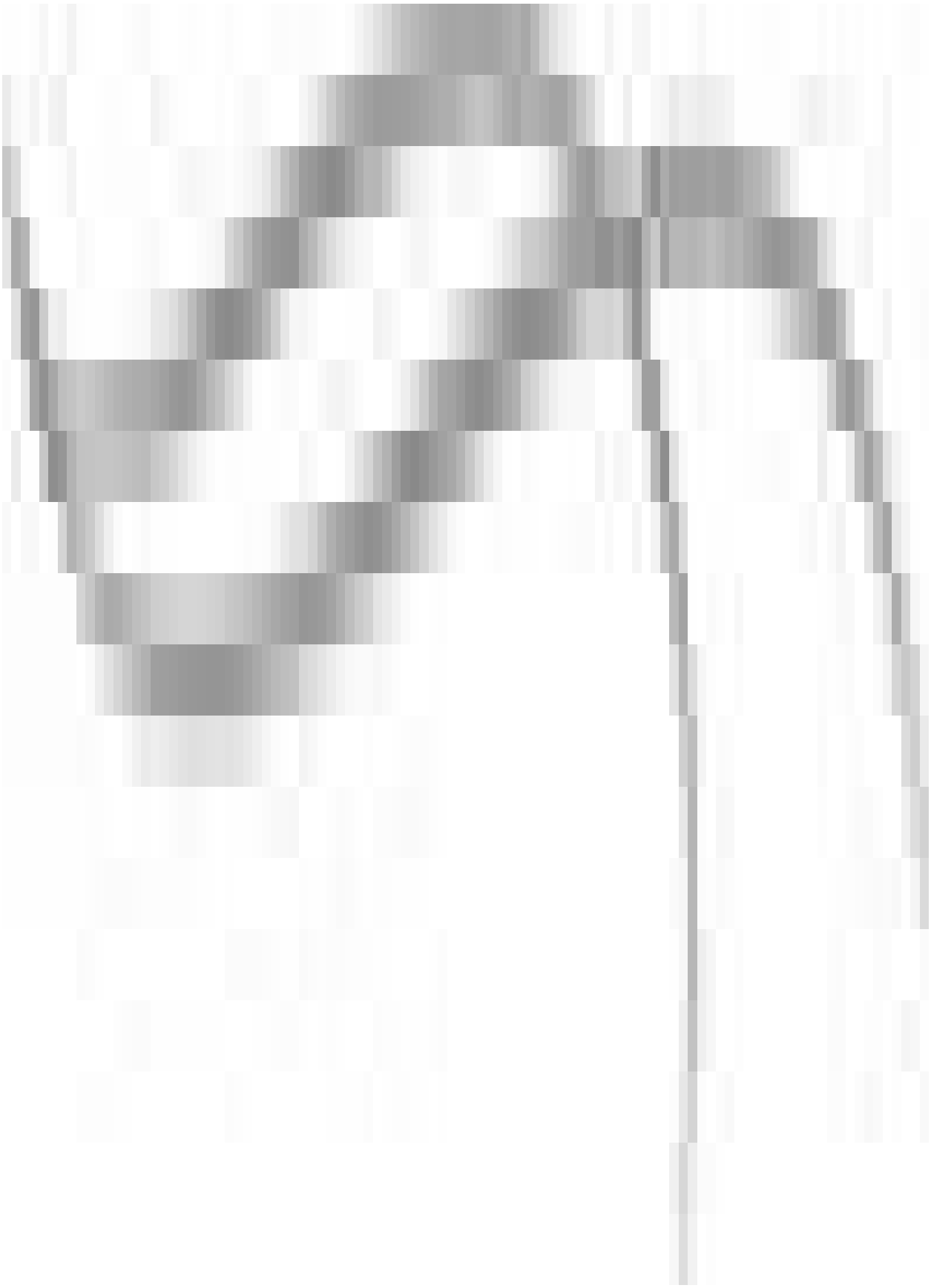
Pará (...) [Belém] Além de ela ser uma cidade comercial e a capital de uma das maiores Províncias do Império, é a chave do grande vale do Amazonas, com os seus muitos tributários navegáveis até o Peru e a Bolívia. Enquanto que o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Paulo e outras grandes cidades têm o beneficio do evangelho, o Pará tem sido negligenciado. O Sr. Lane, da Missão Presbiteriana aqui, que tem estado na região por vários anos, e conhece as vantagens oferecidas pelas diferentes localidades, disse que o Pará é, decididamente, o melhor lugar do Império, em sua opinião, para estabelecer uma Missão.

Com respeito a SB, conquanto eu esteja muito interessado nos americanos ali e nossa igreja, não é o lugar da Missão para os BRASILEIROS. Nada tem sido

feito ali pelos nativos e o lugar não oferece vantagem para tal trabalho. Estou esperando que a igreja possa ser capaz de fazer algum plano com a Junta desde que possa ter um obreiro de tempo total para pregar-lhes.

Há provavelmente cerca de 400 americanos ao redor de SB. Se pudéssemos ter um obreiro forte para tomar a responsabilidade do trabalho aqui, ele poderia erguer uma grande igreja, e ao mesmo tempo preparar-se, a si mesmo, para pregar aos brasileiros quando se oferecesse a oportunidade.

Enquanto estiver estudando aqui, ficarei atento para encontrar o lugar certo para o nosso trabalho.”



FMJ, nov./1881, v. 13, nº 8/140, p. 2, c. 1

04.08.1881

Duas comunicações

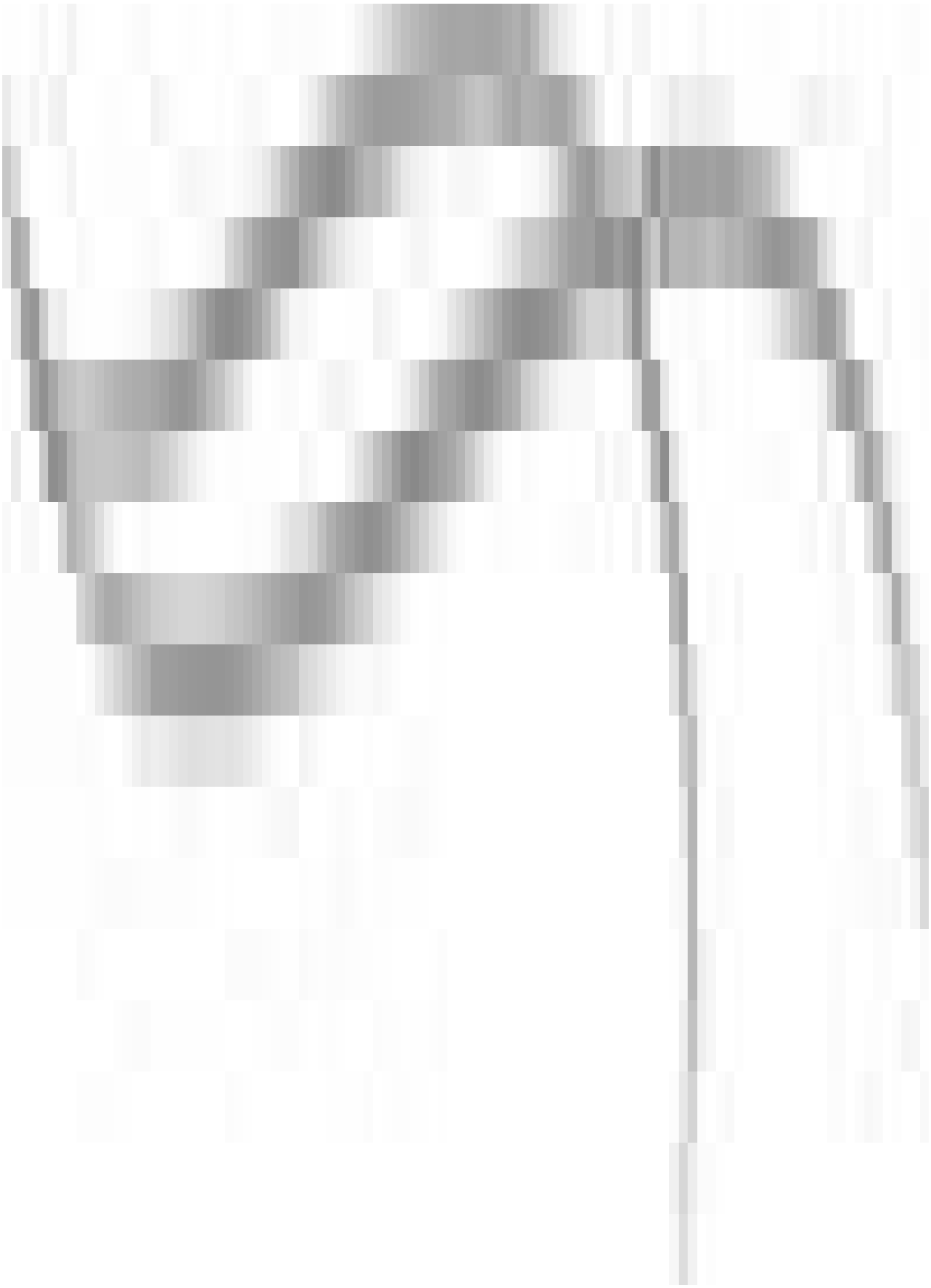
Carta de Campinas

De WBB

Para a FMB

“Miss Ermine Bagby”, a primogênita do casal Bagby, nasceu a 25.07.1881, em Campinas, SP.

“Desde abril as despesas da viagem têm sido maiores do que aquilo que temos recebido dos irmãos de Santa Bárbara.”



FMJ, ag./1881, v. 13, nº 5/137, p. 1, c. 3

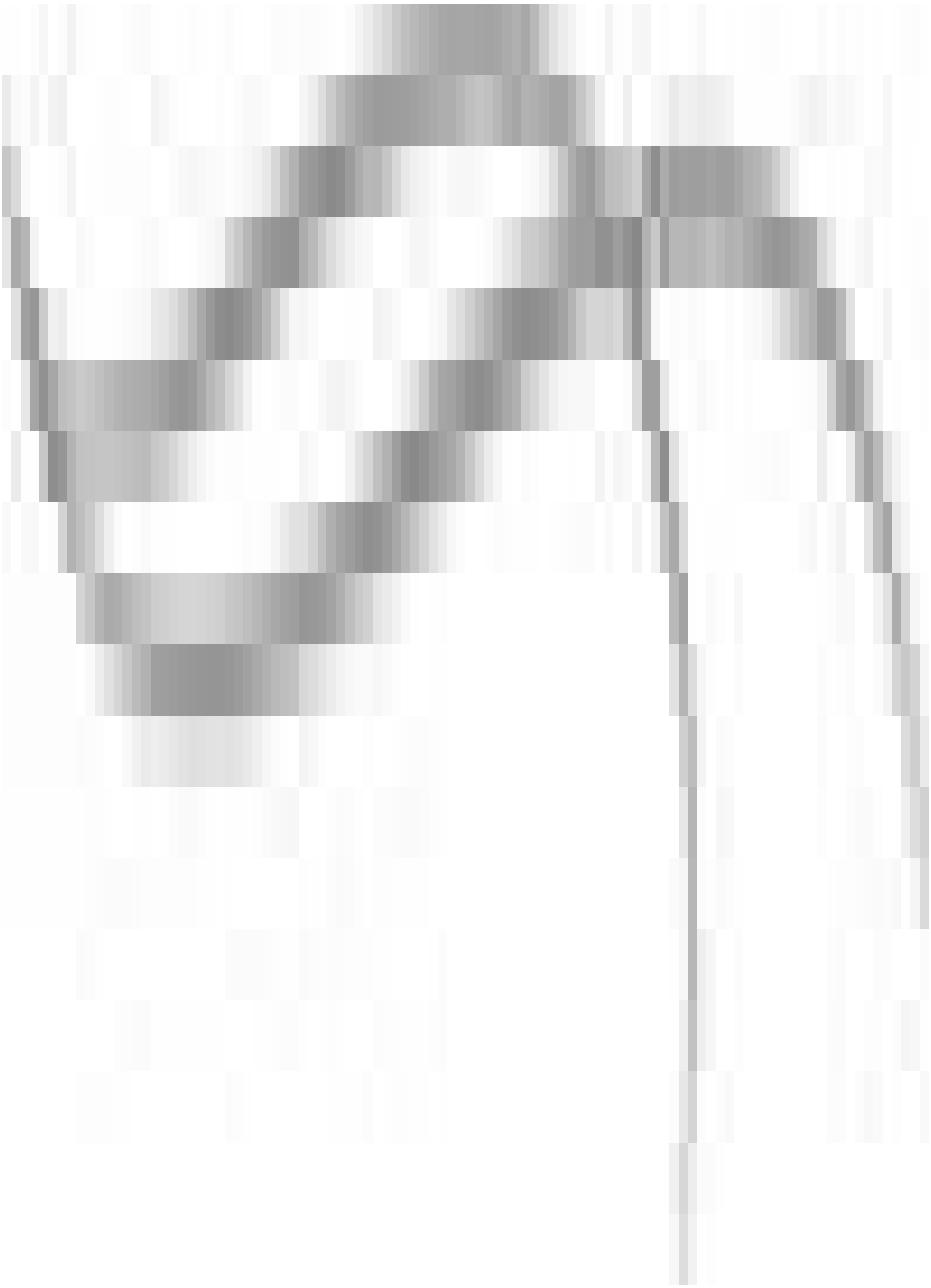
Agosto, 1881

Notícia

“Missão Brasileira — Esta Missão, na Província de SP, admitida em 1879, tem uma igreja em Santa Bárbara, com 30 membros, e outra, a da Estação, com 12 membros. O Rev. E. H. Quillin tem sido professor e pregador. A 13.01.1881, o Rev. W. B. Bagby e esposa, do Texas, foram enviados para reforçar a Missão.(...)

A presente perspectiva é promissora, embora o campo seja difícil. O Sr. Bagby é o pastor da Igreja em Santa Bárbara, com a qual a Igreja da Estação se unirá, provavelmente. O seu endereço é: Campinas, S. Paulo, Brasil.”

Percebe-se que a notícia é uma repetição, em sumário, das informações já antes publicadas.



FMJ. nov./1881, v. 13, nº 8/140, p. 2, c. 1,2

02.09.1881

Carta de SBSP

De WBB

Para FMB

"... Estamos aqui outra vez para alguns poucos dias. A Sra. Bagby achou conveniente permanecer aqui com amigos enquanto fui a Piracicaba e São Paulo. (...)

Na próxima segunda-feira já estaremos de volta a Campinas. (...) O trabalho aqui está muito encorajador. Nossos cultos são sempre bem freqüentados. No próximo domingo pregarei perto da estação.

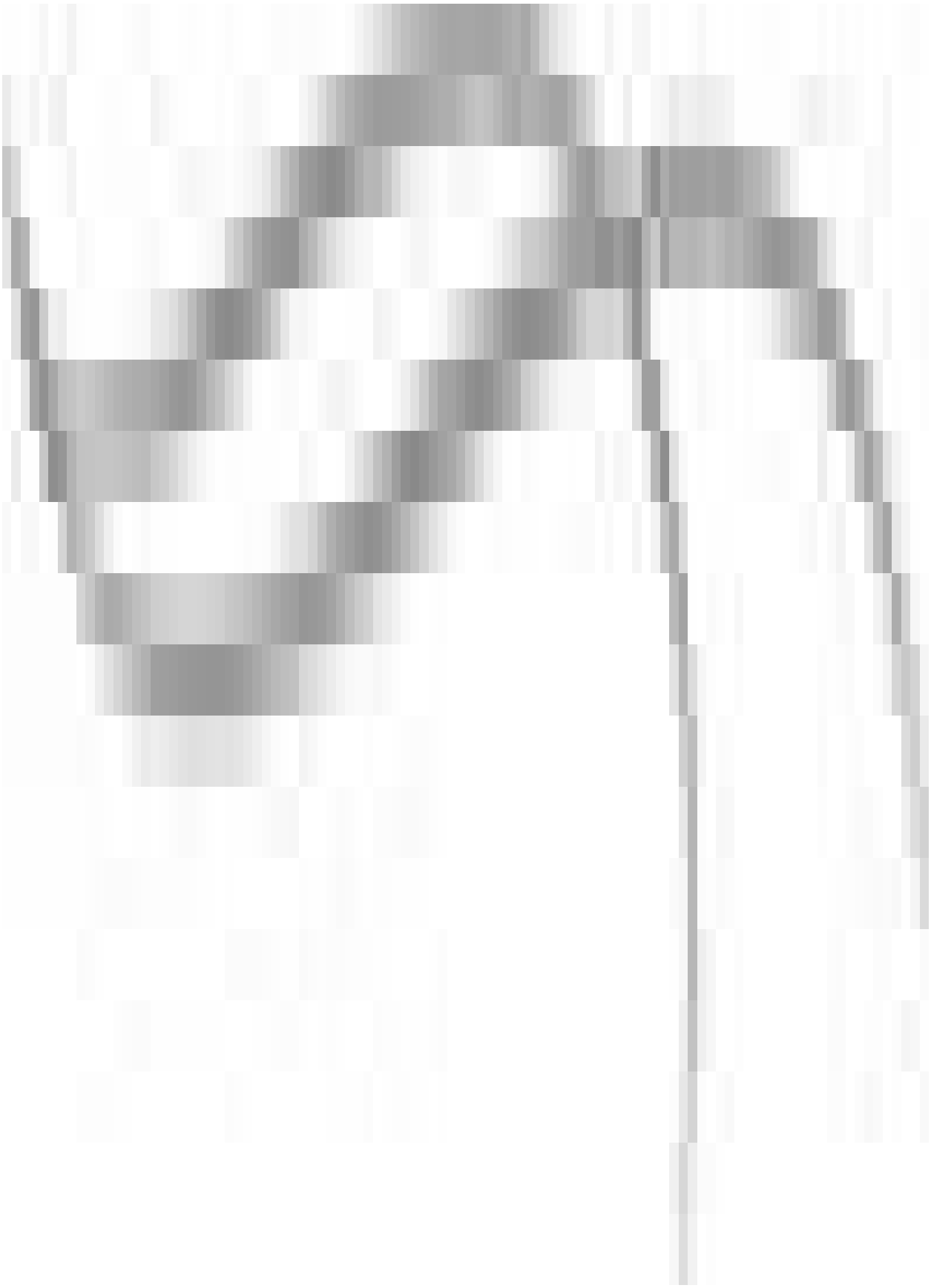
Creio já lhe ter dito antes, de minha decisão com respeito à Igreja da Estação. Quando cheguei aqui ela estava sem um trabalho regular. Sua organização foi imprudente (insensata) e infeliz. O irmão Thomas, embora seu pastor, pouco tem pregado, em virtude de sua saúde precária, e viver um pouco distante da estação. (...) Ele pediu a sua exoneração há algum tempo.

Desde então, tenho pregado naquela vizinhança, uma vez por mês. Sugeri aos seus membros que retornassem à Igreja de Santa Bárbara. Quatro deles pediram suas cartas e se uniram a esta. Sete permaneceram porque estão indecisos.

Espero que em breve haja crescimento na Igreja de Santa Bárbara. Nossa reunião ali, no segundo domingo de agosto, foi muito agradável e rendosa. Pode-se ver uma mudança para melhor na colônia americana, religiosamente, desde o despertamento de julho. (...) Os jovens têm tido uma reunião semanal de oração, a qual é bem freqüentada e tem produzido bons resultados.

Minha viagem a São Paulo foi boa e instrutiva. Eu desejava estar com os presbiterianos ali, reunidos em presbitério, e ter, então, uma oportunidade de visão e consulta com os seus obreiros das diversas localidades do Império, alguns dos quais têm tido longas, variadas e preciosas experiências em operações missionárias neste país. A Junta Presbiteriana do Norte tem, creio, seis missionários homens no país, além de mais ou menos o mesmo número de obreiros nativos consagrados como pregadores. Sua força principal está nesta região de SP. O Sr. Chamberlain, um dos mais experimentados, acabou de voltar de uma viagem ao interior onde ele teve muito sucesso e encontrou o povo ávido para ouvir o evangelho. Eles vinham em grande quantidade para ouvir a sua pregação, apesar da oposição dos padres.

Recebi uma longa carta do General Hawthorn. Ele está feliz e esperançoso. Ele pensa que o Texas, em breve, será capaz de sustentar um outro missionário neste Império. Ele escreveu ao irmão Taylor instando mais uma vez para que ele venha para o Brasil. Estou muito ansioso para que ele venha, a fim de que possamos trabalhar juntos, o que será rendoso. Todas as outras Missões têm diversos obreiros no campo para se auxiliarem e se aconselharem mutuamente.”



Original, em inglês, no Arquivo da FMB.Seguem-se apenas algumas anotações.

26.10.1881

Carta de Campinas

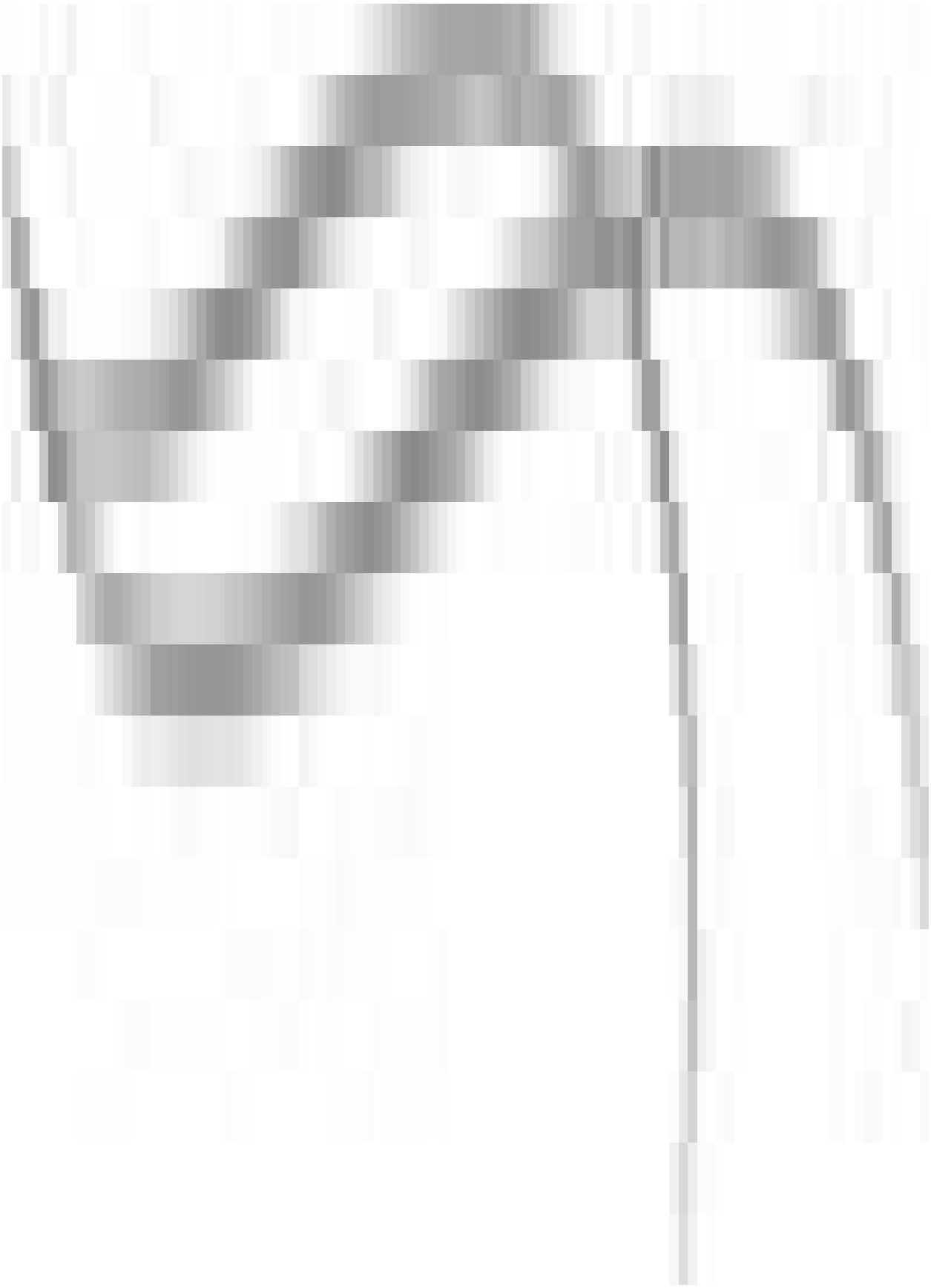
De WBB

Para FMB

“O nosso trabalho em SB vai indo bem. Tencionamos consagrar um diácono para a Igreja de SB, no segundo domingo de novembro. (...)

Desde nossa última reunião em junho, várias pessoas têm mantido reunião de oração em família, um bom indício do beneficio que a igreja recebeu do despertamento. (...)

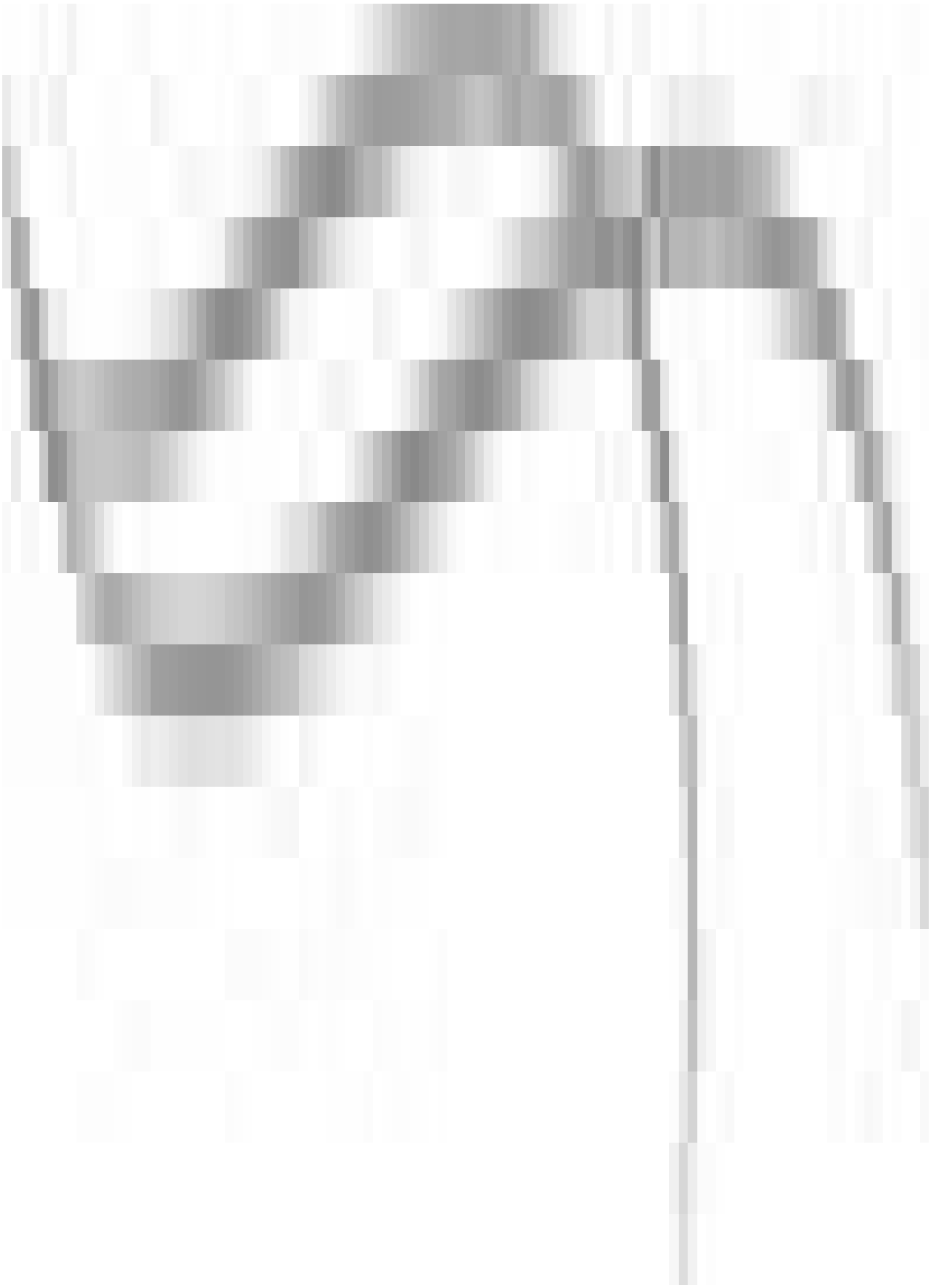
Quando o irmão Taylor chegar desejo fazer várias viagens no sentido de encontrar o melhor lugar para o nosso futuro trabalho. Quero visitar o Rio, Minas Gerais e o Paraná.”



O diácono acima mencionado seria William Francis Thomas, e o dia da sua consagração seria 13.11.1881.

Os dois itens acima indicam a resposta positiva por parte dos membros da igreja, desde que conduzidos por um pastor.

Das viagens acima mencionadas, considerando as informações dos documentos que encontramos, poderíamos sugerir que o Rio de Janeiro mereceu passagem; o Paraná não chegou a ser visitado. Para Minas Gerais, melhor será a leitura do Documento de 17.05.1882.



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

05.11.1881

Carta de SBSP

De EHQ

Para FMB

"... Sendo o irmão o secretário-correspondente da FMB-SBC, venho por seu intermédio apresentar aos irmãos da dita Junta, a minha exoneração como missionário no Brasil. Sob os seus auspícios tenho me esforçado para trabalhar fielmente no desempenho dessa responsabilidade. O que tem sido feito com referência a Missões é mais ou menos do seu conhecimento. Sinto-me recompensado. Estou agradecido ao Deus das Missões, pois que através da minha fraca instrumentalidade a grande Missão Brasileira foi estabelecida, e que nós temos agora dois muito eficientes missionários no campo.

Para ser justo comigo mesmo e responsabilidade da Junta, estou pedindo a minha exoneração, pelos motivos que resumo nos pontos seguintes:

1. Minha nomeação teve por objeto o reconhecimento da Igreja em Santa Bárbara, como campo missionário. Isto foi como compreendi, e fiquei como seu representante diante da Junta. Isto foi efetuado e o objetivo de minha nomeação, como eu entendi, está consumado, e nós temos agora missionários trabalhando no campo. Considero, ainda, que se expiraram os termos do oficio, contemplados na nomeação.

2. Tendo uma grande família para sustentar, eu pensaria que o meu trabalho não justificaria o fato de a Junta reter-me como um dos seus missionários no estrangeiro. Ela poderia talvez esperar mais do que, nas atuais circunstâncias, eu poderia apresentar.

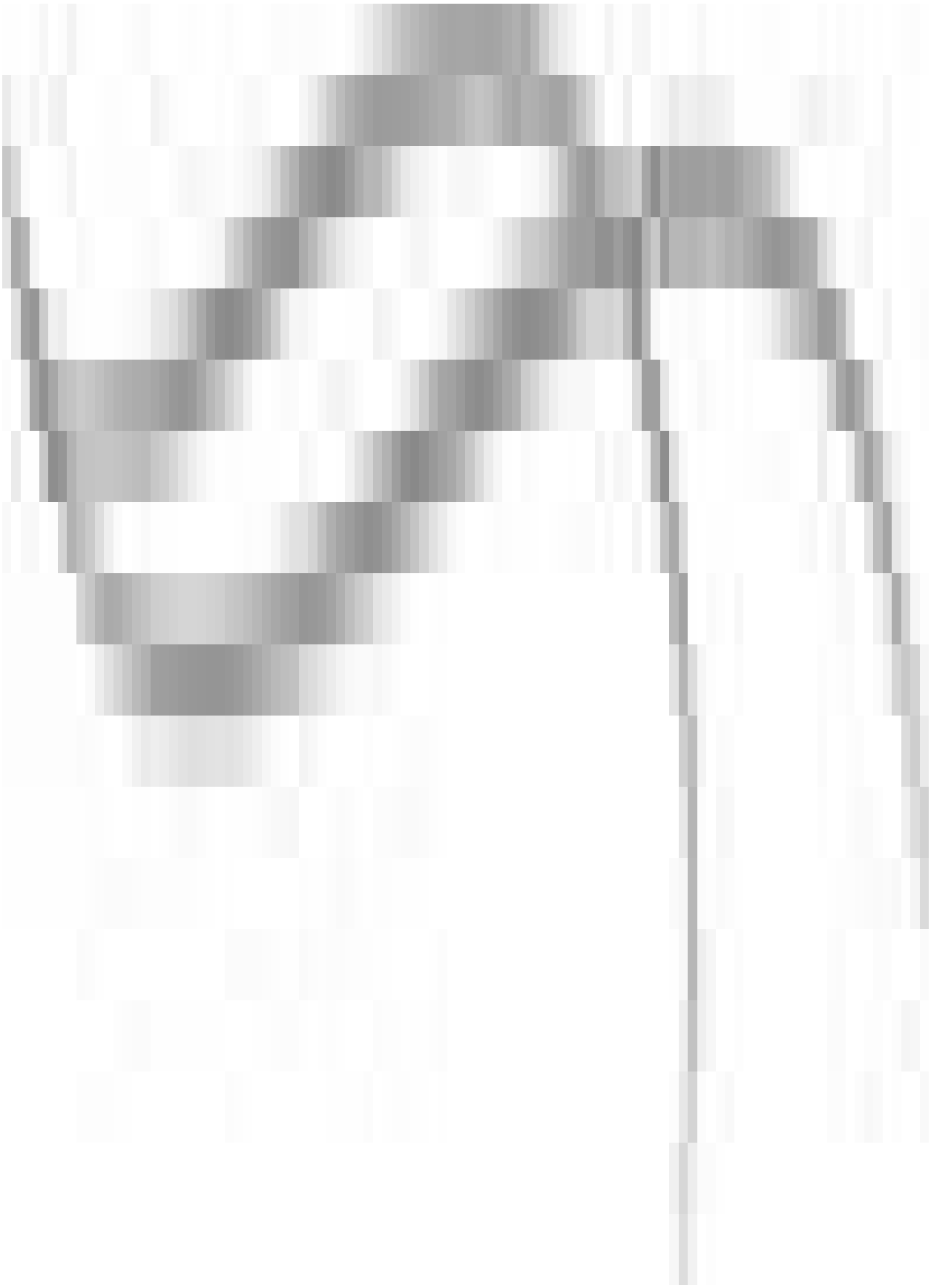
3. Estou antecipando um retorno aos EUA, pelo menos por um período.

Estas são as razões que menciono para consideração, e sobre elas o irmão tomará a decisão que melhor lhe parecer.

Embora eu seja demissoriado, ainda meu interesse não diminuirá, nem meu trabalho será reduzido. Enquanto eu permanecer neste país, oprimido pelo romanismo, não calarei a minha voz nem reduzirei os meus esforços.

Gostaria de deixar esta matéria ao seu dispor, crendo que a sua decisão terá a aprovação de Deus. (...)

P. S.: O irmão Bagby e esposa estão sendo bem aceitos por todos e, indubitavelmente, farão um bom trabalho. Que outros tais como eles possam ser enviados. Há muita necessidade de mais obreiros.”

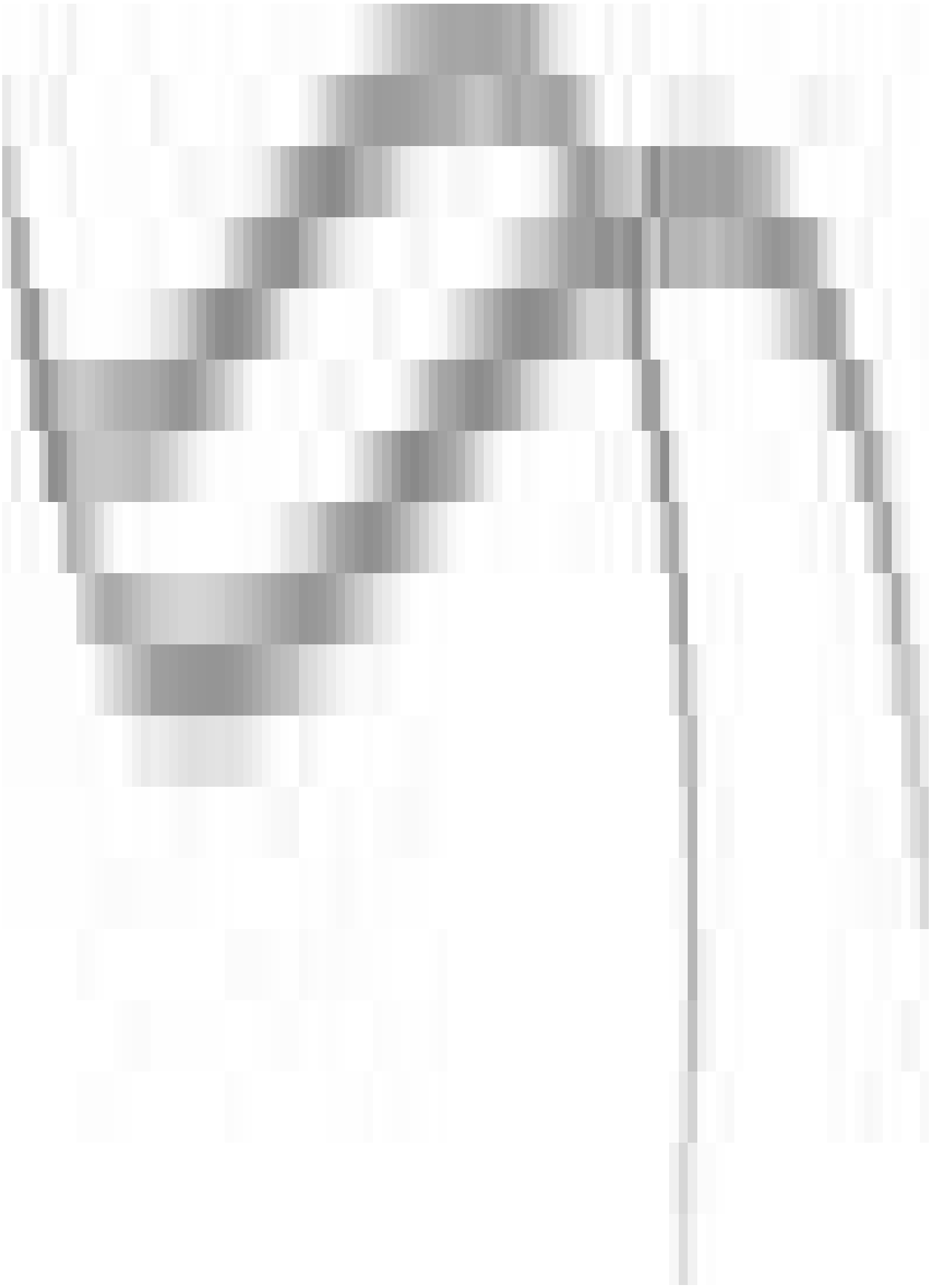


Consoante documento original no arquivo da Junta, a exoneração pedida, conforme acima se lê, foi dada a 06.03.1882.

A 28.05.1881, o Rev. E. H. Quillin pedira a sua exoneração do pastorado da PIB/SB e, na mesma ocasião, assumira a liderança da igreja o Rev. W. B. Bagby. (Ver documento de 31.05.1881.)

O Rev. Quillin ficou, ainda, como responsável pela Missão, já então fora do pastorado, e o Rev. Bagby assumiu a responsabilidade do movimento financeiro da Missão. Foi assim que concluímos à vista das informações que recebemos da FMB, através da troca de várias cartas de consulta.

Parece-nos, porém, que o Rev. Quillin foi, aos poucos, isolando-se de sua função até que achou por bem exonerar-se, como missionário, o que fez.



Cartas de WBB à FMB, de Campinas, SP

26.10.1881; 27.03.1882; 16.05.1882 e 28.07.1882

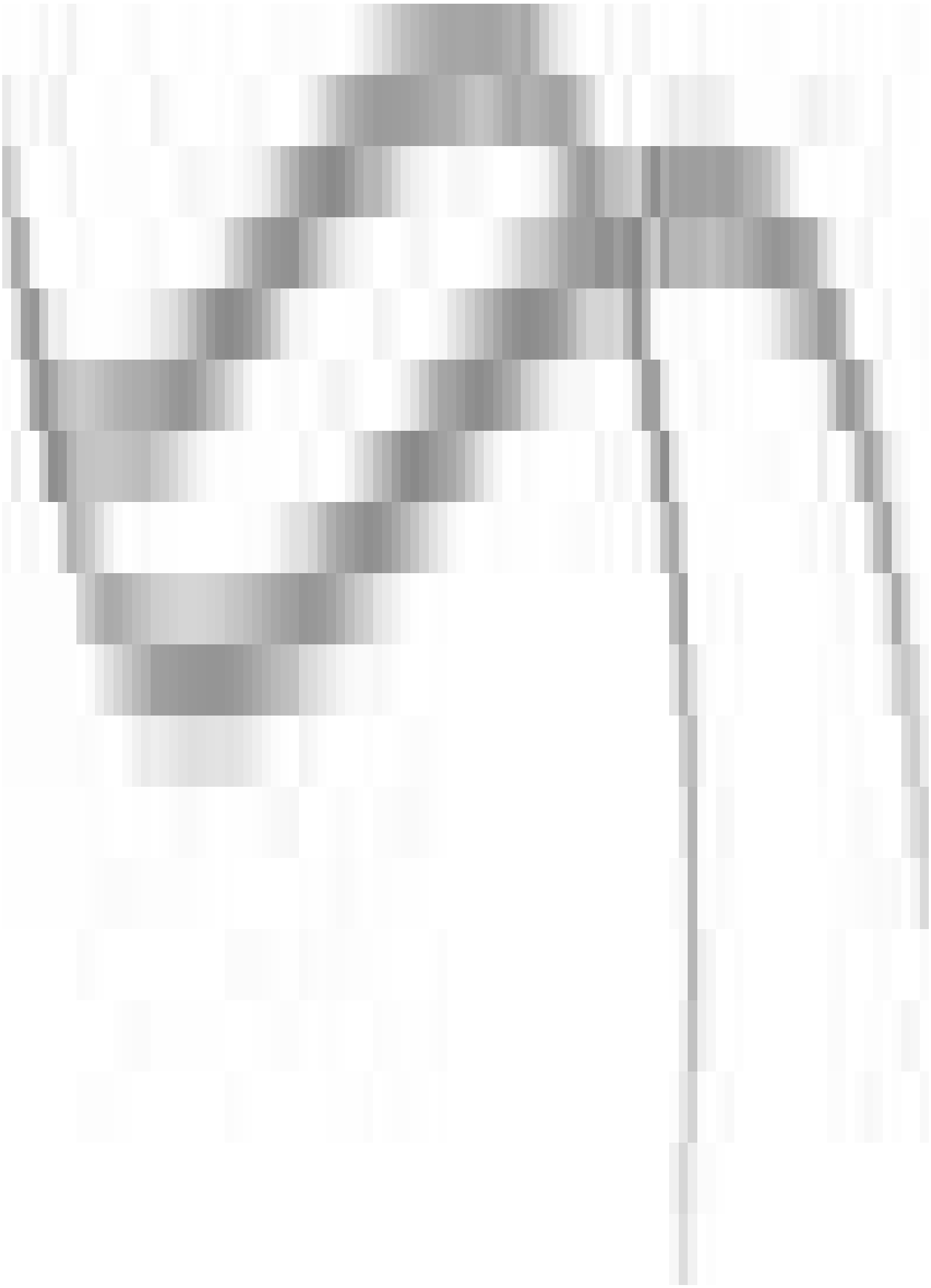
13.11.1881

Consagração de diácono

William Francis Thomas foi consagrado diácono da PIB/SB, na data de 13.11.1881. Reunindo os dados que encontramos, podemos sugerir que o Concílio foi formado pelos pastores W. B. Bagby e R. P. Thomas, e pelos diáconos Pleasant M. Fenley e John H. Rowe, talvez ainda membros da Igreja da Estação.

William F. Thomas tinha 26 anos de idade, era casado e, pai de um casal de filhos: Edward Abram Thomas, de 2 anos, e Martha Ethel Thomas, de 9 meses de idade.

Outros dados estão na parte “B” — R. P. Thomas. (Ver pág. 168)



FMJ, março/1882, v. 13, nº 12/144, p. 2, 3

15.12.1881

Artigo, de Campinas

De WBB

Para FMB-FMJ

Dr. Bagby focaliza, neste artigo, que aqui é reproduzido em sumário, a extensão territorial do Brasil, o seu clima, o seu povo, a língua, a religião e a moral no país, o que tinha sido feito e o que devia ser efetuado para atender às necessidades espirituais do povo brasileiro. Faça-se o cotejo deste artigo, com as informações enviadas em 1860, para a FMB, pelo missionário T. J. Bowen, as enviadas pelo missionário A. G. Simonton, e as de E. H. Quillin.

“Religião e moral. Os milhões do Brasil estão sob a influência maligna, sombra fatal do romanismo, sem regeneração, sem vidas devotadas a Deus, somente imagens aos milhares, relicários, cruzes, genuflexões, penitências, missas, amuletos, procissões, fogos de artifício, padres ignorantes, imorais e supersticiosos e multidões enganadas, viciadas no pecado e no erro. (...)

A verdade. Entre as classes altas — o rico e o instruído — há mentiras elegantes, mentes cultivadas e belas casas. Porém, são enganados pelos ritos pagãos e folias cerimoniais. Em vez de adotarem alguma coisa melhor, abraçam os credos de Comte e Dittre, Darwin e Mathew Arnold! Assim, andando em materialismo ateu, e deificando o humanismo, milhares seguem abaixo para a noite eterna.

Então, o homem que vem para pregar o evangelho nesta terra é combatido não só pelo clericalismo e ritualismo, porém, pelo ceticismo, ateísmo e racionalismo sob inumeráveis formas.

Ainda, não obstante todas essas crenças e ficções humanas, o povo em muitos lugares não só deseja, mas está ansioso para ouvir o evangelho, respeita e dá atenção aos missionários. Há casos, é verdade, quando alguns têm sido apedrejados; porém, a melhor classe não apóia essas coisas e dá plena liberdade para se proclamar o evangelho.

O que tem sido feito: os presbiterianos têm seus missionários no país, já por vinte anos, e seus obreiros têm sido abençoados em muitos lugares. Eles ainda estão prosseguindo seu trabalho e novos obreiros estão chegando. Possuem organizações em diversas cidades da costa e algumas no interior, com 2000 [sic] membros, talvez. Têm boas escolas (uma necessidade neste país) e um jornal mensal publicado em São Paulo.

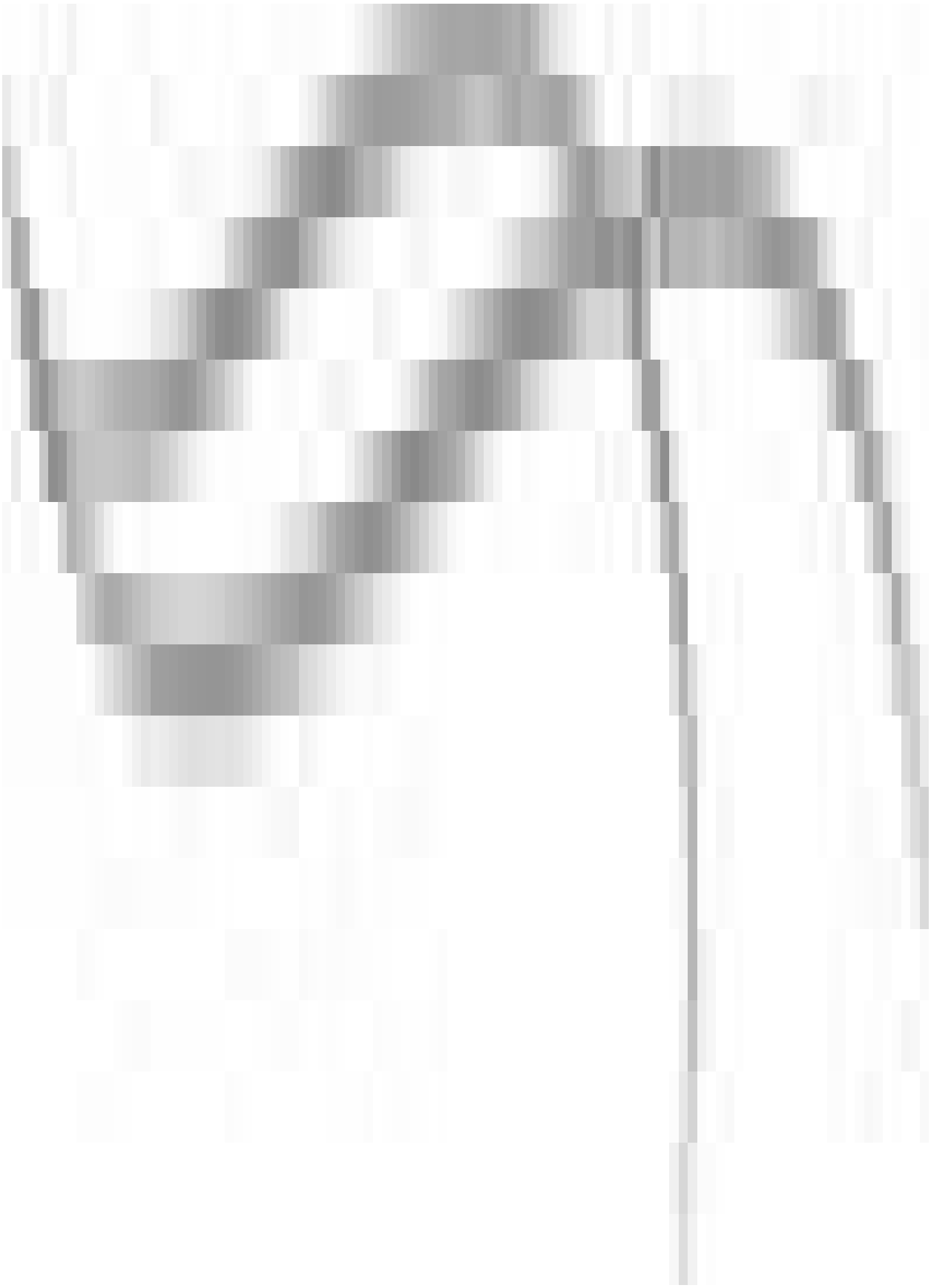
Os metodistas têm agora quatro missionários no país, localizados no Rio e em Piracicaba. Estão aqui há poucos anos. Mesmo fracos, prosseguem no trabalho."

Outras informações são dadas. Por certo que seria bom e necessário para a Junta saber também de pormenores envolvendo o trabalho. Ela teria elementos para conduzi-la a um melhor julgamento sobre a sua Missão Brasileira. E o Dr. Bagby continua sua carta aos irmãos da Junta:

"... as Sociedades Bíblicas têm agentes e colportores no país, espalhando a Palavra de Deus. Eles desenvolvem um grande trabalho. Há milhares que não sabem ler; conseqüentemente, só podem ser alcançados pela Palavra pregada.

Trabalho a ser feito: os campos ainda não ocupados formam, por si mesmo, um grande império! Os missionários são poucos e ficam separados uns dos outros pela distância.

De 21 Províncias do Império, só cinco têm trabalho missionário. Milhares, milhões, nunca ouviram o som do evangelho. (...) Há algum tempo passado, um colportor me disse que 50 missionários seriam como uma gota num balde, e isso, só no Estado de Minas Gerais.”



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

07.01.1882

Carta de Campinas

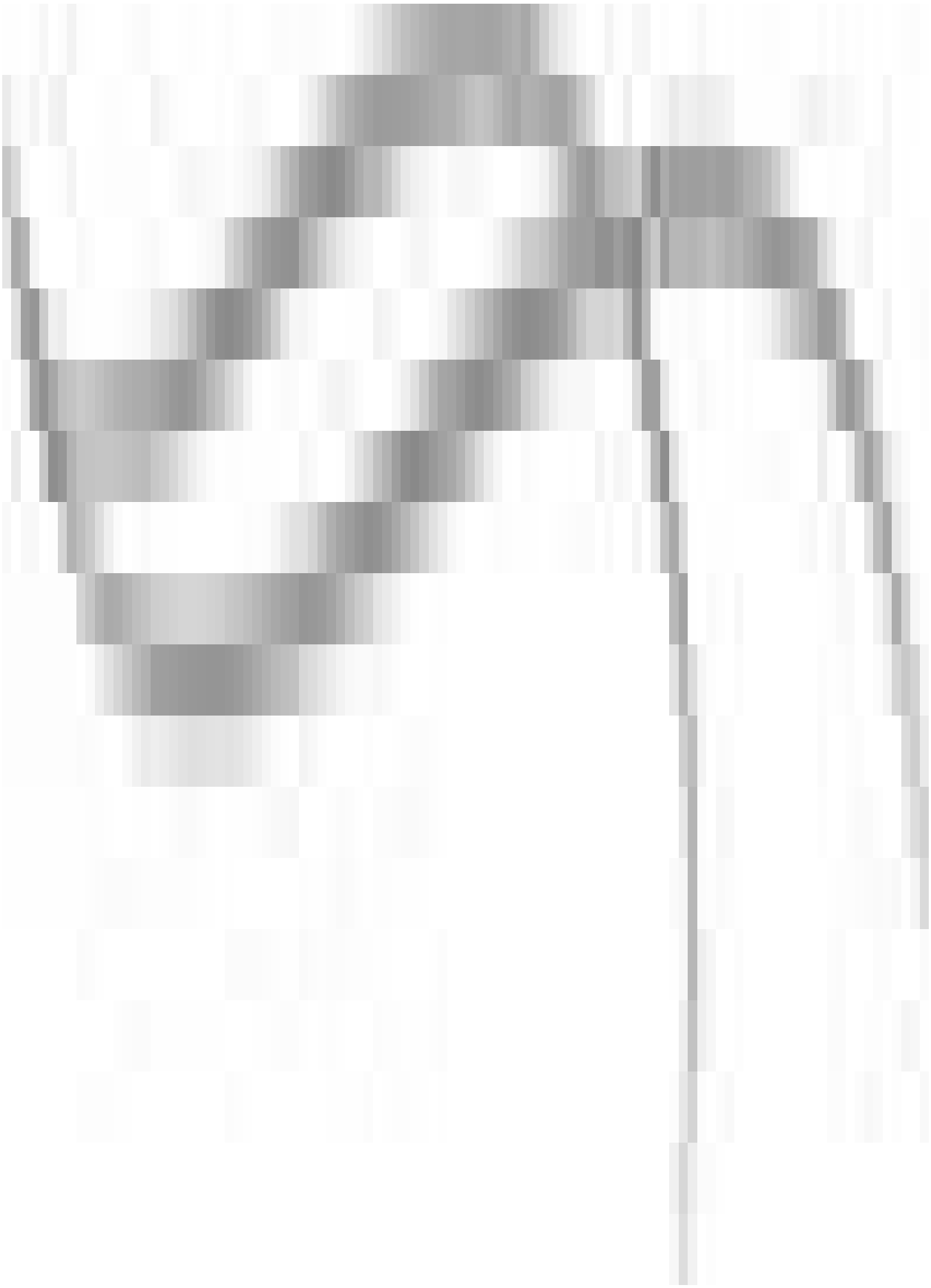
De WBB

Para FMB

A 26.01.1882, Dr. Bagby escreveu uma carta de Campinas, SP, para a FMB, e a data acima, de 07.01.1882, deve ter sido a primeira sessão da igreja, desse ano, tendo o Dr. Bagby como moderador, e William Francis Thomas como secretário, já sendo um diácono.

Essa carta registra que nessa sessão foi considerado o assunto da vinda de um obreiro para ficar na direção da igreja quando os missionários Bagby e Taylor tivessem que se retirar de Santa Bárbara para a formação de um trabalho em outro lugar. Dr. Z. C. Taylor ainda não havia chegado.

Por unanimidade, a igreja decidiu que William F. Thomas com o Dr. Bagby escrevessem para a FMB sobre esta preocupação da igreja e ainda para que a Junta, de algum modo, pudesse dar ajuda no caso, indicando alguém para o trabalho e sugerindo a forma do seu sustento. A igreja estava muito preocupada com este assunto.



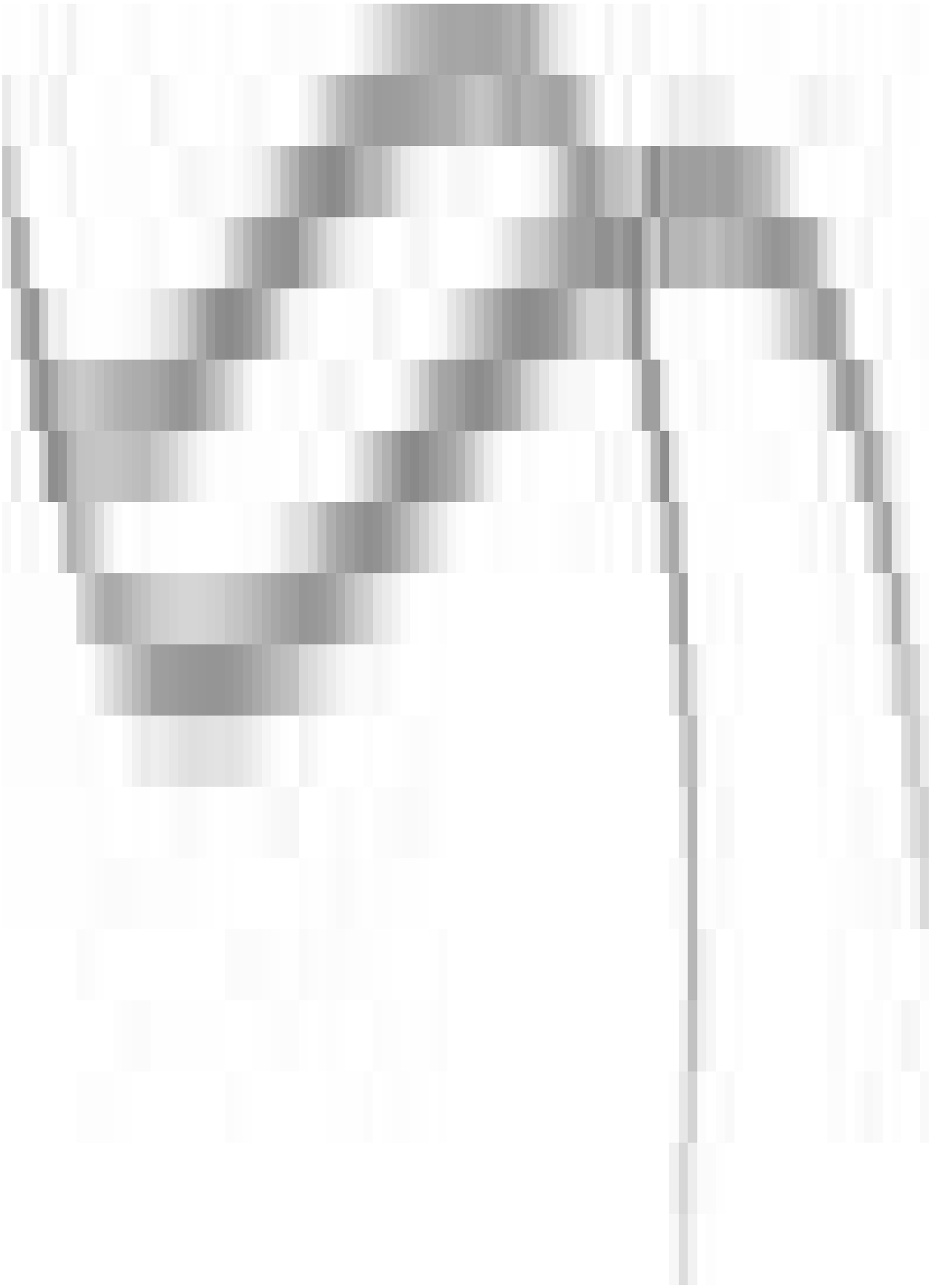
Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Livro IJJ, 11-6, p. 15v

21.01.1882

Registro de WBB como Ministro Evangélico

Um Livro de Registro dos Títulos dos Pastores e Ministros de Religião foi por nós localizado no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. No final desta parte “D”, está um resumo desse documento. Recolhemos os nomes de 42 ministros de religião. Entre eles, encontra-se o do Rev. Bagby, registro s/n, na p. 15v, do referido livro. A data acima, de 21.01.1882, foi escolhida na falta de outra anterior que não conseguimos localizar, data essa que seria a da sessão da igreja que nomeou a comissão que faria a comunicação da eleição do Dr. Bagby como pastor da PIB/SB. O documento instruiria o processo de registro, que era feito de acordo com o Decreto Imperial nº 3069, de 17.04.1863, artigos 52 e 53.



FMJ, maio-junho/1882, v. 14, nº 2,3/147

Supl. p. 6

MPRJ, p. 278, 279

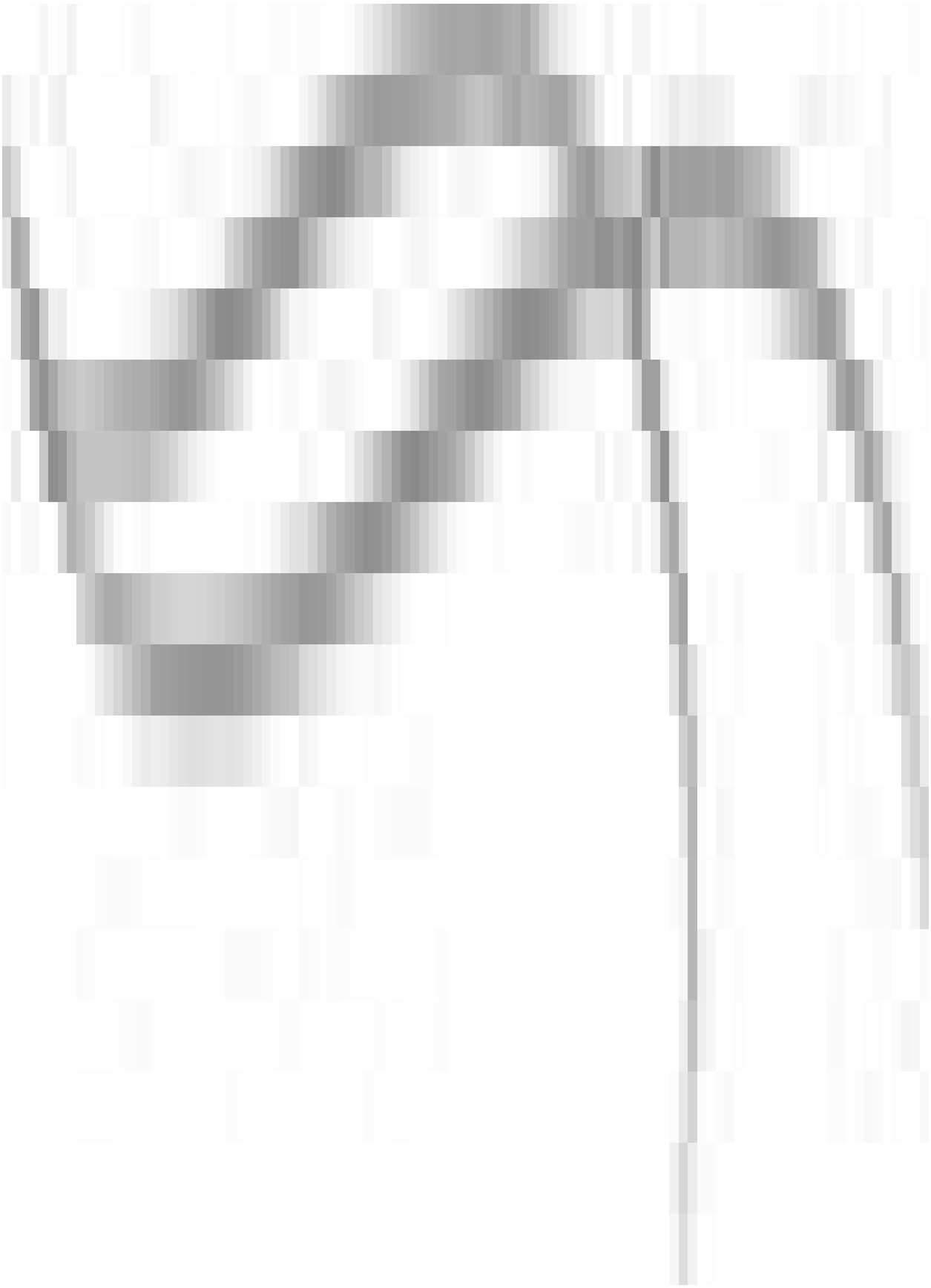
23.02.1882

Chegada do casal Z. C. Taylor

O Dr. Zachary Clay Taylor e sua esposa, Kate C. Taylor, chegaram ao Rio de Janeiro, no dia 23.02.1882, pela barca “Serene”. Hospedaram-se na casa dos missionários metodistas J. J. Ransom e James L. Kennedy, enquanto aguardavam a chegada do Dr. Bagby, que viria de Campinas, SP, para buscá-los. No dia 03.03.1882, o Dr. Bagby chegou e, na data de 09.03.1882, os três missionários já se encontravam em Campinas, SP.

No sábado, Dr. Taylor foi de trem para SB, onde ele pregou no domingo seguinte, dia 12, aos irmãos ali.

Há referências de que os casais Bagby e Taylor ficaram hospedados no Colégio Internacional, em Campinas, que era dirigido pelos Revs. Edward Lane e George Nash Morton. Temos, porém, outra informação de que, em 1880, o dito Colégio deixou de funcionar em Campinas, mudando-se para a cidade de São Paulo. Não dedicamos tempo a esse detalhe, ficando o estudo para outra oportunidade. O fato é que os dois casais de missionários ficaram em Campinas até a viagem para Salvador, Bahia, que seria em agosto desse mesmo ano, ou seja, 1882.



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

O que segue é apenas um trecho da carta

27.03.1882

Carta de Campinas

De WBB

Para FMB

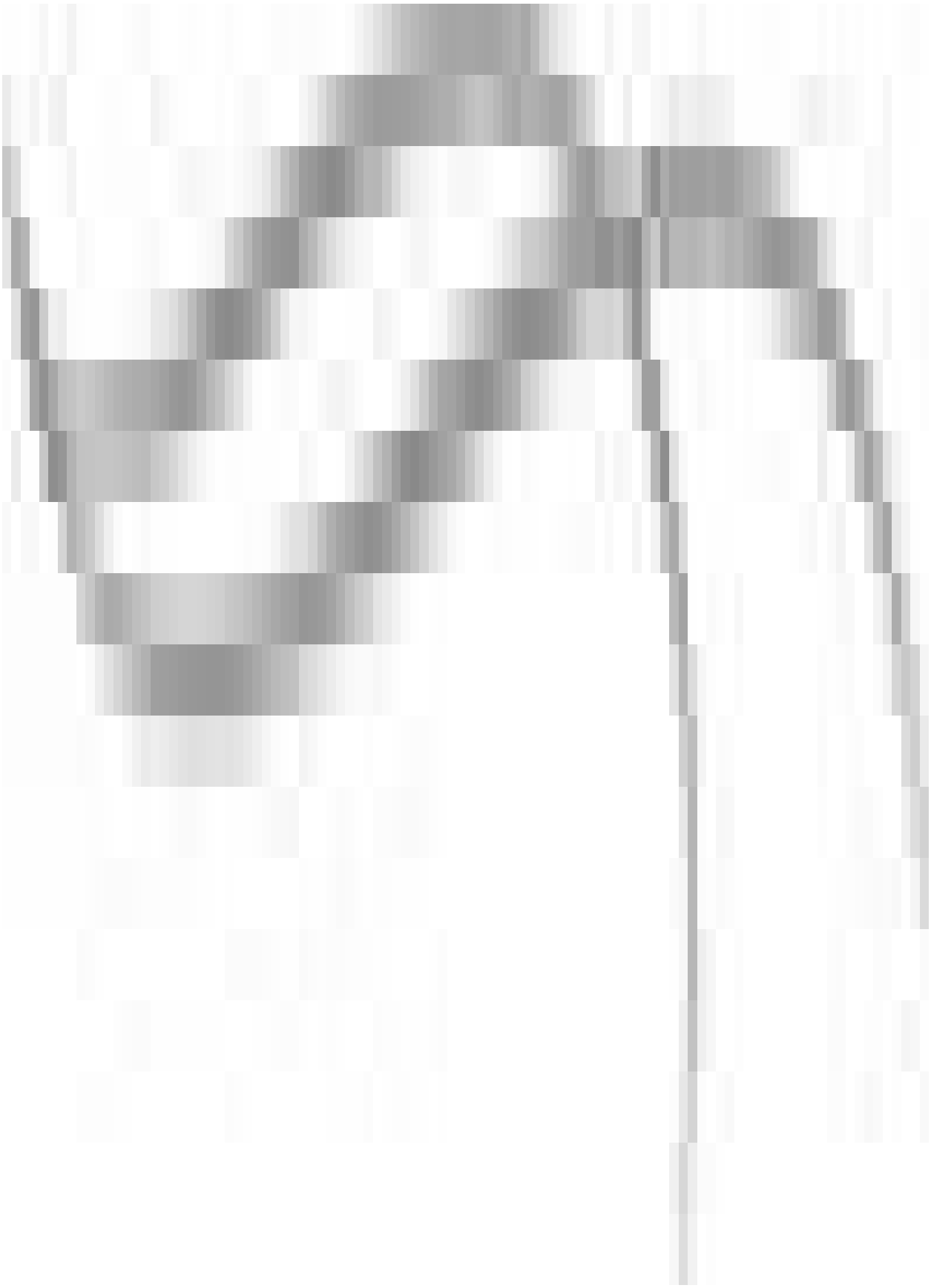
“... Adiantei 100 mil réis para o irmão Teixeira. Essa quantia foi a ele entregue tendo em vista as suas necessidades. Pensamos que em assim fazendo seria para ele um encorajamento provendo-lhe os meios de sustento de sua família até que possamos dar-lhe um trabalho permanente. Pareceu-nos melhor tomar este encargo e confiar que nossa decisão será ratificada pela Junta. Espero que eu tenha agido bem.

Outra vez estou lhe fazendo o pedido para a remessa de mais três dúzias de exemplares do “Gospel Hymns”, números 1, 2 e 3, juntos. Desejo, como antes, que deles, duas dúzias sejam sem música e uma dúzia com música. Já vendi rapidamente para os americanos todos os outros enviados pelo irmão. Mas, eles ainda desejam mais. O encontro de contas será feito como o anterior.

Tenho algumas boas noticias sobre o trabalho entre os americanos. Há algum pouco tempo passado escrevi-lhe sobre a nossa perplexidade com relação ao trabalho entre eles, quando tivermos que deixar este lugar e perguntei se seria possível enviar daí um obreiro para este trabalho especial. Oramos com fé que Deus poderia enviá-lo daí ou levantar um aqui no campo. Tive a impressão de que alguém aqui iria oferecer-se para o trabalho, tão urgente e tão grande, e

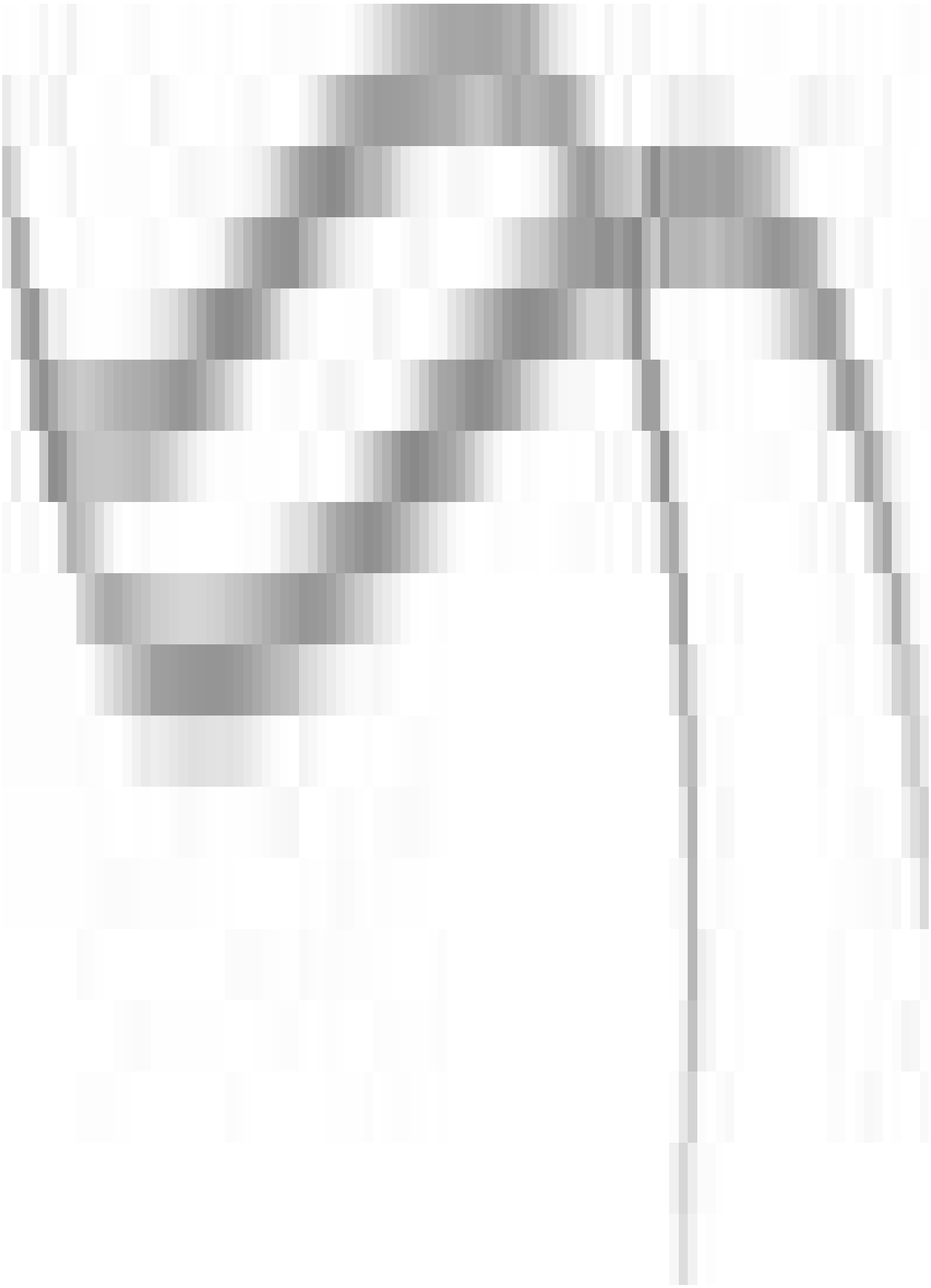
agora temos certeza de que um nosso jovem irmão sente profundamente o desejo de pregar o evangelho. Eu estava com o meu coração fixo nele e orava para que o Senhor o chamasse de forma direta. (...) Faz pouco tempo ele falou com muita franqueza a nós, Taylor e eu, com respeito ao seu desejo de pregar. Cremos que ele está sendo, de fato, chamado para o trabalho. Refiro-me ao irmão W. F. Thomas, um de nossos diáconos. Ele é o filho do irmão Thomas, que por algum tempo foi pastor da Igreja da Estação. Ele tem 27 anos de idade e tem família. Ele estudou um pouco numa escola aqui tendo uma ótima educação em inglês e português. Ele tem estado junto aos brasileiros por anos e fala bem o português. Ele está muito interessado em nosso trabalho entre os brasileiros e, se a igreja conceder-lhe licença para pregar, ele trabalhará entre os americanos, principalmente, e cremos que está também apto para fazer muito entre os nativos aqui ao redor.

O irmão Quillin colocou os seus livros à disposição e, assim, o irmão Taylor e eu fomos com o irmão Thomas e o ajudamos a fazer uma seleção de tais livros, tal como pensamos poderia ser de utilidade para ele nos seus estudos. Ele comprou diversos dos excelentes trabalhos e começará os seus estudos mais uma vez com entusiasmo.



Visita a A. T. Albuquerque em Capivari

Sabe-se que o Dr. Bagby e, provavelmente, o Dr. Taylor visitaram o irmão A. T. Albuquerque, em Capivari, onde este estava residindo. Até lá foram levados por William F. Thomas. Temos que essa visita foi feita entre 12.03.1882 e 28.04.1882. A carta de 27.03.1882, do Dr. Bagby pode sugerir, pela entrega de 100 mil réis ao irmão Teixeira, que a dita visita se tenha dado antes desta data.

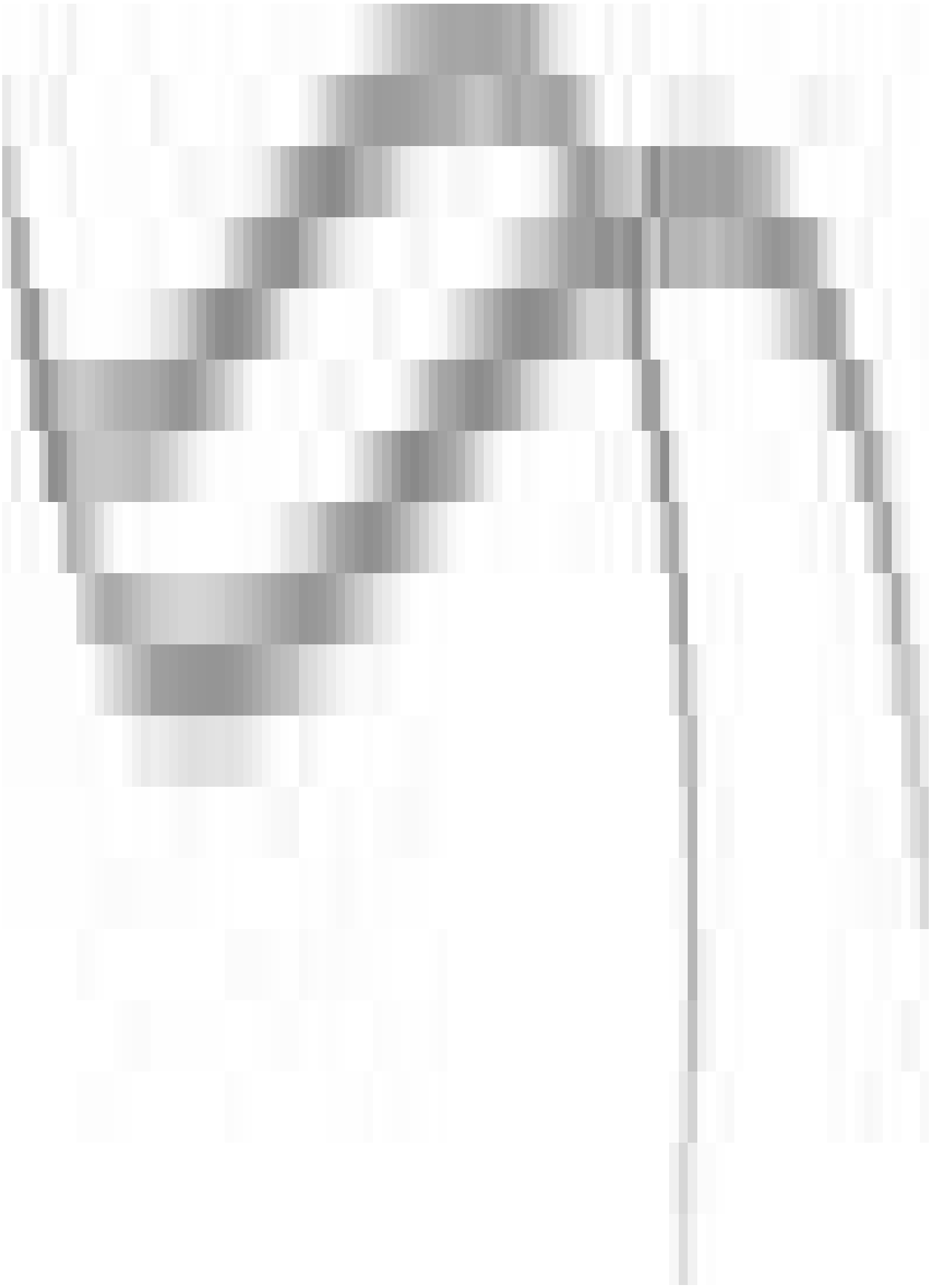


29.04.1882

Viagem até Minas Gerais

A 29.04.1882, conforme encontrado em documentos que se seguem, o Dr. Bagby e o Dr. Taylor viajaram para Minas Gerais passando por São Paulo, Barra, Juiz de Fora, Sítio, S. João d'el Rei, chegando a Barbacena, como ponto final.

A 16.05.1882, já se encontravam em Campinas. Não sabemos que dia aí chegaram. (Ver carta de 17.05.1882, pág 500.)



FMJ, maio-junho/1882, v. 14, nº 2,3/147

Supl. p. 6

SBCA, maio/1882, p. 68, 69

Maio-junho, 1882

Relatório

De WBB

Para FMB

“Missão Brasileira

Santa Bárbara — Estação — Campinas

Chegamos ao Rio a 02.03.1881, e, a 07, em Santa Bárbara. Permanecemos ali até 16 de abril, quando fomos para Campinas a fim de estudar a língua. Aceitei o pastorado da Igreja de Santa Bárbara em maio, e durante o ano preguei nos segundos domingos de cada mês, como também nos sábados anteriores a esses e na vizinhança da estação, nos primeiros domingos do mês. Em junho prolongamos nossas reuniões por uma semana, sendo que a igreja e a comunidade foram abençoadas com um despertamento e seus candidatos foram batizados no final, alguns outros convertidos uniram-se com as outras denominações.

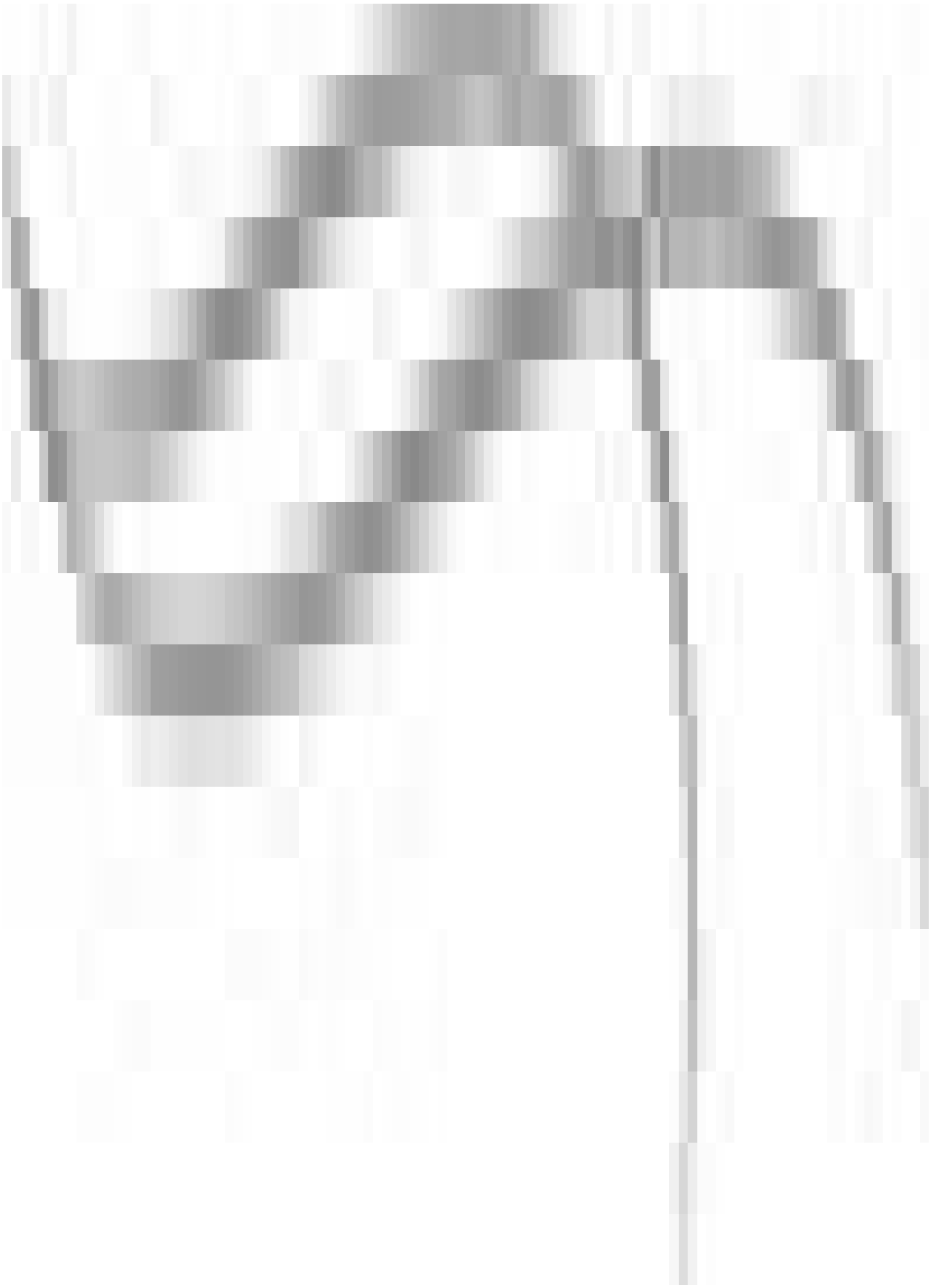
Nos terceiros e quartos domingos de cada mês, tenho pregado em Campinas,

normalmente, para congregações de língua inglesa. Perto de terminar o ano, preguei quatro sermões em português. [Santa Barbara? Estação ou Campinas? Para que grupo?]

Prospecto

A 04.03.[1882], o Rev. W. B. Bagby encontrou-se no Rio de Janeiro com o Rev. Z. C. Taylor e esposa, e o grupo chegou em Campinas a 09 do mesmo mês. Um dia após essa chegada, o irmão Taylor foi de trem para Santa Bárbara, onde ele pregou no domingo seguinte.

Com o fim de encontrar uma posição mais adequada para a sede da Missão, nossos missionários propuseram uma viagem nas Províncias adjacentes.”



FMJ, out./1882, v. 14, nº 3/159, p. 3, c. 1

SBCA, maio/1883, p. ix, x (apenas parte)

16.05.1882

Carta de Campinas

De WBB

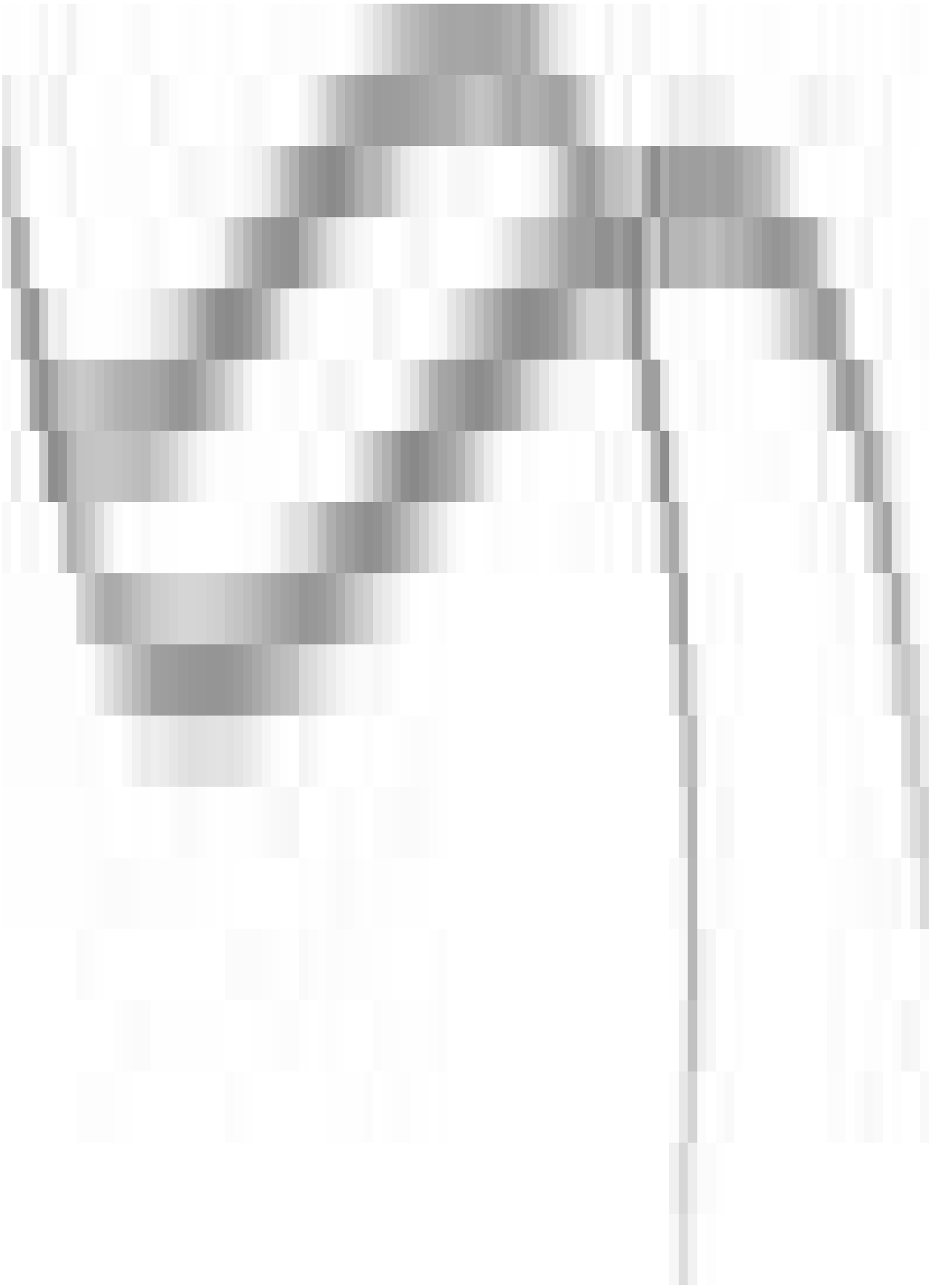
Para FMB

“Eu deveria lhe ter escrito antes para dizer-lhe da boa reunião que tivemos com a Igreja em Santa Bárbara. Pregamos dez dias e noites e batizamos cinco felizes convertidos. Provavelmente outros serão batizados em breve. Onze ou doze já deram as suas profissões de fé. A igreja foi graciosamente reavivada e fortalecida. Agora há 50 membros. Foi doloroso ter que excluir três por heresia, antes daquela reunião começar. O voto para excluí-los foi unânime. Os pontos apontados foram: 1— negação de que o homem tem a alma imortal; 2 — que o batismo é essencial para a salvação. Eles são como aqueles geralmente conhecidos como ‘Cristadelfianos’ ou ‘Thompsianos’. Creio que o irmão tem tido alguma experiência com pessoas dessa espécie ou doutrinas similares, em Virgínia.

Estamos muito preocupados sobre o futuro de nosso trabalho aqui em SB, uma vez que não há ninguém que possa ficar no nosso lugar quando sairmos. Os membros estão ansiosos por um obreiro que possa ser enviado para pregar aos americanos e aos brasileiros ao redor, quando a oportunidade se oferecer. Isto ocorrera muitas vezes, pois os nativos ao redor estão ávidos para ouvir a pregação. Creio que esta igreja tornar-se-á uma grande luz nesta terra se pudermos manter o nosso trabalho entre o nosso povo.

Dois jovens desejam preparar-se para o trabalho entre os brasileiros. Ambos cresceram aqui neste país, e estão muito relacionados com a vida brasileira, as maneiras, os costumes e a língua. O que eles precisam é um completo curso de estudos em inglês e português. Cremos que esses dois irmãos, na perspectiva de fazerem um bom trabalho para Cristo, nesta terra, devem receber as vantagens do estudo conosco. Eles estão ansiosos para começá-los, sem tardança. O irmão Thomas, um dos dois, foi licenciado para pregar, pela Igreja de Santa Bárbara. Ele tem uma família, esposa e duas crianças pequenas. O outro, irmão Green, é um jovem de 25 ou 26 anos, solteiro. Ambos parecem cônscios de seus desejos de pregar o evangelho aos brasileiros. Escrevemos para o Texas. Nossos irmãos ali podem ajudar esses jovens no seu preparo."

Os dois jovens mencionados eram: William Francis Thomas e Napoleon Bonaparte Hammond Green — "Bony".



FMJ, ag./1882, v. 14, nº 1/157, p. 3,4

17.05.1882

Carta de Campinas

De WBB e ZCT

Para FMB

“Por sugestão da Junta, viajamos no propósito de encontrar um lugar para nele estabelecer a sede de nossa Missão.

Deixamos esta cidade no dia 29.04, indo para São Paulo, tendo como destino a Província de Minas Gerais. Em São Paulo, permanecemos domingo e segunda-feira. Ali travamos contato com os missionários da Missão Presbiteriana do Norte e por eles fomos tratados mui amavelmente. Deixamos São Paulo dia 02.05, terça-feira pela manhã, viajando de trem durante quase todo o dia. Pernoitamos em Barra. Na manhã seguinte, transferimo-nos para outra linha de trem penetrando na Província de Minas Gerais.

A primeira parada foi em Juiz de Fora, cidade situada nas montanhas, com cerca de 6 a 7 mil habitantes. De Juiz de Fora fomos ao Sítio, uma pequena estação de ferrovia de onde parte uma derivação que vai a S. João d’el Rei.

Este é um lugar de alguma importância, a respeito do qual ouvimos uma vez. Assim queríamos conhecê-lo. Passamos por uma região solitária, quase desabitada. Tínhamos percorrido umas 75 milhas, quando, pelo luar, vimos a cidade à distância. Passamos a noite num hotel e na manhã seguinte andamos

para conhecer o lugar, inquirir com respeito à população e sua importância e sobre as regiões vizinhas. Tinha provavelmente 8 mil habitantes, com edifícios grandes e 11 capelas e igrejas. Uma parte destas é de construção maciça e antiga. Os padres parecem numerosos e poderosos.

A cidade não está mostrando progresso visível. Ela foi construída quando as minas de ouro ao redor estavam em operação. A região em volta não é boa para a agricultura e há poucos estabelecidos. A cidade tinha um comércio de certa importância com o interior. (...) Desta cidade, fomos para a junção da ferrovia principal e seguimos para Barbacena.

Paramos ali dois dias, permanecendo até domingo. A cidade tem de 4 a 5 mil habitantes e fica num lugar bem alto, acima do nível do mar, e está cercada de região montanhosa. (...) A cidade é muito antiga e aparentemente sem progresso. Um senhor inglês que tem residido na região por uns 20 anos deu-nos muitas informações da região, em geral, e de cidades maiores, particularmente Ouro Preto, a capital. Não visitamos essa cidade. Achamos que não era de excepcional importância, a não ser como capital da Província, e que ela era longe da ferrovia e em montanhas. Sua população é de cerca de 10 a 15 mil habitantes, talvez a maior da Província, porém, parece que não está crescendo.

Depois de recolher o que foi possível sobre o lugar que não tínhamos visitado (...) chegamos às seguintes conclusões:

VANTAGENS

A Província de Minas Gerais tem uma grande população.

Ela é montanhosa e geralmente fria e sadia.

As partes leste e sul são usadas para a pecuária. As regiões norte e oeste são melhores para a agricultura.

A população parece ser principalmente de brasileiros nativos, como são encontrados em outras partes do Império.

DESVANTAGENS

Consideramos os pontos seguintes desfavoráveis para a escolha dessa Província para o início do nosso primeiro trabalho:

Embora grande, a população está espalhada por uma grande área. As cidades ficam longe umas das outras.

A região montanhosa é difícil para viagens. Somente uma ferrovia atravessa a Província e que se estende só através de uma parte da região e liga poucas cidades de importância.

Não há grandes cidades, nem centros de influência.

Não há portos marítimos, nem comunicação direta com o mundo e com o nosso trabalho aí.

E parece que tanto a população e o comércio tendem a não ser progressivos. As minas de ouro, que deram vitalidade e crescimento, estão grande ou inteiramente em declínio.

CONCLUSÕES

Cremos que a nossa localização deve ser feita em uma grande cidade do litoral. Antes de virmos a Minas já sabíamos que para a nossa Missão poderíamos ter vantagens em um lugar do litoral, mas, que outras vantagens poderiam contrabalançar as desvantagens de um lugar afastado deste.

Esta conclusão não foi precipitada. Temos estudado o caso no seu completo contexto, orando e consultando os missionários no campo (presbiterianos do Norte e do Sul) que aqui têm estado há anos. Eles concluíram conosco de que o nosso primeiro ponto de trabalho deveria ser no litoral.

RAZÕES

Os seguintes pontos são considerações que nos levaram a decidir a favor de uma das grandes cidades do litoral.

Neste país, todas as grandes cidades, com poucas exceções, estão no litoral. Elas são os centros da vida provincial, nacional, comercial, industrial, social e religiosamente. Nosso trabalho pode começar em algum centro, um ponto de irradiação. A influência ganha em qualquer uma destas cidades de importância, naturalmente se espalhará para as pequenas cidades e regiões vizinhas.

Numa grande cidade litorânea, podemos encontrar milhares de pessoas juntas, enquanto que no interior o povo está espalhado numa grande área.

Numa grande cidade litorânea podemos ter vantagens no tratamento de nossos assuntos, tanto nos que se referem à administração, incluindo a financeira, como em assegurar as facilidades de publicação. Tudo isto será de grande importância para o futuro de nosso trabalho.

No litoral, a nossa comunicação com a Junta e os irmãos aí será facilitada.

Se o trabalho for iniciado numa grande cidade, além de encontrar milhares de

pessoas juntas, ganharemos influência.

BAHIA

Após considerar as diversas cidades do litoral e suas respectivas necessidades, cremos que a Bahia é o melhor lugar para a nossa localização. Depois do Rio, é a maior cidade do Império. Escolhemos a Bahia em lugar do Rio, pelas seguintes razões:

Sua grande população é agora estimada em 200.000 habitantes. Teríamos imediato acesso às massas.

A região vizinha, agrícola, ricamente produtiva, é bem habitada, estável e não nômade como a de zona de pecuária.

Há ligações com outros pontos importantes, pelo mar, pela baía e rios com grandes cidades vizinhas e por duas ferrovias com muitos lugares do interior. Deste modo, de um grande centro de comércio e população podemos facilmente levar o evangelho aos milhares das regiões circunvizinhas.

Na Bahia poderíamos ter um campo diante de nós quase completamente desocupado. Enquanto que há seis ou oito ministros evangélicos no Rio de Janeiro, há só dois na Bahia, presbiterianos do Norte. Cremos que enquanto na Província da Bahia não há trabalhadores para o Mestre, há muitos missionários e assistentes nativos no Rio de Janeiro e São Paulo.

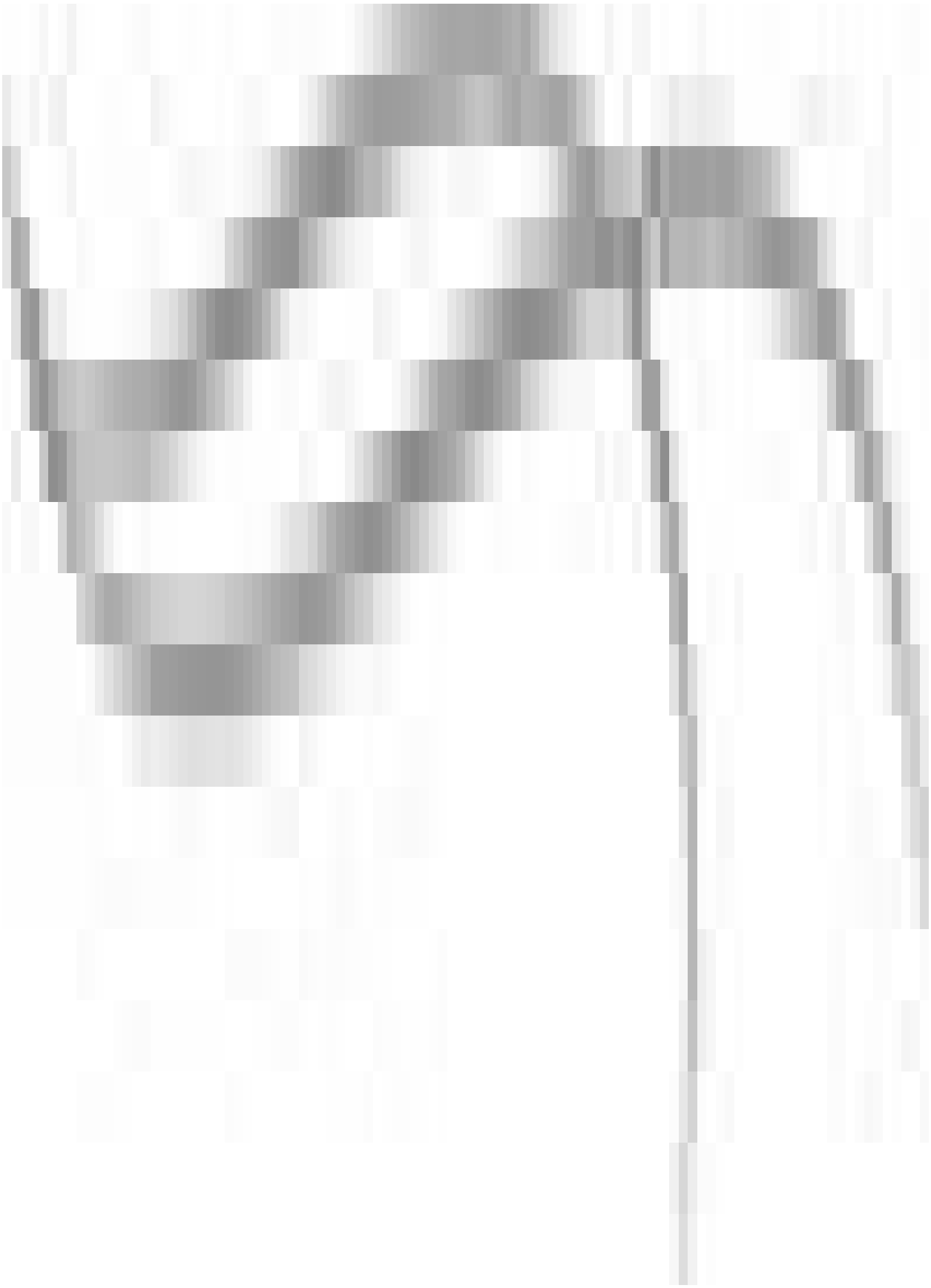
Assim, a Bahia e circunvizinhanças estão mais carentes do que as Províncias do sul.

Na Bahia, poderíamos ter melhores e facilitadas as negociações e diretas comunicações com a nossa Junta e trabalho aí.

Há algumas províncias do sul de S. Paulo que possuem portos marítimos, porém, estão pobremente estabelecidos. Não são desenvolvidos; há poucas cidades de importância e não existem grandes centros de influência e neles poderíamos ficar restritos em vários aspectos do nosso trabalho. Há outras Províncias além do norte da Bahia, porém cremos que todas têm desvantagens de clima ou população e nem uma tem cidade de tal tamanho e importância.

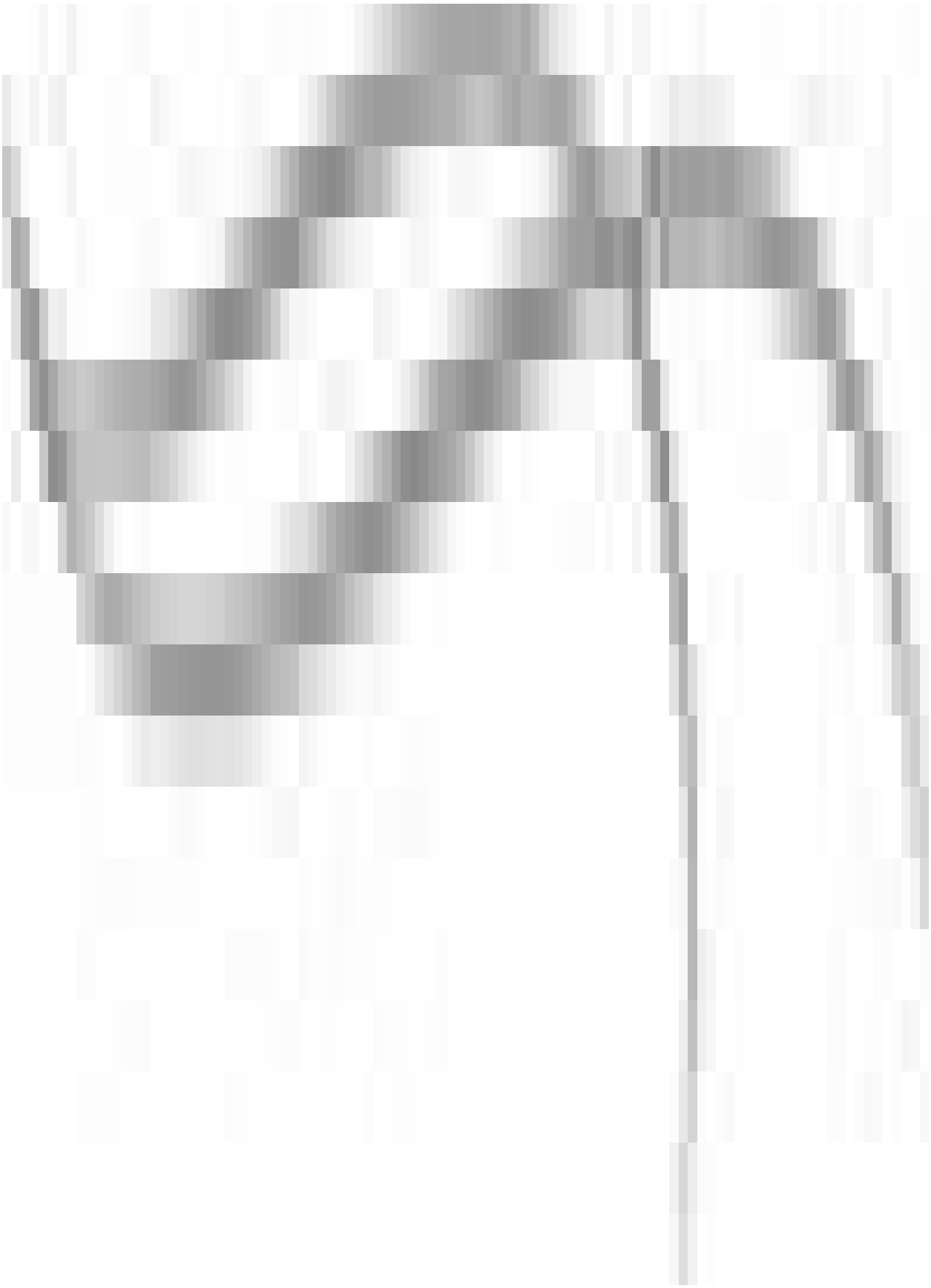
Colocamo-nos agora sob a sua direção. Se daí vier a determinação, poderemos ir para a Bahia imediatamente. Que faremos? Enquanto aguardamos a resposta não ficaremos ociosos. O irmão Taylor e esposa estão no colégio em Campinas, para o estudo. O irmão Bagby e família empregarão algum tempo na colônia dos americanos em SB, onde o trabalho pastoral é necessário, enquanto haverá oportunidade de pregar, tanto para os americanos como para os brasileiros. O irmão Bagby também tenciona visitar o nosso irmão Teixeira, em Capivari, brevemente.

Não pretendemos perder tempo. Estaremos de prontidão para partir rumo ao nosso campo em qualquer tempo que recebermos a sua resposta. (...*”



Em conexão com o assunto anterior, conviria consultar o livro O que Deus tem Feito, p. 21, 22. (JUERP)

Os cinco pontos relacionadas como acima se vê, foram reproduzidos, em sumário, em SBCA, maio/1883, p. ix.



FMJ, agosto/1882, v. 14, nº 1/157, p. 3, c. 3,4

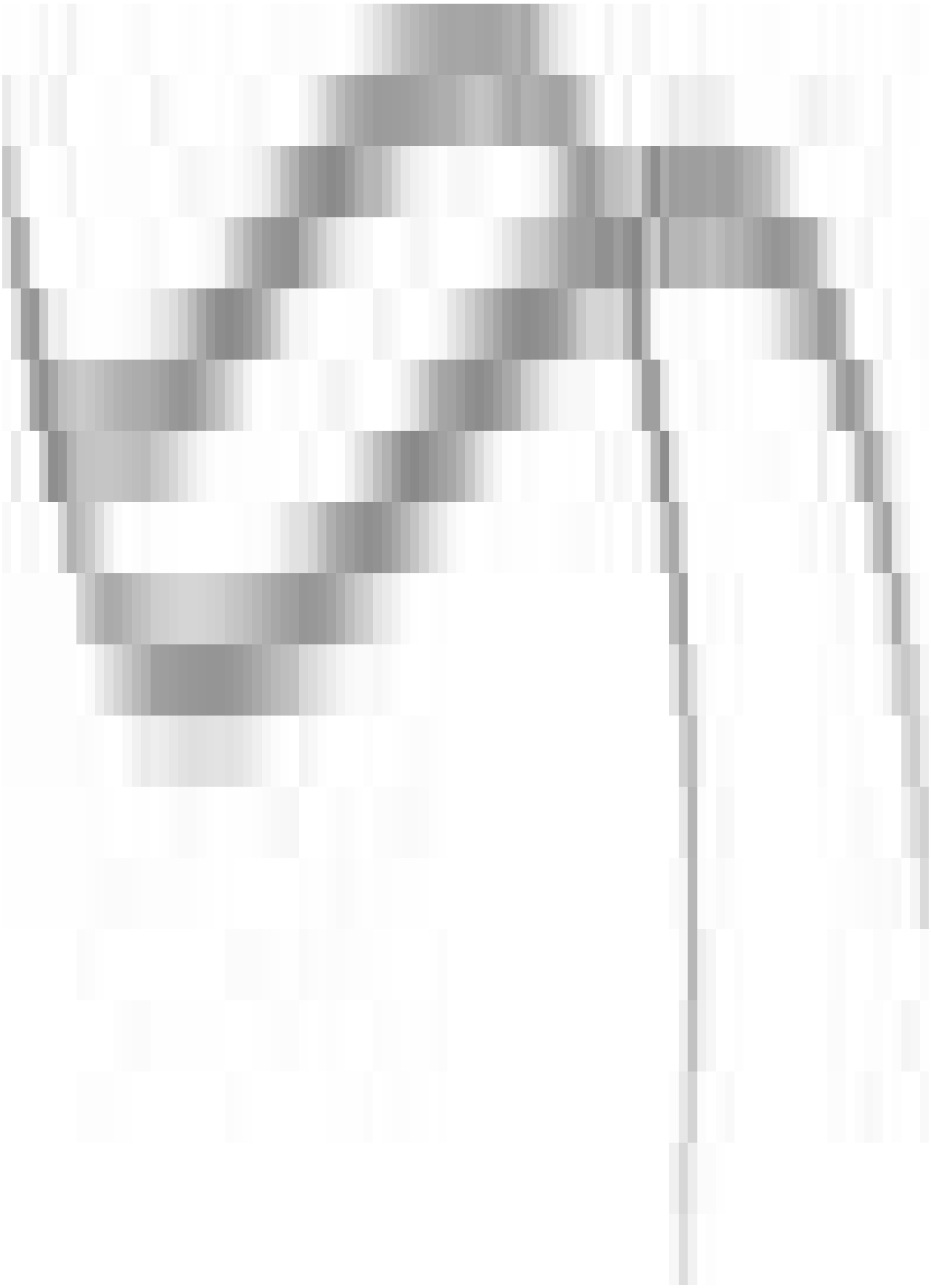
29.05.1882

Carta de SBSP

De ZCT

Para FMB

Mais uma vez gostaríamos de registrar o fato de que a inexistência de nomes e certos detalhes que tantas vezes nos parecem supérfluos, acabam por trazer-nos maior convicção de sua necessidade, quando deparamos com o momento exato de reconstituir parte de uma história, como a que estamos focalizando. Esta palavra cabe aqui como um apelo veemente para que sejamos mais cuidadosos em nossos trabalhos, lembrando-nos daqueles que virão depois de nós e que farão a nossa história!



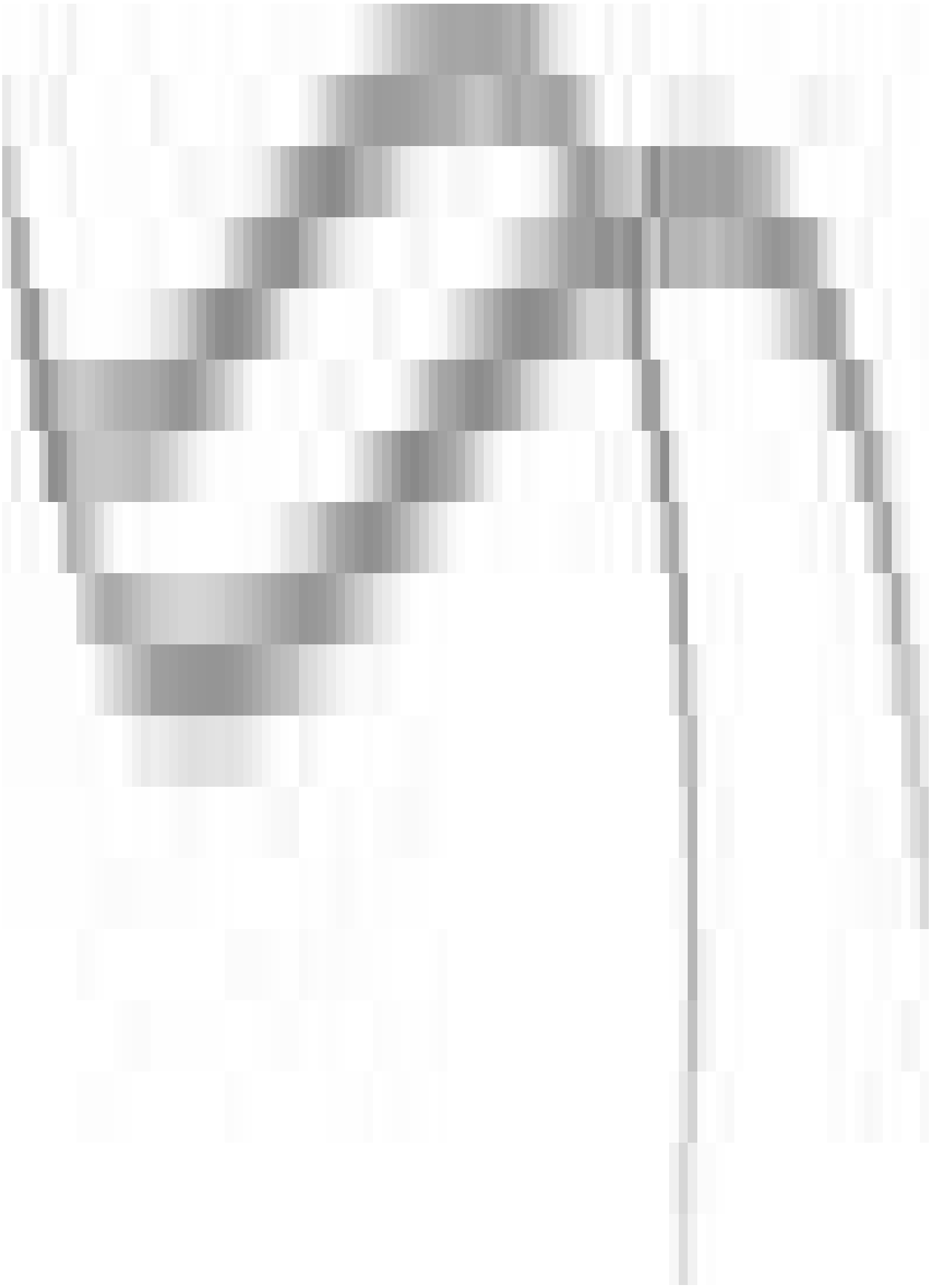
“Não obstante o tempo nublado, de ontem, uma congregação de cerca de trinta americanos reuniu-se, às 11 horas, para o culto. Falei sobre o Caráter Progressivo do Pecado. Às 18 horas, dirigi-me, pela primeira vez, aos brasileiros, através de um intérprete, um dos primeiros convertidos de nosso trabalho aqui. Reunimo-nos numa fábrica de beneficiamento de algodão, de propriedade de um norte-americano. Havia cerca de trinta brasileiros ali. Prestaram boa atenção. Prometi que iria pregar-lhes outra vez. Este é o começo do meu trabalho, que, por tanto tempo, tenho desejado fazer.

O irmão Bagby pregou aos brasileiros, ontem, em Reboca, onde os presbiterianos têm uma igreja. [Seria Rebouças?]

Nossos jovens convertidos começaram o trabalho com entusiasmo. Participam ativamente das duas reuniões semanais de oração. Uma delas é realizada na igreja e a outra, em casa de irmãos. Eles estão procurando por um pastor e orando para que os batistas do Sul possam enviá-lo. Propõem pagar a metade do seu sustento. Cremos que este é um bom plano. Esse pastor pode aprender a língua e estar preparado para o trabalho, entre os brasileiros, no curso de dois anos. (...)

Um dos pastores nativos, presbiteriano, conta com 50 novas conversões, durante o último mês, e outro, 12. (...)

P.S.: A escola de nosso irmão Teixeira cresceu, estando com 27 alunos; porém, ele ainda expressa a disposição de ir conosco, como professor.



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

Adiante, apenas notas da carta

31.05.1882

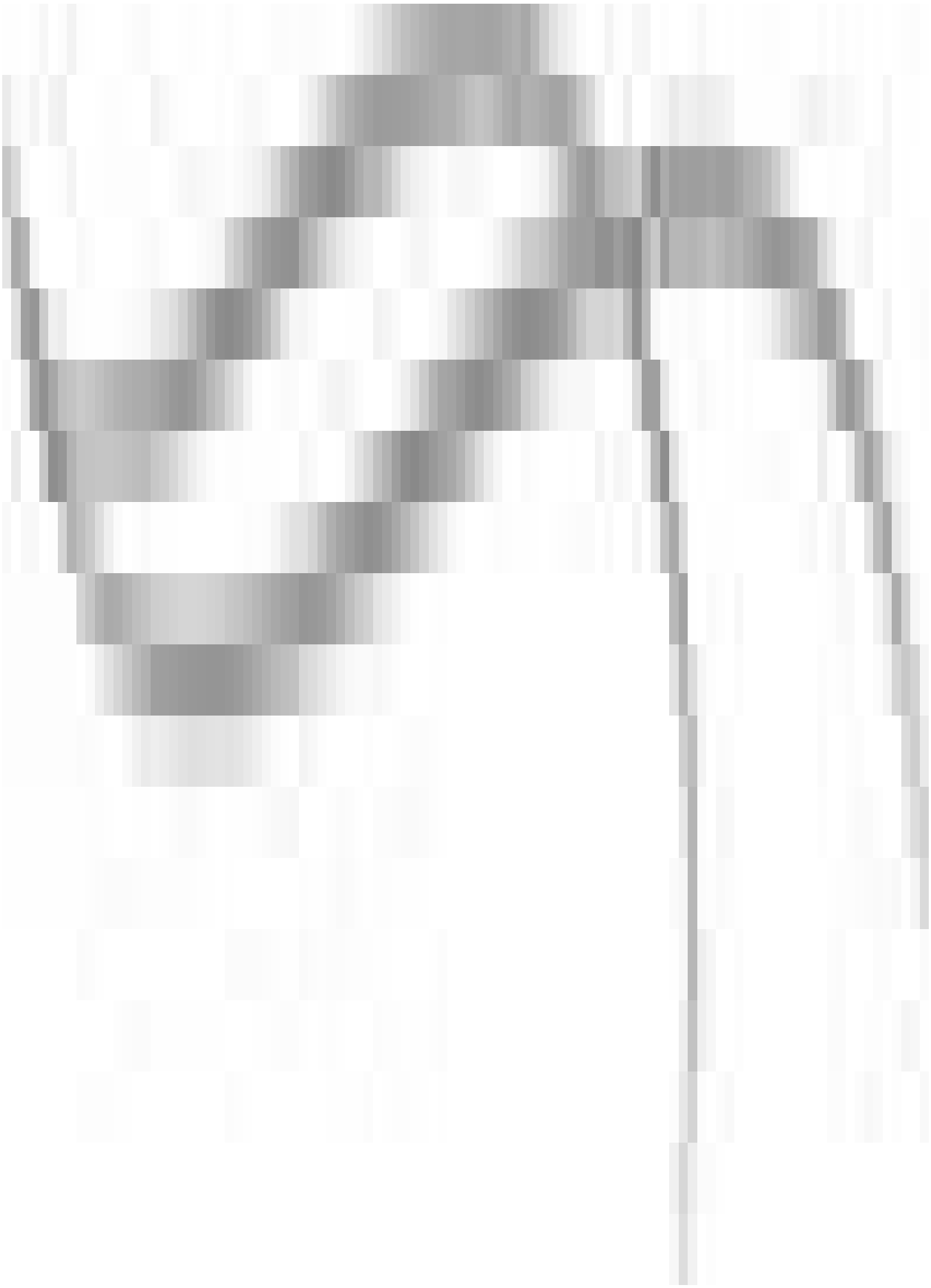
Carta de SBSP

De WBB

Para FMB

Dr. Bagby diz, em sua carta à FMB, datada de 31.05.1882, que o irmão Teixeira tinha escrito várias vezes, nos últimos tempos, expressando um grande desejo de trabalhar para o Mestre. E que manifestava a esperança de que ele seria tomado para ajudar os missionários no aprendizado da língua e assim seria de grande utilidade para os missionários no seu trabalho. (Ver outra informação nas págs. 183 e 184)

Por essa informação parece-nos ficar claro que ao tempo ele, Teixeira, não estava ensinando português aos missionários. Isto seria, então, na Bahia.



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

Adiante, apenas algumas notas

28.07.1882

Carta de Campinas

De WBB

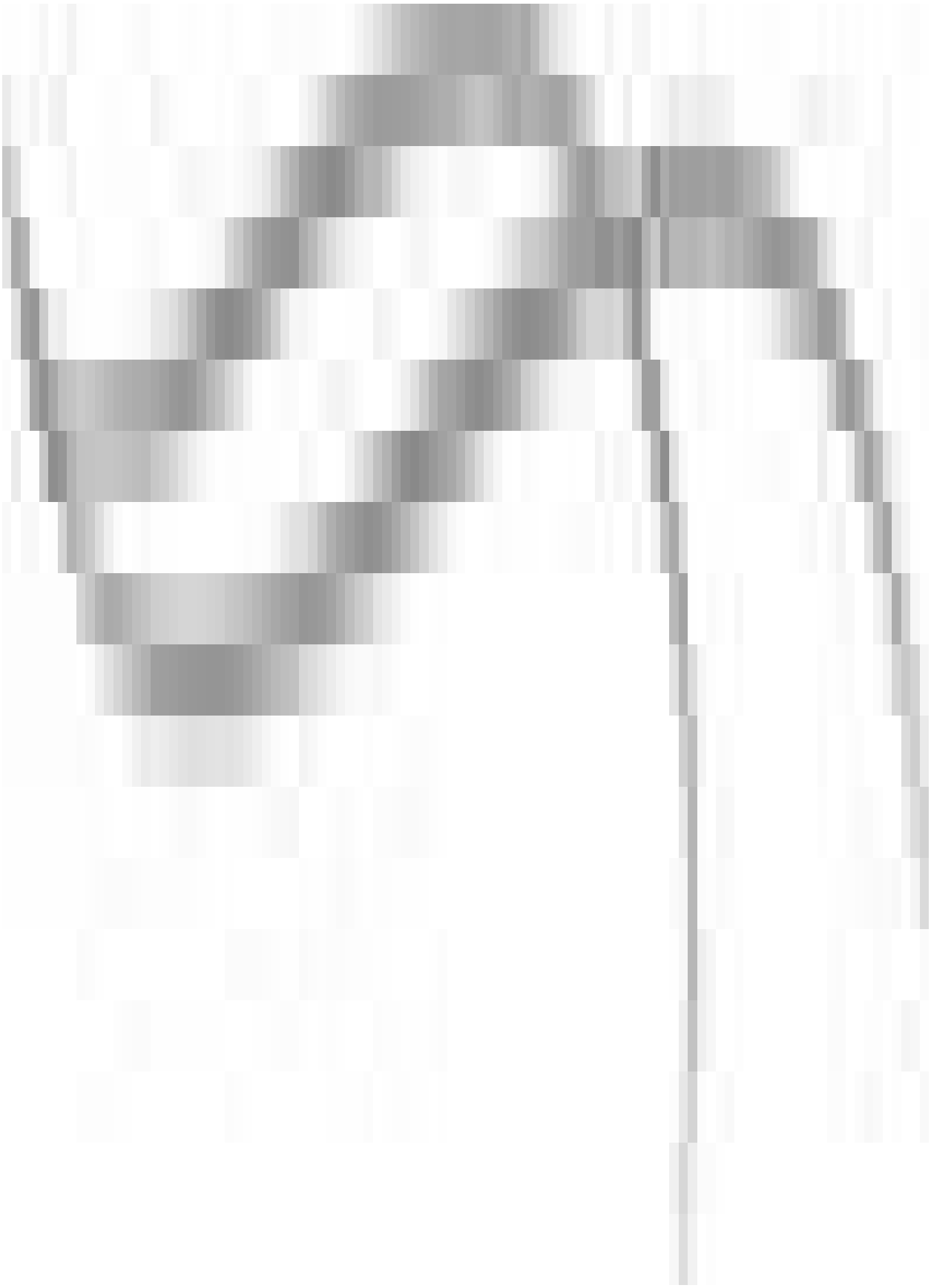
Para FMB

A respeito do irmão Teixeira, o Dr. Bagby afirmou que Teixeira “será de inestimável benefício para nós no trabalho e, por isso, queremos tê-lo conosco.” Essa opinião era também a do Dr. Z. C. Taylor, consoante palavra do Dr. Bagby. E na mesma carta temos o seguinte:

“... Já lhe escrevi com relação ao irmão Thomas. Achamos que ele não está preparado para assumir ainda a responsabilidade de qualquer igreja, porém, que ele deverá tomar um curso de estudos antes do que aquele de preparação para um trabalho regular. Ele está ansioso para pregar e anela preparar-se completamente para o trabalho. Ele tem estado comigo nas diversas vezes de meus encontros em português, e parece pleno de entusiasmo. No último domingo, durante o culto dirigido por mim, ele orou e ajudou os cânticos, em português. Esperamos conseguir um trabalho para ele na Bahia, através do qual ele terá o sustento para os estudos e o da família.”

William Francis Thomas não foi para a Bahia, nem teve condições de estudar além do que já tinha cursado. Este foi um daqueles que sofreu o corte nos seus estudos, com a Guerra de Secessão, e, ao vir para o Brasil, teve que ajudar os seus pais no trabalho do campo. Mesmo assim, tentou estudar um pouco mais na

escola do local.Porém, isto ainda foi muito pouco. William, porém, tornou-se um evangelista e o foi até quando faleceu, em 1935, em Apiaí, SP, com a idade de 80 anos. Misturou-se bastante com os brasileiros. Adquiriu muito dos seus costumes. Casou-se, em segundas núpcias, com Maria Domingas de Oliveira, uma brasileira do interior de S. Paulo. Ela foi para ele uma excelente esposa, amiga e auxiliar em todos os momentos. Não houve filhos deste casamento.

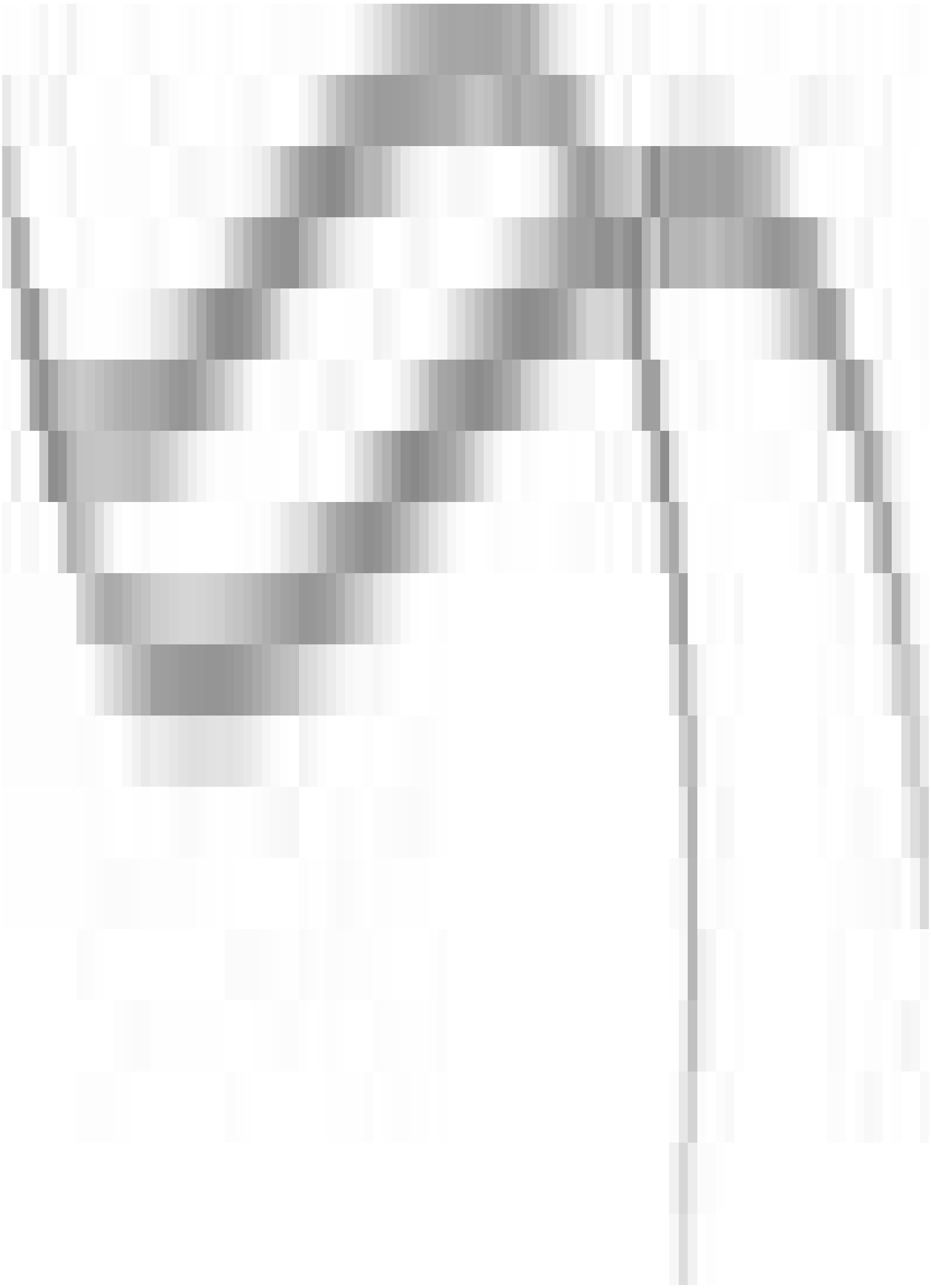


NAITR, p. 24

02.08.1882

Falecimento

John S. Ferguson, filho de Green e Minerva C. Ferguson, de 13 anos de idade, faleceu a 02.08.1882. Foi sepultado no Cemitério do Campo. Segundo a inscrição da lápide do seu túmulo, ele era membro de uma igreja batista. Sabendo-se que ele nasceu em SBSP, em 1869, só poderia ser membro de uma das duas igrejas batistas locais. Sendo os seus pais, membros da PIB/SB, ele deve ter sido, também, membro dessa igreja.



FMJ, out./1882, v. 14, nº 3/159, p. 3, c. 1, 2

SBCA, maio/1883, p. ix

05.08.1882

Carta de Campinas

De WBB

Para FMB

"... De outra feita discorri sobre as condições religiosas dos brasileiros. Aqueles que conhecem a vida social, moral e religiosa da Itália, Espanha, Portugal, Áustria e México podem ter uma idéia do que ocorre neste país. É a mesma triste escravidão religiosa, corrupção e cancro moral! Não há palavras ou pintura, nem relação de circunstâncias e série de fatos isolados que possam dar completamente uma concepção do que seja uma terra sob o domínio papal. As superstições, a tirania, a servidão mental, os mais corruptos dogmas, a mais vergonhosa perversão da verdade e a mais desavergonhada coação do erro, prevalecem em toda parte. Os agentes de Roma aviltam, pervertem e oprimem. Eles lançam mão de qualquer meio para reter o controle das massas. A paixão, a lascívia e cada desejo são usados para meios escusos com os quais dominam e agrilhoam o coração do povo. E este, reunido em grandes "festas" passa o dia e a noite em bebedeiras, danças, orgia e imoralidade.

Em vários lugares das Províncias há os relicários dos chamados "santos" e as cenas dos pretendidos "milagres". Em torno deles reúnem-se grandes multidões que fazem as suas "oferendas". Apresentam as suas atrações, repetem as suas longas rezas e tediosas "confissões"! Fogos e estandartes, procissões e pantomimas com bandas de musica, é tudo que empregam para atrair e iludir as massas.

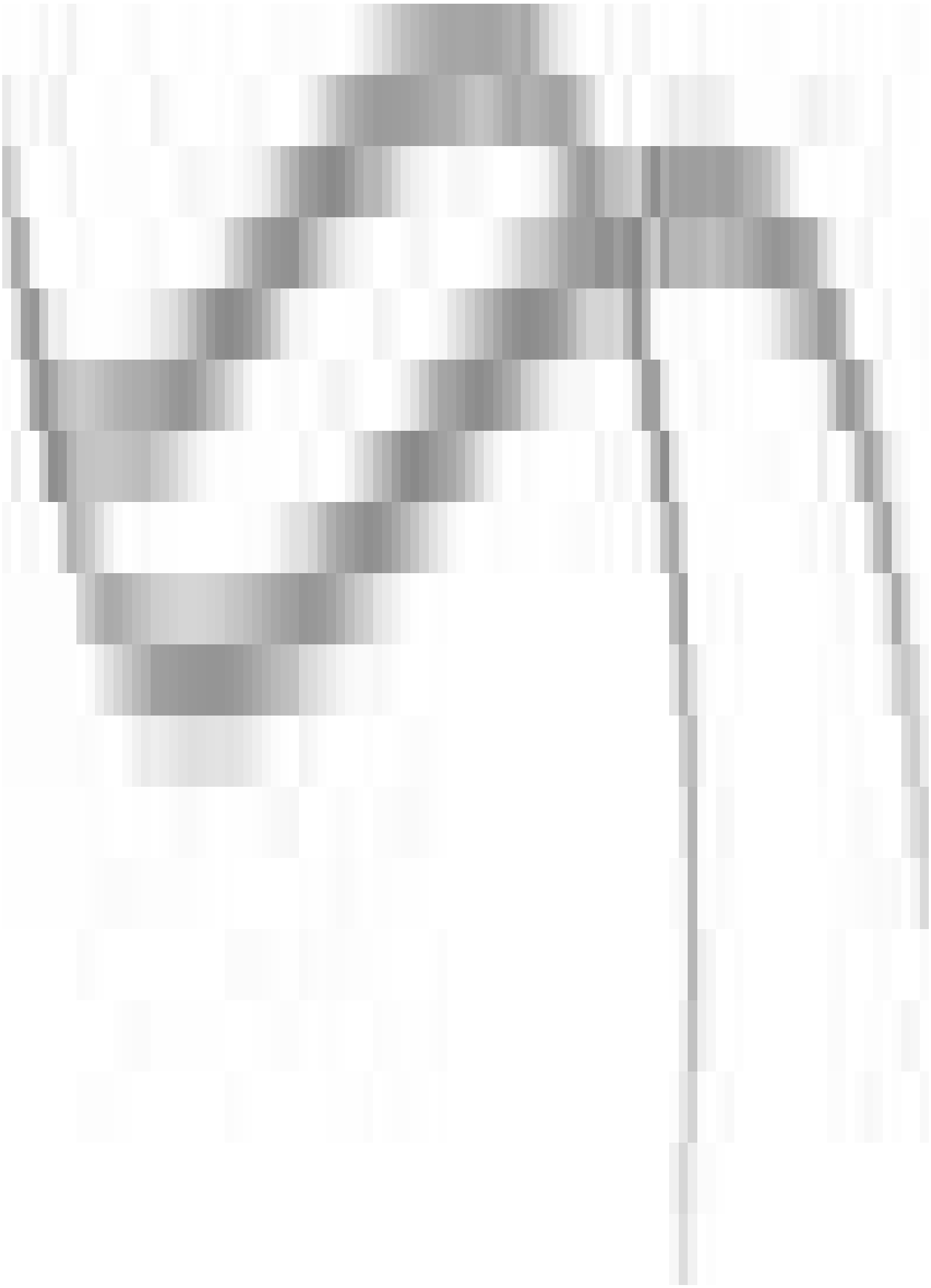
Agora imaginemos como será quando dermos o evangelho a esta nação e quando o povo for guiado à verdade. Penso que as almas estão cheias de esperança, sob todos os aspectos. Os colportores ocupam-se da distribuição da Palavra de Deus em muitos lugares.

(...) Preguei ultimamente em vários lugares ao redor de SB para os brasileiros e portugueses (destes, há muitos aqui chegados há pouco). Em qualquer parte posso reunir dez ou 12 ouvintes e, às vezes, 40 ou 50! Uma boa quantidade deles é de curiosos, mas estes acabam por conhecer a verdade.(...) Eles sempre parecem surpresos e alegres com o fato de ouvirem os cultos em sua própria língua, acostumados que estão a ouvir só o latim nas suas reuniões religiosas do romanismo. Geralmente, tentam cantar conosco. Neste particular, temos que ser gratos agora ao venerável Dr. Kalley, o qual, anos atrás, pregou neste país e organizou uma igreja independente no Rio. Também, aos presbiterianos, pois deles temos uma grande e valiosa coleção de salmos e hinos em português. Muitos deles são tradução e adaptações do inglês, com as melodias inglesas.

Na última noite da semana passada, preguei na casa de um brasileiro, a pedido. Havia ali talvez umas 45 pessoas presentes, atentas e se comportando com todo o respeito. Alguns uniram-se a mim no canto, e se ajoelharam, eu creio, quando oramos.

Tem sido um prazer para mim, começar a pregar em português e reunir essas pessoas num culto evangélico. Meu coração está cheio de ansiedade por aquele dia quando a Bíblia será um livro conhecido nesta terra de força clerical, e quando as igrejas batistas serão plantadas nestes belos vales e montanhas ensolaradas e de verdura perene.

Num curto espaço de tempo esperamos estar estabelecidos para a realização de um trabalho permanente, engajados nos seus diversos aspectos. O irmão Taylor e esposa fazem um encorajador progresso na língua.”...

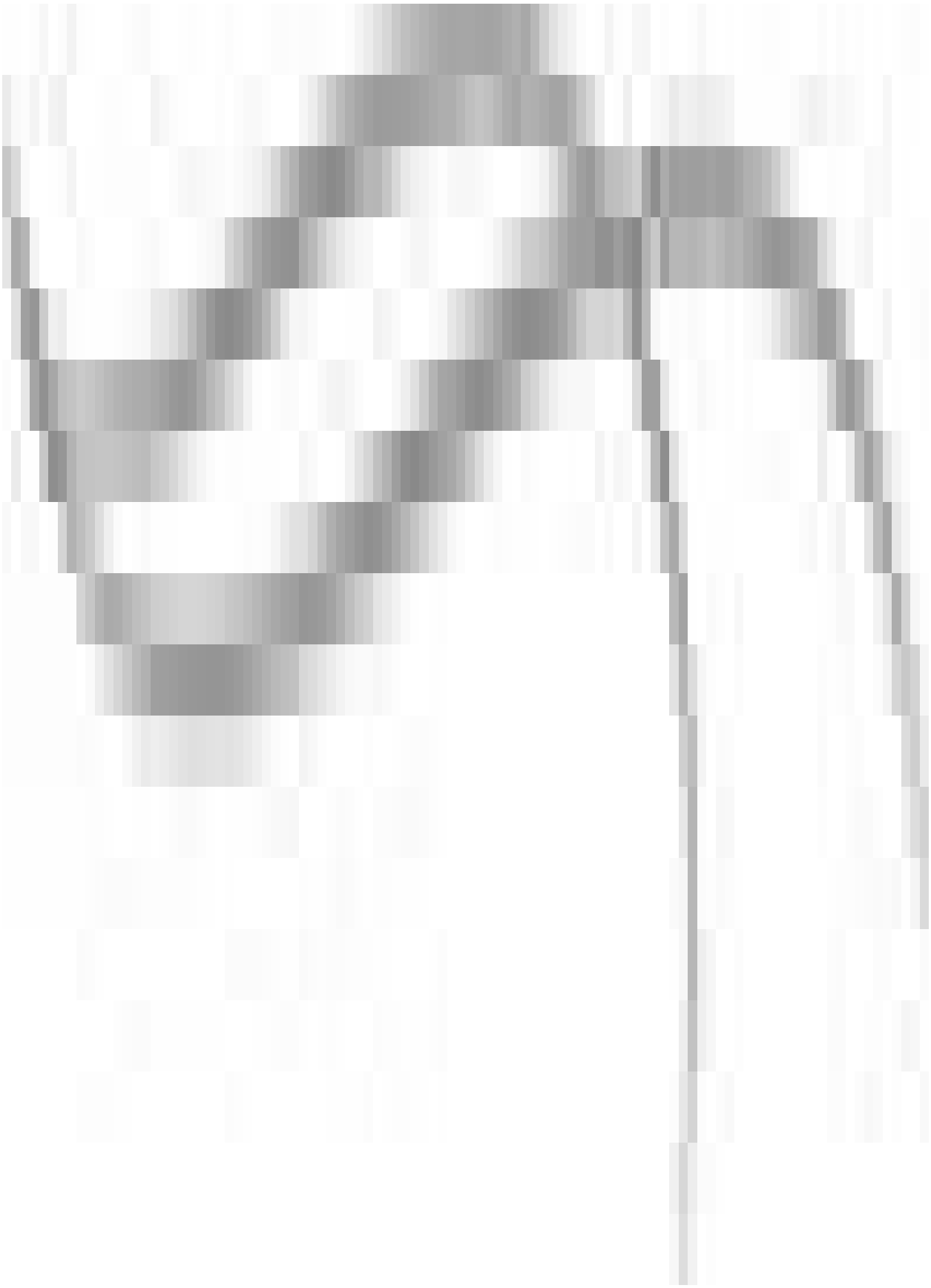


21.08.1882

Viagem para a Bahia

O dia 21.08.1882 é, provavelmente, o da saída das famílias Bagby, Taylor e Teixeira de Albuquerque, de Campinas, SP, rumo à Bahia. O irmão Teixeira de Albuquerque deve ter vindo de Capivari com a sua família, a fim de ali encontrar-se com os missionários.

O documento seguinte, de 26.08.1882, foi por nós conferido com o original, no arquivo da FMB. A parte que grifamos é uma declaração de clareza meridiana, principalmente partindo do próprio Dr. Bagby. Essa carta juntamente com os termos da ata nº 1, da Primeira Igreja Batista na Bahia, e mais a emenda que foi feita na ata de 10.05.1883, da mesma igreja, completam-se bem ajustados, tendo em vista a igreja na Bahia.



FMJ, nov./1882, p. 3, c. 2, 3

SBCA, maio/1883, p. x, xi (parte da carta)

Tradução do original manuscrito

26.08.1882

Carta da Baía do Rio de Janeiro

De WBB

Para FMB

"... Escrevi-lhe no dia 5 deste mês, pouco antes de receber a sua carta do dia 04 de julho, na qual o irmão informou a respeito da aprovação da Junta quanto à nossa decisão sobre a Bahia. A carta chegou antes do nosso encontro regular com a Igreja de Santa Bárbara, no segundo domingo [13.08.1882]. Anunciamos ao nosso povo a nossa próxima partida para a Bahia, e comunicamos aos irmãos que estaríamos com eles pela última vez no sábado e domingo. Reunimos nossa Igreja no sábado [12 de agosto de 1882], e nós quatro pedimos as cartas [demissórias], a fim de organizar uma igreja na Bahia, tão cedo quanto isto seja possível. Renunciei o meu pastorado e a Igreja está agora sem um pastor, e não sabe onde conseguir um.

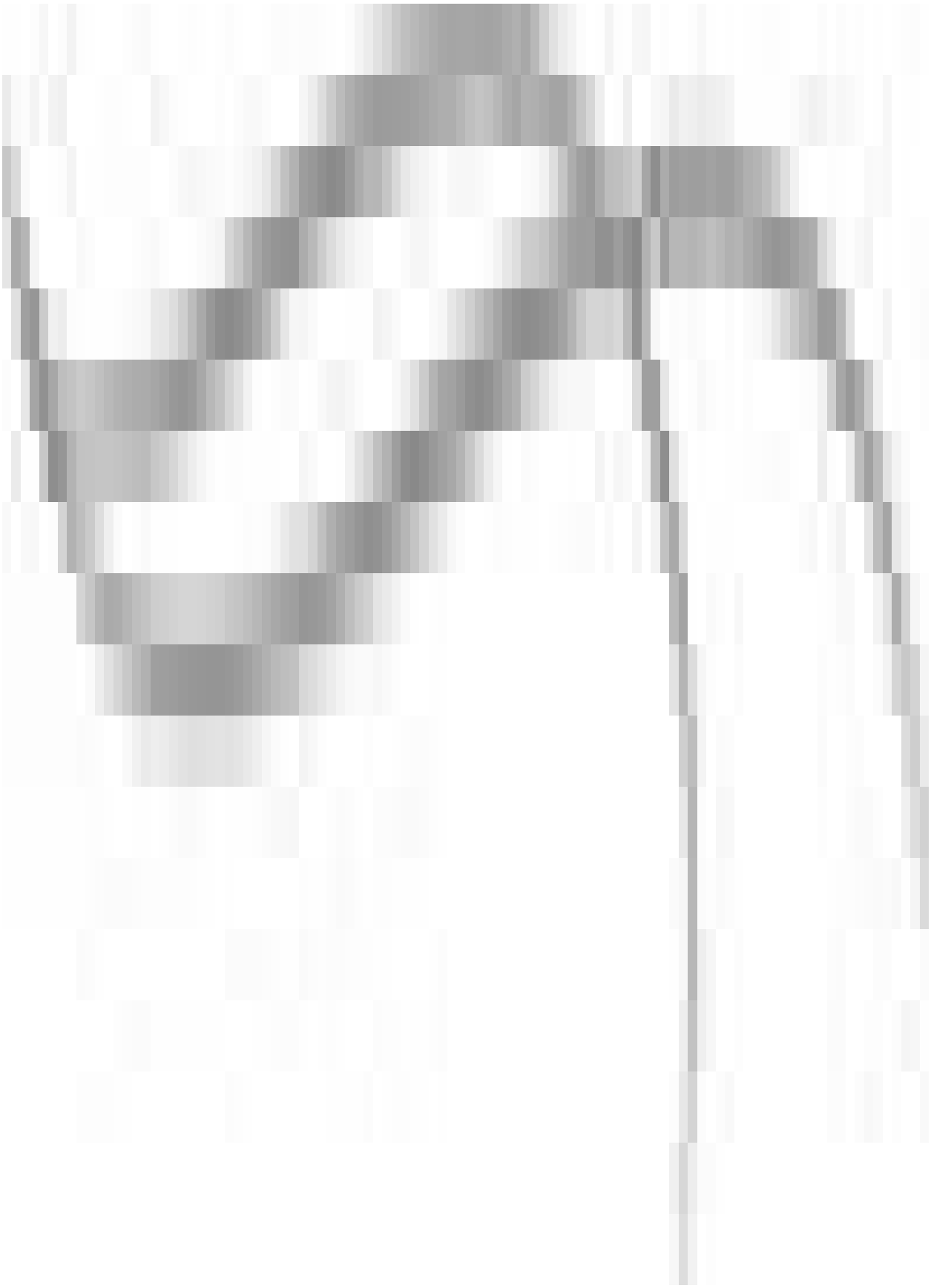
Nem um de nós do campo pode ocupar o lugar e estamos muito preocupados quanto ao trabalho ali entre o nosso próprio povo e os brasileiros ao redor dele. Preguei algumas vezes para os brasileiros e estou muito interessado neles. Creio que um obreiro capaz em Santa Bárbara poderá realizar uma grande obra, tanto no presente como no futuro. Desde que nosso trabalho estenda-se, nos próximos anos, como esperamos, da Bahia para as outras partes do Império, seria de imensa vantagem que já existisse aqui no Sul, uma igreja sólida. Esperamos, ainda, que os nossos irmãos no Texas sejam capazes de sustentar um obreiro em

Santa Bárbara, ou, se não, poderemos induzir que algum pregador venha por sua responsabilidade e ali se estabeleça, onde possa pregar e ensinar. Creio que ele poderia ser um solteiro ou mesmo um que tenha uma pequena família.

Como pode ver pelo início desta carta, estamos agora na Baía do Rio. Deixamos Campinas há poucos dias atrás com destino a Santos, onde providenciamos as passagens para a Bahia, no navio alemão ‘Corrientes’.

Deixamos Santos anteontem e aqui chegamos ontem pela manhã. Amanhã continuaremos a nossa viagem para a Bahia. Estamos todos bem. Alguns sofreram enjôo, mas, quando chegamos às águas quietas desta bela baía, toda a náusea nos largou. O irmão Teixeira e a sua família estão conosco. Ele vai como professor e nos ajudará em muitos aspectos. É provável que ele possa ter uma escola na Bahia ou alguns alunos particulares que o ajudarão no sustento da família. Queremos que ele fique conosco e esperamos que prove ser de grande beneficio no nosso trabalho.

Temos estado nesta cidade várias vezes, e mantido contato com alguns dos missionários. Parecem muito interessados em nossa Missão e projetos. (...) Esperamos chegar à Bahia dentro de poucos dias. (...) Incluo os nomes dos membros de nossa igreja em Santa Bárbara, para os quais desejo que seja enviado o FMJ. (...) São eles: Sra. Jane Whitaker, Sra. Mary M. Ellis, Sra. Mary Seawright, Sr. Will Thomas, Sr. Bony Green.”



Idem à anterior

30.08.1882

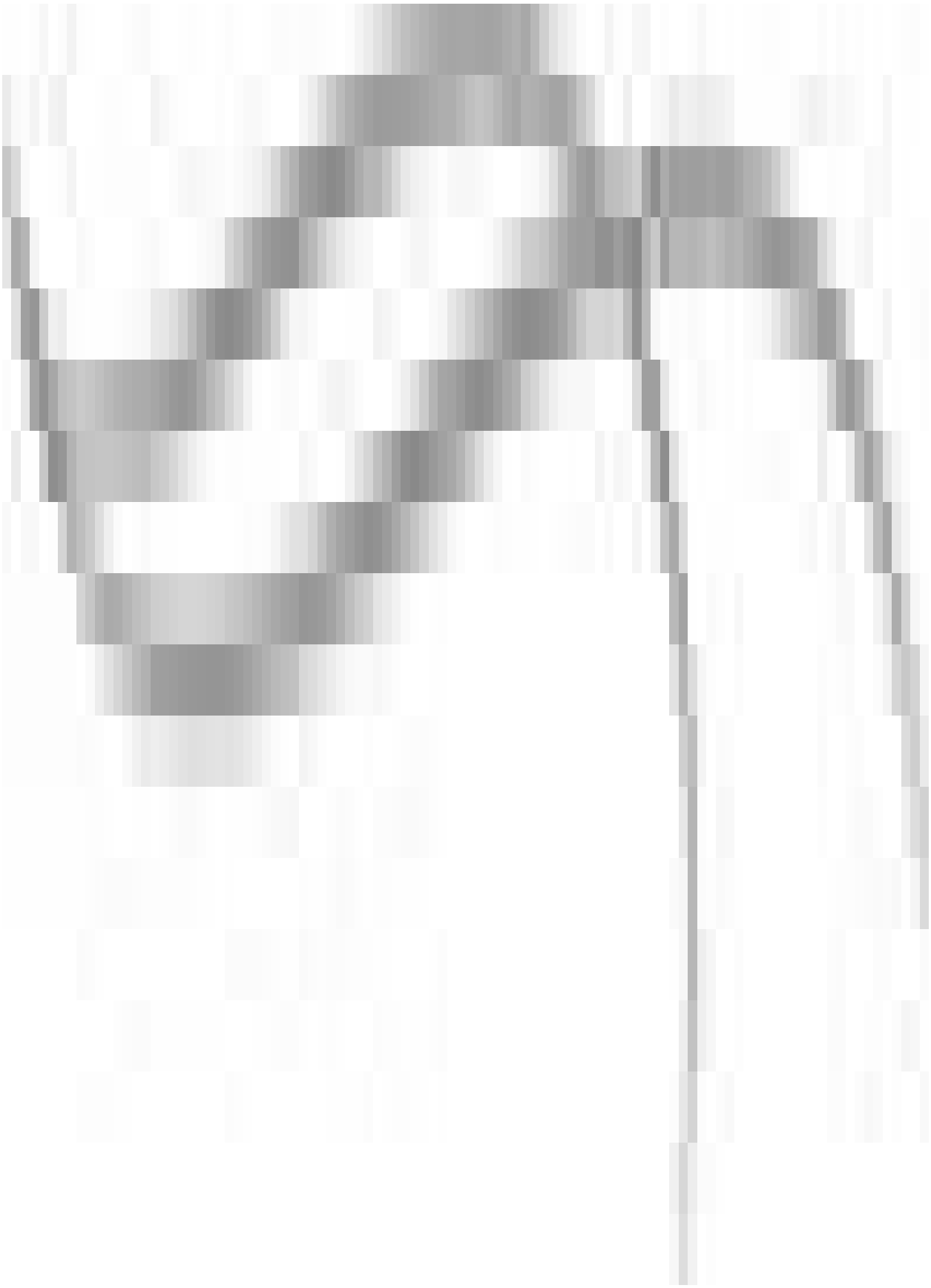
Carta de “No Oceano Atlântico Sul”

De WBB

Para FMB

“Hoje estamos no oceano. Esperamos chegar à Bahia amanhã cedo (dia 31). Todos nós estamos bem, com exceção de uns poucos com enjôo do mar. O irmão Taylor está fielmente no seu camarote, desde que deixamos o Rio. Mas, temos tido uma boa viagem. Escreverei outra vez em breve.

Gostaria que enviasse outra dúzia de ‘Gospel Hymns’, sendo nove sem música e três com música. Peço-lhe o favor de solicitar a um livreiro em Richmond que os envie para o Sr. William Thomas, Santa Bárbara, S. Paulo, Brasil.”



MPRJ, p. 284

Diário de Notícias, Salvador, BA, 31.08.1882

nº 281, p. 1, c. 1, e p. 2, c. 1

Coleção do IHGBA

31.08.1882

Chegada à Bahia

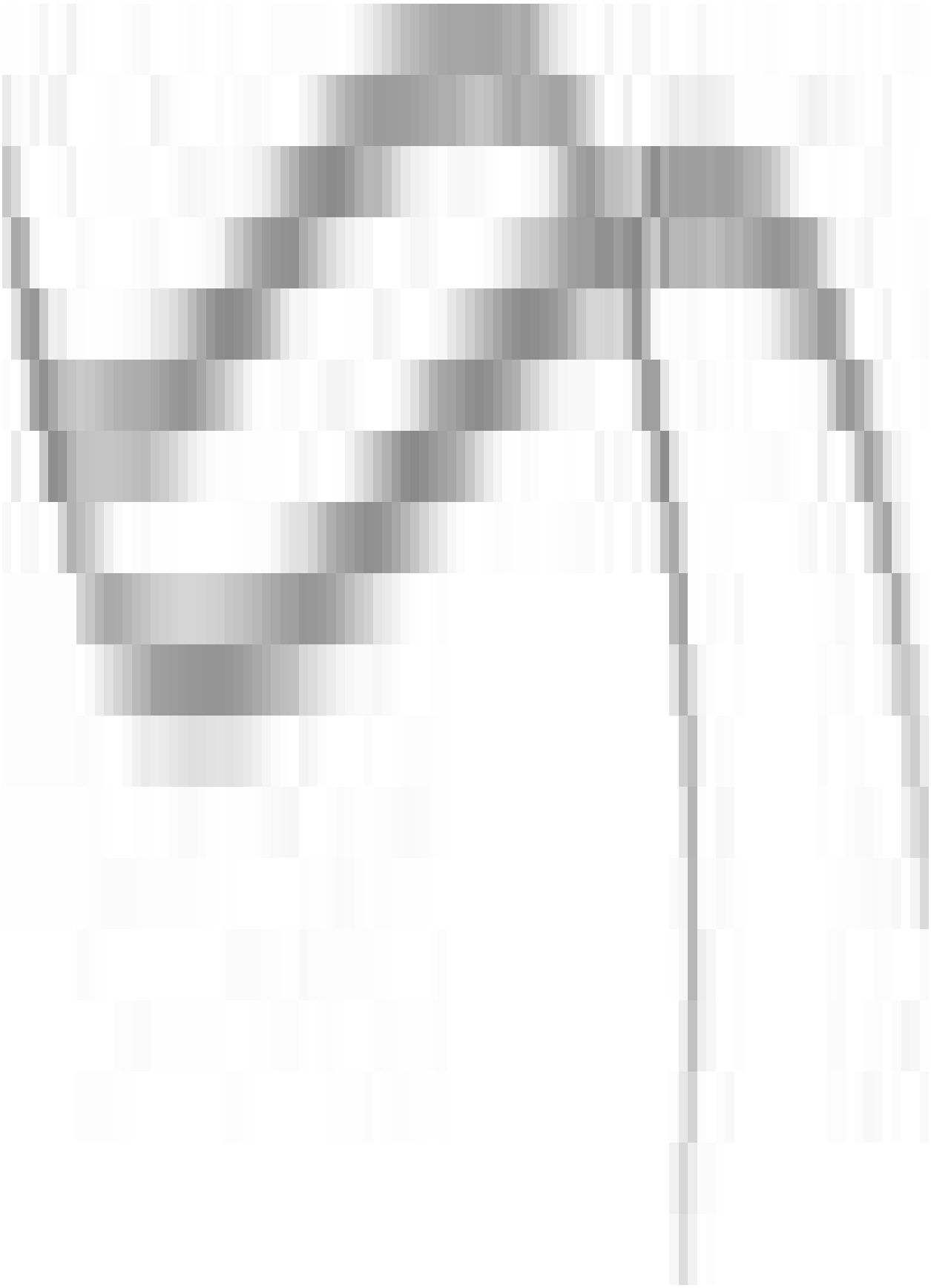
O navio “Corrientes” chegou ao Rio de Janeiro, procedente de Santos, a 25.08.1882, com 19 passageiros “em trânsito”. E, a 27 seguinte, esses seguiram viagem rumo à Bahia. O Diário de Notícias, de Salvador, deu estas informações:

“Ontem à tarde, entrou de Santos pelo Rio de Janeiro (...) o vapor alemão Corrientes, que segue para Hamburgo, por Lisboa.(...) O vapor alemão ‘Corrientes’, entrado de Santos pelo Rio de Janeiro, trouxe os seguintes passageiros: Mary O. Rorke, I. C. Taylor e sua família, W. B. Bagby e sua família, Antonio Teixeira d’Albuquerque, sua família e um criado, Pedro Moreira de Vasconcelos, Virgílio Tourinho de Pinho, Dr. Luiz Vianna e Cícero de Miranda.”

Como se vê, há umas trocas de letras, ocorrência natural em jornal. Relacionando os nomes conhecidos acima, as esposas de Taylor, Bagby e Teixeira, tentamos completar a lista com os nomes das crianças: Ermine, filha do casal Bagby, com os filhos do casal Teixeira de Albuquerque: Antonio Filho, Pedro, Madá, João e a primogênita. E, foi uma grande surpresa quando, em 1989, encontramos o nome de Antonia Teixeira. no arquivo histórico da Baylor University, Texas! O Dr. Z. C. Taylor havia levado a menina para o Texas, após o

falecimento de A. T. Albuquerque!

O registro acima dá luzes sobre Mary Ó Rork, que veio mais tarde, com o casal Bagby, da Bahia para o Rio de Janeiro, e foi uma das fundadoras da PIB/RJ, a 24.08.1884. Os indícios nos fazem pensar que Mary Ó Rork, do grupo dos emigrados dos EUA, estava em Santa Bárbara, quando da chegada do casal Bagby, e foi escolhida para ajudar D. Anna com a filhinha Ermine.



Livro de atas nº1 da Primeira Igreja

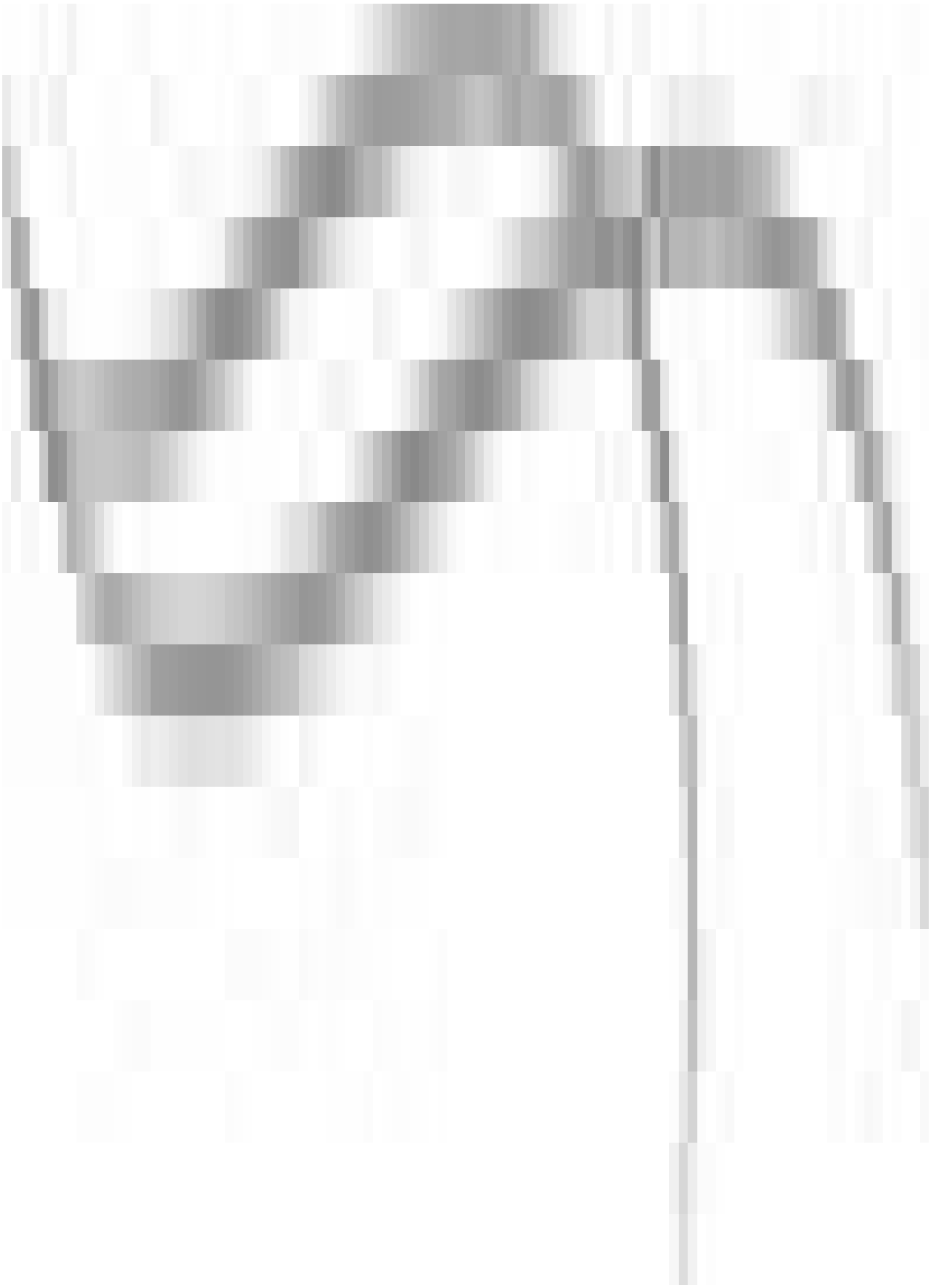
Batista na Bahia

15.10.1882

Ata de organização da PIB/BA

Nesta data foi organizada a Primeira Igreja Batista na Bahia, com cinco membros procedentes das duas igrejas batistas em Santa Bárbara, São Paulo. Cópia ipsis litteris da ata de sua organização pode ser lida na parte “B” deste livro, sob o título ANTONIO TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE. (Ver págs. 282 e 283)

A referida ata histórica foi publicada em O Jornal Batista, Rio de Janeiro, de 30.10.1905, p. 7,8.



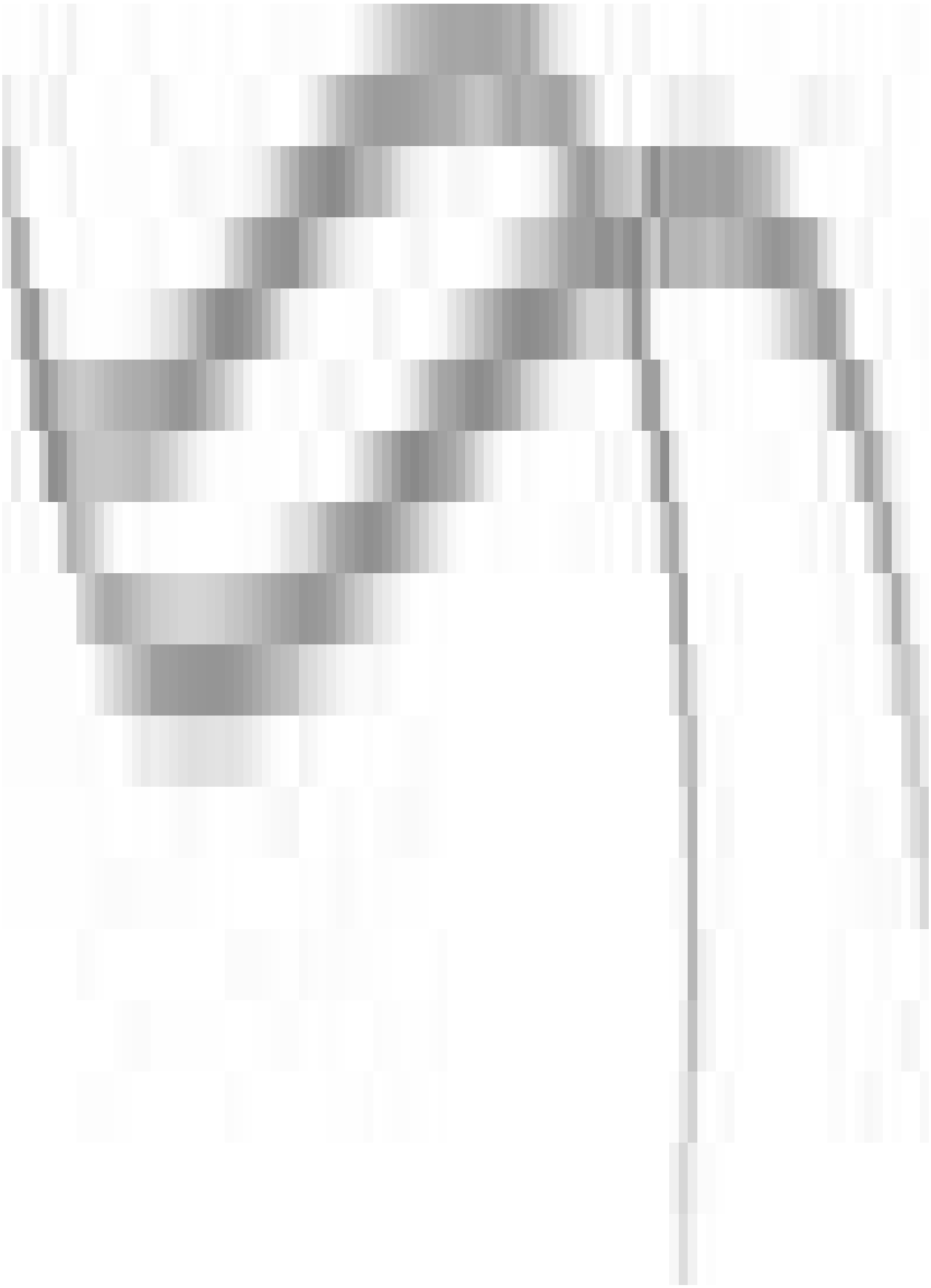
Livro da atas da FMB, p. 464

06.11.1882

Ata da FMB-SBC

Essa ata faz referência aos 50 membros existentes na PIB/SB, estando eles sem pastor. Menciona a idéia dos missionários de que talvez a FMB pudesse dividir os seus recursos para que uma parte se destinasse a SB. Mas, a Comissão encarregada de estudar o assunto teve sérias dúvidas sobre uma decisão nesse sentido, ainda que compreendesse a necessidade que a igreja estava tendo para sustentar integralmente um pastor que viesse a aparecer.

Pelo que se infere, o assunto permaneceu sem qualquer solução.

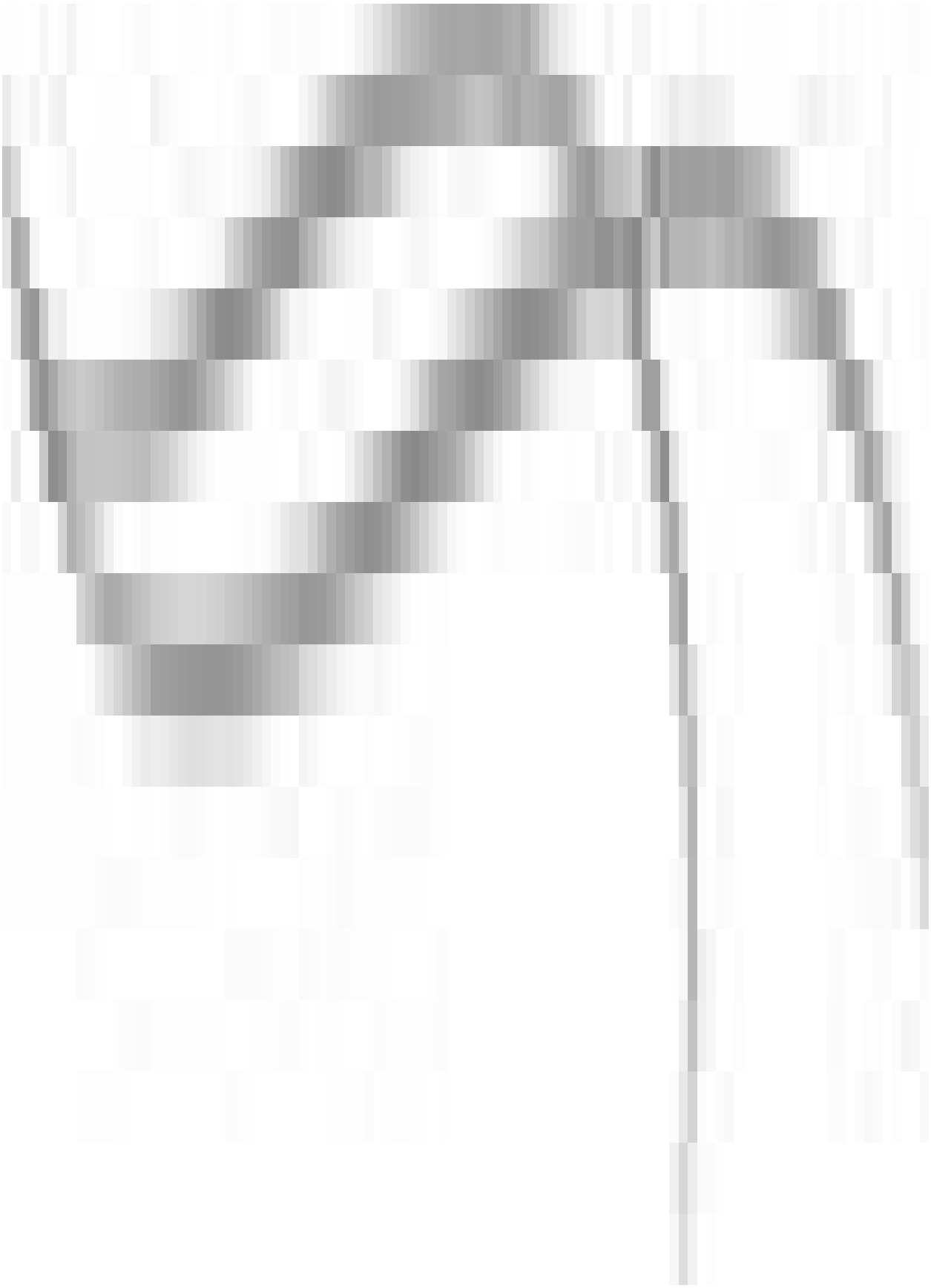


Livro da atas nº 1, da PIB/BA

10.05.1883

Emendas da ata de organização da PIB/BA

Ver emendas na parte “B” deste livro, sob o título ANTONIO TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE. (Págs. 282 e 283)



SBCA, maio/1883, p. ix, x

Maio, 1883

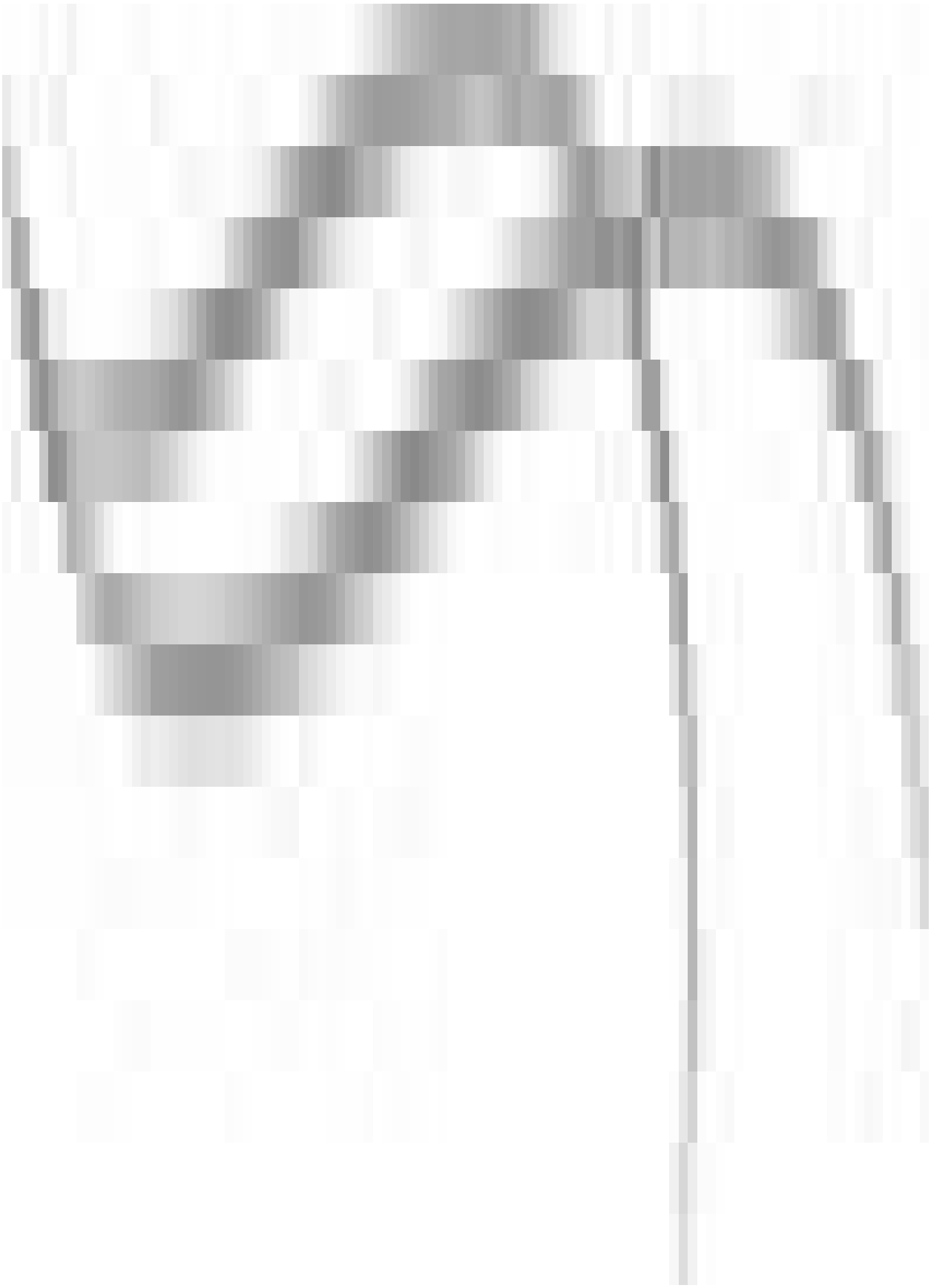
Notícias

“... Desde que nossos missionários mudaram-se para a Bahia, a Junta não tem tomado qualquer decisão com respeito à Igreja de Santa Bárbara, esperando que os irmãos ali possam cuidar de si mesmos. Não há certeza de que se deva manter ali a Missão, tão afastada de nossa sede na Bahia, e numa Província já antes ocupada por outra denominação. (...)

No segundo domingo de julho [cremos que deve ser agosto de 1882] nossos missionários receberam as suas cartas demissórias para a organização de uma igreja na Bahia, e despediram-se da Igreja de SB. O irmão Bagby escreveu que havia resignado o pastorado e a igreja ficara sem um pastor e sem saber onde conseguir outro. Embora o trabalho na Bahia possa estender-se com imensa vantagem para outras partes do Império, tal como esperam, uma igreja forte no sul seria de imensa vantagem.

O general A. T. Hawthorn opinou sobre a Bahia: ‘este é um ponto no qual tocam todos os navios ingleses, franceses e americanos, indo para ou vindo do Rio, e é uma das cidades mais saudáveis de toda a costa.”

Ver parte “B” — A. T. Hawthorn. (Pág. 330)



Originais, em inglês, no arquivo da FMB

Atas da FMB

11.09.1883

15.10.1883

05.11.1883

Carta e atas

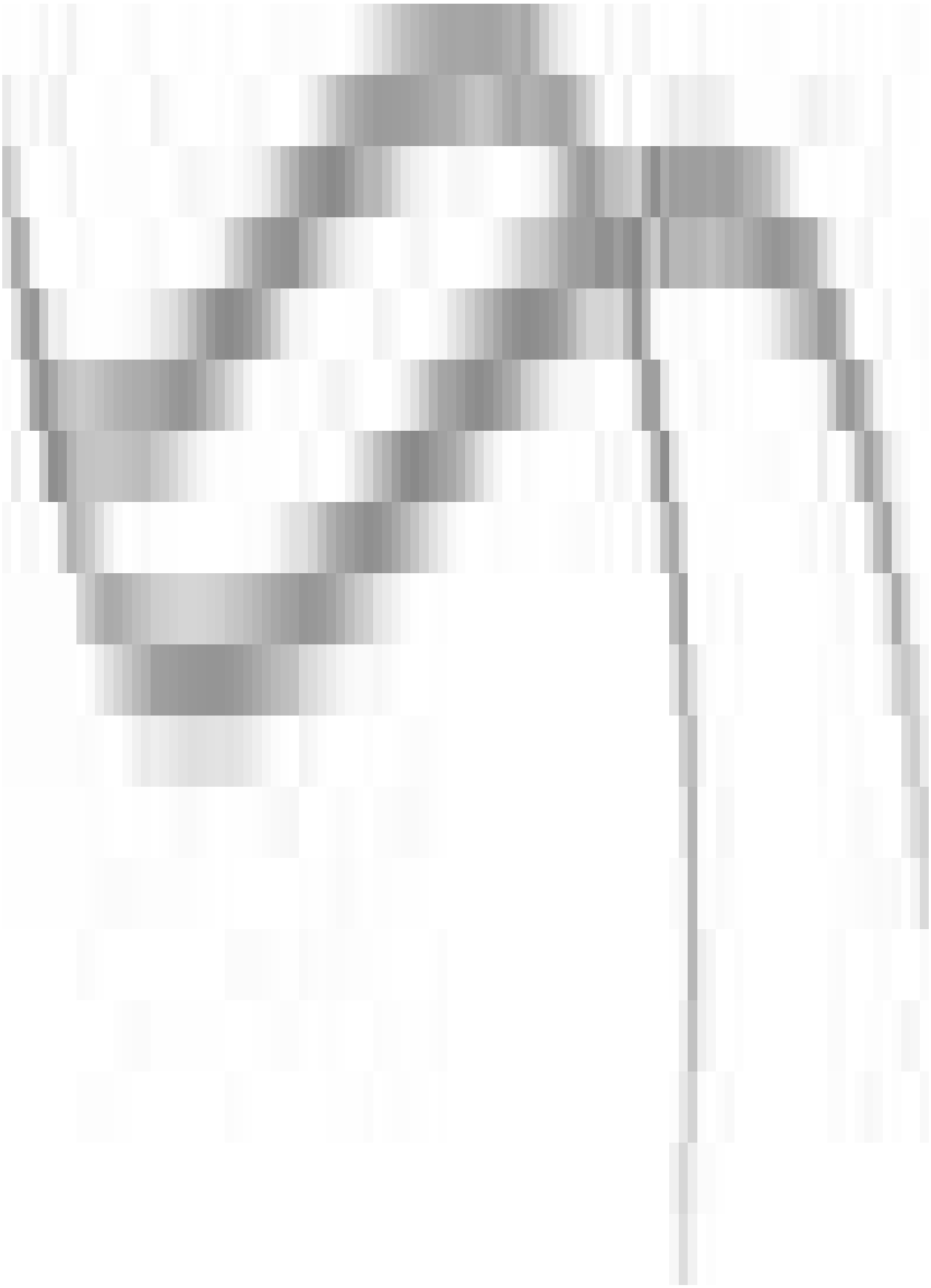
De WBB, Bahia

Para FMB

A carta de 11.09.1883, do Dr. Bagby, trata da idéia de se abrir uma nova Missão no Império, com sede no Rio de Janeiro. E também solicita a nomeação do Rev. Teixeira de Albuquerque como assistente dos missionários, na Bahia.

Na reunião da Junta, de 15.10.1883, os assuntos foram apresentados e encaminhados para a Comissão de Missões da América do Sul estudá-los e dar o seu Parecer, o que foi feito na reunião de 05.11.1883. À vista do que falou o relator da dita comissão, ficou resolvido que não seria sábio, para a ocasião, tomar qualquer nova decisão com respeito ao trabalho no Brasil.

Releva notar que o pedido de Dr. Bagby, para a nomeação do Rev. Teixeira, estava reforçando o pedido que antes fora feito pelas duas igrejas reunidas em SB, conforme documento de 20.06.1880, quando ainda o missionário Bagby estava nos EUA preparando-se para vir.



SBCA, maio/1884, p. xiii

FMJ, maio/1884, v. 15, nº 10/190, p. 2

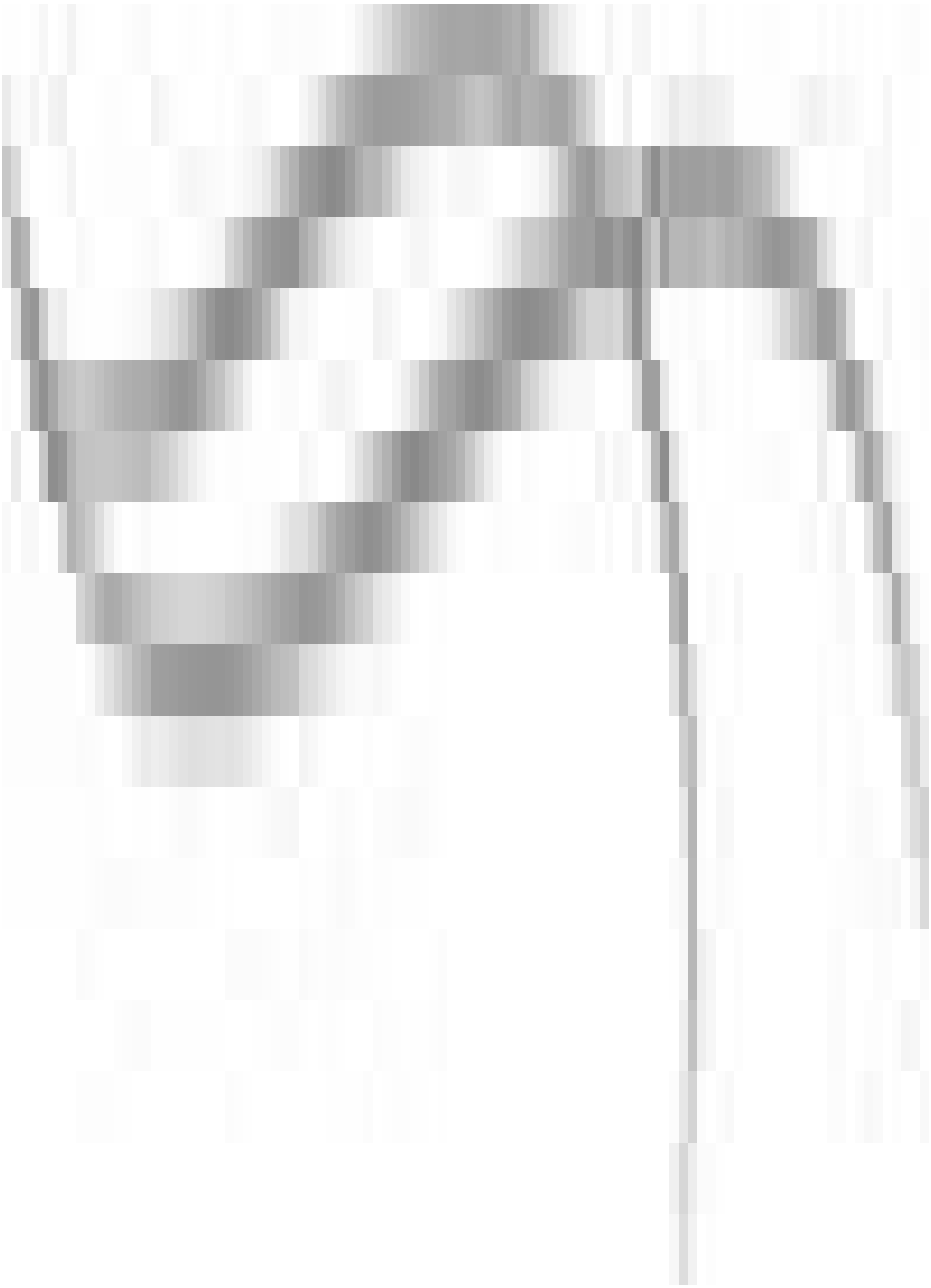
Maio, 1884

Convenção do Sul

Nos Anais da SBC, de maio de 1884, temos:

“Missão Brasileira. Missionários: W. B. Bagby, Sra. W. B. Bagby, Z. C. Taylor, Sra. Z. C. Taylor e um assistente nativo. Núcleos. Bahia, Rio de Janeiro, Santa Bárbara.”

O “assistente nativo” acima mencionado deveria ser Antonio Teixeira de Albuquerque. Adiante, o “Rio de Janeiro” estava apenas em cogitações e “Santa Bárbara” passou para o último lugar.



FMJ, set./1884, v. 16, nº 2/194, p. 3

11.07.1884

Carta de SBSP

De WBB

Para FMB

"... Há um mês passado [junho 1884] deixamos Bahia rumo ao sul do Império. (...) Comprei passagens para mim e família, direto para Santos, com a intenção de vir até Santa Bárbara. Viemos num navio alemão — 'Buenos Aires'. Paramos no Rio, por dois dias. Desembarquei para acomodar a minha bagagem até o nosso retorno de S. Paulo. Ficamos no Rio até domingo. Preguei pela manhã na capela metodista, em inglês, pela primeira vez em dois anos. (...) Deixamos o Rio na segunda-feira, pela manhã, e enfrentamos outra vez o enjôo da viagem de mar. Fomos incapazes de estar à mesa gozando os mesmos privilégios com os outros. No navio estavam imigrantes poloneses. (...) Um jovem alemão falou-me de uns 30 ou 40 batistas alemães que moram em Joinville, em Santa Catarina. Disse-me que não têm pastor, porém, que se reúnem cada semana para os seus cultos.

De Santos, viemos diretamente para SB, onde ainda estamos. Já preguei de dez a 12 vezes, em inglês e em português. Nossa igreja aqui necessita muito de um pastor. Não tem havido reunião da igreja desde a nossa saída há dois anos [devia estar se referindo à sessão de negócios, conforme se pode deduzir das informações que seguem].

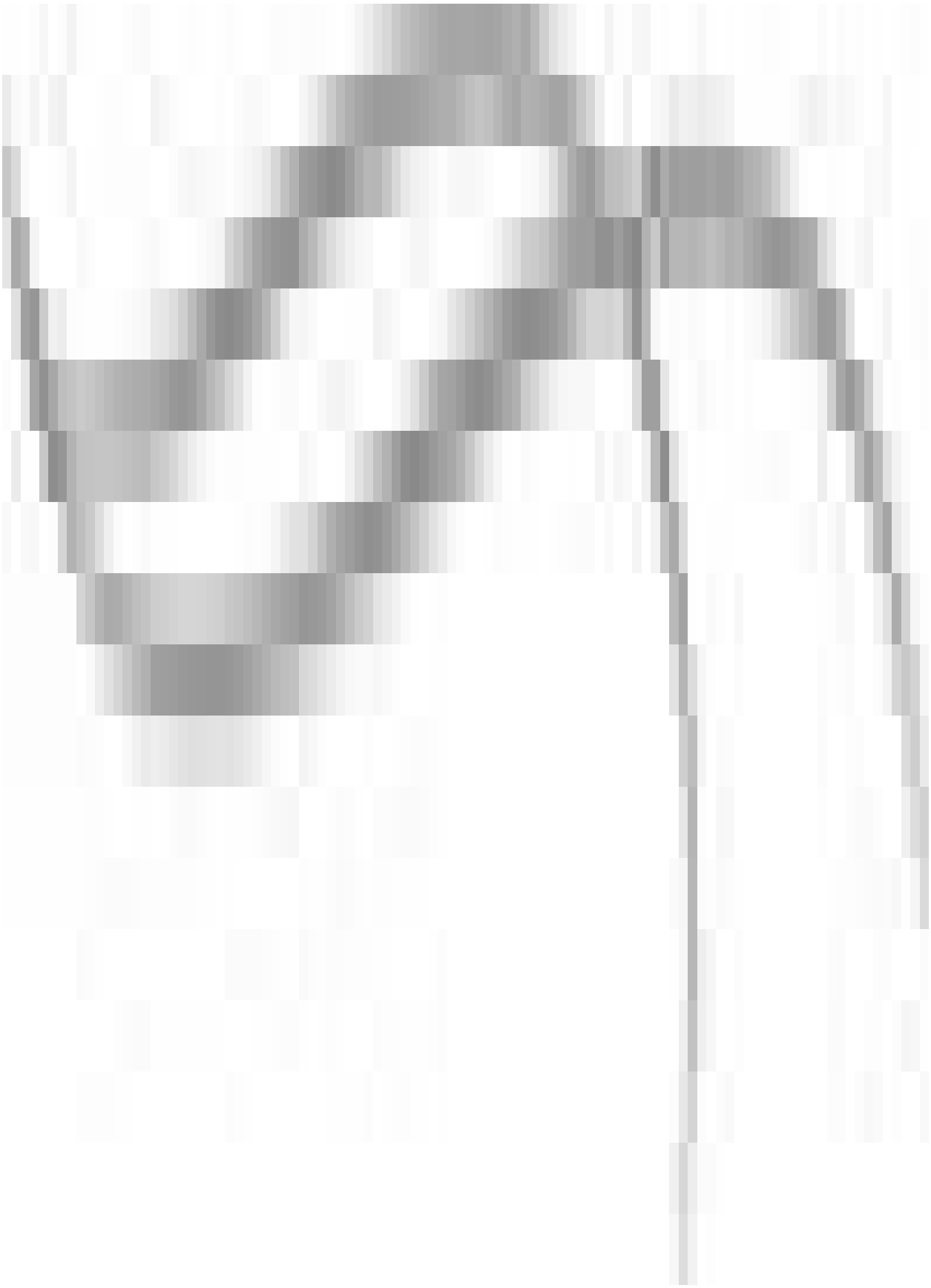
Os irmãos querem reunir-se amanhã para uma sessão, e eu espero que eles decidirão tê-las cada mês, regularmente.

Como é vasto o campo aqui para um homem consagrado a Deus!

Nosso povo, do qual alguns pareciam estar apenas de passagem neste país, sentem-se agora fixados na terra e é visível o crescimento rápido pelo natural desenvolvimento. (...)

Os brasileiros em torno parecem mais do que nunca desejosos de ouvir o evangelho. Eles sempre assistem aqui na vila quando há pregação, e em casas particulares ao redor quando têm oportunidade. Uma ou duas noites atrás preguei na casa de um nativo para um grupo de cerca de 30 brasileiros e 15 americanos. Eles prestam atenção e o dono da casa cordialmente agradeceu-me por pregar ali. Eu anelo por um obreiro para os americanos e brasileiros aqui, porém, parece duro encontrar um que possa vir.

Espero retornar ao Rio na próxima semana, deixando a minha família aqui enquanto vou encontrar uma casa que nos servirá de lar. Logo que esteja estabelecido, devo começar o trabalho.”



Livro de atas nº 1, da PIB/RJ

SBCA, maio/1885, p. ix

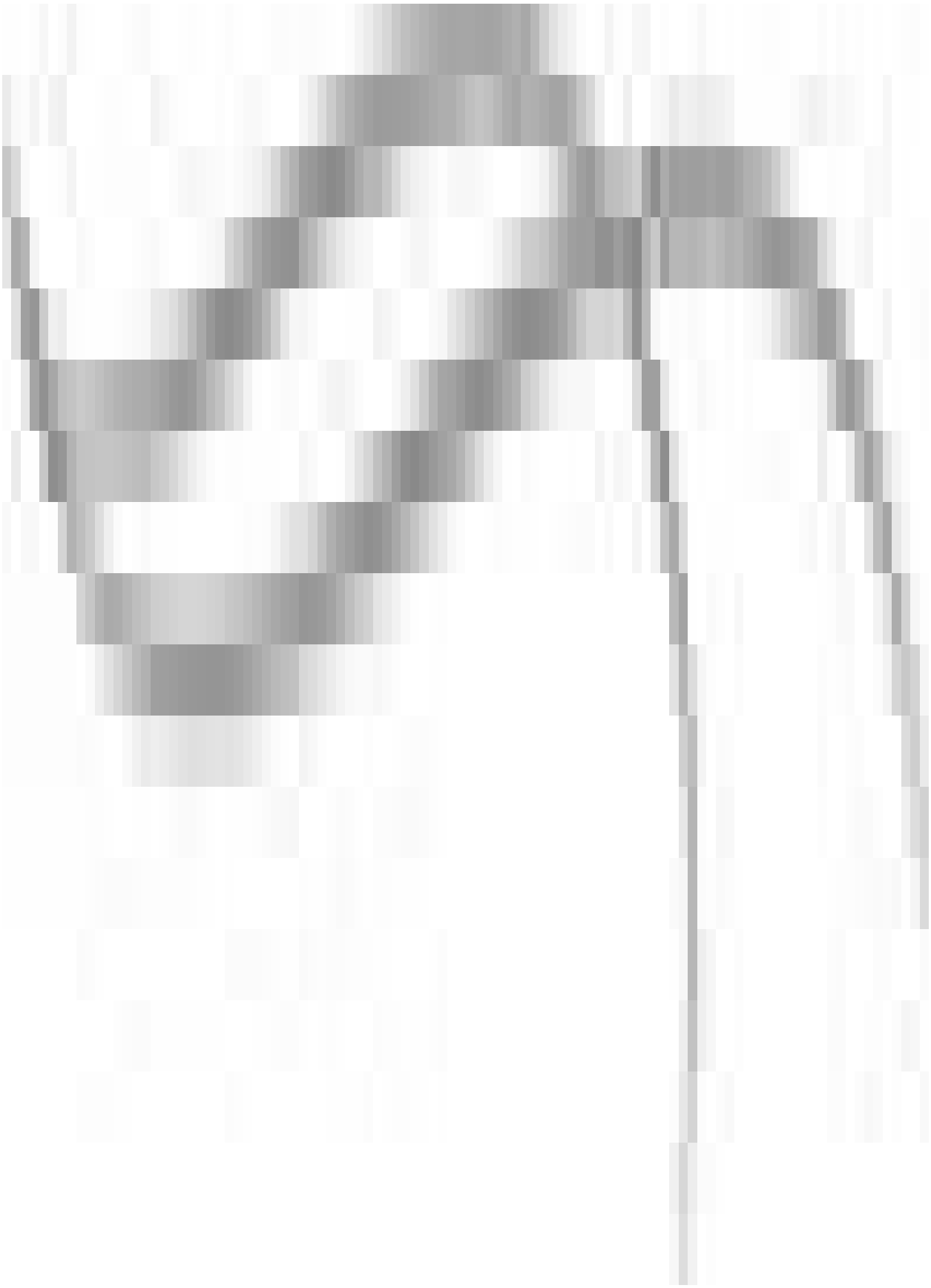
FMJ, junho/1885, v. 16, nº 11/203

p. 2, c. 4

24.08.1884

Organiza-se a PIB/Rio de Janeiro

A 24.08.1884, foi organizada a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, com quatro membros: W. B. Bagby, Anna L. Bagby, Elisabeth Williams e a jovem Mary Ó Rork [dois norte-americanos, uma inglesa e uma irlandesa, via EUA].



FMJ, jan./1885, v. 16, nº 6/198, p. 2

14.11.1884

Relatório do Rio

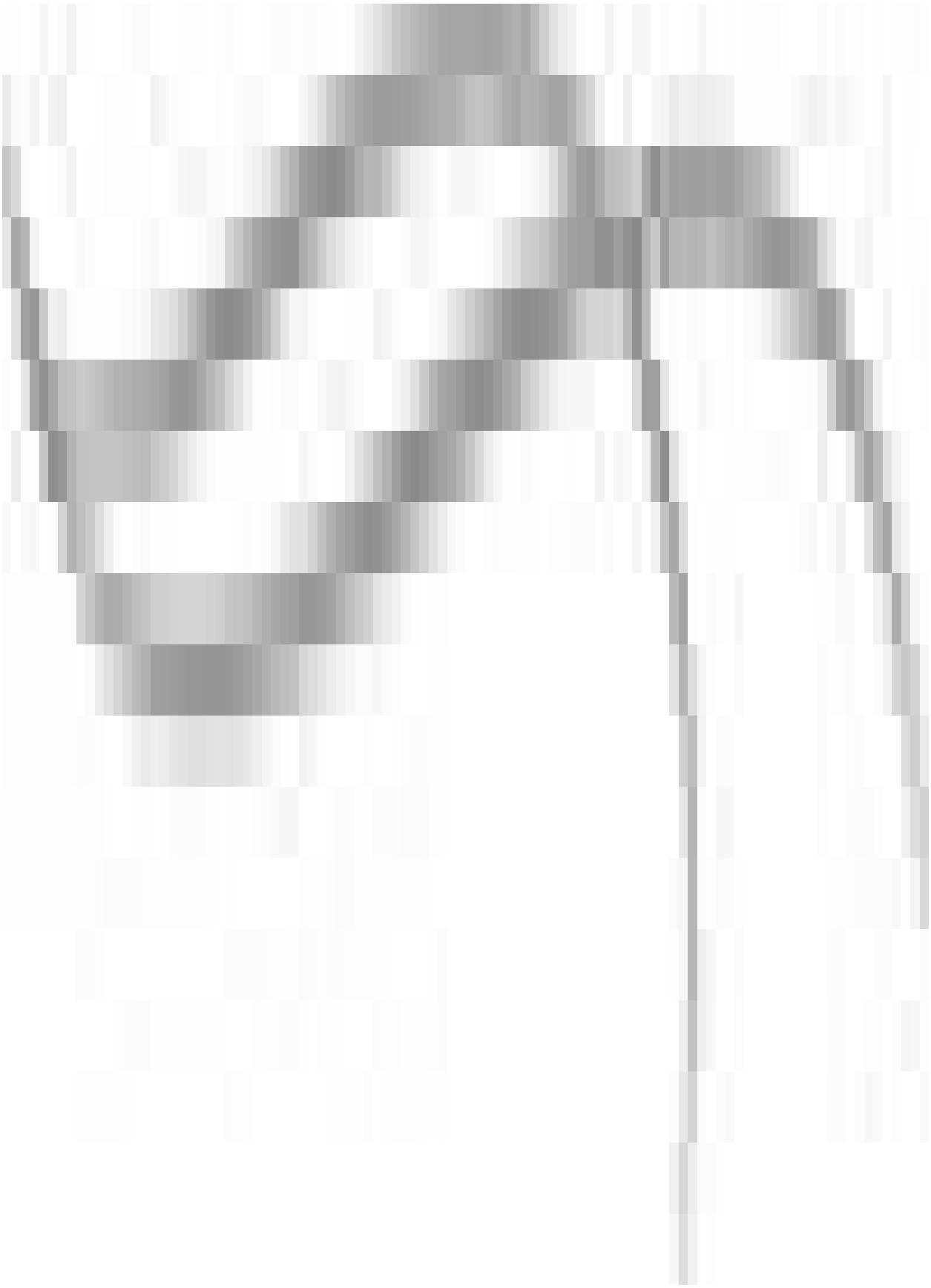
De WBB

Para FMB

"... Minha congregação é ainda bem pequena. (...) Há muita indiferença de todos os lados. Não sei ainda de alguém que pareça estar interessado na salvação de sua alma.

Dos que têm vindo aos cultos aqui, a maioria é de membros de igrejas presbiteriana e evangélica congregacional. Em alguns lugares, o acesso às famílias católicas requer muito tempo e trabalho."

As observações acompanhadas das diversas razões registradas no documento de 17.05.1882, deveriam estar revoluteando no pensamento dos missionários Bagby e Taylor, diante dos óbices surgidos e experimentados duramente. As cidades grandes mostravam então que a propagação do evangelho esbarrava também em sérios obstáculos.



FMJ, junho/1885, v. 16, nº 11/203, p.2, c. 3

e p. 3, c. 1.

18.03.1885

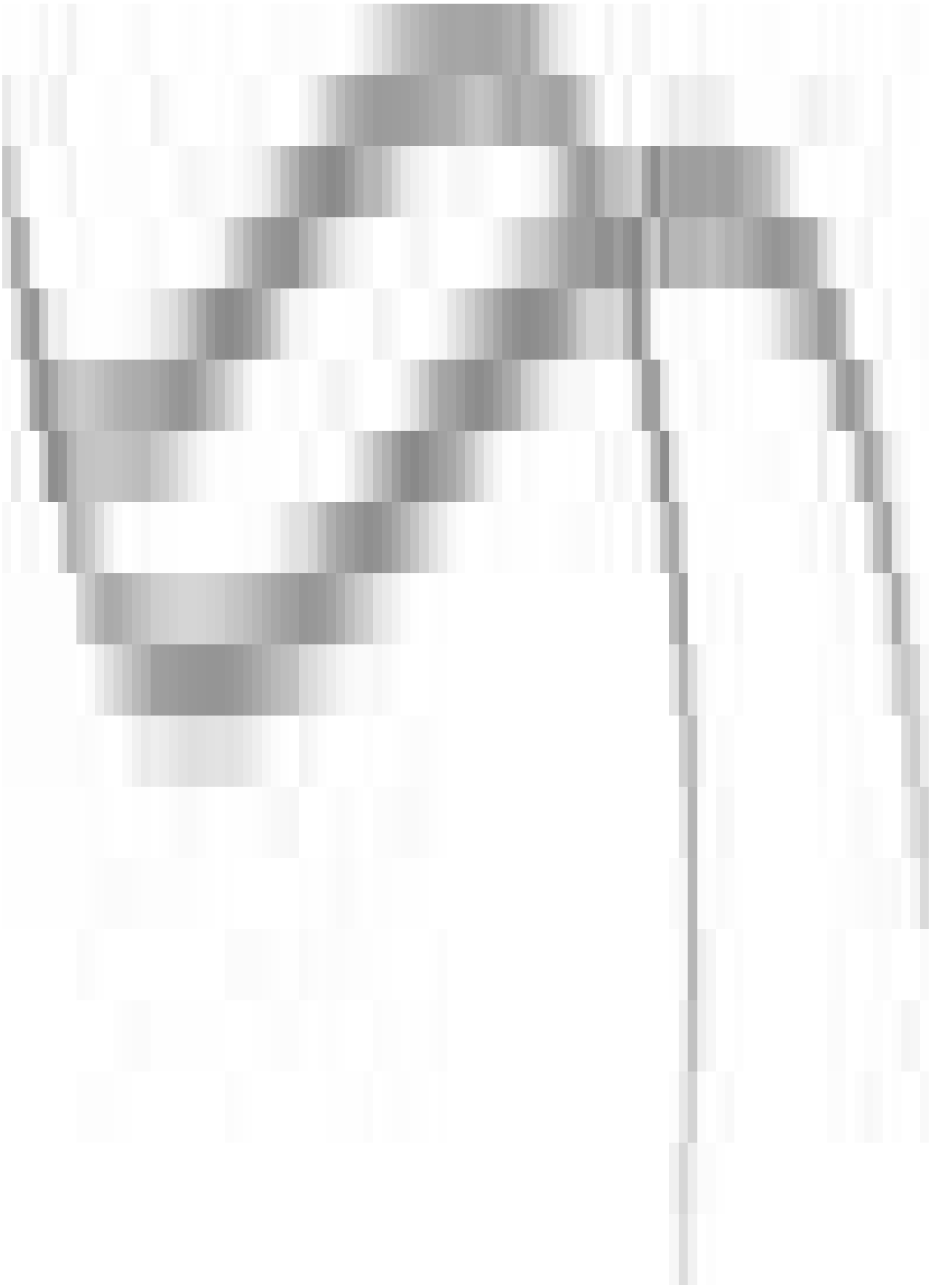
Relatório do Rio

De WBB

Para FMB

"... A carta da Junta autorizando-me a estabelecer a Missão no Rio chegou em maio p. p. (...) Deixei a Bahia com a minha família no meado de junho e vim para o Rio. Logo segui para SB, onde preguei durante um mês e pude visitar americanos e brasileiros. Um jovem foi batizado. Voltei ao Rio a 24 de julho, e comecei a providenciar uma casa. (...)

Santa Bárbara precisa urgentemente de um obreiro. Por falta dele, a Causa ali está definhando. Esperamos que aquele chamado urgente há de ser atendido sem demora. Não possuo dados estatísticos em mãos, porém, houve um batismo durante a minha última visita. Tem havido algumas perdas por morte ou exclusão. Julgo que o total de membros é de 40. Espero fazer uma viagem àquela região no próximo mês."



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

22.03.1885

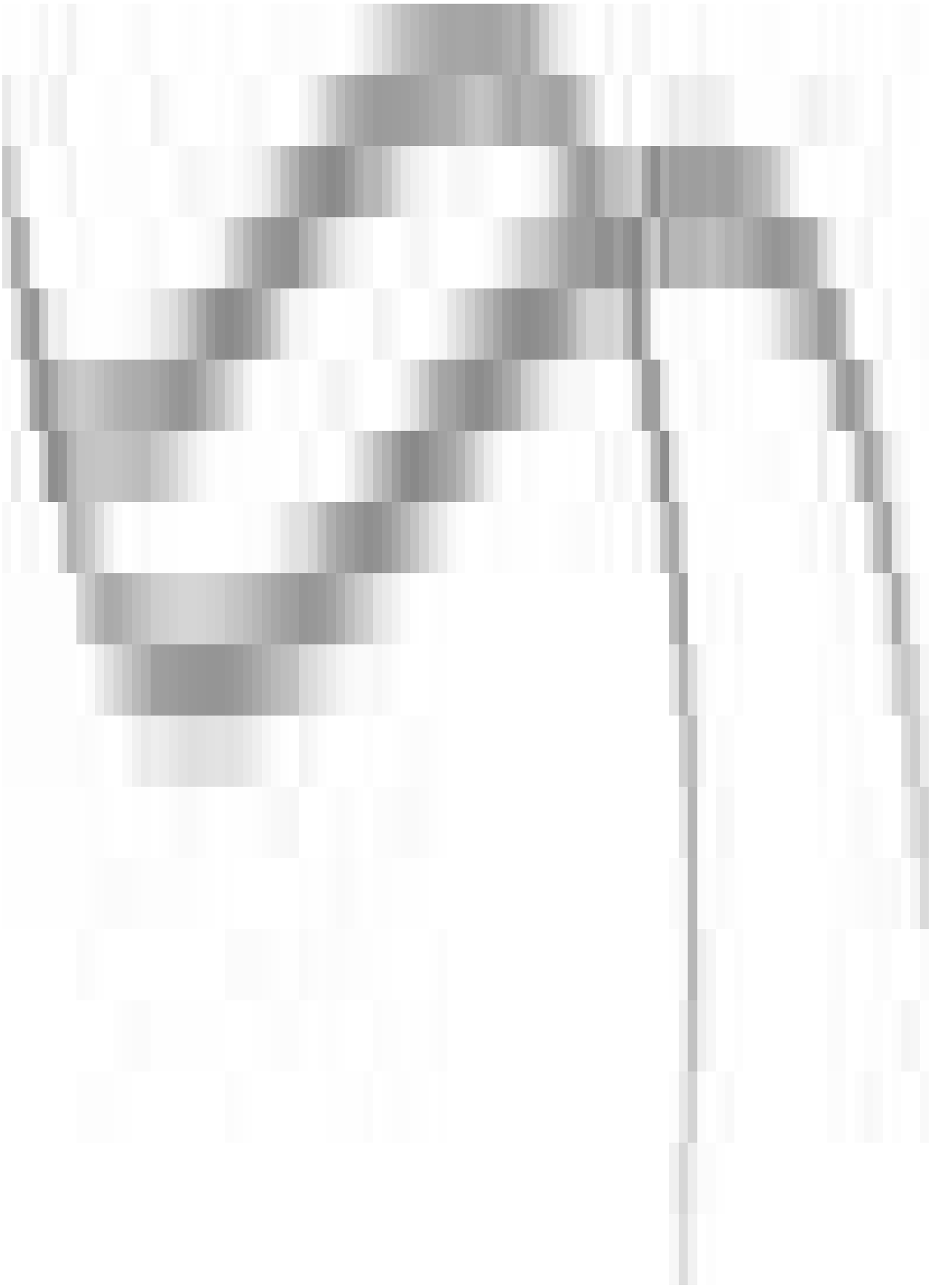
Carta do Rio

De WBB

Para FMB

Na data de 22.03.1885, “um senhor idoso, de 72 anos”, foi batizado pelo Pr. R. P. Thomas, consoante informação contida na carta de Dr. Bagby à Junta, datada de 06.04.1885. Tentamos descobrir quem teria sido esse senhor, percorrendo a lista de nomes de norte-americanos da época, em Santa Bárbara, com essa idade. Encontramos o de Orville Whitaker, sendo ele o esposo de Jane (Moore) Whitaker, membro da Igreja, mencionada pelo Dr. Bagby, na carta de 26.08.1882. É provável que tenha sido ele o novo membro da igreja.

O fato confirma que o Pr. Robert Porter Thomas estava à frente do trabalho e que este ia sendo feito.



FMJ, junho/1885, v. 16, nº 11/203, p. 3, c. 2,3

06.04.1885

Carta de SBSP

De WBB

Para FMB

"... Deixei o Rio com o irmão Soper a 26 p. p. para este lugar. Ele veio para ajudar-me nas pregações. Temos ido de casa em casa e na igreja temos pregado para muitos americanos e brasileiros durante todas as noites menos uma e continuaremos durante esta semana.

Se Deus permitir, voltaremos para o Rio na próxima segunda--feira, dia 13.

Pregamos sete vezes aos brasileiros, em diferentes casas e uma ou duas aos americanos, enquanto que o irmão Soper pregou nove ou dez vezes em inglês. Temos tido boas congregações. Noite passada, preguei aqui em SB, em português, a uma congregação de brasileiros, americanos, alemães, num total de cerca de 75 pessoas. Uma excelente ordem prevaleceu e eu espero que a última impressão tenha ficado em algum deles, se não em todos.

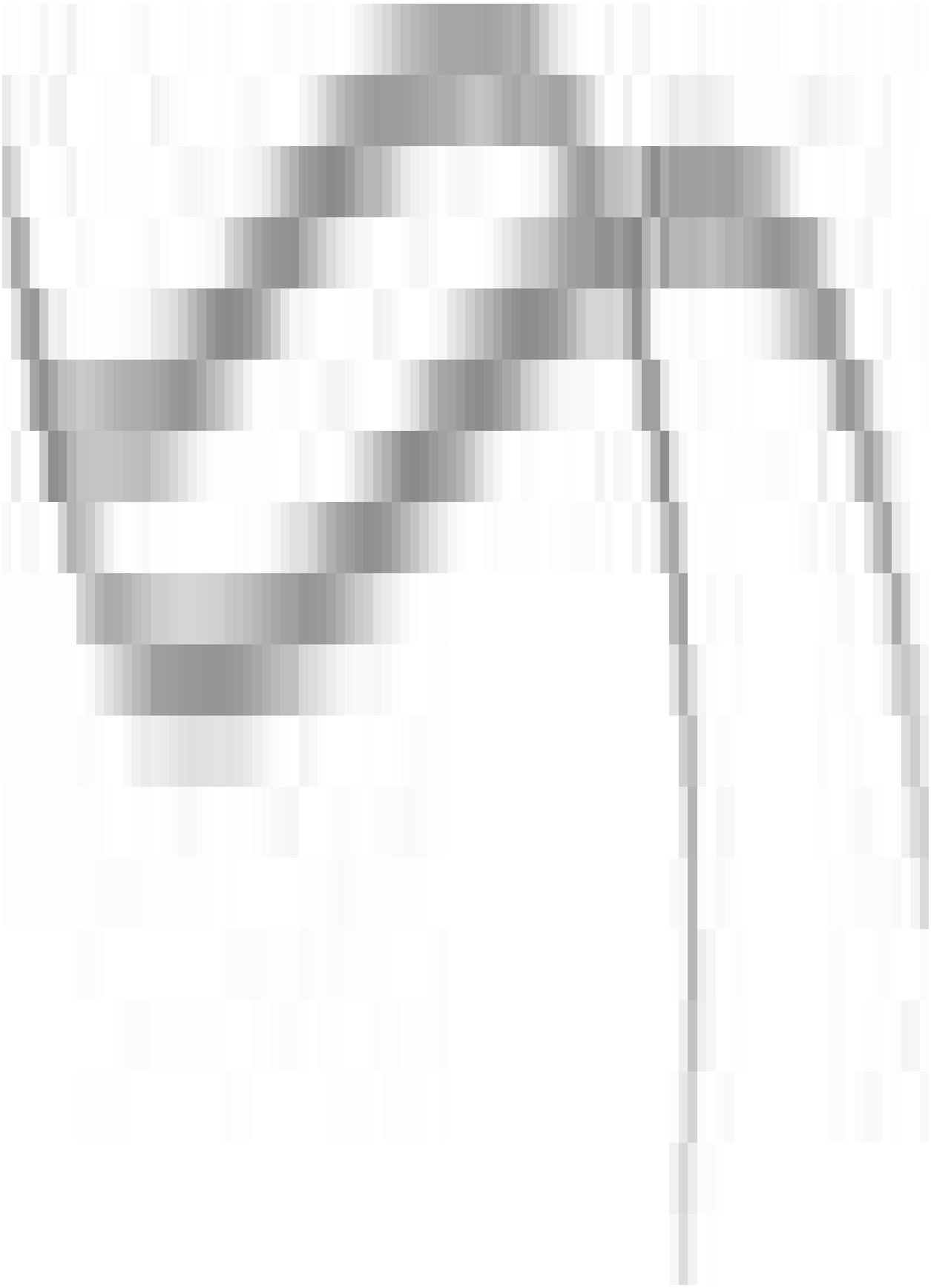
Acho que os irmãos estão um pouco desencorajados a respeito de um pastor. A igreja está em deplorável necessidade de um pastor. O irmão Thomas faz o que pode e anseia pelo tempo quando alguém será enviado para este importante campo.

A última carta do irmão Hawthorn, enviada mês passado, deu-nos a esperança de que um obreiro pode ser enviado para Santa Bárbara. Sinceramente, espero que a Junta possa enviá-lo logo por causa da necessidade que tanto os americanos como os brasileiros têm de um pastor.

Creio que no próximo sábado a igreja, provavelmente, receberá de volta duas pessoas que foram excluídas há três anos atrás, pouco antes de eu deixar este lugar. Estão convencidas de seus erros nos quais caíram. Estão certos das doutrinas e desejam voltar.

Tenho o prazer de comunicar o batismo de um senhor idoso, de 72 anos, há duas semanas atrás, pelo irmão Thomas. Ele já era um crente há alguns anos, mas, só agora decidiu batizar-se. Preguei em sua casa, semana passada. Encontrei-o feliz em Cristo."

O último item da carta foi comentado anteriormente. O "irmão Thomas" mencionado é o Pr. R. P. Thomas, que, ao tempo, estava com 60 anos de idade.



SBCA, maio/1885, p. viii, ix, 49

Maio, 1885

Notícias

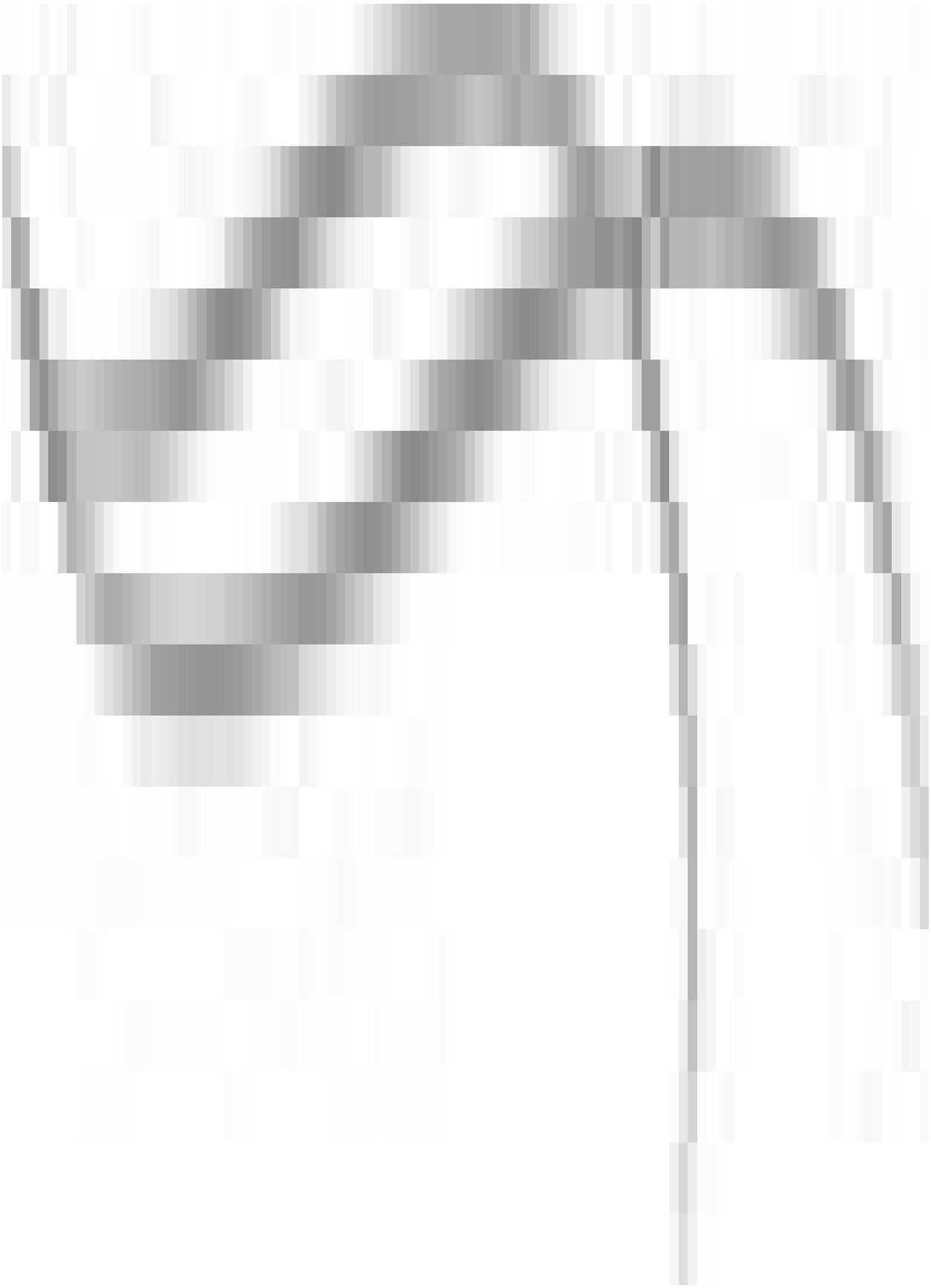
Em “Missões e Missionários”, temos:

Rio de Janeiro e Santa Bárbara: Dr. W. B. Bagby, Sra. Bagby, Sr. Mesquita.

Bahia e Maceió: Dr. Z. C. Taylor, Sra. Taylor, Snrs. Teixeira, Borges e Pedro.

Uma carta do Dr. Bagby à FMB, de 14.02.1885, diz ter recebido no Rio, um homem de Santa Bárbara. Quem teria sido?

A p. 49 do SBCA faz um retrospecto sobre a Missão em SB, repetindo dados anteriores. Não vamos repeti-los aqui.



FMJ, ag./1885, v. 17, nº 1/205, p. 2, c. 2

16.06.1885

Notícias

De WBB

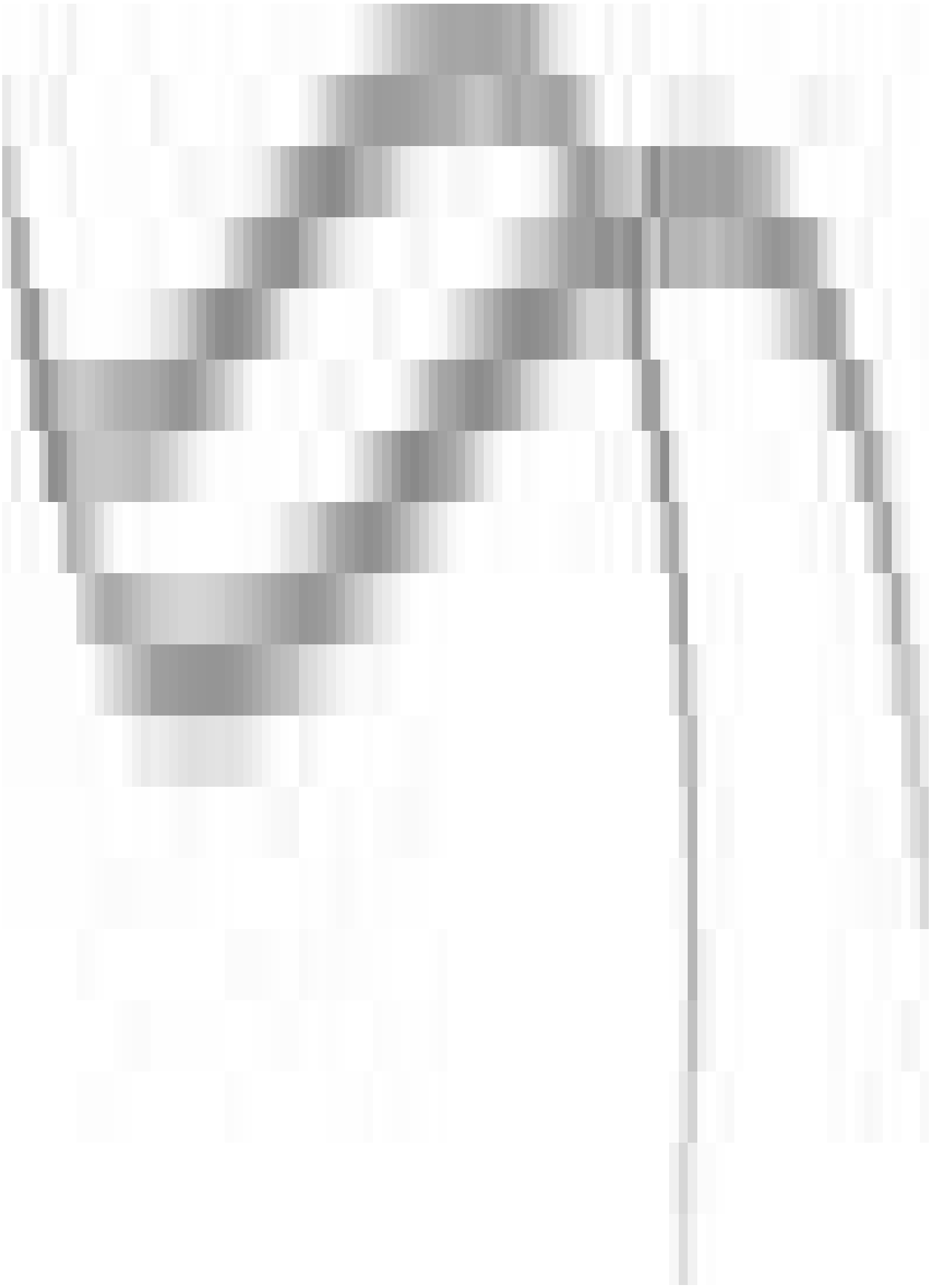
Para FMB

Em uma notícia, Dr. Bagby transmite informações de que o irmão Edwin Herbert Soper lhe enviara de Santa Bárbara para o Rio de Janeiro, com a data de 16.06.1885:

"... O irmão Soper, que estava trabalhando no Rio, entre os marinheiros por alguns meses, está agora conosco, sendo que, no momento, encontra-se em Santa Bárbara, realizando um ótimo trabalho entre os americanos, e por sua própria conta. Ele escreve esperançoso. Numa das recentes cartas, ele diz que apesar de tudo eles ali parecem estar dispostos a pôr a mão no arado. (...) Em outra carta, ele diz: 'Noite passada estive com o irmão Quillin. Penso que seus dias estão contados. Ele está muito pior, febril e delirando.[E. H. Quillin veio a falecer a 21.03.1886]. (...) Amanhã à noite pregarei na casa do irmão Ayres. Não temo que meu trabalho possa sofrer uma queda. Mas, se isto acontecer o Senhor ajudar-me-á a levantar-me outra vez. (...) Os irmãos em SB estão ansiosos para saber do plano da vinda de um pregador e pastor permanente para o trabalho entre eles."

Em Santa Bárbara havia um norte-americano de sobrenome Ayers e havia um português com o sobrenome Ayres. Não reunimos elementos suficientes para concluir se o irmão Ayres referido era o português ou se houve algum erro gráfico. Por outro lado, se essa reunião teve lugar na casa do senhor português, o

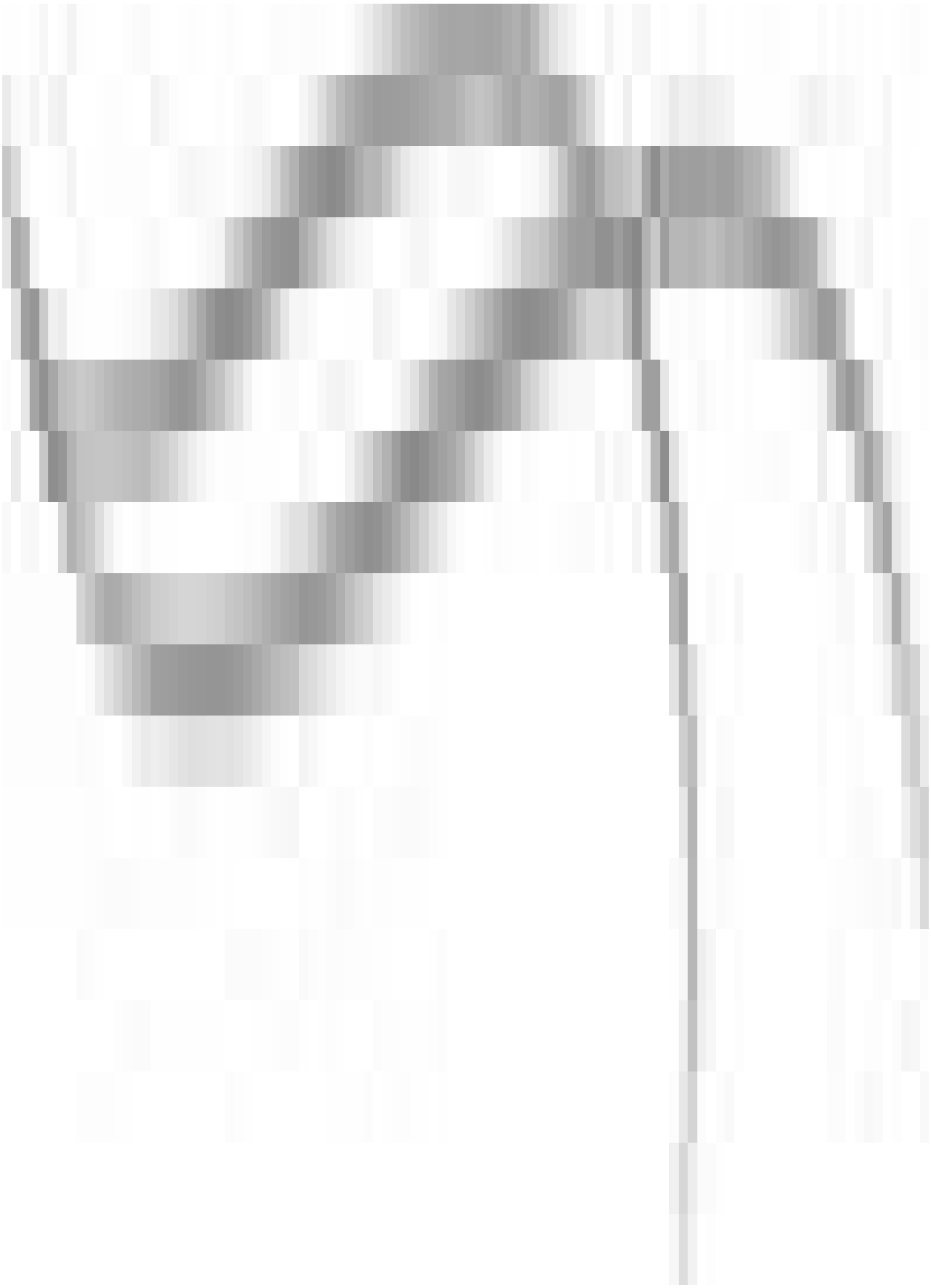
trabalho estaria ganhando novas oportunidades.



15 e 16.08.1885

A 15.08.1885 Edwin Herbert Soper, então membro da PIB/RJ, foi convidado pelos irmãos em SBSP para ser o pastor da igreja. (Ver documento “Fim março 1886”, pág. 531.) Era um sábado, dia de sessão da igreja. Estando presente o missionário Bagby, ficou decidido que, no domingo seguinte, seria a consagração ao ministério do jovem Soper. Outros pormenores foram votados, como sobre os que se comporiam em Concílio. Acertou-se que o missionário Bagby e o Pr. Robert Porter Thomas se constituíssem nesse Concílio.

A 16.08.1885, Edwin Herbert Soper foi consagrado ao Ministério da Palavra com os irmãos em Santa Bárbara, SP. Na falta de um dado exato, deduzimos que ele assumiu o pastorado logo após a sua consagração.



FMJ, nov./1885, v. 17, nº 4/208, p. 4, c. 1,2,3

27.08.1885

Carta do Rio

De WBB

Para FMB

"... Escrevi-lhe sobre o irmão Soper e sua ida para Santa Bárbara, depois do seu sustento falhar aqui como missionário entre os marinheiros. Estamos pensando que ele pode ser capaz de efetuar algo no sentido de preparar o campo para a vinda do esperado missionário dos EUA.

Ele começou com fervor, pregando de casa em casa, e trabalhando entre o povo, continuamente, e a igreja começa a mostrar os sinais de uma nova energia e interesse pelo trabalho do Senhor. O irmão Thomas, o pastor interino da Igreja, escreveu mais animado sobre o trabalho do nosso irmão Soper e relatou como a igreja e o povo tanto o apreciam. Conhecendo-o, como eu o conheço, como um consagrado e incansável homem de Deus, convenci-me de que Deus tem um trabalho de importância para ele no Brasil.

O irmão Hawthorn comunicou-me que o irmão Cole, do Texas, que deveria vir para o Brasil, como missionário, não mais virá. Se o irmão Soper puder ficar em Santa Bárbara e a igreja, unanimemente, desejá-lo para assumir o trabalho ali, ficarei contente e vejo que não haveria possibilidade de fazer melhor que tomar esse caminho.

Escrevi novamente ao irmão Thomas perguntando-lhe se ele e a igreja de SB gostariam de ter o irmão Soper como pastor. Respondeu-me, dizendo que o irmão Soper tem mostrado ser zeloso no trabalho efetuando-o muito bem e que se ele pudesse ser consagrado e sustentado como seu pastor, seria gratificante tê-lo como trabalhador entre eles.

Decidi, então, ir a SB, consultar livremente os irmãos e o irmão Soper, e, se viável, consagrá-lo como Ministro do Evangelho, e verificar quanto aqueles irmãos poderiam levantar para o seu sustento.

(...) Encontrei todos os irmãos em SB alegrados com o trabalho do irmão Soper entre eles, e ansiosos para a sua permanência ali. Ele tomou o compromisso com a igreja de, no caso de ser consagrado, pregar entre os americanos, assim também trabalhar entre os brasileiros, tão cedo quanto fosse possível.

A Igreja reuniu-se e, unanimemente, convidou o irmão Soper para ser o seu pastor, pedindo ao irmão Thomas e a mim para nos constituirmos em Concílio, a fim de proceder o seu exame e consagração. Isto ocorreu no terceiro domingo de agosto (16 de agosto de 1885), diante de uma grande congregação.

O exame de sua experiência, conversão, chamada para o ministério e a experiência cristã foi satisfatório para todos. A igreja, depois de ouvir o exame, solicitou ao Concílio para proceder a consagração, que foi um ato solene e impressionante. Depois da consagração, a igreja recebeu uma profissão para batismo. O candidato foi recebido e, junto com dois outros que haviam sido recebidos no dia anterior, foram batizados pelo irmão Thomas num riacho perto da Igreja. A cerimônia foi testemunhada por uma grande e mui respeitosa multidão.

Esses fatos e a segurança de um pastor permanente, depois de tantos anos de

espera, teve um resultado grandemente positivo nos irmãos, e a igreja agora está em condições de começar um bom trabalho para Cristo.

A igreja e amigos têm levantado várias centenas de mil réis tendo em vista o sustento do irmão Soper. Porém, a igreja não está forte ainda para assumir uma total responsabilidade; e por isso faço um apelo para que seja votado um sustento pela Junta a sua nomeação como seu missionário, e que 270 dólares sejam designados para este ano convencional.

Ele começará imediatamente o estudo de português em Santa Bárbara e espera fazer um bom trabalho entre os americanos e os brasileiros. O irmão Soper é um jovem de 20 anos de idade. [ou 26?]. Converteu-se há alguns anos passados, na Inglaterra, e cedo começou a pregar o evangelho. Seu trabalho tem sido abençoado para a conversão de muitas almas.

Ele chegou ao Rio no ano passado. Como missionário para os marinheiros, fez um nobre trabalho, ensejando a que se formasse uma boa opinião de todos pela sua vida pura, fervoroso espírito e ardente fé.

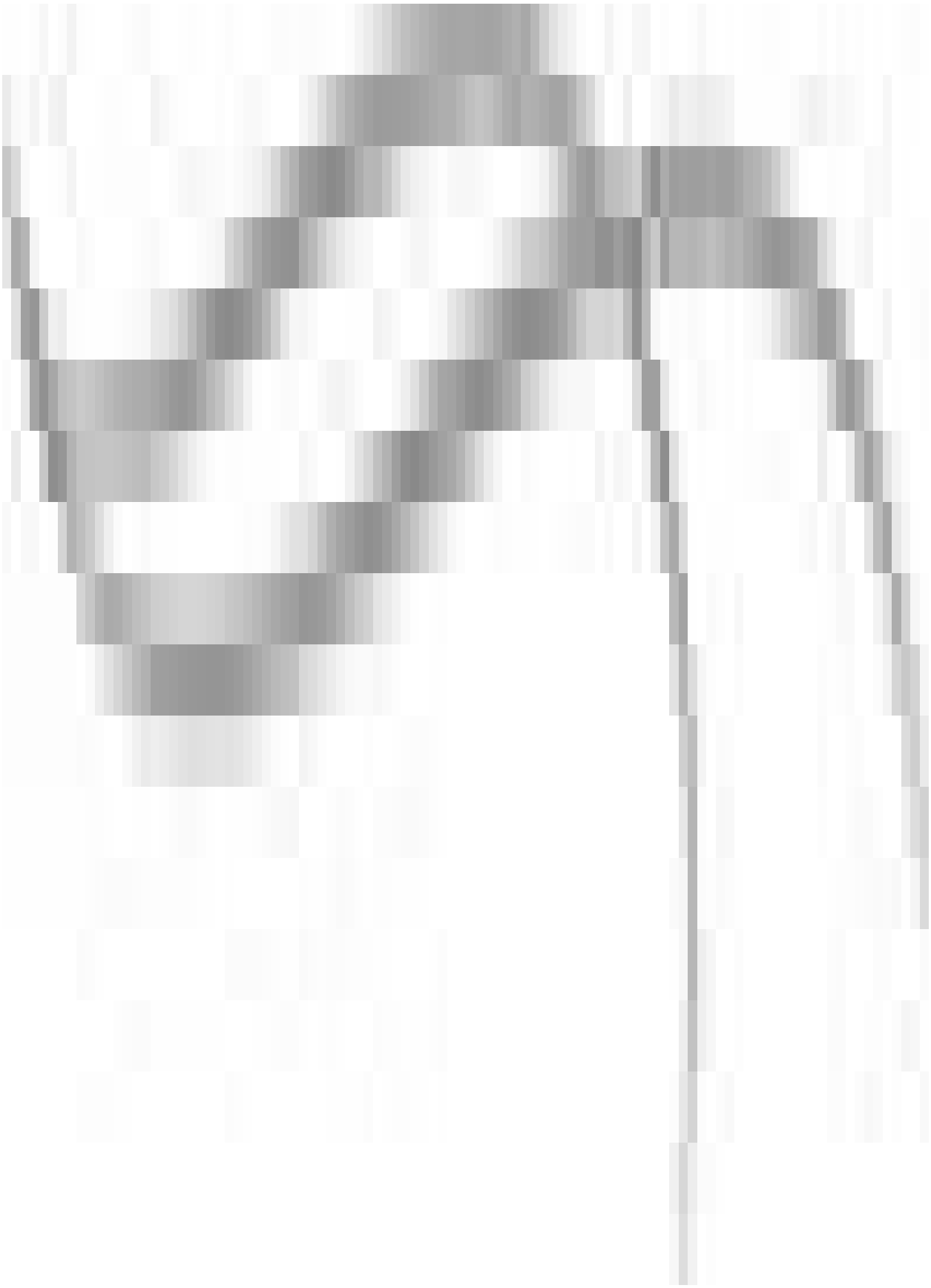
Seu sustento falhou e ele teria que retornar à Inglaterra. Tendo conhecimento das necessidades de SB ficou profundamente impressionado e, então, sentiu-se chamado pela Providência para ir até lá e fazer algo até que a igreja tivesse um pastor.

Ele foi sem nenhuma promessa de remuneração pecuniária, mesmo gastando uma grande parte do pouco que ele economizara de sua viagem à Inglaterra.

Sua chegada em SB foi uma grande alegria para os amigos do evangelho ali e ele

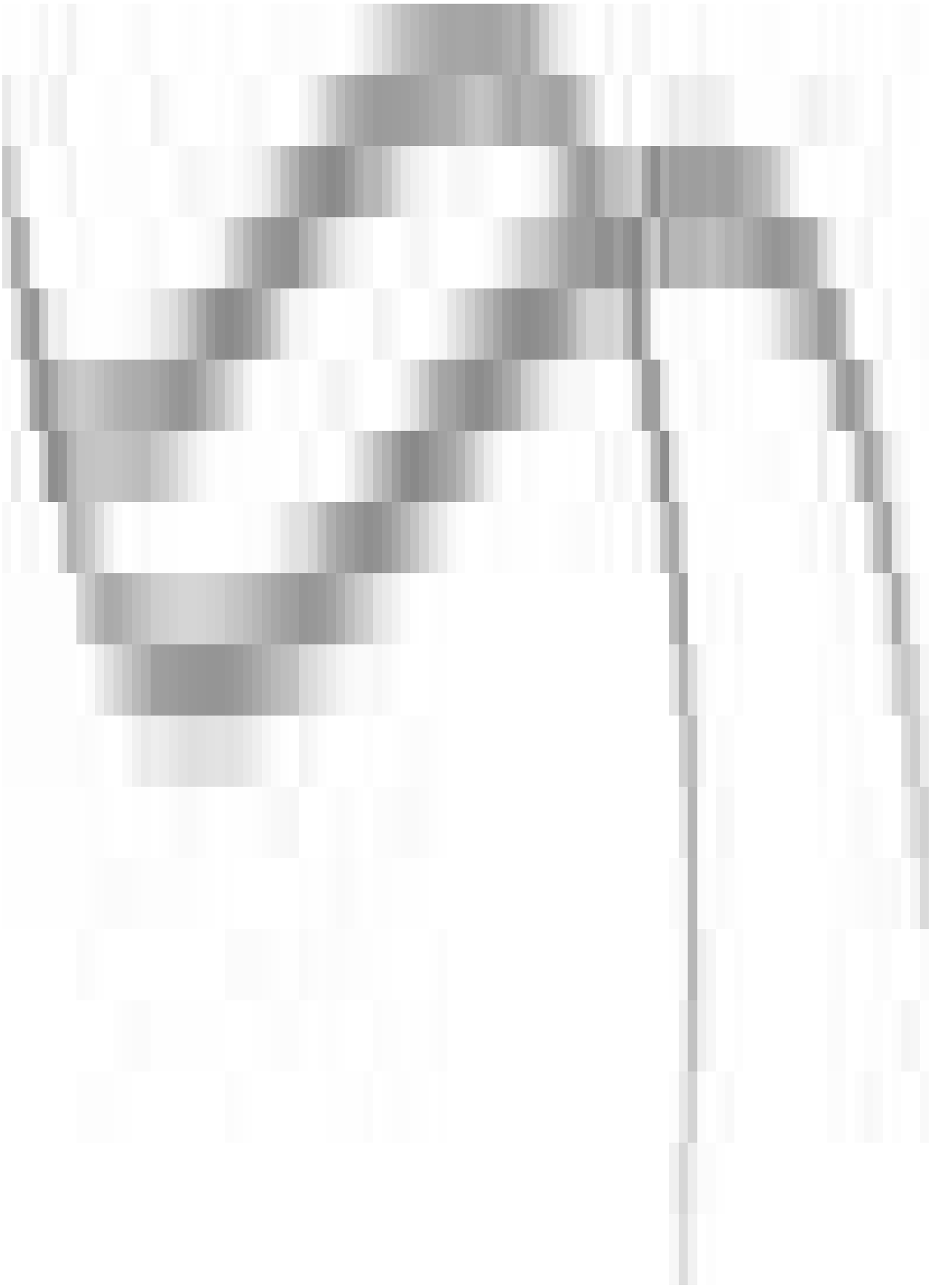
começou o trabalho imediatamente ganhando todos os corações pela fervorosa pregação e alto trabalho. Ele é, indubitavelmente, o homem para o lugar, e fará melhor, por certo, do que nenhum jovem que possa ser enviado para aquele campo. Se alguém for nomeado pela Junta para SB, ele poderá, se a Junta consentir, ficar conosco aqui no Rio, uma vez que precisamos urgentemente de um obreiro aqui e agora para nos ajudar.(...)

Os irmãos não devem temer quanto às qualificações do irmão Soper ou sobre a sua fé. Ele é um fiel estudante, um incansável e consagrado trabalhador, um batista sadio, acorde conosco em todos os pontos e um homem de fé em Deus. A Junta encontrará nele, se nomeado, um fiel obreiro. Espero que, em um ou dois anos, a igreja em SB esteja capacitada para sustentá-lo.”



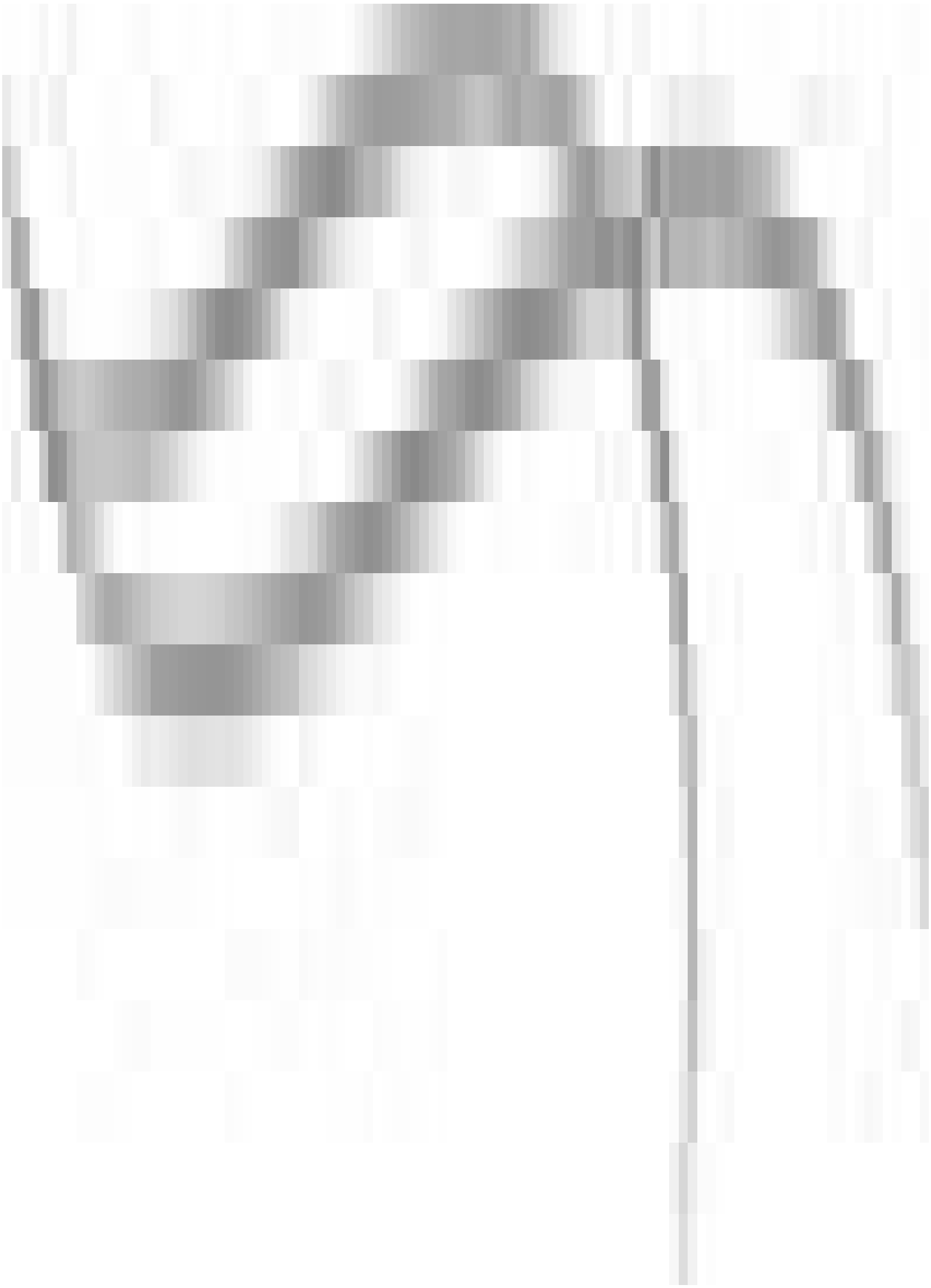
14.09.1885

A 14.09.1885, a PIB/SB concedeu a Edwin H. Soper, uma certidão de sua nomeação como pastor da igreja, com a finalidade de que ele pudesse registrar-se como Ministro do Evangelho, conforme Decreto Imperial.



Setembro, 1885

No mês de setembro de 1885, E. H. Soper alugou uma casa na Vila de Santa Bárbara, com a dupla finalidade: sua moradia e, na sala da frente, devidamente adaptada, ter o lugar para os cultos da igreja.



FMJ, dez./1885, v. 17, nº 5/209, p. 2

07.10.1885

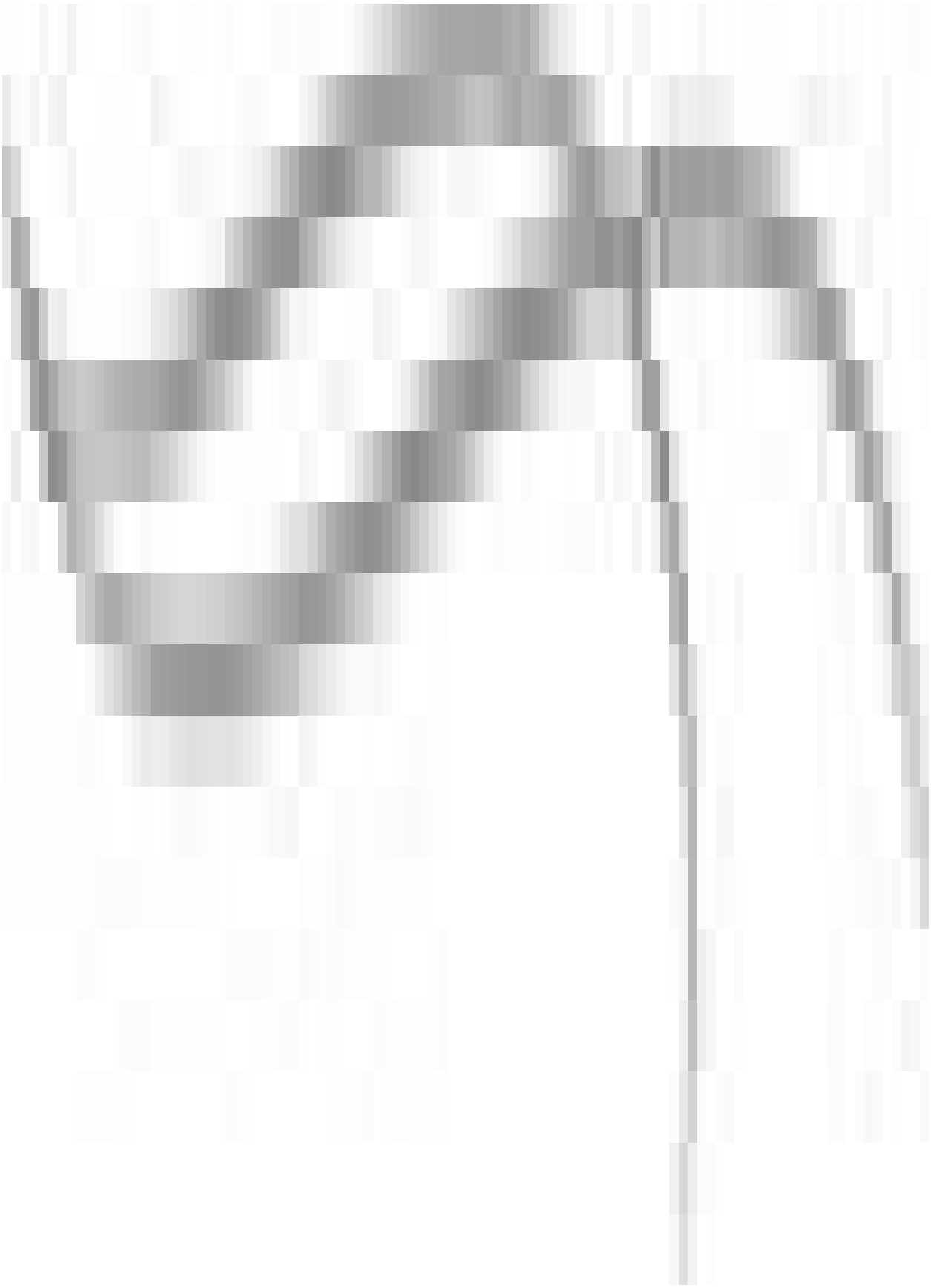
Notícias da Bahia

De ZCT

Para FMB

"... O irmão Bagby escreveu-me dizendo que Santa Bárbara já está suprida do 'maná' com um bom pastor. Assim o irmão Puthuff será tido como o mais bem-vindo entre os brasileiros."

O jovem Soper estava na direção do trabalho em SB. Enquanto isto um casal de missionários aprontava-se para vir. Era Edward Allen Puthuff e sua esposa, Emna Fox Puthuff. Pelo que se deduz, o pensamento seria que este casal fosse, então, para SB, a fim de assumir a direção do trabalho.



FMJ, fev./1886, v. 17, nº 7/211, p. 3 (só referência)

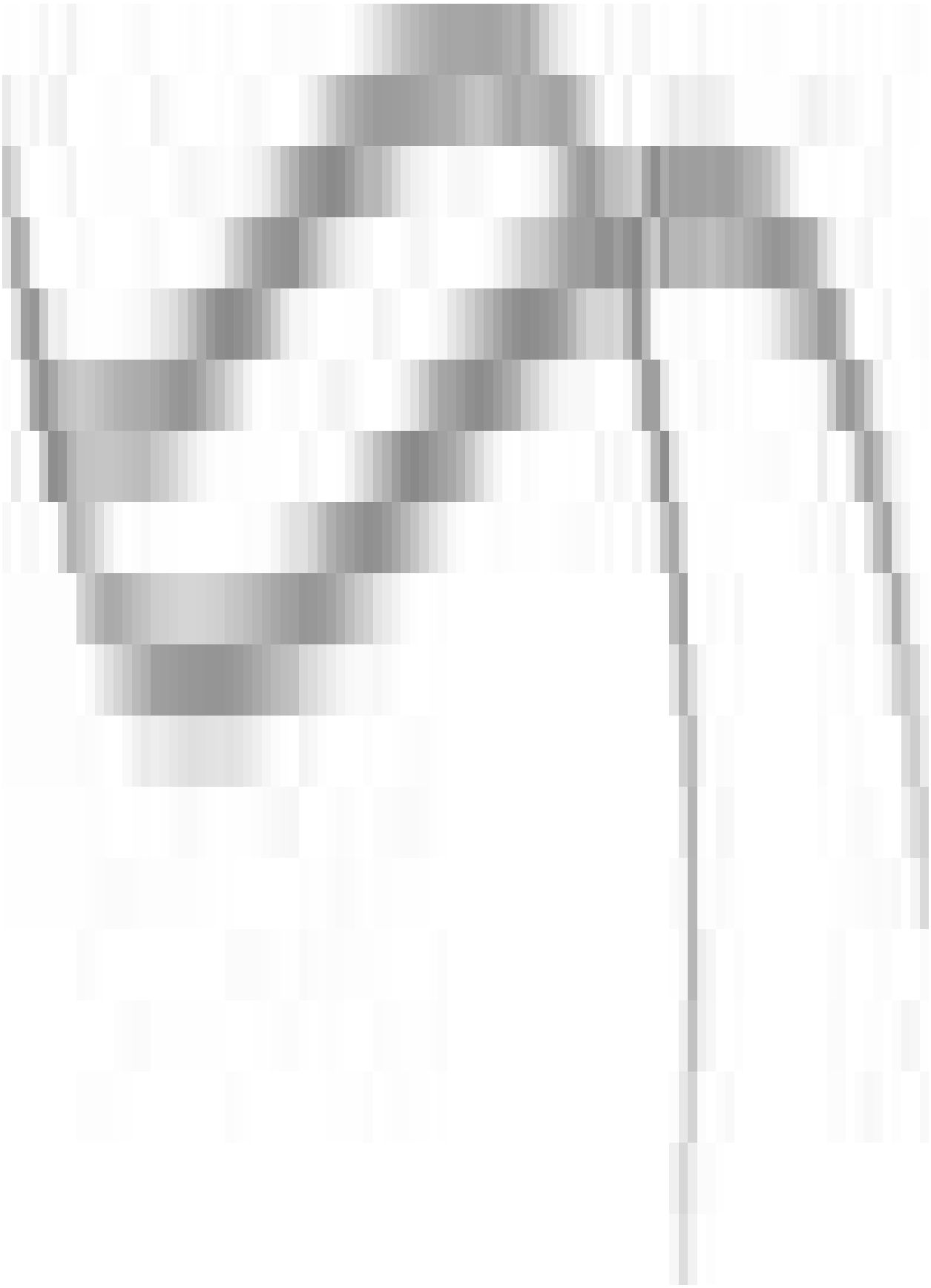
NAITR, p. 19

03.12.1885

Falecimento

A 03.12.1885, em SBSP, faleceu o diácono Pleasant M. Fenley, com 70 anos de idade. “Foi membro da igreja batista por anos e morreu firme na fé do Senhor”, conforme está gravado na lápide do seu túmulo, no Cemitério do Campo, em SBSP. Provavelmente, o missionário Soper dirigiu a cerimônia fúnebre.

Pleasant M. Fenley foi membro das duas igrejas em Santa Bárbara.



FMJ, fev./1886, v. 17, nº 7/211, p. 3

07.12.1885

Carta do Rio

De WBB

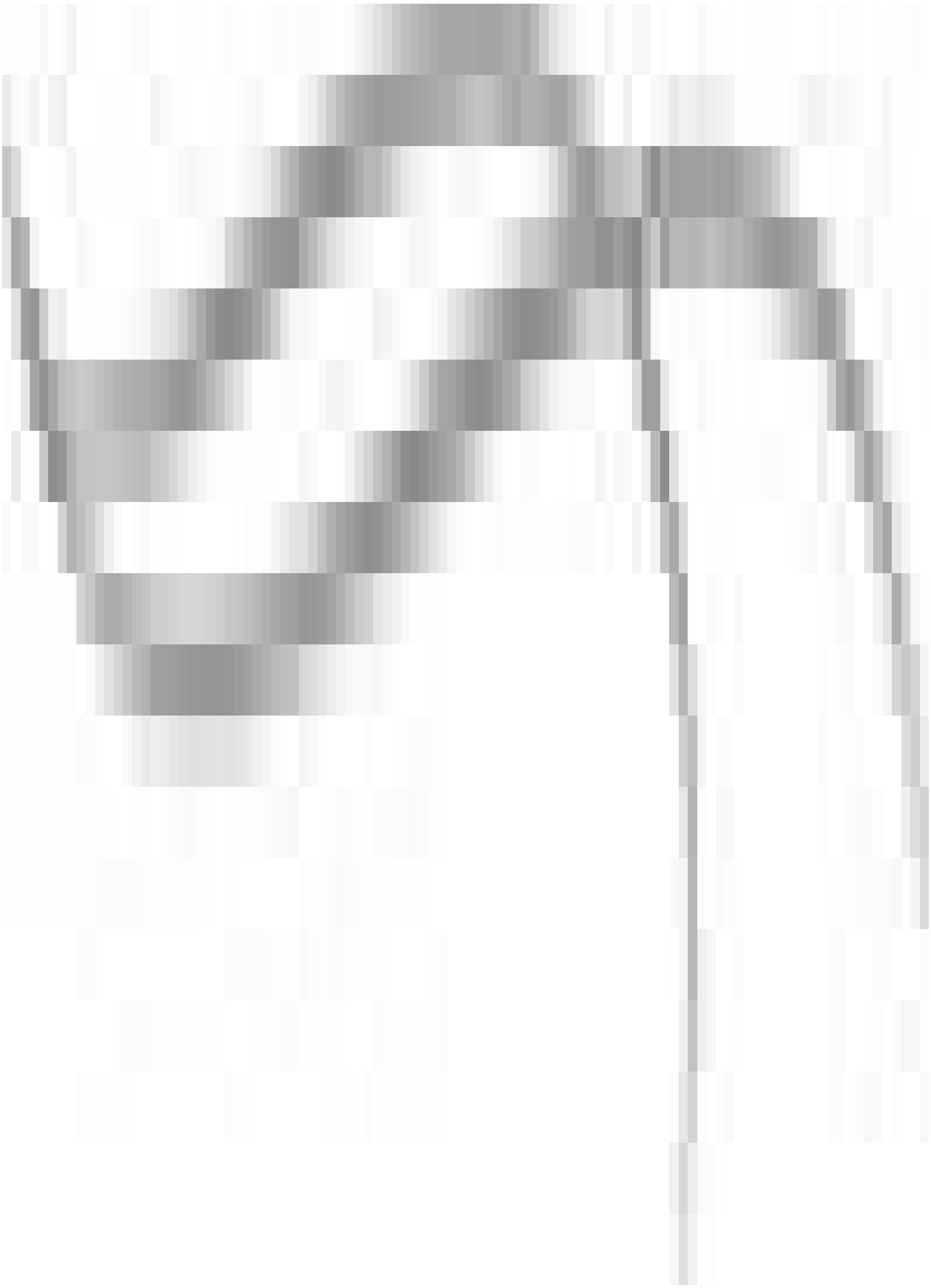
Para FMB

"... Logo que voltei de minha viagem a SB, em agosto, continuamos a nossa busca para um lugar melhor destinado ao trabalho regular aqui. Soper foi lá consagrado e escolhido como o pastor da igreja em SB.

O trabalho em SB floresce sob o dedicado comando do irmão Soper. Há muito interesse dos não convertidos. Ele está estudando português intensamente e logo estará trabalhando entre os brasileiros enquanto continua o seu trabalho com os americanos. Ele está muito desejoso de ir à Inglaterra no próximo ano, onde espera levantar recursos para construir um templo em SB, destinado ao trabalho entre os brasileiros e americanos. Também deseja levantar batistas ingleses para suprir as necessidades deste grande e desamparado campo. Espero que ele seja capaz de ir.

Deixe-me dizer alguma coisa mais do trabalho em SB, como também tomar a liberdade de transcrever alguns trechos das cartas que Soper me tem enviado. De uma dessas, a de 15.11.1885, temos: 'Semana passada senti-me responsável com o peso das almas! (...) Espero que este trabalho cedo torne-se forte. (...) 19.11.1885: Domingo passado fui muito abençoado. Tivemos 20 presentes, mas sentimos Deus conosco. Senti-me livre e cheio do Espírito e a presença de Deus. Noite passada tivemos uma ótima reunião com 12 presentes.'

Poucos dias depois escreveu-me: ‘Do Campo fui ao Retiro e preguei às 4 horas. O lugar estava apinhado e muitos tiveram que ficar do lado de fora. Falei sobre Romanos 6:23. (...) Pretendia ficar ali toda a noite, porém, veio a notícia de que alguém estava falecendo. Assim fui ver esse alguém. Teremos a sessão no próximo sábado.”



FMJ, maio/1886, p. 3 (só referência)

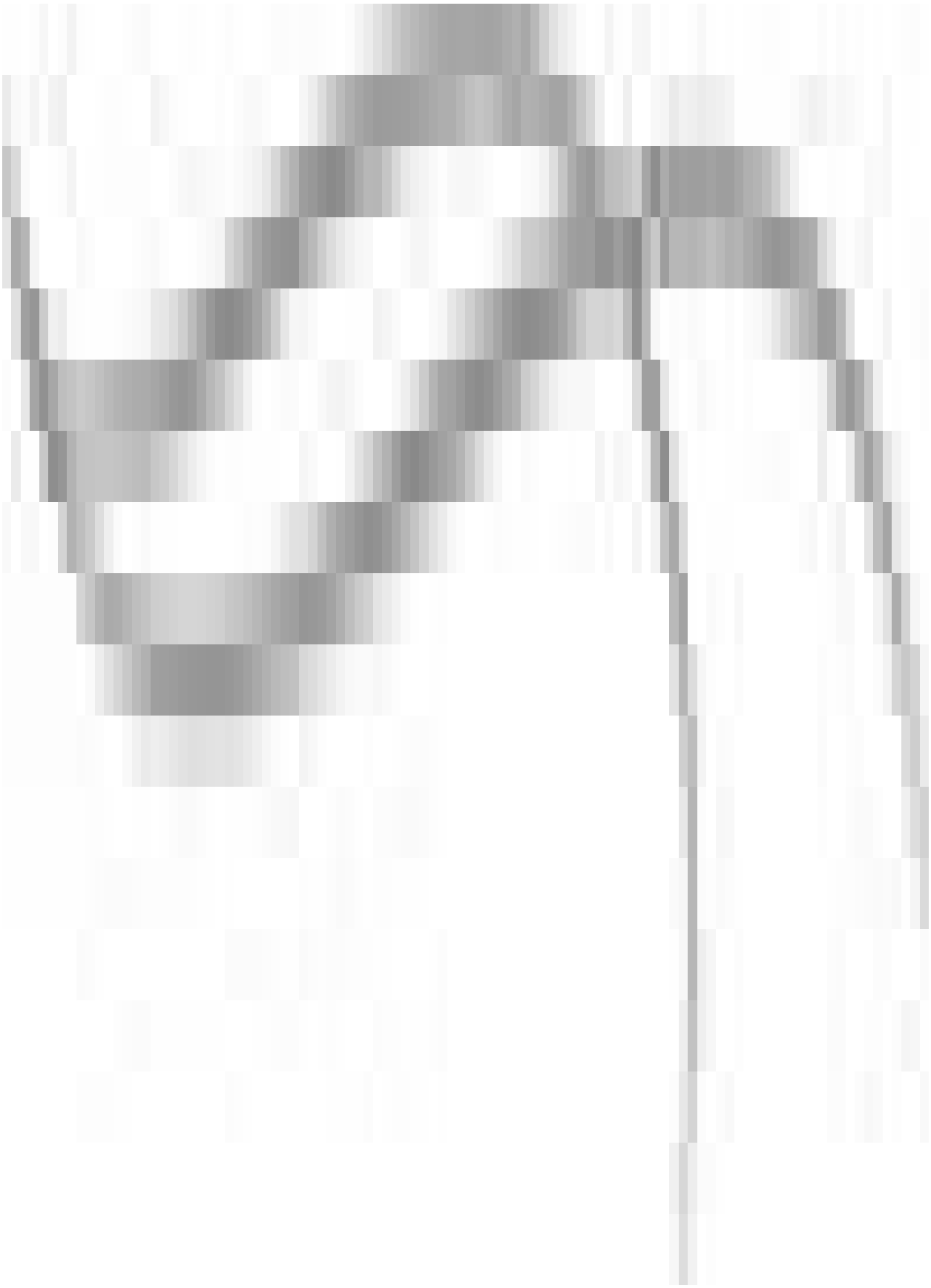
SD, p. 270, 284 e NAITR, p. 21

20.12.1885

Falecimento

A 20.12.1885, em SBSP, faleceu, com 28 anos de idade, Lilian Ellis Steagall. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Lilian tinha-se casado com John E. Steagall, em outubro de 1884. Deixou uma filhinha com quase quatro meses de idade, de nome Mary — apelido “Mollie” ou “Mallie”. Esta foi criada por Sarah Amanda Strong, tia de Lilian.

(Ver parte “B” — Henry Strong, pág. 351.)

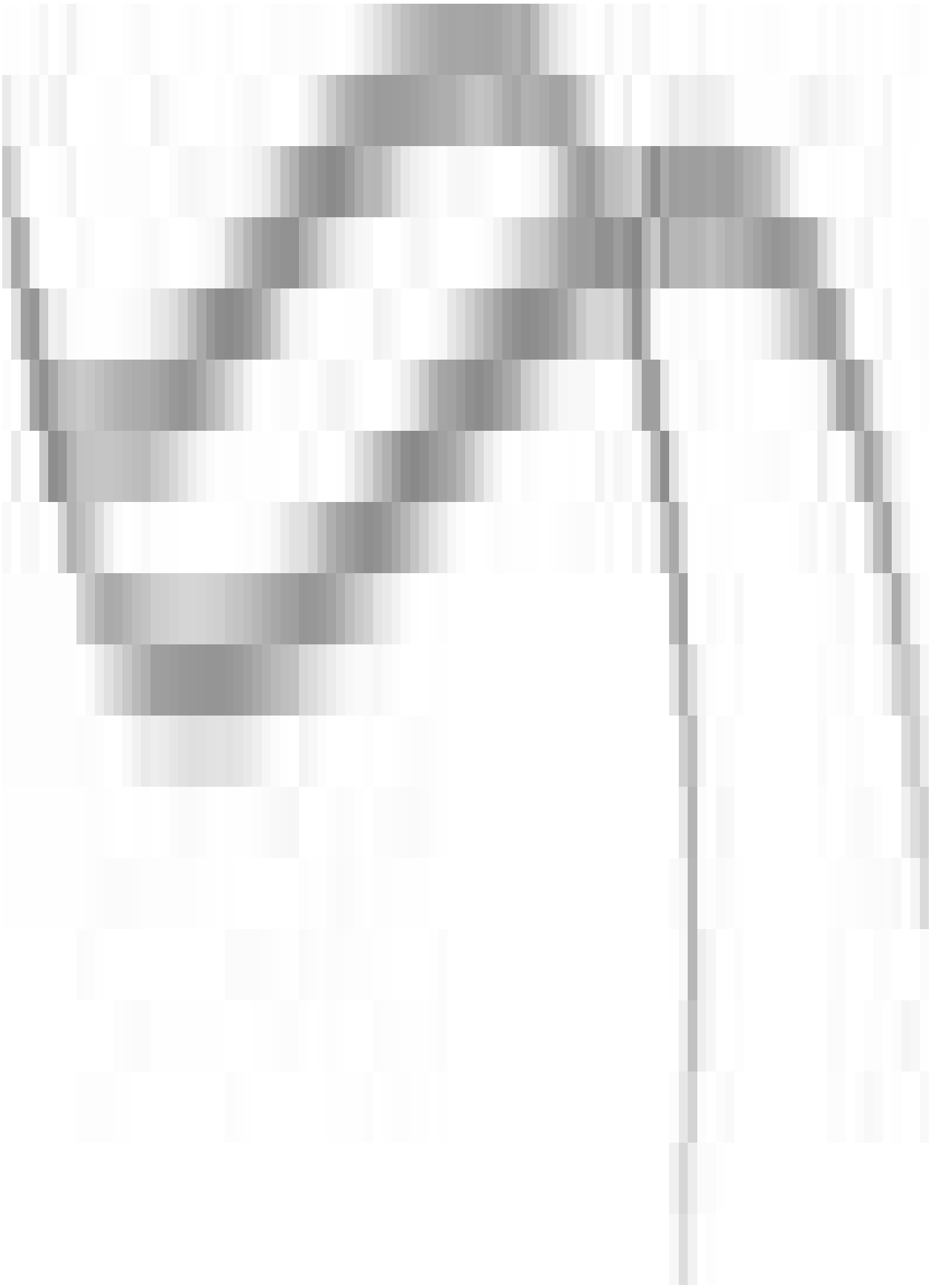


FMJ, junho/1886, p. 2

Dezembro, 1885

Visita

O irmão Ewen, da Inglaterra, amigo de E. H. Soper, visitou os crentes em SBSP. Não temos outras informações além desta, registrada em uma carta de Soper à FMB. (Ver 31.03.1886, pág. 533.)



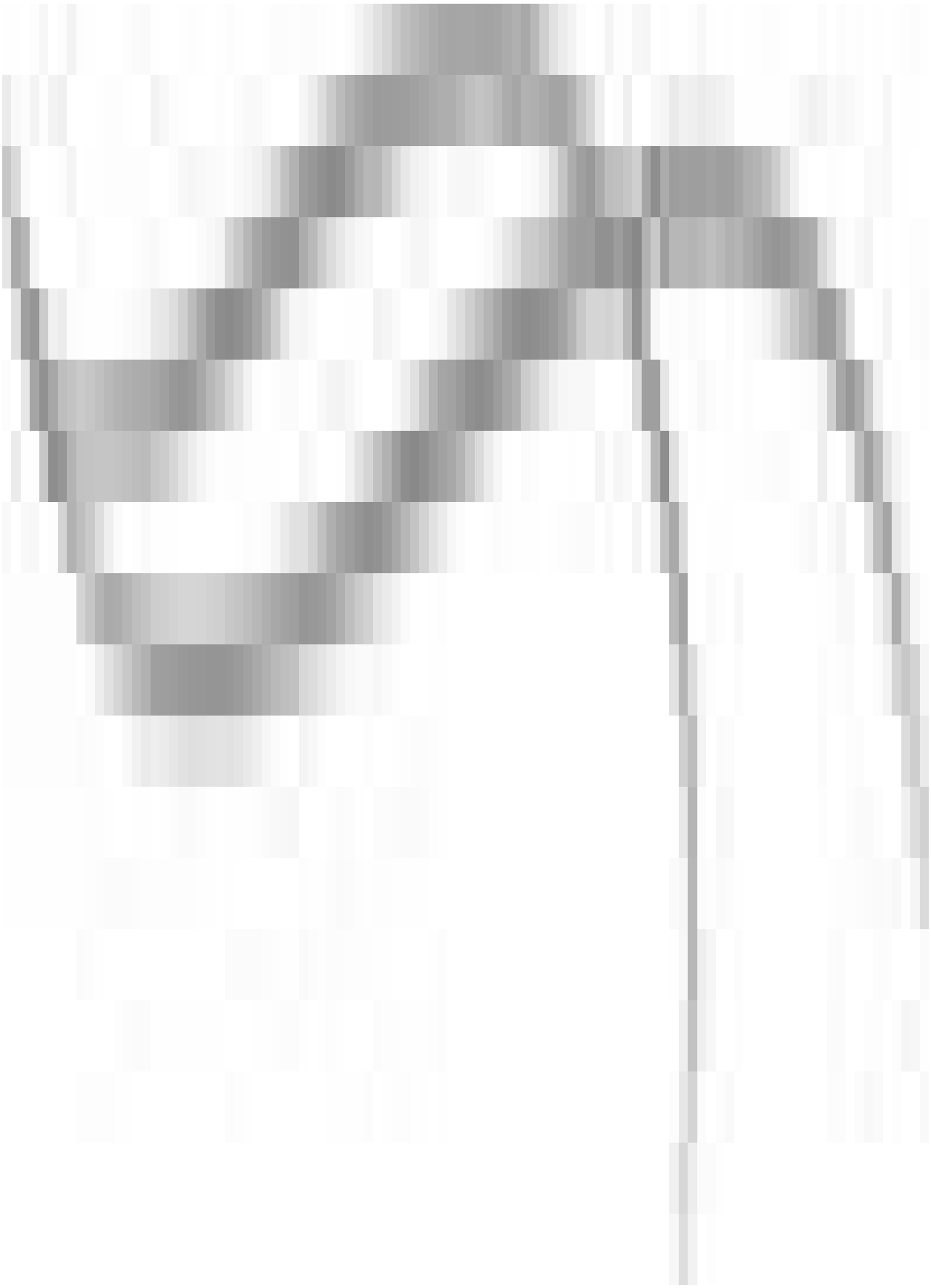
MPRJ, p. 331

SBCA, maio/1886, Append. B, p, xxv, xxvi

31.12.1885

Chegada de novos missionários

A 31.12.1885, chegaram ao Rio de Janeiro, procedentes dos EUA, os novos missionários da FMB, pelo navio “Finance”: Edward Allen Puthuff, sua esposa Emma Fox Puthuff, Charles Davis Daniel, sua esposa Lena Kirk Daniel e a jovem missionária Mina Everett.



MPRJ, p. 331

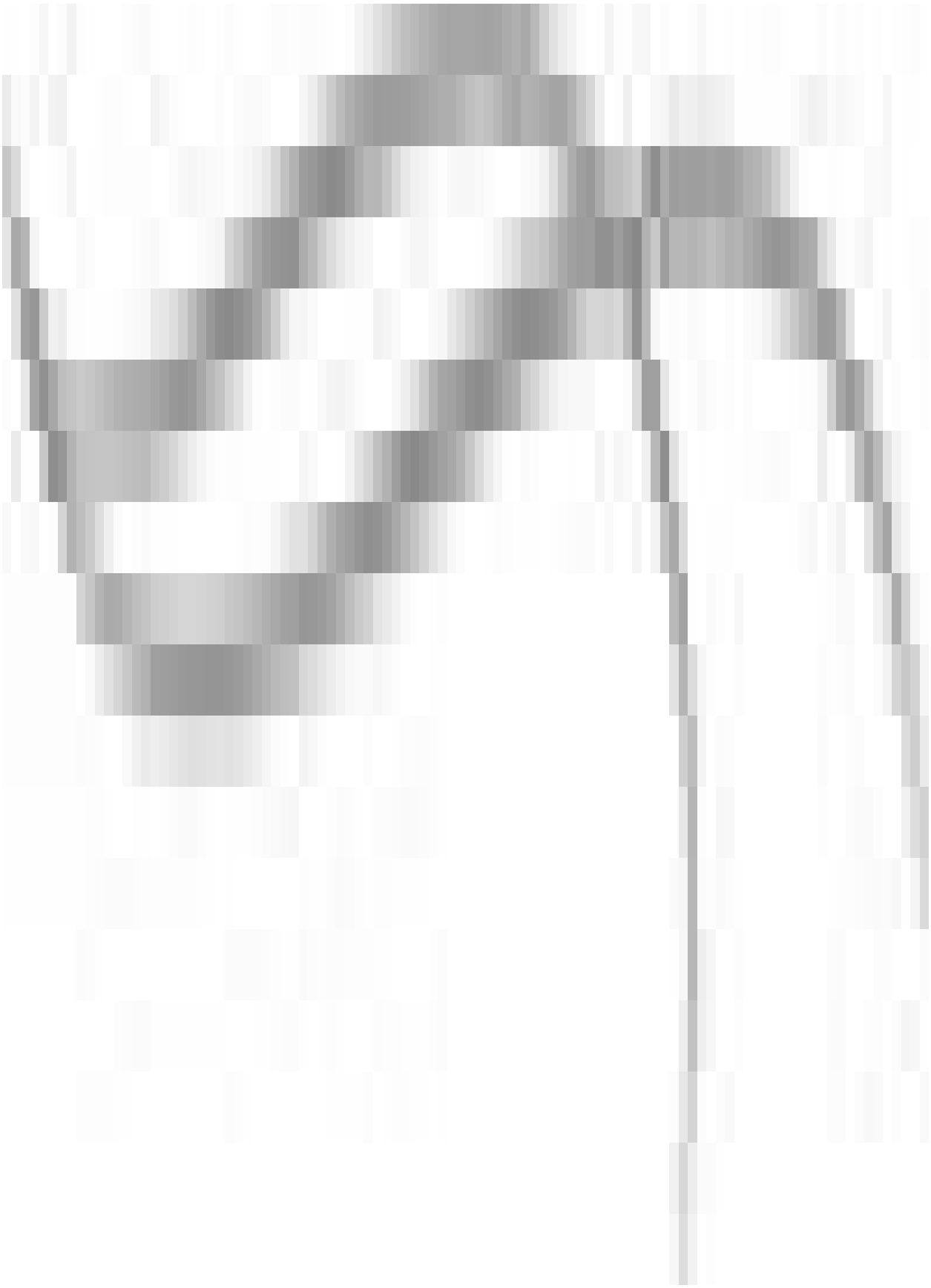
SBCA, maio/1886, Append. B, p. xxi, xxvi

06.01.1886

Viagem para a Bahia

A 06.01.1886, viajaram do Rio de Janeiro para Salvador, Bahia, pelo navio “Uruguai”, os missionários Charles Davis Daniel e a sua esposa, Lena Kirk Daniel.

A missionária Mina Everett permaneceu no Rio de Janeiro, com o casal Bagby, por algum tempo. Algumas semanas mais tarde ela viajou para a Bahia.



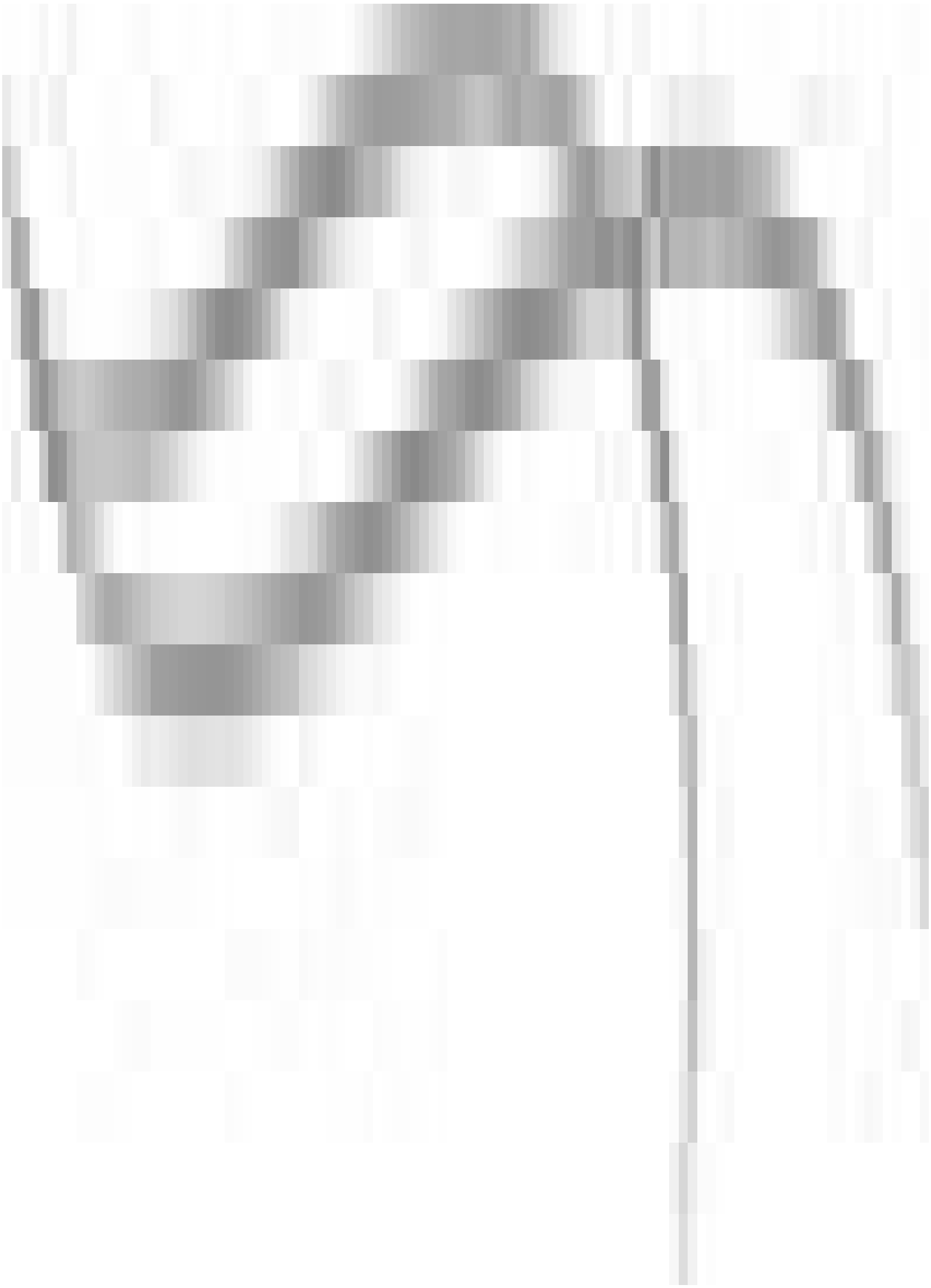
SBCA, maio/1886, Append. B, p. xxi, xxvi

16.01.1886

Viagem para São Paulo

A 16.01.1886, viajaram do Rio de Janeiro para a capital, São Paulo, possivelmente de trem, os missionários Edward Allen Puthuff e a sua esposa, Emma Fox Puthuff. Acompanhou-os o Dr. W. B. Bagby.

Uma semana depois, o Dr. Bagby retornou ao Rio de Janeiro e, então, foi acometido de febre amarela.



FMJ, abril/1886, v. 17, nº 9/213, p. 3, c. 4

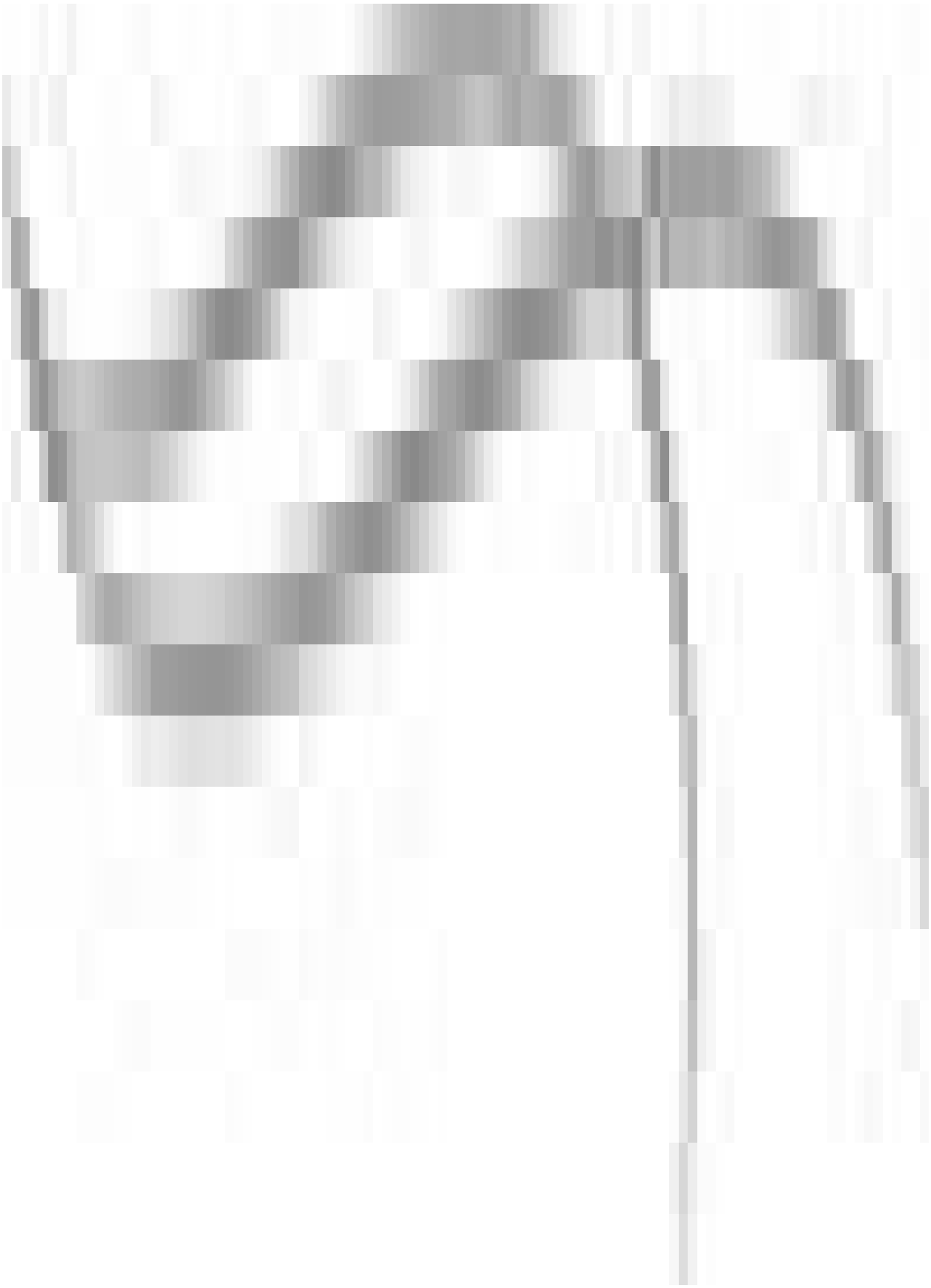
11.02.1886

Carta de São Paulo

De EAP

Para FMB

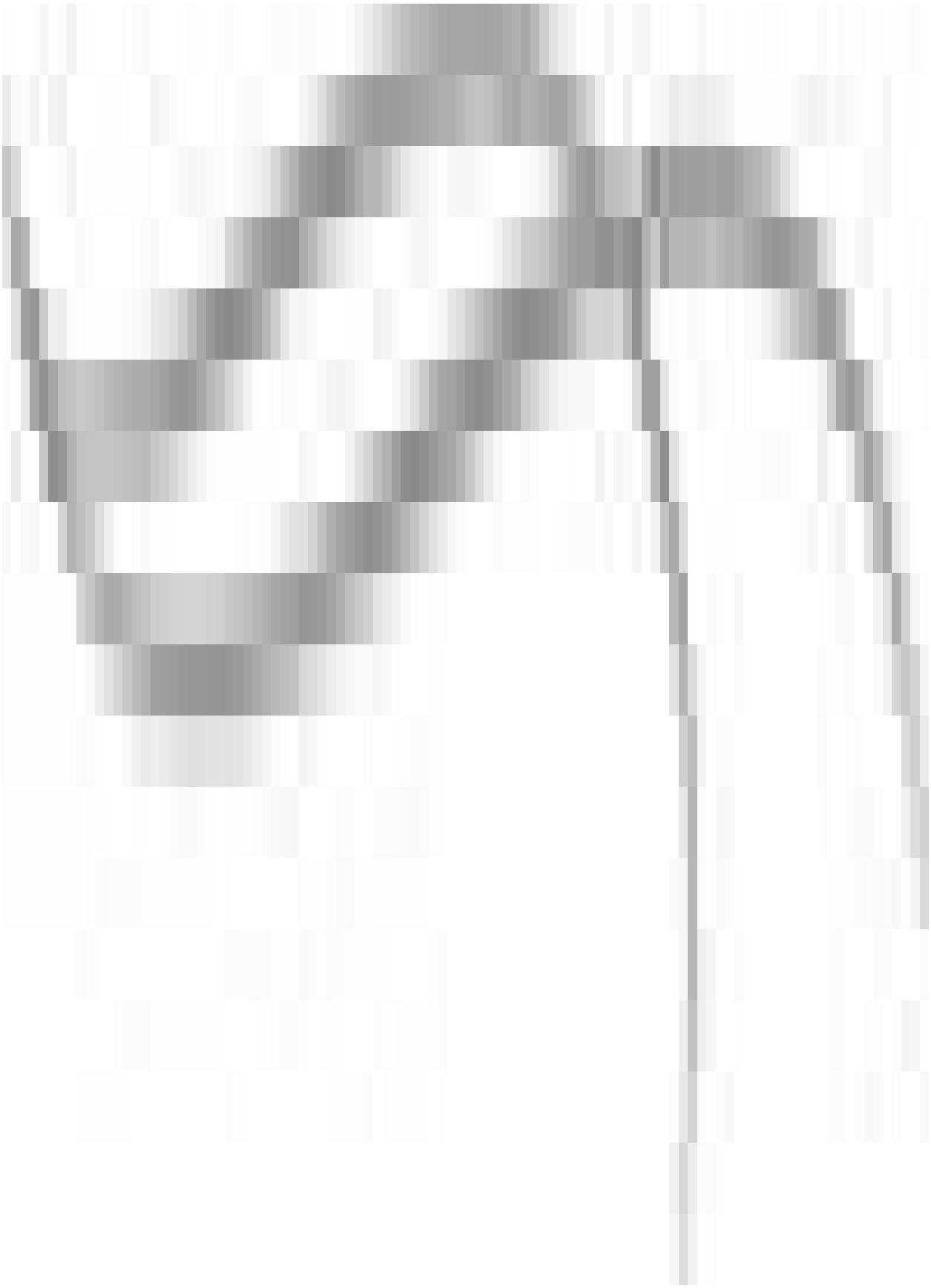
"... O nosso grupo missionário chegou ao Rio de Janeiro a 31 de dezembro [1885]. Demorei em escrever porque eu estava indeciso quanto ao local onde estabelecer-me. Quando chegamos ao Rio, encontramos um surto de febre amarela e, estando na estação quente, pensamos ser melhor ir adiante, pelo menos, para o momento, enquanto aprendemos a língua. Assim deixamos o Rio a 16.01 (o irmão Bagby acompanhou-nos) e ficamos em São Paulo, uma cidade de cerca de 40 mil habitantes, distante do Rio, por estrada de ferro, cerca de 230 milhas (oeste). O irmão Bagby retornou uma semana depois e foi imediatamente atacado pela febre amarela. Porém, graças à sábia Providência, ele está agora convalescente e poderá assim viajar para os EUA no fim deste mês."



MPRJ, p. 333

17.02.1886

A 17.02.1886, o Dr. W. B. Bagby, esposa, filhos e uma criada, viajaram do Rio de Janeiro para os EUA, pelo navio “Advance”, em busca de saúde. E. H. Soper foi chamado para vir de SBSP a fim de substituí-lo durante o tempo de sua ausência, na Missão no Rio de Janeiro. (Ver Doc. de Fim de março, 1886, pág. 531.)



FMJ, jul./1886, v. 17, nº 12, p. 3

Original, em inglês, no Arquivo da FMB

21.03.1886

Falecimento

A 21.03.1886, após muito sofrer, faleceu em SBSP o Pr. Elias Hoton Quillin, assistindo-o nos últimos momentos o seu colega de ministério, o Pr. Robert Porter Thomas, conforme podemos ler na carta que este enviou à FMB.

Na ocasião, o missionário Bagby estava nos EUA; E. A. Puthuff encontrava-se na cidade de São Paulo; E. H. Soper, no Rio de Janeiro. Os irmãos de SB encontravam-se sob os cuidados de Robert Porter Thomas, em caráter interino, uma vez que Soper ainda era o pastor da igreja e tinha esperança de retornar.

Outras informações sobre Quillin podem ser encontradas na parte “B” — E. H. Quillin. A carta que segue [traduzida do original, em inglês] foi escrita em Santa Bárbara, na data de 26.04.1886:

“Prezado irmão Tupper, Torna-se para mim um doloroso dever informar-lhe e à denominação batista nos EUA, da morte do nosso amado irmão E. H. Quillin. Ele nasceu no ano de 1829 [ano mais provável — 1822] em Tennessee, em lugar não conhecido de quem lhe escreve. Ele professou a esperança em Cristo sendo ainda um jovem quando emigrou para Hill Co., Texas, em 1850. Em 1858, ele foi regularmente consagrado e separado para o Ministério do Evangelho, pela Igreja Batista Missionária de Cristo, em Hills Borough, Texas, sendo o Concílio constituído de James I. Riddle e J. M. Perry.

Ele veio para o Brasil em 1867. Um pouco mais do que 10 anos atrás ele mudou-

se para esta parte do país e foi eleito o pastor de nossa pequena igreja. Ele nos serviu por cerca de quatro anos e também como missionário pelo mesmo espaço de tempo, nomeado pela Junta Batista dos EUA.

Embora fosse muito pobre, ele fez todo esse trabalho sem receber pagamento. Ele pediu a sua exoneração do pastorado da igreja quando da chegada do irmão Bagby.

Como era um homem aleijado e incapaz para o trabalho, ele empregou o final do seu tempo ensinando entre os brasileiros até que adoeceu, com inflamação do fígado. A 01.05.1885, os seus sofrimentos foram imensos até o dia 21.03.1886, quando agradou ao Grande Pastor chamá-lo e, conseqüentemente, aliviá-lo de todos os seus sofrimentos.

Durante a enfermidade de cerca de onze meses, o escritor esteve muitas vezes com ele e falou-me sobre as suas esperanças e temores. E eu me sinto seguro em dizer que ele morreu na plena posse daquela fé a qual docemente age pelo amor e purifica o coração.

O irmão Quillin era um zeloso cristão e um bom pregador. Carregava muitas cruzes e sofrimentos que às vezes embaraçavam o seu trabalho como Ministro do Evangelho.

Ele deixou seis filhos, a esposa e um grande número de amigos a lamentar sua perda. Porém, consolamo-nos mutuamente, sabendo que a nossa perda é um ganho para ele.

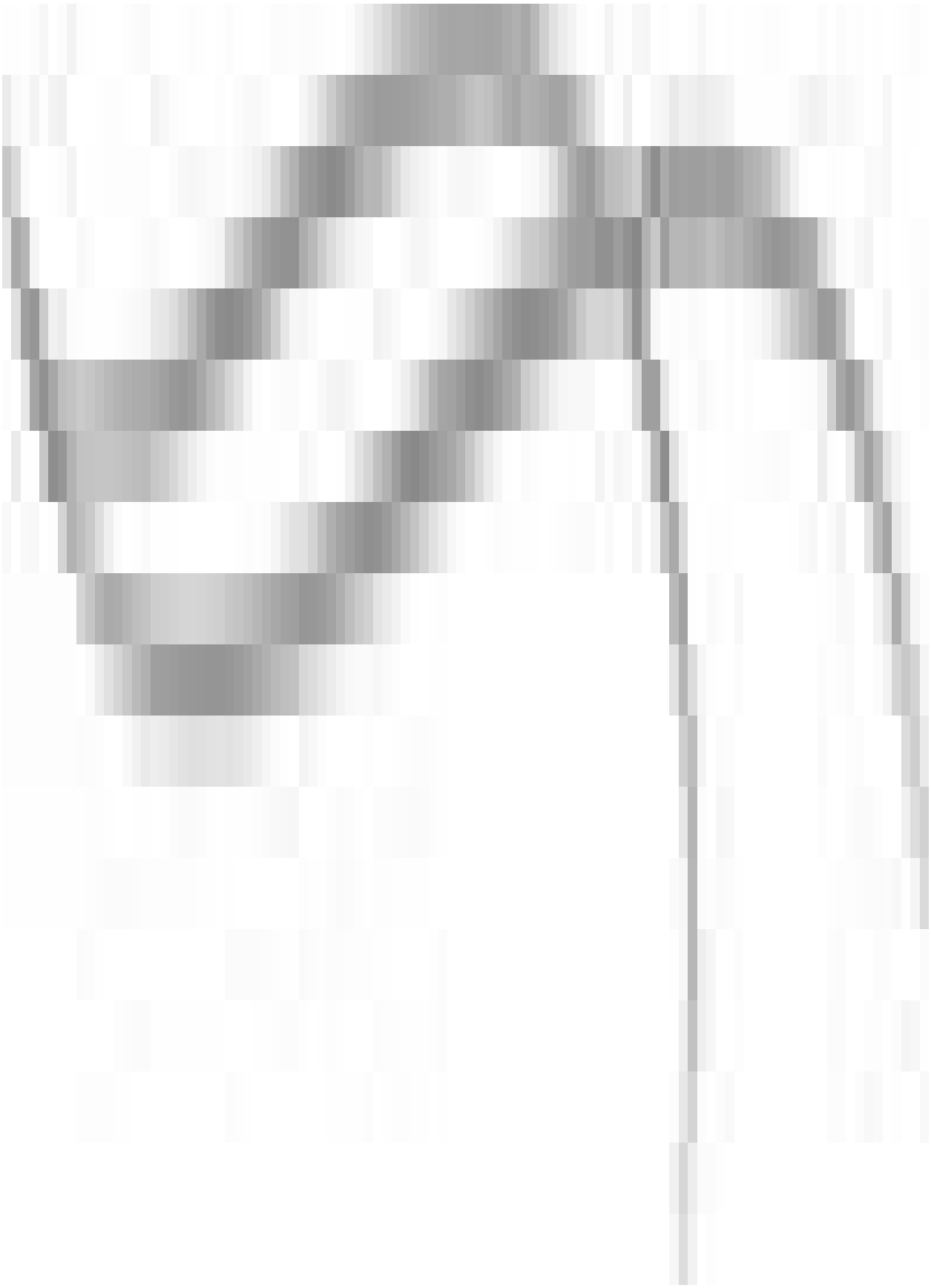
Durante o tempo de sua enfermidade, ele sempre foi paciente e suportou as suas

aflições com muita coragem. A situação de sua família era um problema, pois que desejava que retornasse ao Texas, porém, ela é muito pobre.

Será que os batistas do Texas não poderiam ajudar a irmã Quillin a retornar para lá? Ela é uma boa professora e bem educada. Se ela voltasse para o Texas, teria condições de sustentar a sua família. Ela é bem conhecida em Hills Borough como uma professora. O irmão Quillin era esposo afetuoso e pai amoroso. Com a sua morte, a sua família sofre uma perda irreparável. Por gentileza, envie uma cópia desta informação para os jornais batistas de Memphis, Tennessee e do Texas. R. P. Thomas”

Temos tentado, por vários meios conseguir o documento da consagração do Rev. E. H. Quillin, sem resultado. A citação de Hills Borough acima deve ser Hillsboro, de Hill Co., Texas.

(Ver parte “B” — E. H. Quillin, pág. 162.)



FMJ, maio/1886, v. 17, nº 10/214, p.3

Fim de março, 1886

Relatório

Pelo conteúdo do relatório que segue, sem data, calculamos que ele foi escrito logo depois de 21.03.1886, data do falecimento do Rev. E. H. Quillin. Quando o missionário Soper escreveu esse relatório ele se levantara da cama, fazia dois dias, pois também contraíra a febre amarela.

"... O irmão E. H. Quillin passou para o seu descanso com Jesus. Não tenho ainda notícias pormenorizadas de sua morte. Ele foi o pastor de nossa igreja em Santa Bárbara, por alguns anos, e era amado pelo povo aqui. (...) Estivemos duas semanas, em março de 1885, em SB, com o irmão Bagby. Retornamos e a 14 de maio, encerrei o trabalho com os marinheiros tencionando ir à Inglaterra por dois anos, com o fim de estudar no Spurgeon College. Porém, a grande necessidade de SB pesadamente me pressionava. Assim, depois de falar com o irmão Bagby, viajei para SP, saindo do Rio, a 16.05.1885, às 18 horas. No domingo seguinte, preguei uma vez aos metodistas e uma vez aos presbiterianos, em São Paulo, sendo aos presbiterianos, para os brasileiros, quando o pastor foi o meu intérprete. Uns 150 estavam presentes. Essa foi a primeira vez quando, de fato, senti sinceramente o desejo de trabalhar entre eles [os brasileiros].

Cheguei a SB na terça-feira, 19, e comecei a pregar de casa em casa. O povo está muito espalhado. Desde 19 de maio até 15 de agosto, fizemos 79 reuniões, e muito foi feito. Como disse, a minha intenção era retornar ao lar, porém, senti que não poderia ir. Semanas se passaram, e, a 15 de agosto, a igreja me chamou para ser o seu pastor."

O irmão Soper continua o seu relato informando ter comprado um cavalo para o seu transporte, o que facilitava a visitação pastoral. Do trabalho no período de 15.08.1885 a 21.02.1886, realizara 68 reuniões. Das diversas conversões havidas por seu esforço, algumas das pessoas convertidas se haviam unido a outras igrejas. Nesse período, houve dois casamentos e dois falecimentos, tendo ele oficiado as cerimônias.

A 16.08.1885, ele foi consagrado ao Ministério da Palavra pela igreja em SB. (Ver Doc. desta data, nas páginas 521 e 522.) E ele prossegue:

"... A 31.05, organizei a Sociedade de Temperança, com 25 membros. (...) Quando tomei conta da igreja, encontrei-a como Isaías disse: 'cada um seguia pelo seu caminho'.

Sr. Charles Hall, episcopal, gentilmente cedeu a sua casa de preparar algodão, para nela pregar. [Essa casa deveria ter sido a primeira, ainda na área do Retiro]. Em setembro [1885], arranjei uma casa na Vila de Santa Bárbara, e nela passei a morar. Preparei a sala da frente como um pequeno salão para uma igreja batista. Essa casa era antes um botequim, mas, agora, o espírito de Deus habita ali. Estamos tendo reunião em quatro diferentes lugares e nosso povo batista tem reunião nos domingos e quartas.

A distância que percorri nesses trabalhos não saberia dizer exatamente, mas, calculo em cerca de 10 milhas cada dia. A indigestão foi a minha pior queixa, causada pela ingestão de carne de porco gorda.

Deixe-me dizer, em conclusão, que, embora ausente, SB é querida para mim e oro para que eu possa ainda ser capaz, pela graça de Deus, de colocar em ordem aquele lugar. Isto pode e deve ser feito. Cada americano ali pode ser um missionário para Cristo. Alguma concessão deve ser feita por eles. Faz 20 anos

que estão longe do lar na sua pátria, com todo o seu progresso cristão. Aqui eles têm sido como ovelhas sem pastor, cercados pelo pecado e todas as seduções do mundo. Agradeçamos a Deus pelo fato de que alguns 40 deles ainda se confessam seguidores de Cristo, mantendo as doutrinas como as encontradas nas Escrituras. Que todos os verdadeiros batistas orem por SB e também pelo Brasil em trevas. Precisamos de orações e dinheiro. Os metodistas e presbiterianos têm, cada um deles, um templo e nós temos para as nossas reuniões, uma sala de um sobrado. Há um terreno para ser vendido, que serviria para um templo. Estamos orando para que o nosso irmão Bagby seja bem sucedido em levantar dinheiro para comprá-lo.”

Não achamos qualquer referência de que esse terreno tenha sido adquirido, nem que tenha vindo alguma contribuição dos EUA para essa aquisição.

FMJ, junho/1886, v. 17, nº 11/215, p.2

31.03.1886

Carta do Rio

De EHS

Para FMB

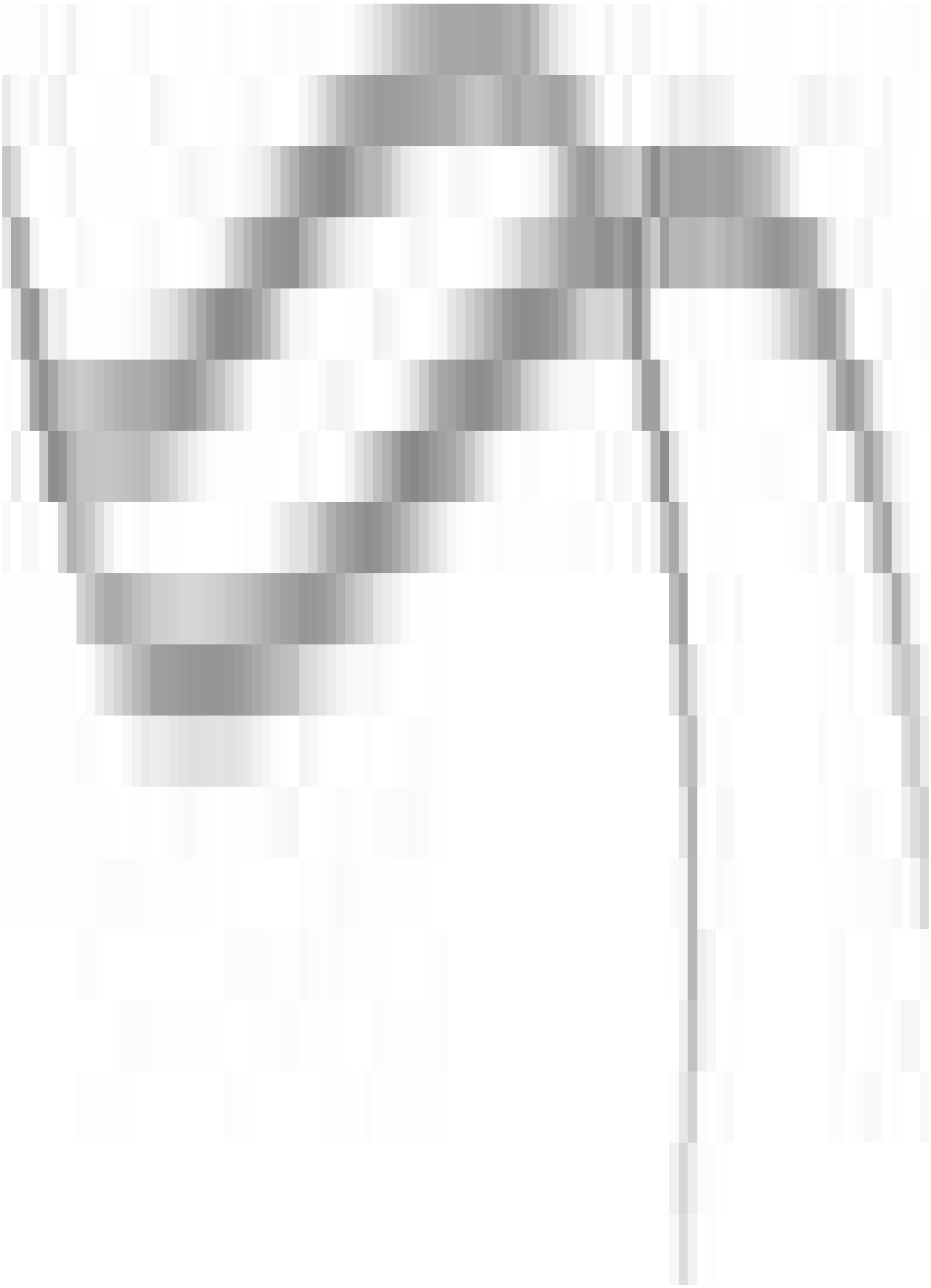
“... Durante o mês, permanecemos em nosso trabalho em SB, reunindo-nos nos domingos, Escola Dominical, duas pregações e, na semana, três reuniões, sendo uma de pregação, uma de oração e experiência e uma para treino de canto. A classe de canto tem provado ser um sucesso, com muitos que não puderam vir para a pregação. Como só cantamos hinos e abrimos a reunião com oração e leitura bíblica, cremos que alguns podem ter ficado interessados no evangelho e ser trazidos a Cristo. (...)

A irmã Everett e eu [no Rio] temos estudado juntos e estamos começando a conversar em português. (...) Recebi uma carta do irmão Ewen, que trabalhou por algum tempo em Montevideo. Ele me fez uma visita em SB, em dezembro p.p., quando em trânsito para a Inglaterra. (...)

No próximo domingo, 04 de abril, os batistas ingleses inaugurarão a nova casa de oração. É um esplêndido edifício. No salão talvez caibam 500 pessoas sentadas. O pastor é um brasileiro que estudou no C. H. Spurgeon's College. (...)

O irmão Puthuff escreveu-me de São Paulo que tudo vai bem. De SB as notícias são boas."...

A referência acima sobre os batistas ingleses confere com a informação dada em Heróis da Fé Congregacionais, de Ismael da Silva Junior, v. II, p. 88, de que o templo tinha sido inaugurado na Rua Larga de S. Joaquim, hoje Marechal Floriano, 185, Rio de Janeiro. Trata-se, pois, da Igreja Evangélica Fluminense. Foi nesse templo que se realizou a cerimônia de casamento do missionário Edwin H. Soper.



Original,em inglês, no Arquivo da

FMB na pasta de E. H. Quillin

10.05.1886

Carta de SBSP

De W. G? Whitaker

Para FMB

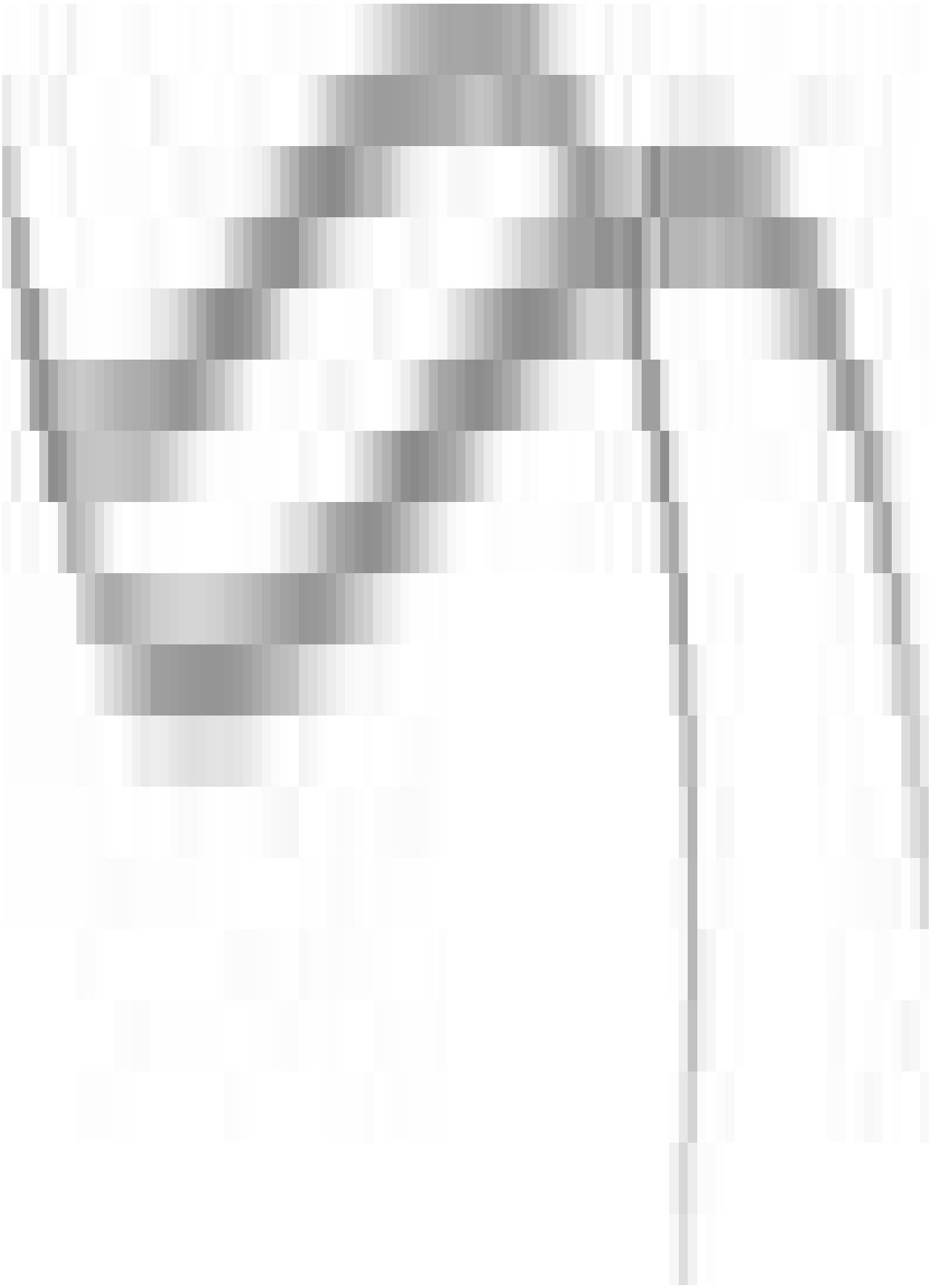
“... O irmão deve lembrar-se de que o irmão Bagby nos deixou em 1883 [foi em 1882], e naquele tempo a igreja esteve num período florescente. Porém ela perdeu a sua vitalidade, ——— uma considerável ———, e alguns membros também, somente uma ilustração de Mat. 7. 26,27. (...) Nosso atual pastor, Rev. Herbert Soper, antes pertencente a uma Missão inglesa, no Rio, começou o seu pastorado aqui a 15.08.1885. Ele é um dos melhores obreiros da vinha de Cristo e é amado por todos das diversas denominações. O movimento pró-temperança, que foi por ele introduzido entre nós, tem feito imenso bem; muitos pensam estar ——— têm assinado e fielmente guardado o compromisso.

Nosso pastor agora está no Rio, no lugar do Sr. Bagby. Ficaremos sem ele ——— e pensamos com alegria pelo seu retorno em junho. Mesmo ausente no corpo, está presente no espírito ——— pelas cartas animadas para permanecermos ——— com fé.

A população americana é de batistas, presbiterianos e metodistas. As duas últimas, porém, têm seus campos brasileiros nesta Província para eles próprios. A seara é muito grande e os obreiros são poucos. (...)

P.S.: O Rev. E. H. Quillin, nosso antigo pastor e professor faleceu.”

Não conseguimos identificar o autor dessa carta, mas, é provável que tenho sido um filho ou neto de Joseph Whitaker. [As várias falhas encontradas no corpo da carta preenchidas com as linhas (———) indicam palavras ilegíveis no original.]

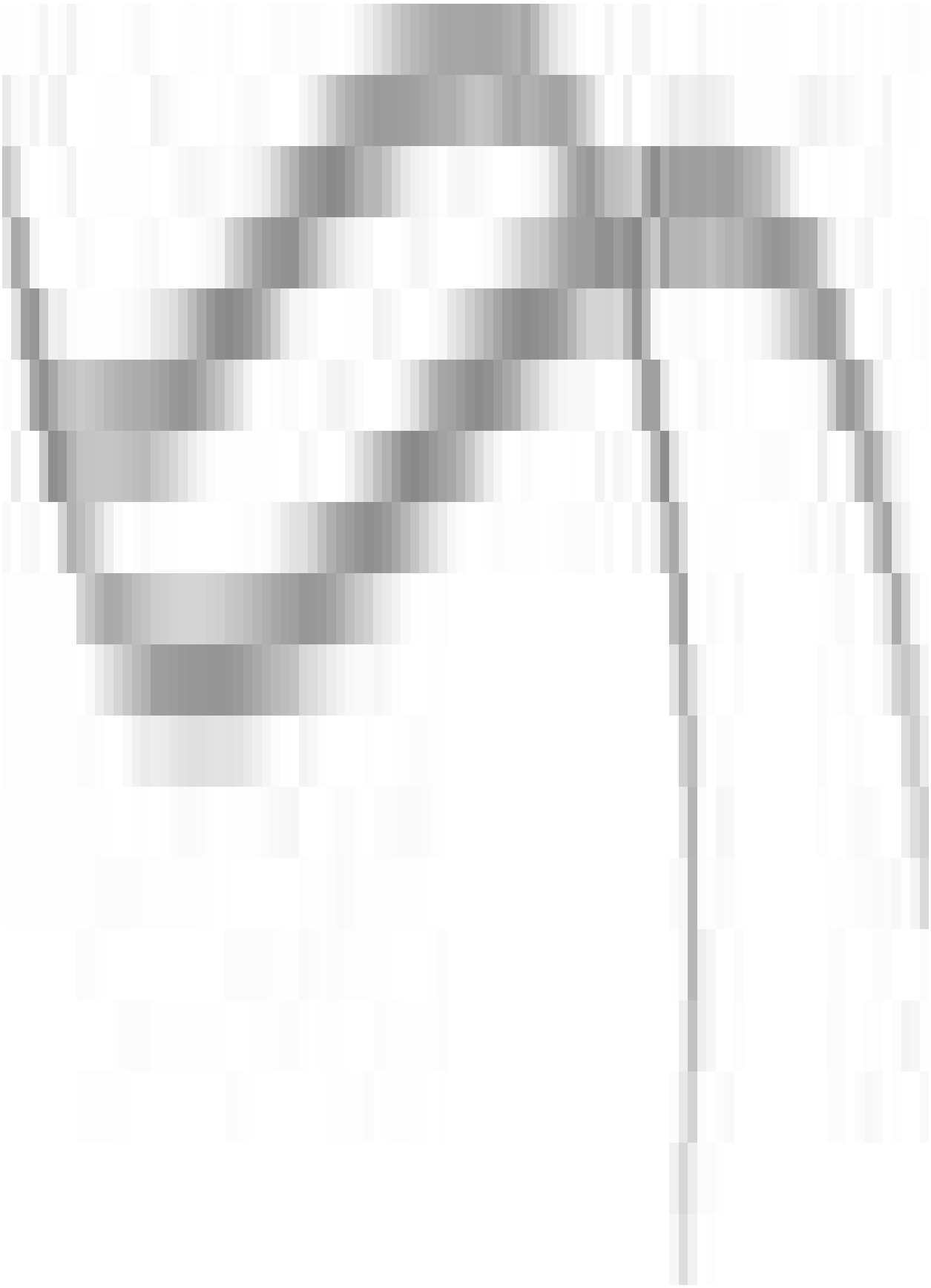


FMJ, ag./1886, v. 18, nº 1/217, p. 2, c. 4

10.05.1886

Registro de Casamento

A 19.05.1886, no Rio de Janeiro, casou-se Edwin Herbert Soper com a jovem Grace E. G. Mallaber. (Ver parte “A” — Casamentos Acatólicos, Pág. 87.)



FMJ, ag./1886, v. 18, nº 1/217, p. 2

01.06.1886

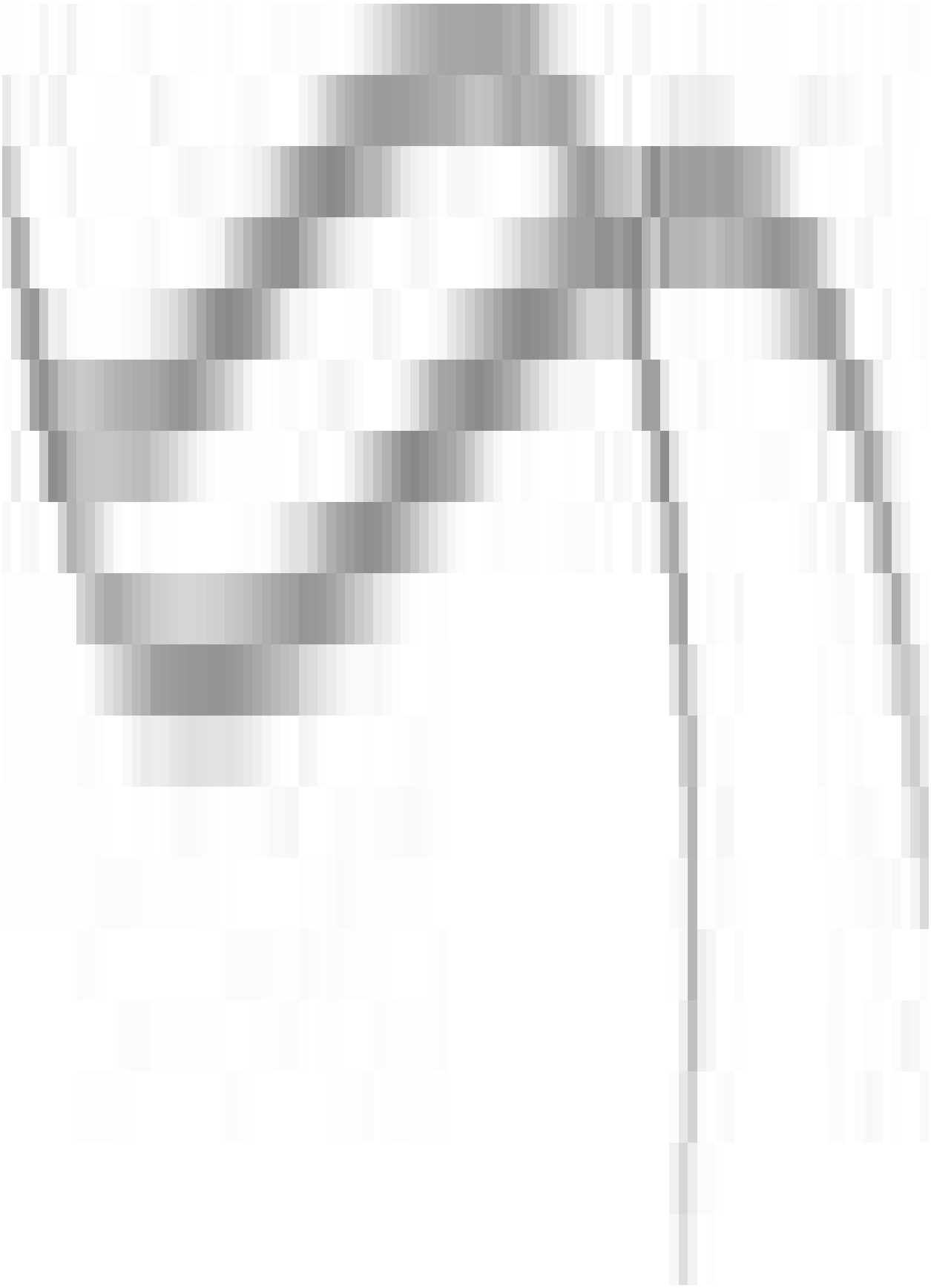
Carta do Rio

De EHS

Para FMB

"... Tenho aguardado ocasião para ir a Santa Bárbara com o fim de exonerar-me do pastorado da igreja e, com a ajuda do irmão Puthuff, passar uma semana em oração.

A varíola está violenta ali e o povo está desertando do lugar e há grande angústia entre os brasileiros. Nossa igreja mantém-se unida e o irmão Puthuff tem ido lá e pregado aos irmãos, já por três vezes. Espero que ele possa assumir a responsabilidade da igreja. Quando saí de lá em fevereiro, deixei diversas pessoas esperando para o batismo e outras interessadas."



FMJ, out./1886, v. 18, nº 3/219, p. 3, c. 1, 2

31.07.1886

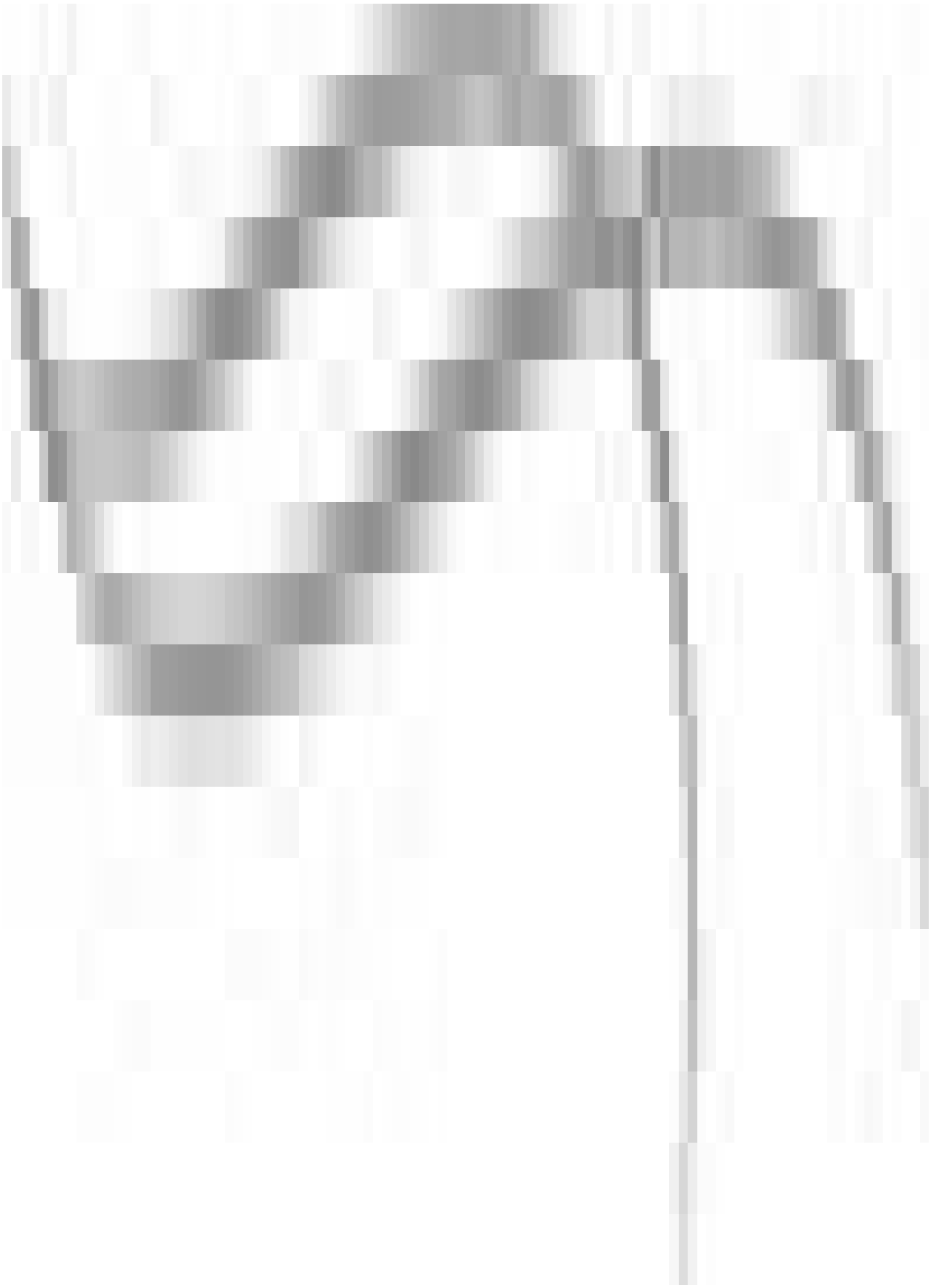
Carta do Rio

De EHS

Para FMB

"... Deixei o Rio no dia 05, rumo a São Paulo e Santa Bárbara, onde permaneci até o dia 27, visitando e pregando nas circunvizinhanças. Minha esposa foi comigo. Levamos conosco um órgão portátil e tivemos boas reuniões. Encontrei a igreja num estado triste de maledicência. Tive que reuni-la duas vezes. Pude ver claro o meu caminho para renunciar o pastorado. Creio que os deixei em melhor estado e que Deus irá abençoá-los. O irmão Puthuff tem pregado várias vezes. Ele é querido. Consultei-o a respeito de ser o pastor da igreja. Amanhã, domingo [01.08.1886], ele estará lá. Espero que ele aceite. Enquanto lá, ouvi o bispo Grambery pregar na Igreja do Campo. Falou durante uma hora sobre Romanos 10.8,9, e ouvi uma senhora de idade, nossa irmã, dizer que um bom sermão calvinista era o que ela desejava ouvir. (...) O povo ali sofreu muito por causa da estação seca no ano passado, apesar de que agora parece que tudo melhorará. Tivemos uma grande reunião pró-temperança, seguida de um "basket-dinner". Foi uma boa reunião e algumas coisas duras foram ditas. (...)

O irmão Puthuff e esposa estão ansiosos para iniciar ou fazer o trabalho entre os brasileiros. Durante a minha viagem distribuí tratados e fiz o que pude entre os brasileiros. Gosto demais de falar com eles tanto quanto sou capaz e eu sinto um grande anelo pelas almas cada dia que vivo entre eles. Às vezes, sinto que não posso esperar mais até aprender a língua e peço a Deus que me dê essa bênção como um dom. Porém, o Senhor sabe melhor."...

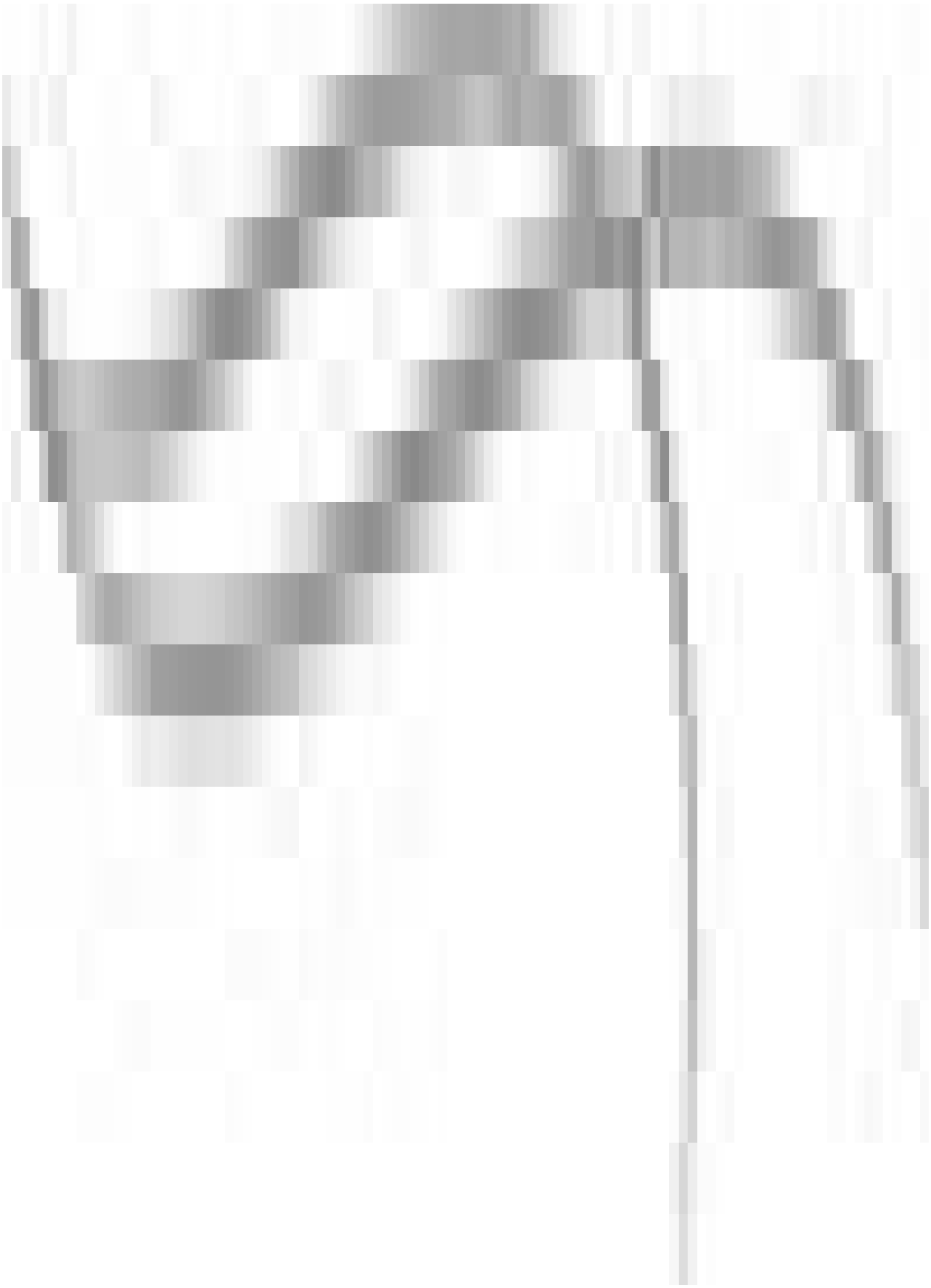


01.08.1886

Exoneração

Nomeação e Posse

A data de 01.08.1886 é a data provável quando o missionário E. H. Soper pediu a sua exoneração do pastorado da PIB/SBSP e, no mesmo dia, foi nomeado e empossado o missionário E. A. Puthuff como pastor da mesma igreja. Essa data infere-se pelos dados contidos nos diversos documentos.

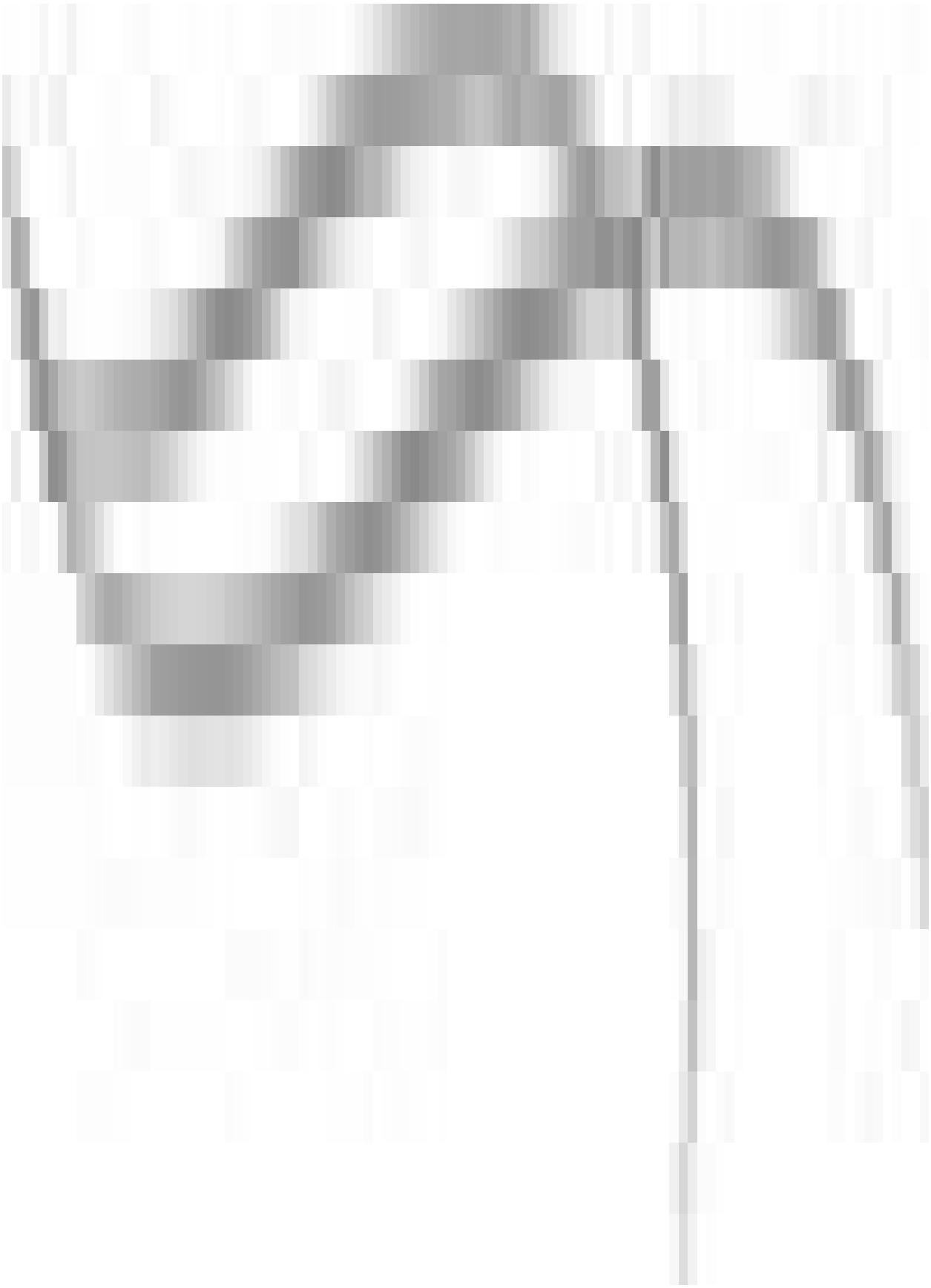


NAITR, p. 16

21.08.1886

Falecimento

A 21.08.1886, em SBSP, faleceu Ebenezer W. Seawright, com 70 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo. Era esposo de Mary Rochester Pyles Seawright, sendo esta, a irmã do pastor Samuel Milton Pyles.



Original, em inglês, no Arquivo da FMB

01.10.1886

Carta de Belton, TX

De ALB

Para FMB

“... Peço-lhe apresentar à Junta, para consideração, o pedido que fizemos em março p.p., para um lar industrial, em Santa Bárbara, Brasil

A boa Sra. Ellis escreve que ela está pronta a doar um lote de terra, de 12 acres, destinado para esse fim. Já terminou de fazer seis colchas de retalhos para o lar, e espera que possamos retornar levando o dinheiro em nossos bolsos com o qual se poderá construir um prédio.

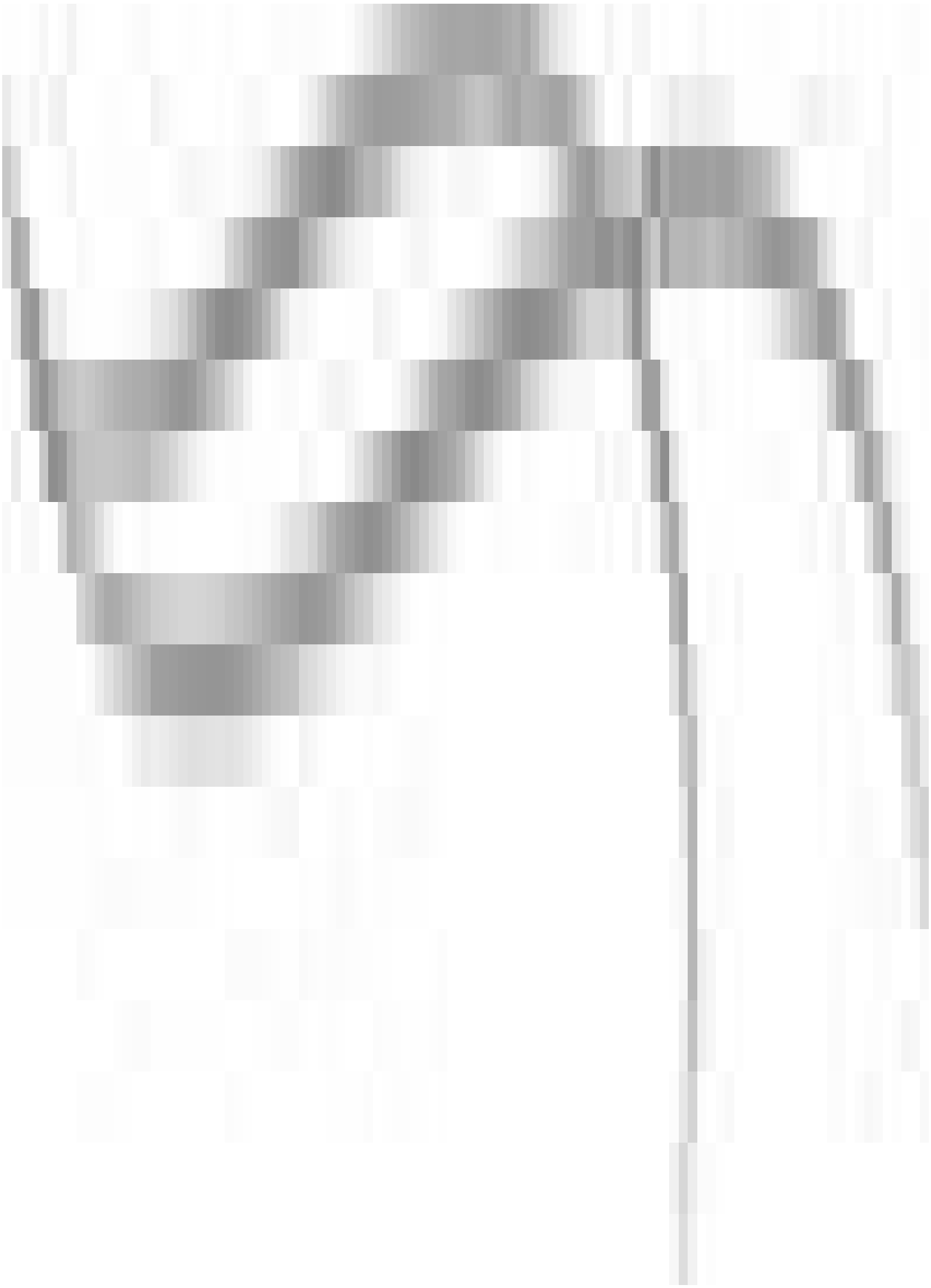
Nosso pedido, em poucas palavras, é este: o terreno está doado. Desejamos que a FMB nos autorize a coletar 1000 dólares destinados à construção de uma casa de adobe.

Desejamos, também, recolher 500 dólares que possam servir para o sustento de órfãos e pagamento de professores. (...) O Dr. Bagby está enviando, do seu salário, uma doação mensal de 40 dólares, para o sustento dos pequenos órfãos que deixamos em nosso lar, no Rio. A Sra. Ellis está agora com dois outros sob o seu teto hospitaleiro. Há seis, pelo menos, sob os nossos cuidados. Achamos que, tendo as Sras. Ellis e Williams (das quais já lhe falamos) à frente da instituição, e os 400 americanos que vivem ao redor, junto com os ingleses, ao

alcance, é possível que em pouco tempo a instituição tenha o seu sustento próprio.(...)

Temos parentes e amigos que estão dispostos a nos ajudar nesse trabalho. Dentro de dez dias estaremos em Missouri e, assim, pedimos-lhe responder-nos imediatamente. Temos pedido, por cinco anos, esse mesmo favor, e continuarei pedindo até ser graciosamente atendida. Sua irmã pedinte no Senhor.”

(Ver Necrológio, de 08.01.1887, pág. 541. Mary M. Ellis faleceu na data de 15.11.1886.)



FMJ, jan./1887, v. 18, nº 6/222, p. 2 , c. 2,3

SBCA, maio/1887, p. xiv

04.11.1886

Carta de SBSP

De EAP

Para FMB

"... Faz um mês que estamos aqui. Fomos recebidos carinhosamente pelo povo. Cada um parece estar pronto a fazer a sua parte. Onde há divisão e luta, o pecado aumenta, mas, a graça se faz mais abundante e o povo parece pronto a recomeçar um esforço harmonioso a favor dos interesses religiosos e educacionais. Isto nos alegra. Estima-se em cerca de 400 americanos estabelecidos nesta Província dos quais a maioria se encontra em Santa Bárbara.

A igreja batista, aqui, organizada a 10.09.1871, composta exclusivamente de americanos, tem, no presente, um total de 24 membros. Entre esses imigrantes de nossa pátria estão muitas famílias de brasileiros os quais possuem, geralmente, muitos filhos. A vila, por si, é povoada principalmente por nativos, porém, cremos que essa pequena igreja, ainda que plantada aqui há 15 anos passados, precisa, ainda, de algum auxílio, amparo da maior fonte de batistas, antes que possa tornar-se uma luz forte da vida cristã.

Não temos casa para os serviços divinos, exceto uma pequena e desconfortável casa para escola, e uma "union house", a 10 milhas distante porém, prego nesses lugares nos domingos e, nas casas particulares, durante a semana. Então, além da pequena escola, tem sido difícil acomodar uma congregação para ouvir a

Palavra.

Há duas semanas organizamos uma pequena Escola Dominical. Sentimos encorajamento pelo interesse demonstrado tanto pelos idosos como pelos jovens. Vinte e duas pessoas estiveram presentes na sua organização e, no último domingo, já tivemos trinta. Todos parecem alegrados com os privilégios da E. D., porém, estamos sentindo as dificuldades com a falta de material impresso. A Sra. Puthuff, porém, está pedindo algum, por sua conta, do Estado de Mississippi. Para ser feito o trabalho aqui, tanto entre os nativos como entre os nossos próprios patrícios, demanda muito esforço. A igreja é pequena e os seus membros são pobres. Trabalham com desvantagens, as quais são peculiares neste lugar. Mesmo assim estão fervorosos e desejosos de prosperidade espiritual e serem úteis para o Mestre. Se encorajados pela ajuda, temos razão para esperar por melhores resultados.

Verdadeiramente creio que a nossa Junta poderia efetuar mais pelo estreitamento da Missão aqui, mais do que em qualquer outro ponto do Império. Se os batistas dos EUA esperam algum resultado deste trabalho, mais ajuda deve vir; e, quanto mais cedo, melhor será.

Uma literatura escolar é demais necessária. Pela observação feita de perto do que temos visto e uma cuidadosa comparação dos resultados, estamos convencidos de que o caminho mais certo para ganhar os nativos neste país é através do treinamento das crianças, em Cristo e para Cristo. Das duas jovens chegadas recentemente dos EUA para ensinar entre os americanos por um período de três anos, há uma batista. [Lovie Fielder era a batista. A outra era Anne Lou Vincent.] Elas iniciaram o trabalho em diferentes pontos, porém, nesta vizinhança nada há como uma escola permanente.

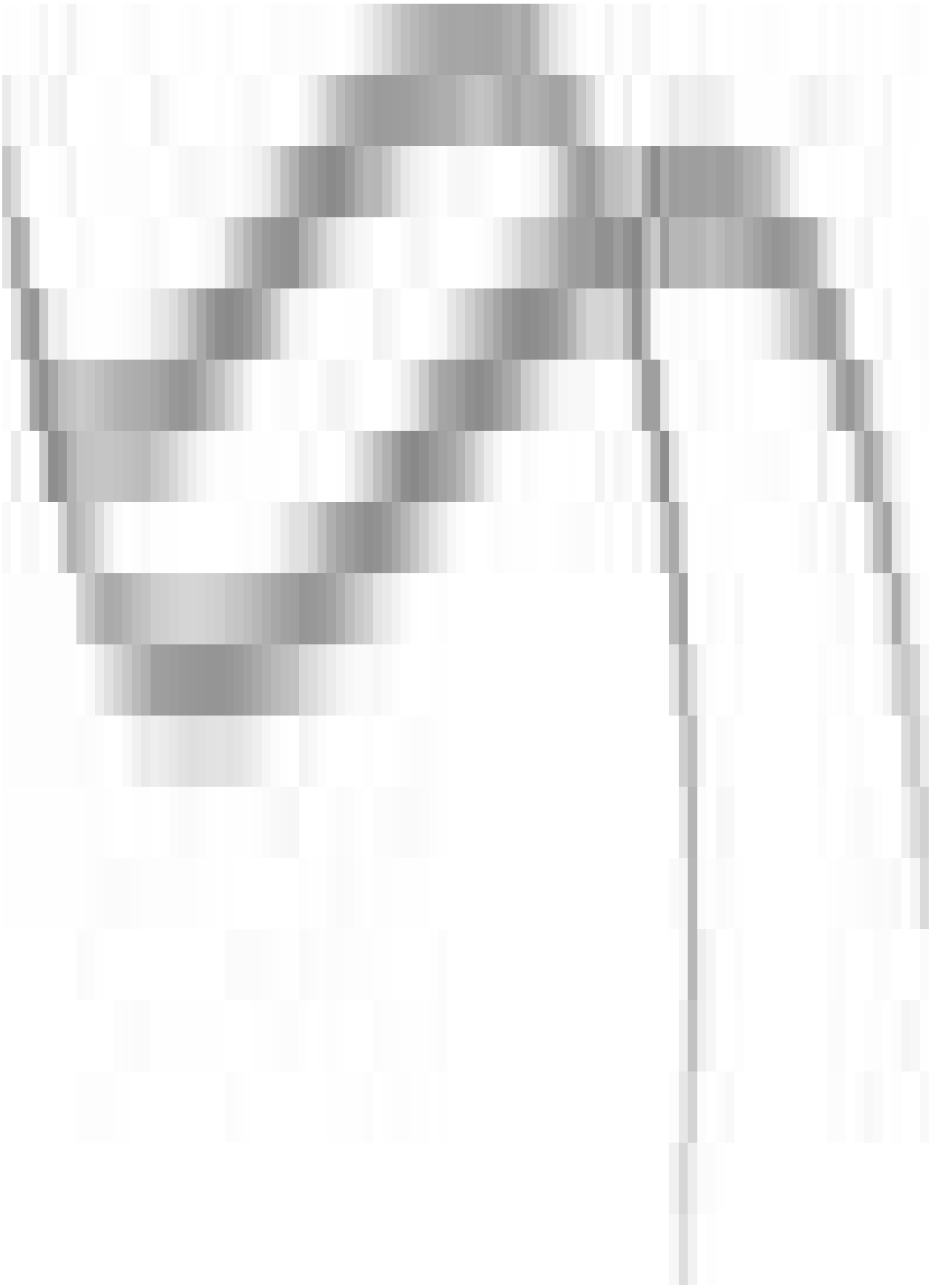
Temos sido fortemente solicitados a começar tal trabalho, e poderíamos permanecer aqui, se fosse esse o nosso propósito. Agora é o tempo para os batistas segurarem as vantagens deste território, se assim é o desejo. A procura

por educação está chegando tão urgente que não pode ser negligenciada por mais tempo. Os presbiterianos têm trabalhado por 25 anos e têm alcançado maravilhoso sucesso, tal como as estatísticas mostram, e ainda eles se inclinam a favor de escolas.

Os metodistas também têm tido uma excelente escola nesta Província. Tenho encontrado batistas com os seus filhos espalhados entre os presbiterianos e os metodistas. Por que tudo isto? Deixemos que a sala de aula responda. Irmãos, tais coisas não podem ser assim. Tenha sido indagado da possibilidade de adquirir um lote de terra com o propósito de estabelecer uma escola e igreja. Não será este o tempo de se parar e pensar na oportunidade para ser dado este passo? Se podemos dar aos nossos patrícios uma educação para os seus filhos, isto se torna uma forma de apoiá-los e isto pode dar, em contrapartida, um resultado positivo em relação à Missão. E, mais ainda, muitos deles, então equipados, irão entre as famílias brasileiras como professores e tornar-se-ão valorosos auxiliares para a causa missionária nesta terra. Onde está aquele outro campo missionário relacionado com a SBC, que oferece tais incentivos?

O nosso próprio povo está aqui, e se nós não lhes damos os recursos de educação cristã, outros farão isto por nós. Podemos nós, como batistas, proporcionar-lhe isto?”...

Em conexão com o assunto acima, ver Doc. de 28.12.1880(Ver pág. 469).



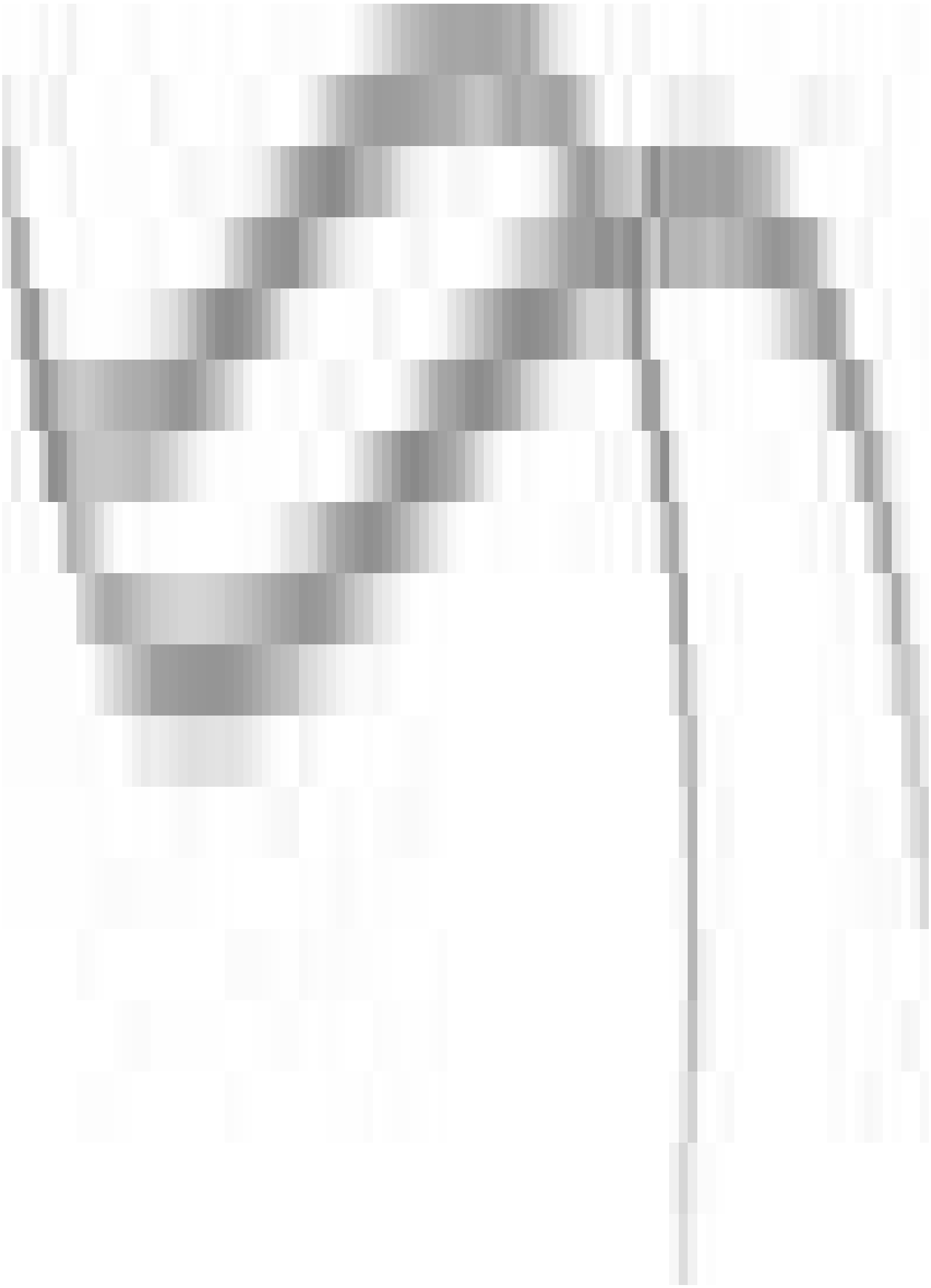
NAITR, p. 21

15.11.1886

Falecimento

A 15.11.1886, em SBSP, faleceu a Sra. Mary Matilda Ellis. Ela foi sepultada no Cemitério do Campo.

(Ver o necrológio, adiante, na data de 08.01.1887. Também, parte “B” — Henry Strong, pág. 351.)

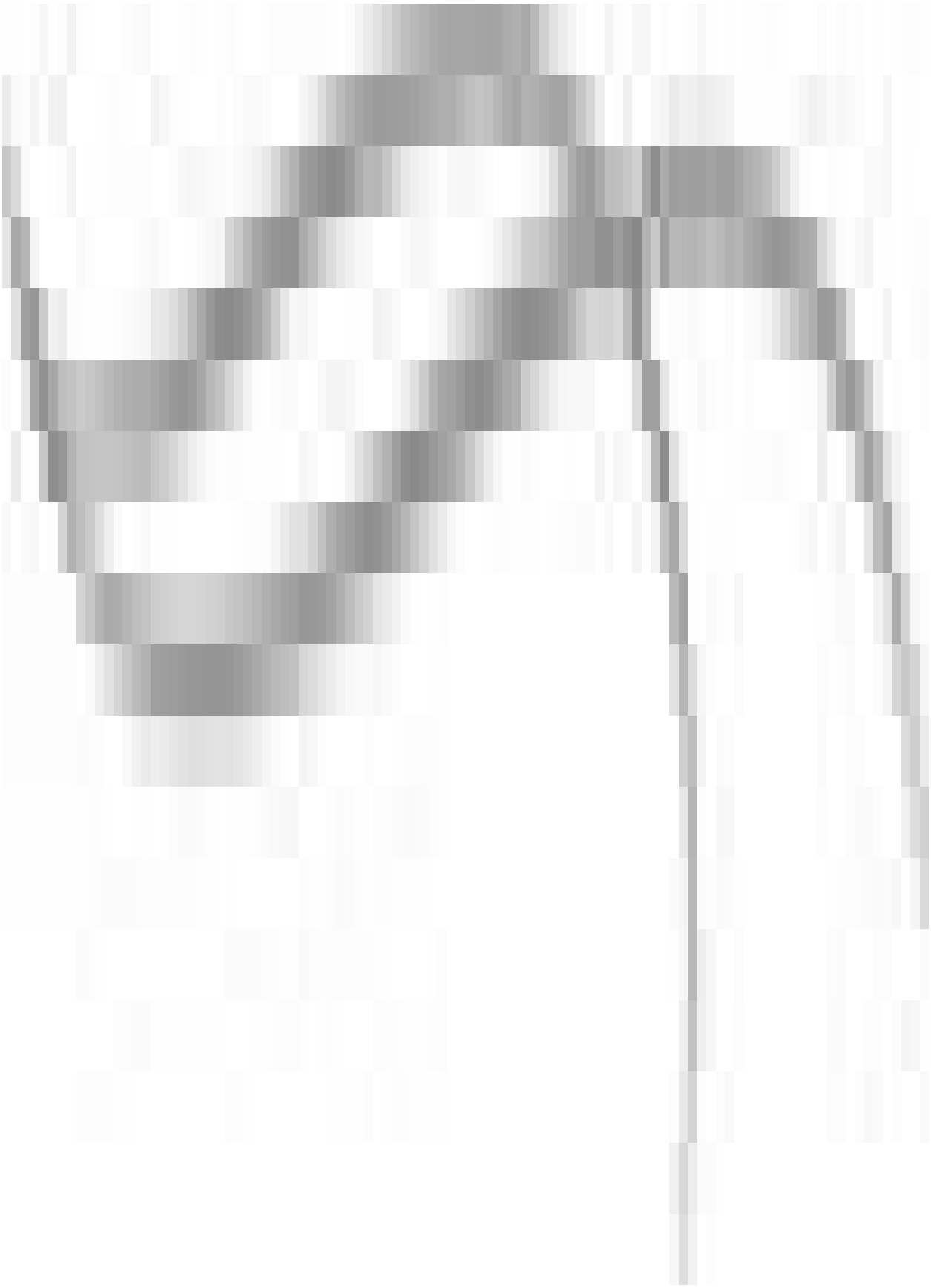


27.12.1886

Aquisição de terreno

A 27.12.1886, o missionário Edward Allen Puthuff adquiriu um terreno de 7 mil metros quadrados, com vistas ao estabelecimento de uma escola e igreja, ou construção de um templo, tal como exposto no documento anterior, datado de 04.11.1886.

(Ver documento de 26.03.1888 na pág 544. e Parte B - Biografia de E. A. Puthuff na pág. 344)



FMJ, abr./1887, v. 18, nº 9/224, p. 3, c. 3

08.01.1887

Necrológio — SBSP

Mary Matilda Ellis

“Confiando na infalível sabedoria do Grande Líder de Sião, fomos convocados para lamentar juntos a triste lacuna deixada nas fileiras de nosso pequeno grupo, com a morte de nossa amada irmã Mary M. Ellis, uma das mais eficientes e fieis combatentes de Cristo entre nós. Por isso, Resolvemos: que nós, a Primeira Igreja Batista Norte-Americana do Brasil, reúne-se hoje para oferecer-lhe um tributo de amor, em sua memória.

A irmã Ellis faleceu a 15.11.1886, de febre tifóide, na residência do Sr. Domm, perto da Vila de Santa Bárbara, depois de muitos dias de sofrimento. Morreu tal como tinha vivido, e viveu como desejaria ter morrido, no completo esplendor da fé cristã. A morte foi-lhe um verdadeiro e sereno sono em Jesus. Na vida, não negligenciou preparar-se para a mudança inevitável. A cerimônia fúnebre, baseada em João 11.25, foi feita na Capela do Campo, pelo Rev. E. A. Puthuff, nosso atual pastor.

Ela era filha de Henry Strong, de Copiah Co., Mississippi. Casou-se em 1848, com Warren M. Ellis, e foi batizada em 1852, pelo Rev. William Mullins. Veio para o Brasil no ano de 1869, então uma viúva, com quatro filhas, três das quais ainda vivas, lamentam a sua perda.

Ela fez parte da organização desta igreja em 1871. Sua vida, conosco, foi como

uma cristã das mais zelosas, de piedade consistente e de vida útil para a Causa que tanto amou. Era, verdadeiramente, uma Dorcas entre nós, cheia de boas obras, e muitos corações agradecidos testificam agora da assistência que ela prestou aos que estavam em necessidade.

Antes de sua morte, tinha decidido abrir um orfanato, e estava já se preparando a fim de começar esse nobre trabalho, para o qual sentia que Deus a chamava. O cuidado que estava dispensando a duas crianças sob os seus cuidados, mostram muito bem como se encontrava preparada para essa tarefa, considerando haver ainda entre nós tanta necessidade.

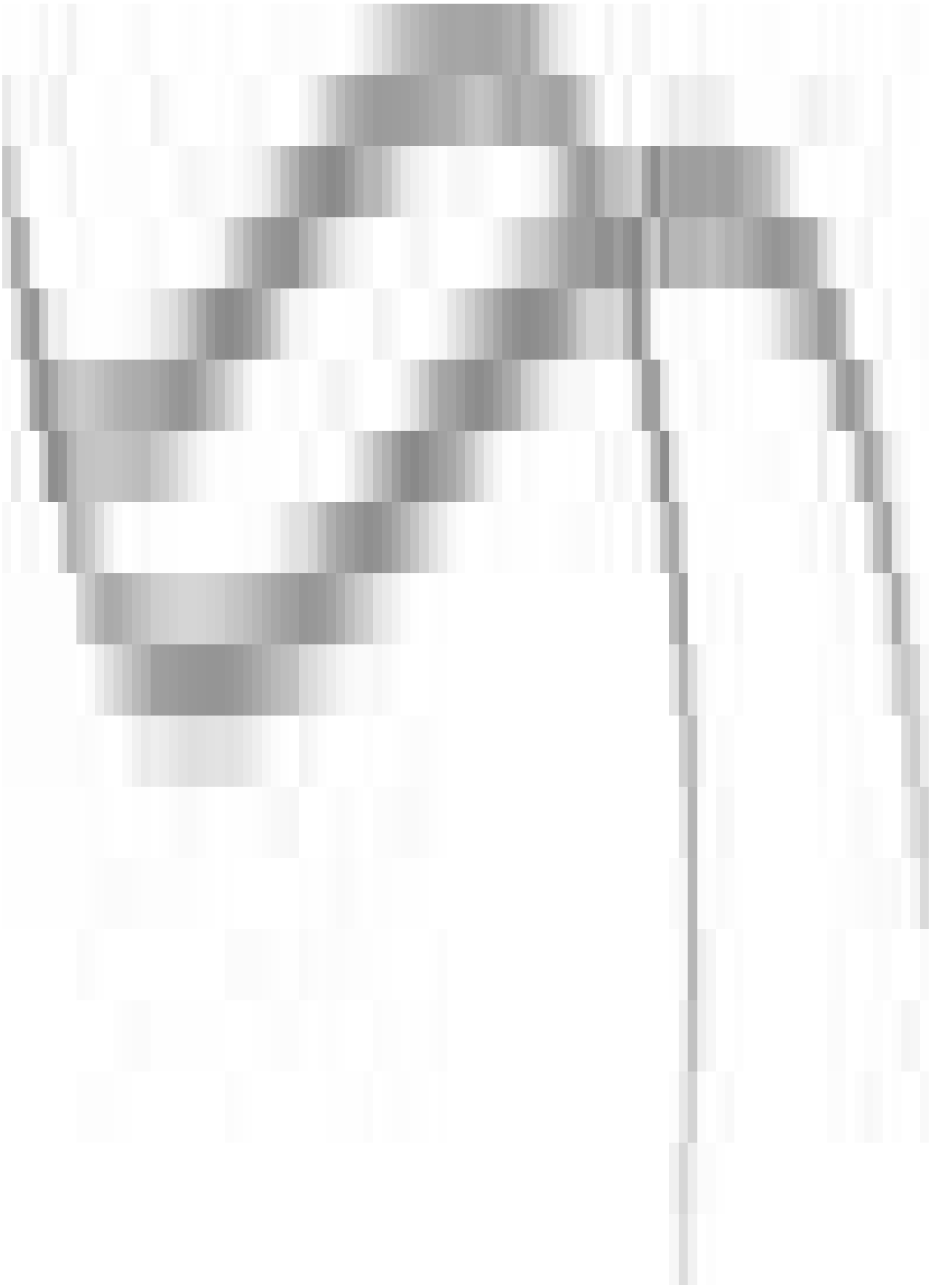
Nossos corações, porém, fazem ecoar a pergunta: quem preencherá o seu lugar? O que Deus faz ‘não podemos entender agora’. Ele lhe disse: ‘É o bastante’, e chamou-a para descansar dos seus labores. Cabe-nos somente orar para que o brilhante exemplo de sua vida e o glorioso trabalho realizado caiam sobre nós, como um manto de influência e permaneça imbuindo-nos de uma porção dobrada do seu zelo no serviço de Cristo.

Feito por votação da igreja reunida em sessão, no sábado, a 8 de janeiro de 1887.

Emma F. Puthuff, Lovie Fielder — comissão

T. Ferguson — secretário da igreja.”

(Ver parte “B” — Henry Strong, pág. 351.)

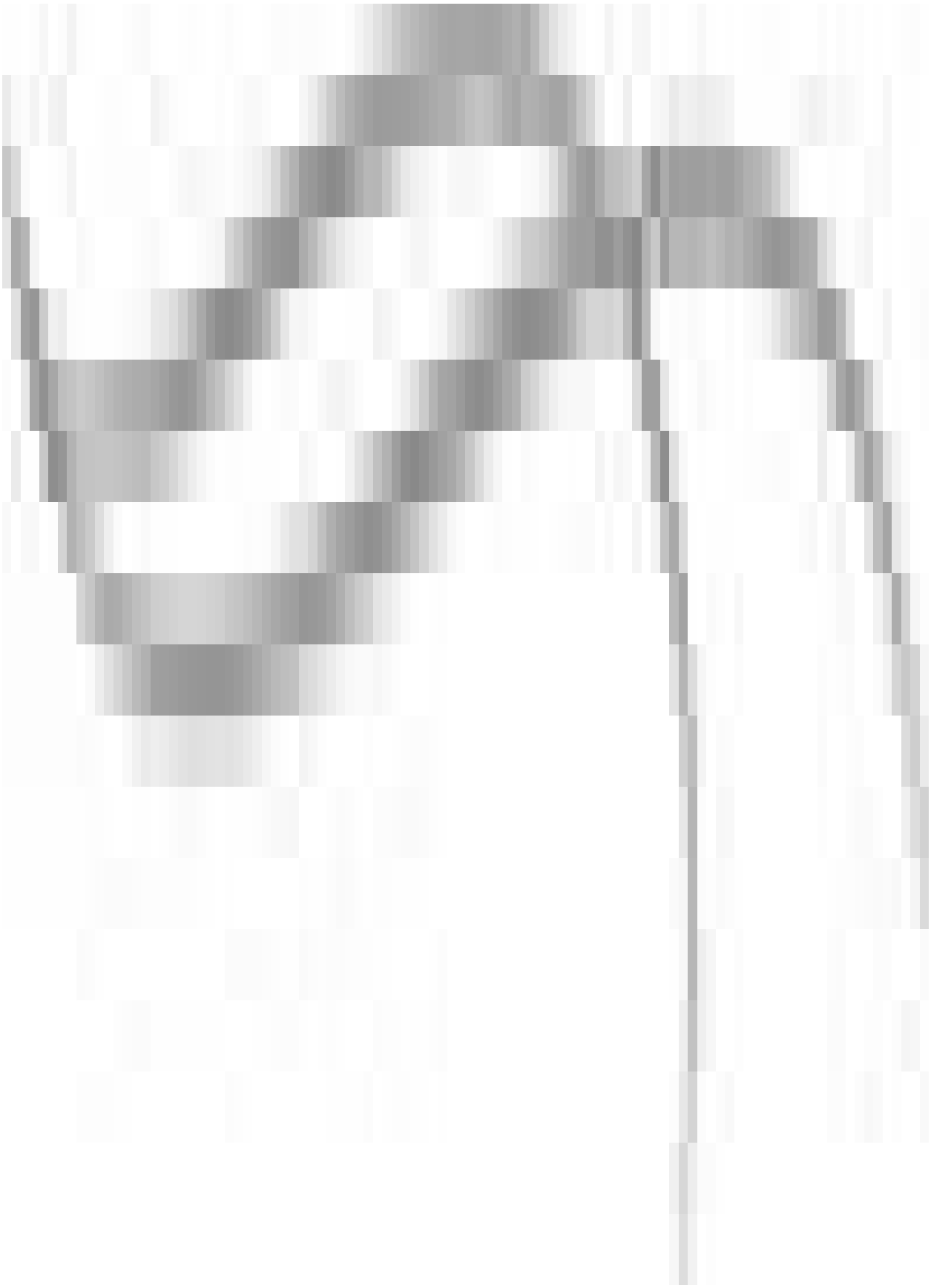


MPRJ, p. 347

15.01.1887

Viagem

A 15.01.1887, o jovem George William Gooda viajou do Rio de Janeiro para Santos. Seu destino era Santa Bárbara, SP. Ele era neto da Sra. Elisabeth Williams, uma das fundadoras da PIB/RJ. Ele se tornara membro da mesma igreja, em dezembro de 1884. A 03.07.1888, foi-lhe dada a carta demissória pela PIB/RJ para a PIB/SBSP. Ele e a sua avó eram ingleses.

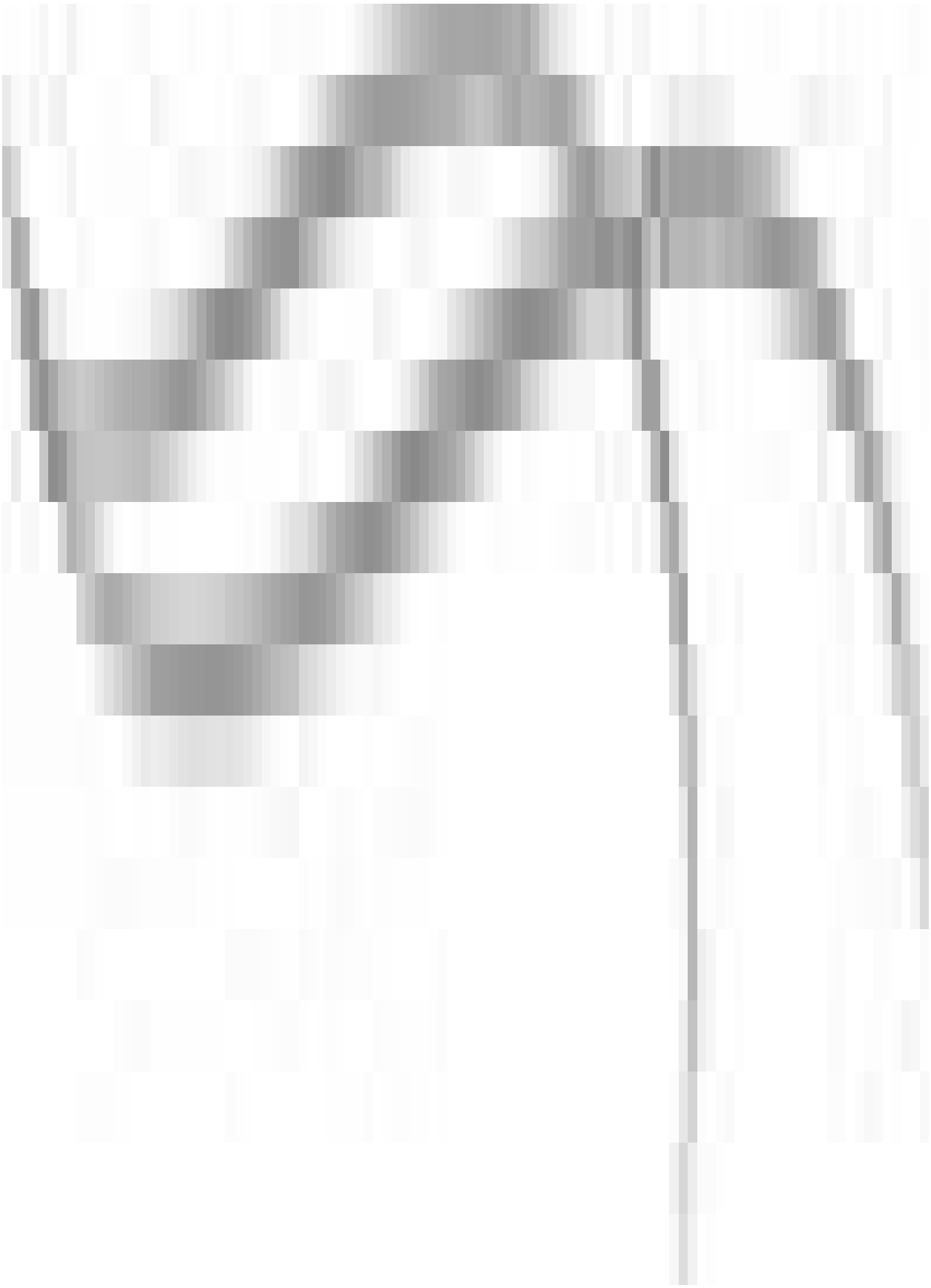


28.02.1887

Aquisição de terreno

A 28.02.1887, o missionário Edward Allen Puthuff adquiriu outra parte de terreno junto aos 7.000 m² anteriormente comprados, a 28 de dezembro de 1886. Essas duas aquisições foram efetuadas através de Cartas de Venda, com a condição de serem devidamente registradas em cartório. A 10.03.1888, foi paga a despesa de sisa, na coletoria, e, então, com o comprovante desse pagamento, as duas Cartas de Venda foram levadas ao Cartório de Santa Bárbara, SP, para o registro e isto foi feito a 26.03.1888.

A 09.04.1887 falece o Pr. Antonio Teixeira de Albuquerque, em Rio Largo, AL.

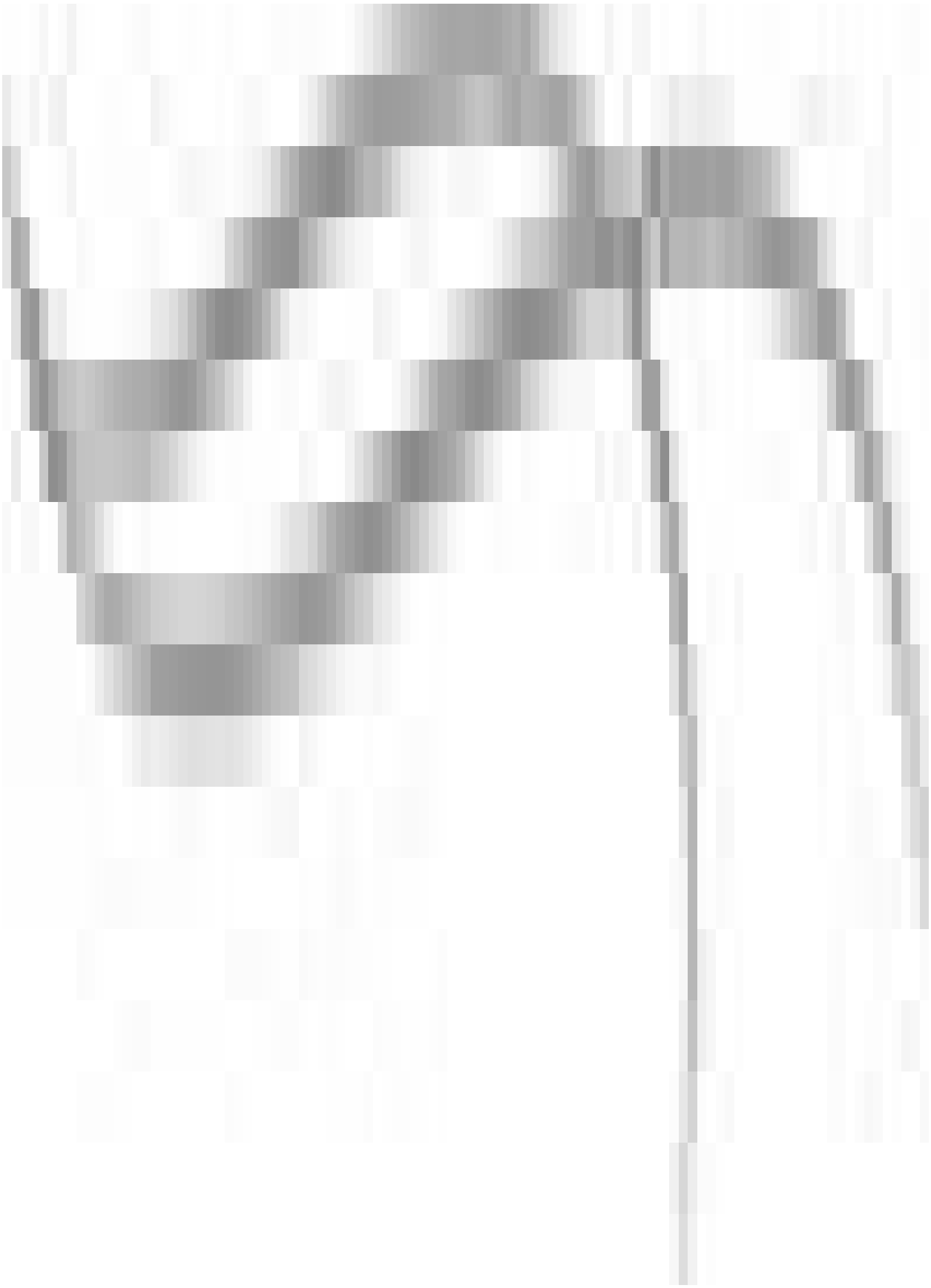


SBCA, maio/1887, p. xii , xiii, xiv

Maio, 1887

Resumo de informações

Um resumo das notícias enviadas pelos missionários a respeito de Santa Bárbara está nas páginas mencionadas acima. Fica este registro para consultas pelos pesquisadores.



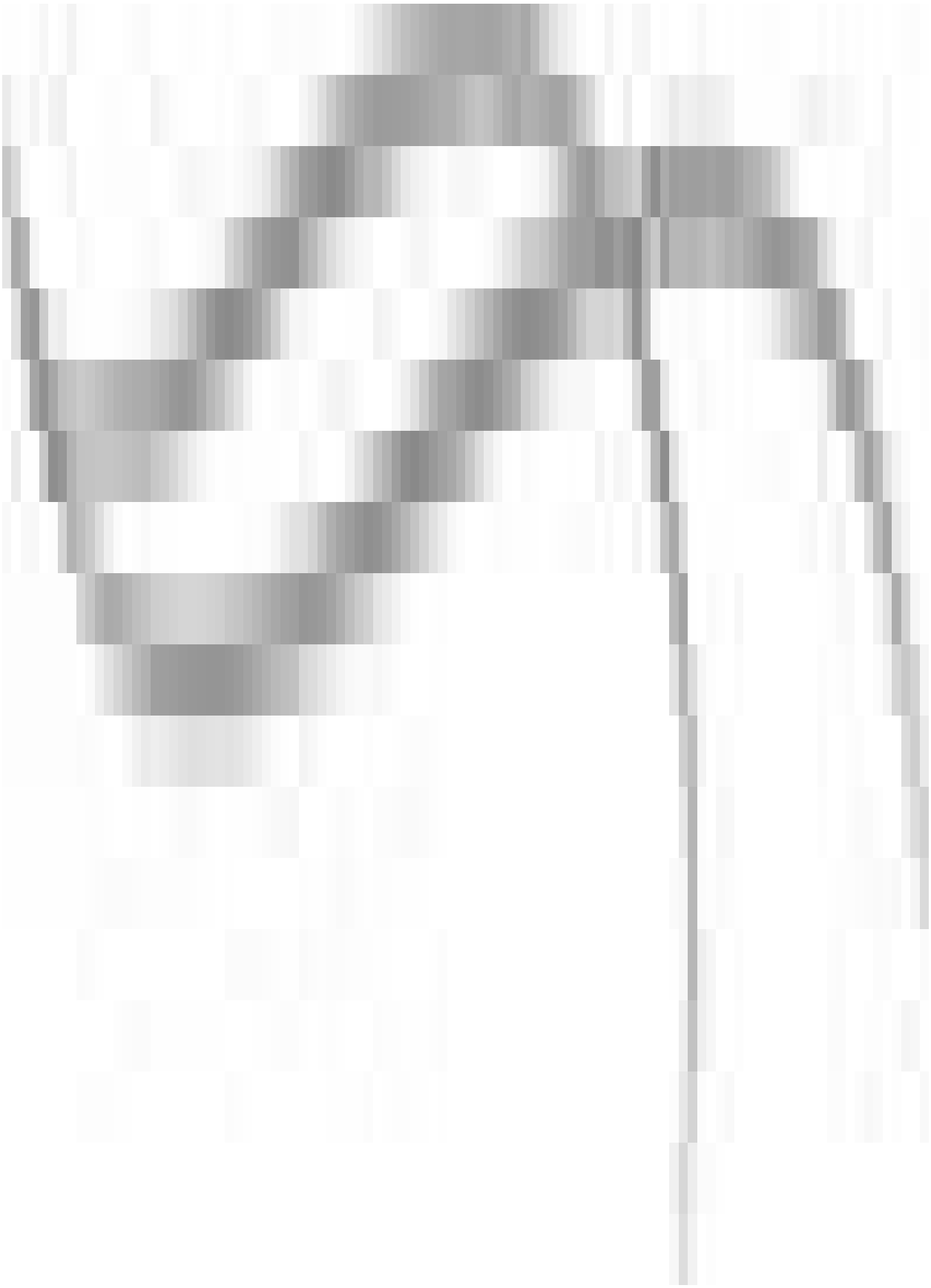
MPRJ, p. 351

SBCA, maio/1888, p, xxii

21.06.1887

Chegada dos missionários

A 21.06.1887, chegaram ao Rio de Janeiro, procedentes de New Port News, Virgínia, pelo navio “Advance”, o Dr. W. B. Bagby e sua família que voltavam de suas férias, e mais a jovem missionária Maggie Rice.



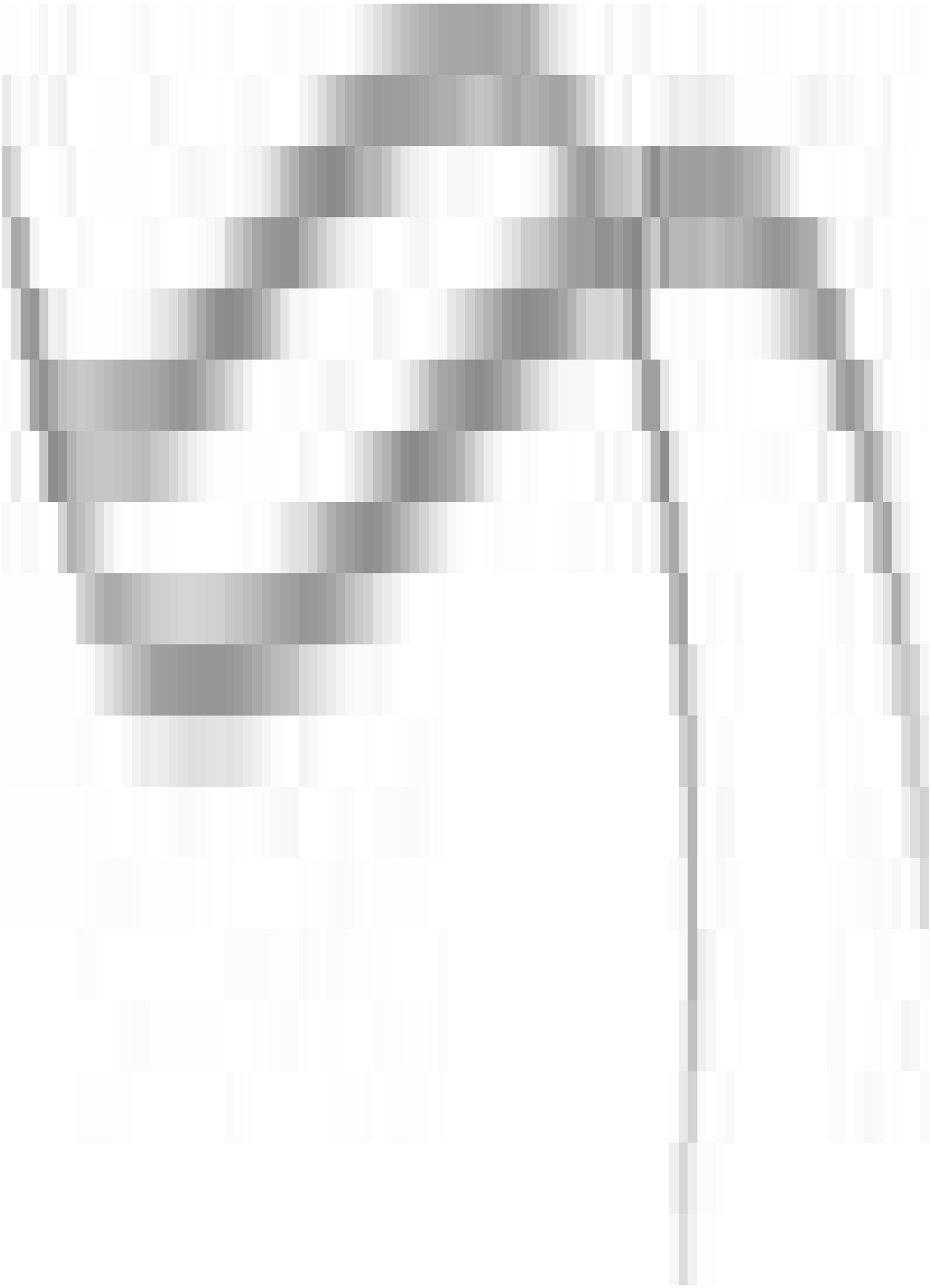
Ata da PIB/RJ

31.01.1888

Carta demissória

da PIB/RJ para a PIB/SB

A 31.01.1888, a PIB/RJ concedeu carta demissória à Sra. Elisabeth Williams, para a PIB/SBSP. É provável que ela tenha sido aceita como membro em SB, na sessão do dia 10.02.1888. [Conforme Certidão de Óbito, ela faleceu em Santa Bárbara, em 21.03.1889. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Túmulo não marcado.]



Cartório de Notas, SBSP

Livro de Notas nº 27, fls. 15v a 17

Certidão em nosso arquivo

26.03.1888

Registro de duas cartas de venda

José Antonio Bueno Rangel era um dos herdeiros da Fazenda Machadinho, em Santa Bárbara, SP. A sede dessa fazenda ficava próxima ao rio Quilombo. Ao ser inaugurada a estação da via férrea, em agosto de 1875, ligando Santos a Santa Bárbara, a dita estação foi construída perto dessa sede. Toda essa área passou a ser o que hoje conhecemos como a cidade de Americana.

A 27.12.1886, o missionário Edward Allen Puthuff adquiriu desse herdeiro José Antonio Bueno Rangel, 7 mil metros2 de terras, e a 28.02.1887, mais uma parte limítrofe à anterior. Sobre o assunto tecemos um comentário na parte “C”. Aqui transcrevemos o documento de “Registro de duas cartas de venda”, integralmente, pelo valor de detalhes que podem enriquecer um estudo futuro do assunto. Algumas poucas palavras, no original manuscrito, do qual possuímos uma cópia xerox, com a certidão, não oferecem muita clareza, mas, não prejudicam o sentido do documento.

Com data de 31.01.1889, está o outro documento relacionado com este, que é o da venda da propriedade para o Sr. Charles Montagne Hall. O “Montagne” aparece também como “Moses”. Trata-se, porém, da mesma pessoa. A seguir, o registro das duas cartas de venda:

“Instrumento particular de compra e venda de uma parte de terras da Fazenda Machadinho nesta freguesia de Santa Bárbara, Município de Piracicaba, que entre si fazem José A. Bueno Rangel e Eduardo A. Puthuff, representante (digo)

representando o Mission Board of the Southern Mission Board (digo) Mission Baptist Convention Richmond José Bueno Rangel sendo senhor e possuidor de uma parte do terreno na fazenda em comum com outros, denominada Machadinho, sita nesta freguesia, vende ao supra mencionado Eduardo A. Puthuff a quantidade de terreno de sete mil metros quadrados sob as seguintes condições: 1.ª — O outorgante vende dito terreno pela quantia de cento e cincoenta mil réis que nesta data recebe em ato de assinar esta escritura particular e de que dá plena quitação aos compradores, aos quais transfere o inteiro donomio (digo) inteiro domínio, posse e ações resultantes do imóvel vendido. 2.ª — Os compradores se obrigam a não dar ao terreno adquirido outra aplicação que não seja a fundação de um estabelecimento escolástico e agronômico, não podendo dar-lhe qualquer destino comercial. 3.ª — No caso que a sociedade em que se acham constituídos os compradores venha a cessar por qualquer causa e os bens sociais tenham de ser (digo) ser alienados o terreno e benfeitorias que nele estiverem se fo ------sido construídos não poderão ser vendidos senão mediante a observância da condição Segunda deste instrumento, isto é, obrigando-se os adquirentes a aplicá-lo exclusivamente para o fim de um estabelecimento de instrução, pois tal cláusula é de caráter permanente e não aplicável somente aos atuais adquirentes. 4.ª — Caso em qualquer tempo sejam o terreno e benfeitorias vendidos sem esta condição reverterão eles à Província est (digo) Província para escola pública, sem que os adquirentes tenham direitos e qualquer reclamação, salvo acordo. Por estarem de acordo o outorgante e os outorgados sobre todas as cláusulas do presente contrato, assinam-o conjuntamente com as testemunhas abaixo assinadas. Estação de Santa Bárbara, em vinte e sete do mês de dezembro de mil oitocentos e oitenta e seis. Em tempo, adicionam as duas partes que caso o terreno supra mencionado seja insuficiente ao outorgante (dito) insuficiente o outorgante se obriga a vender aos outorgados quantidade ou parte igual, e os outorgados a pagarem soma igual, e esta transação será efetuada no prazo de três meses à opção dos outorgados. José Antonio Bueno Rangel, E. A. Puthuff. Conforme est supra. A rogo de D. Maria Marcondes dos Santos, Francisco Duarte Silva, Daniel Baptista d’Oliveira, Joaquim Augusto Duarte. Como testemunhas Francisco Duarte Silva, Clemente H. Wilmot. Nada mais. Teor do bilhete de sisa Número seis Exercício de mil oitocentos e oitenta e oito Réis nove mil quatrocentos e cincoenta réis. À folha 4, do Livro Caixa fica debitado o atual Coletor pela quantia de nove mil quatrocentos e cincoenta réis recebida do Senhor E. A. Puthuff seis por cento de cento e cincoenta mil, preço por quanto comprou de José Antonio Bueno Rangel e sua mulher uma parte de terra neste Município. Coletoria de Rendas Gerais da Vila de Santa Bárbara em dez de Março de mil oitocentos e oitenta e oito. O

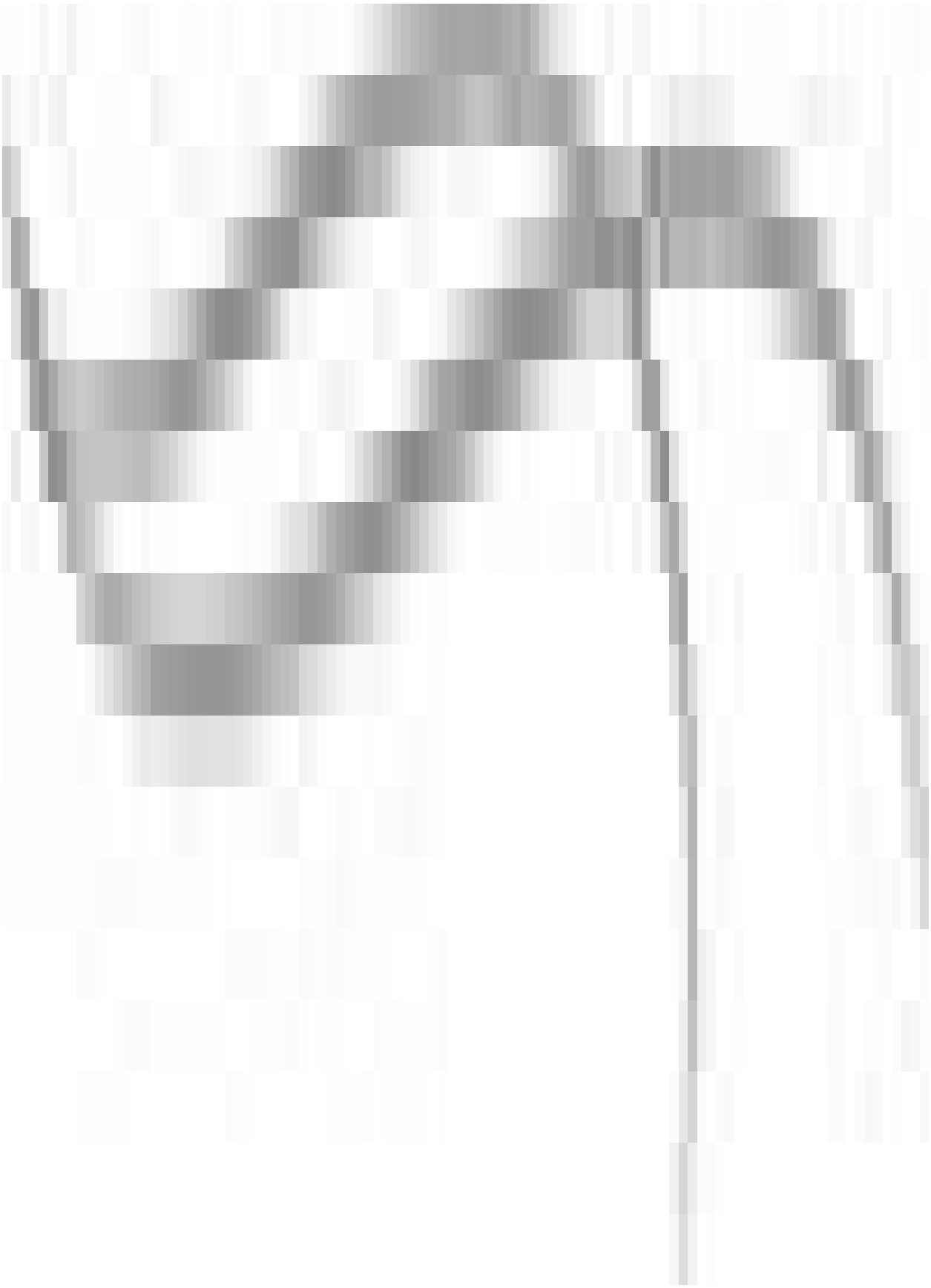
Coletor Duarte — O Escrivão. Teor da segunda carta de venda: José Antonio Bueno Rangel, por si e Eduardo A. Puthuff representando o Foreign Mission Board of the Southern Mission Baptist Convention Richmond, Virginia, tendo em vinte e sete de dezembro de mil oitocentos e oitenta e seis feito um contrato de compra e venda de uma parte de terras na Fazenda Machadinho na Freguesia de Santa Bárbara, para a fundação de um estabelecimento escolástico e agronômico, e tendo verificado a insuficiência do terreno para tal fim adquirido, por este instrumento resolveu fazer compra e venda de mais uma parte de terras, sob as condições seguintes: o outorgante vende pela quantia adicional de cento e cincoenta mil que nesta data recebe em ato de assinar esta escritura particular e de que dá plena quitação aos outorgados aos quais transfere o domínio inteiro, posse e ações resultantes do imóvel vendido, mais um pedaço de terreno adjacente ao que vendeu em vinte e sete de dezembro passado em quantidade que conjuntamente perfaz uma área de quarenta mil metros quadrados [provavelmente o escrivão tinha em mente escrever quatorze e não quarenta] mais ou menos que fica incluído no perímetro, e marcados nos seus ângulos, com marcos fincados como está descrito ao pé deste instrumento, e assinado por ambas as partes e suas testemunhas. A estes terrenos acima acrescidos, e aqueles que foram vendidos em vinte e sete de dezembro p. pdo. são obrigatórias todas as condições estipuladas no contrato daquela data, e de que o presente instrumento fica sendo parte integral. Por mútua intenção ficou obrigatório ao comprador registrar este instrumento e pagar a sisa e mais direitos do Fisco como se fossem ambos os instrumentos em um só e no valor de trezentos mil réis. Em fé de que é por estarem de acordo o outorgante e o outorgado, assinaram conjuntamente com as testemunhas abaixo. Estação de Santa Bárbara, vinte e oito de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e sete. José Antonio Bueno Rangel, Confirmo est supra. A rogo de D. Maria Marcondes dos Santos, Francisco Duarte da Silva, Daniel Baptista d’Oliveira, Joaquim Augusto Duarte. Perímetros e rumos dos terrenos adquiridos como acima é dito.”...

O perímetro e rumos dos terrenos adquiridos como acima é dito, estão repetidos no documento de 31.01.1889. Por esta razão, decidimos suprimir essa parte na presente cópia. Solicitamos, pois, ao leitor, a consulta do referido instrumento completo, adiante.

E aqui segue o final do que acima está:

“Santa Bárbara, vinte e oito de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e sete José Antonio Bueno Rangel - E. A. Puthuff. Como testemunhas Francisco Duarte, Clement H. Wilmot. Estão conforme as ditas cartas que para aqui transcrevi e entreguei ao outorgado, de que dou fé. Santa Bárbara, vinte e seis de março de mil oitocentos e oitenta e oito. Eu Alfredo Moraes como Escrivão o escrevi.”

O nome Clement H. Wilmot completo era Clement Heatherby Wilmot, um inglês, engenheiro, naturalizado brasileiro e, ao tempo, “em serviço do Estado no cargo de Agente Oficial de Colonização interino”. (Informação colhida do Livro de Naturalizações no Rio de Janeiro e Livro de Juramentos de Estrangeiros naturalizados 1857-1871, p. 141 ou 147, — Códice 46-4-5 e 43-1-71, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.)

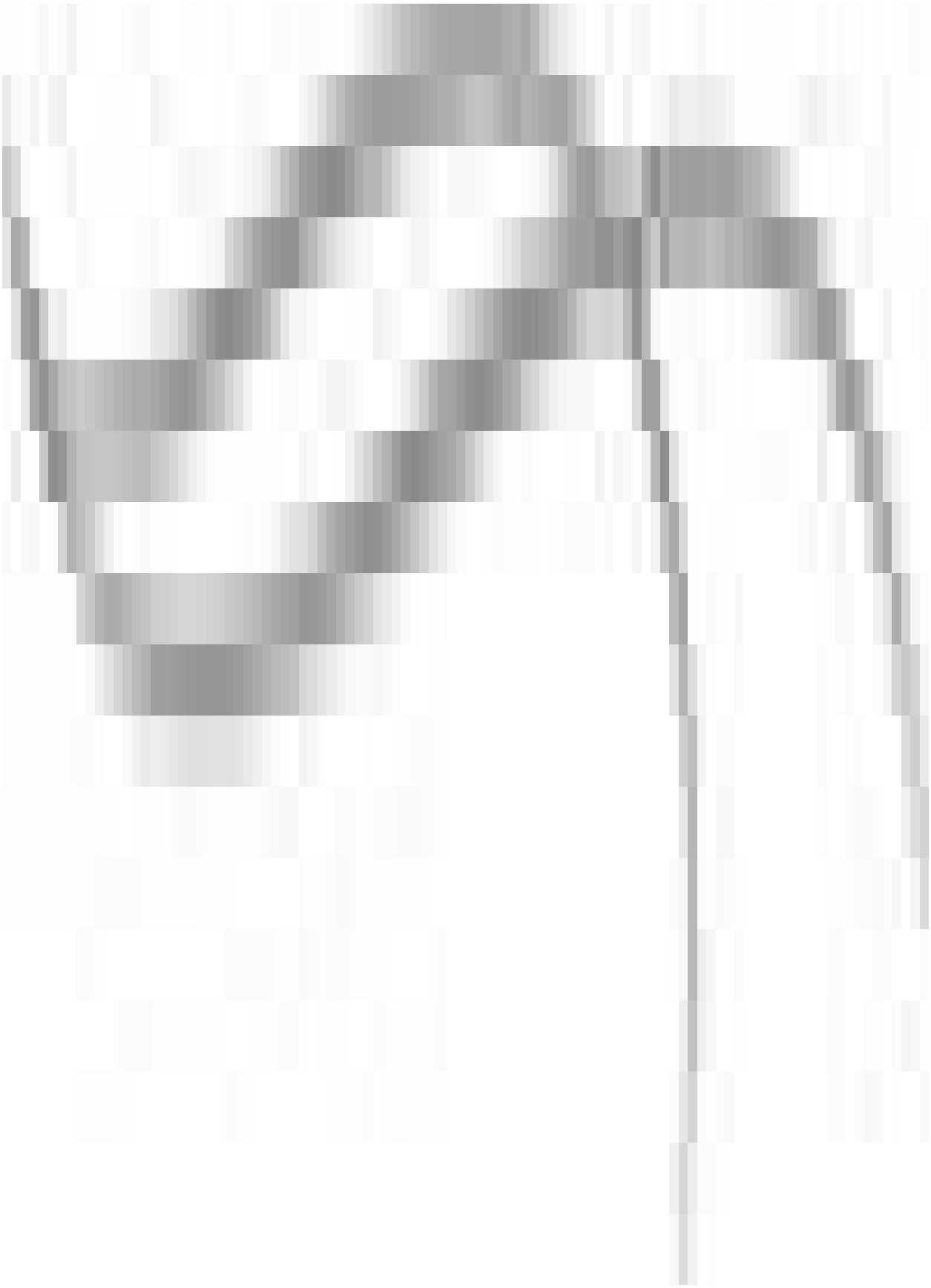


Ata da FMB-SBC, de junho/1888

Junho, 1888

Exoneração

Na sessão da FMB, de junho de 1888, E. A. Puthuff foi exonerado como missionário da mesma. Não sabemos sobre o que ela baseou a sua decisão quando registrou que ele não era qualificado para o trabalho. Temos idéia de que houve um mal-entendido, a julgar pelo fato de reconsideração do ato, posteriormente.

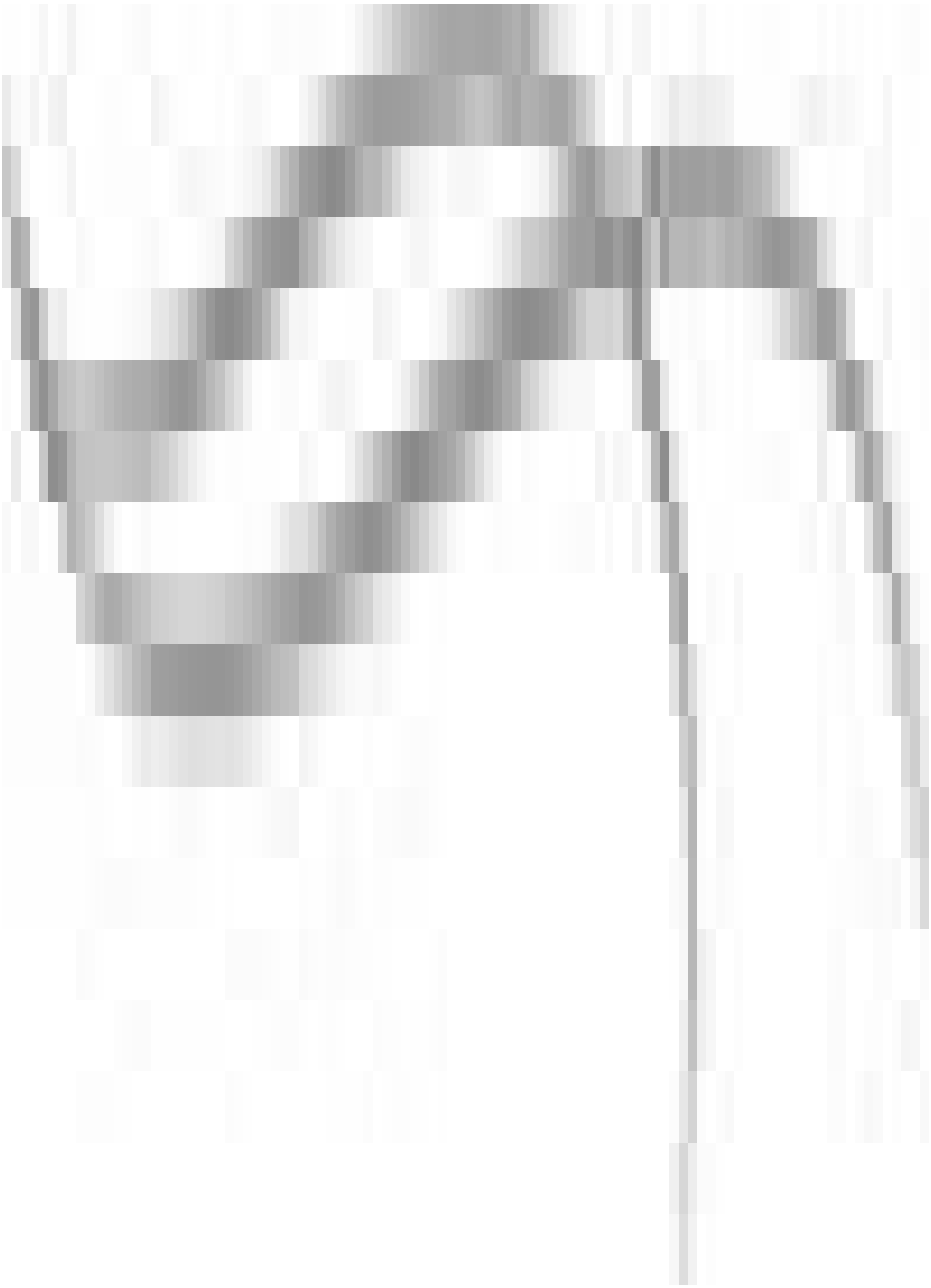


Ata da PIB/RJ

13.07.1888

Carta demissória da PIB/RJ para a PIB/SB

A 13.07.1888, provavelmente, o jovem George William Gooda, neto de Elisabeth Williams, deve ter sido aceito como membro da PIB/SBSP, com carta demissória procedente da PIB/RJ, conforme ata da sessão do dia 03.07.1888.

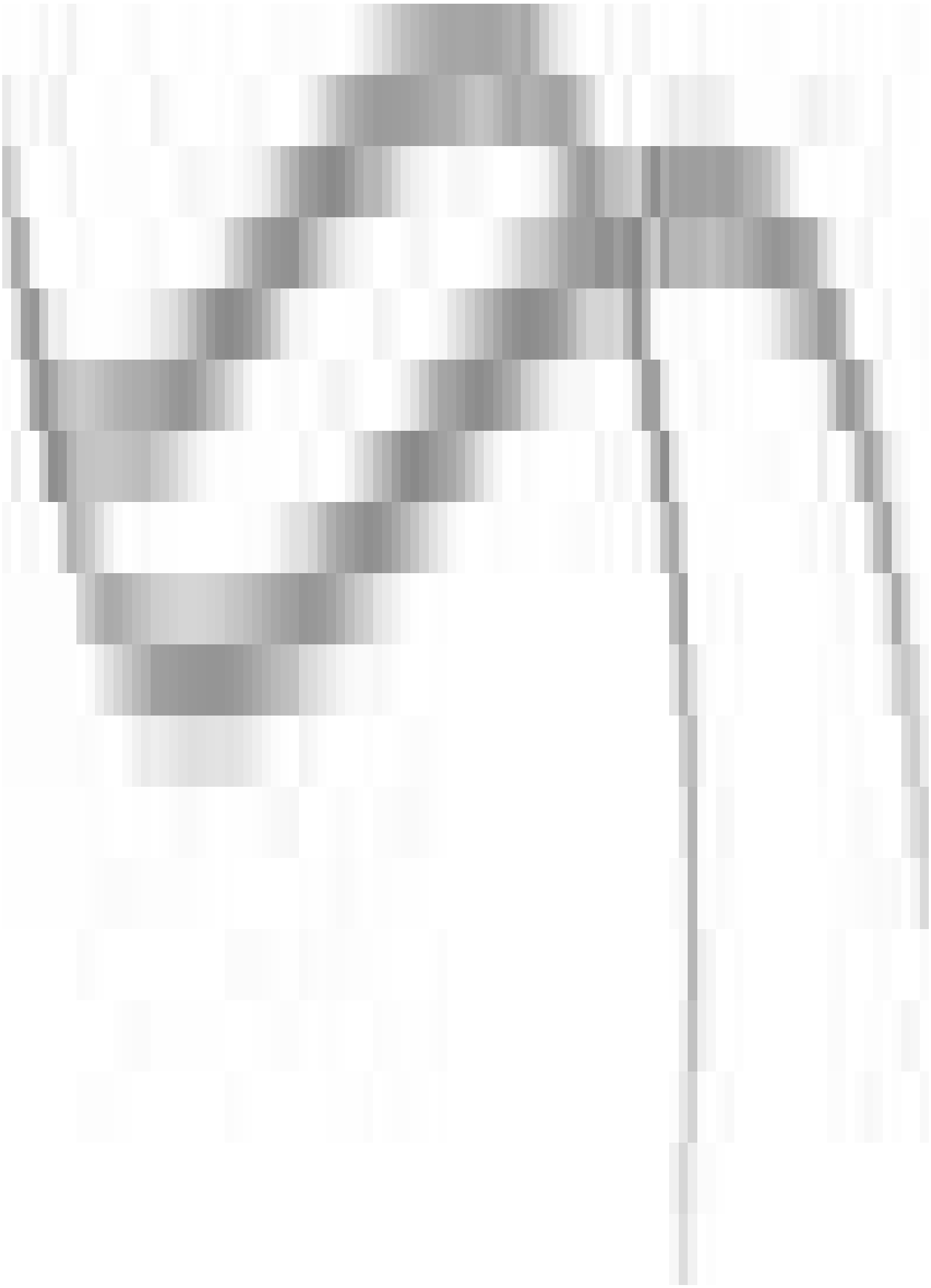


MPRJ, p. 368

21.08.1888

Retorno da missionária

A 21.08.1888, D. Emma Fox Puthuff retornou aos EUA, viajando pelo navio “Advance”, saindo do Rio de Janeiro com destino a Nova York. Ela levou consigo Gracie Gooda, provável irmã de George W. Gooda, acima mencionado.



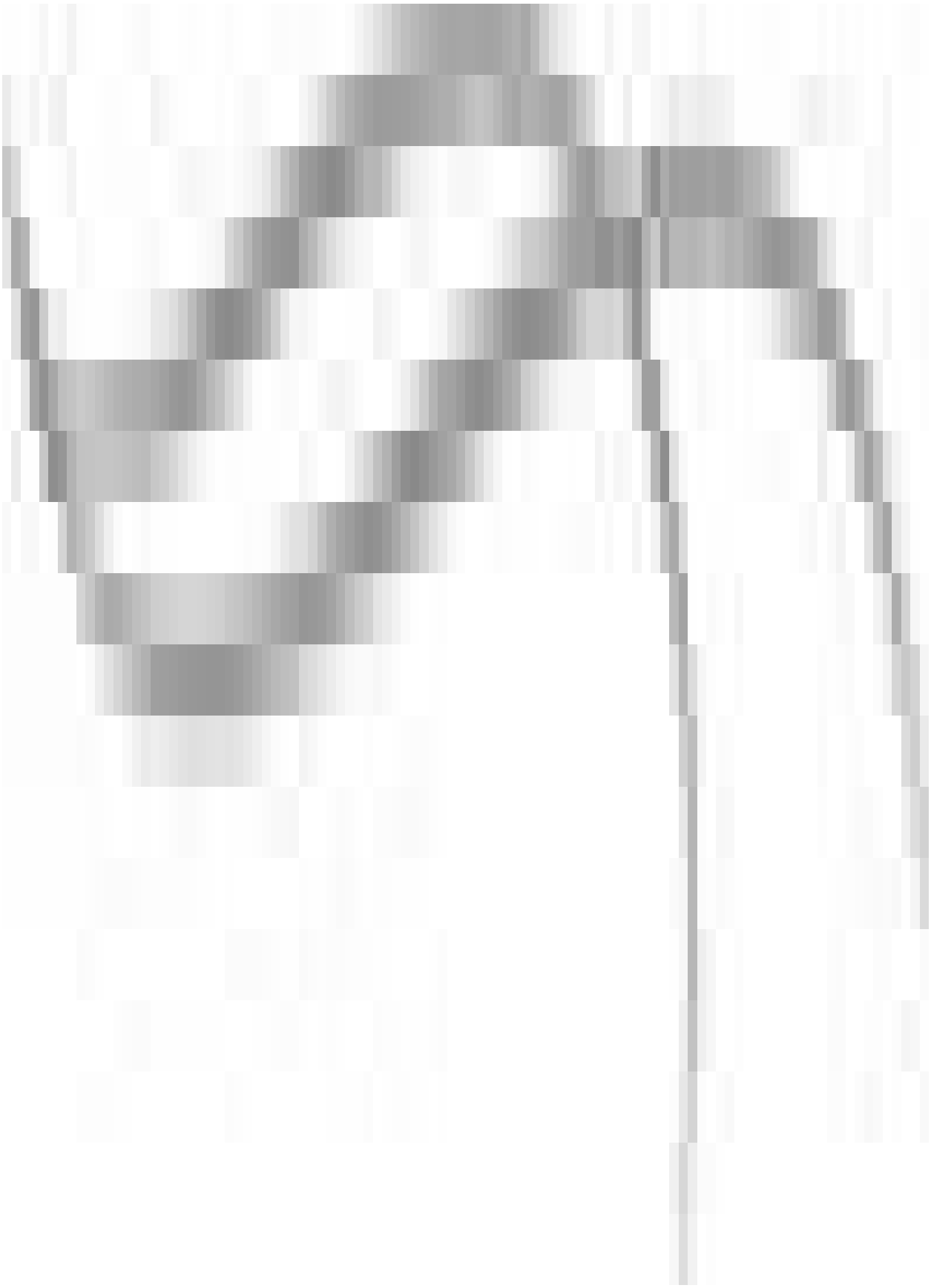
Ata da PIB/RJ

28.08.1888

Cartas demissórias da PIB/RJ para a PIB/SB

A 28.08.1888, a PIB/RJ concedeu cartas demissórias para a PIB/SB aos missionários Charles Davis Daniel e esposa, Lena Kirk Daniel, e ainda para Sebastiana Hanes? (Havis, Harris, ou Ayres ou Ayers?)

Tantos anos são passados, e não descobrimos quem foi aquela Sebastiana! Sem dúvida alguma, ela veio com carta de transferência da Igreja Batista em Santa Bárbara, SP, para a PIB/RJ, e, agora, três meses depois, retornou com carta de transferência para Santa Bárbara. Ao tempo, Dr. W. B. Bagby era o pastor da PIB/RJ.



Livro de Registro de Casamentos acatólicos, p. 16v

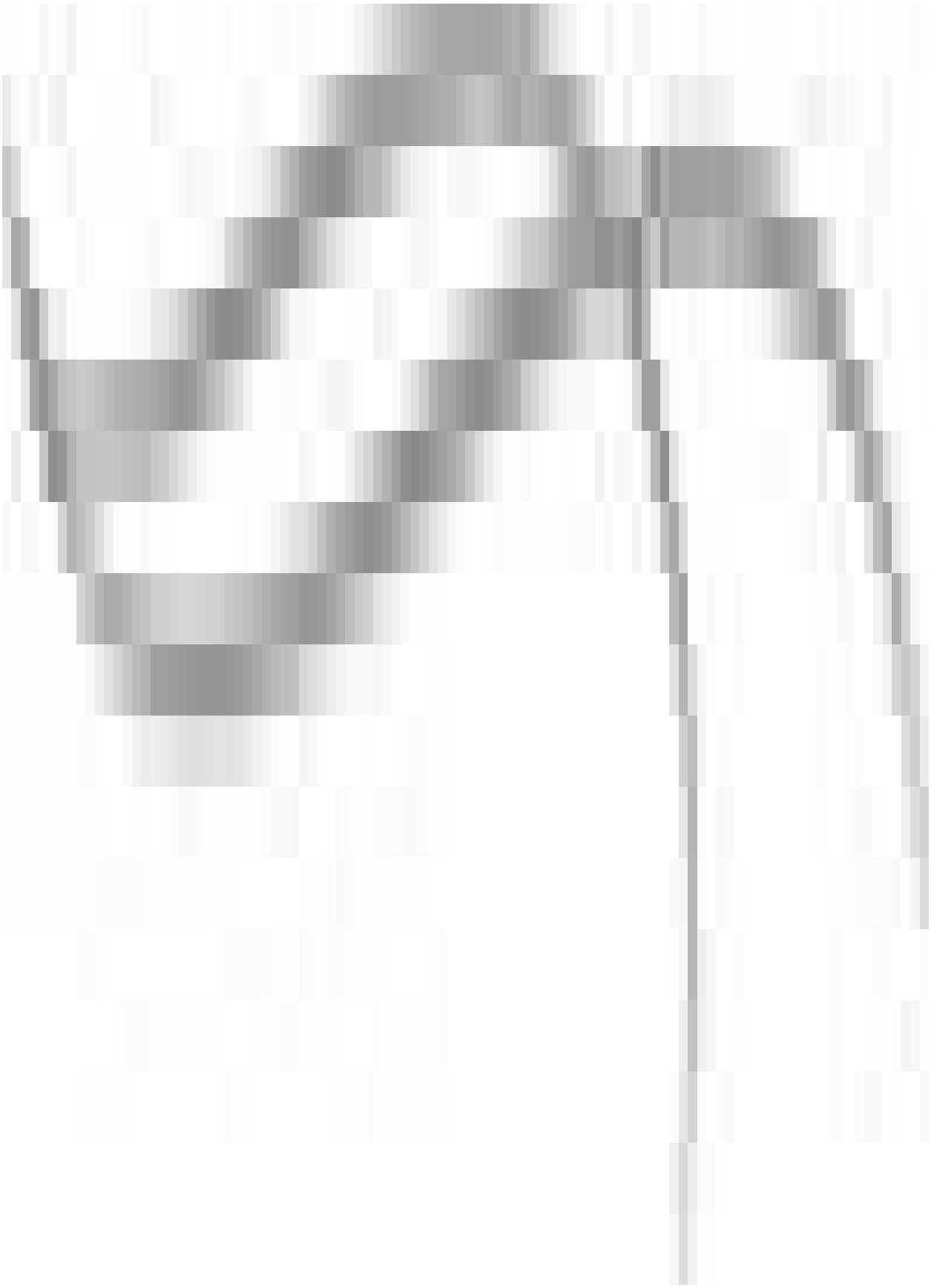
Arquivo da Prefeitura de Santa Bárbara d'Oeste Certidão em nosso arquivo.

19.11.1888

Casamento

A 19.11.1888, em SB, realizou-se o casamento dos jovens George William Gooda e Sarah E. Russell, na residência de Abram Curtis Thomas, com a cerimônia das bodas dirigida pelo missionário E. A. Puthuff. O jovem George era filho de Elisa Gooda, que, ao tempo, encontrava-se nos EUA, e neto de Elisabeth Williams, tinha 19 anos de idade, sendo inglês. A jovem Sarah era filha de "Yancy Russell", brasileira. Foram testemunhas: o missionário Charles Davis Daniel e Abram Curtis Thomas.

No registro acima os dados referentes à jovem são poucos. Deduzimos que "Yancy" era parte do nome do seu pai, que deveria ser Samuel Yancey McRussell, juntando as diversas informações a seu respeito. Mas, não temos condições de provar que assim tenha sido. No Doc. de 20.06.1880, há um S. J. (ou Y?) M. Russell, como secretário da Igreja da Estação. Temos a idéia de que esse Russell era um inglês.



Cartório de Notas, SBSP

Livro de Notas nº 28, p. 17 a 19

Certidão em nosso arquivo

31.01.1889

Escritura de Compra e Venda(Ver Doc. de 26.03.1888, pág. 544)

A propriedade adquirida pelo missionário E. A. Puthuff, em duas etapas, com o registro das duas cartas de venda registradas na data de 26.03.1888, é agora vendida para o Sr. Charles Montagne Hall, conforme segue:

“Escritura pública de compra e venda que fazem Eduard Allen Puthuff e sua mulher, Dona Emmie Fox Puthuff, de uma casa e terreno a Charles Montagne Hall, pela quantia de 4:000$000.

Saibam quantos este público instrumento de compra e venda virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e oitenta e nove, aos trinta e um dias do mês de janeiro do dito ano, nesta Vila de Santa Bárbara, Termo de Piracicaba, em meu cartório compareceram partes justas e contratadas a saber, como vendedores Eduard Allen Puthuff por si e como procurador de sua mulher Dona Emmie Fox Puthuff, com a profissão de ministro da I (digo) da religião Batista, residente neste município, e como comprador Charles Montagne Hall, lavrador, residente neste município, reconhecidos de mim Escrivão pelos próprios de que trato e das testemunhas no fim nomeadas e assinadas — Teor da Procuração escrita em língua inglesa e traduzida pelo intérprete do comércio da praça de Santos o qual é a seguinte: Eu, E. O. Broad, intérprete do comércio da Praça de Santos, declaro que pelo senhor Henry Broad, vice-consul dos Estados-Unidos nesta Cidade, me foi entregue para traduzir da língua inglesa para

nacional os seguintes documentos: Saibam todos que eu Emmie Fox Puthuff, mulher de E. A. Puthuff, do Brasil, Sul-América, pela presente declaro que nomeio o mencionado E. A. Puthuff meu procurador em fato, com pleno poder para vender e dispôr, em fundo [?] absoluto, com garantia geral de título, o terreno possuído por nós e situado perto da Estação de estrada de ferro chamada Santa Bárbara, no distrito de Piracicaba, Província de São Paulo, Brasil, Sul-América, de qualquer e todos os bens de raiz, pertencente a mim no Brasil, Sul-América. Testemunha o meu sinal aos quatro dias de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito, assinado Emmie Fox Puthuff. Estado do Mississippi, Distrito de Calhoun. Pessoalmente apareceu na presença do abaixo assinado, ex-ofício Juiz de Paz do Distrito de Calhoun e Estado sobredito, a senhora Emmie Fox Puthuff, quem reconhece que assinou o documento junto para os fins no mesmo contidos com o seu livre arbítrio e ação testemunha o meu sinal quatro de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito, assinado I. [J?] F. Cardwell, ex-ofício Juiz de Paz, Estado do Mississippi, Distrito de Calhoun. Eu. G. W. Miller, Escrivão do Tribunal da Chancelaria dentro e para o dito distrito, pelo presente certifico que I. F. Cardwell do qual assinatura oficial aparece no certificado de atestação. Junto, está agora e estava na época que ela assinou o mesmo Juiz de Paz deve dar nomeado e em exercício dentro e para o dito Distrito e todos os seus atos devem merecer plena fé e crença testemunha o meu sinal e selo de oficio em cinco de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito assinado G. W. Miller, Escrivão está o selo da Chancelaria do Estado do Míssissippi, Consulado dos Estados-Unidos Santos em cinco de janeiro de mil oitocentos e oitenta e nove. Eu, Henry Broad, nesse Consulado dos Estados-Unidos, para Santos e dependência deste Consulado pelo presente certifico que acredito que a assinatura de G. W. Miller, Escrivão do Tribunal da Chancelaria, Distrito de Calhoun, Estado do Mississippi, ao pé do certificado junto do mesmo, está verdadeira e genuína e como tal deve merecer plena fé e crença testemunha o meu sinal e selo deste Consulado no dia e ano supra-mencionado assinado Henry Broad neste Consulado está o selo do Consulado Santos Br (digo) dos Estados-Unidos em Santos Brasil estão conforme com originais. Santos, vinte e seis de janeiro de mil oitocentos e oitenta e nove. E. O. Broad intérprete comercial. Reconheço verdadeira a firma de E. O. Broad que se vê na página retro do que dou fé. Santos; vinte e oito de janeiro de mil oitocentos e oitenta e nove. Arlindo - - - - - - - -[os traços indicam espaço em branco]. Nada mais se continha em dita Procuração. Pelo vendedor e por si e como procurador de sua mulher que são senhores e legítimos possuidores de uma casa e terrenos situados na fazenda denominada Machadinho, na Estação de Santa Bárbara, linha férrea da Companhia Paulista, cujo terreno tem as divisas seguintes a partir de um ponto

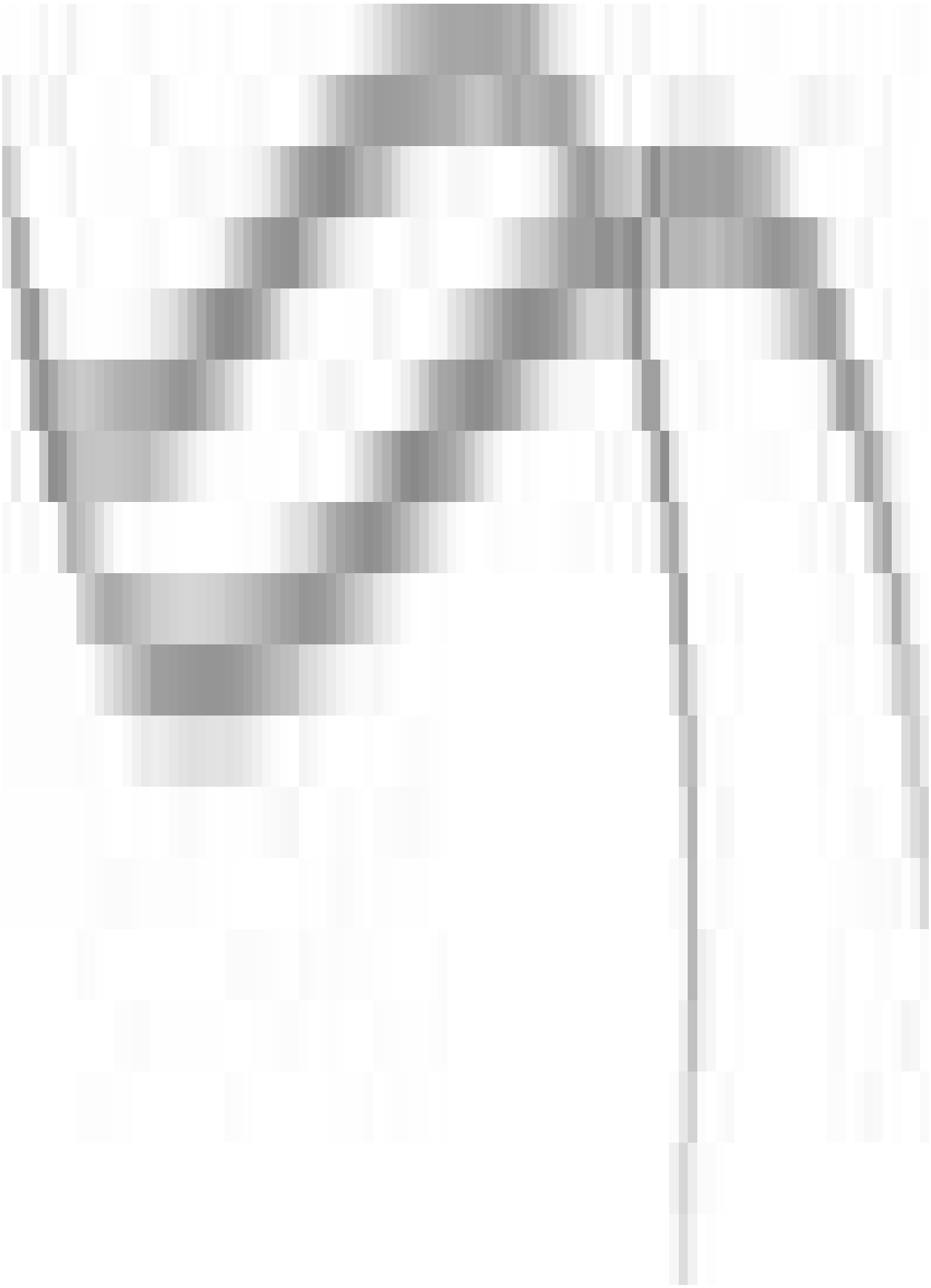
na cerca do pasto da Fazenda Machadinho na junção deste com a vala [ou valo] que existe quase paralela com a Estrada da Vila de Santa Bárbara é fincado um marco de madeira de um metro de comprimento e oitavado na cabeça, onde há introduzido uma barrinha de cobre, segue a linha pelo valo existente duzentos metros no rumo Oeste 5.º Norte até o segundo marco igual ao primeiro, e daí segue no rumo Norte 5.º Leste cem metros, até o terceiro marco igual aos outros, até outro marco igual, a distância de cento e onze metros e rumo Leste 10.º Sul até o quarto marco igual aos outros e daí no rumo Sul 5.º Oeste, a distância de cento e sessenta e cinco metros a encontrar o primeiro marco onde principiou contendo uma área de cerca de quarenta mil metros quadrados [??] cujos terrenos eles vendedores compraram de José Antonio Bueno Rangel e sua mulher em vinte e sete de dezembro de mil oitocentos e oitenta e seus em contrato content (digo) contendo quatro cláusulas, e pela presente escritura vendo a casa e terrenos acima descritos e vendidos ao outorgado comprador com as mesmas condições e cláusulas do referido contrato de vinte e sete de dezembro de mil oitocentos e oitenta e seis pela quantia de quatro contos de réis e ao comprador transfere todo direito e domínio em tudo na mesma casa e terreno. Pelo comprador foi dito que aceita a presente escritura conforme está declarado e apresentou o bilhete de sisa do teor seguinte: Número trinta e sete. Exercício de mil oitocentos e oitenta e oito Réis duzentos e cincoenta e dois mil réis. A folhas dezenove do Livro Caixa fica debitado ao atual Coletor pela quantia de duzentos e cincoenta e dois mil réis recebida do senhor Carlos Montagne Hall seis por cento q (digo) cento de quatro contos de réis e o adicional de cinco? por cento preço por quanto comprou do senhor E. A. Puthuff e sua mulher uma casa e terrenos neste município. Coletoria de Rendas Gerais da Vila de Santa Bárbara em vinte e dois de outubro de mil oitocentos e oitenta e oito. O Coletor José Antonio Pinto Duarte. O Escrivão José Alexandre C. Barros. De como assim ---------- lavrei esta Escritura por me ser pedida que lida acharam conforme e assinam com as testemunhas Dr. Francisco de Paula Martins e João Ridley Buford. Eu Ezequiel da Costa Machado, Escrivão escrevi.”

Encerram o documento acima as assinaturas de Eduardo Allen Puthuff, Carlos Montagne Hall, João Ridley Buford e Francisco de Paula Martins.

No documento acima, aparece outra vez o total de “cerca de quarenta mil metros quadrados” para a área do terreno adquirido. Entretanto, se os lados do terreno

tinham 200 x 100 x 111 x 165 metros, respectivamente, a área total deveria ser cerca de 14 mil metros quadrados. No primeiro documento menciona que a área adquirida era de 7 mil metros quadrados. Se a segunda área seria em parte igual à primeira, logo teríamos 14 mil metros. O importante na questão é que um terreno foi comprado e benfeitorias foram feitas e depois vendidas a Charles M. Hall.

Observem-se as quatro cláusulas estipuladas no primeiro documento e mantidas no segundo.



SBCA,

maio/1889, p. xvii , xviii;

maio/1890, p. xxvii , xxviii;

maio/1891, p. viii, ix;

FMJ, março/1889, p. 2, c. 3, 4

abril/1889, p. 2, c. 4, 5

Fevereiro, 1889

Organização da Missão

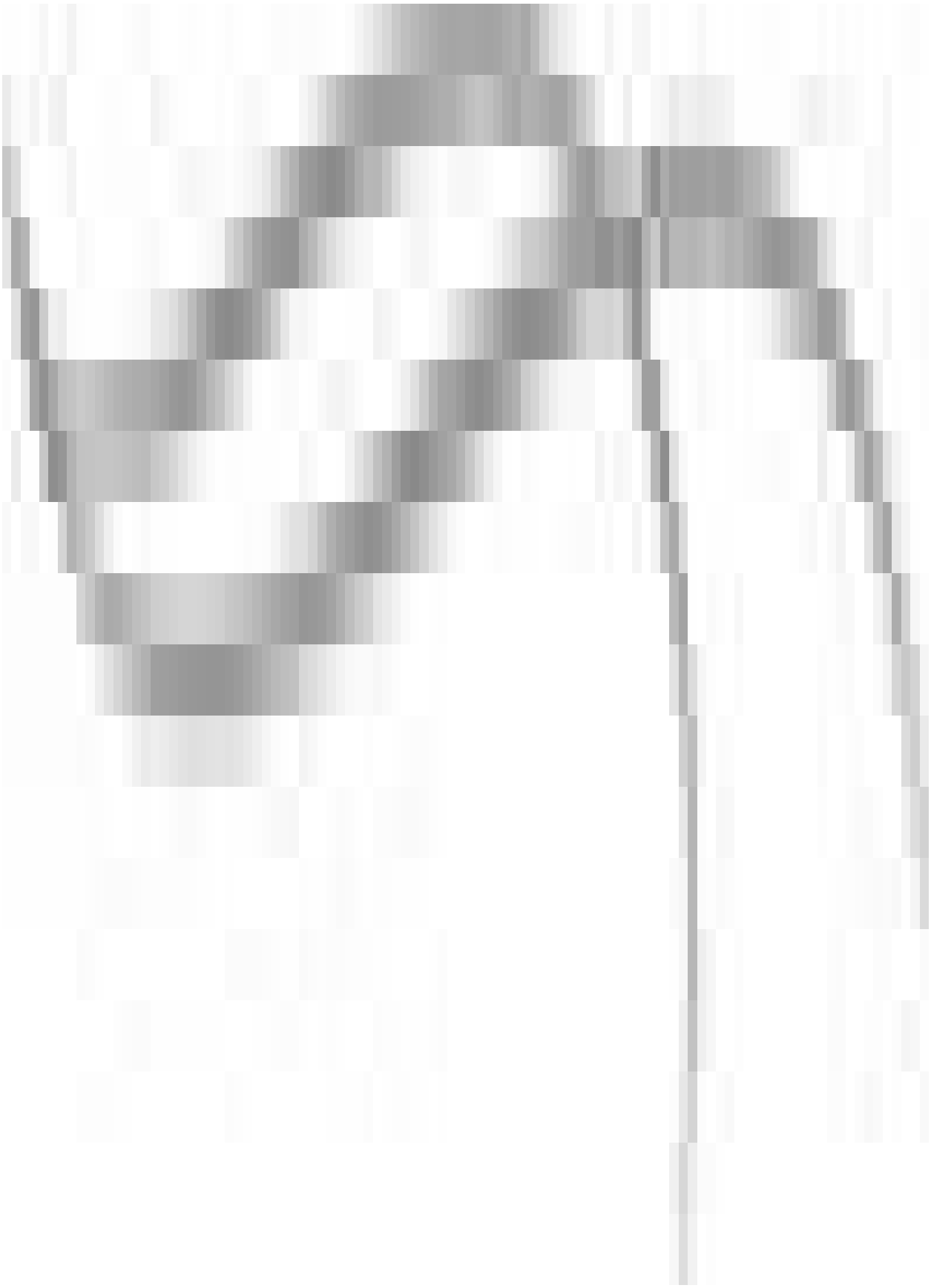
em Juiz de Fora —MG

A Missão em Juiz de Fora, MG, foi organizada na primeira quinzena de fevereiro de 1889, também, sua primeira igreja, pelo missionário Charles Davis Daniel. Pode ter ocorrido a presença do missionário E. A. Puthuff. Na carta que E. H. Soper enviou do Rio, para a FMB, datada de 15.02.1889, ele diz:

"... Semana passada fui visitar a nova Missão em Minas Gerais e passei ali alguns dias com o casal Daniel. (...) À noite preguei na casa do irmão Daniel. A sala estava repleta e havia cerca de 70 pessoas presentes. Embora eu tenha falado por mais de uma hora, sobre Romanos 10.8, todos estavam muito atentos."

Incluímos estes dados aqui com vistas a um estudo posterior no sentido de se definir a possível estada do missionário Puthuff, na ocasião, assim, também, em que condições ele e o casal Daniel conduziram as suas cartas demissórias, se

estavam ligados à PIB/SBSP.



Cartório de Registro Civil, SBSP

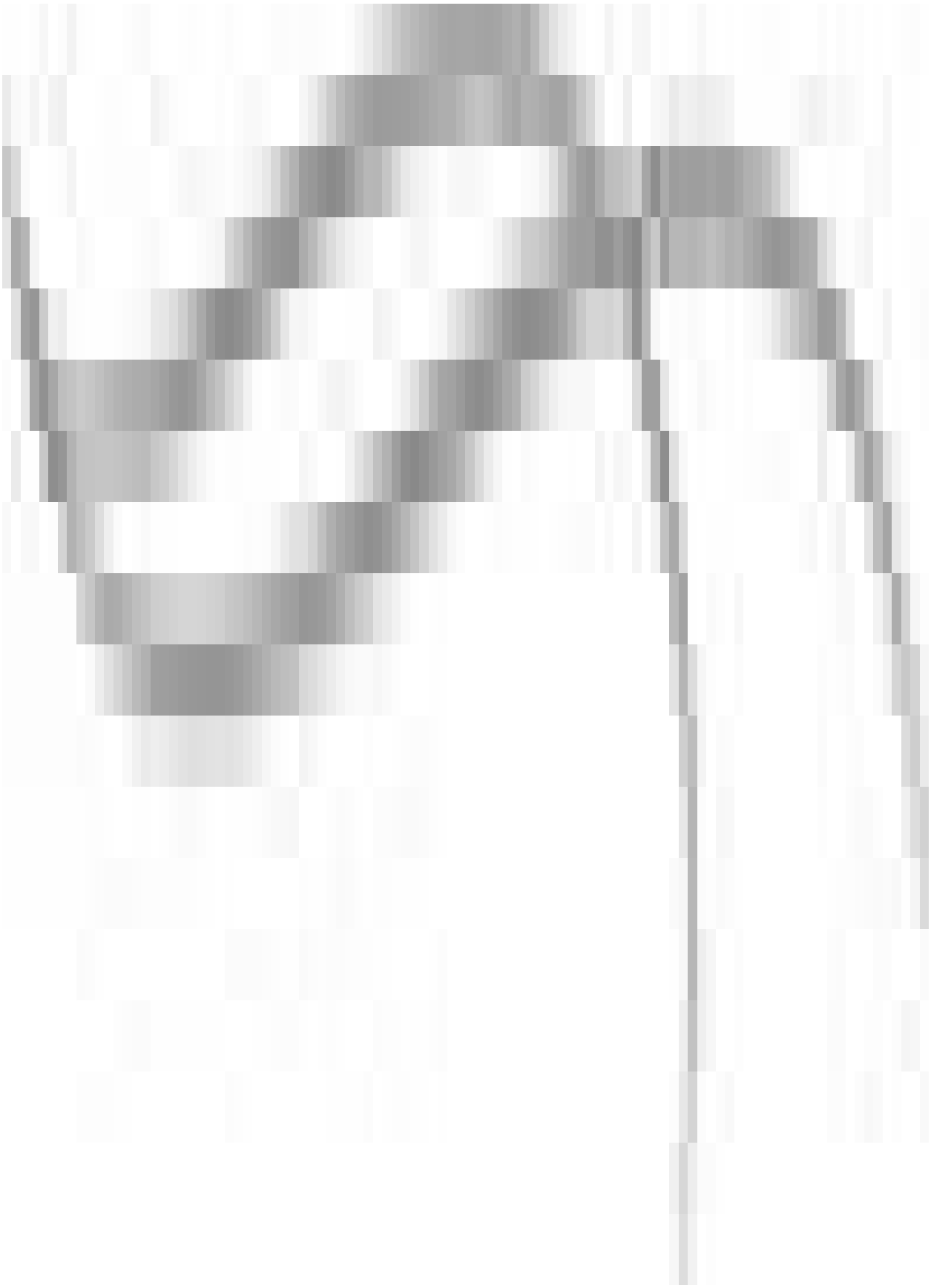
Livro C-2, fls. 31, sob nº 68

Certidão em nosso arquivo

21.03.1889

Falecimento

A 21.03.1889, em SBSP, faleceu a Sra. Elisabeth Williams, inglesa, com 77 anos de idade. (Ver parte “B” — Elisabeth Williams, pág. 365.) Ela foi sepultada no Cemitério do Campo. Não há marca do seu túmulo. Ela foi uma das fundadoras da PIB/RJ. Em 1888, viera com carta de transferência da referida igreja, para a PIB/SB.

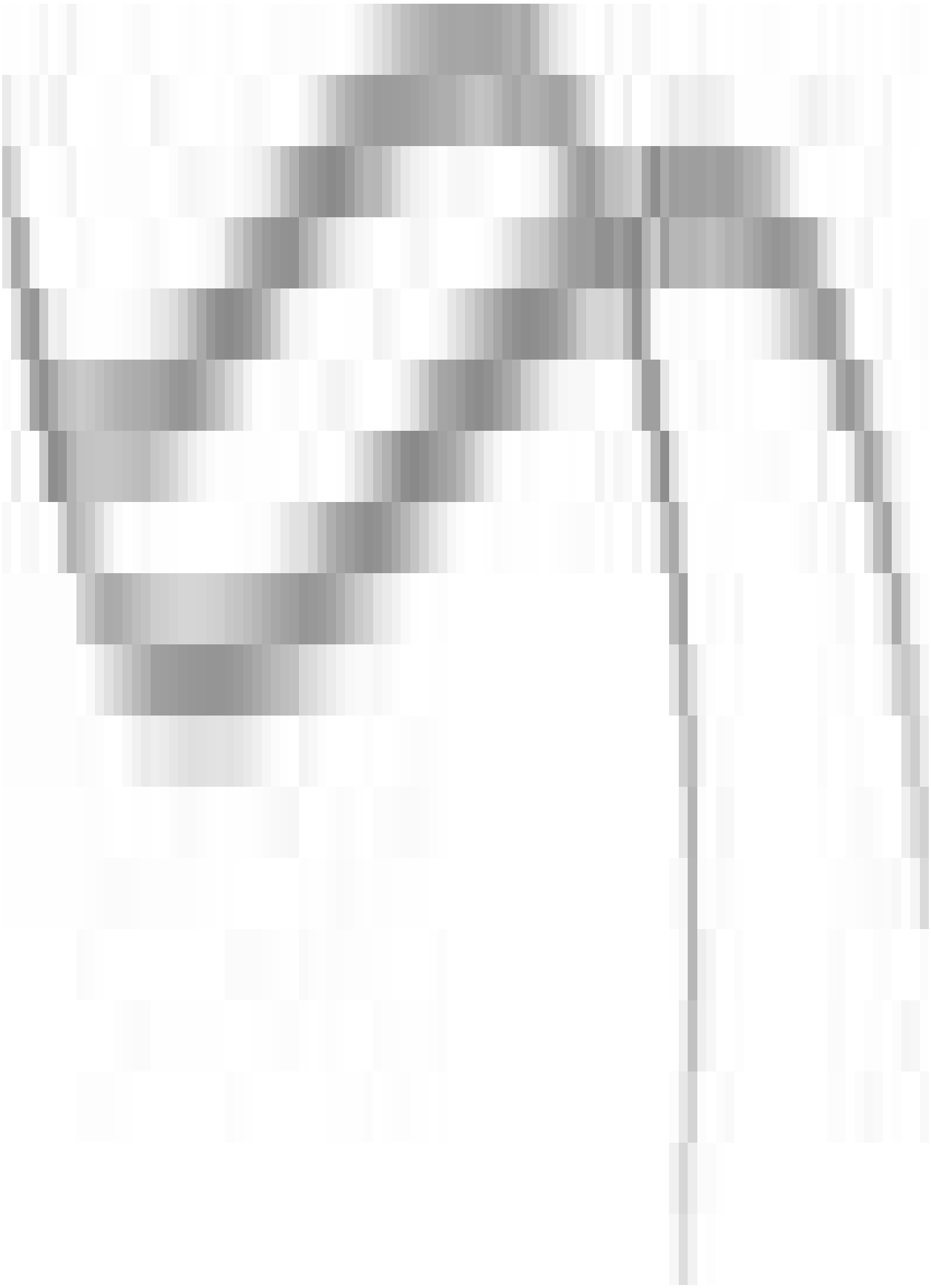


MPRJ, p. 377

11.04.1889

Viagem de retorno

A 11.04.1889, o missionário E. A. Puthuff embarcou no Rio de Janeiro, de retorno ao seu país, seguindo pelo navio “Finance”, com destino a Nova York. Foi um retorno definitivo.



SBCA, maio/1889, p. xv, xvii

Maio, 1889

Informações

“Itinerância. A Província do Rio de Janeiro tem uma população de 1 milhão de almas. Fora da sua capital, do mesmo nome, não há missionário. Em pequenas viagens feitas pelos irmãos Bagby e Soper, o povo ouviu a palavra alegremente — alguns dos quais a ouviram pela primeira vez. Não há dúvida de que os distritos rurais e pequenas cidades são mais accessíveis à verdade do que os grandes centros, os quais parecem quase envolvidos em infidelidade e ateísmo. Nossos missionários solicitam, com insistência, por generosos recursos para as viagens evangelísticas. A Junta não está inteiramente certa de que não seria viável transferir a Missão do Rio, se bem que não tenha tomado qualquer medida nesse sentido. (...)

Os irmãos Daniel e Puthuff tão logo chegaram ao Brasil sugeriram à FMB a abertura de uma nova Missão onde os dois pudessem trabalhar juntos. Os Drs. Bagby e Taylor já haviam solicitado à mesma a abertura de uma Missão em Minas Gerais. Após as devidas considerações a FMB resolveu abrir a nova Missão proposta e ali colocar aqueles dois irmãos. Entrementes, a Sra. Puthuff, cuja saúde não é boa, voltou para este país. O irmão Puthuff aceitou a nova indicação para aquele campo. Mas a FMB ainda não tem ciência de que ele tenha ido para lá.”

A propósito do primeiro item, temos o seguinte registro extraído da p. 49, de HIPB-I:

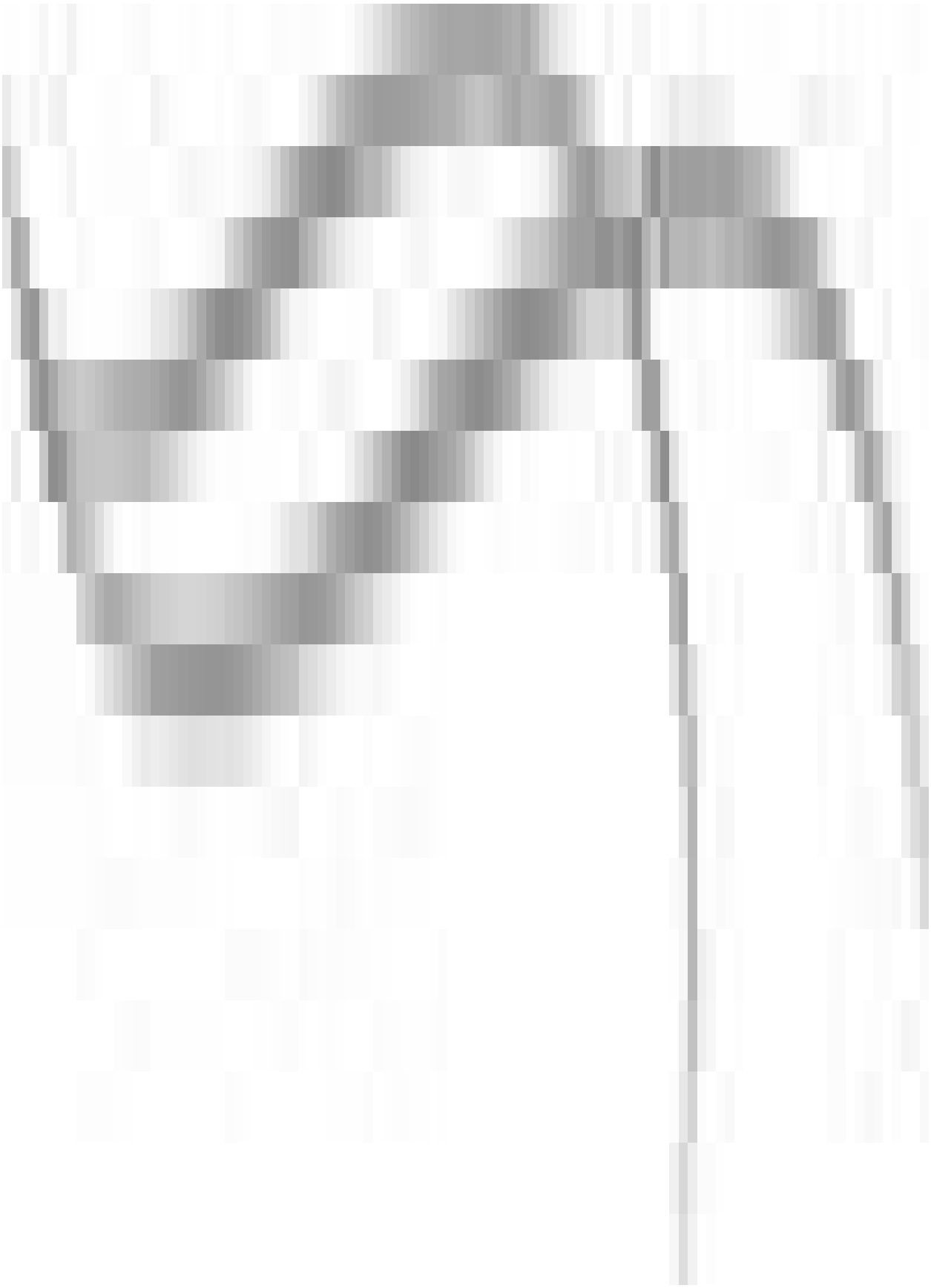
“... O trabalho se faz muito nos sítios; Chamberlain vê nisto vantagens. A simplicidade de vida livra os roceiros de ‘embaraços sociais’; também com oposição organizada o trabalho evangélico teria menos probabilidade de vingar.”

15.11.1889

Proclamação da República

A data de 15.11.1889 dá ao Brasil, uma nova era política, com a proclamação da República. Alguns decretos do Império, conforme relacionamos adiante, já indicavam certa abertura na feitura das leis, com vista à vida civil. Assim temos o Decreto nº 3.316, de 11.06.1887, que aprovou o “regulamento acerca do registro dos nascimentos, casamentos e óbitos, e autoriza o governo a reformar o mesmo regulamento.” O de nº 9.886, de 07.03.1888, mandava “observar o novo regulamento para a execução do art. 2º da Lei nº 1.820, de 09.09.1870, na parte que estabelece o Registro Civil dos nascimentos, casamentos e óbitos, de acordo com a autorização do art. 2º do Decreto 3. 316, de 11.06.1887.”

O Decreto nº 10.044, de 22.09.1888, veio fixar o dia “em que deve começar a ter execução, em todo o Império, o Regulamento do Registro Civil dos nascimentos, casamentos e óbitos.”

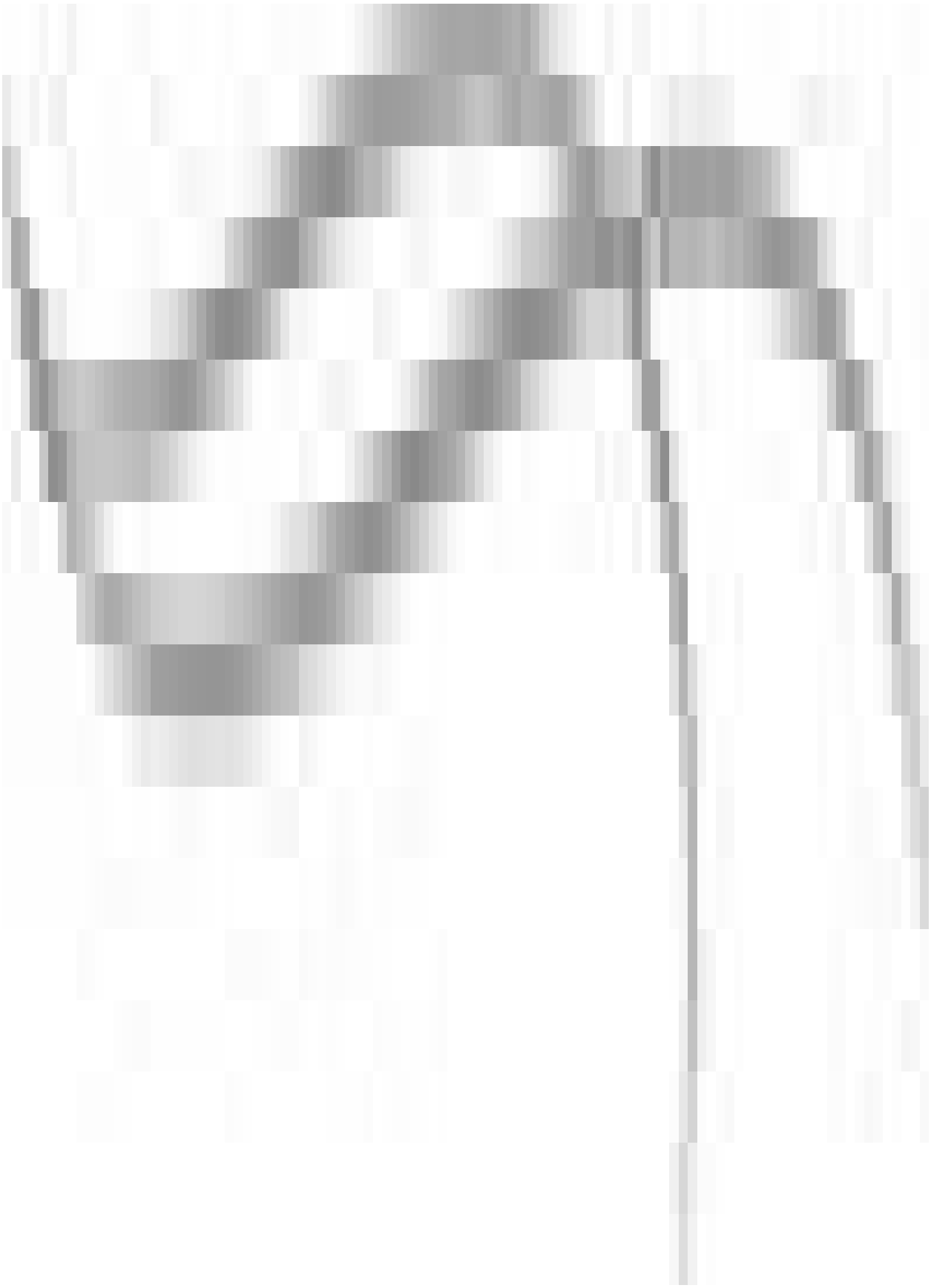


Apesar dessa preparação, tudo aquilo que foi estabelecido teve a sua execução de forma lenta, mesmo depois da proclamação da República. Até certo ponto, isto seria natural, porém, houve casos quando as autoridades municipais mantiveram os decretos antigos. Este foi, por exemplo, o caso do cemitério em Piracicaba, quando a parte separada para os acatólicos foi mantida até muito tempo depois. O muro que fazia a separação foi desbastado, mas, até 1976, ainda encontramos vestígios daquele muro! O de São Paulo, rua Sergipe, 177 (Consolação) ainda era mantido até recentemente.

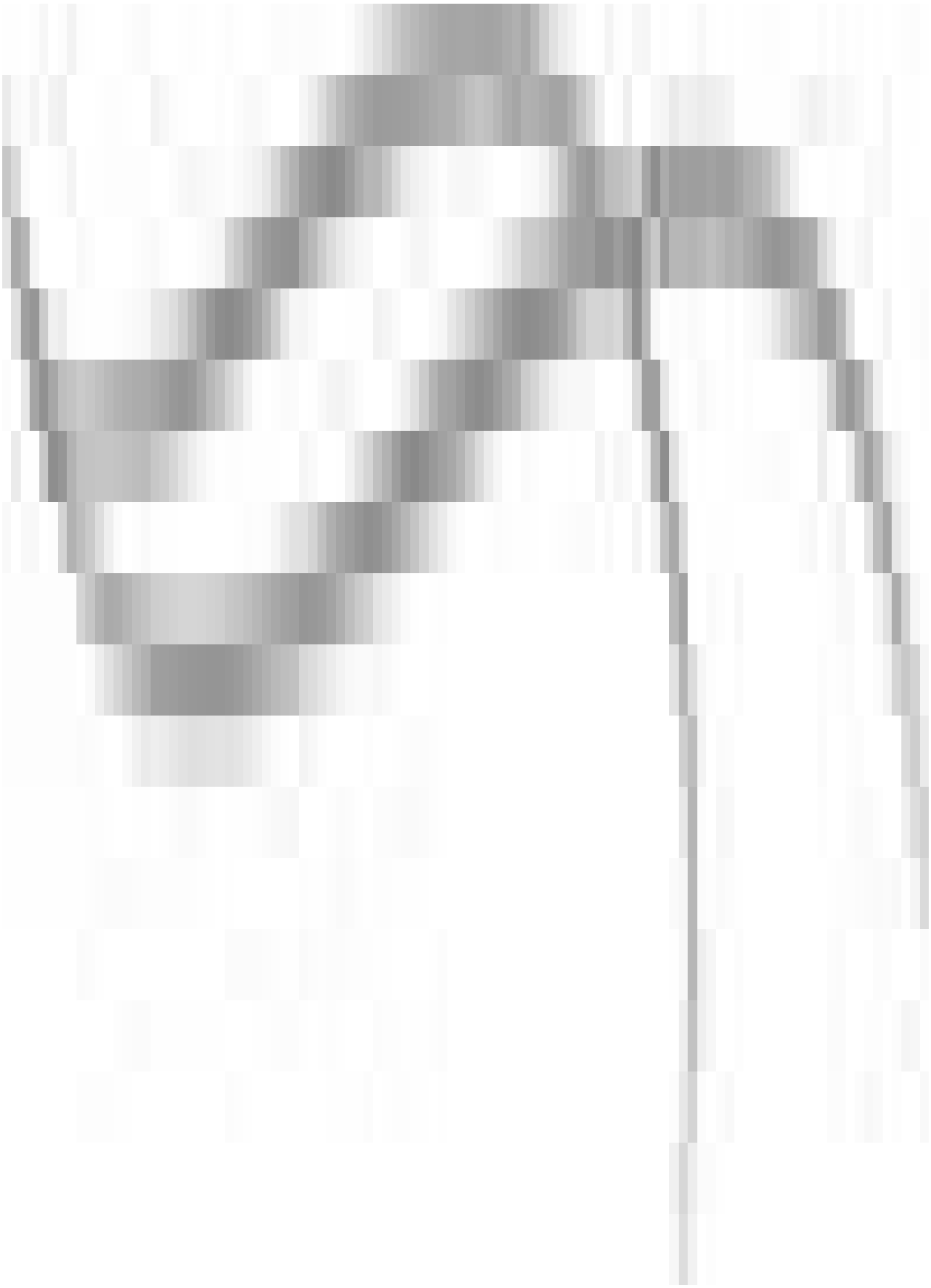
O Decreto n 58-A, de 14.12.1889, atingiu o grupo de emigrados dos EUA, em SBSP. Diversos deles compareceram à Câmara Municipal e declararam manter a sua nacionalidade.

O Decreto nº 119-A, de 07.01.1890, diz no seu título: “Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências”.

O Decreto nº 789, de 27.09.1890, “Estabelece a secularização dos cemitérios”.



Incluímos neste ponto as citações acima, pelo que trouxeram de benéfico, para os acatólicos, incluindo o grupo que se encontrava estabelecido em SBSP. Desde então, os registros de nascimentos, casamentos e óbitos passaram a ser feitos nos Cartórios de Registro Civil



FMJ, junho/1890, v. 21, p. 2, c. 3,4

17.04.1890

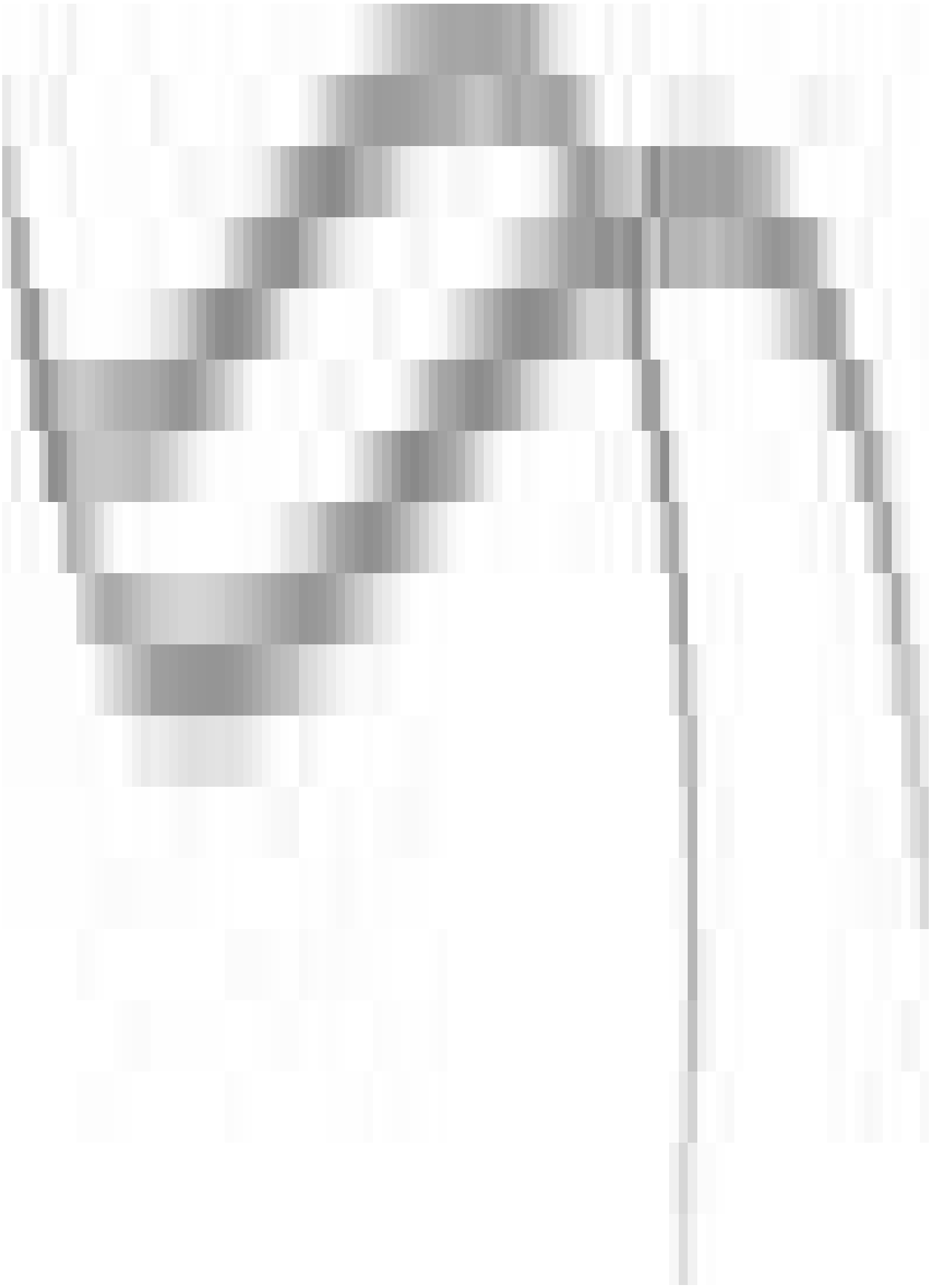
Carta do Rio

De Emma Morton

Para FMB

Pelo menos, uma vez, os irmãos em Santa Bárbara, receberam a visita da missionária Emma Morton, conforme escreveu para a FMB:

“...Passamos o mês de janeiro e parte de fevereiro na região perto de Santa Bárbara, onde há uma igreja batista americana de 40 membros. O Sr. Bagby pregou tanto em inglês como em português durante o pouco tempo que ele esteve ali. Há muito trabalho para ser feito em torno da vila entre os portugueses e americanos.”

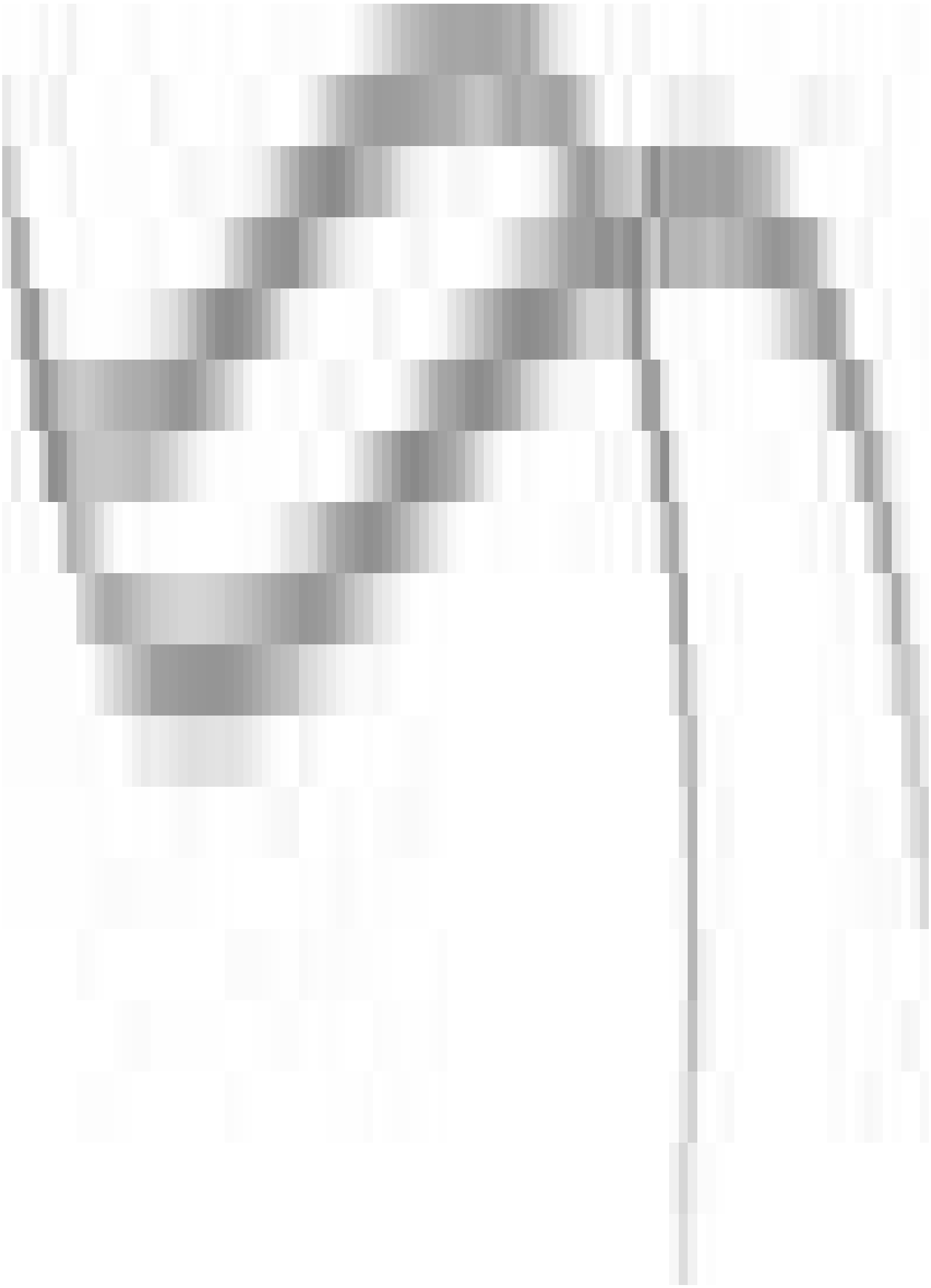


NAITR, p. 18

27.08.1890

Falecimento

A 28.08.1890, faleceu em SBSP, P. P. Alexander Fenley, com 43 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo.

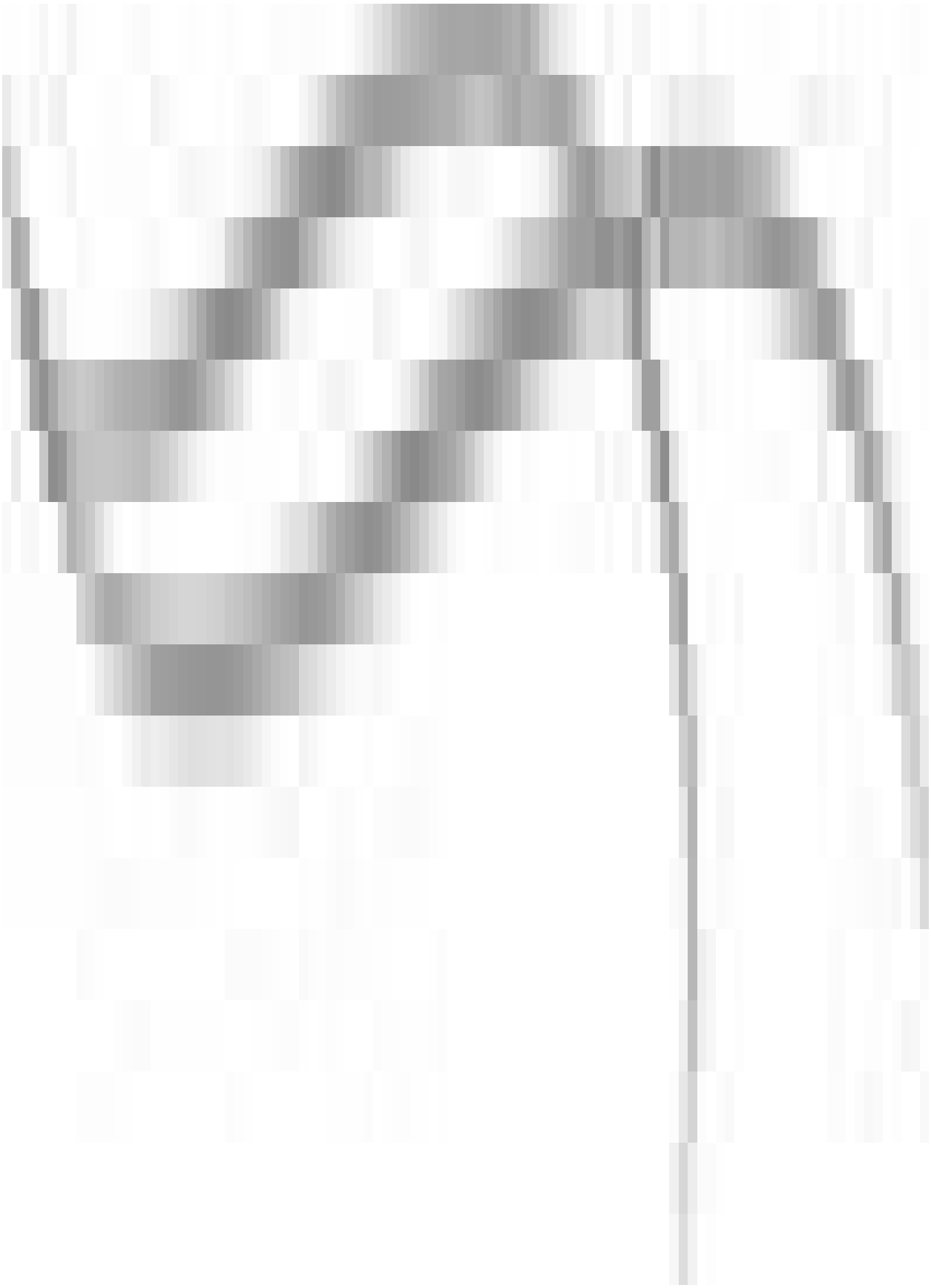


NAITR, p. 15

27.09.1890

Falecimento

A 27.09.1890, faleceu em SBSP, Jane — “Jannie” — Whitaker, com 70 anos de idade. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Deixou viúvo o Sr. Orville Whitaker. O casal não deixou filhos. O testamento de Jane, feito a 16.06.1883 (Livro de Notas, nº 20, p. 81v e 82, Cartório de Notas em SBSP), deixou os seus bens para os seus irmãos G. W. Moore, A. J. Moore, E. E. Moore e Richard A. Moore.

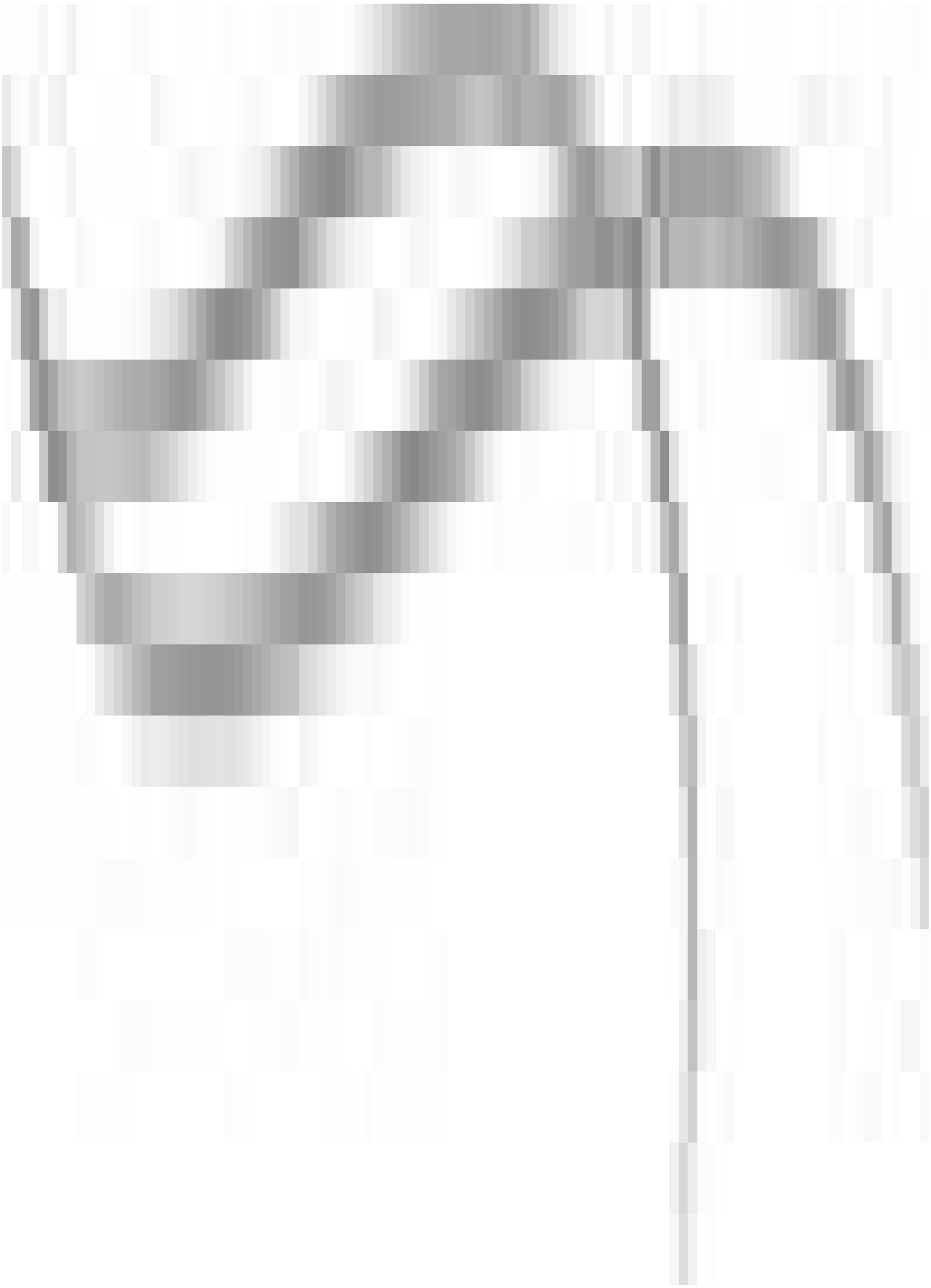


SBCA, maio/1891, p. ix

Maio, 1891

Relatório

A partir do ano de 1888, começaram a escassear as informações sobre o trabalho em SB. Em 1891, aparece nos Anais da SBC uma referência no relatório dado por Dr. Bagby, dando ênfase ao fato de que ele apelava, com insistência, por ajuda para o trabalho em SBSP, onde ele havia iniciado o seu trabalho no Brasil e onde muito do seu coração permanecia.



FMJ, set./1891, v. 23, nº 2, p. 52,53

06.07.1891

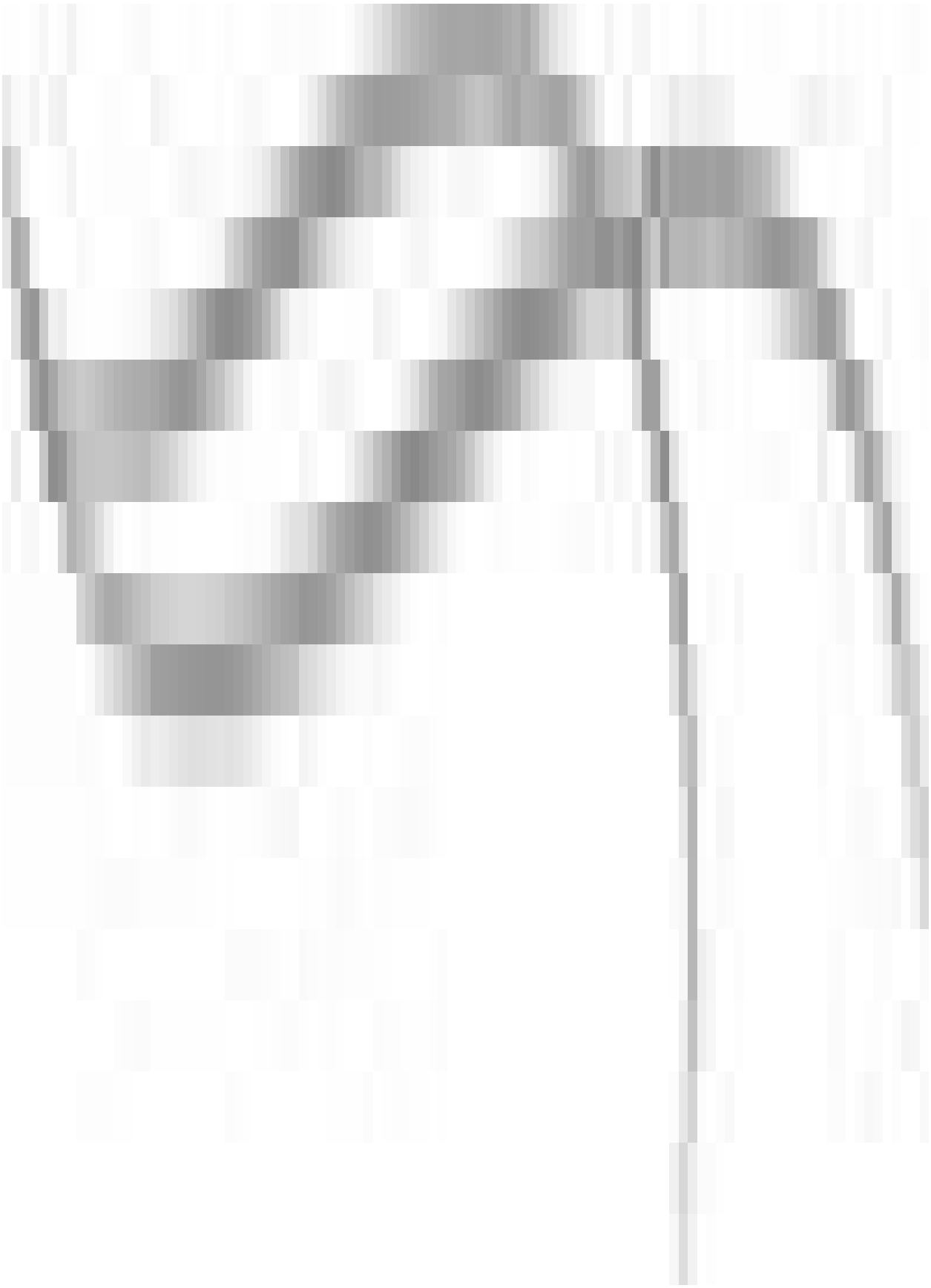
Carta de Juiz Fora

De EHS

Para FMB

O missionário E. H. Soper, que, ao tempo, estava trabalhando em Juiz de Fora, MG, fez uma visita aos irmãos em SBSP, no início do primeiro trimestre do ano, e destaca:

“... Em Santa Bárbara, visitei e preguei entre os batistas americanos e_reuni, durante uma semana de cultos, os brasileiros, no teatro, além de algumas reuniões ao ar livre.”



FMJ, março/1892, v. 23, p. 244

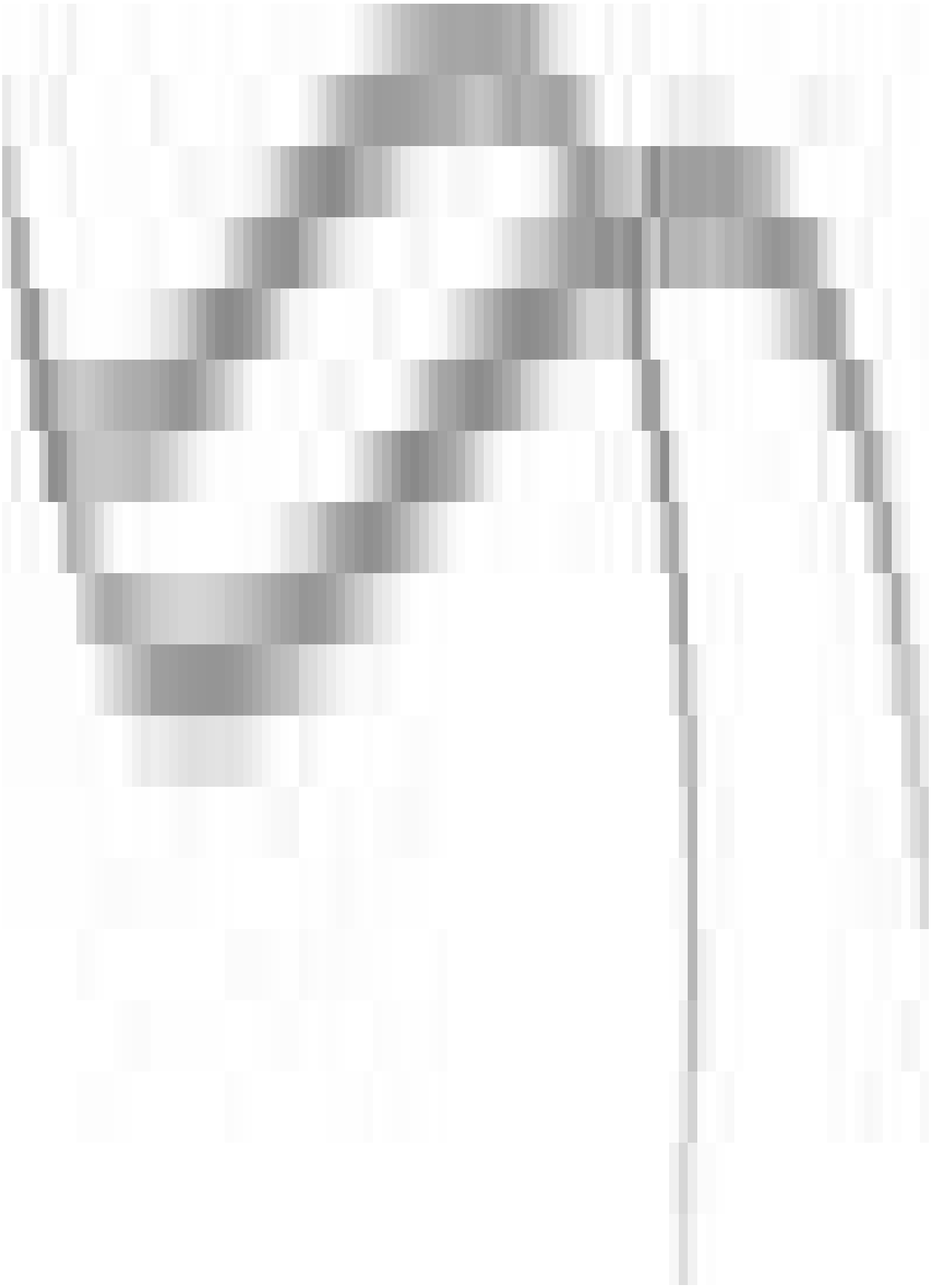
04.01.1892

Carta de São Paulo

De JJT

Para FMB

O Dr. James Jackson Taylor escreveu para a FMB dando notícias diversas e incluiu a de que estivera em Santa Bárbara a 10.11.1891, e que estava planejando estar lá outra vez no fim de janeiro.



FMJ, ag./1892, v. 24, nº 1, p. 18, 19, 20

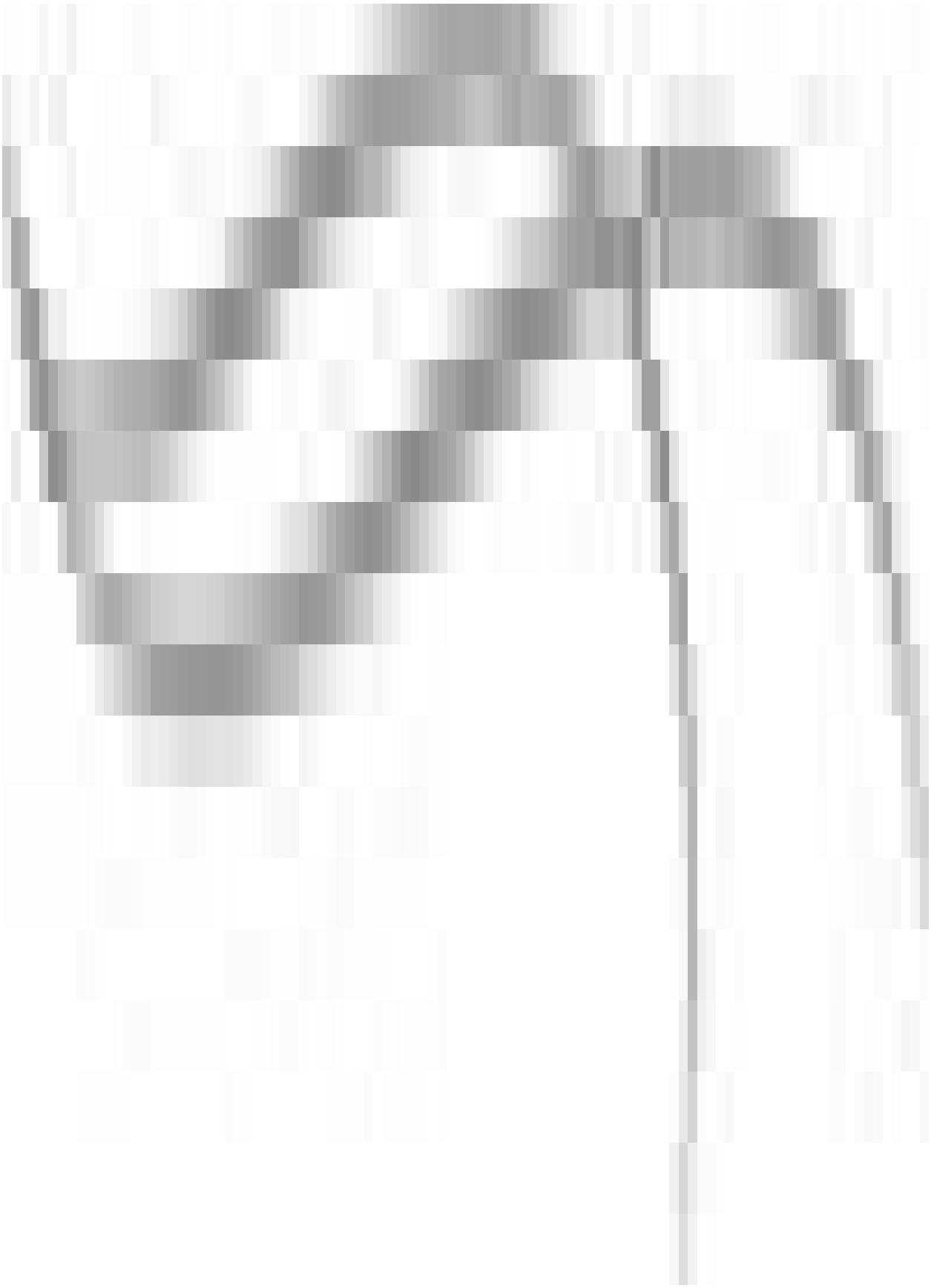
18.04.1892

Carta de São Paulo

De JJT

Para FMB

O Dr. J. J. Taylor informa à FMB que tinha ido à Santa Bárbara, de quando em quando, confirmando que os irmãos ali estavam sem alguém quem os dirigisse, estando muito espalhados e que havia necessidade de um pastor.



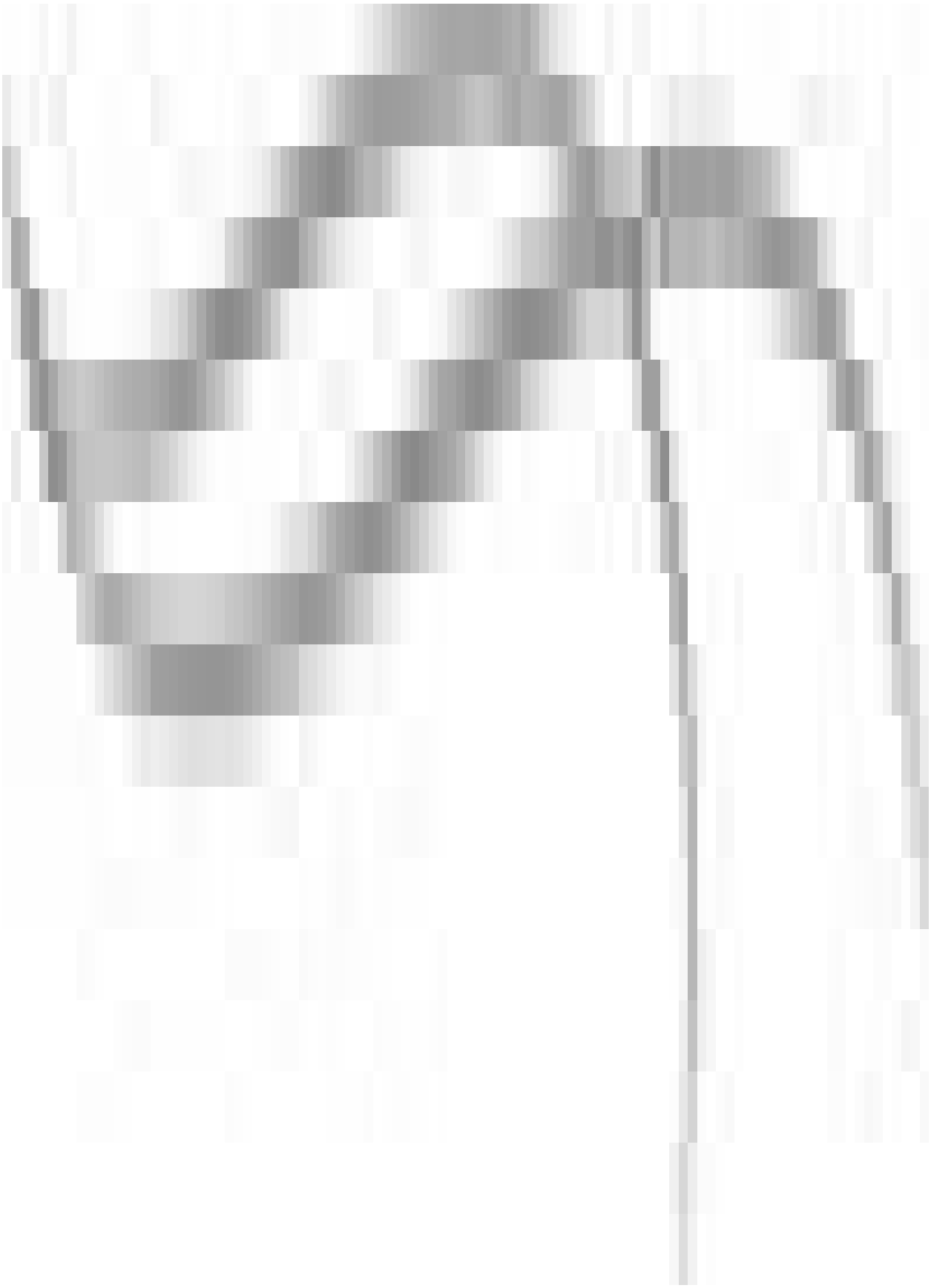
Cartório de Registro Civil SBSP

Livro B-3, p. 24, termo 6

18.04.1892

Casamento

A 18.04.1892, William Henry Capps, viúvo, com 50 anos de idade, casa-se, em segundas núpcias, com Ignês Marian Hawthorn, de 24 anos de idade. (O nome aparece, às vezes, como Agnes.)



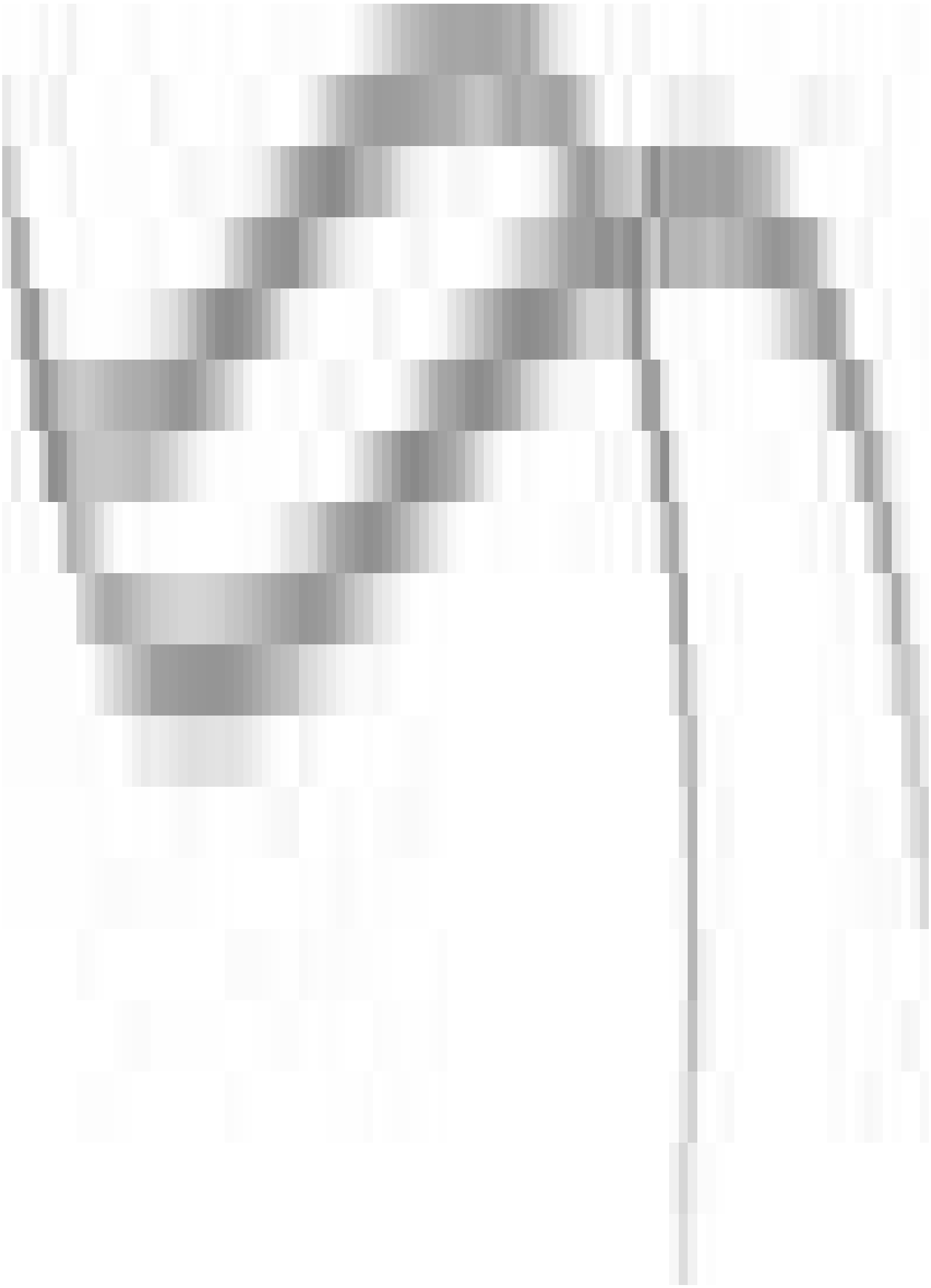
SBCA, maio/1892, p. xxix, xxx

Maio, 1892

Relatório

Os Anais da SBC publicam o Relatório da Missão Brasileira, apresentado na Convenção em maio de 1892. Sob o item “Missão no Rio de Janeiro”, verifica-se que o trabalho no Estado de S. Paulo continuava sob a responsabilidade da Missão no Rio de Janeiro. Solicitação: que a cidade de São Paulo seja a sede da nova Missão, a fim de que esta possa cuidar das três igrejas batistas constituídas de estrangeiros. Duas delas, formadas de alemães russos e a outra, de norte-americanos.

“... Estas igrejas não podem ser negligenciadas. Se forem treinadas e utilizadas, elas serão de grande ajuda no espalhamento do evangelho entre os brasileiros ao seu redor.”



Expositor Cristão, São Paulo, SP, 19.10.1892

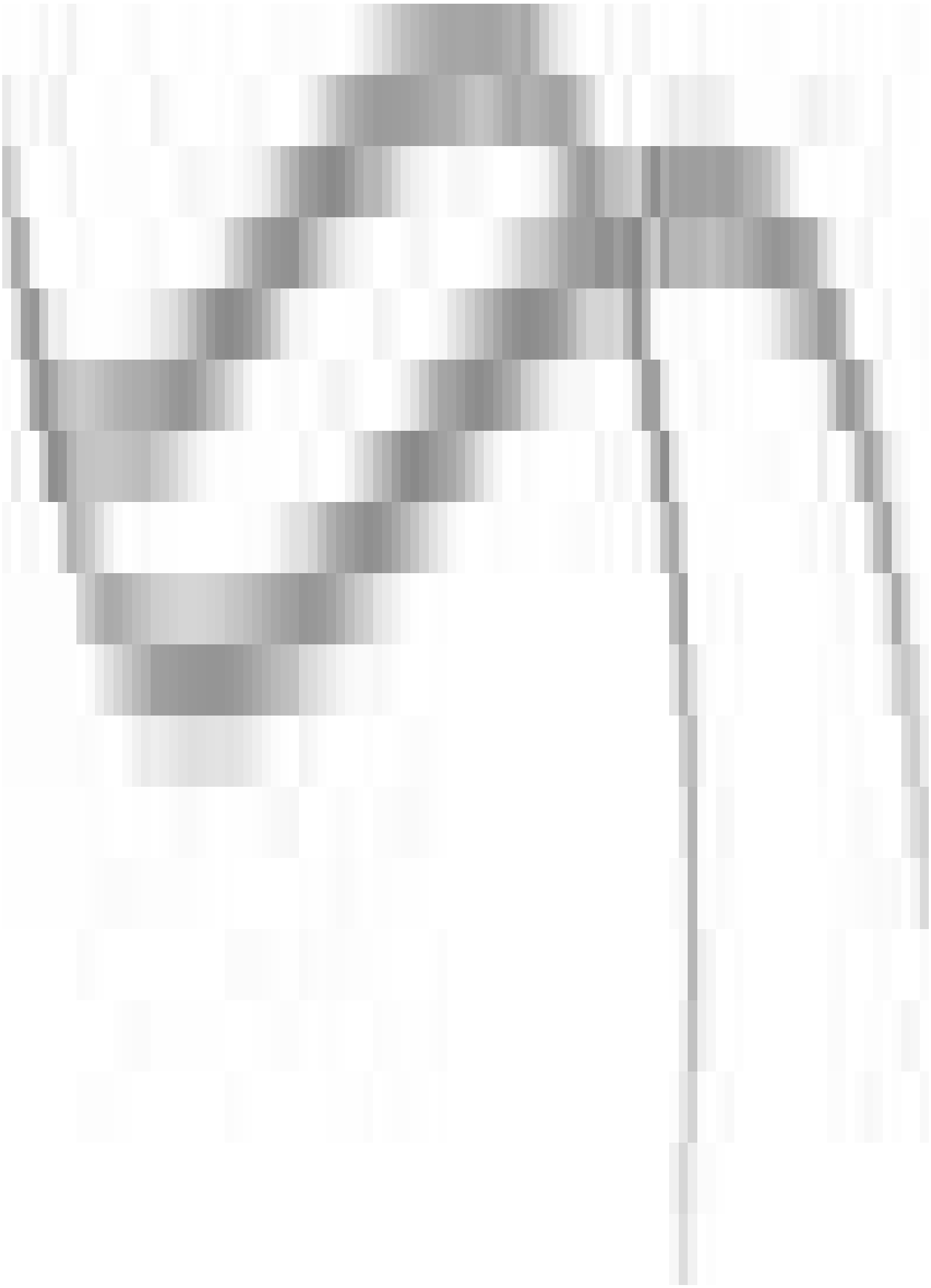
v. 6, n.º 8, p. 3, c. 3

10.10.1892

Notícia

“De Santa Bárbara. Deste local, onde esteve ultimamente para dirigir alguns cultos, o Sr. Dickie nos escreve, que a causa evangélica entre os nossos patrícios vai mais animada; que eles deliberaram sobre a questão de arranjar o ordenado dum ministro que vai lá, de vez em vez, ministrar-lhes a palavra divina.

Diz o Sr. Michael Dickie, também, que nessa ocasião na vila celebrou-se um culto em português havendo uma assistência de mais de 50 pessoas. Em arranjar o teatro para este culto, o amigo Sr. R. P. Thomas prestou relevantes serviços.

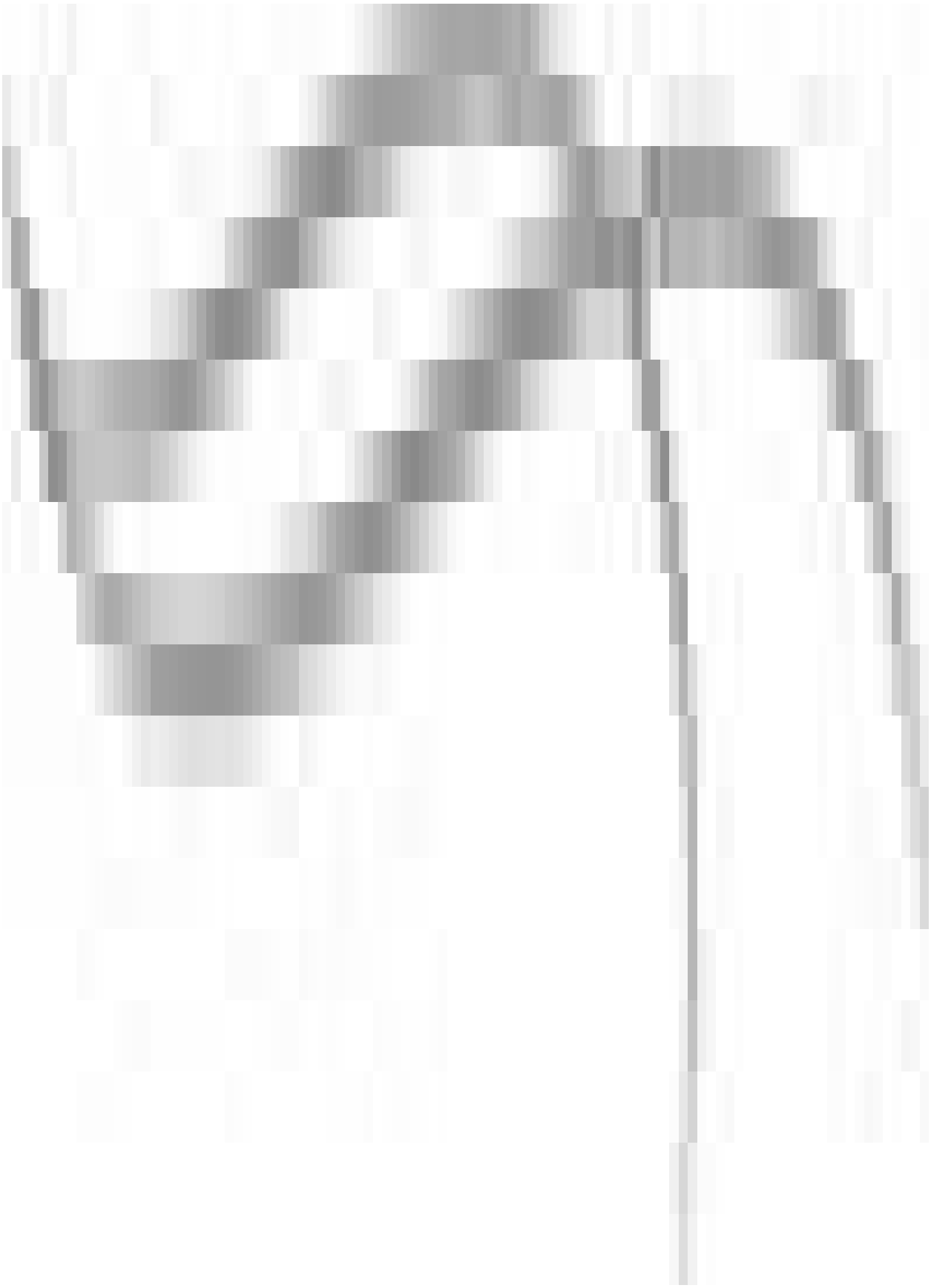


NAITR, p. 15

09.02.1893

Falecimento

A 09.02.1893, em SBSP, faleceu Orville Whitaker, com 82 anos de idade. Era viúvo de Jane Whitaker. Não deixou filhos. Foi sepultado no Cemitério do Campo.

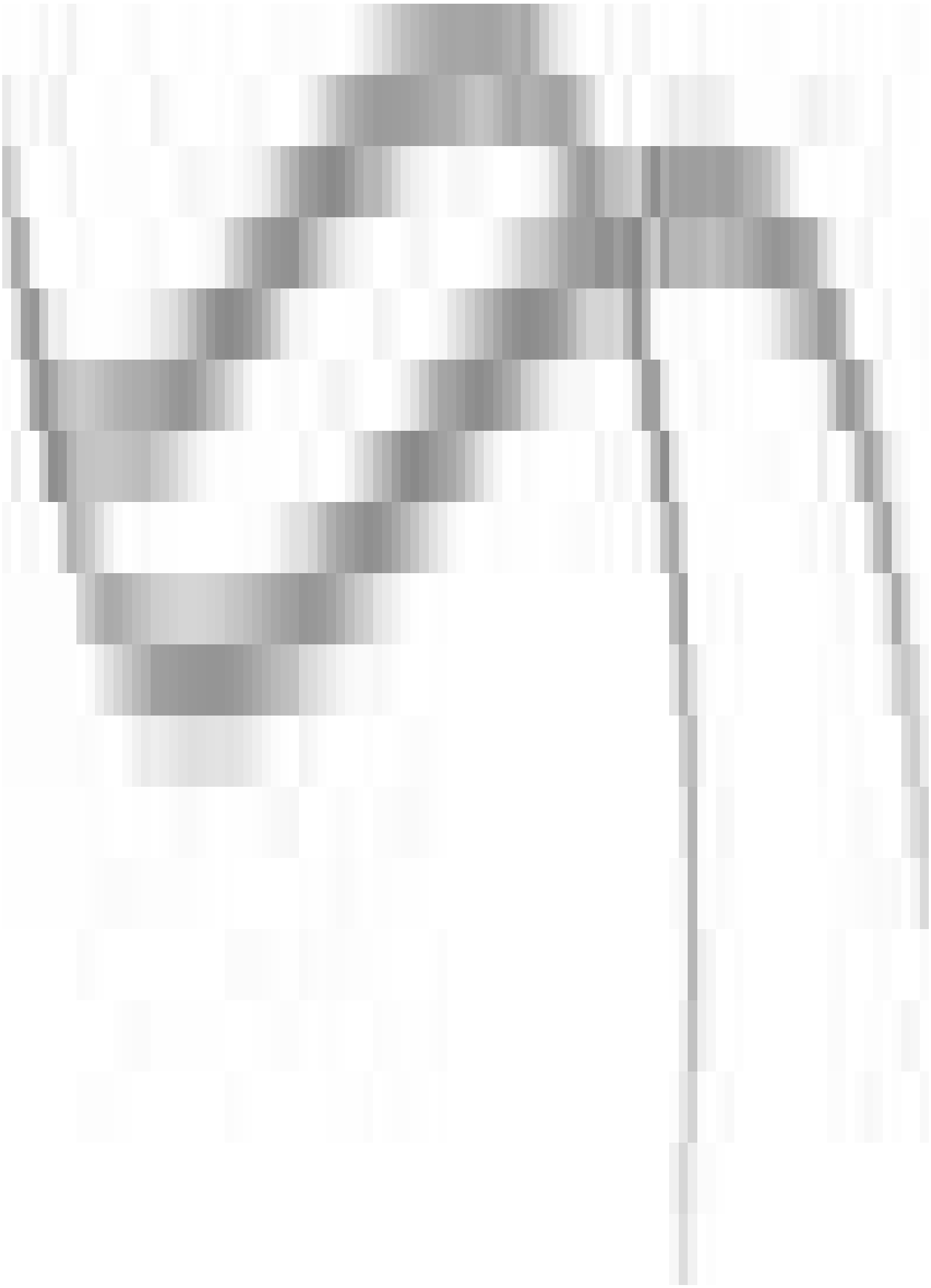


NAITR, p. 20

24.03.1893

Falecimento

A 24.03.1893, em SBSP, faleceu Margaret Perkins, com 87 anos de idade. Foi sepultada no Cemitério do Campo. Era viúva de John Perkins. Como o casal não tinha filhos, adotou uma menina, ficando esta como herdeira dos bens do casal.



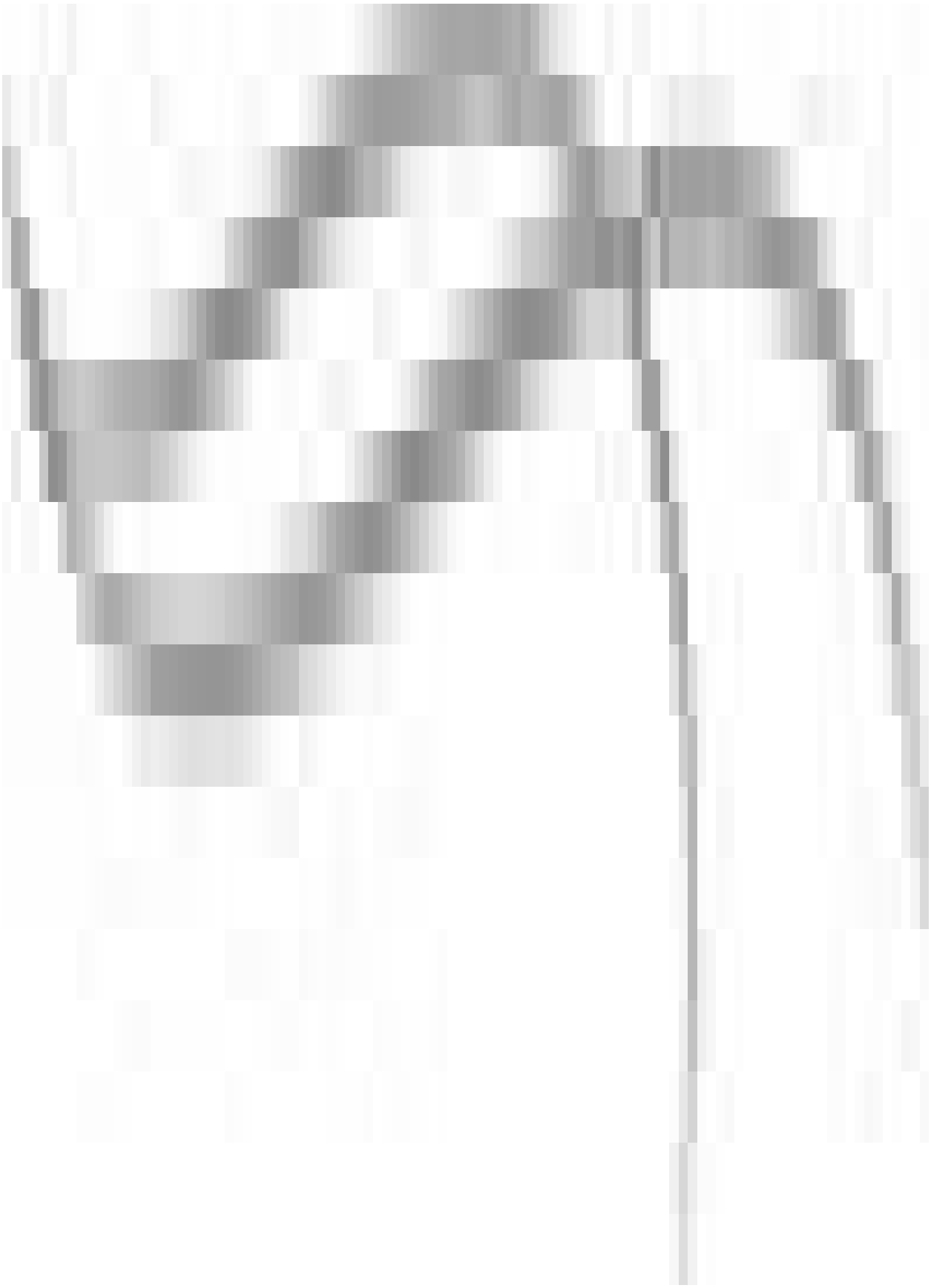
Expositor Cristão, São Paulo, SP, 20.05.1893

v. 6, nº 36, p. 3, c. 2

20.05.1893

“Santa Bárbara. Desta procedência o Sr. Dickie, o ativo presbítero presidente do Distrito de S. Paulo, nos comunica que na ocasião da sua visita à Igreja do Campo, na semana passada, houve um culto de consagração do edifício que tem sido consertado e embelezado pelos amigos e irmãos americanos. A este Respeito, o Sr. Dickie diz: ‘Houve uma assistência de mais de 150 pessoas e bastante interesse e animação nos cultos. Visto que esse templo deve servir para as várias denominações religiosas, tomaram parte no culto como representantes destas os Srs. Hamilton, Bedinger, Thomas e McFadden e tudo passou em harmonia e paz.

Acrescenta que, de noite, foi pregar na Vila de Santa Bárbara, em português, a um auditório regular.”

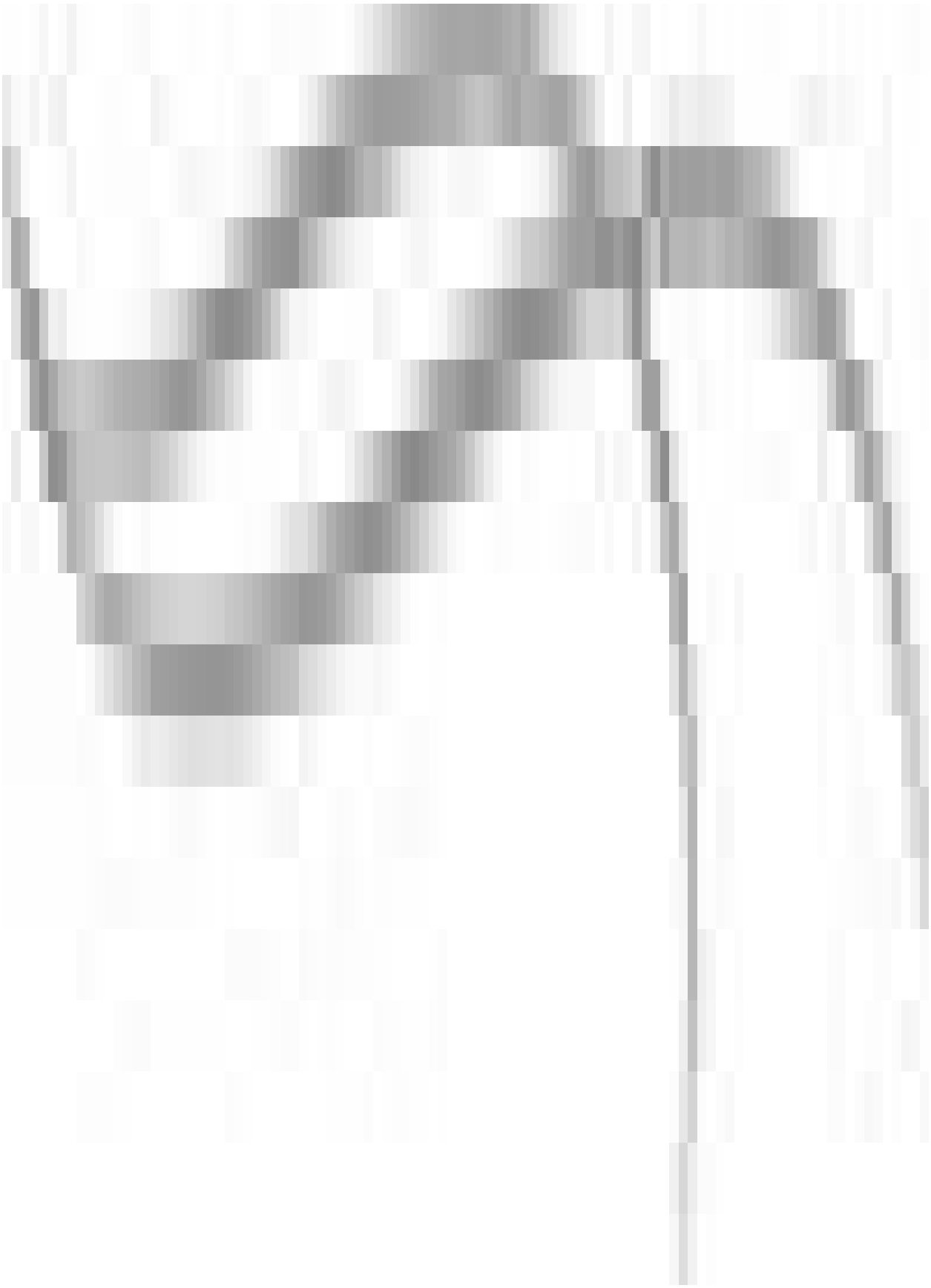


NAITR, p. 16

09.02.1894

Falecimento

A 09.02.1894, em SBSP, faleceu Albert Gallaton Carr, com 65 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo.

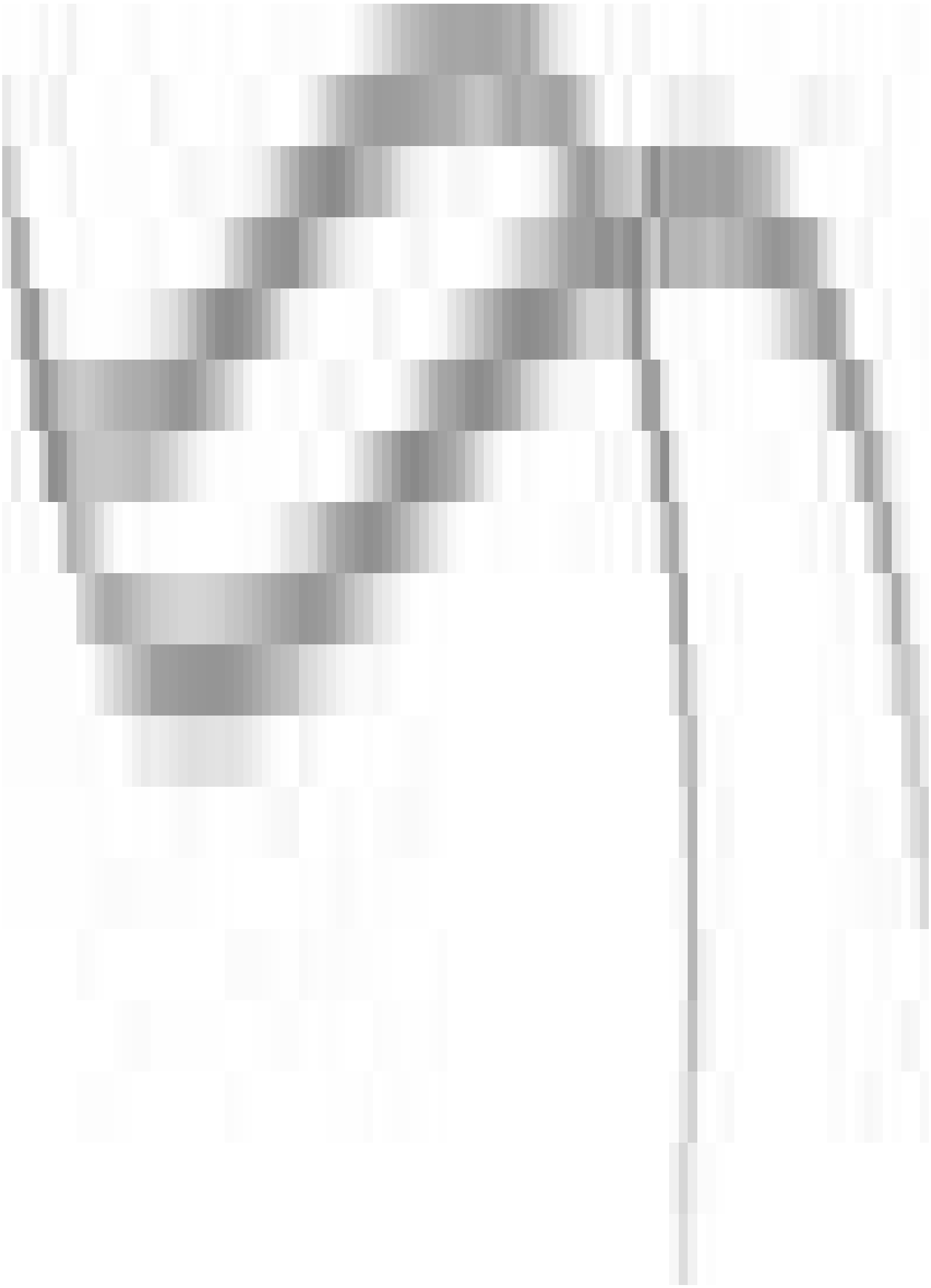


SBCA, maio/1894, p, xv

Maio, 1894

Relatório

No relatório sobre a Missão Brasileira, publicado nos Anais da SBC, e apresentado em maio de 1894, há uma pequena referência ao trabalho em Santa Bárbara: “... A Missão tem sido incapaz de enviar quem quer que seja para visitar a nossa igreja americana em S. Paulo, Santa Barbara.”

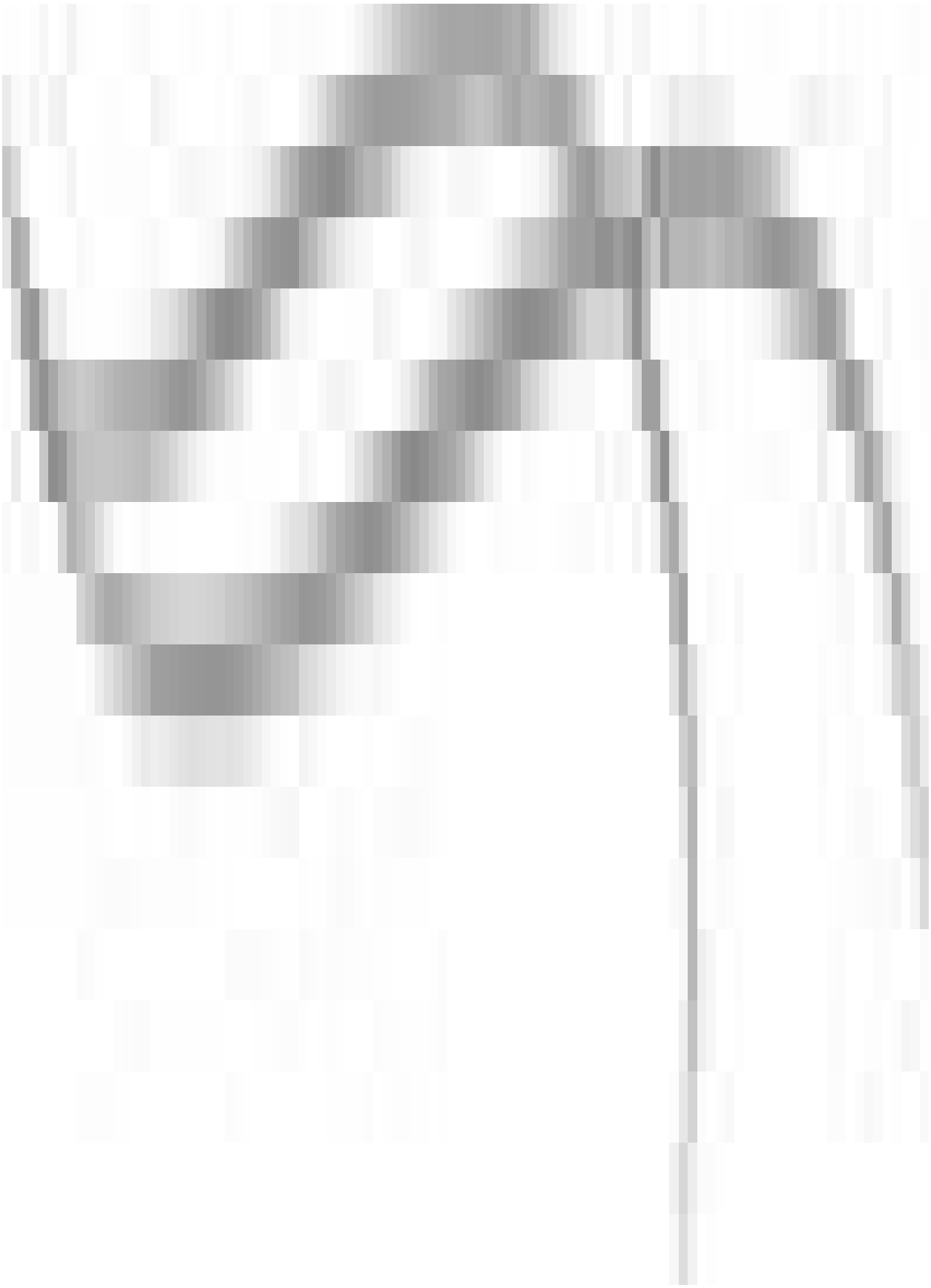


SBCA, maio/1896, p. xiv, xv

Maio, 1896

Relatório

“Santa Bárbara. Esse lugar, no Estado de S. Paulo, foi visitado uma vez durante o ano. A igreja ali ainda está sem pastor, porém, o nosso irmão Robert Porter Thomas prega-lhes uma vez por mês, e assim conserva-os juntos. A colônia é grande, e há oportunidade para o trabalho, mas há um problema que é a distância do nosso outro trabalho. O irmão Thomas é zeloso e consagrado, porém, a sua idade, as enfermidades e o trabalho diário não permitem que ele faça o trabalho que desejaria realizar alegremente. Três convertidos foram batizados durante o ano. Oremos para que Deus nos dê um obreiro, a fim de suprir as necessidades desse campo importante.



Expositor Cristão, São Paulo, SP, 06.02.1897

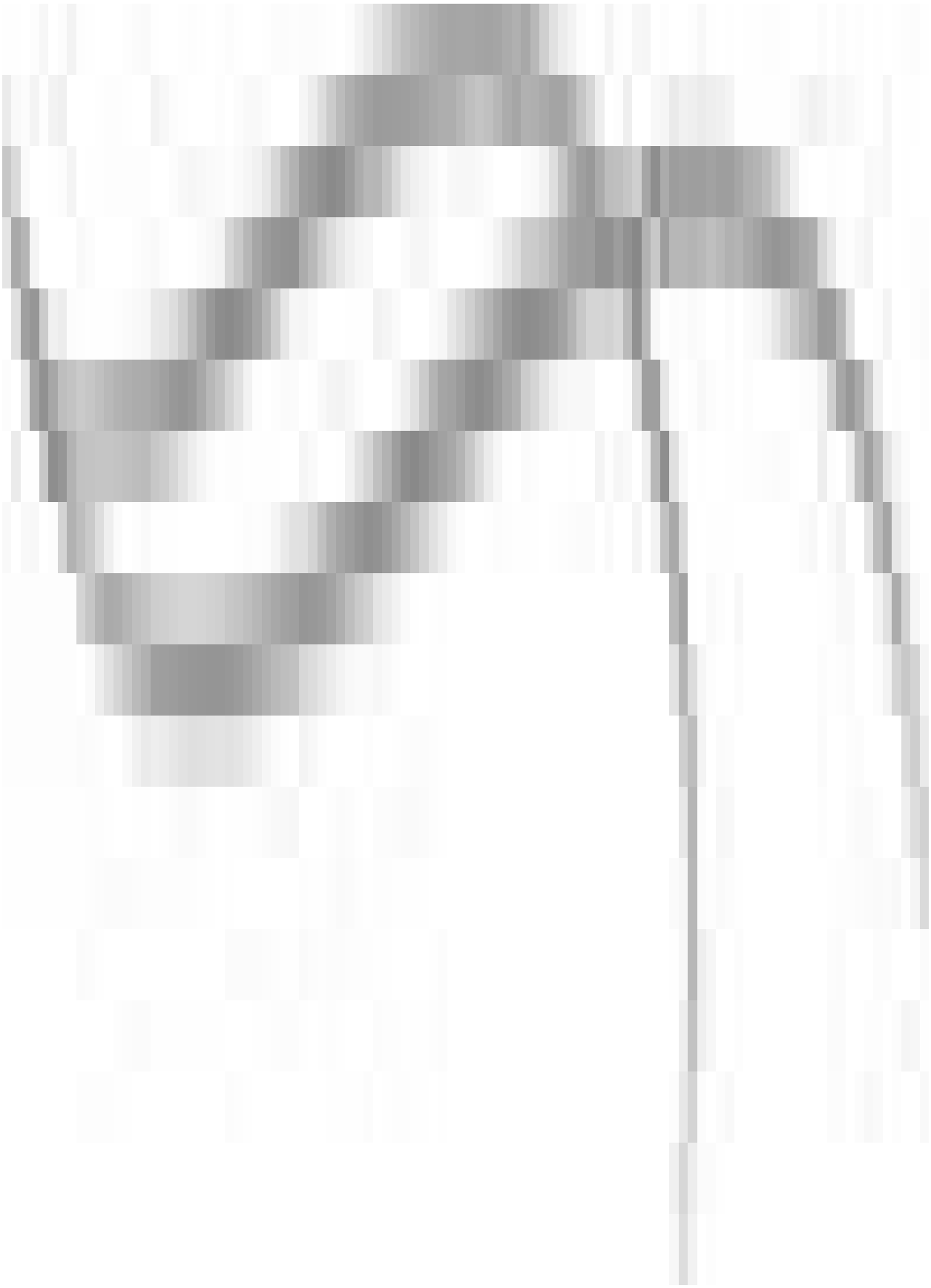
v. 10, nº 6, p. 4, c. 1

06.02.1897

Notícia

“Santa Bárbara. Escreve-nos o Rev. James Hamilton: ‘Caro irmão Sr. Redator: Quero dizer-lhe que há poucos dias voltei de Santa Bárbara, onde passei alguns nove dias. Preguei lá dois domingos a boas congregações, especialmente no último domingo, quando dirigi a palavra na Igreja do Campo. (...)

Depois do culto, tratamos de ter um “Campmeeting”, como se usa no estrangeiro, e depois de várias deliberações, ficou resolvido que o tivéssemos na Igreja do Campo. Miss Kate, dedicada filha do Sr. Carlos Hall, e Miss Sallie Strong foram encarregadas de escrever, esta ao Rev. Bagby e aquela ao Rev. Gammon, convidando-os para tomarem parte nessa série de reuniões.”

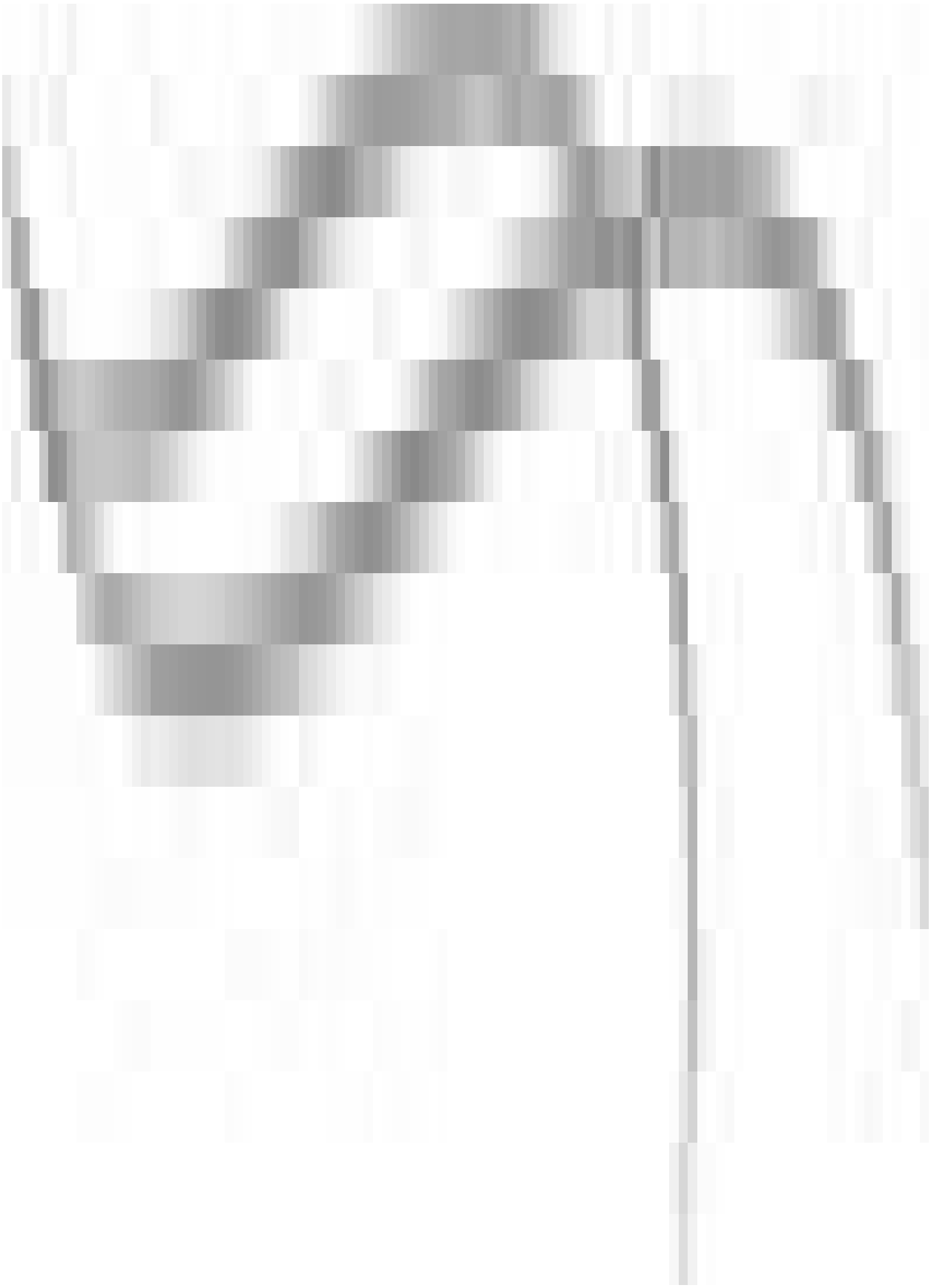


NAITR, p. 16

27.03.1897

Falecimento

A 27.03.1897, faleceu em SBSP, Mary Rochester (Pyles) Seawright, com 73 anos de idade. Era a viúva de Ebenezer Seawright e irmã do pastor Samuel Milton Pyles. Foi sepultada no Cemitério do Campo.



Expositor Cristão, Rio de Janeiro, RJ

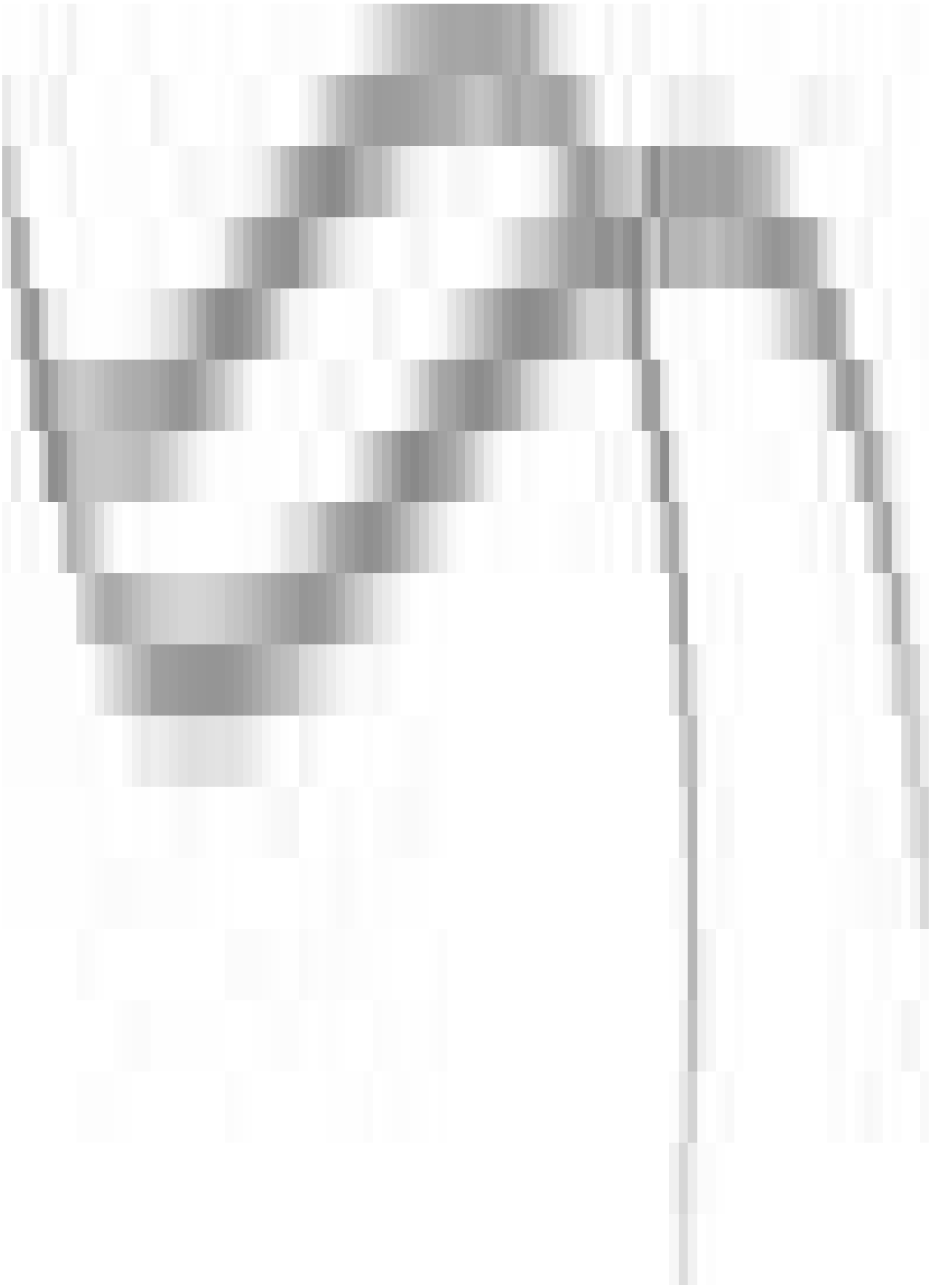
01.05.1897, p. 4, c. 3

01.05.1897

Notícia

“Santa Bárbara: escreve-nos o Rev. James Hamilton em data de 23. Caro Redator. Quero dizer-lhe que, no lugar acima, a obra vai bem. Por muito tempo tenho sentido desejo profundo de ver os moços e moças americanos desse lugar converterem-se, e, depois de muita oração, arranjamos para ter uma série de reuniões religiosas com este fim em vista; estas reuniões realizaram-se em fins do mês de março e continuaram por três semanas.

Nessa ocasião, a presença de Deus estava conosco e muitos manifestaram o desejo de se salvarem mediante Jesus Cristo. O poder de operação do Espírito Santo entre nós era tal que, num só dia apresentaram-se mais de 30 pessoas buscando a salvação; e durante esses dias muitos professaram alcançar o perdão dos seus pecados pela fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e manifestaram muito regozijo de espírito. (...) Tomaram parte nessas reuniões os Revs. Bagby, Cook, Dickie e o escritor destas linhas.”



NAITR, p. 20

05.05.1897

Falecimento

A 05.05.1897, em SBSP, faleceu o Pr. Robert Porter Thomas, com quase 72 anos de idade. Ele foi sepultado no Cemitério do Campo. (Ver parte “B” — R. P. Thomas, pág. 168.)

A seguir, está a tradução de uma carta em inglês, cuja cópia está conosco, escrita por seu filho, William Francis Thomas, para a sua irmã mais velha, Martha Ferebe Sims, que residia em Hubbard City, Hill Co., Texas. A carta está datada de 16.05.1897, e foi escrita em Santa Bárbara, SP. Ei-la:

“Minha querida e amada irmã. Nunca antes tinha tomado a pena em minhas mãos para dar uma tão triste notícia, como agora o faço. Nosso querido pai tombou para sempre. No dia 5 deste mês, às 5 horas e 25 minutos, se foi para o lar e lá ele esperará por nossa chegada. Deixou-nos para sempre na terra e aqui nunca mais veremos aquela sua face, nem ouviremos a sua voz em oração, conselho ou consolação. Porém, Deus seja louvado, pois há esperança além-túmulo. Irei encontrá-lo aos pés de Jesus. Pela graça de Deus, eu o verei ali, pois ele estava preparado para ir.

Muitas vezes ele me disse que sua chamada e eleição estavam firmes e somente aguardava a chamada do Mestre. Disse-me que ele tinha vivido três escores e mais dez anos, o tempo outorgado para o homem, e ele estava pronto para ir e descansar. Oh, que alegria deve ter sentido quando a sua alma passou a habitar no céu! Ah, aqueles dois pequenos anjos vestidos de branco conduziram a sua alma para o Pai, e, então, mãe, irmãos e irmãs deram-lhe o bem-vindo. Oh,

penso naquele encontro, querida irmã, e tomo coragem. Não posso desesperar-me. A separação será curta, e mais curta talvez do que esperamos.

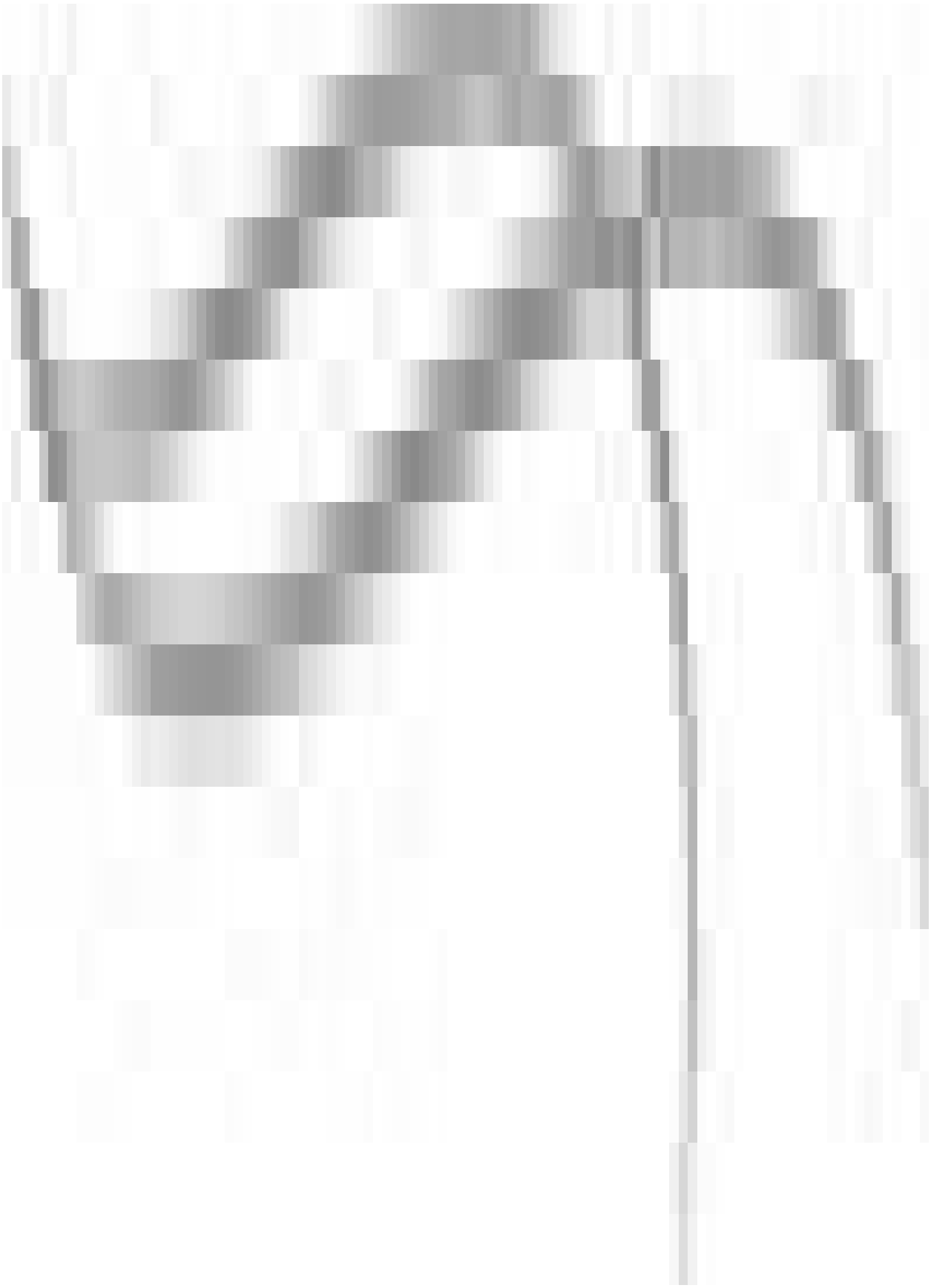
Estive sentado na cama apoiando as suas costas durante toda a noite e segurei-o nos meus braços. A sua respiração era difícil e o seu coração o embaraçava quando se deitava. Tentou falar várias vezes. Tinha, porém, perdido a fala. Mas ele queria dizer alguma coisa e tentou comunicar-se conosco usando a sua mão. Tomei-a na minha e ele a apertou. Oh, ele sabia quanto eu o amava! Pus a sua querida mão na minha face apertando-a com ela, sabendo que logo não mais ali estaria. Como me senti naquele momento!

19 de maio — Muitos amigos têm vindo para lamentar e chorar conosco. Alguns deles vieram em lágrimas dizendo que ele era como um pai. Uma senhora veio dizer-me que o seu esposo doente era sempre visitado por papai e que chegou o momento de eu tomar o seu lugar nessas visitas. Que responsabilidade eu sinto!

Agora à noite tive de ir à igreja para o culto. À tarde, fui até o túmulo dele. Olhei o monte de terra sob o qual nós o havíamos colocado. Ele foi sepultado conforme desejava, no mesmo lugar da pequena Fannie. Com as minhas mãos procurei ajeitar melhor e mais uniformemente a terra. Ali, sozinho, abri o meu coração triste dirigindo ao amado Deus uma fervorosa oração. Pedi-lhe que nos tornasse aptos e preparados para o futuro encontro aos pés de Jesus. Pensei que Deus não comete enganos e que assim era a sua vontade. Que possamos ter o grau da humildade e fazer a sua vontade. (...) Nossa querida mamãe está agora conosco e nós tomaremos conta dela.”

A palavra “score” usada na carta acima significa “grupo ou jogo de 20” segundo o dicionário inglês Novo Michaeles.

Fannie era o apelido de Mary Frances, a filha caçula de R. P. Thomas, que falecera em fev. de 1880, com menos de 10 anos de idade.



SBCA, maio/1897, p. xxiii

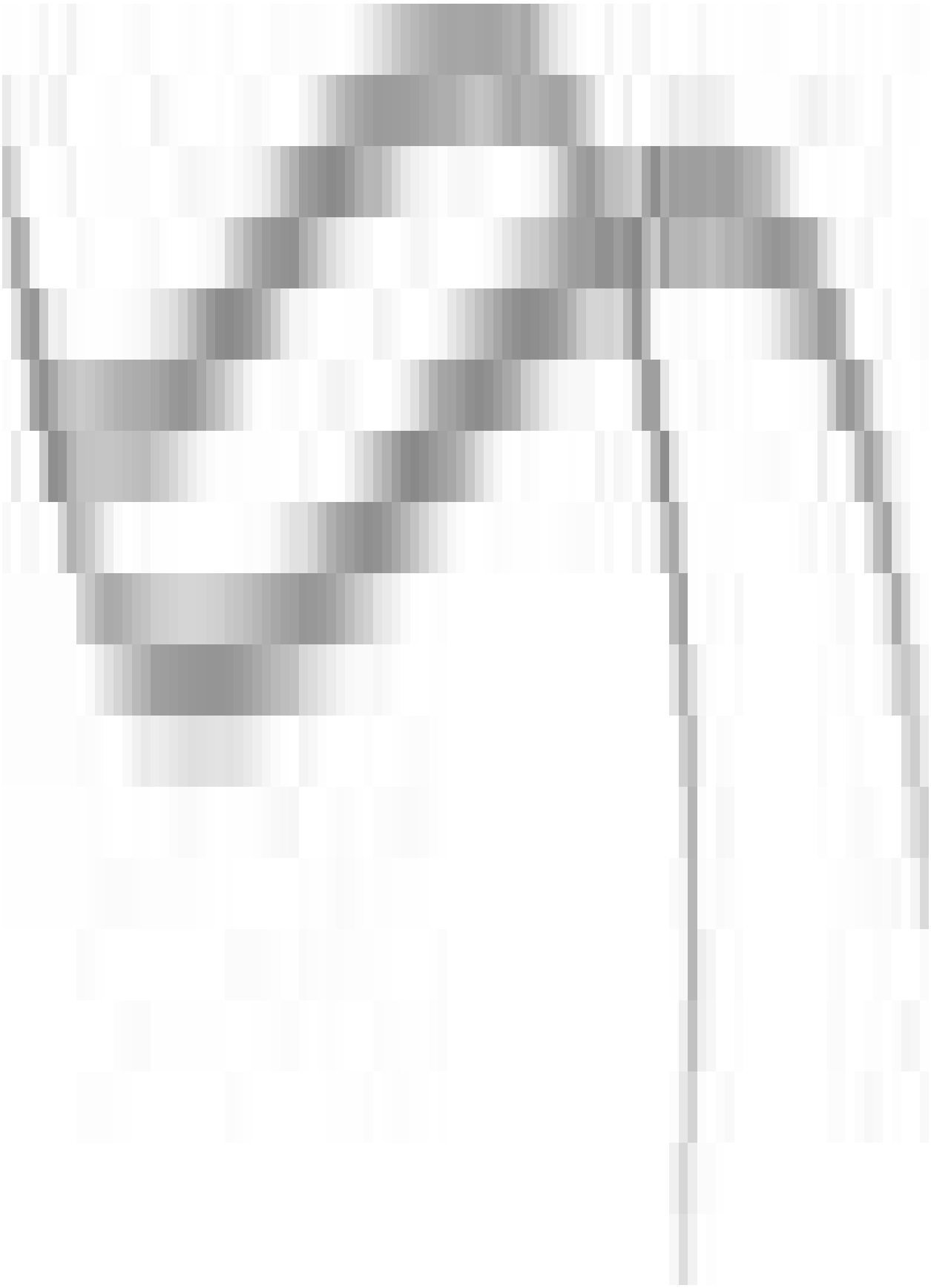
Maio, 1897

Relatório

“Santa Bárbara. Esse lugar foi visitado uma vez durante o ano pelo irmão Bagby. O número de membros é mais ou menos o mesmo do último ano. A distância do Rio torna difícil a realização de um trabalho mais efetivo. O irmão Thomas continua a conduzir uma Escola Dominical e prega algumas vezes, conforme a sua saúde e idade o permitem.”

Quando essa informação estava circulando durante a Convenção, em Wilmington, Carolina do Norte, o Pr. Robert Porter Thomas já tinha sido chamado para o céu, cerca de 48 horas antes!

Não conseguimos encontrar na FMB algum registro desse falecimento.



FMJ, março/1898, v. 48, p. 404

14.12.1897

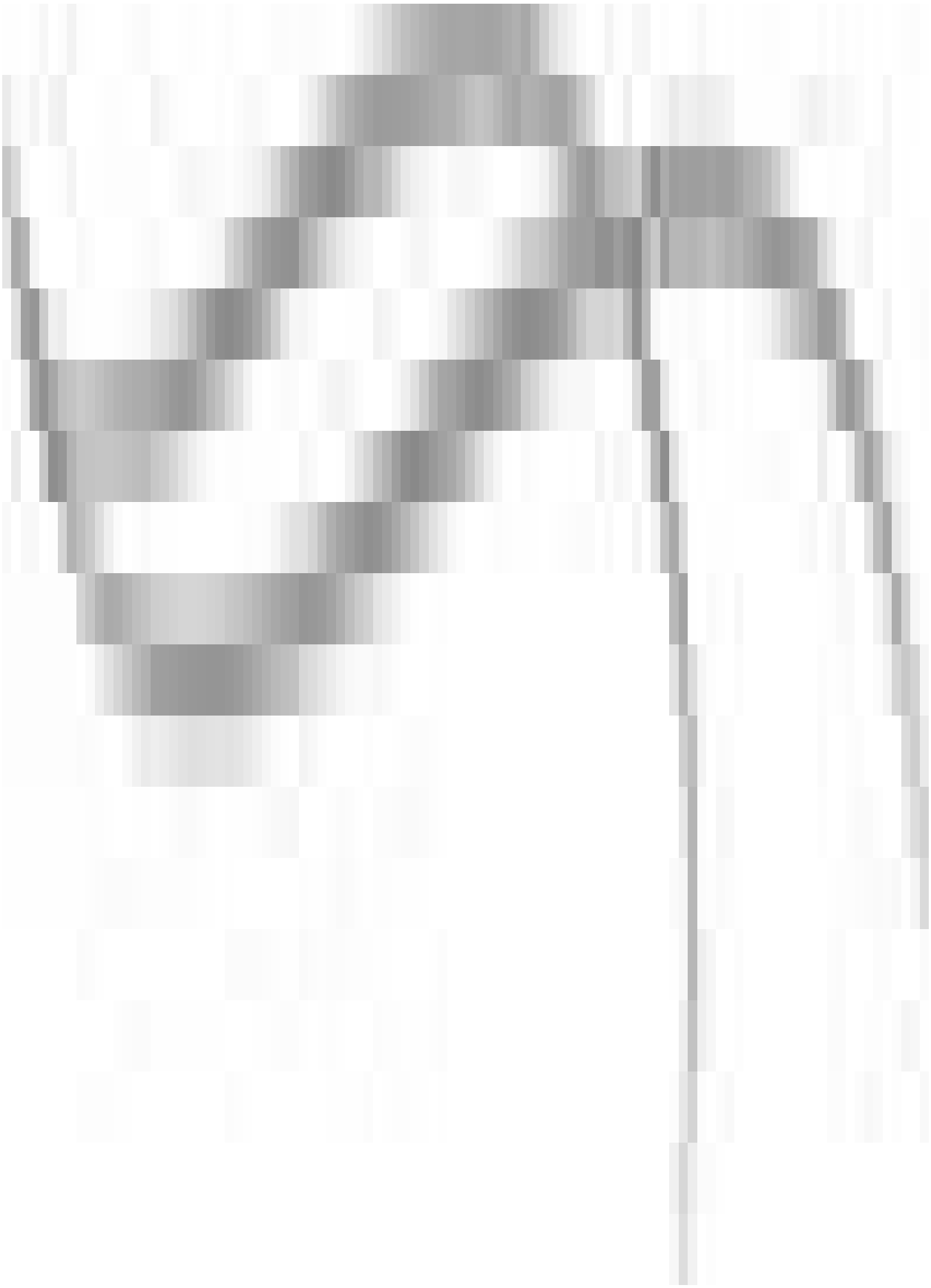
Carta do Rio

De WBB

Para FMB

“Acabo de chegar da viagem a SBSP, aonde vou uma vez por trimestre pregar aos americanos. Isto é o melhor que posso fazer, uma vez que os obreiros acharam melhor minha permanência no Rio. (...)

O trabalho em SB está mais ou menos animado. Batizei duas pessoas. Há uma outra já recebida para ser batizada e outras pedem o batismo. Nossas congregações são sempre boas. Batizei 11 durante o ano. Os irmãos pagam todas as minhas viagens do Rio até lá (dois dias de viagem de trem) e, assim, a Missão deixa de fazer essa despesa.”

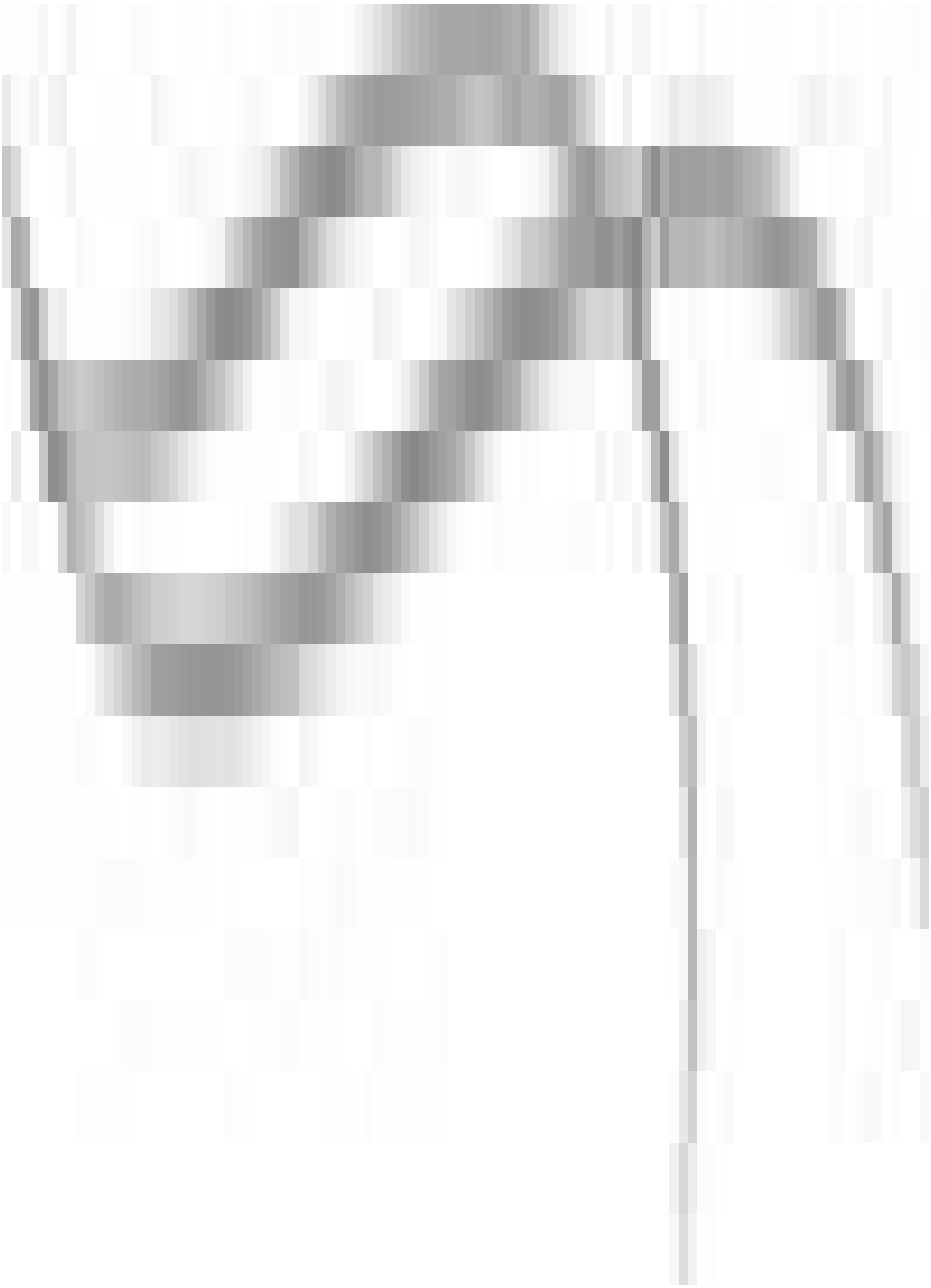


NAITR, p. 17

09.04.1898

Falecimento

A 09.04.1898, em SBSP, faleceu o Pr. Samuel Milton Pyles, com 82 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo. Era pastor, mas não chegou a assumir o pastorado no Brasil.



SBCA, maio/1898, p. xxi

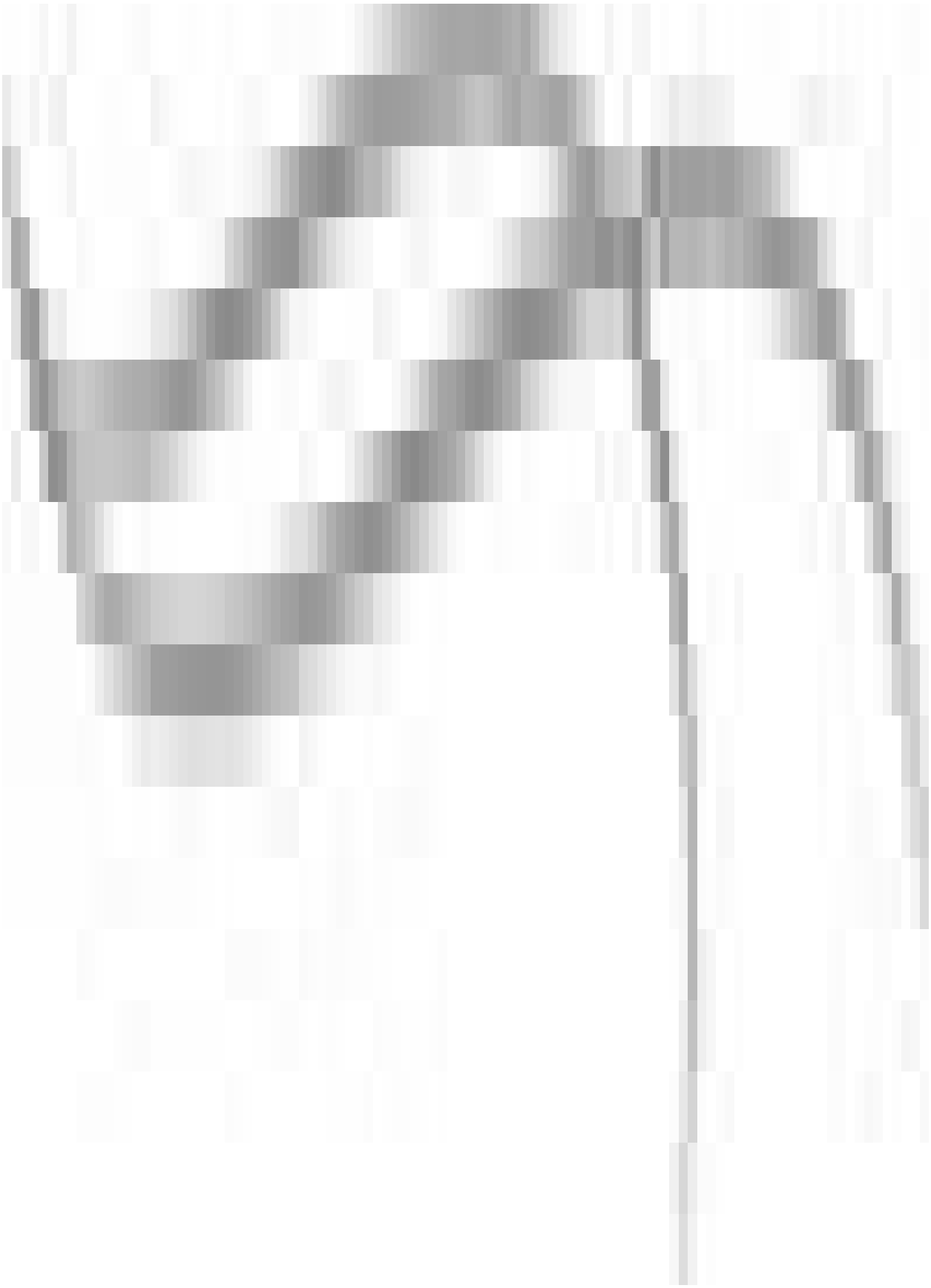
Maio, 1898

Relatório

“Santa Bárbara. Essa igreja e a comunidade, em SP, têm sido visitadas cada trimestre pelo irmão Bagby, que é agora o pastor daquela igreja. Os irmãos agora pagam todas as despesas de viagem do missionário, a fim de visitá-los e daqui em diante farão mais do que isto. Uma grande congregação tem acolhido o pregador e durante o ano tem havido um interesse religioso muito grande na comunidade. Várias pessoas se converteram e 12 foram batizadas. A igreja está muito reavivada. Um jovem, recém-batizado, deseja pregar e está ansioso de preparar-se para esta abençoada chamada.”

O Dr. Bagby era então o pastor da igreja.

O jovem referido era J. J. Minchin, com o apelido de “Juca”.



FMJ, maio/ 1898,v. 48, nº 11, p. 466-469

Maio, 1898

Artigo Z. C. Taylor

Sob o título “Ação e Reação no Brasil”, o Dr. Z. C. Taylor escreveu um longo artigo, do qual reproduzimos aqui, apenas parte, como segue:

“... Ó, Senhor, ajuda a nossa incredulidade! Fortes na prosperidade e fracos na adversidade. É sempre triste contar as nossas adversidades, como missionários; e alegres estaríamos se não houvesse dificuldades no trabalho divino. Mas é bom que todos os cristãos conheçam sobre elas. Deste modo, haverá mais simpatia por nós, mais oração e trabalho para a Causa do Mestre.(...) Sim, reação. Ela sempre vem, embora não seja relatada em nossos relatórios e cartas. Há um sentimento latente de tristeza e desconfiança quanto ao fato de que as Juntas falham em continuar o trabalho começado anos antes ou seguem adiante convidando a que seja ampliado. Os presbiterianos foram os primeiros a experimentar essa ingratidão; os batistas depois, talvez. Com todo o nosso cuidado de dizer aos nativos que o nosso único objetivo é pregar a Redenção, os padres têm instilado neles a idéia de fazer dinheiro da sua religião. Muitos deles trazem essa noção e sentem que alguma vantagem de ensinar a seus filhos, algum emprego, presentes etc., são uma obrigação nossa para com eles. Isto é difícil de banir de sua convicção. Mas isto é catolicismo. (...)

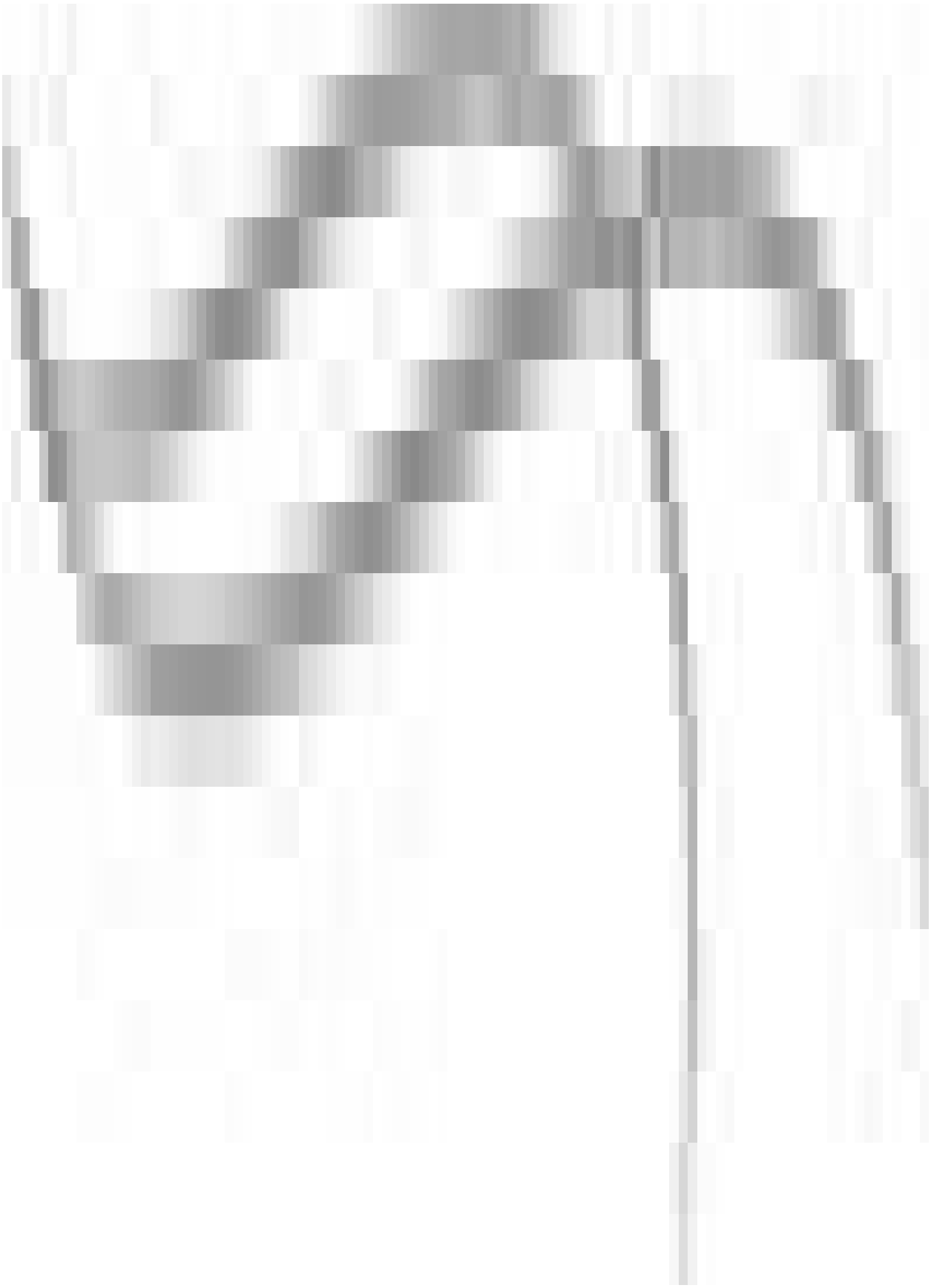
A completa idéia romana é ter vantagem de algo temporal para a sua religião. Como podemos esperar que os nossos membros fiquem livres de tais idéias? Tão logo temos novos interessados, vindos do romanismo, temos esse mal a combater. Suas irmandades e sociedades desenvolvem-se continuamente, e todas com a mesma idéia — ganhar. (...)

A República é professadamente por nós, porém ela tem se vendido, de fato, para os sacerdotes. (...) Estes vão ocupando cada lugar desde o Senado ao do mais simples. Esse procedimento tem base na ordem superior de Roma.”

Prosseguindo no seu artigo, o Dr. Z. C. Taylor diz que eles visam aos Conselhos das vilas e cidades e aí têm o poder para agir contra os que não lhes seguem a linha. Dinheiro e soldados ficam sob as suas ordens. Estes guardam a hóstia na missa ou a imagem durante uma procissão. Mais adiante, ele chama a atenção sobre o fato de que os conflitos nascidos no campo de trabalho nascem do encontro entre o sábio e o ignorante. E afirma:

“É difícil o preparado amar e fazer-se igual ao seu irmão inferior, e então a distância promove o ciúme, a inveja, a desconfiança. (...) Estas são as reações internas que matam o amor fraternal e destroem o progresso, mais do que todo o poder vil dos jesuítas, o mundo e satanás.”

Eram passados 38 anos desde quando o missionário T. J. Bowen enviara à Junta as suas impressões sobre o que observara quanto às dificuldades de um trabalho missionário num país de formação religiosa católico-romana. Bowen, Bagby e Taylor, em tempos diferentes, apontaram os mesmos problemas...!



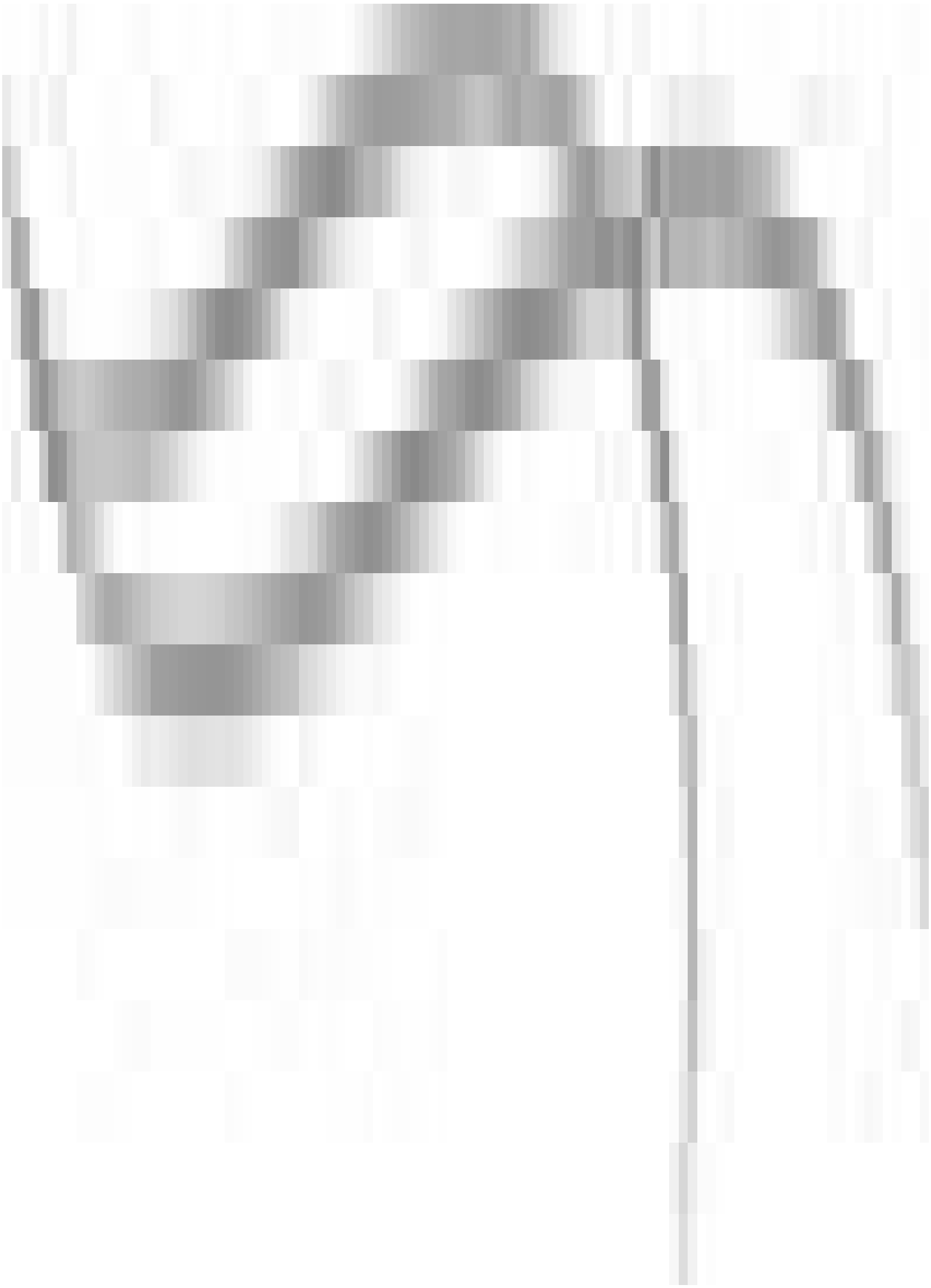
SBCA, maio/1899, p. xxv

Maio, 1899

Relatório

De WBB

“... Santa Bárbara. Nossa igreja em SBSP, agora está com 56 membros. Tenho visitado regularmente aquela igreja e pregado em diversos pontos, cada trimestre, e tenho sido acolhido por excelentes congregações. O povo tem manifestado muito interesse. Minhas viagens do Rio são pagas pelos membros da igreja e outros amigos. Tenho também pregado em português aos brasileiros e italianos (destes, há milhares no Estado) na estação de Santa Bárbara, e espero ser capaz de manter esse trabalho.”



Atas da PIB/SP

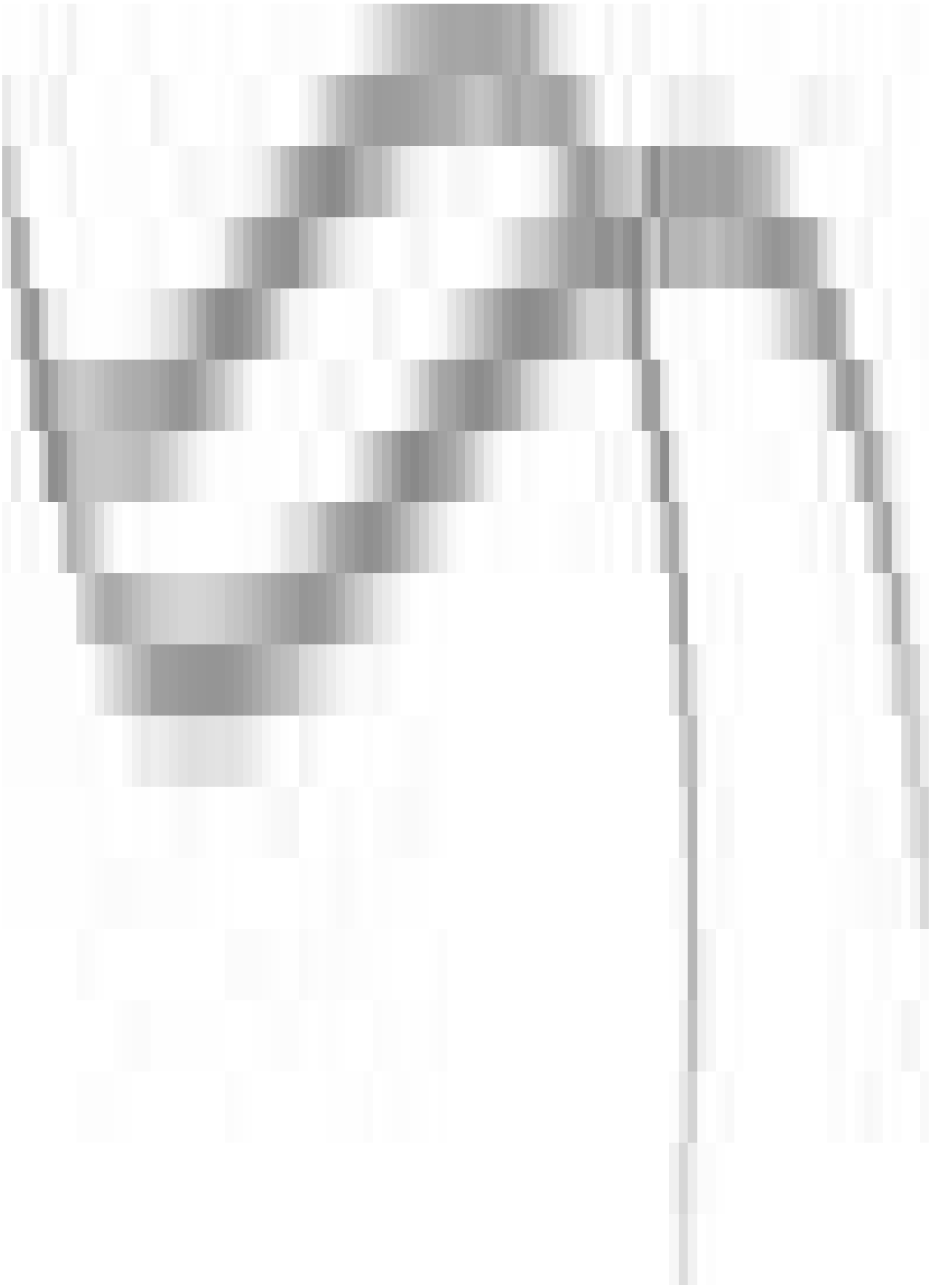
Rol de Membros da PIB/SP

06.07.1899

Organização da PIB/SP

A 06.07.1899, foi organizada a Primeira Igreja Batista na cidade de São Paulo, SP, tendo o missionário Dr. James Leonel Downing, como moderador. Entre os fundadores está o nome de Sarah R. d'Oliveira, tendo trazido carta demissória da Igreja Batista em Santa Bárbara. Trata-se de Sarah Rebecca Ellis, filha de Mary Matilda Ellis. Em primeiras núpcias casou-se com Francis Marion Bankston. Em segundas núpcias, com o brasileiro Antonio Theodoro d'Oliveira Souza.

Não temos a data de quando a PIB/SBSP concedeu carta demissória para a PIB/SP.



FMJ, nov. 1899, v. 50, p. 175, c. 1

p. 178, c. 1

Novembro, 1899

Carta de São Paulo

De JJT e JLD

Para FMB

No jornal acima mencionado, há duas pequenas notícias sobre Santa Bárbara, dadas pelos missionários James Jackson Taylor e James Leonel Downing. Ambos já se encontravam na capital São Paulo e a Missão estabelecida, agora na capital. O trabalho de Santa Bárbara passou, então, da responsabilidade da Missão no Rio de Janeiro para a de São Paulo. Seguem-se as informações, ambas sem data:

"... Também realizamos um trabalho, uma vez por mês, em SB, na colônia americana. Temos tido ali uma igreja por muitos anos."

"... Há poucos dias encerrei um trabalho de alguns dias em SB, pregando todas as noites por uma semana. As reuniões foram grandemente abençoadas. (...) Cinco candidatos para o batismo foram recebidos; dois outros professaram ser convertidos e outros manifestam interesse."

Entre os cinco candidatos acima citados estava a jovem Anne Hope Thomas, neta do Pr. R. P. Thomas. (Ver parte "B" —R. P. Thomas, pág. 168)

SBCA, maio/1900, p. 73, 74, 76

Maio, 1900

Relatório

De JJT

Para FMB

"... O trabalho em SB, entre os americanos da colônia passou da responsabilidade da Missão no Rio, para a de S. Paulo, conforme comum acordo de todas as partes. Assim, tenho visitado aquele grupo mensalmente, desde julho p.p., e esses esforços prometem muito fruto. Aquele campo se constitui de grupos de americanos estabelecidos em diversos lugares, que, embora distantes, reúnem-se num só lugar e, conseqüentemente, temos cinco núcleos, entre eles, um dos quais para os de língua portuguesa. O irmão Downing esteve durante alguns dias entre aquele povo e diversos foram recebidos para o batismo.

Entre os americanos da colônia, há duas Escolas Dominicais, nas quais preponderam professores e alunos batistas, o que não nos leva a chamá-las de Escola Dominical Batista, uma vez que as outras denominações se reúnem com elas (...)

Relatório

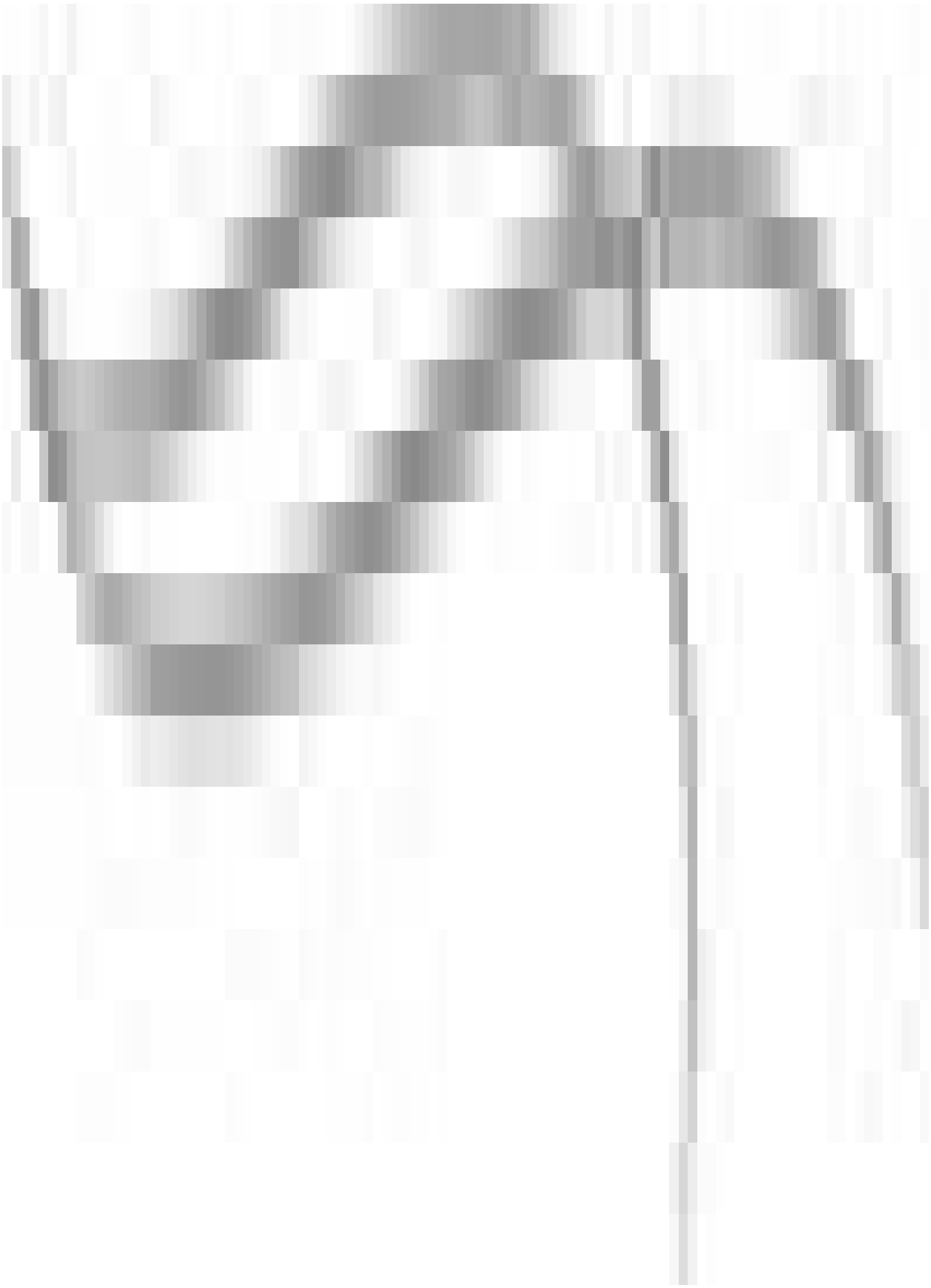
De WBB

Para FMS

'... Temos conservado o trabalho na colônia americana em SBSP, porém, até este ano não foi estabelecido qualquer um entre os brasileiros daquele Estado. (...)

Durante uma grande parte do ano esse ponto do trabalho esteve sob a direção da Missão no Rio e foi visitado pelo escritor, cada trimestre. Porém, como os irmãos Taylor e Downing estão agora naquela área, e têm visitado a colônia, pregando regulamente, o campo ficou outra vez sob os cuidados da Missão em S. Paulo. Temos sido alegrados pelo considerável interesse ali e por um número de conversões e batismos."

Consoante a p. 73, dos Anais da SBC, maio, 1900, extraímos do relatório do Dr. J. J. Taylor, que a Missão foi formalmente constituída em setembro, e começou como tal, a 01 de outubro, ficando o Dr. J. J. Taylor como tesoureiro. "Por isso que, como uma Missão, temos apenas três meses de idade, embora o nosso trabalho tenha seis meses de idade."



FMJ, jan./1901, v. 51, p. 251 e parte repetida em SBCA, maio/1901, p. 77, 78

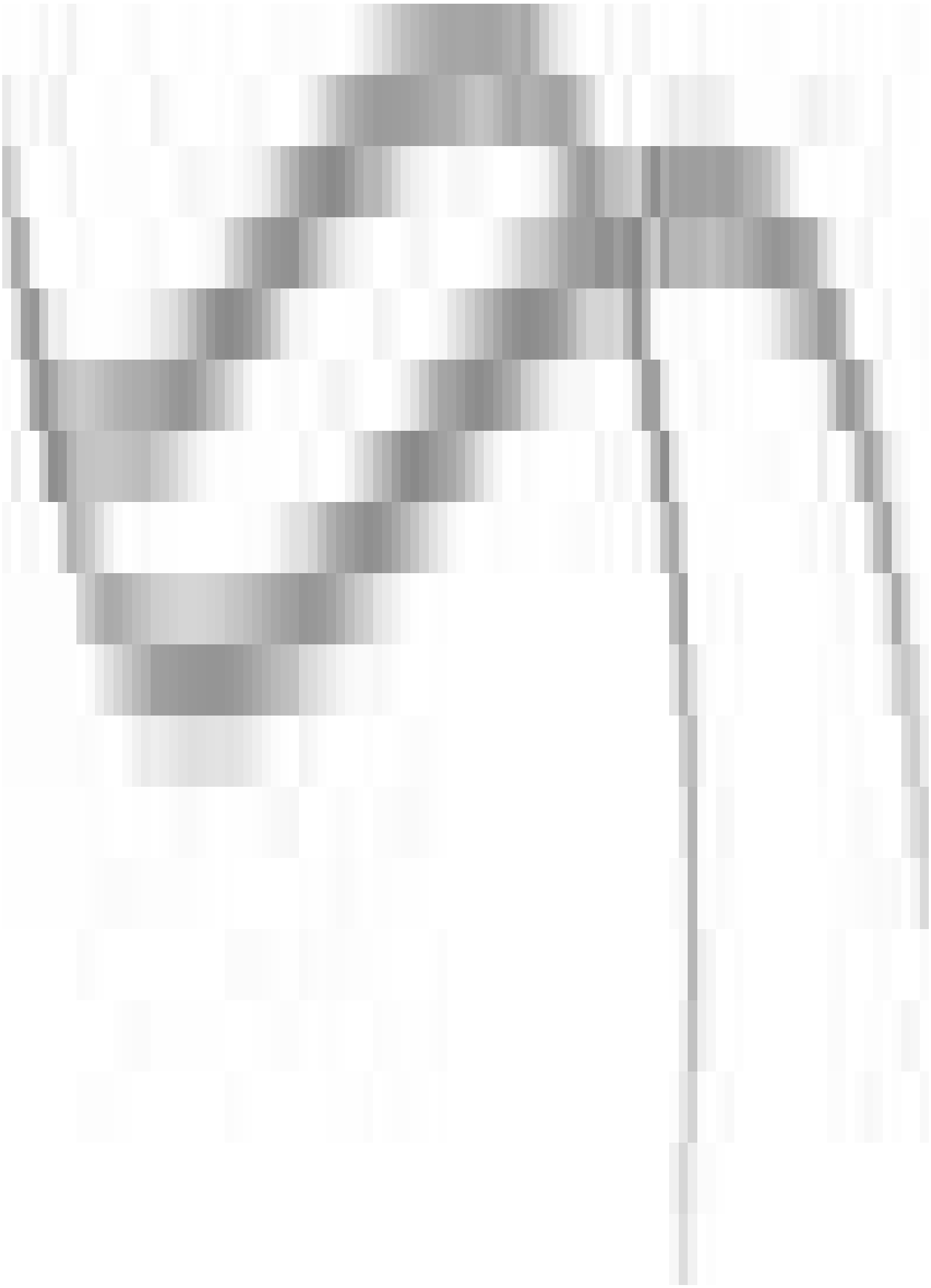
22.10.1900

Relatório S. Paulo

De JLD

Para FMB

"... Os trabalhos em Santa Bárbara e Campinas parecem ser os centros onde o Espírito está despertando os não salvos, mais do que nesta cidade. Há poucos dias estive em SB para 11 dias de reuniões. Seis pessoas uniram-se à igreja naquela ocasião. Batizei quatro delas e as outras duas deverão estar prontas para o batismo na próxima reunião regular da igreja.

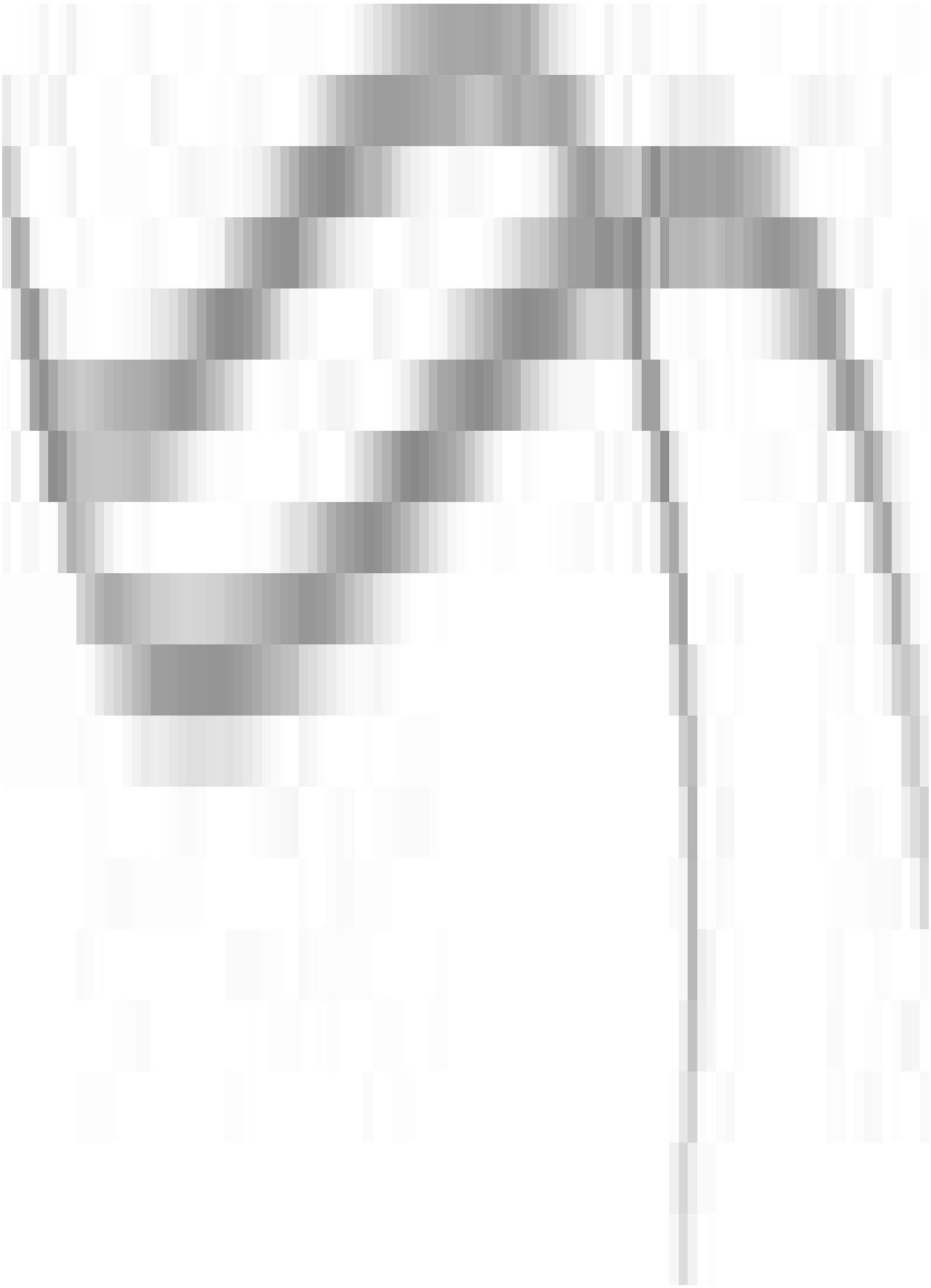


NAITR, p. 16

22.01.1901

Falecimento

A 22.01.1901, em SBSP, faleceu James Edward Carr, com 45 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo.



SBCA, maio/1901, p. 68, 77

Maio, 1901

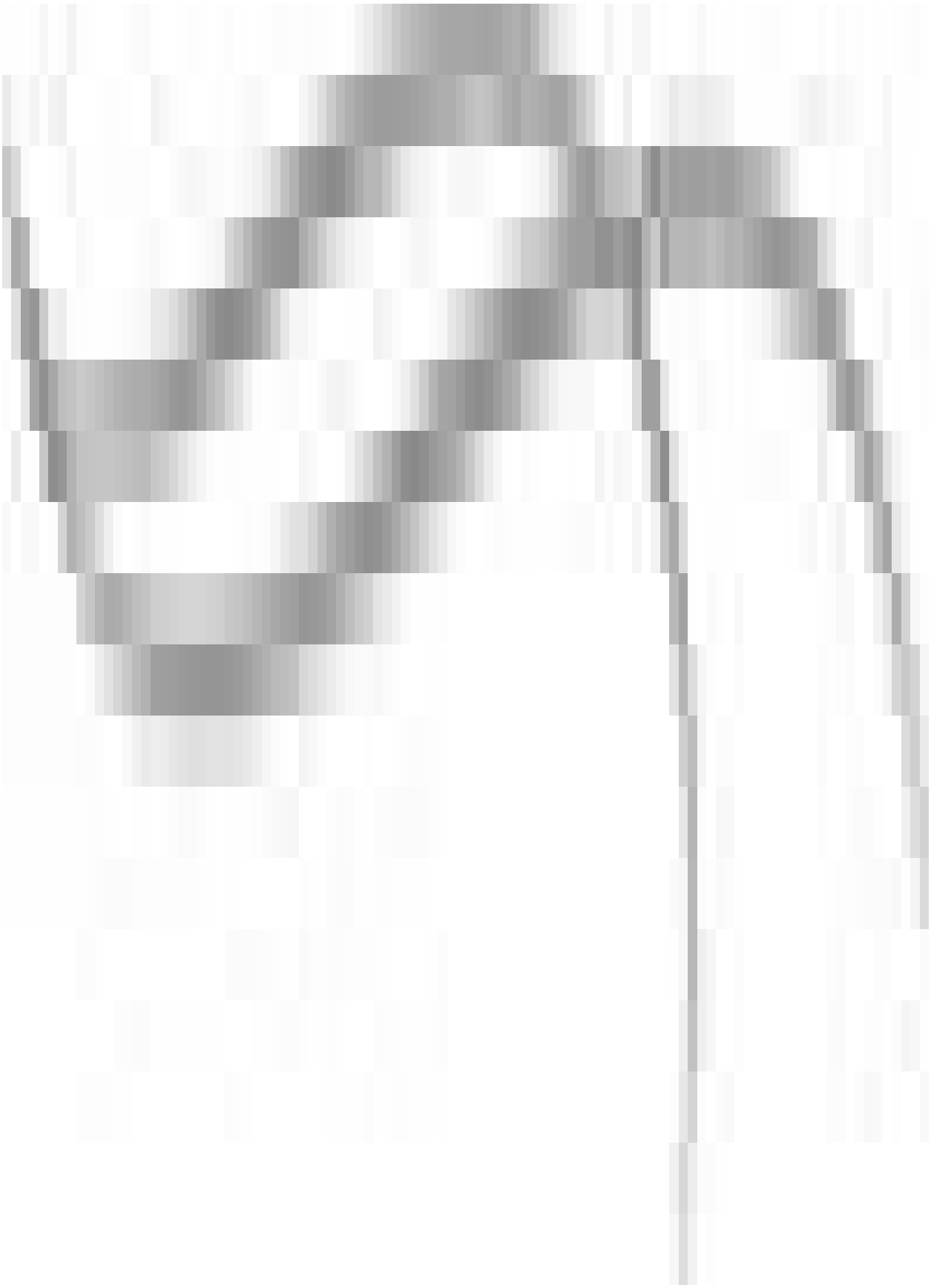
Notícias

Na p. 68 dos Anais da SBC, de maio de 1901, há um retrato do Dr. W. B. Bagby com a seguinte legenda: “Rev. W. B. Bagby, D. D., went out in January, 1881, and opened the work in Brazil.” (O Rev. W. B. Bagby, D. D., partiu em janeiro de 1881 e abriu o trabalho no Brasil.)

Na p. 77, temos o seguinte:

“... A Igreja de Santa Bárbara é composta quase exclusivamente de americanos — colonos que foram para aquele país logo depois da guerra civil. A Igreja não é forte, tão pouco bem unida em seus esforços. O irmão Downing realizou ali uma semana de reuniões e foram batizados quatro, e mais quatro estão esperando pelo batismo. A Igreja é pobre, mas ajuda a pagar a nossa passagem de trem quando vamos ali. Penso que farão melhor no próximo ano.”

Parte desta informação é uma repetição da notícia dada a 22.10.1900. Do grifo acima destacamos a palavra “quase” o que faz crer que, àquela altura, havia membros da igreja que não eram americanos.



Opúsculo Comemorativo — 1908

Ver pág. 681, Imagens E65 e E66 e pág.710, E90

10.01.1902

Colégio Progresso São Paulo

O Colégio Progresso Brasileiro inicia uma nova fase de sua vida, na cidade de São Paulo, a 10.01.1902, tendo agora como sua responsável, D. Anna Luther Bagby. Do opúsculo comemorativo, publicado em 1980, para um culto de ação de graças, temos a seguir o que a própria D. Anna havia escrito como um histórico de colégio, hoje, com o nome de Colégio Batista Brasileiro:

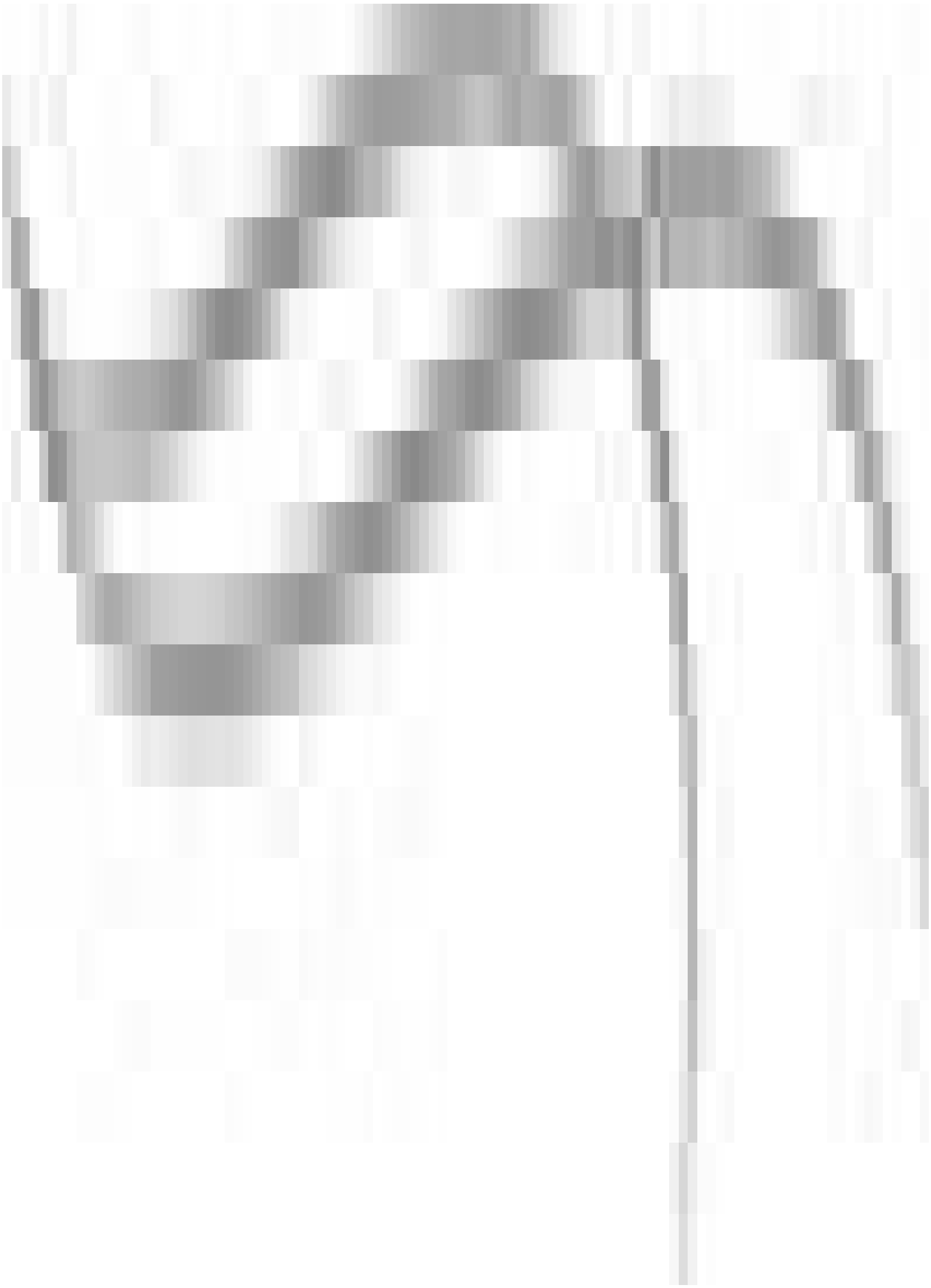
“Em nossa vizinhança, mantinha uma escola particular a Sra. Mary McIntyre, que nos convidou para assistirmos à sua festa de encerramento. Ficamos encantadas. Soubemos, então, que ela desejava vender a instituição; e, tendo eu motivos para crer que a União Geral de Senhoras do Sul dos EE.UU. daria forte apoio a tal empreendimento, indaguei das condições. Ela oferecia o seu nome e influência, juntamente com algumas escrivaninhas bastante estragadas por 10:000$000, afirmando que o lucro mensal, eliminadas as despesas, montava a 2:000$000.(...) Não havia tempo para consulta com a nossa Junta de Richmond e, estando nós em vésperas da data de abertura dos colégios, consultamos os nossos companheiros de trabalho, os casais J. J. Taylor e A. B. Deter, que nos deram seu inteiro apoio. Fechamos, portanto, o contrato e dedicamo-nos, eu e a ex-diretora, a visita aos alunos. (...) No dia 10 de janeiro de 1902 fundou-se, portanto, o “Colégio Progresso Brasileiro”, exibindo em seu letreiro, em letras garrafais, o nome da ex-diretora, à Alameda dos Bambus, nº 5, no mesmo prédio ocupado previamente por 32 alunos e suas professoras.”

A professora que vendeu o colégio era Mary Ellis McIntyre, uma das filhas de Mary Matilda Ellis, aquela que hospedara o casal Bagby quando de sua chegada em Santa Bárbara. A professora Mary E. McIntyre abrira antes a sua escola na cidade de Campinas. Mas, por volta de 1890, ela e a família transferiram-se para a capital, São Paulo, e assim veio também o colégio.

Na carta que Anna Bagby escrevera ao seu querido pai, no Natal de 1901, dizia de sua grande alegria pela aquisição que fizera daquela escola. Além de tantos serviços que poderia prestar, estava o da evangelização.

Para enfrentar as despesas, uma vez que a União de Senhoras afirmou ser impossível ajudá-la no pagamento do colégio, D. Anna imaginou como teria o problema resolvido. Abriu um Jardim da Infância. Convidou Hortência Smith, do Colégio Piracicabano, para assumir a responsabilidade dele. Depois veio Anne Hope Thomas, que se formara no Mackenzie. Hortência e Anne eram filhas de norte-americanos, mas nascidas em SB.

Filhos e netos dos pioneiros americanos de SB que puderam vir a São Paulo, tiveram a oportunidade de estudar naquele colégio. Como alguns pais não tinham recursos suficientes para o pagamento dos estudos e pensão dos filhos, estes davam parte de seu tempo em atividades no próprio colégio e, de quando em quando, os pais enviavam para a instituição um pouco do que plantavam e criavam nas suas casas, em SB.



FMJ, abr./1902, v. 52, p. 321, 322

13.02.1902

Carta de São Paulo

De JJT

Para FMB

Essa carta do Dr. J. J. Taylor, para a FMB, de 13.02.1902, dá algumas poucas informações do trabalho na capital e, em seis linhas, ele diz que o missionário A. B. Deter estava em Campinas, como pastor residente, e desse modo estava dando assistência também aos irmãos em SB.

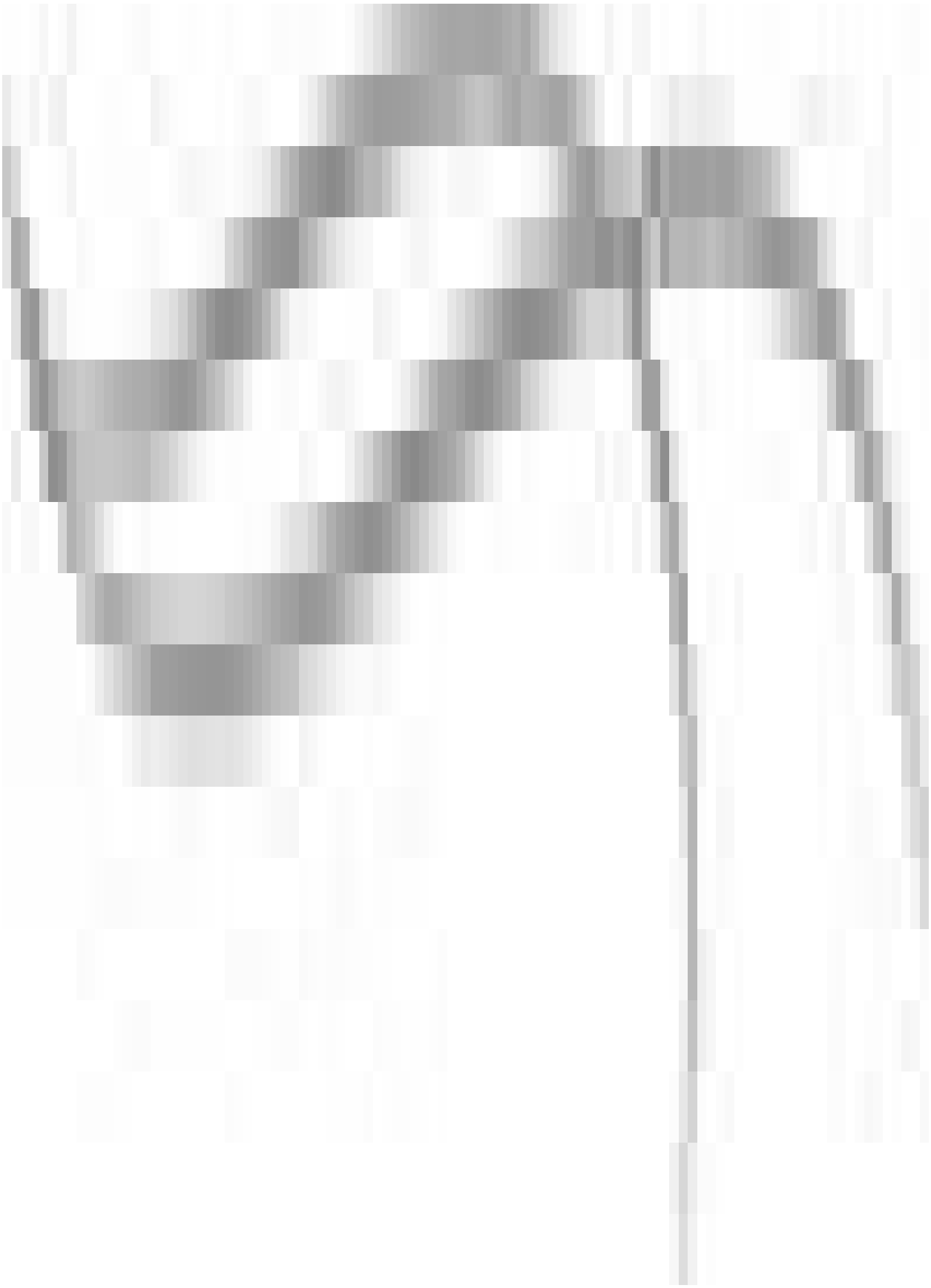
14.02.1902

Carta de Campinas

De ABD

Para FMB

“... Visitei a colônia norte-americana em SB, a uma hora de trem distante de Campinas. Preguei em inglês e fui convidado para ser pastor daquela igreja. Alheio ao que o cerca, esse povo apegou-se ao antigo evangelho e ainda ama o Livro usado por seus pais. Uma boa quantidade de jovens está crescendo entre esses americanos. Estou orando para que alguns desses sejam chamados a pregar aos seus irmãos adotivos aqui. Há alguns fortes, fervorosos homens entre eles e têm a vivência do evangelho de seus antepassados e falam a língua do Brasil, tão fluentemente como os nativos.”



O JB, 21.02.1902, ano 2, nº 7, p. c, c. 1,2

12.02.1902

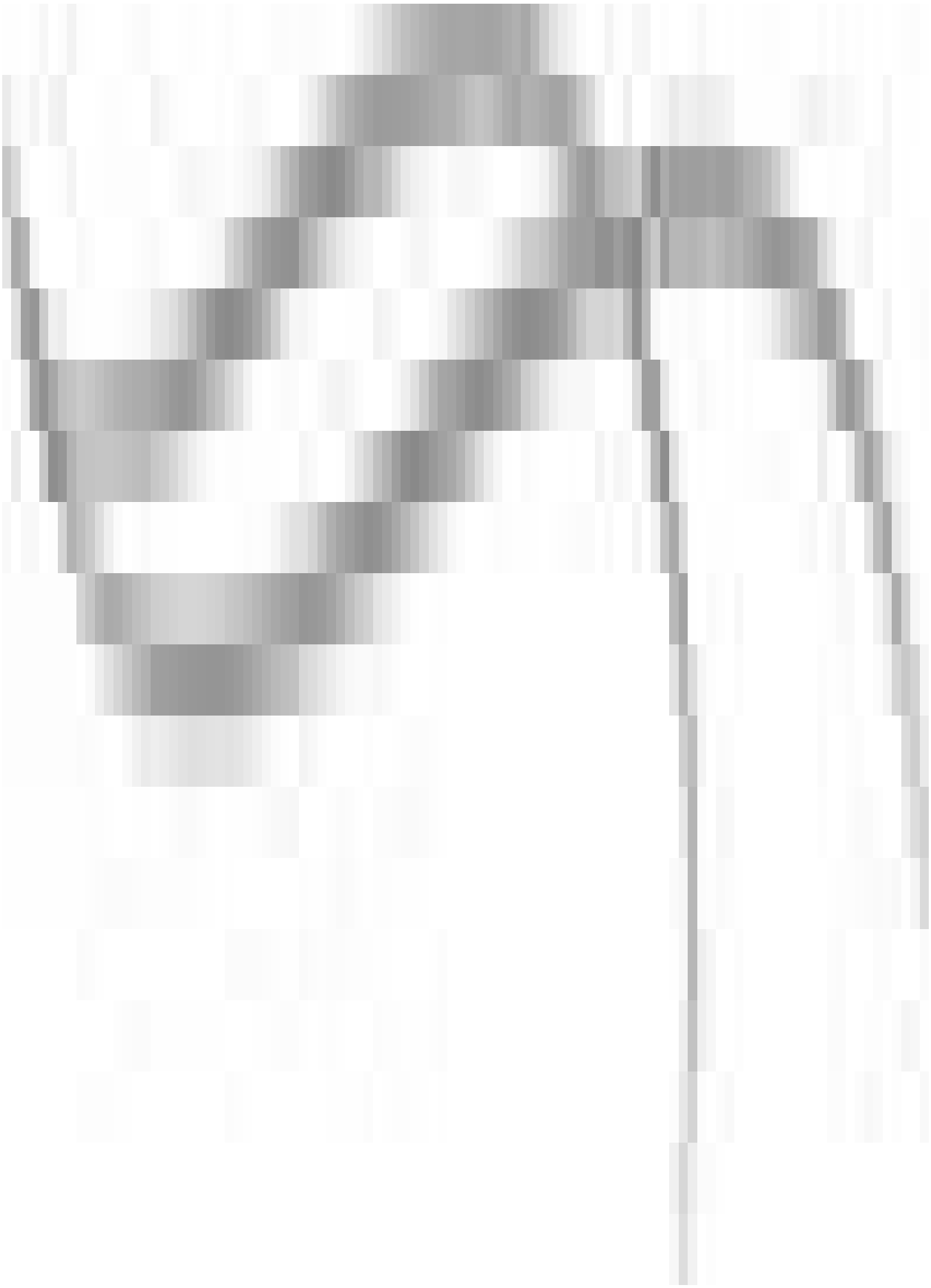
Notícia — Campinas.

De Ramiro S. Falque

Para O JB

“São Paulo. Notícias. ‘Ecos da Campanha’. (...) Na última sessão da igreja foi nomeado o irmão A. B. Deter para ser o pastor da mesma. (...) Na sexta-feira, este mesmo irmão partiu para Vila Americana. (...) Ali ele pregou duas vezes no domingo, em inglês, de manhã, e em português, de noite; as reuniões foram muito concorridas.”

Quanto à notícia de 14.02.1902, de que o Dr. A. B. Deter havia sido convidado para ser o pastor da PIB/SB, nada encontramos que nos fizesse convictos de que ele teria aceitado o pastorado.



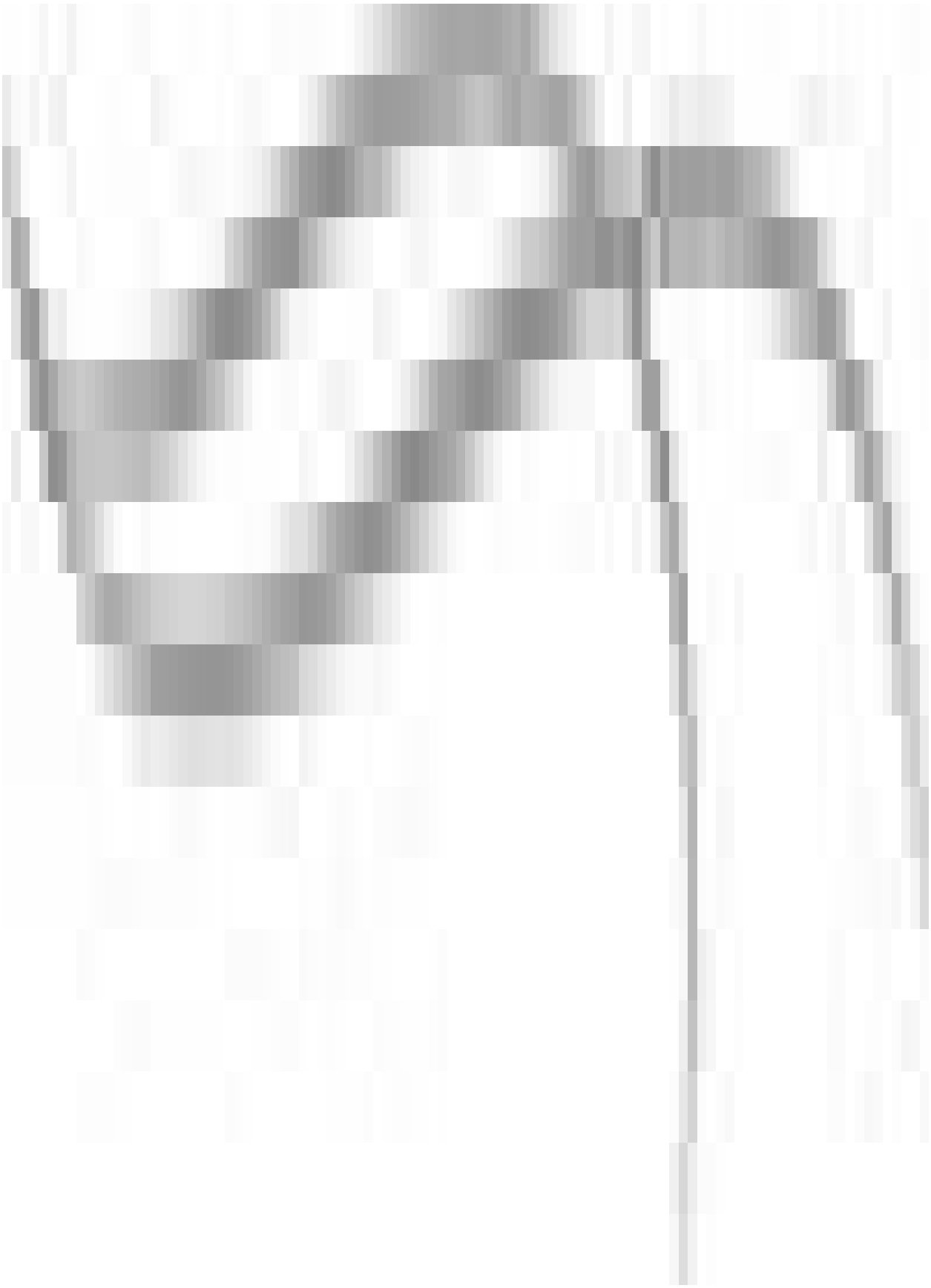
SBCA, maio/1902, p. 126

Maio, 1902

Relatório

O relatório d Dr. J. J. Taylor, publicado nos Anais da SBC, de maio de 1902, referente às atividades do ano de 1901, diz o seguinte:

“... A Igreja em Santa Bárbara tem estado sem pregador durante quase todo o ano. O Dr. Downing não se pode afastar do seu trabalho como médico que é da Companhia Elétrica, e eu fui incapaz de ir para pregar. Depois da chegada de Dr. Deter, ele foi algumas vezes e pregou. É possível que ele vá em visitas, regularmente, no próximo ano.”



FMJ, julho/1902, v. 53, p. 19, c. 1, 2

13.03.1902

Carta de Campinas

De ABD

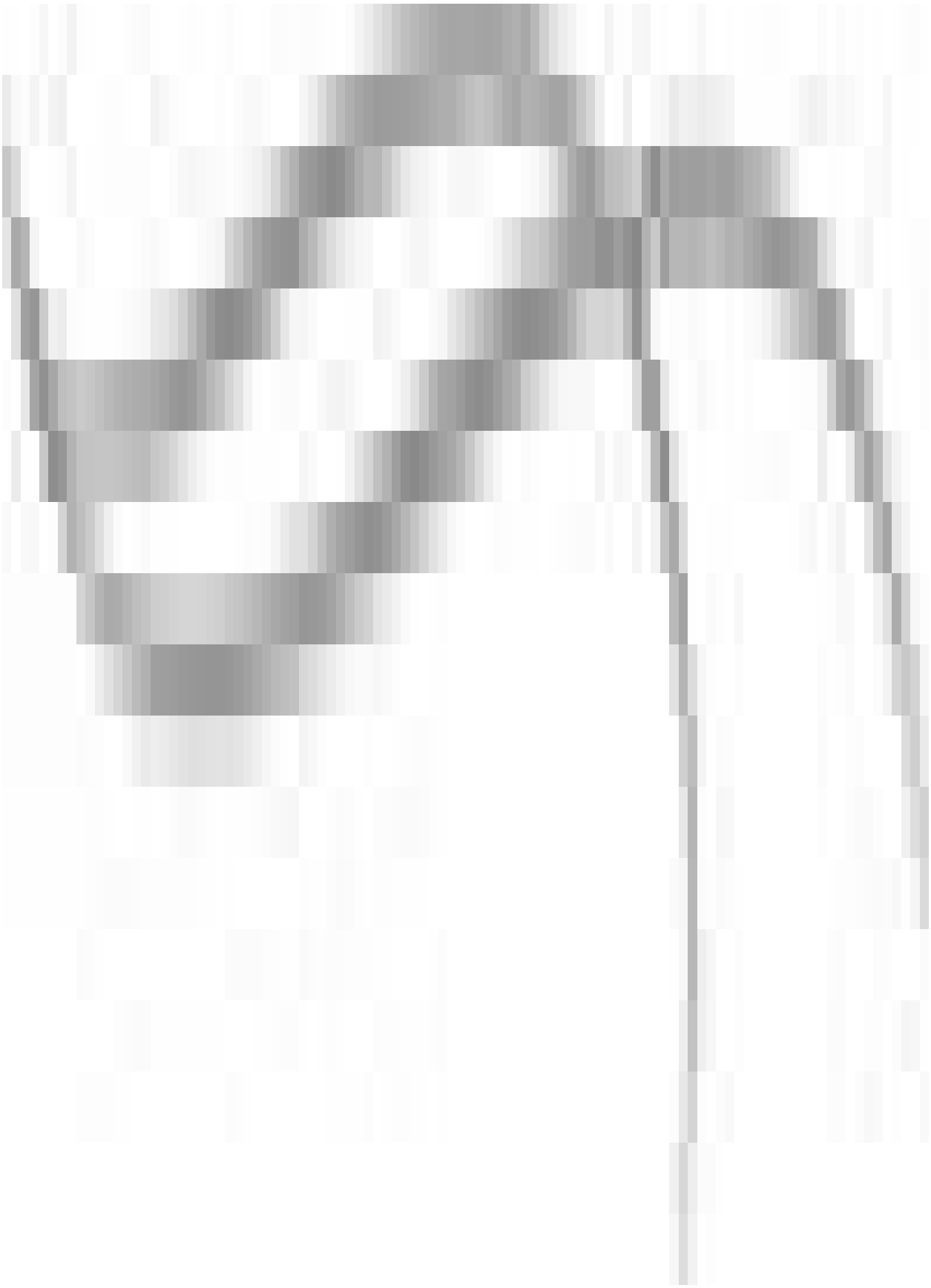
Para FMB

"... A Sra. Deter e eu estivemos na colônia americana no último domingo, quando preguei. Ainda que o dia estivesse chuvoso e houvesse muita lama, a casa estava lotada. Foi como um portão do céu para mim, pois eu pude falar na minha língua nativa. Uma jovem deu o seu coração a Deus, penso.

A Sra. Deter e eu escrevemos uma carta pessoal a cada homem, mulher e criança da colônia, 400 ao todo, e o trabalho deu ricos resultados. Eles estão pagando perto de metade das despesas para manter um jovem estudante para o ministério na escola aqui. Estou ensinando inglês a quatro jovens que se preparam para pregar. Um deles é americano, que recentemente decidiu entregar a sua vida a Deus. A colônia americana cedo pagará a viagem de um desses jovens."

A jovem mencionada acima foi Kate Thomas, consoante documentos no arquivo da família. Kate Thomas casou-se com Flavio Bersot de Souza, que foi gerente das oficinas da Casa Publicadora Batista, no Rio de Janeiro, por longos anos.

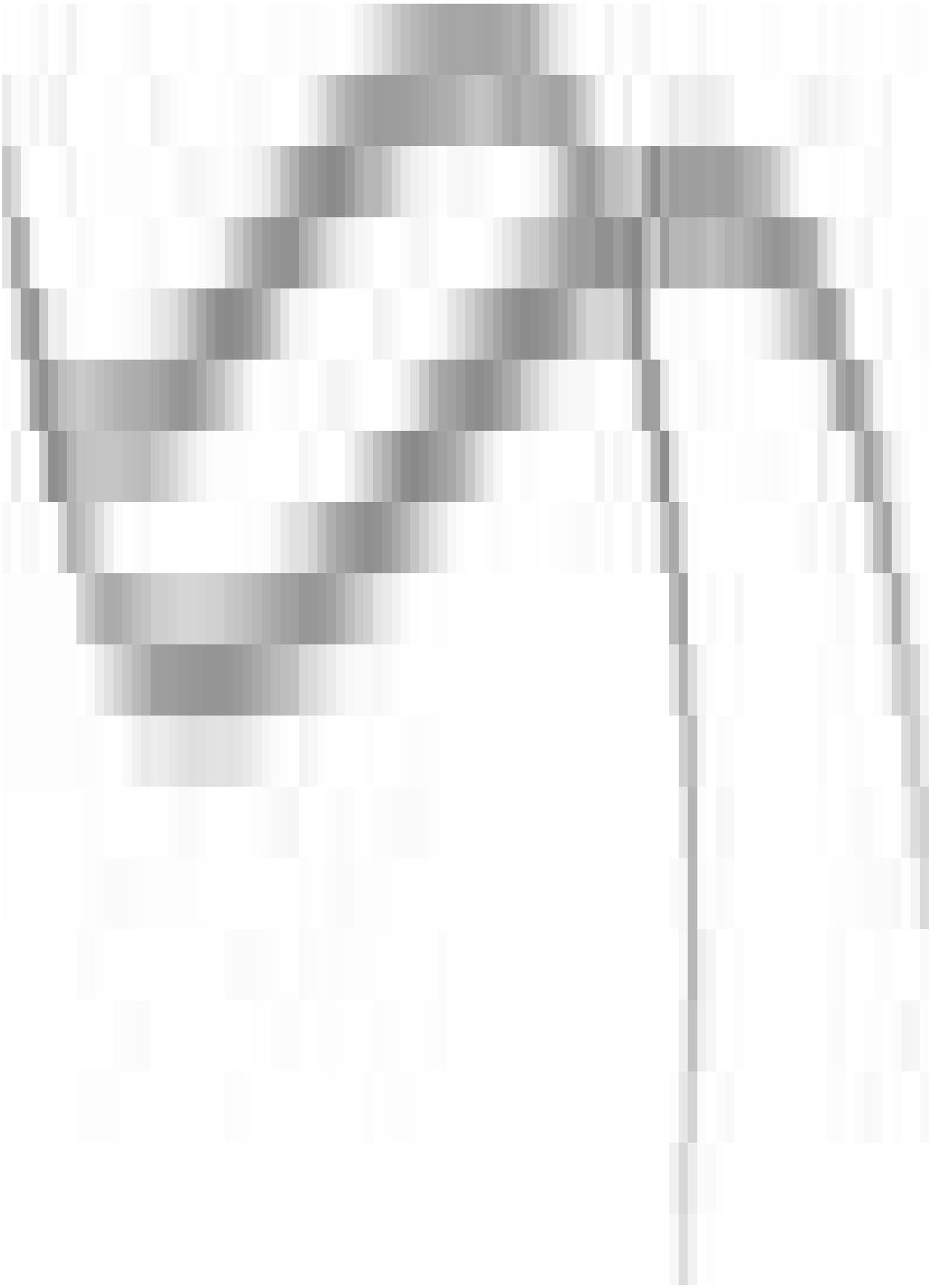
E o jovem estudante para o ministério deve ter sido J. J. Minchin. (Ver adiante, em 30.12.1903.)



22.06.1902

Batismos

Conforme documento, de 26.06.1902, adiante, realizou-se, a 22.06.1902, o batismo de quatro pessoas em SBSP. Como na informação acima, também aqui, os nomes dos personagens não são mencionados. Sabemos, porém, que entre as quatro pessoas batizadas estava Kate Thomas, já referida anteriormente.



FMJ, set./,1902, v. 53, p. 83

26.06.1902

Carta de Campinas

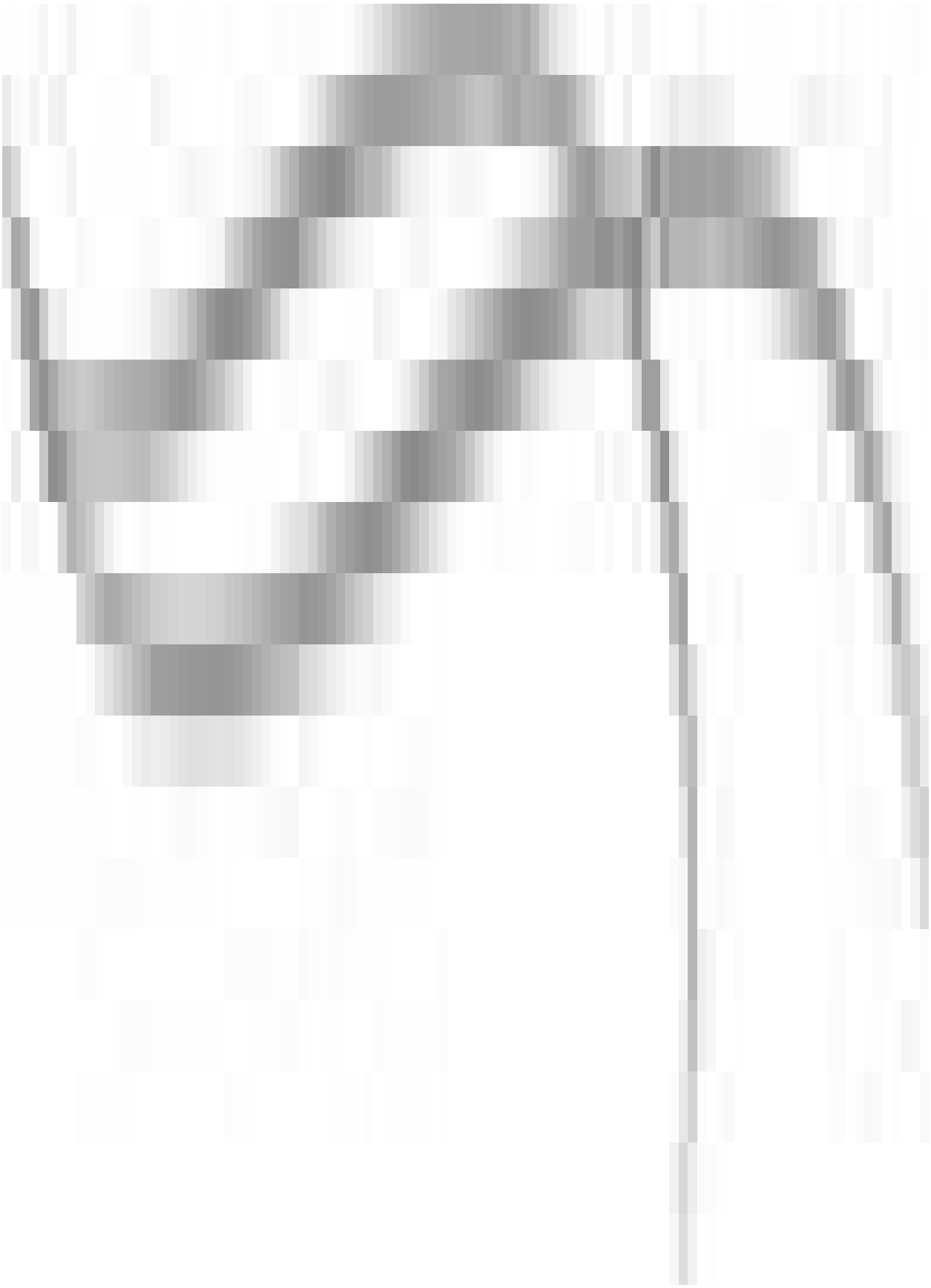
De ABD

Para FMB

“... Tivemos quase duas semanas de reuniões na Vila Americana. O irmão Bagby esteve comigo seis dias e pregou com o seu antigo fervor e poder. Ao fim das reuniões, batizei quatro candidatos. Houve dez profissões. Duas das pessoas que deram profissões uniram-se à Igreja Presbiteriana, pois suas famílias eram presbiterianas. A igreja aqui está ficando em condições para ser uma força evangelizadora nesta parte do Brasil. Como sabe, um dos jovens rapazes aqui decidiu entregar a sua vida ao trabalho do ministério. A igreja em SB tem dado, em dois meses, acima de 30 dólares para o trabalho do Senhor. Dez dólares desses, usei-os em correspondência com vários americanos aqui, tanto conversos como não. A Sra. Deter e eu temos escrito 693 cartas durante os últimos dois meses. Lembramos a cada um o dever de pagar alguma coisa, e eles responderam alegremente.

A Sra. Deter está guardando a sua conta em separado. Em junho, eles pagaram todas as despesas de minhas viagens. Também, todas as incidentais para a Missão em Campinas, referente ao mesmo mês.”

O JB, de 04.07.1902, p. 4, c. 3, dá a informarão do batismo de quatro candidatos, a 22.06.1902, domingo. Não menciona os nomes, da mesma forma que a notícia acima.



O JB, 22.08.1902, Supl. p. 4, c. 3

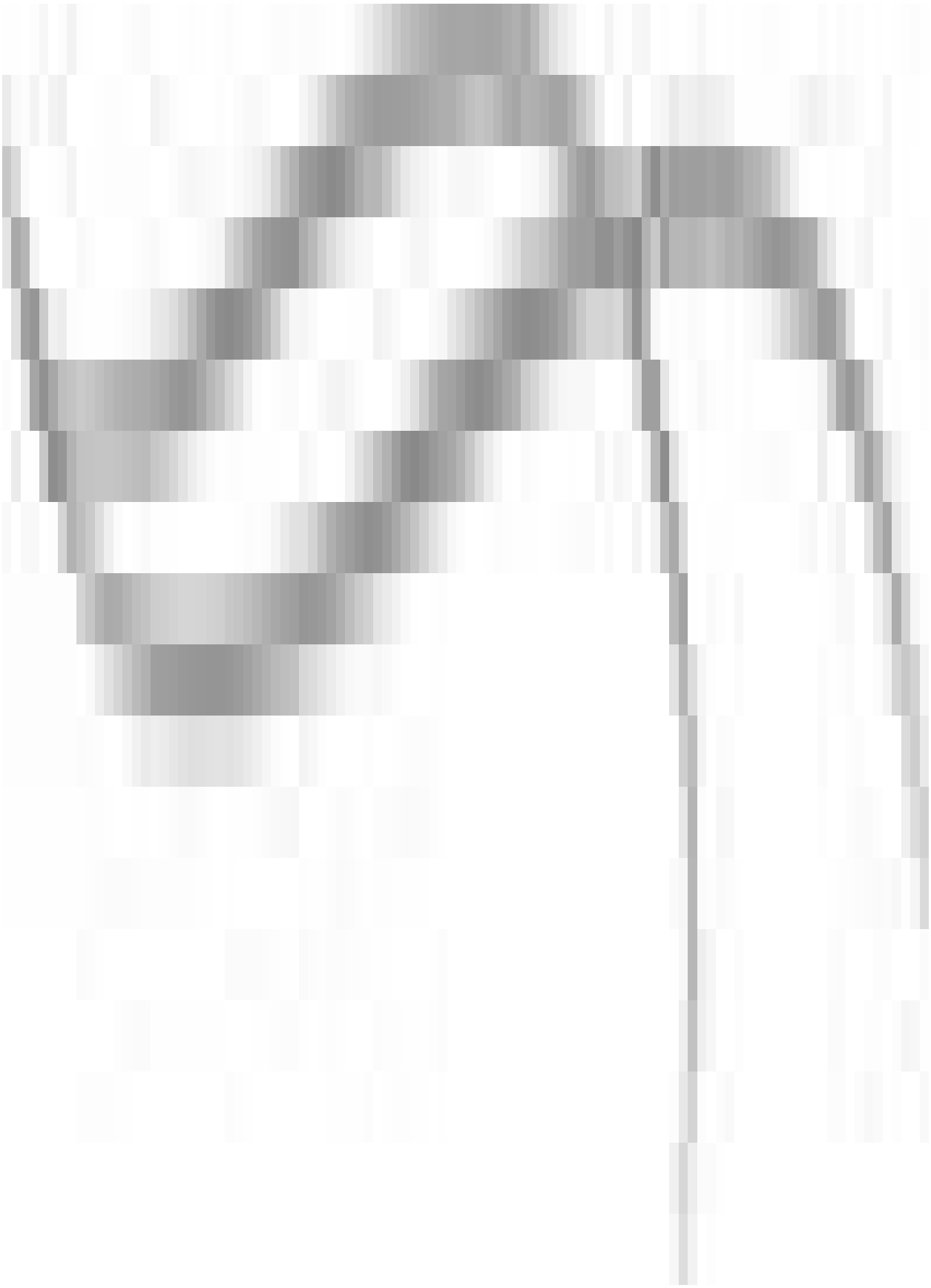
12.08.1902

Carta de Campinas

De ABD

Para O JB

“Na presente ocasião, acabo de voltar da Vila Americana, onde tivemos três excelentes reuniões. No último sábado de noite, fiz um discurso sobre a necessidade de ler bons livros para alimentar boas idéias, depois do que trataram de reorganizar a extinta sociedade literária que há tempos existiu. Estou persuadido de que Deus nos abençoará, pois os planos postos em prática serão um impulso grandioso na vida moral, intelectual e espiritual desta colônia. Também inauguramos nesta colônia um trabalho entre os que falam a língua portuguesa.”



O JB, 26.09.1902, nº 36, p. 4, c. 2

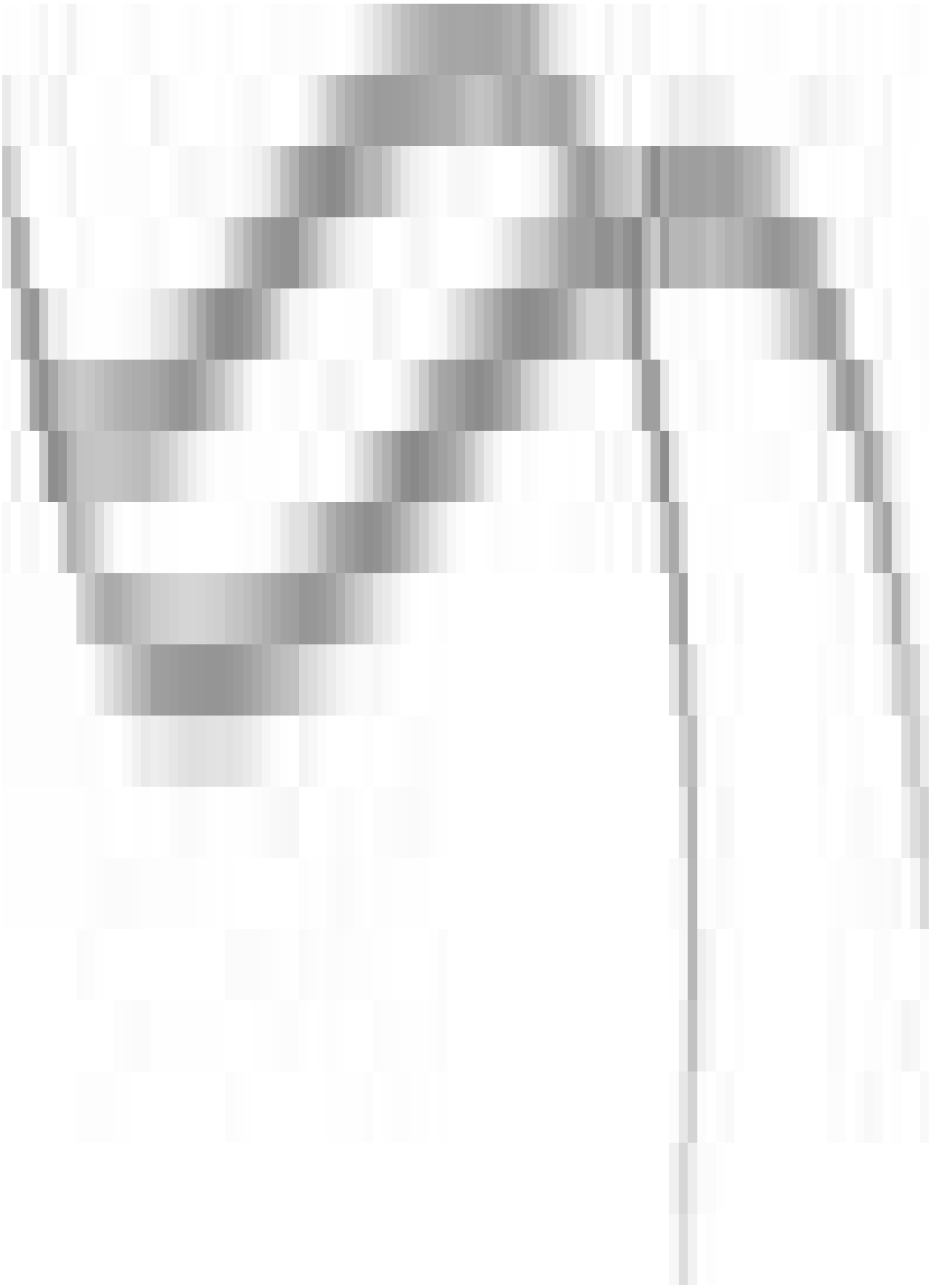
26.09.1902

Notícia de Campinas

De ABD

Para O JB

“... Nosso trabalho em Campinas compreende seis estações ou pontos, sendo dois na cidade, outro no arraial do Souza; outro em Rebouças (em inglês); outro em Santa Bárbara (em inglês) e outro na Vila Americana. Eu batizei cinco novos crentes na Vila Americana, nos últimos dois meses. As nossas igrejas neste campo estão trabalhando fortemente e em excelente condição espiritual.”



O JB, 31.10.1902, nº 40, p. 4, c. 3

31.10.1902

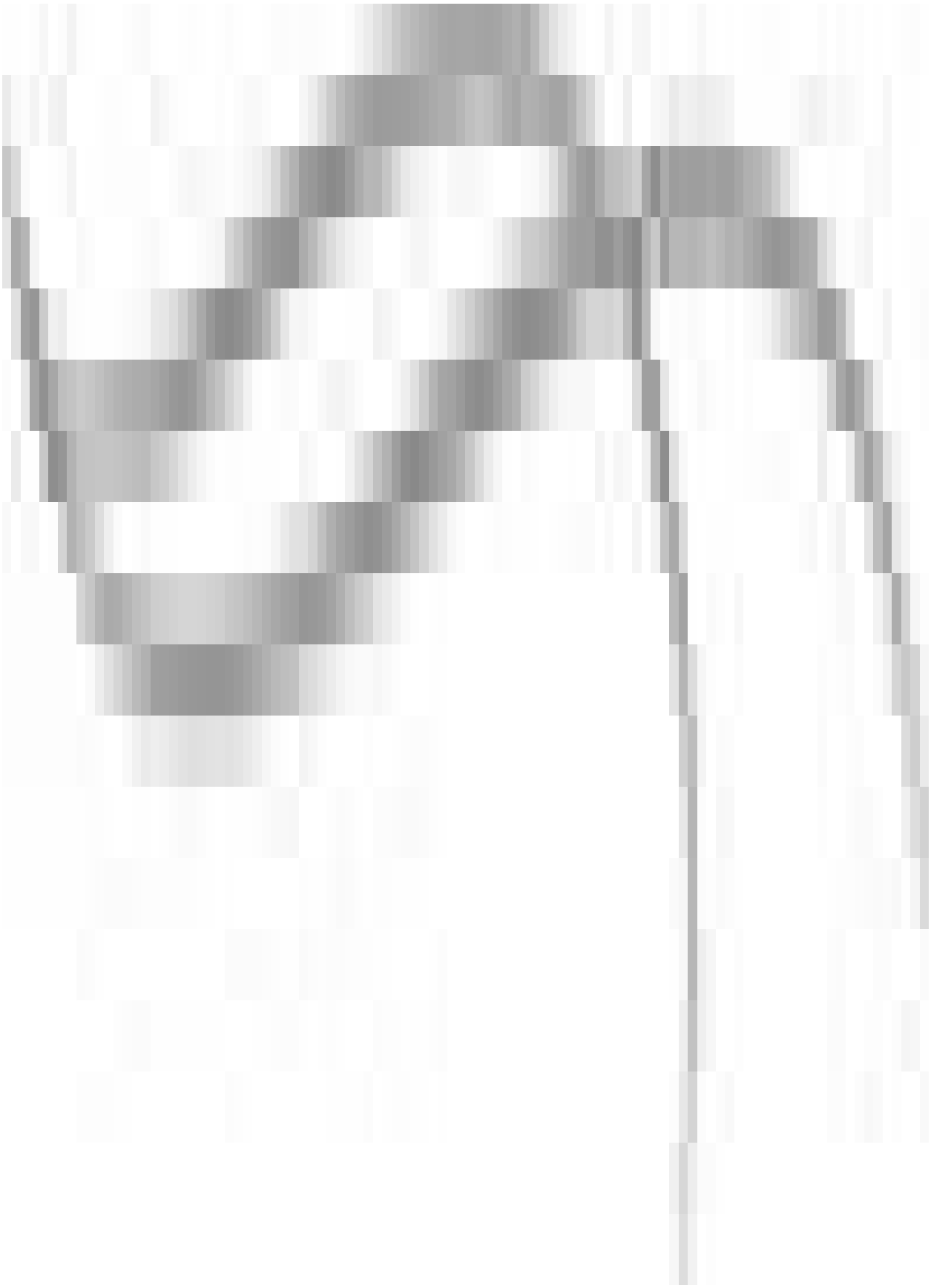
Notícia de Campinas

De Ramiro S. Falque

Para O JB

“... Na Vila Americana, foi batizada uma senhora. (...) De Piracicaba nos escreve o irmão Manoel Thiago, dizendo: vindo de São Paulo na sexta-feira, 17 do corrente, esteve aqui o nosso irmão Rev. Dr. Bagby que, no mesmo dia em que chegou nos deu o prazer de sua edificante palavra. No domingo 19 pregou duas vezes a boas congregações. No mesmo dia, foram aceitas duas pessoas que professaram a sua fé em Jesus e uma delas foi batizada no rio Piracicaba após o culto da noite. Na terça-feira seguinte, partiu o irmão Bagby para Jundiaí, onde pretendia pregar de noite e seguir no dia seguinte para São Paulo. Penso que, nos fins de novembro, teremos aqui diversos batismos e, ao mesmo tempo, a organização da Igreja Batista neste lugar. Nossa sala de cultos é pequena, porém, temos quatro dúzias de cadeiras novas e mais meia dúzia feitas de junco, oferta do Sr. George Gooda. O trabalho aqui vai bem. Em princípios de dezembro, se Deus quiser, estarei aí. M. Thiago.”

George Gooda foi membro da PIB/RJ. Pediu a sua carta demissória para a PIB/SPSP, e, ao tempo da notícia acima, estava residindo em Piracicaba.

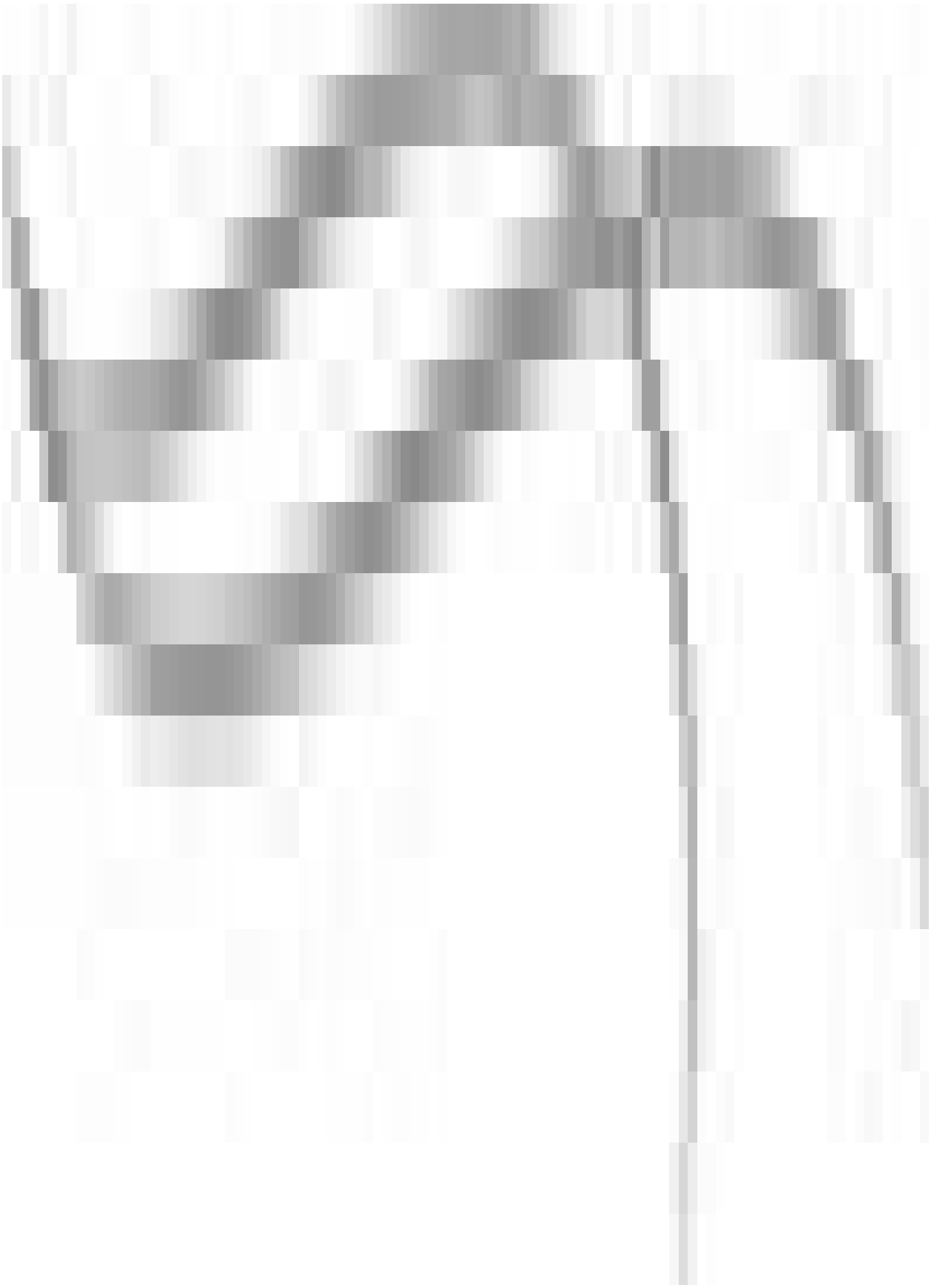


NAITR, p. 21

08.11.1902

Falecimento

A 08.11.1902, em SBSP, faleceu Julia A. (Pyles) Minchin, esposa de Joseph Long Minchin, sendo ela filha do Pr. Samuel Milton Pyles. Foi sepultada no Cemitério do Campo.



O JB, 28.11.1902, ano 2, nº 45, p. 4, c. 2,3

23.11.1902

Organização da

Igreja em Piracicaba

O Sr. M. F. Thiago enviou para o O JB a seguinte notícia:

“Ecos da Campanha. S. Paulo. Esta tem por fim participar-lhe a organização de mais uma igreja batista no Estado de S. Paulo.

Cheguei aqui no dia 05.09 do corrente ano e encontrei dois crentes em Jesus, membros de igrejas batistas: o Sr. Pasquale Giuliani e a Sra. D. Sarah Gooda. Aquele, membro da Igreja Batista em São Paulo, e esta, membro da Igreja Batista em Santa Bárbara.

A dedicação que encontrei nesses dois servos de Cristo não me é possível explicar. De comum acordo com estes dois irmãos dei começo, nesta cidade, ao trabalho do Senhor. Não têm sido vãos os nossos esforços. Deus nos tem abençoado de modo que dentro do pequeno espaço de tempo de três meses já temos uma igreja regularmente organizada.

Chegaram no dia 20 do corrente a esta cidade, vindos de São Paulo, Jundiaí e Campinas, os irmãos reverendos Bagby, Taylor, Deter e Gartner. Esses irmãos vieram especialmente para organizar a igreja aqui.

Na quinta-feira, 20, à noite, o Rev. Taylor pregou um edificante sermão que muito satisfez a seleta congregação que o ouviu. No fim do culto, foram recebidos para o batismo quatro pessoas que professaram alegremente o nome de Jesus.

Na sexta-feira, 21, tivemos às 2 horas da tarde, uma reunião de crentes, já professos, para tratarmos de certos negócios. Nessa ocasião, recebemos mais uma pessoa para o batismo. Nesse mesmo dia, à noite, tivemos uma boa reunião na sala de cultos onde se tratou da organização da nova igreja.

Às 7 e meia da noite, depois da leitura da Palavra de Deus, ocupou o púlpito o nosso irmão Dr. Bagby, que falou sobre “A igreja e suas relações com o reino”. Em seguida, falou o Rev. Deter, sobre “Os elementos de uma igreja batista”. Em terceiro lugar, falou o Rev. Taylor, sobre “O governo de uma igreja de Deus”. Falou ainda o Rev. Gartner sobre “As ordenanças de Cristo”. Por fim, falei em algumas palavras acerca do trabalho, do dever e caráter de uma igreja batista.

Terminada esta última exposição, foi feita uma tocante oração e cantado um hino, e foram convidadas todas as pessoas que queriam fazer parte da igreja na sua organização. Mas, como algumas pessoas que queriam tomar parte não fossem ainda batizadas, ficou resolvido que a igreja se organizasse no domingo seguinte, 23, depois de batizadas aquelas pessoas.

Os nossos irmãos Taylor, Deter e Gartner, porém, não puderam esperar para o domingo e partiram no sábado, 22, para as suas respectivas igrejas.

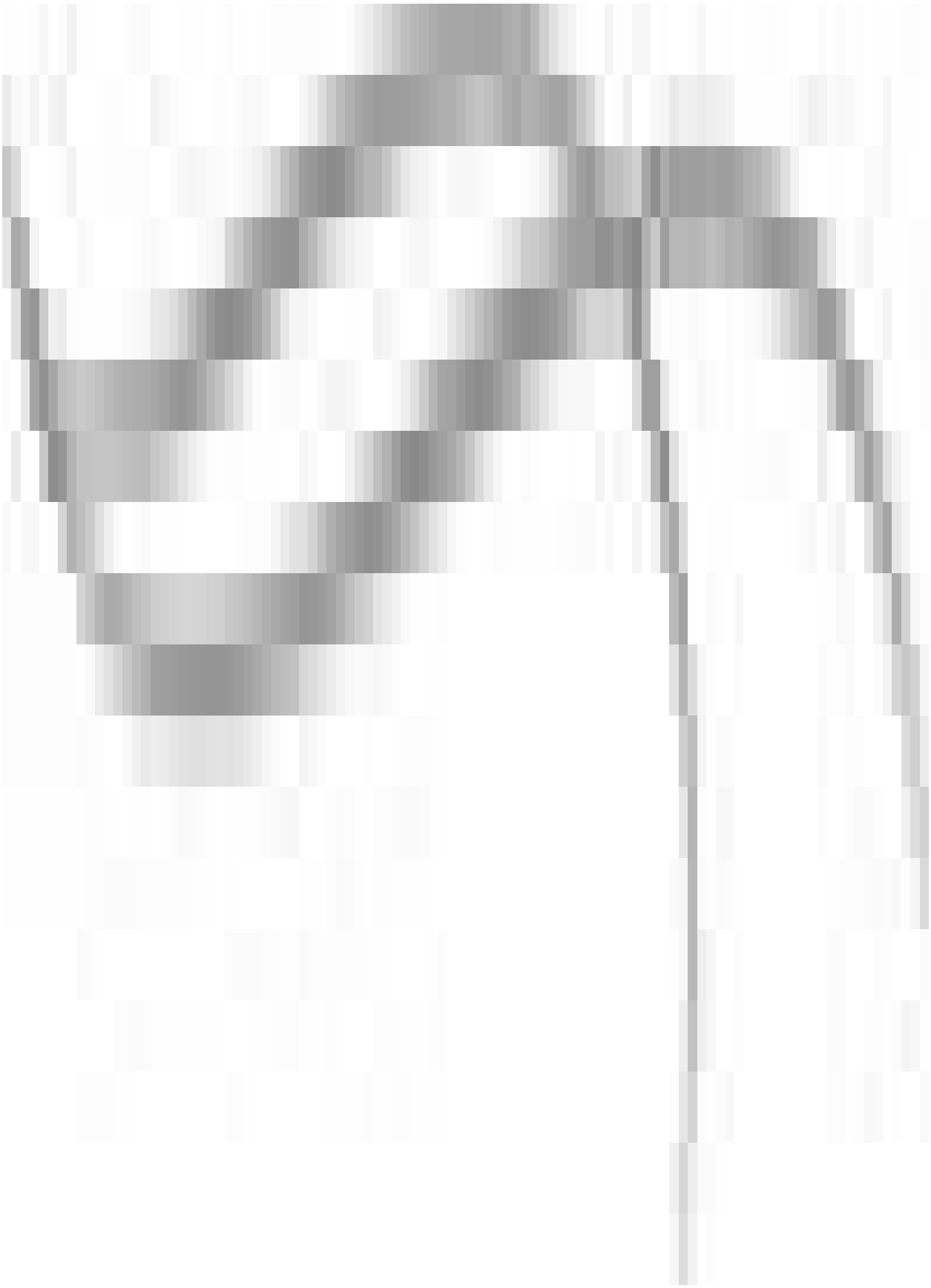
Ficou conosco o Rev. Bagby que, no domingo às 6 e meia da tarde, batizou no rio Piracicaba os cinco candidatos aceitos para o batismo. À celebração do

batismo achou-se presente um grande número de espectadores que respeitosos se descobriram ante à prática da ordenança do divino Mestre.

Às 7 e meia da noite, estávamos todos reunidos na sala de cultos onde já se achava uma numerosa congregação. Preguei sobre a passagem “Temos paz com Deus”, de Romanos 5.1. Terminada a pregação, o Dr. Bagby tomou a palavra e dirigiu os trabalhos da organização da nova igreja, com dez membros, sendo quatro recebidos por cartas demissórias, e 6, que foram batizados aqui depois que cheguei.

Os quatro recebidos por carta são os Srs. Pasquali Giuliani, membro da Igreja de São Paulo; Guilherme Prestridge, membro de uma igreja batista nos Estados Unidos do Norte, e as Snras. Donas Sarah A. Gooda, membro da Igreja de Santa Bárbara; e Vitória Prestridge, esposa do Sr. Prestridge, membro com ele de uma igreja nos Estados Unidos da América do Norte.

Os batizados aqui foram os Srs. Benedito Afonso da Fonseca, João Gonçalves, João Sucupira da Mota, D. Luiza de Abreu de Andrade, Estela Talches [deve ser Stela Thacher] e Domingas de Abreu. Todos estes foram batizados no domingo 23, exceto a Sra. D. Domingas, que foi batizada antes. Todas essas pessoas pactuaram solenemente e, unidos pela fé, para se constituírem em Igreja de Cristo sobre a terra e defenderem as gloriosas doutrinas do Salvador do mundo. Depois de ser organizada a igreja, foi celebrada a Ceia do Senhor. Em seguida, foi nomeado o Sr. Benedito Fonseca para secretário interino até o fim deste ano, e a Sra. D. Sarah Gooda como tesoureira, também até o fim do ano.”....



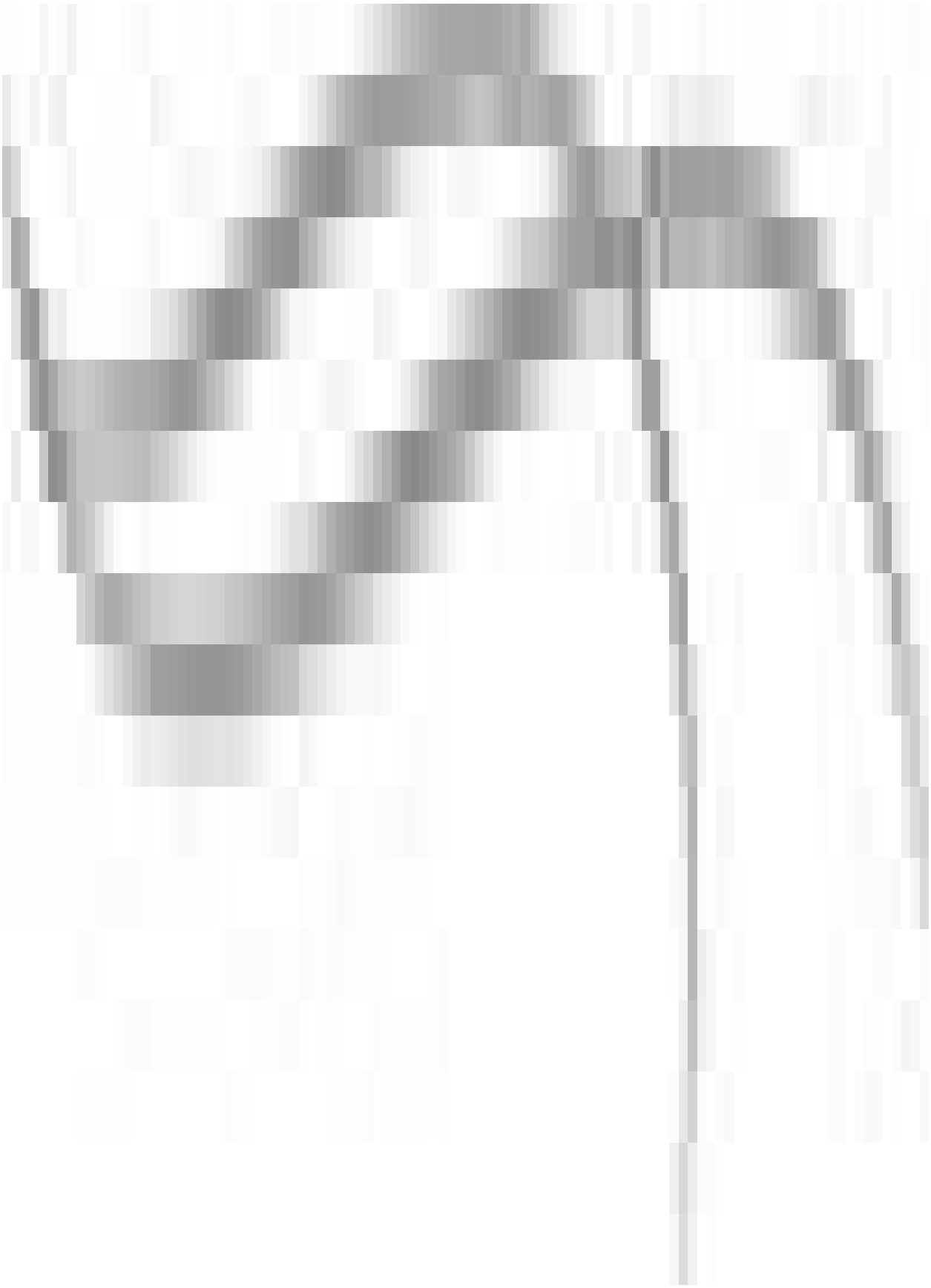
Cartório de Registro Civil, SBSP

Livro c-5, p. 47v, 48, termo 204

09.12.1902

Falecimento

A 09.12.1902, em SBSP, faleceu a Sra. Sarah Elvira (Parks) Quillin, com 58 anos de idade. O seu desenlace deu-se na casa de seus filhos, na Vila de SB. Foi sepultada no Cemitério do Campo. No registro de óbito, o sobrenome aparece como sendo Gaston. (Ver parte “B” — E. H. Quillin, pág. 162.)



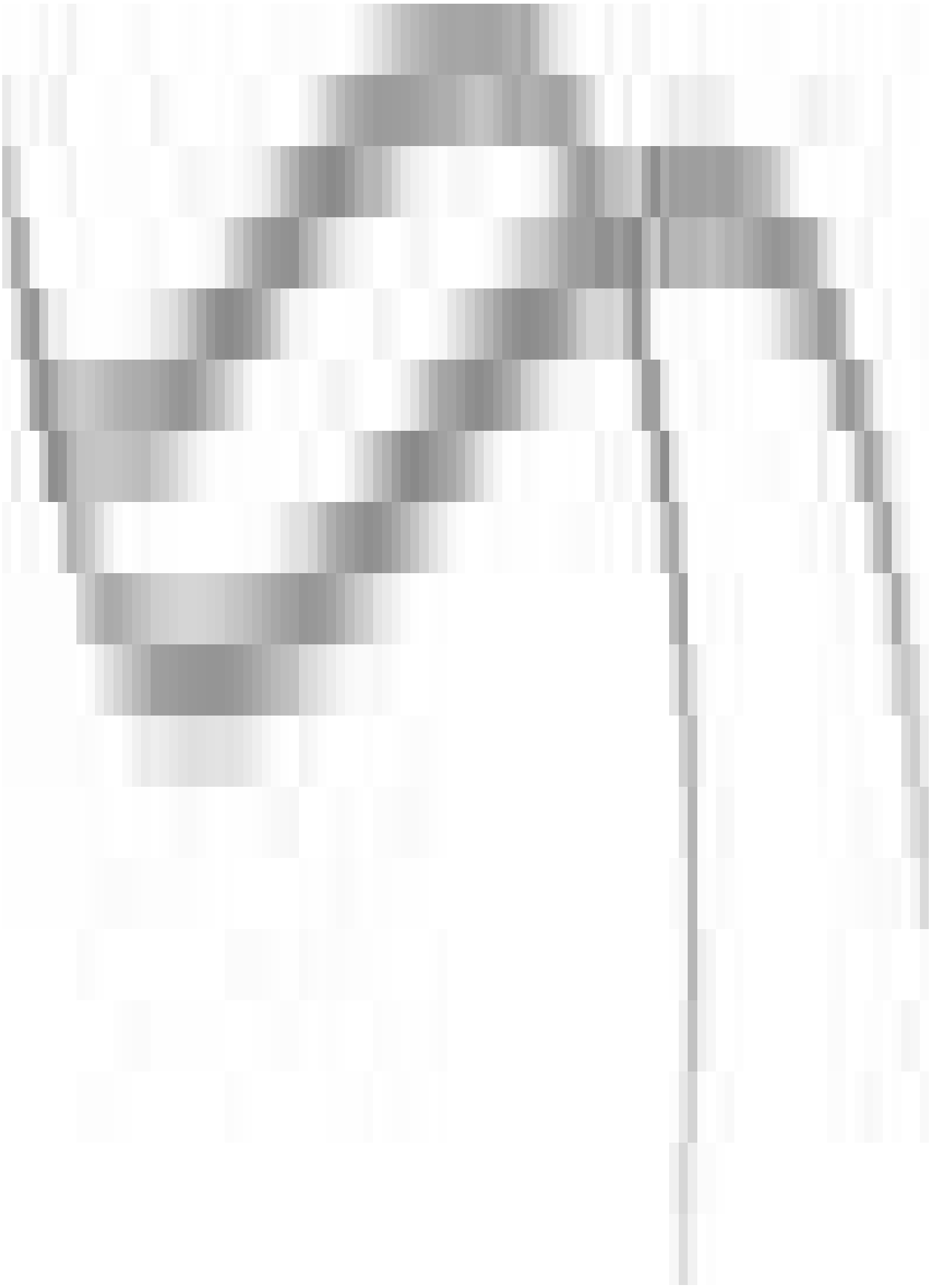
O JB, 10.02.1903, ano 3, nº 4

10.02.1903

Notícia de Piracicaba

A notícia publicada em O JB, de 10.02.1903, dá conta da visita do Dr. Bagby, com trabalhos animados, inclusive ao ar livre, com a participação dos irmãos metodistas, havendo uma assistência de 300 a 400 pessoas. E, adiante, registra o seguinte:

“... Em Piracicaba, a nossa causa e igreja devem muito aos dedicados amigos e irmãos, o Dr. George Gooda e sua esposa, Sarah Gooda. Eles sempre hospedam, generosamente, os pastores que lá vão pregar e por todos os modos auxiliam na santa causa do evangelho.”



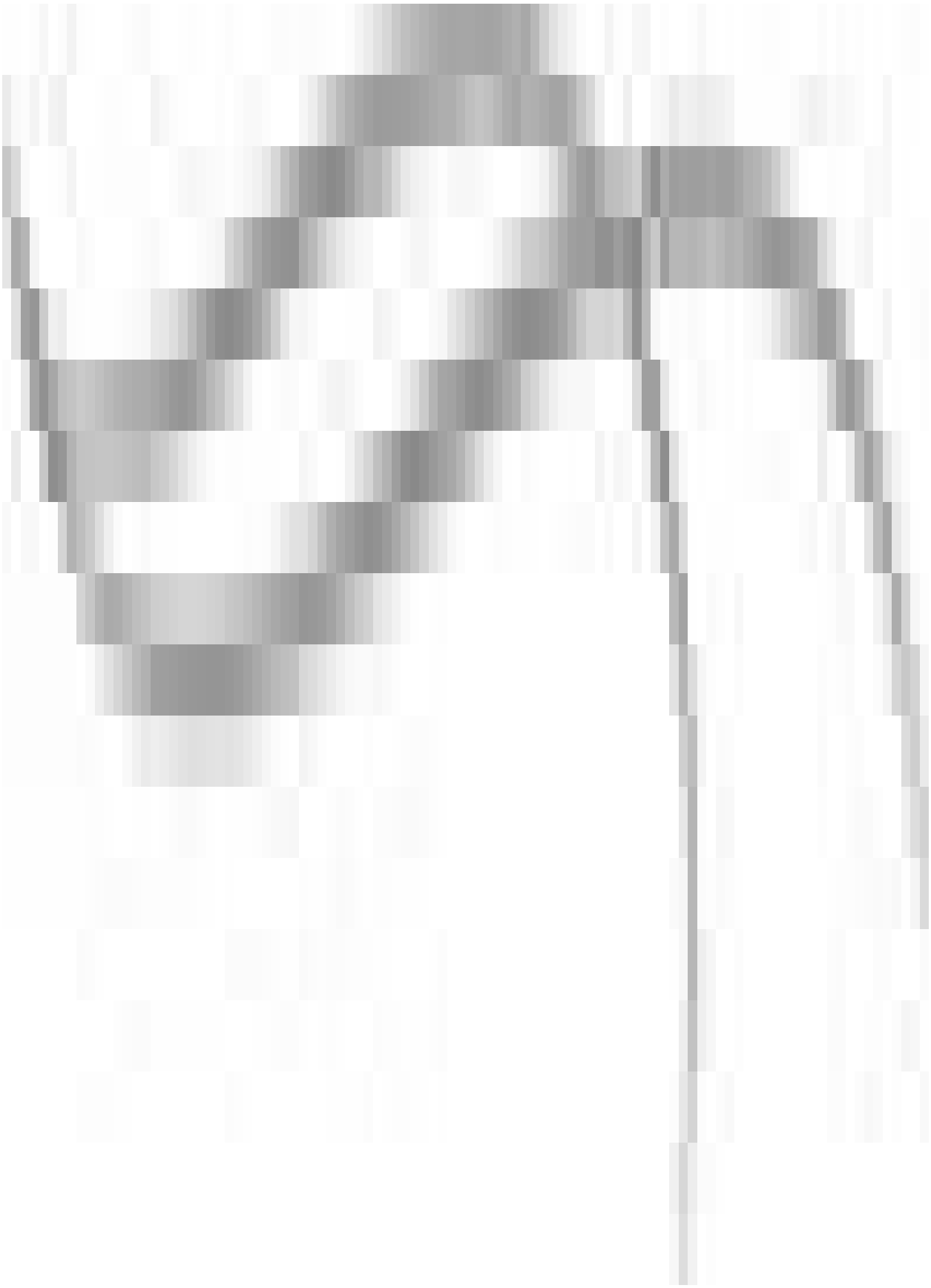
O JB, 30.12.1903, ano 3, nº 31, p. 8, c. 2

30.12.1903

Notícia

“... Dos EUA — da Baylor University —, nos escreve o nosso irmão estudante J. J. Minchin, as seguintes linhas: ‘Prezados irmãos brasileiros: depois de uma feliz viagem, pelo que dou graças a Deus, me acho nesta famosa Universidade que tem o nome de Baylor University, cidade de Waco, Estado do Texas. Aqui estou em comunhão com moços vindos de quase todos os Estados da União Americana, e também de diversos países estrangeiros. Não necessito encarecer o mérito desta grande instituição de ensino, pois ela é sobejamente conhecida; mas a sua vantagem rara é que ela pode receber todo e qualquer moço que não tenha meios de pagar a sua educação. Isto faz porque tem 24 jeiras de terra, onde os moços podem trabalhar. Os moços pobres trabalham durante certo tempo para pagar as suas despesas na Universidade.”

De acordo com a informação que recebemos da Baylor University, o jovem mencionado era Joseph Johnson Minchin, nascido a 20.08.1878, em Santa Bárbara, e que lá esteve no outono de 1903, primavera, verão e outono de 1904, primavera de 1905 e inverno de 1908. Não encontrei o registro de que tenha sido graduado.

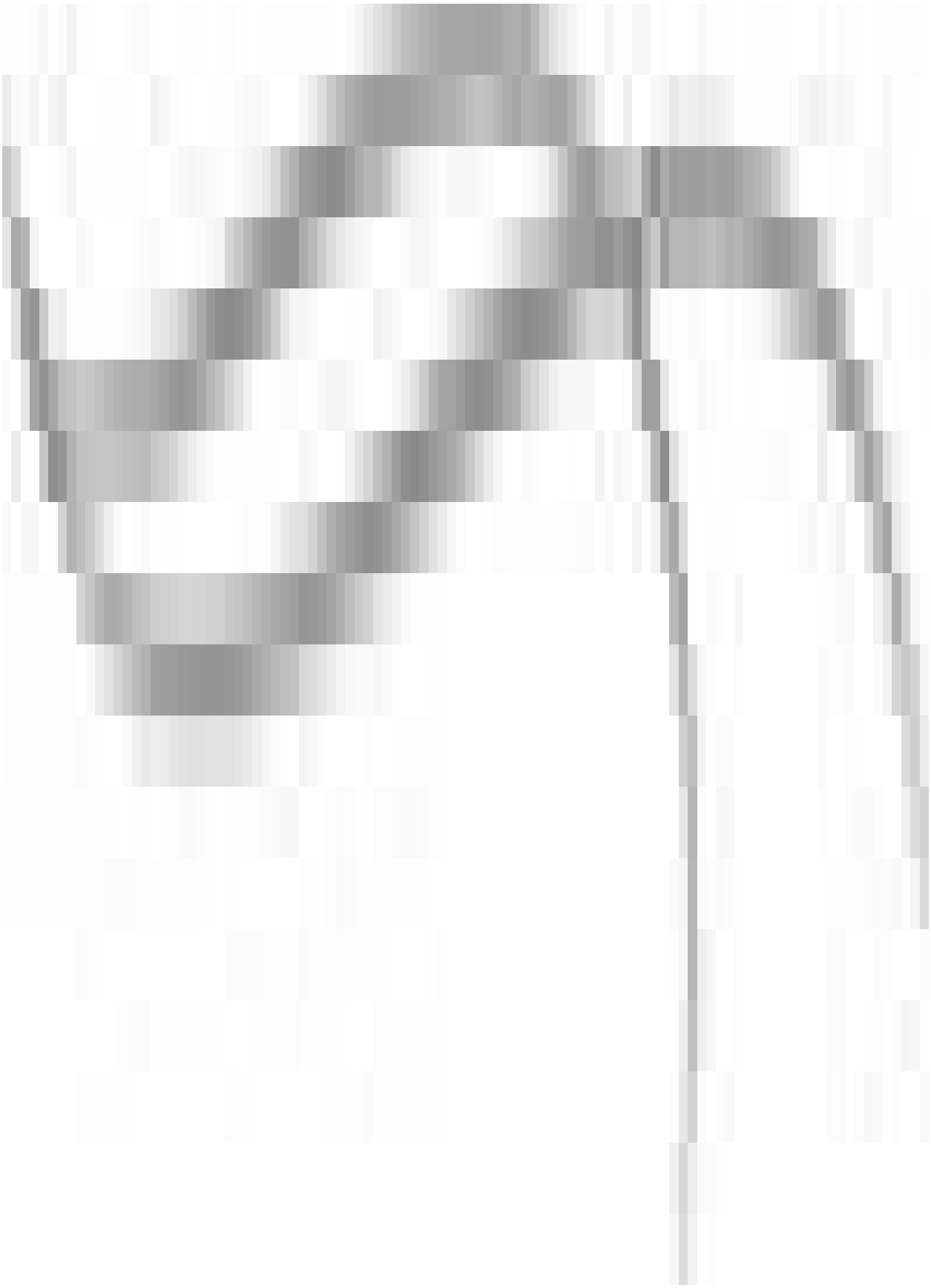


Atas da PIB/SP

28.02.1904

Aceitas por Declaração

A 28.02.1904, foram aceitas por Declaração, como membros da Primeira Igreja Batista de São Paulo, SP, provindas da Igreja em Santa Bárbara, as jovens Anne Hope Thomas, Kate Thomas e Daisy Harris.



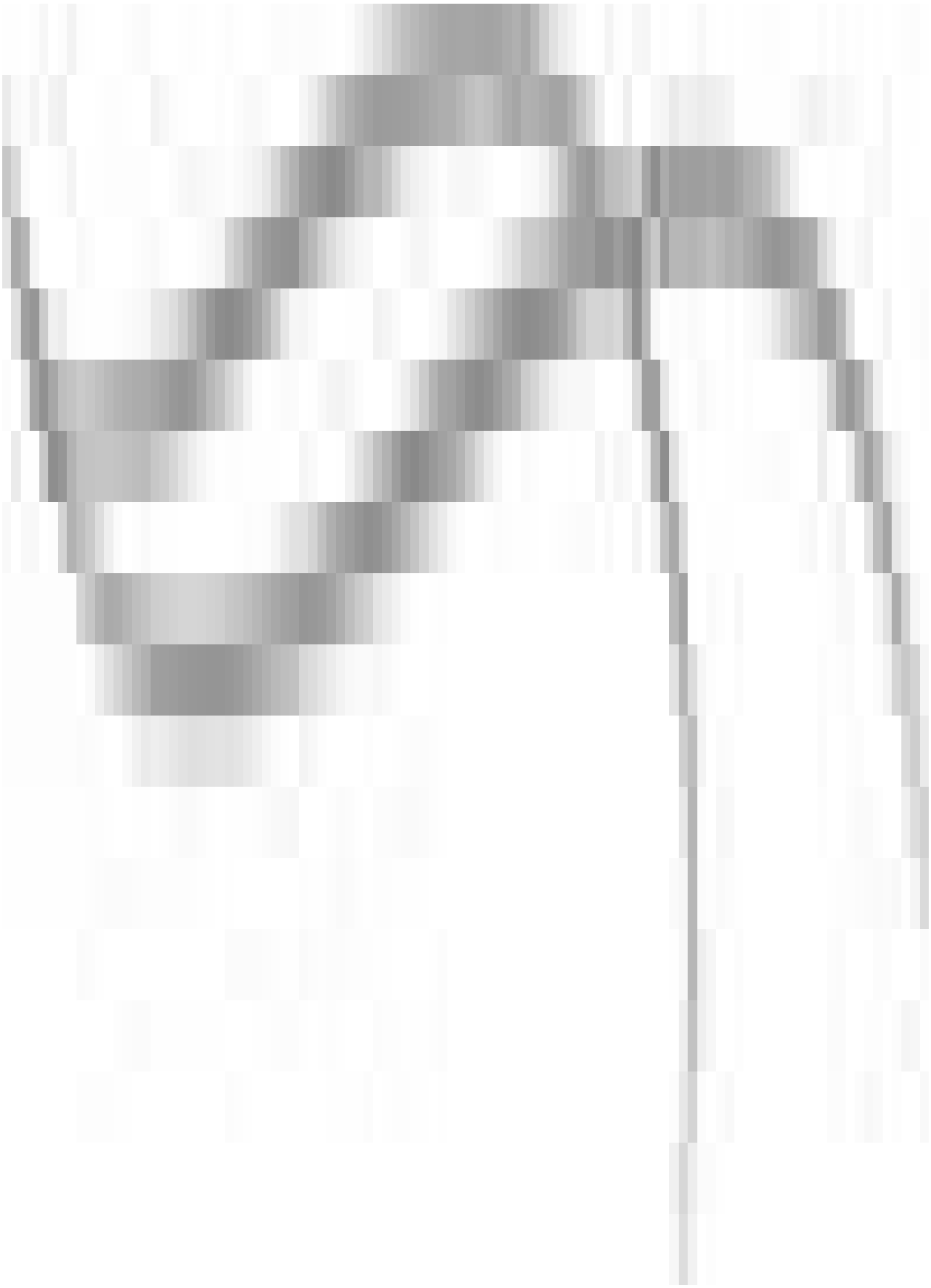
O JB, 30.03.1904, ano 4, nº 9, p. 7, c. 1

30.03.1904

Visita

Pela notícia que segue, está claro que os irmãos em Santa Bárbara, receberam a visita do Pr. Dr. José Nigro:

“... De S. Paulo — notícia de Dr. José Nigro. Desde que aqui cheguei fixei residência na vizinha cidade de Jundiaí, visitando de vez em quando as igrejas de São Paulo, Santos, Campinas, Piracicaba, Limeira, Vila Americana e Bragança. Felizmente, por toda parte encontrei irmãos fiéis ao Mestre.”

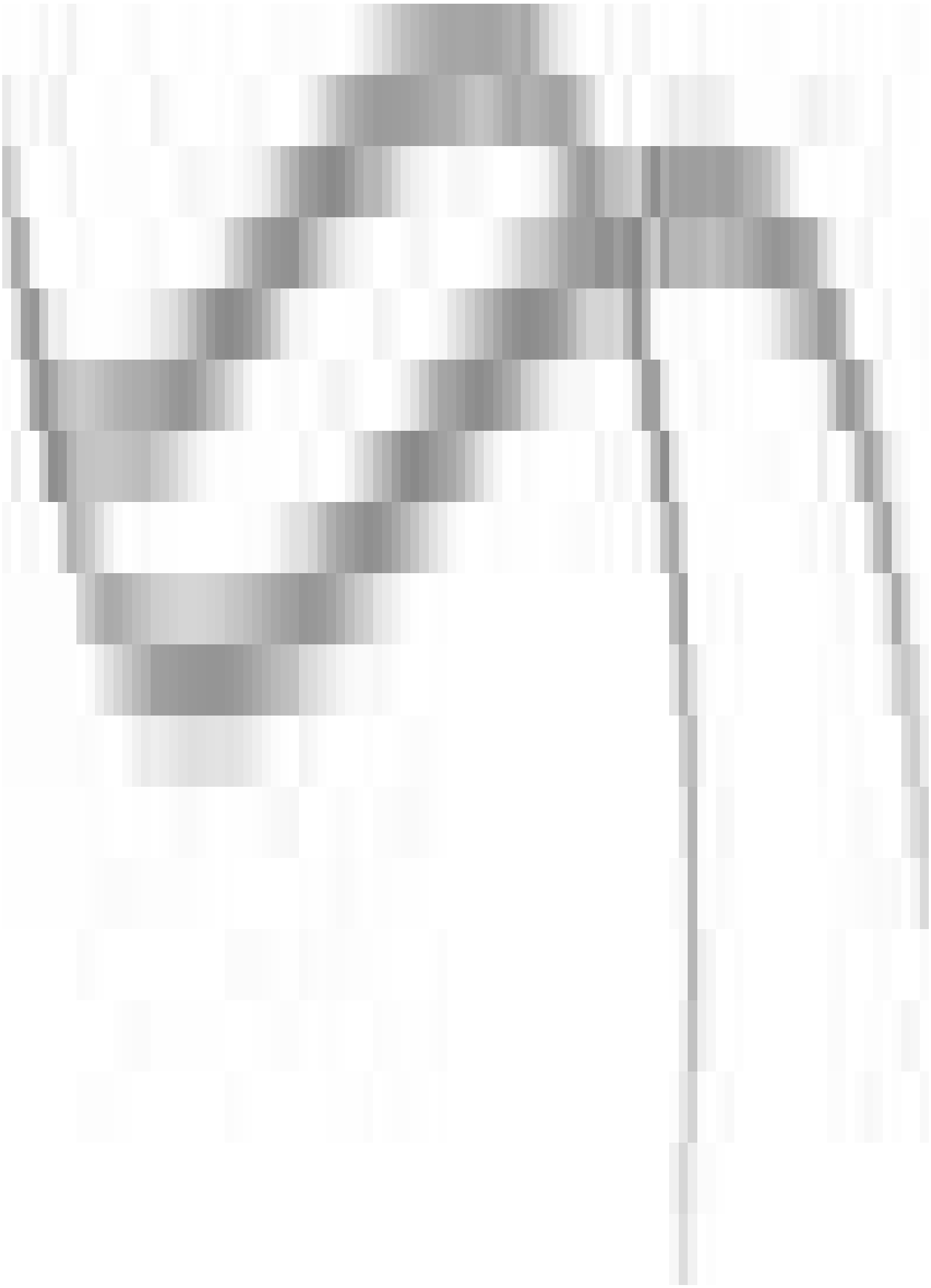


NAITR, p. 20

19.04.1904

Falecimento

A 19.04.1904, em Tatuí, SP, faleceu Emily (Perkins) Thomas, com 73 anos de idade. Era a viúva do Pr. Robert Porter Thomas. Foi sepultada em Tatuí e, anos mais tarde, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério do Campo, em SBSP e colocados no mesmo túmulo de R. P. Thomas e sua filhinha, Mary Frances.



O JB, 10.06.1904, ano 4, nº 15, p. 6, c. 3

27.05.1904

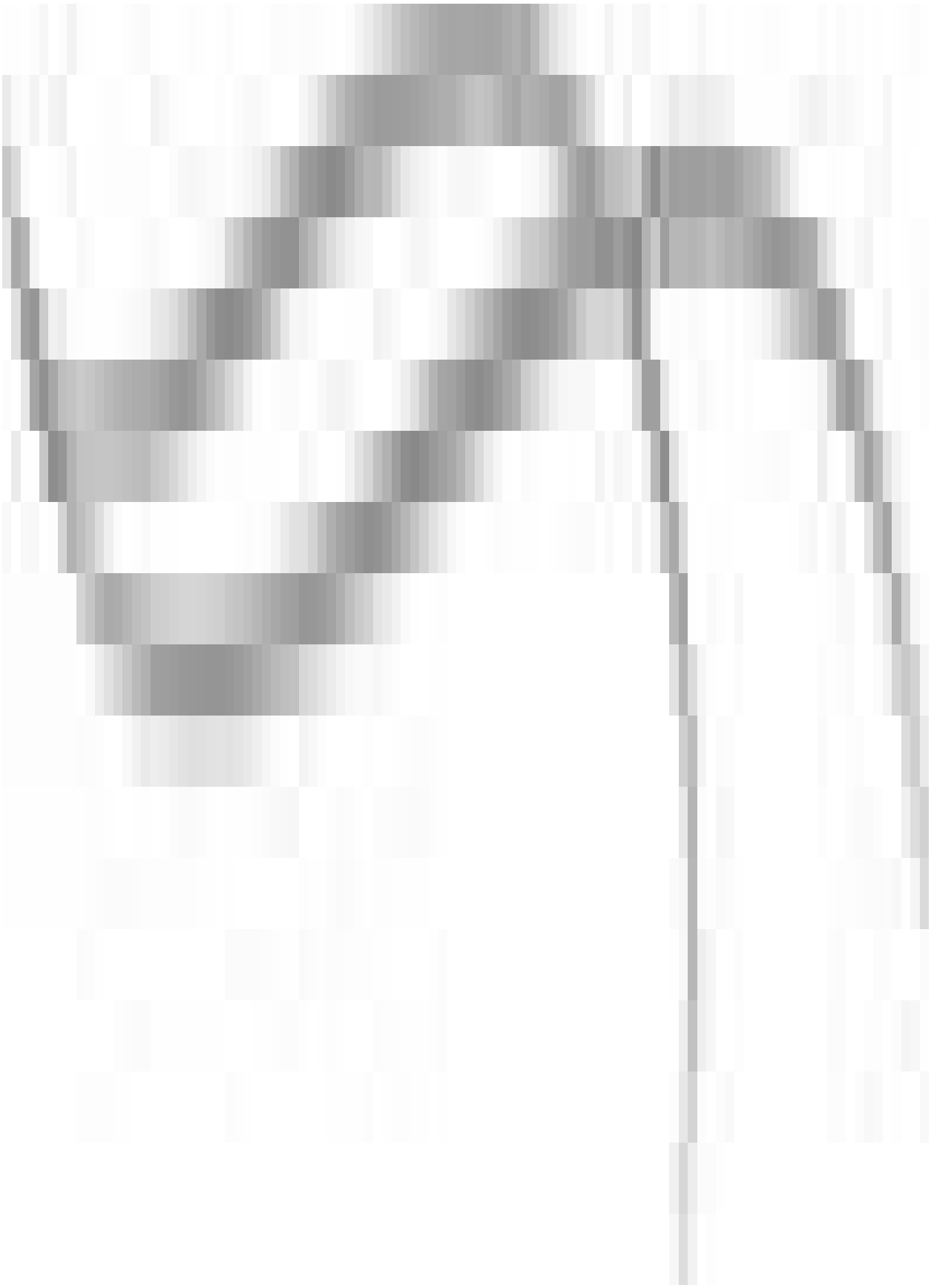
Carta de São Paulo

De WBB

Para O JB

“... Na Vila Americana, estamos pregando num domingo cada mês. De manhã, em inglês, para os norte-americanos e, de noite, em português. Temos tido ajuntamentos excelentes e manifestações de interesse especial O trabalho evangélico neste lugar deve muito à família Hall, que sempre hospeda os pregadores e toma conta da casa de culto”...

A casa da família Hall, assim também a casa de culto referida acima estavam na propriedade que Charles M. Hall adquiriu do missionário E. A. Puthuff. (Ver documentos de 26.03.1888, pág 544 e 31.01.1889 na pág. 550)



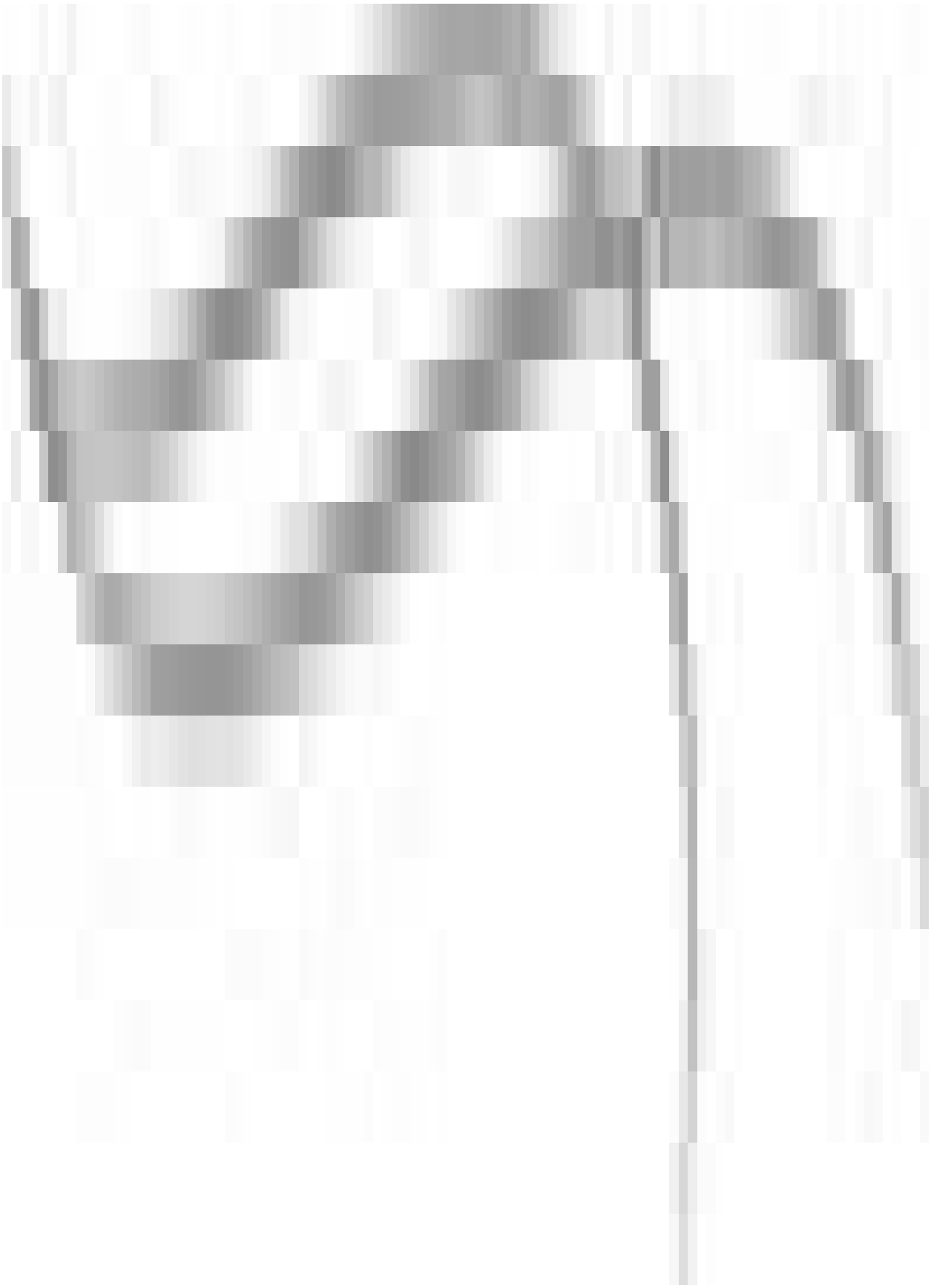
Carta de Lelícia Smith

Cópia em nosso arquivo

24.06.1904

Dedicação da nova Capela

A 24.06.1904, juntaram-se todos os norte-americanos com os seus filhos já nascidos em SBSP e netos, que moravam em SB e mais os que moravam distante, para a reunião de dedicação da Capela, que, como a anterior, serviria para os cultos dos grupos batista, metodista e presbiteriano. Cada um destes, através de seus membros, tinha participado, de alguma forma, para que a Capela fosse edificada. Houve dois sermões: um pela manhã e outro à noite. Foi um acontecimento! (Ver parte “A” — Vida Religiosa, em que há destaque sobre a “Meeting House”, pág. 59, e a notícia em O JB, 30.09.1904, p. 1, a seguir.)



O JB, 30.09.1904, ano 4, nº 26, p. 1, c. 1, 2

Nova Capela — Templo — no Campo.

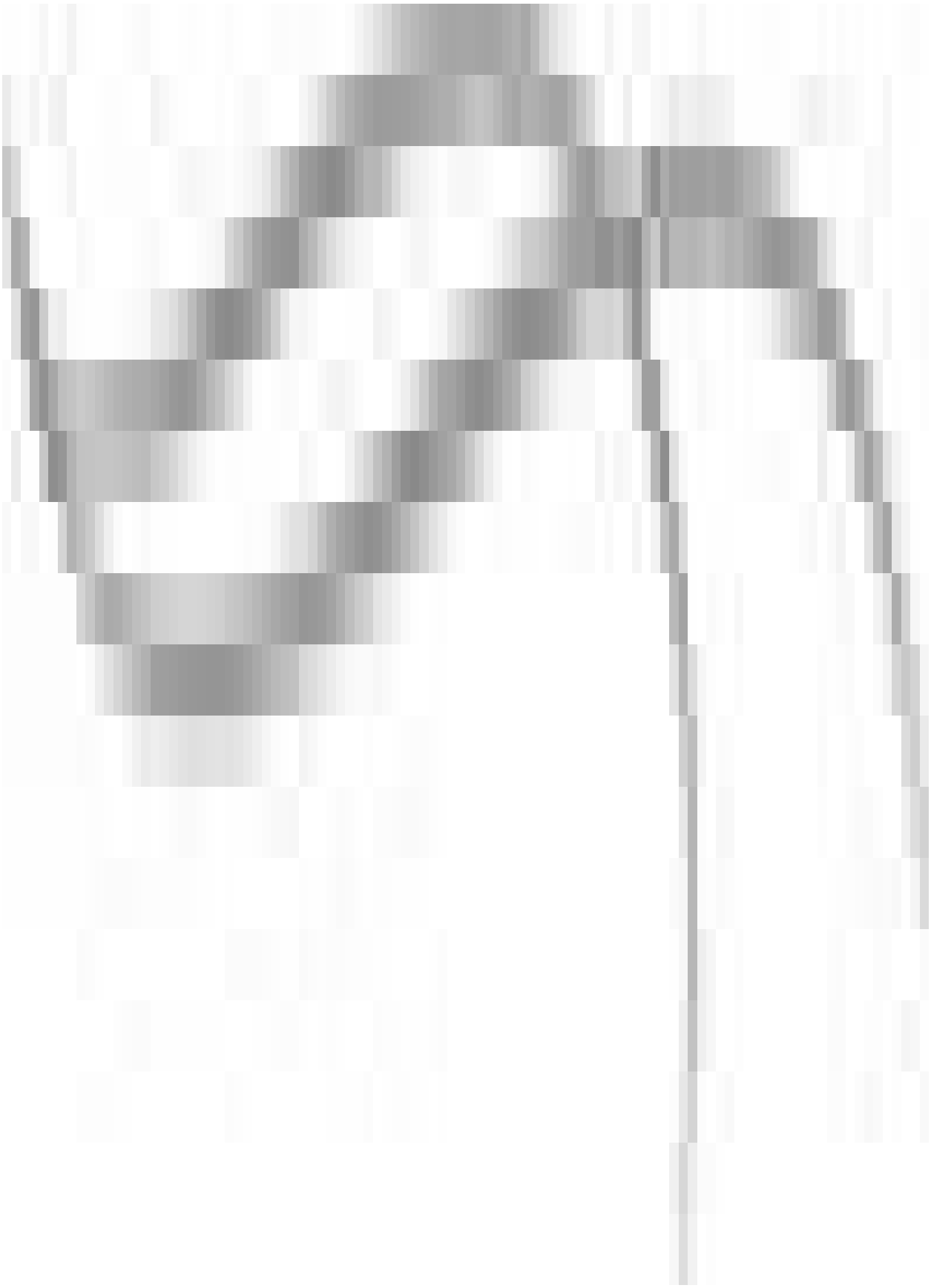
“Colônia Americana de Santa Bárbara

Devido à gentileza de Miss Mary Hall, podemos hoje apresentar aos leitores d’O Jornal Batista o retrato do novo templo evangélico recentemente construído na Vila Americana, [?] Colônia de Santa Bárbara, S. Paulo.

(...) O belo e moderno edifício recém-construído veio substituir o velho e arruinado edifício que até então servia de casa de culto da colônia. Mas somos incapazes de dizer alguma coisa contra a velha casa, pois que nela os antepassados da presente geração acharam luz para as suas almas. Nela, aos mortos foi dito o último adeus entre tristes sentimentos e lágrimas. Em volta dela, se levantam os mausoléus brancos ponteagudos, como dedos de esperança apontando para os céus. (...)

[Aqui está bem claro que a nova Capela (ou templo, como outros dizem) foi construída na área do Cemitério do Campo e não na Vila Americana.]

A colônia de Santa Bárbara tem sido uma bênção para o Brasil, de muitas maneiras. Dela têm saído engenheiros, dentistas, médicos, professores, pregadores, pastores e missionários.”...



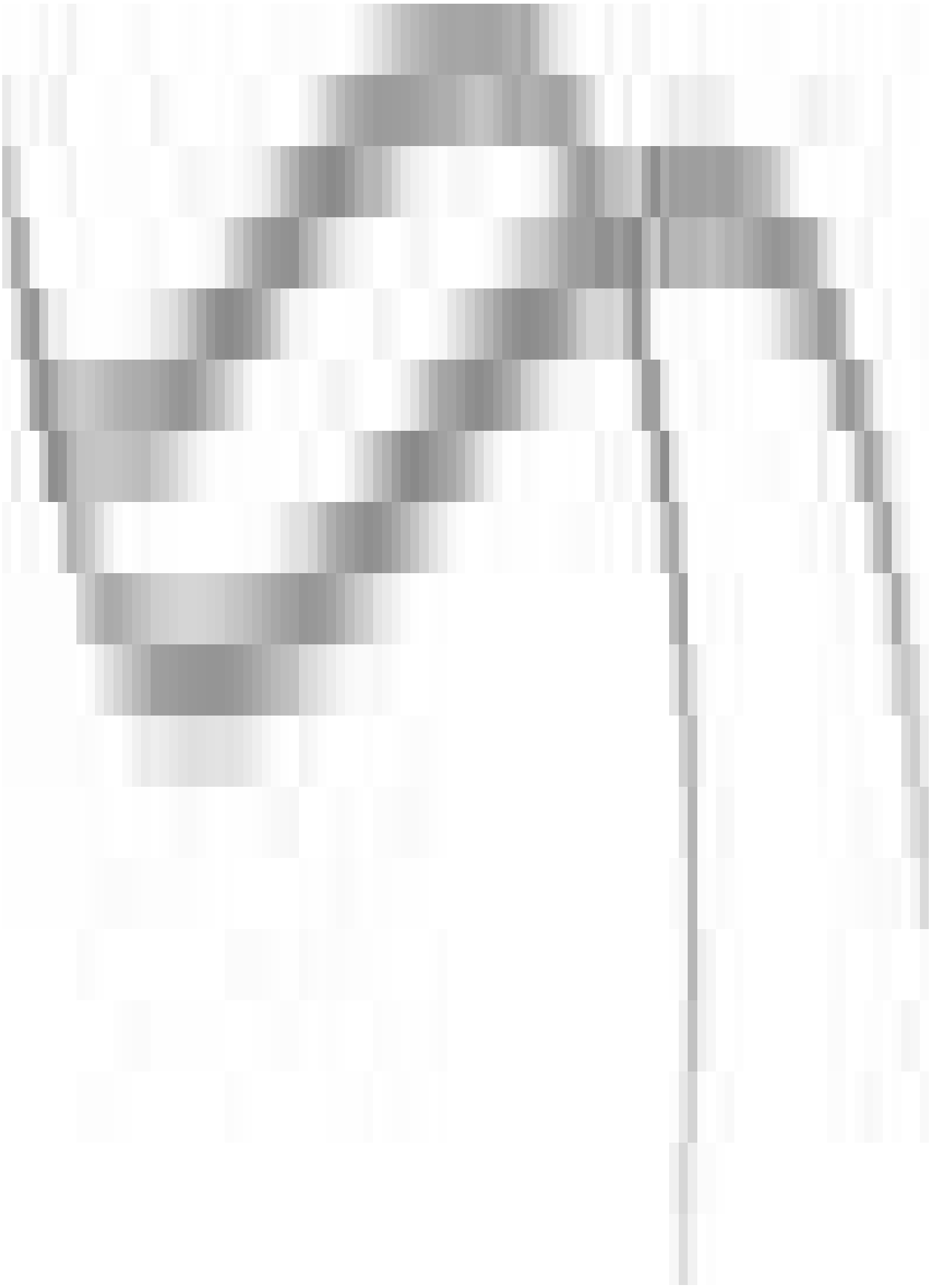
Cartório de Registro Civil, SBSP

Livro C-5, p. 198, termo 139

06.10.1904

Falecimento

A 06.10.1904, faleceu William Henry Capps, com 59 (ou 63?) anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Campo.



O JB, 10.01.1905, p. 7,8

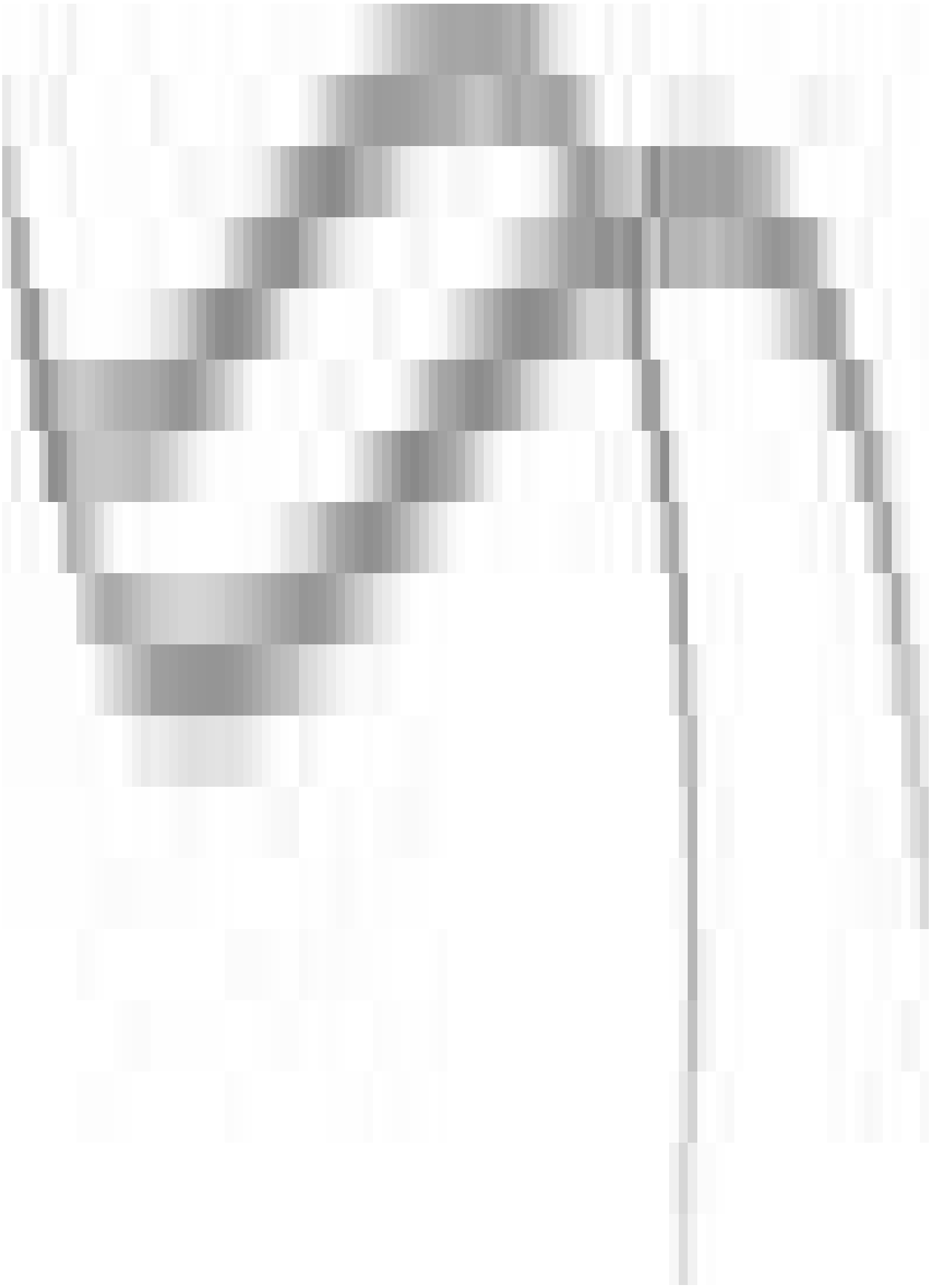
16-18.12.1904

FMB, junho/1905, v. LV, p. 82 - União Batista Paulistana

FMB, julho/1905, v. LVI, p. 91 - Igreja Batista de Jundiaí, SP

“Ali compareceram mensageiros de todas as igrejas batistas e congregações deste Estado, os quais, tomando parte ativa nos trabalhos da União, contavam as boas novas de seus campos. (...) Também falaram os irmãos..... Guilherme Thomas.....”

[Este era membro e diácono da Primeira Igreja de Santa Bárbara, SP. — William Francis Thomas é o mesmo Guilherme Thomas].



FMJ, junho/1905, v. 55, p. 85

Junho, 1905

Relatório

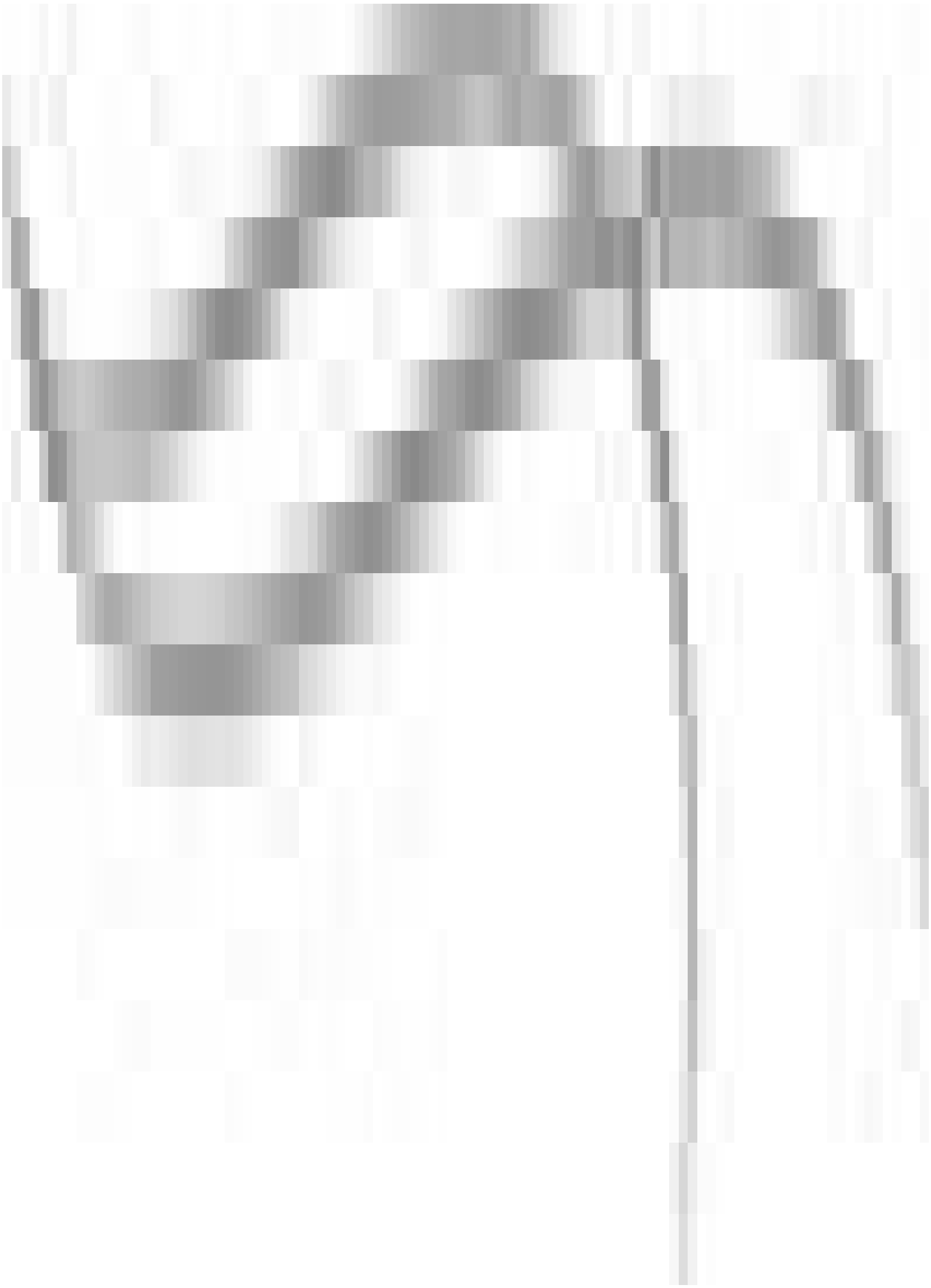
De WBB e JJT

Para FMB

Do relatório da Missão em São Paulo, SP, enviado para a FMB pelos missionários W. B. Bagby e J. J. Taylor, extraímos da página 85, o que segue:

"... A Igreja em Santa Bárbara, composta de colonos americanos, foi organizada há 35 anos atrás; porém, pouco ou nenhum progresso está sendo feito, [?] exceto que há perspectiva para crescer mais durante o ano. Um novo templo de tijolos foi construído e dedicado para o uso das três denominações representadas na colônia. Os batistas estão muito mais fortes em número, maior que os outros grupos juntos. Além dessa nova casa, temos uma outra excelente capela sob o nosso comando, tanto para a pregação em inglês como em português. E isto também é para as três igrejas, e fica na cidade, perto da estrada de ferro, enquanto a outra fica distante algumas milhas.

Também, na velha cidade de Santa Bárbara, podemos ter uma boa audiência quando escolhemos pregar lá. Não muito longe da estação de Vila Americana está uma fábrica de algodão, onde o irmão Bagby pregou uma vez com o privilégio de lá voltar quando desejasse. O povo dessa grande área gostaria de ter um pregador residente, de qualquer denominação, e com toda a probabilidade poderiam sustentá-lo, se ele fosse um americano e pudesse ter uma escola, uma instituição muito almejada e necessária para o grupo dos meninos e meninas crescendo numa total ignorância."

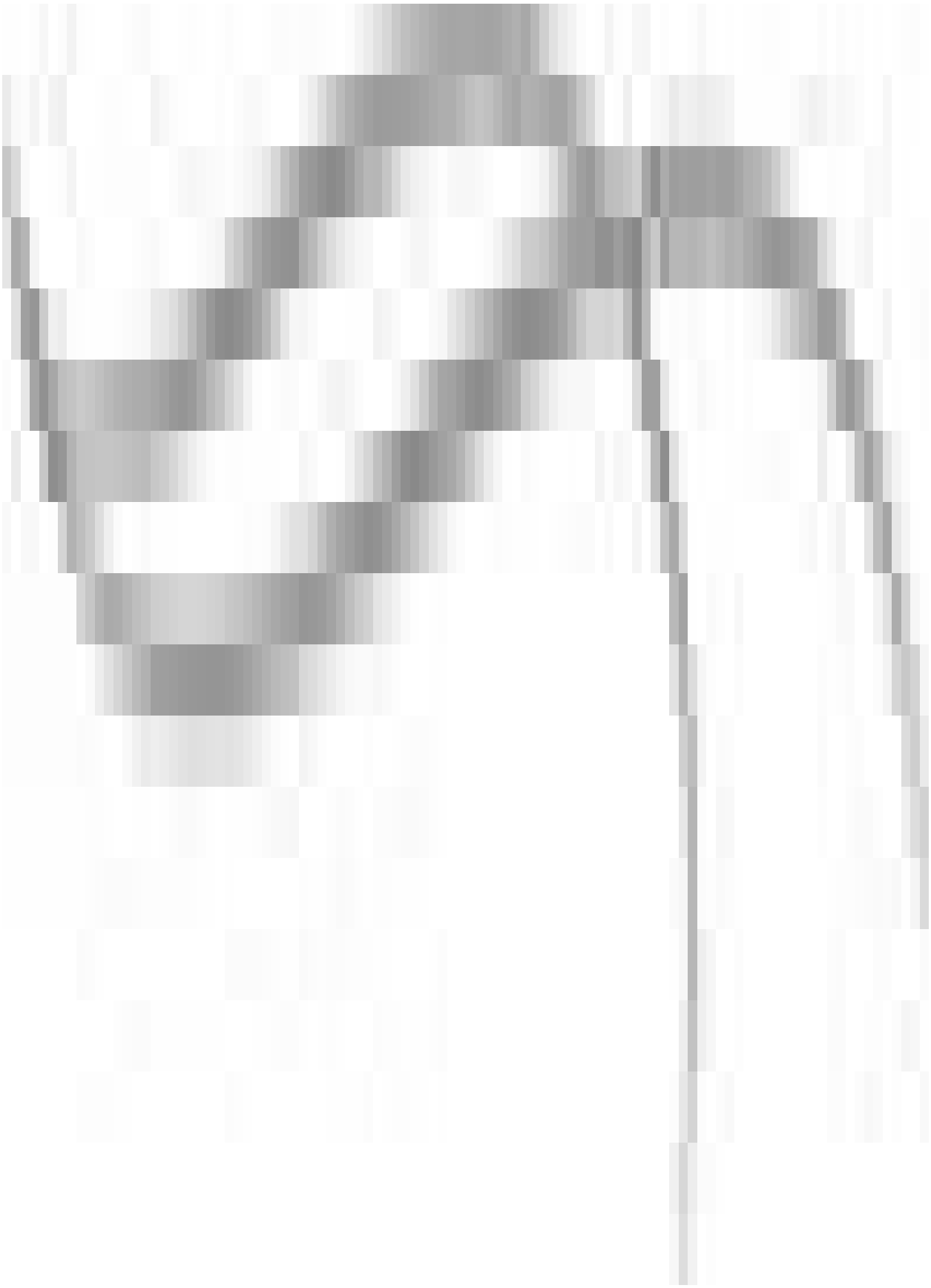


Carta de W. F. Thomas, 28.08.1905

Cópia em nosso arquivo

Antes de agosto de 1905

Antes de agosto de 1905, William Francis Thomas teve de mudar para Porto Feliz, levando sua família. Seus negócios não iam bem. Ali foi trabalhar num engenho de cana de açúcar, como um simples empregado. Sua esposa, Fanny, sofreu demais a perda do pouco que a família tinha podido juntar. Adoeceu para não mais se recuperar. Assim, outra família deixava Santa Bárbara. (Ver arte “B” — R. P. Thomas, pág. 168.)



SBCA, maio/1906, p. 91

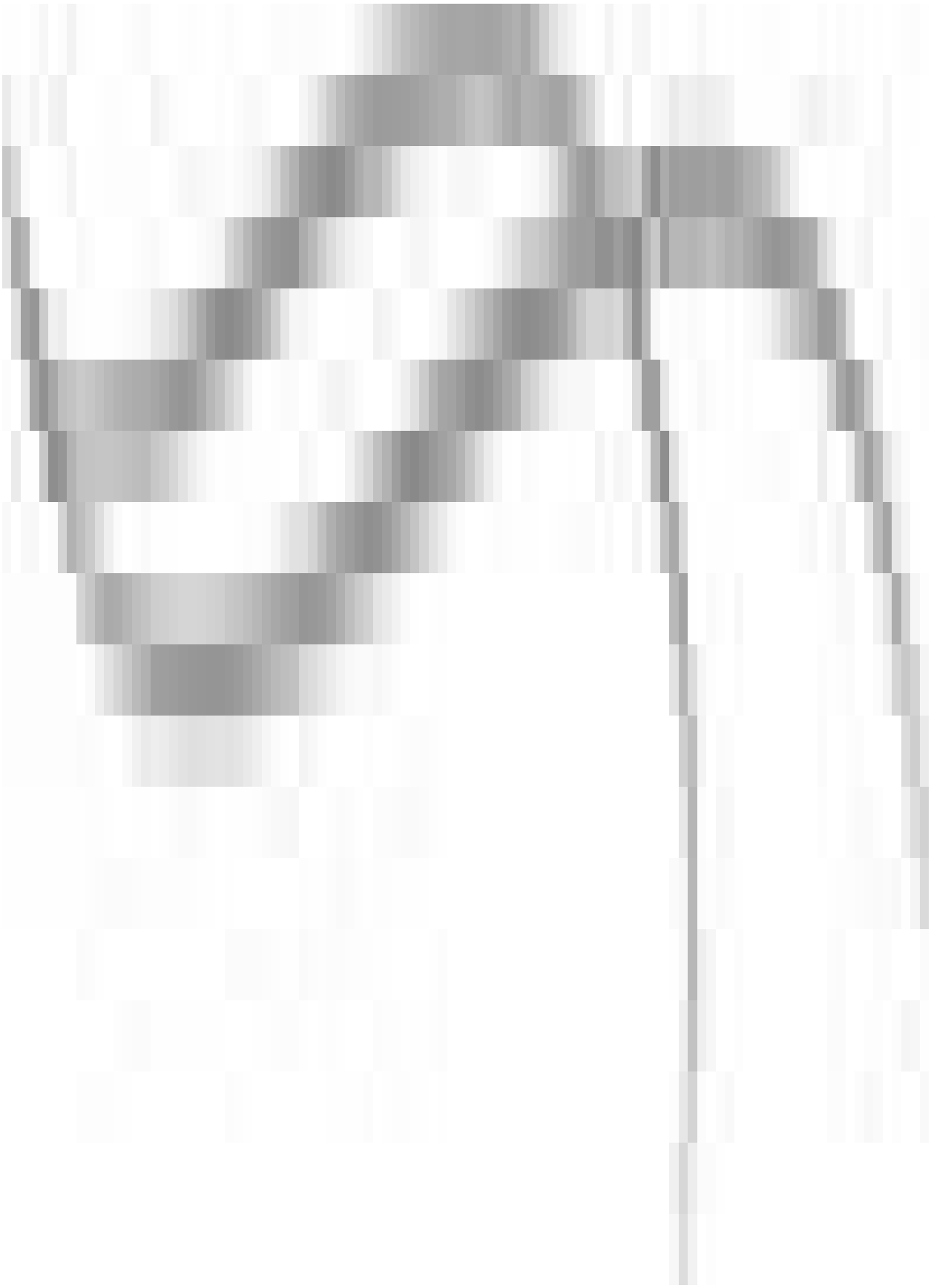
FMJ, junho/1906, v. 56, p. 91

Maio, 1906

Relatório da Missão em São Paulo

Do relatório publicado, há uma informação sobre Santa Bárbara, como segue:

"... A Igreja em Santa Bárbara é composta de americanos, porém, agora tão espalhados que pouco pode ser feito entre eles como uma igreja. Pregações têm sido feitas mais ou menos regularmente, porém, não são visíveis os resultados. Aquela parte da região proporciona um ótimo campo para o trabalho, porém, como costume, não temos quem se disponha para realizá-lo. Existem alguns membros em Campinas e outros em Piracicaba, mas, temos sido completamente incapazes de manter o trabalho nessas duas cidades. Esperamos algum dia começar outra vez, em ambas, talvez no próximo ano."



Arquivo da família: Registro de óbito

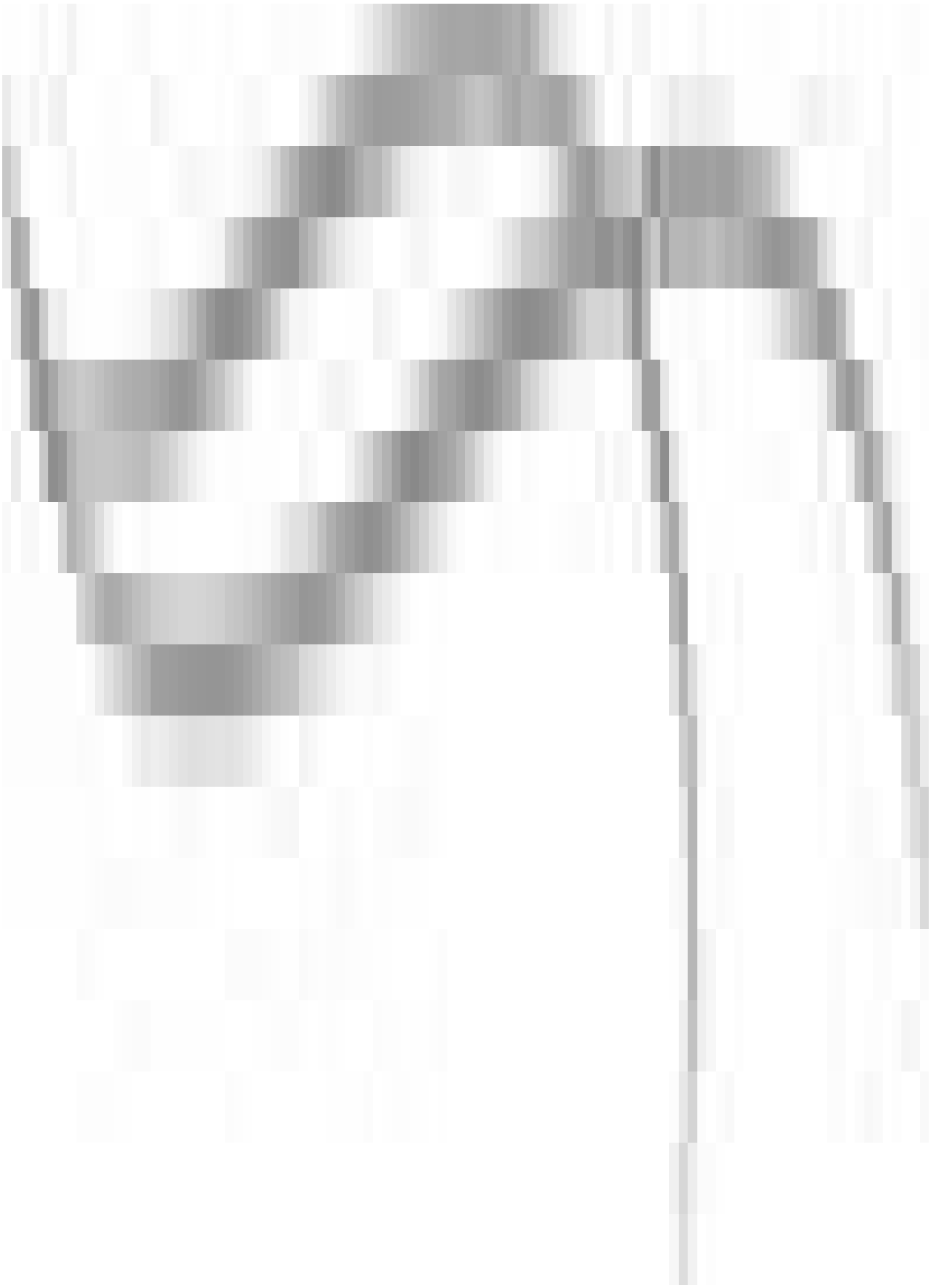
Cartório de Reg. Civil-Porto Feliz, SP

Livro C-8 fls. 103 nº 163

10.07.1906

Falecimento

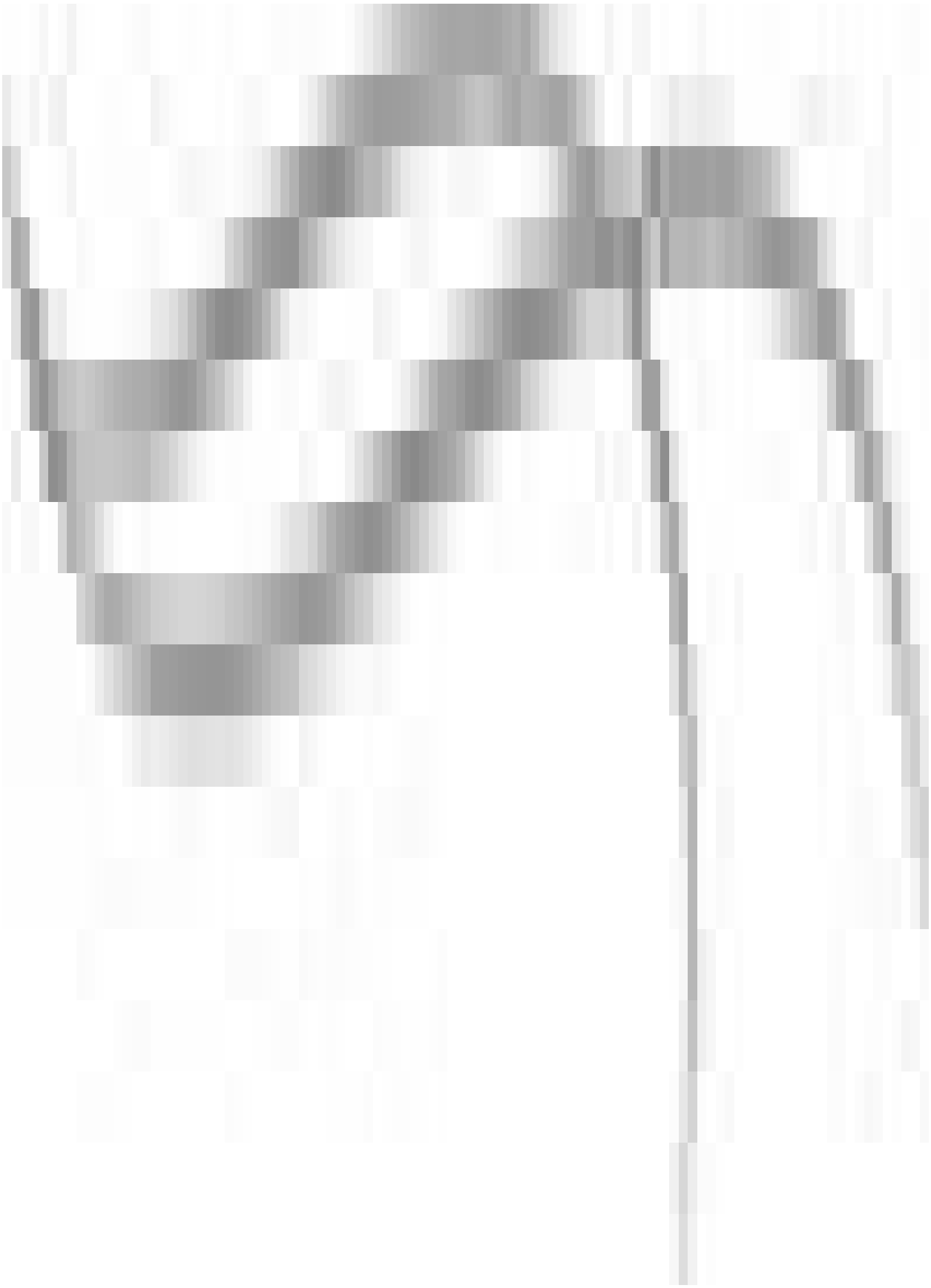
A 10.07.1906, conforme certidão de óbito, faleceu em Porto Feliz, Fanny Elisa Thomas, com 46 anos de idade. Era a esposa de William Francis Thomas. Apesar da distância, seu corpo foi trazido em carroça, numa viagem durante a noite, e, no dia seguinte, cedo, seu corpo baixou à sepultura, no Cemitério do Campo. Seu túmulo não tem marca; foi sepultada no “plot” (lote) dos Thomas.



01-03.12.1906

União Batista Paulistana — PIB/SP

A União Batista Paulistana teve início no Estado de São Paulo, realizando seu primeiro encontro com a Primeira Igreja Batista em Jundiaí, nos dias 16 a 18 de dezembro de 1904. Ali, Guilherme Thomas representou a Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara. Em 1905, ele não compareceu, devido ao estado de saúde da esposa Fanny, que veio a falecer. De 01 a 03 de dezembro de 1906, Guilherme Thomas (o mesmo que William Francis Thomas) representou aquela igreja, pela última vez, pois tornou-se membro, diácono e tesoureiro, por um tempo, da PIB/SP. Faleceu aos 80 anos de idade, em Apiaí, SP.



SBCA, maio/1907, p. 104 — 106

[FMJ, junho/1907, v. 57, p. 41, 42

Maio, 1907

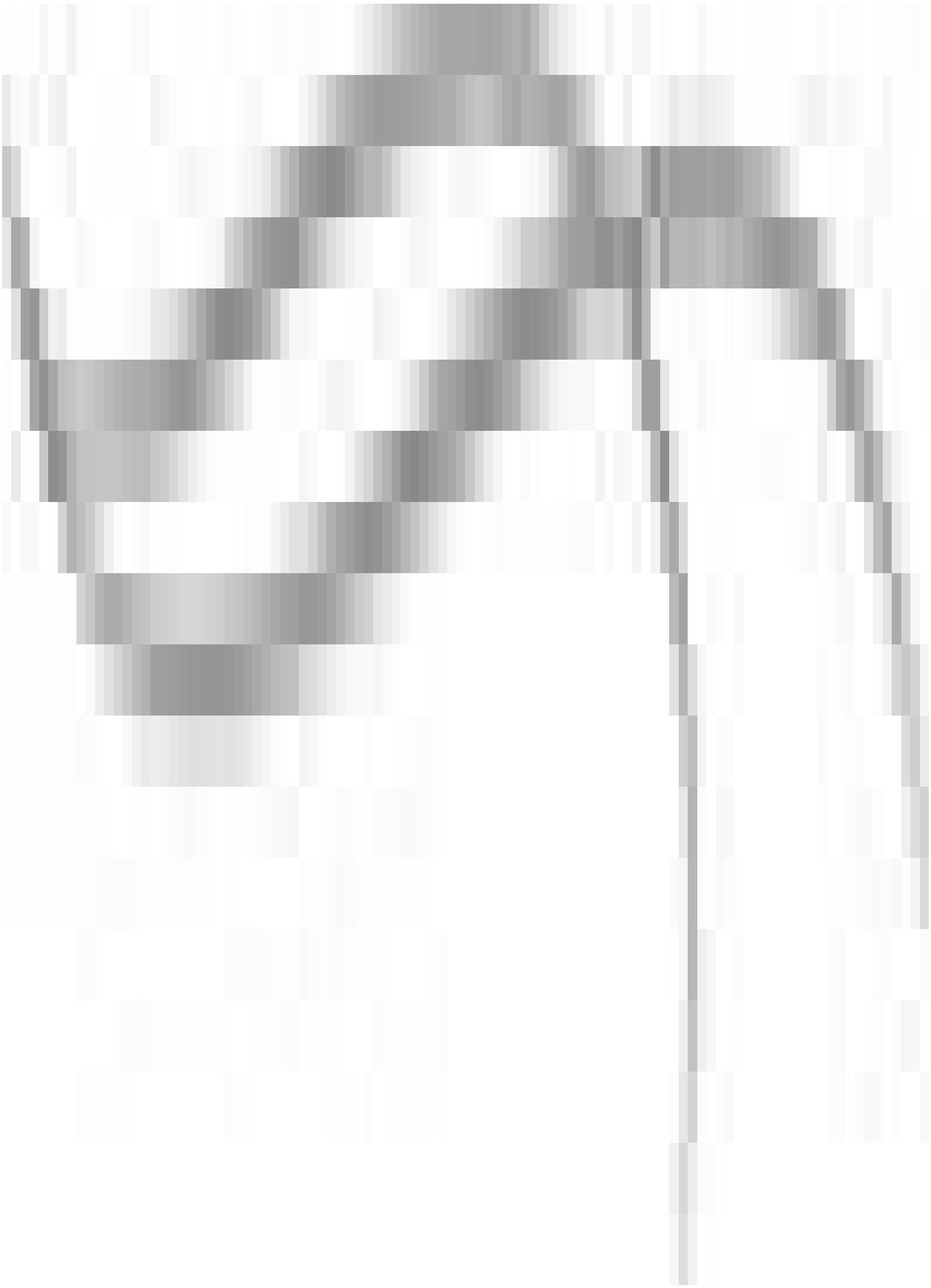
Relatório da Missão

Diz um relatório da Missão que São Paulo era uma grande cidade, crescendo com rapidez em todas as direções, sendo um ponto estratégico, tendo contato com países da Europa, Ásia, América e alguns da África.

Ressalta: São Paulo é o portão de entrada para todo o Sudoeste do Brasil, e é a mais próspera, progressiva e promissora parte da América do Sul. É ela o centro literário e educacional do Brasil, assim também a capital comercial do Sudoeste.

Entre as cidades mencionadas como “boas cidades onde temos grupos de batistas e igrejas e onde temos pregado quanto nossas forças o permitem”, está a de Vila Americana. E nada é dito sobre o trabalho em Santa Bárbara.

Os mais antigos já tinham partido para a eternidade. A dispersão começara e expandiu-se. Cada um procurou o seu rumo.



FMJ, junho/1908, p. 6

SBCA, maio 1908, p. 70

10.10.1907

Missionária nomeada.

A 10.10.1907, a jovem Anne Hope Thomas, de Santa Bárbara, foi nomeada pela FMB como missionária para o Brasil, estando ela já no campo. Tornou-se, assim, a primeira jovem nascida no Brasil a ser missionária da FMB. (Anne tornou-se a Sra. John Bruton Parker.) (Ver, adiante, Maio?, 1908.)

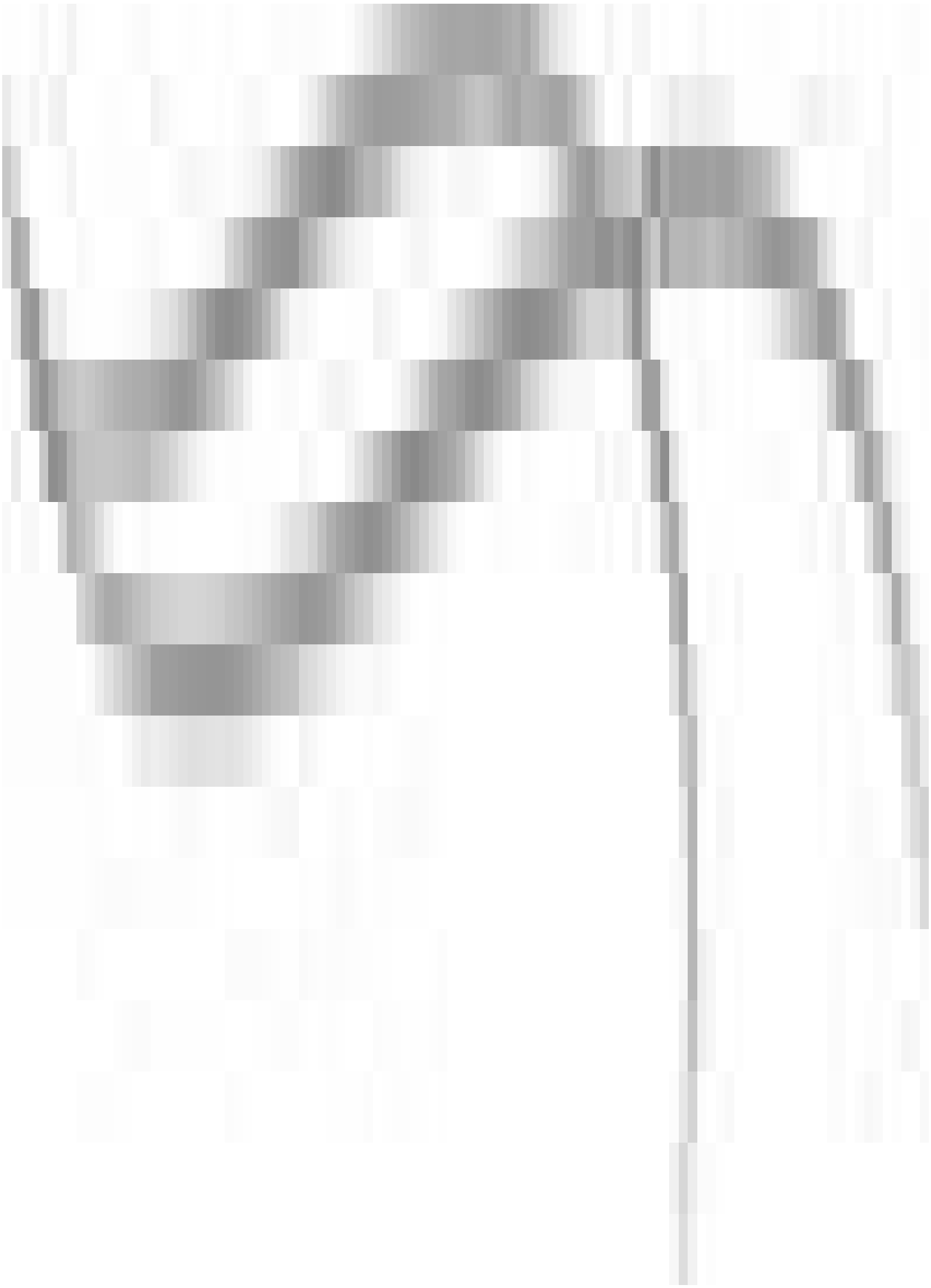
SBCA, maio/1908, p. 70, 91

FMJ, junho/1908, p. 6

21.11.1907

Missionária nomeada

A 21.11.1907, a jovem Bertha Mills, nascida em Santa Bárbara, foi nomeada pela FMB como missionária para o Brasil. Tornou-se, assim, a segunda jovem nascida no Brasil, a ser missionária da FMB. (Bertha tornou-se a Sra. Robert Eduard Pettigrew). (Ver parte “B” — Bertha Mills, pág. 340.)



O JB, 06 e 13.02.1908, ano 8, nº 5,6 p. 10

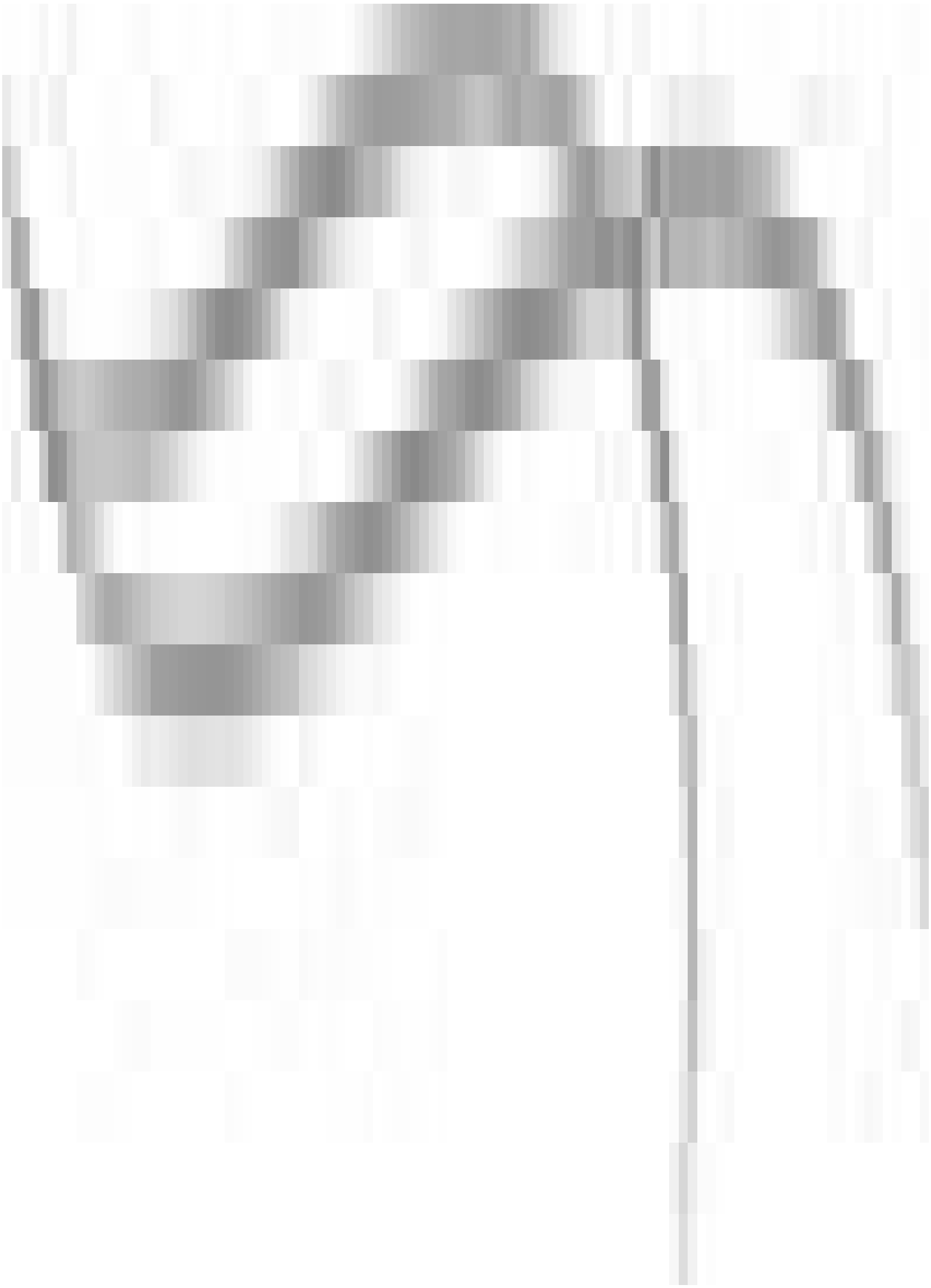
04.01.1908

Carta do Texas

De J. J. Oliveira

Para O JB

João Jorge de Oliveira enviou uma carta para O JB dando informações a respeito de diversos estudantes do Brasil que se encontravam nos EUA, incluindo ele e Juca Minchin, estudando na Baylor University, Waco. Texas. Juca Minchin devia ser o apelido de Joseph Johnson Minchin, conforme referido na data de 30.12.1903.



Cartório de Registro Civil, Botucatu, SP

[Livro C-16, fls. 184v, nº 124

Lápide do seu túmulo, Cemitério Botucatu

19.04.1908

Falecimento

A 19.04.1908, em Botucatu, SP, faleceu o Major Robert Meriwether, com 93 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério de Botucatu. (Ver parte “B” — R. Meriwether, pág. 338.)

FMJ, out./1908, v. 59, p. 105, 106

Maio?, 1908

Notícia

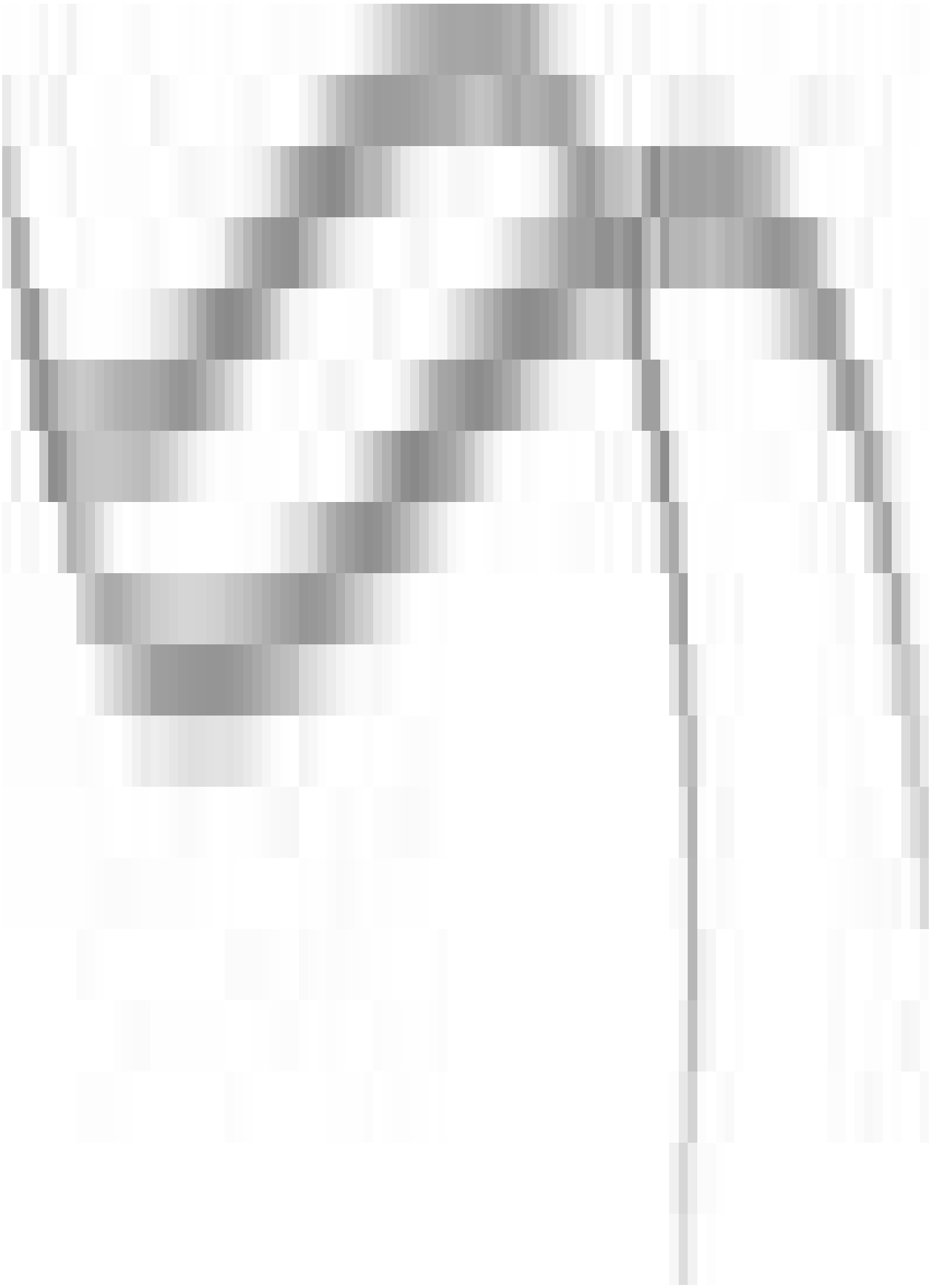
De Anne Hope Thomas

Para FMB

“... Há cerca de um ano, a 10.10.1907, a senhorita Annie Hope Thomas, de S. Paulo, Brasil, foi nomeada missionária da Junta. Ela já estava no campo. (...) A pequena história de sua vida é tão bem contada que transcrevemos as suas próprias palavras: ‘Estou muito contente em saber que fui nomeada como missionária. Sinto nisto um grande privilégio e ser capaz de dedicar-me e o meu tempo ao glorioso trabalho do Senhor.

Nasci a 5 de abril de 1886, em Santa Bárbara, S. Paulo, e sou a quarta na família de nove filhos. Meus pais vieram para o Brasil depois da Guerra Civil, quando ainda eram crianças. Meu pai é o Sr. William F. Thomas, nativo de Arkansas, e foi diácono da Igreja Batista em Santa Bárbara por um número de anos.

Minha mãe era a Sra. Fannie Thomas, de Carolina do Sul. Ela era cristã, batista, muito devotada e trouxe seus filhos crescidos no amor do Senhor. Dei meu coração ao Senhor com 13 anos e fui batizada quando estava perto dos 14, pelo Dr. J. L. Downing, e uni-me à Igreja de Santa Bárbara. Estudei em casa e depois na escola da Vila até vir para o Colégio Progresso Brasileiro, aqui na cidade de São Paulo, onde estudei dois anos e meio, e dois anos no Colégio Mackenzie. Ensinei e trabalhei no colégio, e tenho agora sido professora por um ano e meio no Colégio Progresso Brasileiro. Uma vez que estou aqui, tenho grande prazer em tomar parte ativa na Escola Dominical e no trabalho da igreja, e tenho, por algum tempo, estado profundamente interessada no trabalho missionário. Aprendi e falo a língua portuguesa desde cedo e, agora, tenho conhecimento suficiente dela para o meu trabalho.”



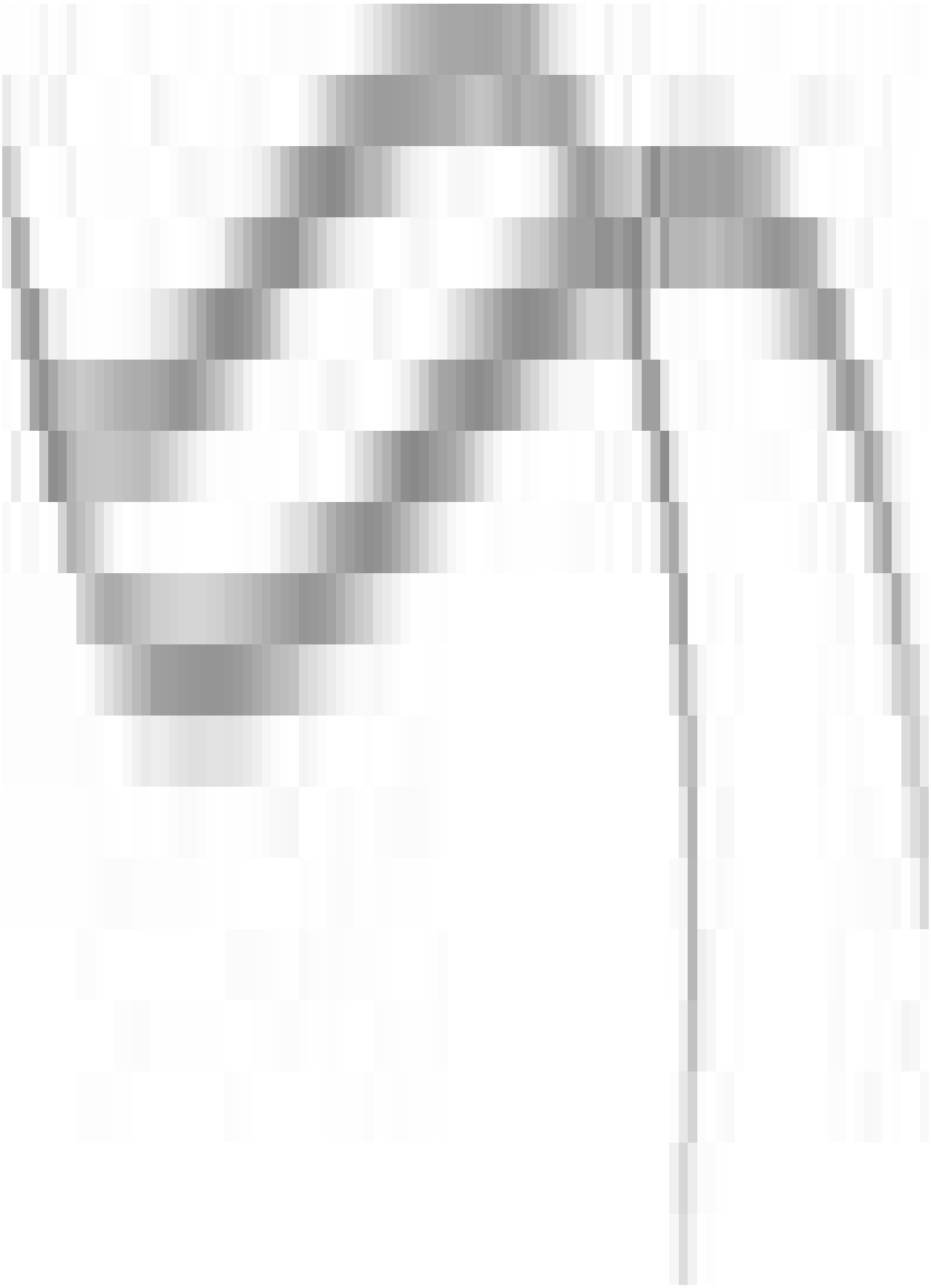
O JB, 11.06.1908, ano 8, nº 23, p. 6, c. 3

30.05.1908

Casamento

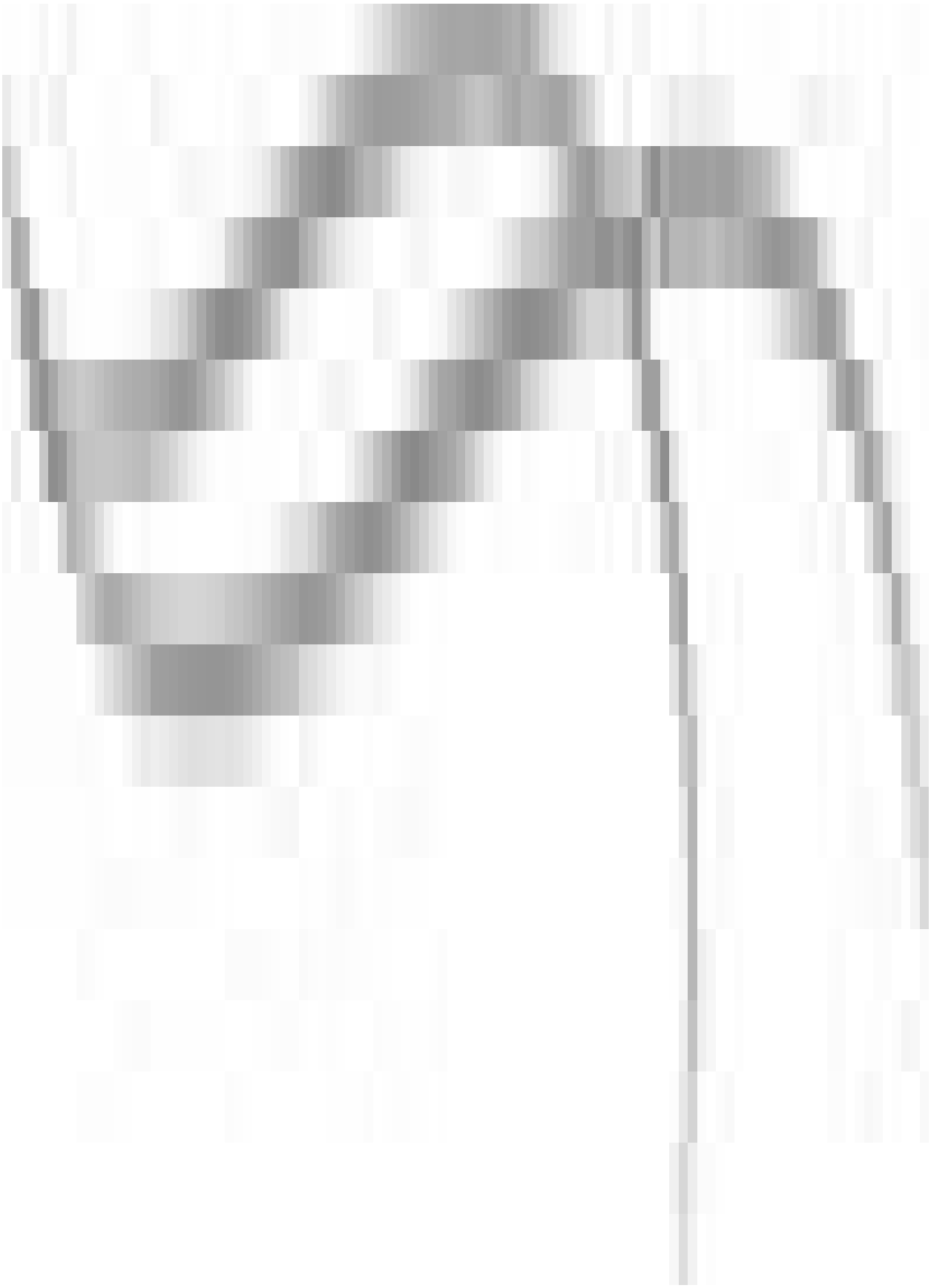
“No dia 30 do corrente [abril ou maio?], na Primeira Igreja Batista do Recife, receberam a bênção matrimonial os prezados irmãos Rev. Robert Eduard

Pettegrew e D. Bertha Mills. Mil felicidades lhes desejamos.”



Os Anais de Convenção Batista do Sul, EUA, de 1908, não deram notícias sobre Santa Bárbara, SP. Os de 1909 publicaram uma informação do Dr. F. M. Edwards, apontando a finalização gradual do trabalho ali. Os de 1910, p. 138, registram que os crentes estavam tão espalhados que seria impossível reuni-los.

Assim, teríamos um espaço de vida daquele trabalho, em cerca de 38 anos.



O JB, 02.03.1911, ano11, n. 9, p. 6

(página da União Geral de Senhoras

Presidente: D. Graça Entzminger)

São Paulo, fev. 1911

“Maranhão, 6 de fevereiro de 1911

Prezada Irmã Presidente:

Tenho muito prazer em comunicar-vos que a Sociedade A. de Senhoras da Primeira Igreja Batista de São Paulo acaba de celebrar o seu segundo aniversário. Apesar de ela ter só dois anos, é a mais velha Sociedade que temos neste Estado.

Esta festa comemorativa teve lugar na noite do dia 10 do corrente, no Colégio Progresso Brasileiro.

Houve um pequeno programa que foi elaborado por uma comissão de senhoras, para esse fim nomeada. Foram convidadas diversas pessoas que tomaram parte no programa, o que fizeram de bom grado. Para assistirem à festa, foram convidadas as outras sociedades desta missão, a Escola Dominical e o Grêmio dos Moços, da Primeira Igreja, a própria igreja e todos os seus congregados.

Deu começo, cantando um hino, e foi dirigida uma oração pelo pastor Dr. Bagby. Seguiram uns recitativos, o relatório anual da presidente da Sociedade, música especial, e um edificante discurso sobre o “Trabalho das mulheres”, pelo orador oficial, Dr. Bagby.

O coro da igreja cantou um bonito hino do Cantor Cristão, e, em seguida, deu-se a oportunidade às pessoas presentes a dizerem alguma coisa.

Achou-se presente uma sócia da Sociedade de Jundiaí, que nos deu sinceras

saudações com um bonito presente por ela mesma feito. A Sociedade do Alto da Serra também nos enviou um bom presente com seus bons desejos, e a Sociedade de Campinas, uma amorosa cartinha de felicitações.

Por essa ocasião, os irmãos Adauto e Gil C. César e Armando de Oliveira, em nome do Grêmio dos Moços, felicitaram a Sociedade trazendo elogios e palavras de animação.

Encerrou-se o programa com mais um hino e uma fervorosa oração pelo irmão Armando de Oliveira, e a festa foi concluída com doces e refrescos.

Annie Thomas. S. Paulo, fev. 1911.

RELATÓRIO ANUAL DA PRESIDENTE DA SOCIEDADE AUXILIADORA DE SENHORAS DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE S. PAULO, PARA O ANO FINDO — FEV. 1910 — FEV. 1911.

Segundo os estatutos que a nossa Sociedade adota, venho apresentar-vos o relatório anual dos trabalhos executados durante o ano findo.

Apesar de sermos uma organização feminina, podemos provar, pelo resultado dos nossos esforços, que temos feito alguma coisa além de falar.

Principiamos o ano de 1910, com 28 sócias ativas e auxiliadoras. Entraram, durante o mesmo ano, 13 sócias e saíram 15, ficando ainda 26 para começarmos este ano.

Temos feito mais de 200 visitas, que foram feitas aos doentes, aos crentes desanimados, aos interessados no evangelho e para os interesses da própria Sociedade. Temos tido 21 reuniões durante o ano.

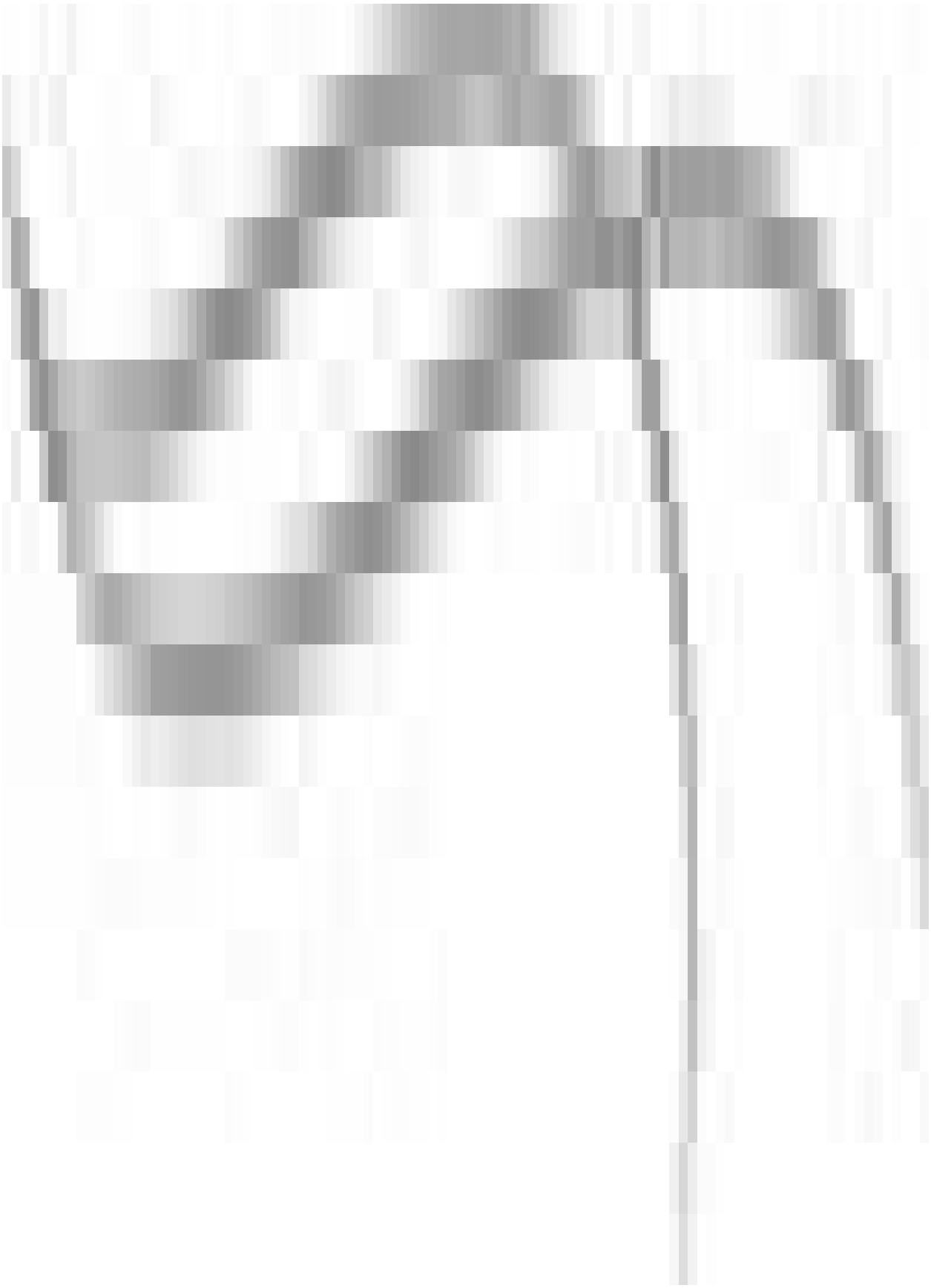
A importância angariada foi de 822$300, sendo parte desta quantia entregue diretamente à igreja, e o resto contribuído para o órgão da igreja, para hospedagem da Convenção Nacional, para fazendas, para toalhas, prendas etc., árvore de Natal, impressão de estatutos e plantas da igreja. Tudo isto fazendo, o gasto de 797$100, e deixando o saldo de 25$200 para o novo ano.

Na sessão anual, que se realizou no dia 7 do corrente, foi eleita a nova diretoria,

que ficou assim constituída: Presidente, A. Thomas, reeleita; Vice-Presidente, d. Adelphia Rodrigues; Secretária, d. Alice Salles d´Almeida; Tesoureira, Mrs. Deter, reeleita; Collectora, d. Felicidade Cordeiro, reeleita.

Eu, na realidade de presidente, confesso-me grata a todas as irmãs e sócias pela boa cooperação e auxílio prestado durante o ano, apesar do desânimo em que algumas se acharam algumas vezes. Podemos, porém, ainda melhorar a nossa cooperação, e o interesse, o que pretendemos fazer este ano. Annie Thomas."

[Anne Hope Thomas nasceu em Santa Bárbara, SP., em 05.04.1885. Foi nomeada missionária da FMB em 10.10.1907 "on field", ou seja, estando no campo de trabalho. Casou-se, em 19.09.1915, em Dawson, Texas, com o Pr. John Bruton Parker. Ambos tornaram-se missionários trabalhando no Maranhão. Ver O JB, de 03 e 24.02 1921, p. 10. —. Anne faleceu em 07.04.1923, quando em férias. Era uma das netas do Pr. R. P. Thomas. — O casal teve duas filhas: Addie Hope e Lois, ambas vivas nos EUA, em 2004.]



O JB, 25.03.1926, ano 26, nº 12, p. 5, 6 Parte I

01.04.1926, ano 26, nº 13, p. 4, 5 Parte II

08.04.1926, ano 26, nº 14, p. 3 Parte III

16.01.1926

Discurso Histórico

De WBB

A 16.01.1926, o Dr. W. B. Bagby proferiu um Discurso Histórico, perante a Convenção Batista Brasileira, reunida no salão nobre do Colégio Batista Americano do Recife. Esse discurso foi publicado em O Jornal Batista, em três partes, como se vê acima. Dele transcrevemos partes ligadas mais diretamente ao trabalho em Santa Bárbara.

Parte I — "... Quem teria imaginado há 60 anos que a guerra civil na América do Norte havia de ser a instrumentalidade na mão de Deus para dar o evangelho ao Brasil e a toda a América do Sul?! Mas assim aconteceu. Depois dessa guerra, muita gente no sul os Estados Unidos ficou desanimada e com vontade de sair da sua terra. Resolveram ir buscar uma pátria nova e um novo lar no Brasil. (...)

Assim foi que, num pequeno navio de vela, chamado 'Yamoyden', embarcamos no porto de Baltimore. (...) Navegamos mais três semanas, até a costa brasileira. Íamos como que para um novo mundo! Nunca tínhamos visto um brasileiro. Nada sabíamos do lugar. Não conhecíamos pessoa alguma em todo o continente sul-americano. Ninguém havia de nos encontrar no porto do Rio de Janeiro. Ninguém lá sabia de nossa viagem, ao menos assim julgávamos. Não sabíamos que trabalho nos aguardava ao chegar; porém, confiávamos em Deus, que de

qualquer modo ele havia de nos dirigir. (...)

Não sabia o que fazer, nem para onde ir, ao saltar em terra, mas trazia no bolso uma carta que o general Hawthorn me havia entregado ao embarcar, dizendo: ‘Irmão Bagby, não lhe posso dar carta de recomendação a pessoa alguma no Brasil, a não ser um dentista, Dr. Coachman, norte-americano. Não sei se ainda está vivo, porque há tempo não recebo notícias dele.’

O Dr. John William Coachman tinha viajado para os EUA uma semana antes. Mas, no consultório desse dentista, Dr. Bagby recebeu a carta de D. Mary M. Ellis, através de Phil Slaughter. Este conhecia o general Hawthorn desde o tempo quando este estivera no Brasil. E o relato de Dr. Bagby prossegue:

“Quando olhei para aquela carta e vi lá o meu nome, lembrei-me de que não conhecia ninguém em toda a América do Sul. Não sabia como era possível receber uma carta. Era um convite escrito por uma senhora batista, minha patrícia, na vila de Santa Bárbara, SP, D. Mary Ellis. Pareceu-me que aquela carta havia caído do céu. (...) Voltei ao navio e disse à minha senhora: ‘Recebi hoje uma carta do céu:’ (...) E mostrei-lhe o convite para irmos a Santa Bárbara. Em poucos dias tomávamos o trem, rumo a S. Paulo, e chegávamos a Santa Bárbara. Fomos muito bem recebidos na casa de D. Mary Ellis. Mas, como foi que aquela senhora soube que vínhamos para o Brasil? Foi por intermédio do primeiro missionário metodista, Dr. J. J. Ransom, enviado ao Brasil, alguns anos antes, e que se tinha casado naquela colônia.”

O Dr. John James Ransom casara-se com Anne Ayres Newman, uma das filhas do Rev. Junius Eastham Newman, de Santa Bárbara. O casamento breve se desfez pela morte de Anne, no Rio de Janeiro. Triste com o fato, o missionário Ransom viajou para os EUA. Voltaria mais tarde. Mas, lá, pela leitura de um jornal batista do Texas, soube da nomeação e vinda do casal Bagby para o Brasil. Escreveu ao sogro, Newman.

“... Lembrando-se que havia batistas em Santa Bárbara que se haviam de alegrar com tal notícia, cortou o pedaço de jornal e colocou-o dentro da carta. Ao chegar aquela carta a Santa Bárbara, foi aberta pelo cunhado do missionário metodista, que naquele mesmo dia ia visitar a família de D. Mary Ellis. Sabendo que ela estava desejosa de que viesse um missionário batista, levou-lhe a notícia da nossa próxima vinda.”

Assim, D. Mary M. Ellis soube da notícia, que logo foi transmitida aos membros de sua família, decidindo que seria a hospedeira do casal Bagby. Por 40 dias ela os teve em sua casa, na Fazenda Barrocão, não muito distante da Vila de Santa Bárbara.

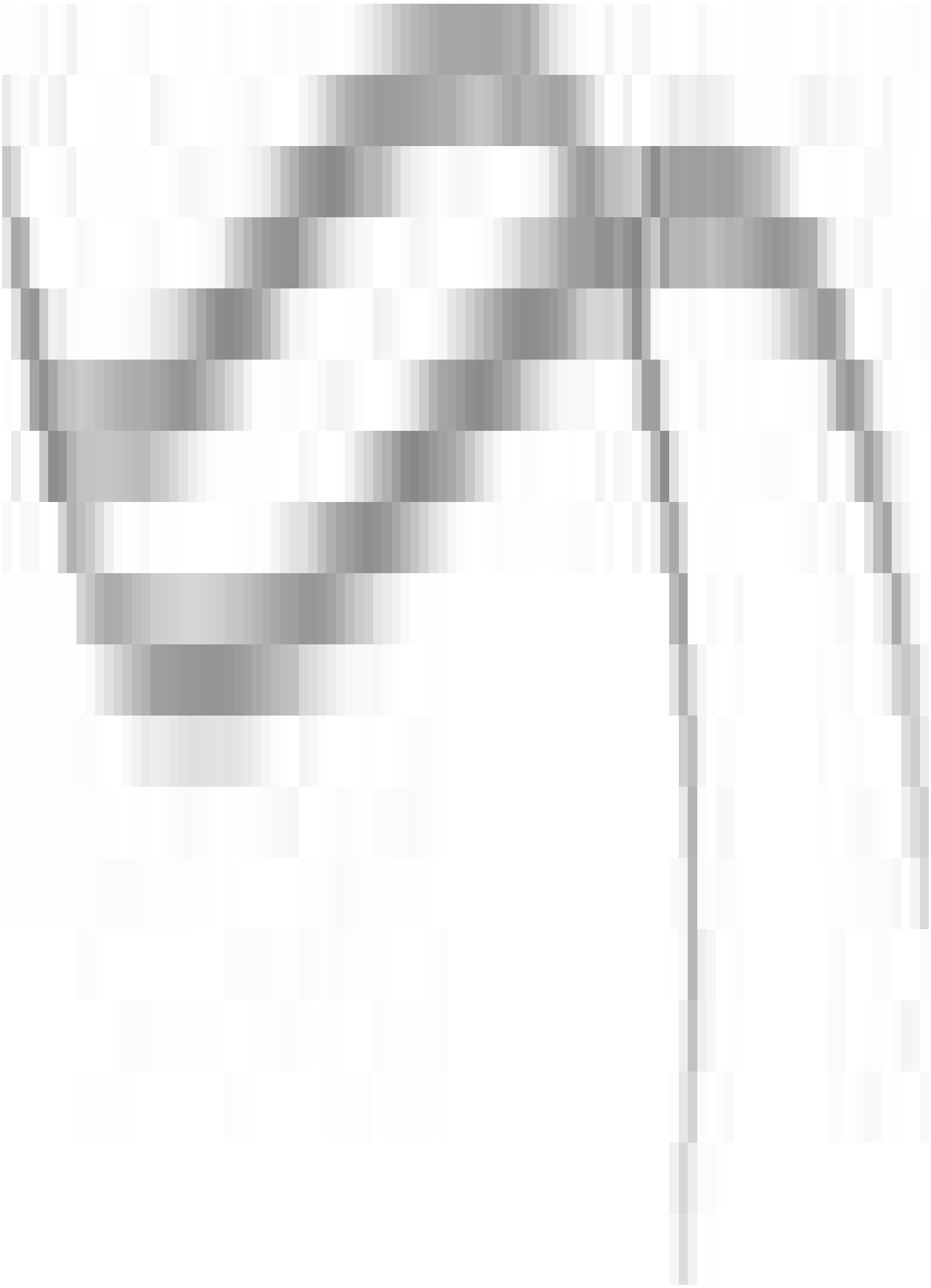
E o discurso continua:

Parte II — “... Encontramos em Santa Bárbara um batista norte-americano, o Sr. Guilherme Thomas [William Francis Thomas], pai de D. Anna Parker, tão conhecida entre nós e que me disse: ‘Irmão Bagby, aqui perto, na cidade de Capivari, há um ex-padre católico, Sr. Antonio Teixeira de Albuquerque, que se tornou batista aqui na colônia e foi batizado por meu pai’. Fomos a Capivari. Falei por meio de intérprete com o irmão Teixeira, que me disse: ‘Ó, Sr. Bagby, dou graças a Deus por ter mandado um missionário batista para pregar o evangelho ao meu povo!’

Depois de nosso primeiro ano de estudo de português, em Campinas, na missão Presbiteriana, chegou dos Estados Unidos o Dr. Zacharias C. Taylor com sua esposa.” ...

No discurso do Dr. Bagby, ele relata mais adiante o seu encontro com um moço americano, já em 1884, que tinha conhecido em Santa Bárbara. Este lhe disse estar morando na pensão da Sra. Elisabeth Williams. Era John Miller, irmão de

Anna Lucina (Miller) Bookwalter, respectivamente tio-avô e avó de nossa irmã Charlotte Vaughan.



22.04.1931

Falecimento — dados extraídos da lápide

Cemitério Batista — Porto Alegre, RS

“Bertha Mills Pettegrew nasceu a 30 jan 1873. Faleceu a 22 abril

Fiel Christã 38 anos Entre últimas palavras:

Com Jesus Sou Feliz.”

Perto estão os túmulos do Dr. William B. Bagby e o de sua filha, Ermine Bagby Sowell. Bertha nasceu em Limeira, SP, sendo filha de William Mills e Dora Thatcher. Temos mui poucos dados sobre Bertha. Seu último campo de trabalho foi no RS, juntamente com seu esposo, R. E. Pettigrew.

A Bíblia De Púlpito Da Primeira Igreja De Santa Bárbara

O documento seguinte é uma carta escrita por D. Anna Lucina Bookwalter, mencionada anteriormente.

A original, em inglês, encontra-se dentro da Bíblia de Púlpito, guardada na Caixa-Forte da FMB-SBC. (Ver 10.07.1875.)

24.07.1942

Carta de SBSP

De Anna L. Bookwalter

Para o missionário Paul Clay Porter

A Bíblia foi da Igreja Batista de Santa Bárbara, SP.

“Peço-lhe para tomar algum do seu tempo a fim de dizer-lhe como me sinto prazerosa de lhe entregar este livro, ou a algum outro ministro batista que o queira. Junto forneço-lhe uma pequena informação.

Este livro foi enviado por um nosso amigo ao major Robert Meriwether, para a Igreja Batista no Brasil. A Primeira Igreja era uma pequena cabana vazia, construção brasileira, na propriedade de Meriwether. Os vizinhos limparam-na e colocaram pranchas de madeira sobre caixotes para servirem de bancos de assento. O Rev. Richard Ratcliff vinha uma vez por mês e pregava. O major Meriwether tinha uma boa Escola Dominical cada domingo, para jovens e adultos.

Então foi decidido que se poderia melhorar tudo e construir um templo de táboas perto do pequeno cemitério. Não me lembro exatamente quanto tempo nós usamos esta Bíblia naquele templo até quando ela foi apanhada por alguns meninos peraltas e jogada fora, à margem da estrada, não muito longe do templo. Ali ficou no capim, pegando chuva e sol por meses ou anos, pois não posso me lembrar quanto tempo foi. Naturalmente que quando encontrada ela estava em precárias condições e não servia mais para uso. Porém, temos cuidado dela durante todos esses anos como algo sagrado.

Agora, como não viverei por muito tempo, e como os mais idosos que poderiam apreciá-la já se foram, sinto-me alegre de lhe fazer esta entrega. Quando o nosso primeiro templo de táboas foi demolido, a Bíblia foi mandada para mim a fim de que fosse guardada até que o novo templo ficasse pronto. Quando o de tijolos foi erguido, fui novamente solicitada a guardá-la.

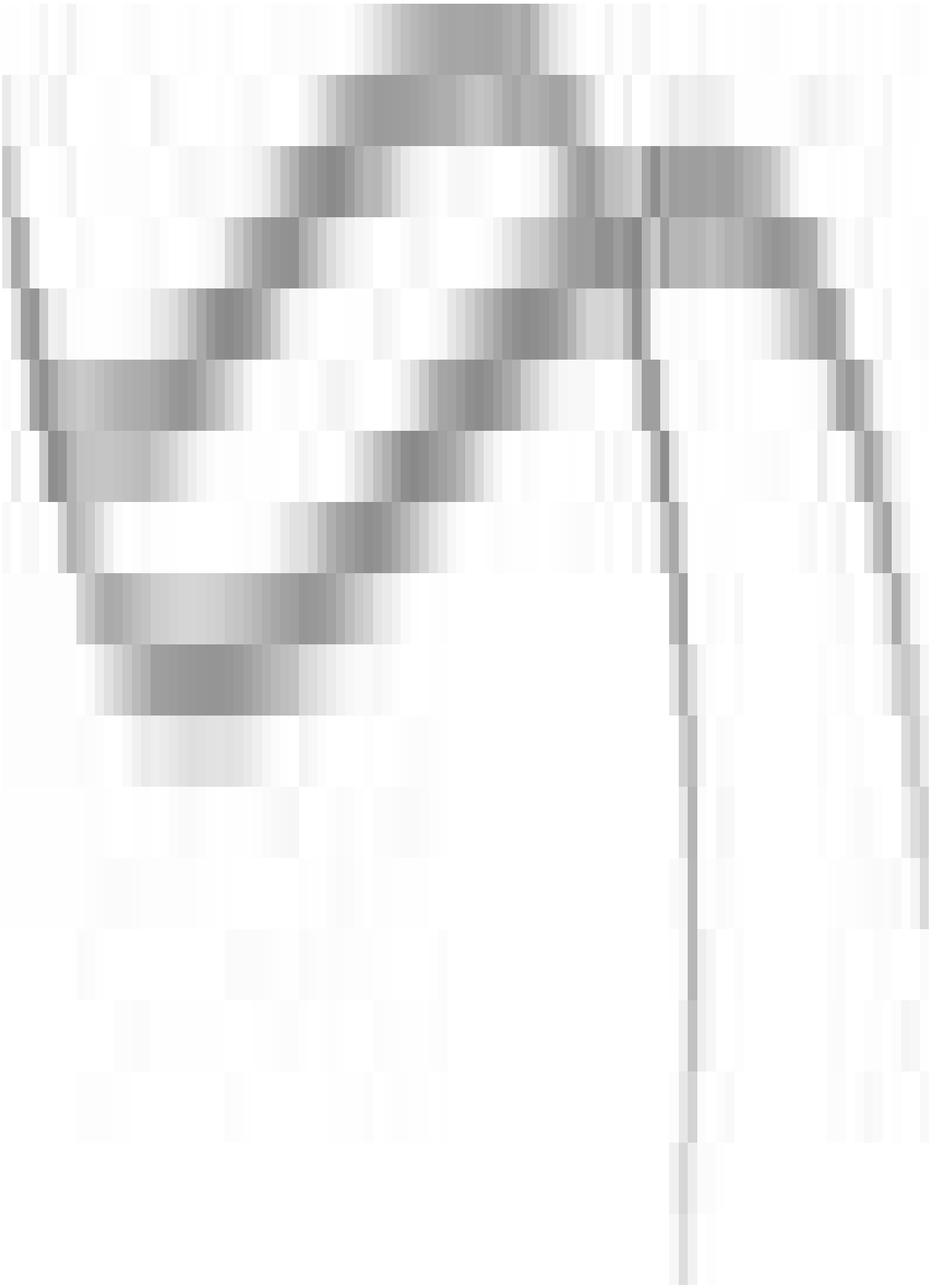
Quase me tinha esquecido dela, quando, há cerca de dois meses atrás, encontrei-a em cima do meu armário! Imediatamente enviei-a para a pequena capela, quando foi vista pelo irmão. O Senhor salvou este velho livro com um propósito.

Anna Bookwalter

Eu poderia escrever um bocado sobre a nossa primeira experiência religiosa no Brasil, porém, ir a uma reunião é difícil para mim, e também difícil para ler. Há uma coisa que eu quero lhe dizer: esta igreja e o cemitério são uma união entre presbiterianos, batistas e metodistas que sempre tiveram iguais direitos e cada um participava das despesas ou trabalhos.”

O templo de madeira (ou capela, ou igreja, como às vezes é dito), o primeiro a ser construído, foi inaugurado em 1878.

Anna L. Bookwalter faleceu com 87 anos de idade, dois anos depois de ter escrito a carta como acima está. Foi sepultada no Cemitério do Campo.



O JB, 27.11.1966, ano 66, nº 48, p. 1, 6

“No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos

16.10.1966

Informação de BAO

Para O JB

‘Nota da Redação — (Em outubro passado comemorou-se, em Santa Bárbara, São Paulo, o primeiro centenário da vinda para o Brasil de colonos norte-americanos que deixaram os Estados do Sul dos Estados Unidos em conseqüência da Guerra de Secessão. Entre esses colonos, havia muitos batistas e, justamente deles, por gratidão à terra e ao povo que os acolhera tão bem, partiu a idéia de se iniciar um trabalho missionário batista no Brasil. O JORNAL BATISTA esteve presente às comemorações centenárias. Nossa prezada colaboradora, D. Betty Antunes de Oliveira, descendente por linha materna dos colonos de 1866, escreveu o artigo que, a seguir, com grande prazer, publicamos. Agradecemos a outro colaborador, o missionário Bill Ichter, as fotografias batidas pelo representante do CAVE).

“Passei dias ansiosa, como uma menina, para que chegasse o dia de viajar para S. Paulo. Tantos anos passados, mas, só agora, ia eu realizar aquela viagem, que desde bem jovem desejara fazer.

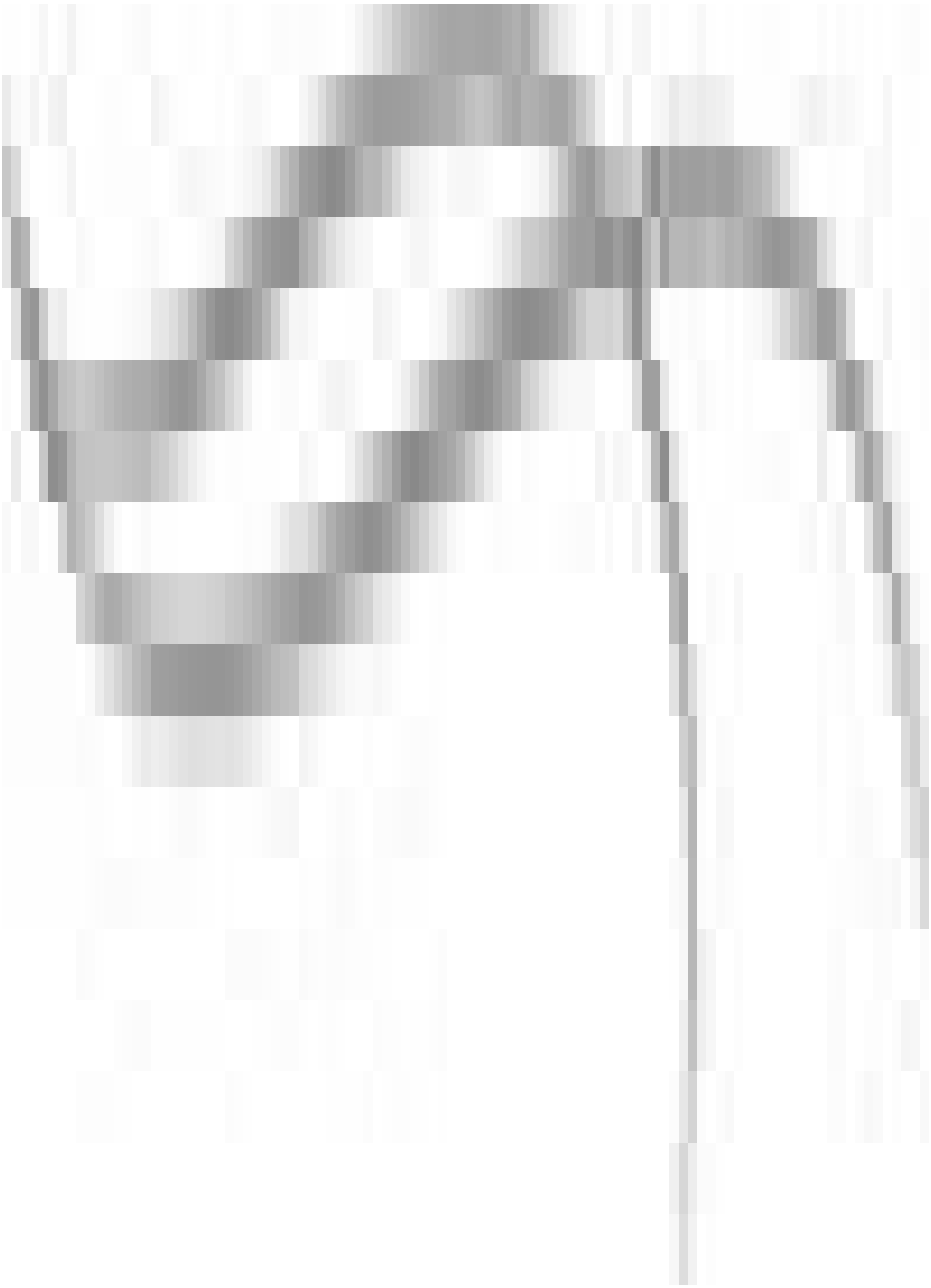
Mamãe, alguns dos meus filhos e esposo, foram comigo. Às 9 horas da manhã de domingo, 16 de outubro p. p., atravessamos o portão do Campo, dentro de um

taxi tomado na cidade de Americana. Rodáramos por entre verdes canaviais sob um céu bem azul. Quando transpusemos o portão, chorei de emoção, ao mesmo tempo em que ergui meus olhos e coração aos céus agradecendo a Deus aquela oportunidade concedida. Estávamos pisando o chão que há 100 anos fora também pisado pelos nossos antepassados. Mais uma vez senti-me tal qual uma menina diante de coisas estupendas!

Fôramos ali para as comemorações do primeiro centenário da vinda das primeiras famílias norte-americanas para o Brasil, que se estabeleceram no Estado de S. Paulo, em Sta. Bárbara, bem perto da atual cidade de Americana. Eram famílias que procuravam novas terras. Vieram cheias de esperanças, ávidas de novas experiências. A guerra civil nos Estados Unidos, naquela altura, levou-as a novas aventuras. Emigraram. Essas famílias eram evangélicas de diversas denominações. De início, realizavam seus cultos nas casas dos próprios colonos. Depois, num barracão de escola, que fora construído às pressas para as aulas de seus filhos. Posteriormente, construíram uma capela de madeira. Com o correr dos tempos, as famílias batistas organizaram-se em igreja (10.09.1871). Continuaram realizando seus cultos nessa capela até quando tiveram o seu próprio templo mais perto da Vila de Sta. Bárbara. (Não mais existe esse templo.)

Dentro do Campo, na parte de trás, está o cemitério. O seu aparecimento se deve ao fato de que, naquele tempo, os corpos de protestantes não podiam ser enterrados nos cemitérios comuns. Tiveram, assim, aquelas famílias, de ter o seu próprio cemitério. A história de como ele surgiu é comovente.

O começo do trabalho batista no Brasil teve início com parte dessa colônia americana.



Enquanto aguardávamos o momento do início da reunião comemorativa, dirigimo-nos ao cemitério. Tivemos inúmeras emoções, acompanhado-as com a tirada de retratos. Simples, no sistema da outra América, ali estão os túmulos dos pioneiros e de alguns dos seus descendentes. Ainda hoje podem ser colocados os restos mortais de outros descendentes. Vi túmulos dos McKnight, Ratcliff, Pyles e de outros. Onde estariam os dos meus bisavós, avós, tios? Achei-os nas quadras dos Thomas e Ferguson. Junto ao túmulo do meu bisavô materno, Robert Porter Thomas, inclinei minha cabeça e agradeci a Deus pela vida daquele servo do Senhor. Por uma coincidência, fora ele quem batizara o primeiro batista brasileiro, o ex-padre Teixeira de Albuquerque. Quanto vale a vida daqueles que sabem semear e plantar para o futuro! Como nos inspiram! Que seria de nós todos, se os nossos antepassados se fechassem egoístas, como conchas?! Pensando nos descendentes, saibamos semear para que eles tenham flores e frutos sazonados.

O vento soprava suave, trazendo céu azul sobre os túmulos, arvoredos, sobre nós, enchendo nossa alma do mais puro enlevo.

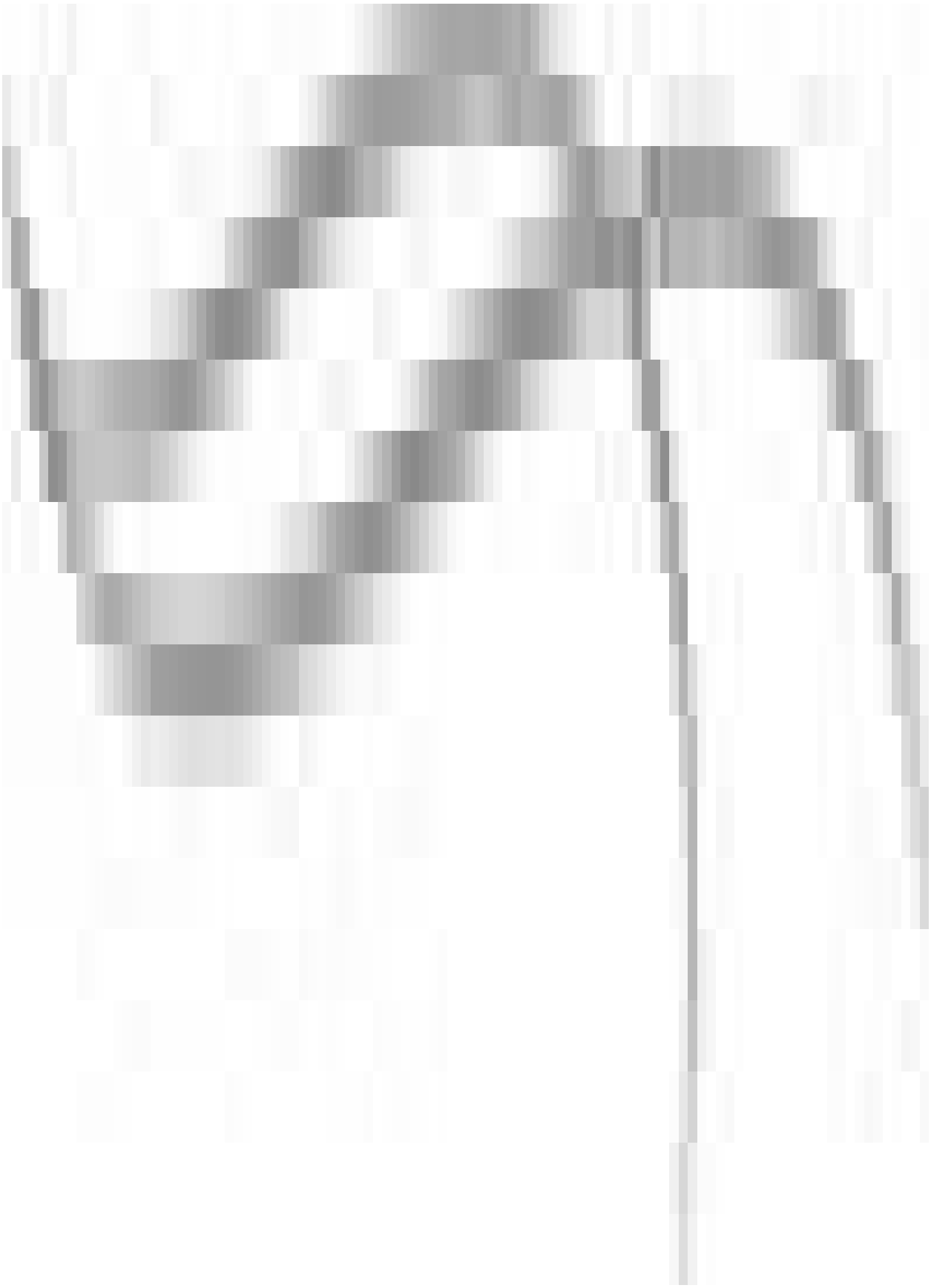
Iam chegando: parentes desconhecidos, conhecidos, amigos, convidados especiais. A grande maioria eram os descendentes daquelas primeiras famílias. Por fim, chegou o momento da reunião. Poeira e calor, sol quente e muita gente (talvez umas 400 pessoas). O Dr. James Jones, presidente da “Fraternidade Descendência Americana”, assumiu o comando, dando início à solenidade. Três pastores de denominações diferentes, inclusive o Pr. [Walter] Cullen (um dos descendentes), assomaram o pedestal do obelisco novo. Leu-se a Bíblia, oramos, um coral cantou três hinos próprios e ouvimos palavras atinentes à data. O obelisco comemorativo, de 6 metros de altura, tendo na base, em mármore preto, gravados os sobrenomes daquelas 96 famílias primeiras, foi inaugurado. Foi um culto a Deus feito em céu aberto. Parece que assim podíamos falar melhor com ele. Tudo foi muito comovente. Franqueada a palavra, falou o deputado federal Antunes de Oliveira, representando a Câmara Federal. Estavam presentes, também, os prefeitos de Piracicaba e Americana.

Terminado o culto, fomos todos almoçar sob uma coberta especial, onde grandes mesas foram instaladas. Era o “basket-dinner” tradicional. Cada família leva o seu farnel e lá depositam-no sobre a mesa e tudo se torna comum. Antigamente, os pioneiros vinham nas suas carroças e passavam o domingo ali. Faziam seu culto na capela. Almoçavam tal como estávamos fazendo agora. Só que naquele domingo do centenário, o pátio não oferecia a mesma vista; as “carroças” eram os nossos “Volks”; Aero-Willys, Vemaguetes, Kombis etc!

Dando uma nota pitoresca àquela reunião, estavam alguns dos descendentes vestidos à moda daquela época. Um dos jovens deixara a barba crescer para, com roupa igual à dos soldados confederados dos Estados Unidos, usando boné e garrucha daquele tempo, representá-los!

Conhecemos novos amigos, parentes que nem julgávamos existir. A conversa de todos era sobre o grau de parentesco de cada um e, assim, rememoraram-se fatos do passado.

No meio da tarde, deixamos para trás o Campo. Nunca nos esqueceremos daquele dia. Guardaremos, para sempre, no coração, aquele culto simples, mas tão significativo. Que nossos descendentes possam comemorar o segundo centenário com as mesmas emoções e experiências tão boas como as que tivemos agora. Será no ano de 2.066. (É capaz de Cristo vir antes disso!)



A história daqueles primeiros pioneiros está escrita pela Sra. Judith Jones e é provável que a tenhamos impressa no próximo fevereiro. Já existe algo publicado sobre o assunto: “Summary of the History of the Baptists in the State of São Paulo”, do missionário Paulo Porter; “História dos Batistas no Brasil”, do missionário A. R. Crabtree. Muito ainda há de se escrever sobre os resultados da vinda daquelas famílias americanas para o Brasil. O grupo que se instalou em Santarém, Belém do Pará (vieram dois grupos), deverá ter, também, sua história. Há descendentes da família Riker, por exemplo, que se espalham por Manaus, Belém e Recife, que poderiam tomar a si essa linda tarefa.

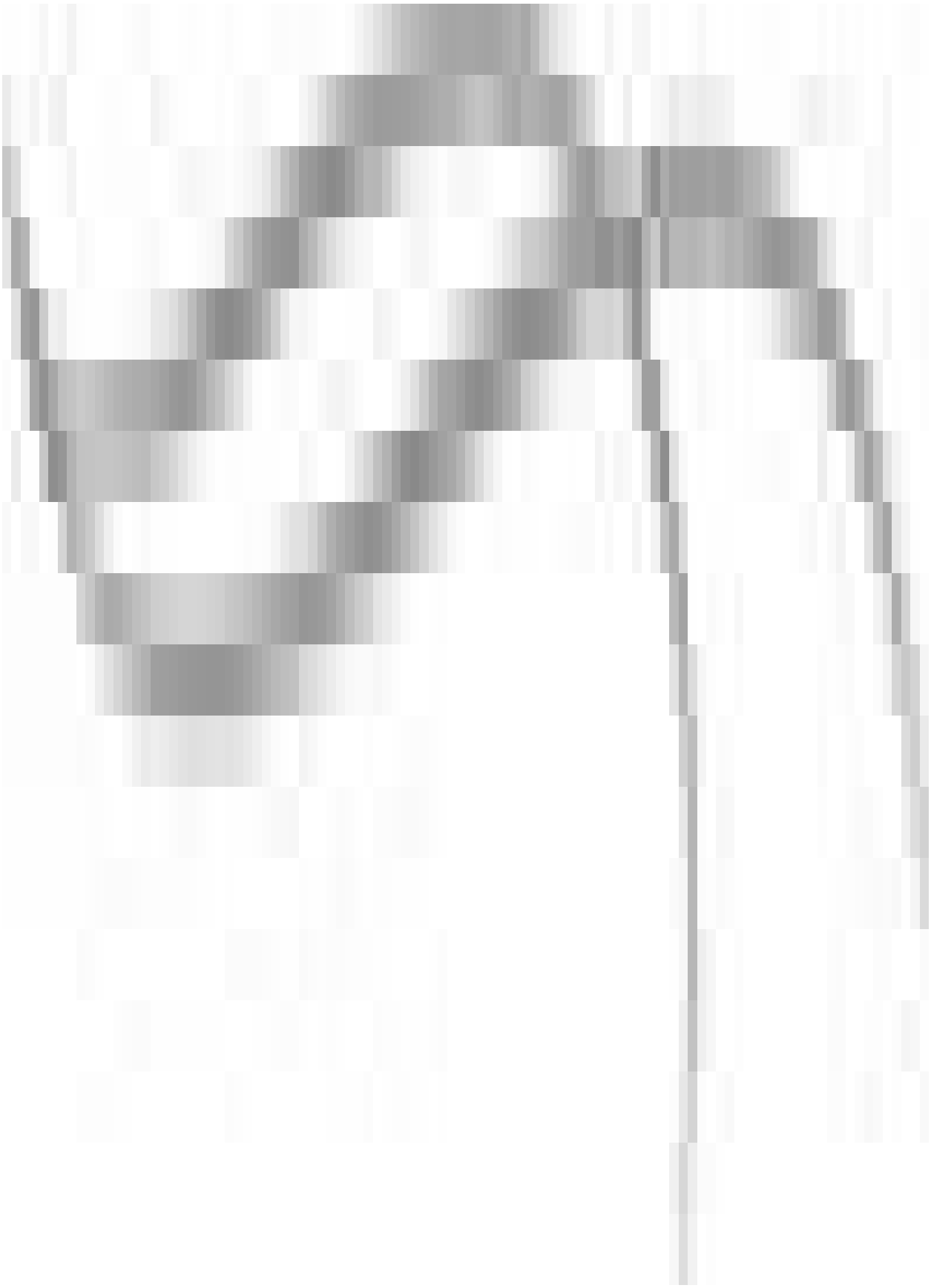
No setor religioso, podemos ver quantos frutos aí estão. Por causa do grupo de batistas, vieram os missionários Bagbys, e depois outros. Que sementeira magnífica! Aquela “First Baptist Church Of Brazil”, organizada ali no coração de S. Paulo, não mais existe. Foi a semente que, posta na terra, morreu, para dar vida a tantas outras!

Boa parte dos descendentes daquelas famílias encontra-se nos Estados Unidos, porém, muitos outros estão no Brasil, integrados na vida do país, e uma parte, na vida da denominação. Da terceira geração em diante, começaram os casamentos com brasileiros descendentes de índios, portugueses, negros, alemães etc. Isto é um fato que reputamos como significativo na sua dialética. Alguns elementos daquele grupo primitivo (como minha avó materna, por exemplo), eram intransigentes no tocante à miscigenação. Mas, tiveram que enfrentar uma situação nova e aceitá-la, apesar da relutância.

Deveríamos dar mais importância àquilo que pertenceu aos nossos antepassados. Por certo que não podemos guardar tudo, mas, pelo menos, aquilo que pode trazer lições, e mais afeto familiar. O museu pequenino, do Campo, que guarda alguma coisa daqueles pioneiros merece ter outros objetos e documentos que andam guardados nas mãos dos descendentes. Visitando aquele museu, podemos

sentir como era a vida lá pelo fim do século passado. Há desde fogão, louças e outros utensílios domésticos, até rocas, plaina, arreios, selas, pilão. Como também, vemos uma carroça, vestes, documentos, amostras de colchas de retalhos (emendados à mão). Uma simples renda que fez parte de um vestido tem a sua mensagem. Prestigiemos e zelemos pelos nossos museus que começam a surgir, museus que vão guardando o que pertenceu aos nossos obreiros, às nossas igrejas."

No final do artigo, foi transcrita uma carta de R. P. Thomas para a sua neta Martha Ethel Smith, na data de 03.03.1895. É uma carta cheia de bons conselhos para jovens que resistem às orientações paternas! Não iremos transcrevê-la aqui.



"Um Século Depois

O JB, 03.10.1971, ano 71, nº 40, p. 1, 2

Artigo

De João Falcão Sobrinho

Para O JB

“Um Século depois.

“Chegamos ao cemitério, seguindo as indispensáveis indicações da Srta. Charlotte Vaughan, pontualmente às 14.40. O início do culto memorial promovido pela Associação das Igrejas Batistas de Campinas e adjacências para celebrar os cem anos da data em que foi organizada a primeira igreja batista conhecida em solo brasileiro, estava marcado para as 15 h. Já encontramos no local a missionária Sistie Givens, do Paraná, preparada para dar cobertura jornalística ao acontecimento para a Junta de Richmond. Tínhamos saído da Praça XV, na GB, às 6h20, o Pastor Nilson Fanini, o Pastor Josias Machado, o fotógrafo Linhares e eu. Dia bonito, estrada boa e a viagem foi um descanso. Não tivesse a irmã Charlotte a lembrança e a bondade de nos telefonar, jamais teríamos acertado o caminho. Deixando Americana, alcançamos Silos, seguimos por entre canaviais guiados pelas setas até o aprazível sítio onde os despojos dos pioneiros e de seus descendentes aguardam o soar da trombeta. O cemitério pertence à municipalidade de Santa Bárbara e foi iniciado em 1886 [ano certo — 1868], porque os padres não permitiam que os corpos dos “hereges” tivessem descanso nas necrópoles oficiais. Ao chegarmos ao portão do cemitério, sentimos uma estranha emoção, um misto de respeito e gratidão. Logo se divisa a capela ali construída pela comunidade de descendentes dos imigrantes americanos. Ornamentando a mesa, ostensivamente, a bandeira dos

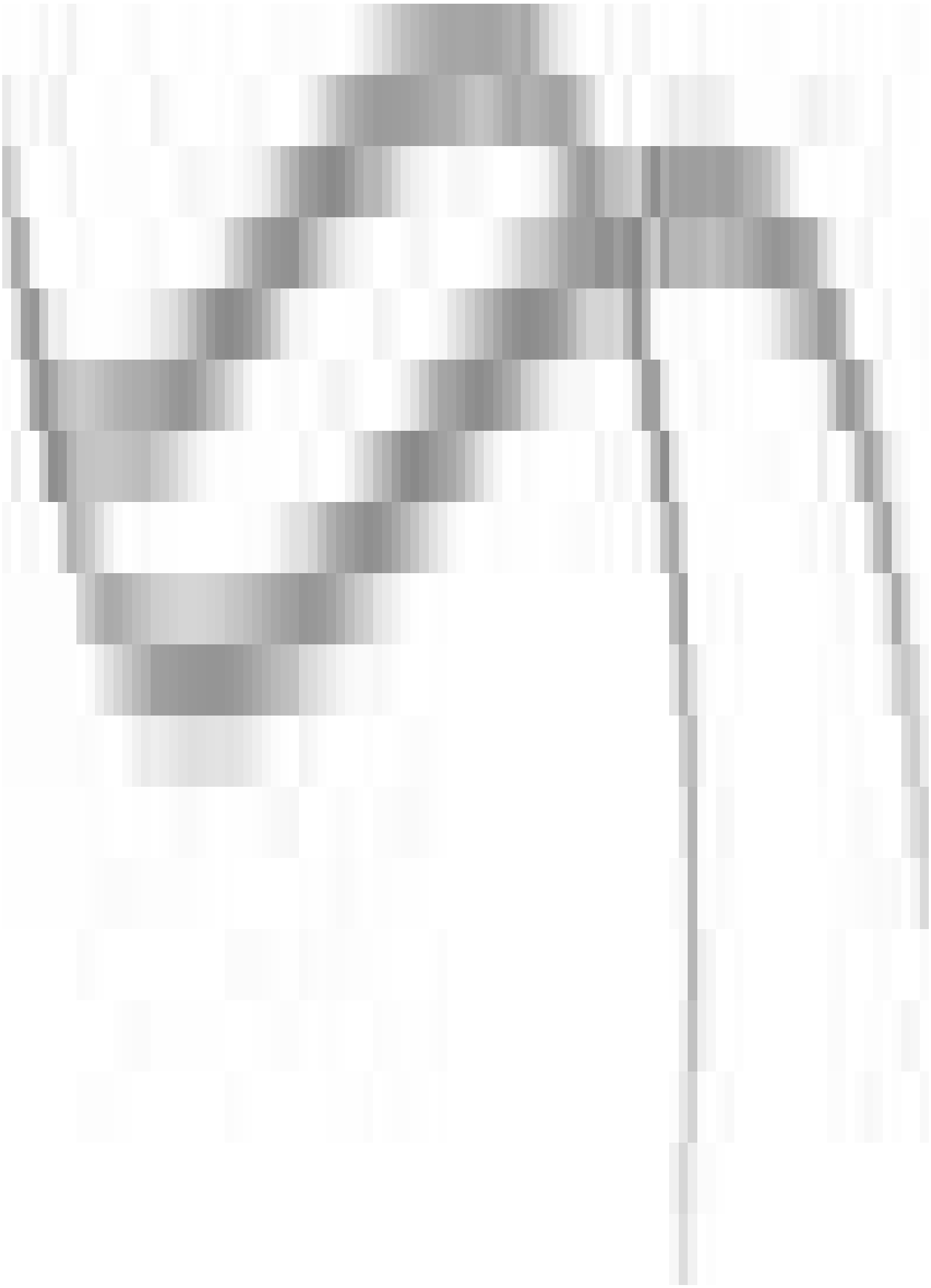
confederados. O cemitério é dividido em alas por famílias e, na ala dos Vaughan, havia terra fresca removida e flores recentes: Roberto Riston Vaughan, 25 de agosto. Apanhei três pedrinhas polidas, bem brancas, no chão do cemitério: uma para o Erasmo, outra para D. Debie, que colecionam pedras e a terceira, para Ebenézer Cavalcanti, como lembrança.

A reunião foi iniciada pelo Pastor João Batista Martins de Sá, da Igreja Central de Campinas. Lotavam a capelinha alguns descendentes dos imigrantes pioneiros, pastores da região e membros de igrejas vizinhas. Canta-se o hino 15. É composta a mesa: Dr. Horace Victor Davies, que falou representando a Junta de Richmond; Pastor Walter Cullen, da Primeira Igreja de Americana, descendente de pioneiros imigrantes, que deu boas-vindas aos visitantes e explicou os motivos da celebração; Pastor Nilson Fanini, orador oficial da ocasião, e Pastor João Falcão Sobrinho, secretário-geral da Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira. Após uma oração, canta “a família Gunars Tiss”, como são apresentados o Pastor de Vila Velha e seus três filhos — uma adolescente ao órgão, um rapaz ao violino e outro em dueto com o pai. Assim, os letonianos, que tanto contribuíram para a evangelização do Brasil, também participavam da celebração com uma de suas melhores características, que é a música. O orador oficial, Pastor da Primeira Igreja Batista de Niterói, presidente da maior convenção estadual do Brasil e da Junta Executiva da C. B. B., Dr. Nilson Fanini, lê as palavras de Jesus a Pedro sobre a instituição da Igreja e, a seguir, iniciando com os fundamentos históricos e teológicos da Igreja, percorre, em rápidos relances, a história e a atualidade batista brasileira para nos transportar, ao fim, às glórias da ressurreição. Já nesta altura a reunião é dirigida pelo Pastor Ielon Nascimento, presidente da Associação promotora da celebração. Fala o Sr. James Roderick Jones, presidente da Fraternidade dos Descendentes dos Imigrantes Americanos, que sustenta reuniões trimestrais de confraternização. Fala o Pastor Josias Cardoso Machado, segundo-secretário da Junta Executiva, da C. B. B., em nome desta entidade. É apresentada a escritora D. Judith Mac Knight Jones, autora do livro SOLDADO DESCANSA! também descendente dos imigrantes, que apresenta o seu livro. Fala o pastor Antunes de Oliveira, cuja esposa, D. Betty, filha do saudoso Pastor Ricardo Pitrowsky, é bisneta de Robert Porter Thomas, um dos pioneiros. Com D. Betty ao harmônio, sob a regência de Naida Victoria Hartmann canta-se o hino ‘Minha pátria para Cristo’, nº 439. Embaixo do púlpito, amarelecidos pelo tempo, vários volumes do Cantor Cristão, edição bem antiga, quase todos danificados pelo tempo.

Mais cedo ou mais tarde, a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos teria que estender sua epopéia missionária ao Brasil. A mão de Deus, porém, a quem nós ali no sítio de Santa Bárbara d'Oeste rendemos muitas graças por isso, dirigiu providencialmente a vinda dos imigrantes que fugiam das perspectivas sombrias que toldavam os céus da América do Norte após a Guerra da Secessão, em direção ao Brasil, a fim de preparar o caminho para a realização de uma das maiores obras missionárias dos tempos modernos. Na estratégia de Deus, vemos dois aspectos a destacar no fato histórico já sobejamente debatido nas páginas deste jornal. Primeiro, a estratégia da oportunidade. O alvorecer da República, com todo o seu elenco de liberdade, em especial a liberdade religiosa, já encontrou os batistas de estacas fincadas em terras brasileiras. Em segundo lugar, a estratégia dos precursores, tão bem lançada por Moisés e Josué. A colônia americana de Santa Bárbara d'Oeste, com suas duas igrejas batistas fundadas para o fim precípuo de cultuar a Deus na língua dos imigrantes e manter os laços comunitários, "espiou a terra", viu que a terra era boa, que a receptividade para o evangelho seria excepcional e apelou à Junta de Richmond para que mandasse missionários. Depois, a mesma colônia foi uma bênção para o estabelecimento dos primeiros contactos dos missionários com o seu campo no estagio inicial de aprendizado da língua e aclimatação. É óbvio que os precursores de Santa Bárbara não puderam ver todas as dimensões e todo o alcance histórico do seu gesto visionário. Jesus mesmo não disse que o Reino de Deus começa pequenino, como um grão de mostarda, para tornar-se depois na maior das hortaliças? Embora os batistas brasileiros reconheçam 15 de outubro de 1882, data da organização da primeira igreja batista brasileira, na Bahia, como a data batista do Brasil, rendemos nossa profunda homenagem àquele punhado de desbravadores que, no dia 10 de setembro de 1871, há um século, fundaram uma igreja batista em solo brasileiro, que foi a semente, o instrumento de Deus para o início dessa epopéia missionária de que, por sua misericórdia, todos somos participantes.

Foi, pois, com a alma enternecida pela gratidão e o coração reverente de saudade e respeito, que participamos da celebração do centenário da organização da primeira igreja batista em solo brasileiro, na bela sexta-feira, 10 de setembro de 1971. No momento em que, todos ajoelhados, ferventes orações de louvor e intercessão pela pátria subiram ao Santo Trono do Senhor, sentimos, ali, clara e

profundamente, com a presença de Deus, o sentido profundo e claro da hora que estávamos vivendo. Deus seja louvado e seu Filho Jesus Cristo engrandecido na salvação de milhões de brasileiros.”



Registro dos títulos dos Pastores e Ministros de Religiões

Arquivo Nacional — Rio de Janeiro

Livro IJJ. 11-6: O livro possui 145 folhas. Nem todas foram utilizadas. O primeiro e o último registros foram feitos, respectivamente, a 05.06.1863 e 21.05.1890. O termo de abertura diz: = “Este livro há de servir para n’elle se registrarem os Títulos dos Pastores e Ministros de Religiões toleradas nos termos dos artigos 52 e 53 do Decreto 3 069 de 17 d’Abril de 1863. = Secretaria d’Estado dos Negócios do Império em 2 de junho de 1863. = Paulo Augusto D’Aguiar”

No Livro existente no Arquivo Nacional, acima mencionado, há o registro de presbiterianos, metodistas, batistas, anglicanos, luteranos, israelitas, congregacionais. Recolhemos nomes de 42 deles, com os dados principais. Aqui, porém, transcrevemos o texto dos registros, conforme se lê a seguir:

“Nós, abaixo-assinados, membros da comissão nomeada pela Igreja Batista de Santa Bárbara para comunicar a sua eleição como pastor da mesma ao Reverendo W. B. Bagby, Ministro Evangélico regularmente ordenado pela Igreja Batista, tendo feito no mesmo a devida comunicação, o fazemos por certidão, a fim de que esteja registrada a sua eleição nos termos do Art. 52 do Decreto nº 3 069, de 17 de abril de 1863, e assim possa ele exercer livremente as funções do seu cargo e ‘praticar atos de seu ministério religioso suscetíveis de produzir efeitos civis.’

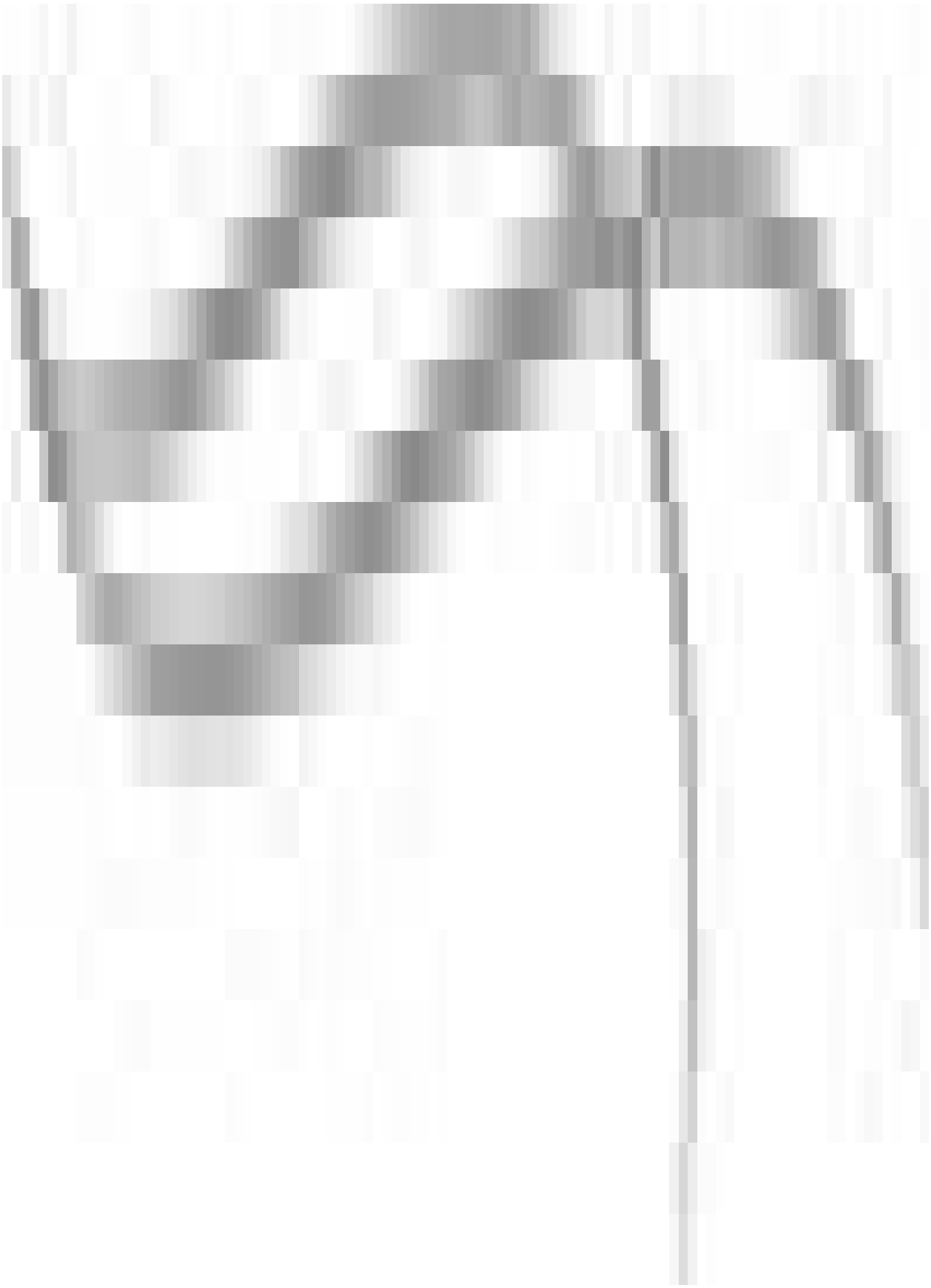
S. J. S. M. Russell , H. Capps, T. E. Ferguson.

Reconheço as firmas supra serem verdadeiras de próprio punho. Eu, Alfredo de Moraes Leme, Escrivão, que escrevi e assino em público e razo. Em testemunho de verdade estava o sinal público. Alfredo de Moraes Leme. Santa Bárbara, 21 de janeiro de 1882. Visto. Assino o official Joaquim Borges Carneiro para fazer o competente registro. Segunda Diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em 3 de outubro de 1884. O Diretor, Dr. Joaquim Pinto Neto Machado."

A seguir, vem o registro s/n, p. 16, 16v, do pastor Edwin Herbert Soper, registrado na data de 02.07.1886. Os dizeres são os mesmos do registro anterior, mudando-se o nome, no caso Edwin Herbert Soper, e a data de 14.09.1885, que deve ter sido a da certidão dada pela igreja, assinada pela comissão: A. D. Thacher, W. F. Thomas e Henry Capps. A 04.07.1886, foi feito o registro na segunda diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios do Império.

Às páginas 21, 21v e 22, s/n, está o registro do missionário Edward Allen Puthuff ,registrado a 22.11.1888. O registro feito em Santa Bárbara, SP, deve ter sido em data anterior. O documento, em inglês, de sua consagração ao ministério, dos EUA, é revisto pela Embaixada dos EUA, no Rio de Janeiro, em agosto de 1888.

Na p. 23v, s/n, está o registro do missionário Charles Davis Daniel, consagrado no Texas. O seu documento é também revisto pelo órgão competente dos EUA, no Brasil, a 03.07.1889, e o registro é feito na data de 08.07.1889.



Centenário Do Estabelecimento Da Missão Batista No Brasil

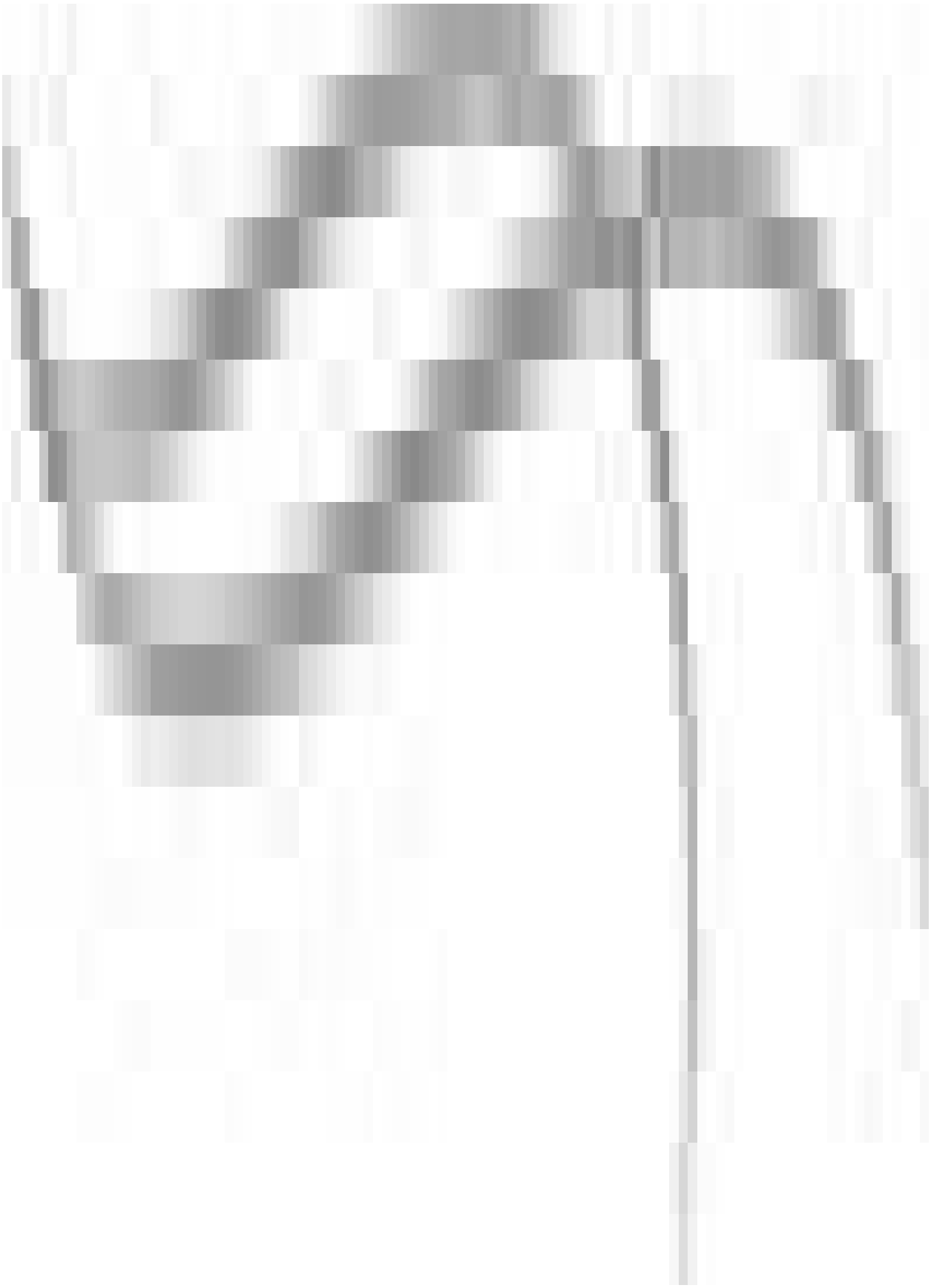
1879-1979

Em 1979, por um escrito, tentamos fazer lembrado o centenário do estabelecimento da Missão Batista no Brasil, pela Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, a Junta de Richmond. Todavia, tendo falhado o meio de divulgarão do evento, tentamos outro caminho. Este foi através da 62ª Convenção Batista Brasileira, reunida em Goiânia, Goiás, de 22 a 27 de janeiro de 1980.

Preparamos uma Proposição, que assinamos com mais 26 convencionais. Ela foi lida por nós dentro do Expediente da sexta sessão, realizada no Ginásio de Esportes Rio Vermelho, às 19h30 do dia 23.01.1980, estando na presidência o Pr. Dr. Nilson do Amaral Fanini. A Proposição foi encaminhada, por votação do plenário, à Comissão de Assuntos Eventuais.

No final da 13ª sessão, a penúltima, realizada no mesmo lugar acima mencionado, foi lido o Parecer dessa Comissão, que tomou o nº 2, e foi aprovado.

Entretanto, o ponto principal, que era o do registro do Centenário do Estabelecimento da Missão Batista no Brasil, não foi mencionado no Parecer e na letra b) passou o equivoco quanto ao ano da organização da Primeira Igreja Batista do Brasil, em Santa Bárbara, que foi 1871, e não como mencionado no Parecer. Entretanto, a Proposição como feita, foi registrada. na ata daquela sexta sessão e no topo do Parecer do Assunto nº 2, pela Comissão de Assuntos Eventuais. Desse modo, o evento ficou registrado, ou seja, a passagem do referido centenário, em 1979. (Ver Anais da Convenção Batista Brasileira, 62ª Assembléia — 1980 — Goiânia — GO, p. 300, 309 e 336.)



Cópia da Proposição:

“Assunto: voto de gratidão e reconhecimento, dos batistas brasileiros, aos irmãos norte-americanos, pelo estabelecimento definitivo do trabalho missionário, no Brasil, há cem anos passados — 1879.

Proposta: — que se envie uma carta especial à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, agradecendo aos irmãos batistas norte-americanos, a instalação definitiva de sua Missão, no Brasil, iniciada, em Santa Bárbara (hoje Santa Bárbara d’Oeste), Estado de S. Paulo, em 1879 (ainda que a Junta de Missões Estrangeiras daquela Convenção tivesse enviado o missionário Thomas Jefferson Bowen e esposa, em 1860);

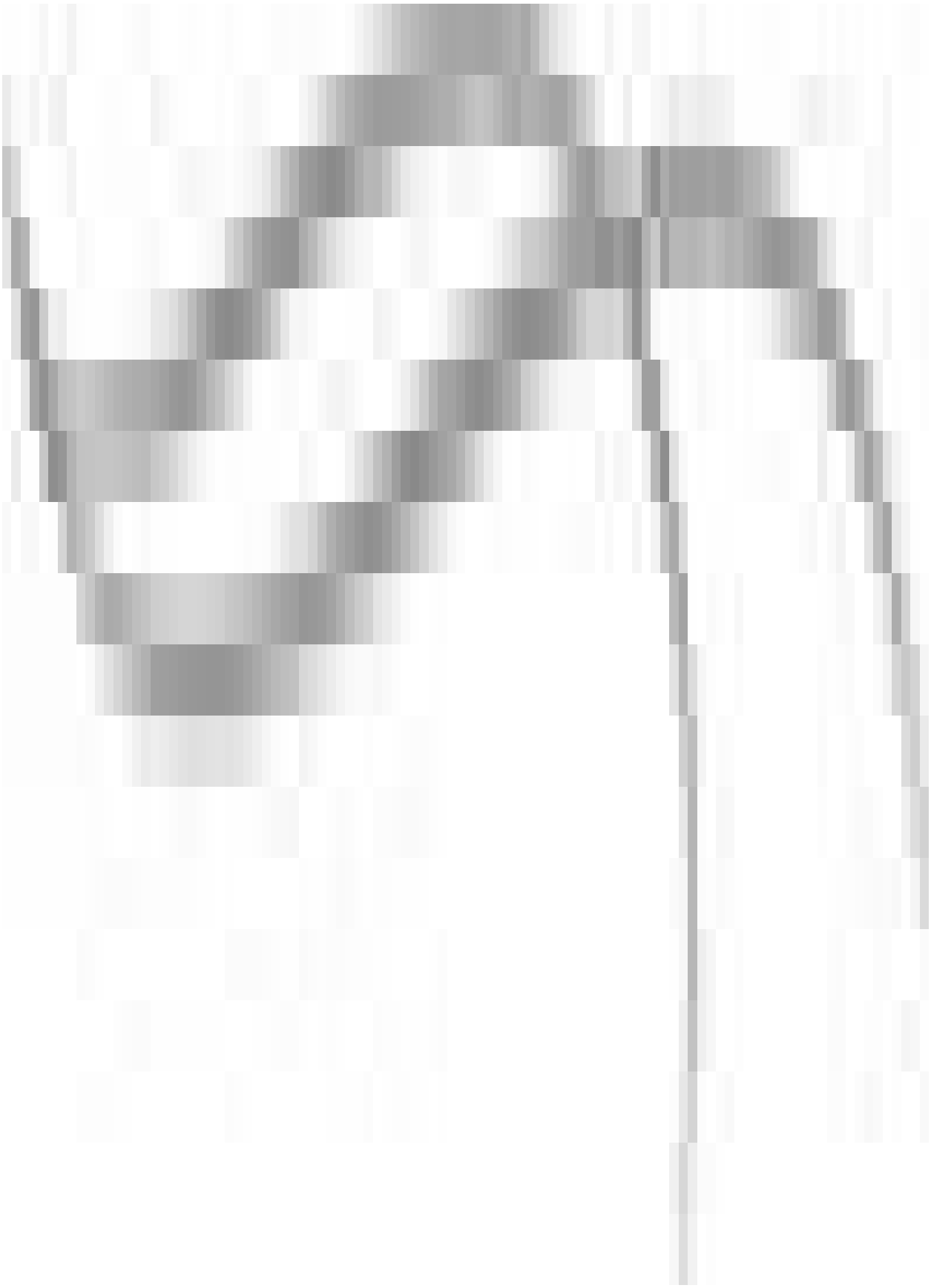
— que se inclua, nessa carta especial, o nosso profundo reconhecimento pela operosidade da Junta de Missões Estrangeiras — a Junta de Richmond, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, em cem anos, no Brasil.

Para melhor entendimento do espírito desta proposta, tomamos e liberdade de transcrever alguns trechos, em anexo: dos relatórios, pareceres e atas da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, dos anos de 1879, 1880, 1881 e 1885, p. 30, 31, 52 e 54; 24, 25, 51, 52, 53, 54; 21, 40 e 49, respectivamente;

— da ata da Junta de Richmond, de 19 de novembro de 1880, p. 419;

— de recortes do jornal dessa Junta, de 1879, 1880 e 1881.

Sala das Sessões da 62ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira, em Goiânia, Goiás, 22 de janeiro de 1980.”



Aqui transcrevemos a parte já traduzida do original, em inglês:

Dos Anais daquela Convenção, de maio de 1879 —

p. 30 — Relatório da Comissão sobre Novos Campos. “... A Primeira Igreja Batista no Brasil, perto de Santa Bárbara, Província de S. Paulo, já é uma organização de sustento próprio, sob o pastorado do Rev. E. H. Quillin, e tem expressado o desejo ardente de ser reconhecida por nossa Junta, com o propósito de levar avante o trabalho missionário, nas redondezas, tanto entre os imigrantes dos Estados Unidos como dos brasileiros nativos. (...) Confiamos, portanto, que a Junta sentir-se-á autorizada a entrar naquele campo, tão cedo quanto os seus meios possam isso justificar. (...)

p. 31 — Membros da Comissão: S. Henderson, B. R. Womack, L. C. Kellis, H. J. Vallandingham, J. M. King. (...)

p. 52 — Trigésimo-quinto Relatório Anual da Junta de Missões Estrangeiras. (...)

p. 54 — Mais acentuados têm sido os repetidos pedidos da Primeira Igreja Batista do Brasil, perto de Santa Bárbara, Província de S. Paulo, que deseja ser recebida, pela Junta, (...) Sob essas condições, a Junta está disposta a bem considerar a solicitação; e caso a Convenção não tenha instruções definidas a dar, eles, (a Junta) decidirão da matéria, com todas as implicações, e de acordo com o seu melhor julgamento.”

Dos Anais daquela Convenção, de maio de 1880 — p. 24 — “60. A. T. Hawthorn, do Texas, lê o relatório da comissão sobre Missões na América do Sul. (...)

p. 25 — Vossa comissão, portanto, crendo que tudo é propício, e que o momento pleno tem chegado, quando os batistas do Sul devem fazer algo naquela direção [missões na América do Sul] que seja digno de força numérica e financeira,

recomenda a adoção da seguinte proposta, a saber: que a Junta de Missões Estrangeiras seja autorizada, se achar isto conveniente, a nomear outros missionários, para a obra no Brasil. (...)

p. 51 — Missões na América do Sul. No ano passado, [1879] a Convenção autorizou a Junta a entrar no Brasil. Dois centros, [ou núcleos] missionários têm sido abertos, naquele país — um em Santa Bárbara, conhecido como a Primeira Igreja Batista do Brasil; e outro, num lugar chamado Estação. Ambos estão na Província de S. Paulo. O trabalho está sob o cuidado do Rev. E. H. Quillin. (...)

p. 52 — O Rev. E. H. Quillin, nosso missionário no Brasil, escreve à Convenção que a posição de sua missão (...)

p. 53 — A Comissão de Missões para a América do Sul aproveita esta ocasião para dizer, em referência à nossa Missão, em Santa Bárbara (...)

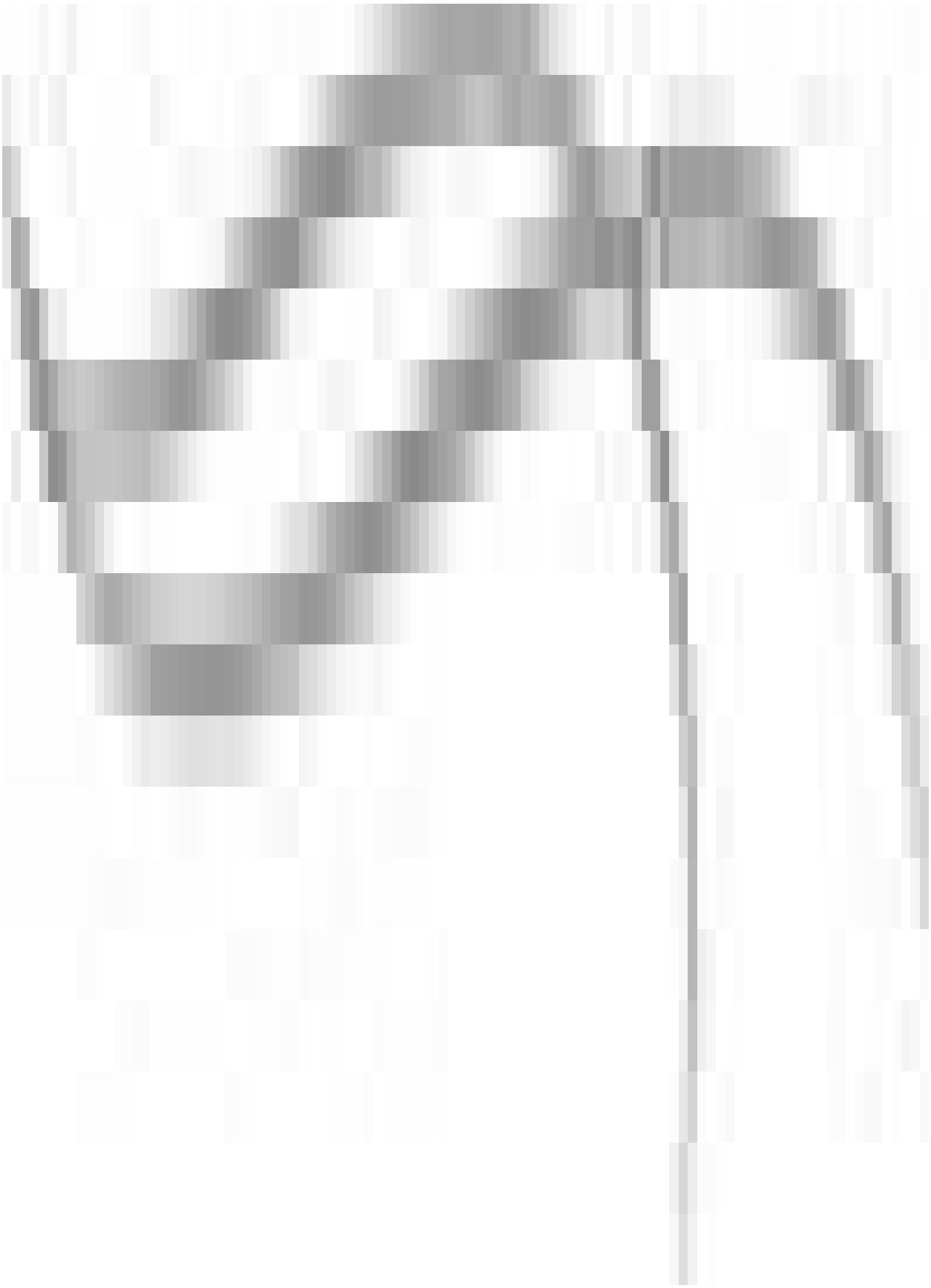
p. 54 — o outro documento, da pena de nosso missionário Quillin, está cheio de informações de valor, sobre o Brasil."

Dos Anais da mesma Convenção, de maio de 1881 —

p. 21 — "... Ainda, os batistas americanos têm somente duas igrejas, com um total de apenas 44 membros e três missionários, nomeados pela Junta, desta Convenção. Dois desses, Sr. e Sra. Bagby, recentemente viajaram de navio, para aquele país, e, neste momento, estão começando o seu trabalho. (...)

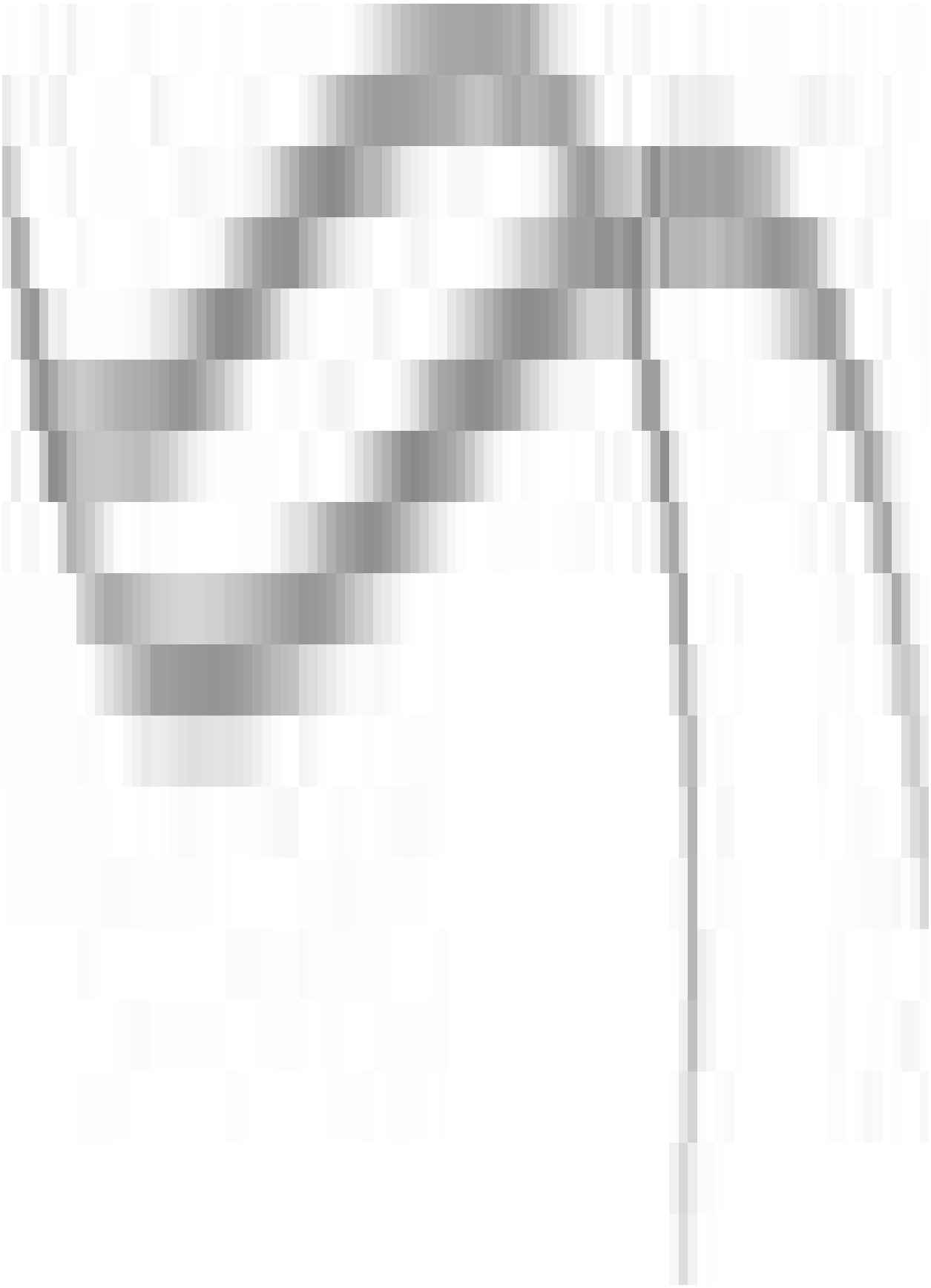
p. 40 — Missão Brasileira. Missionários e seus campos [ou núcleos] Rev. E. H. Quillin e Rev. e Sra. W. B. Bagby. Igreja de Santa Bárbara, 32 membros; Igreja da Estação, 12 membros. Total, 44. (...)

p. 49 — Missão Brasileira (...) A correspondência continuou, com intervalos, até 1878. Em 1879, a Convenção recomendou que fosse estabelecida uma missão em Santa Bárbara, e o Rev. E. H. Quillin, então pastor da igreja americana, foi nomeado nosso missionário."

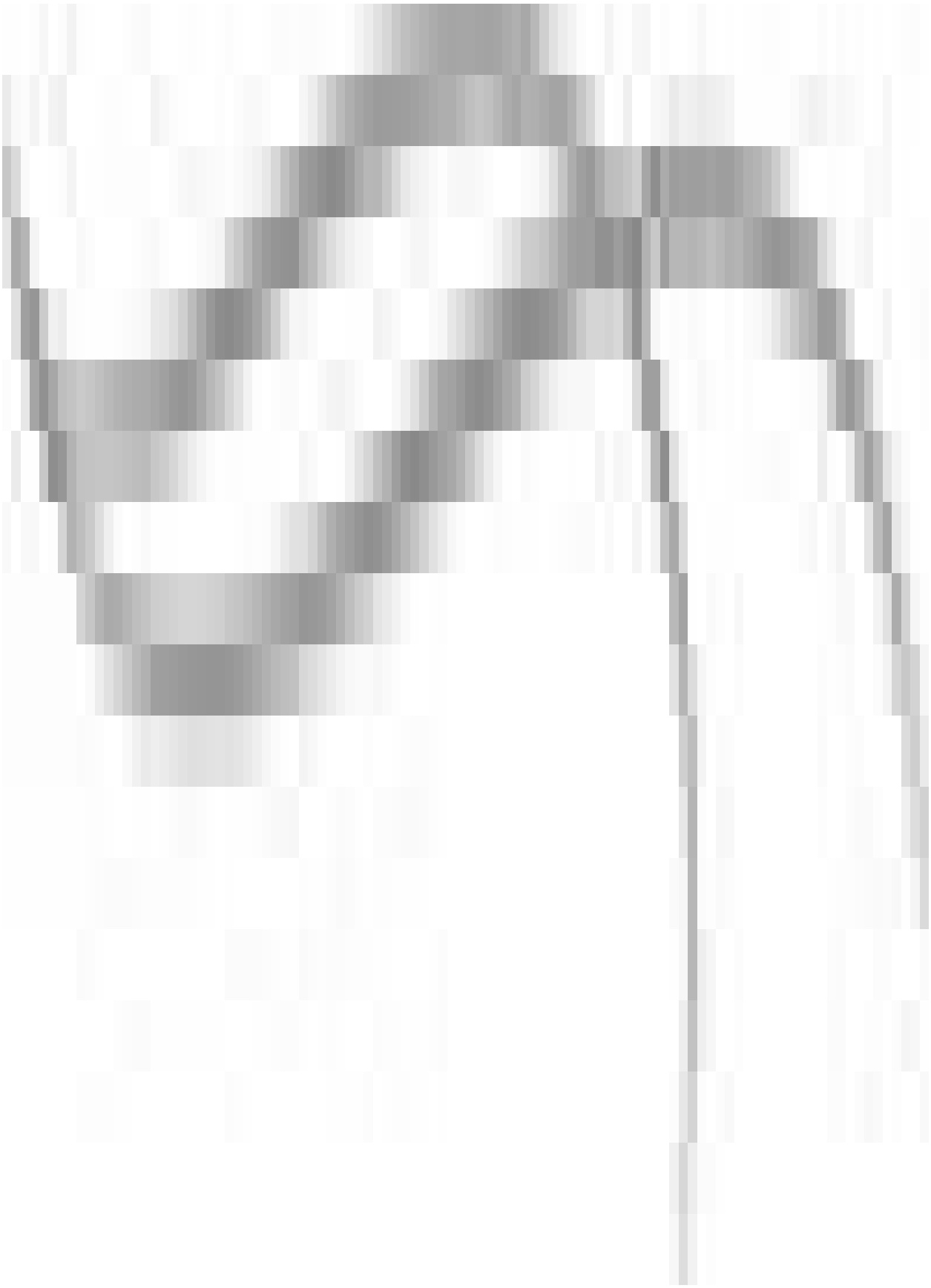


Das Atas da Junta de Missões Estrangeiras, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos: Ata de lº de novembro de 1880, p. 419:

"...Considerando que as igrejas de nossa Missão em Santa Bárbara."



A referida Proposição foi acompanhada, no seu final, de cópia de quatro recortes do jornal da Junta, “Foreign Mission Journal”, sob o título “Our missionaries”, de novembro de 1879, p. 3, c. 1; janeiro de 1880, p. 2, c. 1; julho de 1881, p. 3, c. 1 e maio de 1881, Suplemento p. 3, c. 1 sob “Brazilian Mission”. Tais recortes mostram a inclusão do Brasil, junto com África, China e Itália, como seus campos de missões. (Ver pág. 705)



Cópia da p. 336, dos Anais da Convenção Batista Brasileira — 1980 — sobre o Assunto nº 2 da Comissão de Assuntos Eventuais:

“Assunto nº 2 — Propõem que seja enviada uma carta à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos agradecendo a instalação de sua Missão no Brasil, em Santa Bárbara d’Oeste, em 1879 e o nosso profundo reconhecimento pela operosidade da Junta de Missões Estrangeiras (Junta de Richmond) em cem anos no Brasil. (Assinam: Ir. Betty Antunes de Oliveira e mais 26 mensageiros.)

Parecer: “1. Considerando que a gratidão é bíblica e observada expressivamente pelos batistas; 2. Considerando que diante da evidência de fatos históricos não se pode apresentar contestação, a não ser nos termos em que esses fatos são apontados; 3. Considerando que a Convenção Batista Brasileira já deliberou, oportunamente, a respeito do marco inicial do trabalho batista brasileiro; SOMOS DE PARECER: que a Convenção Batista Brasileira manifeste à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, através de uma carta a ser elaborada pela Junta Executiva da CBB, a expressiva gratidão dos batistas brasileiros; a) pelo envio ao Brasil, em 1860, do missionário Thomas Jefferson Bowen; b) pelo apoio dado à Igreja Batista de língua inglesa, organizada por imigrantes em Santa Bárbara, hoje Santa Bárbara d’Oeste, Estado de São Paulo, em 1879, [sic] credenciando o Rev. E. H. Quillin como missionário; c) pelo envio dos seus missionários William Buck Bagby e esposa em 1881 ao Brasil, os quais, em 15 de outubro de 1882, organizaram a Primeira Igreja Batista, em Salvador, BA, em idioma português, igreja essa, por conseguinte, tida como marco inicial da organização do trabalho batista no Brasil; d) pelo apoio ininterrupto, crescente e expressivo que até a presente data a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América vem dando ao desenvolvimento do trabalho batista no Brasil.’

Aprovação: o plenário aprova o parecer.”

A Comissão de Assuntos Eventuais foi constituída dos irmãos: Samuel Cardoso Machado, Pérsio Rangel de Almeida, Ebenézer Soares Ferreira. (Anais da CBB, 1980, p. 314/315).

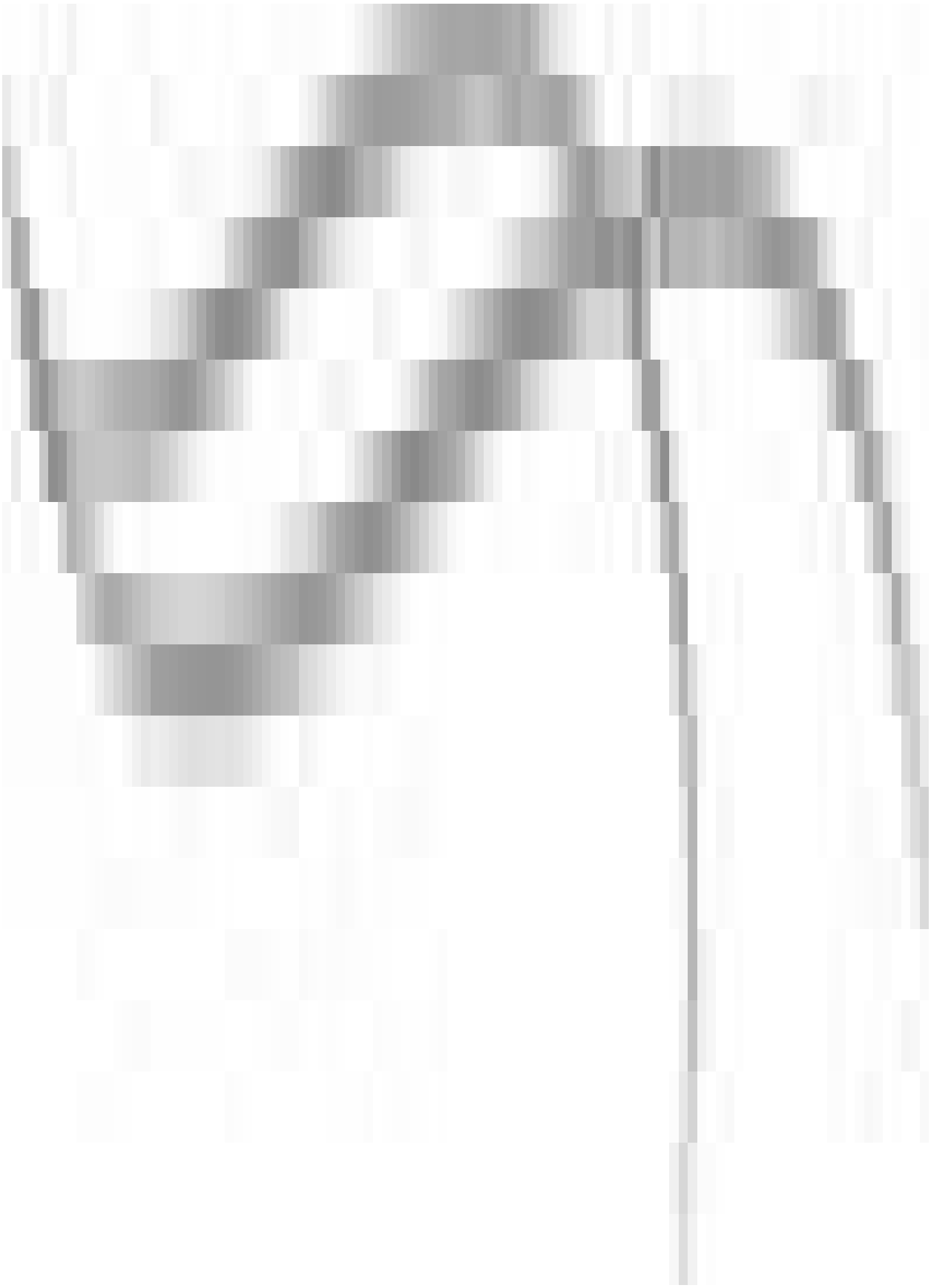
Uma referência à autora

“Em minoria — Pelo menos um, entre os batistas brasileiros, mantém a convicção de que o centenário do trabalho já se passou. A Convenção [C.B.B.] acordou que a igreja da qual o trabalho se originou é a de Salvador, onde os primeiros brasileiros tornaram-se batistas. A Convenção reunir-se-á ali em outubro.

Porém, a Sra. Betty Antunes de Oliveira vê o fato de maneira diferente. Muitas pessoas dos Estados Unidos da América estabeleceram-se no Brasil, depois da Guerra de Secessão. Alguns eram Batistas e organizaram igrejas. A Sra. Oliveira insiste que, desde que alguns brasileiros foram envolvidos naquelas igrejas, o trabalho batista, de fato, começou mais cedo. A Sra. Oliveira, uma descendente de alguns daqueles emigrados, tem pesquisado o assunto onde lhe tem sido possível.

A Convenção, porém, celebrará o seu 100º aniversário em 1982.”

A informação acima, agora traduzida, foi publicada no número especial dedicado ao Brasil, da revista da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, em língua inglesa. In “The Commission”, Richmond, Virginia, fev./março/1982, v. 45, nº 2, p. 5, sob o título “Global Glimpses”.



A palavra da autora a propósito da referência acima

Do que temos lido e examinado sobre os primórdios do trabalho batista no Brasil, apresentamos o que segue:

Uma igreja evangélica, batista, de acordo com os ensinos neo-testamentários, foi organizada a 10.09.1871, em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo.

Foi a primeira a ser organizada em solo brasileiro. O fato do seu envolvimento com os brasileiros e pessoas de outras nacionalidades foi uma conseqüência natural do seu espírito missionário.

Com ela, em meados de 1879, e a seu pedido, estabeleceu-se a Missão Batista no Brasil, pela votação da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, executada pela sua Junta de Missões Estrangeiras, a Junta de Richmond.

A 02.11.1879, na Estação de Santa Bárbara, S. Paulo, organizou-se a segunda igreja batista, com membros portadores de cartas demissórias da primeira igreja.

A 15.10.1882, na Bahia, organizou-se a terceira igreja batista, com membros portadores de cartas demissórias da primeira e da segunda igrejas. Destes, um era o primeiro pastor batista brasileiro, Antonio Teixeira de Albuquerque.

A primeira igreja foi, pois, a gênese das duas seguintes. Daí em diante, multiplicaram-se as igrejas; e estão espalhadas por todo o território nacional, já então com reflexos em outros países.

A PRIMEIRA IGREJA BATISTA, no Brasil, em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo, teve, entre os seus pastores, quatro missionários nomeados pela Junta de Missões Estrangeiras, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, a Junta de Richmond: um de sustento próprio; e três com sustento

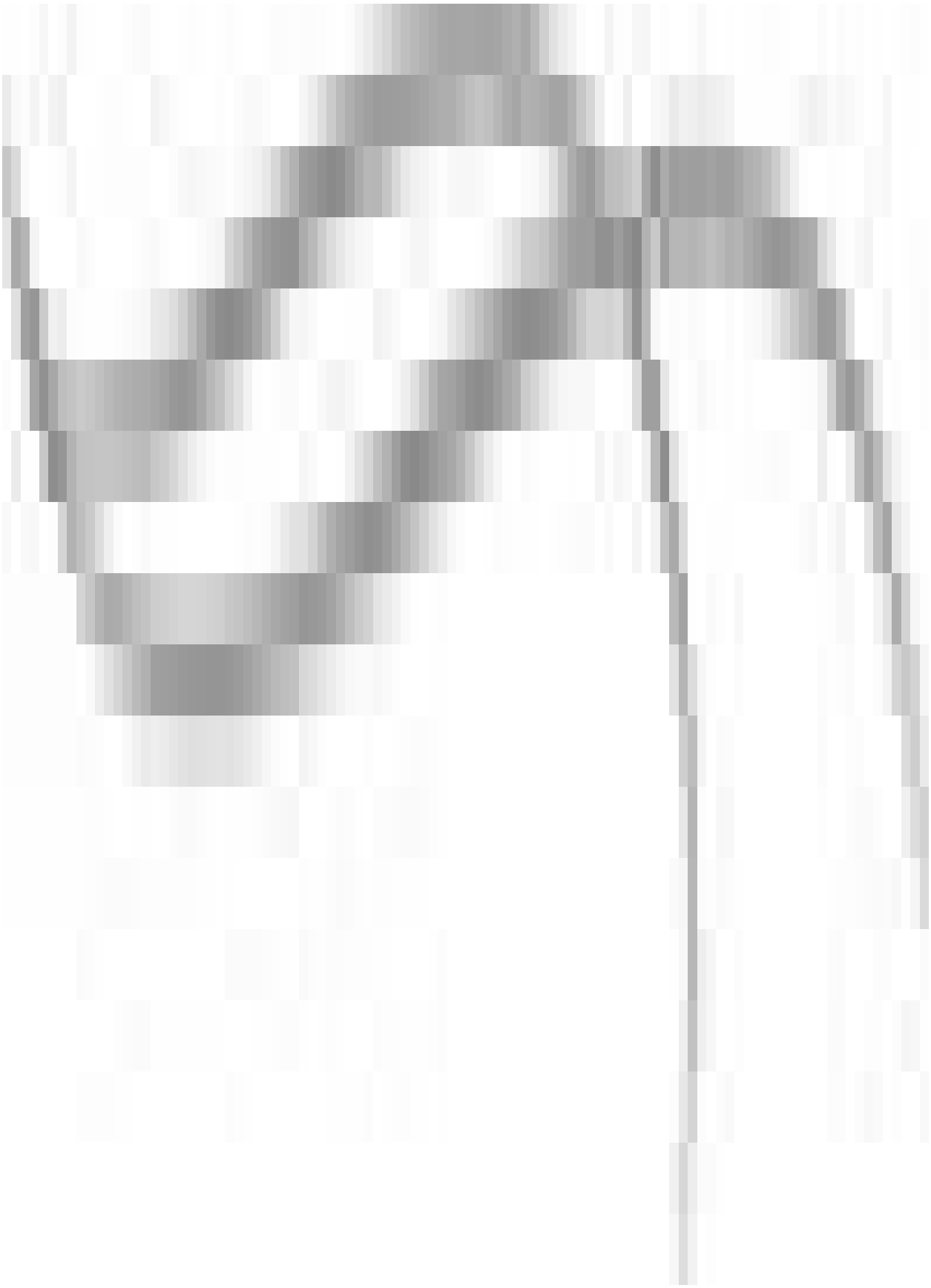
integral da dita Junta.

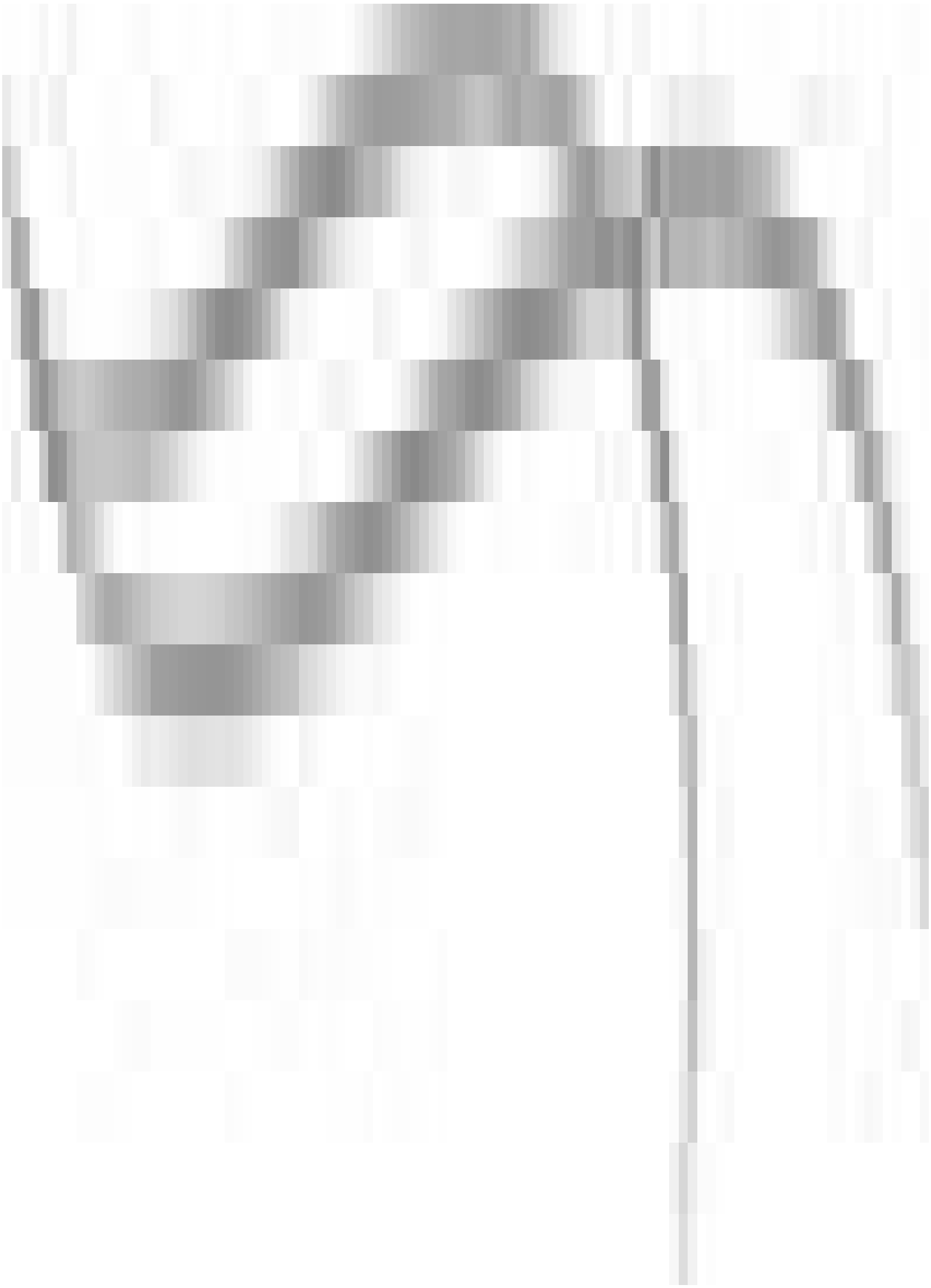
À luz dos ensinos neotestamentários entendemos que uma igreja evangélica é formada sob a égide do Espírito Santo; é uma congregação de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas, pela profissão de fé, de sua salvação, mediante Jesus Cristo.[11]

A nacionalidade, raça ou cor dessas pessoas é uma circunstância acidental, que não participa dos requisitos para a sua salvação nem para a formação de uma igreja evangélica. O uso do termo indicando a possível nacionalidade de uma igreja ou indicando a de seus membros, pode levar, sutilmente, a um sentido discriminatório, contrário, portanto, ao espírito dos Evangelhos.

O escritor de Apocalipse 1:4, nos dá o caminho, quando diz: “João, as sete igrejas que estão na Ásia: ....” Assim, também, Paulo o faz, através de 1Coríntios 12.13 e Gálatas 3.26, 27 e 28: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.” — “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” Paulo é claro sobre a constituição de um corpo em Cristo.

Nesta convicção e confiando no caráter e na autenticidade dos documentos que geraram os sete enunciados acima, entendemos que aquela igreja pioneira, em Santa Bárbara, S. Paulo, é a que marca o início do trabalho batista, no Brasil.





Apêndices

História dos Batistas — Início — Brasil

Roteiro Cronológico

Introdução

Objetivando facilitar o trabalho de pesquisa sobre os fatos históricos relevantes dos primórdios do trabalho batista no Brasil, elaboramos o presente roteiro, tomando como base as informações deste próprio livro (ver páginas 375, 376, 414 a 420 e 614 e 615), e acrescentando dados obtidos nos últimos 18 anos

Uma igreja evangélica, batista, de acordo com os ensinos neo-testamentários, foi organizada a 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara, Estado de S. Paulo.

Foi a primeira a ser organizada em solo brasileiro. O fato do seu envolvimento com os brasileiros e pessoas de outras nacionalidades foi uma conseqüência natural do seu espírito missionário.

Com ela, em meado de 1879, e a seu pedido, estabeleceu-se a missão batista no Brasil,pela votação da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, executada pela sua Junta de Missões Estrangeiras, a Junta de Richmond.

A 02 de novembro de 1879, na Estação de Santa Bárbara, S. Paulo, organizou-se a segunda igreja batista, com membros portadores de cartas de transferência da

primeira igreja.

A 15 de outubro de 1882, na Bahia, organizou-se a terceira igreja batista, com membros portadores de cartas de transferência da primeira e da segunda igrejas. Destes, um era o primeiro pastor batista brasileiro — Antonio Teixeira de Albuquerque.

A primeira igreja foi, pois, a gênese das duas seguintes. Daí em diante, multiplicaram-se as igrejas; e estão espalhadas por todo o território nacional, já então com reflexos em outros países.

A PRIMEIRA IGREJA BATISTA, no Brasil, em Sta Bárbara, Estado de S. Paulo, teve, entre os seus pastores, quatro missionários nomeados pela Junta de Missões Estrangeiras, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América, a Junta de Richmond, um de sustento próprio; e três com sustento integral da dita Junta.

À luz dos ensinos neo-testamentários, entendemos que uma igreja evangélica é formada sob a égide do Espírito Santo; é uma congregação de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas, pela profissão de fé, de sua salvação, mediante Jesus Cristo. [O.C.S. Wallace, em O que crêem os Batistas, p. 105-121.]

A nacionalidade, raça ou cor dessas pessoas é uma circunstância acidental, que não participa dos requisitos para a sua salvação nem para a formação de uma igreja evangélica. O uso do termo indicando a possível nacionalidade de uma igreja ou indicando a de seus membros, pode levar sutilmente, a um sentido discriminatório, contrário, portanto, ao espírito dos Evangelhos.

O escritor de Apocalipse 1.4, nos dá o caminho, quando diz: “João, às sete igrejas que estão na Ásia: ....`Assim, também, Paulo o faz, através de 1Coríntios 12.13: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito” — Gálatas 3.26, 27 e 28: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Paulo é claro sobre a

constituição de um corpo em Cristo, ou seja, sem distinções.

Nesta convicção e confiando no caráter e na autenticidade dos documentos que geraram os sete enunciados acima, entendemos que aquela igreja pioneira, em Santa Bárbara, S. Paulo, é a que marca o início do trabalho Batista, no Brasil.

Bibliografia

ANNALS. Southern Baptist Convention, EUA.

ATAS, cartas, jornal da Junta e outros. Richmond, VA, EUA: Foreign Mission Board. (hoje International Mission Board).

DIÁRIO OFICIAL DO IMPÉRIO. Leis, decretos e outros.

ESTEP, William R. — ed. The Lord´s free people in a free land. Essays in Baptist History in honor of Robert A. Baker. Fort Worth, Texas: Faculty of the Southwestern Theological Seminary, 1976.

GRIGGS, William Clark — The Elusive Eden. Frank McMullan´s Confederate Colony in Brazil. University of Texas Press Austin. First edition, 1987.

OLIVEIRA, Betty Antunes de — Movimento de Passageiros Norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890. Rio de Janeiro: edição da autora, 1981. 486 p.

___. North American Immigration to Brazil. Tombstone Records of the Campo Cemetery, Sta. Bárbara, SP., Brasília, D. F. Gráfica do Senado Federal. Edição da autora. 1978. 68 p. il

Abreviaturas

ATA = Antonio Teixeira de Albuquerque

CRS = Centelha em Restolho Seco

DOI = Diário Oficial do Império

EE = Elusive Eden

EUA = Estados Unidos da América

FMB = Foreign Mission Board

LFP = The Lord´s Free People in a free land

MPNA = Movimento de Passageiros Norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro — 1865-1890

PIB = primeira igreja batista

SBC = Southern Baptist Convention

Roteiro Cronológico

1813-mai-04	Rice, Luther retornando da Índia para os EUA, dese
1840-abr-15	Albuquerque, Antonio Teixeira de — nascido em M
1850-meado	Theophilus ou T. esteve no Rio de Janeiro sondando
1857-maio	SBC — A Comissão de Novos Campos apresentou
1859-nov-09	Bowen, Thomas Jefferson, pastor, e sua esposa, Lur
1860-mai-21	Bowen, T.J., esposa, Lurenna, e filhinha, Lula, cheg
1861-fev-09	Bowen, T.J., esposa e filhinha retornaram aos EUA,
1861-abr-01	Na chegada da família Bowen em Baltimore, o port
1861-abr-12	Guerra Civil, nos EUA — Declaração do início da g
1863-abr-17	Decreto Imperial n. 3.069, Brasil, regula “o registro
1865-abr-09	Guerra Civil, nos EUA — Declaração do fim da gue
1865-jun	Agentes de Imigração, nos EUA, iniciaram a tarefa
1866-jul-31	Daniel, James, esposa, filho, cunhado e duas irmãs,
1866-nov-07	Daniel, James e família viajaram do Rio para Santos
1867-mai	Quillin, John, Juiz, veio como missionário independ
1867-mai-20	Duzentos e setenta e sete (277) imigrantes, chegaram
1867-mai-24	Parte do grupo viajou, pelo “Marmion”, do Rio de J
1867-jun-01?	O grupo, dividido em canoas, viajou subindo o Rio
1867-set-29 †	McMullan, Frank — faleceu em Iguape o líder e ag
1867-ago-31	Hawthorne, Alexander Travis — Agente de Imigraç
1868-ago-16	Hawthorne, Alexander Travis retornou aos EUA, pe
1870-jun-17	Sentindo a responsabilidade da evangelização, os di
1870-junho	Presbiterianos — fundaram sua igreja em Sta Bárba
1870-dez-14	Freligh, J. H. enviou carta para a Junta dando boas n
1871-ago-20	Metodistas — fundaram sua igreja em Santa Bárbar

1871-? - ? †	Dyer, James Harrison, Juiz, e familia, batistas do Te
1871-fev-21	Thomas, Robert Porter — foi consagrado ao Minist
1871-mai-04	Thomas, Robert Porter — Diversas pessoas recome
1871-jul-22	Thomas, Robert Porter, esposa e cinco filhos, proce
1871-set-10	Primeira igreja batista organizada em Sta.Bárbara/S
1872-out-12	PIB/SB enviou um pedido à Junta para que fosse es
1873-mar-04	Casamento de norte-americanos, o primeiro a realiz
1875-nov-24 †	Bowen, Thomas Jefferson faleceu em Milledgeville
1876-dez-07 †	Ratcliff, Eunice P. Heatherwick , esposa de Richard
1878-abr-??	Ratcliff deixou o pastorado da primeira igreja em St
1878-abr-??	Quillin, Elias Hoton assumiu o pastorado da prim. i
1878-mai-12	Ratcliff, Richard retornou aos EUA, pelo “Surprise’
1878-jun	PIB/SB enviou para a Junta de Richmond — “21 Re
1878-set-07	Albuquerque, Antonio Teixeira de, casou-se no Rec
1878-out-01	Ratcliff enviou de Minden, LA, uma carta para a Ju
1879-início	Quillin, Elias Hoton foi nomeado missionário da Ju
1879-mar-??	Albuquerque, A. T. e família chegaram ao Rio de Ja
1879-mai-12	Relatório e Parecer da Junta para a Southern Baptist
1879-jun	A Missão foi estabelecida em Sta. Bárbara tendo Eli
1879-jun-12	Taylor, Zachary Clay foi consagrado ao ministério,
1879-set-06	Oito Resoluções da PIB/SB. — “.....comunicando
1879-out-18	Instalação da Missão no Brasil, confirmada. — FM.
1879-nov-02]	Segunda igreja batista foi organizada em Sta. Bárba
1880-jan-05	FMB e SBC — posição em relação ao trabalho em S
1880-?? -??	Albuquerque, A. T.de e família chegaram em Piraci
1880-jun-20	Albuquerque, Antonio Teixeira de, fez sua profissão
1880-3/5	Notícias e Convenção — “Ano passado a Convençã
1880-out.	“Brazil — Sta Barbara — São Paulo — E.H.Quillin
1880-nov-01 e 1880-dez-12	Bagby, William Buck e esposa, Ana Luther, foram r
1881-jan-13	Bagby e esposa preparam-se para o próximo embarc

1881-mar-02	Bagby, William Buck e esposa chegaram ao Rio de
1881-mar-07, 12	Bagby e esposa chegaram em Sta. Bárbara/SP, indo
1881 - ? - ?	Quillin, E. H. — pediu sua exoneração do pastorad
1881-mai-28	Bagby, W.B. assumiu o pastorado da primeira igreja
1881-mai-31	Bagby, W.B. escreveu para a J. de Richmond — Ba
1881-may-31	“Foreign Mission Journal” — vol. 13, no. 2/134 —
1881-jul	“Foreign Mission Journal” — vol. 13, no. 4/136, p.
1881-ago	“Esta Missão, na Província de SP, admitida em 187
1881-nov-05	Quillin, E. H. apresentou o seu pedido de exoneraçã
1881-nov-13	Thomas, William Francis foi consagrado diácono da
1882-fev-23	Taylor, Zachary Clay e esposa Kate procedentes de
1882-mai/jun	“Aceitei o pastorado da igreja em Sta Bárbara em m
1882-mai-16	“Igreja foi graciosamente reavivada e fortalecida, A
1882-ago-05	Bagby: “Preguei ultimamente em vários lugares ao
1882-ago	Obs. — Bagby deve ter renunciado o pastorado da i
1882-ago-21	Bagby, Taylor e Teixeira com suas famílias deixam
1882-ago-26	Bagby [a bordo, no porto do Rio de Janeiro] escreve
1882-ago-31	Bagby, Taylor e Teixeira c/ s/ famílias chegam em S
1882-out-15	Primeira Igreja Batista na Bahia, da Ata de organiza
1883-mai-10	Emenda na “Ata da Terceira Sessão da PIB da Bahi
1884-jun-11	Bagby e família viajam da Bahia para Santos, pelo ‘
1884-jul-11	Bagby envia carta para a Junta, estando ele, de visit
1884-ago-24	Bagby torna-se o pastor fundador da Primeira Igreja
1884-out-03	Bagby, W.B. é registrado na Segunda Diretoria da S
1885-abr-06	Bagby envia carta para a Junta, estando ele em Sta.
1885-mai-14	Daniel, Charles Davis e esposa, Lena Kirk, foram n
1885-mai-17	Primeira Igreja Batista em Maceió foi organizada. P
1885-ago-15,16	Edwin Herbert Soper, então membro da PIB-Rio de
1885-dez-31	Daniel, Charles Davis e esposa, Lena Kirk, Edward
1886-jan-06	Daniel, C. D. e esposa viajaram para a Bahia (fugin

1886-jan-16	Puthuff, E. A. e esposa viajam do Rio p/ S. Paulo fu
1886-fev-17	Bagby e família viajam para os EUA, pelo “Advanc
1886-mar-21†	Quillin, Elias Hoton falece. Sepultado no Cemitério
1886-nov-15	Ellis, Mary Matilda faleceu em Sta. Bárbara, SP. (p.
1886-set-23	Taylor, Z.C., em Salvador, escreveu notícia para a Ju
1886-dez-26	Puthuff, E.A. adquiriu um terreno de 7000m2 para a
1887-jan-02	Taylor, Z.C. (com beribéri) e Mina S. Everett viajara
1887-fev-12	Daniel, C. D. em Salvador, BA, escreve para a Junta
1887-abr-09 †	Albuquerque, A T faleceu em Rio Largo, Alagoas. (
1887-mai-??	Albuquerque — sua morte: foi publicado o seu necr
1887-mai-23	Bagby, em Richmond, VA, EUA, escreveu (em ingl
1887-jun-21	Bagby e família retornaram ao Rio de Janeiro, proce
1887-jul-18	Taylor, Z.C. ainda se encontrava em Port Springs, H
1887-ago-11	Daniel, C. D., com beribéri. (FMJ, out. 1887, p. 2)
1888-jan-31	Williams, Elizabeth — a PIB Rio de Janeiro conced
1888-mar-26	Puthuff, Edward Allen adquiriu um terreno de 7 mil
1888-jun	Puthuff, E. A. foi exonerado como missionário. (p. 5
1888-mar-29	Daniel, C. D., esposa e um filho desembarcaram no
1888-ago-21	Puthuff, Emma Fox, um filho e Gracie Gooda retorn
1888-dez-??	Taylor Z.C. já se encontrava em Salvador e faz uma
1889-mar-21 †	Williams, Elizabeth, faleceu aos 77 anos de idade, e
1889-abr-11	Puthuff, E. A. retornou para os EUA, Nova York, pe
1890-jan-22	Daniel, C. D. e família viajaram do Rio, retornando
1891-mai	Bagby pede por ajuda para o trabalho em Sta. Bárba
1891-jul-06	Soper, E.H. “Em Sta. Bárbara visitei e preguei entre
1892-mai	“... nossa primeira Missão no Brasil foi nesse Estad
1894-mai	“... A Missão tem sido incapaz de enviar quem quer
1896-mai.	A Igreja em Sta. Bárbara estava sem pastor, “porém
1897-mai-05 †	Thomas, Robert Porter faleceu, aos 72 anos de idad
1898-abr-09 †	Pyles, Samuel Milton — faleceu com 82 anos de ida

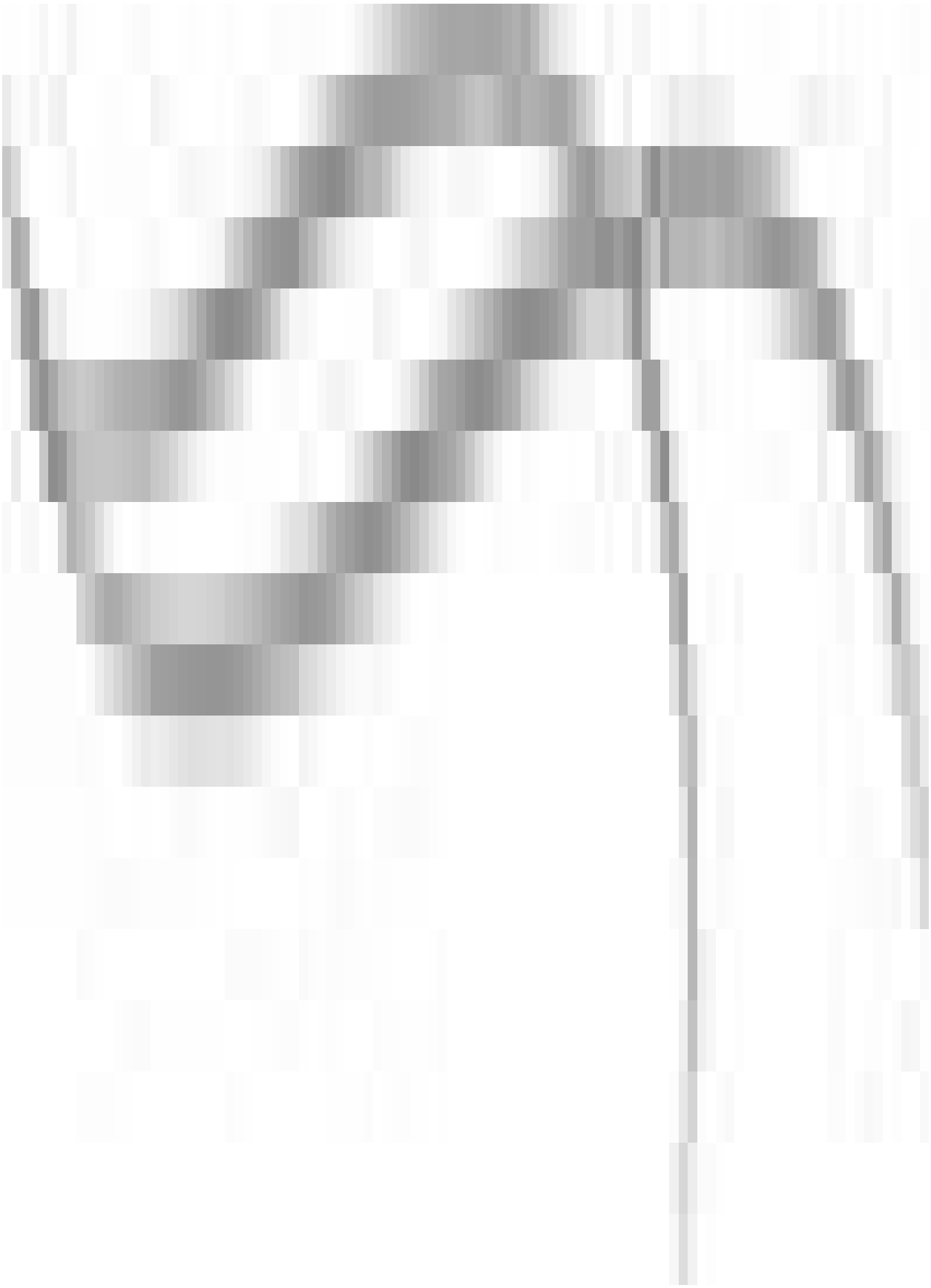
1899, mai	Bagby, W. B. — Do seu relatório para a Junta: “ ... S
1899, jul 06	Primeira Igreja Batista na cidade de São Paulo foi o
1899, nov	Entre os cinco candidatos para o batismo em Sta. Ba
1902-jan-01	Colégio Progresso iniciado por Mary Ellis McIntyre
1902-mar-13	Kate Thomas e J.J. Minchin, jovens do grupo são m
1902-set-26	Deter, A. B., missionário, dá notícia em “O Jornal B
1902-out-31	Notícia de Campinas, publicada em “O Jornal Batis
1902-nov.23	Igreja em Piracicaba foi fundada. Uma das fundado
1903-dez-30	Minchin, J.J. mandou notícia sobre estar na Univers
1904-fev-28	Thomas, Ane Hope e sua irmã, Kate Thomas, e mai
1904-abr-19 †	Thomas, Emily (Perkins) faleceu em Tatuí, SP. Ano
1904-mai-27	Bagby dá notícia sobre o trabalho. (O J.Batista, de 1
1904-jun	Smith, Lelícia escreve sobre a inauguração do novo
1904-set-30	Colônia americana de Sta Bárbara — retrato e notíc
1904-dez-16 a 18	Convenção da União Batista Paulistana: ocorreu pel
1905-jun	Relatório de Bagby e J. J. Taylor dá informações sol
1906-mai	Relatório da Missão em S.Paulo: “Aquela parte da r
1906-dez-01 a 03	Convenção da União Paulistana: ocorreu pela tercei
1907-out-10	Thomas, Ane Hope — nascida e criada em Sta. Bár
1907-nov-21	Mills, Bertha, nascida e criada em Sta. Bárbara, entã
1908-abr,19 †	Meriwether, Robert faleceu em Botucatu, SP, aos 93
1912-jul-23 †	Ratcliff, Richard faleceu em Rockport, Aransas Co.

Tais são os desígnios de Deus!

Obreiros: missionários e pastores em Sta Bárbara d´Oeste, SP

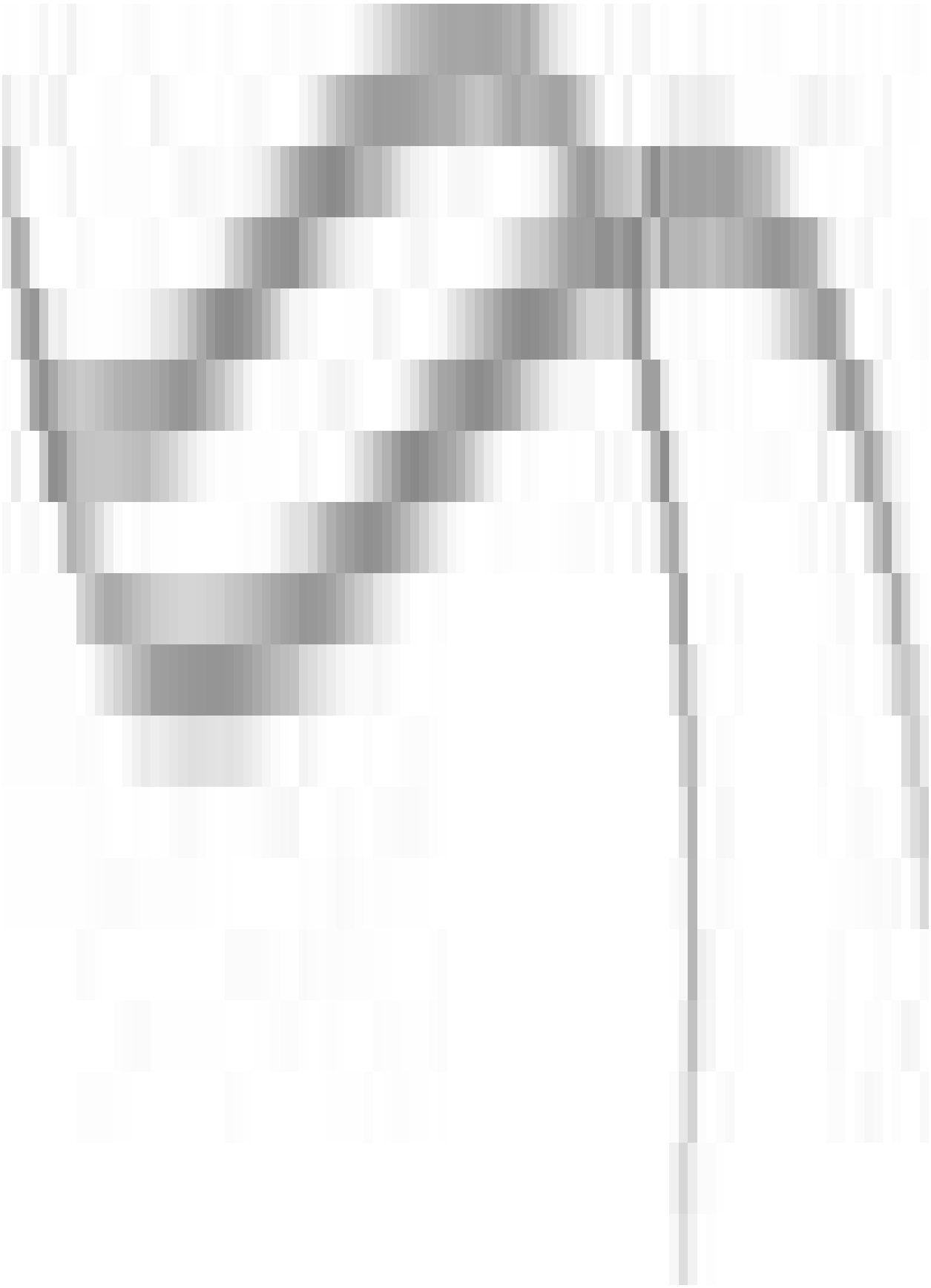
[Obs.: Os nomes próprios estão colocados na listagem, pelo sobrenome.]

Nome
Albuquerque, Antonio Teixeira de - pastor
Bagby, William Buck — missionário
Daniel, Charles Davis —missionário
Parker, Ane Hope Thomas (neta de R. P. Thomas) primeira jovem missionária nc
Pettigrew, Bertha Mills, segunda jovem missionária no Brasil (p. 340)
Puthuff, Edward Allen — missionário
Quillin, Elias Hoton — missionário
Ratcliff, Richard — pastor
Soper, Edwin Herbert — missionário
Taylor, Zachary Clay — missionário
Thomas, Robert Porter - pastor



As cartas do Pr. Richard Ratcliff, de Evergreen, La, 15.03.1861 (Ver pág. 144), e de Nova York, 21.04.1867 (Ver pág. 152), para o seu amigo e antigo professor, Dr. William Carey Crane, no Texas, foram traduzidas dos originais, em inglês, e neste livro incluídas com a permissão da Sra. Ellen K. Brown, da Texas Collection, Baylor University, Waco, Texas, onde estão os originais.

Sempre que houver palavras, datas ou outros informes entre dois colchetes — [ ] — tenha-se em mente que são inserções da autora do livro em texto alheio.



Cemitério Dos Protestantes São Paulo — SP

O Cemitério dos Protestantes, na capital São Paulo, SP, tem o seu portão de entrada para a rua Sergipe, 177. A sua área é pequena cercada por um muro de alvenaria e grades fortes e altas que a separam do Cemitério da Consolação, ao qual estaria anexo, no século passado, por força da ligação entre a Igreja Romana ao Estado, durante o Império.

O pequeno Cemitério dos Protestantes, que teve o seu início no ano de 1858, é mantido, muito bem zelado e cuidado por uma Sociedade. Alguns túmulos perpétuos perderam e outros perderão o direito de sua perpetuidade por descuido e ausência dos seus responsáveis diretos. Aos poucos, esta decisão vai-se tornando quase comum, para outros cemitérios. Há uma extrema necessidade de terreno para novos sepultamentos ou aproveitamento da terra para outros fins. Já observamos o resultado dessa medida, também, em Botucatu, SP, em Santa Maria da Vitória, no interior da BA, e o pequeno cemitério, em Rio Largo, Alagoas, onde o Pr. Antonio Teixeira de Albuquerque foi inumado, é hoje, uma praça pública.

A 14.03.1985, visitamos, outra vez, o Cemitério dos Protestantes. Ao pé de alguns túmulos agradecemos a Deus pelas vidas daqueles que aguardam o dia da ressurreição, conforme João 6.40 e 1Tessalonicenses 4.16. Entre estes estão os dos Reverendos Ashbel Green Simonton; Francis J. C. Schneider; ex-padre José Manoel da Conceição, James William Koger. Na Quadra “F” está um túmulo com a indicação de haver ali três pessoas sepultadas. Das placas de metal, fixadas na pedra tumular temos que:

Sarah Rebecca Ellis de Oliveira, nasceu a 22.10.1849 e faleceu a 02.06.1905; Antonio Theodoro de Oliveira Souza, nasceu a 09.11.1835 e faleceu a 10.11.1906; Ernesto Sidney Pyles, o “Dando”, nasceu a 18.01. 1886, e faleceu a 18.01.1983.

Sarah R. Ellis de Oliveira era casada, em segundas núpcias, com Antonio Theodoro de Oliveira Souza. Ernesto S. Pyles, neto do Pr. Samuel M. Pyles, era casado com Bessie Bankston Oliveira, filha do casal mencionado. Sarah R. d’Oliveìra, como registrado no livro de atas da Primeira Igreja Batista da cidade de São Paulo, foi uma de suas fundadoras, com carta demissória da Primeira

Igreja Batista organizada em Santa Bárbara, SP. Segue o extrato da Certidão de óbito de Sarah R. d'Oliveira, cujo registro encontra-se no Livro C-23, fls. 77, nº 325, do Cartório de Registro Civil — 74 Subdistrito — Consolação — Rua Maceió, 77, São Paulo, SP

Sarah de Oliveira faleceu de síncope cardíaca, aos 55 anos de idade, natural dos Estados Unidos da América, casada, em segundas núpcias com o tenente Antonio Theodoro de Oliveira e Souza. Faleceu a 02.06.1905, às 23h09, à rua Bento de Freitas, 68. Deixou os filhos: do primeiro matrimônio, Mallie Bankston, com 30 anos, solteira; Lucile Baird, com 28 anos, casada. Do segundo matrimônio, Bessie Oliveira e Souza, com 17 anos, solteira. Não deixou testamento. Sepultada no Cemitério dos Protestantes. Foi declarante: James Jackson Taylor.

Ao tempo, Dr. J. J. Taylor, missionário, era o pastor da PIB/SP.

No mesmo cemitério estão sepultados diversos que foram do grupo dos emigrados dos EUA, estabelecidos em SBSP. Assim, também, estão vários de seus descendentes.

Colégio Progresso Brasileiro São Paulo — SP

Na visita que fizemos, em março de 1985, ao Colégio Batista, em Perdizes, São Paulo, alegramo-nos com o esforço feito pelo Dr. Aluízio Furtado, com o apoio da direção do Colégio, para reconstituir o arquivo do mesmo. Como um dos resultados desse trabalho foi-nos possível consultar o primeiro livro de chamada do Colégio Progresso Brasileiro, nome que antecedeu, por vários anos, o do atual Colégio Batista Brasileiro. Esperamos que outros livros, como os de chamada, de 1904 a 1920, sejam ainda encontrados. O de 1921 revela que nesse ano o colégio ainda permanecia com o primeiro nome.

O primeiro livro de chamada começa a 20.01.1902, e termina em novembro do ano de 1904. Não há registro de chamadas do período de dezembro de 1903 a março de 1904. Relacionamos, adiante, os nomes que constam daquela primeira chamada e fizemos algumas anotações relacionadas com os emigrados de Santa Bárbara, SP.

Observamos que havia muita flutuação na estada desses alunos no colégio. Vinham e se iam dentro de pouco tempo.

No dia 22.01.1902, aparece um nome novo, o de Alyde Carmelo. Edith Sheldon aparece em junho e julho de 1903; em outubro do mesmo ano, o nome de Olavo Habbert Bagby. Josephina e Lula Weissinger aparecem de abril a novembro e julho a novembro de 1904, respectivamente. De junho de 1903 até novembro de 1904, estão os nomes de Catharina Thomas, que também aparece como Katie Thomaz e sua irmã Anna Thomaz, ambas filhas de William Francis Thomas.

Em abril, agosto e setembro de 1922, em outro livro, está o nome de Lucy Ellen Pyles, aluna do Jardim da Infância. De fevereiro de 1922, o de Irene U. Hall, aluna de Julieta Campos Vergal. Em março de 1923, está o nome de Leola Ferguson, aluna de Aurelia Norris. O sobrenome de Leola aparece também, como Furgeson e Furgueson. Em fevereiro de 1926, está Amy Pyles e, em abril desse mesmo ano, aparecem Lucy e Laura Ferguson, alunas de floricultura. Laura e Leola ainda vivem, em Campinas e Araçoiaba da Serra, SP, respectivamente.

A lista dos nomes registrado no primeiro dia de chamada são os seguintes:

01 — Domingos Grizolio

02 — Carlos Vidal

03 — Ambrozina Vidal

04 — Edith Lane

05 — Alice Annie Bagby

06 — Ernestina da Costa

07 — Elvira Bleyer

08 — Zelia Borges Sampaio

09 — Branca Meyer

10 — Bessie Oliveira

11 — Getulio Monteiro

12 — João Pereira

13 — Edmar Carmelo

14 — Nadege Bicudo

15 — George Davis

16 — Oliver Bagby

17 — Sergio C. Bastos

18 — Heitor B. Sampaio

19 — George Holland

20 — Frederic

21 — Regina

22 — Nina Entzminger

23 — Isabel Grizolio

24 — Maria Grizolio

25 — Carmita Vidal

26 — Isabel Barbosa

27 — Margaret Davis

28 — Alice Borges Sampaio

29 — George Dale

30 — Horacio Borges Salles

31 — Genario Lopes

32 — Isabel Meyer

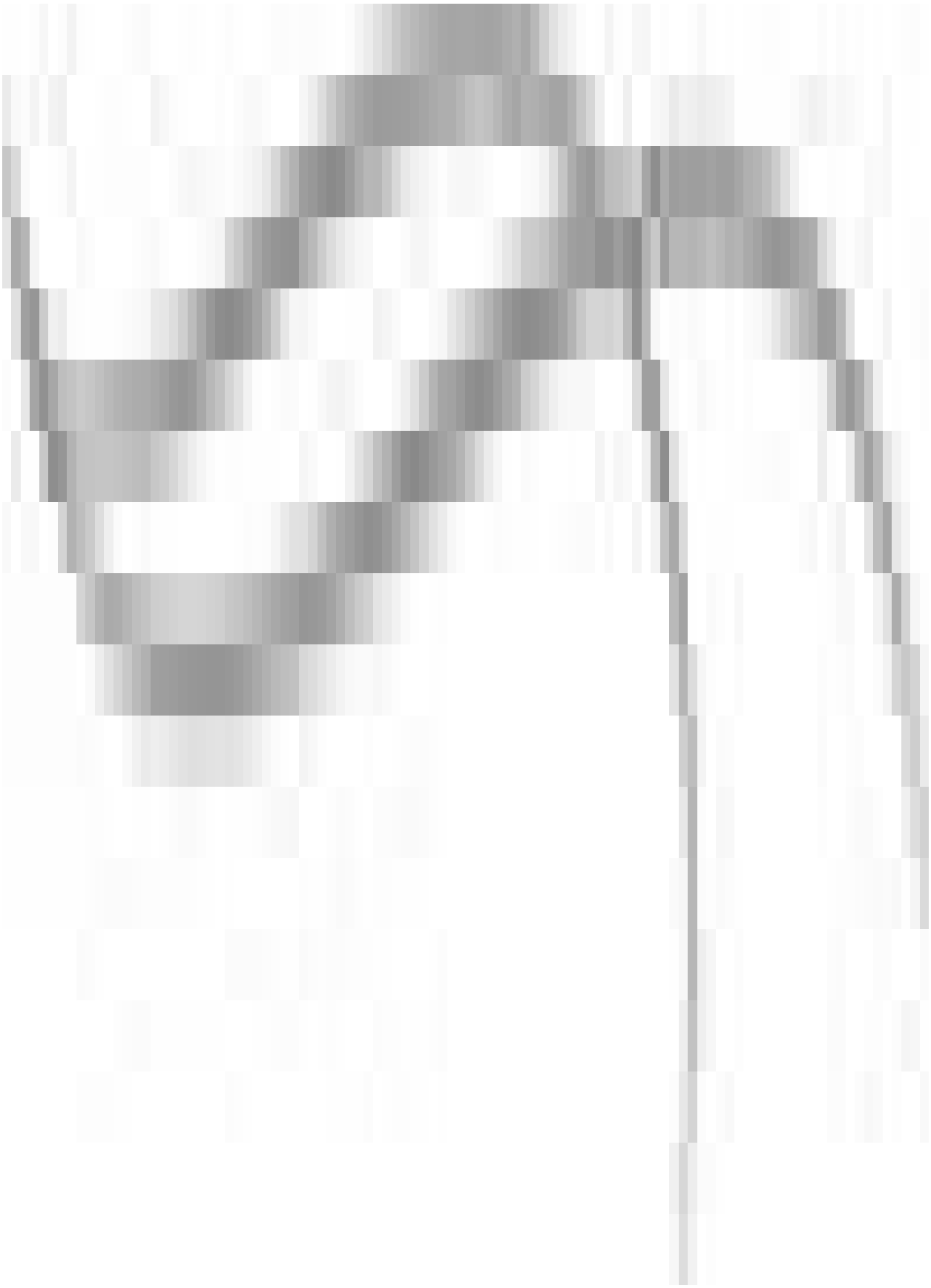
33 — Guilherme J. Bagby

34 — Alberto Salles

35 — Francisco Salles

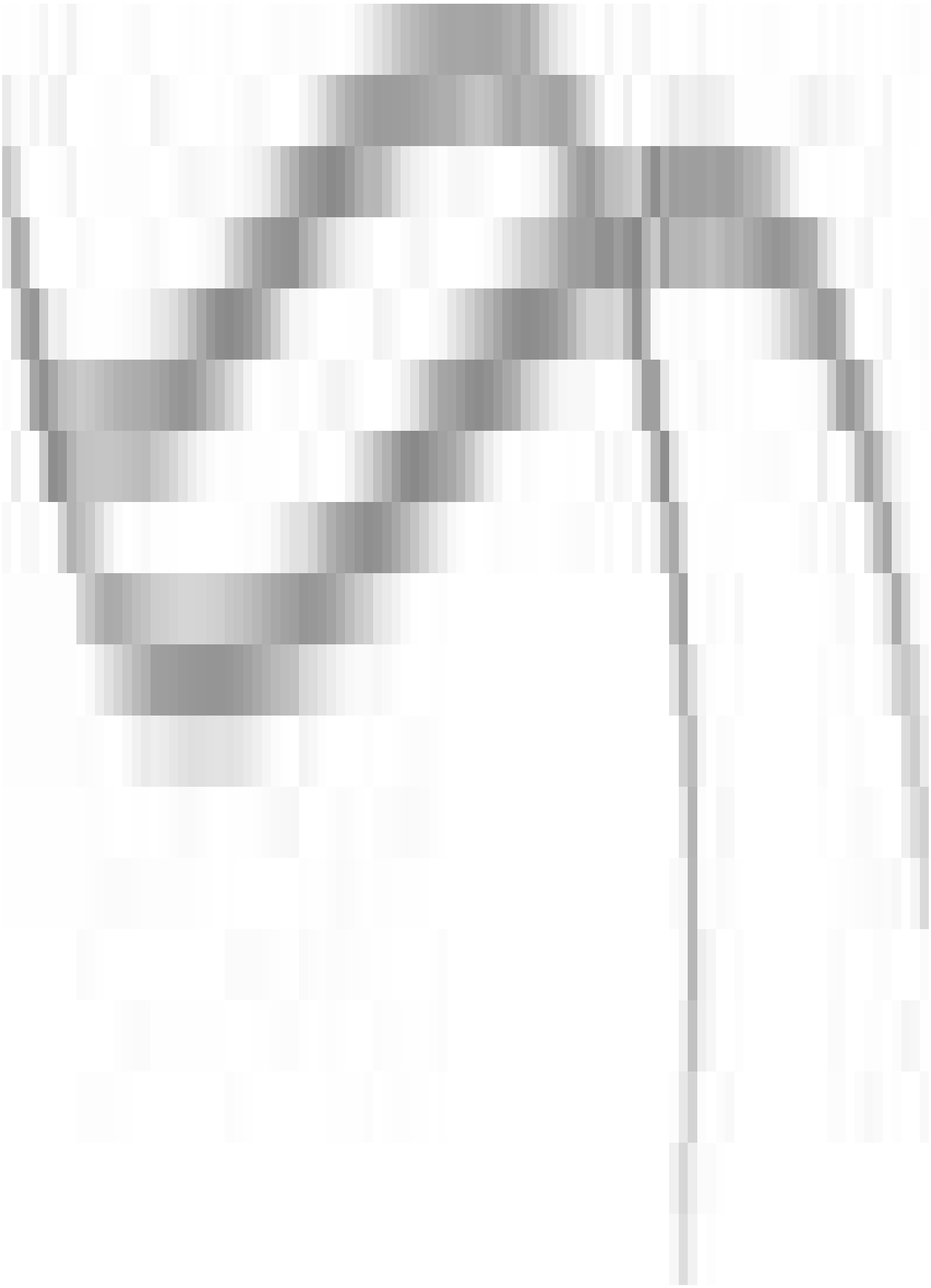
36 — Leopoldina da Costa

A de nº 10 é a que se casou com Ernesto S. Pyles. O nome de Bessie só aparece nas chamadas até o dia 07.07.1902.

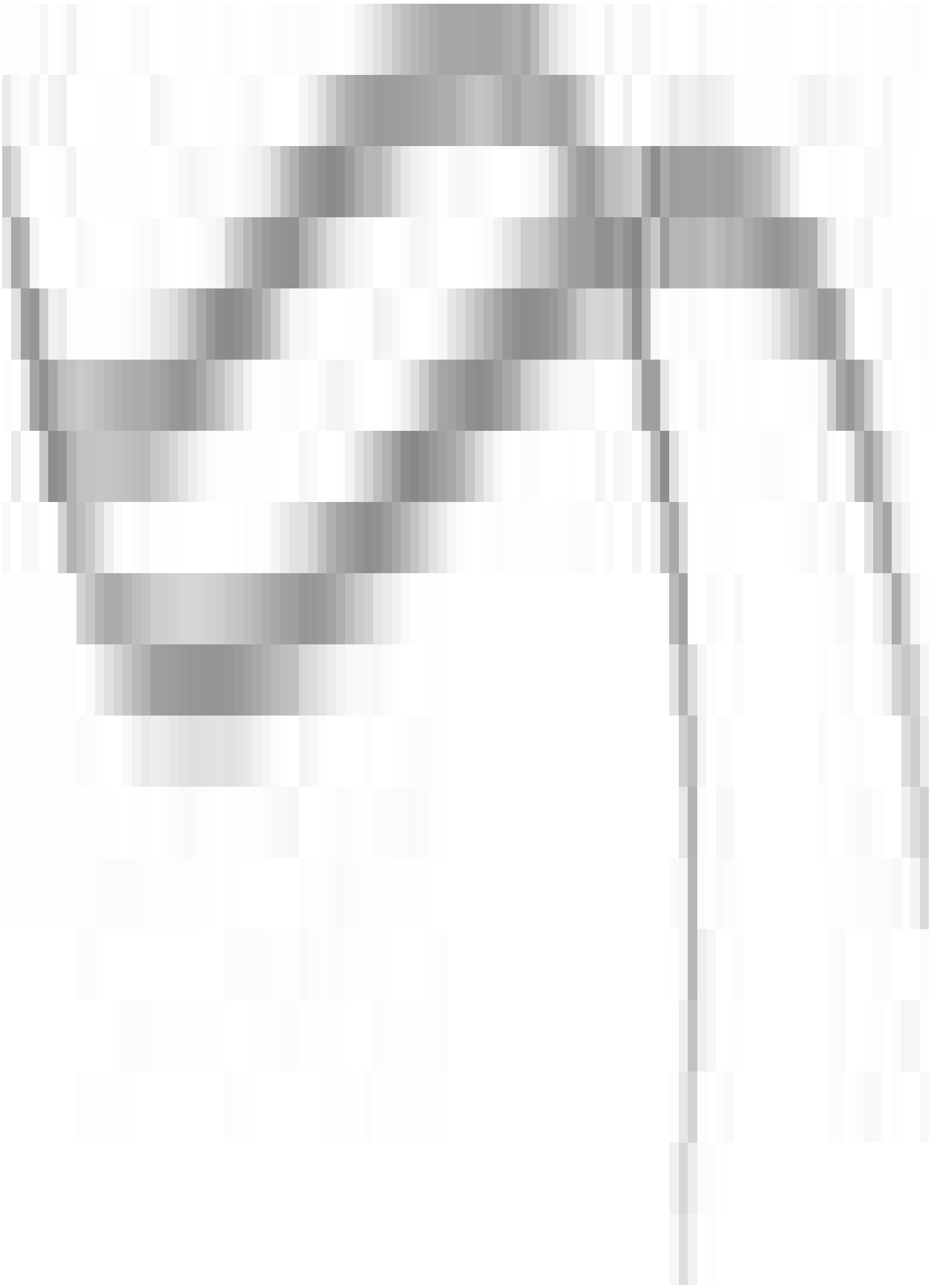


Fazenda Machadinho E Sítio Machado — divisão de terras.

As anotações que registramos, adiante, foram por nós recolhidas em março de 1984, no Arquivo Aguirra (João Batista de Campos Aguirra) Museu Paulista (Ipiranga), na capital São Paulo, SP. As ditas anotações podem ser subsídio para a continuação de pesquisas tendo, como foco, a vida dos emigrados dos EUA, em Santa Bárbara, SP.



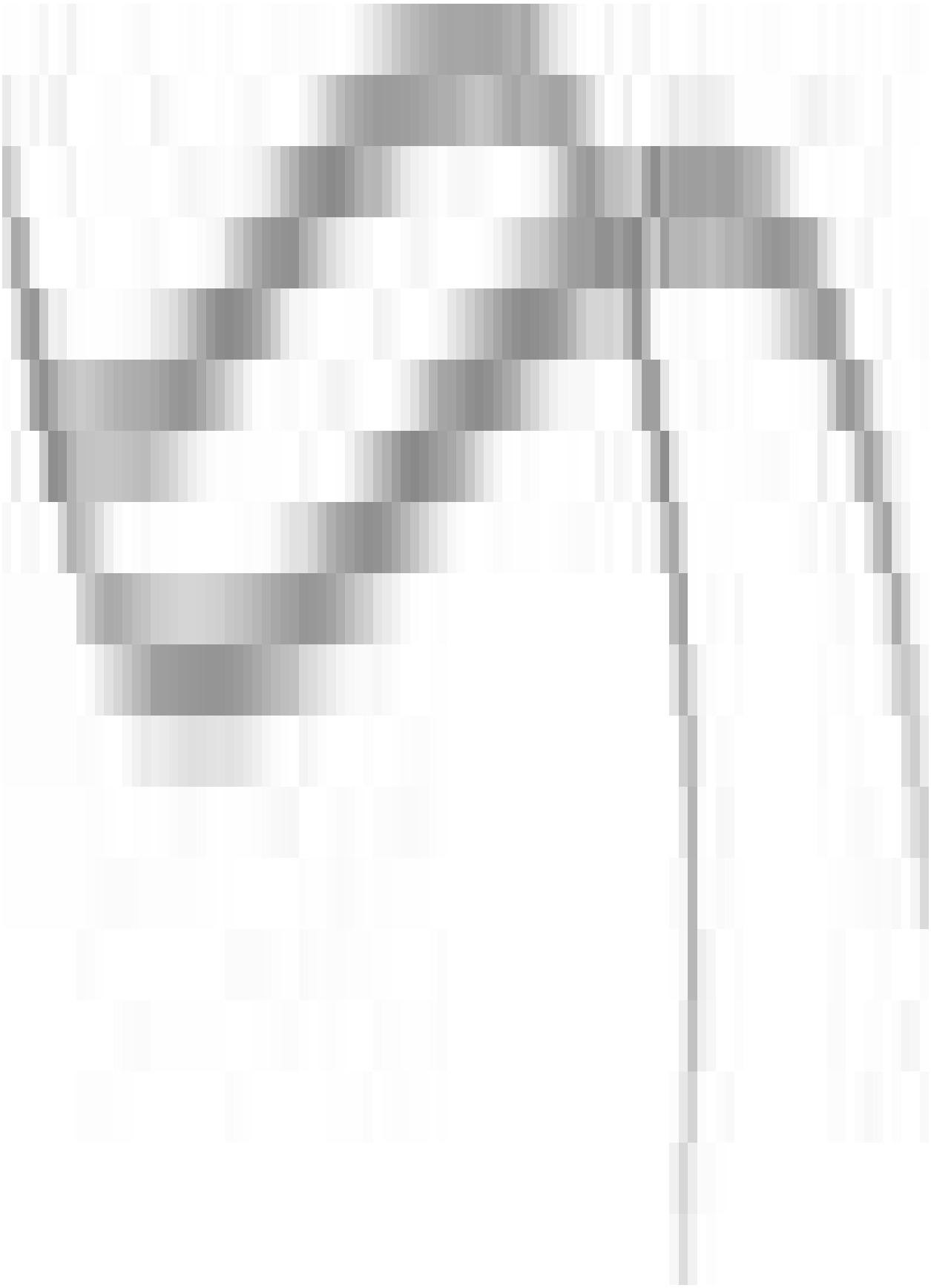
Temos que os Processos que deram origem às anotações mencionadas a seguir, pertencem ao Forum de Piracicaba, SP.



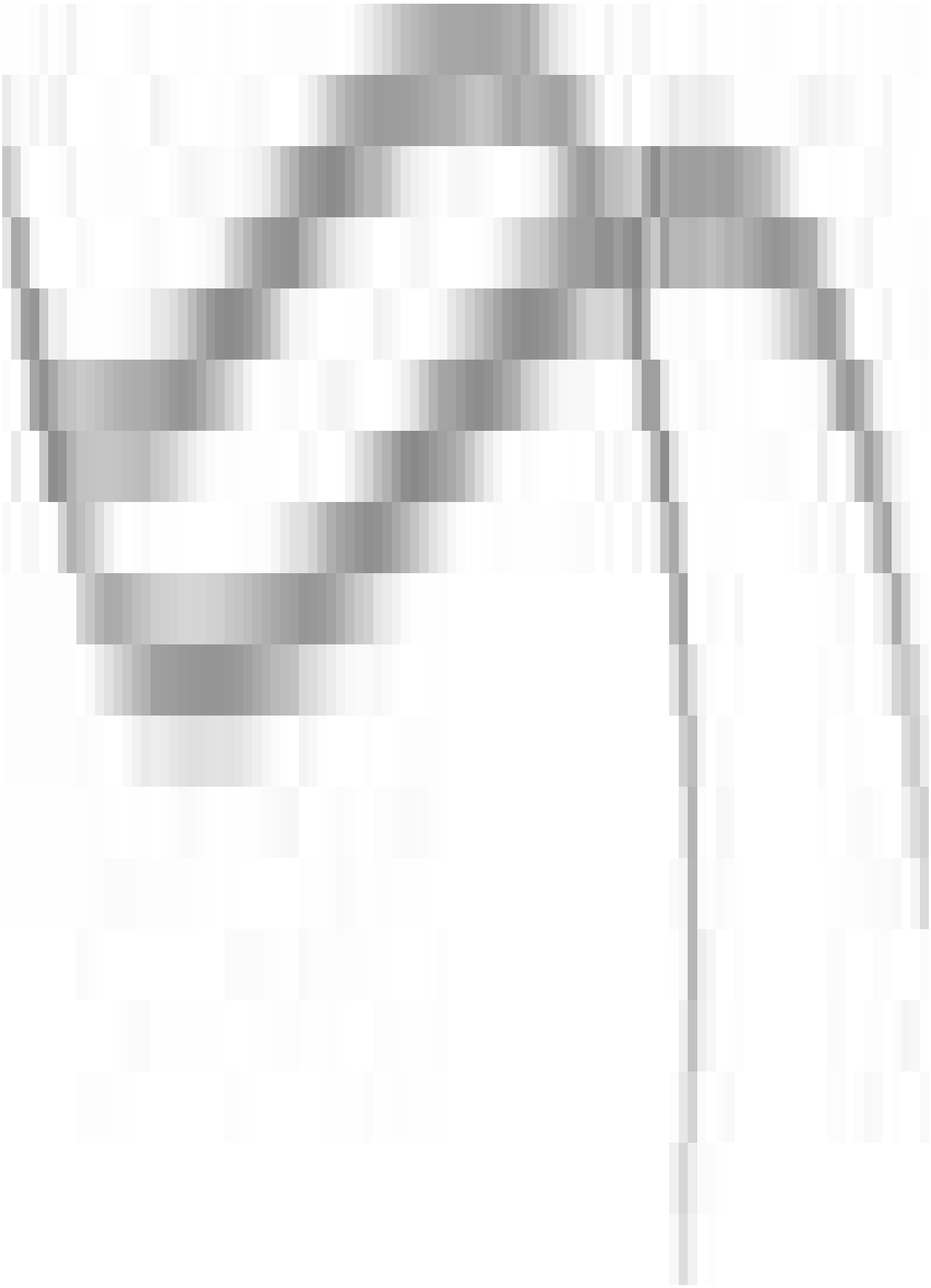
1. A 17.10.1895, José Antonio Bueno Rangel requereu a Divisão da Fazenda Machadinho, Vila Americana, Município de Santa Bárbara, SP, no Processo de divisão de terras promovido por João Absalão Cole, no ano de 1875, contra o capitão Antonio Bueno Rangel e sua mulher e outros, no Juízo Civil da Comarca de Campinas. Em conexão com o assunto, leia-se a p. 15 deste livro, isto é, quanto ao Forum de Piracicaba e Campinas.

Verifica-se, no documento do qual extraímos as anotações, que em 1895, essa parte das terras já possuía cerca de 50 proprietários, inclusive Charles M. Hall. (Ver Parte D - págs. 544 a 553 - 26.03.1888 a 31.01.1889)

O capitão Antonio Bueno Rangel era o pai de José Antonio Bueno Rangel, Basílio Bueno Rangel e Martiniano Bueno Rangel. Este último já era falecido quando da partilha dos bens deixados pelo capitão Antonio Bueno Rangel e sua mulher.



2. A 13.09.1901, Laurinda Alves de Oliveira promoveu a divisão do Sítio Machado, sendo sua proprietária desde 1870, mais ou menos. Pelos dados contidos no documento temos que a área desse Sítio deveria ser uma parte ou limítrofe das terras do Barrocão adquiridas por Henry Strong e depois passadas para Mary Matilda Ellis e sua irmã Sarah Amanda Strong. O Sítio Machado ocupava uma área até as Fazendas Jamaica e Cabreúva.



A União Batista Paulistana e e Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara, S. Paulo

Registramos neste livro a realização da Segunda Convenção da União Batista Paulistana, nos dias 30 e 31.12.1905, com a Primeira Igreja Batista da cidade de S. Paulo. (O Jornal Batista, 28.02.1906, p. 2)

Posteriormente, localizamos o registro da realização da Primeira e Terceira Convenções daquela União.

A Primeira deu-se com a Igreja Batista em Jundiaí, SP, nos dias 16 a 18.12.1904 (O Jornal Batista, 10.01.1905, p. 7,8).

“Ali compareceram mensageiros de todas as Igrejas Batistas e Congregações deste Estado, os quais tomando parte ativa nos trabalhos da União, contavam as boas novas de seus campos.(...) ... também falaram os irmãos . . . . ., Guilherme Thomaz, ...

A Segunda, conforme já mencionamos, realizou-se na cidade de S.Paulo.

A Terceira Convenção da União Batista Paulistana reuniu-se com a Primeira Igreja Batista de São Paulo, SP, nos dias 1 a 3 de dezembro de 1906 (O Jornal Batista, 15.12.1906, p. 6.)

“Compareceram representantes de todas as Igrejas e Congregações Batistas pertencentes a esta ‘União’. (...) . . . . foi criada uma ‘Junta Missionária’ com a sede nesta capital, a qual tomou o nome ‘Junta Missionária da U. B. Paulistana’”

Para representá-la, foram eleitos irmãos de várias igrejas cujos nomes são mencionados. Entre eles está:

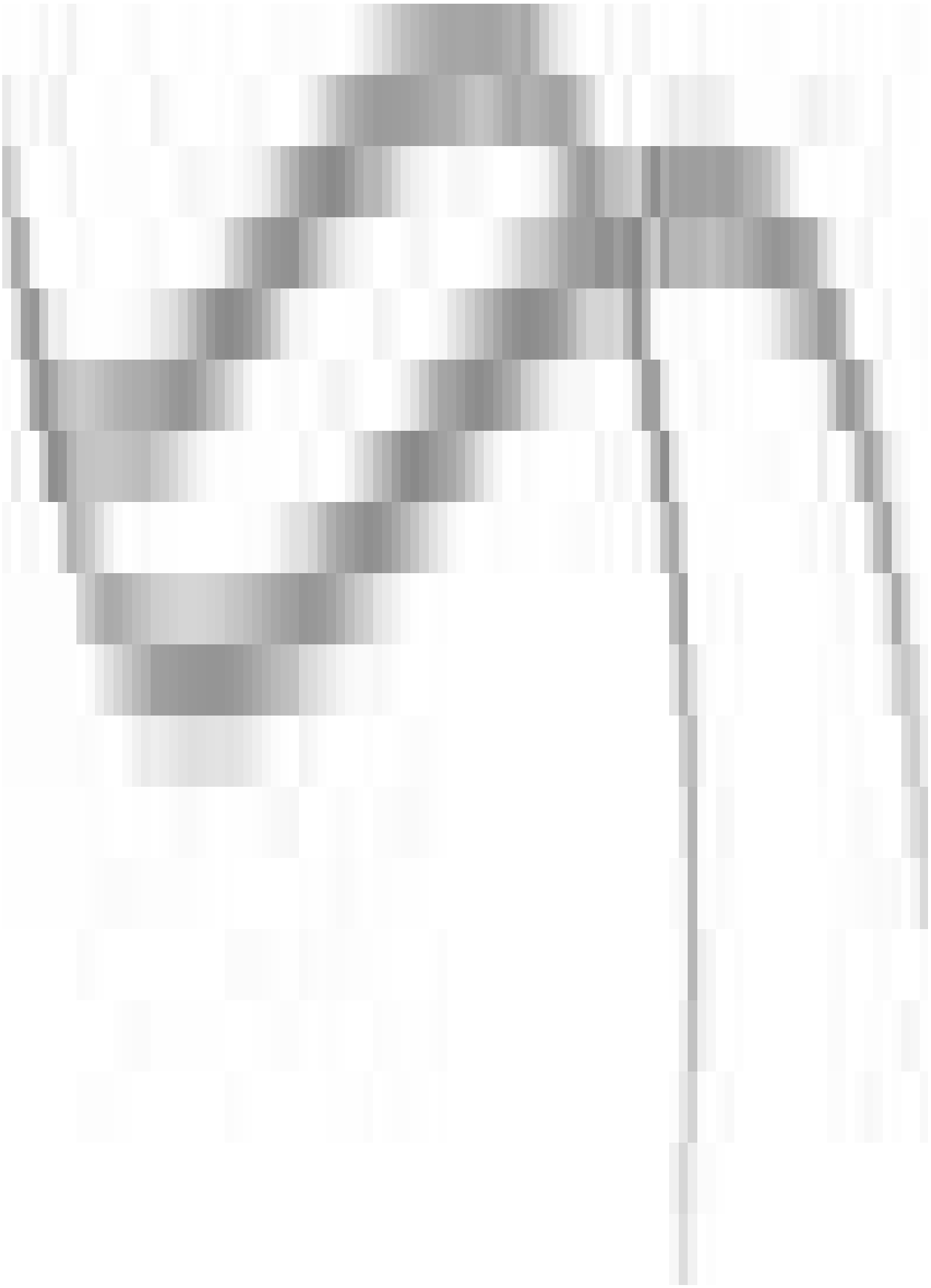
“Igreja de Santa Bárbara, Guilherme Thomaz”.

Estes dois registros são suficientes revelando-nos a participação do grupo batista de Santa Bárbara, pelo seu representante, também no trabalho cooperativo estadual, ou seja, União Batista Paulistana.

Este comentário pode ser acrescido ao penúltimo item dos destaques que fizemos nas páginas 414 a 420.

Ao tempo da Terceira Convenção acima referida, Guilherme Thomaz (o mesmo que William Francis Thomas ou Guilherme Francisco Thomaz) já era viúvo. Sua esposa, Fanny Elisa, falecera em Porto Feliz, SP., a 10.07.1906.

A 09.08.1908, ele tornou-se membro da PIB/SP.



NOTAS E REFERÊNCIAS PARA A PARTE “D”

[1] É bem provável que o salão da loja maçônica tenha sido escolhido para acomodar melhor “uma grande congregação de americanos e brasileiros”. Poderia, talvez, juntar-se a essa escolha a razão de segurança. Quem poderia garantir que a reunião transcorreria sem algum tipo de agressão?! Não sabemos até que ponto valeria uma proteção partida da maçonaria. O Rev. R. P. Thomas e o diácono Pleasant M. Fenley eram maçons e eram membros das igrejas, primeira e segunda, respectivamente. Num caso de perseguição, o serviço de polícia oficial não funcionaria. Bem, estas são apenas conjecturas!

[2] Pelo Calendário Perpétuo, o terceiro domingo de junho de 1880 foi o dia 20 de junho.

[3] O original é deficiente em seus termos para que saibamos a que se refere a frase: “... retorno aos seus deveres oficiais.”

[4] Os atos a se realizarem o seriam em dois lugares diferentes: na loja maçônica e ao ar livre, no “batistério”. Portanto, a questão de tempo usado para esses atos e a conseqüente suspensão da sessão foi considerada, para que a consagração se desse logo após o batismo, no mesmo dia.

[5] Nome completo: Robert Porter Thomas.

[6] O batismo deve ter sido realizado no “batistério” existente no córrego perto do Cemitério do Campo, também chamado Cemitério dos Americanos. A água represada formava o “baptizing-pool”.

[7] Pensamos que essa nomeação seria como missionário nativo ou auxiliar de missionário. O documento original não especifica.

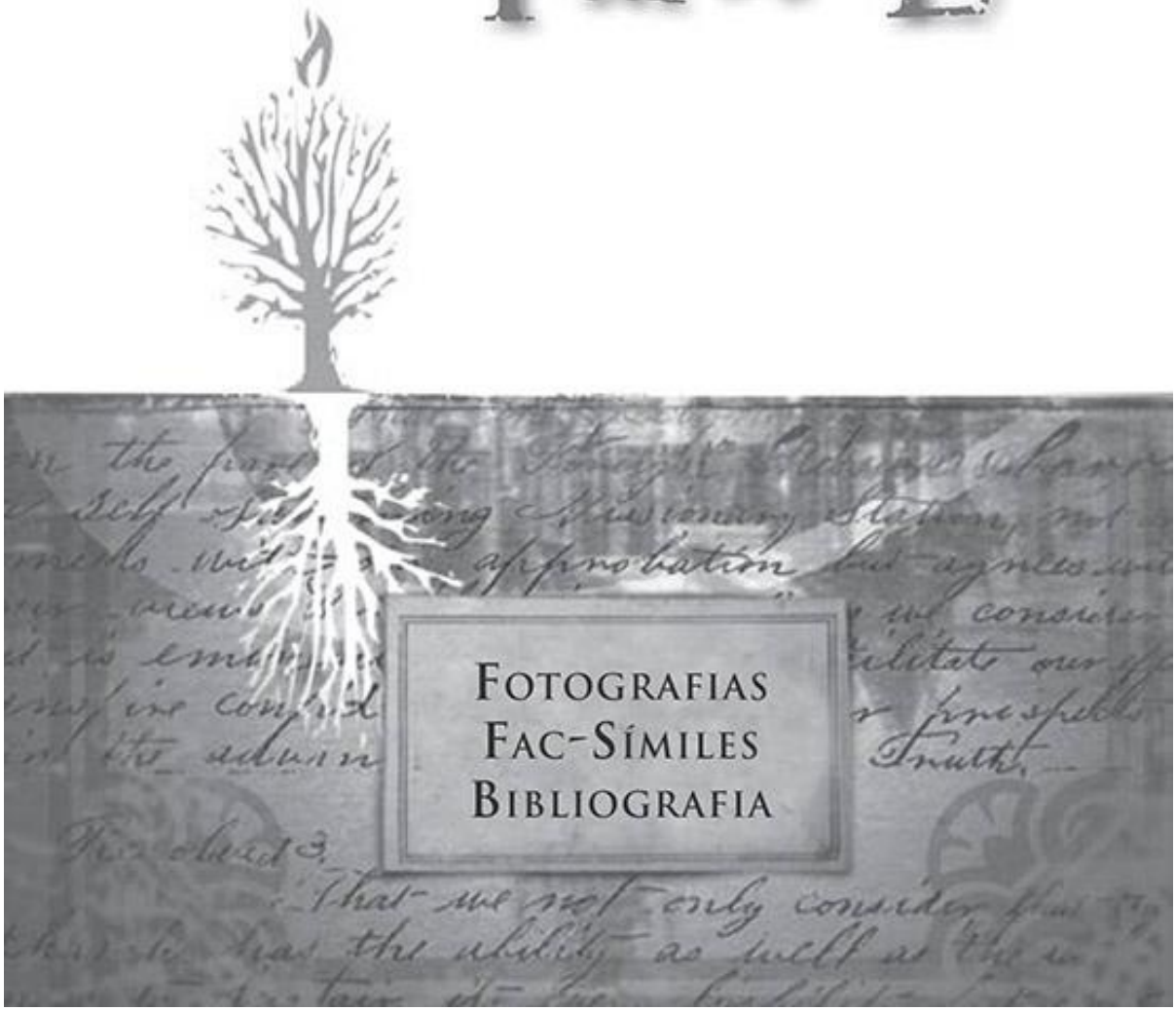
[8] A quantia referida é de seiscentos dólares anuais.

[9] Cremos que a explicação “assumido por eles” devia referir-se aos membros das duas igrejas reunidas.

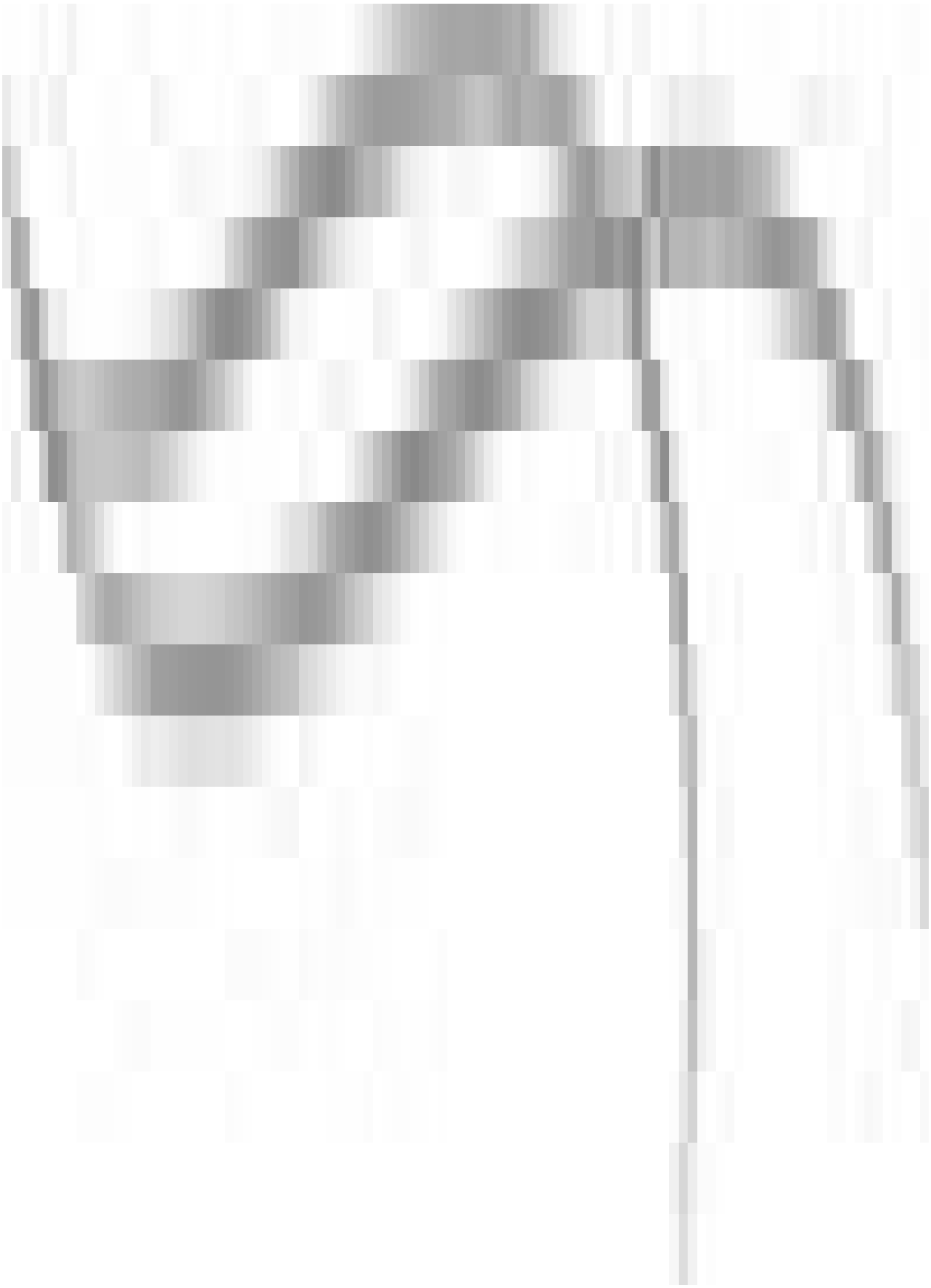
[10] Nome completo: Elias Hoton Quillin.

[11] WALLACE, O. C. S., o que crêem os Batistas, p. 105-121.

Parte E



Fotografias
Fac-Símiles
Bibliografia

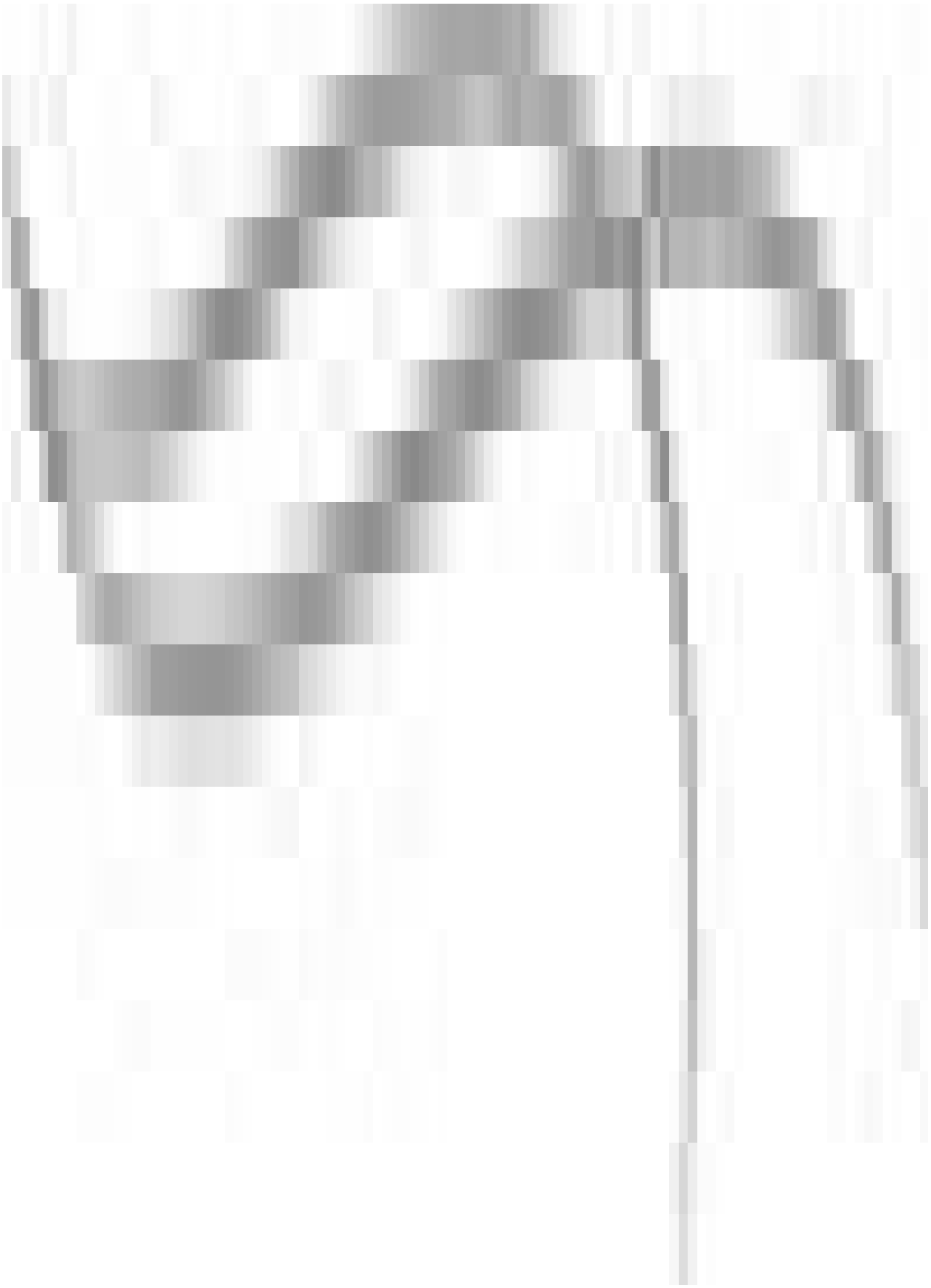


Destinamos a Parte “E” para as fotografias e fac-símiles.

Estão em dois grupos e cada fotografia ou fac-símile tem o seu número conforme listados nos Roteiros que antecedem cada grupo. As legendas foram arrumadas, na quase totalidade, nos Roteiros.

Há fac-símiles, em inglês, com a tradução correspondente na Parte “D”, podendo ser localizados pelas datas correspondentes.

Releva notar que há fotografias dos Pastores que serviram em Santa Bárbara, assim também as de suas esposas. (Ver Pastores - pág 402).



Roteiro para as fotografias

E1 e 2

Ruínas do Hotel Tijuca (Bennett) na floresta da Tijuca, Rio de Janeiro. Ver p. 113, 126 e 134.

E3

Rev. Richard Ratcliff e um dos seus filhos. É provável que essa foto tenha sido tirada em Campinas, SP, em 1877, e o menino seja Richard Ratcliff Junior.

E4

Eunice P. Ratcliff, esposa do Rev. R. Ratcliff. Tem-se que essa foto foi tirada em New York, em abril de 1867, antes do embarque para o Rio de Janeiro. Ela estava grávida de sua primogênita. As fotos de número 3 e 4 foram enviadas por Elisabeth Cornelia Young Smith, neta do casal, residindo em Alvin, Texas.

E5

Elisabeth C. Y. Smith junto ao túmulo do seu avô R. Ratcliff, em Rockport, Texas, 1982.

E6

Igreja Batista Monte Líbano, Monte Líbano, Louisiana, onde o jovem Richard Ratcliff desenvolveu as suas atividades cristãs e onde foi consagrado ao Ministério da Palavra. Foto enviada pelo Secretário daquela Igreja, para a autora, em 1982.

E7 e 8

Rev. Elias Hoton Quillin, sua esposa Sarah E. e filho L. Parks. As duas fotos nos foram enviadas pela gentileza de Elsa Quillin Mac Knight, uma das netas do casal.

E9 e 10

Rev. Robert Porter Thomas, sua esposa Emily e filha Sarah Emily.

E11

Rev. Samuel Milton Pyles e sua esposa Nancy E. R. Pyles.

E12

James Milton Pyles, esposa Octavia Dumas e seus filhos.

E13

Grupo de maçons da Loja George Washington, SBSP. Provavelmente tirada em 1880. Essa foto está publicada nos livros: The Craft Masonry in Brazil, Soldado Descansa e Edições Históricas de Santa Bárbara d'Oeste e Americana. Ver p. 72 a 75.

E14

Colunas, em madeira, que pertenceram à referida Loja. Hoje encontram-se sob a guarda da Loja Campos Salles 11.ª, em SBSP.

E15 e 16

Diploma, ou Título, conferido a R. P. Thomas, em 1855, conforme texto, em inglês, como segue:

“To all Free and Accepted Ancient Masons on the Face of the Globe:/We the Worshipful Master, Senior and Junior Wardens of Pleasant Valley LODGE No. 30 of the Most / Ancient and Honorable Fraternity of Free and Accepted Masons, held in Nashville, working under the authority of a / Charter from the Most Worship Grand Lodge of Arkansas do hereby certify that our worth Brother R. P. Thomas / who has signed his name on the margin thereof, has been regularly Entered, Passed and Reised of sublime Degree of MASTER MASON, / and during his continuance with us, has behaved himself as an honest, faithful Brother, as a such, we recommend to the fraternity around the Globe./ In ‘Testemony Whereof, we have subscribed our names caused the Seal of our said Lodge, to sd hereunto officed, this 22nd day of / December A. D. 1855 A. L. 5855.

A. B. Clements W. M.

John W. Hall S. W.

P. K. Bowman J. W.

John L. Mathison, Secretary.”

A parte inferior, em idioma alemão e em inglês, não foi preenchida. No verso, como se vê na foto 15, manuscrito, está:

“Emilly Thomas. / This is to certify / that the above is the/ Signature of my wife. / R. P. Thomas”

Ainda, na foto E15, vê-se a capa do referido Diploma, que fica dobrado de acordo com os vincos vistos na foto.

E17

Cruzamento das ruas 15 de Novembro e General Osório, na cidade de Santa Bárbara d’Oeste, em julho de 1984. Até perto do fim do século passado, a rua 15 de Novembro tinha o nome de Rua do Retiro. A Matriz Católica fica a um quarteirão desse cruzamento. A sua torre com o relógio e a parte posterior do templo podem ser vistos na foto E17. A 08.08.1877, a Loja George Washington adquiriu “um lanso de casa, terrenos anexos e fundos” numa das esquinas desse cruzamento, conforme Certidão em nosso arquivo. (Livro 19 — Parte III — p. 35v, 36, 36v, Cartório de Registro Civil e Anexos, de Santa Bárbara d’Oeste, SP). Temos que a reunião realizada a 20.06.1880, conforme Documento que pode ser apreciado na Parte “D”, teve lugar nessa propriedade, tendo Antonio Teixeira de Albuquerque como o principal personagem.

E18 e 19

Rev. A. T. Albuquerque e sua família, conforme seus descendentes. Essa fotografia tem o n.° 10 no livro Antonio Teixeira de Albuquerque, o primeiro pastor batista brasileiro, da mesma autora deste livro.

E20 e 21

Dr. William Buck Bagby e esposa Anne Luther Bagby.

E22

Dr. W. B. Bagby no ano de 1886.

E23 e 24

Rev. Edwin Herbert Soper e esposa Grace. Ele foi um dos pastores da PIB/SB, quando ainda solteiro.

E25 e 26

Rev. Edward Allen Puthuff e esposa Emma Fox Puthuff. Ele foi um dos pastores da PIB/SB.

E27

Anne Hope Thomas (Sra. John Bruton Parker), filha de William F. Thomas. Foi a primeira jovem nascida no Brasil a tornar-se missionária da FMB-SBC.

E28

William Francis Thomas. Foto tirada em 1914.

E29

Obelisco comemorativo da chegada dos emigrados dos EUA em SBSP, inaugurado a 16.10.1966. O monumento possue 4 lados nos quais estão os sobrenomes das famílias, tal como se pode ver nas fotos números E31, E32, E33 e E34. Entre as duas placas de mármore negro onde esses sobrenomes estão gravados, vê-se a Bandeira dos Confederados trabalhada em cimento.

E30

Foto cedida pela autora de Soldado Descansa. Trata-se da área do Cemitério do Campo, incluindo a adjacente. Nesta, à direita, vêem-se os telhados do galpão de reuniões e o dos banheiros. A esquerda, o do Museu. Neste mesmo lado, já na parte do Cemitério, vê-se o telhado da Capela.

E31 a 34

Lados do Obelisco da foto E29.

E35

Entrada do Cemitério Municipal de Santa Bárbara d’Oeste, onde se acham sepultados vários dos emigrados e descendentes diversos. A esquerda, lê-se na placa: “Avenida Pérola Byington”

E36 e 37

Túmulo e lápide com inscrição, de Robert Meriwether e filho William Henry Meriwether, no Cemitério Municipal de Botucatu, SP.

E38 a 49

Fotos de vistas e túmulos do Cemitério do Campo, SBSP. Destacamos a de n.° E45, cuja inscrição não está tão nítida. Trata-se do túmulo de Eunice P. Ratcliff. E a de n.° E47, temos que a parte do terreno marcada com uma linha pontilhada indica o lugar onde o Rev. E. H. Quillin e sua esposa foram sepultados.

E50

A autora, em 1978, sente a emoção de recolher um pouco d’água da fonte que fornecia água para a formação de uma pequena represa, formando um “batistério”. Este servia às Igrejas Batistas em SBSP. Naquele “batistério”, A. T. de Albuquerque foi batizado a 20.06.1880. As alterações do terreno, sofridas durante um século, tornam impossível identificar o local exato do “batistério”.

E50 e 51

Duas vistas do local, adiante da fonte, quando a água corria no fundo do valo. Já em 1983,, não mais se via assim. Consulte-se a p. 52. Nas fotos estão: Betty filha e seus pais, Pr. A. Antunes de Oliveira e a autora deste livro. Foto tirada em 1979.

E53

Sobre este pequenino cantor, ver p. 57.

E54

Um chaveiro, lembrança das comemorações do 1.° Centenário da cidade de Americana. Ver p. 38 e 39.

E55

Botões e estrela remanescentes da farda do Coronel Peter Hardeman (confederado), guardados pela neta Mary Carolina Hardeman Thacher, de quem tivemos a permissão para tirar o retrato, em 1979, em Campinas, SP.

E56

“Quilt” — acolchoado feito à mão, de retalhos, por Emily Thomas, antes de vir para o Brasil, em 1871. Encontra-se perfeito!

E57

Casa construída por William S. Ferguson, com tijolos por ele mesmo fabricados com um “F” gravado, em 1914. O sótão referido nas orelhas deste livro é o dessa casa, cuja foto foi batida em 1966. Vêem-se, da esquerda para a direita: Ernesto Smith, Betty Antunes de Oliveira - filha, Perola Smith Corrêa, Grazia F. Costarelli (hoje Sra. Anercílio Bondancia). Não identificamos a criança no colo de Grazia.

E58

Grazia e a filha Lary Bondancia, em frente à casa que foi edificada por Charles

C. Fenley, há muitos anos passados. Hoje a casa é um restaurante.

E59

Da varanda dessa casa, que fica na saída da cidade de Americana para Nova Odessa, batemos essa foto. Nova Odessa é vista ao longe. No centro pode ser vista a curva da via férrea, com a casinhola que servia como Estação do Recanto. Essa ferrovia liga Santos a Piracicaba e foi inaugurada em 1875.

E60 a 62

Troles usados pelos emigrados. O da foto E60 encontra-se no Museu do Campo. Observe-se o caminho para a passagem do trole, na foto E61.

E63

Capela do Campo, SBSP. Com dificuldade pode-se ler o nome gravado no frontispício: Hopewell Chapel. Esta substituiu a anterior, que era de madeira.

E64

A mesma Capela, já reformada e é como está atualmente. A foto foi tirada em 1978.

E65

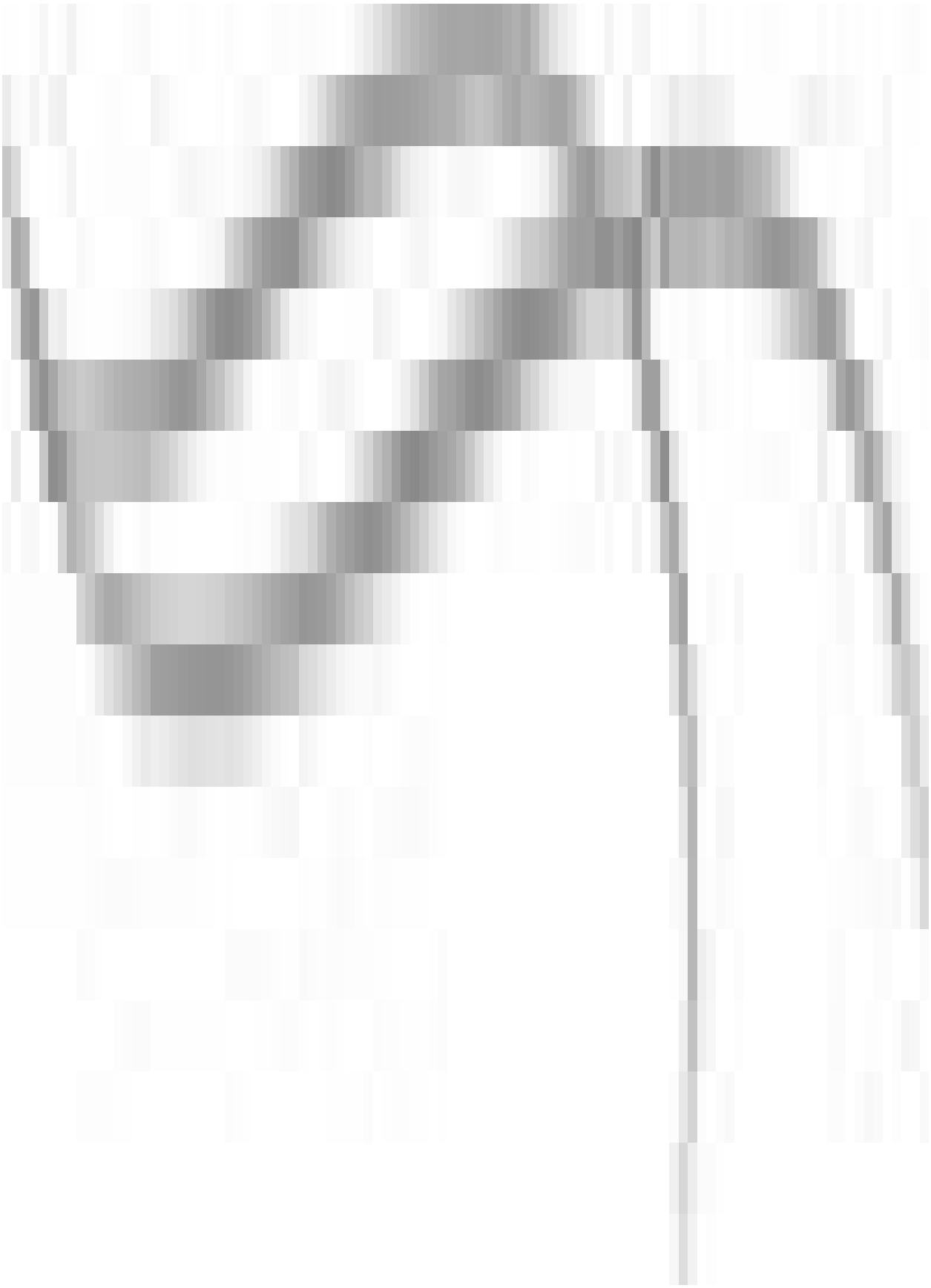
Colégio Progresso Brasileiro, São Paulo, SP. Ano provável do foto: 1908/1909. Conseguimos identificar algumas pessoas como segue: da esquerda para a direita, em pé, primeira fila — Anne Hope Thomas, a 2.ª; Helen Alina Thomas, a 3.ª; Hortência Smith, a 4.ª; Eugenia Thomas, a 7.ª; Kate Thomas, a 8.ª Atrás — Dr. Francis Marion Edwards, o 2.°; Dr. William B. Bagby, o 4.°; Anne L. Bagby, a 6.ª.

E66

Colégio Batista Brasileiro, rua Homem de Melo, Perdizes, São Paulo, SP. Foto tirada em 1979. Este existe por força do Colégio Progresso Brasileiro.

E67 e 68

A autora deste livro, Betty Antunes de Oliveira, nascida Pitrowsky, em 1922 e 1982.



Das diversas fotografias aqui apresentadas, algumas são reproduções e outras tiradas por diversas pessoas. Pela numeração das fotos acima, fizemos o seguinte quadro:

Reproduções das fotos n.o:

Batidas pelo próprio, as fotos n.o:

Ricardo Pitrowsky

18, 20, 21, 23 a 27, 67

67

Lincoln Amazonas Antunes de Oliveira

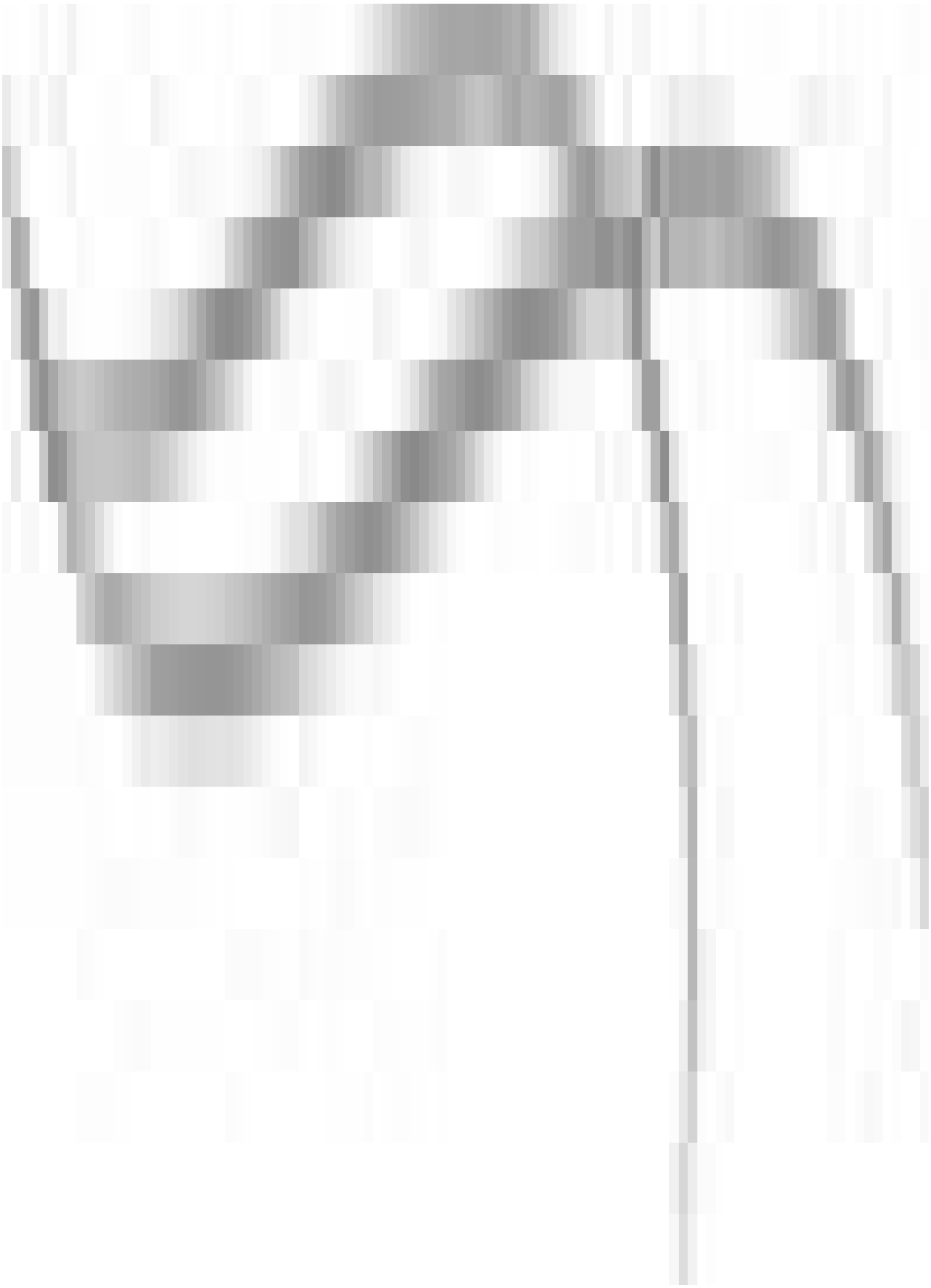
19

1, 2, 50, 51, 52

Betty Antunes de Oliveira

9, 10 a 13, 15, 16, 22, 28, 53, 61, 62

14, 17, 29, 31 a 49, 54 a 60, 64, 66



E69

Na visita de Betty A. Oliveira à Baylor University, Waco, Texas, em 1989, com a assistência do Sr. Wilbur L. Ratcliff, sobrinho-neto do Pr. Richard Ratcliff. Na foto, Wilbur e Betty.

E70

Na mesma ocasião, visita à histórica Igreja Batista Independence, Igreja de Z. C. Taylor, W. B. Bagby e suas respectivas esposas, de Richard Ratcliff e tantos outros que mourejaram no Brasil, nos primórdios do trabalho batista.

E71

Em agosto de 1989, quando Betty A. Oliveira visitou as ruínas do prédio da Baylor University, que servia ao Departamento Feminino. Conforme gravação em pedra lê-se: “Colunas de um edifício da velha Baylor Universidade. Surgida dos esforços do Juiz R. E. B. Baylor e outros; aberta em 1846 – Baylor é a mais antiga Universidade no Texas operando sob o seu nome original. Até sua mudança para (1886) para Belton e Waco, Baylor funcionou aqui por 40 anos, sob a Presidência de H. L. Graves, R. C. Burleson, G. W. Baines, (cujo bisneto Lyndon Baines Johnson tornou-se o 36º Presidente dos Estados Unidos) e W. C. Crane.

Estas colunas marcam o lugar do Colégio Feminino Baylor; os homens ficavam na Baylor Univesidade, em Hill, para o Sul, cruzando o “Rio Jordão”.

Restaurado em 1952 pelos ex-estudantes e amigos sob a liderança da Sociedade Histórica Baylor.

E72

Em Agosto de 1989, na cidade de College Spring, perto da Houston, Texas, o encontro de Betty A. Oliveira, proporcionado por Wilburn L. Ratcliff e sua esposa, com Elizabeth Young Smith, uma das netas do Pr. Richard Ratcliff. Ao tempo, Elizabeth estava com mais de 90 anos de idade, ainda lúcida e nosso encontro foi uma das coisas mais felizes para nós.

Na Foto, da esquerda para a direita: Elizabeth, Betty e Ola Ratcliff. Na ocasião, recebi de Elizabeth um presente feito por ela.

A avó de Elizabeth nasceu em Stª. Bárbara, São Paulo.

E73

Em 11 set. 1977, Betty A. Oliveira visitou a Harmony Baptist Church, Edgemoor, Chester Co., Carolina do Sul, EUA, ao ensejo do seu 138º

aniversário. Conheceu o “covão”, lugar da nascente de água, onde se fazia uma pequena represa formando um bom lugar para os batismos. Ali foram batizados Green, Fanny e o filho Turner Ferguson. Estes vieram para o Brasi fundando, com outros, a Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara, SP, em 10 set 1871.

E74

Anna Hope Thomas

05 abr 1885 – Santa Bárbara – SP

†

07 abr 1923 – Fort Worth, TX

09 arbr 1923 – Sepultada em Waxahachie, TX

Filha de William Francis Thomas e Fanny Eliza Ferguson.

10 out 1907 – Nomeada missionária “on field” da Foreign Mission Board of Southern Baptist Convention – Richmond, VA.

No verso do original estava;

“To Sister Mattie

From Anne.

Nov. 13th 1904”

Retrato original com prima Pérola. Tirado em São Paulo.

Anna Hope Thomas, tia de Betty Antunes de Oliveira, Rio de Janeiro, 30 nov. 2004.

E75

Casal missionário: John Bruton Parker, Anne Thomas Parker, filhas: Addie Hope Parker, Lois Parker. Retrato tirado em 1923 nos EUA.

Anne faleceu em 07 abr 1923, em Fort Worth – Texas. Foi sepultada em 09 abr 1923, em Waxahachie, Texas.

As filhas Addie Hope e Lois vivem nos EUA. Dez. 2004.

Anne nasceu em Santa Bárbara, SP, em 05 Abr. 1885.

E76

Templo do Campo. (Stª Barbara d'Oeste)

Fica dentro da área do Cemitério. Retrato tirado em 1966.

Da esquerda para direita – Maria Helena Gioia, esposa do filho Nelson, Betinha, ? .

E77

Fonte d'agua no terreno vizinho ao do Cemitério do Campo, Santa Barbara d'Oeste – São Paulo, que dava água para o "batistério", um pouquinho adiante feito no próprio riozinho. Há alguns anos os agricultores "afogaram" a fonte e agora tudo é plantação. [Rio, setembro. Betty Antunes e Betinha, com a vara. Retrato tirado em 1978]

E78

Cemiterio do Campo, em Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo, foi inaugurado este

marco, em 1966, 16, Out. Pela Fraternidade Descendência Americana.

No fundo: a Capela e o Campo. – Este retrato foi tirado dez anos depois de inaugurado, isto é, em 1977.

A data do ano 1966 marca o centenário da vinda de vários grupos de norte-americanos no período de 1866 a 1871.


E1


E2



E3



E4

E5



E6



E7



E8



E9



E10



E11



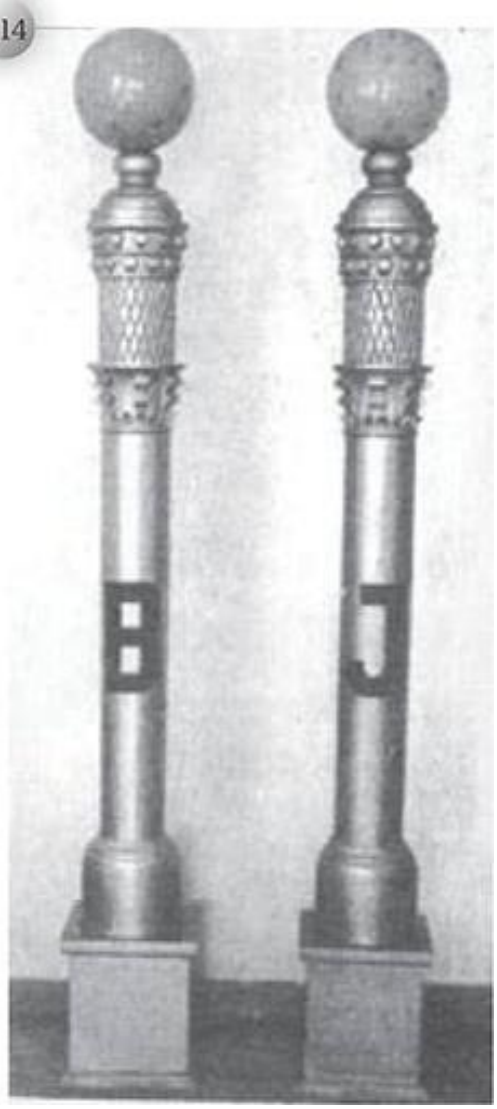
E12



E13



E14



E15



E16



E17



E18



E19



E20



E21



E22



B2



E24

E23



E27



E26

E25

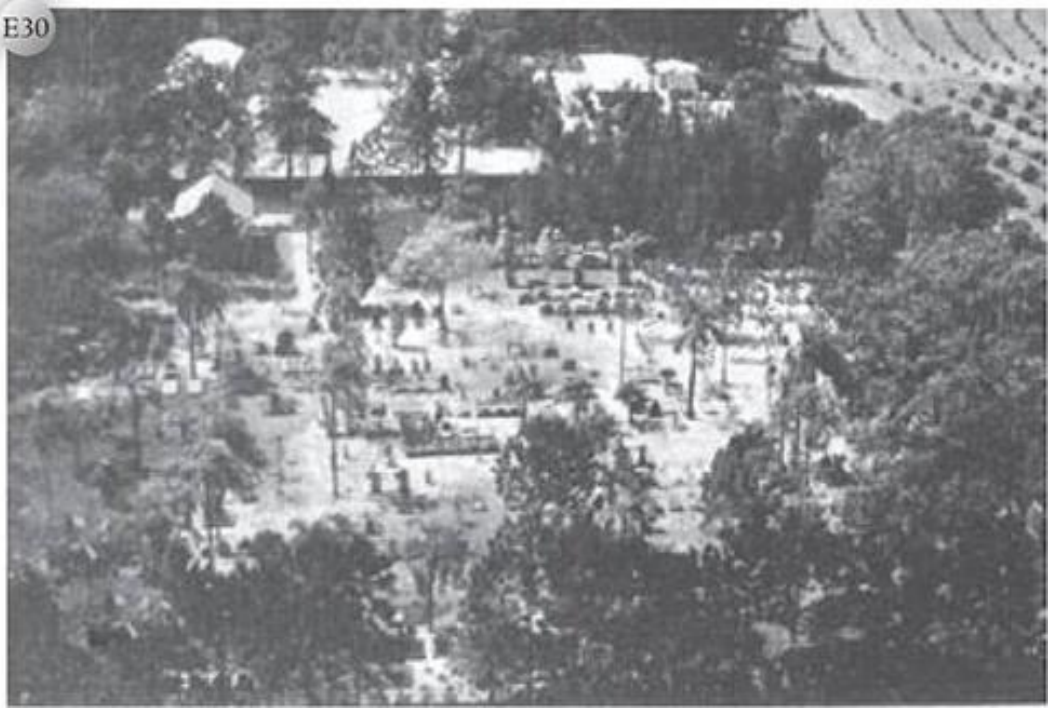


E28

E29



E30



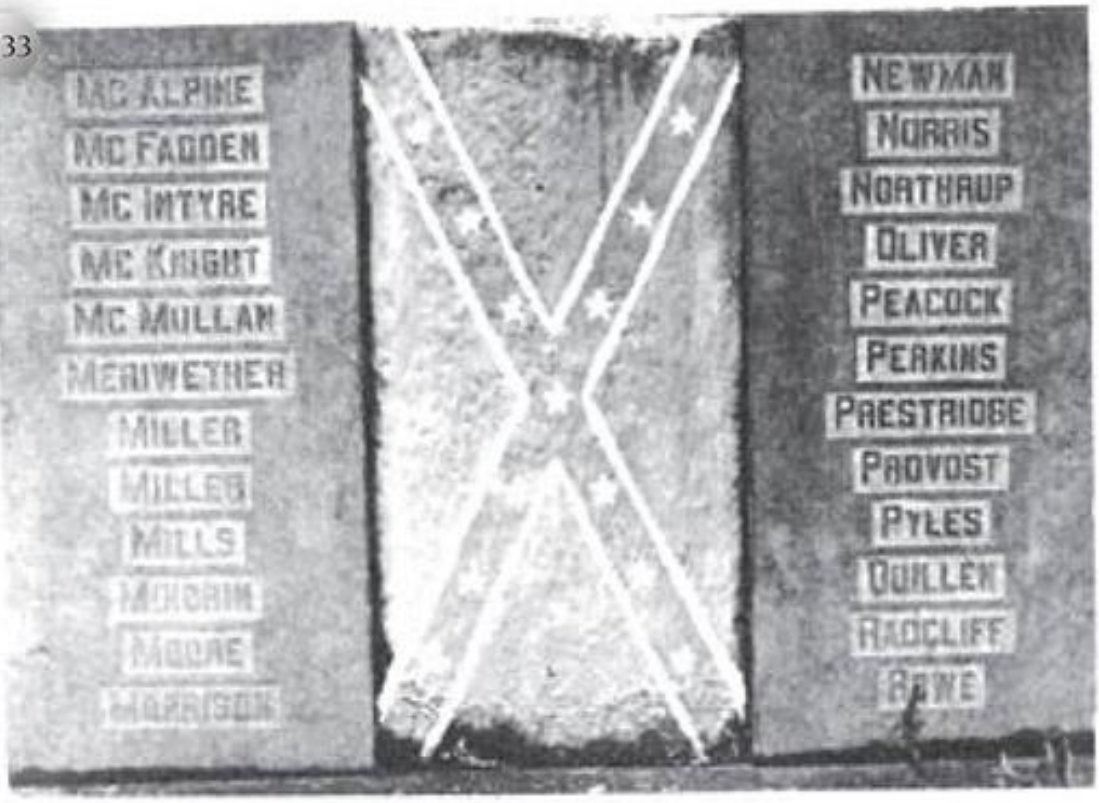
E31


AYERS
BAIRD
BANKSTON
BARNSLEY
BARR
BENTLEY
BOOKWALTER
BOWEN
BRADSHAW
BRITT
BRYANT
BUFORD
BURTON
CAPPS
CARLTON
CARR
CLARK
COLE
COULTER
CRAWLEY
CRISP
CULLEN
CURRIE
DANIEL

E32


DEMARET
DRAIN
DUMAS
EASTON
ELLIS
EZELLE
FERGUSON
FENLEY
GILL
GRADY
GREEN
HALL
HARDEMAN
HARRIS
HAWTHORNE
HOGAN
HOLLAND
JONES
KEESE
KENNERLY
KING
LLOYD

E33


MC ALPINE
MC FADDEN
MC INTYRE
MC KNIGHT
MC MULLAN
MERIWETHER
MILLER
MILLER
MILLS
MOORE
NEWMAN
NORRIS
NORTHRUP
OLIVER
PEACOCK
PERKINS
PRESTRIDGE
PROVOST
PYLES
QUILLEN
RADCLIFF

E34


SANDERS
SCURLOCK
SMITH
STRONG
THATCHER
THOMAS
TOWNSEND
TRIGG
VAUGHAN
WARD
WHITAKER
WHITEHEAD
WILLIAMSON
WEISSINGER
WRIGHT
YANCEY

E35



E37


MAJOR
NASCIDO EM
FALLECIDO
WILLIAM
NASCIDO
FALLECIDO A
JESUS DISSE:
EU SOU A RESURREIÇÃO E A VIDA.
QUEM CRE EM MIM
AINDA QUE ESTEJA MORTO VIVERÁ
S. JOÃO 11.25



E36

E38



E39



E40





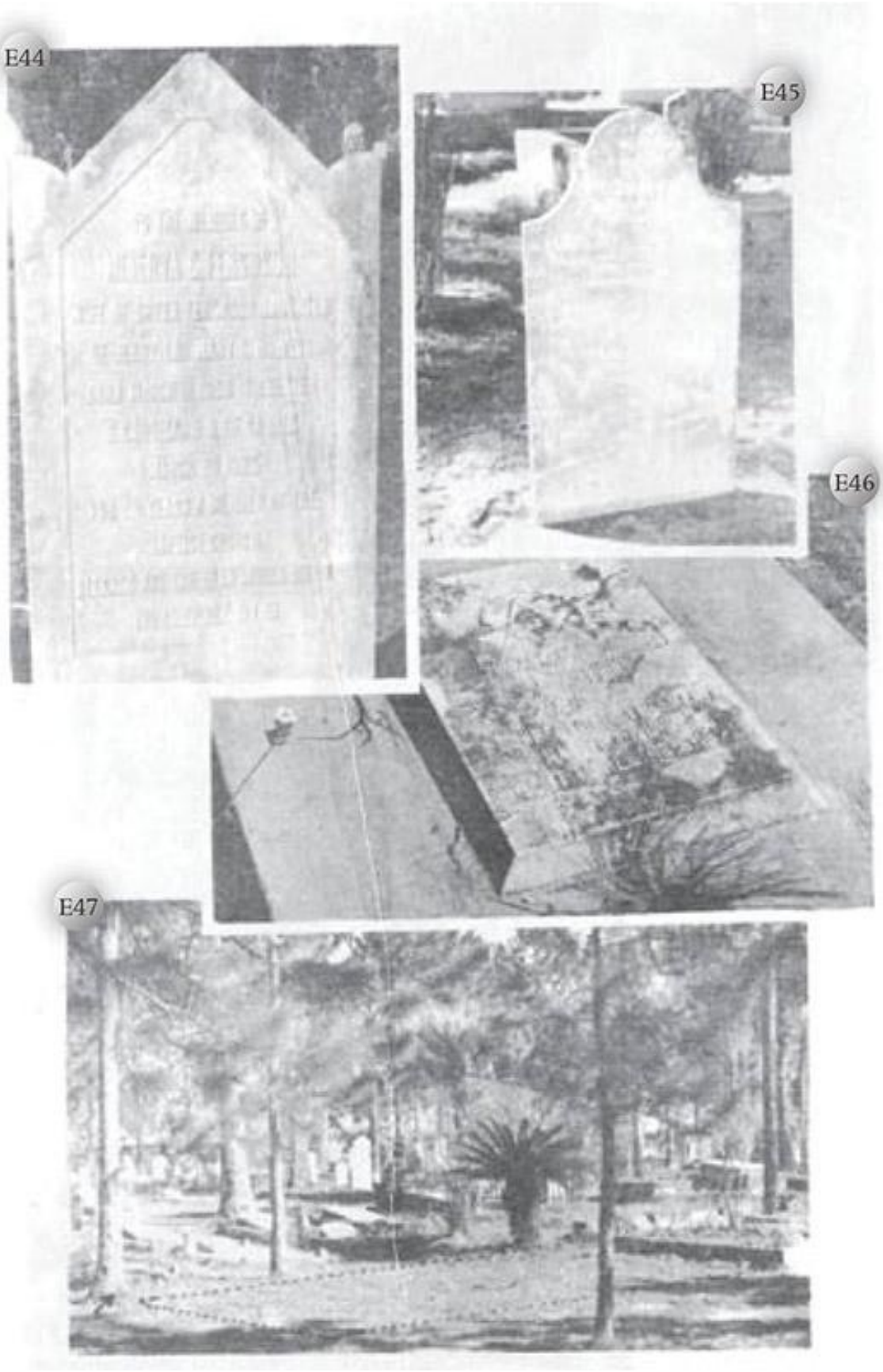
E41


MEMORY
OF
SARAH A. FENLEY
THE WIFE OF P. M. FENLEY
DAUGHTER OF
C. C. & S. A. BLAIR
BLESSED ARE THE RIGHTEOUS
FOR THEIR END IS PEACE.

E42



E43


E44
E45
E46
E47



E48

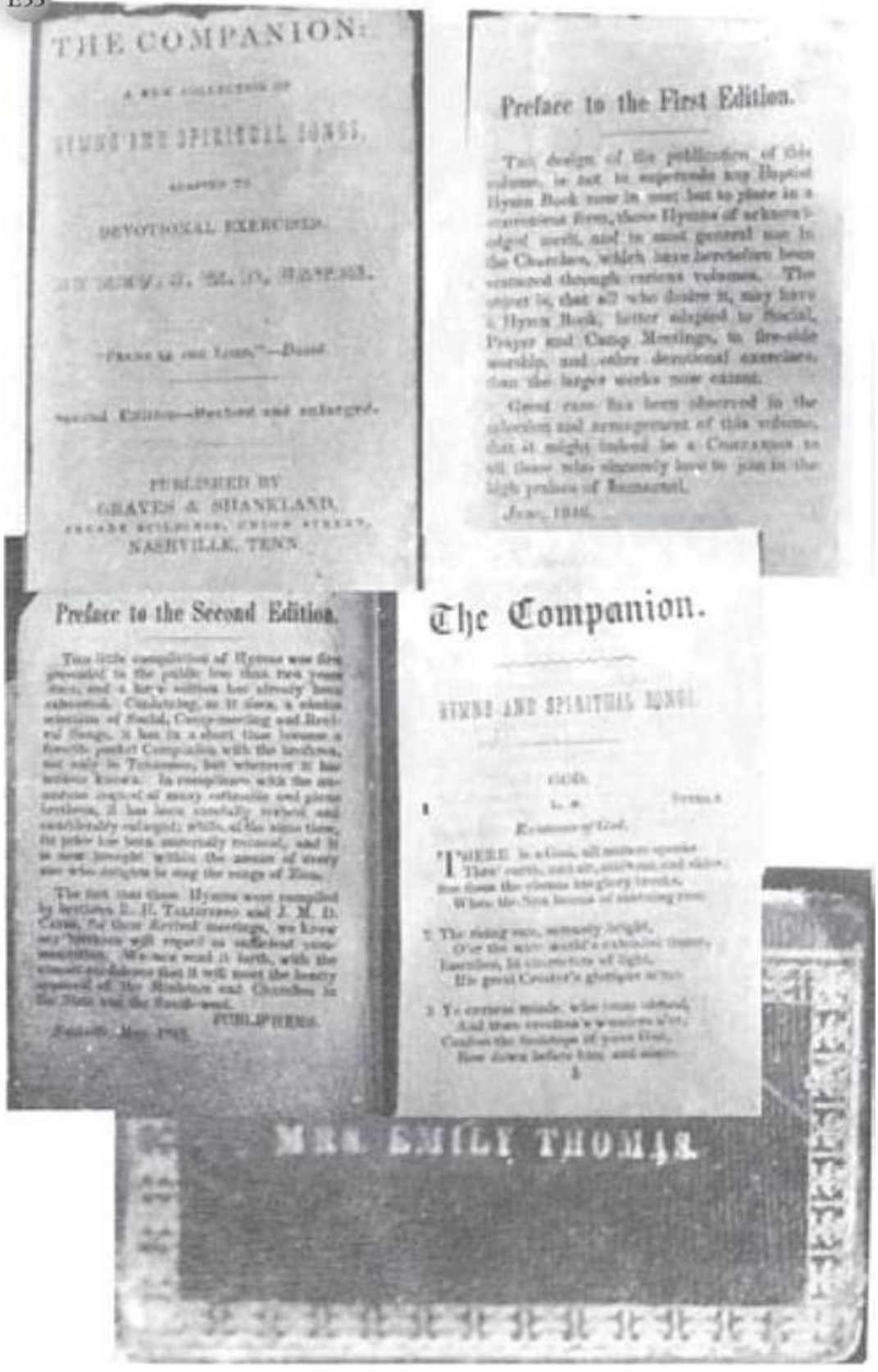

E49


E50


E51


E52

E53



THE COMPANION:

A NEW COLLECTION OF

HYMNS AND SPIRITUAL SONGS,

ADAPTED TO

DEVOTIONAL EXERCISES.

BY HENRY S. BE[illegible], D. D.

"Praise ye the Lord."—Psalm

Second Edition—Revised and enlarged.

PUBLISHED BY
GRAVES & SHANKLAND,
ARCADE BUILDINGS, UNION STREET,
NASHVILLE, TENN.

Preface to the First Edition.

The design of the publication of this volume, is not to supersede any Baptist Hymn Book now in use; but to place in a convenient form, those Hymns of acknowledged worth, and in most general use in the Churches, which have heretofore been scattered through various volumes. The object is, that all who desire it, may have a Hymn Book, better adapted to Social, Prayer and Camp Meetings, to fire-side worship, and other devotional exercises, than the larger works now extant.

Great care has been observed in the selection and arrangement of this volume, that it might indeed be a Companion to all those who sincerely love to join in the high praises of Immanuel.

June, 1846.

Preface to the Second Edition.

This little compilation of Hymns was first presented to the public less than two years since, and a large edition has already been exhausted. Containing, as it does, a choice selection of Social, Camp-meeting and Revival Songs, it has in a short time become a favorite pocket Companion with the brethren, not only in Tennessee, but wherever it has become known. In compliance with the unanimous request of many enthusiastic and pious brethren, it has been carefully revised and considerably enlarged; while, at the same time, its price has been materially reduced, and it is now brought within the means of every one who delights to sing the songs of Zion.

The first time these Hymns were compiled by brethren R. H. Tatterson and J. M. D. Caine, for their Revival meetings, we knew any brethren will regard us ungrateful remembrance. We now send it forth, with the sincere confidence that it will meet the hearty approval of the Ministers and Churches in the State and the South-west.

PUBLISHERS.

Nashville, May, 1847.

The Companion.

HYMNS AND SPIRITUAL SONGS.

GOD.

L. M. Portuguese

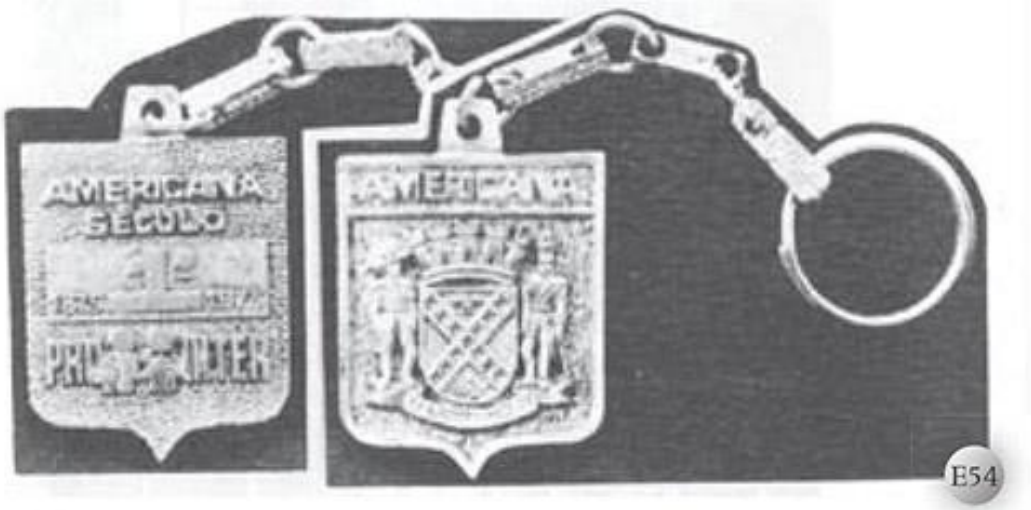
Existence of God.

1 THERE is a God, all nature speaks
Thro' earth, and air, and seas, and skies;
See from the circling heavens he looks,
While the first breeze of morning rises.

2 The rising sun, with early light,
O'er the wide world's extended frame,
Inscribes, in characters of light,
His great Creator's glorious name.

3 Ye curious minds, who roam abroad,
And trace creation's wonders o'er,
Confess the footsteps of your God,
Bow down before him and adore.

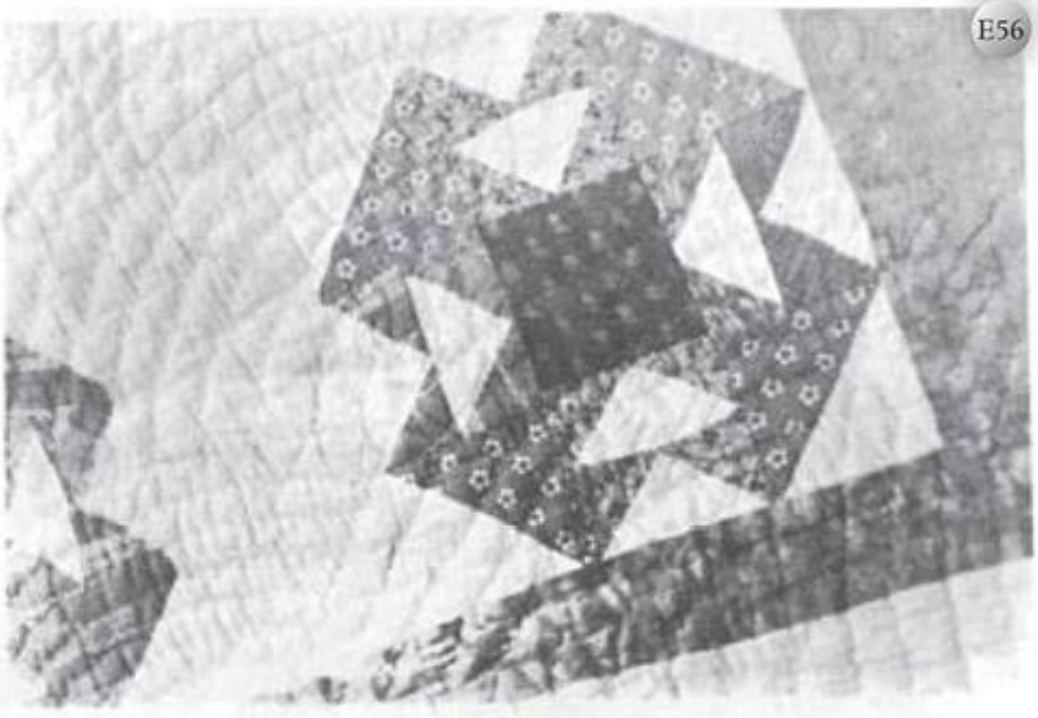
MRS. EMILY THOMAS



E54

E55





E56

E57



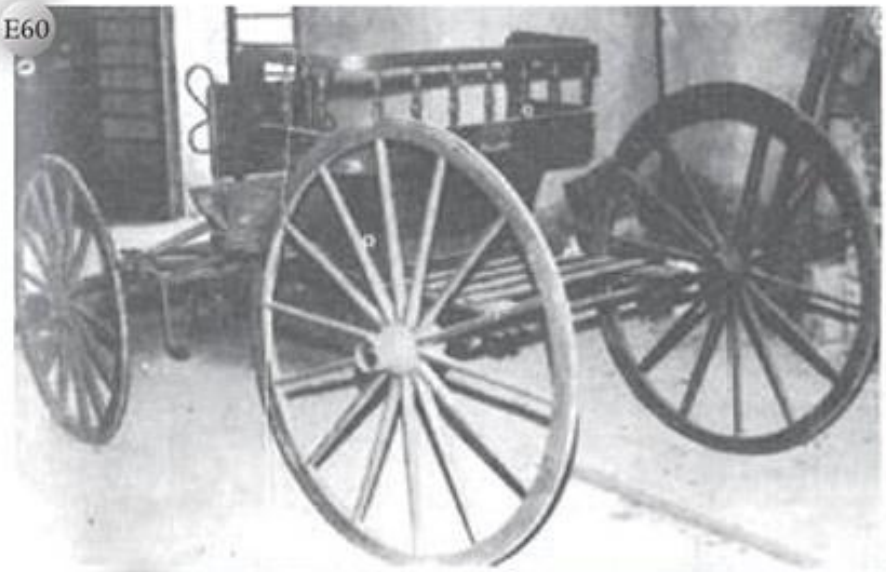
E58





E59

E60



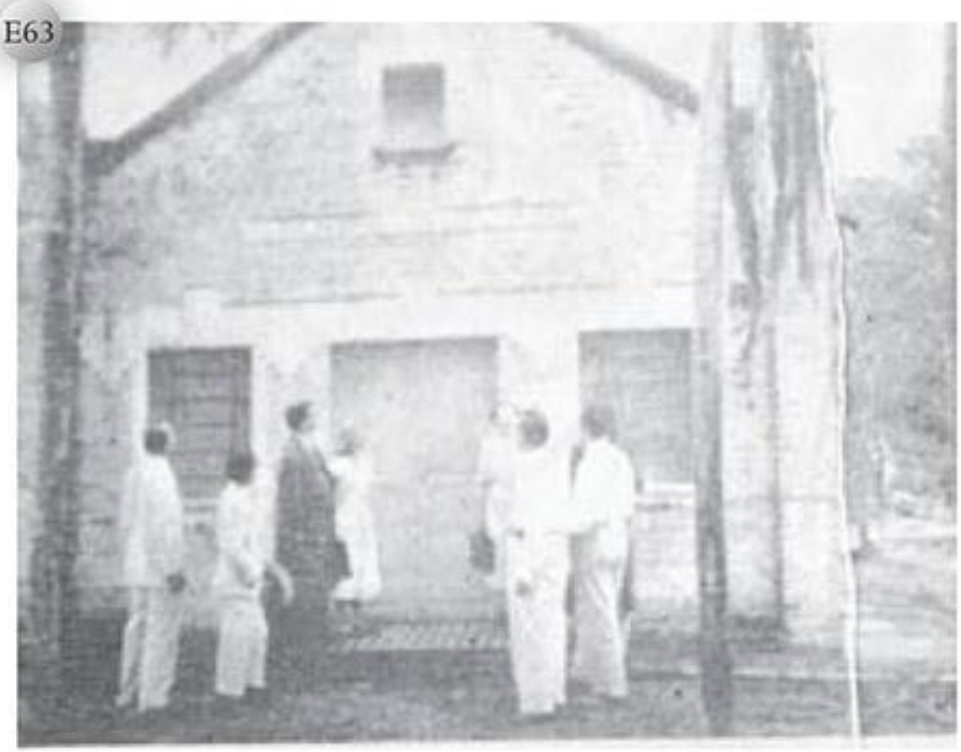
E61





E62

E63



E64



E65



E66



E67



E68



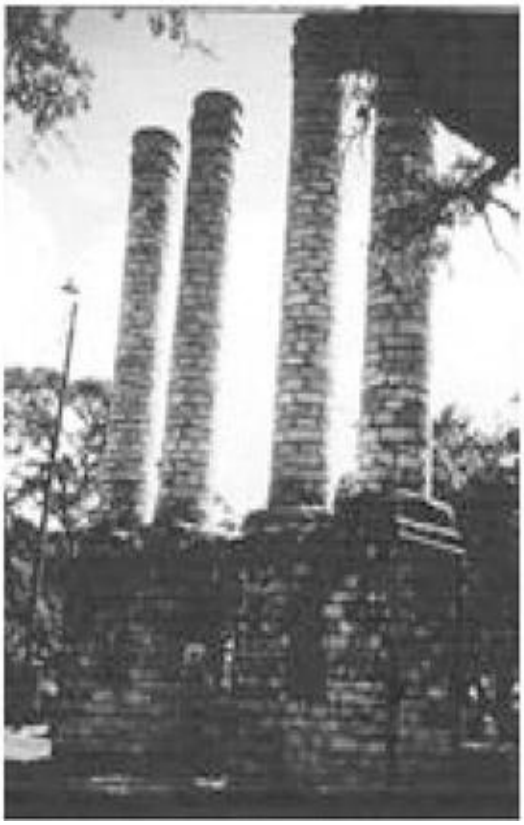
E69



E70




BAYLOR UNIVERSITY





E72



E73



E74



E75



E76



E77





E78



Roteiro para os fac-símiles

N.º	P.	Data	Especificação
E79	395	22.02.1866	Certidão passada pelo Cartório em Avoyelles, Louisiana,
E80	396	03.10.1868	Ata da Igreja Batista Shiloh, Bernice, Union Co., Louisia
E81	397	18.09.1870	Carta demissória, cuja tradução é a seguinte: “Estado de
E82	398	21.02.1871	Ata de Consagração ao Ministério da Palavra, de Robert
E83	399	04.05.1871	R. P. Thomas é recomendado aos 400 cidadãos do Brasil
E84	401	10.07.1875	Bíblia de Púlpito — folha de rosto 402 e anotações. Ver
E85	403	11.10.1877	Certidão de casamento de William F. Thomas e Fanny E
E86	404	06.09.1879	Resoluções (oito) da PIB/SB. Ver p. 455.
E87	407	20.06.1880	Recepção de A. Teixeira de Albuquerque como membro
E88	409	Nov./1879	— recortes do FMJ-FMB. Em Jan./1880 “Cópia da Prop
E89	410	Autógrafos.	
E90	414	Fev. e	— Boletins Mensais do Colégio Março/1907 Progresso I
E91	415	s/d	Cantiga de Ninar — só o estribilho. Ver p. 95.

Notas e referências para designações dadas às duas igrejas em Santa Bárbara, S. Paulo

E79

State of Louisiana
Parish of Avoyelles

Know all men by these presents, that in obedience to a commission issued by L. P. Normand, Clerk of the Honorable District Court, in and for said Parish, and to me directed, I repaired to the residence of Mr. M. Rothwrick on this the 22nd day of February A.D. eighteen hundred and sixty six; when and there proceeded to unite in the holy bonds of Matrimony, Mr. Richard Ratcliff, and Miss Emma P. Rothwrick, in the presence of two subscribing witnesses; in testimony whereof, I have caused the said publicis together with my subscription to these presents in presence of each other, on the day and date above written.

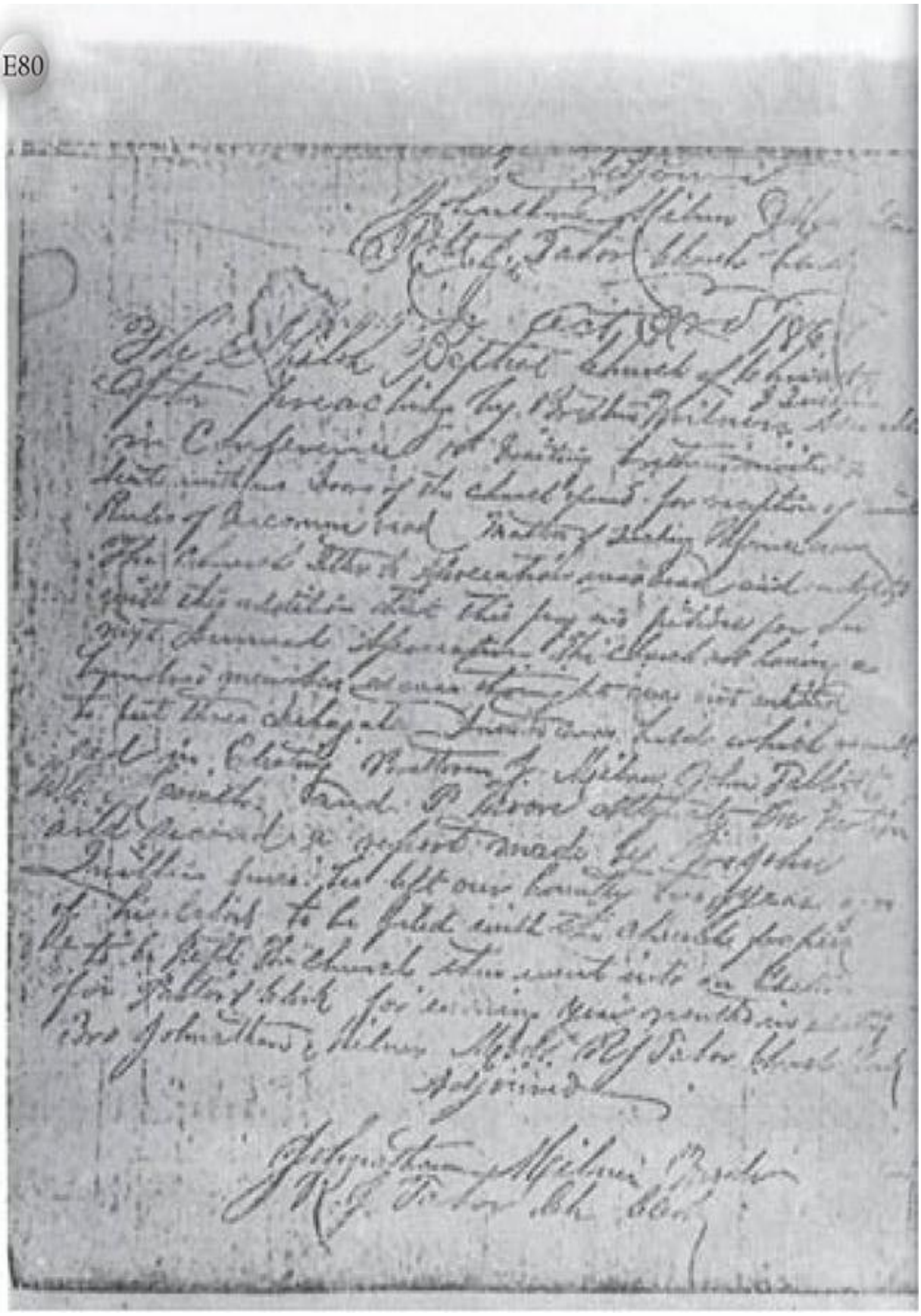
Rich'd Ratcliff
Emma P Rothwrick

Attest
H A Broughton
Jas. B Kennedy
John S Taylor
W W Crawford

M 63 212

Feb 22 1866

Lafayette Parish



State of Arkansas
County of Sevier

We the Baptist Board of Deacons
of Liberty Grove Certify that Sister
Emily Thomas is a Member in good
standing with us, and dismissed as
such when joined to another Church
of the same faith and order,
done in Conference this third Saturday
in September A. D. 1870.

Wm Bowen Clerk
J. A. Thomas D. D.

E82

The Church of Christ at Pleasant Hill [illegible]
County Arkansas having Evidence of Letting [illegible]
to the Work of the Gospel Ministry Brother Baker [illegible]
P Thomas from a long acquaintance with his
Gift and Grace Called the brotherhood [illegible]
the Gospel Do Let as Ready Tho with the above named
Church on Saturday the 21st day of February
A.D 1871 After preaching Sermon the Church
was proceeded to Ordain the presbytery by the
Name below to wit was appointed and set Apart to the
Ministry and Surrendering into the hands which they
Were Restored to the Church, both of which being
Recommend to the Satisfaction of Presbytery and
Church the proceeded to Ordain Bro W. P. Thomas
to the holy Works of the Ministry by prayer and
the imposition of hands Proceeding to Ordain
Order We hereby Certify that Baker P. Thomas
Authorized to preach and Administer the Ordinances
of the Gospel of Christ, We furthermore Commend
him to the Confidence of the believing brotherhood
Christ Wherever God may Cast his lot

Ready for Signed

A.D. Dr. Anderson
William Barnes

Filed May 3rd 1871 and duly recorded
This

M. McElroy Clerk
by Jefferson Rowton

We the undersigned citizens of the State of Arkansas and United States of America, do hereby Certify that Mr Robt S Thomas - the bearer hereof, is a peaceful, orderly, honest and a law abiding citizen of our State, in good standing and that he leaves our country for no misdemeanor or breach of law - and that he carries with him our best wishes for his future success and prosperity and our hearty recommendation to the good citizens of Angel Grove.

Referees

A Klugneberg
John L Walker
Jas. M. Coulter
B H Kleinschmidt
D. H. Cohen & Bro. G.
Jewish Church

Augustus & Henry Block
Britton & Koontz
Bon Ton Cafe Simons
Klein Britton & Co.
Block Britton & Co. Bros.
Jewish Synagogue

Charles White
R L Britton
Theo H. Lindsay

Fellows Bros & McCarthy Bros A.F.
Pres & Sec'y Co
Jews

Secret Castles Whitlock Finley et al Mandamus

State of Arkansas }
County of Sevier } ss

I H. H. Cleary County Clerk in and for the County of Sevier and State aforesaid do hereby Certify that I am personally well acquainted with Robert H. Rowe Thos. J. Rowe Commissioners in the Western Arkansas Nation and I further Certify that I am personally well acquainted with the persons who have signed said Recommendation, and believe them to be Men of Worth and Responsibility and the Surety in Bond that they have Bond in hand to Robert H. Rowe.

Witness my hand as Clerk and the Seal of said County at Sebastian on this 11th day of May A.D. 1871

H. H. Cleary Clerk
as aforesaid

E84

THE

HOLY BIBLE,

CONTAINING THE

OLD AND NEW TESTAMENTS:

TRANSLATED OUT OF

THE ORIGINAL TONGUES:

AND WITH

THE FORMER TRANSLATIONS DILIGENTLY COMPARED AND REVISED.

2818

NEW-YORK:
AMERICAN BIBLE SOCIETY.
1870.

This Book
Bought by
Thomas Miller de Mobile
Alabama & Presented
by him to the Church
at this place, being the
first Book of the kind or description
sent to Brazil

This presented to the Church
Sunday morning after the Church
Conference on Saturday before the 2nd
Sunday in July A.D. 1875

Richard Ratcliff
Church Clerk

E85

Certidão de Casamento

Eu abaixo assignado, Ministro do Evangelho, com titulo registrado na Secretaria do Governo de São Paulo, certifico sob fide pastoral que o Snr William Francis Jennings idade 23 annos filho legitimo de Robert F. Thomas & Emily Thomas Natural de Provincia Arkansas e actualmente morador de Santa Barbara, e a Snra Jannie Eliza Jennings idade 17 annos filha legitima de Jesse Jennings e Sarah Jennings Natural de Provincia de South Carolina se uniram em matrimonio e rito da Igreja Evangelica no dia 25 de Setembro do anno de 1877 na casa de Jesse Jennings as horas Sob fé de verdade

Em fé do que passo a presente certidão que vai assignada com meo nome e sello das Letras de William Thomas Jennings, Robert Daniels, com testemunhas

Richard [illegible]

William Robert Daniel

William Thomas Jennings

Pastor Evangelico

E86

1st Sunday in September 1879

Resolutions

Resolved 1

That whereas we the members of the "First Baptist Church of Christ of Brazil," are conscious, do hereby acknowledge the receipt of a letter from the Corresponding Secretary of the Southern Foreign Mission Board, in connection with the proceedings of the 24th Session of the Southern Baptist Convention, bearing the intelligence of the establishment of this Church into a Self sustaining Missionary Station.

Resolved 2

That the recognition of this Church on the part of the Foreign Mission Board, as a Self sustaining Missionary Station, not only meets with our approbation but agrees with our views & wishes, inasmuch as we consider it is eminently calculated to facilitate our efforts, increase confidence & brighten our prospects in the advancement of Bible Truth.

Resolved 3

That we not only consider that this Church has the ability as well as the willingness to sustain its Pastor liability but that we know of other American Settlements, in each of which are Baptist elements,

sufficiently strong to organize a small Church that would also be Self Sustaining in every pecuniary relation;

Resolved 4

That we would most respectfully requ the Board, to commend these unoccupied Settlements to the prayerful attention of the ministry & refer them to a correspondence with us on the subject,—

Resolved 5

That we cooperate with the action of the Board to a reasonable extent of our ability in sustaining & advancing the proclamation of the Gospel in Brazil.

Resolved 6

That any minister, single or otherwise, coming to this Country, bearing an appointment or a recommendation from the Southern Foreign Mission Board that we will unite our interests & efforts in behalf, & will see that he is pleasantly located & that his responsibilities are properly cared for.

Resolved 7

That inasmuch as the Brazilian Government affords free transportation to all emigrants, properly recommended, as good citizens, that we will most cheerfully arrang

the papers of emigration & forward to any minister who may wish to emigrate to Brazil. Thus giving him & family a free passage from the place of his embarkation to his destined home & the terminus of the Railroad 400 miles from Rio de Janeiro, in the interior.

Resolved &
That the Clerk be authorized to forward to the Corresponding Secretary of the Southern Mission Board a transcript of these resolutions, & that they also be inserted in the minutes of this Conference.

Done by order of the Church on Saturday before the 1st Lords day in Sept. A.D. 1844.

W.M. T. Thomas
Church Clerk.

E. H. Quillin
Moderator.

E87

Santa Barbara, Brazil. S.P.
July 12th 1875

Rev. W. E. Hopper
Dear Brother

By special request of Rev. J. M. Russell, Clerk of the Station Church, I transfer to you, in connection with the Mission Board, the following Summary of facts, which facts were made obligatory upon the said Clerk to transmit to the Knowledge of the Foreign Mission Board.

Masonic Hall, Santa Barbara,
N. Sta. 3rd Sabbath in June 1875

To all whom it may concern, hereby is made known that on the 3rd Sabbath in June 1875, the Station of the First Baptist Church, met in Council pursuant to adjournment, to take into consideration the reception into the Church, & the immediate ordination to the gospel Ministry, the Rev. Antonio Teixeira de Albuquerque Methodist Missionary located at Piracicaba. He being personally known & intimately acquainted with many members of the Church, while also having testimonials of moral worth from well known respectable authorities. And while the destitution of his field of labor demanded his immediate return to his official duties. The ordinary rules of suspension of time, in view of ordination, were duly considered. He was received into the Church by request of the Pastor, was baptized by Elder R. V. Thomas in the midst of a large congregation of Americans & Brazilians. After Baptism the Council met in conference & unanimously called for his immediate ordination. Which was performed in due

Elder Warren officiating with the pastor in the ordination.
After which the Council unanimously passed the
following resolutions.

1. That we earnestly request the Mission Board of
the Southern Convention, to appoint & sustain him
to the amount of 600 dollars per annum & the remainder
we will make up for him in the field. That they make
this reappointment at its earliest convenience.

2. That the pastor & clerks of the Churches correspond
with the Board on the subject.

E. H. Quillian
Moderator

Leroy M Russell
Clerk of the Station Church

O Documento original encontra-se no arquivo da
Junta de Richmond, Richmond, VA., U.S.A.

E88

Recortes do FOREIGN MISSION JOURNAL, da Junta de Missões Estrangeiras, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.



FORE

FOREIGN MISSION JOURNAL.

RICHMOND, VA., NOVEMBER, 1879.

OUR MISSIONARIES.

CHINA.

AFRICA.

ITALY.

BRAZIL.

Novembro de 1879 - Vol. 11
nº 8/116, p. 3, col. 1



Janeiro de 1880 - Vol. 11
nº 10/118, p. 2, col. 1

Vol. 11 No

2

FOR

FOREIGN MISSION JOURNAL.

RICHMOND, VA., JANUARY, 1880.

OUR MISSIONARIES.

CHINA.

AFRICA.

ITALY.

BRAZIL.



FORE

FOREIGN MISSION JOURNAL.

RICHMOND, VA., JULY, 1881.

OUR MISSIONARIES.

CHINA.

AFRICA.

ITALY.

BRAZIL.

Julho de 1881 - Vol. 13
nº 3/136, p. 3, col. 1

Maio de 1881 - Vol. 13- Suplemento
nº 2/134, p. 3, col. 1



BRAZILIAN MISSION.

ARRIVAL OF NEW MISSIONARIES.

E89

W. B. Bagby

W. B. Bagby

Anna Bagby

Anna Bagby

Francisco Mariano Bankston

Francis Marion Bankston

Francisco Mariano Bankston

O mesmo acima, 4 dias antes de falecer

William Henry Capps

Henry Capps

Albert Gallaton Carr

Albert Gallaton Carr

James E. Carr

James E. Carr

Joseph Jackson Cherry

Joseph Jackson Cherry

Mary Matilda Ellis

Mary Matilda Ellis

Charley Fenley

Charles Fenley

Green Ferguson

Green Ferguson

Turner Edward Ferguson

Turner Edward Ferguson

Minerva C. Ferguson

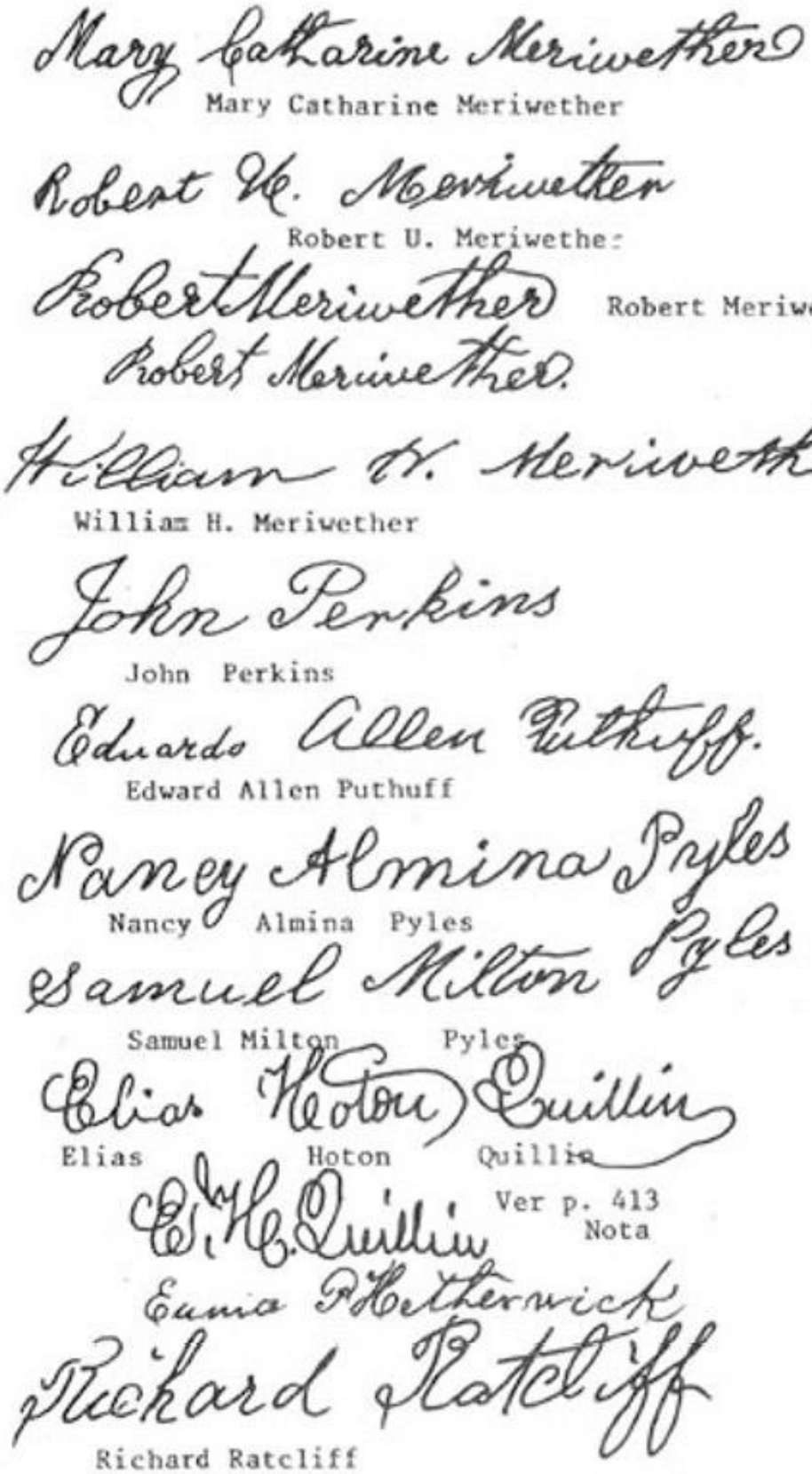
Minerva C. Ferguson

George William Gooda

George William Gooda

Bony Hammond Green

Bony Hammond Green



Mary Catharine Meriwether

Mary Catharine Meriwether

Robert U. Meriwether

Robert Meriwether

Robert Meriwether

William H. Meriwether

John Perkins

Edward Allen Puthuff

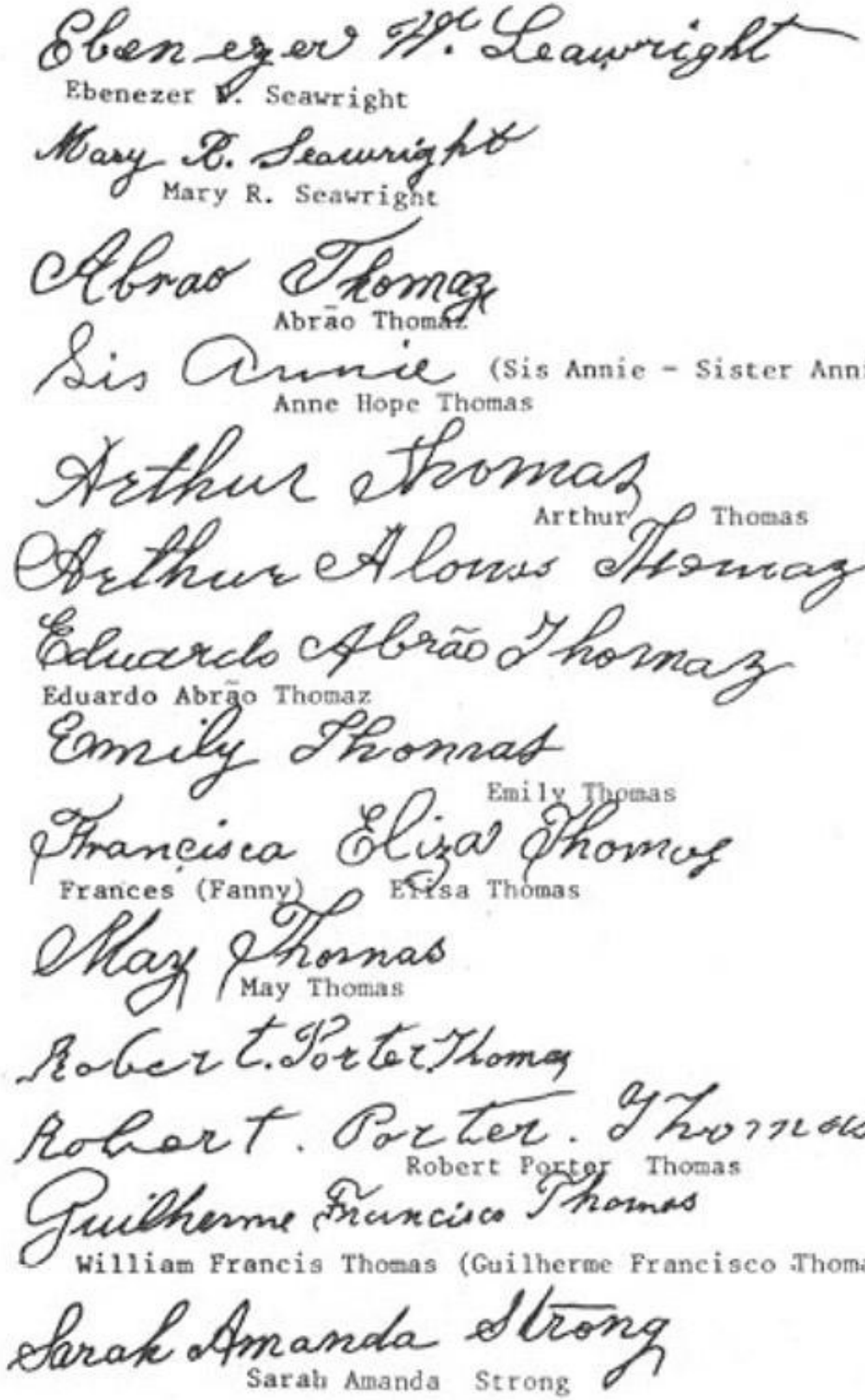
Nancy Almina Pyles

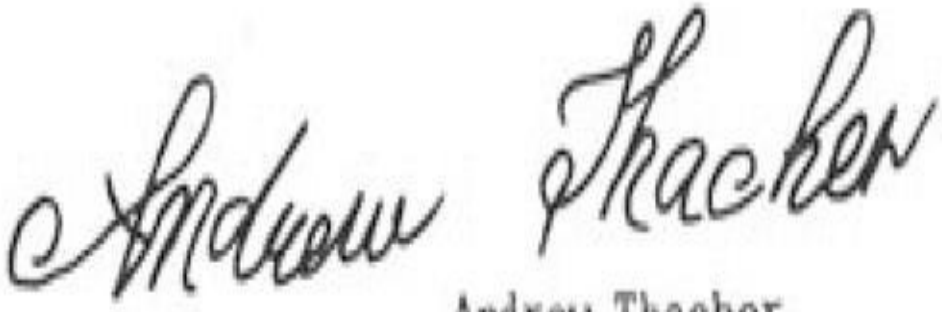
Samuel Milton Pyles

Elias Hoton Quillin

Ver p. 413
Nota

Richard Ratcliff


Ebenezer W. Seawright
Ebenezer W. Seawright
Mary R. Seawright
Mary R. Seawright
Abrao Thomaz
Abrão Thomaz
Sis Annie (Sis Annie - Sister Annie)
Anne Hope Thomas
Arthur Thomaz
Arthur Thomas
Arthur Alonso Thomaz
Eduardo Abrão Thomaz
Eduardo Abrão Thomaz
Emily Thomas
Emily Thomas
Francisca Eliza Thomas
Frances (Fanny) Elisa Thomas
May Thomas
May Thomas
Robert T. Porter Thomas
Robert T. Porter Thomas
Robert Porter Thomas
Guilherme Francisco Thomas
William Francis Thomas (Guilherme Francisco Thomas)
Sarah Amanda Strong
Sarah Amanda Strong



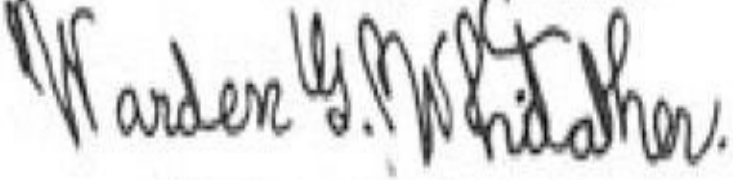
Andrew Thacher



Jane Whitaker



Orville Whitaker



Warden G. Whitaker



David Davis

E90

COLLEGIO PROGRESSO BRAZILEIRO

BOLETIM MENSAL

Mez de Março de 1907

Da alumna Eugenia Ferreira

Classe 2ª

	Lições	Exames		
Portuguez	75		Historia Sagrada	13
Inglez	100		Gymnastica	
Francez			Musica	
Allemão			Trabalho de Agulha	13
Algebra			Ordem e Asseio	13
Arithmetica	70		Calligraphia	12
Geographia	60		Desenho	13
Historia			Comportamento	12
Sciencia Natural			Dias ausentes	
Termo medio	76	87	Vezes tarde	1
" " final	81		Posição de classe	1ª

Gastando duas notas mais baixo do que 6, ou estando ausente ou tarde 3 vezes, a alumna perde o seu direito á posição de classe. As notas são contadas de 0 a 100, ou 1º a A, na seguinte ordem: 0 ou 1º, falta absoluta — 10 ou 1C, pessima — 30 ou D, mal — 60 ou C, soffrivel — 80 ou B, bom — 100 ou A, optima.

Rogo aos paes ou tutores o favor de assignarem o talão e devolverem-no pelo portador ou pelo correio

Diretora. Anna V. Bergstrom

COLLEGIO PROGRESSO BRAZILEIRO

BOLETIM MENSAL

Mez de Março de 1907

Da alumna Eugenia Ferreira

Classe 2ª

	Lições	Exames		
Portuguez	75	87	Historia Sagrada	13
Inglez	100		Gymnastica	
Francez			Musica	
Allemão			Trabalho de Agulha	13
Algebra			Ordem e Asseio	13
Arithmetica	70		Calligraphia	12
Geographia	60		Desenho	13
Historia			Comportamento	12
Sciencia Natural			Dias ausentes	
Termo medio	76	87	Vezes tarde	1
" " final	81		Posição de classe	1ª

Gastando duas notas mais baixo do que 6, ou estando ausente ou tarde 3 vezes, a alumna perde o seu direito á posição de classe. As notas são contadas de 0 a 100, ou 1º a A, na seguinte ordem: 0 ou 1º, falta absoluta — 10 ou 1C, pessima — 30 ou D, mal — 60 ou C, soffrivel — 80 ou B, bom — 100 ou A, optima.

Rogo aos paes ou tutores o favor de assignarem o talão e devolverem-no pelo portador ou pelo correio

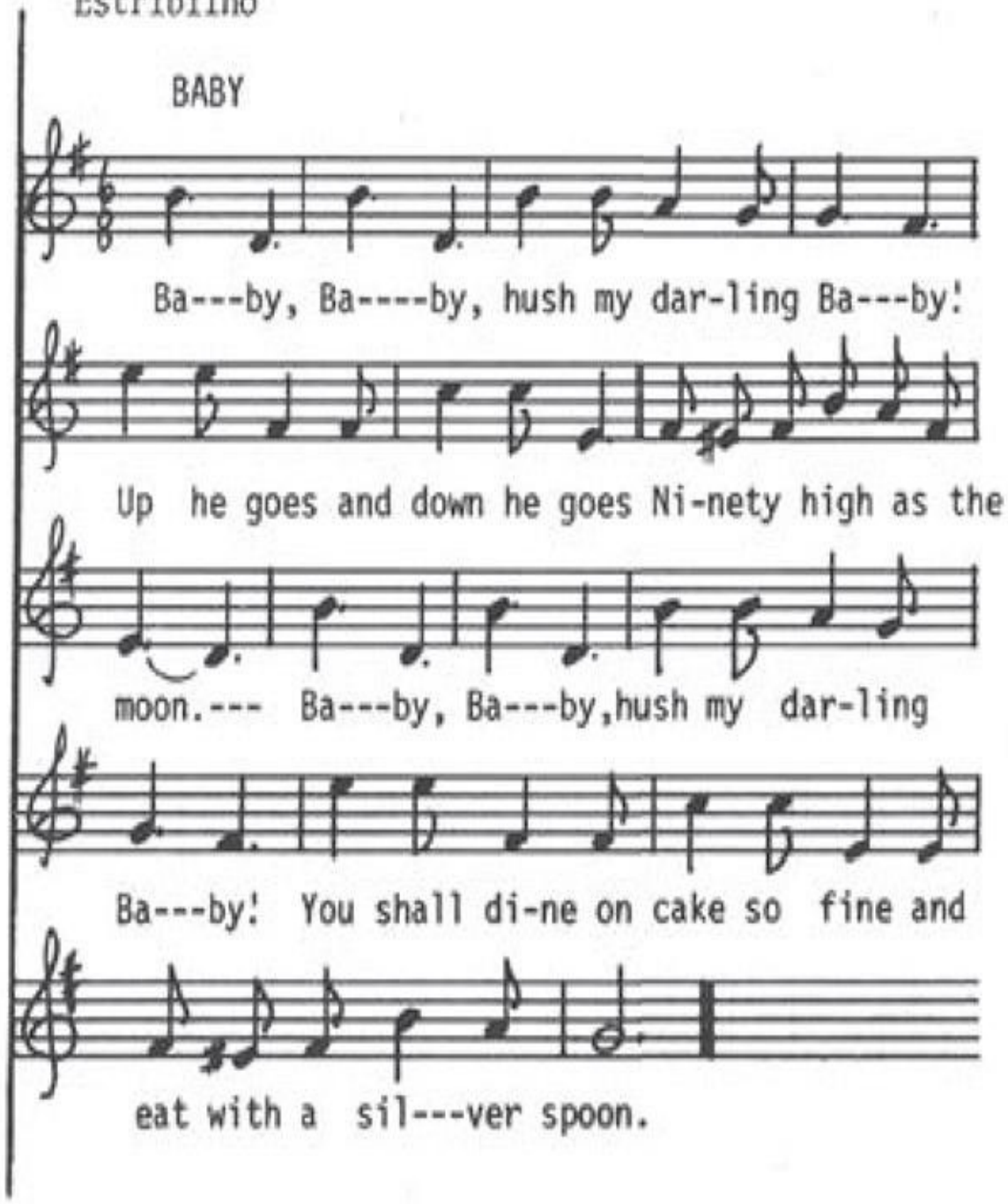
Diretora. Anna V. Bergstrom

CANTIGA DE NINAR

Autor desconhecido

Estribilho

BABY



Bibliografia e fontes de consulta

ALBUQUERQUE, Antônio Teixeira de. Três Razões Porque Deixei a Igreja de Roma. [Salvador. BA. 1884?]. 32 pp.

Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro, inclusive a cidade de Santos, da Província de S. Paulo, para 1879. Eduardo & Henrique Laemmert. Rio de Janeiro. 1879.

Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial da Província das Alagoas, para 1886. Tipografia Social de Amintas & Soares. Maceió. AL. 1886.

Almanaque da Província das Alagoas. Tipografia Social de Amintas & Soares. Maceió. AL. A partir de 1873, o exemplar mais antigo que foi encontrado.

Almanaque da Província de Pernambuco. Anos de 1868, 1869, 1870, 1871 e 1881.

Almanaque de Campinas. Campinas. SP

Almanaque de Piracicaba. Piracicaba. SP

Anais da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América (Southern Baptist Convention - SBC) - Proceedings of the Southern Baptist Convention.

Anais —, Convenção Batista Brasileira (CBB).

Anuário do Concílio Regional do Norte da Igreja Metodista do Brasil. Imprensa Metodista. São Paulo. SP. 1930. 45.ª Reunião da Conferência Anual Brasileira. 1930.

Arquivos das Câmaras Municipais e Prefeituras de Campinas, Capivari, Piracicaba, Santa Bárbara d´Oeste, no Estado de S. Paulo; Maceió, no Estado de Alagoas, e Recife, no Estado de Pernambuco.

Associação Comercial e Industrial. Edição Histórica, de Americana; Nova Odessa; Santa Bárbara d'Oeste. S.Paulo, Editora Focus, [1977?]

Atas da Primeira Igreja Batista de Maceió. Maceió. AL. Existentes a partir de 31/7/1900.

Atas da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. RJ. 1884 — 1910.

Atas da Primeira Igreja Batista em Rio Largo. Rio Largo. AL. Existentes a partir de janeiro de 1910.

Atas da Primeira Igreja Batista na Bahia. Salvador. BA. Da 1.ª Ata lançada a 10/5/1883 até o fim do livro n.º 1.

Atas da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. Recife. PE. Livro n.º 1

Atas das Conferências da Igreja Metodista do Jardim Botânico. Rio de Janeiro. RJ. Livro n.º 1.

Atas e Registro de Contribuições — das seguintes Igrejas: PIB/Maceió, Alagoas; PIB/BA; PIB/RJ; PIB/Rio Largo, Alagoas; PIB/SP; Metodista do Jardim Botânico, Rio de Janeiro; Metodista de São Paulo; Presbiteriana de São Paulo; Engenho de Dentro, Rio de Janeiro; Harmony, Chester, SC, EUA. Atas da Foreign Mission Board — FMB.

BAILEY, T. J. & LEAVELL, Z.T. Complete History of Mississippi Baptists from the earliest times,(A). Jackson, Mississippi, Mississippi Bap. Publishing Co., 1904.

BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

BARCLAY, Wade Crawford. History of Methodist Missions — The Methodist Episcopal Church. New York. The Board of Missions of the Methodist Church. 1957.

BOWEN, Thomas Jefferson. Central África. Adventures and Missionary Labors in several countries in the Interior of Africa from 1849 to 1856.- Charleston. Southern Baptist Publication Society. 1857.

----- YORUBA Language: grammar and dictionary. Smithsonian Institution. ca.1858.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História). Rio de Janeiro. Kosmos — 1961. 450 pp.

Brasil Presbiteriano. Órgão Oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Sorocaba. SP

BRITO, Jolumá. História da Cidade de Campinas. Vol. 18. Campinas. SP. 1963.

BUYERS, Paul Eugene. História do Metodismo. Imprensa Metodista. SP. 1945.

CARROL, James Milton. History of Texas Baptists (A). Dallas. TX. Baptist Standard Publishing Co., 1923. 1030 pp. il.

Cartas, publicadas ou inéditas sendo estas nos originais, de Anne L. Bagby, William B. Bagby, T. J. Bowen, E. H. Quillin, R. Ratcliff, J. J. Ransom, Z. C. Taylor, R. P. Thomas e outros.

Cartórios: Os de Registro Civil e Varas, nas cidades de Campinas, Piracicaba, Santa Bárbara d'Oeste, Botucatu, Limeira, Americana, SP; Recife, PE; Salvador, BA; Maceió e Rio Largo, AL, Escrituras de Compra e Venda, Aforamentos, Arrendamentos, Hipotecas, Testamentos, Notas, Registros de Nascimentos; Casamentos e Óbitos, e nos EUA os Cartórios de Chester, SC; De Queen, AR.

Cemitérios: Livros de Registro de Óbitos e Túmulos; Registros de Inumações e Exumações; lápides com as suas inscrições, dos cemitérios em Santa Bárbara d'Oeste, Campinas, Piracicaba, Nova Odessa, Botucatu, SP; Maceió e Rio Largo, AL;. Cemitério dos Protestantes, em São Paulo e dos Ingleses, em Gamboa, Rio de Janeiro.

CLARK, W. Thorburn. Outriders for the King. Nashville, Tennessee, Broadman Press, [1931?] Reprinted 1947.

Correio de Iguape. Iguape. SP

Correio Mercantil. Rio de Janeiro. RJ

Correio Paulistano. São Paulo. SP

COSTA, Craveiro. Alagoas em 1931. Maceió. AL. Imprensa Oficial. 1932.

CRABTREE, Asa Routh. História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. Vol. I. 1937. 311 pp.

DAVIS, David Carson. Thomas Jefferson Bowen and his plans for the Redemption of Africa. Waco, Texas. Tese inédita — Baylor University. Maio 1978.

Diário da Bahia. Salvador. BA

Diário da Manhã. Maceió. AL

Diário das Alagoas. Maceió. AL

Diário de Campinas. Campinas. SP

Diário de Pernambuco. Recife. PE

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. RJ

Diário Oficial do Império do Brasil. Rio de Janeiro. RJ

Diário Oficial da Província de Pernambuco. Recife. PE

Diplomatic and Consular Despatches ... Ver HILL, Lawrence Francis

DUNN, Ballard S. Rev. Brazil: the Home for Southern; a Practical acount of what the author and others who visited that country. New York: George B. Richardson. Bloombfield & Steel. New Orleans. 1866. 296 pp.

Encyclopedia of World Methodism. Vol. II. United Methodist Publishing House. c1974.

Encyclopedia of Southern Baptists. Broadman Press. Nashville. TN. Volumes I e II. 1958.

ENTZMINGER, William Edwin. Os Batistas no Passado e no Futuro. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro. RJ. s/d

Expositor Cristão. Publicação mensal da Igreja Metodista Episcopal do Brasil. Rio de Janeiro, RJ, e São Paulo, SP

FAULKNER, Harold Underwood. American Economic History. New York, Harper & Brothers Publishers. 1943. 5th, ed.

FERREIRA, Edigere Martins. A Bíblia e o Bisturi. Ed. Missão Presbiteriana no Brasil. Recife. PE

FERREIRA, Júlio de Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil — em comemoração ao seu primeiro centenário. Cap. XXII — Migrações dos Americanos do Sul. São Paulo. SP. Casa Editora Presbiteriana. Vol. I. 1959.

FLETCHER, James C. — Ver Kidder.

FONSECA Junior, Eduardo. Dicionário Yorubá (Nagô) Português. Rio de Janeiro, Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira. 1983.

Foreign Mission Journal. Southern Baptist Convention — Foreign Mission Board. Richmond. VA

FRANKLIN, John Hope. Reconstruction: After the Civil War. [Chicago]. University of Chicago Press. The Chicago History of America Civilization. Daniel J. Boorstin. [1961].

GASTON, James McFadden. Hunting a Home in Brazil. Filadelphia. King and Baird. 1867.

Gazeta de Campinas. Campinas. SP

Gazeta de Capivari. Capivari. SP

Gazeta de Piracicaba. Piracicaba. SP

GERSON, Brasil. História das Ruas do Rio de Janeiro. Livraria Brasiliana. Ed. Rio de Janeiro. Coleção Vieira Fazenda. 4.ª ed. 1965.

GILL Jr., Everett. Pilgrimage to Brazil. Broadman Press. Nashville. TN. 1954.

GINSBURG, Salomon Louis. Um Judeu Errante no Brasil. Trad. Manoel Avelino de Souza. 2.ª Ed. Junta de Educação Religiosa e Publicações da Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro. RJ. 1931.

GOERNER, Henry Cornell. Exploring Africa. Nashville, Tennessee, Broadman Press. [1950?]

GOLDMAN, Frank P. Os Pioneiros Americanos no Brasil (Educadores, Sacerdotes, Covos e Reis). Trad. Olivia Krahenbuhl. Pioneira. São Paulo. SP. 1972. 120 pp.

GRELLET, Joaquim de Almeida. Capivari. 1833-1932. Histórico da Fundação e Fatos desde Fins do Sec. XVIII até 24 de janeiro de 1932. s/1 e s/d

GREENE, Glen Lee. House Upon a Rock. About Southern Baptists in Louisiana. Alexandria. LA. Louisiana Baptist Convention. 1973. 363 pp. il.

GUEIROS, Jeronimo. Projeções de Minha Vida. 1901-1951. Recife. PE. 1952. s/ed.

GUERRINI, Leandro. História de Piracicaba em Quadrinhos. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Imprensa Oficial de Piracicaba. Vol. 2. 1970.

GRIER, Douglas Audenreid. Confederate Emigration to Brazil. 1865-1870. Michigan, The University of Michigan. Tese inédita. 1968.

GRIGGS, William Clark. Frank McMullan's Brazilian Colony. Texas Tech University. Maio, 1982. Tese inédita.

GUILHON, Norma de Azevedo. Confederados em Santarém. Coleção “Historia do Pará”. Série “Arthur Vianna”. Belém. PA. Conselho Estadual de Cultura. 1979. 244 pp. il.

HARDIE, Alva. The Hardies. The Mallory Family Tree. Memories of a Childhood Spent in Brazil, por Lucita Hardie Wait. Chapel Hill, NC, Southern Historical Collection. University of North Carolina Library. July 1951. Datilografado.

HARRISON, Helen Bagby. The Bagbys of Brasil. Broadman Press. Nashville. TN. 1954. 159 pp.

HAYES, Arnold Edmund. Ver VEDDER, Henry C.

HILL, Lawrence Francis. Diplomatic and Consular Despatches Between United States and Brazil. Despatches from United States Ministers to Brazil. 1809-1906. National Archives. Washington, DC. Coleção de 164 microfilmes.

HILL, Lawrence Francis. The Confederate Exodus to Latin America. Verbatin reprint from the Oct. 1935, Jan. & Apr. 1936 issues of the South Western Historical Quarterly. Texas State Historical Association. Austin. TX. 93 pp.

HINSON, E. Glenn. A History of Baptists in Arkansas. 1818-1978. Little Rock. AR. Arkansas Baptist State Convention. 1979. 488 pp.

History of Howard County, Arkansas. 1873-1973. Nashville. AR. Howard

County Heritage Club. Nashville News. 1973.

HOLCOMBE, Hosea. History of the Rise and Progress of the Baptists in Alabama. Philadelphia, King and Baird Printers. 1840?

JONES, Judith Mac Knight. Soldado Descansa! Uma Epopéia Norte- Americana sob os Céus do Brasil. SP. JarDe. 1967. 430 pp. il.

Jornal Batista (O). Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro. RJ

Jornal das Alagoas. Maceió. AL

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro. RJ

Jornal do Recife. Recife. PE

Jornal do Pão D'Assucar. Semanário da Vila do Pão D'Assucar. AL

Jornal D'Oeste. Santa Bárbara d'Oeste. SP

JUERP — (Junta de Educação Religiosa e Publicações) O que Deus tem Feito Compilação. Rio de Janeiro, 1982.

KENNEDY, James Lillibourne. Cincoenta Anos de Metodismo no Brasil. Imprensa Metodista. São Paulo. SP. 1928. 439 pp. il.

KEYES, Julia L. Our Life in Brazil. (Jennie R. Keyes'Diary). Alabama. The Alabama Historical Quarterly. State Department of Archives and History, v. 28, n. 3 e 4. 1966.

KIDDER, Daniel Parish & FLETCHER, James Cooley. O Brasil e os Brasileiros. Trad. de Elias Dolianiti [do original norte-americano Brazil and Brazilians, 7th ed. Filadelfia. USA. Childs and Peterson, 1867]. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1941.

KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Biblioteca Histórica Brasileira. Martins Ed. Univ. S. Paulo. Obra reeditada. 1972.

KING, Joe M. History of South Carolina Baptists. General Board of the South Carolina Baptist Convention (Incorporating in Part Words by Leah Townsend and W. J. McGlothlin).

LESSA, Vicente Themudo. Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de S. Paulo. 1868-1903. Ed. Primeira Igreja Presbiteriana Independente de S. Paulo. 1938.

Livro de Contribuintes. Os que foram encontrados nas diversas igrejas mencionadas neste trabalho.

LONG, Eula Kennedy. Do Meu Velho Baú Metodista. Junta Geral de Educação Cristã. Igreja Metodista do Brasil. Imprensa Metodista. S. Bernardo do Campo. SP. 1968. 256 pp.

LUCCOCK, Halford. Linha de Esplendor sem Fim. Trad. Oswaldo Ramos. Junta Geral de Educação Cristã. Igreja Metodista do Brasil. Imprensa Metodista. SP. s/d

McLEMORE, Richard Aubrey. History of Mississippi Baptists (A). 1780-1970. Mississippi Baptist Convention Board. 1971.

MADDRY, Charles E. Daydawm in Yoruba Land. Broadmand Press. [1939?]

MARTINS, Mario R. Gilberto Freyre, o Ex-Protestante. Aliança Bíblica Universitária. Imprensa Metodista, SP. 1973.

MATTHEUS, Ruth Ferreira. Ana Bagby, a Pioneira. Rio de Janeiro. União Feminina Missionária Batista do Brasil. 1972.

MEIN, John. A Causa Batista em Alagoas. 1885-1926. Recife. PE. Tipografia do C.A.B. 1929.

MESQUITA, Antônio Neves de. História dos Batistas no Brasil.1907-1935. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. 1940.

MESQUITA, Antônio Neves de. Historia dos Batistas em Pernambuco. Recife. PE . Tipografia do C.A.B. 1930. 280 pp.

Methodista Catholico. Publicação quinzenal da Igreja Metodista Episcopal do Brasil. (Em 1887, passou a ser o "Expositor Christão".)

MOOG, Clodomir Vianna. Bandeirantes e Pioneiros. Porto Alegre. RS. 10.ª ed. 1973.

MORTON, George Nash. Fazenda Ibicaba. Trabalho datilografado. Cópia xerox na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.

MUIRHEAD, Harvey Harold. Evangelical Christianity in Brazil during the Colonial and Imperial Periods. 1500-1833. A thesis presented to the Faculty of the Southern Baptist Theological Seminary — Degree of Doctor of Theology. May 1923. Inédito.

Município (O). Órgão do Partido Republicano. Capivari. SP

OLIVEIRA, Betty Antunes de. North American Immigration to Brazil. Tombstone Records of the "Campo" Cemetery. Sta. Barbara. SP. Ed. particular. Gráfica do Senado. Brasília, DF. 1978. 67 p. il.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. Movimento de Passageiros Norte-Americanos no Porto do Rio de Janeiro. 1865-1890. Rio de Janeiro. RJ. 1981. ca. 480 p. Inédito.

OLIVEIRA, Zaqueo Moreira de. Persecution of Brazilian Baptists and its Influence on their Development. An abstract of a dissertation presented to the Faculty of the School of Theology — Southern Baptist Theological Seminary. Fort Worth. XX. In partial fulfillment of the Requeriments for the Degree Doctor of Theology. May 1971. Inédito.

PACHECO, John e MORANDINO, Bruno. O Trabalho Batista em S. Paulo. Primeira Igreja Batista de S. Paulo. 1899-1958. Histórico organizado de conformidade com a resolução da Igreja, em sessões realizadas nos dias 13/4/1949 e 12/2/1958.

PATTERSON, Ira N. Continent in Commotion. Convention Presa.[1957?]

PEREIRA, J. R. História dos Batistas no Brasil 1882-1982. Rio de Janeiro, Junta de Educ. Religiosa e Publicações da CBB, 1982.

PROBER, Kurt. Cadastro Geral das Lojas Maçônicas do Brasil. Ativas, abatidas e inativas. Paquetá, Rio de Janeiro. Ed. do autor. 1975.

Província de S. Paulo. São Paulo. SP

RATCLIFF, Clarence E. Richard Ratcliff of Lancashire, England & Talbot Co., Maryland and his Ancestors and Descendents. 1066-1982. Hinton, West Virginia. Ed. do autor. 1963.

READ, William R. Fermento Religioso nas Massas do Brasil. Imprensa Metodista. S. Paulo. 1965?

Relatórios do Império – 1865 – 1889 – Arquivo Nacional, RJ.

Relatórios dos Presidentes das Províncias de Alagoas, Bahia, Pernambuco e S. Paulo

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico. 1822-1888. Pioneira. Co-editado com a Fundação Educacional Presbiteriana. S. Paulo. 1973.

RILEY, B. F. History of the Baptists of Alabama. 1808-1894. Alabama Historical Society. Birmingham. MS. Roberts & Son. 1895.

ROBERSON, Cecil & Senhora. Bowen Papers (The) 1846-1860. Compiled, copied and arranged by Rev. & Mrs. Cecil Roberson. 1953-1960. Microfilme.

----- *Bowen: an Evidence of Grace. A biography of the first missionary of SBC to Yoruba, West Africa. Inédito. Manuscrito. "Rare Book". 1969. Jenkins Library. FMB-SBC.*

ROCHA, Isnard. Histórias da História do Metodismo no Brasil. 1867-1967. Imprensa Metodista. S. Bernardo do Campo. SP.[1967].168 pp. il.

----- Pioneiros e Bandeirantes do Metodismo no Brasil, S. Paulo. Imprensa

Metodista. S. Bernardo do Campo. SP. 1967. 368 pp. il.

ROCHA, João Gomes da. Lembranças do Passado. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Rio de Janeiro. RJ. Centro Brasileiro de Publicidade Ltda. 4 volumes.

ROGERS, J. S. History of Arkansas Baptists. Convention Centennial.

130 years with advance Christ. Executive Board of Arkansas Baptist State Convention. Little Rock. AR. 1948.

Rol de Membros. Consultados os existentes nas igrejas mencionadas neste trabalho.

RONIS, Oswaldo. Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil. Rio de Janeiro. JUERP. 1974.

SALVADOR, José Gonçalves. História do Metodismo no Brasil. S. Paulo. Imprensa Metodista. 1982.

SMITH, James Porter. An Open Door in Brazil. Presbyterian Committee of Publication. Richmond. VA. 1926.

SWANSON, Bro. Peter. The History of Craft Masonry in Brazil. Litografia Ferreira Pinto. Rio de Janeiro. Dezembro 1928. 44 pp. il.

TAYLOR, Orville W. “Thomas J. Brwen: A Man For all Seasons”. In Viewpoints Georgia Baptist History.

TAYLOR, Zachary Clay. Rise and Progress of Baptist Missions in Brazil (The) An Autobiography. Datilografado. Exemplar no Centro de História Viva dos Batistas Brasileiros. Rio de Janeiro, RJ.

TEIXEIRA, Marly Geralda. Os Batistas na Bahia. 1882-1925. Um estudo de história social. Dissertação de Mestrado de Ciências Humanas, na Universidade Federal da Bahia. Salvador. BA. 1975. Inédito.

THORBURN, Clark W. Outriders for the king

TUPPER, Henry Allen. A Decade of Foreign Missions. 1880-1890. Richmond, VA. Foreign Mission Board of the S. B. C. 1881.

----- The Foreign Missions of the Southern Baptist Convention. Richmond, VA. American Baptist Publishing Society. Philadelphia. Foreign Mission Board of the S.B.C. 1880.

VEDDER, Henry C. Breve História dos Batistas. Trad. A. E. Hayes, e o capítulo XXVII — “Os Batistas no Brasil”, de autoria do tradutor. Faculdade Batista de Teologia. Recife, PE. 1934.

WALLACE, O. C. S. O que Crêem os Batistas. Trad. R. Pitrowsky. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. 1958. 5.ª ed.

WARD, Carolyn Smith. An American-Brazilian Odyssey. The Story of the Millers and Hall Families. Charlotte, NC. Ed. particular. 1979. 153 pp.

WHITE, M[axcy] G. e MUIRHEAD, Harvey Harold. In the Land of Southern Cross. Educational Department of the Foreign Mission Board. Richmond, VA. 1929. 163 pp.

ARTIGOS, CARTAS, INFORMES, REPORTAGENS, REVISTAS E OUTROS

ABNEY, William H. “Proceedings of the Colonization Society” e “Brazil”. In Edgefield Advertizer, South Carolina, de 13.09.1865 e 11.10.1865, respectivamente.

BARNSLEY, George Scarborough. “Papers” v. 4. Manuscrito. University of North Carolina Library, Chapel Hill, NC., Southern Historical Collection. “Notes on Brazil during the years of 1867 to 1880”.

BRAGA, Erasmo. “Colégio Internacional (O) e seus fundadores. Primórdios do ensino norte-americano no Brasil. In Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, SP, ano XV, fasc. III e IV, 1916, p. 42-47.

“Commission (The)” — Foreign Mission Board of the SBC.

“Correspondence relating to Confederate settlements in Brazil, 1907-1908.” Records of the Department of State National Archives and Records Service.

Washington, D.C. — RG59 Numerical File, v. 402, 1906 1910, Case File 4611. Datilografados — manuscritos.

FERGUSON, Sarah Bellona (Smith). “The American Colonies Emigrating to Brazil — 1865”. Cópia xerox do manuscrito original, em nosso arquivo. In “Times of Brazil”, Rio de Janeiro?, de 18, 24 e 31.12.1936.

“Foreign Mission Journal” — Foreign Mission Board of the SBC.

GOLDMAN, Frank P. “Americanos em S. Paulo”. In “Folha de S. Paulo”, SP. 17 capítulos a partir de 28.10.1956.

----- “Uma tentativa de colonização no litoral Sul de S.Paulo por imigrantes oriundos do Sul dos Estados Unidos após a Guerra Civil.” In Revista de História, São Paulo, v. xvi, ano 8, n.29, jan.-março, 1957, p. 3 a 20.

HAUPT, Herman. “Colonização no Brasil — III. Relatório. Sociedade Internacional de Imigração. In Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, ano 46, n. 141, 22.05.1867, p. 2.

MERIWETHER, Robert e Hugh A. SHAW. “The Trip to Brazil” Relatório dado à Southern Colonization Society, em Edgefield, SC. In Edgefield Advertizer, SC., 02.05.1866, p. 2.

NINGUÉM. “Reunião de Seitas Evangélicas”. In “Gazeta de Campinas”, Campinas, SP, 17.07.1870, ano 1, n. 73, p. 1 e 2.

PEREIRA, Arley. “Rebeldes Americanos Repousam no Brasil — Cem anos depois.” In “O Cruzeiro” — Rio de Janeiro, 10.12.1966, p.126-129.

PORTER, William Calvin. “Why James Denford Porter took his family to Brazil”. Datilografado. João Pessoa, Paraíba, 21.10.1933. Cópia em nosso arquivo.

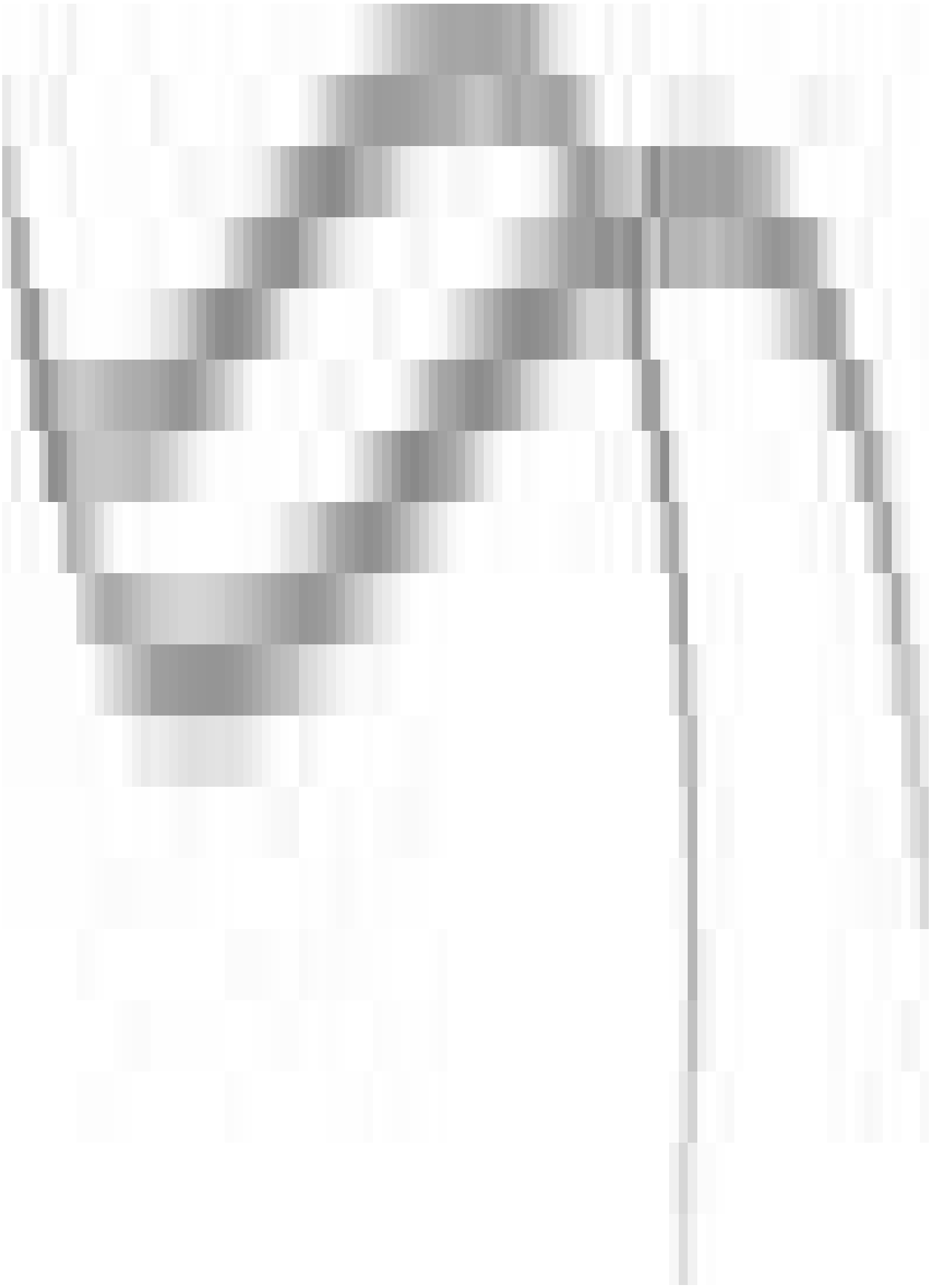
Relatórios do Império — a partir de 1865 até o advento da República.

Relatórios dos Presidentes das Províncias: S. Paulo, Pará, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraná, Sta. Catarina, Rio Grande do Sul.

RIOS, José Arthur - Revista de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro, RJ - Publicação trimestral do Conselho de Imigração e Colonização - Imprensa Nacional - “Correspondência Diplomática”, período de 22.12.1865 a 22.02.1867, contendo 21 expedientes. Vol. IV, n. 2, junho 1943, p. 274 a 333, sendo subtítulo do título “Imigração Norte-Americana para o Brasil” - “A Imigração de Confederados Norte-Americanos no Brasil” - Vol. IX, n. 3, setembro 1948, p. 3-10.

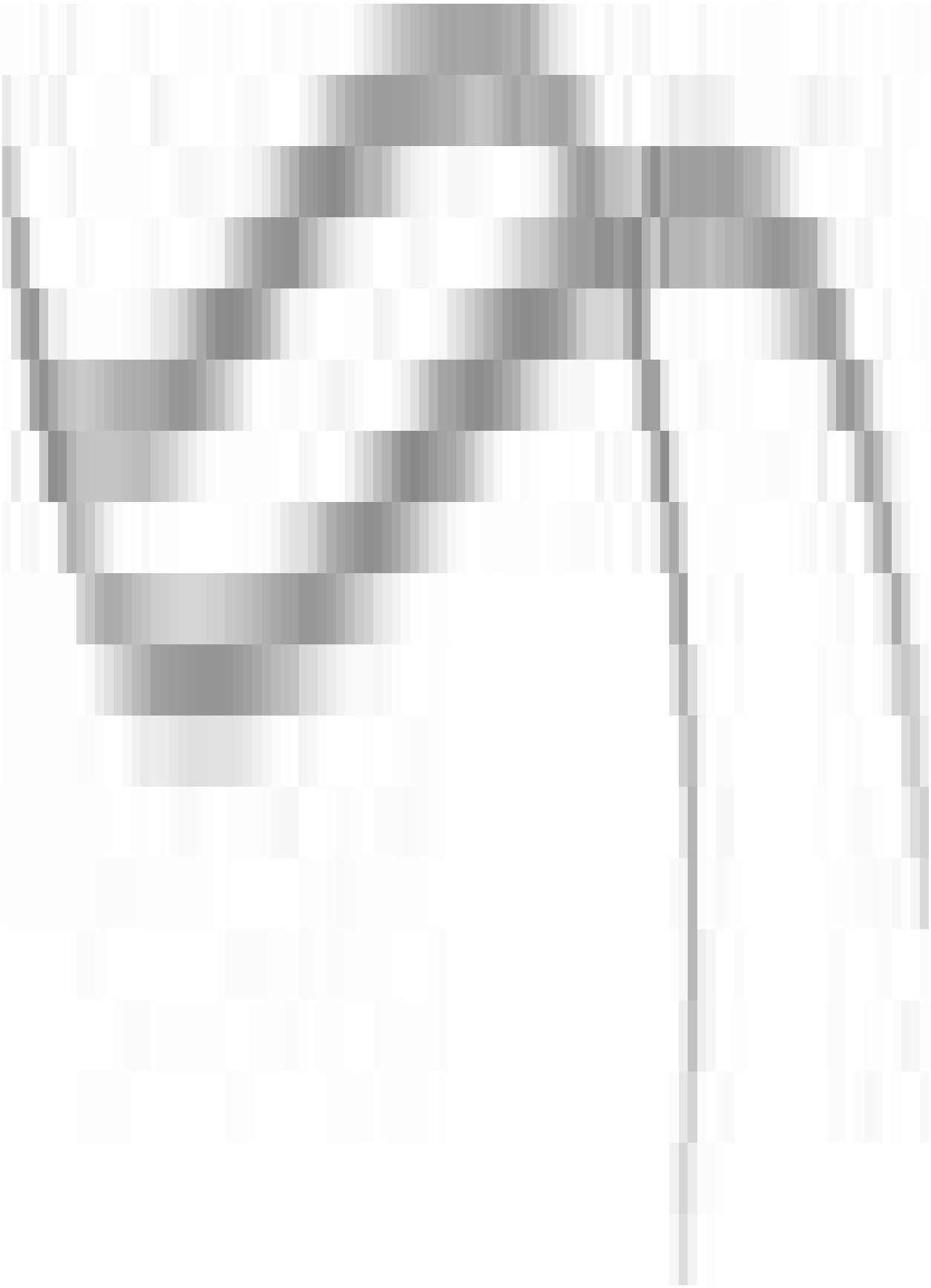
STEWART, R/ichard/ A. “To Editor of Anglo Brazilian Times”. In Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 02.06.1868, p. 4, c. 3. Defende os emigrados dos EUA de acusações diversas.

WEAVER, Blanche Clark. “Confederate Emigration and Evangelical Churches in Brazil”. Trabalho datilografado.



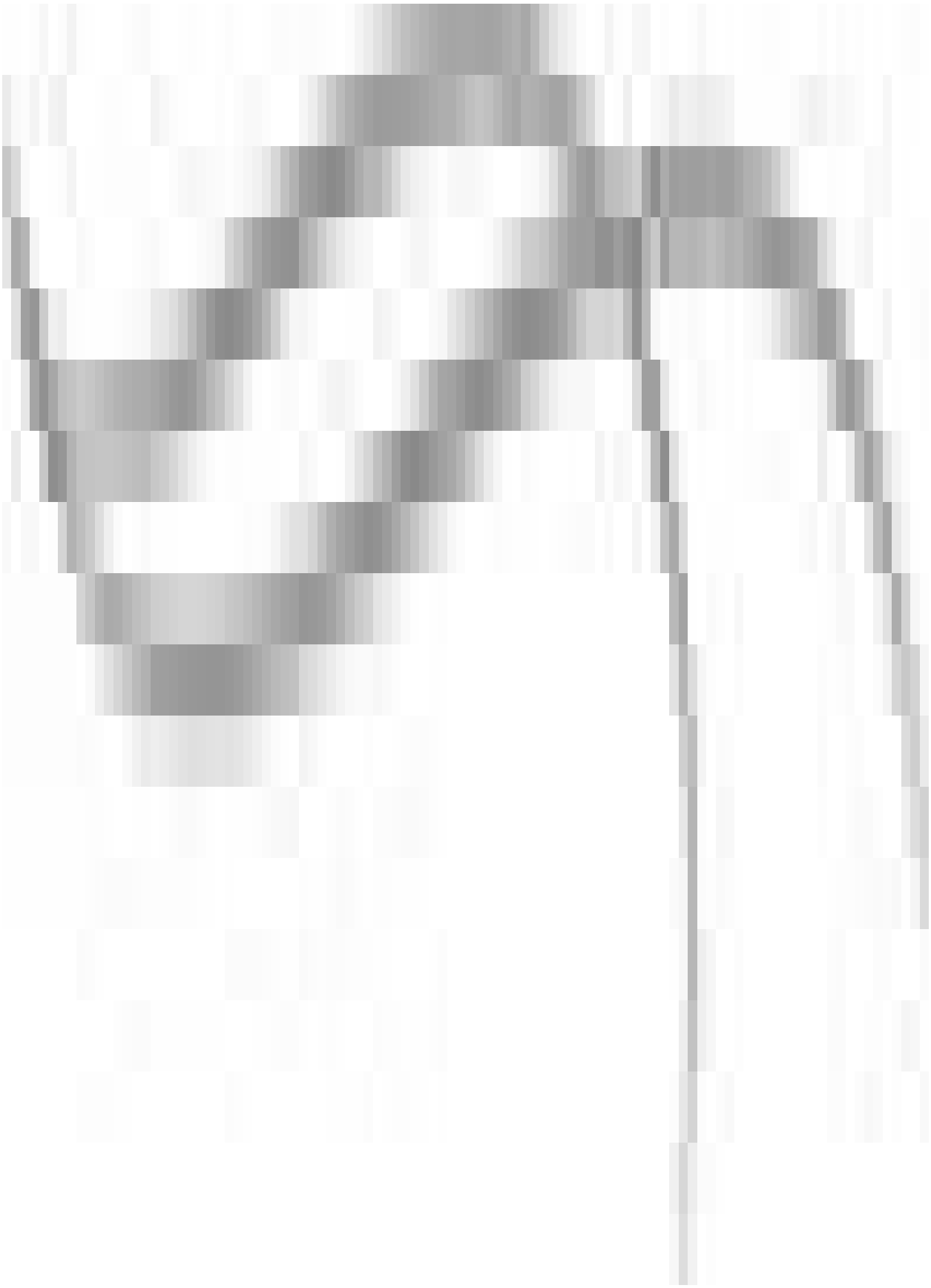
Nota 1: Dos jornais seculares e oficiais mencionados nesta Bibliografia, foram consultados os do período de 1865 a 1895. Nem sempre as coleções estavam completas.

Nota 2: O que aqui relacionamos é apenas um sumário de toda a matéria lida e pesquisada sobre o assunto. Há muito ainda para ser descoberto desde que o pesquisador se proponha a um trabalho cansativo e demais oneroso, porém, com uma perspectiva de êxito, pelos resultados de uma realização do cumprimento de um dever. Também, pela alegria de trazer à memória aqueles que firmaram estacas no chão e coração da Pátria que veio a se tornar o berço dos seus descendentes - o Brasil.



“... porque tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras.” Isaias 26.12.b

“...para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e poder para todo o sempre. Amen.” I Pedro 4.11.d



Notas bibliográficas

Betty Antunes de Oliveira, nasceu a 13.05.1919, Rio de Janeiro, RJ, filha de Ricardo Pitrowsky, nascido a 10.01.1891, Formosa, Sta Cruz do Sul, RS; falecido em 16.01.1965, Rio de Janeiro, RJ; e Eugenia (Thomas) Pitrowsky, nascida a 04.04.1895, Sta Bárbara d' Oeste, SP, falecida em 29.04.1974, Rio de Janeiro, RJ.

Neta de Gustavo Pitrowsky e Elise (Feuerharmel) Pitrowsky; de William Francis Thomas e Fanny Elisa (Ferguson) Thomas. Bisneta de Ludovic Pitrowsky e Wilhelmine (Kumm) Pitrowsky; Karl Feuerharmel e Friederike (Reinke) Feuerharmel; Robert Porter Thomas e Emily (Perkins) Thomas; Green Ferguson e Minerva C. (Rowell) Ferguson.

Betty Antunes de Oliveira casou-se em 14.01.1938, Rio de Janeiro, RJ, com Albérico Antunes de Oliveira.

Filhos: Nancy Antunes Tsupal, casada com Rodolfo Tsupal; Betty Antunes de Oliveira (Betynha); Nelson Ajuricaba Antunes de Oliveira, viúvo de Maria Helena Gioia (Martins) Antunes de Oliveira; Junia Pitrowsky de Aguirre, casada com Gerardo Antonio Aguirre Martinez, Gláucia Pitrowsky e Lincoln Amazonas Antunes de Oliveira, viúvo de Angela (Richa) Antunes de Oliveira, casado em segundas núpcias com Domitila Ballesteros.

Netos: Priscila Tsupal e Roberto Tsupal; Marcelo Gioia Antunes de Oliveira, Adriana Gioia Antunes de Oliveira e Mauricio Gioia Antunes de Oliveira; Juliana Antunes de Oliveira e Daniel Antunes de Oliveira; Marcus Pitrowsky de Aguirre e Raphael Pitrowsky de Aguirre.

Bisnetos: Ian Lukas, Petr e Andrei; Ana Beatriz; Gabriel e Daniel; Giulia, Victor e Bianca.

Formação acadêmica:

Graduação de Piano (1935), Órgão (1971), Composição e Regência (1972) pela Escola Nacional de Música – Rio de Janeiro.

Bacharel em Jornalismo (1962), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bacharel em Ciências e Artes da Educação, pelo Colégio Batista Shepard - Rio de Janeiro.

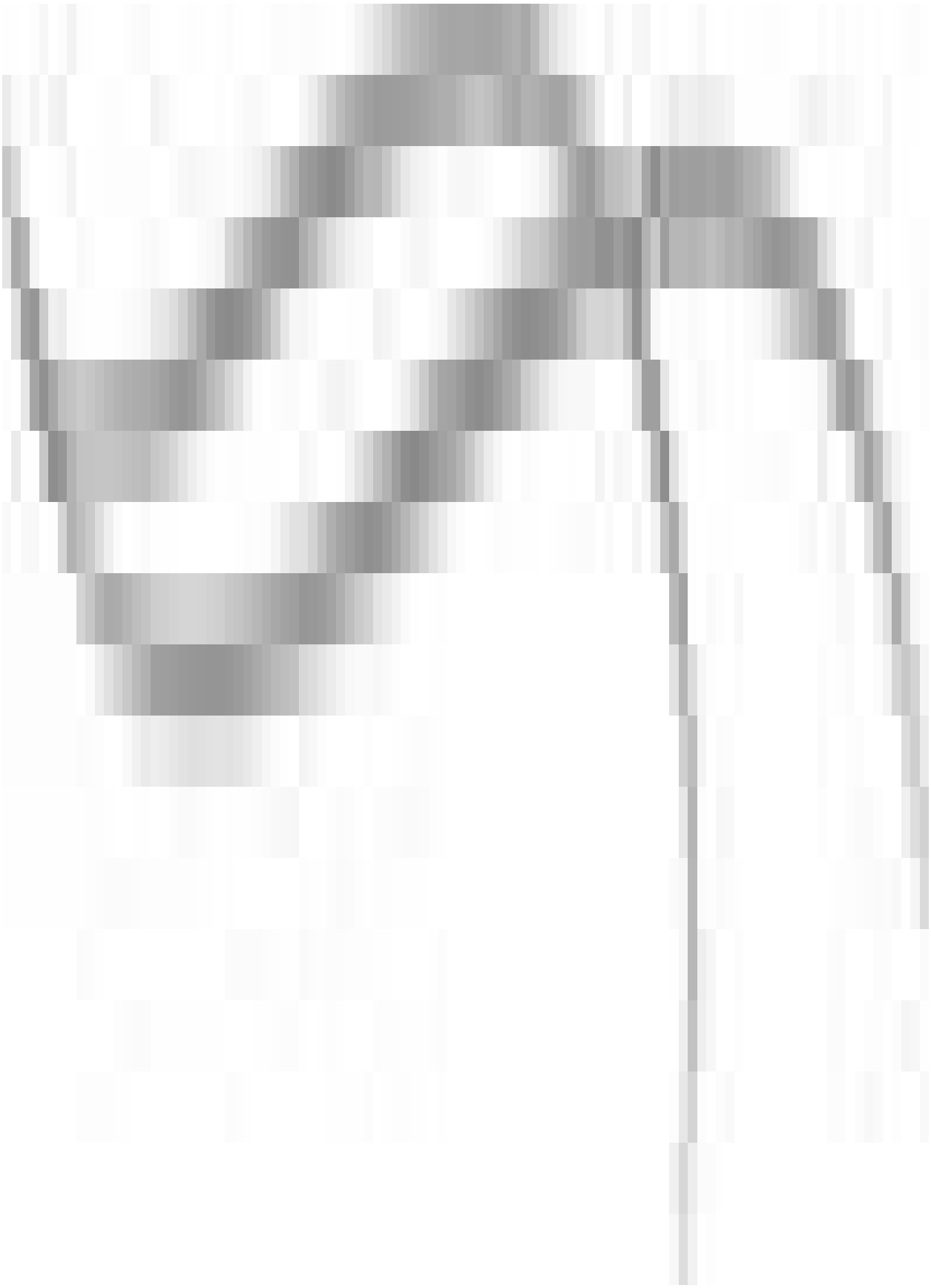
Livros publicados:

North American Immigration to Brazil - Tombstone Records of the “Campo” Cemetery - Santa Bárbara - S. Paulo State. Brasília - 1978.

Movimento de Passageiros Norte-Americanos no Porto do Rio de Janeiro - 1865-1890 - Uma contribuição para a História da Imigração Norte-Americana no Brasil. Rio de Janeiro - 1981.

Antonio Teixeira de Albuquerque - O Primeiro Pastor Batista Brasileiro - Uma contribuição para a História dos Batistas no Brasil Rio de Janeiro - 1982.

Centelha em Restolho Seco - Uma Contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil - 1985.



Vai pois agora, escreve isto numa tábua perante eles, e aponta-o num livro; para que fique escrito para o tempo por vir para sempre e perpetuamente.”

Isaias 30.8

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim.”

Isaias, 46.9

